

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as pessoas, alunos e amigos, cujos estímulos e esforços contribuíram direta ou indiretamente para o sucesso do programa Expedições pelo Mundo da Cultura e cuja presença indelével está nas entrelinhas de cada parágrafo deste livro.

Agradecemos ao SESI, à ABRH, à Klabin, à Volvo e aos seus colaboradores não apenas pelo apoio material, mas pelo entusiasmo, envolvimento e dedicação com que nos acompanharam durante todo este processo.

Agradecemos a todos os que cederam materiais, se mobilizaram e trabalharam pelas transcrições, das mais variadas maneiras. Agradecemos a Bruno Floriani e a Pâmella Stadler pelo seu envolvimento direto com as transcrições. Registramos em especial nossa gratidão para com Andréa de Oliveira Jaques e para com Carlos Nadalin, sem os quais este esforço não teria sequer começado.

Agradecemos ainda aos amigos Carlos Jaime Loch e Paulo Briguet pelo tempo e talento a nós devotado.

Família Nasser

OS FILHOS DE MONIR

José Monir Nasser foi o pai intelectual de muita gente. Todos se tornavam alunos diante dele. Era um educador no sentido verdadeiro da palavra: ex ducare, conduzir para fora. Suas aulas sobre os grandes clássicos literalmente conduziam os ouvintes para fora da caverna da ignorância, mostrando-lhes a luz pura e espiritual do conhecimento. Virgílio de tantos pequenos Dantes, que antes de conhecê-lo não conheciam a comédia de erros das próprias vidas, ele comprovou que o mundo da criação literária e o mundo da criação de riquezas não estão separados, mas fazem parte de um mesmo princípio, essencialmente espiritual.

PAULO BRIGUET

EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA VOLUME 6

O Processo A Consolação da Filosofia

ENCONTROS COM O PROFº JOSÉ MONIR NASSER

EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA VOLUME 6



JOSÉ MONIR NASSER
(1957-2013)

Economista, escritor, editor e pintor, fundou a empresa de consultoria AVIA Internacional e a Tríade Editora. Foi consultor de estratégia em inúmeras organizações de porte nacional e consultor de desenvolvimento regional. Escreveu "A Economia do Mais" e "O Brasil que Deu Certo", ambos pela Tríade Editora.



VOLVO



MINISTÉRIO DA
CULTURA



FIEP-Federação das Indústrias do Estado do Paraná

Edson Luiz Campagnolo
Presidente

Superintendente do Sesi e IEL no Paraná e Diretor Regional do Senai no Paraná

José Antonio Fares

Assessora de Projetos Estratégicos

Maria Christina S. Rocha

Gerência de Cultura

Anna Paula Zétola

Conteudista

José Monir Nasser

SESI. Departamento Regional do Paraná.

Expedições pelo mundo da cultura: O Processo / A Consolação da
Filosofia / SESI. Departamento Regional do Paraná. - Curitiba: SESI, 2017.
235 p.: 21 cm. (Expedições pelo mundo da cultura, v. 6)

ISBN: 978-85-5583-031-0

1. Literatura – História e crítica. 2. Serviço Social da Indústria. I. José
Monir Nasser.

CDU 82

A reprodução total ou parcial desta publicação por quaisquer meios seja eletrônico, mecânico, fotocópia, de gravação ou outros, somente será permitida com prévia autorização, por escrito, do SESI.

O Processo

A Consolação da Filosofia

Escrever o Prefácio de Expedições pelo Mundo da Cultura não é somente escrever uma página para iniciar o livro e instigar sua leitura. É escrever sobre uma viagem por mundos a serem descobertos a cada volume, em cada história que se apresenta página após página, personagem a personagem, cenário após cenário. É escrever sobre uma viagem que permite nos transportarmos de espaços inusitados para o racional e o imaginário; que nos dá oportunidade de sair do lugar comum para lugares consagrados da literatura clássica.

Quando se busca o significado da palavra expedição, encontra-se como uma de suas definições: conjunto de pessoas que viajam para um determinado território, com o objetivo de analisá-lo. Foi isso que Monir Nasser nos proporcionou durante quatro anos de parceria entre ele, ilustre intelectual, e o Sesi Paraná. Momentos únicos nos quais conhecimentos foram compartilhados e viagens por destinos diversos foram realizadas, modificando o olhar que temos de nossa realidade, dando-nos condições de ampliar nossa visão de mundo.

Ao todo se somaram 92 possibilidades de expedições, mediadas por ele, que levaram os participantes dos encontros por um mundo indesejável, por um universo cultural a ser desmistificado e descortinado aos poucos. Encontros nos quais já existia a expectativa para o próximo e que, por isso mesmo, não se conseguia parar. Os encontros possibilitaram atravessar a Ponte Rialto, em Veneza, por nosso imaginário e participar da negociação entre Antonio e Shylock. Encontrar Dom Quixote de La Mancha, cavaleiro medieval, em busca da sua amada Dulcinéia, sempre em companhia de seu cavalo Rocinante e seu fiel escudeiro Sancho Pança, pelos caminhos espanhóis. Navegar para a Índia, pela obra poética de Os Lusíadas, de Camões, compreendendo a história de Portugal. Entender a complexidade do Livro de Jó, com seus discursos e respostas para perguntas existenciais. Navegar em busca de Moby Dick, refletindo sobre os sentimentos humanos e tantas outras compreensões. Enfim, Monir nos traduziu obras de William Shakespeare, Tolstói, Miguel de Cervantes, Herman Melville, Camões, Aldous Huxley, Tolkien, Nicolai Gogol e livros bíblicos, aproximando-nos dos autores e de suas obras.

Certa vez, meu amigo Monir Nasser disse, durante o encontro que discutia a novela A Morte de Ivan Ilitch, que não adianta olhar para a morte a partir da vida, mas a única solução é olhar para a vida a partir da morte; não há outro jeito de orientarmos a vida.

Assim, devemos olhar para a vida com a possibilidade de continuarmos o legado de Monir, contribuindo com a sociedade e futuras gerações para a descoberta de novas possibilidades que se abrem quando se descortinam as histórias da humanidade. Esta coletânea representa a existência que transcende a morte e permanece presente em nossos corações e mentes.

José Antonio Fares,

Superintendente Sesi Paraná.

Ele continua fazendo a diferença

Perdi a companhia do José Monir em 16 de março de 2013, depois de trinta anos de convivência. Para todos que o conheceram ou privaram de sua frondosa companhia foi uma perda irreparável. Foi um cometa que passou rápido, embora tenha brilhado intensamente.

Como professor conheci o José Monir em 1981 na turma de ‘trainees’ da Fininvest, um grupo de jovens que estava sendo preparado para implementar nos anos seguintes o Mercado Comunitário de Ações em Joinville (SC), onde moramos juntos uns três anos. Depois deste período seguimos caminhos diferentes, mas ficando sempre em contato; sua busca profissional levou-o a várias experiências. A partir dos anos 90 nós dois passamos a residir de novo em Curitiba; ele já atuava como consultor empresarial, caminho que também adotei, inclusive por influência dele.

Ao longo dessa caminhada pude conhecê-lo cada vez mais, tanto suas origens como sua obra. Seu brilhantismo era lastreado por uma formação clássica herdada. O pai, médico, cursara especialização em Paris como bolsista da Aliança Francesa, dirigida em Curitiba pelo casal Garfunkel; a mãe, secretária da Aliança Francesa até casar-se. O berço familiar transpirava atmosfera cultural. Quando o pai ia para o consultório à tarde, levava junto o filho adolescente para ficar na Biblioteca Pública do Paraná, na quadra vizinha, até o final de sua jornada. ‘Lia de tudo’, dizia; Roberto Campos o influenciaria com seu estilo polêmico e afiado. Frequentou também a Escolinha de Arte, da própria Biblioteca Pública. O José Monir falava e escrevia fluentemente francês, inglês e alemão; na juventude participou de programas de intercâmbio escolar nesses três países; ainda jovem chegou a morar por mais de um ano na Alemanha, vindo a trabalhar como operário numa fábrica, experiência marcante à qual se referia com frequência. Até o final do 2º Grau teve apenas formação clássica, isto é, de humanidades, sem direcionamento profissional, voltada apenas para o desenvolvimento da capacidade de expressão do espírito humano. Sua primeira faculdade foi em Letras, mas já no final desta resolveu cursar Economia, provavelmente em decorrência do clima político do país no final dos anos setenta. Discorria com domínio sobre os mais variados assuntos, indo de arte a filosofia, religião, ciência, literatura, economia e outros tantos. Teve forte influência de Virgílio Balestro, hoje com mais de 80 anos, Irmão Marista professor do colégio em que estudou; com ele tinha aulas particulares de latim e grego. Amadureceu profissionalmente entre seus vinte e cinco e trinta anos, sob a influência marcante de Rubens Portugal, nosso diretor e grande mentor. Mesmo tendo contato com gestão empresarial só nesta idade, o José Monir superou pelo caminho muitos que tinham se iniciado mais cedo.

Nesse tempo destacava-se por sua vivacidade intelectual e arguta capacidade de abordar as situações mais complexas no campo gerencial e econômico, de maneira inovadora. Recendia qualidade em tudo que fazia, desde clareza de raciocínio até redação densa, leve e comunicativa, recheada de vocabulário erudito sem ser pedante. Demonstrava prodigiosa versatilidade; ia direto ao ponto central dos assuntos; conseguia revelar relações incomuns entre fatos e situações aparentemente desco-

nexas. Sabia localizar o ouro. Ele fazia a diferença! Detestava autoridade imposta; pugnava pela autoridade interna da abordagem orgânica dos fatos e análises sobre a situação enfrentada. Irritava-se com mediocridade, e com burocracia em geral. Era hábil em desmascarar espertezas travestidas e agendas ocultas.

Interagia com todos os segmentos sociais, frequentando as mais diversas 'tribos' civilizadas. Gostava de merecer o prêmio e a vantagem, em vez de dar-se bem às custas alheias. Sua nobreza de caráter dispensava as competições predatórias; perder para ele era reconhecido como ganho até pelos adversários; nunca o vi tripudiar sobre alguém. Era dono de uma verve humorística ímpar: à sua volta sempre predominavam as satíricas risadas de um 'fair play'. Sabia portar-se com franqueza lhana; para ele a verdade podia ser dita sem precisar ferir. Era um 'curitibano da gema'; ainda não consegui encontrar alguém que superasse sua capacidade de entender a 'alma curitibana'. Dizia que em Curitiba não é bem assim para namorar uma moça de família: 'antes de pegar na mão, você tem que se apresentar, dar provas, frequentar e ... esperar ser convidado; ser 'entrão' pega mal; somos uma sociedade da serra, não da praia'. Sempre aproveitava as oportunidades de aprender quando reconhecia nas pessoas capacidades e experiências extraordinárias; hauriu muito da convivência com Rubens Portugal, com Professor Tsukamoto (de São Paulo) e Arthur Pereira e Oliveira Filho (do Rio).

Sua trajetória profissional foi intensa, árdua e cheia de iniciativas inovadoras, sempre trabalhando por conta própria. Nos anos noventa tornou-se um famoso consultor empresarial junto a grandes clientes do circuito São Paulo-Rio-Brasília. Teve um escritório de consultoria em Curitiba, AVIA Internacional, que editava uma 'letter', lidava um Programa de Análise Setorial (Papel/Celulose, Seguros, Bancos), desenvolvia projetos sobre as experiências internacionais de Jacksonville e Mondragon, dentre outros projetos. Nesse período dedicou-se à pintura com atelier próprio; frequentava aulas particulares e convivia no meio artístico local.

Desencantado com a inércia brasileira por ideias inovadoras, no início do novo milênio passou a dedicar-se ao projeto do Instituto Paraná Desenvolvimento (IPD), um centro de pensamento sob a liderança de Karlos Rischbieter. Nesse período participou com Olavo de Carvalho do Programa de Educação (Filosofia), patrocinado pelo IPD. Em 2002 fundou a Triade Editora e escreveu os livros 'A Economia do Mais' sobre 'clusters', e o 'O Brasil Que Deu Certo', com o empresário Gilberto J. Zancopé, sobre a história da soja brasileira. Chegou a ter um programa de televisão em que corajosamente discutia temas quentes de forma crítica.

No final da primeira década dos anos 2000 imprimiu novo rumo a seu projeto profissional, lançando 'Expedições ao Mundo da Cultura'. Consistia numa engenhosa adaptação ao Brasil do trabalho do norte-americano Mortimer Adler, a leitura de cem obras clássicas básicas como programa de formação de um cidadão culto. 'Nada do que eu fiz na vida me deu tanto prazer quanto este trabalho', dizia. Em menos de um ano tinha grupos em Curitiba, São Paulo e algumas cidades do Paraná. Sua grande inovação foi fazer um resumo de cada obra, com vinte páginas em média, para contornar a dificuldade dos brasileiros em ler um livro a cada quinze dias. Os encon-

tros eram concorridos, animados e muito proveitosos no despertar os participantes para a dimensão cultural. Até que um AVC o abateu.

A semente da herança cultural cresceu, floresceu e frutificou. Seu grande legado é o exemplo de como a Cultura é próspera e construtiva, ao contrário do que se pensa neste país como apenas entretenimento. É exemplo de projeto educacional humanista clássico, ao contrário do que se faz hoje em se privilegiar precocemente a orientação profissional em detrimento da formação humana. É exemplo profissional de trabalhar por conta própria correndo riscos e dedicando-se de corpo e alma ao projeto em que acredita. É exemplo de modernidade inteligente, tanto na sua herança como na sua obra e no seu legado, fundados sobre a matriz cultural clássica no âmbito da família. O que a família não fizer dificilmente será recuperado pela escola e pela empresa. A volta desse cometa acontecerá sempre que se replicar essa proposta de formação.

A trajetória de vida corajosa e realizadora de José Monir (1957-2013) é orgulho para sua família e referência para os amigos e os que o conheceram. Ele continua vivendo em nós; ele continua fazendo a diferença!

Carlos Jaime Loch, Consultor de Gestão Empresarial.

Ao mestre, com carinho

José Monir Nasser costumava dizer que nós não explicamos os clássicos; eles é que nos explicam. Da mesma forma, podemos afirmar que qualquer tentativa de explicar o trabalho do professor Monir resultará em fracasso, pois toda explicação possível advém do próprio trabalho. É preciso dizer de uma vez por todas: ele é o professor e nós somos os alunos.

Aristóteles discordou de seu mestre Platão em muitas coisas, mas certa vez declarou: “Platão é tão grande que o homem mau não tem sequer o direito de elogiá-lo”. Quem somos nós para elogiar ou explicar o mestre Monir? Ninguém. No entanto, tentaremos fazê-lo, do modo mais sucinto possível, para não tomar o tempo precioso do leitor.

Os textos reunidos nesta série são transcrições de aulas de José Monir Nasser sobre clássicos da literatura universal, dentro do programa Expedições pelo Mundo da Cultura, que funcionou entre 2006 e 2010. O objetivo era trazer para o conhecimento do público os temas que ocupavam o espírito dos grandes autores. São nomes e histórias que muitas vezes estão presentes na vida e na linguagem cotidiana – vide os adjetivos homérico, dantesco, quixotesco, kafkiano –, mas que em geral ficam adormecidos na poeira das estantes. A missão de Monir era trazer esses enredos e personagens clássicos para a luz do dia.

O foco das palestras de Monir não era a crítica literária ou a análise estilística, mas sim a discussão do conteúdo. Ele possuía uma verdadeira e sagrada obsessão por esclarecer mesmo as passagens mais difíceis das obras discutidas. Seu lema, repetido diversas vezes, era: “É proibido não entender!” Todos ficavam à vontade para interromper sua fala com perguntas, reflexões, ponderações, comentários. O objetivo não era transformar os alunos em eruditos, mas dar acesso a um conhecimento valioso, universal e atemporal, que pode fazer toda diferença na vida das pessoas. E fez. Monir pretendia fazer a leitura de 100 livros clássicos da literatura universal. Não foi possível: ele discutiu “apenas” 92. A lista inicial dos clássicos partiu da obra Como ler um livro, de Mortimer Adler e Charles Van Doren, sendo aperfeiçoada ao longo do tempo. Na presente seleção há dez obras: Gênesis e Jó (textos bíblicos), Fédon (de Platão), Os Lusíadas (de Camões), O Mercador de Veneza (de Shakespeare), O Inspetor Geral (de Gógol), A Morte de Ivan Ilitch (de Tolstói), Moby Dick (de Melville), O Senhor dos Anéis (de Tolkien) e Admirável Mundo Novo (de A. Huxley).

A ideia de trabalhar com os clássicos já havia sido colocada em prática por Monir e o filósofo Olavo de Carvalho, em um curso que ambos ministraram na Associação Comercial de Curitiba, patrocinado pelo IPD (Instituto Paraná de Desenvolvimento). O programa Expedições pelo Mundo da Cultura nasceu em 2006 e já no primeiro ano passou a contar com a parceria do Sesi. De Curitiba, onde foram realizadas as primeiras aulas, o programa foi estendido a outras cidades paranaenses: Paranavai, Londrina, Maringá, Toledo e Ponta Grossa. O programa também foi realizado em São Paulo a partir de 2007, desvinculado do Sesi.

Em todas essas cidades, Monir fez alunos e amigos. Porque era quase impossível ouvi-lo sem considerar a sua maestria e o seu amor ao próximo. Os encontros duravam cerca de quatro horas, com um intervalo para café. Monir começava as palestras com uma apresentação genérica sobre o autor e a obra. Em seguida, havia a leitura de um resumo do livro, entremeado por observações de Monir. Esses comentários formavam um rio de ouro que conduzia o aluno pelas maravilhas da literatura universal. As quatro horas passavam com uma rapidez quase milagrosa – e você tem em mãos a oportunidade de comprovar essa afirmação.

Não bastassem a fluidez e a sutileza de suas observações, José Monir Nasser tinha a capacidade de enriquecê-las com um fino senso de humor, livre de qualquer pedantismo ou arrogância. Ao final das aulas, nota-se um inusitado clima de emoção entre os presentes. Algumas vezes, ao concluir seus pensamentos sobre a mensagem dos clássicos, Monir chegava às lágrimas, como testemunharam alguns de seus alunos e amigos.

Em cada cidade por onde Monir levou os clássicos, espalhou também as sementes do conhecimento, da cultura e dos valores eternos. Ele era um autêntico líder de primeira casta, um homem cujo sentido da vida era fazer o bem e elevar o espírito de seus semelhantes. Muito mais do que explicá-lo, cumpre agora ouvir a sua voz – nas páginas que se seguem. Jamais encontrei o professor Monir pessoalmente; mas, após ouvir as gravações e ler as transcrições de suas aulas, posso considerar-me, talvez, um aluno, um amigo, um leitor. Conheça você também o mestre Monir.

Paulo Briguet, jornalista e escritor.

Prefácio à segunda Edição

Reencontro com José Monir Nasser

Todo paranaense — todo brasileiro — interessado em alta cultura deveria agradecer a Deus pela vida e obra de José Monir Nasser. Durante uma trajetória de vida relativamente curta — apenas 56 anos — ele realizou trabalhos fundamentais nos campos da economia, do empreendedorismo, da editoração e da literatura. Mas, se precisássemos resumir numa palavra o perfil desse homem multifacetário, poderíamos dizer simplesmente: — Professor.

A biografia intelectual do professor Monir foi a realização integral de uma de suas mais famosas frases: “Uma sociedade não pode ser rica antes de ser inteligente”. Grande divulgador do empreendedorismo cívico — tema de seu excepcional livro *A Economia do Mais* —, Monir dedicou grande parte dos seus últimos anos de vida ao projeto *Expedições pelo Mundo da Cultura*, com palestras luminares sobre obras literárias clássicas. Ele próprio tinha perfeita consciência do que esse trabalho representava: “O *Expedições pelo Mundo da Cultura* é um programa que tem por objetivo restaurar a verdadeira cultura brasileira, que nós de alguma maneira perdemos e que precisamos buscar a todo custo, porque é a única maneira pela qual nós conseguiremos sair da terrível e profunda crise civilizatória em que nós nos metemos”. (Curitiba, 22/05/2010)

Este segundo box com palestras do professor Monir é apenas mais uma parte do imenso legado que ele deixou ao Brasil: uma enciclopédia educacional em que os clássicos da literatura são as bússolas que nos orientam no mar tenebroso da vida contemporânea. Nas palestras de Monir, a cultura não é sinônimo de belles-lettres ou pedantismo literário, mas uma força viva que nos orienta como indivíduos e permite a cada um ordenar a sua própria alma. Os dez livros aqui comentados não são vistos como meros registros históricos ou modelos estilísticos; constituem, muito mais do que isso, um “conjunto de intuições, formas e símbolos portadores de verdade e valores universais”, para usar as palavras de um grande amigo e incentivador de Monir, o filósofo Olavo de Carvalho.

Os cinco volumes que você tem em mãos, caro leitor, são portais de sabedoria capazes de ampliar o horizonte intelectual de qualquer pessoa sinceramente interessada em fazê-lo. Ao promover um diálogo supratemporal com os gigantes da literatura, José Monir Nasser estende as possibilidades do futuro e enche os nossos corações de esperança pela felicidade definida por Aristóteles: a contemplação da verdade. Que este novo volume de sua admirável obra seja mais um passo rumo à consolação última imaginada por Boécio na prisão: a eternidade — “posse inteira e perfeita de uma vida ilimitada, tal como podemos concebê-la conforme ao que é temporal”. Reencontrar Monir é reencontrar a nós mesmos.

Paulo Briguet é escritor em Londrina.

O Processo

de Franz Kafka (1883 - 1924)

Transcrição da palestra do professor José Monir Nasser em Paranavaí, em 20/04/2007¹

¹ Transcrição de Leticia Scheifer. Revisão da transcrição: Patrícia Nasser.

O Processo

Hoje vamos ver uma obra chamada *O Processo*, do Franz Kafka, e espero que vocês no final desse exercício tenham compreendido algumas realidades, alguns conteúdos desse livro que passarão a fazer parte da existência de vocês. A cultura é verdadeiramente tudo aquilo que você incorpora à sua vida, e não conhecimentos gerais sobre arte, sobre obras literárias, isso não é o assunto desse curso aqui. Esse não é um curso de beletrismo. Antigamente, essa ideia de você ser apenas sabido com relação a assuntos dos livros era chamada de beletrismo; o sujeito sabia tudo sobre muitos livros e não lia nenhum na prática, não entendia nenhum. Essa propensão acontece muito com os cinéfilos hoje em dia. Os cinéfilos são aqueles sujeitos que não podem viver sem ir ao cinema. O sujeito vai ver cinquenta filmes por mês e não entende nenhum dos cinquenta. Mas ele acha bacana, assim, os efeitos especiais, essas coisas. Então é isso que eu queria deixar claro para vocês. Que não se trata de uma atividade de conhecimentos gerais, nem de curiosidades. É muito mais uma apropriação. Nós vamos entrar na alma dessa obra chamada *O Processo*, e vamos entender o que essa história tem a ver com a nossa vida individualmente. A pergunta que você precisa fazer

pra você mesmo é: O que é que isso tem a ver comigo? De que modo isso afeta a minha vida? De que modo isso modifica a minha existência? E essa maneira de agir é a que nós usaremos aqui no nosso esforço coletivo de entender *O Processo*.

Como eu disse a vocês outras vezes, não há modo de o resumo do livro dos nossos encontros substituir a leitura do livro. Mesmo que eu fosse um sujeito literário, mesmo que eu conseguisse escrever de um modo muito melhor do que eu escrevo, não daria para substituir a obra. A obra é insubstituível. Como acontece sempre, a gente começa a nossa conversa com considerações sobre o autor chamado Franz Kafka, o autor e a sua época. E depois que a gente tiver entendido mais ou menos o que aconteceu na época do autor, a gente cai no resumo. Depois nós teremos uma conversa aqui entre nós para tentarmos entender o significado dela.

No final do nosso encontro eu adoraria saber que vocês ficaram mais sabidos, no sentido mais puro da palavra, que ficaram mais cultos, que vocês conhecem a situação passada pela personagem central, chamada Josef K., que é uma situação que aconteceria com qualquer um de nós.

A primeira providência para que vocês possam entender essa história é que vocês façam de conta que estão vivendo essa história realmente, completamente. Que vocês estão lá em Praga, no tempo em que Franz Kafka viveu, no tempo em que essa história foi escrita. Se vocês não brincarem de vivenciar a história, vocês não entenderão a história. Então é preciso, pelo menos durante esse momento de compreensão da história, que a gente faça de conta que tudo o que está escrito aqui é verdade. Que

a personagem Josef K. de fato existe ou existiu. Que todos os fatos narrados no livro são rigorosamente verdadeiros. Se vocês não fizerem esse exercício e ficarem estabelecendo razões para desconfiarem do livro, vocês não vão entender a história. Não se lê ficção assim. Aliás, qualquer livro se lê assim. Até mesmo livros de filosofia, livros técnicos. Você tem que dar uma chance para o livro de ele contar alguma coisa para você. Então tudo começa com você fingindo que tudo aquilo é verdade.

Leibniz, que era um sujeito muito mais esperto do que nós todos aqui, dizia assim: “Eu acredito em tudo o que me contam”, como primeira atitude. A primeira atitude de Leibniz é acreditar em tudo aquilo que contam pra ele. E a história engraçada ligada a esse mesmo fato é a história do São Tomás de Aquino, que sendo um frade dominicano estava lá num convento estudando, e aí os colegas do São Tomás dizem pra ele assim: “Corre aqui, Tomás, corre aqui na janela que tem um boi voando”. Aí o São Tomás corre lá na janela, larga tudo, e na hora em que ele olha na janela os colegas caem na gargalhada, porque era obviamente uma piada. E ele fala assim: “Olhem pessoal, até hoje eu achava que era mais fácil um boi voar do que um frade mentir, mas acabei de mudar de ideia”. Vejam - São Tomás, que escreveu quase a maior obra filosófica da história, a *Suma Teológica*, achava que em primeiro lugar nós temos que ter credulidade. A primeira condição para o conhecimento é que você comece sempre com uma atitude positiva com relação àquilo que dizem pra você. Então não se arme contra, não crie defesas, não estabeleça obstáculos a nada a não ser a entender a história do Josef K. Essa história é uma das mais importantes do Franz Kafka.

Outra regra do nosso jogo aqui é que ninguém é obrigado a concordar com nada, porque isso aqui não é uma escola, cada um faça o que quiser,

no fundo cada um tem a liberdade que quiser. No entanto, está proibido não entender. Quer dizer, até pra você não concordar com nada, é preciso você ter entendido. Então eu estou aqui disposto a explicar a mesma coisa quantas vezes forem necessárias. Não tenho a menor preguiça de explicar nada. Eu sou assim, meio professor por natureza, portanto não tenho o menor problema com isso. Só não são admitidos comportamentos de vergonha e de constrangimento bobo, porque a essência do sucesso dessa nossa metodologia é que vocês perguntem, proponham o que quiserem. É só levantar a mão que a gente para e considera a opinião de vocês. Tá certo, pessoal? Combinados por enquanto?

Então vamos pegar a cronologia do Franz Kafka.

Cronologia

Ele nasce no dia 3 de julho de 1883 em Praga, capital da Boêmia, que hoje fica na Tchecoslováquia.

O lugar gerou a palavra “boemia” em português, embora rigorosamente falando, nós devêssemos falar “boêmia”: “Fulano anda na boêmia”. A Boêmia era um lugar de vida muito animada, com muita vida noturna. “Fulano é frequentador da boêmia”, significa que ele gosta de vida noturna. Então, o Kafka nasceu em Praga, que hoje é a capital da Tchecoslováquia. Naquela época não havia Tchecoslováquia, havia um outro país chamado Boêmia, cuja capital era Praga, e que fazia parte do império austro-húngaro, dirigido por Viena. Hoje esse país não existe mais, tornou-se uma região da Tchecoslováquia.

Ele nasceu em uma família judia, de cultura germânica.

Como o império era austro-húngaro, uma certa porcentagem dos habitantes falava alemão. Agora cuidado, porque não é alemão como um alemão fala. É um alemão chamado *prager Deutsch*, “o alemão de Praga”. É um alemão esquisito, estranho, falado basicamente pelo governo que, afinal de contas, pertencia ao império germânico. Kafka nunca escreveu uma linha em tcheco (a outra língua predominante que se falava ali). Kafka é um nome judaico comum, que significa “gralha” em tcheco, só que escrito de forma germanizada. E o alemão que Kafka fala, portanto, é um alemão, digamos assim, meio que burocrático. Não é um alemão descontraído, como o alemão de alguém que fala alemão de origem, mesmo. Eles eram tchecos, na verdade, Kafka e sua família.

A família de Kafka é originária da aldeia de Wossek, para onde migraram muitos judeus após a Guerra dos Trinta Anos. O pai de Kafka, Hermann Kafka, um comerciante de novidades bem sucedido, teve com Julie Kafka, mãe de Kafka, cinco filhos, além de Franz, teve Georg e Heinrich, são os dois homens, ambos mortos quando bebês. E Gabriele, Valérie e Ottilie, mortas durante a Segunda Guerra Mundial em campos de concentração. O Franz tem problemas sérios com o pai dele, e dá-se melhor com a família da mãe.

Os dados sobre essa briga dele com o pai estão disponíveis num texto que Kafka escreveu, chamado *Carta ao Pai*, uma carta furiosa que ele enviou para o pai dele, mas que nunca foi entregue. Depois da morte de Kafka isso foi publicado. No texto, que dá pra comprar nas livrarias, Kafka faz acusações seriíssimas contra o pai dele, por ser um tirano, um sujeito inflexível, por querer mandar na vida dele, por querer inventar uma vida que ele não

queria ter. E por causa dessa história, há a ideia de que a obra de Kafka tem um cunho psicanalítico. Os psicanalistas adoram interpretar Kafka sob o ponto de vista do complexo de Édipo, essas coisas assim.

Em 1889, Kafka entra na escola primária Deutsche Volks und Bürgerschule, na praça do Fleischmarkt e depois, em 1893, passa ao colégio clássico Altstädter deutsches Gymnasium, que termina em 1901. Neste ano, visita Wossek pela última vez, para comparecer ao enterro do avô.

Nessa cidadezinha de Wossek existe lá o tal do castelo que é o assunto predominante do terceiro romance, o último romance de Kafka, *O Castelo*.

Em 1901, obtém o Abitur, o certificado de que você terminou o ensino médio.

E começa a estudar na divisão alemã da universidade Karl-Ferdinand. Após duas semanas frequentando o curso de Química, decide mudar para Direito, segue paralelamente cursos de Germanística e da história da arte. É leitor de Kierkegaard e Pascal, **dois filósofos**. Aprecia muito Flaubert.

Flaubert vocês conhecem, é o autor da *Madame Bovary*, aquela história conhecidíssima de uma mulher infeliz com a sua vida no campo e que, ambiciosamente, tenta produzir uma outra vida que a acaba destruindo. E o Kierkegaard e o Pascal são dois filósofos muito pessimistas, gente com a ideia de que há uma inviabilidade geral na vida humana. Vocês a essa altura já devem estar desconfiados de que o Kafka tem um quadro pessoal muito interessante: ele é judeu de origem tcheca falando alemão, nunca escreveu uma palavra em tcheco. É uma pessoa meio sem eira nem beira, né? Ele é judeu, mas não é bem judeu. Ele é tcheco, mas usa o idioma alemão. Usa o

alemão, mas não é alemão. E ele vive sob a tutela, sob a tirania de um pai muito rígido, e ele tem uma existência um pouco pessimista. O Kafka é um sujeito que vê o mundo de um modo meio pessimista. Sabemos só isso, por enquanto, a respeito dele.

Em 1902, ele conhece o músico Max Brod (1884-1968), **que também é judeu e foi o melhor amigo dele.** E depois, quando o Kafka estava perto de morrer, estava no final da vida, já muito doente, ele pediu a Max que destruísse todas as obras que não tinham sido ainda publicadas. E esse Max Brod, desobedecendo o último pedido do Kafka, publicou os livros todos. Então hoje nós só temos esse livro aqui, *O Processo*, porque o Max Brod desrespeitou a vontade testamentária de Franz Kafka e publicou o livro do jeito que pôde, da maneira que ele achou melhor. Todas essas obras que Kafka pediu que fossem destruídas estavam inacabadas. Faltava acabamento, faltavam últimos detalhes. Devemos então a existência de umas três ou quatro obras de Kafka, as mais importantes, aliás, ao fato de que o Max Brod desrespeitou a vontade final de Kafka.

Em 1906, forma-se em Direito, no dia 18 de junho, e faz estágio não remunerado no Tribunal Civil de Praga. **Era obrigatório fazer assim, tinha lá uma lei que obrigava.**

Em 1907, novembro, torna-se funcionário da Assicurazioni Generali, uma firma italiana de seguros, **até hoje existe.** Pede demissão em 1908 alegando falta de tempo para escrever.

Não sei se vocês compreendem isso, mas determinadas atividades humanas são incompatíveis, não é? É muito difícil fazer a junção de uma carreira

burocrática, - tem que trabalhar dez horas por dia em uma firma -, com uma carreira intelectual, artística. É complicado isso. O livro que conta melhor essa dificuldade chama-se *O Feijão e o Sonho*, de Orígenes Lessa, um autor brasileiro, que conta a história de um professor que queria na verdade mesmo era ser poeta. E ele vai meio que destruindo a família inteira porque não consegue trabalhar. Esquece que tem uma família, crianças, que tem que pagar o aluguel, e então se defronta com essa situação de inviabilidade que às vezes a vida traz entre dois projetos que mais ou menos se excluem mutuamente. Então quem quiser conhecer esse drama, da pessoa que está dividida entre a necessidade de garantir o feijão e a necessidade de fazer cumprir o sonho, leia *O Feijão e o Sonho*, de Orígenes Lessa. É um livro muito bonito, muito bem escrito, você encontra com a maior facilidade do mundo. Nos colégios o pessoal costuma ler como indicação curricular. Então o Kafka vivia essa situação, exatamente como a personagem de *O Feijão e o Sonho*. Ele quer ser escritor, no entanto tem que trabalhar em algum lugar, e o pai dele, tiranicamente... Tem duas pessoas que ficaram para a história como monstros, o pai do Kafka e a mulher de Sócrates, a Xantipa. Se tem alguém na história que ficou vista como uma megera absoluta, é a tal da Xantipa, que era um tipo tirânico e autoritário, insuportável. E o outro sujeito que ficou para a história como sendo um monstro é esse pai do Kafka. Provavelmente nos dois casos há alguma injustiça. Como tudo na vida, né?

Em 1908 começa a trabalhar numa empresa semiestatal chamada Instituto de Seguros e Acidentes de Trabalho do Reino da Boêmia, - **a Boêmia era um reino subordinado ao império austro-húngaro** - seu segundo e último emprego, onde foi encarregado de estudar riscos e buscar meios para reduzir sinistros. Apesar de ter sucesso nesse emprego, chamava-o de Brotberuf (ganha-pão) - **um negócio que você faz só para levar dinheiro para casa, mas pelo qual**

you não tem lá grandes considerações, nem amores. É mais ou menos o emprego que a maioria das pessoas consegue na vida. E isso não deve provocar estranhamento, porque a vida não é do jeito como a gente imagina. Portanto a coisa mais comum do mundo é você casar com quem você não tinha sonhado e acabar trabalhando num negócio que você também não queria fazer. Não tem nada de estranho nisso, não sei se é o caso de alguém aqui, mas não se impressione porque é completamente natural que seja assim. E sobretudo porque uma coisa implica a outra, né? Uma vez casado, você vai ter que pegar o primeiro negócio que te derem. Então é uma coisa comum na história das pessoas que elas não tenham escolhido exatamente o melhor casamento e nem o melhor emprego. É comum. Há muita gente que não é assim, tem gente que consegue fazer as duas coisas. Há uma outra parte que consegue fazer só uma das duas. Então, para o Kafka esse emprego, que era de um certo prestígio, era apenas um *Brotberuf* - um trabalho para você levar dinheiro para casa, e só.

Em 1908 ainda, por influência de Brod, **que é aquele amigo dele**, ele publica aos pouquinhos o primeiro livro, **que é um conjunto de histórias curtas, contos**, *Descrição de Uma Luta*, na revista muniquense *Hyperion* de Franz Blei.

Em 1910, começa a redigir *O Diário*, **que depois foi publicado**. Muitas das informações que estão nessa biografia vieram de *O Diário* de Kafka. Acho que não foi traduzido em português, mas você consegue isso facilmente em inglês, espanhol, francês, sem problemas.

Em 1911, por pressão do pai, Kafka começa a colaborar, contrariado, às tardes na firma asbestos de seu cunhado Karl Hermann. Kafka preferiria passar as tardes estudando, escrevendo. Por meio do Yiddish Theater (ou Teatro lídiche), aos

poucos começa a se aproximar do Judaísmo. Ele era um judeu não praticante, um judeu distante, um judeu, digamos, leigo, e que começa a se interessar pelo judaísmo só aí nessa altura da vida quando vai assistir ao teatro judaico. Esses judeus eram obviamente muito ciosos da sua individualidade, né? Os países da Europa não permitem o grau de miscigenação cultural que há aqui, então os judeus aí eram os judeus de verdade, mais judeus do que tchecos, e sobretudo mais judeus do que alemães, seguramente isso. E aí então nessa altura ele começa a se interessar por judaísmo.

Em 1912, conhece a Felice Bauer, uma berlinense de quem ele se tornaria noivo duas vezes. Ele foi noivo dela uma vez, rompeu, e depois foi noivo de novo. Neste mesmo ano, tornou-se vegetariano e adepto de manias alimentares. Não só se tornou vegetariano, mas mesmo vegetariano, não comia qualquer coisa, tinha restrições de todos os tipos. Escreve nesse ano *O Veredito*, que é uma peça importante, *A Metamorfose*, que é a história mais conhecida de Kafka, aquela do Gregor Samsa, um sujeito que acorda de manhã e virou um inseto gigantesco, e a maior parte do livro chamado *América*. Nesse ano, apenas uma curiosidade, o famoso teórico de administração Peter Drucker, falecido há pouco tempo, diz que o Kafka recebeu uma medalha pela invenção do capacete de segurança, coisa que eu aposto que vocês não sabiam. E com o capacete de segurança, a mortalidade reduziu de vinte para cinco mortes por mil na indústria de aço da Boêmia. Esta informação é impressionante, porque ninguém sabe, mas o Peter Drucker que conta isso no livro, dizendo que o Kafka nesse seu episódio de trabalhar nessa empresa de seguros, teve grande sucesso. Foi um funcionário exemplar, mas profundamente infeliz com aquela atividade. Porque aquela atividade era incompatível com a única coisa que lhe interessava na vida.

Em 1913, publicados pela editora Kurt Wolff, *O Foguista*, a coletânea de contos *Contemplanção* e *O Veredito*. Neste ano, escreveria no dia 21 de agosto no seu diário: “O meu emprego é insuportável porque contradiz o meu único desejo e a minha única vocação, a literatura. Como sou apenas a literatura, e como não quero nem posso ser outra coisa, o meu emprego não poderá nunca seduzir-me, só poderá ao contrário destruir me totalmente!” (*Diários*). Então o Kafka está aqui admitindo que a sua existência só poderia ser realizada se ele fosse apenas escritor e nada mais do que isso.

Em agosto de 1914, começa a escrever *O Processo*, esse livro que vocês verão comigo hoje. Esse tipo de informação vem de *O Diário*. Está escrito lá: “hoje comecei a escrever um livro que é mais ou menos assim”, que você interpreta como sendo *O Processo*. Nem sempre o título do livro já está pronto no primeiro dia. Às vezes é a última coisa que você põe. Há escritores que constroem toda a obra em cima do título e há escritores que o põe em último lugar. Tem todo o tipo de situação.

Em 1915 (lembrem que nós já estamos na Primeira Guerra Mundial, não é?) foi publicada por Kurt Wolff, numa determinada revista em Praga, a novela *A Metamorfose*, que é a mais conhecida obra de Kafka. Tudo em língua alemã. Kafka não escreveu nenhuma linha em tcheco. O que tem do Kafka em tcheco foi traduzido, como se traduziu para o português. Ele tinha o alemão como língua nativa.

Rompe o noivado com a Felice em 1917 e nesse ano é diagnosticado com tuberculose no pulmão e laringe. Provavelmente resultado de não beber leite pasteurizado. Kafka não admitia nenhum leite que fosse pasteurizado. Deve ter vindo daí o bacilo da tuberculose que o infectou nessa data. Lê

Kierkegaard obsessivamente, o que é uma maneira de você ficar meio pessimista com relação ao mundo. Há determinados filósofos que te põem para cima, outros que te põem para baixo. Há filósofos que chegam para você assim como chega um sujeito para um suicida que está tentando pular de um prédio e diz: “Duvido que você seja homem de pular!” [risos] É mais ou menos é o que alguns filósofos fazem conosco.

Em 1919, Kafka se torna noivo da Julie Wohryzek, filha do zelador da sinagoga. Ela é judia, mas tinha o defeito de ser a filha do zelador. Adivinhem se o pai de Kafka concorda com o casamento do filho (ele era um sujeito da classe média, tinha uma loja)? Uma das mágoas que Kafka tinha do pai é que ele impediu o casamento com essa Julie, por causa de preconceito econômico. Não era racial, porque ela era judia também, era meramente econômico. Ela era uma mulher pobre.

Nesse ano foi publicado o livro *O Médico Rural* (Ein Landarzt), que é uma coletânea de contos. Escreve *Carta ao Pai* (*Brief an der Vater*).

Em 1920, já rompido com a Julie (porque o pai obrigou), ele conhece a jornalista Milena Jesenská, que se tornaria sua amante e traduziria seus textos para tcheco. A Milena não era judia, mas ela acabou indo parar num campo de concentração também, porque foi acusada de ajudar os judeus. Essa aí então o pai não concordaria de jeito nenhum, porque faltava a ela a característica principal, ser judia como a família. O pai dele era um judeu daqueles meio ortodoxos. O Kafka não, mas o pai era um judeu que seguia todas as regras, e entre elas ficar casando com outros judeus.

Em 1921 a tuberculose se agrava e ele não consegue mais trabalhar. Em 1922

Kafka se aposenta por invalidez. Escreve *O Castelo* entre fevereiro e setembro. Em 1923, conhece a professora de pré-escola, Dora Diamant, numa viagem, e passam a morar juntos em Berlim. Primeira ausência de Kafka de Praga, **quer dizer, ele até então havia feito viagens rápidas, e agora pela primeira vez ele vai morar noutro lugar que não Praga. Vai morar na Alemanha, que afinal de contas é onde ele conseguia se comunicar bem.** Dora provinha de uma família judaica ortodoxa, e apresentou Kafka ao *Talmud*. **É mais um passo do Kafka em direção a uma religiosidade judaica.**

Nesse mesmo ano, 1923, Kafka teria enviado carta testamento ao Max Brod, com instruções para destruir após a sua morte, os manuscritos não publicados e que nunca reeditasse *Contemplação (Betrachtung)*. “Tudo isso, sem exceção”, diz o Kafka, “tem de ser queimado. E será melhor ninguém lê-lo antes”. **Então não é verdade que a obra de Kafka teria que ter sido queimada, o que é verdade é que apenas a obra inacabada é que deveria ter sido queimada.** E Kafka publicou em vida uns três, quatro livros. E o que Kafka queria é que a obra que ele não havia publicado fosse queimada depois da sua morte. Essa história acabou dando num processo judicial, porque a família foi lá tirar satisfações com o Max Brod. Há um crime - não sei muito bem como é, não sei se tem no Brasil também -, que se chama Falsidade Testamentária. Você é testamenteiro de alguém e não cumpre aquilo que foi estabelecido. E o Max Brod defendeu-se assim: “Se ele quisesse de fato queimar, primeiro ele podia ter feito sozinho. Segundo, vai logo pedir pra mim, isso? Eu que adoro as coisas que ele escreve! Então, na hora que ele me pede uma coisa dessas, está implícito que no fundo, no fundo, ele não quer que sejam queimados, muito pelo contrário, ele quer que os livros permaneçam”. E foi assim que o Max Brod se justificou perante a justiça do fato de não ter queimado os manuscritos inacabados.

Em 1924, muito mal de saúde, Kafka retorna a Praga em maio e procede para a casa de saúde do doutor Hoffmann em Kierling, perto de Viena. Em 3 de junho, ao meio-dia, Franz Kafka, tendo a seu lado o estudante de medicina Robert Klopstock, morre de inanição e desidratação pela impossibilidade de ingerir alimentos. **Nessa época não havia nenhum método de alimentação parenteral. Então Kafka morreu de fome e sede. Não conseguia comer nada, a garganta estava completamente inviabilizada, não passava nada mais.**

Muito interessante é que no leito de morte ele revê os originais de uma coleção de contos - poucos contos - cujo principal deles chama-se *Ein Hungerkünstler*, que significa *Um Artista da Fome*. A personagem central desse conto também é um sujeito que morre de fome. Então ele está no leito de morte escrevendo uma história em que o sujeito morre de fome e ele morre de fome, de fato. É como Molière que escreveu, entre diversas peças, uma chamada *O Doente Imaginário*. Nas apresentações da peça, quem fazia o papel de doente imaginário era ele mesmo. Aí teve uma apresentação em que ele teve uma crise no palco e acabou morrendo mesmo, dois dias depois de ter ficado mal durante a peça em que fazia o papel de doente imaginário. Isso é para vocês saberem que é preciso tomar cuidado com aquilo que vocês escrevem, com os papéis que vocês aceitam representar nas peças de teatro da cidade... Então, para vocês se precaverem quanto a isso.

Seu corpo é levado a Praga, onde está enterrado no cemitério judaico de Strasznitz. É publicado o conjunto de contos *Um Artista da Fome (Ein Hungerkünstler)*, cujas provas tipográficas Kafka teria corrigido no leito de morte.

E é aí então, depois da morte de Kafka, - isso aqui é muito importante, tá? - o Max Brod, que se negou a destruir os originais, publica *O Processo* em 1925, em 1926 *O Castelo*, e em 1927 *América*, ou *O Desaparecido*, esse livro tem dois nomes. Kafka colocou o nome de América e o Max Brod mudou para *O Desaparecido*. Foram publicados depois da morte de Kafka - mas entendam o que significa isso. Fica um monte de papel escrito, sem ordem, às vezes sem indicação da sequência de capítulos, às vezes com trechos obscuros que ainda não foram consertados, com dificuldades de correção, até mesmo sem o título definitivo. E o Max Brod então vai lá e edita isso tudo. Quando lerem este livro aqui, vocês estão lendo um livro escrito pelo Kafka, mas que tem aqui contribuições do Max Brod também. Foi o Max Brod que estabeleceu a sequência de capítulos, foi ele quem corrigiu o alemão, deu a última versão linguística, deve ter cortado uma frase ou outra, adicionado uma outra... Então dentro dessa obra aqui há alguma contribuição do Max Brod.

É como o Mozart. A última obra que Mozart escreveu é o Réquiem, um dos mais belos réquiens já escritos. Réquiem é uma missa fúnebre. Hoje em dia ninguém mais faz isso, a não ser quando morre alguém muito importante. Mas antigamente havia uma missa especial para um defunto, e essas missas eram escritas pelos grandes compositores do mundo. Há vários réquiens, todos muito bonitos; eu sou apaixonado por réquiens. Quando a missa fúnebre é rezada na igreja, quando é cantada, a gente não deve bater palma no final, porque fica chato ficar batendo palma para um defunto, na missa, na igreja. Antigamente quando se levava a missa um pouco mais a sério, ninguém fazia isso. E o Réquiem de Mozart não foi completado. Mozart estava muito mal de saúde, e um sujeito foi visitá-lo – não era Salieri, concorrente de Mozart na corte de Viena, como informa aquele filme do Milos Forman

sobre a vida de Mozart. Salieri não era tão mal assim, foi muito mais uma calúnia que o filme estabeleceu. Mas a verdade é que Mozart foi visitado por uma pessoa desconhecida, no final da vida, que ele não sabia quem era. Era uma pessoa disfarçada, e Mozart julgou que fosse a Morte em pessoa, que tivesse vindo fazer uma encomenda por gozação. A Morte, por gozação, veio encomendar a ele um réquiem para a própria morte dele; Mozart estava convicto de que era a Morte que tinha feito aquilo. Aí ele tenta negociar com a Morte, e diz assim: “Não, mas eu cobro muito caro”. Aí a Morte fala assim: “Não, mas eu pago”. “Mas eu quero metade adiantado”, retruca Mozart. Aí o cara fala: “Tá aqui”. Aí Mozart vai fazer o réquiem e não consegue terminá-lo, quem termina é um aluno chamado Süßmayr. De modo que quando você ouve o réquiem de Mozart, você sabe que está ouvindo ali dois autores. Depois que você ouve pela centésima vez, você começa a saber qual é a parte de Mozart e qual é a parte de Süßmayr, porque o seu ouvido vai contar isso para você. É só ter um pouco de paciência e insistência. Mesmo porque ouvir o réquiem cem vezes não é nenhum sacrifício, de modo nenhum, muito pelo contrário. Se um dia vocês quiserem ouvir uma peça musical absolutamente comovente, no sentido mais profundo da alma, peguem o Réquiem de Mozart, que é magnífico. Nele vocês ouvirão um dos maiores gênios da música, convicto de que a Morte em pessoa encomendou a ele uma missa em que se pede a Deus para levar em consideração o morto, rogando: “Por favor, Você prometeu, agora cumpra. Dê o perdão, perdoe”. É o Mozart pedindo perdão a Deus pelos pecados que teve na talvez mais comovente peça musical já escrita. Absolutamente imperdível, o Réquiem de Mozart. Todos os réquiems têm os mesmos dizeres, porque é uma missa, né? Portanto, o recitativo é o mesmo.

Então o que aconteceu depois da morte de Kafka é que o Max Brod saiu editando a obra de Kafka mesmo contra a vontade dele. Até 1930 Kafka não é muito conhecido. Ele é um escritor de Praga, portanto não está dentro do grande mundo da literatura germânica.

Em 1930 um artigo elogioso do Thomas Mann faz o Kafka ficar conhecido no mundo germânico. Em 1931 é publicada *A Muralha da China*, que é uma coletânea de contos, também feita por obra do Max Brod.

Em 1932 um livreiro judeu de Berlim, Salmon Schocken, decide publicar a obra inteira.

Em 1936 publica integralmente *Descrição de uma Luta*, em 1937 publica *Os Diários de Kafka*, que começaram a ser escritos em 1910.

Aí em 1939 os nazistas já tomaram o poder na Alemanha, e também na Tchecoslováquia. A região dos sudetos, na Tchecoslováquia, foi o primeiro lugar que eles invadiram. Depois virou tudo espaço nazista. Os nazistas destruíram todas as edições Schocken. E o Max Brod foge para a Palestina, que naquela época já existia, levando com ele os manuscritos de Kafka. Foram parar numa biblioteca em Jerusalém.

Em 1941 Salmon Schocken leva os originais para Nova York e os transforma em base das suas traduções.

Em 1954 são publicadas as cartas que ele escreveu para uma de suas mulheres, a Milena, *Cartas Para Milena*.

Em 1956 a família faz um acordo com o Brod e então o Brod e o Schocken devolvem os manuscritos para a família.

Em 1961 o germanista Malcolm Pasley, um inglês que estudava literatura germânica, convenceu a família a doar todos os manuscritos de Kafka para o acervo da biblioteca Bodleian, em Oxford, na Inglaterra, exceto *O Processo*. Nesse mesmo ano Malcolm Pasley estabelece um grupo de estudiosos para reeditar as obras de Kafka sem as contribuições do Max Brod. **Quer dizer, começar do zero de novo.** Essa edições são chamadas de Edições Críticas, e são consideradas as melhores. Essa daqui não foi feita em torno de uma edição crítica, essa tradução foi feita em torno do texto que o Max Brod estabeleceu. Mas existem outras edições, não sei se em português existe, mas em inglês certamente tem, em que há uma outra versão um pouco diferente do que a que está aqui, porque se foi até a base dos manuscritos e se retirou tudo aquilo que o Max Brod havia mexido.

Em 1967 é publicado *Cartas a Felice*.

Em 1968 morre o Max Brod.

Em 1969 o escritor Isaac Bashevis Singer, que também é judeu, escreve um conto, *Um Amigo de Kafka*, onde a personagem, Jacques Kohn, que também é judeu, que teria conhecido Kafka, informa que este último acreditava na existência do golem, o personagem folclórico do judaísmo, um homem artificial criado pelo rabino Loew em Praga. **Então há uma lenda judaica de que em 1600 e alguma coisa, quando os judeus de Praga eram muito perseguidos, o rabino Loew, para tentar resolver isso, foi até o rio que banha Praga e tirou um pouco de barro, assim como Deus fez na Bíblia, e com esse barro ele**

fez um monstro chamado golem, que ajudava então a defender os judeus em Praga. Só que o tal do golem saiu do controle do rabino, e aí teve que ser destruído depois por uma mágica. A mesma mágica que o rabino usou para construir o golem, teve que usar para destruí-lo. É uma lenda judaica. E Kafka acreditava piamente na existência do golem. Ele era um sujeito com uma capacidade enorme de adesão ao sobrenatural, repararemos em seguida que isso é completamente verdade.

Em 1988, o manuscrito de *O Processo*, o único que não estava em Londres, foi vendido por Ilse Ester Hoffe, por 1,1 milhão de libras. Foi vendido para o arquivo literário alemão. **Toda a obra de Kafka, todos os manuscritos estão lá na Inglaterra, exceto esse aí que está na Alemanha.**

E aí começam as publicações das novas edições críticas: em 1982, *O Castelo*, em 1983, *América*, em 1990, *O Processo*. Portanto há uma edição feita em 1990, diferente dessa aqui - não muito diferente, mas diferente, que é a edição do Pasley, e não a do Max Brod. E, finalmente, em 2002, foi publicado um estudo famoso que propõe que as bases de *O Processo* possam ser encontradas em Dostoiévski, especificamente no livro *Crime e Castigo*.

* * *

O que é que vocês acham da vida dessa pessoa? É uma pessoa comum? Não, é um sujeito com uma vida muito original. Ele não é nem judeu totalmente, nem alemão totalmente, nem tcheco totalmente. Não se deu muito bem com as mulheres, dá para reparar que ele teve dificuldades com as mulheres. Uma briga sistemática com o pai. O pai e ele viveram sempre muito mal. É um sujeito que tinha de fato consciência da sua vocação literária. Que tinha

desconfiança de que as obras que ele não tinha acabado não eram muito boas. Que viveu muito pouco, né? Morreu de tuberculose, o que não era incomum naquela época, mas já era uma doença contornável, de certo modo. E era um sujeito que tinha uma dificuldade alimentar extraordinária. Apesar de ser de uma família judaica religiosa, ele mesmo não era muito religioso, a não ser no final da vida, em que parece que ficou.

Uma das coisas interessantes sobre o Kafka é que há um brasileiro conhecidíssimo que o conheceu pessoalmente, o Otto Maria Carpeaux. Você sabem que o Otto Maria Carpeaux é austríaco; eu sempre digo que ele é o maior intelectual que o Brasil já teve em toda a sua história. Ninguém tem a dimensão dele. Ele morreu em 1978. Ele era austríaco e viveu no império austro-húngaro até a década de 1930. Ele saiu da Europa no dia em que começou a II Guerra Mundial, portanto, algum momento em 1939. Ele é de 1900, então o Carpeaux viveu 39 anos, chegou no Brasil adulto. Três, quatro anos depois escreveu uma enciclopédia em português, escreveu a *História da Literatura Ocidental* em português... Um assombro! Nunca conseguiremos entender bem como foi isso. Mas o Carpeaux disse que estava numa festa em Viena e que havia um sujeito estranho, solitário num canto, e que ele foi lá falar com ele. Perguntou o nome dele. E ele respondeu alguma coisa como "Kaua...", porque ele já tinha a laringe totalmente tomada pela tuberculose e não conseguia mais falar com clareza. Aí ele perguntou lá pra uma pessoa na festa quem era o fulano e disseram que ele era um escritorzinho de terceira, que não tinha nenhuma importância, um sujeito meio estranho e maluco. Não deixa de ter uma certa razão, né? Mas é interessante... porque eu nunca soube de nenhuma outra pessoa que tivesse conhecido pessoalmente o Franz Kafka.

E esse homem atormentado, com uma psicologia muito especial, acabou fazendo uma das mais importantes obras literárias do século XX. A obra toda é muito interessante, esse é o autor de quem eu li toda a obra. Tem três romances, uma novela e o resto são contos. Então não é muito extenso. Você lê isso sem grandes investimentos de tempo, e toda a obra de Kafka é perpassada por um clima sinistro. Todas são obras muito sinistras e incompreensíveis, que geram no leitor alguma angústia. Então se vocês leram *O Processo* e sentiram angústia ao lerem o livro, então vocês leram certo, porque é pra sentir angústia mesmo, sentir uma certa dificuldade, uma certa falta de ar, uma certa apreensão com relação ao que vai acontecer, um certo nervosismo, tudo isso deve ter sido sentido por quem leu o livro. Se você não sentiu nada disso, você não leu o livro. Você não se deu ao trabalho, e não teve a capacidade de fingir que você estava lá vivendo tudo aquilo de verdade. Então esse seu ceticismo incurável vai condenar você a só conseguir ler manual de eletrodoméstico na vida.

ALUNOS: [risos]

PROF. MONIR: Faça alguma coisa a respeito, o máximo que você puder. Compreenderam? Quer dizer, a incapacidade de você entregar o seu coração e a sua alma para o livro... os livros são completamente vivos, não tenham a menor dúvida disso. O livro fala com você, você tem que conversar com ele. Há uma magia em volta disso. Se você não conversa com a história, ela não responde as perguntas que você quer que sejam respondidas. Então eu espero que vocês que são aí estátuas pétreas de ceticismo, que pelo menos agora na leitura do resumo vocês cedam um pouco desse ceticismo empedernido e aproveitem para viver um pouquinho todos os horrores que

a personagem Josef K. aqui dessa história viveu. Fala-se “Iosef” K. porque em alemão a letra jota tem som de i. De vez em quando você encontra umas Sonjas por aí que não são Sonjas, são Sônias. Nós sabemos que a personagem se chama Josef (José) K. Não sabemos o que é que significa K, mas é óbvio que a lembrança, a relação com K de Kafka é muito alta, não é isso? Há uma certa autobiografia nessa história? Com certeza. Ninguém é capaz de escrever um livro a partir de elementos absolutamente arbitrários e absolutamente imaginativos. O que você escreve no livro é um pouco do que você viveu. Mas também, nós não temos o direito de supor que esse livro é uma biografia do Kafka, porque também não é. Então o certo é fazer de conta que é uma história fictícia mesmo. Está certo, pessoal? Vamos enfrentar o livro, então?

Resumo da Narrativa

O Processo, que começou a ser escrito na segunda semana de agosto de 1914, está entre as obras de Kafka não publicadas em vida cujos manuscritos deveriam ter sido destruídos por Max Brod a pedido escrito do autor. Apesar disso, Brod decidiu editá-la, tendo de lidar com o fato de os capítulos não estarem revistos e numerados e vários deles estarem incompletos.

PROF. MONIR: Então, o que aconteceu é fundamentalmente assim: o Kafka deixou o livro com os capítulos separados dentro de envelopes e não colocou um, dois, três... Ele botou lá um título, pegou um pedaço de papel, que ele escreveu a mão, obviamente, e colocou no envelope. Havia vários envelopes, que eram os capítulos do livro. Alguns desses capítulos não estavam terminados, outros estavam muito precariamente terminados. Então o que o Max Brod fez? Ele tinha que estabelecer primeiro a sequência

dos capítulos, porque não estava estabelecido pelo Kafka e, segundo, tinha que terminar alguma coisa. Então é isso que ele fez.

O texto trabalhado por Max Brod, chamado “edição definitiva”, no entanto, tem aspectos discutíveis, quando é levada em conta a coerência interna da obra. Segundo certos estudiosos, o capítulo quarto poderia estar melhor entre o primeiro e o segundo e o capítulo nono talvez devesse ser o capítulo sétimo. Alimentadas pela polêmica, há outras edições da obra com uma ordem diferente de capítulos, como a edição francesa. Estas outras edições são chamadas “edições críticas” ou “edições Fischer”.

PROF. MONIR: Por causa da Editora Fischer que as lançou. Então é assim, o capítulo do inverno vem antes do capítulo do outono, determinados fatos estão invertidos, mas isso tudo não tem a menor importância, em última análise, porque não vai destruir a visibilidade que nós temos da obra, não vai nos impedir de apreciá-la na sua totalidade.

O presente resumo é baseado na tradução de Modesto Carone (Companhia das Letras, São Paulo, 2004), por sua vez feita a partir da edição definitiva de Max Brod. Os títulos dos capítulos correspondem aos nomes sobrescritos por Kafka nos envelopes onde estavam guardados separadamente os capítulos originais.

Além da polêmica sobre a ordem dos capítulos, existem fragmentos, não resumidos aqui, de outros capítulos planejados para a obra que não puderam ser aproveitados no corpo do romance.

PROF. MONIR: Então vocês percebem aí que há uma dificuldade, mais uma dificuldade que não precisava existir. Não vai no entanto nos atrapalhar

porque a obra, seja do jeito que for, está profundamente acessível. E a história que vocês vão ler agora é uma história tenebrosa. Ela acontece com um fulano chamado Josef K. Ele é um sujeito que tem trinta anos, que é um funcionário de um banco. A história se passa em Praga, a não ser por uma ou outra indicação de alguma espécie de instrumento, essa história é atemporal. Poderia se passar em Praga em qualquer época. Sabemos que é no mundo moderno, no século XX, porque há automóveis e telefones, mas nenhuma dessas duas coisas faz muita diferença. De modo que é uma história atemporal, não é uma história que tenha data, e ela se passa em Praga. Todas as referências que estão aqui existem em Praga, existem excursões para Praga só para ir visitar a igreja, para visitar a casa onde teria morado o Josef K., e coisas do gênero. A personagem central é esse sujeito que parece muito com Kafka, que é um sujeito que tem uma vida comuníssima. Ele mora num quarto, numa pensão. Todos os dias ele levanta e vai pro banco. Vem uma cozinheira da pensão, traz o café no quarto, e aí ele vai embora, vai trabalhar no banco, onde trabalha como procurador. Por isso entende-se um cargo com uma certa importância, mas não demais, porque o procurador do banco é o sujeito que assina os cheques em nome do banco. Eu já fui procurador de banco e não era grande coisa como funcionário. O procurador é um cargo de certa confiança, mas não é grande coisa.

Ele é um sujeito comum, solteiro, tem uma namorada que trabalha em um negócio suspeito, parece que ela é garçonete de uma boate, há uma certa suspeição em torno da namorada do Josef K. Ele tem uma atitude normal, assim, é uma pessoa que na rua não chamaria atenção se você a visse. No entanto, a vida desse homem é completamente transtornada logo no primeiro momento em que começa a narração do romance. Porque é um romance, tecnicamente. Podemos começar?

Capítulo Primeiro

Detenção. Conversa com a senhora Grubach. Depois com a senhorita Bürstner.

Alguém certamente havia caluniado Josef K., pois uma manhã ele foi detido sem ter feito mal algum. A cozinheira da senhora Grubach, sua locadora, era a pessoa que lhe trazia o café todos os dias por volta das oito horas, mas dessa vez ela não veio. Isso nunca tinha acontecido antes. (pág. 9)

PROF. MONIR: A história começa, portanto, com esse choque. Pela primeira vez a cozinheira não traz o café para o Josef K. na pensão onde ele morava. Dizer que ele deve ter sido caluniado significa que se tinha uma impressão positiva dele, que ele não deve ter cometido nenhum crime.

Joseph K., o herói da narrativa, acorda na manhã do seu trigésimo aniversário na expectativa de receber seu café da manhã, trazido pela cozinheira Anna, como todos os dias. O que ele recebe, na verdade, são dois agentes policiais, Franz e Willem, que lhe comunicam sua prisão.

-Não – disse o homem junto à janela, atirando o livro sobre uma mesinha enquanto se erguia. – O senhor não tem permissão para sair. O senhor está detido.

- É o que parece – disse K. – Mas por quê? – perguntou então.

- Não fomos incumbidos de dizê-lo. Vá para o seu quarto e espere. O procedimento acaba de ser iniciado e o senhor ficará sabendo de tudo no devido tempo. Ultrapasso os limites do meu encargo quando me dirijo com tanta amabilidade ao senhor. Mas espero que ninguém mais ouça, além de Franz, e até ele é amável com o senhor, contra todos os regulamentos. Se

continuar tendo tanta sorte como na indicação dos seus guardas, pode ficar confiante.

K. desejava sentar-se, mas viu então que não havia outro assento na sala além da cadeira perto da janela.

-O senhor ainda vai perceber como tudo isso é verdade – disse Franz, andando ao mesmo tempo que o outro homem em direção a K. (págs. 11-12)

PROF. MONIR: Então aí já começou a ter uma situação estranha, porque chegam dois policiais na casa de Joseph K., no dia do seu aniversário, e comunicam que ele está preso. Só que eles não comunicam por que razão ele está preso; a razão ele até aquele momento não sabe qual é. E esse funcionário com quem ele está falando, que é um dos guardas, está dizendo que ele tem muita sorte de estar sendo tratado com amabilidade. E que eles não podem dizer por que razão ele está preso. Parece estranho, isso? É levemente estranho. Mesmo que a gente desconsidere as diferenças entre os sistemas jurídicos, não tem importância. Seja qual for o sistema jurídico, parece uma coisa estranha.

Josef K., vestido com um camisolão, protesta, pede para falar com o chefe deles, pensando tratar-se de uma piada de alguém do banco, onde ele trabalha em “posto relativamente alto”. Os agentes tentam ficar com as roupas debaixo dele – já que no depósito seriam inevitavelmente roubadas - comem o seu café da manhã e pedem-lhe dinheiro para comprar-lhe um lanche num café decadente do outro lado da rua.

Já em traje negro, encontra, no quarto ao lado, da senhorita Bürstner, o inspetor que lhe confirma a prisão, mas não lhe comunica a razão.

Não posso absolutamente lhe dizer que é acusado, ou melhor: não sei se o é. O senhor está detido, isso é certo, mais eu não sei. Talvez os guardas tenham tagarelado outra coisa, mas aí foi só tagarelice. Mesmo, porém, que eu não responda às suas perguntas, posso entretanto aconselhar o senhor a pensar menos em nós e no que vai acontecer e mais em si mesmo. E não faça tanto alarde do seu sentimento de inocência, isso perturba a impressão não exatamente má que de resto o senhor transmite. Deveria também ser mais reservado ao falar; quase tudo o que disse antes poderia ter sido deduzido do seu comportamento, ainda que tivesse dito apenas algumas palavras; além disso, não foi nada de extremamente favorável para o senhor. (pág. 22)

PROF. MONIR: Bom, aqui está o Josef K. querendo saber de qualquer jeito porque é que ele está preso, e o chefe dos dois lá diz pra ele que não sabe, nem sabe se ele é acusado de alguma coisa, só sabe que ele está preso. E que não é bom pra ele, Josef K, ficar alardeando inocência desse jeito. Porque até agora ele tinha causado uma boa impressão, e que ficar falando o tempo todo que é inocente pode ser visto como uma coisa antipática pela polícia. Parece uma situação comum essa, vocês veem isso como uma situação normal? Não. É uma situação muito estranha. Ninguém conta pra você por que você está preso. Os sujeitos dizem lá que é melhor ficarem com a roupa, sobretudo íntima do acusado, porque quando elas forem mandadas para um depósito, para onde vão as roupas de todos os acusados, elas serão roubadas; comem o café da manhã dele e depois pedem para que ele lhes dê dinheiro para comprarem o café do outro lado da rua. Não é uma situação muito estranha? Parece uma situação meio estranha. Alguém tem a sensação de que isso é normal? Se tiver... já vai perder, tá? Porque a coisa fica muito pior daqui para frente. Vamos ver o que acontece.

Junto com o inspetor estão três funcionários subalternos do Banco, Rabensteiner, Kaminer e Kullich que olham com curiosidade as fotografias na parede do quarto da senhorita Bürstner.

PROF. MONIR: Para tornar as coisas ainda mais estranhas, a polícia se instalou no quarto da vizinha do Josef K., e estão presentes lá três funcionários subalternos do banco. Não é uma coisa mais estranha do que antes? Por que logo três funcionários? Logo esses três estão presentes lá? Olhando as fotografias da parede... O que será que tudo isso significa?

Assim que K. os reconhece, os despacha com irritação. Na sua opinião, Rabensteiner é preguiçoso, Kaminer é patético e Kullich estúpido. Josef parte para o trabalho, apesar de estar detido.

- Como posso ir ao banco se estou detido?

- Ah, sim – disse o inspetor, que já estava perto da porta. – O senhor me entendeu mal. É claro que o senhor está detido, mas isso não deve impedi-lo de exercer sua profissão. Tampouco deve ficar tolhido no seu modo de vida habitual.

- Então estar detido não é tão ruim – disse K. e se aproximou do inspetor.

- Nunca afirmei o contrário – replicou este. (pág. 25)

PROF. MONIR: Esta situação vai ficando mais estranha, ou mais normal? Agora o sujeito, apesar de estar detido, pode trabalhar, não tem problema nenhum. Vocês sabem que por causa do Kafka nasceu no mundo em todas as línguas uma expressão, um adjetivo, que você aplica a situações que são completamente absurdas. Então toda a vez que alguém disser assim “estou vivendo uma situação kafkiana”, é porque está vivendo uma situação

estranha como essa, em que as coisas não parecem fazer nenhum sentido. Tudo que a pessoa tinha de referência, desapareceu. Tudo é estranho e completamente incompreensível, é isso que o Josef K. está vivendo aí. Não é apenas esse livro que é assim, todos os outros são assim, exceto os primeiros contos daquela coleção *Betrachtung*, que não são normais, não, mas são mais convencionais. O resto é tudo assim. Continuamos.

Ao voltar para casa naquela noite, tendo se esquecido do compromisso marcado com sua namorada Elsa, que trabalha num cabaré, conversa com a locatária, a senhora Grubach. Pede desculpas pela confusão; ela diz estar tudo bem, mas insinua que as razões da detenção podem estar ligadas a uma eventual relação de K. com sua vizinha, cujos hábitos noturnos ela condena.

PROF. MONIR: É, a vizinha é essa em cujo quarto a polícia andava, que é a tal da Bürstner, que é uma secretária, mas que chega sempre muito tarde em casa. E a Frau Grubach, que é a senhoria, diz para o K. que talvez ele tenha sido pego por causa dela. Apesar de que ele e ela não são muito chegados, ele não tem ligações muito próximas com a vizinha, o Josef K. No entanto, a Frau Grubach imagina isso e faz insinuações um pouco comprometedoras sobre a vida da moça, insinuando que a Frau Grubach é alguma espécie de prostituta.

Josef K., que quase nunca fala com a vizinha, a interrompe: *“A senhora está indo por um caminho inteiramente errado – disse K. furioso e quase incapaz de escondê-lo”*. Vai para o quarto, mas não consegue dormir. Fuma um charuto e às onze e meia, a senhorita Bürstner, uma datilógrafa, chega em casa. Josef, percebendo os ruídos, vai falar com ela e relata-lhe os acontecimentos da manhã. Como o quarto havia sido totalmente arrumado pela senhora Grubach, a datilógrafa não

parece interessada e responde com comentários vazios para se livrar dele. Uma forte batida na porta do quarto ao lado os interrompe e Josef sai se desculpando, não sem antes agarrá-la e beijá-la com grande atrevimento.

- Já vou – disse K.; correu para a frente, agarrou-a, beijou-a na boca e depois no rosto inteiro, como um animal sedento que passa a língua sobre a fonte de água finalmente encontrada. (pág. 43)

PROF. MONIR: E aqui há de se gastar um minuto com essa situação. Ele chega em casa de noite e procura a vizinha para explicar que aquela invasão no quarto dela tinha sido culpa dele, involuntariamente, mas ela não está em casa. Então ele espera. A Frau Grubach não gosta da inquilina e sugere que os problemas dele possam estar ligados a ela, apesar de que ele não tem com a Bürstner nenhuma grande ligação. Quando ele a encontra, ela se comporta de modo muito arredoio, muito resistente a ele. E ela não liga muito, porque aparentemente tudo está no lugar. Então tem um momento em que ele é tomado por um desejo enorme por ela, ele mais ou menos a agarra. E o Kafka diz que ele saciou o desejo de beijá-la tal como um “animal que passa a língua na fonte de água finalmente encontrada”. Ou seja, ele estaria vivendo uma situação de enorme carência.

Ele também não vai encontrar a namorada, logo no dia do aniversário dele. Ele se esquece de ir ao compromisso que havia marcado com ela - a namorada trabalha num cabaré, num café, num lugar de diversão noturna, em que é garçomete.

E acaba o primeiro capítulo, que nos dá a impressão de que alguma coisa muito estranha está acontecendo na vida de Josef K. De uma vida muito

tranquila, convencional, ele passou por uma experiência quase inexplicável, em que é acusado de alguma coisa que ninguém lhe diz o que é. Tem a sua casa invadida, é declarado detido, três pessoas do banco vêm junto, logo a história toda é contada no banco (deve ser), e há uma situação estranhíssima com a vizinha, que se agrava neste momento. Bom, esse é o primeiro dia de Josef K., contado na história. Não parece um dia muito comum, né? Parece um dia meio kafkiano, o dia em que vocês tiverem um dia meio parecido vocês podem dizer que “hoje eu tive um dia kafkiano”, que estará absolutamente legitimado o comentário. Vamos ao segundo dia, capítulo segundo.

Capítulo Segundo

Primeiro Inquérito

Josef K. recebe ligação no escritório que o manda comparecer, sem dizer a hora, à rápida audiência no domingo, dia que teria sido escolhido para não perturbá-lo na sua vida profissional. Tentando adivinhar o horário do compromisso, ele comparece ao endereço indicado num subúrbio pobre e descobre tratar-se de um grande prédio residencial, sem placas que indicassem uma repartição pública. Josef erra pelo prédio.

... brincando mentalmente com a lembrança de uma expressão do guarda Willem, segundo a qual o tribunal é atraído pela culpa, de onde, na verdade, se seguia que a sala de audiência deveria ficar na escada que K. escolhesse ao acaso. (págs. 49-50)

PROF. MONIR: As coisas estão ficando mais estranhas. Então ele é convocado a ir a uma audiência judicial, num determinado lugar, sem que ele saiba o horário, domingo. Aí ele chega nesse endereço e encontra uma casa residencial, uma espécie de prédio de apartamentos, e não há nenhuma placa, nenhuma indicação de que ali funciona um tribunal. Ele não sabe onde é o tribunal. No entanto, ele lembra que um dos guardas tinha dito que o tribunal é atraído pelo crime. Então ele faz uma piada com ele mesmo, que basta ele pegar a primeira escada, que o tribunal vai estar logo à frente. Então a primeira audiência judicial é muito estranha. Ele está num lugar muito estranho, numa hora muito estranha, num dia muito estranho, tentando encontrar uma sala de audiências absolutamente invisível dentro daquele prédio. Mas vamos ver se ele consegue.

Uma pequena mulher lavando roupas de criança finalmente indica o tribunal. A corte está acomodada numa pequena sala superlotada com teto baixo, onde só se consegue ficar em pé com as costas batendo no alto.

PROF. MONIR: Isso é uma coisa normal? Que o teto seja tão baixo que só se consiga ficar em pé curvado? Essa é a sala do tribunal onde o Josef vai dar depoimento agora. Não parece estranho?

Há um magistrado baixinho, gordo e ofegante acomodado sobre um tablado e uma audiência de homens vestidos de preto, idosos na maioria, de aparência importante. Josef K. é censurado por ter chegado atrasado e lhe é perguntado se é pintor de paredes.

PROF. MONIR: Muito bem. Então não só ele é culpado de chegar atrasado a uma audiência cuja hora ele não sabia, como o tribunal que o convoca não

sabe a profissão dele, pergunta se ele é pintor de paredes. Vamos ver como ele responde.

Irritado, declara que é primeiro procurador de um grande banco. Aproveita para declarar à audiência o quanto aquela corte é ridícula e confusa; diz que a coisa toda é uma farsa, uma conspiração e que não viria mais a inquéritos.

PROF. MONIR: O Josef K. a essa altura está muito irritado, e na hora então que perguntam se ele é pintor de paredes ele resolve desafiar a corte. E faz um discurso esculhambando aquele negócio. Vamos ver o que ele diz.

- Não há dúvida – disse K. em voz bem baixa, pois a escuta tensa de toda a assembléia lhe dava prazer, emergia desse silêncio um sussurro mais estimulante que o aplauso mais arrebatado -, não há dúvida de que por trás de todas as manifestações deste tribunal, no meu caso por trás da detenção e do inquérito de hoje, se encontra uma grande organização. Uma organização que mobiliza não só os guardas corrompíveis, inspetores e juizes de instrução pueris, no melhor dos casos simplórios, mas que, além disso, de qualquer modo, sustenta uma magistratura de grau elevado e superior, com o seu séqüito inumerável e inevitável de contínuos, escriturários, gendarmes e outros auxiliares, talvez até de carrascos, não recuo diante dessa palavra. E que sentido tem essa grande organização, meus senhores? Consiste em prender pessoas inocentes e mover contra elas processos absurdos e na maioria das vezes infrutíferos, como no meu caso. Diante dessa falta de sentido do conjunto, como evitar a pior das corrupções entre os funcionários? É impossível, nem o supremo magistrado teria êxito. É por isso que guardas tentam roubar a roupa do corpo dos detidos, é por isso que inspetores invadem casas alheias, é por isso que inocentes devem ser aviltados, ao invés

de inqueridos diante de assembléias inteiras. Os guardas só falaram em depósitos, para os quais se leva a propriedade dos detidos; eu gostaria de ver uma vez esses lugares, onde apodrecem os bens duramente conquistados dos detidos, quando não são furtados por funcionários gatunos. (págs. 61-62)

PROF. MONIR: E aí? A essa altura ele faz um discurso esculhambando completamente a tal da corte. Não é isso que ele faz? Diz que aquilo é uma farsa, uma piada, uma conspiração, um conjunto de gatunos e trapaceiros que organizam aquilo. Ele não dá uma esculhambada? É uma coisa normal que alguém faça isso? Vocês já viram alguém falar isso para um juiz? Não deve ser muito comum que alguém faça um discurso desse tipo para um juiz. No entanto, Josef K., irritado com aquela situação esquisita e maluca, faz esse discurso.

Josef K. e a sessão são interrompidos por chiados produzidos por um homem que havia puxado a lavadeira para dentro da sala, a levava para um canto e a comprimia contra a parede. Na medida em que a cena começa a crescentemente chamar a atenção, e a sessão se dissolve, K. abre caminho pela multidão e vai embora, não sem antes ouvir do juiz de instrução postado à porta:

- Só queria chamar a sua atenção – disse o juiz – para o fato de que o senhor hoje – isso ainda não deve ter chegado à sua consciência – se privou da vantagem que um inquérito, de qualquer modo, representa para o detido.

K. riu, fitando a porta.

- Seus vagabundos – exclamou -, podem ficar com todos os seus inquéritos. (pág. 64)

PROF. MONIR: Na hora em que o K. está indo embora, o juiz de instrução está na porta, e fala assim: “Olha, o senhor acabou de dizer que não quer mais prestar depoimento. Não sei se o senhor está percebendo, mas isso implica perder algo que beneficia o acusado.” K. respondeu: “Não quero saber não, fiquem com seus inquéritos, seus vagabundos.” É uma maneira normal de fazer uma contestação? Quer dizer, vocês acham que esta situação parece normal? Não parece muito normal, né? O K. é um sujeito, portanto, que é pego em uma situação que ele não entende, uma situação esquisitíssima, em que tudo parece fora do lugar, tudo parece estranho, nada parece acontecer como se espera num procedimento de natureza judicial. Está claro isso? O K. não entendeu nada... vocês entenderam alguma coisa? Vocês muito menos ainda. Mas não é de fato para entender nada, pois se trata agora de uma situação kafkiana, em que o absurdo da situação está sendo proposto aqui pelo autor. Ele quer que nós fiquemos angustiados, que nós nos sintamos como o Josef K., que quanto mais ele se envolve com o assunto, pior as coisas vão ficando. Vamos ver o que acontece em seguida.

Capítulo Terceiro

Na sala de audiência vazia. O estudante. Os cartórios.

Arrependido, no domingo seguinte, K. decide voltar à corte para conversar com o juiz de instrução, mas não acha ninguém, exceto a mesma mulher da semana anterior.

PROF. MONIR: Que é a lavadeira. Aquela que indicou a sala, depois entrou na sala com outro e tirou a atenção.

Não há pessoas na sala, mas o ambiente agora é uma residência com móveis e utensílios domésticos. Ela explica que mora ali com o marido, mas desocupa inteiramente a sala nos dias de audiência.

PROF. MONIR: É uma coisa normal? Que agora tenham colocado móveis, cama, sei lá, fogão, que tenha virado uma casa normal e que nos dias de audiência tira-se tudo dali e coloca-se outra coisa no lugar? Eu imagino que os fóruns às vezes têm um problema equivalente a esse... mas isso não se espera que seja assim na justiça. É uma situação estranhíssima você voltar àquele lugar e agora ser uma casa, não mais um tribunal.

Desculpa-se pela confusão da semana anterior e culpa Bertold, um estudante de direito, que a tem perseguido apesar de ela ser casada com um oficial de justiça. Imaginando tratar-se de livros técnicos, Joseph examina os livros deixados pelo juiz sobre a mesa e conclui que ele tem gosto por literatura erótica. Um deles chama-se *Os tormentos que Grete teve de sofrer com seu marido Hans*.

PROF. MONIR: A história do *João e Maria* em alemão chama-se *Grete und Hans*.

A lavadeira propõe se a ajudar, alegando ter grande influência sobre o juiz de instrução, comentando que, depois da audiência, o magistrado havia escrito um relatório sobre o caso dele e depois tinha vindo vê-la dormir junto do marido. Seu prestígio seria tão grande que o juiz até lhe teria dado meias de seda. Ela as mostra com orgulho, mas comenta desanimadamente que as meias seriam inadequadas para ela.

PROF. MONIR: Isso é uma coisa normal? O magistrado escreveu um relatório sobre a tal da audiência, depois foi vê-la dormir com o marido. O marido não acordou, aqui não diz, mas é porque ele tem sono profundo. Além disso o magistrado dá meias de presente pra ela. Vocês imaginam que essa é uma situação que pode acontecer realmente? É tudo muito estranho, não é mesmo?

A mulher oferece-se: *"Se me levar, vou aonde quiser, pode fazer comigo o que quiser, serei feliz se ficar o maior tempo possível longe daqui, de preferência para sempre"*. Neste momento, Bertold, o estudante, que havia entrado na sala e os observava de longe, intervém. Bertold e Josef discutem.

- Não deveriam tê-lo deixado circular com tanta liberdade – disse o estudante, como se quisesse dar à mulher uma explicação para as palavras ofensivas de K. -, foi um erro. Eu disse isso ao juiz de instrução. Precisavam no mínimo retê-lo no seu quarto entre os inquéritos. Às vezes o juiz de instrução é incompreensível.
- Conversa inútil – disse K. e estendeu a mão para a mulher. – Venha.
- Ah, isso não – disse o estudante. – Com ela você não fica, não. (pág. 75)

O estudante a agarra e a leva embora, supostamente para o juiz de instrução. K. os persegue pelo prédio, mas os perde de vista.

Sem saber o que fazer, Josef encontra um aviso de "Acesso aos cartórios dos tribunais". Enquanto medita sobre as diferenças nas precárias instalações daquele lugar comparadas às confortáveis do banco, aparece o oficial de justiça, marido da lavadeira, que o reconhece e reclama de Bertold estar perseguindo sua mulher (apesar de ela o aceitar de bom grado, já que o estudante é alguém que poderá ser juiz um dia) e como adoraria que K. desse uma lição no universitário.

- Por que logo eu? – perguntou K. atônito.
- O senhor é um acusado – disse o oficial de justiça.
- Sim – disse K. – mas por isso mesmo deveria ter mais medo de que ele influenciasse, se não o resultado do processo, pelo menos o sumário de culpa.
- Sem dúvida – disse o oficial de justiça, como se o ponto de vista de K. fosse tão correto quanto o seu. – Mas, via de regra, entre nós não se movem processos à toa. (pág. 80)

PROF. MONIR: Vocês não acham assustador esse comentário: “Entre nós não se movem processos à toa”? O que o marido da lavadeira quer dizer com isso? Quer dizer que o K., na opinião dele, já está mesmo perdido, portanto dar uma surra no estudante de direito não faria a menor diferença. “Não se movem processos à toa” quer dizer que se se moveu um processo contra ele, é porque ele está condenado. Agora, já que ele já está condenado, o marido da lavadeira não acha nada de mal no K. ir lá e encher de bolacha o Bertold, que ficava transando com a mulher dele. Não é uma coisa um pouco preocupante, isso?

K. está tentando descobrir do que ele está sendo condenado ou pelo menos acusado, e como ele consegue interferir sobre isso. E ele tá conseguindo fazer isso? Não. Ele vai de novo no mesmo lugar da audiência, encontra uma casa de família, aí encontra a mulher e ela é mais ou menos raptada pelo Bertold. Este o agride e ele discute com o Bertold, depois ele encontra o oficial de justiça, marido da mulher, que insinua que ele, Josef K., não tem salvação, porque esse tribunal não abre nenhuma acusação sem que tenha um bom respaldo jurídico. A situação desse cara não está ficando ruim? Muito, né? Cada vez pior.

Ambos caminham conversando pelo labirinto de cartórios escuros no prédio. No percurso dão com uma sala de espera onde homens esperam para receber notícias de seus casos e se levantam respeitosamente quando os dois passam.

- Como eles devem estar humilhados.

- Sim – disse o oficial de justiça -, são acusados, todos os que o senhor está vendo aqui são acusados. (pág. 82)

K. desvencilha-se do oficial de justiça e tenta sair imediatamente, mas se perde. Vai ficando crescentemente indisposto com o peso do ar irrespirável dos cartórios e começa a perder os sentidos, senta-se e é atendido por uma escriturária e por um encarregado das informações.

Mas a jovem foi a primeira a reconhecer que a base do comportamento de K. era um ligeiro mal-estar; ela trouxe uma cadeira e perguntou:

- O senhor não quer se sentar?

K. sentou-se imediatamente e, para ter uma sustentação melhor, apoiou os cotovelos no braço da cadeira.

- O senhor está com um pouco de tontura, não é? – perguntou a K.

Agora o rosto dela estava próximo a ele, mostrava a expressão severa que algumas mulheres têm justamente na flor da juventude.

- Não se preocupe – disse ela -, aqui isso não é nada de extraordinário, quase todos têm um acesso desses quando vêm para cá pela primeira vez. (pág. 87)

Josef é finalmente conduzido para fora do prédio, trêmulo e decidido a não voltar mais.

Estava como que mareado. Acreditava encontrar-se num navio em mar grosso. Para ele, era como se a água se precipitasse contra as paredes de madeira, como se do fundo do corredor chegasse um estrondo de águas dobrando sobre si mesmas, como se o corredor balançasse no sentido da sua largura, e como se as partes interessadas subissem e descessem dos dois lados. Por isso, tanto mais incompreensível parecia a tranqüilidade da

moça e do homem que o conduziam. Ele estava entregue aos dois, se eles o largassem, cairia como uma tábua. Dos pequenos olhos de ambos partiam de cá para lá olhares agudos; K. sentia as passadas regulares dos dois, sem poder acompanhá-los, pois era arrastado quase passo a passo. Finalmente notou que os dois falavam com ele, mas não os entendia, só ouvia o barulho que preenchia tudo e através do qual, como uma sirene, um som alto e imutável parecia retinir. (pág. 93)

PROF. MONIR: E a situação do Josef é uma situação muito lamentável, ele passou mal no cartório, ele sente-se tonto, ele não entende nada do que está acontecendo, no entanto tudo aquilo está de fato acontecendo. E a questão é saber o que acontecerá ainda nesse episódio em que o Josef K. está sendo acusado de um crime que ele não tem a menor ideia do que se trata, não sabe de nada sobre o crime e ele não consegue em nenhum lugar nenhuma explicação e todo o mundo que fala com ele dá a impressão de que ele está previamente condenado. A sensação de que ele não consegue se defender e que ao tentar se defender ele apenas piora a situação, é a situação, digamos assim, psicológica dominante na cabeça do nosso herói, Josef K., o procurador do banco que no dia do seu aniversário é preso sem nenhuma explicação.

Capítulo Quarto

A amiga da senhorita Bürstner (fragmento).

PROF. MONIR: Esse pedaço do livro é apenas um fragmento, quer dizer, é muito pequeno, um fragmento que ficou inacabado, e o Max Brod não continuou. Então é um pedaço que tem uma importância menor na história do que os outros.

Josef tenta falar com a senhorita Bürstner de novo, mas ela nunca está. O procurador envia-lhe cartas que ela não responde. Certo dia, percebe ruídos no quarto ao lado e descobre que a senhorita Montag, uma professora de francês “*frágil, pálida, que mancava um pouco*”, estava se mudando do seu próprio quarto para morar com a senhorita Bürstner.

PROF. MONIR: *Montag* em alemão é segunda-feira.

Josef interroga a senhora Grubach, que lhe confirma a mudança. K. imagina uma manobra para dificultar-lhe o acesso à vizinha e procura a senhorita Montag que, na sala de refeições, não lhe explica a razão da mudança, mas lhe diz que a senhorita Bürstner não quer falar com ele. A senhorita Montag parece esconder alguma participação no assunto do capitão Lanz, sobrinho da senhora Grubach que mora na casa. Josef K. medita no significado de tudo aquilo.

PROF. MONIR: Ele não entende porque é que não consegue falar com a vizinha. Desde aquele episódio da invasão e depois do beijo noturno, ele não conseguiu mais falar com ela. Para ficar muito mais estranho ainda, a senhorita Montag vai morar no quarto da vizinha. Na verdade, o significado desse capítulo aí ficou muito misterioso porque ele seguramente poderia ter tido um tamanho três, quatro vezes maior e o Kafka nunca terminou. Então ele ajuda um pouquinho, mas é um capítulo um pouco misterioso na história, o que nos remete para o capítulo quinto, O espancador.

Capítulo Quinto

O espancador.

Certa noite, ao sair do banco, K. ouviu gemidos atrás de uma porta que supunha ser um quarto de despejo. Abre a porta e encontra Franz e Willem, os guardas que o prenderam no dia de seu aniversário, sendo surrados com uma vara por um homem vestido *“numa espécie de roupa escura em couro, que deixava o pescoço nu até o peito e os braços inteiramente à mostra”*.

PROF. MONIR: É uma coisa normal, isso? No banco? Você no banco abre uma porta, assim, e tem lá os dois guardas que haviam te prendido sendo surrados por um sujeito com roupas nitidamente de sadomasoquismo. No banco onde você trabalha, numa sala de despejo?

O pequeno e baixo quarto está iluminado apenas por uma só vela.

PROF. MONIR: Vocês repararam como cronicamente nessa história todos os ambientes que são vivenciados aqui são ambientes escuros, mal iluminados, e de teto baixo? Repararam que não dá pra ficar em pé em lugar nenhum? E que o teto é sempre baixo e é sempre escuro, e sempre há uma iluminação precária?

A dupla explica: *“Senhor, devemos ser espancados porque se queixou de nós para o juiz de instrução”*. Franz e Willem pedem-lhe que interceda por eles, contam os seus problemas, mas o carrasco está obstinado em cumprir o seu dever. Josef tenta suborná-lo, mas ele não aceita, com medo de ser denunciado também. Por fim, tenta retirá-los do quarto, mas é impedido. Com a chegada de funcionários, atraídos por um grito de Franz, K. sai do quarto, para impedir que os contínuos

ainda remanescentes no prédio o surpreendam negociando com aquela gente. Como não consegue esquecer o episódio, no dia seguinte à mesma hora volta ao quarto e dá com a mesma cena. Desta vez, bate a porta e grita para alguém limpar o quarto.

PROF. MONIR: É uma coisa normal isso? Vejam, ele presencia essa cena completamente inusitada e originalíssima. No dia seguinte ele abre a porta e está lá a mesma cena... só que dessa vez ele não se dá ao trabalho de falar nada, ele simplesmente bate a porta, supondo que ele estava alucinando a cena, que ele havia apenas imaginado aquilo, que nada daquilo era verdade, de fato. E a situação do Josef K. vai ficando cada vez mais estranha. Porque agora ele não sabe mais o que é verdade e o que não é, está em dúvida sobre se ele está vivenciando uma coisa real ou não está. Existem muitas e muitas interpretações das obras de Kafka. Como é uma obra muito original, ela permite muita interpretação. Então há, certamente, interpretações aos montes que lidam com essa situação do Josef K. de ele estar alucinando alguma coisa. Trata-se de alguém que não sabe de fato que está vivendo numa espécie de sonho. Vocês não tem essa sensação de que ele está vivendo numa espécie de sonho? Mais para pesadelo... mas alguma coisa meio incompreensível em termos lógicos.

Capítulo Sexto

O tio. Leni.

O tio e antigo tutor de Josef, Karl K. (ou Albert K.), um pequeno proprietário rural, o visita no escritório. Avisado da situação de Josef por Erna, sua filha que morava numa cidade próxima a Praga (a mesma onde morava a mãe de K.), veio do

interior, preocupado com o caso do sobrinho e se oferece para ajudá-lo.

- Josef – exclamou o tio querendo se desvencilhar dele para poder ficar parado, mas K. não o deixou -, você está mudado, sempre teve uma capacidade de compreensão tão correta, e logo agora ela o abandona? Quer perder o processo? Sabe o que isso significa? Significa que vai ser simplesmente riscado do mapa. E que todos os parentes também serão arrastados, ou pelo menos humilhados até o chão. Josef, concentre-se. Sua indiferença me tira do sério. Quando se olha para você, quase que se acredita no ditado: Ter um processo desses já significa tê-lo perdido. (pág. 121)

PROF. MONIR: E agora? O tio vem ajudá-lo, vem do interior, e diz assim: “Olha, você precisa fazer alguma coisa, porque a sua situação é ruim”. O que é muito estranho nessa situação é que o tio já soubesse de tudo, do mesmo modo que a lavadeira já sabia de tudo. Já repararam num outro fato interessante desta história, que todas as pessoas em volta já sabem que o Josef K. é acusado? Mas nenhuma pessoa lhe diz nunca, em nenhum momento, do que é que ele é acusado, nem por que é que ele está sendo processado pela lei. E aqui, também, o tio aparece do interior com a convicção de que ele está numa situação muito grave, muito embora ele não tenha a menor ideia do porquê. E o tio diz assim pra ele: “Olha, há um ditado que diz que ter um processo desses é absolutamente garantia de perder, porque esse processo não se ganha”. E é a segunda profecia sinistra que é feita sobre o assunto. A primeira foi do oficial de justiça, e a segunda agora é a do próprio tio, que veio do interior, e que tem dois nomes. Ele é chamado de Karl ou de Albert; nós não sabemos se é um engano do Kafka – é possível que seja, pode ser que o Kafka tenha ficado em dúvida entre os dois nomes, - mas também pode ser que seja mais um detalhe diabólico desta história, em que o tio tem dois nomes e os nomes se alternam durante todo o tempo. Continuamos.

Nos mesmos subúrbios onde ficam os cartórios, vão juntos visitar um velho colega de escola do tio, o advogado Huld, que está muito doente, mas que conheceria bem o caso de Josef. Após alguma demora à porta, são conduzidos, à luz de vela, ao quarto do causídico por Leni, uma jovem enfermeira.

PROF. MONIR: Um causídico é um advogado. Então eles chegam lá no prédio onde mora o advogado, no mesmo bairro onde está o tribunal que ele vai pela primeira vez, e a Leni conduz os dois, o tio e o sobrinho, até o quarto do advogado, guiando-os por luz de vela. Mais uma vez estamos vendo aí uma situação em que não há luz, a escuridão predominando.

Huld, que fez carreira defendendo os pobres, está na cama e começa a conversa dizendo conhecer o caso de K. porque, sendo advogado, recebe frequentemente a visita de “bons amigos do tribunal”, como naquele momento.

E apontou para um canto escuro do quarto.

- Mas onde? – perguntou K., quase grosseiro, no primeiro momento de surpresa.

Inseguro, olhou em volta; a luz da pequena vela nem de longe chegava a penetrar até a parede do outro lado. E de fato algo lá no canto começou a se mexer. À luz da vela, que o tio agora segurava alto, via-se ali, junto a uma pequena mesa, um senhor idoso sentado. Certamente, ele não tinha nem respirado para ficar tanto tempo sem ser percebido. Levantou-se, então, com cerimônia, obviamente insatisfeito com o fato de lhe dirigirem a atenção. Era como se quisesse repelir com as mãos, que ele movimentava como asas curtas, todas as apresentações e cumprimentos; como se de alguma forma quisesse perturbar os outros com a sua presença e pedisse urgentemente que o mandassem de novo para o escuro e o esquecessem. Agora porém não podiam mais lhe conceder isso. (pág. 130)

PROF. MONIR: Como é que o advogado, que ele nunca viu na vida, sabia do caso dele? Porque o advogado diz que ele tem o costume de receber visitas de pessoas importantes dos tribunais, como por exemplo naquele momento. Os dois não tinham percebido que ali na sala estava lá sentado um senhor de idade, que era um juiz do tribunal, e esse juiz então entra na conversa. Qual é a parte do quarto em que ele está? O juiz de instrução está sentado na parte escura, a qual não se pode ver. Vamos ver o que acontece a seguir.

Huld, Karl e o chefe do cartório conversam, mas a mente de Josef está fixada em Leni, a enfermeira que lhes havia aberto a porta. No meio da conversa, há ruído de louça quebrando na antessala e K. sai para investigar, descobrindo que Leni só queria ficar sozinha com ele: *"...só atirei um prato contra a parede para fazê-lo sair"*. Ela quer que ele goste dela, mas ele está mais interessado no seu próprio caso. Por exemplo, há na parede um retrato de um juiz. Será este o seu juiz? Não, explica Leni, trata-se apenas de um juiz de instrução querendo parecer importante. Na verdade, tratava-se de um anão. Leni o aconselha a confessar e não ser tão inflexível.

- Quem disse isso? – perguntou K., sentindo o corpo dela no seu peito e olhando de cima o seu cabelo abundante, escuro, firmemente trançado.

- Revelaria coisas demais se o dissesse – respondeu Leni. Por favor, não pergunte nomes, mas corrija os seus erros, não seja mais tão inflexível, contra esse tribunal não é possível se defender, é preciso fazer uma confissão. Na próxima oportunidade, faça essa confissão. Só aí existe a possibilidade de escapar – só aí. No entanto, mesmo isso não é possível sem ajuda externa, mas não precisa se angustiar por causa dessa ajuda, eu mesma vou providenciá-la. (pág. 135)

PROF. MONIR: A Leni, que é uma espécie de enfermeira, quebra um prato para obrigá-lo a sair do quarto. Há uma relação de paquera entre os dois, e ela diz assim pra ele: “Olha, você não entendeu ainda que contra esse tribunal não é possível defesa; a única chance que você tem de se salvar é se você confessar a culpa”. Mas o K. não confessa a culpa por quê? Ele não tem a menor ideia do que ele é acusado, então ele não pode confessar a culpa de um crime que ele não sabe qual é. No entanto, é a terceira pessoa que aparece e que lhe diz que o caso dele é completamente perdido e que ele irá perder a causa a não ser que ele confesse, que da próxima vez ele que seja menos inflexível e que confesse a culpa. E mesmo assim, talvez não dê, ela talvez tenha que ajudá-lo.

Quantas mulheres já tentaram ajudar o Josef K.? Basicamente três, né? A primeira foi a Frau Grubach, que tenta ajudá-lo apontando que o mal, o problema que ele tem é a relação com a Bürstner, que deve estar aí a causa. Portanto ela está tentando ver se ele percebe do que ele é culpado. A segunda mulher que o aconselha e que tenta ajudá-lo, quem é? É a lavadeira. Ela diz: “Olha, eu sou amiga do juiz, ele me dá meias, de vez em quando o Bertold me leva para ele”. Pressupõe-se que a lavadeira seja amante do juiz de instrução, portanto a segunda mulher que tenta ajudá-lo é a lavadeira (cujo nome nós não sabemos e nunca saberemos), que diz que é amiga da justiça. E a terceira é essa que diz que ele tem que confessar porque não há salvação nenhuma, e mesmo assim é preciso ajuda externa que ela vai tentar conseguir. É uma situação normal essa? Não é, né?

Ela quer saber tudo sobre Elsa, a namorada de K., e ele lhe mostra uma fotografia. Leni pergunta se ele não gostaria de trocar a garçonne por uma namorada melhor e pergunta-lhe se Elsa teria algum defeito físico como ela, mostrando-

lhe os dedos unidos por uma membrana. Josef olha a mão e a beija. Ela o puxa para o chão e eles transam. Leni lhe dá uma cópia da chave da casa, dizendo-lhe que viesse quando quisesse. Na saída da casa do advogado, K. reencontra seu tio que o repreende por ficar farreando com a óbvia amante do advogado, no lugar de se dedicar ao seu caso.

- Jovem – bradou ele -, como pôde fazer isso? Você prejudicou terrivelmente sua causa, que estava no bom caminho. Esconde se sorrateiramente com uma coisinha suja, que além do mais é certamente amante do advogado, e fica fora durante horas. Nem mesmo procura um pretexto, não oculta nada, não, age abertamente, corre para ela e permanece com ela. E enquanto isso, ficamos sentados o tio, que se esforça por você, o advogado, que deve ser conquistado para a sua causa, e sobretudo o chefe de cartório, esse grande senhor, que domina diretamente o seu caso na fase em que ele se encontra.
(págs. 138-139)

PROF. MONIR: Então, quando finalmente ele larga lá a Leni, saindo encontra o tio que vinha do quarto do advogado Huld, e o tio fala: “Você é louco? Como é que você faz uma coisa dessas? Vai lá transar com a mulher enquanto eu estava lá no quarto com o advogado, que tem de estar do seu lado, mais o chefe de cartório, que é o sujeito que manipula os documentos do seu caso, como é que você faz uma coisa dessas?” E a vida do nosso amigo Josef K. não fica muito melhor nesse episódio.

INTERVALO

PROF. MONIR: Então pessoal, eu queria perguntar para vocês, considerando o que vocês já sabem da história - vocês acham que o Josef K. é verdadeiramente culpado, ou não?

Eu sei que vocês não têm elementos porque a história não nos conta nada, mas vamos ver pela intuição. Levantem a mão as pessoas que acham por intuição que o Josef K. é culpado. E quantos acham que ele é inocente? Há alguns que não votaram. Não vou nem me dar ao trabalho de somar os votos... Todas as vezes que eu somei votos na vida, sempre deu uns quatro ou cinco votos a mais ou a menos. De modo geral dá a mais, né? Então eu sei que a gente não sabe isso ainda, mas se vocês estivessem lendo o romance propriamente dito, a essa altura vocês já teriam uma ideia, alguma impressão sobre a culpabilidade do Josef K. Então nós sabemos que ele é acusado de alguma coisa grave e ele não sabe o que é.

ALUNA: Como você sabe que é grave?

PROF. MONIR: Porque todo o mundo acha que é. O discurso do tio, de que a família será arrasada - não apenas ele prejudicado, mas a família arrasada. A sensação que devemos ter desta história é que o mal que este Josef K. teria cometido é um mal muito grave e sério, e esse mal nós não sabemos qual é. No entanto, no fundo da história, como pano de fundo, há a indução de que há alguma coisa séria acontecendo, muito embora nós não saibamos o que seja. E pior do que isso, todas as situações que o Josef K. vive, ou quase todas, são estranhíssimas. O que há de constante nisso? Há a estranheza das situações, segundo, há uma escuridão permanente - tudo é escuro o tempo todo. E a única luz que existe nunca é a luz do sol, mas é a luz de alguma vela que é usada para iluminar o ambiente - velas essas que estão

presentes na casa do advogado, na sala de despejo onde há a cena do espancamento; a vela também está presente no tribunal, nos cartórios -, portanto há uma constante na história que é a escuridão dos ambientes, a iluminação precária em torno de velas. Esse é um romance que um especialista de literatura diria que se trata de um romance noturno. Existem romances noturnos e romances diurnos. Esse é um romance noturno, tudo é muito escuro, penumbroso, tudo é muito sombrio. Um romance como esse só pode ser filmado no cinema em preto e branco. Ou vocês imaginam essa história contada em cores? Não dá, né? Um romance como esse teria de ser contado em preto e branco, necessariamente. Alguém tem alguma dúvida até agora?

ALUNO: Aluno pergunta sobre a relação dele com as mulheres que querem ajudá-lo.

PROF. MONIR: Ele é um sujeito ligado a mulheres, né? Então, ele tem uma namorada, e esse namoro é, digamos assim, meio ousado. Segundo, ele tá interessado na vizinha, a senhorita Bürstner, embora ela seja inacessível. A senhora Grubach gosta muito dele, talvez não esteja muito claro isso no resumo, mas ela gosta muito dele. E o tal do episódio da prisão tornou a senhora Grubach mais próxima dele e ao mesmo tempo tornou a tal da senhorita Bürstner mais distante. Ele entra no primeiro recinto do tribunal e é automaticamente ajudado por uma mulher, que é a lavadeira, que o ajuda porque gosta dele. Não só gosta dele como lhe oferece o que ele quiser – “Vem comigo, eu sou sua”. Não é isso? Até que o Bertrand acaba nisso. E a Leni joga um prato na parede para atraí-lo para fora. Ele não tem uma atratividade alta para as mulheres? Tem, né? Ele é um homem com poder de sedução das mulheres... não há dúvida. O único fracasso que ele tem até agora é a senhorita Bürstner, mas o resto, tudo deu certo. Essa situação de

sedução sistemática que ele faz, no entanto, não compensa o fato de que por outro lado a existência dele vai se tornando cada vez mais extrema; ele está numa situação em que ele não sabe o que está acontecendo com ele e começam a aparecer opiniões extremamente desfavoráveis e pessimistas. É como se você estivesse com uma doença qualquer e todo o mundo que você encontra falasse para você assim: “Ih, puxa, meu tio morreu disso...”. “Ih, meu Deus, não tem jeito nenhum”... É isso que eu queria que vocês percebessem até agora. Se por um lado ele é atrativo para as mulheres, de outro ele é um sujeito cuja situação piora a olhos vistos, os envolvidos em situações como essa dizem para ele concretamente que ele é um condenado, que ele não tem solução nenhuma, que ele não vai escapar dessa situação. Continuamos.

Capítulo Sétimo

O advogado. O industrial. O pintor.

K. está agora completamente obcecado com o seu caso que já dura seis meses. Ocasionalmente reúne-se com o advogado Huld que lhe diz estar fazendo tudo o que pode, mas que as coisas têm de ir devagar. Alega ser preciso preparar muito bem a petição inicial, porque dela depende o rumo de todo o processo e, além disso, considerar que *“a defesa, na verdade, não é realmente admitida pela lei, apenas tolerada, e há controvérsia até mesmo em torno da pertinência de deduzir essa tolerância a partir das respectivas passagens da lei”*.

PROF. MONIR: Nunca percam de vista o fato de que o Kafka é advogado. Ele domina este linguajar jurídico. E aqui o advogado dele, o Huld, está dizendo a ele que o tribunal não permite nenhuma espécie de defesa. A defesa não é um direito do acusado. A defesa é uma tentativa que o acusado faz de se

defender, mas que não tem nenhuma espécie de valor de fato, porque a defesa é apenas tolerada, e não admitida. Vocês entenderam isso? Imagine que você fosse acusado de um crime - então você não tem o direito de constituir um advogado que vai lá dizer para um juiz a sua versão do crime de que o acusam. Aqui, nesse caso, o que o advogado dele está dizendo é que é difícil mesmo conseguir qualquer coisa porque o tribunal não aceita defesa, a defesa é tolerada, a gente pode mandar lá, talvez dê certo, não se pode garantir que o tribunal irá aceitar a defesa do K., e é por essa razão que não há muito o que se fazer. E quanto mais o K. tenta resolver o problema, mais vai parecendo que o problema é insolúvel.

ALUNA: *[Quer saber por que o K. não pergunta para o advogado do que está sendo acusado.]*

PROF. MONIR: O advogado nunca lhe diz nada. O que tem seis meses é o processo do K., não a relação com o advogado. O advogado parece aos olhos do Joseph K. um sujeito completamente incompetente que não faz nada. Um sujeito inerte. Mas o advogado vai explicar porque que isso é apenas uma aparência. Já vamos chegar lá.

ALUNO: *[Pergunta se o livro não é uma crítica ao sistema burocrático.]*

PROF. MONIR: No mundo contemporâneo, que é um mundo muito preocupado com questões políticas, a tendência predominante de interpretação de *O Processo* é que é um libelo, é uma declaração de guerra contra a burocracia, o poder do Estado, essas situações que você vivencia e que você não controla. Por exemplo, eu tenho uma diarista que veio me contar que foi à receita federal e a receita federal disse que ela não existe.

E eu disse: “Como assim, você não existe?” E ela disse: “É, uma pessoa que tem o meu nome, que é filha do meu pai e da minha mãe, nascida em tal dia, morreu. E que eu, portanto, não existo mais” – essa é uma situação tipicamente kafkiana. Há também quem ache que a obra é uma crítica à burocracia moderna - àquele negócio de ficar ligando para a companhia telefônica e o sujeito não te atender, e ficarem te jogando de um sujeito para o outro – tudo isso estaria sendo criticado aqui. Mas essa é a interpretação comum hoje em dia porque ela atende a uma situação de época. Acho até que nós podemos aceitá-la como uma das possíveis interpretações. O Jorge Luís Borges, aquele escritor argentino, interpreta tudo que o Kafka escreveu sob o prisma do judaísmo, que o Kafka é um judeu que não quer ser judeu, mas também não consegue ser cristão. E a culpa que ele sente é a culpa judaica. Há intérpretes que têm uma base psicanalítica que interpretam a obra do Kafka como uma rebelião contra o pai dele, e há diversas escolas de interpretação. Como é uma obra muito original, permite todo o tipo de interpretação. Mas há uma interpretação que eu gostaria que depois vocês me ajudassem a fazer aqui, nós vamos fazer juntos, que eu acho que é mais ampla e mais capaz de nos dar verdadeiramente uma ideia do sentido desta história. Mas voltaremos a esse ponto. Bom, agora ele está aqui tentando cobrar o advogado que não faz nada.

Na verdade, advogados em geral, frente ao tribunal, são tratados como rábulas:

PROF. MONIR: Vocês sabem o que é rábula? Rábula é o sujeito que, embora não tenha curso de Direito, tem conhecimento de Direito. É a mesma coisa que o dentista prático, que é o sujeito que não tem formação odontológica, mas que sabe tratar da sua boca. É como a parteira em relação ao obstetra, entenderam? A parteira não tem formação médica, mas consegue fazer

um parto. Provavelmente não tão bem quanto o médico, mas foi durante muito tempo a única solução. Então o rábula é um advogado sem formação, sem curso superior, um advogado que não tem o título oficialmente, mas que é aceito às vezes nas cortes. Hoje não se aceita mais, mas já se aceitou no Brasil, quando não havia advogados em quantidade suficiente, que ele representasse alguém, uma espécie de advogado prático. O advogado vai dizer que advogados em frente a esse tribunal não têm valor nenhum, que é absolutamente inútil o advogado na prática. Porque o tribunal não aceita contestação, então para que tem advogado? Entenderam? Não é uma situação estranhíssima essa? Mas é o que ele tá vivendo aqui agora. E agora o advogado vai contar como são tratados os rábulas.

Naturalmente isso produz um efeito muito degradante sobre toda a categoria, e se proximamente K. for aos cartórios do tribunal, pode dar uma olhada na sala dos advogados, simplesmente para tê-la visto. É provável que ficará assustado diante das pessoas que estão ali reunidas. O próprio cômodo, estreito e baixo, destinado a eles, mostra o desprezo que o tribunal tem por essas pessoas. A luz só chega por uma pequena lucarna, colocada tão alto que, se alguém quiser olhar para fora – aliás recebendo no nariz a fuligem de uma chaminé instalada bem em frente e sujando o rosto de preto – precisa primeiro procurar um colega que o carregue nas costas.

Prof. Monir: **Você consegue imaginar uma situação dessas? Quer dizer, no tribunal a sala dos advogados é um lugar que só dá pra ver luz se um subir nas costas do outro. Então imaginem a situação...**

No chão desse cubículo – para citar apenas mais um exemplo desse estado de coisas – existe, já faz mais de um ano, um buraco, não tão grande que

um homem pudesse cair por ele, mas o suficiente para que nele afunde por completo uma perna. A sala dos advogados está situada no segundo sótão; se portanto alguém afunda, a perna fica pendurada no primeiro, ou seja, justamente no corredor onde as partes interessadas esperam. (pág. 143)

PROF. MONIR: Onde está aquela turma de acusados, desesperada, como o K., aí você olha pra cima e a perna do seu advogado está pendurada no alto... essa é a situação dos advogados nesse tribunal. *[risos]* Esse tribunal, na verdade, não admite defesa nenhuma. Não é pra você se defender de coisa nenhuma nesse tribunal.

Huld explica que é preciso compreender como as coisas funcionam de verdade e também saber quem “mexe os pauzinhos”. Sem isso, o caso estaria perdido. K. não consegue entender bem o que ele quer dizer e vai ficando impaciente. Está sobretudo incomodado com o fato de o advogado não lhe perguntar nada concretamente. Como nada está acontecendo, julga que o advogado não está trabalhando e decide fazer mais por conta própria.

PROF. MONIR: Ele não confia no advogado, porque não o vê fazer nada, nem perguntas ele faz. Uma vez eu fui no alfaiate mandar fazer um terno, aí eu falei assim: “Eu queria fazer um terno”, e ele: “Ah, tá bom”. Comecei então a explicar como eu queria. E ele: “Não, não, eu entendi”. Aí eu falei assim: “O senhor não vai tirar a medida?” E ele: “Não, não, pode deixar que eu sei”. Eu saí muito preocupado do alfaiate naquele dia... porque, entendeu, é a mesma atitude. Um sujeito que não te pergunta nada e é seu advogado... ele não tá fazendo nada! Tem alguma coisa estranha nisso. Ele então resolve fazer coisas por conta dele, independente do tal do advogado, que por outro lado é o advogado que conhece o caso dele e, mais do que isso, é o

advogado que é amigo do chefe do cartório, então é o advogado que exerce a maior influência sobre a situação dele naquele estágio do processo.

No trabalho, Josef K. sente-se crescentemente “ameaçado” pelo diretor adjunto e pela imprevisibilidade de sua situação (*“que obstáculo tinha sido lançado de repente na carreira de K.!”*).

PROF. MONIR: Quer dizer, aquela vida que você tinha, dos seus trinta anos, em que você já era procurador, e em que havia perspectivas de se tornar importante no banco, de repente está praticamente inviabilizada pelo fato de que você é réu de um processo. Com relação ao K. todos se assustam, sem exceção; o veem com muito pessimismo. Você tá sempre só pensando no seu processo, e lá onde você tá trabalhando já tem alguém querendo ficar com seus clientes. O diretor adjunto, que já sentiu o cheiro de carniça na história, está preparado para ficar com os melhores despojos... Vamos ver então o que acontece.

Um dos seus clientes, um industrial, diz conhecer seu caso (*“Há tanta gente ligada ao tribunal!”*) e lhe indica o pintor Titorelli, que ganha a vida fazendo retratos de juízes, como alguém que pode ajudá-lo;

PROF. MONIR: Aí aparece mais um sujeito que não poderia ter nada a ver com isso e que, no entanto, sabe do caso dele. Que é esse cliente.

entrega lhe uma carta de apresentação. Josef K. decide visitar o pintor imediatamente, apesar de desconfiar que o diretor adjunto esteja louco para ficar com os clientes dele que esperam na ante-sala: *“Como o diretor adjunto sabia se apropriar de tudo o que K. agora tinha forçosamente de renunciar?”*

PROF. MONIR: E essa expressão aqui é muito interessante no contexto do livro: *“como o diretor adjunto sabia se apropriar de tudo aquilo que K. agora tinha forçosamente de renunciar”*. A carreira, o sucesso empresarial, o sucesso profissional. Aconteceu, portanto, na vida de Josef K. uma reviravolta total. Ele agora só consegue pensar em se defender de uma situação que crescentemente vai ficando mais negativa. Então vamos ver. Vocês acham que ele vai procurar o pintor? Vai procurar o pintor correndo...

Dirigindo-se na direção oposta à dos cartórios, encontra o pintor num decrépito, abafado e minúsculo ateliê, cercado por um bando de meninas que querem saber por que K. está ali. Titorelli o recebe expulsando as meninas e reclamando: *“Ah, as canalhinhas”*. No cavalete, Josef observa mais um quadro de um juiz. Quem é ele?

- É a Justiça – disse finalmente o pintor.

- Agora já a reconheço – disse K. – Aqui está a venda nos olhos e aqui a balança. Mas com asas nos calcanhares e em plena corrida?

- Sim – disse o pintor -, tive de pintar assim por encomenda; na verdade é a Justiça e a deusa da Vitória ao mesmo tempo.

Alguém encomendou um quadro em que a justiça e a deusa da vitória são a mesma coisa!

- Não é uma boa vinculação – disse K. sorrindo. – A Justiça precisa estar em repouso, senão a balança oscila e não é possível um veredicto justo.

- Eu me submeto ao meu cliente – disse o pintor.

- Não há dúvida – disse K., que não queria melindrar ninguém com a sua observação. – O senhor pintou a figura como ela realmente fica no trono?

- Não – disse o pintor. – Não vi a figura nem o trono, tudo é invenção, mas me

indicaram o que eu tenho de pintar.

- Como? – perguntou K.; agiu premeditadamente como se não compreendesse bem o pintor. – Não é de fato um juiz que está sentado na cadeira?

- Sim – disse o pintor. – Mas não é um alto magistrado, e nunca esteve sentado numa poltrona assim.

- E faz-se pintar numa postura tão solene? Está sentado aí como um presidente de tribunal.

- Sim, esses senhores são vaidosos. (págs. 177-178)

PROF. MONIR: Então tem aí uma conversa estranhíssima entre o Josef K. e o pintor, um sujeito que ganha a vida pintando quadros de magistrados. E esse pintor então mora num lugar pequeno, abafado e irrespirável, como aliás são todos os outros lugares que já apareceram, exceto o banco e a casa do Josef K., que não parece ser pequena. Mas no resto, todos os outros ambientes, sem exceção, são ambientes praticamente irrespiráveis. Esse aqui, então... (o resumo não honra a descrição original) - a descrição original do Kafka, do ambiente do pintor é insuportável, você tem que abrir a janela da sua casa pra começar a se sentir melhor. Embora seja inverno, é um lugar tão quente, tão irrespirável, com um ar tão viciado que não é possível viver naquele cubículo, e o Josef K. está aqui agora tentando obter informações do pintor sobre o tribunal e ao mesmo tempo louco para ir embora porque ele não aguenta mais aquele ambiente, não é isso? Continuamos.

Josef e Titorelli começam a conversar sobre o caso, interrompidos às vezes pelas meninas que perguntam, do lado de fora, se K. já havia ido embora. “Sou completamente inocente”, afirma. “Bom”, diz Titorelli.

- Se o senhor é inocente, então o caso é muito simples.

O olhar de K. se turvou, aquele suposto homem de confiança do tribunal

falava como uma criança insciente.

- Minha inocência não simplifica o caso – disse K. Apesar de tudo, teve de sorrir e sacudiu a cabeça devagar.

- Depende de muitas coisas sutis, nas quais o tribunal se perde. Mas no final emerge, de alguma parte onde originariamente não existia nada, uma grande culpa. (pág. 181)

PROF. MONIR: E agora? Quer dizer, o Titorelli tá dizendo pra ele que, no final das contas, mesmo aqueles que são aparentemente inocentes percebem-se com uma grande culpa. Vocês acham que o Josef K. é culpado? Alguém agora já acha que o Josef K. é culpado? Nós tivemos zero votos na primeira enquete aqui. E agora? Alguém acha que ele é culpado de verdade? *[pausa]* Já temos dois. Uma grande melhora nessa votação, porque fomos de zero a duas pessoas. De fato, o Josef K. é considerado culpado por todo o mundo que está em volta dele, todo o mundo sabe qual é o caso dele, todos os consideram culpado, e ele ainda não. Ele acha que é totalmente inocente e não acha que seja culpado de modo nenhum.

ALUNO: Tem alguns momentos em que ele se considera até culpado?

PROF. MONIR: Não, ainda não. Até esse ponto ele não se considera culpado. Mas vamos ver, tá? Vamos ver se ele vai de fato em algum momento da história mudar a sua opinião sobre a própria culpa.

Josef K. pede uma ajuda porque a esta altura já sabe que só com dificuldade o tribunal pode ser dissuadido de suas convicções.

PROF. MONIR: É. Ele acha que está já condenado, porque todos lhe dizem

isso. Não quer dizer que ele se ache culpado; ele acha apenas que o tribunal já tomou a decisão no caso dele e tá tentando salvar a sua situação lá com o Titorelli, que conhece todos os juízes, porque afinal ele pinta todos os juízes.

Titorelli lhe diz que a corte não pode ser dissuadida de modo nenhum e que possui tudo, incluindo as meninas lá fora: *“Tudo pertence ao tribunal”*. Na verdade, o tribunal é inacessível às provas que lhe são apresentadas, mas não às provas apresentadas fora dele, como naquele ateliê, e por isso Titorelli pode ajudar.

PROF. MONIR: Então, Titorelli diz pra ele: “Olha, não tem jeito. Uma vez que o tribunal tomou a decisão, tá tomada, ele não volta atrás. Ele já é dono de tudo! Essas meninas, por exemplo, são todas do tribunal, pertencem a ele. Então não é possível contestar as decisões do tribunal... embora, em ambientes externos ao tribunal, como aqui nesse ateliê, talvez eu possa fazer alguma coisa por você”. E vamos ver o que é que o Titorelli quer fazer pelo Josef K.

- Esqueci de lhe perguntar primeiro que tipo de libertação deseja. Existem três possibilidades, ou seja, a absolvição real, a absolvição aparente e o processo arrastado. Naturalmente o melhor é a absolvição real, só que não tenho a mínima influência sobre esse tipo de solução. Na minha opinião, não existe nenhuma pessoa que pudesse ter influência sobre a absolvição real. Provavelmente, aqui decide apenas a inocência do acusado. Uma vez que o senhor é inocente, seria de fato possível que confiasse apenas na sua inocência. Mas aí já não precisa de mim nem de qualquer outra ajuda. (págs. 185-186)

PROF. MONIR: Se o Josef K. de fato é inocente, conforme ele declara. O Titorelli não sabe se ele é inocente, ao contrário, ele também pensa que o K. é culpado. Mas se não é possível fazer a absolvição real (seria a única situação em que ele podia de fato se livrar da acusação, se ele fosse inocente), já que não pode ser assim, quais são as duas soluções que restam? A absolvição aparente ou o processo arrastado. E o que é uma absolvição aparente? É assim: ele é inocentado, mas não é de verdade. Ele aí sofre um segundo processo, é detido pela segunda vez, e sofre eventualmente uma segunda absolvição, mas daí também ele sofrerá um terceiro processo... E o que é o processo arrastado? É aquele processo que nunca é resolvido, que fica anos e anos a fio. Portanto o Titorelli está dizendo pra ele que se ele é inocente, então tá bom, não tem problema nenhum. Mas se ele não é (como o pintor pensa que ele não é), então só é possível escolher entre novas condenações ou então um processo arrastado. É isso que o Titorelli quer fazer para ajudar. Vamos ver.

Titorelli lhe explica que não há absolvição definitiva, pelo menos ele nunca soube de uma. Absoluções aparentes são possíveis, mas não garantem proteção contra uma segunda detenção, um segundo julgamento e nova aparente absolvição e assim por diante. Por isso mesmo elas são aparentes.

Após receber ensinamentos sobre o funcionamento da corte, e não suportando mais o ar carregado e quase irrespirável do ateliê, K. prepara-se para sair. Antes Titorelli o convence a comprar algumas paisagens, justamente aquelas *"de aspecto sombrio"*. Para evitar o assédio das meninas, Josef sai pela porta dos fundos, que só consegue acessar equilibrando-se em cima da cama do pintor e, ao chegar ao outro lado, adentra um cartório do tribunal.

PROF. MONIR: Parece uma coisa normal, isso? Quer dizer, tem uma porta que fica atrás da cama. Então ele pega os quadros que o Titorelli vendeu pra ele, sobe em cima da cama – é uma daquelas camas moles, que você fica daquele jeito, tentando não cair, se desequilibrando em cima da cama -, e aí consegue abrir a porta e do outro lado, quando ele sai, tem um cartório de tribunal do lado da casa do Titorelli. Não é um pouco estranho? Levemente estranho.

Ante o espanto do procurador, Titorelli comenta: *“Não sabia que aqui há cartórios? Eles estão em quase todos os sótãos, por que deveriam faltar logo aqui? O meu ateliê também faz parte dos cartórios, mas o tribunal colocou o à minha disposição.”*

K. havia se espantado não com o cartório em si, mas com o fato de estar sendo sempre surpreendido. Cambaleando de mal estar, assediado pelas meninas que haviam dado a volta, Josef encontra a saída com dificuldades e toma um táxi, livrando-se do oficial de justiça que o ajudava a carregar os quadros a pedido de Titorelli. Volta para o banco e esconde os quadros na gaveta da mesa.

PROF. MONIR: É, o oficial de justiça queria entrar no táxi com ele, e ele expulsa o oficial de justiça do táxi (faltou escrever isso aqui). Então dessa experiência com o Titorelli ele volta com mais um testemunho de que não tem muito jeito, de que a situação dele vai muito mal mesmo, e ele então pega os quadros e volta para o banco, de onde tinha vindo... lembram? Ele só vai visitar o Titorelli porque aquele cliente o avisa de que ele poderia ter alguma esperança no Titorelli. Nesse momento a esperança do Joseph K. aumentou ou diminuiu?

ALUNOS: Diminuiu.

PROF. MONIR: Porque o Titorelli não resolveu de fato, apenas disse a ele que não há absolvição possível. Portanto, vindo de quem vem, de um sujeito experiente nesses casos, parece uma má notícia, não parece? Parece, né. Nesse momento o Josef K. parece culpado pra vocês ou não? *[pausa]* Quantos acham nesse momento que o Josef K. é realmente culpado? Três! Aumentamos uma pessoa. Um voto a mais pela culpa do Josef K. Muito bem, agora ele vai resolver a sua preocupação, vai atender o seu pedido e dar um jeito no seu advogado, que não faz nada. Vamos ver o que acontece.

Capítulo Oitavo

O comerciante Block. Dispensa do advogado. (inacabado)

PROF. MONIR: Esse capítulo também está inacabado, tá?

K. está impaciente com o advogado Huld e decide descontratá-lo. Vai à casa dele comunicar-lhe a decisão. Ao chegar, surpreende Leni de camisola com um *“homem pequeno e seco, de barba cheia, que segurava uma vela”*.

PROF. MONIR: É, segurava uma vela por quê? Porque ali naquela casa, assim como em todas as outras, não há nenhuma luz a não ser a das velas.

Ao ver K., Leni sai correndo e some. O homem chama-se Rudi Block e é comerciante de grãos. E também é cliente do advogado. Josef dirige-se à cozinha, onde Leni, recomposta, está fazendo sopa para o advogado. Pergunta-lhe se eles são amantes, mas ela desconversa, dizendo que há novidades sobre o caso dele. Josef não acredita e Leni sai com a sopa.

Enquanto esperam Leni voltar, Josef K. e Rudi Block conversam e o comerciante conta que o caso dele já durava cinco anos e segreda-lhe que havia colocado outros cinco advogados na causa: *“Além dele, tenho mais cinco rábulas”*. Na verdade, estava negociando a contratação de um sexto. Block não tem outro assunto na cabeça: *“Quando se quer fazer algo pelo seu processo, só pode se ocupar pouco de outras coisas”*. Também diz que sempre corre todos os cartórios em busca de notícias e numa dessas visitas tinha visto Joseph K. Finalmente comenta uma velha superstição entre os acusados de que o destino do processo dependeria da forma dos lábios do acusado. Por aquele critério, segundo alguns, K. estaria perdido.

ALUNOS: [risos]

PROF. MONIR: Mais essa ainda? Quer dizer, também lá no teste da superstição o K. está condenado a perder o processo. Então, a situação do K. melhorou ou piorou?

ALUNOS: Piorou.

PROF. MONIR: Ele está impaciente, cada vez mais ansioso, nervoso? Está. Tanto é que ele resolveu ir descontratar o advogado. No entanto ele encontra lá uma testemunha nova, que é esse Rudi Block, que diz que o processo dele já dura cinco anos, enquanto que o processo do K. só tinha seis meses. Talvez alguma coisa mais do que seis meses a essa altura... Não parece haver boas notícias disso, vamos ver.

De volta à cozinha, Leni anuncia a K. que o advogado o esperava. Antes de ele sair, Leni conta que Block morava na casa, porque o advogado era muito

imprevisível e nunca se sabia quando poderia querer conversar com o cliente e nem todos eram como Josef, que podia marcar hora. Leni mostra o quarto de Block, um cubículo de teto baixo sem janelas, totalmente tomado por uma cama estreita.

PROF. MONIR: Vocês não sentem uma angústia horrível de pensar em dormir num lugar assim? Quer dizer, o quarto era do tamanho da cama, baixo, não dava pra ficar em pé e não tinha janela. É uma espécie de dispensa baixa na parede.

Antes de o procurador ver o advogado, Block exige-lhe a retribuição do segredo e o procurador diz que vai demitir Huld.

PROF. MONIR: Lembrem que o Block tinha segredado a K. que, além do advogado, ele tinha contratado mais cinco rábulas, não é? Então ele quer uma retribuição do segredo. Parece aquela piada do português que passou num chaveiro em que estava escrito na parede: “Trocam-se segredos”. Daí ele parou e falou assim: “Eu sou gay, e tu?”

ALUNOS: *[risos]*

PROF. MONIR: Então agora o Block quer que o K. conte pra ele um segredo também, já que ele contou um segredo terrível, que era um segredo de traição, né? Porque ele havia traído o Huld colocando mais cinco advogados pra trabalhar junto... e agora ele quer que o K. conte a ele um segredo também.

Block reage aos gritos, assustado, e Leni tenta impedi-lo quando ele se põe a caminho.

- Ele vai dispensá-lo! – exclamou o comerciante, saltando da cadeira e correndo pela cozinha com os braços erguidos.

Bradava sem parar:

- Ele vai dispensar o advogado!

Leni quis se precipitar sobre K. naquele momento, mas o comerciante se pôs no seu caminho, motivo pelo qual ela lhe desferiu um golpe com os punhos. Depois, com os punhos ainda cerrados, correu atrás de K., que no entanto levava sobre ela uma grande vantagem. Já tinha entrado no quarto do advogado, quando Leni o alcançou. A porta estava praticamente fechada atrás dele, mas Leni, que a mantinha aberta com o pé, agarrou-o pelo braço, querendo puxá-lo de volta. Ele, porém, apertou o pulso dela com tanta força, que ela teve de soltá-lo com um gemido. Não ousou entrar no quarto, e K. fechou a porta com a chave. (págs. 223-224)

PROF. MONIR: Porque será que deu esse pandemônio, porque será que o Block e a Leni ficaram desesperados quando ouviram a notícia que ele ia dispensar o advogado? Imaginem vocês a hipótese de que o K. já esteja condenado na opinião dos dois, da Leni e do Block, o que é que o advogado representaria para alguém já condenado? Uma daquelas três possibilidades qual é? A do processo arrastado... que é o caso do Block, que já está a cinco anos nessa história, não é isso? Então o que os dois podem ter imaginado, com essa reação, é que ao perder o advogado, não havendo mais advogado, ele iria ser condenado rapidamente e não poderia usufruir daquela modalidade de absolvição, de libertação, que é o processo arrastado. Provavelmente esse é o sentido. Vamos ver o que é que o K. diz agora para o advogado.

Huld tenta justificar o comportamento de Leni alegando que ela “acha a maioria dos acusados belos”. K. diz que sabe tudo sobre os casos de Leni com os acusados. Réus, no final das contas, são atraentes, mesmo Block, “esse miserável”, enfatiza o causídico.

PROF. MONIR: Ou seja, a Leni tinha casos com todos os clientes do advogado, porque achava que o fato de o sujeito estar mais ou menos condenado o transformava numa pessoa sexy. Nos Estados Unidos, quando alguém é condenado à morte, recebe milhares de cartas de mulheres apaixonadas... porque há alguma coisa nessa situação, de não poder mais escapar de estar condenado, que de alguma maneira torna a pessoa sexy. É mais um sintoma de que a coisa vai muito mal. Todos os clientes do advogado são condenados, não têm nenhuma solução, estão todos perdidos.

Josef diz ao advogado que está farto dele e o acusa de não ter feito nada. O causídico insiste em que nada acontece em caso nenhum.

- A partir de um certo momento da prática profissional – disse o advogado, calmo e em voz baixa – não acontece mais nada de essencialmente novo. Quantos clientes em fases semelhantes do processo ficaram em pé diante de mim, numa postura semelhante à do senhor, falando de maneira semelhante!
- Então – disse K. – todos esses clientes semelhantes tinham tanta razão quanto eu. Isso não me contradiz de forma alguma. (pág. 229)

PROF. MONIR: O que é que o Kafka tá afirmando com isso? Que ele é culpado ou inocente? Inocente. Porque ele, como os outros condenados, ficava muito chateado quando a coisa não andava, porque achava que a sua inocência estava sendo desconsiderada. O K. acha-se inocente. Ainda acha-se completamente inocente. E vocês, o que acham? Quantas pessoas acham

que ele é culpado? Mantivemos a mesma contagem da votação anterior, com apenas três votos para culpado. Muito bem, continuamos.

Para valorizar o caso de K., Huld declara só tratar de casos que lhe digam respeito de perto, que era o caso de Josef, sobrinho de seu amigo Albert (ou Karl). Como nem assim consegue impressionar, o advogado manda chamar Block para lhe mostrar como são tratados os outros acusados. Ao chegar, Huld o humilha, grita que o caso dele era difícilíssimo, que não havia nem começado e que a corte o julgava perdido, mas que ele, Huld, ainda estava lutando por ele. Block demonstra sua gratidão ajoelhando-se e beijando a mão do advogado. Leni em seguida, a pedido do causídico, faz um relatório do comportamento de Block naquele dia, como quem relata os feitos de uma criança.

- Só uma vez ele pediu para beber água. Aí eu lhe estendi um copo pelo postigo. Então, às oito horas, eu o deixei sair e lhe dei alguma coisa para comer. (pág 239)

Josef K. julga ter presenciado um “teatro” e permanece inamovível de sua decisão.

PROF. MONIR: O Huld chama o Block e faz uma sessão de humilhação absurda do Block. Mostra que ele vinha sendo tratado como se fosse um cachorro, que era alimentado pela Leni quando ela achava que estava na hora, como você faria com um animalzinho na sua casa. Já o K. não, ele era um sujeito que não precisava nem morar lá, bastava marcar hora para ser atendido... No entanto o Joseph K. acha que é tudo uma espécie de pantomina, de teatro, que é feito lá pelos três, pelo Block, a Leni e o advogado, e fica firme na sua decisão de descontratar o advogado. E esse fato é muito importante, porque agora, mesmo você lembrando que o livro é um pouco desestruturado, por causa da sua incompleição, mesmo assim agora acontecem os fatos que conduzem a nossa história e a nossa personagem Josef K. para o clímax.

Capítulo Nono

Na catedral.

Josef K. é solicitado por seus superiores a mostrar a catedral a um italiano, amigo do banco. Tenta preparar-se para a tarefa estudando italiano, mas desiste. Na hora marcada para o encontro, às dez, chovia e a praça da catedral estava vazia. K. lembrou-se de que *“ainda criança, havia chamado sua atenção o fato de que, nas casas dessa praça estreita, quase todas as cortinas das janelas estavam sempre corridas”*.

PROF. MONIR: “Corridas” é no sentido de fechadas, não abertas, tá? Certo? A cortina, de modo geral, fica aberta, não é? Então o K. tá dizendo que na sua infância (essa igreja existe, é a igreja do centro de Praga), toda a vez que ele ia lá ele percebia que todas as janelas em volta estavam fechadas. Chove, não tem ninguém, há um abandono, e ele então vai se encontrar com o italiano no interior da igreja.

Josef entra na igreja e não encontra o italiano; só uma velha mulher embrulhada num xale quente, ajoelhada diante de uma estátua da Virgem Maria. Fora da igreja, agora, chovia torrencialmente. Enquanto perambula pela catedral escura, percebe um velho sacristão manco que o observa e lhe aponta alguma coisa com acenos de cabeça. Josef então percebe na escuridão um jovem sacerdote debruçado sobre o peitoril de um pequeno púlpito *“tão pequeno que de longe parecia um nicho ainda vazio, destinado a acolher uma estátua de santo”*, preparando-se para fazer um sermão para uma igreja vazia e às onze da manhã. Estranha que se utilize justamente aquele púlpito, quando havia outro maior.

PROF. MONIR: Então... o púlpito onde o padre está ali se preparando para fazer um sermão é minúsculo, pequeno, apertado e baixo. Não se consegue ficar em pé dentro do púlpito. Mais uma vez, um ambiente descrito pelo Kafka é um ambiente menor, pequeno, apertado, inviável para a vida humana. O púlpito também.

Tenta sair, mas surpreendentemente o padre o chama pelo nome: “Josef K.” K. se aproxima e o padre, do púlpito, diz que é “capelão do presídio.” Fala de seu caso, anunciando que vai de mal a pior.

PROF. MONIR: Muito bem, agora o padre da igreja, [risos] o padre que não deveria estar lá - quer dizer, a principio não foi para vê-lo que ele foi lá - na hora que ele resolve ir embora, o padre o chama pelo nome: “Josef K!” Imaginem aquela voz naquela igreja vazia. E o padre diz que é capelão do presídio?! [risos] E que o caso dele vai muito mal! Quer dizer, agora sim, aparece até um padre que diz que a situação dele, Joseph K., é muito ruim. Vamos ver o que acontece no diálogo entre esses dois.

Consideram-no culpado. Talvez o seu processo não ultrapasse nem mesmo um tribunal de nível inferior. No momento, pelo menos, consideram provada a sua culpa.

- Mas eu não sou culpado – disse K. – É um equívoco. Como é que um ser humano pode ser culpado? Aqui somos todos seres humanos, tanto uns como outros.

- É verdade – disse o sacerdote. – Mas é assim que os culpados costumam falar.

- Você também tem prevenção contra mim? perguntou K.

- Não tenho nenhuma prevenção contra você – disse o sacerdote.

- Eu lhe agradeço – disse K. – Mas todos os outros que participam do processo têm prevenção contra mim. Transmitem-na até àqueles que não participam dele. Minha situação fica cada vez mais difícil.

- Você se equivoca quanto aos fatos – disse o sacerdote. – A sentença não vem de uma vez, é o processo que se converte aos poucos em veredicto. (pág. 258)

PROF. MONIR: Isso é um pedaço muito importante da obra. Não há um momento em que de repente venha uma sentença, o que vai acontecendo é que a pessoa vai se percebendo culpada o tempo todo. A culpa vai se estabelecendo ao longo do processo, até se transformar em um veredito. E o padre diz a ele: “Consideram você culpado”. Talvez não saia nem do nível de petição inicial, do primeiro nível, digamos assim. E aqui é um momento muito importante da história, quando o padre conta uma lenda para o Josef K.. Essa lenda chama-se *Vor dem Gesetz (Ante à Lei)*, que foi escrita pelo Kafka separadamente. A maioria dos textos do Kafka são do tamanho dessa lendazinha aqui - uma página, uma página e meia, às vezes vinte linhas. E entre as coisas que foram escritas, está a *Ante à Lei*, que depois foi incorporada a esse livro aqui. Mas ela é às vezes apresentada separadamente, como uma separata. Então vamos ver agora o que o padre conta sobre a situação do Josef, que é pra esclarecê-lo de vez por todas sobre o que ele está vivendo. Antes disso, quem do grupo acha que o Josef K. é culpado? Três? Nenhum progresso, não é possível! Talvez depois do sermão do padre vocês mudem de ideia.

K. reage dizendo que nos próximos dias iria buscar mais ajuda. O padre retruca: “Você procura demais a ajuda entre estranhos – disse o sacerdote, em tom de desaprovação – principalmente entre as mulheres. Não percebe que não é essa a ajuda verdadeira”.

O padre desce do púlpito e eles começam a andar pela catedral à luz de uma lamparina que o padre carrega. Conta a parábola *Diante da Lei*:

Em relação ao tribunal você se engana – disse o sacerdote. – Nos textos introdutórios à lei consta o seguinte, a respeito desse engano: Diante da lei está um porteiro. Um homem do campo dirige-se a este porteiro e pede para entrar na lei. Mas o porteiro diz que agora não pode permitir-lhe a entrada. O homem do campo reflete e depois pergunta se então não pode entrar mais tarde. “É possível”, diz o porteiro, “mas agora não.” Uma vez que a porta da lei continua como sempre aberta, e o porteiro se põe de lado, o homem se inclina para olhar o interior através da porta. Quando nota isso, o porteiro ri e diz: ‘Se o atraindo tanto, tente entrar apesar da minha proibição. Mas veja bem: eu sou poderoso. E sou apenas o último dos porteiros. De sala para sala, porém, existem porteiros cada um mais poderoso que o outro. Nem mesmo eu posso suportar a visão do terceiro.’ O homem do campo não esperava tais dificuldades: a lei deve ser acessível a todos e a qualquer hora, pensa ele; agora, no entanto, ao examinar mais de perto o porteiro, com o seu casaco de pele, o grande nariz pontudo e a longa barba tártara, rala e preta, ele decide que é melhor aguardar até receber a permissão de entrada. O porteiro lhe dá um banquinho e deixa-o sentar-se ao lado da porta. Ali fica sentado dias e anos. Ele faz muitas tentativas para ser admitido, e cansa o porteiro com os seus pedidos. Muitas vezes o porteiro submete o homem a pequenos interrogatórios, pergunta-lhe a respeito da sua terra e de muitas outras coisas, mas são perguntas indiferentes, como as que costumam fazer os grandes senhores, e no final repete-lhe sempre que ainda não pode deixá-lo entrar. O homem, que havia se equipado para a viagem com muitas coisas, lança mão de tudo, por mais valioso que seja, para subornar o porteiro. Este aceita tudo, mas sempre dizendo: ‘Eu só aceito para você não achar que deixou de fazer alguma coisa.’ Durante todos esses anos, o homem observa o porteiro

quase sem interrupção. Esquece os outros porteiros e este primeiro parece-lhe o único obstáculo para a entrada na lei. Nos primeiros anos, amaldiçoa em voz alta o acaso infeliz; mais tarde, quando envelhece, apenas resmunga consigo mesmo. Torna-se infantil, e uma vez que, por estudar o porteiro anos a fio, ficou conhecendo até as pulgas da sua gola de pele, pede a estas que o ajudem a fazê-lo mudar de opinião. Finalmente, sua vista enfraquece e ele não sabe se de fato está escurecendo em volta ou se apenas os olhos o enganam. Contudo, agora reconhece no escuro um brilho que irrompe inextinguível da porta da lei. Mas já não tem mais muito tempo de vida. Antes de morrer, todas as experiências daquele tempo convergem na sua cabeça para uma pergunta que até então não havia feito ao porteiro. Faz-lhe um aceno para que se aproxime, pois não pode mais endireitar o corpo enrijecido. O porteiro precisa curvar-se profundamente até ele, já que a diferença de altura mudou muito em detrimento do homem. 'O que é que você ainda quer saber?', pergunta o porteiro. 'Você é insaciável.' 'Todos aspiram à lei', diz o homem. 'Como se explica que, em tantos anos, ninguém além de mim pediu para entrar?' O porteiro percebe que o homem já está no fim, e para ainda alcançar sua audição em declínio, ele berra: 'Aqui ninguém mais podia ser admitido, pois esta entrada estava destinada só a você. Agora eu vou embora e fecho-a.' (pág. 261-263)

PROF. MONIR: E agora? O Josef K. ouve do padre essa fábula contando a história do sujeito que chega na porta da lei e quer entrar, e não pode - o porteiro impede. Ele não sabe o que fazer e morre sem ser capaz de entrar dentro da lei. A lei aqui tem um significado que nós vamos debater daqui a pouquinho. E o padre conta para o Josef K. que onde ele está buscando ajuda não tem nenhuma esperança, sobretudo nas mulheres, e que ele só compreenderá como faz para entrar na lei se ouvir essa parábola que fala do

porteiro que impede que o homem do campo entre na lei. Parece culpado o Josef K. pra vocês? Quem acha que ele é culpado? Continuamos só com três. Muito bem, vamos lá.

Josef e o padre debatem o significado da história. K. acha que o porteiro enganou o homem do campo. O padre insiste que não e que ele só estava cumprindo sua missão e que estava cômico e orgulhoso do seu ofício. Lembra a K. também que os intérpretes da passagem acreditam que *“a compreensão correta de uma coisa e a má compreensão dessa mesma coisa não se excluem completamente”* e que talvez quem tenha sido enganado de fato seria o porteiro que nada saberia sobre o interior da lei e, diferentemente do homem do campo que é livre, estaria *“preso ao seu posto pela função que desempenha; não pode se afastar, mas segundo todas as aparências também não tem permissão para ir ao interior da lei mesmo que quisesse”*, logo o verdadeiro subalterno seria ele e não o homem do campo. Emenda dizendo que outras opiniões, no entanto, discordam.

Sendo assim, não se pode também acreditar que o porteiro esteja subordinado ao homem. Ficar preso por ofício, mesmo que seja só à entrada da lei, é incomparavelmente mais do que viver livre no mundo. O homem do campo apenas chega à lei, o porteiro já está lá. Foi incumbido pela lei de realizar um serviço; duvidar da sua dignidade seria o mesmo que duvidar da lei.

- Não concordo com essa opinião – disse K., balançando a cabeça. – Pois se se adere a ela, é preciso considerar como verdade tudo o que o porteiro diz. Que isso, porém, não é possível, você mesmo fundamentou pormenorizadamente.

- Não - disse o sacerdote – Não é preciso considerar tudo como verdade, é preciso apenas considerá-lo necessário.

- Opinião desoladora – disse K. – A mentira se converte em ordem universal. (pág. 269)

PROF. MONIR: Esse trecho é muito importante, mas agora nesse momento não é muito claro, e está um pouco impenetrável. Já vamos entender melhor o que se quer dizer com isso.

A igreja já totalmente escura, K. decide ir embora, alegando ter deixado trabalho por fazer. O padre lhe diz que ele, o padre, também pertence à corte, que não quer nada com ele e permite que ele saia quando quiser.

O sacerdote tinha se afastado apenas alguns passos, mas K. gritou bem alto:

- Por favor, espere mais um pouco!

- Eu espero – disse o sacerdote.

- Quer mais alguma coisa de mim? – perguntou K.

- Não – disse o sacerdote.

- Antes você foi tão amável comigo disse K. – Explicou-me tudo, mas agora me despede como se eu não significasse nada para você.

- Você precisa ir embora – disse o sacerdote.

- É verdade – disse K. – Você precisa compreender.

- Você precisa primeiro compreender quem eu sou – disse o sacerdote.

- Você é o capelão do presídio – disse K. aproximando-se do sacerdote.

Seu regresso imediato ao banco não era tão necessário, como ele havia exposto; podia muito bem permanecer ali por mais algum tempo.

- Pertença pois ao tribunal – disse o sacerdote. – Por que deveria querer alguma coisa de você? O tribunal não quer nada de você. Ele o acolhe quando você vem e o deixa quando você vai. (pág. 271)

Capítulo Décimo

O fim.

Na véspera do seu trigésimo primeiro aniversário, por volta das nove da noite, dois homens de casaca, lívidos e gordos *“como tenores”* procuram K. no seu apartamento.

PROF. MONIR: Dois homens gordos de casaca como dois tenores de ópera. Exatamente um ano depois, ou melhor, um ano menos um dia após a sua detenção - ele foi preso no dia do seu trigésimo aniversário, agora um dia antes do seu trigésimo primeiro aniversário, ou seja um ano e um dia a menos, dois homens gordos vestindo casaca como se fossem tenores de ópera o procuram na sua casa.

Josef os recebe com naturalidade: *“- Então os senhores é que me foram destinados? – perguntou.”- Em que teatro os senhores trabalham?”* Cada um segurando rigidamente um braço, saem com ele pela cidade como se os três homens fossem um bloco único. No caminho, K. percebe a senhorita Bürstner vindo na sua direção. Ele a observa vindo até ela desaparecer numa transversal escura. Chegam finalmente a uma pedreira abandonada. Os homens despem Josef de seu paletó e camisa e o deitam com a cabeça sobre uma pedra. Aparece uma faca de açougueiro *“comprida, fina e afiada dos dois lados”* que eles passam um para o outro. Aparentemente, eles esperam que Josef K. tome a faca e a enterre no próprio peito, mas ele não o faz, fixando a vista à distância numa pessoa na janela de uma casa com a luz acesa. Seria um amigo? Onde estaria o juiz e a alta corte que ele nunca conseguiu alcançar? Josef K. ergue as mãos e estica todos os dedos.

Mas na garganta de K colocavam-se as mãos de um dos senhores, enquanto o outro cravava a faca profundamente no seu coração e a virava duas vezes. Com olhos que se apagavam, K, ainda viu os senhores perto de seu rosto, apoiados um no outro, as faces coladas, observando o momento da decisão.
- Como um cão – Disse K.
Era como se a vergonha devesse sobreviver a ele. (pág. 278)

PROF. MONIR: E esse é o fim da história do Josef K.

ALUNO: Afinal então ele se considera culpado?

PROF. MONIR: Na hora que ele diz assim pros tenores: “Então vocês que me foram designados”, não dá a impressão de que ele estava esperando que viessem matá-lo?

ALUNOS: Dá.

PROF. MONIR: Isso é porque ele se sente culpado, finalmente? Não...

ALUNO: Mas ele aceita.

PROF. MONIR: Ele aceita porque ele percebeu que nada do que ele pudesse fazer teria sido capaz de mudar o veredito. Mas ele não sabe por que ele vai ser sacrificado, porque ele não se sente culpado.

E vocês... Quem acha que ele é culpado? [pausa] Três.

Veja pessoal, não sei se vocês estão compreendendo a gravidade dessa votação? Se os outros todos que estão aí, cinquenta, sessenta pessoas acham que ele não é culpado de nada, então acabamos de presenciar aqui um erro judiciário, é ou não é? Posso concluir isso ou não posso? Se vocês acham que ele não tem culpa nenhuma, então o que aconteceu aqui foi um erro judiciário! Um inocente foi perseguido por um sistema monstruoso, um sistema sem face, que não comunica, e isso poderia ser interpretado como sendo um ataque ao mundo burocrático moderno... a essa vida maluca, não é isso? Essa seria uma possibilidade de interpretação. As pessoas são moídas pelo sistema como carne no moedor de carne, e esse seria o caso de Josef K., que embora não tenha feito nada, acabou sendo sacrificado meio ritualmente.

Vocês repararam que sacrificar alguém sobre uma pedra é aquilo que se faz com os animais. Os altares eram de pedra - você sacrificava os animais às divindades sobre uma pedra, então a morte do Josef K. é mais do que uma morte, é uma espécie de sacrifício ritual, não parece isso? Se é este o caso, então nós temos aí uma figura de um sacrifício ritual em que um inocente, por alguma razão, que não se sabe qual é, esse inocente é escolhido para ser sacrificado como um cordeiro, que é sacrificado a um deus.

No entanto, se vocês mudarem de ideia e acharem que ele é culpado, muda totalmente a interpretação da história. Vamos ver o que vocês dizem a respeito. Pois não?

ALUNA: *[Faz comentário sobre o George Orwell]*

PROF. MONIR: O George Orwell é muito posterior, né? Não muito, mas o Orwell já é outra história...

ALUNA: Mas a linha...

PROF. MONIR: Eu diria que embora existam pontos de contato... pode ter uma ligação, mas é muito diferente. Porque o Kafka, se você ler essa história sobre o ponto de vista exclusivamente político, como sendo uma demonstração da tirania dos governos modernos, parece de fato com o George Orwell, um parece com o outro.

Mas por que vocês não topariam fazer um exercício comigo que seria mais ou menos assim: E se o Josef K. fosse de fato culpado?

ALUNO: Por quê? Do quê?

PROF. MONIR: No filme, essa pergunta eu faço e vocês que respondem.

ALUNOS: *[risos]*

PROF. MONIR: Do que o Josef K. é culpado?

ALUNA: As vezes fico pensando também assim: os outros todos aceitavam a situação e por isso iam vivendo, ele, como não aceitou ...

PROF. MONIR: Há algum fato que o livro nos conte que fez essa mudança de destino e de sorte para Josef K., que tenha justificado isso? O livro é incompleto, é verdade... Existe um fragmento – no final deste livro tem

alguns capítulos fragmentados. Num capítulo que não está na história, que foi colocado no final como um apêndice, nos é contado um pouco mais sobre o Josef K. Mas mesmo nesse fragmento - tanto é que eu não coloquei no resumo - não há nenhuma informação de que haja acontecido com o Josef K. algum fato, algum acontecimento que pudesse justificar essa mudança de destino tão súbita. Ele levanta no dia do seu trigésimo aniversário, ele espera que a Ana venha com o café da manhã, assim como todos os outros dias, e ele recebe o Willem e o Franz, que aparecem para prendê-lo. Logo não há nenhuma explicação que o livro nos forneça sobre a súbita mudança de sorte do Josef K.

ALUNA: Será que não é um problema de consciência que ele tem e ele começa então... Quando você tem um problema de consciência, você começa a buscar explicação... a se sentir oprimido por alguma coisa, você quer resolver, não sei...

PROF. MONIR: É como se o mundo todo dissesse pra ele assim: "Eu sei o que você fez no verão passado!" Seria essa a ideia? Esse é um filme que os adolescentes adoram, em que as personagens adolescentes aprontam misérias e aí no ano seguinte elas voltam lá para o mesmo lugar e são perseguidas por um monstro, e tal...

Mas o problema dessa tese é que mesmo levando em conta o livro estar inacabado, em nenhum momento há qualquer sugestão de que ele possa ter sido desonesto, ladrão, ter matado a mulher... entendeu? Ter casado com o Clodovil... coisas do gênero.

ALUNOS: *[risos]*

PROF. MONIR: Quer dizer, nada disso aparentemente aconteceu até agora.

ALUNA: *[Faz um comentário.]*

PROF. MONIR: Bom, pela sequência em que o livro está organizado, aquela recusa, e sobretudo a recusa vista pela Leni e pelo Block com tanta gravidade, prenuncia que aquele ato havia quebrado a continuidade de um processo e que aí ia haver uma espécie de modificação no quadro. E essa modificação é o prenúncio da morte pela boca do padre, na catedral de Praga - catedral católica. No entanto, vocês ainda não me disseram qual seria possivelmente o crime que o Josef K. teria cometido.

ALUNO: E o fato de ele não se defender...

PROF. MONIR: Ele tenta se defender o tempo todo, mas não consegue. Ele tenta falar com o juiz, ele não consegue descobrir do que é que ele tem que se defender, ele não consegue que o advogado o defenda. Não é só que ele não se defende, o advogado não o defende também.

ALUNO: Mas lá no tribunal ele começou a se defender...

PROF. MONIR: É, mas ele não entra no mérito do caso. Ele entra no tribunal, diz que aquilo é uma palhaçada ridícula, que é um circo, que é um troço ali pra explorar as pessoas, que não tem nenhum valor, e eles que vão plantar batata, que ele não quer mais saber daquilo. Então no tribunal, logo no início, ele dá uma desancada geral naquela situação sem, no entanto, entrar no mérito da própria acusação. Porque ele não sabe de fato, nem sabia ali e nem saberá até o fim do que é que ele é acusado. No final da história ele

apenas está conformado com o fato de que a sua condenação é irreversível. Então quando entram os tenores, ele diz assim: “Ah, então são vocês que vão ser os meus carrascos”, “De que teatro vocês vieram?” Ele lida ironicamente com aquela situação. Mas ele nem no final acha que possa ter alguma espécie de culpa.

ALUNA: Tem um trecho lá na conversa dele com o padre em que ele diz assim: “Mas eu não sou culpado. É um equívoco. Como é que um ser humano pode ser culpado.”

PROF. MONIR: Ah, você agora pegou um caminho de ouro! É aquele caminho da Dorothy, dos tijolos amarelos! Você conseguiu pegar um caminho muito bom agora. Quer dizer, o padre diz assim pra ele: “Mas você tá enganado”. E ele diz assim: “Mas como é que um homem pode ser culpado?”

ALUNO: Parece que o problema é ele lutar contra alguma coisa que não existe... e além disso ele ir buscar nos locais menos apropriados a solução para o problema... É como se ele aceitasse uma coisa que não é dele, ele não devia nem ir atrás, ele não tem essa culpa...

PROF. MONIR: A única coisa que ele não faz... O que as mulheres mandam fazer? Confessar. Não é isso que as mulheres mandam que ele faça? No entanto, ele não confessa, em nenhum momento. Deixou claro na última conversa com o padre, no final da história, que ele não tinha nada a confessar, porque afinal de contas não era culpado de nada. A única coisa que ele não admite nunca, jamais, é que ele possa ser culpado... Esse é o coração do problema.

ALUNO: Essa seria uma confissão dos pecados que a gente comete na vida e confessa para o padre? Seria nesse sentido?

PROF. MONIR: Um dos sete sacramentos é a confissão, não é? Olhando aqui para o cristianismo católico - no catolicismo há a ideia de que há sete sacramentos, e um deles é a confissão.

Confissão é o ato pelo qual você conta para um padre constituído formalmente, que é uma pessoa com uma autoridade espiritual, alguma coisa que você fez, da qual você se arrepende (essa que é a expressão técnica). E essa pessoa então, com poderes que são espirituais, que ele tem... - o padre não está no mesmo nível que você está, ele está num nível superior, sempre. Então quando você vai a um psicólogo contar a sua vida trágica, os seus problemas existenciais, você está falando com uma pessoa que tem o mesmo nível que você, o mesmo nível ontológico, digamos assim. É apenas uma pessoa que tem uma técnica que você não tem. Mais do que isso, é uma pessoa que não tem o problema que você tem, então um psicólogo não é uma pessoa que esteja num nível diferente do seu, é apenas uma pessoa que tem uma posição mais favorável do que a sua. Mas quando você vai falar com um padre num confessionário, o padre não está no mesmo nível que você, o padre representa o poder espiritual. Então, o padre tem um poder, que é verdadeiro, de fato, de absolver você dos seus pecados. O padre pode absolver, de fato, os seus pecados e, de fato, ele absolve os seus pecados. Isso é assim de acordo com a visão católica. O cristianismo não católico tem uma lá outra visão, que não sei qual é. Mas no catolicismo é assim, o padre não está no mesmo nível que você. Ele existe num nível espiritual superior ao seu. Não é a mesma coisa que conversar com um psicólogo, vocês entenderam? Porque o psicólogo pode entender o seu problema, pode até

te dar uma boa explicação, mas o psicólogo não te absolve do fato de que você passa as sextas-feiras à noite vestido de *drag queen* na porta de uma boate gay, tocando um apito. <risos> Compreenderam que é outra coisa? Não é a mesma coisa, porque o padre te absolve de fato dos seus pecados. Mas essa absolvição depende de haver a confissão do pecado. E a confissão, de acordo com a regra do cristianismo, ela é feita assim: você nunca deve confessar os pecados com detalhamento, você deve dar ao padre uma indicação da natureza do pecado que você faz. Por uma razão prática, não se deve nunca confessar todos os pecados com detalhes para Deus, porque vai que Deus acredita? Você está morto! Não faça uma coisa dessas... [risos] Então você não deve confessar pra Deus os pecados com detalhes... a ideia da confissão cristã católica é você dar uma ideia do que você fez, não é pra estabelecer um enredo de um livro erótico, entenderam isso?

Então o Josef K. em nenhum momento se coloca nessa postura. Mas por que ele não se põe nessa postura? Porque ele não sabe do que ele é acusado e não reconhece o pecado, não é isso?

ALUNA: Ele não tem controle de nada...

PROF. MONIR: Mas ele tinha antes, né? Até o dia do seu trigésimo aniversário ele parecia levar uma vida que ele podia controlar. A partir daí não, nunca mais. O mundo desabou como um fato consumado que o foi empurrando para uma inevitável morte.

ALUNA: [Faz comentário]

PROF. MONIR: Essa frase que a Leoni descobriu é a chave do mistério. É essa

a frase que resolve o mistério da interpretação dessa história. É aí que está a chave. Se a gente for capaz de conversar um pouquinho mais sobre isso, nós vamos descobrir o sentido do processo.

ALUNO: *[Pergunta sobre a namorada e o fato de K. não ter ido encontrá-la.]*

PROF. MONIR: Convenhamos que não é razão suficiente pro sujeito acabar morto, você ter deixado de ir ao encontro da namorada...

ALUNO: *[Comenta que a história está inacabada.]*

PROF. MONIR: Não, o resumo pode não estar perfeito, mas de alguma maneira ele apresenta todos os componentes da história... O resumo não é perfeito, mas quem leu o livro seguramente deve ter percebido que o resumo representa fielmente a história; embora não seja nem de perto comparável ao livro original, ele não é infiel. Quer dizer, não há nenhum fato escondido de vocês. Não há nada que eu tenha escondido de vocês sobre essa história, tá?

ALUNO: *[Comenta sobre o livro não ter sido finalizado pelo Kafka.]*

PROF. MONIR: Poderia ser o caso... mas se você continuar no caminho que foi aberto ali pela Leoni, você vai descobrir que mesmo que ele tivesse matado a mãe sem nenhuma boa razão, mesmo assim não teria nenhuma diferença com relação ao que o Kafka quer nos contar aí. Ele está querendo nos contar uma coisa extraordinária... e que vocês estão muito próximos de descobrirem sozinhos.

ALUNA: *[Faz comentário.]*

PROF. MONIR: Ele acha que ele é um ser humano e, como tal, esse ser humano não pode ser acusado de qualquer coisa, porque ele é apenas um ser humano. Mas isso que ele aos poucos teme que seja a razão da acusação ainda não apareceu nessa explicação... Quer tentar?

ALUNO: *[Comenta sobre a ligação de K. com Cristo – imolado, idade próxima dos trinta anos, quando Cristo começou a atuar no mundo.]*

PROF. MONIR: É, pode ser que tenha alguma coisa a ver com os trinta, acho que vale a pena lembrar isso. Tem um sentido essa observação que ele fez. Mas há aí uma coisa absolutamente fundamental que é o que no fundo o Kafka está nos contando, com essa história maravilhosa...

ALUNO: *[Comenta que não há um homem no mundo sem culpa, relembra a passagem do apedrejamento da prostituta, quando Cristo disse que atirasse a primeira pedra aquele que não tivesse pecado.]*

PROF. MONIR: Bom, muito bem, é uma ideia... Mas nesse caso, por que razão, de repente, no dia do trigésimo aniversário, essa situação teria se transformado? Porque houve uma transformação da vida dele. Essa transformação é um encaminhamento para a morte... E por que isso teria acontecido logo naquele dia, não antes nem depois?

ALUNA: *[Acha que o K. acha que o ser humano não pode ser culpado, porque errar é humano.]*

PROF. MONIR: Mas de alguma culpa ele pode ser acusado, sim.

ALUNO: *[Levanta a hipótese de o K. ser um bode expiatório.]*

PROF. MONIR: Seria assim se ele fosse de fato inocente. Mas vocês não me provaram ainda que ele é inocente! Ao contrário, tudo indica que ele é culpado. Não está todo o mundo dizendo que ele é culpado? Se ele for inocente essa tese vigora...

ALUNO: *[Comenta sobre os políticos, que quando alguma coisa dá errado escolhem um para levar a culpa.]*

PROF. MONIR: Tá certo, o bode expiatório só é expiatório quando ele é inocente. Porque se o bode expiatório não for inocente, ele é apenas um culpado sendo acusado de uma culpa verdadeira.

ALUNA: *[Ele tem que se arrepender, e ele não fez isso.]*

PROF. MONIR: Ele não confessa o pecado porque não reconhece pecado nenhum, é por isso que ele não ouve a recomendação das mulheres que dizem para ele ir lá confessar...

ALUNO: É culpado de não saber qual é o crime que ele cometeu. Pronto.

PROF. MONIR: Essa é uma boa ideia, né? Culpado pela ignorância. Mas há uma culpa absolutamente garantida...

ALUNO: *[Comenta sobre a parábola, quando o porteiro disse que a entrada estava destinada só para o K.]*

PROF. MONIR: O porteiro diz assim: “Você vai poder entrar, mas não agora”. Não é? E ele passa a vida inteira tentando imaginar como é que entra, mas ele não consegue entrar.

ALUNAS: Porque ele não se arrependeu.

PROF. MONIR: Mas ele não se arrepende não só porque ele não reconhece, mas porque ele passa o tempo todo pecando o mesmo pecado, nessa história. Qual é o pecado fundamental que o atormenta?

ALUNO: A dúvida.

PROF. MONIR: Não é a dúvida... a dúvida é a fonte do tormento. Mas há alguma coisa de que ele é culpado, de que ele finalmente descobre que é culpado e a descoberta dessa culpa é que faz com que o mundo fique sombrio e que pareça hostil... Porque o mundo não é hostil, o mundo se torna hostil a partir do momento em que ele é preso, antes disso o mundo não é hostil. O mundo do Josef K. parece normal, não é um mundo hostil.

ALUNO: *[Pergunta se não é por usar o livre arbítrio que ele não vê o que fez de errado.]*

PROF. MONIR: Ele tem o livre arbítrio para negar, mas nem isso o exime da condenação, ele vai morrer igual.

ALUNO: *[Pergunta se o problema não era porque o K. era religioso.]*

PROF. MONIR: Religioso? Em que sentido?

ALUNO: No sentido de culpa, de judeu...

PROF. MONIR: Peraí... Vocês compreendem que a história humana quando contada na mitologia bíblica, ela é uma história assim: Deus faz o mundo em seis dias e aí vê que o mundo é muito bonito. Daí Deus inventa alguém pra dizer assim: "Ó, como esse mundo é bonito!" E essa pessoa é o ser humano. Então Deus nos dá a oportunidade de participar desse mundo e ao mesmo tempo fica feliz do fato de que nós somos então finalmente capazes de sabermos o quanto o mundo é bonito. Ou seja, nós participamos, de um certo modo, da inteligência de Deus. Alguns anjos acham que isso é uma coisa muito injusta, porque isso era um atributo apenas de anjo, e há uma rebelião contra Deus liderada por Lúcifer. Então depois da luta Lúcifer cai sob a superfície da terra e mergulha até o centro, onde está lá organizando os infernos até hoje, não é isso? Então o homem, depois de vencida a resistência a Lúcifer, é colocado sobre a terra e lhe é dado de presente - para o homem e a mulher - um mundo onde não há absolutamente nenhuma hostilidade. O mundo paradisíaco, do paraíso inicial, é um mundo de felicidade plena, um mundo de longevidade praticamente total, onde não há nenhuma ameaça, não há nenhuma necessidade de desgosto, de absoluta integração e sintonia com o espírito de Deus. Nesse mundo só existe uma única possibilidade de adversidade, que é aquela representada simbolicamente pela existência, no centro do paraíso, de uma árvore de que nós estamos proibidos de consumir os frutos: a árvore do bem e do mal, da ciência do bem e do mal. Essa árvore não pode ser consumida. Ela é um

dado hostil porque ela está proibida, e ela pode produzir um mal. Mas esse mal é meramente potencial, porque eu só irei produzir esse mal se eu comer do fruto daquela árvore. No entanto, apesar de ser a única possibilidade de reversão do estado paradisíaco de felicidade humana, o fruto da árvore acaba sendo consumido. Por inspiração de Lúcifer (da serpente), o ser humano acaba caindo em tentação. E o homem cai, a partir desse momento, àquilo que se chama “A queda”. A queda é a transformação da vida humana de uma vida de absoluta facilidade e de sintonia total para uma vida de hostilidade e dificuldades crônicas e permanentes, que é simbolizado no mito bíblico por ganhar o pão pelo suor do rosto e ter filhos com as equivalentes dores do parto. É claro que não está se falando dessas duas coisas apenas, está se falando do fato de que a partir da queda a humanidade passa a ter uma vida que, diferentemente do que era antes, é uma vida de dificuldades e de sofrimento crônico. Vocês perceberam que há uma mudança extraordinária entre o momento pré-queda e pós-queda?

Qual é o pecado de que o Josef K. é acusado?

ALUNO: A luxúria.

PROF. MONIR: O pecado original! A luxúria, não. Ela é de todos os pecados, o menor. Olha, lá no inferno de Dante o círculo que tem a luxúria é o círculo mais alto, quer dizer, a luxúria é um pecado muito leve, porque a luxúria é na verdade uma espécie de exagero de algo natural do ser humano, que é o prazer. Vejam, uma das nossas características humanas é que o ser humano tem a possibilidade, a potência do prazer sensual. Não há nenhum mal nisso... se não fosse pra você brincar, para quê é que Deus teria te dado o parquinho?

ALUNOS: <risos>

PROF. MONIR: Compreenderam que não faz nenhum sentido você fazer campanha contra o prazer sensual? O pecado está em você transformar o prazer sensual na sua vida. Aí é pecado. Compreenderam? O Dalton Trevisan tem uma frase maravilhosa, que é assim: “Do que vale a sua vida se você não pode comer três, quatro quindins?” De fato, né? Pense bem que vida besta se você não puder comer três, quatro quindins.

O Franz Kafka é um judeu, o Velho Testamento é um livro judaico... Ele é incorporado aos livros cristãos porque afinal há uma espécie de sequência histórica lógica. Mas o Velho Testamento é um livro judaico e ali não tem salvação nenhuma. Como é que o Velho Testamento lida com isso? Ele espera que o Messias volte algum dia pra salvar. Mas sob o ponto de vista judaico não tem salvação nenhuma no horizonte, porque não veio Messias nenhum.

Como os judeus acreditam nisso, que eles estão perdidos por causa do pecado original - que é a única acusação de fato que você tem para atribuir ao Josef K. (qual é o pecado que ele cometeu, do qual ele é acusado? É o pecado original), então os judeus estabeleceram uma religião cuja essência é ficar amigo de Deus. Isso que se chama judaísmo é uma espécie de exercício de boas relações com Deus, de relações amistosas, porque eles imaginam que na hora em que Deus for resolver esse problema aqui eles vão ficar em melhor situação, porque afinal eles sempre foram bacanas, amigos de Deus. A essência do judaísmo é a amizade com Deus, porque eles não acham que haja de fato uma salvação antes da vinda do Messias. Mas o Messias não veio ainda. Quem sabe ele não vem, não sei.

Então, quando você come o fruto da árvore proibida, você comete o pecado original. Mas o que é isso na prática? O fruto da árvore proibida é um exercício de soberba. Dos sete pecados capitais, quando você vê o inferno de Dante, a luxúria é o mais leve deles, porque no fundo é apenas um exagero de uma prerrogativa humana natural.

Qual é o pecado que está na outra ponta, como o mais grave de todos? É a soberba. A soberba é o pior pecado, mas por quê? Porque ela é um desafio direto à autoridade de Deus. Porque Deus diz assim: "Não é pra comer esse negócio!" Você vai lá e come. Mas não é só esse o problema da soberba. É assim: a serpente convence Adão e Eva de que era para comer a fruta porque Deus estaria escondendo uma informação de que eles, Adão e Eva, se comessem daquela fruta, ficariam tão poderosos quanto Deus. Você consegue imaginar soberba maior do que essa? Você alçar-se ao mesmo status e nível de Deus?

Então o que é que faz o Josef K. o tempo todo em que ele não admite que ele é culpado? Ele sabe que é culpado, mas não admite. Ele está o tempo todo reafirmando a soberba do pecado capital, que é justamente aquilo de que ele é acusado. Mas como ele não acredita em salvação, ele não consegue nunca pegar a estrada de Damasco... São Paulo consegue ainda pegar a estrada de Damasco. Ele é cegado por Deus e perde a capacidade de enxergar qualquer coisa, que é exatamente a situação em que o Joseph K. se meteu. Mas na hora que São Paulo se humilha perante Deus, e confessa, e se torna humilde, ou seja, na hora em que ele se coloca na posição de criatura, então ele recupera a visão, porque ele se colocou ontologicamente no seu verdadeiro lugar e não está mais tentando atingir o lugar mais alto no pódio, disputando o lugar de Deus.

ALUNO: *[Pergunta o que aconteceria se ele tivesse confessado.]*

PROF. MONIR: Pra isso ele teria que ter compreendido que ele está sob o pecado de soberba. Ele não consegue entender isso.

ALUNO: Soberba contra Deus, que no caso é a justiça?

PROF. MONIR: Veja, a história não é construída em cima dessa explicação que eu estou dando, ela é apenas simbolicamente construída assim, mas não factualmente.

Então o Joseph K. não reconhece a sua condição de criatura. Ele acha que não é criatura, mas sim um criador... ele não reconhece jamais a sua posição de subordinação divina, é por isso que ele não consegue ver a culpa, porque a soberba o está cegando o tempo todo, sistematicamente. Ele não consegue ver jamais que o problema é ele reconhecer-se como criatura, e aí sim a salvação seria possível.

ALUNA: É uma limitação, então, não é? Ele não se sentiu um ser limitado.

Prof. Monir: Não é isso, pessoal. Vejam bem, eu não estou aqui tentando dar a vocês uma explicação religiosa para o problema. Eu estou dando uma situação **ontológica** para o problema. O que o Josef K. faz e que o destrói é enganar-se sobre a sua verdadeira natureza ontológica... Quer dizer, na hora em que ele não é capaz de perceber-se como criação, ele então se torna inviável como pessoa. Quer dizer, é exatamente a mesma história que depois o Kafka conta em *A Metamorfose*... O que é a metamorfose? É um sujeito que vira um inseto gigante, porque na hora em que você perde o status de criação,

você perde o status humano. E o que acontece com o Josef K. é que a vida humana vai deixando de ser possível nele, tanto que ele jamais conseguirá se salvar disso porque ele está pecando sistematicamente, tudo de novo, o tempo todo. No caso de *A Metamorfose* o que acontece é uma desnaturação da criatura, o Gregor Samsa deixa de ser um ser humano para se transformar num inseto. Ele perde status ontológico. O nosso status ontológico é status de criação. Qualquer tentativa de tentarmos nos transformar na origem de todas as coisas nos destrói como seres humanos. É isso que gera a destruição de Josef K. O que Joseph K. está sofrendo é uma acusação em que Deus lhe aponta o dedo e diz: "Você, ser humano, pensa que é Deus, mas você não é. Admita que você não é". Como ele não consegue jamais admitir, porque ele de fato não sabe isso, ele não compreende isso, pelo menos não conscientemente, então ele se debaterá com a sua tese falsa, com a sua tese impossível, até que finalmente aconteça o desdobramento e o clímax em que a morte será imposta pelas circunstâncias.

A lei - Ele não consegue entrar na lei porque a única possibilidade de o porteiro deixá-lo entrar é que ele confesse. Mas ele não confessa, ele fica imaginando a hora em que o porteiro vai convidá-lo. Mas ele não será convidado jamais! E pela mesma razão pela qual o homem do campo morre na porta da lei, ele morrerá num ato sacrificial, sobre uma pedra de uma pedreira abandonada, morto por uma faca de açougueiro que será enterrada no seu peito e virada duas vezes. Conforme descrito no livro. A história de *O Processo* é a história do gnosticismo, o pecado do Josef K. é ser gnóstico... é achar que pelos seus próprios meios humanos ele é capaz de atingir a divindade, a sabedoria. É o desprezo da existência e da autoridade de Deus, que é de todos os pecados o mais grave. É por isso que a soberba é sempre o pecado pior. Quando você reza no Pai Nosso: "e não nos deixei cair em tentação", não é que você

esteja pedindo para se abster de comprar a última *Playboy*, entendeu? Você compreende como é fútil uma interpretação dessas? O que Deus não quer que você faça é que você caia na conversa do diabo (que está lá no mito do paraíso), que diz que você é Deus! Quando eu estive aqui no ano passado para mostrar pra vocês que havia alguma coisa fundamentalmente errada com o filme *Quem Somos Nós?* - eu estou me referindo ao fato de que no final da história se diz que a Amanda (a personagem mais importante da história) não entendeu que ela é Deus. Mas nós não podemos ser Deus, de modo nenhum! Agora vem um outro filme pior do que esse, chamado *O Segredo*, que fará um estrago muito maior do que o outro, que fica o tempo todo dizendo que nós somos deuses. Esse é o nosso defeito. Que conversa é essa de que nós somos Deus? É a conversa do demônio na tentação do Adão e Eva, é a conversa agnóstica, a conversa pra tentar você pra você abandonar o seu status ontológico. A soberba é de todos os pecados o pior, porque de fato ele é logicamente pior do que os outros. A soberba é uma desconsideração da existência de Deus, é como se você não julgasse que possa ter havido pai e mãe que antecederam você. De todos os pecados, é o maior todos, e o pecado original é basicamente esse. É a incapacidade do homem de escolher entre ser criatura e ser criação, é a dúvida que ele possa ter se ele não é equivalente a Deus... mas é uma dúvida tão louca que é quase impossível de a gente imaginar que isso possa acontecer na prática.

No entanto, essa é a essência de toda a filosofia moderna, de toda a ciência moderna. Todo o mundo pensa que é Deus. É isso que mata o Josef K., e é isso que nos matará a todos sob o ponto de vista ontológico. Não estou falando aqui de religião, estou falando de ontologia - se nós não compreendermos essa diferença absoluta que há entre criação e criatura, que é uma diferença que na cabeça do Josef K. não existe de fato.

(Resumo feito por José Monir Nasser. Os trechos citados são da edição O Processo da Editora Companhia das Letras, São Paulo, 1997, tradução de Modesto Carone).

A Consolação da Filosofia

de Boécio (c. 480 - 525)

Transcrição da palestra do professor José Monir Nasser em Curitiba, em 23/06/2007²

² Transcrição de Leticia Scheifer. Revisão da transcrição: Patrícia Nasser.

A Consolação da Filosofia

O que se entende por cultura aqui é que no final destes nossos encontros vocês saiam daqui tendo domínio de determinadas características da realidade humana, certos aspectos da condição humana que os ajudarão a viver de modo mais consciente, um modo melhor. É isso que se entende por cultura. Não é uma distribuição de detalhamentos. O mundo da cultura não deve ser confundido com uma espécie de beletrícia (da palavra francesa *belles lettres*), não é isso. Nós estamos preocupados em saber o que significa aquilo que está sendo dito ali. E essa é a razão pela qual nós misturamos sempre livros de ficção com livros ensaísticos, livros sem pretensão ficcional. O livro de hoje é uma fórmula mista, pois foi escrito de forma ficcional sem ser de fato um livro de ficção. É um livro de filosofia escrito de um modo literário muito diferente de como no modo geral se fazem os livros de filosofia. É um livro muito antigo. Foi escrito no século IV ou V século da era cristã.

Então fazemos essa mistura de gêneros justamente para mostrar que não estamos aqui preocupados ou obcecados por qualquer visão de forma. A forma é subsidiária no nosso processo.

Passamos aqui um resumo que não substitui a leitura do livro. O livro é muito melhor do que o resumo, sempre. Não há modo de um resumo representar o livro com a mesma competência. Não deixem de ler o livro. Se você quer estudar filosofia na vida, e deseja começar por um determinado livro, pegue este, em vez de pegar aquela coisa horrorosa chamada *O Mundo de Sofia*, que é uma espécie de crime literário. Não leiam aquilo de jeito nenhum, não indiquem pra ninguém. Se tiverem, escondam. Não deixem as crianças pegarem de modo nenhum. Escondam das crianças, por favor! *O Mundo de Sofia* é uma enganação. Se alguém um dia te perguntar como é que começa a ler filosofia, você manda ler o Boécio, *A Consolação da Filosofia*. Feito isso, podemos começar? Todo o mundo tá feliz com essa pré-explicação? Alguém tem alguma dúvida? Vamos em frente?

Então o Boécio é um desses grandes autores, que de certo modo sofreram um esquecimento completamente injusto. O Boécio nasceu e viveu numa época em que havia certo buraco na vida intelectual ocidental, e ele acabou sofrendo as consequências disso. Vamos olhar para a cronologia, que todos receberam. Apenas pra gente ter uma ideia da época.

Cronologia

313 Com o edito de Milão, Constantino I (272–337) torna o cristianismo livre no império romano.

PROF. MONIR: Há uma versão popular do assunto de que ele teria transformado o cristianismo na religião oficial, o que não é verdade. O cristianismo simplesmente foi autorizado, como qualquer outra religião. Parou-se de perseguir os cristãos sob certo ponto de vista. Não que isso tenha sido pra sempre, mas já foi um reconhecimento da legitimidade do cristianismo. Duzentos e poucos anos depois da morte de Cristo o cristianismo é aceito como religião. Nessa altura já havia um conjunto de obras de doutrina cristã que são chamadas de patrística.

É muito importante saber algo aqui para entender toda esta história. O cristianismo não é uma doutrina, não é uma tese filosófica, não é uma proposta, uma hipótese ou uma proposição especulativa. O cristianismo é um fato histórico. A gente não entende nada se não compreender isso. Por que aquilo que nós chamamos de cristianismo resume-se fundamentalmente a quatro evangelhos e o *Atos dos Apóstolos*. Todas essas coisas são narrativas de fatos históricos. Há quarenta evangelhos, mas a Igreja só reconhece quatro. E a razão pela qual a Igreja só reconhece quatro não é porque haja uma conspiração lá do *Código Da Vinci* ou coisa equivalente, mas é porque só esses quatro têm certa sintonia, certa concordância entre si.

Porque era preciso escolher o que parecia mais provável. De todos os evangelhos, esses quatro contam basicamente a mesma história. Tem lá um ou outro ponto de divergência, mas fundamentalmente trata-se da mesma

história: a passagem de Jesus Cristo sobre a terra. Então o cristianismo é baseado na descrição, na narrativa da passagem de Jesus Cristo sobre a terra, isso é que é o cristianismo. Portanto ele não é uma doutrina, ele é uma narrativa factual. É como se os evangelistas fossem repórteres, no sentido moderno da palavra. Então o cristianismo não é uma doutrina especulativa, uma teoria sobre o mundo, como faz Kant, como faz Hegel. De certo modo o cristianismo vai viver por causa disso mesmo. Ele foi mantido incólume pela sua factualidade, pelo fato de que ele retrata uma coisa que aconteceu num certo modo.

Mas na medida em que o cristianismo ia pegando peso e ficando maior, ele começa a ser desafiado pelas pessoas da época. Então, o que acontece? Começa a haver um processo de defesa de teses cristãs. Alguém fala: “Não, mas como é que pode esse negócio de Jesus, Espírito Santo e Deus serem a mesma coisa?” Começa a haver um processo de contestação. Na medida em que essas contestações são feitas, representantes da Igreja (que naquela época era só o catolicismo) começam a defender isso e os documentos que vão sendo expedidos em defesa desse ponto do cristianismo vão aos pouquinhos gerando uma doutrina cristã, um corpo teórico doutrinário. Esses documentos iniciais são chamados de patrística porque eram os primeiros documentos dos padres da Igreja, dos Papas, dos grandes pensadores. Tudo isso junto é patrística. Mas isso não está organizado num sistema. É apenas um conjunto de comentários que pessoas inteligentíssimas fazem sobre determinados fatos do cristianismo que estão sendo desafiados de fora pra dentro. E de vez em quando aparece alguém no âmbito do cristianismo com uma ideia estrambótica. Essas ideias são chamadas de heresias.

E para que uma coisa possa ser heresia, necessariamente tem que ser cristã. Porque você não pode chamar um muçulmano de herético. Não pode chamar um judeu de herético. Eles não são heréticos porque não são cristãos. Mas dentro do próprio cristianismo começaram a aparecer interpretações heterodoxas, sendo que a mais importante de todas nessa época foi a interpretação de um determinado bispo, chamado Arius, negando a consubstancialidade de Jesus Cristo e Deus. Negando que Jesus fosse Deus. Essa foi a maior e mais grave heresia de todas. E é a primeira grande heresia com a qual se defrontou a Igreja Católica. É uma heresia porque quem a professa é católico. E ao mesmo tempo em que é uma heresia, é uma heresia fatal. Porque se ficar provado que Jesus Cristo não é Deus, então o cristianismo não vale absolutamente nada. E a vida de Jesus sobre a terra equivaleria a uma espécie de aventura de Pedro Malasartes³ ... passa a ser só uma história emocionante, mas de valor nenhum.

Você não pode, de modo algum, negar a consubstancialidade porque isso destrói o próprio cristianismo. Então o que acontece é que ao longo do início da era cristã havia lá as narrativas dos evangelistas, e na medida em que vão havendo os ataques, a Igreja Católica se vê obrigada a ir construindo uma série de defesas e documentos e argumentações para permitir proteger determinados pontos de vista que lhe são fundamentais. Isso tudo cha-

3 Nota da revisora de transcrição – Malasartes, ou das Malasartes ou ainda Malasarte e Malazarte é um personagem tradicional da cultura portuguesa e da cultura brasileira. Segundo Câmara Cascudo “Malasartes é figura tradicional nos sites de aposta populares da Península Ibérica, como exemplo de burlão invencível, astucioso, cínico, inesgotável de expedientes e de enganos, sem escrúpulos pois é o deus que ajuda os apostadores a ganharem”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Malasartes. Acesso em: 15.out.2017.

ma-se patrística e nesse mundo aí foi levado ao clímax, ao ponto mais alto, com Santo Agostinho. Ele é o maior representante de todos desse mundo. É o maior de todos os Pais da Igreja, nesse sentido de patrística, que faz a obra mais densa, mais completa, mais extraordinária... Então Santo Agostinho faz essa época chegar ao auge. E o nosso Boécio chega um pouco depois.

Então, qual é o problema? O problema é que já se está numa época em que há um distanciamento muito grande da filosofia grega, que havia mais ou menos acabado com Aristóteles (que morreu em 322 antes de Cristo). Nos últimos trezentos anos da era pré-cristã a filosofia grega virou uma lastimável bobagem, perdeu completamente o seu valor. E estamos aí nos trezentos anos depois de Cristo, seiscentos anos depois de Aristóteles e Platão. Há uma situação em que há uma visão de que a Igreja Católica precisa de um corpo teórico de conhecimentos e, ao mesmo tempo, há uma contradição disso, que é o fato de que as escrituras, os evangelhos, em princípio bastariam. Essa é a situação em que Boécio está. E nós vamos entender um pouquinho melhor agora se a gente olhar pra sua biografia:

325 O Concílio de Niceia, reunido por Constantino I, declara herética a doutrina de Arius, ou o arianismo, que nega a consubstancialidade entre Jesus e Deus.

PROF. MONIR: Se você achar isso, você é herege. Então lembre-se disso. Jesus tem de ser Deus obrigatoriamente, se não o cristianismo não faz nenhum sentido.

354 Nasce em Hipona, no norte de África, Santo Agostinho (354–430).

395 Com a morte de Teodósio (346–395), o império romano se divide em dois, o do ocidente com capital em Ravena e o do oriente com capital em Constantinopla.

PROF. MONIR: Essa Constantinopla é uma cidade que foi batizada assim por causa do Constantino e que antes chamava-se Bizâncio. A partir de 395, mais ou menos na época em que tudo isso está acontecendo, o império romano agora é dividido em dois pedaços, um fica com uma capital no oriente, onde hoje é Istambul (a antiga Constantinopla), e uma no ocidente, em Ravena, que mudaria para Roma.

476 O germânico Odoacro (433–493) depõe Rômulo Augusto e domina a Itália, marcando o fim do império romano do ocidente.

PROF. MONIR: Rômulo Augusto é o último imperador de estirpe romana. O império romano, que já estava aos pedaços, passa a ser dirigido por um bárbaro, teoricamente. Mas eles não eram tão bárbaros assim, porque a primeira coisa que eles fazem, em vez de quebrar tudo, foi manter todo o sistema jurídico romano funcionando. Eles mantêm as famílias patrícias (aristocratas) com todo o sistema. O sistema político continuou sendo romano. Em vez de os bárbaros imporem aos romanos os seus hábitos políticos, são os bárbaros que tentaram tomar o poder de acordo com os hábitos políticos romanos. Acontece de vez em quando, quando o conquistador é muito menos culto do que o conquistado. Por exemplo, quando os romanos conquistaram a Grécia, eles não impuseram à Grécia costumes romanos. Ao contrário, os gregos é que acabaram transportando para Roma alguns dos seus próprios modos de ser.

O que aconteceu aqui foi que quando os germânicos tomaram o império romano, teve muita briga e destruição também, mas quando começou a parecer que ia virar uma coisa consolidada, os germânicos queriam governar o império pelos critérios de Roma, e não o contrário. De modo que foram mantidos os cargos e o poder relativo das dinastias aristocráticas romanas, entre elas aquela de onde vem Boécio – ele era um aristocrata romano. Esse Odoacro aqui faz isso.

c. 480 Anicius Manlius Severinus Boetius nasce em Roma, numa família patrícia, cristã havia cem anos. Órfão aos sete anos, é adotado pelo aristocrata Quintus Aurelius Symmachus, com cuja filha, Rusticiana, casar-se-ia.

PROF. MONIR: Então o Boécio nasceu numa família patrícia, ficou órfão, mas foi adotado por outra família patrícia. E casou com a filha do seu pai adotivo, a Rusticiana.

494 O ostrogodo Teodorico, ou Dietrich (c.455–526), depois de tomar a Itália de Odoacro, proclama-se rei em Ravena. Teodorico é ariano, como a maioria dos bárbaros (menos os francos).

PROF. MONIR: Aqui tem uma coisa importantíssima: como o arianismo foi muito importante, esteve muito disseminado no mundo cristão logo no início da era cristã, os bárbaros eram todos arianos. Achavam de fato que Jesus não era Deus. Os francos não, eles eram o único grupo de bárbaros que não achavam isso, que não tiveram essa educação errada. Então esse que depõe o outro e sobe ao poder, o Teodorico, é fundamentalmente ariano. Ele já era cristianizado, mas ariano. E não sabe que quem é ariano não é cristão de verdade, porque ser um herético implica em você cometer um erro tão grave

que isso o expulsa a comunidade cristã. Mas ele pensa que é. Ele pensa que é cristão, mas não é.

507 Teodorico comissiona tarefas a Boécio,

PROF. MONIR: O Teodorico toma o poder mas não mata a nobreza, porque eles não sabem lidar com aquela máquina judiciária sofisticadíssima. O império romano tinha uma máquina que era dirigida pelos romanos, você não consegue substituir isso. Então o Boécio, como aristocrata, começa a ter funções sob o governo de um bárbaro, Teodorico, e começa a receber tarefas.

que tem cultura excepcional, possivelmente adquirida na Grécia. Boécio é autor da tradução das *Categorias* de Aristóteles e de comentários sobre o *Isagoge* de Porfírio. Escreveu o tratado *Aritmética*, o tratado *De institutione musicæ*, um tratado de astrologia e outro de geometria, cobrindo toda a extensão do quadrivium.

PROF. MONIR: O quadrivium e o trivium eram os dois corpos de conhecimento que fundamentavam a educação na Idade Média. É uma abordagem pedagógica genial, maravilhosa, que dizia o seguinte: o que a pessoa tem que saber, como educação verdadeira, são quatro conhecimentos ligados aos números e três ligados às palavras.

O trivium é a somatória de gramática, retórica e lógica. E quem aprende o quadrivium aprende aritmética, geometria (mas não no sentido moderno – geometria para um antigo é um estudo da qualidade do espaço). Se você quiser entender isso muito bem, leia *O Reino da Quantidade*, um dos cinco livros mais importantes já escritos no mundo ocidental e que explica isso com uma competência inacreditável. Cada linha pesa um milhão de tonela-

das, dá pra ler o resto da vida. Neste livro o René Guénon demonstra que a geometria é a ciência da qualidade do espaço, do mesmo modo que Pitágoras demonstrava que a aritmética é a ciência da qualidade do número. Esse é o sentido de geometria nessa época... é uma maneira de você entender o que significa o triângulo, que não é apenas um objeto tridimensional – ele tem um significado simbólico que tem que ser entendido.

A terceira habilidade do quadrivium é a astronomia, mas num sentido astrológico, novamente... Para o antigo, a astrologia é a ciência da qualidade do céu. Há um céu em cima de nós e ele tem uma qualidade. Isso implica de alguma maneira, simbolicamente, algum efeito aqui na Terra. Entender a qualidade do céu é o que faz a astrologia. E a astronomia do tempo de Boécio era isso. Tanto é que uma das acusações que lhe foram feitas era ser bruxo, justamente por causa da astrologia. E a quarta habilidade do número é a música. Reparem que o Boécio, na medida em que a obra dele representa uma teoria, foi quem teorizou as diversas habilidades ligadas ao quadrivium. O quadrivium era a metade da educação que uma pessoa recebia na Idade Média. E nós estamos aqui ainda pelo menos quatrocentos anos antes da Idade Média. O Boécio tem essa importância também.

Sua obra *De Trinitate* lança as bases do método filosófico escolástico.

PROF. MONIR: Depois eu vou explicar isso com muita calma, porque é muito importante.

510 Boécio torna-se cônsul (*consul romanus*).

519 Inicia-se em Constantinopla o reinado do católico Justiniano (482–565), que iria até 527.

PROF. MONIR: Esse aí não é ariano, esse é católico mesmo, aceita a tese da divindade de Jesus Cristo. E começa um problema, porque os dois reinos são separados, teoricamente são dois reinos cristãos, mas já há divergências muito grandes entre os dois. Há um potencial de embate entre esses dois reinos, o império do oriente e o do ocidente.

c.520 Boécio é indicado *magister officiorum* (mestre dos ofícios), equivalente a um moderno chefe da casa civil.

522 Os dois filhos de Boécio tornam-se côsules.

PROF. MONIR: O que é uma coisa muito honrosa.

524 O senador Albino é denunciado a Teodorico por traição. Boécio, também senador, o defende. Sob acusação de bruxaria (astrologia) e de conspiração em benefício do imperador Justiniano, Boécio é preso por ordem de Teodorico. É torturado na prisão do *Ticinium* em Pavia. Condenado à morte pelo senado, escreve na prisão *A Consolação da Filosofia* (*De consolatione philosophiæ*).

PROF. MONIR: Começa o desastre na vida de Boécio. Albino é o outro senador além do Boécio. Teodorico acha que a acusação é verdadeira porque temia a conspiração do Justiniano lá no outro império. E o Boécio vai defender o colega. Por isso o Teodorico o vê como sendo cúmplice. Enquanto Boécio esperava a morte, ele escreveu o livro que nós vamos ver hoje.

525 Boécio é executado em Pavia. O seu corpo está na igreja de *San Pietro in Cielo d'Oro*, em Pavia, junto com o de Santo Agostinho. Boécio e seu pai eram pessoas ímpares, de uma generosidade, pessoas de grande nível humanístico.

Eram pessoas excepcionais. Seu pai adotivo, Símaco, teria sido morto algum tempo depois.

PROF. MONIR: O pai adotivo de Boécio foi morto pelo Teodorico em seguida apenas porque defendeu o filho adotivo e genro.

526 Morre Teodorico. Segundo a lenda, o imperador teria sido assombrado por fantasmas nos últimos dias.

PROF. MONIR: Segundo o folclore, ele via todo o tempo os fantasmas dos dois. Não conseguia dormir porque ficou assombrado pela culpa, né? Morre de um modo muito lamentável. Passam-se muitos e muitos anos.

800 Renasce o império romano do ocidente com a coroação de Carlos Magno (747–814).

PROF. MONIR: Carlos Magno é coroado na noite de Natal, numa primeira tentativa de fazer ressurgir o império romano na Europa. Essa tentativa, pela mão dos francos, não deu certo. Em seguida, passados sessenta anos ou algo assim, há uma segunda tentativa do Sacro Império Romano Germânico, que é dos germânicos, não dos francos. Mudou a tribo aí que foi tentar fazer isso. A primeira tentativa não deu certo.

1300 Na *Divina Comédia*, Dante menciona Boécio, colocando-o no canto X do Paraíso:

*Porque o bem distinguiu, seguro e certo,
fulge aquela alma que a ilusão falaz
do mundo vão deixou a descoberto;*

*o corpo de que foi banida jaz
lá em Cielodouro, onde sofreu o dano
do martírio que a trouxe à eterna paz.*

PROF. MONIR: É uma menção de muito valor. O Boécio está sendo visto aqui pelo Dante, que é o intérprete da Idade Média, como uma pessoa de grande mérito. Uma pessoa que foi martirizada, em última análise.

1453 Fim do império romano do oriente com a queda de Constantinopla para o império otomano.

PROF. MONIR: Por causa disso, a Catedral de Santa Sofia, uma das mais belas do mundo, foi transformada numa mesquita. Preservada, porém reciclada. E Constantinopla passou a se chamar Istambul. Durante muito tempo referenciou-se a cidade com os dois nomes, mas hoje perdeu-se completamente o nome de Constantinopla.

1883 A Sagrada Congregação dos Ritos canoniza Boécio como São Severino Boécio e estabelece o dia vinte e três de outubro para seus festejos.

PROF. MONIR: Portanto Boécio é santo. Santo da Igreja Católica. Esse fato é de algum modo polêmico, porque como vocês verão na obra que nós vamos ler agora, não há uma única menção a Jesus Cristo. Por que não há? É isso que eu preciso explicar pra vocês com toda a calma agora, pra gente entender bem a obra. Boécio está escrevendo essa obra perto da sua morte, que foi em 525 da era cristã. Nesse momento tinha o que havia sobrado do mundo antigo, da filosofia grega, e já havia um corpo chamado patrística, de doutrina cristã.

O que o Boécio fará é uma das coisas mais notáveis que aconteceu na história da filosofia: havia aí dentro da patrística uma grande divergência conceitual entre dois caminhos possíveis. Uma parte da patrística, sobretudo a parte que estava impregnada pelo espírito grego, dizia que agora era hora de sistematizar o que se sabia sobre o cristianismo e que estava fora dos evangelhos, ou seja, tudo aquilo que foi adicionado ao conteúdo do cristianismo, e isso devia ser feito pelos critérios filosóficos da antiguidade grega. Havia por outro lado um outro grupo patrístico, que era o romano, que dizia que não dava pra fazer isso, porque esse seria o maior de todos os males, o caminho do diabo. Enquanto os gregos diziam que a filosofia era a porta de entrada do cristão, de apresentação para Deus, que só a filosofia poderia explicar verdadeiramente o que era o cristianismo, havia por outro lado um grupo que achava que essa era uma coisa muito perigosa, que você não podia transformar o cristianismo numa filosofia, porque em última análise o cristianismo é o relato de um acontecimento histórico e factual.

Nunca esqueçam isso. Que o cristianismo é baseado em quatro depoimentos de quatro testemunhas, três diretas e uma indireta, da passagem de Jesus Cristo sobre a terra. E então o Boécio está no meio dessa briga. Ele provavelmente havia estudado na Grécia, embora não se tenha certeza disso, e dominava todos os conteúdos filosóficos antigos. Em um texto de cinco páginas (você podem baixar da internet), chamado *De Trinitate*, ele tenta demonstrar porque é necessário aceitar filosoficamente que Pai + Filho + Espírito Santo são a mesma coisa – uma das restrições mais comuns à doutrina cristã é que não é a mesma coisa. Será que não há uma hierarquia entre si? Será que não vem primeiro o Pai, depois o Filho e aí o Espírito Santo?

Pois essa ideia é debatida por Boécio nesse pequeno texto, que é uma tentativa de dar uma abordagem de racionalidade filosófica a um tema religioso. O resultado disso na prática é que quem inventou a tal da escolástica foi o Boécio. Porque esse método de dar um tratamento filosófico a questões cristãs, ligadas à doutrina, ao corpo doutrinal da religião católica, é o que nós chamamos depois de escolástica. Lá pelo ano 800 começa a nascer essa técnica filosófica que deve ter sido a mais magistralmente sofisticada de todas, cujo ponto mais alto (muito tempo depois), deve ter sido São Tomás de Aquino. Enquanto Santo Agostinho é o ponto mais alto da patrística, São Tomás é o ponto mais alto da escolástica.

Mas está justamente em Boécio (não só nele, mas sobretudo nele), o germe dessa transição. Quer dizer, foi feita uma abordagem filosófica em torno dos conhecimentos que são factuais da doutrina católica, ou cristã (não tinha diferença naquela época). Boécio, portanto, vocês verão pelo texto que vão ler, é o sujeito que inventa isso. E a história que vamos ler em seguida é a história do corredor da morte. Ele havia sido torturado com um processo de se apertar a cabeça com uma cinta de couro. Os olhos saíam pelas órbitas, uma coisa medonha, horrorosa. E ele encontrava-se lá na prisão, destituído de tudo – não tinha mais família, casa, não tinha importância nenhuma. Ele era afinal de contas senador do império romano, não era um qualquer. Ele tinha um poder enorme e tinha dado demonstrações a vida inteira de piedade e generosidade ímpares. Era um sujeito extraordinariamente cuidadoso, e encontra-se lá torturado no corredor da morte, com a sua execução iminente.

O sogro subornava os guardas e mandava para a cela dele os materiais de escritura da época: papiro, o que fosse, tinta. E Boécio escreve essa história em que ele, desesperado com a situação em que está, recebe de repente a

visita de uma mulher, que é a Filosofia em pessoa. E a Filosofia vem debater com ele a situação em que ele está, mostrando que ele pode estar muito enganado em sentir-se tão mal. Talvez ele não esteja tão mal quanto pensa. Essa é a história que nós vamos ver. O livro é escrito na forma de um pouco de texto, um pouco de poesia, um pouco de texto, um pouco de poesia. Nós tiramos a poesia porque não ia dar pra fazer isso tudo, mesmo porque a poesia é rebarbativa. Ele diz a mesma coisa em linguagem poética e em linguagem discursiva. Então de vez em quando a gente põe alguma poesia, como é o caso do início. Começa tudo com a declaração de desespero de alguém que teve a sua vida completamente destruída e que começa a debater a sua própria situação com uma criatura que aparece, que é a Filosofia.

Resumo da narrativa

Anício Mânlio Severino Boécio escreveu *A Consolação da Filosofia* no cárcere, aguardando sua execução. Os meios para a redação da obra foram introduzidos na prisão por seu sogro, Símaco, que subornava os guardas. A narração, alternando prosa e verso, transcreve o diálogo entre Boécio e uma mulher misteriosa que o visita, a Filosofia. *A Consolação da Filosofia* teria sido o segundo livro mais lido na Idade Média, perdendo só para a *Vulgata* (a versão em latim da Bíblia, feita por São Jerônimo). Esta última obra do escritor patricio exemplifica a fusão entre a filosofia antiga e o cristianismo, criando a escolástica. Martin Grabmann (pensador sobre a Idade Média) dizia de Boécio “*ser o último dos romanos e o primeiro dos escolásticos*”.

PROF. MONIR: A escolástica é uma metodologia filosófica que consiste em você apor dialeticamente restrições a uma determinada afirmação: “Tal coi-

sa é assim". A escolástica é um método de lidar com esse assunto em que uma outra pessoa aparece e faz uma pergunta para inviabilizar essa afirmação. O nome desse pedaço do método chama-se disputácio. Então dois sujeitos começam a conversar, e para que um possa refutar a afirmação do outro, é requerido ser capaz de reproduzir o que o outro disse com todos os detalhes, antes de se opor. Para garantir que o adversário entendeu o que é que de fato que o outro está falando. Esse método da Idade Média fez a maravilha que é a *Suma Teológica*, de São Tomás de Aquino. É o método filosófico mais sofisticado que o mundo já teve, hoje completamente abandonado.

Houve uma tentativa no século XX de ressuscitar o tomismo, que é a mesma coisa, sobretudo pelo filósofo francês Jacques Maritain. Não deu muito certo, não foi muito bem-sucedida. Mas o Boécio é justamente o inventor disso. Ele consegue debater assuntos de Deus com metodologia filosófica. A possibilidade de conseguir fazer isso é sua contribuição extraordinária ao que se chama escolástica (que depois terá seu auge com São Tomás Aquino, por volta de 1200, mas começa já pelo ano 800). Porém dentro de Boécio já existem todos os componentes estruturais do método, e é por isso que se diz que ele é essa pessoa intermediária entre o mundo latino e o mundo escolástico, que era completamente medieval. A escolástica não é uma arte da antiguidade. O Boécio está naquele meio termo onde não aconteceu muita coisa. É por isso que é raro você encontrar o Boécio. Não aparece nem mesmo como verbete nos dicionários de filosofia. O que é uma vergonha total e completa, porque se você for colocar o Derrida, tem que botar Boécio também, com muito mais razão.

A linguagem que ele usa é extremamente simples, completamente acessível. Começa então com o Boécio reclamando da vida.

*Eu, que outrora compunha poemas plenos de alegria,
Ai, sou agora forçado a usar de tristes metros!
E eis que as Musas me ditam versos de dor,
E a elegias enchem meu rosto de verdadeiras lágrimas.
Pelo menos elas não foram tomadas de medo
Nem deixaram de ser companheiras neste amargo caminho.*

*Glória de uma juventude outrora feliz e promissora,
Consolam agora o destino infeliz de minha velhice.*

PROF. MONIR: Ele só tem quarenta e cinco anos, é uma velhice meio antecipada, mesmo pra época. Ele tem quarenta e cinco anos e acabou a vida! Vai morrer dali a dias.

ALUNA: *[Faz um comentário.]*

PROF. MONIR: Olhe, isso é um pouco de folclore. No fundo há longevos em toda a época. Platão viveu oitenta anos.

ALUNA: *[Faz um comentário.]*

PROF. MONIR: Mas isso é por causa dos românticos, que achavam lindo fazer isso. Teve uma época, no século XIX, que não havia nada mais charmoso do que morrer bem jovem. Com mais de vinte e cinco anos, já não deu mais, você já fracassou na sua vida. Mas veja, o Boécio é da aristocracia, é um sujei-

to que teve uma vida confortável. Então quarenta e cinco anos para alguém da aristocracia romana garantidamente é pouco. Mais ele vai falar isso para nós com outras palavras:

Pois repentinamente veio a inesperada velhice,

PROF. MONIR: Viu? A inesperada velhice. Ficou velho assim, de repente.

E com ela todos os seus sofrimentos.

De repente minha cabeça encheu-se de cabelos brancos,

E o meu corpo cobriu-se de rugas.

A morte do homem é feliz quando, sem atacar os doces anos,

Nos acolhe no momento propício, e atende ao chamado dos doentes.

Mas ah!, como ela sabe se fazer surda aos miseráveis,

E, cruel, ignorar os olhos em prantos!

Quando a malévola Fortuna me favorecia com bens perecíveis,

Quase me arrastou para a queda fatal.

Mas agora, tendo revelado seu vulto enganoso,

Eu imploro, e a morte se nega a vir a mim.

Por que proclamastes muitas vezes minha felicidade, amigos?

Quem se desvia é porque não estava no caminho certo. (págs. 3-4)

PROF. MONIR: Começa aqui com poesia. Vamos ter de vez em quando uma poesia. Na verdade têm tantas poesias quanto capítulos em narrativa, nós não colocamos no resumo porque não dá pra ver tudo. Mas tem uma poesia bonita pra cada coisa, e ele então está dizendo aí o quanto a vida dele acabou mal, né? Não esqueçam que não se trata de uma pessoa qualquer,

trata-se de um sujeito que estudou muito, que estudou os gregos, é tradutor dos grandes filósofos gregos, então é um sujeito muito qualificado e que no entanto encontra-se num estado lastimável. Muito bem.

1.2

Enquanto meditava silenciosamente essas coisas comigo e confiava aos meus manuscritos minhas queixas lacrimosas, vi aparecer acima de mim uma mulher que inspirava respeito pelo seu porte: seus olhos estavam em flamas e revelavam uma clarividência sobre-humana, suas feições tinham cores vívidas e delas emanava uma força inexaurível.

PROF. MONIR: É o Boécio falando dele, né?

Ela parecia ter vivido tantos anos que não era possível que fosse do nosso tempo. Sua estatura era indiscernível: por vezes tinha o tamanho humano, outras vezes parecia atingir o céu e, quando levantava a cabeça mais alto ainda, alcançava o vértice dos céus e desaparecia dos olhares humanos. Suas vestes eram tecidas de delicadíssimos fios, trabalhados minuciosamente e feitos de um material perfeito; ela revelou mais tarde ter sido ela própria quem teceu a veste. A poeira dos tempos, assim como acontece com o brilho das antigas pinturas, obscurecia um pouco seu esplendor.

PROF. MONIR: Essa mulher parecia um pouco maltratada pelo tempo, né? Tão vendo? Não está cem por cento.

Embaixo de sua imagem estava escrito um Pi e em cima um Theta.

PROF. MONIR: Pi e Theta, duas letras gregas. Pi que é a letra “P”, o símbolo da Filosofia, mas na verdade aqui esse Pi refere-se a “práxis” (prática). E o Theta (Θ) é a letra “T”, que soa mais ou menos como “Ph” em inglês, que é a primeira letra de “teoria”. Então nessa moça, nessa senhora, que ele não sabe quem é ainda, estão escritas essas duas letras – teoria e prática.

E, entre essas duas letras, via-se uma escada cujos degraus ligavam o elemento inferior ao superior. No entanto, mãos violentas rasgaram sua veste e cada uma tomou um pedaço dela.

PROF. MONIR: Viram que a teoria está acima da prática? Porque para um grego, nada mais importante do que a teoria. O ideal de sucesso humano para um grego é o sujeito que consegue o ter o *bios theoreticus*, um sujeito que consegue viver com capacidade de contemplação da verdade. Isso é o grande ideal humano. Ganhar dinheiro é uma coisa que não é um valor humano universal. Pode ser importante para um ou outro, mas para um grego, tudo é teoria, a prática fica subordinada a ela. Não esquecer nunca isso. E está dizendo que *“mãos violentas rasgaram sua veste e cada um tomou um pedaço dela”*. Do que será que ele está falando? Vocês têm alguma ideia? Ele está falando tanto do epicurismo, quanto do estoicismo, quanto do cinismo. Ou seja, quando acaba a filosofia grega, quando morre Aristóteles, algum tempo depois o Epicuro inventa o Jardim de Epicuro.

Então Platão tinha a Academia, depois Aristóteles tinha o Liceu – Aristóteles foi aluno de Platão e morreu em 322. Alguns anos depois, esse Epicuro monta também uma escola de filosofia chamada Jardim, que era num jardim. E os estoicos se reuniam num portão, por isso se chamavam estoicos (*“stoa”* é a palavra grega para “pórtico”), e tinham lá outra escola de filosofia.

O que ele está dizendo é que depois da morte do Platão e do Aristóteles, houve uma decadência tão extraordinária na filosofia grega, que é mais ou menos como se o Teixeira entrasse pra cantar depois do Frank Sinatra. Alguma coisa equivalente assim, tá? Depois da *Paixão segundo São Mateus*, de Johann Sebastian Bach, entrar um sujeito ali para cantar um pagode, *Só no Sapatinho*, entende? É mais ou menos assim.

A filosofia grega depois de Aristóteles transformou-se numa espécie de PNL, programação neurolinguística. Todo o mundo achava que o objetivo da filosofia era deixar a pessoa numa boa, com a alma serena. Como se fosse esse o sentido da filosofia! A filosofia serve pra você descobrir a verdade, mesmo que ela seja perturbadora. Imaginar a filosofia como um instrumento pra deixar você bacana, legal, uma espécie de prozac, foi uma invenção que aconteceu num tempo tão curto, após a morte de Aristóteles, que está aqui o Boécio dizendo que a Filosofia veio toda arranhada. Como alguém que chega depois de uma briga, assim com as roupas todas rasgadas. Foi vítima de uma espécie de estupro, foi o que aconteceu com a filosofia depois de Aristóteles.

Mas ela tinha livros na mão direita e um cetro na esquerda. Quando viu as Musas da poesia junto a mim, cantando versos de dor, ficou muito perturbada e, lançando-lhes olhares inflamados de cólera, disse: 'Quem permitiu a estas impuras amantes do teatro aproximarem-se deste doente? Elas não só não podem remediar a sua dor como vão ainda acrescentar-lhe doces venenos.'

PROF. MONIR: Na hora em que ela vê lá o Boécio cantando sua dor com as musas, ela fica furiosa, porque acha que aquela choradeira não vai levar

a lugar nenhum. Que conversa é essa de contar os males aqui? A Filosofia começa dando um corridão nas musas que estavam ali em volta do Boécio.

São elas que por lamentos estéreis das paixões matam a acuidade da Razão, fazem com que a alma humana se acostume à dor e não a deixam mais sossegada. Se pelo menos importunassem um neófito com vossas insídias habituais, eu não daria grande importância, não estaria importunando um de meus discípulos. Mas justamente a este, versado nos estudos eleáticos e acadêmicos? Afastai-vos, Sereias de cantos mortais, e deixai que eu e minhas próprias Musas curemos o doente.

PROF. MONIR: Então aí a Filosofia tomou o controle da situação. O que se quer dizer com estudos eleáticos? Eleia é uma cidade da grande Grécia que fica na Itália, é a cidade de Parmênides. Há um conhecimento filosófico de Parmênides que é fundamentalmente o conhecimento da ideia de unidade. Os dois maiores representantes desse tipo de conhecimento são Parmênides e Zenão de Eleia, os dois pré-socráticos (de antes de Sócrates). Eu, por exemplo, os acho admiráveis. Tenho uma enorme admiração pelos pré-socráticos, embora sejam meio desvalorizados na literatura de modo geral. O que ele está dizendo é que o Boécio aprendeu princípios de Parmênides e quando se fala em “acadêmicos” nessa época não se está falando de universidade, mas de Platão. Platão tinha a Academia, que era o nome da sua escola de filosofia. Ficava do lado do Academus, que era um grego lá que tinha um estabelecimento de educação física. Ele comprou uma área do lado e fez a Academia. Quando você fala de Aristóteles, está falando do Liceu, quando está falando Epicuro, está falando do Jardim. E assim são os nomes que se dá pras escolas.

O que sabemos é que Boécio tem uma formação de Parmênides e uma formação platônica, é o que está sendo dito aqui. Mas na verdade ele é mais do que isso. Ele é também um aristotélico, na medida em que na época ele tinha acesso a parte da obra do Aristóteles, porque a parte maior estava ainda desaparecida.

Com essas palavras, o coro harmonioso baixou os olhos com tristeza e atirou-se piedosamente ao solo com o rosto rubro de vergonha.

PROF. MONIR: Quem era o coro harmonioso? Aquelas musas ali, que estavam incentivando a choradeira.

Quanto a mim, estava com os olhos tão cheios de lágrimas que não podia discernir essa mulher que tinha tanta autoridade; calado, atirei-me ao solo e esperei em silêncio o que ela iria fazer. Então ela se aproximou e se sentou ao pé da minha cama e, vendo minha grande tristeza e terrível aflição, deplorou nestes versos a perturbação da minha alma: (págs. 4-5)

I.3

*Oh, quão fundo mergulhou sua mente e,
Abandonando sua própria razão,
Dirigiu-se às trevas exteriores
Quando as delícias da Terra
Alimentam e fazem crescer sua maléfica angústia!*

PROF. MONIR: É a Filosofia falando do Boécio.

*Este homem, outrora livre, estava acostumado
A percorrer os etéreos caminhos a céu aberto.
Ele discernia a luz rósea do Sol
E as constelações da gélida Lua.
Perscrutava a órbita de todas as estrelas mutantes
E, vitorioso, subjugava-as em fórmulas matemáticas.
Ele sabia de onde vinham os ventos violentos
Que elevam as águas do Oceano;
O espírito que anima o curso imóvel dos astros*

*E por que as águas vespertinas acolhem o astro do levante.
Que lei rege as horas amenas da primavera
Que permite que a Terra se encha de flores
E faz com que, no fim do ano,
O fecundo outono amadureça as grossas uvas.
Tudo isso o enchia de curiosidade, e ele encontrava
As explicações nos mistérios da Natureza.
Mas ei-lo aqui, prostrado,
Desprovido de sua inteligência,
Com a nuca curvada sob o jugo
E vergado ao peso do corpo.
E, infeliz, é obrigado a fixar os olhos no chão. (págs. 3-6)*

PROF. MONIR: Quer dizer, sob o ponto de vista da Filosofia, o Boécio está uma lástima e uma porcaria. Porque ele que pensaria coisas, que sempre tinha feito progresso, agora encontra-se completamente perdido, lamentando-se com as musas, naquela situação que ele está vivendo, que a Filosofia pretende curar. Começa a nossa história agora nesse momento.

A mulher diz a Boécio que *“agora é o tempo da emenda, não da lamentação!”*

Mas és tu que outrora foste nutrido com nosso leite, com nosso alimento, que se exercias com uma força viril? E, no entanto, tínhamos te fornecido todas as armas necessárias para venceres, perdeste-as por tua culpa, e com elas vencerias! Tu me reconheces? Por que te calas? É a vergonha ou o abatimento? Oxalá fosse a vergonha! Mas não, é o abatimento que te oprime. (pág. 7)

Ela põe a mão ternamente sobre o peito de Boécio, diz que ele nada deve temer e que ela lhe vai abrir os olhos, e enxuga suas lágrimas.

Então se dissiparam as trevas noturnas, e a meus olhos foi dada a capacidade de discernir novamente a luz. (pág. 7)

PROF. MONIR: A hora em que ela começa a falar com ele, ele de repente se ilumina e começa a enxergar alguma coisa novamente. Essa frase é muito bonita, e de certo modo foi mantida, de vez em quando você encontra como referência por aí nos livros.

E dessa forma foram dissipadas as nuvens da tristeza; fui iluminado pela luz celeste e recebi o discernimento para contemplar aquela face.

E, mal dirigi o olhar a ela, reconheci minha antiga nutriz, que desde a adolescência freqüentava a minha mente: era a Filosofia. (pág. 8)

PROF. MONIR: Vocês entendem o que é nutriz? É aquela que nutre. A mãe, por exemplo, que dá o peito ao filho é nutriz. Usa-se essa expressão na medicina também. Ele reconheceu finalmente a quem lhe dava de comer, que era a Filosofia. Finalmente o Boécio reconhece aquela pessoa que está ali. É claro que tudo isso é ficção, compreenderam? É uma ficção que tem, no fundo, um sentido filosófico, mas isso não é muito comum. De modo geral você não faz assim em livros de filosofia. Mas é um livro de filosofia, basicamente é isso.

Perguntada o que faz ali, a Filosofia responde que para ela “*não é lícito deixar caminhando sozinho um discípulo seu.*” Lembra o caso de Sócrates que por ela, a Filosofia, foi transformado em imortal.

PROF. MONIR: Vocês sabem disso porque quem esteve aqui ano passado fez a *Apologia de Sócrates* no programa, um dos mais importantes livros. A *Apologia de Sócrates* é a história que relata, como os evangelhos... há muita semelhança, guardada as proporções, entre a *Apologia de Sócrates* e os evangelhos. Porque Sócrates, assim como Jesus Cristo (sempre guardando as proporções, por favor), é um sujeito que não escreveu uma linha. E a *Apologia de Sócrates*, por todos os meios com que você analise, tem de ser aceita como uma reportagem histórica. Porque o Xenofonte escreveu também uma *Apologia de Sócrates* e é muito parecida com a de Platão. E os dois não iam combinar. Então a *Apologia de Sócrates* é o relato do que aconteceu de fato no julgamento de Sócrates. E Sócrates morre pela Filosofia, ou seja, ele sabe que a única possibilidade de continuar havendo alguma Filosofia é

se ele se submetesse a ser cordeiro. É muito parecida a situação do Gregor Samsa de *A Metamorfose* e o Sócrates. Quer dizer, aqui está a Filosofia dizendo que ele não é o primeiro mártir, que antes houve também Sócrates.

Mais tarde. A turba do popular Epicuro, os estóicos e muitos outros ainda disputavam sua herança. Nem reclamando nem resistindo, escapei de ser eu mesma parte da presa.

PROF. MONIR: Viu? Confirmando o que eu tinha dito pra vocês, os que estão tentando arrancar a roupa da Filosofia são essa gente. Porque o epicurismo é o fim do fim. Você pega os cínicos, pega Diógenes, que achava que o apropriado pra humanidade era ir ao banheiro em qualquer lugar. Achava estranhíssimo que uma pessoa fosse ao banheiro num lugar específico. Como é que pode, depois de Aristóteles aparecer um sujeito tão imbecil a ponto de ter reduzido a Filosofia a uma coisa dessas? É isso que ela está dizendo aqui. Nessa época o Boécio já sabia o quanto significava de regressão, depois da morte de Aristóteles, essas filosofias helenistas, né? Digamos assim, essas que foram pertencentes à Grécia helênica, do tempo de Alexandre, não mais à Grécia clássica. Todas elas são decadentes.

A veste, que eu havia tecido com minhas próprias mãos, foi rasgada e arrancada, e os que fizeram isso partiram com os farrapos pensando tê-la inteira.

PROF. MONIR: Olhem que maravilha! Eles levaram um pedacinho e acharam que levaram a Filosofia.

E, como reconheciam nesses farrapos vestígios de minha túnica, algumas pessoas desavisadas tomaram aqueles malfeitores por discípulos meus e foram levados por eles ao erro e ao engano.

PROF. MONIR: Ela os está chamando de malfeitores! Que coisa importante, isso. Isso foi escrito em 524. Já se tinha uma ideia clara disso.

Pois, se nem do exílio de Anaxágoras, do veneno dado a Sócrates ou dos tormentos de Zenão ouviste falar, pelo menos de Cânio, Sêneca e Sorano, cuja fama não é por demais antiga, e da qual ainda se conserva a memória, podes facilmente estudar a doutrina.

PROF. MONIR: Ela está dando exemplo de filósofos que foram martirizados. O Anaxágoras é um pré-socrático e foi exilado, o Sócrates foi morto por veneno. O Zenão de Eleia também foi torturado e morto, ele é discípulo de Parmênides. E Cânio, Sêneca e Sorano são três filósofos latinos, romanos, sendo que grande mesmo é só o Sêneca, os outros dois são menores. Todos eles foram obrigados a se suicidar. Porque o Nero achou que os estoicos, que era essa turma aqui, estava querendo derrubá-lo. Matou todos. Então ela está dando exemplos de gente que foi martirizada como Boécio está sendo agora.

O que os levou a serem malvistas foi que, imbuídos de meus princípios morais, eles eram totalmente distintos da turba. (págs. 8-9)

PROF. MONIR: Está falando dos maus filósofos, tá?

Boécio reclama do modo como a Fortuna o tratou. Culpa a Filosofia por ter ditado, pela boca de Platão, que *“seriam felizes os estados governados pelos sábios ou que consagrassem à filosofia”*.

PROF. MONIR: Aí você tem uma coisa importantíssima que é a tese de Platão em *A República* sobre o rei-filósofo. Então Platão achava, equivocadamente – muito equivocadamente – que o governante tem de ser filósofo. Ele tentou isso três vezes na prática e nas três vezes deu errado. Na primeira ele foi vendido como escravo numa feira e foi comprado por um aluno. Então eu espero, no dia que acontecer isso comigo, que vocês se lembrem de mim com a mesma delicadeza. [risos] Já pensou que coisa mais estranha os alunos comprarem o professor numa feira? Vendido como escravo... O Platão atesta, no livro *A República*, que o governante, para dar certo, tem que ser filósofo. O rei-filósofo é o sujeito que governará civilmente a sociedade, ou seja, temporalmente, e que também tem as condições de sabedoria ao mesmo tempo. Isso não dá certo. Embora eu diga pra vocês que não dá certo (e esse assunto tomaria uma aula inteira), ele está justamente sendo implementado hoje sob o nome de Nova Ordem Mundial. Eu digo que não dá certo na teoria, porque em tese é o modo como o mundo está sendo governado. Mas ele não dá certo na teoria porque o poder temporal, que é o poder do rei, é profundamente diferente do poder espiritual, que é o poder do sacerdote (que é o filósofo, de certo modo). Quem matou a charada foi o Eric Voegelin, que disse assim: “O poder espiritual, para poder ser verdadeiramente poder, tem de ser aceito com total liberdade, se não, não é poder de verdade”. Ora, você não pode então botar esses dois poderes no mesmo sujeito, porque você nunca sabe se você está obedecendo o sujeito

porque você acredita nele com total liberdade, ou porque ele tá com um 45 na cintura e vai te obrigar a obedecê-lo. Portanto, você não pode ter o poder temporal e o poder espiritual na mesma pessoa, e portanto o rei-filósofo não dá certo.

Então o Boécio tá dizendo para a Filosofia: “Mas não foi você que disse, pela boca de Platão, que era melhor que os filósofos fossem reis?” Porque Boécio estava lá metido com a política de Roma. Entenderam que ele era um governante-filósofo? Ele tá dizendo isso: “Como é que isso não funciona, se você que deu essa ideia?” Vamos ver como é que a Filosofia se defende dessa.

Tu, pela boca do mesmo filósofo, me persuadiste de que os sábios deveriam governar os estados, para impedir que o governo caísse nas mãos de pessoas sem escrúpulos e sem palavra, e que fosse uma praga para os bons. Então eu, inflado por essa supremacia e com os ensinamentos que foram dados no início e longe da multidão, decidi aplicá-los na vida política. Tu sabes, e também Deus, que te fez penetrar no coração dos sábios, que apenas o desejo de realizar o bem geral me arrastou à política. (pág. 11)

I.10

A Filosofia diz a Boécio que ele não foi desviado de sua pátria, mas baniu-se dela.

De fato, não podias ser banido por ninguém. Se te lembrasses de tua verdadeira pátria, saberias então que ela não era, como a Atenas de outros tempos, governada pela opinião da maioria, mas ‘por um só mestre e um só rei’, que se alegra com o crescimento de seu povo, e não com o banimento.

4 Homero, *Iliada*.

PROF. MONIR: A pátria do Boécio não é o mundo temporal. É isso que ela está dizendo. “Você esqueceu que você mora na Filosofia, você não mora no governo”. Ela está dizendo pra ele que ele é que fez confusão, que não é pra ele se mudar para o mundo temporal, mas pra ele ficar no mundo espiritual, que é o lugar do filósofo – o mundo das ideias.

De fato, deixar-se guiar e frear por ele e obedecer à sua justiça: nisso consiste a verdadeira liberdade. Por acaso ignoras uma antiqüíssima lei de tua cidade, que proíbe serem expulsos os que a escolheram como pátria? Com efeito, estando ao abrigo de seus muros e fortificações, não se deve temer o risco de ser exilado. (pág. 18)

PROF. MONIR: Se a pátria for a Filosofia.

Mencionando o pedido que Boécio fizera a Deus, a Filosofia assevera:

Mas eis que tua alma foi grandemente perturbada por sofrimentos e sentimentos de cólera e desespero que te puxam por todos os lados e te fazem ter disposições de espírito tais que não é possível ainda tratar-te com um remédio eficaz. Dessa forma, por um tempo usaremos de alguns remédios paliativos: assim, a espessa casca que a desordem de tuas emoções acabou por transformar num tumor será removida, primeiro por uma leve massagem que a preparará para ser tratada mais tarde por um medicamento eficaz. (pág. 19)

PROF. MONIR: A Filosofia não vai dar o remédio, porque ele está muito mal. Então ela vai começar com uma terapia mais leve.

A Filosofia pede permissão para interrogar Boécio *“para saber que tipo de cura deve aplicar”*.

E ela disse: ‘Achas que este mundo é conduzido por fatos acidentais e governado pela Fortuna, ou achas que é governado por uma Razão? Eu respondi: ‘Seria impossível crer que um universo tão bem ordenado fosse movido pelo cego acaso: sei que Deus preside aos destinados à Sua obra, e nunca me desapegarei dessa verdade.’ (pág. 20)

PROF. MONIR: Nessa época, o mínimo que se espera de um ser humano normal é que você reconheça que há alguma ordem no mundo. Por mais que exista uma dificuldade humana de enquadrar essa ordem em equações, por mais que exista alguma variação nessa ordem em torno de um tema, não dá pra você imaginar que isso é uma coisa aleatória. Nunca ninguém viu chover pra cima. Quando você vai pra casa de noite, ela está sempre no mesmo lugar onde você deixou. Você não sai pela cidade inteira procurando a sua casa que teria mudado de bairro. Não é assim? Claro, algumas pessoas bebem demais... talvez num caso desses isso seja possível, mas de modo geral não é assim. Então o mínimo que se espera que alguém faça é que aceite o fato de haver um cosmos, que é palavra grega para “ordem”. “Cosmos” e “ordem” é a mesma coisa. Então há um cosmos em torno de nós que é de alguma maneira irretratável, quer dizer, ele não pode ser completamente descrito. Então há uma certa característica probabilística na ciência. A ciência não pode ser absoluta em hipótese nenhuma porque ela não consegue pelos seus meios criar uma descrição perfeita do cosmos. Mas isso não quer dizer que ele seja caótico.

ALUNO: [Pergunta sobre o sentido da palavra “Fortuna”.]

PROF. MONIR: Sim, “Fortuna” é sorte, isso mesmo. Nesse sentido. O que aconteceu? O Boécio tá dizendo que a sorte dele era muito boa e agora está uma bela porcaria. Ele está reclamando que a sorte mudou, não é isso? A sorte dele mudou – ele era quase rei e agora ele é um sujeito que vai morrer dali a pouco, que vai ser executado com quarenta e cinco anos.

A Filosofia se declara surpresa com ele estar doente da alma, tendo pensamentos tão elevados. Continua a indagação, perguntando se Boécio sabe o que é um homem. Tendo ele respondido ser o homem *“um animal racional e mortal”*, ela conclui:

Agora reconheço uma outra causa principal: deixaste de saber o que tu és. Assim, desvendei completamente a causa de tua doença, bem como a maneira de te curar. De fato, é devido ao esquecimento que estás perdido, que te lamentas de ter sido exilado e privado de teus bens. É porque desconheces qual é a finalidade do universo que imaginas serem felizes e poderosos os que te acusaram. É porque esqueceste as leis que regem o universo que julgas que a Fortuna segue seu curso arbitrário e que ela é deixada livre e soberana. (pág. 21)

Tendo diagnosticado a doença de Boécio, a Filosofia decide tratá-lo prudentemente, tentando *“por um tempo dissipar por atividades sutis e mesuradas as trevas de tuas impressões enganosas, para que possas (Boécio) reconhecer o brilho da verdadeira luz”*.

PROF. MONIR: Como ele tá muito doente, ela vai devagar. Do ponto de vista filosófico, ele está profundamente doente. Ela vai atacar o problema de um jeito cuidadoso.

Livro II

Iniciando a terapia, a Filosofia declara:

Se eu compreendi perfeitamente as causas e a natureza de tua doença, creio que é por sentires profundamente a perda de tua Fortuna anterior que desfaleces. É apenas o que tomas por uma reviravolta da Fortuna que agita teu espírito. Conheço todos os multiformes embustes que ela usa para enganar os homens até torná-los loucos e desesperados, abandonando-os em seguida a qualquer momento. (pág. 25)

PROF. MONIR: Agora a Filosofia vai desmascarar a Sorte. Já que a Sorte parece ser o alvo de reclamações do Boécio.

Ela convoca então a Retórica, “que só não se desvia do caminho quando segue as suas instruções” e a Música para ajudar.

PROF. MONIR: Esse é um instrumento platônico. Vocês lembraram que foi feito aqui o *Fedro*. Esse era o tema do *Fedro*, que o retórico desassociado da filosofia é apenas um vigarista. É um sujeito que quer convencer os outros de qualquer coisa, talvez com algum objetivo econômico. Então no livro Sócrates passa o tempo todo ensinando o Fedro que a filosofia é que tem que subordinar a retórica, pois a retórica sozinha é apenas uma tapeação. Então percebam, pessoal, o Boécio fica o tempo todo fazendo referência à filosofia clássica. Esse é o conteúdo, esse é o fenômeno que eu queria que

vocês percebessem. Ele está lidando com um assunto que é profundamente religioso, (vocês verão na medida em que forem evoluindo) sem jamais usar a palavra Jesus, sendo ele absolutamente um cristão, mas ficando apenas na argumentação filosófica. E essa metodologia do Boécio que dará origem a toda a escolástica.

Começa dizendo: “O que houve, homem, para que mergulhasses na melancolia e no desespero? Sem dúvida, viste algo de novo e extraordinário. Pensas que a Fortuna mudou a teu respeito? Enganas-te”.

“Ela era a mesma quando te lisonjeava, ou quando fazia de ti seu joguete prometendo-te miragens. Descobriste a dupla visão desse poder cego. Enquanto ela ainda dissimula seu verdadeiro semblante aos outros, diante de ti ela se desmascarou completamente”. (pág. 26)

PROF. MONIR: A Fortuna, a Sorte, não está te enganando agora. Agora você sabe como é que são as coisas. Os outros continuam sendo iludidos por ela. Agora a Filosofia fará uma campanha aqui contra a Fortuna.

A Filosofia demonstra o pequeno valor da Fortuna que, por sua inconstância, passa de um extremo ao outro. *“Se sua duplicidade te horroriza, despreza-a, afasta-a de ti: seus jogos são funestos.”* Demonstra que não é possível submeter-se aos caprichos da Fortuna e *“ao mesmo tempo sustar a rápida revolução de sua roda”,* porque aí *“Fortuna não seria mais a Fortuna”.*

PROF. MONIR: A Fortuna é um negócio que roda. Essa imagem de que a Fortuna é uma roda é uma imagem do Boécio que veio para o presente. Você não tem no Sílvio Santos um negócio desses? Você roda lá e cai lá... Um mi-

lhão! Roda lá e cai ali Um pontapé no traseiro! E você cai em uma coisa ou na outra. Então ele está dizendo o seguinte: não dá pra você brincar com esse negócio de fortuna sem contar que de vez em quando, em vez de um milhão, tem um pontapé no traseiro. *[risos]* Entenderam? Porque então não seria fortuna, seria outra coisa. Vejam, o Eloi Zanetti, que está ali no fundo, é especialista em Baltazar Gracián, que é um moralista espanhol. O Baltazar Gracián é o filho direto de uma coisa dessas aqui. Não é? Disso aqui nasce uma filosofia moral extraordinária, que não é o caso do Boécio, que não é um filósofo moral, mas daqui nasce uma filosofia maravilhosa que permite construir uma vida, até mesmo um modelo cristão de existência. Dá até pra construir modelos de vida a partir disso aqui.

II.3

A Filosofia discursa a Boécio como se fosse a própria Fortuna, para que ele compreenda o outro ponto de vista.

PROF. MONIR: A Filosofia agora vai se fantasiar de Fortuna e vai fazer de conta que é a Fortuna pra que o Boécio pare de reclamar.

Quando a Natureza te fez sair do ventre de tua mãe, estavas totalmente nu e não tinhas nada. Fui eu quem te acolheu, tratou com o maior cuidado e, se não me suportas mais, é porque te elevei muito, dedicando-me muito à tua causa, e fui excessivamente pródiga em relação a ti. Mas agora decidi retirar minha mão de teu ombro. Tu deverias agradecer-me o usufruto de bens que não te pertencem e não tens o direito de te queixares como se tivesses perdido os teus próprios. Por que então essas lamentações? Não foste agredido de nenhum modo por mim! (pág. 28)

O Céu tem o direito de oferecer dias plenos de luz e depois fazê-los desaparecer nas trevas da noite. O Ano tem o direito de cobrir por um período a terra de flores e frutas, e depois torná-la irreconhecível enviando chuvas e geadas. O Mar tem o direito de um dia ser amável, apresentando uma superfície calma, e noutro de agitar as ondas sublevadas pela tempestade. E, quanto a mim, é o desejo sempre insatisfeito dos homens que pretende me obrigar a fazer prova de uma constância incompatível com minha própria natureza. (págs. 28-29)

PROF. MONIR: A Filosofia tinha se fantasiado de Fortuna, fazendo de conta que era a Fortuna para tentar convencer o Boécio de que não era para ele reclamar, porque é assim mesmo, a Sorte é desse jeito: “Mas perai! Às vezes dá certo, outras, errado. Agora eu tenho que fazer o tempo todo que tudo dê certo para você? Em nome do quê? Eu sou a Sorte! Às vezes vai dar errado! Não fique reclamando...”

Não aprendeste, na tua infância, ‘sobre as duas ânforas, uma cheia de males e outra de bens’⁵, colocadas na entrada da morada de Júpiter?

PROF. MONIR: Isso também está na Ilíada, é a ideia de que lá na morada de Júpiter tem as duas possibilidades, você pode pegar o bem ou o mal, é a sorte que estabelece isso.

Quem diz que já não saciaste de teu lote de bens? E que eu já te abandonei completamente? E que essa inconstância, que é precisamente minha principal característica, não te dá a esperança de uma nova reviravolta na Fortuna? Seja como for, não te deixes ficar completamente tomado pela tristeza e, já que vives num reino cujas leis são as mesmas para todos, não desejes viver sob tua própria jurisdição. (pág. 29)

⁵ Homero, Ilíada.

PROF. MONIR: Então. Viver sob a sua própria jurisdição é viver num mundo em que tudo dá certo pra ele e nada dá certo pros outros. Os outros continuam submetidos à vida, enquanto que ele não. Ele teria sucesso. É isso que ele não pode exigir, ele não tem direito de fazer isso.

II.4

Desafiado pela Filosofia a rebater estes argumentos, Boécio retruca: *“Sim, essas são brilhantes palavras impregnadas do mal da retórica e de música, mas elas encantam apenas no momento em que se as ouve. As pessoas que sofrem sentem mais profundamente sua tristeza e, quando seus ouvidos cessam de escutar essas doces consolações, a melancolia enraizada toma seu lugar”*.

PROF. MONIR: Ele diz o seguinte: “Você fala isso porque não é você que está aqui, que vai morrer torturado na cadeia”. Entendeu o que ele falou pra Filosofia? Que não era com ela o problema, por isso que ela ficava com essa conversinha fiada.

A Filosofia reconhece o valor deste sentimento e adverte não ter ainda ministrado os remédios adequados, mas lembra-o da fortuna que teve quando, por ocasião da morte do pai, ter sido *“elevado junto aos homens de maior projeção”* e frequentado as casas mais distintas do Estado.

PROF. MONIR: Ele ficou lá uns sete anos, e nem por isso a vida dele acabou ali. Ela está lembrando que ele também teve momentos bons e não é pra reclamar da vida inteira.

Não mencionarei – ou melhor, prefiro não mencionar – os privilégios que foram reservados somente a ti: cargos honoríficos que assumiste mesmo quando jovem, quando eles eram negados a pessoas mais velhas, mas eu me alegro sobremaneira em recordar aquilo que foi o apogeu de tua glória. Se os sucessos humanos concorrem para a definição da felicidade, como é que algumas adversidades, mesmo consideráveis, poderiam apagar de tua memória o extraordinário dia em que viste teus dois filhos, cônsules na mesma legislatura, fazerem-se escoltar desde a tua casa até o Fórum pelos senadores e todo o povo e quando, tomando eles seu lugar na Cúria e assentando-se sobre a cadeira curul

PROF. MONIR: “Curul” significa cadeira de alta dignidade.

tu pronunciavas o panegírico do rei que tornou célebres tua inteligência e tua eloquência e quando, no Circo, entre os dois cônsules, tu, com a generosidade de um triunfador, cumulavas de bens a multidão que vinha atrás de ti? (págs. 31-32)

PROF. MONIR: “Panegírico” significa “discurso elogiando”. Está aí a Fortuna falando: “Eu não quero nem falar disso, hein? Mas você tá me obrigando... não é que eu queira falar, mas lembra quando você foi o sujeito mais importante daqui? Que todo o mundo gostava de você, que todo o mundo achava você um gênio? Você já foi o Odair José, que vendia muitos discos, agora você não é mais. Ninguém mais se lembra de você, mas lembra quando você era o rei das empregadas domésticas brasileiras?” É isso que ela tá dizendo aqui pro Boécio, alguma coisa equivalente.

Diz Boécio

Tens razão, ó mãe nutriz de todas as virtudes, e não posso negar a rapidez da minha ascensão. Mas é precisamente essa lembrança que me fere mais. Com efeito, em toda reviravolta da Fortuna, não há maior desgraça do que ter conhecido a suprema glória. (pág. 33)

PROF. MONIR: O tombo é grande, né? Quem vocês acham que está sendo mais convincente aqui? Vocês tão achando que a Filosofia está de fato convencendo o Boécio de que não é tão ruim a situação dele, que vai ser morto dali a pouco? O que vocês acham? *[pausa silenciosa]* Independentemente do que vocês podem achar, é preciso compreender que a Filosofia serve justamente pra esse momento da vida. A Filosofia não é um processo de saber coisas sobre os filósofos. Quando eu digo pra vocês não lerem o tal do livrinho de filosofia lá é porque além de ser errado, é um livro mal-intencionado, é ignorante sobre muitos aspectos, e é um livro que acha que saber coisas folclóricas, sobretudo com um verniz pseudofilosófico e politicamente correto, é igual à filosofia. Filosofia é alguma coisa que existe apenas dentro de você na execução real do assunto. A filosofia é uma espécie de instrumento existencial. Numa hora como essa é que a filosofia é importante. Essa coisa de saber coisas sobre filósofos é uma atividade didática, mas está muito longe do significado da filosofia em si própria. É preciso entender que, estando ela convencendo o Boécio ou não, é para isso que serve a filosofia. É por isso que ela apareceu agora, e não quando ele estava feliz da vida – mas podia ter feito também na outra hora.

ALUNA: [*Faz um comentário.*]

PROF. MONIR: Ele, na verdade, está usando a filosofia no seu uso concreto, real, verdadeiro... Ele se faz um pouco de burro por razões didáticas. Vejam, pessoal, o assunto de que trata a filosofia são esses enigmas da vida, essas questões fundamentais da realidade. O problema número 1 quando você se mete a estudar filosofia é que tem uma parte dos problemas da vida real que são absolutamente impenetráveis, ou seja, você não vai conseguir penetrar jamais nisso. Os filósofos materialistas como Hegel, Marx e Comte pensam que a história humana tem dentro dela própria a sua própria solução, sua própria explicação.

Mas a explicação da história humana não pode estar dentro da sua própria história porque existem coisas que afetam a vida humana que não foram inventadas pela história. Por exemplo, o conceito de anterioridade – que uma coisa que é anterior vem antes da outra, quem foi que criou isso? A história? Um belo dia, o pessoal se reuniu, fez um concílio e falou assim: “Agora fica estabelecido que o passado vem antes do presente e antes do futuro”. Pois isso não foi inventado por ninguém, é uma coisa que foi feita antes de haver a história. Portanto, o conceito de anterioridade é uma espécie de condição metafísica para que possa existir história. Então o que na verdade é a história? É alguma coisa que você de fato não compreende o sentido a não ser fora da própria história. O sentido da história só irá se revelar no dia em que a história acabar. Como nós somos pessoas que pertencemos à história, e entramos e saímos da história o tempo todo – não tem gente nascendo e morrendo o tempo todo? A nossa espécie entra e sai da história o tempo todo, nós não saberemos nunca o que é de fato a história a não ser quando a história acabar, e então nós teremos a revelação do sentido da história.

Não dá pra você ir atrás de Marx, Hegel e Comte e achar que história humana é promover a luta de classes ou de promover o estado, no caso de Hegel, ou promover a sociedade positiva. São todas explicações ridículas, no fundo são completamente ridículas. O problema central é que, uma vez que você consegue aplicar um método verdadeiramente filosófico na compreensão da história, você chega à conclusão de que você de fato não sabe. E que há certos aspectos da vida que são impenetráveis. A filosofia, às vezes, acaba só em perguntas. E é por isso que uma das marcas registradas dos bons filósofos é que as suas obras são sempre inacabadas. E os filósofos menores são todos aqueles que se fecham num sistema próprio e que declaram que descobriram tudo. Por exemplo, o menor de todos é Hegel, que acha então que a história acaba na pessoa dele, que a história toda foi inventada pra produzir o Hegel (uma coisa equivalente a essa!). O problema do método filosófico é que ele é um método de compreensão ampla do mundo, mas às vezes ele só consegue ajudar a equacionar os problemas do mundo.

O que o Boécio quer com essa conversa aqui? Ele está interessado em deixar uma recomendação dizendo isso que eu acabei de falar. Segundo, ele está obviamente usando isso pra si próprio, como método de consolação dele mesmo. Pra poder fazer isso ele desenvolveu uma metodologia literária, ele inventou uma ficção, né? Ele inventou uma historinha ficcional que permite então que até mesmo nos aspectos condenáveis do que se pensava na época pudessem de alguma maneira ser confrontados aqui com uma visão melhor. Essa é a beleza do texto do Boécio, porque ele se presta a essas coisas todas ao mesmo tempo.

A Filosofia retruca dizendo que a Fortuna não havia sido de todo cruel com ele: seu sogro, sua mulher e seus filhos estavam vivos. Boécio concorda com certa relutância, o que faz a Filosofia concluir serem os homens insaciáveis.

Em suma: ninguém está contente com a sua situação, e cada situação comporta um aspecto que não se nota a menos que seja experimentado, e quem o experimenta sabe quão ruim ele é. Acrescento ainda o caso das pessoas mais favorecidas pela Fortuna, cuja sensibilidade aumenta na medida de sua felicidade; a menor adversidade as abate: é preciso muito pouco para tirar os afortunados de sua felicidade; a menor adversidade as abate.

PROF. MONIR: Qualquer atraso de três horas te deixa furioso, porque você estava indo pra Europa passar três meses morar em Cannes, nos Alpes... Entendeu? Ele tá dizendo isso, mesmo pra quem tem muito sucesso, qualquer pequena coisa da vida parece ser uma desgraça.

Quantos não se sentem desgraçados ao mais leve golpe da Fortuna? Considera quantos não se sentiriam muito afortunados se tivessem uma pequena parte daquilo que a Fortuna te deixou! (pág. 35)

PROF. MONIR: Comigo acontece uma coisa, invariavelmente. Toda a vez eu tendo a reclamar da vida, aparece alguém paraplégico... cinco minutos, demora. Mas olha, cinco minutos pra aparecer alguém numa situação muito, mas muito pior do que aquela em que eu estimo que eu esteja. E aí é como se fosse uma coisa programada, pra me perseguir vida afora. É incrível! É ligar a televisão, aparece um sujeito com queimaduras de terceiro grau... é uma coisa impressionante, mas é assim mesmo. Quanto disso que você

tá julgando muito ruim não seria o máximo para pessoas muito pobres... Quanto disso que você tem não é na verdade muito e você não sabe? É isso que a Filosofia está dizendo para o nosso infeliz Boécio.

A Filosofia chega à conclusão de que a condição humana é digna de lástima, *“uma vez que, naqueles que se satisfazem facilmente, ela não dura para sempre, e que aqueles que se beneficiam muito dela estão sempre descontentes.”* Ela decide mostrar a Boécio que a verdadeira felicidade consiste em se ter aquilo que a morte não consegue arrebatá-lo e que isto não pode estar no mundo material, porque a morte faz cessar o sucesso material dado pela Fortuna. *“Então pergunto: como a vida na Terra poderia tornar os homens felizes, se muitos só encontram a felicidade em seu termo?”*

PROF. MONIR: Ao fim da vida, não é? Ou seja, saindo do mundo material.

II.9

Nesta altura da terapia, a Filosofia decide usar remédios mais fortes. Demonstra que têm verdadeiro valor apenas os bens que pertencem apenas a nós, o que não é o caso das riquezas, que parecem *“ter mais valor quando se vão do que quando são adquiridas”*.

PROF. MONIR: No sentido de que o dinheiro parece ter valor quando se gasta, não é? Se você tivesse um bilhão de dólares numa ilha deserta, esse bilhão não teria valor nenhum a não ser como combustível de fogueira. Mas o bilhão de dólares só tem valor porque existem *shopping centers*, agências de automóveis, enfim, porque o dinheiro só tem valor na medida em que você

o gasta, quando ele vai embora. Quando ele fica com você, em princípio não. Porque ele é uma representação apenas formal da riqueza. Ele pode ser caçado pelo Estado, pode ter algum problema... pega o marco alemão entre as duas guerras. Pega a nossa inflação aqui... nós tivemos uma inflação galopante. Era mais barato andar de táxi do que de ônibus, porque você pagava o táxi na saída, e o ônibus você pagava na entrada... [risos] Mas a nossa inflação aqui não foi o que foi a inflação alemã. Você não entende o que foi a II Guerra Mundial a não ser se você compreender o que é a sensação de vender um piano e no dia seguinte comprar, com o dinheiro do piano, meio quilo de arroz (meio quilo de batata, na Alemanha). Essa era a situação da inflação que os alemães viveram. O dinheiro voa, ele não tem valor em si, a não ser no potencial de compra.

Uma vez que não é possível manter algo que só tem valor se for trocado, o dinheiro só tem valor quando muda de mãos e deixamos de possuí-lo. Por outro lado, se todo o dinheiro do mundo estivesse concentrado nas mãos de uma só pessoa, ninguém mais o teria. Muita gente no mundo se empenha em obter riquezas a todo custo, mas elas devem ir necessariamente para as mãos de outros, e portanto diminuem. E, assim, os que as possuíam devem necessariamente ficar mais pobres. Portanto, como são limitadas e lastimáveis essas riquezas que não podem ser possuídas em sua totalidade por muitos ao mesmo tempo, nem se tornar propriedade de um sem deixar outro mais pobre! (pág. 38)

PROF. MONIR: Isso é absolutamente verdade e essa é a razão pela qual existe uma ciência chamada economia. Eu tinha um aluno no Rio de Janeiro, num curso de transporte, que era engraçadíssimo. Ele tinha uma tese que ele construiu a vida inteira contra essa ideia. Ele dizia assim: “Bom, mas peraí, eu não admito que digam que o problema é falta de dinheiro. Eu tenho um

primo que tem uma gráfica lá no Jacaré, no Rio de Janeiro, e é maior moleza, é só produzir o dinheiro à vontade". E eu dizia: "Vem cá, meu filho, vamos raciocinar aqui – você imaginou se isso pudesse ser feito? Não haveria pobreza no mundo!" Ele não consegue entender que o que nós chamamos de dinheiro só é uma espécie de talão de racionamento. Há uma quantidade limitada de bens. Então toda a vez que você usa o cheque especial do Bradesco, o Amador Aguiar fica mais rico e você mais pobre. Entenderam? Porque é como se aquele dinheiro pudesse ser representado em batatas, em passagens de ônibus, entradas de cinema e assim por diante. Então ela está dizendo que a riqueza que há nesse mundo é limitada e finita, e portanto, não deve estar aí a felicidade humana.

Argumenta que o brilho das pedras preciosas são *"a luz própria das pedras, não dos homens"* e considera surpreendente que tais coisas suscitem nos homens tamanha admiração.

Mas por que todo esse alarde com relação à Fortuna? Creio que é por temeres a carência e desejares a abundância. Ora, isso te leva ao resultado inverso. Na verdade, é motivo de grande preocupação ter de zelar por seus objetos preciosos, quando se os tem em grande quantidade, e também é verdade que as preocupações aumentam à medida que aumentam as riquezas, enquanto a preocupação diminui quando não damos grande importância a essas coisas, nos contentamos com o que nos dá a Natureza e não temos uma ambição muito grande. Acaso não tens verdadeiramente nenhum bem que seja teu próprio e inerente à tua natureza, para que seja preciso procurares bens em objetos externos e estranhos a ti? A ordem das coisas se inverte a tal ponto que um ser vivo, racional e feito à imagem de Deus, crê poder distinguir-se apenas pela posse de objetos sem vida! (págs. 39-40)

Insiste em acusar a natureza humana de buscar objetos sem importância “sem noção da desigualdade da troca e da ofensa que fazeis ao Criador”.

Ele, o Criador, quis que os homens estivessem acima de todas as criaturas terrestres, e vós vos aviltais colocando-vos abaixo do que é mais vil. Com efeito, se é evidente que todo o bem pertencente a outro vos parece mais valioso do que para aquele que o possui, quando considerais que os objetos mais insignificantes são bens para vós, então vos colocais a vós mesmos como inferiores a esses objetos. E, de fato, esse raciocínio é exato; pois assim é a natureza humana: superior a todo o resto da criação quando usa de suas faculdades racionais, mas da mais baixa condição quando cessa de ser o que realmente é. Nos animais, essa ignorância de si mesmos é inerente à sua natureza; no homem, é uma degradação. Como é grande o vosso erro, quando pensais em vos exaltar com coisas externas! É algo inconcebível! E ademais, quando alguém se distingue pelos ornamentos que ostenta, são os ornamentos que são admirados, e não quem os traz. E afirmo ainda: não há bem material que não cause algum mal a quem o possui. Dirás que minto? Tu não o negarias. Ora, as riquezas muitas vezes lesaram quem as possuía, principalmente porque os ladrões e os perversos, ávidos dos bens dos outros, acreditam ser seu direito possuir todo o ouro e coisas preciosas do mundo. Assim, se tu temes encontrar um agressor armado de uma espada e um punhal, se tivesses entrado na estrada da vida sem fortuna, poderias viver cantando ao lado do ladrão. Estranha felicidade esta, proporcionada pelos bens terrestres: só se pode possuí-la ao custo da própria tranquilidade! (págs. 40-41)

INTERVALO

PROF. MONIR: ...é reclamação de que é a situação de uma pessoa claramente injustiçada, eu não tenho dúvida, porque todos os comentaristas da época veem na situação do Boécio uma injustiça. É um sujeito injustiçado pelo Destino, que se encontra desesperadamente desanimado, e que recebe então uma intervenção da Filosofia, que é sua mestra e nutriz, ele mesmo declara isso. E ela vai aos pouquinhos explicar coisas que ele não deve esquecer e que podem então reverter a situação que ele vive, sob o ponto de vista dos seus sentimentos. Não pode reverter a condenação à morte, isso não poderá ser feito, mas pode reverter o que o Boécio pensa sobre o que está acontecendo.

II.11

Passando das riquezas materiais para as honras e o poder, a Filosofia insiste em que a virtude não se adquire por causa das honrarias, mas são as honrarias que são acrescentadas a ela.

E de que se trata afinal esse poder que achais tão desejável e vos comove tanto? Pobres mortais! Não vedes quem sois e a quem acreditais comandar? Se vísseis numa assembleia de ratos um deles reivindicar e querer exercer sua autoridade sobre todos os outros ratos, com que gargalhadas não seria recebida essa sua pretensão? (pág. 43)

A filosofia demonstra que o poder verdadeiro é do espírito livre, porque a ele não se pode dar ordens.

É possível abalar a resolução de um espírito firme e perturbar sua tranquilidade? Um tirano que pensasse poder fazer, por meio da tortura, um homem livre denunciar os

pretensos cúmplices de uma rebelião contra ele veria o seguinte procedimento: o homem livre e honesto morderia a própria língua, parti-la-ia e a cuspiria no rosto do tirano. Assim, as torturas que o tirano considerasse instrumentos de crueldade e pavor tornar-se-iam para o sábio uma oportunidade de mostrar sua virtude. (pág. 43)

A Filosofia conclui o exame do problema.

O fato é o seguinte: é que vós vos costumais dar às coisas, independentemente do que elas são, denominações falsas, cujo caráter enganador se revela facilmente quando passam pelo crivo da verdade, que elas costumam esconder. É por esse motivo que não podemos verdadeiramente falar delas como sendo riquezas, poder ou honrarias. Enfim, podemos dizer o mesmo a respeito da Fortuna: não há nada nela que mereça ser procurado, não há nada nela que seja intrinsecamente bom, uma vez que ela também beneficia pessoas más e não é capaz de tornar bom aquele que a ela se associa. (págs. 44-45)

II.13

Como Boécio contra-argumenta que nunca buscou fundamentalmente a “*ambição de sucesso neste mundo*”, mas apenas tentou evitar que suas habilidades ficassem inativas, a Filosofia o alerta sobre a pequenez e futilidade de tal motivação, lembrando que os cálculos de Ptolomeu demonstram que os seres humanos habitam uma ínfima parcela do universo e até do planeta: “*E o que tem de grandioso e magnífico na glória humana, restrita a limites tão estreitos?*”

PROF. MONIR: Ptolomeu é o cosmólogo da Antiguidade. É alguém do início da era cristã, da família dos Ptolomeus, uma família grega instalada no Egito. A Cleópatra é dessa família também; ela não é egípcia, ela é grega. E

esse Cláudio Ptolomeu tem uma obra chamada *Almagesto*, a obra que descreve a cosmologia tal como se entendia no início da cristandade. Hoje em dia é terrivelmente atacada como sendo um grupo de bobagens, quando na verdade é preciso ter um pouco de humildade e modéstia e entender que sobre certo ponto de vista o modelo ptolomaico ainda continua tendo muito valor. Por exemplo: a maior acusação que se faz a Ptolomeu é que ele teria dito que a Terra é o centro do universo. Ora, se você pressupõe que o universo é infinito, como esses mesmos críticos fazem, qualquer ponto do universo é o centro do universo. Então Ptolomeu está completamente certo. Porque, se é infinito, qualquer ponto pode ser o centro, e por que não seria a Terra?

Então há uma implicância exagerada, que veio daquele cientificismo da Idade Moderna. Essa pretensa revolução científica do Renascimento jogou fora todo o sentido simbólico do que havia ali. Mas foi Ptolomeu quem criou as bases para a compreensão dos fenômenos astrológicos. Todos os sistemas astrológicos, seja o árabe, seja o ocidental, o que for, são todos baseados na cosmologia de Cláudio Ptolomeu. Como ele ainda tem a potência de apresentar simbolicamente as coisas... há muitas coisas sobre as quais ele ainda tem toda a razão, embora seja desprezado como sendo um sujeito da era das trevas... Mas não é, não. Então o que a Filosofia está perguntando aqui é como se pode achar tão importante ter um poder tão pequeno assim. Se tudo é muito grande e a nossa vida é muito pequena, então achar que se tem poder nesse mundo pequenino é uma bobagem, não tem verdadeiramente valor. Ela está na verdade tentando debater a pretensão de que o valor esteja na riqueza – ela já fez isso –, e agora nessa altura ela está falando do poder. Será que ser poderoso é tão importante assim? Ela está aos poucos arrumando argumentos para destruir cada uma dessas pretensas fontes

de objetivo humano, entre elas o poder – o poder político, né? Que ela está debatendo agora.

Segue-se daí que o homem que busca a fama não tira o menor proveito de ter seu nome espalhado pela multidão dos povos. Cada um, portanto, se satisfará em ver sua fama propagar-se entre os seus, e a sua tão falada imortalidade se restringirá às fronteiras de uma só nação. E quantos homens que foram célebres em seu tempo não caíram no esquecimento por não terem deixado nenhum escrito! No entanto, qual a utilidade de tais escritos, que desaparecem junto com seus autores na escuridão do tempo? Quanto a vós, credes assegurar vossa imortalidade ao pensar na fama de que gozareis no futuro. Mas se consideras seriamente o infinito da eternidade, por que razão te alegras da longevidade de tua fama? (pág. 47)

PROF. MONIR: Os romanos tinham um ditado maravilhoso pra isso: *sic transit gloria mundi*. Significa: “é assim que passa a glória do mundo”. Então o sujeito era importante e famoso, depois não se sabe nada mais sobre ele, ele desaparece no passado pra nunca mais ser lembrado. Então toda a fama humana é precária. É isso que ela está dizendo aqui, e vai continuar defendendo essa tese.

(...)

Segue-se que a fama de alguém, seja qual for sua extensão, se comparada à eternidade, cujo fim jamais se atinge, mostra-se não apenas de pouco impacto, mas, na realidade, quase inexistente. E ainda por cima vós, para obtê-la, deveis granjear o favor do povo e dos vagos boatos para saber como agir de maneira conveniente, desprezando a superioridade da consciência e do mérito: vós buscais vossa recompensa na miserável ralé. (págs. 47-48)

(...)

Além disso, qual o lucro que as pessoas de mérito têm – pois é delas que eu falo – em buscar a glória com suas virtudes, uma vez que tudo acaba com a morte e a destruição do corpo? Isso, se é verdade o que dizem (coisa com a qual não posso absolutamente concordar): que extintos os homens, sua fama cessa com eles, pois ela se atribui a alguém que já não existe. Mas e pelo contrário a alma, consciente de si mesma, ganha os céus depois de se libertar desta prisão terrestre, não irá ela desprezar todas as suas antigas preocupações, uma vez que, tendo ganhado o Céu, pouco se importará com tudo o que é terrestre? (pág. 48)

PROF. MONIR: Vocês percebem que, no fundo, o que está por trás do que ele está dizendo é a doutrina cristã? Ele está defendendo o cristianismo com argumentos platônicos e aristotélicos, com argumentos filosóficos. Isso é o que se chama depois de escolástica. Ele no fundo está defendendo aqui um princípio cristão do mundo. Antes dele, é verdade, veio toda a patrística, e veio Santo Agostinho, digamos num ponto mais alto, mas ninguém ousou até Boécio tentar argumentar com argumentos filosóficos. Até mesmo havia quem achasse que isso era uma espécie de sacrilégio, que não se podia fazer isso de jeito nenhum.

Então ele está dizendo assim: “Eu também não posso concordar de jeito nenhum com a ideia de que quando a pessoa morre, tudo acaba. Porque, se fosse assim, se quando você morresse não houvesse mais nada, então melhor seria mesmo se você tivesse comido mais quindins”. Teria sido melhor negócio. Mas se isso não é assim, tem que ter outra coisa. E isso é aceito tanto pelo platonismo, que veio quatrocentos anos antes (que acha que a alma é imortal), quanto pelo cristianismo. Tanto na filosofia antiga quanto no cristianismo existe aí uma concordância fundamental sobre o fato de que o processo não se extingue com a morte. É isso que ele está dizendo.

Mas não quero que penses que estou a travar um combate impiedoso contra a Fortuna; por vezes acontece de ela não enganar os homens, mas esclarecê-los. Tal é o caso quando ela se desmascara e mostra seus métodos de ação. Talvez não compreendas ainda o sentido de minhas palavras. Há um motivo para ficares surpreso com minha impaciência de contar-te tudo, e a razão é que encontro dificuldade em achar as palavras adequadas para exprimir meu pensamento. Eis o que penso: A Fortuna é mais benéfica aos seres humanos quando se mostra adversa do que quando se mostra favorável. (pág. 50)

PROF. MONIR: É melhor se dar mal na vida do que bem. [risos] E eu que tinha achado que é melhor ser rico com saúde do que pobre doente! Sempre achei que isso era uma espécie de conclusão imbatível, né? Só que agora estamos sendo contestados aqui pela Filosofia. Quer dizer, se você quiser compreender Dostoiévski, a obra inteira dele, é essa linha que está aqui. O Dostoiévski acha que o destino da vida humana é a perdição, e que a única redenção possível é a espiritual. O Dostoiévski acha isso mesmo. Ele costumava dizer que a única coisa de que ele tinha medo era de não conseguir sofrer de modo decente e com honradez pessoal. Ela está querendo nos dizer que às vezes é melhor você não ser mais enganado... que isso pode parecer um problema no começo, mas depois não é bem assim. O que levará essa conversa para a própria dúvida sobre os desígnios de Deus. Por que acontecem coisas que aparentemente são ruins? A vida humana é cheia de coisas ruins, de que nós certamente não gostamos. Eles estão tornando esse diálogo cada vez mais profundo. Se fosse feito no jeito platônico, seria um diálogo muito parecido com o de Platão, de alguma maneira. Claro que não foi escrito desse jeito, embora o Boécio tenha lido todo o Platão, porque

o Platão nunca esteve indisponível. Ele na verdade queria traduzir Platão inteiro, mas não conseguiu. Mas um romano letrado naquela época tinha acesso ao grego, facilmente.

(...)

Acaso achas de pouca importância o fato de esta severa e temível Fortuna te revelar quem são teus verdadeiros amigos, distinguir a franqueza e a hipocrisia de teus companheiros e levar o que te foi dado por ela para deixar apenas o que é teu? Por que preço buscarias adquirir esse discernimento quando não estavas abalado pela Fortuna e te acreditavas feliz? Agora, tu te queixas da ruína; contudo, encontraste por isso mesmo tua mais preciosa riqueza: teus verdadeiros amigos. (págs. 50-51)

PROF. MONIR: Pra entender esse trecho, é só lembrar que ele saiu em defesa de um colega e foi condenado à morte pelo Senado. Porque funcionava o sistema jurídico romano, no tempo de Boécio. Não havia um sistema tirânico. Claro que havia tiranias também, mas pra condenar um senador à morte, você não faz isso assim porque quer. Você passa a responsabilidade para os outros, alguma mediação tem que ter. Então o Boécio, apesar de ser defensor intransigente dos seus colegas de Senado, foi condenado pelo parecer do Senado. Ou seja, ficou claro quem era amigo dele e quem não era, quando a Fortuna tirou as asas de cima de Boécio. Ela está dizendo que às vezes é melhor saber a verdade do que ficar se iludindo.

Livro III

III.1

Sentindo-se fortalecido, Boécio pede à Filosofia que lhe administre os remédios que antes pareciam “*fortes demais*.” A Filosofia anuncia então a Boécio que iria conduzi-lo à verdadeira felicidade.

Os mortais têm todos uma única preocupação pela qual não medem esforços, seja qual for o caminho tomado, o objetivo é sempre o mesmo: a felicidade. Ora, trata-se de um bem que, ao ser obtido, não deixa lugar para nenhum outro desejo. É realmente o bem supremo, que contém em si mesmo todos os bens. É para aí, como dissemos anteriormente, que todos os mortais se dirigem pelos mais diversos caminhos. Com efeito, todos os homens têm em si o desejo inato do bem verdadeiro, mas os erros de sua ignorância desviam-nos para falsos bens. (pág. 55)

Entre os falsos bens estão as riquezas, o prestígio entre os concidadãos, o poder supremo: “A maioria acredita ter obtido o soberano bem quando estão alegres e contentes: a seus olhos a suprema felicidade consiste em se embriagar no prazer. Para alguns, esses bens se transformam indiferentemente em meio ou fim. Dessa forma, vemos homens desejar a riqueza para adquirir o poder, enquanto outros buscam o poder tendo em vista a glória ou a riqueza”.

Mas nós tínhamos definido bem supremo como sendo a felicidade; dessa forma, cada um considera que a felicidade reside naquilo que deseja mais do que qualquer outra coisa. Assim, tens sob teus olhos as diversas formas de felicidade que os homens concebem: riquezas, honras, poder, glória, prazeres. É sem dúvida alguma pelo fato de tomar apenas tais coisas em consideração que Epicuro, seguindo a lógica, foi persuadido de que o soberano bem fosse o prazer, uma vez que todos os outros bens tendem para o prazer. (pág. 56)

PROF. MONIR: Por isso que a filosofia de Epicuro, o epicurismo, é considerada geralmente como sendo uma filosofia do prazer. Isso não é bem verdade, não é bem assim. Tem um pouco de simplificação nisso, mas há aí no Epicu-

ro seguramente alguma coisa dessa ideia. É uma filosofia minúscula, é uma filosofia anã perto de qualquer grande filosofia da sua própria época, e que está reforçando isso de que o prazer é uma coisa boa, mas não pode ser um modo pelo qual se constrói a vida, porque o prazer é sempre de natureza quantitativa. E nunca de natureza qualitativa. E só se consegue construir a vida através de instrumentos e conteúdos qualitativos.

Se você tem dúvida disso, de que o prazer seja quantitativo, tente comer oitenta e dois quindins, pra você ver como a diferença entre gostar ou não de quindins só depende da quantidade de quindins que você come. Não há diferença nenhuma diferença de qualidade, só de quantidade. O René Guénon, no livro *O Reino da Quantidade*, demonstra facilmente isso mostrando que o que caracteriza a existência humana como tal é o fato de ela ser uma existência qualitativa. E qualquer tentativa de transformar a existência humana num aspecto quantitativo é uma degeneração ontológica. É uma maneira de nós desistirmos de sermos seres humanos e sermos uma coisa qualquer. Um cartão de crédito ambulante. Alguma coisa desse gênero.

Vocês percebem como as pessoas estão profundamente confusas com isso? Tem uma menina aí, anencéfala. Até onde eu sei, ainda não morreu. Teria alguma coisa aí como duzentos dias de vida⁶. Uma criança anencéfala, que não tem cérebro. Quando ela nasceu, algum tempo atrás, há duzentos dias,

6 Nota da revisora de transcrição – A criança anencéfala, nascida com apenas um pedaço do córtex cerebral em 20 de novembro em 2006, faleceu com um ano e oito meses, em 1º de agosto de 2008, em decorrência de uma pneumonia. A criança viveu muito comparativamente a outros casos similares registrados. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2012/04/morte-de-crianca-com-anencefalia-no-interior-de-sp-vai-completar-4-anos.html>. Acesso em: 16.out.2017.

houve uma polêmica enorme porque acharam que devia ser feito eutanásia. Porque afinal, ela não tem cérebro! Bem, eu conheço tanta gente sem cérebro que anda por aí, governa o país e tudo... Agora, pensem bem, quando alguém propõe eutanásia pra uma criança que nasce sem cérebro, ela propõe a eutanásia em nome do quê? Em nome de algum valor, de alguma coisa importante, sob o ponto de vista de quem está propondo... Então em nome do que você se acha no direito de retirar os duzentos dias de vida? Em nome do que você pensa que seja a vida humana. Mas o que você pensa que seja a vida humana não coincide necessariamente com os planos que Deus tem pra aquela criança. Como você não sabe que planos são esses, em nome de que você propõe isso? Do fato de que, por não ter cérebro, ela não vai poder ter cartão de crédito, não vai poder ter telefone celular, não vai poder ir no *shopping center*... então mata de uma vez!

Vocês compreendem que a argumentação pró-eutanásia que se usa hoje em dia é uma argumentação associada a uma natureza quantitativa? A viver uma vida normal – mas o que é uma vida normal? É uma vida de consumo, de convívio econômico... Mas você não sabe quais são os desígnios de Deus para aquela pessoa! Você não pode ler a mente de Deus... como é que você pensa que é só isso na vida faz sentido? A eutanásia sob o ponto de vista moral é absolutamente indefensável, porque você não pode penetrar nos desígnios de Deus para aquela pessoa. Agora o que é absolutamente revoltante é o fato de que se acredita que uma vida que não possa ser viabilizada economicamente não é uma vida que valha a pena ser vivida. É levar isso que o Boécio está dizendo aqui a um paroxismo, a um nível extraordinariamente grave. Isso piorou muito de lá pra cá.

A concepção de que o único sentido da vida é o sentido de consumir uns baulaques, comprar umas geringonças. Isso não tem cabimento nenhum! Vocês compreendem que isso que ele está denunciando aqui ficou muito pior no mundo contemporâneo? Eu não tenho direito de tomar essa decisão.

ALUNA: [*Comenta sobre o sofrimento da criança.*]

PROF. MONIR: É um sofrimento sobre o qual eu não tenho nenhum acesso inteligível, e que também pode ser aliviado com remédios.

Veja, pessoal, tem coisas que a gente não pode fazer. Por exemplo, clonagem. Na *Folha de São Paulo* tem hoje um artigo do Dráuzio Varella que diz assim: “Depois da Dolly, como se pode ser contra a clonagem?” Pra quem não sabe, a Dolly é uma ovelha que foi duplicada. Se você pega essas árvores aí, são todas irmãs gêmeas, já existe isso no reino vegetal. Agora, o próximo passo que esse pessoal vai propor é fazer clonagem de pessoas. E porque eu não posso fazer clonagem de pessoas, mesmo tendo possibilidade tecnológica pra isso? Porque eu não posso inventar um sujeito que não tem pai nem mãe. Eu estou moralmente proibido de inventar alguém que não tem referência familiar nenhuma, porque o clonado é um ser que vive numa espécie de vácuo existencial. Ele não tem pai, não tem mãe, ele não tem uma história familiar. Ele não tem nada. É um ser mecânico. Vocês compreendem que é por isso que eu não posso fazer clonagem humana? E a eutanásia é o mesmo problema. Eu não sei se eu posso interferir naquela situação por minha própria vontade porque talvez aquilo tenha um sentido que eu não seja capaz de perceber. Essas coisas todas são derivadas do fato de que nós não conhecemos os mistérios do mundo. Eu não estou dizendo que nós não somos capazes de conhecer coisas, porque se eu dissesse isso

não faria nenhum sentido eu estar aqui conversando com vocês. Mas eu queria insistir em dizer que existe um pedaço do mundo completamente misterioso que nos é inacessível para sempre. Não é possível entender os desígnios de Deus, por exemplo. É o que ele vai dizer aqui em seguida. No fundo, ele está perguntando assim, o Boécio: “Mas porque que logo comigo, eu que sou um sujeito decente, passar por essa desgraça?” Ele está tentando entender o desígnio de Deus por trás disso. E a Filosofia vai ajudá-lo entender o que Ele está dizendo com isso. A mesma coisa que acontece com o Boécio acontece com uma pessoa que está numa situação de ser passível de uma eutanásia. É a mesma ideia. É uma situação grave e sobre a qual eu poderia eventualmente perguntar: “Por que logo eu tenho que sofrer?” Vamos ver o que a Filosofia nos ensina.

III.5

Vós também, criaturas terrestres, mesmo se a concebeis de maneira imprecisa, podeis ver em sonhos vossa origem e entrever o verdadeiro fim que é a felicidade através de uma percepção que, embora não seja clara, tem ao menos o mérito de existir; e é por essa razão que, de um lado, vossa inclinação natural vos leva ao verdadeiro bem, mas, de outro, vossa cegueira quanto aos seus inumeráveis aspectos afasta-vos dele. (pág. 59)

Isto acontece, continua a Filosofia, porque estes bens não oferecem o que foi realmente prometido, tampouco conseguem saciar o espírito: “Reconheces então que não estavas satisfeito no meio daquele monte de riquezas?” pergunta a Filosofia a Boécio. Como Boécio responde “sim” a Filosofia o faz notar que o dinheiro não tem a propriedade de não ser roubado e que é necessária ajuda alheia para protegê-lo.

PROF. MONIR: Essa é a razão pela qual você explica no mundo a primazia do poder da casta política. Porque o mundo empresarial, aquilo que se chama de terceira casta, o pedaço do mundo que se dedica a organizar a economia e a riqueza material, sabe intrinsecamente que não é capaz, que não detém os meios de defender o seu próprio patrimônio. O sujeito que é muito rico, ele mesmo não tem os meios de impedir que o MST roube a fazenda, ele não tem meios de impedir que o ladrão roube o automóvel, não tem meios nem mesmo de assegurar que aquilo que ele chama de dinheiro continue valendo alguma coisa. Porque quem diz que o dinheiro vale alguma coisa é o Governo.

É essa a razão pela qual o mundo empresarial é tão submisso quanto é ao mundo político. Porque o dinheiro não tem a propriedade de não ser roubável. Tudo aquilo que você tem de material é alvo de cobiça alheia, e você não tem os meios de defender isso. Quem teve os meios na história foi o aristocrata, que se formou como tal. Porque os aristocratas e os príncipes são a nobreza? Porque são sujeitos que disseram assim: “Ora, daqui ninguém passa! Eu mato quem passar”. Então esses sujeitos que impuseram a ordem e que estabeleceram o princípio da autoridade do guerreiro é que viraram os condes, os barões etc. e formaram os países modernos. Então nesse mundo só tem autoridade sobre as coisas quem pode defendê-las no âmbito militar, ou seja, à força. Como o capitalista é de natureza dócil, porque ele precisa sorrir para o cliente – há um ditado chinês que diz: “Quem não sabe sorrir, não deve constituir comércio”. A primeira condição pra montar um comércio é você ser simpático, porque senão não vai dar certo – a não ser que você seja um antipático muito folclórico, como aquele sujeito que é dono do *Kamizaze*, um restaurante ali em Santa Felicidade, que é um exemplo oposto disso. Mas de um modo geral sorrir é a primeira condição. O Eloi Zanetti,

por exemplo, escreveu um livro contando as cinquenta maneiras de perder clientes. Não é isso? Entre elas está essa de tratá-los mal. Entenderam isso? Então o problema da felicidade das coisas é que ela é uma felicidade precária. Vamos tentar entender um pouquinho mais pra frente.

Por consequência, chegamos a uma conclusão que contradiz a hipótese inicial: com efeito, as riquezas, que eram buscadas para se atingir a independência, tornaram na verdade seu possuidor dependente de ajuda alheia. Ora, de que maneira as riquezas podem nos libertar de certas dependências? É verdade que os ricos não passam fome nem sede. Seu corpo também não sente o frio invernal. Sim, dir-me-ás, os ricos têm sempre com o que matar a fome, a sede, o frio. Dessa forma, as riquezas podem sempre tornar mais suportável a dependência, mas elas não a suprimem. Com efeito, se a necessidade, esta eterna boca escancarada ao fluxo das coisas, encontra a sua satisfação nas riquezas, resta sempre uma nova necessidade a ser satisfeita. Isso sem dizer que é preciso muito pouco para satisfazer a Natureza, enquanto nada é o bastante para a voracidade. Assim, se as riquezas, longe de evitarem a necessidade, criam sua própria necessidade, como poderíeis crer que elas podem oferecer uma garantia de independência. (págs. 60-61)

III.7

Mas tu me dirias: 'As honrarias e os altos cargos proporcionam àqueles que os exercem honra e dignidade.' O quê? Acaso as magistraturas possuem a propriedade de dotar de virtude as pessoas que as exercem e livrá-las dos seus defeitos?

PROF. MONIR: Olhem só, é o Congresso Nacional! Desde quando o fato de que o sujeito é senador o torna um sujeito decente? É o contrário. Aparentemente é uma pré-condição para ser senador você ser um trapaceiro, um

vigarista. Isso não é uma coisa que sempre existiu no mundo, do jeito como tem hoje... peguem o governo militar. Quando alguém era nomeado ministro, é porque era uma pessoa com certo nível, tinha certo merecimento. Hoje, você pega os ministérios... Que coisa mais lamentável, esse ministro da educação! O Gilberto Gil, a Dona Marta... quer dizer, hoje parece que tem que fazer concurso de burro pra poder virar ministro. Vocês compreendem o que é a vã filosofia? O fato de que você tem um cargo público, que você é um sujeito bajulado, que abre tapetes vermelhos... isso não te transforma num sujeito decente. Isso não é reflexo da sua competência e qualidade pessoal, e tampouco tem o poder de transformar você em alguma coisa melhor. É isso que a Filosofia está dizendo para o Boécio, para ele parar de achar que só porque era cônsul, que ele valia alguma coisa. Embora ele fosse exatamente o caso do sujeito decente. Ele era decente.

Ocorre o contrário! Longe de fazer desaparecer a corrupção, elas a põem à mostra; é o que explica nossa indignação ao vê-las cair nas mãos dos criminosos: eis por que Catulo, sem levar em conta a cadeira curul onde se assentava Nório, deu-lhe o apelido de "Estruma" (chaga horrenda). (pág. 62)

PROF. MONIR: Esse Catulo era um poeta, um pouco anterior, que viveu um pouco antes de Cristo. Ele não dava a ninguém importância pelo seu cargo, e era capaz de xingar os poderosos.

A Filosofia discorre sobre o fato de não haver coincidência entre virtude e poder: *"É com efeito impossível adivinharmos por que as funções honoríficas dignas de respeito são ocupadas precisamente por pessoas que estimamos indignas".*

Um homem sábio, ao contrário, é sempre virtuoso e *"o mérito possui efetivamente*

uma dignidade que lhe é própria e que se comunica imediatamente às pessoas de bem". Contrastando com esta virtude universal e incondicionada, as honras políticas são particulares e relativas:

E para que reconheças que essas honras, que não têm valor em si mesmas, não proporcionam o verdadeiro respeito, faço-te a seguinte pergunta: se um homem que já exerceu por várias vezes a função de cônsul encontra-se de passagem entre os povos bárbaros, essas distinções honoríficas torná-lo-ão mais respeitável aos olhos daqueles povos? Ora, se as honrarias possuísem algum poder por si mesmas, elas sempre se distinguiriam onde quer que fosse, tal como o fogo que aquece da mesma maneira por toda a Terra; mas uma vez que essas distinções não possuem tal propriedade, ao contrário da falsa opinião dos homens, mostram-se insignificantes assim que se apresentam a pessoas que não as consideram honrarias. (pág. 63)

III.8

*Revestia-se insolentemente da púrpura
De Tiro e de pétalas preciosas.
Todos, no entanto, indignados, detestavam
Nero e seus excessos devastadores.
Às vezes esse desavergonhado oferecia aos
Veneráveis senadores cadeiras curuis sem prestígio;
Pois quem consideraria uma coisa boa ver
Conferidas a si honrarias das mãos de um crápula? (pág. 64)*

PROF. MONIR: Que é o Nero. O fato de que Nero se vestia muito bonito, ficava muito pintoso assim, mas não o tornava um sujeito melhor. Um sapo dentro de uma gaiola de ouro continua sendo um sapo, não é um canário.

A realeza e a familiaridade com os reis podem tornar alguém poderoso? Não posso negá-lo, se sua felicidade dura até o fim de sua vida; mas a Antigüidade e nosso século mesmo oferecem centenas de exemplos de reis cuja felicidade se transformou em catástrofe. Ó raro poder que não consegue nem conservar-se a si mesmo! Pois, se o poder real proporciona a felicidade, não é necessário admitir que, assim que ele diminui, a felicidade também diminui e o infortúnio começa? (pág. 64)

Confirmando a tese, a Filosofia indaga se pode ser realmente poderoso o “homem que quer mais do que pode, que só anda cercado de guardas, que teme mais do que é temido e cujo poder se manifesta apenas com o consentimento de seus subordinados”.

PROF. MONIR: Esse é o poder. Qualquer poder é assim. Você é presidente de uma empresa, ganha milhões, mas tem que andar de carro blindado, seus filhos tem que andar de carro blindado, e a sua vida é absolutamente insuportável, não pode ir a lugar nenhum. É uma não vida – você tem muito mais medo dos outros do que os outros de você. Por outro lado, ninguém é tão imbatível e tão poderoso quanto um monge, que nada tem a perder, e que está dispondo a dar a própria vida para qualquer causa. Esse é o homem imbatível, porque ele não tem nada pelo qual resistir. É por essa razão que a casta bramânica tende a ser a mais corajosa e a razão pela qual a casta empresarial tende a ser a mais covarde. Porque a casta empresarial tem muito a perder – o sujeito vive pra acumular coisas, então não há nada que cause mais medo do que perder essas coisas. O monge? Ele tem lá um pedaço de pão por dia, está muito feliz. Então ninguém é mais poderoso do que

alguém da casta bramânica, sob o ponto de vista de poder manter a sua opinião. Ele pode perder a vida, mas ele não acha que a vida dele seja essa aqui. Ele acha que a vida dele transcende essa, porque a casta bramânica não vê a realidade no mundo em que ela está, mas apenas num mundo que transcende esse.

É como Sócrates, que quando é condenado à morte, diz assim: “Bom, pessoal, então terminado o julgamento, vamos embora. Eu vou para a morte, vocês vão pra vida. Só Deus sabe quem faz o melhor negócio”. É o que Sócrates diz nas últimas linhas da *Apologia*. Mostrando que como para ele, Sócrates, nunca interessaram questões do mundo, ele então se encontrava num estado talvez até privilegiado, porque “no outro mundo seguramente haverá pelo menos justiça”, ele diz assim para debochar do tribunal.

III.10

*Quem quer ser poderoso
Que domine suas ávidas paixões
E não se abandone ao prazer,
Companheiro tão vergonhoso.
Mesmo se nos confins da Terra
O Indo obedece às tuas leis
E Tule mesmo treme à tua voz,
Afasta teus negros desejos,
Cessa de ter complacência contigo
Senão, não serás poderoso. (págs. 65-66)*

PROF. MONIR: Indo é um rio, e Tule é uma ilha.

III.11

*Quanto à glória, quantas vezes ela nos engana! Como ela é vergonhosa! Assim, o trágico estava com a razão ao excluir: 'Ó glória, ó glória! Quantos vis mortais, Graças a ti, desonraram a história com seus nomes!'*⁷

PROF. MONIR: Isso é de Eurípedes, da peça *Andrômaca*. Na Guerra de Troia, Andrômaca é a mulher de Heitor, que é a principal personagem. Quer dizer, é Heitor contra Aquiles. Mas Heitor é o humano, e Aquiles é semideus, portanto eu tenho as minhas simpatias todas ligadas ao Heitor, que não tem nada com isso; tenta resolver a encrenca que o irmão Páris arrumou quando sequestrou a Helena lá do Agamenon. Heitor então acha tem que resolver o problema. A Andrômaca é a mulher dele e acaba muito mal, né? Assim como todo mundo menos o Enéas, que foge e funda Roma.

Muitas pessoas, com efeito, devem seu renome às opiniões errôneas da multidão: o que pode ser mais vergonhoso que isso? Aqueles que são festejados injustamente devem certamente enrubescer ao ouvir os elogios que lhe são feitos. E, mesmo quando o mérito está na origem da glória, o que pode ela acrescentar à consciência do sábio, que avalia o que é bom ou não em si, e não se apegando ao rumor do público, mas à verdade de sua consciência? (pág. 66)

III.13

E o que eu poderia dizer dos prazeres sensuais, cuja busca é sempre acompanhada

7 Eurípedes, *Andrômaca*.

de tormentos, e a satisfação, de remorsos? Quantas doenças, quanto sofrimento frequentemente trazem como consequência de seus exageros àqueles que os desfrutam? Confesso ignorar que tipo de atrativo pode-se encontrar aí. Mas basta que lembremos as antigas paixões para reconhecermos que elas sempre acabavam em sofrimento. E, se os prazeres podem conduzir à felicidade, por que então não afirmáramos que também os animais conhecem a felicidade, uma vez que todos os seus esforços tendem à satisfação de uma necessidade física? (pág. 68)

III.15

Portanto, está fora de dúvida que esses caminhos para a felicidade levam a um beco sem saída e não ao lugar aonde prometeram levar. Mostrar-te-ei como essas metas são mal conduzidas desde o princípio. Vejamos: tu queres te esforçar para ficar rico? Mas para isso terás de tornar alguém pobre. Pretendes alcançar o brilho das honrarias? Mas para isso será necessário suplicar àqueles que as conferem, e tu, que pretendestes eclipsar os outros, deverás humilhar-te com tuas súplicas. Ambicionas o poder? Lembra-te de que sempre correrás o risco de uma traição por parte dos teus subordinados e estarás sujeito a muitos perigos. Procuras então a glória? O caminho é árduo, difícil e cheio de perigos. Desejas levar uma vida de prazeres? Ora, quem não desprezaria e rejeitaria o escravo de uma coisa tão banal e vulnerável como o teu corpo? (pág. 69)

III.17

‘Até agora eu te mostrei as falsas formas de felicidade, e que isso baste. Chegou o momento de te mostrar a verdadeira.’ E eu disse: ‘Vejo claramente que não se pode encontrar a independência nas riquezas, nem o poder no exercício das magistraturas,

nem o reconhecimento público nas funções honoríficas, nem a celebridade na glória e tampouco o contentamento nos prazeres.’ (pág. 71)

Perguntada por Boécio por que isso ocorre, a Filosofia explica que “o erro humano divide o que é por natureza simples e indivisível, e transforma o verdadeiro no falso e o perfeito no imperfeito”.

A Filosofia explica a Boécio que é a procura da parte e não do todo que empurra o homem para a falsa felicidade. Boécio concorda.

PROF. MONIR: Agora a Sabedoria vai explicar o que é isso de tentar dividir o que é uno. Vamos ver como ela nos explica:

Na realidade, se eu não estou enganado, a verdadeira e perfeita felicidade é aquela que torna um homem completamente independente, poderoso, respeitável, ilustre e feliz. E a prova que dou de ter compreendido tudo é que reconheço sem hesitação que é absolutamente feliz aquele que pode realizar apenas um dos bens citados previamente, já que eles são todos o único e mesmo bem.’ Ela respondeu: ‘Meu caro discípulo! Essa maneira de pensar fará a tua felicidade se lhe acrescentares o que se segue.’ ‘E o que é?’, perguntei. ‘Esses bens mortais e perecíveis têm, segundo pensas, a menor possibilidade de te proporcionar um tal estado de felicidade?’ Respondi: ‘De forma alguma, tu me convenceste inteiramente desse fato.’ ‘Assim, os mortais obtêm apenas aparentes felicidades ou bens imperfeitos e não o verdadeiro e perfeito bem.’ ‘Estou convencido disso’, disse eu. ‘Nessas condições, já que sabes distinguir a verdadeira felicidade de suas cópias, resta-te apenas descobrir onde podes encontrar a verdadeira felicidade.’ ‘É isso mesmo que há muito tempo ansiosamente procuro saber.’ E ela disse: ‘Mas já que, como diz nosso caro Platão no Timeu, é preciso, mesmo em ocasiões sem grande importância, implorar o auxílio divino, que achas que devemos

fazer agora, para merecermos saber onde reside o bem supremo?’ ‘Invocar o Pai de todas as coisas, pois esse é o ritual com que se começam todas as coisas, respondi.’ ‘Tens razão’, disse ela... (págs. 73-74)

PROF. MONIR: É, esse episódio aqui é muito interessante porque o *Timeu* é um livro de cosmologia. Ele é um diálogo de Platão que apresenta uma cosmologia, não cristã, porque Platão não conheceu o cristianismo. Então aqui está o Boécio demonstrando que ele está no fundo debatendo a cosmologia cristã. Então ele faz de conta, fazendo-se de bobo, que ele está apenas imitando Platão, mas no fundo o que ele está fazendo é aplicar a ideia de uma cosmologia platônica a uma cosmologia cristã, que é baseada em Deus. E nesse momento então Deus entra nesse processo aqui. Então é completamente injustificável a ideia que alguns têm de que Boécio, por não falar de Jesus Cristo nessa obra, não seria um verdadeiro cristão.

Quando ele foi canonizado no século XIX houve grande polêmica, porque alguns acham que ele não morreu em nome da Igreja. Ele não foi martirizado pelo cristianismo... não parece mesmo que foi, né? No fundo ele está sendo martirizado pela filosofia. Mas se você prestar atenção, atrás de tudo que Boécio fala há uma clara estrutura cristã. Não há nenhuma dúvida disso. Portanto, é completamente justo considerá-lo mártir da Igreja, porque ele de fato é isso. A sua canonização tem todo o sentido do mundo. Embora ninguém o chame de São Severino Boécio. Santo Agostinho, Santo Tomás, todos eles ficaram santos no próprio nome, né? Mas Boécio, não. A Boécio as pessoas referem-se apenas como Boécio. Há muito livro de história da filosofia que não sabe nem reconhecer a canonização.

Desse modo, uma vez que já viste as formas que reveste o bem imperfeito assim como as que reveste o bem perfeito, creio agora ser preciso te mostrar onde se encontra a perfeita felicidade. A esse respeito julgo ser necessário antes de tudo perguntarmos se um bem tal como o que acabas de definir pode existir na realidade deste mundo; caso contrário, poderíamos passar ao lado da verdade sem vê-la e deixarmo-nos enganar por uma representação ilusória de nossa imaginação. No entanto, sabemos que esse bem existe e é a fonte de todos os bens, o que é inegável. Com efeito, tudo o que é tido por imperfeito o é devido a uma degradação da perfeição.

PROF. MONIR: Isso é a hipótese platônica. Vocês se lembram do *Fedro*, em que foi ensinado pelo Sócrates que o que nós chamamos de beleza é um reflexo de uma beleza que existe no âmbito do mundo das ideias, no mundo das essências, e nós sabemos o que é beleza porque nós nos lembramos, temos recordação deste mundo do qual nós já fomos partícipes. As almas perdem as asas e caem sobre a terra. Então quando nós caímos aqui, nós só temos lembranças desse mundo anterior. Isso é profundamente cristão, porque no fundo é a mesma ideia que está dentro da ideia de que Deus criou o mundo à Sua imagem e semelhança. Imagem e semelhança – não quer dizer que seja igual; “imagem e semelhança” corresponde à ideia de que quando vejo o efeito do sol numa pedra eu não estou vendo o sol, mas apenas a sua radiação. A mesma coisa acontece com a imagem e semelhança. Ai há uma enorme coincidência entre o conceito hindu de que o mundo manifestado é apenas um dos mundos possíveis do absoluto, entre a ideia de que o mundo é feito à imagem e semelhança de Deus do cristianismo e entre a ideia platônica de que esse mundo aqui é apenas uma manifestação imperfeita de um mundo perfeito. Tudo coincide nesse momento entre si.

Segue-se que se, em qualquer campo que seja, algo parece imperfeito, é porque existe também necessariamente nesse campo algo que seja perfeito. Pois, se não admitirmos que a perfeição existe, não poderíamos sequer imaginar como aquilo que é tido por imperfeito possa existir. (pág. 76)

PROF. MONIR: Eu não posso jamais falar em imperfeição se eu não aceitar automaticamente a existência da perfeição. Eu não posso falar em coisas relativas se eu não aceito necessariamente que haja coisas absolutas. Porque se alguma coisa é relativa, o é por contraste a coisas absolutas, entendem? Então essas expressões que as pessoas dizem: “Tudo é relativo”, “Tudo é ideologia”... são todas autocontradições, são todas miseravelmente suicidas. Vocês compreendem que eu não posso declarar assim, por exemplo: “Eu sou mentiroso”, porque se eu sou mentiroso de verdade, eu acabei de dizer uma verdade, estou me autocontradizendo. E se eu não sou mentiroso, eu estou dizendo uma mentira, o que contradiz a tese de que eu não sou mentiroso. São todos suicídios lógicos. Eu não posso dizer assim: “Tudo é relativo”. Bom, se tudo é relativo, então isso que eu estou dizendo também é relativo, portanto não vale nada. É claro que a pessoa vai dizer: “Não, mas tudo menos isso”.

ALUNOS: [risos]

PROF. MONIR: Aí estamos entrando no terreno da erística. Erística é a arte da trapaça intelectual. A mesma coisa quando digo: “Tudo nesse mundo é ideologia, eu não acredito em nada porque tudo é no fundo uma defesa de uma condição econômica” (isso é o que quer dizer que tudo é ideologia). Mas se tudo é ideologia, então essa sua afirmação de que tudo é ideologia também é uma ideologia. Então qual é o mundo econômico que você está

defendendo com isso? Daí a pessoa diz: “Não, não, mas isso é a única coisa que não é ideologia”. Daí já é vigarice pura. Eu não posso aceitar a ideia de que só existem imperfeições se eu não aceitar a ideia de que possa existir uma perfeição. E essa é uma das pistas que levam você a compreender que a existência de Deus é completamente obrigatória. E que Deus não pode não existir, porque a inexistência, a falta de existência de Deus não é possível logicamente. Então essa é uma constatação filosófica básica (isso aqui é método filosófico básico) de que você não pode se autocontradizer. Isso na teoria. Porque na prática o pessoal não para de fazer isso. Mas uma abordagem filosófica séria impede que você possa desconhecer isso. Que determinadas coisas são obrigatórias como conclusões e premissas que você mesmo estabeleceu. Não podem ser negadas, em última análise.

A Filosofia explica a Boécio que o universo não foi criado a partir de elementos degradados e incompletos, mas teve sua origem a partir de elementos intactos e acabados, mas que acabou em imperfeição.

Agora, se queres saber onde ela (a perfeição) se encontra, eis como debes raciocinar. Todos os homens concordam em afirmar que Deus, princípio de todas as coisas, é bom. E, como não podemos conceber nada melhor do que Deus, quem poderia duvidar de que aquilo que é melhor que todo o resto seja bom? Portanto, nossos raciocínios mostram que Deus é bom a tal ponto que está fora de dúvida que o bem perfeito também está presente nele. Caso contrário, Deus não poderia ser o princípio de todas as coisas. Pois, se houvesse algo que possuísse o bem perfeito e parecesse ser anterior a Deus e mais velho que ele, isso teria preeminência sobre Deus, pois tudo o que é perfeito parece evidentemente ser o primeiro quanto a algo que é de certa forma derivado. Eis por que, para evitar prolongar o raciocínio infinitamente, é preciso admitir que

o Deus soberano contém o perfeito e soberano bem. Mas nós tínhamos estabelecido que o bem perfeito é a verdadeira felicidade, portanto a verdadeira felicidade reside necessariamente no Deus soberano. (pág. 77)

PROF. MONIR: Se no parágrafo anterior Boécio estava sendo platônico, agora ele está sendo aristotélico. Porque é Aristóteles que estabelece essa ideia de que não é possível procurar o que criou: Quem nos criou? Foi alguém. E quem criou esse alguém? Alguém. E quem criou... Então você não pode ficar o resto da eternidade voltando pra trás pra ver quem criou. Tem de haver logicamente uma espécie de motor inicial – Aristóteles chama assim mesmo – que é o motor de todas as coisas. Vocês compreendem que isso é obrigatório por lógica, porque não é possível haver uma série infinita pra trás disso? Então o que ele vai fazer? Agora ele colocou Deus nessa história como sendo onde tudo começa, porque Deus tem de ser necessariamente incriado. Ninguém pode ter criado Deus. Deus sendo incriado, Ele é o início de tudo. Se Deus é o início de tudo, Nele está o supremo bem. Se Nele está o supremo bem, então a felicidade só se encontra em Deus. Ele conseguiu conduzir o leitor da *Consolação da Filosofia* para a compreensão metafísica de Deus sem ser pelo caminho dogmático do evangelho. Agora, por meio de um instrumental filosófico, ele está demonstrando claramente porque é obrigatório que Deus seja maior que todas as outras coisas todas. Veja, Deus não pode anular a lógica. Compreendem? Então Deus não pode inventar nenhum Deus maior do que Ele porque Deus já é infinito, e um infinito não pode ser maior que outro. Então não dá pra você dizer assim: “Deus vai inventar um outro Deus maior que Ele, já que Ele pode tudo”. Deus pode tudo, exceto cancelar a lógica. Então Deus não pode dizer que $2+2=5$; nem para Deus é possível fazer isso.

E isso é uma coisa maravilhosa porque permite que haja um instrumento com o qual nós conseguimos lidar com os fatos da vida de maneira ampla, de maneira segura, e isso permite que o ser humano possa de alguma maneira se assemelhar a Deus. Mesmo porque se há uma lógica que funciona, foi Ele que inventou. Ele não iria se autocancelar. Não é uma maravilha, isso? Vocês não ficam emocionados? Eu estou sentindo uma verdadeira emoção no ar! Emoções incríveis que vocês estão tendo com essa conclusão.

ALUNOS: *[risos]*

ALUNO: *[Pergunta sobre o relativismo.]*

PROF. MONIR: É, o relativismo é uma bobagem. Porque ele só tem valor como precaução intelectual. Chega assim um sujeito que pesa quinhentos quilos e fala assim: “As pessoas mais sensuais são as gordas”. Então você deve desconfiar que ele está defendendo esta tese porque ele é gordo. O relativismo é apenas uma precaução intelectual, pra você não bancar o bobo. O relativismo como instrumento de conhecimento no mundo é uma estupidéz, porque você no fundo vai chegar à conclusão de que nada pode ser conhecido. Ora, se nada pode ser conhecido, se então cada um conhece o que bem entende... Em primeiro lugar isso criaria um mundo impossível, em que haveria bilhões de mundos em colisão. Em segundo, se nenhum mundo seria o verdadeiro, então eu vou embora... Porque qual é o sentido de ficar debatendo a realidade, se a realidade não existe? A ideia do relativismo lá do luto, que depois se expressa no relativismo cultural, nessas pragas do mundo contemporâneo, é uma ideia suicida em termos de conhecimento humano – não serve pra nada, a não ser pra gente pular do prédio. Nada mais é conhecível. Se cada um acha que tem uma verdade, então não tem verdade

nenhuma. Mas isso é profundamente autocontraditório. O que pode acontecer é que os meus meios de conhecer a verdade sejam meios imperfeitos. Mesmo porque a verdade não pode se deixar conhecer simultaneamente de todos os modos. Por exemplo: O que tem na capa deste livro aqui? [o professor mostra a contracapa do livro] <pausa> É, o livro não deixa de ter uma capa, mas vocês não são capazes de ver, porque a capa está necessariamente escondida quando eu mostro pra vocês a contracapa. Entenderam? Como o livro não tem uma capa e contracapa simultâneas, então é claro que se eu mostrar o livro pra vocês, algum verão a capa, outros a contracapa. O que não quer dizer que a realidade seja diferente. Como vocês não têm os meios de olhar por meio do livro e ver a contracapa, e o livro não tem meios de deixar-se mostrar totalmente automaticamente...

A percepção do mundo é essa miséria de a gente perceber pedaços, mas isso não significa que seja nosso próprio gosto. No fundo a realidade pode ser mais complexa do que somos capazes de perceber. Mas a ideia de que tudo é relativo é uma ingenuidade. É uma coisa que está abaixo do mínimo necessário para debater qualquer assunto. No entanto é a marca da filosofia contemporânea. É como as pessoas pensam hoje em dia. Depois de Kant, o mudou ficou assim.

Como Boécio concorda, a Filosofia o adverte que Deus e a felicidade são a mesma substância, porque a felicidade é o soberano bem e nada pode existir acima de Deus, logo *"é preciso admitir que Deus é a suprema felicidade"*. Ela reforça a tese.

'Examinemos agora', disse ela, 'se podemos provar tal afirmação de maneira mais sólida partindo da seguinte proposição: não podem existir dois soberanos bens que difiram um do outro. Pois, quando dois bens são diferentes um do outro, fica claro

que um não é o que o outro é, e dessa forma nenhum dos dois pode ser considerado perfeito dado que um falta ao outro. Mas o que não é perfeito evidentemente não é o soberano, portanto é absolutamente impossível que os bens soberanos possam diferir entre si. Ora, havíamos concluído que a felicidade e Deus são o soberano bem, portanto é precisamente a divindade soberana que é a felicidade suprema. (págs. 78-79)

PROF. MONIR: E é por isso que é muito difícil definir Deus. Todo o processo de definição é, necessariamente, um processo de restrição. Então quando eu defino um mamífero, estou dizendo que o mamífero é um tipo de animal que amamenta os filhos. Então quando eu defino um mamífero, eu estou dizendo que aos mamíferos não é dada a capacidade de botar ovos. Então falta aos mamíferos a ovoparidade. E às galinhas falta a viviparidade. Então esses dois não podem ser o todo, porque cada um deles tem uma falta. Então, ao definir, eu limito. Como eu não posso definir Deus de verdade, em última análise – os metafísicos orientais costumam dizer que Deus é aquele que não é. Porque ao dizer como a coisa é, eu também estou dizendo necessariamente que ela não é outra coisa. Então é melhor não tentar dizer o que Deus é, porque eu vou acabar dizendo que falta alguma parte, e aí então não será mais Deus. É claro que é impossível para a mente humana definir Deus verdadeiramente. É esse o sentido do que se está dizendo aí. Não dá pra definir Deus, essa é que é a questão. Nós conhecemos aspectos de Deus, mas não podemos conhecê-lo inteiro, não dá.

A Filosofia demonstra que é pela aquisição de justiça que as pessoas ficam justas; pela aquisição de sabedoria que elas ficam sábias, logo é só pela aquisição do divino que elas podem se tornar felizes, *“por conseguinte, todo homem feliz seria um deus”*.

Como corolário da proposição anterior, a Filosofia esclarece que aquilo o que se procura sob o nome de felicidade é o bem.

Com efeito, se buscamos a independência é porque a consideramos um bem, e se buscamos o poder é porque ele também é tido como um bem; da mesma maneira podemos raciocinar com relação à consideração social, à celebridade e ao prazer. Por conseguinte, a essência e a causa de tudo o que é desejável é o bem. (pág. 80)

Como a felicidade e Deus são a mesma coisa, é forçoso reconhecer que o bem reside apenas em Deus, excluindo-se tudo o mais.

PROF. MONIR: No entanto, se você se põe a pegar apenas uma parte – por exemplo, o poder –, aí você vai tentar dividir o indivisível e aí vai apenas errar. Então, o que ele está dizendo é que não é possível desvincular as coisas, porque o bem é Deus, é uma coisa só. Essa é uma ideia de Parmênides, é uma ideia que ele aprendeu com os eleatas. É uma ideia dos pré-socráticos.

III.21

A Filosofia resume o exame do problema até ali.

‘Não havíamos demonstrado que as coisas que muitas pessoas buscam não são bens verdadeiros nem perfeitos, pela simples razão de que eles diferem entre si e que, como um falta ao outro, eles não podem proporcionar bem absoluto em sua plenitude? Ora, não havíamos também demonstrado que o verdadeiro bem somente existe quando todos os bens se reúnem para produzir uma só forma e um só efeito; e também que a independência, o poder, a posição social, a celebridade e mesmo o

prazer também são bens mas que, se não estão todos reunidos numa só coisa, por si mesmos não possuem nada que lhes permita ser considerados bens desejáveis?’ ‘Sim,’ respondi, ‘e quanto a isso não resta mais dúvida.’ ‘Por conseguinte, as coisas não são bens verdadeiros quando diferem entre si, mas somente quando tendem a formar uma unidade é que começam a sê-lo. Não acontece de elas se tornarem bens quando realizam plenamente sua unidade?’ ‘Parece que sim,’ respondi. E ela: ‘Mas diga-me sim ou não: concordas que tudo o que é um bem o é pela sua participação no bem supremo?’ ‘Sim.’ ‘Tu deves então admitir, devido ao mesmo raciocínio, que o uno e o bem são a mesma coisa: com efeito, as coisas que por natureza não provocam efeitos diferentes têm a mesma substância.’ ‘É impossível negá-lo,’ disse eu. E ela acrescentou: ‘Sabes então que tudo o que existe subsiste tal qual é durante o tempo em que é uno, e que morre e que se desagrega quando deixa de ser uno?’ (págs. 82-83)

PROF. MONIR: Então o que ele vai continuar fazendo agora é desenvolver a ideia de Parmênides de que o que caracteriza a vida é que tudo tenta permanecer uno, por exemplo, a nossa alma com o nosso corpo. O que é tentar manter-se vivo? É tentar manter essas duas coisas juntas, porque na hora em que essas duas coisas se separam, o corpo vai pro cemitério e a alma vai pra algum lugar que você não sabe qual é. Tudo o que existe no mundo tenta manter-se uno. E ele com isso tenta demonstrar que se a gente seguir essa regra do mundo e do cosmos, só tem uma saída pra nossa existência, que é impedir a segmentação, é continuarmos desejando Deus, porque Deus é que unifica tudo, é isso que ele quer dizer no diálogo em seguida.

A Filosofia explica esta última consideração, exemplificando que quando o corpo e a alma se separam, o corpo se decompõe. Logo, o que todos os seres vivos fazem é perseguir a unidade e mantê-la a todo custo (exceto em situações excepcionais). Isto vale igualmente para as plantas, já que algumas “buscam os

pântanos, algumas se prendem a rochedos, enquanto outras preferem o árido deserto e, se tentássemos transplantá-las, morreriam". Só assim se pode compreender que "todas essas espécies são como mecanismos vivos concebidos não apenas para subsistir por certo tempo, mas também para adquirir cada qual uma espécie de eternidade".

Quanto aos seres que se acredita serem inanimados, também eles, segundo a mesma lógica, não procuram o que lhes é próprio? Por que o fogo sobe verticalmente levado por sua leveza, e a terra, devido a seu peso, segue o caminho oposto, senão pelo fato de esses movimentos estarem conformes à sua natureza? Prossigamos nosso raciocínio: tudo o que está de acordo com uma outra coisa a preserva e, no sentido oposto, tudo o que lhe é hostil a destrói. E os corpos sólidos, como as pedras, mantêm suas partes firmes e não se deixam degradar facilmente. Quanto aos líquidos, bem como ao ar e à água, é verdade que se deixam dividir facilmente, mas, uma vez divididos, logo se reconstituem; quanto ao fogo, este é impossível de ser dividido. (pág. 85)

A conclusão é de que tudo que existe busca sua perenidade e evita sua destruição a todo o custo. Boécio então conclui que todas as coisas que desejam perpetuar-se precisam ser unas e o uno é precisamente o bem, logo todas as coisas procuram o bem.

E ela exclamou: 'Oh, meu discípulo, como estou contente! Pois acabas de desvendar aquilo que constitui o centro da verdade! Acabas de dizer precisamente aquilo que julgavas ignorar.' 'O quê?', perguntei. 'Qual é o fim de todas as coisas?' 'Aquilo que sem sombra de dúvida todas as coisas procuram, e, como havíamos concluído que é o bem, temos de reconhecer que o fim de todas as coisas é o bem.' (pág. 86)

*Se procuramos seriamente a verdade
 E não desejamos ser enganados,
 Devemos deixar brilhar em nós nossa luz interior,
 Concentrar os amplos movimentos do pensamento
 E aprender da alma aquilo que ela colheu no exterior.
 Ela já possui a verdade, guardada secretamente nela.
 Aquilo que antes recobria a negra nuvem do erro
 Brilhará mais claramente que o próprio Febo.
 Pois a alma não pode resplandecer com todo o seu brilho
 Porque o corpo, com sua matéria, deixou-a cair no esquecimento.
 Sem dúvida alguma uma semente da verdade permanece na alma,
 E ela vem reanimar um ensino esclarecedor.
 Como terias tu respondido espontaneamente e de maneira correta
 Se algo não te iluminasse no fundo de teu coração?
 Se a Musa de Platão proclama a verdade,
 Ao ouvi-la lembramo-nos de algo sem nos darmos conta. (págs. 86-87)*

Então eu disse: 'Partilho inteiramente o ponto de vista de Platão, pois já é a segunda vez que tu me dizes essa verdade: na primeira vez perdi a memória devido à contaminação do corpo e, na segunda, quando fui torturado.' (pág. 87)

Boécio diz ter chegado à conclusão de que este universo, composto por partes tão díspares e opostas entre si, não poderia ser constituído numa forma única sem a existência de um ser único, capaz de reunir elementos tão diferentes.

PROF. MONIR: Que é Deus. O que unifica o universo é a mente de Deus. O universo não é Deus, por favor, tá? Cuidado com isso. Essa é uma tese do Spinoza, chama-se panteísmo, e é a ideia de que Deus é a somatória das coisas que existem. É uma ideia de uma ingenuidade terrível, porque o Criador não pode estar no mesmo nível que a criatura. Então o universo todo é unificado pela mente de Deus, mas não é Deus em si – é a mente de Deus que unifica tudo, porque é Ele quem cria o universo, portanto então Ele o unifica na Sua mente.

E só é possível então compreendermos alguma coisa na medida em que nós estamos unificados. Qual é, essencialmente, o sentido da queda cristã, que é o episódio do Paraíso Perdido? É o episódio da desvinculação espiritual do homem de Deus. Não é nada mais que isso. Na medida em que nós vamos nos tornando mais humanos, nós vamos nos tornando mais desumanos. Como efeito colateral inverso daquilo que nós desejamos. Vamos nos parecendo cada vez mais com o mundo da quantidade e cada vez menos com o mundo da qualidade. Então é isso que ele mostra, mas a partir da abordagem do Parmênides.

Por outro lado, essa reunião se desfaria e desaparecia devido à disparidade de seus elementos a menos que houvesse um ser único capaz de manter a coesão entre os elementos ligados entre si.

PROF. MONIR: Isso não é assim porque a vida diz que é assim, é assim porque ele acabou de demonstrar isso filosoficamente. Entenderam onde é que o Boécio entra com uma coisa completamente nova na história da inteligência humana? Ele acabou de demonstrar que isso é assim porque é obriga-

toriamamente assim. E não porque isso esteja sendo dito por uma parábola de Jesus Cristo, por exemplo.

Continuando o raciocínio, a Filosofia demonstra a Boécio que como Deus é o *“bem supremo que dirige com o seu poder todas as coisas e as dispõe com harmonia” nada pode se opor contra ele, e logo o mal não existe, “pois mesmo o que pode tudo não pode fazer o mal”*.

PROF. MONIR: Porque ele não pode ser autocontraditório. Se Deus é cem por cento bem, não é possível Deus fazer o mal. E essa é obviamente uma questão muito séria, porque é a principal restrição que as pessoas têm contra Deus: “Poxa, mas como é que pode existir um Deus se acabou de haver um acidente em que vinte crianças caíram num barranco, morreram afogadas numa represa?” “E o tsunami, tinha trinta sujeitos de férias e todos morreram? Como é que pode ter um Deus que faça isso?” Essa é a origem da rebelião do século XX. O Ivan Karamazov, que é uma das personagens centrais do livro *Irmãos Karamazov*, ele tem essa tese: “Eu não sou contra Deus, eu sou contra a obra de Deus, mas que porcaria!” Então o sujeito acha que a associação entre o Partido Comunista e o SUS vai fazer melhor. Entendeu a estupidez contemporânea, a que ponto chega? Então o sujeito acha que Deus é tão incompetente, tão burro, então seguramente o Partido Comunista mais um grupo de professores de Filosofia da Federal mais o SUS e mais o Exército da Salvação vão fazer melhor do que Deus. E essa é a origem de toda a rebelião metafísica do século XX que o Albert Camus conta no livro *O Homem Revoltado*, justamente sobre isso.

Então ele vai discutir em seguida os desígnios de Deus. Isso é muito importante, e ele começa em primeiro lugar negando a possibilidade de que o mal

possa existir de verdade. Por que o mal não existe? Porque o mal não é uma dualidade complementar. Vejam, na vida humana, na vida do cosmos, ou seja, na vida real, concreta, do mundo, existem dualidades complementares. Por exemplo, você tem a ideia de homem/mulher. Homem e mulher não se excluem mutuamente, ao contrário, incluem-se o tempo todo. Eles são assim, têm uma espécie de atratividade natural. E o ser humano completo é metade homem e metade mulher, é um composto destas duas partes diferentes. Então quando você diz que homem/mulher é uma dualidade, você está apenas reconhecendo que determinadas coisas nesse mundo vêm aos pares. E esses pares, quando somados, são iguais a um. É como se homem e mulher, cada um valesse meio, soma os dois e dá um.

Mas existem outras dualidades que não são assim. Por exemplo, claro e escuro. Claro e escuro se excluem mutuamente. Se eu apertar o interruptor, vai ficar escuro. Se eu voltar a acender, vai ficar claro. Então como o claro e o escuro se excluem mutuamente, um só existe como ausência do outro. Sob esse ponto de vista, o mal não tem uma existência real e concreta, mas o mal é uma espécie de ausência do bem. Entenderam?

Se você acha que o bem e o mal existem igualmente, você é um maniqueísta. Maniqueísmo é uma certa maneira de pensar que não é herética porque não é cristã, mas é uma abordagem não-cristã que foi muito importante no começo do cristianismo, por meio de um tal de Maniqueu, que achava que esse mundo é feito numa briga entre o bem e o mal, como entidades que estão em guerra. Em que ora ganha um, ora ganha outro. Pois essa é uma ideia profundamente anticristã, porque eu estou propondo que o poder seja dividido com dois indivíduos de igual poder. Mas isso vai contra o que a Filosofia acabou de nos explicar. Porque se um não tem o outro, então

necessariamente nenhum desses dois é perfeito – e Deus não poderia ser isso. Então o maniqueísmo é essa ideia de que o bem e o mal são meios que se somam para dar um, quando eu estou dizendo que para que você possa ser cristão e acreditar nisso é preciso supor que o bem é cem por cento, portanto ele já vale um, e que o mal nada mais é do que a ausência de bem, circunstancial como quando você apaga a luz. Compreenderam essa diferença, pessoal? É absolutamente imprescindível entender essa diferença: que o mal não existe porque é ausência de bem. Portanto ele só existe enquanto ausência, não é como homem e mulher que existem os dois paralelamente e simultaneamente. Porque a dualidade homem e mulher é uma dualidade complementar, como yin e yang, ato e potência, matéria e forma, são todas dualidades reais, concretas. E a dualidade claro e escuro não pode ser simultânea, porque se está claro não está escuro, e se está escuro não está claro. E eu tenho que escolher um dos dois. Portanto o mal só existe como ausência de bem.

Livro IV

IV.1

Boécio, preocupado com a existência do mal, interroga a Filosofia.

Tu, que conduzes à verdadeira luz, sabes que todas as afirmações que me fizeste até agora pareceram-me não só divinas mas também irrefutáveis pela lógica de teus argumentos, e, mesmo se as dores que me foram infligidas fizeram-me esquecer várias argumentações, essas verdades não foram no entanto completamente esquecidas. Mas talvez a principal razão de minhas angústias seja que, apesar da existência de um ser bom que comanda o universo, o mal possa existir e até ficar impune.

PROF. MONIR: Porque ele acha que os que o condenaram são maus. Então ele não compreende como é que pode uma coisa que não existe dar tão certo. Ele está desolado com fato de que o mal não existe, mas os caras se dão bem.

Isso apenas já é bastante surpreendente, e certamente debes concordar. Mas a situação é pior ainda: enquanto o vício reina e prospera, a virtude não apenas não recebe recompensa alguma, mas também é calcada pelos pés dos celerados e levada ao suplício em lugar do crime. Que tais coisas aconteçam no reino de um Deus onisciente, onipotente e que quer apenas o bem faz com que as pessoas fiquem admiradas e lamentem o fato. (págs. 95-96)

PROF. MONIR: O que ele tá fazendo é a acusação que eu fiz agora há pouco: como é que Deus permite que isso dê certo? Então o que a Filosofia fará em seguida é justificar do modo como eu já fiz, demonstrando que na verdade essas pessoas querem o bem. Os sujeitos que são maus, eles querem o bem, mas eles não sabem... porque para fazer que alguma coisa funcione, é preciso você ter vontade e capacidade. Por exemplo, se você quer esquiar na neve, é preciso que você queira fazer isso e ao mesmo tempo saiba fazer isso. E o problema dos maus é que eles querem uma espécie de bem, a vontade está voltada para o bem, mas, no entanto, eles não sabem como fazê-lo. Aí então, como não sabem como fazê-lo, eles acham que fazer uma coisa em busca do poder, por exemplo, à custa de qualquer coisa é bom. Portanto, a inexistência da sabedoria é que é o sentido da ignorância. Ou seja, é a treva no lugar da luz que produz essa ação equivocada dessas pessoas. É isso que ela provará em seguida.

Para apaziguar o espírito de Boécio, a Filosofia demonstra que para que qualquer ação humana surta efeito são necessárias duas condições: a capacidade e a vontade. Relembra-o também já terem os dois concluído que os homens tendem à felicidade: *“Portanto todos, bons e maus procuram com a mesma diligência o bem”*. Os bons o atingem porque o desejam e são capazes de o obter, enquanto os maus, embora o desejando, são incapazes, porque são ignorantes.

Vê com efeito com que clareza se revela a natureza dos homens corrompidos, que não podem sequer dirigir-se para onde sua tendência natural os leva – e eu diria até os impele. (pág. 100)

Aprofundando o raciocínio, ela pergunta se é com pleno conhecimento que eles se desviam esse abandonam ao lucro do mal, e conclui:

Mas, nesse caso, não apenas cessam de ser fortes, como simplesmente deixam de ser. Pois aqueles que renunciam àquilo a que tendem todas as coisas cessam ao mesmo tempo de ser. Certamente parecerá estranho dizer eu que os maus, que são a maioria, não existem; no entanto é exatamente o que ocorre. De fato, não afirmo apenas que são maus, mas, sem hesitar, que eles simplesmente não são. Com efeito, tu poderias dizer-me que um cadáver é um homem morto, mas não que é simplesmente um homem; do mesmo modo eu poderia admitir que os malfeitores são homens maus, mas não que eles participam do ser e da essência, no sentido absoluto do termo. Pois para ser é preciso conservar a boa ordenação da alma e preservar a própria natureza; ora, aquele que se afasta de sua natureza renuncia também a ser aquilo de que sua natureza depende. (pág. 101)

Lembra-te agora do corolário que te mostrei agora há pouco, que é sumamente importante e que foi concluído da seguinte maneira: uma vez que o bem em si é a felicidade, fica claro que todas as pessoas de bem tornam-se felizes precisamente porque são boas. No entanto, é evidente que os que são felizes são deuses. Eis, portanto, a recompensa dos bons, que nenhum jugo pode alterar e que maldade alguma pode tocar: em verdade, eles se tornam deuses como partícipes da divindade. (pág. 104)

(...)

Acabaste de aprender que tudo o que é é uno, e essa unidade é o bem, donde resulta que tudo o que é parece também ser o bem. Dessa forma, tudo o que se afasta do bem deixa de existir; os maus deixam de ser, mas o fato de conservarem a aparência física de um ser humano mostra que eles já foram verdadeiros homens. E é assim que, afundando na maldade, eles perdem ao mesmo tempo sua natureza humana. Mas, como somente a bondade pode elevar um homem acima da natureza humana, é necessário concluirmos que a maldade rebaixa os que a ela se aplicam para alguém do nível humano. (pág. 105)

PROF. MONIR: Para que vocês possam entender o que o Boécio vai dizer agora, o que a Filosofia diz para ele é que toda a vez que você é ignorante, o que você faz na verdade é parecer com um animal. Porque o sujeito muito voltado para os seus prazeres fica parecendo com um porco, o sujeito que pensa o tempo todo em intrigas políticas fica parecendo com uma raposa, o sujeito que pensa o tempo todo em rapinar os outros parece com um leão ou uma hiena, e assim por diante. O que acontece quando você desconhece o bem é você perder a sua própria condição humana.

Que é de alguma maneira o que aconteceu com Gregor Samsa (a personagem central no livro *A Metamorfose*, de Franz Kafka), que parece daquele jeito animalesco porque o homem caído é que tem aquele jeito animalesco. Por isso é que no fundo ninguém liga muito para o Gregor Samsa, porque no fundo todo o mundo tem claro na mente que é assim que se parece um homem caído. Porque uma das coisas intrigantes do romance é que ninguém fica muito surpreso com aquela transformação. Tá todo mundo mais preocupado com ele não ter ido trabalhar do que com o fato de que ele virou um... É como se você se virasse para o seu irmão, que virou um gambá e dissesse assim: “Pô, você já foi jogar na loteria, que eu te pedi pra você jogar para mim ontem?” É muito mais surpreendente o seu irmão ter virado um gambá do que ele ter se esquecido de jogar na loteria pra você! Então essa é a situação do livro, no fundo o homem decaído passa a ter aquela aparência animalesca, que é o que a Filosofia acabou de explicar para o Boécio.

IV.7

Boécio concorda com que as pessoas más tenham perdido sua condição humana e tenham se transformado em bestas, mas prefeririam que elas não pudessem exercer sua *“infâmia e crueldade”* livremente. A Filosofia reage: *“Mas isso não é permitido”*, pois os maus tornam-se necessariamente mais infelizes quando têm sucesso em realizar aquilo que desejam do que quando são incapazes de satisfazer seus desejos.

PROF. MONIR: Aqui tem uma coisa importantíssima: ele está criando a premissa na qual se baseia a ideia da caridade cristã. Ele está criando aqui a explicação filosófica para a caridade cristã. Porque a caridade cristã é um processo pelo qual o exercedor da caridade recebe como prêmio e como

compensação o mesmo bem que ele faz para o outro. Por analogia inversa, você tem que admitir que o perpetrador de um mal recebe como castigo a mesma quantidade de mal que ele causou ao outro. Porque é impossível você fazer um bem para o outro que não seja para você, e é por isso que a caridade não é pro outro, é pra você mesmo. O que você faz por um outro a quem você ajuda é uma espécie de efeito colateral, mas no fundo você é que é o assunto da caridade. A mesma razão preside o fato de que você piora quando é mal com os outros. É o que ele está dizendo aqui. O mal não é livre, o mal não é capaz de ficar impune. Ele é punido automaticamente pela sua própria existência. A melhor coisa possível que você pode fazer pra alguém que faz o mal é castigá-lo, porque castigar alguém que faz o mal implica dar a ele um pedaço do bem. Então o mal castigado é melhor do que o mal impune, para quem é o agente do mal.

A Filosofia insiste em que não há verdadeiramente liberdade porque *“suas esperanças imensas e suas jogadas ambiciosas levam freqüentemente a um fim brutal e inesperado, o que evidentemente limita sua maldade”*.

Se, com efeito, sua vileza os torna infelizes, o homem médio é necessariamente cada vez mais infeliz enquanto sua vida vai se prolongando, e eu consideraria esses pobres indivíduos os mais infelizes dos homens se a morte não pusesse um fim à sua maldade. E, de fato, se nossas conclusões sobre o desafortunado e a maldade são verdadeiras, fica claro que a infelicidade é infinita quando a maldade é eterna. (págs. 108-109)

PROF. MONIR: Chegamos aqui então... o que vem em seguida eu acabei de explicar. No entanto o Boécio não está conformado com isso.

Boécio é obrigado a concordar por força das premissas.

‘Tens razão’, disse ela, ‘e, se encontrarmos dificuldade em aderir a uma conclusão, é preciso demonstrar que alguma das proposições anteriores é falsa ou então provar que o encadeamento dos raciocínios não conduz necessariamente a essa conclusão; caso contrário tendo sido aceitas as proposições anteriores, não se pode negar a conclusão. O que vou acrescentar, portanto, pode parecer mais surpreendente ainda. Mas é uma conclusão que é o resultado necessário daquilo que foi admitido como verdadeiro.’ (pág. 109)

Por força deste mesmo princípio, uma nova conclusão terá de ser aceita.

Portanto, os desonestos se beneficiam quando são punidos, pois uma parte do bem lhes é acrescentada – trata-se precisamente de sua punição, que é boa porque é justa –, e essas mesmas pessoas, quando escapam do castigo, adquirem um mal suplementar – trata-se da impunidade que reconheceste ser um mal devido à sua iniquidade.’ ‘Não posso discordar’, disse eu. ‘Portanto, os desonestos são muito mais infelizes se gozam de uma injusta impunidade do que quando recebem a punição merecida.’ (pág. 110)

Boécio concorda mas reage: “Quando examino teus argumentos, fico persuadido de que não se pode dizer nada de mais verdadeiro. Mas, se considerarmos o juízo dos homens, quem não acharia tuas idéias, já não digo críveis, mas nem sequer audíveis?”

É verdade o que dizes, pois as pessoas em geral são incapazes de elevar seus olhos acostumados às trevas em direção à luz da verdade, onde a evidência se impõe, e acabam por ser semelhantes aos pássaros, cujas faculdades visuais se intensificam à

noite e desaparecem com a luz do dia. Dessa forma, têm o olhar fixado não sobre a ordem do universo, mas sobre seus próprios sentimentos, e crêem ser felizes por poder cometer todo o tipo de má ação livre e impunemente. Mas vê o que prescreve a lei eterna. Toma por modelo aquilo que há de melhor, e não terás mais necessidade de um juiz que te traga uma recompensa: estarás tu mesmo participando do melhor. Por outro lado, consagra-te ao que há de pior sem encontrar ninguém que te possa punir: serás tu que te precipitarás sozinho no abismo. (pág. 111)

A Filosofia demonstra que a partir do “*princípio que diz que uma conduta vergonhosa, por sua própria natureza, torna a pessoa que a pratica infeliz, parece-nos que a infelicidade recai não sobre a vítima, mas sobre o autor da má ação*”.

Ora, em nossos dias os advogados agem de maneira inversa. Com efeito, é um favor daqueles que sofreram um dano grave e severo que tentam convencer o juiz, enquanto essa piedade deveria manifestar-se principalmente com relação aos culpados; estes deveriam ser chamados à justiça não por acusadores encolerizados, mas benevolentes e cheios de consideração, assim como os doentes que são levados ao médico, de forma que o castigo os curasse completamente do mal ligado aos seus crimes. Nessas condições, a presteza da defesa seria menos grave ou, então, se ela preferisse tornar-se útil, endossaria o procedimento da acusação. E os malfeitores mesmos seriam os primeiros a não considerar seu castigo como sofrimento, ou a juntar-se à solicitude dos defensores e a se entregarem sem hesitação aos seus acusadores e ao juiz se lhes fosse permitido entrever por uma fresta a virtude que abandonaram e vissem a possibilidade de se livrar do fardo de seus vícios. É dessa forma que os sábios não experimentam a menor parcela de ódio. Pois quem poderia odiar os bons, senão os maus e viciados? Quanto a odiar os malfeitores, isso seria um contra-senso. (págs. 112-113)

Ainda inconformado, Boécio insiste:

Mas agora que vejo ocorrer o contrário, e os castigos reservados aos criminosos se abaterem sobre as pessoas de bem, enquanto os malfeitores se apoderam das recompensas devidas ao mérito, minha surpresa é grande, e gostaria que me explicasse qual é a razão de um tal caos. Pois eu estaria menos surpreso se atribuísse essas desordens aos efeitos do acaso. Mas o que me leva ao extremo do espanto é o fato de que um Deus bom governa o universo! (pág. 114)

PROF. MONIR: Olha que maravilha de sintetização do problema. Quer dizer, se acontece isso, é porque isso é ao acaso ou porque Deus quis? É quase o maior problema da vida, né? Você perdeu o avião, o avião caiu, você não morreu. Isso foi porque você dormiu demais e é preguiçoso, ou é porque alguém fez com que isso acontecesse pra que você não morresse? Você sabe? De quanto da sua vida você é o próprio autor? Quanto da sua vida foi programado pra ser assim? Quanto você escolheu verdadeiramente a pessoa com quem você casou ou namora, ou de quem você gosta? Quanto é verdadeiramente escolha sua e quanto é um encontro cósmico, como se houvesse uma programação pra tudo dar certo? Pense numa pessoa que em vez de pegar um emprego, pega outro, e é nesse outro emprego que ela arruma um marido, uma mulher. E que a atração entre os dois foi absolutamente aleatória. Quanto por cento disso é programado e quanto por cento é coincidência da vida? Pois é isso que a Filosofia irá discutir agora com o Boécio. Primeiro, se existe acaso, e aí na medida em que se discute isso, essa história aqui vai caminhar para um final absolutamente magnífico e que vai

nos ajudar a entender sob esse fenômeno sobre a vida com muita clareza. No fundo, no fundo, vai acabar essa história na discussão sobre se existe ou não uma coisa chamada livre-arbítrio. Ou se nós somos apenas prisioneiros de regras que nos impõem os resultados que nós queremos.

A Filosofia retruca dizendo que *“não surpreende que se consideramos acidente e caótica uma situação quando ignoramos as leis que a regem”*.

IV.11

A Filosofia admite que a questão é complexa: *“E, de fato, a questão é de tal ordem que, se tocamos um só dos problemas que comporta, vão surgindo outros ao infinito, como as cabeças de Hidra, e não se poderá deter seu ritmo senão graças a um recurso especial da inteligência”*.

Com efeito, ao abordar essa questão, habitualmente caímos em outras mais complicadas, que são as da indivisibilidade da Providência, do curso do Destino, dos acontecimentos imprevisíveis, do conhecimento e da predestinação divinas e do livre-arbítrio, questões essas cuja dificuldade bem podes avaliar. (pág. 116)

PROF. MONIR: E agora vamos ver, o que é muito importante, a Filosofia vai explicar a diferença entre Providência e Destino.

A Filosofia inicia explicando a diferença entre a Providência e o Destino.

Tudo o que vem ao mundo, todos os seres sujeitos à mudança e à evolução, tudo o que se move de uma certa maneira, encontram sua causa, sua ordem e sua forma

na estabilidade da inteligência divina. Esta, firme na cidadela de sua indivisibilidade, fixa uma regra multiforme ao governo do universo. Quando se considera essa regra do ponto de vista da pureza da inteligência divina, chamamo-la Providência; mas quando se a considera com reação àquilo que ela põe em movimento e ordena, é o que os antigos chamavam Destino. Ver-se-á facilmente que se trata de duas coisas diversas, se examinarmos a natureza de cada uma delas. Com efeito, a Providência é precisamente a razão divina que reside no princípio supremo de toda as coisas e que ordena o universo; quanto ao Destino, trata-se da disposição inerente a tudo o que pode mover-se, e pela qual a Providência reúne todas as coisas, cada uma no seu devido lugar. (pág. 117)

PROF. MONIR: A Providência Divina é o plano, o Destino são os instrumentos pelos quais o plano é executado. Então é aquela velha história de que Deus é ótimo, o problema é a caligrafia. Vocês não têm essa sensação, de vez em quando? Deus é muito bom, o problema é que ele escreve por linhas tortas.

O Destino opera de certa maneira porque ele é o varejo do processo, e o varejo do processo é subordinado a algumas regras que são dele próprio. Então, o que acontece na prática é que o Destino age de um modo incompreensível, sem que nós possamos desvendar a sua verdadeira intenção. Às vezes ficamos impactados e surpreendidos com as coisas que ele organiza – por que tal pessoa morreu, por que tal pessoa foi embora, por que aconteceu isso ou aquilo, por que você vai mudar de cidade... o Destino organiza as coisas de um modo que você não entende, porque você não é capaz de compreender a regra do sistema, porque isso não é acessível ao conhecimento humano. No entanto, todos os atos do Destino são organizados de alguma maneira sob o ponto de vista da Providência, que é o plano maior.

Quando a Filosofia explica isso assim, como eu acabei de explicar (eu estou apenas reproduzindo o texto), nasce um problema enorme, que é saber então, se isso é assim, se existe ou não livre-arbítrio, não é? Nasce um problema filosófico enorme, porque se tudo é uma máquina infernal organizada pela Providência, então todas as pessoas seriam mais ou menos joguetes, como se fossem elementos dessa máquina, e tudo estaria mais ou menos organizado. Mas é claro que não é bem assim porque você pode sempre dizer que isso funciona como um jogo eletrônico em que você tem uma regra do jogo mas eventualmente a jogada que você faz – que seria o livre-arbítrio – embora seja inesperada, está prevista no sistema. Isso é verdade.

Mas isso nos joga então para um outro problema, que é o seguinte: para que o livre-arbítrio possa existir, Deus não poderia ter conhecimento prévio do que eu vou fazer. Porque se Deus tem conhecimento prévio do que eu vou fazer, se Deus tudo sabe, então não há livre-arbítrio, porque Deus sabe exatamente o que eu vou fazer e portanto tudo já está desvendado desde o início. Essa é a conclusão a que se chega, se você parte da premissa de que esse mundo é uma espécie de grande jogo complexo organizado pela mente de Deus, a partir de um conjunto de predestinações que nós cumprimos como se fôssemos autônomos. E o que vocês pensam pessoalmente? Há livre-arbítrio no mundo, ou não há?

ALUNOS: *[Fazem comentários.]*

PROF. MONIR: Quantas pessoas acham que não há livre-arbítrio verdadeiramente? Uma, duas, três... Então eu estou supondo que os outros todos acham que há livre-arbítrio. Ou seja, o que é o livre-arbítrio? É a possibilida-

de de tomar uma decisão com a sua própria responsabilidade. Mas qual é o problema de você tomar uma decisão com a sua própria responsabilidade? Isso que eu estou contando pra vocês é o que está escrito até o final do nosso texto. Qual é o problema de fazer isso? O problema é que se você defende a ideia de que você pode tomar uma decisão que só você sabe qual é, como é que fica a possibilidade de Deus tudo saber? Porque se Deus tudo sabe, Ele também tem que saber o que você vai fazer. E isso obviamente destrói a possibilidade do livre-arbítrio. Não é?

O Boécio dá uma solução maravilhosa. Eu queria até parar de ler o texto, porque no fundo o que eu estou dizendo é o resumo real disso tudo. Eu acho tão importante a gente entender esse pedaço, porque esse pedaço terá um imenso impacto na nossa vida e no resto da filosofia. A explicação que Boécio dá pra esse assunto é a seguinte – genial!

Qual é a origem desse impasse do livre-arbítrio? É o fato de que nós conhecemos as coisas com alguma dificuldade, porque as coisas não podem ser conhecidas na sua totalidade – nem mesmo o livro aqui mostra a capa e a contracapa ao mesmo tempo. Então imaginem as dificuldades que há de se conhecer o universo, o cosmos, e tudo que há. Não é muito mais difícil? Então o problema é que o nosso processo de conhecimento é um processo necessariamente imperfeito. E entre as confusões que nós fazemos, nós não conseguimos compreender a diferença que há entre o mundo em que nós vivemos e o mundo em que Deus vive. Porque a ideia de anterioridade... no fundo a ideia que nós estamos debatendo aqui é a de que uma coisa futura pode ser sabida antes. Não é isso que implica a ideia de que Deus tudo sabe? É que o futuro não é enigmático pra Deus. Pra nós é enigmático, mas

pra Deus não. Porque Deus pode ver o futuro. Se Deus pode ver o futuro, então não há de fato livre-arbítrio nenhum porque está tudo pré-definido. Mas nós só chegamos a essa dúvida porque a gente pensa que o mundo em que Deus vive é um que tem passado, presente e futuro como aqui. Quando na verdade passado, presente e futuro é uma função temporal que só existe no mundo manifestado real e concreto em que nós vivemos. Para Deus, todas as coisas acontecem simultaneamente.

Deus não vive no mundo temporal, compreenderam? A ideia de tempo é uma ideia do mundo material – o mundo concreto em que nós vivemos. No mundo em que Deus vive não há tempo nenhum. Deus vive fora do tempo. Ele não vive num mundo que não está subordinado como o nosso a tempo, espaço e número. O que é que subordina o nosso mundo? Tempo, espaço e número, essas três coisas criam o mundo tal como nós o conhecemos. Pois a ideia de anterioridade, de que alguma coisa vem antes da outra, só tem algum cabimento no mundo em que as coisas tenham uma sequência temporal, em que elas existam no tempo. Mas o mundo em que Deus está não tem tempo nenhum, porque não é o mundo concreto, real e físico ou, em termos hindus, manifestado, como nós temos aqui.

O resultado disso é que Deus vê todas as coisas com simultaneidade tremenda e profunda. Significa que o que caracteriza a existência de Deus é a eternidade. A eternidade é a possibilidade de viver fora do tempo. Vocês compreendem isso? Vejam, mesmo que nós acreditemos na promessa de Deus de que nós teremos uma vida eterna, nós não teremos a eternidade que Deus tem, porque nós fomos criados um dia. Pode ser que para frente não pare, mas para trás nós não temos história. O que caracteriza a exis-

tência de Deus é a eternidade, no sentido de que Deus vive fora do tempo, todo o resto vive dentro do tempo. E nada é como Deus. Santo Agostinho, que é o precursor dessa ideia, dizia que isso que nós chamamos de condição humana é o fato de que nós não temos capacidade de apreensão total das coisas ao mesmo tempo. Então como a gente apreende tudo aos pedaços, a diferença de sequência entre a apreensão dos pedaços é o que nós chamamos de tempo. A teoria de tempo de Santo Agostinho é de que tempo é aquilo que nós temos que ter para resolver o fato de que nós não temos eternidade nenhuma. Compreendem que pra Deus tudo está acontecendo ao mesmo tempo, não há uma diferença temporal, e é por essa razão que Ele sabe tudo o que acontece, e sabe o futuro, o presente o passado, e sabe o que nós livremente escolhemos?

Deus sabe o que nós livremente escolhemos, porque Ele está vendo a nossa escolha realizada, concreta, como se fosse presente o tempo todo.

ALUNOS: *[Fazem perguntas e comentários sobre profecias.]*

PROF. MONIR: É que na verdade, muito mais importante do que a gente debater se é possível algum processo de profecia... porque os profetas sempre puderam dizer como era o futuro, mas os profetas diziam isso porque eles falavam com Deus diretamente. Então o que caracteriza um profeta é alguém que fala diretamente com Deus e tem aquela informação que Deus deu. Mas o que é importante entender aqui é que há uma diferença ontológica tremenda entre a existência humana, que é uma existência, digamos, limitada pela ideia do tempo e do fluxo, que faz com que aqui no âmbito humano não possa haver de fato Providência, o que há aqui no âmbito humano é a providência.

Vocês compreenderam o sentido de previdência? É isso que faz o analista econômico. Previdência é prever, não é? Então você faz uma avaliação do futuro e diz: “Vai acontecer o seguinte: daqui há dez anos não vai ter mais transporte de carne, a não ser em container refrigerado” (uma previsão do âmbito da logística), e o outro: “Eu tenho aqui uma previsão de que a cidade vai crescer pra tal lado e não pra tal lado.” Essas coisas todas aí são avaliações de previdência: você tenta descobrir no fluxo do tempo o que é que vai acontecer. O grau de sucesso disso provavelmente é muito baixo, mas de vez em quando alguém acerta, porque foi capaz de lidar com as variáveis certas. O que a Providência faz é controlar todo o processo, e ela tem esse poder porque ela tem o mapa simultâneo de todas as coisas, porque é como se ela estivesse – isso, aliás, é uma proposição da física moderna, de que você teria acesso a todas as movimentações do mundo, se você pudesse ser um observador que estivesse em todos os lugares ao mesmo tempo. Ora, quem é que poderia estar em todos os lugares ao mesmo tempo? Apenas quem tivesse velocidade infinita.

Então até sob o ponto da física você pode justificar isso. Ou seja, somente um sujeito que tivesse velocidade infinita – o que só é possível pra Deus –, teria uma visualização de todas as coisas ao mesmo tempo, teria portanto essa eternidade, que faz com que você anule o tempo. Se você pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, então não há mais tempo! Compreenderam que o tempo desaparece? Pois esse é o mundo de Deus. Se para Deus não há tempo nenhum, então tudo que acontece no nosso mundinho aqui, que é o mundo de sequências temporais, é tudo visto ao mesmo tempo como se fosse tudo presente. Vocês estão entendendo?

Embora se trate de duas coisas diferentes, elas dependem uma da outra: o desenvolvimento do Destino procede da indivisibilidade da Providência.

Com efeito, do mesmo modo que um artista começa representar mentalmente a forma de sua criação antes de passar para a realização, e além disso cumpre por etapas sucessivas aquilo que estava representado em suas linhas gerais, assim também Deus fixa pela Providência o que deve ser feito, uma só vez e definitivamente, enquanto o Destino organiza na multiplicidade e na temporalidade exatamente aquilo que foi fixado. Por conseguinte, que o Destino seja movido por espíritos divinos ao serviço da "Providência, ou que a trama do Destino seja urdida pela alma, pela natureza, que lhe é totalmente servil, pelo movimento dos astros no céu, pelo poder dos anjos ou pela habilidade multiforme dos demônios – que um só ou mesmo todos esses fatores venham a intervir –, o que é absolutamente evidente é que a forma imutável e simples do que se deve realizar é a Providência, enquanto o Destino é o entrelaçamento cambiante e o decorrer temporal daquilo que a simplicidade divina fixou para ser realizado. (págs. 117-118)

A ação do Destino, no entanto, embora subordinada à da Providência, é tanto mais "livre" quanto mais alguma coisa se distancia da inteligência suprema e mais "limitada" na medida em que alguma coisa se aproxima do pivô do universo:

Dessa forma, aquilo que o raciocínio é com relação à inteligência, e o ser criado ao ser absoluto, o tempo à eternidade, a circunferência ao centro, eis aí precisamente o que é a ordem variável do Destino comparada à unidade imutável da Providência. (pág. 119)

(...)

Assim sendo, o universo é regido da melhor maneira dado que a indivisibilidade que é a sede da inteligência divina, produz um encadeamento inevitável de causas, e, por outro lado, esse encadeamento domina por sua imutabilidade os seres sujeitos à transformação, que, sem ele, estariam abandonados ao acaso. E é dessa forma que, mesmo se tua incapacidade de apreender o encadeamento das coisas leva-te a ver somente confusão e desordem em todas as coisas, tudo é regido por uma lei que orienta todas as coisas para o bem. (pág. 119)

Se “alguma coisa” adere firmemente à inteligência suprema, desprovida de todo movimento, torna-se também imóvel e escapa à dominação do Destino.

Como não conseguimos compreender a complexidade e a justiça das ações do Destino, ficamos perplexos com as aparências.

Por conseguinte, tudo o que vês acontecer aqui de contrário a tuas expectativas é na verdade a expressão da ordem que mais convém ao universo, mesmo se, a teus olhos, pareça ser uma desordem onde reina a confusão. (pág. 121)

(...)

A alguns, a Providência, segundo o seu temperamento, envia uma mistura de bens e males: ela atíça uns para evitar que uma felicidade muito prolongada os corrompa; permite a outros que sejam duramente golpeados, a fim de que suas virtudes se reforcem pela prática e pelo hábito da paciência. Uns temem mais do que deveriam os males que podem suportar; outros desprezam temerariamente penas que excedem suas forças; é para fazer com que uns e outros se conheçam melhor que Deus lhes envia essas provas. Uns adquirem ao preço de uma morte gloriosa o respeito dos homens por seu nome; outros, não se dobrando à tortura, dão exemplo a todos mostrando que os males não podem prevalecer sobre o mérito. Ora, que essas provas

aconteçam como convém, de maneira ordenada e no interesse daqueles sobre os quais elas se abatem, não se pode duvidar. (págs. 121-122)

A compreensão total deste estado de coisas excede a capacidade humana.

Pois há uma ordem geral que abarca todas as coisas; o que escapa de um lado aparece sempre de outro, a fim de que, no reino da Providência, nada seja deixado ao acaso, 'pois só um Deus poderia explicar esses mistérios? "Mas acho difícil falar dessas coisas como se eu fosse um deus."⁸ Não há homem algum que possa compreender apenas com seus recursos nem explicar com palavras todo o mecanismo da obra divina. Que baste, portanto, ter compreendido apenas isto: é o mesmo Deus, criador de todos os seres, que dispõe todas as coisas orientando-as para o bem e que, do mesmo modo, assimila e mantém próximos a si todos os seres por ele criados, servindo-se do Destino para eliminar o mal de onde se exerce a atividade divina. E é dessa forma que, se observas a repartição que efetua a Providência daquilo que se acredita ocorrer ao acaso sobre a Terra, poderás ver que não há aí nenhum mal. (págs. 123-124)

IV.13

Vês agora qual é a consequência de tudo o que havíamos dito? 'Que consequência?', perguntei. E ela respondeu: 'Que não há Fortuna que não seja boa.' 'E como pode ser isso?', perguntei. 'Escuta-me', disse ela. 'Uma vez que a Fortuna, quer se mostre favorável, quer temível, tem por objetivo ora recompensar ou por à prova os bons, ora corrigir os malfeitores, ela é invariavelmente boa uma vez que é ou justa ou útil. (pág. 126)

8 Homero, *Ilíada*.

Mal havia ela acabado de falar, começou a examinar outro assunto. Então eu lhe disse: 'Teus conselhos são sem dúvida certos e dignos de tua autoridade, mas o que acabas de dizer a respeito da Providência, isto é, que essa questão não pode ser tratada independentemente de muitas outras questões, pude eu próprio experimentar. Peço-te portanto que agora me digas se achas que o acaso existe realmente e, caso exista, em que ele consiste.' (pág. 131)

A Filosofia começa a tratar o problema, dizendo que se por "acaso" se entende um acontecimento produzido acidentalmente e não por uma sequência de qualquer tipo de causa, esta palavra é *"absolutamente desprovida de sentido, salvo a significação da realidade a que ela se refere"* porque *"nada pode ser feito a partir de nada"*.

A Filosofia recorre a Aristóteles, que na Física estabelece que acaso é o que acontece quando uma ação é realizada com determinado fim, mas algo além do que estava sendo procurado acontece por uma razão ou outra, como um agricultor que fura o solo e descobre um tesouro.

Podemos portanto definir o acaso como um acontecimento inesperado, resultado de uma somatória de circunstâncias, que aparece no meio de ações realizadas com uma finalidade precisa; ora, o que provoca um tal conjunto de circunstâncias é justamente a ordem que procede de um encadeamento inevitável e tem como fonte a Providência, que dispõe todas as coisas em seus lugares e tempo. (pág. 133)

Boécio quer saber sobre o poder relativo do livre-arbítrio em relação ao Destino e a Filosofia lhe diz que aquele é tão maior quanto mais próximo da contemplação divina e menor quanto mais próximo da matéria.

Boécio, no entanto, está confuso em relação a este ponto e diz que, na sua opinião, *“o fato de Deus conhecer todas as coisas previamente e ao mesmo tempo existir o livre-arbítrio são duas afirmações completamente contraditórias e incompatíveis”*.

Quanto às almas humanas, são necessariamente mais livres quando se mantêm na contemplação da inteligência divina, e menos livres quando descem para juntar-se às coisas corporais, e menos livres ainda quando se ligam à carne. E elas alcançam o fundo da servidão quando, levadas pelos vícios, deixam de ter posse de sua própria razão. (pág. 134)

(...)

E no entanto a compreensão da Providência, que prevê todas as coisas desde a eternidade, vê tais coisas e dispõe tudo o que está predestinado a cada uma, segundo seu mérito. (pág. 135)

(...)

Pois, se Deus prevê tudo e não se pode enganar de forma alguma, tudo se produz conforme a Providência previu. Deste modo, se ela conhece tudo previamente desde toda a eternidade, e não apenas as ações dos homens mas também suas intenções e suas vontades, não seria possível haver qualquer livre-arbítrio. Com efeito, não se produzirá nenhuma ação ou vontade, seja qual for, que não tenha sido prevista an-

teriormente pela Providência divina, que é incapaz de se enganar. De fato, se esses acontecimentos podem tomar outro rumo que aquele que ela previu, não falaríamos mais numa firme presciência do futuro, mas na realidade de uma opinião incerta, o que seria, no meu ponto de vista, um sacrilégio. (pág. 136)

Boécio contrasta as tentativas de resolver este problema que partem da premissa de que “é porque algo deve acontecer que a Providência divina é instruída de tal fato”.

...em que a divina Providência poderia manter sua superioridade sobre a opinião humana se, a exemplo dos homens, ela julga incerto aquilo cuja realização é incerta? Mas, se do ponto de vista de Deus, a mais segura fonte de todas as coisas, não pode haver nada de incerto, os acontecimentos que ele previu devem acontecer com toda a certeza. E também não pode haver nenhuma liberdade nas decisões e nos atos dos seres humanos, que a inteligência divina, prevendo todas as coisas sem risco de erro, liga e encadeia a um desenrolar único. Se admitirmos tal raciocínio, veremos claramente a nulidade dos valores que daí resulta. Com efeito, seria vão proporcionar aos bons e aos malfeitores recompensas ou punições, pois seus feitos não se devem a nenhum movimento livre e voluntário da alma. E ainda pareceria ser o cúmulo da injustiça o que se considera uma justiça perfeita – falo da punição dos malfeitores e da recompensa dos bons –, já que eles não são levados a praticar o bem ou o mal por sua própria vontade, mas pelo fato de serem obrigados a uma necessidade certa de que assim será. (págs. 138-139)

A Filosofia faz notar que se o problema ainda continua obscuro é porque o “*encadeamento do raciocínio humano não se pode aplicar à simplicidade da presciência divina*”.

Com efeito, eu me pergunto por que não concedes nenhuma pertinência ao raciocínio daqueles que procuram explicar o problema e cuja opinião é que, dado que a presciência não é causa dos acontecimentos futuros, ela não impede de modo algum a existência do livre-arbítrio. Podes encontrar uma prova da necessidade das coisas futuras a não ser no fato de que as coisas conhecidas de antemão não podem deixar de se produzir? Conseqüentemente, se o fato de se conhecerem tais coisas antes não confere nenhuma necessidade às coisas futuras, caso que reconheceste há pouco, qual seria a razão pela qual a realização das coisas que dependem da vontade fosse dirigida forçosamente a um termo fixado anteriormente? (pág. 141)

A Filosofia pede a Boécio que considere que a presciência “*não importa nenhuma necessidade às coisas*”, mantendo-a inteira e absoluta liberdade da vontade.

E a causa desse erro é que todos pensam que conhecem algo a partir das propriedades e da natureza do que é conhecido, enquanto o que ocorre é justamente o contrário. De fato, tudo o que é conhecido não é compreendido segundo suas características, mas sim segundo a capacidade daqueles que procuram conhecer. (pág. 144)

(...)

O principal fato a ser considerado é que as faculdades superiores podem compreender as subalternas, enquanto estas não podem jamais elevar-se ao nível das que lhes são superiores. Com efeito, os sentidos não podem perceber nada além da matéria;

a imaginação não é capaz de apreender a idéia geral da espécie; e a razão não pode conceber a forma absoluta. A inteligência, no entanto, como que pairando acima de todas as coisas, não apenas vê a forma absoluta como distingue também a matéria contida na forma, e da mesma maneira distingue o absoluto, coisa que as outras faculdades são incapazes de fazer. (págs. 144-145)

V.9

Eis, com efeito, como tu raciocinas:

PROF. MONIR: Agora a Filosofia vai fazer uma análise do modo como o Boécio explica e vai dar o golpe final na dúvida dele.

Se a realização de certos eventos não parece certa e necessária, eles não podem ser conhecidos a priori com a certeza de que se realizarão. Por conseguinte, não há nenhuma presciência de tais acontecimentos e, se cremos que há presciência de tais acontecimentos, é preciso consentir que tudo acontecerá fatalmente. Se portanto nós temos a razão, que é partícipe da inteligência divina, devemos pensar que, do mesmo modo que a imaginação deve ceder à razão, é natural que a razão reconheça a superioridade da inteligência divina. Dessa forma, elevemo-nos, tanto quanto possível, ao nível dessa suprema inteligência; então, com efeito, a razão verá o que ela não pode ver em si mesma, o que concebe a presciência divina, com toda a precisão e certeza, mesmo que esses acontecimentos não se realizem, e apreenderá, não por uma simples conjectura, mas por uma intuição suprema, absoluta e sem limites. (págs. 148-149)

Todas as pessoas que vivem de acordo com a razão partilham da certeza de que Deus é eterno. Procuremos portanto ver o que é a eternidade, pois é ela que nos esclarece sobre a natureza divina bem como sobre sua sabedoria. Pois bem, a eternidade é a posse inteira e perfeita de uma vida ilimitada, tal como podemos concebê-la conforme ao que é temporal. (pág. 150)

PROF. MONIR: Essa frase é uma das frases mais importantes já ditas na filosofia: *“A eternidade é a posse inteira e perfeita de uma vida ilimitada, tal como podemos concebê-la conforme ao que é temporal”*.

Ou seja, a eternidade que só Deus tem é o todo. É a unidade absoluta e total, portanto é uma posse incondicionada, que não depende de nada, não depende de ninguém. Qual é a importância desta afirmação do Boécio? É como se fosse a primeira vez que alguém demonstrou filosoficamente a natureza de Deus. Porque Deus pode ser compreendido intuitivamente, e essa compreensão é absolutamente importante, Deus pode ser aceito dogmaticamente, que é quando alguém diz pra você que ele existe. Mas o problema que Boécio resolve aqui, e que servirá como exemplo pra todo o sempre, é que no fundo, no fundo Deus não é alguma coisa em que se tenha que ter fé. Porque fé é acreditar em alguma coisa. Por exemplo, numa promessa. Então você pode ter fé em que Deus escreveu na Bíblia, que se você se comportar direito, você vai salvar a sua alma. Isso é alguma coisa em que você deve acreditar ou não. Fé é isso. Fé é quando você diz assim: eu estou muito mal, mas Deus vai me ajudar. Isso é fé, porque você espera que ele faça isso porque houve em algum momento a promessa de que ele faria:

“Batei e serás atendido.” Se Deus diz para você que “batei e serás atendido” é verdade, então quando você está numa situação muito ruim, qualquer que seja a situação, você espera que essa promessa seja cumprida.

A existência própria de Deus, a razão pela qual Deus de fato existe, não é alvo de fé. Não é alguma coisa em que eu acredito como eu acredito numa promessa. A existência de Deus é absolutamente comprovada por meios racionais e lógicos. É essa a missão que Boécio empreende em *A Consolação da Filosofia*. E isso pode parecer banal, mas é mais ou menos um marco da história. Porque a história do pensamento humano não pressupunha que isso fosse possível. Quer dizer, havia a compreensão doutrinal da existência de Deus, mas o que Boécio inaugura é um modo de debater Deus racionalmente, sob o ponto de vista da metodologia da filosofia clássica grega. E o nome disso é a catedral gigantesca chamada escolástica.

Com a escolástica se tornou possível garantir a compreensão de determinadas existências que estão acima da nossa compreensão sensorial, por meio da prova lógica. Não estou dizendo que isso seja necessariamente bom. Isso pode gerar facilmente uma espécie de mediocridade, porque você não precisa ser escolástico pra você salvar sua alma. Sob o ponto de vista da sua questão pessoal, você salvará a sua alma se você tiver uma intuição natural, um amor por Deus natural, você não precisa ser escolástico.

Mas isso abriu uma enorme possibilidade de conversa entre os sábios e aí construiu-se uma catedral gigantesca, chamada escolástica, que fez da Idade Média, sob alguns pontos vista, uma idade que foi muito, mas muito mais inteligente do que a nossa. Nenhum escolástico cairia nessas armadilhas de

relativismo que tem hoje. A filosofia destrói isso automaticamente, você não precisa nem de um filósofo pra isso. Basta um estudante interessado que você consegue desmontar isso.

(...)

O olhar divino precede de longe todo o futuro, e ele o faz vir no presente segundo o modo de conhecimento que lhe é peculiar, sem passar, como tu crês, da presciência de uma coisa à outra, mas, de um só golpe de vista, ele prevê e abarca tuas mudanças sem se modificar. E Deus possui essa imediaticidade da compreensão e visão de todas as coisas, não da realização de acontecimentos futuros somente, mas de sua própria indivisibilidade.

PROF. MONIR: Compreenderam? Nada pode estar dissociado. Essa é a tese de Santo Agostinho sobre o que é a ação humana, é uma espécie de andar sobre as pedras da dissociação. A vida humana é você ser andarilho da sua própria incapacidade de perceber o todo. É tentar chegar num lugar pelos pedaços... é isso que é o tempo. O tempo é aquilo que fica entre as tentativas. No entanto, Deus não é assim. O mundo divino é o mundo da simultaneidade. Não há tempo dentro da mente de Deus, Deus não vive no tempo. É por isso que o livre-arbítrio está preservado, porque Ele sabe o que você fez. Não porque Ele sabia antes, mas porque para Ele não tem antes. Compreenderam? Deus sabe o que você vai fazer, não porque Ele sabe antes, mas porque não tem antes. Não tem depois. Tudo é simultâneo. É fácil de entender essa noção? Não, é bem difícil, mas dá para entender pela negativa. Se o tempo é um processo de limitação, ele portanto não pode ser atribuído a Deus. Porque se o tempo limita de alguma maneira, Deus não está sob essa limitação. Portanto pra Deus não deve ter tempo. Foi o que a

Filosofia acabou de provar. Tempo é só para esse nosso mundinho vagabundo aqui, o nosso mundinho porcaria, em relação ao mundo d'Ele.

ALUNO: *[Pergunta se o tempo é abstrato.]*

PROF. MONIR: O tempo é abstrato no sentido de que ele só pode ser medido em relação à distância.

ALUNO: *[Responde ao comentário.]*

PROF. MONIR: Ah, entendi. O tempo é passível de interpretações subjetivas. É verdade, também. Mas o tempo é abstrato porque o tempo não se mede diretamente. Essa é uma das teses que reforça a de São Agostinho, você só mede o tempo como uma coisa que está ligada à distância. Diretamente, nunca. O que é o tempo: quanto tempo demorou pra ir de A a B. O tempo não tem medida direta. O tempo só é medido em função do espaço, nesse sentido que ele é abstrato.

E é também dessa forma que podemos resolver a dificuldade que acabas de mencionar e que se baseia no sacrilégio de se dizer que nossas ações futuras fornecem a causalidade do saber de Deus.

PROF. MONIR: Quando você não considera essa solução que o Boécio dá, você pode defender duas teses. Uma é dizer assim: "Bom, Deus sabe tudo o que vai acontecer, então eu vou tentar pegar o avião, mas Ele vai me fazer atrasar porque Ele queria que eu escapasse" – então não há livre-arbítrio. Ou então a outra solução, a do livre-arbítrio, é o seguinte: "Porque eu perdi o avião, então eu fiz o meu destino, que é não ter morrido". Entenderam?

No texto tem um pedaço anterior a esse aqui em que o Boécio, obviamente fingindo-se de bobo, diz que tem essa solução e tal, ou seja, que é a ação humana que gera o desígnio de Deus. A Filosofia diz que isso é um sacrilégio, e é mesmo. É como se nós pudéssemos dirigir a vida de Deus, e isso não é possível. O que resolve o problema é a compreensão de que pra Deus não há tempo, não há outro jeito de resolver esse assunto.

Na verdade, a natureza desse saber, que abarca todas as coisas num conhecimento imediato, fixa todas as coisas num limite sem depender em nada dos acontecimentos futuros.

PROF. MONIR: Porque não há acontecimento futuro nenhum. Por isso é que desaparece o problema de saber se aquilo que estava lá foi planejado por alguém. Porque no fundo, todas as coisas acontecem simultaneamente.

Sendo assim, os mortais conservam seu livre-arbítrio intacto, e não há nenhuma injustiça nas leis que propõem recompensas e punições às vontades que são absolutamente livres de toda necessidade.

PROF. MONIR: Porque tava lá o Boécio dizendo: “Mas então, já que não tem livre-arbítrio, por que eu posso castigar alguém? E por que eu deveria recompensar alguém, se aquilo ele fez já estava programado?” Porque eu não consigo resolver o problema do livre-arbítrio a não ser que eu tire Deus do esquema temporal. Porque se eu ficar com o esquema temporal mantido, ou Deus sabia antes, e programou, e daí eu não tenho mérito nenhum, ou não; então eu fiz o que quis e Deus apenas ratifica, sanciona isso com o nome de Destino. Seja uma coisa ou outra, não haveria possibilidade de livre-arbítrio nenhum, porque tudo seria meio carta marcada.

ALUNA: *[Comenta sobre a necessidade de haver livre-arbítrio, da responsabilidade humana. Senão seria tudo responsabilidade de Deus, os crimes, as corrupções...]*

PROF. MONIR: Isso mesmo, portanto o livre-arbítrio é absolutamente necessário. No entanto, há uma tendência natural dentro do direito contemporâneo de se justificar todos os atos humanos como sendo resultado de forças que foram impossíveis de conter. Então há um processo de inocentação das pessoas a partir da ideia de que quando um sujeito mata cinco pessoas, são seis vítimas. Vai aparecer um sociólogo dizendo: "São seis vítimas! Cinco foram esses aí que tiveram esse azar de levar cinquenta tiros cada um. E o outro que fez isso é uma vítima da sociedade, porque a sociedade é que a tratou mal... Vejam a distribuição de renda, só é pior na Gâmbia. E no Brasil é muito ruim, porque o Brasil é uma porcaria..." Eles dizem que não adianta pensar em punição (não era aquela conversa que tinha aí no caso da maioria penal?) antes de resolver a educação, e não sei o que lá. Essa não é uma conversinha exatamente ao contrário do que tem aqui? Quer dizer, é uma conversa que propõe que não haja livre-arbítrio nenhum. Que o sujeito matou cinco pessoas não porque ele seja mau ou sociopata, mas porque ele de alguma maneira foi induzido a isso por nós. No fundo, quem será culpado disso somos nós! Então essa ideia de que a sociedade é culpada, é um mecanismo de destruição da ideia de livre-arbítrio. Não há livre-arbítrio.

Agora com essa coisa de genética, então, já, já vão descobrir o gene do estuprador, o gene do roubo... E aí sujeito vai chegar no tribunal e vai dizer: "Olhem, vocês me desculpem, mas eu tenho aqui um gene que me transforma em ladrão de bancos, eu tenho o gene de roubar bancos".

ALUNA: Os neurologistas já descreveram a mente do psicopata.

PROF. MONIR: Sempre houve psicopatas, o problema é transformar todas as ações das pessoas em ações justificáveis por algum critério. A ideia do livre-arbítrio, que está sendo finalmente aqui definida, é de que não há vida humana possível sem que a pessoa assuma a responsabilidade sobre a sua própria vida. Está aqui dito em um texto que foi escrito no ano de 524. Pois quando você olha pra sociedade contemporânea, o que você vê é exatamente o contrário, que há uma tendência à inocentação. Por que o MST, por exemplo, pode fazer o que bem entende? Porque eles são vítimas hipotéticas de alguma maneira, e por isso estão protegidos por esta carta de corso. Porque é que o fulano lá pode matar não sei quem e mesmo assim não ser considerado culpado? Porque certamente ele é um sujeito que foi induzido pela sociedade, pelo capitalismo, pela burguesia, seja lá o que for, para ser isso.

Então o que nós estamos fazendo nesse momento no mundo é que, extrapolando os casos em que havia claramente uma psicopatologia que tornava a pessoa irresponsável, alguém que é louco mesmo (tem também; esses são inocentes sob o ponto de vista volitivo, não é isso? Eles não queriam fazer aquilo, e tal), nós tendemos hoje a negar a possibilidade do livre-arbítrio. E com o auxílio da pseudociência, e com a genética, então, nós vamos encontrar um gene pra cada tipo de barbaridade, e aí as pessoas vão alegar uma inocência genética, assim como hoje alegam uma inocência social: "Não fui eu quem matou cinco pessoas, é a sociedade que me oprime". Quando a gente chegar nesse ponto, nós teremos destruído completamente a possibilidade de civilização humana. Porque sem responsabilidade não há mais

civilização, ninguém mais poderá ser condenado, não haverá mais utilidade para o sistema judiciário, serão todos inocentes, porque alguma coisa que não a própria pessoa será culpada pela situação. Isso que foi resolvido pelo Boécio há mil e quinhentos anos é um problema com o qual nós não sabemos mais lidar no momento em que nós estamos aqui. Portanto a Filosofia não está nos trazendo consolação suficiente no mundo contemporâneo, né?

Vamos ver como ele termina o raciocínio?

Aquele que nos observa do alto, que perdura eternamente, que tem a presciência de todas as coisas, é Deus, que, com a eternidade sempre presente de seu olhar, concorda com a qualidade futura de nossas ações distribuindo aos bons as recompensas e aos maus os castigos. E não é em vão que colocamos em Deus nossas esperanças e preces, as quais, sendo justas, não podem permanecer sem algum efeito. Afastai-vos portanto do mal, cultivai o bem, elevai vossas almas à altura de vossas justas esperanças e fazei chegar aos céus vossas humildes preces. A menos que queirais esconder a verdade, é grande a necessidade que tendes de viver segundo o bem, quando agis sob os olhos de um juiz que tudo vê. (págs. 155-156)

PROF. MONIR: Essa é última linha do livro, e aí o que o Boécio fez foi simplesmente criar uma argumentação filosófica, portanto de natureza racional e especulativa no sentido de que usou apenas elementos lógicos, para garantir, para confirmar aquilo que intuitivamente todo o mundo sabe. O cristianismo não precisou esperar o Boécio para existir, o cristianismo sabia se impor por várias razões, pela ação dos seus milagres, pela intuição que as pessoas têm, ou pelo dogma, mesmo. No entanto, pela primeira vez na

história, o Boécio faz um arranjo e organiza isso sob o ponto de vista filosófico. Como vocês podem ter percebido, e era essa a ideia, ele faz isso com uma extraordinária competência, muito bem. E aí vocês têm então mais ou menos comprovado o cristianismo. Pela primeira vez, o cristianismo passou pela prova lógica, que é a prova que Platão e Aristóteles exigiriam de alguém que tivesse feito algum comentário.

ALUNO: E a escolástica?

PROF. MONIR: A escolástica é a transformação disso numa verdadeira catedral. Então todos os assuntos dogmáticos do cristianismo, todas as afirmações sobre Deus ou coisa que o valha são trabalhados com sofisticação metodológica, de modo que tudo isso que se fala do que a escolástica trata tem algum aval filosófico. Isso é a primeira vez que acontece na história, isso tudo está dentro desse texto – está no *De Trinitate*, mas também sobretudo neste texto que é o exemplo concreto de uma mudança na abordagem da patrística. Então em vez de ser apenas um esforço de defesa do cristianismo frente aos ataques que se fazia, agora o cristianismo sai ao ataque e propõe uma metodologia de investigação de si próprio, que foi capaz de produzir o corpo doutrinário do cristianismo e que viabilizou, por exemplo, a continuação do cristianismo no mundo. Não fosse assim, talvez nem mesmo tivéssemos conseguido.

O Boécio tem essa grande contribuição, que é a contribuição da filosofia. No fundo o que se quer dizer aí é que não há nenhuma incompatibilidade entre o que as grandes religiões contam pra você – não é só o cristianismo, qualquer outra grande religião –, e aquilo que a filosofia bem executada é

capaz de demonstrar. Seja por um lado ou por outro, você vai chegar ao mesmo lugar. Então fica mais que comprovado que existem quatro fontes de conhecimento. Essas quatro fontes de conhecimento são convergentes. A primeira é o conhecimento tradicional, que está nas religiões; a segunda é o conhecimento filosófico, que é o conhecimento especulativo – esse, por exemplo, que nós vimos em ação hoje; a terceira é o conhecimento científico, que é uma maneira diferente de abordar, muito embora você possa, sem grande exagero, considerar que a abordagem científica é apenas um tipo de abordagem filosófica; e finalmente há o conhecimento composto, que está dentro das grandes obras ficcionais, na arte da literatura. E que diz a mesma coisa por outro caminho.

Há muitas maneiras pelas quais nós temos acesso a conhecer as coisas tais como elas são, mesmo que essas coisas tais como elas são sejam enigmáticas, e que não se possa saber muito delas a não ser a definição do enigma. O enigma pode ser definido, embora eu não consiga decifrá-lo, em última análise. Definir o enigma já é uma grande coisa. Pra começar a ler filosofia, Boécio é o melhor caminho. E esse é um dos grandes meios de usarmos bem essa tarde.

ALUNO: *[Faz um comentário.]*

PROF. MONIR: Não é que ele previu. Cuidado, porque você está falando de Jesus. Há aí um mistério. Jesus tinha uma natureza humana. O Jesus humano estava submetido ao tempo, como nós. É difícil entender como Jesus pode ser homem e Deus ao mesmo tempo. Quer dizer, é um homem que pode apostar já sabendo o resultado da loteria. Esse que é o problema, né? É um

mistério que nós não entendemos. Mas é preciso aceitar a existência de mistérios, porque não é possível que tudo seja passível de compreensão. Seria uma porcaria de mundo se tudo fosse tão compreensível assim. Não dá para ser. Os mistérios são absolutamente fundamentais para que nós possamos entender o mundo de alguma maneira. Então, como faz para entender essa duplicidade? Eu não sei resolver esse problema. Ninguém sabe, na verdade.

Mas para Deus não aconteceu uma sequência de fatos, tudo isso acontece ao mesmo tempo. Nós não conseguimos entender isso porque não conseguimos entender a mente de Deus. Porque Deus não funciona nas mesmas regras com que nós funcionamos. Deus não pertence a esse mundo. Ele reflete nesse mundo do mesmo modo que o sol reflete numa parede – você vê a claridade. Mas Ele não é feito como nós, não tem a mesma natureza que nós.

Entender isso é a primeira condição pra você poder estudar filosofia. Se você não entende isso, você se torna incapaz de estudar a filosofia daqui pra frente.

ALUNA: *[Comenta que é preciso aceitar.]*

PROF. MONIR: Não, não é questão de aceitar de forma resignada... É, isso é assim mesmo, porque o mundo é complexíssimo, a vida é complexíssima, a realidade é complexíssima. Então quando a gente chega à conclusão de que há uma diferença ontológica entre nós e Deus – é isso que no fundo o que ele está dizendo, que há uma diferença ontológica entre nós e Deus porque nós somos criaturas circunstanciadas pelo tempo, espaço e número (embo-

ra Boécio só fale em tempo), e Deus não está. Quando isso é estabelecido, torna-se automaticamente impossível uma quantidade enorme de filosofias modernas. Daí para frente já não dá mais pra ser kantiano, já não dá pra ser hegeliano.

Você não pode imaginar, por exemplo, que a história acaba nela própria. Porque se a história é uma sequência temporal de fatos... tem uma coisa chamada filosofia da história. Quem foram os três maiores estudiosos disso? O Senhor Hegel, que acha que a história acaba no Estado, quando o Estado toma conta de tudo; o Senhor Marx, que acha que a história acaba quando o proletariado toma o poder e destrói a estrutura de classes; e o Senhor Augusto Comte, que acha que a história acaba quando a sociedade positiva expulsa as sociedades anteriores que são todas sociedades cretinas, uma é mitológica e a outra é metafísica. Então agora a sociedade da ciência positivista é que vai vencer. Então esses três aí são três sujeitos que acham que conseguem encontrar na própria história a explicação da própria história. Mas se isso fosse possível, a primeira coisa que eles tinham que explicar é como e quando foi que alguém inventou o conceito de anterioridade, porque se a ideia de anterioridade está presente na história o tempo todo, sem qualquer explicação ou qualquer circunstância... – tem uma coisa que vem antes da outra, né? A história é sempre sequencial. Quem foi que inventou isso? Ora, se a história não inventou a sua própria anterioridade – se não teve lá em determinado momento um partido, ou uma classe, ou um herói que fez isso, se não foi a história que inventou isso – então isso foi inventado por alguém que existe além da história. Então há uma outra circunstância, chamada meta-história (que está **além** da história), que ela só pode explicar a história, e nunca a história em si mesma. Mas eu só compreendo isso se

eu for capaz de perceber que há uma diferença ontológica entre o mundo histórico e o mundo meta-histórico, que é o que o Boécio está nos ajudando a entender. Então, no final das contas, a história nunca vai ser explicada por ela própria, ela só vai revelar o seu verdadeiro sentido no final dos tempos. Mas o final dos tempos não pertence mais à história. Na hora em que acontece o final dos tempos, a história revela o seu sentido. Até lá então, é impossível ela revelar o sentido dela própria porque ela não é autocriada, ela não se criou a si própria, ela não existe causa sui (por causa dela mesma). Há alguma coisa que criou a história que é a única fonte de onde vai vir a explicação do sentido da história.

A tentativa de dizer que o sentido da história é luta de classes, e que no dia em que essa luta tiver sido vencida pelo proletariado acabou a história, ou dizer, como o Francis Fukuyama, que também acabou a história porque o liberalismo teria tomado o poder... qualquer espécie de evolucionismo também é assim – todas essas tentativas de estabelecer, buscar o conteúdo da história e o seu significado em si própria são todas cretinices que você só faz quando não percebe que esse mundo contingenciado, que é esse mundo real, concreto aqui, funciona com regras diferentes do mundo que o criou. É na meta-história que vai haver explicação da história, e não o contrário. Essa ideia simples está aqui em Boécio. E ela deveria ter sido mantida. No entanto, por alguma razão muito grave, nós perdemos completamente a noção desse bom senso mínimo – porque o livro é todo composto de ideias de bom senso.

É isso. Se você pelo menos leu o Boécio, você sabe que o conhecimento que você pode ter da vida é um conhecimento imperfeitíssimo, embora seja

possível compreender em partes. E o único conhecimento possível é o conhecimento da Eternidade, para quem não existem restrições. Portanto isso significa que a missão humana de conhecer alguma coisa será sempre uma missão difícil, custosa, e passaremos nossa existência temporal, que é minúscula, para conseguir algumas pedrinhas de conhecimento real, quando na verdade a nossa possibilidade de conhecer será sempre limitada. No entanto, naquilo que nós pudermos conhecer de verdade, como esse fato – eu estou dizendo pra você que somos capazes de conhecer a nossa enorme dificuldade de conhecimento – esse fato é em si profundamente iluminador, e é um fato que deveria nos empurrar para uma certa humildade e modéstia, para não acharmos que somos protagonistas do mundo, porque não somos mesmo. Tudo está em Boécio, no ano de 525. De lá pra cá, esquecemos quase tudo. Esta é outra razão pela qual é melhor ler livros velhos do que livros novos. Quanto mais velho o livro, melhor, porque talvez tenha conservado melhor o espírito original. Funciona ao contrário da data de validade do iogurte. É mais ou menos como os vinhos, relativamente. E isso nos remete para o final do nosso encontro.

(Resumo feito por José Monir Nasser. Os trechos foram adaptados da edição *A Consolação da Filosofia* da Editora Martins Fontes, 1998, São Paulo, 1a. edição, tradução de Willian Li).

Federação das Indústrias do Estado do Paraná - FIEP | Presidente

Edson Campagnolo

Serviço Nacional da Indústria Paraná - SENAI | Diretor Regional Senai - PR

Serviço Social da Indústria Paraná - SESI | Superintendente do SESI/IEL - PR

José Antonio Fares

Assessora Executiva de Assuntos Estratégicos - Sistema FIEP

Maria Crsthina de Souza Rocha

Gerente de Cultura - Sistema FIEP

Anna Paula Zétola

Analista Técnico – Cultura - Sistema FIEP

Thaís Bonato Lourenço

Analista Técnico – Cultura - Sistema FIEP

Kleberr Wlader

Normalização – Cultura - Sistema FIEP

Pandita Marchioro

Conteudista

José Monir Nasser (in memoriam)

Revisão de transcrição

Patrícia Nasser

Revisão Literária e Palestras

Paulo Brigueu

Capa e Diagramação

Maria Cristina Pacheco dos Santos Lima

Ilustração Capa

José Monir Nasser

Coordenação Geral

Anna Paula Zétola

Produção Executiva e Prestação de Contas

Luiz Roberto Meira

Assistente de Produção

Gilmar Lima

Assessoria de Imprensa

Rafaela Tasca

Programa Nacional de Apoio à Cultura PRONAC

Ministério da Cultura

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as pessoas, alunos e amigos, cujos estímulos e esforços contribuíram direta ou indiretamente para o sucesso do programa Expedições pelo Mundo da Cultura e cuja presença indelével está nas entrelinhas de cada parágrafo deste livro.

Agradecemos ao Sesi, à ABRH, à Klabin, à Volvo e aos seus colaboradores não apenas pelo apoio material, mas pelo entusiasmo, envolvimento e dedicação com que nos acompanharam durante todo este processo.

Agradecemos a todos os que cederam materiais, se mobilizaram e trabalharam pelas transcrições, das mais variadas maneiras. Agradecemos a Bruno Floriani e a Pâmella Stadler pelo seu envolvimento direto com as transcrições. Registramos em especial nossa gratidão para com Andréa de Oliveira Jaques e para com Carlos Nadalin, sem os quais este esforço não teria sequer começado.

Agradecemos ainda aos amigos Carlos Jaime Loch e Paulo Briguet pelo tempo e talento a nós devotado.

Família Nasser

OS FILHOS DE MONIR

José Monir Nasser foi o pai intelectual de muita gente. Todos se tornavam alunos diante dele. Era um educador no sentido verdadeiro da palavra: ex ducare, conduzir para fora. Suas aulas sobre os grandes clássicos literalmente conduziam os ouvintes para fora da caverna da ignorância, mostrando-lhes a luz pura e espiritual do conhecimento. Virgílio de tantos pequenos Dantes, que antes de conhecê-lo não conheciam a comédia de erros das próprias vidas, ele comprovou que o mundo da criação literária e o mundo da criação de riquezas não estão separados, mas fazem parte de um mesmo princípio, essencialmente espiritual.

PAULO BRIGUET

EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA VOLUME 7

Otelo
O Idiota

ENCONTROS COM O PROFº JOSÉ MONIR NASSER

EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA VOLUME 7



JOSÉ MONIR NASSER
(1957-2013)

Economista, escritor, editor e pintor, fundou a empresa de consultoria AVIA Internacional e a Tríade Editora. Foi consultor de estratégia em inúmeras organizações de porte nacional e consultor de desenvolvimento regional. Escreveu "A Economia do Mais" e "O Brasil que Deu Certo", ambos pela Tríade Editora.

FIEP-Federação das Indústrias do Estado do Paraná

Edson Luiz Campagnolo
Presidente

Superintendente do Sesi e IEL no Paraná e Diretor Regional do Senai no Paraná

José Antonio Fares

Assessora de Projetos Estratégicos

Maria Christina S. Rocha

Gerência de Cultura

Anna Paula Zétola

Conteudista

José Monir Nasser

SESI. Departamento Regional do Paraná.

Expedições pelo mundo da cultura: Otelo / O Idiota / SESI.
Departamento Regional do Paraná. - Curitiba: SESI, 2017.
208 p.: 21 cm. (Expedições pelo mundo da cultura, v. 7)

ISBN: 978-85-5583-032-7

1. Literatura – História e crítica. 2. Serviço Social da Indústria. I. José
Monir Nasser.

CDU 82

A reprodução total ou parcial desta publicação por quaisquer meios seja eletrônico, mecânico, fotocópia, de gravação ou outros, somente será permitida com prévia autorização, por escrito, do SESI.

Otelo

O Idiota

Escrever o Prefácio de Expedições pelo Mundo da Cultura não é somente escrever uma página para iniciar o livro e instigar sua leitura. É escrever sobre uma viagem por mundos a serem descobertos a cada volume, em cada história que se apresenta página após página, personagem a personagem, cenário após cenário. É escrever sobre uma viagem que permite nos transportarmos de espaços inusitados para o racional e o imaginário; que nos dá oportunidade de sair do lugar comum para lugares consagrados da literatura clássica.

Quando se busca o significado da palavra expedição, encontra-se como uma de suas definições: conjunto de pessoas que viajam para um determinado território, com o objetivo de analisá-lo. Foi isso que Monir Nasser nos proporcionou durante quatro anos de parceria entre ele, ilustre intelectual, e o Sesi Paraná. Momentos únicos nos quais conhecimentos foram compartilhados e viagens por destinos diversos foram realizadas, modificando o olhar que temos de nossa realidade, dando-nos condições de ampliar nossa visão de mundo.

Ao todo se somaram 92 possibilidades de expedições, mediadas por ele, que levaram os participantes dos encontros por um mundo indesejável, por um universo cultural a ser desmistificado e descortinado aos poucos. Encontros nos quais já existia a expectativa para o próximo e que, por isso mesmo, não se conseguia parar. Os encontros possibilitaram atravessar a Ponte Rialto, em Veneza, por nosso imaginário e participar da negociação entre Antonio e Shylock. Encontrar Dom Quixote de La Mancha, cavaleiro medieval, em busca da sua amada Dulcinéia, sempre em companhia de seu cavalo Rocinante e seu fiel escudeiro Sancho Pança, pelos caminhos espanhóis. Navegar para a Índia, pela obra poética de Os Lusíadas, de Camões, compreendendo a história de Portugal. Entender a complexidade do Livro de Jó, com seus discursos e respostas para perguntas existenciais. Navegar em busca de Moby Dick, refletindo sobre os sentimentos humanos e tantas outras compreensões. Enfim, Monir nos traduziu obras de William Shakespeare, Tolstói, Miguel de Cervantes, Herman Melville, Camões, Aldous Huxley, Tolkien, Nicolai Gogol e livros bíblicos, aproximando-nos dos autores e de suas obras.

Certa vez, meu amigo Monir Nasser disse, durante o encontro que discutia a novela A Morte de Ivan Ilitch, que não adianta olhar para a morte a partir da vida, mas a única solução é olhar para a vida a partir da morte; não há outro jeito de orientarmos a vida.

Assim, devemos olhar para a vida com a possibilidade de continuarmos o legado de Monir, contribuindo com a sociedade e futuras gerações para a descoberta de novas possibilidades que se abrem quando se descortinam as histórias da humanidade. Esta coletânea representa a existência que transcende a morte e permanece presente em nossos corações e mentes.

José Antonio Fares,

Superintendente Sesi Paraná.

Ele continua fazendo a diferença

Perdi a companhia do José Monir em 16 de março de 2013, depois de trinta anos de convivência. Para todos que o conheceram ou privaram de sua frondosa companhia foi uma perda irreparável. Foi um cometa que passou rápido, embora tenha brilhado intensamente.

Como professor conheci o José Monir em 1981 na turma de 'trainees' da Fininvest, um grupo de jovens que estava sendo preparado para implementar nos anos seguintes o Mercado Comunitário de Ações em Joinville (SC), onde moramos juntos uns três anos. Depois deste período seguimos caminhos diferentes, mas ficando sempre em contato; sua busca profissional levou-o a várias experiências. A partir dos anos 90 nós dois passamos a residir de novo em Curitiba; ele já atuava como consultor empresarial, caminho que também adotei, inclusive por influência dele.

Ao longo dessa caminhada pude conhecê-lo cada vez mais, tanto suas origens como sua obra. Seu brilhantismo era lastreado por uma formação clássica herdada. O pai, médico, cursara especialização em Paris como bolsista da Aliança Francesa, dirigida em Curitiba pelo casal Garfunkel; a mãe, secretária da Aliança Francesa até casar-se. O berço familiar transpirava atmosfera cultural. Quando o pai ia para o consultório à tarde, levava junto o filho adolescente para ficar na Biblioteca Pública do Paraná, na quadra vizinha, até o final de sua jornada. 'Lia de tudo', dizia; Roberto Campos o influenciaria com seu estilo polêmico e afiado. Frequentou também a Escolinha de Arte, da própria Biblioteca Pública. O José Monir falava e escrevia fluentemente francês, inglês e alemão; na juventude participou de programas de intercâmbio escolar nesses três países; ainda jovem chegou a morar por mais de um ano na Alemanha, vindo a trabalhar como operário numa fábrica, experiência marcante à qual se referia com frequência. Até o final do 2º Grau teve apenas formação clássica, isto é, de humanidades, sem direcionamento profissional, voltada apenas para o desenvolvimento da capacidade de expressão do espírito humano. Sua primeira faculdade foi em Letras, mas já no final desta resolveu cursar Economia, provavelmente em decorrência do clima político do país no final dos anos setenta. Discorria com domínio sobre os mais variados assuntos, indo de arte a filosofia, religião, ciência, literatura, economia e outros tantos. Teve forte influência de Virgílio Balestro, hoje com mais de 80 anos, Irmão Marista professor do colégio em que estudou; com ele tinha aulas particulares de latim e grego. Amadureceu profissionalmente entre seus vinte e cinco e trinta anos, sob a influência marcante de Rubens Portugal, nosso diretor e grande mentor. Mesmo tendo contato com gestão empresarial só nesta idade, o José Monir superou pelo caminho muitos que tinham se iniciado mais cedo.

Nesse tempo destacava-se por sua vivacidade intelectual e arguta capacidade de abordar as situações mais complexas no campo gerencial e econômico, de maneira inovadora. Recendia qualidade em tudo que fazia, desde clareza de raciocínio até redação densa, leve e comunicativa, recheada de vocabulário erudito sem ser pedante. Demonstrava prodigiosa versatilidade; ia direto ao ponto central dos assuntos; conseguia revelar relações incomuns entre fatos e situações aparentemente desco-

nexas. Sabia localizar o ouro. Ele fazia a diferença! Detestava autoridade imposta; pugnava pela autoridade interna da abordagem orgânica dos fatos e análises sobre a situação enfrentada. Irritava-se com mediocridade, e com burocracia em geral. Era hábil em desmascarar espertezas travestidas e agendas ocultas.

Interagia com todos os segmentos sociais, frequentando as mais diversas 'tribos' civilizadas. Gostava de merecer o prêmio e a vantagem, em vez de dar-se bem às custas alheias. Sua nobreza de caráter dispensava as competições predatórias; perder para ele era reconhecido como ganho até pelos adversários; nunca o vi tripudiar sobre alguém. Era dono de uma verve humorística ímpar: à sua volta sempre predominavam as satíricas risadas de um 'fair play'. Sabia portar-se com franqueza lhana; para ele a verdade podia ser dita sem precisar ferir. Era um 'curitibano da gema'; ainda não consegui encontrar alguém que superasse sua capacidade de entender a 'alma curitibana'. Dizia que em Curitiba não é bem assim para namorar uma moça de família: 'antes de pegar na mão, você tem que se apresentar, dar provas, frequentar e ... esperar ser convidado; ser 'entrão' pega mal; somos uma sociedade da serra, não da praia'. Sempre aproveitava as oportunidades de aprender quando reconhecia nas pessoas capacidades e experiências extraordinárias; hauriu muito da convivência com Rubens Portugal, com Professor Tsukamoto (de São Paulo) e Arthur Pereira e Oliveira Filho (do Rio).

Sua trajetória profissional foi intensa, árdua e cheia de iniciativas inovadoras, sempre trabalhando por conta própria. Nos anos noventa tornou-se um famoso consultor empresarial junto a grandes clientes do circuito São Paulo-Rio-Brasília. Teve um escritório de consultoria em Curitiba, AVIA Internacional, que editava uma 'letter', lidava um Programa de Análise Setorial (Papel/Celulose, Seguros, Bancos), desenvolvia projetos sobre as experiências internacionais de Jacksonville e Mondragon, dentre outros projetos. Nesse período dedicou-se à pintura com atelier próprio; frequentava aulas particulares e convivia no meio artístico local.

Desencantado com a inércia brasileira por ideias inovadoras, no início do novo milênio passou a dedicar-se ao projeto do Instituto Paraná Desenvolvimento (IPD), um centro de pensamento sob a liderança de Karlos Rischbieter. Nesse período participou com Olavo de Carvalho do Programa de Educação (Filosofia), patrocinado pelo IPD. Em 2002 fundou a Triade Editora e escreveu os livros 'A Economia do Mais' sobre 'clusters', e o 'O Brasil Que Deu Certo', com o empresário Gilberto J. Zancopé, sobre a história da soja brasileira. Chegou a ter um programa de televisão em que corajosamente discutia temas quentes de forma crítica.

No final da primeira década dos anos 2000 imprimiu novo rumo a seu projeto profissional, lançando 'Expedições ao Mundo da Cultura'. Consistia numa engenhosa adaptação ao Brasil do trabalho do norte-americano Mortimer Adler, a leitura de cem obras clássicas básicas como programa de formação de um cidadão culto. 'Nada do que eu fiz na vida me deu tanto prazer quanto este trabalho', dizia. Em menos de um ano tinha grupos em Curitiba, São Paulo e algumas cidades do Paraná. Sua grande inovação foi fazer um resumo de cada obra, com vinte páginas em média, para contornar a dificuldade dos brasileiros em ler um livro a cada quinze dias. Os encon-

tros eram concorridos, animados e muito proveitosos no despertar os participantes para a dimensão cultural. Até que um AVC o abateu.

A semente da herança cultural cresceu, floresceu e frutificou. Seu grande legado é o exemplo de como a Cultura é próspera e construtiva, ao contrário do que se pensa neste país como apenas entretenimento. É exemplo de projeto educacional humanista clássico, ao contrário do que se faz hoje em se privilegiar precocemente a orientação profissional em detrimento da formação humana. É exemplo profissional de trabalhar por conta própria correndo riscos e dedicando-se de corpo e alma ao projeto em que acredita. É exemplo de modernidade inteligente, tanto na sua herança como na sua obra e no seu legado, fundados sobre a matriz cultural clássica no âmbito da família. O que a família não fizer dificilmente será recuperado pela escola e pela empresa. A volta desse cometa acontecerá sempre que se replicar essa proposta de formação.

A trajetória de vida corajosa e realizadora de José Monir (1957-2013) é orgulho para sua família e referência para os amigos e os que o conheceram. Ele continua vivendo em nós; ele continua fazendo a diferença!

Carlos Jaime Loch, Consultor de Gestão Empresarial.

Ao mestre, com carinho

José Monir Nasser costumava dizer que nós não explicamos os clássicos; eles é que nos explicam. Da mesma forma, podemos afirmar que qualquer tentativa de explicar o trabalho do professor Monir resultará em fracasso, pois toda explicação possível advém do próprio trabalho. É preciso dizer de uma vez por todas: ele é o professor e nós somos os alunos.

Aristóteles discordou de seu mestre Platão em muitas coisas, mas certa vez declarou: “Platão é tão grande que o homem mau não tem sequer o direito de elogiá-lo”. Quem somos nós para elogiar ou explicar o mestre Monir? Ninguém. No entanto, tentaremos fazê-lo, do modo mais sucinto possível, para não tomar o tempo precioso do leitor.

Os textos reunidos nesta série são transcrições de aulas de José Monir Nasser sobre clássicos da literatura universal, dentro do programa Expedições pelo Mundo da Cultura, que funcionou entre 2006 e 2010. O objetivo era trazer para o conhecimento do público os temas que ocupavam o espírito dos grandes autores. São nomes e histórias que muitas vezes estão presentes na vida e na linguagem cotidiana – vide os adjetivos homérico, dantesco, quixotesco, kafkiano –, mas que em geral ficam adormecidos na poeira das estantes. A missão de Monir era trazer esses enredos e personagens clássicos para a luz do dia.

O foco das palestras de Monir não era a crítica literária ou a análise estilística, mas sim a discussão do conteúdo. Ele possuía uma verdadeira e sagrada obsessão por esclarecer mesmo as passagens mais difíceis das obras discutidas. Seu lema, repetido diversas vezes, era: “É proibido não entender!” Todos ficavam à vontade para interromper sua fala com perguntas, reflexões, ponderações, comentários. O objetivo não era transformar os alunos em eruditos, mas dar acesso a um conhecimento valioso, universal e atemporal, que pode fazer toda diferença na vida das pessoas. E fez. Monir pretendia fazer a leitura de 100 livros clássicos da literatura universal. Não foi possível: ele discutiu “apenas” 92. A lista inicial dos clássicos partiu da obra Como ler um livro, de Mortimer Adler e Charles Van Doren, sendo aperfeiçoada ao longo do tempo. Na presente seleção há dez obras: Gênesis e Jó (textos bíblicos), Fédon (de Platão), Os Lusíadas (de Camões), O Mercador de Veneza (de Shakespeare), O Inspetor Geral (de Gógol), A Morte de Ivan Ilitch (de Tolstói), Moby Dick (de Melville), O Senhor dos Anéis (de Tolkien) e Admirável Mundo Novo (de A. Huxley).

A ideia de trabalhar com os clássicos já havia sido colocada em prática por Monir e o filósofo Olavo de Carvalho, em um curso que ambos ministraram na Associação Comercial de Curitiba, patrocinado pelo IPD (Instituto Paraná de Desenvolvimento). O programa Expedições pelo Mundo da Cultura nasceu em 2006 e já no primeiro ano passou a contar com a parceria do SESI. De Curitiba, onde foram realizadas as primeiras aulas, o programa foi estendido a outras cidades paranaenses: Paranavai, Londrina, Maringá, Toledo e Ponta Grossa. O programa também foi realizado em São Paulo a partir de 2007, desvinculado do SESI.

Em todas essas cidades, Monir fez alunos e amigos. Porque era quase impossível ouvi-lo sem considerar a sua maestria e o seu amor ao próximo. Os encontros duravam cerca de quatro horas, com um intervalo para café. Monir começava as palestras com uma apresentação genérica sobre o autor e a obra. Em seguida, havia a leitura de um resumo do livro, entremeado por observações de Monir. Esses comentários formavam um rio de ouro que conduzia o aluno pelas maravilhas da literatura universal. As quatro horas passavam com uma rapidez quase milagrosa – e você tem em mãos a oportunidade de comprovar essa afirmação.

Não bastassem a fluidez e a sutileza de suas observações, José Monir Nasser tinha a capacidade de enriquecê-las com um fino senso de humor, livre de qualquer pedantismo ou arrogância. Ao final das aulas, nota-se um inusitado clima de emoção entre os presentes. Algumas vezes, ao concluir seus pensamentos sobre a mensagem dos clássicos, Monir chegava às lágrimas, como testemunharam alguns de seus alunos e amigos.

Em cada cidade por onde Monir levou os clássicos, espalhou também as sementes do conhecimento, da cultura e dos valores eternos. Ele era um autêntico líder de primeira casta, um homem cujo sentido da vida era fazer o bem e elevar o espírito de seus semelhantes. Muito mais do que explicá-lo, cumpre agora ouvir a sua voz – nas páginas que se seguem. Jamais encontrei o professor Monir pessoalmente; mas, após ouvir as gravações e ler as transcrições de suas aulas, posso considerar-me, talvez, um aluno, um amigo, um leitor. Conheça você também o mestre Monir.

Paulo Briguet, jornalista e escritor.

Prefácio à segunda Edição

Reencontro com José Monir Nasser

Todo paranaense — todo brasileiro — interessado em alta cultura deveria agradecer a Deus pela vida e obra de José Monir Nasser. Durante uma trajetória de vida relativamente curta — apenas 56 anos — ele realizou trabalhos fundamentais nos campos da economia, do empreendedorismo, da editoração e da literatura. Mas, se precisássemos resumir numa palavra o perfil desse homem multifacetário, poderíamos dizer simplesmente: — Professor.

A biografia intelectual do professor Monir foi a realização integral de uma de suas mais famosas frases: “Uma sociedade não pode ser rica antes de ser inteligente”. Grande divulgador do empreendedorismo cívico — tema de seu excepcional livro *A Economia do Mais* —, Monir dedicou grande parte dos seus últimos anos de vida ao projeto *Expedições pelo Mundo da Cultura*, com palestras luminares sobre obras literárias clássicas. Ele próprio tinha perfeita consciência do que esse trabalho representava: “O *Expedições pelo Mundo da Cultura* é um programa que tem por objetivo restaurar a verdadeira cultura brasileira, que nós de alguma maneira perdemos e que precisamos buscar a todo custo, porque é a única maneira pela qual nós conseguiremos sair da terrível e profunda crise civilizatória em que nós nos metemos”. (Curitiba, 22/05/2010)

Este segundo box com palestras do professor Monir é apenas mais uma parte do imenso legado que ele deixou ao Brasil: uma enciclopédia educacional em que os clássicos da literatura são as bússolas que nos orientam no mar tenebroso da vida contemporânea. Nas palestras de Monir, a cultura não é sinônimo de belles-lettres ou pedantismo literário, mas uma força viva que nos orienta como indivíduos e permite a cada um ordenar a sua própria alma. Os dez livros aqui comentados não são vistos como meros registros históricos ou modelos estilísticos; constituem, muito mais do que isso, um “conjunto de intuições, formas e símbolos portadores de verdade e valores universais”, para usar as palavras de um grande amigo e incentivador de Monir, o filósofo Olavo de Carvalho.

Os cinco volumes que você tem em mãos, caro leitor, são portais de sabedoria capazes de ampliar o horizonte intelectual de qualquer pessoa sinceramente interessada em fazê-lo. Ao promover um diálogo supratemporal com os gigantes da literatura, José Monir Nasser estende as possibilidades do futuro e enche os nossos corações de esperança pela felicidade definida por Aristóteles: a contemplação da verdade. Que este novo volume de sua admirável obra seja mais um passo rumo à consolação última imaginada por Boécio na prisão: a eternidade — “posse inteira e perfeita de uma vida ilimitada, tal como podemos concebê-la conforme ao que é temporal”. Reencontrar Monir é reencontrar a nós mesmos.

Paulo Briguet é escritor em Londrina.

Otelo

de Shakespeare (1564 - 1616)

Transcrição da palestra do professor José Monir Nasser em Curitiba, em 10/05/2008¹

¹ Transcrição de Maria Cecília Noronha e Patrícia Nasser. Revisão da transcrição: Patrícia Nasser.

Otelo

Eu queria registrar a presença de Rubens Portugal, a pessoa com quem mais tempo trabalhei e com quem aprendi uma quantidade enorme de coisas. Nós nos conhecemos há mais de vinte anos. É um dos brasileiros mais notáveis que eu conheço, que tem uma característica não muito comum no Brasil, uma sociedade meio farsante: é um sujeito que quer fazer as coisas que se propõe a fazer. Basta olhar para as personagens literárias – só há no Brasil duas personagens que não são farsantes. Do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, Brás Cubas diz que já morreu e por isso pode ser sincero. O outro é Paulo Honório, de *São Bernardo* de Graciliano Ramos que, tendo perdido a vida toda, tendo dado errado completamente, tem a possibilidade de ser minimamente sincero. O resto das personagens são todas farsantes, uma pior que a outra, um pouco sintomático do modo como o Brasil se comporta, com uma incapacidade de se dedicar de fato às coisas – e o Portugal é um exemplo de um brasileiro que não é assim. Queria fazer uma homenagem pública a ele, que é dos mais importantes educadores que o Brasil já teve. Podendo estar aposentado, não está, e passa o dia pensando em como melhorar a educação no país. Bem-vindo, Portugal.

Cultura é cultivar o espírito e preservar o nosso espírito da decadência natural. É fundamental fazer isso porque cultura é uma coisa que se perde indolentemente. Quando vai ficando pobre, você descobre isso quando vem o extrato do banco. Mas com cultura, não. Você pode ser crescentemente mais ignorante sem nunca perceber isso. A perda da cultura é indolor. Pior do que tudo, a falta de cultura é inspiradora de pretensões maiores. Quanto mais burro o sujeito é, mais tem vontade de ser deputado, presidente da república...

O livro que nós veremos aqui hoje é uma das mais belas obras de Shakespeare. Dos cem livros escolhidos, oito são de Shakespeare. Esta é a quarta obra escolhida, chamada *Otelo*. Sob muitos pontos de vista, é considerada a melhor, sobretudo sob o ponto de vista teatral. Nenhuma delas se adapta tanto à encenação quanto esta. Shakespeare escreveu um teatro tão extraordinariamente amplo que ele pode ser lido com toda a facilidade. Existem algumas peças de teatro que ficam muito mal postas fora do palco – não é o caso de Shakespeare, que é antes de tudo um poeta, e escreve no original em linguagem poética. Tem uma cronologia aí para vocês:

Cronologia

1553 Sobe ao trono a católica rainha Maria Tudor ou Maria I (1516–1558), “*Bloody Mary*”, filha de Henrique VIII e Catarina de Aragão. Casada com Felipe II (1527–1598) da Espanha, o “Campeão da Contra Reforma”. Maria I luta pela manutenção do catolicismo na Inglaterra, mandando matar trezentos dissidentes protestantes. Também manda executar sua prima Jeanne Grey, possível concorrente ao trono. Aprisiona sua meio-irmã Elisabete na Torre de Londres, mas, ao morrer, a indica para sucessora.

1558 Sobe ao trono britânico Elisabete I (1533–1603), a “Princesa da Renascença”, a “*Virgin Queen*”, filha de Henrique VIII e Ana Bolena. O reinado da protestante Elisabete seria lembrado como “Os Tempos de Ouro”, consolidando o protestantismo nas ilhas (menos na Irlanda) e a supremacia britânica nos mares. Perseguiria os católicos e, com ela, acabaria a dinastia Tudor.

1564 **Nasce provavelmente em 23 de abril em Stratford-upon-Avon, localidade de Warwickshire, terceiro filho de John Shakespeare (1531–1601), comerciante de lã e artesão de artigos de couro, e Mary Arden (1540–1608), filha de proprietário de terras.** Tiveram ao todo oito filhos. William foi o primeiro filho homem. A família é católica, mas teria de esconder o fato nos anos que viriam.

Shakespeare frequenta, nos anos seguintes, dos sete aos quatorze anos, as melhores escolas disponíveis, sobretudo a *King Edward IV (The King's New School)*, onde aprendeu latim, lógica, história e retórica.

1567 A católica Mary Stuart (1542–1587), rainha da Escócia, refugia-se na Inglaterra e é mantida presa por dezoito anos por Elisabete I, antes de ser executada em 1587.

1568 John Shakespeare (1531–1601), que já havia sido conselheiro municipal (*Alderman*), é eleito prefeito de Stratford.

1572 A rainha impõe, como forma de controle político, a obrigação de as companhias de teatro serem patrocinadas pela aristocracia a partir de 1576. O primeiro caso é do grupo *Earl of Leicester's Men*.

1578 O período que vai desta data até 1592, devido à pequena documenta-

ção, é chamado “anos perdidos”, mas é nesse período que William Shakespeare teria escrito a maior parte das obras dramáticas.

1582 Casa-se aos dezoito anos com Anne Hathaway, que tinha vinte e seis e que já estava grávida de Susanna, nascida em 1583.

1584 William e Anne têm os gêmeos Hamnet e Judith.

1588 Encenação do *Doutor Fausto*, de Christopher Marlowe (1564–1593).

1589 Ano provável em que se muda para Londres e inicia carreira de ator e dramaturgo.

Destruída por tempestade a “armada invencível” de Filipe II, mandada para vingar sua prima Mary Stuart, consolidando a soberania marítima da Inglaterra. Neste ano é inaugurado o regime de corso com Francis Drake (c.1540–1596).

1592 Shakespeare faz sucesso sobretudo como poeta, porque os teatros londrinos ficariam vinte e um meses fechados por causa da peste. A interdição duraria até 1594.

Shakespeare é atacado pela primeira vez, como “corvo arrivista” (“*upstart crow*”) num panfleto de Robert Greene, respeitado autor e crítico.

1594 Termina sua primeira peça, *A Comédia de Erros*, iniciada cinco anos antes.

Ingressa na Companhia de Teatro *The Lord Chamberlain’s Men*, de quem se tornaria sócio. Doravante só escreveria para esta companhia que se apresentava, como muitas outras, no *Blackfriars Theatre*.

- 1596 Morre seu filho Hamnet, possivelmente de peste bubônica.
Seu pai, após longo período em desgraça política por ser católico, obtém o direito de exibir o brasão da família (*coat of arms*).
- 1597 Compra o *New Place*, a segunda maior residência de Stratford.
- 1598 Elogiado por Francis Meres, que menciona doze de suas peças na obra *Palladis Tamia*. É terminada a obra do *Globe Theatre*, capaz de acolher mil e quinhentas pessoas.
- 1599 Entre esta data e 1601, Shakespeare escreve *Hamlet*.
- 1600 Fundada a Companhia das Índias Orientais, que receberia de Elisabete I o direito de monopólio no comércio com países do Oceano Índico.
- 1602 Shakespeare compra propriedade rural de cento e sete acres em Old Stratford.
- 1603 Com a morte de Elisabete I, a companhia muda de nome para *The King's Men*, uma homenagem ao rei James I Stuart (1566–1625), novo governante.
O rei James I manda escrever uma versão da Bíblia que seria doravante a base da língua inglesa. Especula-se que Shakespeare teria participado da equipe de tradução.
- 1604 *Otelo* é encenado na presença do rei James I.
- 1606 No dia 26 de dezembro, o *Rei Lear* é encenado na corte.

1607 Sua filha Susanna se casa com o doutor John Hall, médico de Stratford. Tiveram apenas a menina Elizabeth, que não deixou descendentes. Shakespeare e seus pares são transformados em *grooms* por James I.

1609 São publicados por Thomas Thorpe os *Shakespeare Sonnets*, aparentemente sem permissão do autor.

1610 Shakespeare volta para Stratford-upon-Avon, um gesto de aposentadoria.

1613 O *Globe Theatre*, de que Shakespeare é sócio, pega fogo e é reconstruído.

1616 Sua filha Judith se casa com Thomas Quincy. Teriam tido três filhos que não deixaram descendentes.

Shakespeare morre de causas não esclarecidas no dia 23 de abril, mesmo dia em que possivelmente teria nascido, e é enterrado no coro da Igreja da Santa Trindade em Stratford upon-Avon. Sobre seu túmulo está escrito:

Bom amigo, por amor a Jesus

Não escave esta poeira.

Bendito seja aquele que conserva estas pedras

E maldito aquele que desarranjar estes ossos.

1623 Publicado por John Heming e Henry Condell o primeiro *folio*, com as obras completas.

Shakespeare foi durante muito tempo cercado de mistério, e sobre a vida de Shakespeare estabeleceu-se uma série de fantasias, das mais incríveis às mais absurdas. Duvida-se até mesmo da própria existência da pessoa, julga-se que as peças teriam sido feitas por um conjunto de pessoas. Isso é completamente errado, embora existam algumas vezes claras indicações de que ele escreveu com auxílio de alguém – mas isso não lhe tira o mérito.

Uma descendente do filósofo inglês Francis Bacon espalhou pelo mundo afora a ideia de que Shakespeare não teria existido e que seria na verdade o Francis Bacon travestido de dramaturgo. Esta mulher, querendo então que se abrisse o túmulo de Shakespeare – que não pode ser aberto, por indicações dele mesmo – dizia que o esqueleto estaria segurando no caixão os documentos que provariam a verdadeira identidade de Shakespeare. Durante anos ela ficou sentada na frente do túmulo, dizendo que não sairia até que abrissem o caixão. Ela ajudou na popularização da tese de que Shakespeare não teria existido.

Outra tese absurda é a de que Shakespeare seria mulher (que não foi ele que escreveu, mas a própria mulher, com o nome dele), o que é muito mais improvável ainda, já que a temática e a abordagem de Shakespeare é essencialmente masculina. Quando você se acostuma a ler literatura, você percebe que uma mulher escreveria isso de outro jeito.

Enfim, sobre Shakespeare há muita mitologia. No entanto, o mais paradoxal disso tudo é que não há razões para tamanha mitologia. Sabe-se que ele foi filho de um nobre católico da baixa nobreza, e isso foi um fato que atrapa-

lhou a vida de Shakespeare logo de início, porque ele nasce naquele momento em que a Inglaterra está se “protestantizando” por obra de um *serial killer* chamado Henrique VIII, que “protestantiza” a Inglaterra, não criando a Igreja Anglicana, porque ela já existia, mas a tornando a igreja oficial dentro da Inglaterra. Henrique VIII começa então a perseguir os católicos – o pai de Shakespeare perde o prestígio social, não pode mais aparecer, não pode nem usar o brasão de armas da família. E Shakespeare foi, no entanto, muito bem criado; foi para as melhores escolas disponíveis na época, teve uma formação boa. Ele é nascido numa cidadezinha do interior, Stratford-upon-Avon, e dali foi para Londres, onde começa uma carreira extraordinariamente bem-sucedida no mundo do teatro.

Esse é um mundo sem diversões públicas – não tem cinema, não tem shows de rock, não tem televisão. Shakespeare então mistura todas as funções teatrais – ele é autor, ator, como era comum na época (no teatro shakespeariano não há mulheres atrizes. No teatro clássico francês já tem mulheres atrizes nessa época, mas na Inglaterra, não), ele é produtor teatral e é empresário. Faz todas essas coisas ao mesmo tempo. Também não esqueçam que o teatro no tempo de Shakespeare era um teatro estatal no sentido de que o rei, para impedir que transformassem o teatro numa arma política, obrigava a que as companhias de teatro fossem patrocinadas por um nobre. Um nobre assumia responsabilidade pública por aquela companhia, de modo que o Shakespeare durante toda a sua vida foi patrocinado por um ou outro nobre importante. É um teatro que acontecia sob as vistas do Estado. Não era um teatro livre. Mas, seja como for, deu muito dinheiro a Shakespeare. Deu tanto dinheiro que, quando morreu, Shakespeare era um sujeito rico.

Ele era sócio de um teatro enorme em Londres chamado *Globe Theatre*. Londres era um lugar muito modesto nessa época (não esqueçam que a nobreza inglesa sempre foi muito mais pobre do que a nobreza francesa) e a nobreza inglesa consentiu que se fizesse ali um teatro de madeira, que pegou fogo, depois foi reconstruído. Quando Shakespeare volta para Stratford-upon-Avon, depois que escreve *A Tempestade* – a mais emocionante das obras de Shakespeare, a sua obra de despedida –, ele volta para uma aposentadoria mais ou menos confortável. Ele só teve filhas; o único filho que teve, Hamnet, morreu muito cedo, durante uma epidemia de peste negra. Os netos não tiveram filhos, logo não há descendentes de Shakespeare. Ninguém pode neste mundo se chamar descendente direto de Shakespeare.

Durante a sua vida ele escreveu uma boa quantidade de peças, todas ficaram de alguma maneira preservadas para o futuro. Há um problema sério, que é a diversidade de versões. Da mesma peça há várias versões diferentes (*Otelo* tem duas ou três versões diferentes), então interessa sempre perguntar qual é a origem da tradução, porque dependendo da versão é de um jeito ou de outro. Isso é assim porque não havia naquela época uma preocupação de edição profissional da obra. O que acontecia é que depois que era encenada a obra, alguém imprimia um texto meio clandestinamente. Os escritores tinham uma impressora tipográfica e alguém imprimia com base em um dos documentos que havia sido usado como texto pelos atores, ou com base na memória de alguém que ouviu a peça várias vezes. Às vezes esses tipógrafos/editores achavam que o final era muito trágico e resolviam mudar o final da peça, porque achavam que seria mais bonito se determinada personagem não morresse. Por exemplo, o final do *Rei Lear* foi modificado por um editor que achava uma tristeza a Cordélia ter morrido. Então o sujeito vai lá e inventa um final em que a Cordélia não morre.

Esta aqui não sofreu nenhuma grande modificação, embora haja diferenças entre as diversas versões. Dependendo do original que é usado, tem um certo jeito de contar a história, e outro. Isso tem a ver com a precariedade editorial daquela época.

Seja como for, *Otelo* é uma das mais extraordinárias obras de Shakespeare. Os especialistas dizem que sob o ponto de vista puro e simplesmente teatral é a obra melhor construída, é uma maravilha para apresentação. Existe uma ópera chamada *Otelo* de Verdi que vale a pena ouvir e existe um filme dirigido por Orson Welles em que ele próprio faz o papel de Otelo, também muito, muito bonito. É uma obra eletrizante e nossas emoções vão se acumulando ao longo da leitura. A leitura é imprescindível. Foi usada aqui uma tradução do Onestaldo de Pennafort, uma beleza de tradução, pena que só se encontra em sebos. Acho que é a melhor tradução disponível do *Otelo*. Foi feita para o teatro, tem uma clareza e uma objetividade extraordinárias.

Às vezes a peça vem com o subtítulo de *O mouro de Veneza*. A história passa-se em Veneza e na ilha de Chipre. A época é 1570, dito pelo Shakespeare. A história se passa não muito tempo antes do momento em que a obra foi escrita (1604) – passa-se uns trinta e quatro anos antes. Nesta época não existia a Itália como a concebemos hoje – havia uma federação de reinos, e entre eles, o Reino de Veneza, chamado República de Veneza, que era dirigida pelos *Doges*, nome que vem da palavra latina *dux* (chefe, comandante). É um lugar extraordinariamente bonito, quase não dá para morrer sem ver Veneza uma vez na vida. Veneza era uma das cidades mais silenciosas que o mundo já conheceu. Não é o caso hoje, com todas aquelas excursões.

Otelo é chamado de mouro, e aí há uma enorme polêmica histórica sobre se ele é negro ou se ele é berbere. Os berberes são povos arabizados do Norte da África, embora não sejam exatamente árabes. Vêm do Magrebe, região do Norte da África, com exceção do Egito. Todos eles são islâmicos, são esses árabes que moram em Paris. A expressão “mouro” é ambígua, se refere simultaneamente aos negros e aos berberes. Não se sabe o que Shakespeare queria dizer com isso. É preciso tomar cuidado para ler Shakespeare e não ser excessivamente literal, porque Shakespeare era um empresário do mundo teatral que fazia uma peça atrás de outra, com uma certa pressa. Tanto é que quando você lê Shakespeare com um pouco de atenção você descobre que há pedaços que não combinam dentro da mesma peça, que existem referências a tempos anteriores que são incongruentes... Por exemplo, a escola onde Hamlet havia estudado antes de vir para os funerais do pai dele não havia sido fundada na época em que Shakespeare diz que aconteceu a história. Há uma porção dessas inconsistências em sua obra. Não é para ler Shakespeare como se lê um livro de história, porque no fundo ele não está muito preocupado com isso. Na verdade ele está criando uma trama cujo sentido central é o que ele quer debater.

Tanto é que a maior parte das peças de Shakespeare é copiada de alguém. Foram influenciadas por outra obra ou por algum fato que ele andou lendo. Não são peças originais e isso não tem a menor importância. Esta história, por exemplo, já existia mais ou menos com a forma que tem numa peça de um italiano chamado Cinthio, que havia escrito um drama equivalente. Mas o que faz Shakespeare? Pega aquelas historietas mal contadas e as transforma em catedrais góticas. Nisso ele é absolutamente incomparável. Ele não é um historiador, às vezes as coisas que ele conta não são muito precisas.

Neste caso, houve de fato uma briga entre os turcos otomanos e os venezianos em torno de Chipre, mas não é um livro para contar essa história, e sim para contar do amor entre Otelo e Desdêmona, que é tudo o que ele quer nos explicar.

RESUMO DA NARRATIVA

Escrito entre 1602 e 1604 e encenado pela primeira vez em 1604

PROF. MONIR: Sempre se sabe quando Shakespeare foi encenado na primeira vez. Como o teatro era estatal, todo o mundo sabia quando era feita a encenação. Agora, quando foi escrito, ninguém tem certeza.

na presença do Rei James I,

PROF. MONIR: Este é o famoso rei James da Bíblia, o que inventou o inglês moderno. Quando o rei mandou traduzir a Bíblia para o inglês – como também Lutero fez na Alemanha –, ele criou o padrão oficial da língua inglesa. Comenta-se, sem se ter certeza, que Shakespeare teria feito parte da equipe que traduziu a Bíblia para o inglês. Desconfia-se disso pela quantidade anormal de expressões “*shake*” e “*spear*” dentro da tradução inglesa, como se ele tivesse colocado suas impressões digitais. É claro que isso é um pouco de folclore.

Otelo, o Mouro de Veneza teria sido inspirado na obra *Hecatomithi* de Giraldo Cinthio (1504–1573). A ação passa-se em Veneza e Chipre, por volta de 1570. A cidade italiana, naquela época autônoma, um estado no sentido moderno da palavra, era uma república dirigida por um Doge. Shakespeare inicia a encenação

contando diretamente ao público, pela boca de Iago, que Desdêmona, filha do senador Brabâncio, havia se casado secretamente com Otelo, um nobre mouro² a serviço da República de Veneza. Acusado perante o senado de ter “roubado” a filha do senador e simultaneamente convocado pelo mesmo senado para liderar as tropas venezianas contra os turcos que ameaçavam Chipre, fato histórico, a situação tensional de Otelo simboliza logo de início o clima dramático que permeará toda a obra.

A tradução utilizada é a de Onestaldo de Pennafort, que a empreendeu especialmente para a montagem da peça, em março de 1956, pela então recém criada companhia Tônia Celi Autran, dissidência do Teatro Brasileiro de Comédia. A tradução, escrita em 1955 e editada em 1956 pela Civilização Brasileira, foi elogiada por Manuel Bandeira em crítica no Jornal do Brasil onde lembra que *“traduzir Shakespeare é como executar acrobacias de trapézio sem rede embaixo”*.

PROF. MONIR: Se Manuel Bandeira achou a tradução boa, já é um grande indicativo de que é boa mesmo. A tradução é extraordinária, muito, muito boa mesmo. De fato, é a melhor de todas as traduções brasileiras, que são boas, de modo geral.

É importante que vocês reparem que logo de início a história já começa com a ideia do casamento. Nós não sabemos como é que esses dois se conheceram, nós não sabemos se eles namoraram muito tempo... Na verdade eles se casaram logo no início da peça. E isso tem muita importância depois, na interpretação. Peço que vocês prestem atenção nesse detalhe.

2 Nota do resumidor – Haverá polêmica eterna sobre se Shakespeare refere-se a um negro ou a um berbere com a expressão “moor” (mouro). Interessou ao autor, de fato, estabelecer um grande contraste entre os consortes e apenas isso.

A história começa com um soco na boca do estômago, por meio das palavras de Iago. Iago é, de todas as personagens shakespearianas, a pior. Não há ninguém mais vil, ninguém pior, ninguém mais mau caráter, mais delinquente, mais malfeitor do que Iago. Há por exemplo o Edmundo, no *Rei Lear*. Edmundo não é tão ruim quanto o Iago, porque o Edmundo queria o poder do irmão, queria destronar o irmão Edgar. Mas esse Iago, não. Ele é adepto de um mal absoluto. Esse Iago, que é a personalidade negativa desta história, é completamente dedicado ao mal.

Iago começa nos contando que o Otelo, que é um mouro – alguém que não é italiano, um sujeito estrangeiro, seja árabe ou negro, vindo de uma região do mundo que era vista como menor – casou-se com a Desdêmona, filha do senador Brabâncio, quase o homem mais influente da República de Veneza naquela época. Isso é um choque enorme. Hoje em dia não parece tão chocante, mas se você recuar no túnel do tempo para essa época, haverá de lembrar que isso é uma coisa muito chocante. Que este fato que aconteceu é muito, muito grave.

E assim começa a história que, como quase em todas as peças, tem cinco atos. Estamos em Veneza, 1570, na casa dos Doges, dos governantes de Veneza, quando chega a notícia de que houve o tal do casamento.

Ato I

Cena I. Veneza. Uma rua.

Rodrigo, um rico veneziano, e Iago, um alferes, vêm pelas ruas de Veneza conversando. Iago queixa-se de ter sido preterido pelo General Otelo na escolha de seu

novo lugar tenente, cargo oferecido a “um simples contabilista³,

PROF. MONIR: No original não está escrito contabilista, mas aritmético. A tradução é muito boa. O sentido desse “um grande aritmético” parece ser mesmo o de um contabilista, quando você vai lendo o texto. Contabilidade também não devia existir naquela época, do jeito que é hoje. O que se quer dizer aqui é que o Iago acha que o Cássio é um homem de números. Não é um militar, não é um soldado de verdade. Por isso é que ele está furioso em ter sido preterido pelo outro. O Comandante Otelo, na hora de escolher um lugar-tenente (não no sentido moderno, mas no sentido de “aquele que está no lugar”) escolheu Miguel Cássio, e não a ele, Iago.

um tal de Miguel de Cássio, um florentino janota...” que, na opinião dele, seria incapaz da arte da guerra e lamenta se:

IAGO

*Enquanto eu, que tantas vezes,
aos olhos do próprio Mouro,
dei tanta prova de mim,
em Rodas, Chipre e outras terras
de cristãos e de inféis,
eu cá fico a sotavento
desse perito de... cálculos! (pág. 37)*

3 Nota do resumidor – No original está marcado “a great arithmetician”.

PROF. MONIR: “*Ficar a sotavento*” significa: “Eu, que sou um grande soldado, estou aqui subordinado a este contabilista”. “Sotavento” é “contra o vento”. Vocês já perceberam que tudo começa com a inveja que o Iago tem do cargo de Cássio. Esses nomes aí são muito fáceis de lembrar. Na verdade só tem quatro ou cinco personagens importantes aqui, que são o Otelo e a Desdêmona (o casal romântico), o Iago (quase a pessoa central na história) e o Cássio, que foi o escolhido por Otelo para ser o seu substituto. Tem outras personagens, mas estes quatro serão os mais importantes de todos.

E emenda: “*Pois bem, agora diz-me tu mesmo: posso morrer de amores pelo Mouro?*” Continua seu discurso fazendo uma autoanálise:

IAGO

*Pois, meu caro, tão certo como tu
chamares-te Rodrigo, eu cá, se fosse o Mouro,
não queria um Iago a meu serviço.
Sirvo a mim próprio apenas, quando o sirvo.
E o céu é testemunha de que o sirvo,
não por estima, nem por dedicação,
embora sob a capa de tais lérias,
mas tão somente porque me convém. (pág. 38)*

PROF. MONIR: “*Sob a capa de tais lérias...*”: “embora eu fique com esta conversa afiada, no fundo, no fundo, eu só faço o que me convém”. O que vocês acham desta declaração de personalidade do Iago? Ele está aqui fazendo uma declaração de que ele é um sujeito que não serve a ninguém, mesmo, que não é leal. Vocês simpatizaram com ele, agora? Vocês já perceberam

que o Shakespeare não gosta desse Iago, não é mesmo. Garanto que até o final da história vocês vão querer matar este Iago.

A dupla chega à casa do Senador Brabâncio e embaixo da janela, aos gritos, o acorda dizendo-lhe que ele havia sido “roubado”: *“perdestes a metade de vossa alma. Agora, neste instante, um velho carneiro negro está cobrindo a vossa ovelhinha branca... Rápido! Rápido! Enquanto o diabo, num esfregar de olhos, não vos faz um neto!”*

PROF. MONIR: Vejam que grosseria. A ovelhinha branca é a Desdêmona e o carneiro negro é o Otelo. Shakespeare é um sujeito malcriadíssimo. Não há nenhuma preocupação em Shakespeare com linguagem educada. Todos os palavrões que vocês possam imaginar estão em Shakespeare. Ele fará grosserias terríveis ao longo desta história. Mas olhem quem está falando debaixo da janela – é o Rodrigo, que é um sujeito rico apaixonado pela Desdêmona e esse Iago, que quer se vingar do Otelo porque queria o lugar dele. São duas pessoas irmanadas, por razões diferentes, contra o Otelo, que estão acordando o mais importante senador da república para avisá-lo de que a filha dele havia fugido com o Otelo.

O senador, da janela, acusa Rodrigo de estar novamente assediando a filha dele, Desdêmona, mas o rapaz declara ter vindo *“com a melhor e a mais honesta das intenções”*. Iago confirma as boas intenções da dupla, insistindo que os dois haviam vindo impedir que a filha dele fosse *“coberta por um cavalo da Barbéria”*.

IAGO

Quereis que os vossos netos relinchem para vos pedir a benção? Agrada vos uma parentela de corcéis e ginetes? (pág. 40)

TODOS: [risos]

PROF. MONIR: Seja como for, é um pouco grosseiro esse jeito de falar. Já na terceira página, a história está neste nível de intriga.

Rodrigo esclarece finalmente que Desdêmona, a *"linda filha... se entregou às grosseras carícias de um mouro lascivo"*. Brabâncio acorda a criadagem alvoroçada. Iago resolve desaparecer porque, *"no seu posto"*, não seria prudente *"ser citado como testemunha contra o mouro"*.

Brabâncio inicia a procura pela filha, *"de casa em casa"*.

PROF. MONIR: A filha tinha de fato sumido, e tinha de fato casado com Otelo. Por casar se entende que os dois ficaram numa situação íntima naquela noite, sem haver um ritual religioso. "Ficaram".

O resumo não contou para vocês isso, mas vale a pena dizer que o Iago não se deixa reconhecer pelo Brabâncio, só o Rodrigo. E aí ele se esconde, mostrando que além de todas as más características que ele tem, também é covarde e dissimulado.

Cena II. Veneza. Outra rua.

Na mesma noite, numa outra rua de Veneza, conversam Otelo, Iago e oficiais.

Iago maliciosamente indaga a Otelo: *"Mas, disse-me, senhor, é certo que casastes?"*

Otelo confirma e Iago quer saber se ele não teme o poder do Magnífico⁴.

4 Nota do resumidor – Referência ao Senador Brabâncio.

PROF. MONIR: A esta altura o Brabâncio está correndo a cidade inteira atrás da filha, e o Iago se encontrou com o chefe dele, estão andando na rua e o Iago se faz de desentendido.

Otelo diz que “*mais alto falarão (seus) serviços prestados ao Estado que as suas queixas*” e declara a grandeza do seu amor.

OTELO

*Fica sabendo, Iago: se não fosse
este amor que a Desdêmona consagro,
jamais poria freios e fronteiras
à minha vida aventureira e errante,
nem por todo o tesouro que há nos mares! (pág. 46)*

PROF. MONIR: Vocês se dão conta da enormidade que é este fato? O homem é um general, um soldado, mouro, tem uma vida aventureira e de repente ele casa com a mulher mais desejável de Veneza, filha do senador mais poderoso, e que de alguma maneira o civiliza, o transforma num ser controlável. É uma situação de uma gravidade extraordinária.

Chegam Cássio e oficiais com tochas. A comitiva vem convocar Otelo, em nome do Doge, para uma assembleia cujo assunto está ligado a Chipre. Os senadores estariam reunidos emergencialmente. Quando Otelo se afasta, Iago faz comentários maliciosos para a comitiva, comunicando indiretamente o casamento do Mouro.

IAGO

*É que esta noite
ele fez a abordagem de uma certa
caravela terrestre. E se vier
a comprovar que a sua presa é boa,
ficará ancorado para sempre. (pág. 47)*

No caminho da sala do conselho, a comitiva é interceptada pelo grupo de Brabância que cobra de Otelo: “*Ladrão, onde escondeste a minha filha?*” Seus acompanhantes desembainham as espadas, mas Otelo adverte: “*Embainhai vossas armas reluzentes, para que não as embacie o orvalho*”⁵. Apesar de o senador desejar prendê-lo, submete-se à convocação mais alta do próprio Doge e vão todos juntos para o palácio.

PROF. MONIR: Eles não podem prender Otelo, que acabou de ser convocado pelo próprio Doge – a maior de todas as autoridades da república. Agora Otelo vai para o palácio, para ser acusado pelo ato de raptar a filha do senador e ao mesmo tempo para ser convocado para liderar as tropas venezianas contra os turcos otomanos, que vão atacar Chipre.

Então percebam que no início da conversa já existe uma espécie de tensão entre estes dois destinos: esta culpa implícita em Otelo, por ter raptado a moça, e o fato de que ele pode ser o maior de todos os comandantes. Esta tensão natural é um fato muito comum na história. Existe um filme chamado Beau Geste, que aliás foi o Portugal que mandou assistir, há vinte anos,

5 Nota do resumidor – No original consta com concisão admirável: “Keep up your bright swords, for the dew will rust them”.

em que se conta uma história assim: a história se passa no Norte da África, lá a fortaleza da legião estrangeira. Tem lá um sujeito que é um sargento cruel e sanguinário (é o Ernest Borgnine que faz o papel), que aterroriza o forte. Aí os soldados resolvem matá-lo, e fazem uma armadilha. Na hora que vão dar a facada final, há um ataque ao forte por parte dos berberes e eles são obrigados a soltar o sargento, porque ele era o único que tinha capacidade de conduzir a tropa contra o inimigo.

Isto é o que acontece nesse momento com Otelo. Ele vai ser chamado a responder pelo rapto e ao mesmo tempo ele vai ser convidado a liderar a esquadra, as forças venezianas contra um inimigo poderoso. Esta luta entre Veneza e os turcos otomanos aconteceu de fato. Estamos nos estertores do domínio otomano que acontece nesta época.

Cena III. Veneza. A sala do conselho.

O Doge, os senadores e os oficiais discutem a ameaça turca a Chipre. Chega a notícia de modificação do destino da esquadra otomana para a ilha de Rodas, fato incompreensível para os presentes, já que Rodas é muito bem defendida. Nova notícia dá conta de que os turcos, reforçados com uma segunda esquadra nas imediações de Rodas, rumariam agora para Chipre. Neste momento chegam Brabância e o “*valeroso Otelo*”, e demais oficiais.

O conselho quer tratar da guerra, mas Brabância insiste em falar de seu infortúnio que “*tal uma inundação... a tudo leva na enxurrada*” e, para espanto do Doge e de todos, indica Otelo como perpetrador de tal afronta, agravada por ter sido feita com magia, porque Desdêmona seria “*sossegada e tímida, a ponto que chegava a corar das próprias emoções*”. Otelo confirma os fatos: de fato havia raptado

Desdêmona e se casado com ela, mas adverte: *"Toda a larga extensão da minha culpa daí não passa. Em meu falar sou rude, inábil no versar a linguagem da paz"* e, não obstante, propõe contar como aquele amor nascera.

PROF. MONIR: Não é que tenha havido um casamento como o de Romeu e Julieta, no sentido de os dois terem fugido e o frei casá-los. Aqui está suposta apenas a união carnal. Mas o que é espantoso e interessante é que Shakespeare não está nos dando muita informação sobre o que aconteceu até aquele momento. É como se ele não tivesse interesse em nos contar detalhes sobre como aquilo havia acontecido, como é que ele tinha fugido com a moça... Isto tudo não está em cogitação neste momento, ele nunca nos conta isso. Na verdade Otelo diz que consumadamente houve a união com a moça e que ele não a havia raptado. O pai dela acha que ele a conquistou por magia, porque ela era uma moça muito tímida, *"que corava até mesmo das próprias emoções"*. Como é que uma moça dessas ia logo casar com um fulano daqueles? Só se tivesse sido enfeitiçada por ele. Então para garantir que isso não aconteceu ou constatar que havia ocorrido, chamam a moça para prestar depoimento.

O Doge manda convocar Desdêmona cujo paradeiro é informado pelo Mouro. Enquanto a moça é trazida, Otelo conta à assembleia que frequentava a casa de Brabâncio e contava à moça as aventuras e perigos por que havia passado e que, por isso, ela se havia apaixonado por ele: *"Ela me amou pelos perigos que corri e eu a amei pela pena que ela teve"*. No conselho, pouco depois, Desdêmona confirma seu livre engajamento matrimonial, afastando a tese do rapto:

DESDÊMONA

Meu nobre pai, aqui defronto dois deveres.

A vós vos devo vida e educação.

Ambas me fazem ver que sois aquele

a quem devo respeito para sempre.

Sempre a vós, como filha, obedeci.

Mas vejo aqui também o meu marido.

E a mesma submissão perante vós

a que se sujeitou minha mãe outrora

e que ela sobrepôs à que a seu pai devia,

é a que ora, com razão, julgo dever

ao Mouro, meu esposo e senhor. (pág. 59)

PROF. MONIR: Então ela legitima a união. Não paira nenhuma dúvida de que a união entre os dois tinha sido completamente voluntária, que Desdêmona não tinha feito nada contra a sua vontade. Otelo é muito mais velho do que a Desdêmona. Ele é um velho soldado, com histórias de muito grande bravura, e ela é uma moça virgem, completamente inocente nas coisas da vida, que se apaixonou por ele. E aí então este casamento foi consolidado. Não resta mais dúvida, de agora em diante, de que este casamento é legítimo.

Com esta declaração, Brabâncio conforma-se a contragosto e concorda em passar “aos negócios do Estado”, não sem antes entregar de má vontade Desdêmona a Otelo: “Aproxima te, Mouro. Aqui te dou, de todo o coração, o que também de todo coração te negaria, se porventura já não fosse teu”.

PROF. MONIR: O Brabâncio aceita o fato.

O Doge apoia o gesto, lembrando que *“o roubado que ri furta algo ao seu ladrão; se a chorar perde tempo, a si se rouba então”*, mas Brabâncio relembra que *“sentença que propõe consolo ao sofredor é mais fácil de seguir, quando é alheia a dor”*.

PROF. MONIR: Claro. Não é a filha do Doge que fugiu com o Otelo, não é? Vocês compreendem que para a sociedade da época esse casamento muito, muito traumático?

Mudando finalmente para os assuntos de Estado, o Doge resume a situação:

DOGE

Os Turcos, com uma poderosa armada, fazem-se de vela rumo a Chipre. Melhor do que ninguém, Otelo, conheces as condições daquela praça. E não obstante termos lá um outro comandante de reconhecido valor, em ti recai a nossa escolha que, aliás, reflete a opinião geral, para o comando da guerra. Deves resignar-te, portanto, a permitir que a tua recente felicidade seja empanada por esta dura e turbulenta expedição. (pág. 60)

PROF. MONIR: Desta situação Otelo sai com a mulher legitimada pelo próprio Doge e sai com uma missão perigosíssima, que é impedir que os turcos otomanos invadam Chipre. Chipre é uma ilha no meio do Mediterrâneo, perto da Itália, que nesta época estava ocupada pelos venezianos. Até o momento, a vida de Otelo parece bem-sucedida, porque ele tem a mulher que ele queria, uma mulher quase impossível, e ao mesmo tempo ele é o maior general de Veneza. Então não é pouca coisa, não é isso?

Como Otelo aceita a missão (*"Nada mais me alegra e me estimula do que enfrentar as provações mais duras"*), Desdêmona pede ao conselho que permita que ela acompanhe o marido a Chipre. Desfeita a reunião, o Doge comenta com o inconsolável Brabâncio: *"Se o emblema da virtude é a alvura, eu asseguro, Senhor, que o vosso genro é mais branco que escuro"*. Um senador resume: *"Adeus, valente Otelo, adeus! Faze Desdêmona feliz!"* ao que Brabâncio sombriamente emenda: *"Abre os teus olhos, Mouro, e sê bem cauteloso: se ela enganou o pai, pode enganar o esposo"*.⁶

PROF. MONIR: Esta moça é vista como tendo feito uma malandragem, como tendo feito um casamento escuso, sem pedir autorização. Muito difícil achar alguém que chegou em casa dizendo: "Olhem, casei ontem à noite". Nem hoje se faz isso. Imagine naquela época, uma atitude destas da filha do senador. Shakespeare não nos conta em que circunstância tudo isso aconteceu. Ele simplesmente diz que isso aconteceu. E esse fato de que ele entra direto no assunto é muito importante na interpretação.

Esta moça então acabou neste pedaço da história saindo-se como traidora da confiança paterna. Tudo indica que ela não tem mãe, porque a mãe nunca é mencionada. Não está escrito aqui, mas saberemos mais tarde, que o senador morre de desgosto por causa do casamento.

Otelo, que parte imediatamente, encarrega Iago e sua mulher Emília de transportar Desdêmona a Chipre. Iago e Rodrigo, constatando o fracasso da intriga, expressam sentimentos conflitantes. Rodrigo, que é apaixonado por Desdêmona, quer *"morrer"* porque não tem *"virtude bastante para (se) emendar"*, mas Iago está mais filosófico:

6 Nota do resumidor – Mais tarde ficaremos sabendo que o Senador Brabâncio morreria de desgosto com este casamento.

PROF. MONIR: Iago fará agora o discurso mais famoso desta peça, no qual eu pediria que vocês prestassem muita atenção, porque vai nos ajudar depois a entender o sentido da obra.

IAGO

Virtude uma figa! De nós mesmos depende sermos deste ou daquele feito. O nosso corpo é uma horta de que o nosso arbítrio é o hortelão.

PROF. MONIR: Esta é a frase mais famosa desta peça, traduzida às vezes como: “*Nosso corpo é um jardim e a nossa vontade é o jardineiro*”. Todo esse pessoal envolvido com assuntos de medicina alternativa utilizam essa frase para apoiar a ideia de que você é o que você come. No mundo moderno se acredita nisso, como se toda a vez que o coelho comesse alface, o coelho virasse alface, quando acontece justamente o contrário – é a alface que vira coelho, não o contrário [risos].

De forma que se quisermos plantar nele urtigas ou semear alface, criar hissopos ou mondar tomilho, cultivar nele um só gênero de ervas, ou espécies variadas; torná-lo estéril pelo nosso ócio ou fertilizá-lo com o nosso amanhã, é em nós mesmos, na nossa própria vontade que estão o alvitre e o poder para tanto. Se na balança da nossa vida não houvesse o prato da razão para equilibrar o outro prato das paixões, os nossos humores e a baixaza dos nossos instintos nos levariam às mais absurdas conseqüências. (pág. 64)

PROF. MONIR: Completamente notável que quem tenha dito isso seja o Iago. O Iago não é o sujeito que está lidando com os sentimentos de vingança? Também de inveja, porque no fundo o Iago também tem uma certa tendência amorosa para com a Desdêmona. Mas vejam, um sujeito motivado pela

vingança faz um discurso filosófico como este aqui? Um discurso filosófico de uma maturidade extraordinária, que cairia na boca de qualquer filósofo da época? É um fato notável que tenha sido o Iago quem diz isso: “O modo como o nosso jardim será cuidado depende só de nós”; “Nós é que temos a autoridade sobre isso...” Depois a gente volta a esse ponto na interpretação.

Iago, que não quer desistir, convoca Rodrigo para continuar (“*Vem também para a guerra*”). Aconselha-o a vender metade de suas propriedades para fazer dinheiro e investir na empreitada.

IAGO

Não é possível que Desdêmona continue por muito tempo enamorada pelo Mouro – põe dinheiro na tua bolsa – nem ele por ela. Amor que começa violentamente tem desfecho correspondente. Põe dinheiro na tua bolsa. Esses mouros são volúveis por natureza. Enche a bolsa de dinheiro. O manjar que para ele por enquanto é adocicado como o mel, em breve lhe amargará como fel. Ela mudará porque é moça. Quando se saciar das carícias dele e perceber a esparrela em que caiu, há de querer trocá-lo por outro, se há de!... e então... põe dinheiro na tua bolsa. (pág. 65)

PROF. MONIR: O Iago precisa agora convencer o Rodrigo, que é quem publicamente declara amor a Desdêmona, que é preciso investir contra aquele amor. E que ali há disparidades tão grandes que a Desdêmona vai desistir do Otelo e que, quando o fizer, o Rodrigo é que vai sair ganhando. O Iago agora começa a montar um plano para destruir o casamento de Desdêmona e Otelo.

Resume sua disposição de vingança, dizendo a Rodrigo que *“mais vale enforcares te depois de ter satisfeito o teu desejo, que te afogares sem a teres possuído...”* *“O motivo do meu ódio está arraigado no meu coração e assim deve estar a razão do teu. Unamo nos, pois, para a vingança”*.

Quando Rodrigo sai, Iago conta para si mesmo o plano:

IAGO

*Ao cabo de algum tempo, irei insinuando
aos ouvidos do Mouro que há uma grande,
uma excessiva familiaridade
entre sua mulher e Cássio... Este, que é guapo,
insinuante e belo,
foi feito para despertar ciúmes,
talhado, como está, para deitar
a perder as mulheres... Do seu lado,
por natureza, o Mouro é confiante...
Julga honestos os homens que o parecem...
Deixar se á conduzir pelo focinho,
docilissimamente, como um asno...
É isso! Achei!... O plano está gerado.
Agora, o diabo e a noite é que darão
à luz do mundo o monstruoso embrião. (págs. 66–67)*

PROF. MONIR: Olhem que expressão extraordinária: *“Agora, o diabo e a noite (a escuridão) é que darão à luz do mundo o monstruoso embrião”*. Iago, através de um conjunto extraordinariamente bem feito de intrigas, vai produzir o embrião de um grande desastre. O plano essencial de Iago é fazer o Otelo

ficar com ciúmes do Cássio. O Cássio é aquele fulano cuja posição de lugar-tenente do Otelo o Iago almeja. O Miguel Cássio é um jovem sem defeitos maiores que é o principal ajudante do Otelo, que Iago deseja derrubar.

Ato II

Cena I. Porto de mar na ilha de Chipre. Uma esplanada no cais.

Entra Montano, governador de Chipre que seria sucedido por Otelo, com dois gentis homens que comentam a grande tempestade⁷ que havia atingido a ilha.

PROF. MONIR: A tempestade é uma figura literária essencial dentro de Shakespeare. A ideia central da tempestade é que ela gera a volta ao caos. Então quando você se lembra da Bíblia, que “*no início, o espírito de Deus pairava sobre as águas*” – a água sobre a qual pairava o espírito de Deus é a água do caos inicial, é aquela situação sem forma que pode se transformar em qualquer coisa. Para Shakespeare, uma maneira boa de recolocar as personagens e de produzir a devolução da clareza aos homens é jogá-los na tempestade. Então o Rei Lear só consegue enxergar alguma coisa quando enlouquece na tempestade. A mesma coisa acontece em *A Tempestade*. Há uma tempestade que destrói a armada, e que obriga aqueles nobres todos a caírem na ilha onde morava Próspero e Miranda para que pudesse se restabelecer a normalidade. Para Shakespeare, a tempestade é sempre um fato dramático, caótico, que produz a devolução da razão às pessoas. As tempestades são os grandes desastres da vida, que fazem com que elas com-

7 Nota do resumidor – Referência ao afundamento por uma tempestade, em 1588, da Grande Armada de Filipe II, fato contemporâneo a Shakespeare e que deu à Inglaterra o domínio dos mares. Há tempestades também em Rei Lear e A Tempestade.

preendam determinados aspectos da vida que não compreendiam antes. Então aqui neste caso também há uma tempestade, uma tempestade que também é uma referência à tempestade que destruiu a Grande Armada de Filipe II, a partir de cuja destruição a Inglaterra mandou nos mares – até agora, há pouco tempo, até a I Guerra Mundial. Depois, nunca mais.

Nota o governador que *“se a armada turca não se abrigou nalguma enseada ou porto, deve ter ido a pique. É impossível resistir à tormenta”*. Entra um terceiro gentil homem que confirma as *“desastrosas perdas e soçobro quase total da armada deles”*.

A armada veneziana também havia se dispersado na tempestade, por isso chegara antes Cássio, *“bastante apreensivo, rogando aos Céus que se salve o Mouro, do qual o separou o temporal no mar”*. Chega também, com uma semana de antecipação, a nau de Iago trazendo, *“sã e salva, a divina Desdêmona!”* Cássio recebe a comitiva e faz elogios à Emília. Iago destila grosserias e ironias sobre as mulheres em geral: *“no trabalho doméstico, ociosas; diligentes e ativas... só na cama”... “levantam de manhã... para os ócios... do lar... de noite deitam para trabalhar”*.

PROF. MONIR: Esse Iago é bem grosseiro, cá entre nós. Vocês viram o que aconteceu? Quando a tempestade destruiu a armada dos turcos, acabou o problema militar do Otelo. Agora só tem o problema sentimental. Iago e sua mulher Emília chegaram antes trazendo Desdêmona, e Otelo ainda está perdido no meio do mato. O Cássio também já chegou. Começa então essa conversa em que o Iago faz todo o tipo de grosseria possível, obviamente dentro dos limites de prudência.

Pressionado por Desdêmona a fazer comentários especificamente sobre ela, após certa hesitação, comenta: *"Bela, clara e sutil, usa o espírito e o apura em saber como usar a sua formosura"* e outras observações irônicas. Desdêmona, mantendo o bom humor, diz dele ser *"o mais atrevido e irreverente dos tagarelas"*. Quando Cássio se afasta com Desdêmona, que lhe oferece a mão, Iago comenta à parte:

IAGO

Pega lhe na mão... hum, muito bem, muito bem... Anda, cochicha lhe no ouvido... Será com uma teia diáfana como essa que apanharei um moscardo do tamanho desse Cássio... Ah... sorri para a tua bela... assim... Corteja a bem, enquanto eu cá formo o cortejo das tuas desgraças... Fazes bem... é assim mesmo... (pág. 79)

PROF. MONIR: Vejam que sujeito maligno: É nesta *"teia diáfana que apanharei um moscardo do tamanho desse Cássio"*. Um moscardo é um inseto grande. Ele já percebeu que está dando certo o plano, porque Desdêmona e Cássio têm simpatia mútua, dá para você supor até mesmo alguma atração, mesmo que platônica, e ele vê que há meios de sustentar a tese da infidelidade da Desdêmona com esse Cássio, pelo comportamento deles.

Chega finalmente a embarcação de Otelo que recebe Desdêmona chamando a *"Minha bela guerreira"*: *"se para mim agora as tempestades serão seguidas de uma tal bonança, então rujam os ventos insofridos até que a morte acorde..."* Desdêmona responde dizendo que *"Deus há de permitir que o nosso amor e seus prazeres todos na medida do tempo aumentem sempre"*. Mas enquanto Otelo comemora o encontro com sua amada, Iago conspira:

IAGO (á parte)

*Como estais afinados! Mas deixai,
que, ou não me chamo Iago,
ou já vou afrouxar essas cravelhas
e era uma vez a bela melodia! (pág. 81)*

PROF. MONIR: “*Afrouxar as cravelhas*” é tornar as cordas soltas, de modo que vai desafinar. Tudo o que Iago quer é destruir esse casamento. Quando eu digo que ele é muito pior do que o Edmundo... O Edmundo quer ficar como o poder do irmão. Esse aqui, não. Ele quer destruir o casamento a todo o custo. Quando ele fala isso, não fala abertamente, mas à parte. Esse é o recurso teatral para contar alguma coisa que o público finge que é só ele que sabe, e os outros atores fazem de conta que não ouviram. O Iago está o tempo todo nos orientando sobre como está indo o plano que ele montou para destruir o casamento do Otelo e da Desdêmona.

Começando a execução do plano, Iago comenta com Rodrigo ter notado que Desdêmona “estaria louca” por Cássio e que “*uma vez saciado o ardor dos sentidos pela prática do prazer, para que ele torne a se inflamar e dê à saciedade um novo apetite, é preciso que sobrevenha a fascinação da beleza, a conformidade das idades, do gosto, sedução de maneiras, – tudo isso de que o Mouro é desprovido.*”

PROF. MONIR: Depois que passa aquela paixão sexual, aí conta a diferença de idade, a diferença social, etc. Tudo isso o Mouro não tem, porque ele é um sujeito da África e a Desdêmona é uma moça italiana, da corte de Veneza.

Rodrigo não acredita nesta hipótese porque acha que Desdêmona é virtuosa. Iago retruca: “*Virtuosa só na casca! O vinho que ela bebe é feito de uvas.*”

Iago manda Rodrigo provocar Cássio para uma briga naquela noite, ocasião em que Iago iria aproveitar-se para desmoralizar publicamente o lugar tenente.

Depois que Rodrigo sai, Iago faz nova reflexão.

IAGO

Que Cássio ama Desdêmona, acredito;

e que é amado por ela, é bem provável.

Embora odiando o Mouro, reconheço

que, além de nobre, é fiel e carinhoso,

devendo ser um ótimo marido.

Ora, sucede que também a quero,

não por carnal concupiscência apenas

(conquanto eu não esteja nada isento

de tal pecado), mas também em parte

por um igual desejo de vingança,

pois que suspeito que o lascivo Mouro

andou a cavalgar na minha sela.

PROF. MONIR: “*Andou a cavalgar na minha sela*” é ter saído com a mulher dele, que é a Emília. Então vejam, ele deseja o mal do outro não apenas por concupiscência – porque nesse momento Iago nos contou que também deseja a Desdêmona. Conta que não é apenas isso que o motiva, mas que ele está querendo se vingar (isso a gente não sabia ainda) porque acha que o Otelo andou saindo com a mulher dele, a Emília. Isso é apenas uma suposição, porque em nenhum momento da peça isso é realmente confirmado.

*Já essa idéia só, como um veneno,
me corrói as entranhas. E por isso
que nada, nada, acalmará a minha alma,
até o dia em que eu lhe dê o troco:
é mulher por mulher! (pág. 84)*

PROF. MONIR: Qual é a opinião sobre Iago que vocês têm até agora? Boa?
Média?

ALUNOS: *[Interjeições de repúdio.]*

Cena II. Uma rua de Chipre.

Um arauto anuncia festas públicas para comemorar a derrota da armada turca e as núpcias de Otelo, o novo governador de Chipre.

Cena III. Uma sala do castelo.

Com a cidade em festa, Otelo incumbe Miguel Cássio de providenciar para “*que seja observado o justo limite de discrição que até os divertimentos devem obedecer*”. Miguel Cássio diz já ter encarregado Iago. Otelo, Desdêmona e séquito saem. Entra Iago e, com grosseria, refere-se a Desdêmona como um “*petisco digno de Júpiter*” e incentiva Cássio, que “*tem a cabeça fraca para a bebida*” a tomar vinho com os outros oficiais que Iago já se incumbira de embriagar. Cássio, alterado pela bebida, não consegue colocar a postos a guarda, que havia bebido mais do que ele. Durante a cena, Iago comenta maliciosamente com Montano que Cássio é useiro em embriagar se: “*Isso é sempre o prólogo do seu sono*”.

PROF. MONIR: Iago insinua que Cássio não conseguiria dormir sem tomar um porre antes. Montano é o governador de Chipre que está saindo. Vocês não ficam com a sensação de que o Iago controla toda a ação nessa história? Tem alguma coisa acontecendo que o Iago não esteja fazendo acontecer? Ele embebedou a guarda, e conseguiu que o Cássio se embebedasse. Todas as coisas que ele planeja de alguma maneira funcionam. Não se pode dizer que ele não seja um estrategista. Por mais que vocês estejam com má vontade com o pobre rapaz, não se pode dizer que ele não tenha uma capacidade boa de estratégia.

Chega Rodrigo, igualmente bêbado, e conforme o plano, ofende e desafia Cássio, que reage: *"Vou surrá-lo tanto, que ele depois parecerá uma garrafa empalhada"*.

PROF. MONIR: O Rodrigo é aquele rico que quer casar com a Desdêmona e que o Iago está transformando em financiador do plano.

Começa uma briga envolvendo vários homens. Iago aproveitando a situação manda espalhar por Rodrigo que estava acontecendo um motim. Chega Otelo, alertado pela gritaria. Montano desfalece dizendo-se mortalmente ferido. Otelo pede explicações: *"Transformamo-nos, por acaso, em turcos, para nos fazermos a nós mesmos o que o Céu não permitiu que eles nos fizessem?"* Iago em princípio faz-se de desentendido, mas aos poucos vai comprometendo Cássio como causador do distúrbio. Enganado pela malícia de Iago, Otelo destitui Cássio do cargo de tenente: *"Cássio, apesar de continuar a estimar-te, não serás mais meu imediato"*.

PROF. MONIR: Então, está funcionando o plano do Iago? Ele acabou de queimar o filme do Cássio como tenente, como capaz de conduzir o forte militarmente.

Sozinho com lago, ainda embriagado e sem se dar conta do plano de que foi vítima, Cássio lamenta se:

CÁSSIO

Reputação! Reputação! Reputação! A minha está perdida! O que em mim era imortal, lá se foi! Resta me apenas a parte animal. Minha reputação, lago, minha reputação!

(...)

CÁSSIO

Eu, um oficial, bêbado! Desapontar, levianamente, impudentemente, um comandante tão bom! O que eu mereço mesmo é o seu desprezo. Embebedar se a gente! tagarelar! como papagaio! e brigar! gritar fanfarronadas! praguejar! investir contra a própria sombra com arengas ridículas! Ó espírito invisível do vinho! Se não tens nome com que te chamem, eu te batizo demônio! (págs. 96-97)

PROF. MONIR: O Cássio, que não entendeu nada, porque não sabe que aquilo é um plano, está se autoculpando de ter se embriagado e perdido o controle. Ele de certa maneira é culpado, porque podia não ter bebido, mas ele não entende que o lago planejou tudo aquilo. Então ele não vê ninguém a não ser um amigo a quem ele pede conselhos, para ver se consegue consertar a situação que foi criada ali. Está dando certo o plano do lago? Completamente.

lago tenta consolar Cássio estabelecendo um plano para sua reabilitação: *"A mulher do nosso general é que é o general agora... Confessa te francamente a ela. Impor-*

tuna a para que te ajude a recobrar o posto... Aposto tudo contra nada em como a tua amizade com o Mouro, hoje rota, ficará mais sólida que antes." Insiste em que se trata de "conselho de amigo sincero, ditado pela estima e pela lealdade". Depois da saída de Cássio, Iago faz considerações cínicas:

IAGO

*E quem pode dizer que o meu papel
é infame, se o conselho que estou dando
é leal, é eficiente, é generoso?
E, porventura, não indica ele
o único meio certo e razoável
de este Miguel reconquistar o Mouro?
Nada mais fácil, dado o seu feitio,
do que levar Desdêmona a querer
interceder por uma causa justa! (pág. 99)*

Entra Rodrigo, machucado e trôpego, dizendo que com as pancadas que levou lhe entrou "algum juízo no corpo" com que, embora depenado, iria voltar para Veneza, enfasiado daquela situação. Iago responde: "Ai dos impacientes deste mundo!" e o convence a continuar tentando. Quando Rodrigo sai, Iago conclui:

IAGO

*Ainda faltam duas coisas...
Fazer com que minha mulher disponha
A patroa em favor de Miguel Cássio...
Vou convencê-la disso!
Em seguida, chamar Otelo à parte
e acomodar as coisas de tal modo*

*que ele surpreenda Cássio no momento
exato em que este já estiver falando
com Desdêmona... É isso! E mãos à obra!
Qualquer delonga estraga me a manobra. (pág. 101)*

PROF. MONIR: Então, qual é o plano do Iago? Convencer Otelo da infidelidade da mulher, criando, por outro lado, situações em que Cássio e Desdêmona se aproximam. Ele usaria isso como matéria-prima para a acusação. Esse Rodrigo na verdade é um pobre coitado, naquela briga levou um monte de trambolhões, e quer ir embora. Mas como ele é o financiador da história – ele é o rico – Iago precisa manter Rodrigo ali. E o plano do Iago parece que está dando certo por enquanto.

Ato III

Cena I. Chipre. Defronte do castelo.

No dia seguinte, a pedido de Miguel Cássio, músicos tocam. Entra o Bobo e diz à orquestra que “o General gostou tanto de vossa música que vos pede, encarecidamente, que não façais nenhum barulho com ela” e completa: “Se sabeis alguma música que não se ouça, podeis tocá-la”.

PROF. MONIR: Há vários bobos em Shakespeare. Este é um bobo de pequeníssima importância dramática, ele não irá produzir nenhum efeito digno de nota. Não é como o bobo do *Rei Lear*, que é um bobo medieval, no seu lugar verdadeiro. A existência de um bobo numa história renascentista – estamos em 1570 – é um pouco anacrônica. Mas o bobo não tem uma importância

maior, não adiciona nenhum fato à trama. No entanto diz coisas engraçadas como essa, que é o que dá vontade de dizer a quase todo cantor de restaurante.

Cássio pede a Emília, dama de companhia de Desdêmona, que lhe favoreça uma entrevista com a senhora. Emília diz que Desdêmona já havia sido informada do caso dele (por ela própria) e que o *“defende com todo o ardor”*. Como ele insiste em falar pessoalmente com a senhora, a aia o acompanha aos aposentos do palácio.

Cena II. Chipre. Uma sala do castelo.

Otelo manda por lago cartas ao navio que parte para Veneza e, em seguida, sai para inspecionar as fortificações.

Cena III. Chipre. Defronte ao castelo.

Desdêmona assegura Cássio que fará por ele *“tudo o que esteja a (seu) alcance”*... e declara, usando Emília como testemunha, que havia *“se tornado a responsável”* pelo posto dele a partir daquele momento.

PROF. MONIR: Há aqui um excesso de interesse, que se demonstrará fatal nesta história. A Desdêmona resolve encampar a tese do Cássio, de que ele foi injustiçado, com um excesso de intensidade. Coisa com a qual uma pessoa deveria tomar cuidado, não é? Seria natural uma mulher cogitar o que o marido iria achar de ela estar defendendo o rapaz com esta intensidade toda. Mas uma característica dessa situação é que aparentemente mobilizada pelo desejo de justiça, ou então, supondo que o lago tenha razão, por

alguma simpatia maior do que a normal pelo rapaz, ela se predispõe a ajudá-lo a recuperar o seu posto – embora não exista em nenhum momento qualquer indicação de uma infidelidade verdadeira; não há. Pode haver um excesso de simpatia, talvez.

DESDÊMONA

Privando o de dormir, hei de amansá-lo;

irritá-lo, de tanto lhe falar.

Transformarei seu leito numa escola

e num confessionário a sua mesa.

Misturarei a tudo o que ele faça

a tua pretensão. Alegra-te, portanto,

que a tua defensora há de primeiro

perder a vida que abrir mão da causa. (pág. 112)

PROF. MONIR: Não é um pouco exagerado isso, cá entre nós? Ela diz para o Cássio que prefere morrer a não conseguir ajudá-lo. Há aí uma simpatia um pouco desmedida, até mesmo por ingenuidade.

Chegam Otelo e Iago. Miguel Cássio despede-se de Desdêmona e sai constrangido. Os recém-chegados o entreveem saindo.

OTELLO

Não foi o Cássio, que se despediu de Desdêmona?

IAGO

Cássio, meu senhor?

Certamente que não. Não posso crer

*que se esgueirasse, como um criminoso,
só por vos ver chegar. (pág. 113)*

PROF. MONIR: Vejam que venenoso! Ele disse: “Não, o Cássio não ia sair assim correndo só porque você chegou”.

Desdêmona explica ao marido que havia estado lá um postulante, alguém que *“incorreu no desagrado (dele) e que sofre com isso”*.

OTELO

E quem é este?

DESDÊMONA

*Cássio, o vosso Tenente. Se é que tenho
alguma influência e a graça de tocar vos
o coração, fiz as pazes logo
com Miguel Cássio. Pois se há alguém que vos estime
e que só tenha errado involuntariamente
e nunca de má fé, – ele é esse alguém.
Ou não sei distinguir as pessoas honestas.
Reintegrai-o! (pág. 113)*

Desdêmona insiste com o marido que resolva a situação de Cássio em no máximo três dias. Pressionado, Otelô concorda: *“Basta! Não digas mais. Ele que volte quando quiser. A ti nada posso negar”*.

Quando Desdêmona e Emília saem, Iago envenena Otelô:

IAGO

*Quando vós cortejáveis a senhora,
já dos vossos amores Miguel Cássio
acaso estava a par?*

OTELO

Inteiramente a par. Por que perguntas?

IAGO

*Eu estava pensando numa coisa.
Nada de mal. (pág. 116)*

PROF. MONIR: Olhem que desgraçado!

ALUNOS: [risos]

PROF. MONIR: Vocês percebem que beleza que é essa tradução? Que tradução bem-feita! Ela é elegante, fiel, harmoniosa.

Então Iago está transformando a vida de Otelo numa espécie de inferno. Ele está aquecendo a brasa da desconfiança da mulher, brasa esta que ele mesmo implantou lá dentro e que ela inadvertidamente sustenta ao dar atenção excessiva ao caso do lugar-tenente Miguel Cássio.

Otelo começa a cair na armadilha: *"Tu tens alguma coisa na cabeça! Ainda há pouco, ao despedir se Cássio de Desdêmona, ouvi murmurares que aquilo não te agradava. O que é que não te agrada... Se me estimas, abre me o coração"*. Iago diz que julga Cássio um homem de bem, mas completa maliciosamente que *"os homens*

deviam ser aquilo que parecem. Ou pelo menos que não parecessem aquilo que não são". Iago insinua que sabe coisas escabrosas e minimiza hipocritamente: "Eu posso estar errado em minhas conjecturas, senhor. Pois vos confesso que, em mim, é uma segunda natureza o vício inveterado de farejar em toda parte abusos" e pede hipocritamente ao general que não dê atenção "a quem é tão propenso a julgar tudo mal". Pressionado por Otelo, cada vez mais enciumado, Iago move mais uma peça do tabuleiro:

IAGO

Meu senhor, livrai vos do ciúme!

*É um monstro de olhos verdes, que escarnece
do próprio pasto de que se alimenta.*

Que felizardo é o corno

que, côncio de que o é, não ama a sua infiel!

Mas que momentos infernais padece

o que, amando, duvida, e, suspeitando, adora! (pág. 119)

PROF. MONIR: Olhem que barbaridade: "O senhor é o tipo de corno que sofre mais [risos], porque tem uns que sabem que não são amados e não se importam mais com isso, mas no seu caso, não. O senhor é o caso grave, do sujeito que não tem certeza..." É isso que o Iago está dizendo para o Otelo, que agora está começando a ficar enlouquecido de ciúmes com aquela situação. O Iago está se dedicando a produzir toda a espécie de fantasmas na mente do Otelo.

Otelo diz que não é do tipo que se deixa torturar por ciúmes:

OTELO

... Ah! Isso, não, Iago!

Antes de duvidar, eu quero ver;

se duvidar, procurarei a prova.

E, conforme seja esta, é só mandar

de vez ao diabo o amor ou o ciúme! (pág. 120)

PROF. MONIR: Otelo diz que ele não vai ficar sendo corno de modo nenhum. Ele vai procurar a prova; se ela for negativa ele para de ter ciúmes, se for positiva ele “manda o amor ao diabo”. Com isso ele insinua que iria produzir um ato de violência, que ele não se manteria na situação de dúvida que Iago está produzindo.

Iago aconselha o Mouro a vigiar sua esposa: *“Observa a bem com Miguel Cássio. Olhai a atentamente, com olhos nem zelosos, nem confiantes demais...”* *“Ela enganou o pai para casar convosco... Mas, senhor, como estais perturbado!”*

Iago faz mais um avanço, quando Otelo reconhece que *“a natureza às vezes se transvia...”*:

IAGO

Aí é que pega o ponto!

Sejamos francos: recusar propostas

de casamento de ótimos partidos,

de patrícios da mesma cor e meio,

ao contrário do que seria natural...

Isso não cheira bem... Faz pensar em instintos

viciosos... anormais inclinações...

*depravação de gosto... Mas, perdão!
Não é dela que falo especialmente...
ainda que seja para recear
que ela, caindo em si, comece a comparar vos
com os seus patrícios e depois... quem sabe?
talvez acabe por se arrepender...*

OTELO

*Adeus! Até mais tarde!
Se perceberes mais alguma coisa,
avisa me. Encarrega
tua mulher também de vigiar.
Deixa me só, Iago. (pág. 122)*

PROF. MONIR: Aí vocês já imaginam em que nível de tensão estão as emoções de Otelo com esta desconfiança toda e com esse Iago se dedicando o tempo todo a colocar a dúvida na mente dele. Ele não sabe mais o que fazer. Está completamente perturbado por isso.

Encerrando a conversa, Iago elogia os méritos de Cássio, mas sugere a Otelo que, por prudência, “*seria preferível conservá-lo afastado por enquanto...*”

Quando Iago sai, Otelo reflete com amargura e conclui: “*Fui traído! E o meu recurso é execrá-la!*” Ele medita sobre o casamento:

OTELO

*É a maldição de todo matrimônio:
nós podemos dizer que essas frágeis criaturas*

*são nossas, isso sim. Mas que os seus apetites
são nossos, isso nunca!
Preferia ser sapo e viver do fartum
de um esgoto, a ceder ou partilhar com outrem
uma nesga sequer daquilo que eu adore!*

PROF. MONIR: Fartum são odores nauseabundos. De onde deve vir a palavra
“fart” (peido, flatulência) do inglês.

*Praga que pesa sobre os seres invulgares:
ceder lugar ao vulgo nestes casos...
É uma fatalidade como a morte,
a predestinação para esta praga:
ao primeiro vagido, o destino nos chifra!...
Ei-la que vem. Se uma criatura assim
pode ser infiel, é que o céu escarnece
de si mesmo. Não posso crer tal coisa. (pág. 124)*

PROF. MONIR: Ele está atormentado pela dúvida, ele não está convicto de
que a mulher é infiel.

Entram Emília e Desdêmona que percebe a perturbação do marido: “Porque essa voz tão rouca? Por acaso não estais passando bem?” Oteló diz que lhe dói a cabeça que ela tenta atar com um lenço bordado, o primeiro presente de Oteló à mulher. O lenço é muito pequeno e ela o deixa cair no chão para se dedicar a Oteló. Quando ela sai com o marido, Emília rapidamente apanha o lenço que Iago lhe havia pedido “cem vezes que (ela) roubasse” e diz para si mesma:

EMÍLIA

Vou mandar copiar um igualzinho

e dá-lo ei como presente a Iago.

Ah! Só Deus sabe para que será

que ele quer tanto o lenço. Eu cá é que não sei.

Mas ao menos com isso

posso satisfazer o seu capricho. (pág. 125)

PROF. MONIR: Entendem? Desdêmona foi tentar amarrar a cabeça do marido com o lenço, que era muito pequeno. Ela então o jogou no chão, e quando ela sai Emília pega o lenço, tendo lembrado que o seu marido Iago vivia pedindo que ela roubasse o lenço para ele. Ela não sabe para quê. Mas agora que o lenço caiu nas mãos dela, ela vai entregá-lo para o Iago.

ALUNO: *[Faz comentário sobre a tempestade.]*

PROF. MONIR: A tempestade nesta obra não tem o mesmo papel que tem em *A Tempestade* e nem no *Rei Lear*. Mas ela tem o papel dramático de funcionar como uma quebra. No começo tinha a história do sujeito que ia para a guerra. Então a tempestade vem e dissolve a possibilidade de guerra matando o inimigo. Como matou o inimigo, é como se abrisse um palco novo em que vai acontecer um feito dramático em que a verdade se revelará. E essa verdade que se revelará agora vem depois da tempestade. Ela não é tão forte como nos outros casos, mas tem um fator emblemático aí, de alguma maneira.

Reparem que todos os assuntos ditos de Estado desapareceram da obra. Não há mais cogitações sobre turcos, sobre o governo, sobre isso ou aquilo.

Agora há apenas uma batalha tremenda pela mente de Otelo, que Iago tende a ocupar com uma história para que haja um desfecho que seja favorável a ele, Iago. Em vez de ser a batalha contra os turcos, é a batalha contra a convicção do amor de Desdêmona por Otelo. Então mudou completamente o palco, e a batalha mudou de natureza. Foi isso que a tempestade virou.

Sem que a mulher saiba, Iago planeja deixar o lenço no quarto de Miguel Cássio, parte essencial do plano para convencer o crescentemente inseguro Otelo da infidelidade da mulher, embora tudo funcione como previsto: *“Já sob o efeito do meu veneno o Mouro está mudado. Nesses temperamentos, as suspeitas agem como peçonhas, que a princípio provocam náusea apenas, mas depois, atuando sobre o sangue, logo queimam como poços de enxofre.”*

Entra Otelo perturbado e irritado. Diz a Iago: *“Antes sermos traídos cem mil vezes que suspeitar uma só vez que o somos!”* e exige provas das insinuações que ele tem feito:

OTELO

Infame!

*Trata já de provar que o meu amor não passa
de uma rameira! Dá me uma prova ocular,
que eu quero ver com estes meus próprios olhos!
Senão, fôra melhor teres nascido cão
que enfrentar minha cólera, eu te juro!*

IAGO

Mas chegastes a tanto?

OTELO

Faz que eu veja!

*Ou pelo menos prova o de tal forma
que a prova nem sequer deixe uma fresta,
por mínima que seja,
por onde a menor dúvida se esgueire!
Do contrário, ai de ti! (pág. 128)*

Iago faz se de ofendido: “Ser honesto e leal é perigoso! Que me sirva de lição! E doravante não serei mais amigo de ninguém, pois que a amizade gera tais ofensas”.

PROF. MONIR: Vejam só que hipócrita. Ele está fazendo um teatro, uma cena, para parecer que ele está sendo injustiçado nesta história, porque o Oteló exige que ele apresente uma prova, e não apenas insinuações. Agora Iago já tem a prova, porque ele já tem o lenço que a mulher dele roubou. Ela entregou a ele o lenço que era indiscutivelmente o lenço da Desdêmona, porque ele era bordado de um modo que só podia ser o lenço dela.

Oteló está cada vez mais perturbado:

OTELO

*Isto é um inferno! Ao mesmo tempo julgo
minha mulher honesta e desonesta;
penso, às vezes, que falas a verdade
e logo após parece me que mentes.
Quem me dera uma prova! O nome dela, que antes
era límpido como a face de Diana,
se enegreceu como o meu próprio rosto.*

*Se há cordas e punhais, veneno, fogo
E pélagos que afogam,
Porque suportar isto? Ah! Se eu tivesse provas! (pág. 129)*

PROF. MONIR: Diana é o equivalente romano a Ártemis, que a deusa da caça, dos bosques. Equivalente muito imperfeito. É aliás um grande perigo ficar achando que esses equivalentes gregos e romanos são perfeitos. Não são, cuidado. Às vezes há diferenças importantes entre as personagens mitológicas na Grécia e em Roma, não é uma mera tradução. Têm seu equivalente, porém com diferenças. Nesse caso aqui as diferenças são muito grandes. Mas a Diana de modo geral é considerada equivalente a Ártemis, a irmã gêmea de Apolo.

Iago promete entregar as provas e começa contando a mentira de que, tendo se alojado uma noite nos aposentos de Cássio, ouviu o tenente falando durante o sono: *"Desdêmona querida, precisamos ocultar com cuidado o nosso amor"*. Mais do que isso, Cássio pensando ali estar Desdêmona e não Iago, teria se posto *"a apertar a minha mão, exclamando: 'Oh! Querida da minha alma!' E me beijava tanto e com tal fúria, qual se fosse arrancar pelas raízes os beijos que florissem nos meus lábios. Depois passava as pernas sobre as minhas e a me beijar, dizia, entre suspiros e ais: 'Maldita a sorte que te deu ao Mouro!'"*

PROF. MONIR: Pois é, para o sujeito acreditar numa história dessas, precisa ser realmente muito otário. [risos] Esta cena de Cássio enchendo Iago de beijos, pensando que ele era a Desdêmona é de um ridículo atroz! No entanto é isso que o Iago está contando para o Otelo. O Otelo só entra numa fria dessas, só aceita um argumento ridículo destes porque ele já está completamente fora de si, já não consegue mais distinguir racionalmente o que

parece certo do que parece errado. Mas é completamente absurda a informação que o lago deu a ele.

lago apressa-se em confirmar que havia sido um sonho, mas Otelo está furioso: “*Vou cortá-la em pedaços*”. lago pede prudência a Otelo, mas não deixa de “lembrar-se” de ter visto na mão de Cássio um determinado lenço “*bordado com morangos*”. Otelo reconhece o primeiro presente que havia dado à mulher. lago confirma:

IAGO

*Não sabia; porém, Cássio enxugou a barba,
hoje, com um lenço assim. E ou eu muito me engano,
ou era mesmo o tal da vossa esposa. (pág. 131)*

Otelo, que está explodindo com a tensão, diz que tem “*o peito estofado de serpentes*”. lago pede-lhe calma para não se arrepender depois, mas Otelo está quase fora de si:

OTELO

*Jamais,
lago, jamais! Tal como o mar do Ponto,
cujas frias correntes impetuosas
jamais refluem e antes vão direto
ao Propôntido mar e ao Helesponto,
assim meus pensamentos sanguinários.*

PROF. MONIR: Isso é geografia antiga. Ponto é o Mar Negro. Então as águas do Mar Negro saem, passam pelo Helesponto, que é aquele estreito que

separa a Europa da Ásia, onde fica Istambul (o Helesponto é o mar onde caiu Hele, a homenageada nesta história), e passam para o outro mar, que se chama Mar de Mármara, o mar que vem antes do Mediterrâneo. Então está aí sendo dito apenas que assim como as águas que vêm do Mar Negro vão impetuosamente na direção do Mediterrâneo sem que possam ser paradas, Otelo, igualmente, não saberá se conter. Uma vez convicto da infidelidade da mulher, a matará, com certeza.

*No seu curso veloz, sem olhar para trás,
sem refluir jamais para um amor humilde,
irão avante, até que possam desaguar
no vasto sorvedouro da vingança!
Por este céu marmóreo e com esta reverência,
que é a dos votos sagrados, nisso empenho
minha palavra! (pág. 132)*

Iago declara-se solidário ao Mouro e jura teatralmente fidelidade ao ultrajado Otelo. “Que ele ordene o que for e cegamente eu obedecerei. Seja para matar!” Otelo agradece a lealdade e faz dele o seu tenente. Iago agradece: “Sou vosso para sempre”.

PROF. MONIR: Pronto! O Iago já conseguiu uma parte do plano, que era ficar com o lugar do Cássio. “Serei leal a você até para matar”. Quem é esse que vai ser morto?

ALUNO: Cássio.

PROF. MONIR: Só pode ser o Cássio. Então nesse momento eles combinaram: 1) o lago passou a ser tenente do Otelo e 2) o Cássio terá de ser morto de alguma maneira aí para frente.

Cena IV. Chipre. Diante do castelo.

Desdêmona, seguida sempre de Emília, pergunta ao Bobo do paradeiro do tenente Miguel Cássio. Como ele não sabe (*"Dizer que se aloja aqui, ou que se aloja lá, é alojar uma mentira aqui ou uma mentira lá."*), pede a ele que o procure e diga que já havia *"disposto o marido a favor dele"* e que espera que *"tudo se há de arranjar"*.

PROF. MONIR: Pela última notícia que ela tem, ela acha que dispôs o marido a favor do Cássio. Ela não sabe que enquanto isso está havendo um enorme envenenamento do marido.

Desdêmona pergunta se onde teria deixado seu lenço e Emília, perguntada, mente dizendo não fazer a menor ideia. Desdêmona lamenta a perda:

DESDÊMONA

*Pois podes crer que eu preferia ter perdido a minha bolsa cheia de cruzados.
E se o meu nobre Mouro não fosse limpo de pensamento e isento de
ciumeiras tolas, isso era bastante para despertar lhe certas idéias.*

EMÍLIA

Ele não é ciumento?

DESDÊMONA

*Quem? Ele? Creio que o sol, sob o qual nasceu,
purgou o seu sangue de tais humores. (pág. 136)*

PROF. MONIR: Mal imagina ela o que vai acontecer.

Chega Otelo e pede a Desdêmona o lenço que ele lhe havia dado. O Mouro explica que o lenço havia sido dado à mãe dele *“por uma cigana”* e que aquele objeto, enquanto na posse de sua mãe, garantia que o pai dele permaneceria *“submisso aos seus encantos e ao seu amor”*. Otelo insiste em ver o lenço, mas ela, sem dar importância ao caso, insiste por sua vez em que ele resolva a pendência do cargo de Cássio. Cada vez mais irritado, Otelo sai.

PROF. MONIR: Entenderam o que aconteceu? Ele vem e diz que o lenço tem poderes mágicos. Que o lenço dá a quem o tem a capacidade de manter a outra pessoa fiel. Ele quer ver o lenço. Mas ela não entende por que o lenço é tão importante, porque na perspectiva dela só o assunto do Cássio tem importância. Então ela piora muito as coisas quando insiste justamente em ajudar Cássio, que é aquele fulano cuja morte Otelo já combinou com o Iago. A situação vai ficando muito ruim.

Chegam Iago e Cássio que revela se desesperançado: *“a meu pesar embora, terei de me resignar e abraçar outra carreira qualquer, entregando me a mim mesmo e à proteção da sorte.”* Desdêmona revela sua impotência: *“O meu marido já não é o mesmo marido. E se estivesse mudado de semblante como está de gênio, eu não poderia reconhecê-lo”*. Desdêmona atribui aquele comportamento a *“algum negócio de Estado, a alguma notícia de Veneza”*. Conclui que os *“homens não são deuses”*.

Não se deve esperar deles que se comportem sempre como no dia das núpcias". Desdêmona sai com Emília, pedindo paciência a Cássio.

Chega Branca, uma prostituta amante de Cássio, reclamando de seu "desaparecimento" que ele atribui às tribulações recentes. Ele lhe mostra um lenço bordado: "Achei o no meu quarto. Achei muito bonito o bordado. E antes que me venham reclamá-lo, como certamente virão, queria ter uma cópia dele. Leva o e copia para mim".

PROF. MONIR: Muito bem. Agora sabemos que o lenço foi colocado no quarto do Cássio conforme lago tinha planejado. Mais um ponto do plano do lago que dá certo.

Intervalo

PROF. MONIR: A história está clara, não é? Eu queria perguntar para vocês se a opinião que vocês têm de lago é positiva ou negativa?

ALUNO: Ele lembra muito as sogras.

PROF. MONIR: As sogras? Sogra de homem é uma benção! A sogra que é um desastre é a sogra de mulher, né? Os homens falam mal das sogras muito injustamente. Porque a sogra dos homens tendem a ser ótimas! As sogras de mulher é que são mais implicantes com as noras.

Nós estamos lendo a história de uma situação amorosa entre Otelo e Desdêmona, que é uma moça da nobreza veneziana. Otelo é em princípio um nobre a serviço de Veneza e uma pessoa da África. Se ele é berbere ou é da África negra, tanto faz. O que Shakespeare queria com isso era criar um contraste muito grande entre os dois cônjuges, apenas isso. A discussão sobre se é uma coisa ou outra é uma discussão ociosa, como há milhares de discussões ociosas, como por exemplo se a Capitu de fato traiu o Bentinho ou não. Por isso que eu digo para vocês que esse negócio chamado literatura pode ser uma praga. Quando a gente perde de vista o interesse pelo conteúdo da obra, a gente passa o resto da vida debatendo essas coisas. Criam-se debates bizantinos por excelência. Então nós não vamos discutir questiúnculas literárias aqui.

O que nós sabemos é que houve um casamento muito surpreendente entre a Desdêmona e o Otelo e os dois foram para Chipre para atender uma possível batalha que nunca houve porque uma tempestade destruiu a armada turca, que era a armada inimiga. Então o Iago, que está profundamente infeliz com a nomeação de Cássio para o cargo de lugar-tenente, que já tem desejos de vingança porque desconfia que Otelo teria saído com a mulher dele, e que também tem desejos carniais por Desdêmona, se encarrega de fazer aqui um enorme envenenamento do Otelo, que aos poucos vai cedendo à hipótese de que a sua mulher é infiel.

Por meio de uma série de estratégias, todos funcionando magnificamente bem – é preciso admitir que o Iago faz bem a sua conspiração – Otelo, o Mouro, vai aos poucos se convencendo da infidelidade da sua mulher.

Ato IV

Cena I. Chipre. Defronte do castelo.

Iago continua provocando Otelo: “E se (Desdêmona) ficasse nua, uma hora ou mais, na cama, com um amigo, mas sem maldade alguma”, o que Otelo acharia? Iago envenena mais Otelo dizendo que Cássio andava “chacoalhando o seu triunfo por aí a fora”. Otelo sofre um ataque e cai,

PROF. MONIR: Otelo acabou de sofrer um ataque epilético, cai no chão, depois da conversa de Desdêmona ter ficado uma hora nua, sem maldade.

ALUNOS: [risos]

enquanto Iago comenta:

IAGO

*Atua, meu veneno, atua! É assim
que se apanham os crédulos e os tolos
e que muita mulher virtuosa e pura
é infamada sem culpa. Olá, senhor, olá!
Senhor Otelo! (pág. 149)*

Chega Cássio e presencia o ataque epilético de Otelo. Quer ajudar, mas Iago diz que não, porque “é necessário que o letargo tenha um curso tranquilo e natural”. Quando Otelo se recupera, ouve de Iago que, durante a crise, Cássio havia estado ali e que ao voltar haveria a demonstração da sua culpa: “ocultai vos agora e ficai observando a expressão de sarcasmo e os risinhos de mofa que em seu rosto

se estamparão, quando ele me falar”. (Enquanto Otelo se esconde, Iago diz ao público que fará Cássio falar de Branca como se fosse Desdêmona.) Cássio volta e ingenuamente entra na conversa de Iago, fazendo declarações explícitas, pensando tratar-se de Branca: *“Eu, casar me com ela? Com uma prostituta? Por favor, não faça tanto pouco caso do meu juízo! Achas que sou doido? Ah! Ah! Ah!...”*

Chega Branca e atira o lenço na cara de Cássio dizendo: *“e queres que eu acredite que não é presente de alguma sirigaita descarada? E vais ao ponto de queres que eu copie o ponto do bordado, heim? Pois, toma o. Entrega o de novo à tua eguinha.”* Branca sai e Cássio vai atrás dela.

PROF. MONIR: Pronto. Agora o Otelo, que está escondido, não só ouviu a Branca dizer que o lenço tinha sido dado a ela por Cássio, como também ouviu a outra chamar a sua mulher de “eguinha”. Não é uma situação muito simpática. O plano do Iago está funcionando? Tá.

Otelo, que reconheceu o lenço, reaparece do esconderijo, diz querer *“levar nove anos a matá-lo aos poucos”* e decide matar Desdêmona naquela noite, estrangulando-a (sugestão de Iago).

PROF. MONIR: Ele queria na verdade envenená-la, mas o Iago disse que era melhor estrangular.

Chegam o senhor Ludovico, representante de Veneza recém desembarcado e Desdêmona, sua prima. Ludovico pergunta pelo tenente Miguel Cássio que deveria ficar no comando, porque Otelo iria se ausentar da ilha. O Mouro trata a

todos muito mal, Desdêmona chora e Ludovico o censura por fazer sua prima chorar. O comportamento de Otelo preocupa todos. Iago comenta: *“Está muito mudado”*.

PROF. MONIR: Como se ele não soubesse por quê, não é?

Aconteceu um fato novo agora. Chegam de Veneza o Ludovico, o primo da Desdêmona, e o tio da Desdêmona com a notícia de que o Otelo ia ser removido de Chipre e que Cássio iria ficar no lugar dele. Esse fato muda todo o plano de Iago, que precisa dar um jeito de resolver as coisas. A tendência agora é que o Otelo e a Desdêmona vão embora dali para a Mauritânia, para fora do controle de Iago.

Cena II. Chipre. Uma sala no castelo.

Otelo interroga Emília sobre o comportamento de Desdêmona e Cássio, mas ela afirma que nunca viu nada de errado, assegurando que *“ela é honesta, meu senhor”*.

EMÍLIA

*Se ela não é fiel, honesta e casta,
então não há marido algum feliz no mundo,
pois a mais pura dentre as esposas mais puras,
em confronto com ela é suja como a infâmia. (pág. 162)*

Quando Emília sai, Otelo, desconfiado dela, imagina *“que alcoviteira iria ser tão imbecil que não fizesse o mesmo?”*

PROF. MONIR: Otelo acha que é normal que a Emília fale bem da sua senhora porque deve ser Emília quem organiza os encontros. Então ele nunca acredita na Emília, porque ela mentiria facilmente para proteger a senhora. Afinal, trata-se da própria alcoviteira.

ALUNO: *[Faz comentário sobre a palavra cafetina.]*

PROF. MONIR: Uma cafetina é diferente, é uma profissional. A alcoviteira não é profissional, ela é uma organizadora de encontros meio suspeitos. É uma expressão antiga, hoje não se usa mais. Vocês chamaram alguém de alcoviteira recentemente? Não.

Entra Desdêmona e Otelo pede lhe: *“Deixe me ver teus olhos. Olha bem para mim”*. Desdêmona, assustada, diz ao marido que sente em suas palavras *“um violento furor, mas não entende nada!”* Ele faz com que ela jure pela sua castidade e ela conclama o Céu como testemunha. Ela se declara honesta e ele a compara com *“as moscas do verão, que nos açougues, umas sobre as outras, desovam na sujeira”*.

DESDÊMONA

Oh! meu Deus! Que fiz eu de mal sem o saber?

OTELO

Pois este pergaminho alvíssimo, esse livro

tão precioso terá sido feito

para escrever se nele ‘prostituta’?

Que fizeste de mal? E ainda perguntas?

A mim? Ó vaso público! Bastava

que eu pensasse em narrar tuas façanhas,

*para que uma fornalha ardesse no seu rosto
e reduzisse a cinzas o pudor.*

PROF. MONIR: Chamar alguém de vaso público é uma ofensa muito grande. Significa uma mulher pública, uma mundana. Vejam como essa conversa é horrível. Se houvesse aqui um ator de verdade nós estaríamos todos muito chocados. Seria terrível, angustiante ouvir esta história.

*Que fizeste de mal? Se eu o disser,
o sol tapa o nariz e a lua baixa os olhos.
E até o próprio vento abelhudo e escabroso,
que anda beijando tudo quanto encontra,
se encolheria, mudo e quieto, nas cavernas
da terra, para não me ouvir falar!
Que fizeste de mal, sua rameira?*

DESDÊMOMA

Vós me ultrajais! Eu juro o pelo Céu!

OTELO

O quê! Pois não é uma prostituta?

DESDÊMOMA

*Não, não! Tão certo como ser cristã!
Mas se ser prostituta é me guardar
só para o meu senhor, tal como um santo vaso
preservado de todo ilícito contato,
então eu sou.*

OTELO

Não és adúltera, tampouco?

DESDÊMONA

Não, pela minha salvação o juro!

OTELO

É possível? Será?

DESDÊMONA

Deus nos perdoe! (págs. 165-166)

Com a chegada de Emília, Otelo sai precipitadamente da sala. Sem saber o que fazer, Desdêmona pede a Emília que convoque Iago, que ela supõe ter influência sobre o marido, a quem ela pergunta se ela merece o nome de prostituta.

PROF. MONIR: Ela não faz isso para confrontar o Iago, ela acha que Iago é inocente. Ela chama o Iago para pedir ajuda.

Ele desconversa teatralmente:

IAGO

Não choreis, não choreis. Mas que desgraça!

EMÍLIA

*E foi então para que lhe atirassem
no rosto tal injúria,
para que lhe chamassem prostituta,*

*que ela enjeitou tantos partidos bons
e deixou pai, família, amigos, pátria, tudo?*

DESDÊMOMA

É a minha má estrela!

IAGO

Mal haja ele por isto!

Como se lhe meteu tal coisa na cabeça?

DESDÊMOMA

Só Deus sabe! (pág. 168)

PROF. MONIR: Como se ele não soubesse. Shakespeare faz frequentes menções astrológicas. Quando ela diz *“é a minha má estrela”*, ela quer dizer que astrologicamente atraiu esta desgraça.

Desdêmona pede a Iago que a ajude a reconquistar o seu senhor protestando absoluta inocência (*“nem por todos os bens do mundo, nunca praticaria um ato que pudesse corresponder a essa palavra horrível”*) e ele Iago diz que tudo acabará bem.

Um pouco mais tarde, Rodrigo cobra de Iago resultados do plano dizendo que *“metade das jóias de mim que levaste para dar a Desdêmona daria para subornar e seduzir uma freira”*.

PROF. MONIR: Iago deu o golpe no Rodrigo. Iago pediu para que Rodrigo Iago desse as joias que ele entregaria secretamente em nome do Rodrigo para

a Desdêmona. É claro que ele não fez isso, ele ficou com as joias para ele mesmo. Mas Rodrigo acabou de revelar que está sendo explorado pelo Iago.

Iago garante o desfecho para o dia seguinte e revela que as ordens de Veneza investiam Miguel Cássio no lugar de Otelo que deveria ir com Desdêmona para a Mauritânia, a menos que algum imprevisto prolongasse sua estada ali: *“E que imprevisto mais decisivo que a baixa de Cássio?”*

Iago combina com Rodrigo de conduzir, naquela noite, Cássio para uma cilada. Como Rodrigo está em dúvida, Iago diz que vai demonstrar-lhe tão claramente a absoluta necessidade da morte dele, *“que (ele) próprio (se) achará na obrigação de matá-lo”*.

PROF. MONIR: Com esta notícia nova de Veneza, Iago tem de evitar que Otelo saia de Chipre. Para isso é preciso matar quem o substituiria, que é o Cássio. Então esses dois combinam de matar o Cássio naquela noite, depois do jantar, em uma ruela escura dentro daquela fortificação para que o Otelo tenha que ficar mais um tempo em Chipre e o plano possa ser levado até o fim. Porque se Otelo e Desdêmona escaparem para a Mauritânia, o plano de Iago falhará.

Cena III. Chipre. Antessala dos aposentos de dormir de Desdêmona.

Após a ceia em homenagem à comitiva de Veneza, na qual se incluía Graciano, irmão do Senador Brabância, Otelo acompanha Ludovico até os seus aposentos, não sem antes mandar Desdêmona ao quarto do casal com a recomendação de que despachasse sua aia. Emília, a pedido da senhora, havia feito a cama do casal com os lençóis do casamento. Quando Desdêmona vê o leito preparado...

DESDÊMOMA

Mas não era preciso...

A gente tem, às vezes, cada idéia!

Se eu vier a morrer antes de ti,

quero que me amortalhes

num daqueles lençóis... (pág. 176)

PROF. MONIR: Desdêmona de alguma maneira intui que talvez aquela noite seja a última. Então manda fazer a cama com os lençóis que foram usados na primeira cama conjugal. Quando ela vê a cama feita com aqueles lençóis, se arrepende de ter pedido. É como se não quisesse que aquela fosse uma profecia autorrealizável. Então ela está na dúvida sobre o que fará nesta situação. É uma situação dramática terrível. Trata-se de um momento muito triste. Vai ficar muito pior, ainda. Podem ir se preparando.

Enquanto se despe, Desdêmona canta a “canção do salgueiro” aprendida com Bárbara, uma criada de sua mãe. A canção fala de morte: “*Do salgueiro farei a minha mortalha*”⁸ ...”

PROF. MONIR: Uma das cenas mais dramáticas da obra shakespeariana é o momento em *Hamlet* em que Ofélia – que também é uma vítima daquela situação – enlouquece e acaba se afogando sob um salgueiro. Há uma belíssima imagem de um dos pintores pré rafaelistas ingleses em que ela está com uma coroa de flores, afogada sob o salgueiro e há também uma extraordinária variação musical do Berlioz, com uma pessoa declamando esta história, de uma beleza indescritível. *Hamlet* é mais velho, de 1600, mais ou

8 Nota do resumidor – Trata se da mesma situação da morte de Ofélia em *Hamlet*, afogada num poço sob um salgueiro.

menos. Então Shakespeare está chamando uma imagem antiga, colocando Desdêmona na mesma situação de Ofélia. Ele está nos antecipando a morte de Desdêmona.

Antes de Emília sair, Desdêmona quer saber dela se ela trairia o marido para ter *“o mundo em suas mãos”*.

EMÍLIA

*O mundo é imenso; é um prêmio
alto demais, para tão pouca coisa.*

DESDÊMONA

Sinceramente, acho que não farias.

PROF. MONIR: Compreenderam? Ela está perguntando para a Emília se ela trairia o marido para “ficar com o mundo”, com um grande prêmio. E a Emília está dizendo que trairia, sim.

EMÍLIA

*Acho sinceramente que o faria.
E depois de o ter feito, o desfaria...
É claro que não o faria por um anel, nem por umas medidas de cambraia,
nem por vestidos, saias, chapéus ou por qualquer outra insignificância.
Mas pelo mundo inteiro! Quem não poria uma coroa de chifres no marido,
para o tornar monarca? Por tal prêmio, arriscaria até o purgatório!*

DESDÊMONA

*Pois maldita fosse eu, se cometesse
tal erro em troca deste mundo inteiro!*

EMÍLIA

*Ora, esse erro só é erro perante o mundo. Desde que, em recompensa do
vosso erro, o mundo passasse a ser vosso, o erro seria um erro num mundo
que vos pertenceria e, então poderíeis a vosso talante transformá-lo em
acerto. O errado passaria a certo.*

PROF. MONIR: Olhem, essa parte é de uma importância tão grande! Este diálogo aqui é fundamental. Não o tirem da cabeça. Depois nós voltamos a ele.

DESDÊMONA

Não creio que haja mulheres assim.

EMÍLIA

*Se há! Às dúzias! E tantas, que muitas poderiam ir de quebra, na troca com o
mundo que servisse de recompensa a tal erro e para a obtenção do qual elas
trabalham.*

*Mas acho que é por culpa dos maridos
que caem as mulheres. Ou porque eles
afrouxam seu ardor e vão verter
em regaços estranhos o que é nosso...
ou senão porque irrompem com ciúmeiras
impertinentes e nos trazem presas...
Seja porque nos batem, ou, enfim,
porque em casa reduzem nos os gastos*

*com mesquinhez, – o fato é que, se erramos,
são eles os culpados. Que diabo,
nós também temos fel! E, ainda que mansas,
sabemos nos vingar.*

*Convençam se os maridos de uma coisa:
que as mulheres, como eles, têm sentido;
que vêem, cheiram e têm paladar,
tal qual como eles, para distinguir
o que é doce e o que é amargo. O que é que os leva
a nos trocar por outras? A vontade
de variar? Pois bem, vá lá que seja.
Arrasta os a paixão? Vá lá, também.
É por fraqueza que erram? Sim, que seja.
E, porventura, cá do nosso lado,
nós não teremos, como os homens têm,
paixões também, ânsias de variar
e fraquezas da carne? Pois, então,
que eles nos tratem bem, ou senão saibam
que é só para mal deles, afinal,
que tão bem nos ensinam a agir mal.*

DESDÊMOMA

*Boa noite. Que eu jamais o mal com o mal aprenda
e, antes, para agir bem, me sirva ele de emenda! (págs. 179-180)*

PROF. MONIR: Eu não vou fazer uma votação aqui para saber quem está do lado da Desdêmona e quem está do lado da Emília porque esse é o tipo da votação a gente não deve fazer [risos]. Este risco eu não correrei.

Vocês compreendem o contraste que há entre as duas mulheres? A Emília tem uma visão pragmática da vida, dizendo que não tem problema nenhum, e a Desdêmona está dizendo assim: “Não, mas eu não aceito isso”. Por que o Shakespeare colocou isso aqui? Por várias razões, sobretudo para se divertir. Mas vocês compreendem que ele quer dar uma ideia de que a Desdêmona é completamente fiel e completamente pura sob este ponto de vista e que nenhuma espécie de compensação seria capaz de atendê-la numa coisa dessas? É isso que o Shakespeare está querendo nos dizer aqui.

ATO V

Cena I. Chipre. Uma rua.

O plano da tocaia segue em frente. Num local escuro, Rodrigo está oculto. Iago calcula que, no caso da morte de Rodrigo, ficaria com as joias que “*astutamente lhe arrancou das mãos sob o pretexto de presentear Desdêmona em seu nome*” e, no caso da morte de Cássio, ele não poderá ser desmascarado. Haveria lucro em qualquer desfecho. À passagem de Cássio, Rodrigo, coberto pelas sombras, dá-lhe uma estocada que não o mata por causa de seu gibão de malha densa.

PROF. MONIR: Cássio usa uma roupa com uma espécie de malha (às vezes de ferro) que impede que a lâmina abaixe. Por isso é que o Cássio não é morto pela estocada que lhe dá Rodrigo.

Cássio puxa a espada e fere Rodrigo. Iago sai do esconderijo e fere Cássio pelas costas. Há grande agitação e gritaria. Nos seus aposentos, Otelo conclui pelos ruídos que o “*honesto Iago*” havia cumprido sua palavra. Todos correm atender a Cássio que se lamenta aos brados de seus ferimentos. Iago pergunta fingindo

indignação: *"Quais foram os bandidos que te fizeram isso?... Miseráveis cães!"* Chega Rodrigo, ferido, para pedir ajuda e Iago o atinge com a espada, "confundindo o" com um dos ladrões que haviam atacado Cássio. Chega Branca e atende Cássio que se esvai em sangue. Chega Emília e Iago explica:

IAGO

Cássio foi atacado de emboscada,

Na escuridão da noite,

pelo Rodrigo e uns outros que fugiram.

Cássio quase foi morto e Rodrigo morreu. (pág. 189)

PROF. MONIR: Aí o Iago tenta fazer a sua versão dos acontecimentos, mas na verdade quem matou o Rodrigo foi Iago mesmo, e quem feriu o Cássio por trás também foi ele, Iago. No entanto com isso ele espera com isto ter se livrado do Rodrigo e ter ficado com as joias. Agora a situação do Cássio, que está ali ferido, mas não gravemente, é o problema que ele tem que resolver. Aqui é um momento muito importante.

Como Branca é a última pessoa que havia estado com Cássio, Iago a prende teatralmente e, à parte, comenta: *"Meu destino esta noite se traça; ou o triunfo completo ou a total desgraça".⁹*

9 Nota do resumidor – No original consta: "This is the night that either makes me or fordoes me quite", que poderia ter sido traduzido como "é esta noite que me valerá ou me destruirá", valorizando a ambiguidade da palavra "noite".

PROF. MONIR: Talvez vocês não tenham percebido, porque o resumo não é capaz de captar estas sutilezas, mas esta é uma peça noturna. Quase todas as peças de Shakespeare são noturnas – as cenas mais importantes ocorrem à noite. Por serem noturnas, são cenas baseadas nas sombras, no lado sombrio da vida humana, em todos aqueles aspectos que a gente preferiria que não existissem. É como se nesse momento a personagem central da história passasse a ser a noite, é isso que o Shakespeare quis dizer. De modo geral, as peças dele que foram filmadas são bem representativas disso, sobretudo quando os filmes eram em preto e branco. Preto e branco é a cor dos filmes de Shakespeare.

Cena II. Chipre. Quarto de dormir no castelo. Desdêmona dorme no leito, junto ao qual arde uma candeia.

PROF. MONIR: Desdêmona está dormindo e Otelo está falando.

OTELO

É o motivo, minha alma, é o motivo...

Não o direi a vós, castas estrelas!

É o motivo... Não verterei seu sangue,

não ferirei a sua pele branca,

mais alva do que a neve, mais macia

que o alabastro dos túmulos...

Mas deverá morrer, para que nunca mais

engane a mais ninguém!...

Primeiro apagarei esta luz... depois, esta...

Se extinguir o clarão serviçal desta flama

e, após, me arrepender de tê-lo feito,

poderei reavivá lo...

Mas se apagar a tua luz, a ti,

– criação modelar da natureza!

que Prometeu jamais com a sua chispa

poderá reacendê-la? Uma vez arrancada

a rosa do seu pé, não me é dado soprar lhe

novo alento vital... e ela tem de murchar.

Quero aspirá-la ainda no seu caule!

(Beija Desdêmona)

Balsâmico respiro,

tu serias capaz de levar a Justiça

a quebrar sua espada!

Um beijo mais... mais um...

(Beija-a novamente)

Conserva-te tal qual estás, quando morreres!

Vou matar-te... e te amar depois de morta...

Mais um: o derradeiro! Nunca um beijo

tão doce terá sido tão fatal!

(Beija-a mais uma vez)

Eu preciso chorar... Mas as lágrimas são

amargas... Minha dor, como o castigo

do Céu, destrói aquilo que mais ama.

despertou... (págs. 191-192)

Desdêmona desperta e Otelo lhe pergunta se ela lembra de algum pecado pelo qual ainda não havia rogado a indulgência do Céu e pede que ela o faça naquele momento: “Não quero que a morte venha surpreender-te em estado de pecado. Não! Deus me livre disso! Deus me livre de matar a tua alma!” Otelo acusa Desdê-

mona diretamente de traí-lo com Miguel Cássio e, embora ela tudo negue, ele insiste: “*Tens de morrer*”. Ela suplica poder viver mais uma noite (“*Deixai que eu viva só por esta noite... “meia-hora ao menos”*”), mas ele a asfixia.

Emília, que veio comunicar os crimes ao casal, bate insistentemente na porta do quarto:

OTELO

*Ah! É Emília. Um momento!... Já está morta...
Vem contar-me na certa o fim de Cássio...
Deve ter dado muito o que falar...
Já está imóvel... muda como um túmulo...
Devo deixá-la entrar? Será melhor? Parece
que ainda se mexe... Não! Que farei? Se ela entrar
há de querer falar com a minha mulher...
Minha mulher... Mulher... Mas que mulher?
Já não tenho mulher! Oh! Isso é insuportável!
Ó momento funesto! Quem me dera
viesse agora um eclipse total
do sol, da lua, e o globo, em pânico e desordem,
se rachasse! (pág. 196)*

Ao saber dos acontecimentos, Oteló atribui os crimes à lua: “*aproximou-se demais da terra e torna os homens loucos*”. Emília ouve gemidos e acode ao leito onde Desdêmona moribunda murmura inocência e se despede dizendo que ninguém lhe havia feito aquilo, exceto ela mesma: “*ninguém... Eu mesma... Dá lembranças minhas ao meu senhor querido... adeus... adeus...*”

PROF. MONIR: Por que será que a Desdêmona na hora da morte assume a culpa da sua própria morte? É uma pergunta boa. Há várias possibilidades para explicar, mas sobretudo ela casou contra todo o consenso social, ela casou escondida do pai, de alguma maneira ela sente alguma culpa de ter sido a deflagradora da situação. Foi ela que criou a situação casando-se daquele modo com uma pessoa muito estranha, que é o Otelo. A resposta deve ser provavelmente por aí.

Otelo deixa claro que ele a havia matado por ter se corrompido, tornando-se “uma rameira” e indica o marido de Emília, Iago, como fonte das informações. A aia atira-lhe na cara ter sido enganado. O Mouro a ameaça, mas ela não o teme:

EMÍLIA

*Para fazer me mal não tens nem a metade
da força que terei para aturá-lo.*

PROF. MONIR: Aturar o mal.

*Ó crédulo imbecil e turvo como a lama!
Bela coisa fizeste! A tua espada
eu não a temo e vou desmascarar-te,
ainda que depois me mates vinte vezes!
Socorro! Assassinato! Acudam-me! Assassino!
O Mouro assassinou minha patroa! (pág. 200)*

Os gritos de Emília atraem todos, incluindo Iago que, acusado de caluniador por sua mulher, responde: “Eu disse o que pensava e não foi mais que aquilo que ele próprio julgou que era patente e justo”.

Otelo cai sobre o leito de Desdêmona. Emília o acusa: *"Assim, assim! Anda, estrebucha e ruge! Pois mataste a mulher mais pura, entre as que possam andar na terra de cabeça erguida"*.

Otelo insiste em acusá-la de infidelidade alegando a prova do lenço. Emília reage: *"Tu, estúpido, Mouro! O lenço de que falas eu o achei por acaso e dei o ao meu marido que vivia a pedir-me que o roubasse!"*

Otelo, caindo em si, precipita-se contra Iago que se desvia, fere mortalmente a mulher pelas costas e foge. A aia canta uma estrofe da "canção do salgueiro" e morre. Otelo, tendo nas mãos uma espada espanhola *"temperada no gelo de um regato"*, diz que pode ser desarmado por qualquer "homúnculo" (...*"sem a honra, de que vale a bravura?"*). Declama a Graciano, tio de Desdêmona que lhe montava guarda:

OTELO

*Olhai. Tenho uma arma na mão!
Jamais, em dia algum, lâmina alguma
melhor que esta pendeu da cinta de um guerreiro!
Tempo houve em que este braço, prolongado
por esta nobre espada, abriu caminho
através de barreiras vinte vezes
mais fortes do que a vossa resistência.
Oh! Fanfarrice vã! Quem manda em seu destino?
Mas já não sou o mesmo! Assim, nada temais,
por eu estar armado. Aqui termino a viagem.
Aqui chega o meu barco ao derradeiro porto...
Recuais de temor? É vã o temor!*

*Basta que alguém encoste um trêmulo caniço
contra o peito de Otelo, e ele retrai se.*

Ah! Que será de Otelo?

Como estará teu rosto, desditosa?

Tão lívida que estás! Como a tua camisa...

No Juízo Final, quando nos encontrarmos,

será por causa desse teu semblante

que minha alma ruirá, precipitada

lá dos Céus para os braços

das fúrias infernais!

Como estás fria, minha filha, fria

tão fria! Como a tua castidade...

Execrável escravo! Açoitai me, demônios!

Despojai me do gozo imerecido

desta visão celeste!

Lançai me aos vendavais! Requeimai me no enxofre,

engolfai me em abismos

de fogo liquefeito!

Desdêmona, Desdêmona! Está morta!

Oh! Oh! (págs. 204-205)

São trazidos Miguel Cássio numa cadeirinha e Iago escoltado por oficiais. Otelo, após verificar se ele tem pés de cabra, fere Iago com a espada (*"Não temos os pés de cabra, como se diz na fábula; porém, se eu não puder matá-lo é que é mesmo o demônio"*), diz que o que o havia movido não havia sido o ódio, mas a honra. Admitiu também ter tramado contra a vida de Cássio e pede-lhe perdão. É revelado que nos bolsos de Rodrigo havia duas cartas incriminadoras contra Iago, que, ferido sem gravidade, declara: *"O que sabeis, sabeis. E doravante não*

direi palavra". Cássio esclarece o caso do lenço e Otelo conclui: "Néscio, néscio que fui!" Um oficial revela que Rodrigo, antes de morrer, havia acusado Iago por sua morte. Ludovico comunica a Otelo sua destituição, a nomeação de Cássio como governador de Chipre e condena Iago: "No que toca a este monstro, se existir engenhosa tortura que o lacere, sem lhe tirar a vida, alongando, ao contrário, o seu suplício, seja lhe aplicada".

Antes de ser levado para o cárcere, Otelo declara que é um homem que *"sem saber amar, amou profundamente e que, apesar de inferno aos zelos amorosos, impelido ao ciúme enlouqueceu. De um homem cuja mão, como a do índio¹⁰ pobre, sem lhe saber o preço, atirou fora a mais preciosa pérola da tribo"*, apunhala se, cai sobre o corpo de Desdêmona e morre dizendo:

Dei-te um beijo ao matar-te e ora desejo, ao me matar, morrer dando-te um beijo. (pág. 209)

PROF. MONIR: E acabou a história. Então, gostaram da história? A leitura da peça é muito melhor do que eu sou capaz de resumir. Então, por favor, leiam. Esta tradução infelizmente não é muito disponível, mas é possível achar nos sebos. É um livro com cerca de cinquenta anos. Mas há outras traduções aí; o Carlos Alberto Nunes traduziu muito bem também, e há outras traduções interessantes, como a da Bárbara Heliodora e a da mãe dela, a Anna Amélia Carneiro de Mendonça.

Em nenhuma outra obra fica tão clara uma noção fundamental para entender dramaturgia como nessa. Não entendemos que o passado é composto

10 Nota do resumidor – No primeiro folio não se fala em indian, mas em judeu, referência à condenação de Jesus Cristo.

de enormes distâncias entre os que vieram antes. É comum que as pessoas pensem que Santo Agostinho discutia assuntos teológicos com Santo Tomás. Mas eles têm oitocentos anos de diferença.

A mesma coisa acontece no teatro. O teatro de Shakespeare é um teatro moderno, não tem absolutamente nada a ver com o teatro grego.

A primeira diferença é que o teatro grego era baseado numa dicotomia que veio já dos dois grandes épicos – a *Ilíada* e a *Odisseia* geraram respectivamente a tragédia e a comédia. Da comédia só conhecemos Aristófanes – provavelmente só tinha mesmo o Aristófanes. A comédia grega não tem importância nenhuma perto da tragédia grega. A comédia grega é satírica. É engraçada, mas qualquer peça de Eurípedes vale mais do que todo o Aristófanes.

Aristóteles tenta fazer a sistematização disso na *Poética*, e ali ele nos ensina que a diferença entre as duas é que na tragédia as coisas são feitas com o maior esforço e boa vontade possíveis e, no entanto, dá tudo errado. É o caso de *A Ilíada*, em que você tem gregos e troianos lutando por uma causa. Você pode até debater se as causas são igualmente justas, mas no fundo não interessa, porque os heróis gregos e troianos que morrem na *Ilíada* – especialmente Aquiles do lado dos gregos e Heitor do lado dos troianos – estão tentando defender a honra, os seus semelhantes, enfim estão tentando fazer alguma coisa, embora ambos já saibam de antemão que estão condenados à morte. Tanto um quanto o outro. Tanto é que o Aquiles é lembrado de que teria de escolher entre uma vida curta e gloriosa e uma vida longa e medíocre. Ambos sendo condenados à morte por antecipação, aceitam-na, atribuindo as suas mortes a maquinações dos deuses. A ideia da *Ilíada* é que

a condição humana é tão trágica, que por mais que tentemos fazer tudo certo, nós não dominamos o destino, e o destino pode sair completamente ao contrário daquilo que nós planejamos.

A comédia é outra situação humana, quando as coisas acabam bem no final: o rapaz e a moça casam, o sujeito consegue o emprego, vence a batalha, recupera a sua coroa... A comédia no sentido antigo não tem nada a ver com o Costinha, é uma situação em que ninguém dá risada nenhuma. O que Aristófanes fazia era sátira, que é um tipo de comédia. Mas a comédia em si não é para rir, tanto é que o grande livro de Dante Alighieri se chama *A Divina Comédia* não porque tenha alguma piada dentro, mas porque no final das contas, lá no final Dante encontra Deus. Tudo deu certo. Quem quiser entender essa diferença tem que ler *A Poética* de Aristóteles.

Então a comédia é quando as coisas acabam bem, e a tragédia é quando as coisas acabam mal, apesar de que se fez tudo para que elas acabassem bem. É uma coisa de muita utilidade na vida entender isso, porque você começa a entender alguns mistérios no entorno. Por exemplo, vai acontecer com você, se é que já não aconteceu, que apesar de todos os seus esforços, e de você ter feito tudo certo, no final as coisas não saíram como você queria. Mas também acontece a outra situação. Em que você se esforça, se esforça, e acaba dando certo.

Essa ambiguidade do destino é o que Boécio explica no livro *A Consolação da Filosofia* como sendo incontrolável. Há uma coisa chamada fortuna, destino, que no fundo, no fundo você não entende. Você não controla e não é capaz de entender. Essa é uma conclusão muito importante, de que embora você seja moralmente responsável pelos seus atos, você não controla o seu

destino. Seus atos não são necessariamente produtores do destino com que você sonha. Esta é uma destas tensões trágicas da humanidade. A condição humana é assim.

Então o mundo antigo conhecia duas formas básicas de fazer teatro: ou a comédia, em que as coisas terminavam bem, ou tragédia, em que as coisas terminavam mal. Mas quando terminavam mal, não é porque alguém tivesse feito alguma coisa de mal para que aquela coisa terminasse mal. Acaba mal de todo o jeito, mesmo quando a gente se esforça para acabar bem – é o sujeito que está trabalhando demais, porque quer sustentar a família, e aí tem um ataque cardíaco. Ele fez alguma coisa de errado? Ele fez algum mal? Não fez mal nenhum, tentou fazer apenas aquilo que lhe parecia ser bom. No entanto, ele acaba sendo vítima disso mesmo. Ou o sujeito dorme ao volante, a acaba matando uma família sem querer. Ele não tinha nada contra aquela família, mas acabou gerando uma tragédia, apesar de não ter tido nenhuma má intenção.

Ora, o teatro de Shakespeare não é assim porque em Shakespeare não há nenhuma peça que se possa dizer que tenha um desses dois componentes puramente falando. Quando você compra as obras completas de Shakespeare, vem dividido assim: poemas, tragédias, comédias e histórias. Os livros históricos, como *Ricardo V*, são história, situações reais. Aí tem as comédias, como por exemplo *A Tempestade*, *Sonhos de uma Noite de Verão*, *Medida por Medida*, *O Mercador de Veneza*. E tem tragédias como esta aqui. Mas quando os modernos falam assim, eles estão confundindo as palavras, porque há uma diferença essencial entre esta história aqui, *Otelo*, e uma tragédia de Eurípedes.

A diferença fundamental entre estes dois jeitos de escrever, é que nas tragédias gregas aquilo que acontece com você e que destrói a sua existência são fatos que não dependem da vontade de ninguém, a não ser dos deuses. São fatos que ocorrem independentemente de alguém desejar que aquilo ocorresse. Por exemplo, Édipo é o sujeito não sabia que estava matando o pai e casando com a mãe. Quem quis que ele se autoenganasse? Os deuses, mas os deuses são uma referência muito dispersa para a gente poder levá-los a sério. O destino quis.

No caso de *Otelo*, não há deuses atuando, mas existe um sujeito inescrupuloso, verdadeiro, real, chamado Iago, que produz todos os males que acontecem na história. Isso não é uma tragédia no sentido grego, mas é o que chamaríamos modernamente de *drama*. O drama é diferente porque nele concorre um elemento propositado – vem alguém para fazer o pior que puder, procura fazer o mal de propósito – o caso de Iago. No entanto, não há nenhum Iago em nenhuma tragédia grega.

Vamos por exemplo pegar o caso de *Castro*, que é a maior tragédia em língua portuguesa já escrita. *Castro* conta a história de Inês de Castro, uma moça por quem um príncipe se apaixonou. Mas o pai do príncipe, que era o rei, não podia permitir o casamento porque ela era de uma classe social inferior e ele tinha um acordo político para fazer, para manter o reino estável, obrigando o filho a casar com outra moça. O rei manda matar Inês. Depois, quando o príncipe vira rei, ele manda desenterrar os restos da moça e passeia com seu esqueleto pelas ruas. Isso é uma tragédia, uma coisa terrível, mas isso é uma tragédia grega. Porque mesmo que você considere que o rei possa ter sido exorbitantemente cruel, ele não estava motivado para fazer

o mal. Ele estava motivado por uma razão de Estado, de manter o mundo estável. Compreendem a diferença que há entre a tragédia e o drama?

Shakespeare não escreveu nenhuma tragédia nesse sentido. Tudo que Shakespeare escreveu eram dramas. Sempre há uma alma má. Em *Macbeth*, por exemplo, tem a Lady Machbeth, tem as feiticeiras todas que produzem o mal. No caso de *Hamlet* vocês têm o rei Cláudio, que é assassino do próprio irmão. No caso de *Otelo*, há a pior de todas as personagens shakespearianas, que é o Iago. No *Rei Lear* você tem as filhas más, a Goneril e a Regan (por contraponto à Cordélia), e o Edmundo, que de todos é o pior ali. Mas mesmo assim o Edmundo não é tão mau quanto o Iago, porque o Iago quer muito mais mal do que quer o Edmundo. O Edmundo só quer ter matar o irmão para ficar com o título dele. Mas esse aqui, não. Esse aqui quer destruir aquela situação a todo o custo. Vocês então conheceram a pior das personalidades literárias criadas por Shakespeare. Ninguém é tão mal quanto Iago.

Os vilões das comédias são mais leves, quase caricaturais, engraçados. É como o vilão de novela no Brasil. São todos péssimos, mas todo mundo os adora, de alguma maneira. Tanto é que não é possível ter novela sem um vilão. É como o Dr. Smith, de *Perdidos no Espaço*. O que seria de *Perdidos no Espaço* se não tivesse o Dr. Smith? Seria insuportável. Na comédia o vilão sempre tem uma aparência benigna em última análise. Ele é engraçado, caricatural. No drama é que estão os vilões realmente malignos.

A diferença entre uma tragédia grega e um drama shakespeariano é tão importante que ela resolve uma porção de problemas na vida prática. Por exemplo, se você for traduzir o discurso feminista numa expressão resumidora, elas estão no fundo dizendo que a condição feminina é ruim e que

deriva fundamentalmente da ação maligna dos homens. A teoria feminista parte da ideia de que a vida da mulher é um drama, drama esse produzido pela ação maléfica, exploradora, controladora do homem. Que o homem foi produzindo uma cultura de subordinação das mulheres para seu próprio benefício e interesse. Na visão feminista da situação da mulher há uma explicação dramática. Como se o lago representasse todos os homens e a Desdêmona todas as mulheres, mais ou menos assim.

Quando você tenta olhar para a condição feminina sob o ponto de vista trágico, então você pode chegar a concluir que isso que parece ser o resultado de uma ação de manipulação da mulher pelo homem pode ser entendido de outro jeito, mais ou menos assim: as dificuldades da situação feminina são decorrentes não da ação propositada e arbitrária dos homens em controlá-las, mas são coisas que acontecem apesar de que os homens possam estar ao seu modo fazendo o que podem para torná-la boa. Aquela situação de desconforto e de desvantagem que a mulher pode perceber na sua própria vida pode não ser causada maliciosamente pelos homens, mas ser o resultado de uma tentativa de os homens fazerem o melhor possível para que ela não seja assim.

Conforme você olha para um lado e para o outro, você tem uma interpretação completamente diferente da situação em que as pessoas vivem. Se você olha para a situação feminina como uma situação trágica, você em seguida é obrigado a concluir que também há uma tragédia envolvida na situação masculina e que portanto há, como corolário disso tudo, uma tragédia da condição humana. A **condição humana** é que é assim. Por mais que a gente tente fazer bem, nem sempre a gente acaba se dando bem. Há coisas que não são controláveis. Se você propõe a interpretação trágica para a condi-

ção feminina, você desmonta todo o feminismo automaticamente, pois o feminismo só sobrevive na medida em que consegue indicar quem é o lago – mas se não há lago nenhum, a quem você acusa? Ninguém.

Com isso eu não estou querendo debater o assunto da condição feminina, que é bem complicado, mas apenas mostrar a vocês que há duas maneiras de compreender o problema. Uma maneira é do modo trágico, que é a maneira como um grego faria uma peça de teatro, porque o grego acha que estamos subordinados a leis maiores. A cultura grega é a cultura que percebe que há um cosmos, uma ordem e que essa ordem deve estar de alguma maneira simbolizada nas coisas aqui debaixo – na música, na poesia, na roupa, na arquitetura, na política... Você só entende a Grécia quando a compreende como uma manifestação educacional de um conjunto de regras que constituem o mundo – aquilo que se chama de Paideia. Para um grego, a educação é contar para as crianças como são essas regras, porque tudo é feito de acordo com essas regras.

No entanto, se você pretende manter o feminismo vivo, você precisa continuar com a hipótese de que há uma malignidade associada à vida da mulher que é uma ação deliberada de controle e de subordinação da mulher aos interesses dos homens. Aí você continua achando que tem algum lago nesta história que precisa ser denunciado sistematicamente.

Vimos uma peça dramática e não trágica. Ela não é trágica porque há claramente um autor do mal – lago – que quer fazer todo o mal possível. A segunda pessoa de quem se poderia esperar a malignidade é Emília, que é uma personagem ambígua. É obviamente muito, muito melhor do que o marido, mas no entanto tem uma certa ambiguidade por ter roubado o len-

ço – se ela não tivesse feito aquilo, talvez não tivesse acontecido nada. E ela no fundo tem um certo cinismo, quando declara estar disposta a qualquer espécie de desonestidade se o prêmio for suficientemente adequado, coisa com que a Desdêmona não concorda, de modo nenhum. Emília, por ser ambígua, é muito humana, muito normal. Nada mais natural que as pessoas sejam ambíguas e tenham contradições. Leva o esforço de uma vida inteira para você ter uma atitude que seja minimamente coerente com você mesmo, mesmo quando você quer. Quando você não quer, então, é nunca. Mas a pessoa que decidiu ter uma vida coerente passará a vida se percebendo em contradições aparentes muito graves. A Emília tem uma certa ambiguidade mas não tem a malignidade do marido.

O que podemos dizer de Cássio? Ele é uma personagem secundária, um sujeito bonito, com uma vida mundana, aparentemente não tem nenhum problema de caráter, a não ser uma tendência a um donjuanismo. Não podemos deixar de acreditar que ele tenha feito algum avanço amoroso à Desdêmona – certamente fez, alguma coisa ali está implícita –, mas nada que seja comprometedor.

As outras personagens são todas muito secundárias. Rodrigo é um sujeito rico e irresponsável que decide entrar nessa aventura porque seu amor próprio havia sido ferido pelo fato de que Desdêmona se casou, não com ele, mas com o Mouro, uma pessoa de natureza social considerada menor. Não há nada de mais no Rodrigo.

As três personagens centrais são o Otelo, a Desdêmona, e o Iago. Com que impressão de Otelo vocês ficaram, positiva, negativa ou mediana?

ALUNOS: Negativa. Altamente influenciável.

PROF. MONIR: Pushkin, o grande poeta russo, ao analisar esta obra dizia que o maior problema de Otelo era ser crédulo. Nós sabemos o que sobre ele? Sabemos que ele é um sujeito que tem muito mérito, é uma pessoa que demonstrou na sua existência coragem, valores pessoais muito grandes. Ele é honesto e teve uma história de heroísmo. Sabemos que o Otelo tem muitas virtudes, mas ao mesmo tempo tem um problema sério, ser completamente dominável pela conversa de Iago (Iago parece ser o mais inteligente deles, inteligente no sentido popular da palavra, esperto). É importante notar que o casamento de Otelo é muito surpreendente. E ele não só recebe a confirmação do casamento no palácio do Doge, na assembleia, como também recebe uma missão que poderia, caso tivesse sido executada, nobilizá-lo para sempre. Ele teria sido o vencedor daquela grande batalha contra os turcos. No entanto, apesar disso tudo, quando a tempestade acontece – a tempestade produz um caos que iria produzir uma revelação – o Otelo vai se deixando dominar por um sujeito, o Iago, que o controla completamente.

E sobre a Desdêmona, qual é a impressão que vocês têm sobre ela? Boa?

ALUNOS: *[Fazem comentários.]*

PROF. MONIR: Desdêmona é a melhor pessoa dessas aí. Ela é pura e inocente. A inocência dela a faz não perceber o perigo de investir excessivamente no caso de Cássio. A interpretação mais honesta é que ela faz isso por ingenuidade, e não porque ela tivesse uma queda por ele. E essa moça, no entanto, vai se enredando numa situação tão grave que chega ao final da

história ela mesma se autoacusa do seu próprio homicídio e morre de uma maneira digníssima, sacrificando-se por aquilo tudo.

Por outro lado, temos o Iago. Não sei se vocês se surpreenderam com ele, mas eu fiquei muito surpreso. É um sujeito de uma competência extraordinária. Controlou a situação do começo ao fim. Criou todas as movimentações por meio das quais as pessoas foram manipuladas. Nenhum de seus planos deu errado a não ser o último, o de matar Cássio e Rodrigo. Ficaria com o dinheiro de Rodrigo e com o lugar de Cássio. Teria já um grande prêmio, teria revertido totalmente a situação que ele mesmo criou. Além disso, queria muito que vocês reparassem o quanto Iago é um sujeito argumentador. Ele tem uma espécie de dialética satânica. Está sempre argumentando com muito bom senso, sempre coloca o problema nas partes certas. É o único com uma argumentação explicativa.

Afinal de contas, a pergunta que não quer calar é a seguinte: Como é que um amor tão extraordinariamente ideal como esse de Otelo e Desdêmona foi acabar nisso que deu? E é basicamente pela interação dessas três personagens que nós vamos desvendar este mistério. Mas antes alguém gostaria de fazer uma consideração sobre o que foi visto até agora?

ALUNA: *[Questiona se Otelo não teria se autossabotado por não se sentir merecedor da moça. Ele teria feito uma transferência da sua baixa autoestima para o Iago, que se tornou uma espécie de carrasco consentido.]*

PROF. MONIR: É uma boa ideia, mas há alguns fatos da história que não autorizam completamente essa hipótese. Por exemplo, o Otelo se revela crédulo apenas do Iago porque ele é a única pessoa com quem Otelo conversa

a respeito do assunto. Quando ele finalmente entra no assunto com a mulher, ele já está tão envenenado, tão fora de si que não a ouve mais, não porque ele não tenha mais credulidade para com o que ela diz, mas porque as emoções associadas ao ciúme já haviam tomado conta completamente. Ele não conseguiria mais olhar racionalmente para os fatos. Para poder olhar racionalmente para os fatos, é preciso ter as emoções controladas. Aristóteles diz que a nossa alma tem três componentes:

1. O componente vegetativo, que está presente em todos os seres vivos. O que faz com que as plantas cresçam. Um componente vegetal, autônomo.

2. O componente sensitivo. A alma sensitiva é a que está associada a emoções e paixões. Esta alma não pode ser autônoma, ela tem que estar subordinada ao terceiro componente da alma, que é a alma intelectiva, a alma racional que manda na segunda alma. A alma sensitiva pode ser parcialmente controlada pela alma racional. Por exemplo, quando alguém consegue controlar a raiva numa fechada de trânsito.

3. O componente intelectivo.

Otelo até o último minuto é crédulo da hipótese do lago. No final, teve que vir a Emília dizer para ele que ela tinha achado o lenço para que ele pudesse se convencer que o lenço foi um truque. No final da história ele reconhece o grande mal que fez. De alguma maneira no final ele retoma a consciência da verdadeira situação. Por aí podemos imaginar que o problema da autoestima não seja a causa dos acontecimentos.

ALUNA: *[Faz comentário sobre Otelo.]*

PROF. MONIR: Tem um pedaço que não está no resumo em que ele diz assim: “*Eu sou um homem da guerra que não entendo das coisas do amor*”. Às vezes os pequenos detalhes ajudam muito a entender a obra.

Vejam o que ele diz antes de se matar:

OTELLO

Um momento! Antes de irdes, escutai-me

Uma ou duas palavras. Bons serviços

Prestei eu a Veneza, e isto é sabido.

Quanto a esta parte, é só. Mas quando relatardes

Estes funestos acontecimentos,

Descrevei-me qual sou, sem nada atenuar,

Nem tampouco agravar, com maligno intuito.

Assim fazendo, falareis de um homem

Que, sem saber amar, amou profundamente,

E que, apesar de insenso aos erros amorosos,

impelido ao ciúme enlouqueceu.

De um homem cuja mão, como a do índio pobre,

Sem lhe saber o preço, atirou fora

a mais preciosa pérola da tribo.

PROF. MONIR: No primeiro fólio, diz assim: “*como o judeu*”. Aí mudaram para “*índio*”. Mas é índio no sentido de indiano, porque há uma espécie de lenda da Índia em que o sujeito jogou fora a pérola achando que não valesse a pena.

A Desdêmona é a pérola que ele atirou fora, a mulher perfeita. Embora pareça à primeira vista, esse não é um tratado sobre o ciúme. Embora tenha componentes associados ao ciúme, e todo o mundo já passou por situações como esta (imagino que seja normal que uma pessoa sinta ciúmes, ou sintasse como alvo de ciúmes), a história vai além disso.

O modo de entender isso talvez seja pela interpretação do fato notável que é a história começar logo com o casamento já resolvido, sem que Shakespeare tenha se dado ao trabalho de nos contar como foi que isso aconteceu. Parece que significa isso, não é? Vejam, não é de somenos importância um casamento deste tipo. Há o casamento entre um mouro e uma moça da nobreza veneziana, e este casamento é feito não só sem a autorização do pai dela, como sem que ele soubesse que estava acontecendo isso. E quem é que nos conta que houve o casamento? Iago. Isso também não é informação gratuita. O fato de que Iago sabia também significa alguma coisa. Iago nos conta que houve esse casamento, que é tratado por Shakespeare como se fosse trivial, quando na verdade não é. É um casamento de gravíssimas consequências, extraordinariamente surpreendente.

Quem é que está se casando, na verdade? Por que é que Shakespeare acha que o casamento é uma coisa que se compreende naturalmente?

ALUNO: É o casamento do céu com a terra.

PROF. MONIR: É isso. O casamento do céu e da terra, representados simbolicamente pelos dois. A Desdêmona representa o céu, por que ela representa uma espécie de pureza, de espiritualidade, que é simbolizada na história com a sua atitude de simplicidade, de credulidade. Ela não é crédula como

o Otelo, porque ela é ininvenenável. Já o Otelo tem uma potência de ser envenenado, e é de fato envenenado. Mas Desdêmona não. Ela é uma pessoa que não considerou nem mesmo os aspectos sociais do seu próprio casamento, ela não está preocupada se o marido é preto, branco, amarelo ou vermelho, se é rico ou pobre, não está preocupada com a idade do marido. Por isso é que ela se casa de um modo um pouco estabonado para os critérios normais de um casamento, porque uma mulher quando vai casar com alguém considera essas coisas todas.

Otelo representa o contraste total disso, por isso que ele tende a ser muito diferente dela. É por isso que o Shakespeare usa a diferença de cor para estabelecer este contraste didático. Otelo é o sujeito da terra, da luta, da vida violenta, da conquista....

ALUNO: Da segunda casta.

PROF. MONIR: É, mais ou menos isso. Otelo é um sujeito de segunda casta e a Desdêmona de primeira casta, mas Shakespeare está longe de querer debater sobre este aspecto.

Otelo representa a vida real e concreta aqui da terra. Mas ele não é um sujeito qualquer. Ele é o ser humano que viveu a vida humana da melhor maneira possível, tem méritos indiscutíveis.

Ora, o que acontece quando essas duas coisas se encontram? Você tem o casamento do céu e da terra, onde tudo começa. O casamento do céu e da terra não é incomum na literatura. É a mesma situação que há entre Dante Alighieri e Beatriz. Dante é conduzido no céu por Beatriz. Virgílio, o acompa-

nhante de Dante no inferno e no purgatório, cede na subida ao céu a condução de Dante a Beatriz, porque não pode mais ser um humano, é preciso que o espírito o conduza pelo Paraíso. Nunca se esqueçam de que Jesus disse quando veio aqui que ele era o esposo. Ele se autodenomina esposo da humanidade. A humanidade representa a terra e Jesus o esposo, no sentido de que ele casa com o terrestre e representa o espírito. Esse matrimônio do céu e da terra é como uma regra geral nas coisas humanas. É a única maneira que tem de se produzir o resultado final da existência humana. Uma existência meramente terrestre nos equivaleria ao reino animal, vegetal. Seríamos samambaias. O que está aqui proposto é que a humanidade só se realiza se houver o casamento do céu com a terra.

Quem faz todo o possível para impedir que o céu e a terra casem? O demônio, o único sujeito que sabia que os dois haviam se casado. A primeira fala é de Iago, dizendo que ia acabar com aquilo. Para que ele possa ter sucesso, ele precisa destruir aquele casamento que ele não suporta. É a única coisa que ele quer. O diabo é essencialmente simbólico nessa história. O diabo analisado metafisicamente não pode ter uma existência autônoma à de Deus. Se Deus é a maior força de todas, então o diabo deve ser subordinado a Ele e não pode ser inimigo de Deus. Seria ilógico. Você acha que isso é assim? Então você é um maniqueísta – aquele que acha que esse mundo é conduzido por um embate entre o bem e o mal, entre forças boas e forças ruins. Essa é uma ideia absurda dentro do contexto cristão, porque você não pode igualar o diabo a Deus. O diabo deve estar abaixo d’Ele, obrigatoriamente.

Os anjos e os diabos, que são anjos caídos, são aspectos da inteligência divina. Quando falamos em anjos, estamos falando em entidades que não têm

corpo, apenas entidades simbólicas. Claro que você pode imaginá-los como uma manifestação física, mas metafisicamente falando o diabo é algo da mente de Deus que estabelece um obstáculo à existência humana. Não é um obstáculo maligno, como se Deus nos quisesse mal, mas é um obstáculo no sentido físico da palavra. Por isso que eu costumo dizer que o diabo é o *personnal trainer* da desgraça.

O diabo estabelece um obstáculo, uma restrição a que esse casamento ocorra para que ele possa de verdade existir – para isso é preciso que haja alguma resistência, alguma oposição. Por isso a palavra *Satã* em hebraico significa o *opositor*. E a palavra diabo vem da palavra *diábolo*, que é o contrário de *símbolo*. Se símbolo é a união das coisas, “ver tudo junto”, diabo é a separação e a observação separada dos componentes.

lago cumpre simbolicamente o papel diabólico. Ele é um diabo perfeito. Está todo o tempo maquinando pelas costas, é traiçoeiro, todas as vezes que tenta matar alguém o faz pelas costas (mata a mulher pelas costas, tenta matar Cássio pelas costas). Tem uma visão de manipulação do sistema completo, ele sabe exatamente o que está fazendo e tenta por todos os meios impedir que aquela união aconteça. Ele se contrapõe à união do céu e da terra, que é a única maneira possível de se obter a realização humana, tentando impedir que ela possa se concretizar. Percebam que o meio pelo qual ele faz isso é que no fundo nos interessa entender aqui. Voltemos para aquele trecho em que o lago conversa com Rodrigo, que quer se matar porque não consegue obter as virtudes de que precisaria. Aí o lago diz assim:

IAGO

Virtude uma figa! De nós mesmos depende sermos deste ou daquele feitio. O nosso corpo é uma horta de que o nosso arbítrio é o hortelão. De forma que se quisermos plantar nele urtigas ou semear alface, criar hissopos ou mondar tomilho, cultivar nele um só gênero de ervas, ou espécies variadas; torná-lo estéril pelo nosso ócio ou fertilizá-lo com o nosso amanhã, é em nós mesmos, na nossa própria vontade que estão o alvitre e o poder para tanto. Se na balança da nossa vida não houvesse o prato da razão para equilibrar o outro prato das paixões, os nossos humores e a baixeza dos nossos instintos nos levariam às mais absurdas conseqüências. (pág. 64)

Ora, esse é o mais claro discurso humanista que se pode conceber. Qual a arma que o diabo usa para seduzir a mente de Otelo? Como ele possui Otelo (no sentido da possessão demoníaca)? Pela razão.

ALUNA: Pela mentira.

PROF. MONIR: Mas a mentira tem origem na palavra *mente*. Em que idade o céu e a terra estiveram casados? Na Idade Média, que havia acabado. Shakespeare está nos dizendo que o advento do homem racional e renascentista, esse homem que depende apenas de si (olhem só o diabo falando aqui: **“De nós mesmos depende sermos deste ou daquele feitio”**), que esta declaração de autonomia humana, é inspirada pelo diabo.

O diabo que apareceu nesta história é o racionalismo humano – que é uma parte do humanismo – a ideia que os seres humanos passaram a ter de que eles têm uma autonomia perante a vida e de que eles não dependem mais do céu para coisa nenhuma. Por que não há mais tragédias, só dramas? Por-

que nós não acreditamos mais nos deuses. E como não acreditamos mais nos deuses, ficamos achando que se alguma coisa der errado, tem que ter alguém que é culpado. Como nós não acreditamos mais que existam grandes mistérios, só acreditamos nos pequenos. Então se você está doente é porque você está em desequilíbrio com alguma força da natureza; se você foi à falência, é porque algum desequilíbrio você tem. Ninguém consegue imaginar que fatos na sua história pessoal possam ter uma origem misteriosa, que venham de um mundo absolutamente incontrolável por você – é preciso você passar a achar que tem o total controle sobre o destino da sua vida. É isso que o lago tenta fazer. O lago é o homem renascentista.

Olhando por outro lado, como é que o diabo faz para dissolver o casamento do céu e da terra? Ele interpõe a razão, que é capaz de convencer a terra de que o céu não existe, de que não existe essa subordinação. É por esse meio que lago produz esse estrago gigantesco. lago corresponde a um professor universitário moderno convencendo os alunos de que o mundo é assim conforme Marcuse achou, conforme Freud achou, etc.

Shakespeare está tentando mostrar como é este mundo piorado. A peça chave para se entender Shakespeare é *A Tempestade*, que explica todas as outras peças. É a última peça. No final Shakespeare (que é Próspero) – ele deve ter sido o ator que fez o papel de Próspero – diz assim: “Eu agora jogo fora os meus livros de magia, e peço que vocês me libertem, porque eu tentei tudo, passei minha vida fazendo isso e agora quero ir embora”. Pede que a audiência o aplauda libertando-o da missão de falar do casamento do céu e da terra para as pessoas. É isso que explica toda a obra shakespeariana. Ele sabe que esse humanismo nascente, essa autonomia da mente humana para resolver as coisas é uma obra simbolicamente diabólica para impedir o casamento do céu e da terra.

No final o diabo é derrotado. Na hora em que tem aquele quiproquó no final, o diabo diz assim: *“Eu não falo mais nada”*. Porque, tendo sido desmascarado o plano, ele não tinha mais o que falar mesmo. O casamento do céu e da terra só é dissolvido em vida porque alguém produziu o percurso da mente, o percurso lógico para isso. É por isso que o lago é o equivalente ao filósofo moderno. Ele passa o tempo todo filosofando, tirando conclusões, montando um plano, premissas básicas, premissas posteriores... Ele é um grande intelectual, esse lago. Um sujeito incrivelmente inteligente. Olhem o estrago que ele fez sozinho! A mulher dele entrou nesta história como coadjuvante inocente. Tudo o que ela fez foi roubar o lenço. Ele nem contou para a mulher o que ia fazer; planejou tudo sozinho. Transformou o Rodrigo e a Emília em instrumentos da ação maligna e fez tudo isso acontecer sozinho.

Que extraordinário mérito não tem essa gente que faz essas coisas hoje em dia! Os lagos todos que estão por aí, produzindo as ideias malucas de que Deus não existe. Isto tudo como instrumento de prestígio universitário, propagando um ateísmo que não se pode propagar de modo nenhum porque a afirmação de que Deus não existe não pode ser feita por ninguém que tenha espírito científico, pois para que se pudesse afirmar isso seria preciso ter a totalidade do conhecimento – como isso não se pode ter, é uma afirmação profundamente religiosa essa de que Deus não existe. O Ernesto Sábato, que é o melhor filósofo que a Argentina já produziu, dizia que o ateísmo é um tipo de religião.

Vocês percebem que se o lago produziu um sucesso, se ele de fato conseguiu o que queria – desmanchar o casamento do céu e da terra –, no fim há uma recuperação da perspectiva do casamento? E onde está simbolicamente o casamento renovado? No beijo. Diz assim Otelo: *“Antes de te matar, eu te*

beije. Agora vou te beijar de novo com amor”. Quer dizer, se este casamento não foi possível ali, será possível numa outra esfera.

ALUNO: Nos lençóis.

PROF. MONIR: Os lençóis, no início e no fim do relacionamento. Não subestimem Shakespeare. Ele é muito, muito esperto. Ele não escreve nada para fazer crônica social da sua época, nunca está interessado nos fatos históricos – tanto é que ele não serve como referência histórica porque confunde as datas, os nomes são muito arbitrários... No entanto, esse sujeito sabia do que estava falando. Esta obra é a mais emblemática desta visão condutora – do conceito nuclear da obra shakespeariana –, a ideia da percepção do desastre que acontece na existência humana quando há o descasamento do céu e da terra.

É por isso que ele logo começa dizendo que o céu e a terra estão casados. Ele não quer nem entrar no mérito disso, porque o casamento de Otelo e Desdêmona é o casamento perfeito. É a mulher perfeita com o homem perfeito. No modelo espiritual humano do catolicismo, a mulher é o modelo humano perfeito (representada por Nossa Senhora), e Otelo, na sua base humana, é um herói, um sujeito que teve todo o mérito. Esse casamento perfeito só é desfeito com a dialética diabólica que a mente produz encontrando razões que justifiquem a destruição do vínculo.

A nossa mente pode ser o nosso maior inimigo. Por isso é que os antigos diziam que mais importante do que a mente é o intelecto. E que o intelecto não está na mente, mas está no coração. Cuidado para não achar que é o coração fisicamente. Eles insistiam em dizer que além do corpo nós temos uma alma, e que além da alma temos um espírito, ou intelecto.

Neste caso houve vitória parcial da alma – da mente sobre o espírito. Vitória essa que no final é completamente desmascarada, o que permite que haja o reencontro em outro nível. O céu e a terra se casarão novamente lá em cima.

Esse é o problema da intelectualidade moderna. Se vocês quiserem minha opinião, de quem passa o dia todo estudando esses assuntos, você tem em quase todo o pensamento moderno uma tentativa de fazer esta revolta metafísica que o lago representa aqui – uma tentativa de assumir um poder gnosticamente –, o que não é possível, porque estas coisas não estão ao alcance da mente. A tentativa de transformar a mente numa tirânica personagem da vida humana é uma tentativa humanista, que estava nascendo no tempo de Shakespeare. O mundo que o antecedeu, o mundo medieval, era o que se caracterizava pelo casamento do céu e da terra.

Há uma certa quantidade de terapias esquecidas que são espirituais. Como não acreditamos mais no céu, transformamos todas as coisas em fenômenos terrestres. Queremos resolver problemas espirituais com terapias psicológicas e achamos que tudo se reporta no fundo à mente – quando na verdade tem muita coisa que é doença espiritual, pura e simples. Pessoas como o Fernandinho Beira-mar, esses criminosos, são pessoas profundamente doentes – do espírito. A gente não conseguirá resolver o problema desta gente a não ser que retomemos um certo grau de espiritualidade. É isso que o mundo moderno jogou fora na hora em que resolveu transformar lago em professor universitário, orientador de doutorado. Aí temos essas coisas contraintuitivas que se acha que seja ciência.

Vocês compreendem que isso tudo está implícito nessa história? Não estamos falando de ciúmes, mas sim de uma tragédia humana de proporções indescritíveis. Da vitória da mente sobre o espírito, que há de ser sempre

parcial e precária. Ela não pode vencer no final. No fim não é o lago quem ganha, mas o beijo que Otelo dá em Desdêmona. Há a recuperação da ordem no final das coisas. Dúvidas e considerações?

ALUNO: [*Faz comparação entre lago e o Piotr de Os Demônios.*]

PROF. MONIR: Pois é. Piotr é o diabo em pessoa também, garantidamente. Para falar em termos literários, as condições de fabulação das duas obras são muito diferentes. lago tenta fugir – ele mata a mulher e sai correndo, mas como está numa ilha, fica fácil de capturá-lo. O diabo é capturado por circunstâncias da fabulação da história, mas ele tenta fugir como o Piotr faz em *Os Demônios*, em que ele faz toda aquela confusão e desaparece.

Outro pedaço emblemático é quando lago volta preso. Otelo olha para os pés dele para ver se o casco é fendido, se são pés de diabo. Vê que não, que esta história de casco fendido é pura lenda. Aí ele tenta matar o diabo, para ver se ele consegue. Ele fere lago, mas não mata. Isso comprova a tese de que o lago representa simbolicamente o diabo. A gente não deve subestimar Shakespeare, ele é extraordinário.

ALUNO: [*Faz comentário sobre a forma como a Emília mudou no decorrer da história.*]

PROF. MONIR: Emília é uma criatura ambígua, ela topa fazer qualquer negócio. Isso não é uma atitude muito honesta. Tanto é que ela aceita roubar alguma coisa para o marido. No fundo ela não vai roubar – que ela vai fazer uma cópia para devolver o original, mas naquele momento ela age um pouco levianamente. No entanto ela não tem a culpa do lago, porque ela não é

o demônio. Mas o que acontece após a morte de Desdêmona? Ela assume a posição da personagem mais importante de todas, como se fosse uma personagem luminosa – é que a luz do espírito passa da Desdêmona para a Emília automaticamente com a morte da Desdêmona. Ela passa a representar a luz do espírito que vê as coisas com clareza, que esclarece a verdade. A Desdêmona tendo morrido, é automaticamente substituída. Daquela ambiguidade humana normal, Emília sai dessa história com uma espécie de luz, de criatura angelical que conta tudo, mesmo sabendo que aquilo iria ocasionar a desgraça do seu marido.

ALUNO: *[Faz comparações entre Emília e Desdêmona.]*

PROF. MONIR: É muito diferente o modo de como as duas reagem. Desdêmona está morrendo e diz que foi a culpada porque se casou com Otelo clandestinamente (embora isso seja uma suposição que estou fazendo, pois em nenhum lugar há sustentação para essa tese). O caso da Emília é muito diferente, porque ela se transforma completamente de ser aquela aia meio comparsa do marido – ela sabia o marido que tinha – para uma condição de santidade. Ela acorda daquela situação e esclarece o caso como se aquela luz tivesse passado para ela.

ALUNA: *[Faz comentário.]*

PROF. MONIR: Ela esclareceu a situação porque ela agora tinha a luz espiritual, e explica. Ela morre em seguida, como se por ter tanta luz espiritual não pertencesse mais a esse mundo. Mesmo o Otelo irá se reabilitar no final das contas.

ALUNOS: [*Aplausos*]

(Resumo feito por José Monir Nasser, com excertos traduzidos por Onestaldo de Pennafort, retirados de “Otelo”, Editora Civilização Brasileira, 1968.)

O Idiota

de Fiódor Dostoiévski (1821 - 1881)

Transcrição da palestra do professor José Monir Nasser em Paranaíba, em 29/05/2009¹¹

11 Transcrição de Cleber Viotto e de Patrícia Nasser. Revisão de transcrição de Patrícia Nasser.

O Idiota

INTRODUÇÃO DO PROFESSOR

PROF. MONIR: Os escritores russos foram expulsos para os bastidores e só sobraram os escritores do exílio como Soljenítsin, por exemplo. Mas os escritores tipicamente russos do século XX foram escritores estatais assim como Gorki, sujeitos que escreviam o que mandavam escrever, e que, portanto, não têm valor artístico verdadeiro. Dostoiévski foi o maior de todos os escritores russos do século XIX. Ele teve uma das vidas mais trágicas dentre os escritores russos. É filho de um médico de classe média; a mãe dele, tuberculosa, morreu muito cedo, e o pai era um tipo tirânico, um sujeito descontrolado, que bebia muito. Tinha descontroles emocionais gravíssimos. Nessa época existia na Rússia um sistema de escravidão branca, chamado servidão. A servidão era como se fosse uma escravidão. A diferença é que Portugal e Espanha escravizaram povos que não eram o seu próprio, não é isso? E lá havia a escravidão do próprio concidadão, do próprio russo.

Não era bem uma escravidão, mas na prática era. O servo – o mujique, que era agricultor – fazia parte da propriedade rural como o poço, o arado, enfim. Ele era vendido junto. Além disso, o dono da propriedade rural fazia o que bem entendia com o sujeito. De modo que o pai de Dostoiévski havia criado inúmeros problemas e acabou sendo morto pelos seus servos numa emboscada. Não só morto – um detalhe importante –, ele foi mutilado sexualmente pelos servos. Digo isso para vocês não porque esteja fazendo fofoca do assunto aqui, não que eu seja o Leão Lobo¹² da literatura, não é isso. É porque Freud acabou desenvolvendo grande interesse por esse assunto, estabelecendo que Dostoiévski era um caso típico da sua teoria sobre o complexo de Édipo. Complexo de Édipo é o ciúme sexual que o menino tem da mãe, que leva o menino de alguma maneira a desenvolver imaginativamente o desejo de matar o pai para casar com a mãe. A mesma coisa acontece com a menina, só que com outro nome: complexo de Electra. Dostoiévski era epilético, e Freud achava que a epilepsia do Dostoiévski tinha nascido como sequela psicológica desse fenômeno – quando o pai dele foi morto pelos servos e mutilado sexualmente, o menino teria enxergado nesse fato uma culpa, já que teria desejado isso, e aí teria desenvolvido a epilepsia como sintoma do complexo de Édipo. Mas isso não é realmente possível, porque ele era epilético muito antes de o pai ter sido morto. No entanto Freud era apaixonado por Dostoiévski, pelas razões erradas, talvez, mas apaixonadíssimo.

12 Nota da revisora de transcrição: De 2004 até junho de 2007 Leão Lobo teve na Rede Bandeirantes um programa, De Olho nas Estrelas, que girava em torno das novidades da televisão e fofocas sobre as celebridades. (Fonte: Wikipedia)

CRONOLOGIA

1821 Em 30 de outubro, Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski nasce em Moscou. Teria um irmão mais velho, Mikhail, e uma irmã e um irmão (Andrei) mais novos.

1828 Primeira crise epilética.

1831 Seu pai, o médico Mikhail Andreievitch, compra as propriedades rurais de Daravóie e Tchermarchnia.

1834 Fiódor e seu irmão mais velho, Mikhail, entram no liceu Tchermák, em Moscou.

1837 Sua mãe, Maria Fiódorovna, morre de tuberculose em Daravóie. Neste ano, em janeiro, Puchkin morre num duelo.

1838 Fiódor é admitido na escola superior de engenharia militar de São Petersburgo.

1839 Seu pai, alcoólatra e tirânico, é assassinado e mutilado sexualmente pelos servos em Daravóie.

1844 Abandona a carreira militar, onde tinha o cargo de engenheiro desenhista.

1846 Publica *Gente Pobre* e *O Duplo*.

1847 Frequenta o círculo Petratchévski, grupo de jovens socialistas utópicos que se reuniam secretamente em São Petersburgo para discutir ideias.

1849 Começa a publicar em capítulos o romance *Netotchka Nezvánova*, mas é preso em 23 de abril, na fortaleza Pedro e Paulo, sob acusação de conspirar contra o Estado, e, em 16 de novembro, condenado à morte. Em 22 de dezembro, diante do pelotão de fuzilamento, recebe a notícia de que o czar Nicolau I comutara a pena de morte em prisão na Sibéria – “teatro” sádico montado pelas autoridades, que esperaram o momento da execução para anunciar o perdão. Parte no dia 24 de dezembro para a Sibéria. O romance *Netotchka Nezvánova* não seria continuado.

1854 Deixa o presídio na Sibéria em fevereiro, depois de quatro anos de trabalhos forçados em Omsk. Completando a pena, serve como soldado em Semipalatinski.

1855 Escreve *Recordações da Casa dos Mortos*.

1857 Casa-se em Semipalatinski com a viúva Maria Dmitrievna Issaieva, que conheceu ainda casada. Na noite de núpcias sofre violento ataque epilético. Maria Dmitrievna é tuberculosa.

1859 Volta da Sibéria, dez anos após ter sido preso na Fortaleza Pedro e Paulo.

1861 Funda com o irmão Mikhail a revista literária *O Tempo (Vriêmia)*, que publica, na estreia, a primeira parte de *Humilhados e Ofendidos*. No dia 19 de fevereiro, são libertados os camponeses servos por Alexandre II.

1862 Viaja pela Europa Ocidental.

1863 A censura proíbe *O Tempo* por causa de um artigo sobre a questão polonesa. Parte para Paris ao encontro da estudante anarquista Polia (Paulina) Súslova, com quem se envolvera. A caminho, passa por Wiesbaden e perde o dinheiro no cassino local. Paulina, um tipo volúvel, iria deixá-lo por um estudante de medicina.

1864 Morrem sua mulher, de tuberculose, e seu irmão Mikhail, de uma moléstia do fígado, três meses depois.

Assume o jornal *A Época* (*Epokha*), novo nome para *O Tempo*, em que publica, em duas partes, as *Memórias do Subsolo*.

Neste ano é estabelecida a primeira Internacional em Londres e o sistema judiciário russo é modernizado.

1865 Parte para a Europa com 165 rublos adiantados para um livro e os perde na roleta de Wiesbaden. O jornal *A Época* deixa de circular. Concebe *Crime e Castigo*, enquanto espera resgate financeiro de amigos.

1866 Publica *Crime e Castigo* aos poucos no *Mensageiro Russo*. Promete continuação, mas não cumpre, porque recebe encomenda de novo romance e contrata a estenógrafa Ana Grigoriévna Snitkina para o auxiliar a entregar *O Jogador* no prazo previsto, já que havia assinado contrato com Botcharov, o advogado do editor F. T. Stiellovski, que lhe dava prazo de vinte e seis dias, sob pena de perder por nove anos os direitos sobre a obra.

O estudante D. V. Karakózov atenta contra a vida do czar Alexandre II.

1867 Casa se com Ana Grigoriévna e, para escapar dos credores, vagueia com ela quatro anos pela Europa, começando por Berlim, Dresden, Frankfurt, Baden Baden, Basileia e Genebra.

1868 *O Mensageiro Russo* começa a publicar em capítulos *O Idiota (Idiót)*. Sua filha Sófia nasce em fevereiro, mas morre três meses depois. O casal visita Vevey, Milão, Florença.

Neste ano Mikhail Bakunin (1814-1876) e Serguiêi Nietcháiev (1847-1882) escrevem o manual *Catecismo do Revolucionário*, seguindo a linha de Alexandre Radichtchov (1749-1802).

1869 O casal visita Veneza, Bolonha, Trieste, Viena, Praga e Dresden. Em setembro, nasce sua filha Liubóva.

Serguiêi Nietcháiev, discípulo de Bakúnin, e outros quatro membros da organização clandestina *Justiça Sumária do Povo (narodnaia rasprava)* matam o colega Ivan Ivánovitch Ivanov, suspeito de traição ao plano de provocar uma insurreição na Rússia na primavera de 1870. O episódio seria reproduzido em *Os Demônios* e emulado por Luís Carlos Prestes que, junto com outros comunistas, assassinou, em fevereiro de 1936, por ordem de um “tribunal revolucionário”, composto por eles mesmos, a mocinha Elza Fernades, amante do “Miranda”.

1871 *O Mensageiro Russo* começa a publicar em janeiro os capítulos de *Os Demônios (Biêsi)*. Volta para São Petersburgo, onde nasce seu filho Fiódor. Dos-toiévski assiste ao processo dos “nietchaievistas”.

1873 Começa a publicar *O Diário de um Escritor* no jornal *O Cidadão* e arruma problemas com a censura.

1875 Em agosto, nasce seu filho Alexei. Publica *O Adolescente*, mal recebido pela crítica.

1878 Alexei morre após crise de epilepsia. Escreve *Os Irmãos Karamázov*, primeira obra de uma trilogia planejada e não executada, pré denominada *A Vida de um Pecador*.

1881 Dostoiévski morre em São Petersburgo na noite de 28 de janeiro. Uma multidão acompanha seu enterro.

O czar Alexandre II, após escapar a vários atentados, é assassinado em um ataque a bomba.

1917 Bolcheviques tomam o poder na Rússia em outubro e estabelecem a “ditadura do proletariado”.

1928 Sigmund Freud (1856-1939) publica o artigo *Dostoiévski e o Parricídio*, tentando explicar psicanaliticamente a epilepsia do escritor.

Dostoiévski teve uma vida muito difícil, além de ter sofrido cedo a perda da mãe e de ter passado a vida toda tendo ataques terríveis de epilepsia – um especialmente ruim na noite de núpcias do primeiro casamento. Veja que maneira de impressionar a noiva, não? Deve ter ficado impressionadíssima.

Com vinte e poucos anos de idade ele entra num daqueles grupos de jovens descontentes com a vida no império russo, com o imperador. Reúne-se lá um grupo com pretensões revolucionárias, chamado Círculo Petrachevski, de natureza fourieriana – adepto das ideias de certo Fourier, um dos inúmeros teóricos socialistas da época. Esse grupo não era revolucionário de fato,

mas era um grupo que se escondia e acabou sendo descoberto pela polícia secreta do Czar, a *Okhrana*. Havia uma situação grave, de grandes tensões – tanto é que o czar Alexandre, que depois libertará os escravos, sofreu cinco tentativas de assassinato. Como havia uns espíritos que estavam muito mobilizados para [a repressão dos atentados], os membros desse grupo do círculo Petrachevski são condenados à morte; entre eles, Dostoiévski. Ele foi preso numa fortaleza de Petersburgo, a Fortaleza de Pedro e Paulo, e mandado para o pelotão de fuzilamento. Foi feita toda aquela preparação para o fuzilamento e, no último minuto, quando alguém ia dizer: “Atenção, apontar, fogo!”, o pessoal fala: “Não, brincadeirinha, não tem mais pena de morte”. O czar havia na verdade mudado a pena para pena de desterro, primeiro em prisão na Sibéria, depois para ser soldado raso em Semipalatinsk. As autoridades não avisaram, e fizeram esse teatro macabro. Obviamente uma situação como essa você não esquece, de ter visto a morte tão de perto. Ele ficou então dez anos fora de São Petersburgo, entre a estadia na Sibéria e o serviço como soldado raso. Veio de lá casado com uma viúva que ele conheceu ainda casada, e foi nesta noite de núpcias com essa viúva que ele teve um dos ataques mais graves de epilepsia. A visão benigna disso é que ela pode ter julgado que foram as suas habilidades carinhosas...

ALUNOS: [Risos]

PROF. MONIR: A verdade é que Dostoiévski volta da Sibéria completamente modificado, e começa então a escrever a sua obra. E sua obra é profundamente influenciada por essa experiência. Ele nunca teve paz nenhuma porque, além da epilepsia, bebia demais – era alcoólatra, como o pai – e viciado em jogo, de modo que tudo o que ganhava, ele perdia, jogava fora na roleta. Vivia escondido dos credores, viajando pela Europa, e os seus filhos

nasciam e morriam, de modo que ele teve uma vida muito triste. Pensando bem, foi uma vida triste, o que não deixou de consagrá-lo em vida. Quando Dostoiévski morreu em 1881, seu enterro foi acompanhado por grande quantidade de pessoas – na Rússia um escritor nunca havia tido esse grau de homenagem. O maior enterro de escritor que já existiu no mundo foi o de Victor Hugo, que foi acompanhado talvez por dois milhões de pessoas. Mas Victor Hugo tinha escrito *Os Miseráveis*, afinal de contas um livro simpático ao povo, ele tinha toda uma obra acessível. Dostoiévski não, porque os livros de Dostoiévski não podem ser chamados de livros populares. Nunca foram livros populares, embora naquela época fosse comum primeiro editar os livros nos jornais e depois imprimi-los, de modo que o jornal publicava a história em capítulos. Dostoiévski, no entanto, fez uma obra maravilhosa, magnífica! Nem sempre era bem acabada, porque como estava sempre precisando de dinheiro, sempre pressionado para pagar dívidas, ele aceitava contratos em quantidade excessiva, acima do normal, e fazendo isso ele acabava não se dedicando. Agora é preciso lembrar que é muito melhor uma obra genial com alguns problemas de acabamento do que uma porcaria bem feita, “bonitinha”. Portanto, não vamos nos incomodar com esse fato, porque não tem a menor importância na prática. As obras são todas maravilhosas. E acho esses cinco livros que sugeri especialmente importantes¹³.

O livro que estudaremos hoje, *O Idiota*, é meu livro predileto do Dostoiévski. Eu gosto mais dessa história! Acho essa história encantadora, tocante, emocionante. É a história do Príncipe Míchkin.

13 Nota da revisora de transcrição: As cinco obras sugeridas são Crime e Castigo, Os Demônios, Irmãos Karamázov, Memórias do Subsolo e O Idiota.

Ela se passa na Rússia, como todas as histórias de Dostoiévski, e começa com o encontro do Príncipe Míchkin com Rogójin num trem, os dois indo para a cidade, os dois que estão fora da cidade há muito tempo, por razões diferentes. Rogójin está voltando para casa depois que seu pai morreu. O sujeito havia sido expulso da cidade pelo pai – aí vocês imaginam mais ou menos como deve ser esse Rogójin. O próprio pai o expulsou da cidade. Esse Rogójin volta pra cidade, que no caso é São Petersburgo.

São Petersburgo é a capital da Rússia nesse momento. É uma cidade como Brasília, uma cidade artificial. Moscou sempre foi a capital da Rússia, até que no século XIX o czar mandou fazer o saneamento de um pântano e fez essa cidade, uma cidade planejada. São Petersburgo só deixou de ser capital quando houve a tomada do poder pelos bolcheviques, em 1917. Daí então Moscou passa novamente a ser a capital e São Petersburgo muda de nome para Leningrado. Com o final da União Soviética, volta a chamar São Petersburgo, ou apenas Petersburgo.

Um dos truques para se ler Dostoiévski é dar se conta do problema dos nomes das pessoas na Rússia. Todo livro russo que nós lemos aqui tem esse mapa das personagens – para não confundirmos os nomes, e depois ficarmos sem saber de quem estamos falando. É uma boa medida para romances longos. Eu não consigo ler nunca sem um papel do lado e uma caneta, porque alguns mapas, alguns esquemas de parentesco, algumas ligações entre as pessoas é fundamental fazer. Agora, no caso dos livros russos, se você não faz esses mapas, a leitura fica muito mais difícil, porque as pessoas têm nomes compostos de três nomes: o primeiro nome é o nome de verdade, o segundo é o patronímico – o nome do pai da pessoa, e o terceiro é o nome da família. Como isso é um sistema preciso e constante, pelos no-

mes você sempre sabe quais são os parentescos, porque está declarado de quem o sujeito é filho. Então dá para saber quem é irmão. E o pior é que eles também têm apelidos, às vezes mais de um. E são apelidos completamente estranhos, apelidos que não parecem um com o outro. O apelido do sujeito é “Zezé” e “Caixa d’água” ao mesmo tempo. E como é que faz para saber que é a mesma pessoa? Por isso que sempre tem esse mapa das personagens, reparem por gentileza.

O IDIOTA

Mapa das Personagens

NOME	APELIDOS	CARACTERÍSTICAS
Liev Nikoláievitch Míchkin Schneider Nikolai Andréievitch Pavlishov		Príncipe epilético de 26 anos. Médico que trata de Míchkin na Suíça. Amigo do pai de Míchkin, benfeitor de Míchkin.
Parfen Semeónitch Rogójin Semeon Parfiénovitch Rogójin Semeon Semeónitch Rogójin Zaliójev	Sienka	Jovem impetuoso, sem escrúpulos, herdeiro de fortuna, 27 anos, apaixonado por Nastácia. Pai de Parfen, comerciante, falecido. Irmão mais velho de Parfen, viúvo. Amigo de Parfen.
Nastácia Filíppovna Barachkova	Nástia	Moça de origem nobre, filha de um proprietário falido, 25 anos, pivô dos romances, “protegida” por Totski.
Fillip Alieksándrovitch Barachov Dária Alieksêievna Afanási Ivánovitch Totski		Pai de Nastácia, falecido. Amiga de Nastácia. “Protetor” de Nastácia, capitalista, rico, 55 anos.
Ivan Fiódorovitch Iepántchin IelisavietaProkófievna Iepántchina Alieksandra Ivánovna Iepántchina Adelaída Ivánovna Iepántchina Aglaia Ivánovna Iepántchina	Lisavieta	General reformado, 56 anos, bem de vida. Generala da estirpe “Míchkin”, 56 anos. Filha, musicista, 25 anos. Filha, pintora, 23 anos. Filha, muito bonita, 20 anos.
Príncipe Sch. Ievguiêni Pávlovitch Radomski Bielokónskaia		Engenheiro, 35 anos, interessado em Adelaída. Ex oficial rico, interessado em Aglaia, 28 anos. Princesa, madrinha de Aglaia, senhora de idade.

NOME	APELIDOS	CARACTERÍSTICAS
Ardalion Aliexsándrovitch Ívolguin Nina Aliksándrovna Ívolguina Gavrila Ardaliónovitch Ívolguin	Gánia/Ganka Ganiétchka Vária/Várika	General aposentado empobrecido, 55 anos. General, 50 anos. Filho, 27 anos.
Varvara Ardalióvna Ívolguina (Ptítzina) Nikolai Ardalionovitch Ívolguin Fierdischenko Ivan Pietróvitch Ptítzin	Kólia	Filha, 23 anos. Filho, 13 anos. Tipo bufão, bebedor, 30 anos, inquilino na casa dos Ívolguins. Origem humilde, bem de vida, agiota, 30 anos, pretendente a Vária.
Marfa Borisovna Tieriéntieva Hippolit Tieriéntiev Ielena Tieriéntieva	Liénotchka	Capitã, "amante" do General Ívolguin. Jovem tuberculoso, filho de Marfa e amigo de Kolia, 18 anos. Filha, 8 anos.
Lúkian Timoféievitch Liébediev Vera Lukianova Liébedieva Konstantin Lukianovitch Liébediev	Kóstia	Pequeno oficial, 40 anos. Filha de Lúkian. Filho de Lúkian.
Tchebarov Antip Burdovski Vladimir Doktorenko Keller		Advogado inescrupuloso que tenta chantagear Míchkin. Pretendente à herança de Míchkin, 20 anos, suposto filho de Pavlischov. Sobrinho de Liébediev. Reivindicador. Reivindicador. Boxeador. Oficial da reserva.
(A transliteração utilizada é da tradução de Paulo Bezerra em O Idiota, 1a. edição, Editora 34)		

PROF. MONIR: Peguemos a primeira personagem, Liev Nikoláievitch Míchkin. Esse é a personagem central, o Príncipe Míchkin. Tem 26 anos e é epilético, como Dostoiévski. Há três personagens epiléticas em Dostoiévski: Príncipe Míchkin, Smerdiákov, de *Os Irmãos Karamázov* e Elena (Nellie) de *Humilhados e Ofendidos*. Quando olhamos para o nome do Príncipe Míchkin, sabemos que o pai dele se chama Nikolai, porque o nome significa: Liev (a mesma coisa que "Leão"), filho de Nikolai, Míchkin. Ele também poderia se chamar Nikolaievov, porque também daria pra fazer a terminação com "ov". Mas se a irmã dele se chamasse Dária, ela seria Dária Nikolaievna

Míchka, porque para mulheres colocamos terminação feminina. Portanto você sempre sabe como seria seu nome em russo, é fácil saber. Um dos benefícios desse curso aqui é que no final da aula todo o mundo sabe falar russo. Tá vendo, não é todo o dia que você aprende uma língua assim em quatro horas, desse jeito...

Príncipe Míchkin, na minha opinião, é a mais impressionante das personagens dostoiévskianas. Vamos ler a história agora.

A história no início é um pouquinho truncada, porque o livro é muito grande, e temos que fazer um resumo não excessivamente grande, porque senão não cabe nas nossas quatro horas. Vou começar lendo o resumo da narrativa.

RESUMO DA NARRATIVA

Dostoiévski começou a escrever O Idiota em fevereiro de 1867 em Genebra,

PROF. MONIR: Numa dessas fugas de credores.

uma das escalas de sua temporada refúgio de quatro anos no exterior, que fez com sua segunda mulher Anna Grigórievna.

PROF. MONIR: Como era o nome do pai da Anna?

ALUNOS: Gregório.

PROF. MONIR: Vocês viram só, não falei que vocês já sabem russo? Eu não estava exagerando!

Para escrever a obra, Dostoiévski havia recebido adiantamento da revista *Mensageiro Russo*, mas a ideia central do romance já era antiga. Segundo sua correspondência, Dostoiévski procurava “representar um homem inteiramente positivo, de uma natureza absolutamente bela”. Dostoiévski continua: “De todas as belas figuras da literatura, a mais perfeita é Dom Quixote. Mas Dom Quixote só é tão belo por ser ao mesmo tempo ridículo”.

PROF. MONIR: Dom Quixote é uma das maiores maravilhas literárias já escritas.

No momento em que *O Idiota* estava sendo escrito, as reformas de Alexandre II, como a abolição da servidão,

PROF. MONIR: que foi em fevereiro de 1861. Essa é quase a data mais importante da história da Rússia. O ano 1861 é o ano mais importante de todos, porque esse foi o ano em que foi abolida a servidão na Rússia.

já haviam perdido o seu impacto inicial e restava a sensação de uma ocidentalização acelerada na Rússia, associada ao *status* decrescente da classe latifundiária e à emergência de uma pequena burguesia.

Entre as outras obras do autor, as mais próximas de *O Idiota* são *Notas do Subsolo* e *Humilhados e Ofendidos*.

PROF. MONIR: Então sabemos que as duas primeiras personagens são Príncipe Míchkin, que é a personagem central, o idiota propriamente dito, e o Rogójin, que é o sujeito que ele encontra no trem. Eles não se conhecem, mas

estão indo para a mesma cidade e começam a conversar. Ambos voltam a Petersburgo por razões diferentes, que logo saberemos quais são.

Livro I

Logo do início, Dostoiévski nos apresenta as duas principais personagens do romance: o Príncipe Liev Nikoláievitch Míchkin e Parfen Semeónitch Rogójin. Míchkin tem “entre vinte e seis e vinte e sete anos, alto, muito loiro, olhos graúdos, azuis e perscrutadores”. Rogójin é de estatura mediana, “uns vinte e sete anos, cabelos encaracolados, quase pretos, olhos castanhos miúdos porém incandescentes”... “seus lábios finos formavam constantemente um sorriso descarado, zombeteiro e até mesmo mau...”

PROF. MONIR: Esse é o Rogójin, que não parece ser muito simpático, pela aparência. Eles têm alguma semelhança entre si?

ALUNA: A idade.

PROF. MONIR: A idade, muito bem.

Sem se conhecerem, ambos vêm de trem para São Petersburgo e se encontram, segundo o autor, de maneira extraordinária. Míchkin e Rogójin começam uma conversa à qual se junta o pequeno oficial Liébediev, com cerca de quarenta anos. A temática desta conversa é a espinha dorsal do romance. Apesar de Míchkin e Rogójin discordarem de quase tudo, sofrem misteriosa atração mútua.

PROF. MONIR: Esse é um fato importante na história. Queria antecipadamente descartar qualquer hipótese homossexual. Não existe aqui nenhuma conotação sexual; eles têm uma atração mútua por outras razões. Por que eles têm essa atração mútua, é uma boa pergunta para se responder ao longo da nossa história.

As roupas e assuntos de Míchkin dão a impressão de ele ser estrangeiro, apesar de pertencer a uma velha linhagem de nobres russos. Na verdade, Míchkin estava voltando, sem ter sido completamente curado, de uma longa estadia de quase cinco anos numa instituição para doentes mentais no cantão Wally na Suíça, fato que o príncipe compartilha sem constrangimento com os desconhecidos Rogójin e Liébediev e sem se importar com o tom de sarcasmo de seus interlocutores.

PROF. MONIR: A primeira coisa interessante aqui, que já nos revela muito sobre o Príncipe Míchkin, é que não é normal você encontrar dois desconhecidos num trem e dizer assim: “Olha, eu passei cinco anos internado em um hospício, então não sei se eu estou muito bem ainda...” Isso não é uma coisa que se faça normalmente, não é? No entanto vocês verão que o Príncipe Míchkin, dentre outras características, é de uma sinceridade, de uma espontaneidade absolutamente acachapante. Ele não tem nenhum jogo de aparência, nada. Então está contando para dois desconhecidos que ele está chegando de um tratamento mental na Suíça, e essa é a razão pela qual ele esteve fora esse tempo todo.

Míchkin conta que, embora fosse órfão e não houvesse outros Míchkins (“acho que sou o último”), tinha sido mandado para a Suíça às custas de Nikolai André-

ievitch Pavilischov, um amigo do seu pai, e “por causa da doença” não pudera estudar nada.

PROF. MONIR: Míchkin, portanto, não estudou nada. Não tem formação nenhuma, nunca foi para a universidade, nada.

Este benfeitor morrera havia já dois anos e, desde então, ele fora tratado de graça pelo doutor Schneider.

PROF. MONIR: O médico da Suíça.

Rogójin define o príncipe como “santo-louco”¹⁴, enquanto ele confessa intimidades:

PROF. MONIR: Chamá-lo de “santo-louco” é um pouco depreciativo. É mais para louco do que para santo.

– E quanto ao sexo feminino, príncipe, és um grande apreciador? Dize antes!

– Eu, n-n-não! É que eu... Talvez o senhor não saiba, mas por causa da minha doença congênita nunca conheci mulher.

- Bem, sendo assim – exclamou Rogójin -, tu, príncipe, tu és um iuródiv, e Deus ama pessoas assim como tu. (pág. 33)

Rogójin narra também uma passagem de sua vida. Alguns meses antes ele havia roubado do pai dez mil rublos para comprar um par de brincos de diamante para uma mulher conhecida da cidade, Nastácia Filíppovna, por quem ele estava apaixonado.

14 Nota do resumidor – No original “Iuródiv”, que significa bobo, mendigo alienado, vidente.

PROF. MONIR: Essa Nastácia Filíppovna é a *femme fatale* da história, é uma dessas mulheres provocantes, que passam a vida toda provocando os homens por esporte, e ela será o pivô da história. A diferença entre Rogójin e Míchkin é muito grande, não é? Porque Míchkin é o tal do “santo-louco”, e esse Rogójin está sempre com certa ironia. É um sujeito meio mundano. E agora vocês verão por esta história que ele é completamente diferente do Príncipe Míchkin.

Quando seu pai descobriu a falta do dinheiro, ficou furioso ao ponto de querer matá-lo e ele foi obrigado a esconder-se na casa de sua tia, em Pskov, onde ficou muito doente durante um mês. Ele mal havia se recuperado quando chegaram as notícias da morte do pai e por esta razão estava voltando a Petersburgo para tomar posse da herança.

PROF. MONIR: Esse então vai buscar o dinheiro do pai que o expulsou de casa, que o ameaçou de morte – teve que sumir para não ser morto pelo próprio pai, e o outro está voltando depois de ter passado cinco anos num sanatório para doentes mentais na Suíça, onde deveria ter melhorado alguma coisa.

Na próxima cena, estamos na casa dos Iepántchins, uma família burguesa emergente. Míchkin, logo após a chegada, vai visitar a generala¹⁵

15 Nota do resumidor – Generala por força do casamento com um “general”, título que, na Rússia Imperial, não correspondia necessariamente a um posto militar, mas a postos do serviço civil também. A carreira militar e a civil tinham os mesmos postos.

PROF. MONIR: No governo tem gente que está no balcão e que também é sargento, tenente, capitão – são os mesmos títulos para a carreira civil e militar. Então quando se diz que ela é generala, não quer dizer que ela vai lá coordenar a tropa. Ela é casada com o general.

A Generala Iepanchina, uma prima distante, um dos poucos parentes de que ele tinha notícia. Na verdade, Míchkin e a generala parecem ser os últimos da linhagem, e Míchkin não tem mais ninguém nessa vida. Enquanto espera ser recebido, sob olhos suspeitosos de sua aparência pobre, Míchkin comenta com os empregados, com toda a ingenuidade, a respeito das coisas que tem visto e pensado. Os empregados estranham:

Pareceria que a conversa do príncipe era a mais simples; no entanto, quanto mais simples ela era mais absurda ia se tornando nesse momento, e o experiente criado não podia deixar de notar que se algo que fica bastante bem a um homem em conversa com outro homem já não fica nada bem a um visitante em conversa com um homem como ele. E como os homens são bem mais inteligentes do que os seus senhores costumam pensar a respeito deles, o criado meteu na cabeça que ali havia duas coisas: ou o príncipe era algum devasso ou comparecera forçosamente a fim de pedir por causa de sua pobreza, ou o príncipe era simplesmente um bobo e sem ambição, porque um príncipe inteligente e ambicioso não estaria sentado numa sala de recepções e conversando com um criado sobre os seus problemas, logo, não teria ele de se responsabilizar pelo príncipe em qualquer um dos casos?
(págs. 39 e 40)

PROF. MONIR: Enquanto espera para ser atendido, ele fica na sala de espera da casa falando de questões pessoais com um criado: “Olha, estou vindo da Suíça, vi isso, vi aquilo”. O criado acha estranhíssimo, porque ninguém faz isso com um criado, numa época muito mais formal do que a nossa. Logo o criado começa a achar que ele deixou entrar na casa um maluco ou um picareta. O criado então fica preocupado em saber se afinal ele não vai ser responsabilizado por aquela pessoa que está ali, que se comporta de modo estranho. Porque ninguém vai chegar para o criado de uma casa – ele é príncipe – e fazer comentários de natureza pessoal com o criado que não conhece. Nem com o seu próprio, tampouco com o criado alheio. Aí, portanto, mais uma esquisitice em torno da pessoa do príncipe.

Míchkin diz ter assistido na França a uma execução pela guilhotina e explica sua teoria de a morte por tortura ser melhor do que a morte instantânea, porque durante o sofrimento permanece a esperança. Argumenta contra a pena de morte, dizendo que “matar por matar é um castigo desproporcionalmente maior que o próprio crime. A morte por sentença é desproporcionalmente mais terrível que a morte cometida por bandidos”.

Finalmente, Míchkin é recebido pelo General Ivan Fiódorovitch Iepántchin, que suspeita que o príncipe viera buscar auxílio financeiro. Míchkin, apesar de só ter alguns copeques,

PROF. MONIR: Que são alguns trocadinhos.

nega peremptoriamente mais de uma vez, mas quando tenta explicar seus verdadeiros propósitos é sempre interrompido. Não consegue contar também que receberia uma grande herança.

PROF. MONIR: Como o general pensa que ele vem pedir dinheiro, então não deixa o homem falar – acha que a melhor maneira é não deixá-lo pedir. Míchkin quer dizer que não é isso que ele veio fazer, porque, aliás, iria receber uma grande herança. Então ele não consegue contar para esses parentes distantes o seu verdadeiro objetivo lá em São Petersburgo.

Enquanto Míchkin demonstra, a pedido do general, seus dotes de caligrafia, ouve da boca de Gânia, o secretário de Iepántchin, o nome de Nastácia Filíppovna.

PROF. MONIR: Lembrem quem é Nastácia Filíppovna? É a mulher por quem Rogójin roubou dinheiro para comprar um brinco de diamantes. Ou seja, é muita coincidência que logo num dia só – porque não se passou nem um dia – ele tenha ouvido o nome de Nastácia duas vezes. Agora é esse Gânia, que é secretário do general, que está falando na Nastácia. Para vocês verem como essa Nastácia é poderosa, conforme eu antecipei. Muito bem.

Naquela noite, na festa de aniversário desta moça, esperava-se que ela anunciasse o noivado com o secretário. Quando Míchkin revela que já sabia da existência de Nastácia e que Rogójin havia voltado no mesmo trem que ele, os presentes ficam muito surpreendidos.

PROF. MONIR: Se fosse o seu caso, vocês fariam isso?: “Ah, a Nastácia? Aca-bei de ouvir falar nessa tal de Nastácia no trem agora a pouco, um tal de Rogójin...”

Vocês ficariam quietos, porque sabe-se lá que assunto complicado pode ser esse, não é? Mas ele não tem capacidade de compreender isso, porque é espontâneo. E fará isso o tempo todo. Ele já gerou um problema porque ninguém sabia disso, que Rogójin estava voltando.

O leitor fica sabendo, em seguida, do plano em curso. O “protetor” de Nastácia, Totski, livrar-se-ia dela, que ele teme, e casar-se-ia com a filha mais velha do general, Alieksandra.

PROF. MONIR: Então a explicação é a seguinte: essa Nastácia, por causa desse seu modo de ser, tinha um protetor. O que é um protetor? É um homem mais velho, de modo geral rico, que a sustenta. Então ele a mantém como amante lá numa casinha. Só que Nastácia é um pouco perigosa, e ele está querendo se livrar dela. Então está querendo casá-la com o Gânia, e ele ficaria por sua vez com a filha do general. O plano era esse, fazer essa triangulação para que Totski, que é amigo do general, pudesse passar Nastácia para Gânia. O Gânia, por sua vez, é um sujeito muito imaturo, que pertence a uma família empobrecida que precisa alugar quartos pra viver. E para esse Gânia a Nastácia é o superprêmio, não é? Porque afinal ela é muito cobiçada. E haviam combinado fazer isso naquela noite em que o Príncipe Míchkin chegou a São Petesburgo.

Gânia (apelido do secretário Gavríla Ardaliónovitch Ívolguin) casaria com Nastácia e receberia a soma de setenta e cinco mil rublos como dote, preço que Totski pagaria para “comprar” sua liberdade, já que Nastácia andava crescentemente agressiva e ameaçadora. A moça teria concordado com esse negócio, mesmo sem amar Gânia, um rapaz de vinte e sete anos, ambicioso e arrimo de uma fa-

mília empobrecida liderada pelo General Ardalion Ívolguin, um velho fracassado e alcoólatra. Na família Ívolguin, havia também a Generala Nina Alieksándrovna e dois outros filhos, Varvara, chamada familiarmente de Vária, e um menino de treze anos, Nikolai, de apelido Kólia.

PROF. MONIR: Vocês se lembram de todos os nomes já, a essa altura, não é?

ALUNOS: [Risos]

Ao leitor é revelado que o “protetor” Totski, que a recolhera como órfã, havia se aproveitado sexualmente de Nastácia a partir de seus dezesseis anos, e a havia mantido como amante numa pequena fazenda na “Aldeia das Delícias”. Míchkin vê no retrato da moça apresentado por Gânia um ar de amargura, que, na verdade, era mais marca de excessivo orgulho e apatia.

PROF. MONIR: Uma das coisas que o Míchkin faz muito bem: ele é um grande intérprete de fisionomias. Então vê o retrato da Nastácia, que ele não conhece, e lê na aparência daquele retrato orgulho e apatia, um misto dessas duas coisas.

Era como se quisesse decifrar algo que se ocultava naquele rosto que há pouco o impressionara. A impressão anterior quase não o deixara e agora ele se apressava como se quisesse verificar de novo mais alguma coisa. Esse rosto, incomum pela beleza e por alguma outra coisa, agora o impressionava ainda mais. Era como se nesse rosto houvesse uma altivez sem fim e um desprezo, quase ódio, e ao mesmo tempo algo crédulo, algo surpreendentemente simplório; esses dois contrastes excitavam como que até uma certa compaixão quando se olhava para aqueles traços. Aquela

beleza estonteante era inclusive insuportável, era a beleza de um rosto pálido, de faces levemente caídas e olhos de fogo; estranha beleza! (pág. 106)

PROF. MONIR: A beleza da Nastácia.

O General Iepántchin apresenta o príncipe à sua mulher, e escapa do interrogatório que ela ensaiava sobre o colar de pérolas que teria comprado como presente de noivado para Nastácia (corriam rumores de que o próprio general estava apaixonado pela moça).

PROF. MONIR: Tá vendo, não sobra ninguém. Então, quando a mulher vai cobrar-lo por ele ter comprado um colar para a Nastácia, ele fala: “Olha, chegou seu primo aqui”. E passa o príncipe para a mulher e para as suas filhas, que vão depois conversar numa outra sala.

A generala, Lisavieta Prokófievna, e suas três filhas, Alieksandra, Adelaida e Aglaia, juntam-se ao príncipe na sala de visitas.

Com espontaneidade beirando a ingenuidade, Míchkin ganha a confiança e simpatia da generala e de suas filhas. Embora tenham descoberto que o parentesco entre Míchkin e a generala era muito tênue, conversam animadamente, as meninas dando risadinhas o tempo todo. O príncipe não se ofende e ri junto:

– É muito bom que o senhor esteja rindo. O senhor é um jovem boníssimo – disse a generala.

– Às vezes não sou bom – respondeu o príncipe.

– Mas eu sou boa – emendou inesperadamente a generala –, e, se quiser, eu sou sempre boa, esse é o meu único defeito, porque não se deve ser sempre bom...

Me enfureço com muita frequência, por exemplo, com elas, sobretudo com Ivan Fiódorovitch, mas o que é detestável é que sou sempre mais bondosa quando estou com raiva. Há pouco, antes da sua chegada, eu me zanguei e imaginei que não entendo e não consigo entender nada. Isso acontece comigo; pareço uma criança. (págs. 79-80)

Para aquela audiência atenta, Míchkin conta duas histórias impressionantes. A primeira é sobre um homem sentenciado ao enforcamento, mas perdoado no último momento¹⁶. O príncipe conta a história com pormenorizada descrição da psicologia do condenado e ataca a pena de morte como o pior ato que se pode conceber sobre a terra. Em seguida conta a história de Marie, uma moça caída em desgraça na cidade suíça onde ele vivera. A moça havia sido repelida pela comunidade (incluindo sua própria mãe, cuja morte “por desgosto” depois fora atribuída pelo pastor à própria filha), porque havia sido seduzida por um caixeiro viajante. Míchkin, apiedado dela, havia lutado para recuperar o seu conceito, mesmo às custas do seu próprio (a comunidade não lhe perdoou ter beijado a moça) mas, finalmente, quando a moça morreu de tuberculose, seu caixão foi cercado por crianças que a amavam e respeitavam.

PROF. MONIR: A mesma coisa acontece em *Os Irmãos Karámazov* com o menino Ilyusha, que era brigado com as crianças do bairro, e que no final morre de tuberculose. Todas as crianças vão lá e se comovem no seu enterro, é a mesma situação.

16 Nota do resumidor – Exatamente o caso de Dostoiévski, que teve sua sentença de morte por fuzilamento comutada na undécima hora, quando já estavam prontos os preparativos para a execução.

A respeito dessa história, que trata da compaixão cristã, Míchkin emenda:

Por fim, Schneider me externou um pensamento muito estranho – isso já foi bem perto da minha partida –; ele me disse que se havia convencido inteiramente de que eu mesmo sou uma criança perfeita, isto é, plenamente criança, que apenas pelo tamanho e pelo rosto eu me pareço com um adulto mas que pelo desenvolvimento, a alma, o caráter e talvez até a inteligência eu não sou um adulto e assim o serei mesmo que viva até os sessenta anos. Eu ri muito: é claro que ele não tem razão, porque, que criança sou eu? (pág. 98)

PROF. MONIR: E aí vocês têm uma informação importantíssima sobre o Príncipe Míchkin. O médico Schneider diz a ele que ele é uma criança. Essa informação de que ele é uma criança tem um sentido simbólico muito interessante que não vamos discutir agora, mas era bom que vocês guardassem esse pedaço aí para depois nós adicionarmos à interpretação: o Príncipe Míchkin é visto pelo seu médico como sendo uma criança. Não se está dizendo que ele é infantil. São coisas diferentes, sob um certo ponto de vista.

Antes de partir, Míchkin descreve as qualidades que ele vê no rosto de cada uma das mulheres. Vê em Lisavieta “uma criança completa”. (Compara Aglaia com Nastácia e deixa entrever a rivalidade entre elas que aparecerá mais tarde no romance.) O príncipe, como era de hábito, conta tudo, incluindo que havia ouvido falar de Nastácia e visto uma foto dela com Gânia.

PROF. MONIR: Outra vez em que abriu a boca e não devia. Ele não tem a menor preocupação de saber o impacto das coisas que ele diz, ele simplesmente fala. É uma criança, sob esse ponto de vista, entenderam? Uma criança despreocupada, que vai falando mais ou menos o que lhe vem à cabeça.

As mulheres ficam curiosíssimas e pedem a Míchkin que vá buscar a foto. Quando o príncipe vai voltando com a foto, Gânia pede a ele que entregue a Aglaia um bilhete onde ele dizia só querer o dote e que se Aglaia casasse com ele, ele não mais casaria com Nastácia.

PROF. MONIR: Pronto, então esse que naquela noite vai ficar noivo de Nastácia contra setenta e cinco mil rublos está na verdade é querendo casar é com a Aglaia. E ele manda o bilhete via Príncipe Míchkin – vejam, esse sujeito chegou há quinze minutos, e já está metido até o pescoço em tudo quanto é romance e encrenca.

Aglaia responde “que não faz barganhas”, o que enfurece Gânia contra Aglaia e contra Míchkin, a que chama de “tagarela sem-vergonha” e de “idiota”. O príncipe reage:

– Eu devo observar ao senhor, Gavrila Ardaliónovitch – disse subitamente o príncipe –, que antes eu realmente era uma pessoa tão sem saúde que de fato era quase um idiota; mas hoje estou restabelecido há muito tempo e por isso acho um tanto desagradável quando me chamam de idiota na cara. Embora eu possa desculpá-lo, levando em conta os seus fracassos, no entanto o senhor, movido por seu despeito, chegou até a me insultar duas vezes. Disso eu não gosto nem um pouco, particularmente dessa maneira, de repente, como o senhor está fazendo; e já que neste momento estamos em um cruzamento, talvez seja melhor que nos separemos: o senhor toma a direita no rumo de sua casa, e eu a esquerda. Eu tenho vinte e cinco rublos e seguramente encontrarei algum hotel garni. (págs. 114-115)

PROF. MONIR: A explicação vem em seguida (não dava para quebrar a citação, por isso é que ficou assim). Pois o general dá lá um dinheirinho para Míchkin, porque ele não tinha dinheiro nenhum. Esses vinte e cinco rublos foi o general que deu para ele. E o general convence Gânia a levá-lo para a casa dele, porque já que os pais do Gânia alugavam quartos, que ele recebesse lá o rapaz. Eles saem juntos pela rua e quando o Gânia, furioso que está porque não deu certo o plano, o acusa de ser idiota, ele fala essas palavras para o Gânia.

Vocês ficaram bem impressionados com o Míchkin até agora, ou não? A impressão que você tem é boa? Vocês casariam com ele?

ALUNA: Éh... Não, não casaria.

De fato, antes de sair, o general havia dado a Míchkin vinte e cinco rublos e a promessa de um "empreguinho na chancelaria". Havia também arranjado para ele alugar um quarto na casa de Gânia, para onde a dupla estava se dirigindo. A única bagagem de Míchkin era uma trouxinha.

A narrativa muda para a casa dos Ívolguins, a família empobrecida de Gânia. Seguem-se vários episódios envolvendo dinheiro: o outro inquilino, Fierdischenko, adverte o príncipe a não lhe emprestar dinheiro ("não me empreste dinheiro, porque forçosamente eu vou pedir"); Nina Alieksándrovna, mãe de Gânia, e o próprio Gânia advertem o novo hóspede a não emprestar dinheiro ao General Ívolguin, que é mentiroso compulsivo e contador de histórias fantasiosas com a intenção de chamar a atenção e melhorar a sua velhice amarga. Gânia tem ver-

gonha de seu pai e da situação da família que está obrigada a aceitar inquilinos para sobreviver. O rapaz está especialmente estremecido com a mãe e a irmã que se opõem ao casamento com Nastácia.

PROF. MONIR: Então Gánia tem uns problemas: o pai dele é alcoólatra, mentiroso, e pega dinheiro emprestado com os inquilinos. O outro inquilino também pega dinheiro emprestado e não paga. A mãe e a irmã estão contra o casamento dele com a Nastácia, cujo noivado seria naquela noite. Ainda por cima, o plano que ele montou para tentar recuperar a Aglaia, filha do seu patrão, de quem ele de fato gosta, deu errado.

Na próxima cena do romance, Nastácia Filíppovna aparece pela primeira vez. A moça chega na casa dos Ívolguins, confunde Míchkin com um empregado, entrega-lhe seu casaco, admoesta-o por sua incompetência ("Vejam, agora deixou o casaco cair, bobalhão") e exige ser anunciada imediatamente.

PROF. MONIR: Gostaram da entrada triunfal da Nastácia?

ALUNOS: *[Risos]*

PROF. MONIR: Nastácia veio à casa do noivo. Míchkin está tão malvestido que parece um criado. Então ela já dá uma porção de ordens para ele, o xinga.

Sentada na sala de visitas, Nastácia desdenha de Gánia, perguntando pelos inquilinos ("Onde está o seu gabinete? E... os inquilinos? Sim, porque vocês não mantêm inquilinos?") e encoraja o velho a contar uma de suas histórias fantasiosas. O general conta com intenso interesse o episódio do cachorrinho que ele

havia atirado da janela de um trem para vingar-se da dona que havia jogado seu charuto pela janela.

O senhor é um monstro! – gritou Nastácia Filippovna, gargalhando e batendo palmas como uma menininha. (pág. 141)

PROF. MONIR: Era um poodle que a mulher tinha.

Qual é a impressão que vocês têm da Nastácia, é boa?

ALUNOS: Não.

PROF. MONIR: Os homens casariam com a Nastácia?

ALUNOS: [Risos]

PROF. MONIR: Mesmo se fossem solteiros, não casariam? Muito bem. Vocês cuidem, porque essas suas convicções estarão bem modificadas no final.

Neste momento, um visitante inesperado aparece: Rogójin com um grupo de amigos vulgares (entre eles Liébediev, aquele do trem), incluindo duas mulheres que não ousaram subir.

PROF. MONIR: Para não passar vergonha junto.

No primeiro momento, Rogójin é surpreendido pela presença de Nastácia, mas leva em frente o seu plano de “comprar” Gânia, a quem ele acusa de fazer qualquer coisa por dinheiro. Mais do que isso, Rogójin, entre outras grosserias, afirma

poder comprar a própria Nastácia e promete-lhe cem mil rublos naquela noite, batendo a oferta de Totski.

PROF. MONIR: Mas que coisa extraordinária, e com a mulher ali presente. Ele diz: “Olha, você vai levar setenta e cinco mil, não é? Pois eu dou cem mil para você se casar comigo”. Se eu fosse mulher, ficaria ofendida com uma conversa dessas. Não parece ser um modo muito elegante de conversar sobre o assunto.

O clima fica pesado:

A cena estava saindo com extrema indecência, mas Nastácia Filíppovna continuava rindo e não saía, como se realmente tivesse a intenção de prolongá-la. Nina Alieksándrovna e Vária também haviam se levantado de seus lugares e aguardavam assustadas e caladas até onde aquilo iria chegar; os olhos de Vária brilhavam, mas sobre Nina Alieksándrovna tudo surtia um efeito mórbido; ela tremia e parecia querer desmaiar a qualquer momento.
(págs. 146-147)

PROF. MONIR: Nina é mãe do Gânia, e Vária, a irmã.

Começa uma briga que envolve quase todos. Vária pede que alguém ponha Nastácia (“esta sem-vergonhice”) para fora. Como o irmão não o faz, cospe-lhe na cara. Gânia faz menção de agredi-la. Míchkin intervém para defender a moça e é atingido por Gânia com uma bofetada. Nastácia faz pouco de Vária: “Isso sim que é moça...”

O príncipe não revida a bofetada e este ato de sacrifício atrai para si a simpatia de toda a família. Rogójin diz a Gália que ele iria se arrepender por ter ofendido “semelhante... ovelha”.

PROF. MONIR: Que é o príncipe. Rogójin fala assim ironicamente.

A própria Nastácia abandona sua linguagem sarcástica, ajoelha-se para beijar a mão de Nina Alieksándrovna e sai às pressas, proibindo Gália de segui-la, mas convidando-o para a festa de seu aniversário naquela noite (quando, supostamente, ela faria o anúncio de seu noivado com ele). Rogójin sai debochadamente, dizendo que Gália havia perdido o jogo.

PROF. MONIR: A Nastácia, que vai noivar com Gália naquela noite, sai com outro antes da festa, convidando o noivo para o seu aniversário. Essa situação parece normal para vocês? Parece uma situação bem torta.

ALUNO: *[Pergunta se a questão do dinheiro é o modus operandi daquela época.]*

PROF. MONIR: Não, aqui há obviamente uma série de desaforos e de maneiras muito ofensivas de se lidar com isso.

O que tinha era o hábito do dote, muito comum na França e na Europa toda, até pouquíssimo tempo. Tem muitos países do mundo em que é assim ainda. Aqui no Brasil não tem mais, mas sobrou o hábito de os pais da noiva pagarem a festa de casamento, o que é uma espécie de remanescente sim-

bólico do dote. Mas isso era muito comum, as moças levarem o dote para o casamento – um dinheiro que não era para o homem, mas para o casal. Uma maneira de começar a vida, com uma quantia de dinheiro maior ou menor.

ALUNO: É usado lá na Índia.

Míchkin vai para seu quarto onde Vária e Kólia, que simpatizavam com ele, o visitam. Entra Gânia e se desculpa humildemente com o príncipe, mas seu orgulho ressurge rapidamente, reafirmando que Nastácia iria se casar com ele porque ele seria um homem original. Míchkin diz-lhe que ele é apenas um homem comum e até mais fraco que a maioria. Insultado, Gânia diz que, com dinheiro, ele será um homem “original” e ironiza Míchkin por sua excessiva simpatia por Nastácia, sugerindo segundas intenções (“É verdade o que me pareceu, que o senhor gosta demais de Nastácia Fillipóvna?”).

PROF. MONIR: Olhem, pessoal, levem em consideração que esse Príncipe Míchkin só está há três ou quatro horas nessa cidade, e já está metido nesse grau de confusão. Gânia ficou agora com ciúmes de Míchkin, achando que o Míchkin está interessado na Nastácia. Como não era incomum, não é? Ficaremos interessados na Nastácia, nessa cidade.

Míchkin se encontra numa taberna com o General Ívolguin para descobrir o endereço da casa de Nastácia. O príncipe pretendia ir à festa, mesmo sem ter sido convidado.

PROF. MONIR: Lembrem quem é o Ívolguin? É o pai de Gânia. Míchkin não sabe onde é a casa de Nastácia, mas quer ir à festa.

O general, bêbado, como costume, pede-lhe dinheiro (Míchkin concorda em lhe dar dez dos vinte e cinco rublos que recebeu e lhe entrega a nota esperando receber a diferença).

PROF. MONIR: Mais uma ingenuidade do Príncipe Míchkin.

Antes de conduzir o príncipe ao endereço da moça, o general vagueia com ele pela cidade, procurando pessoas em endereços errados. No caminho, encontram Kólia, que menciona o nome de seu amigo tuberculoso Hippolit.

PROF. MONIR: Kólia, quem é? É o irmão de Gânia. Então são três irmãos: o Gânia, a Vária e o Kólia. Portanto esse Kólia é filho do general que está passeando bêbado com Míchkin de noite pelas ruas de São Petesburgo, tentando mostrar para o Míchkin onde é a casa da Nastácia.

O general resolve apresentar o príncipe a Marfa Borísova, mãe de Hippolit e mulher “mantida” pelo aposentado, que recebe o velho com vários desaforos por causa de certa dívida que ele teria contraído a expensas do patrimônio dela. O general dá-lhe todos os vinte e cinco rublos do príncipe, que contava em receber quinze de volta, e agora está novamente sem dinheiro nenhum. O general senta no sofá e adormece profundamente.

PROF. MONIR: Então sabemos que o general tem uma amante, que é essa Marfa Borísova. Como é o nome do pai dela?

ALUNOS: Bóris.

PROF. MONIR: Muito bem.

ALUNO: *Pergunta se Hippolit é filho do general, já que este é amante de Marfa.*

PROF. MONIR: Não, não é. Ela tem filhos dela mesma.

Míchkin, finalmente, chega à festa. Os convidados fazem um petit jeux¹⁷ : contar publicamente a pior coisa que já haviam feito. Não se trata de contar para se obter a absolvição, como na confissão religiosa, mas apenas para se expor publicamente.

O primeiro é Fierdischenko que confessa ter uma vez roubado uma pequena quantidade de dinheiro, ato que se atribuiu a uma empregada que foi demitida.

PROF. MONIR: Esse Fierdischenko, vocês lembram, é o outro hóspede na casa do general.

O General Iepántchin também confessa que, em face do desaparecimento de uma sopeira, supôs ter sido uma velha de oitenta anos da casa de quem havia recentemente mudado. Iépantchin foi à casa dela e xingou-a de “isso e aquilo e aquilo outro” para em seguida descobrir que ela estava morta havia meia hora. Conclui a história dizendo que para purgar a culpa, havia doado uma boa soma à caridade. Totski conta a peça de mau gosto que pregou num conhecido apaixonado.

PROF. MONIR: Totski é o amante que quer se livrar de Nastácia para casar com a filha do general.

17 Nota do resumidor – Em francês, no original. Significa uma brincadeirinha, um mimo para passar o tempo.

Ao saber deste amigo que ele finalmente descobrira onde comprar raríssimas camélias¹⁸, a flor predileta da amada dele, antecipou-se e comprou todas para auxiliar outro “descamelizado” que interessava agradar. O amigo, ao descobrir que ficaria sem as flores, teve convulsões e delírio mas recuperou-se, apenas para morrer na guerra no Cáucaso.

Nastácia, que já está achando este jogo aborrecido, interrompe a sequência e diz que ela fará a última confissão. A moça comunica a Míchkin (que supostamente não sabe de nada) que o General Iepántchin e Totski querem casá-la com Gânia e lhe pergunta se ela deve ou não aceitar. Míchkin responde “não” a esta surpreendente pergunta. Nastácia declara a Gânia, Totski e ao General Iepántchin que vai seguir esta sugestão.

PROF. MONIR: Pronto, acabou o noivado. Por obra do Príncipe Míchkin, que conseguiu fazer com que o negócio desse errado.

Ainda por cima, anuncia que libera Totski do seu compromisso moral com ela; rejeita o dote de setenta e cinco mil rublos e diz que planeja deixar São Petersburgo imediatamente. Manda também Iepántchin dar o colar de pérolas à mulher dele.

A confusão aumenta com a chegada de Rógojin com seu usual grupo de delinquentes. O rapaz trazia os cem mil rublos prometidos naquela tarde.

18 Nota do resumidor – Naquela época, fazia furor o romance *A Dama das Camélias* de Alexandre Dumas Filho, e todos os apaixonados as ofereciam.

PROF. MONIR: Este está cheio de dinheiro porque o pai dele morreu, lembram? Ele entrou na grana da herança.

Confrontada com um pacote de notas, Nastácia lembra à audiência como ela foi reduzida a dinheiro, e como ela está enojada de dinheiro. (Dando-se conta de que ela é vista como uma mulher caída, ela é a primeira a desprezar a si mesma e vê no seu orgulho sua única arma contra este mundo duro). Anuncia que vai começar nova vida sem um copeque. Surpreendentemente Míchkin declara-se, dizendo que a ama e irá amá-la por seu verdadeiro caráter e, quando começam as risadinhas, o príncipe revela que lhe foi anunciada por carta grande herança de uma tia distante, viúva de um comerciante rico.

PROF. MONIR: Nastácia diz que não vai se casar com Gánia, porque não está interessada nos setenta e cinco mil, e agora o Príncipe Míchkin diz que quer casar com ela. Tudo isso em quatro horas depois que ele chegou na cidade.

– Eu não sei nada, Nastácia Filíppovna, eu não vi nada, a senhora tem razão, mas eu... eu considero que é a senhora que me dará a honra e não eu à senhora. Eu não sou nada, já a senhora sofreu e saiu de um grande inferno, e pura, e isso é muito. De que se envergonha e por que quer ir se com Rogójin? Isso é febre... A senhora devolveu ao senhor Totski setenta mil rublos e diz que vai abandonar tudo o que existe aqui; ninguém aqui presente faria tal coisa. Eu, Nastácia Filíppovna, a... a amo. E morrerei pela senhora, Nastácia Filíppovna. Não permito que ninguém diga uma palavra contra a senhora... Se formos pobres, eu vou trabalhar, Nastácia Filíppovna...

(...)

– ... Mas nós talvez não venhamos a ser pobres e sim muito ricos, Nastácia Filíppovna – continuou o príncipe com a mesma voz tímida. – Se bem que eu ainda não sei ao certo, e lamento que até este momento, depois de um dia inteiro, eu não tenha me inteirado de nada, mas na Suíça eu recebi uma carta do senhor Salázkinm enviada de Moscou, e ele me faz saber que eu estaria para receber uma herança muito grande. Veja esta carta... (págs. 196-197)

Nastácia concorda com casar com ele. Míchkin diz que desconsidera todo o passado dela e que iria sempre respeitá-la, mas a aceitação por Nastácia da oferta de Míchkin é apenas temporária. Surpreendentemente ela se diz corrupta e baixa e volta-se para Rogójin. Prepara-se para sair com ele, mas antes faz o último gesto de rebelião contra Totski, Gânia e Iepántchin: atira o maço dos cem mil rublos no fogo e desafia Gânia a apanhá-lo com as mãos nuas, condição para ele poder ficar com o dinheiro. Gânia resiste sob protestos gerais e, finalmente, sob muita pressão e dúvida, desmaia, enquanto Rogójin e Nastácia saem com ar triunfal. Nastácia, da porta, manda tirar o pacote do fogo, que só havia consumido o invólucro e diz que o dinheiro é de Gânia, ainda desacordado. Míchkin sai atrás deles na rua, tentando seguir os sinos de suas carruagens.

PROF. MONIR: E então, não foi um bom dia, para começar a estadia em São Petesburgo? O resultado final disso é que foi desmontado o plano do general e do Totski. Nastácia foge com Rogójin, com quem ela tem uma ligação de caráter, de personalidade; parecem ter muitas semelhanças esses dois entre si. O Príncipe Míchkin a pede em casamento, é aceito, e depois recusado. E parece que Gânia perdeu tudo, não é? Ganhou cem mil rublos por um gesto de generosidade. Não foram acontecimentos muito intensos para começar a história?

No dia seguinte, Gânia entregaria o pacote a Míchkin pedindo que ele o devolvesse em seu nome.

PROF. MONIR: Olha aí, o Gânia fez um ato decente.

Livro II

O Príncipe Míchkin parte para Moscou para tratar de assuntos ligados à sua herança e não se vê em Petersburgo durante seis meses. Aparentemente problemas inesperados apareceram:

Metade da fortuna estava complicada; apareceram dívidas, apareceram uns tais pretendentes, e o príncipe, a despeito de todas as orientações, comportou-se da forma mais distante da prática... Por outro lado, aí ele acabou fazendo uma bobagem: apareceram, por exemplo, credores do falecido comerciante apoiados em documentos discutíveis, insignificantes, e apareceram outros depois de terem farejado o príncipe e sem quaisquer documentos – e o que aconteceu? O príncipe satisfaz a quase todos, apesar das recomendações dos amigos, para os quais essa gentinha e todos esses tais credores não tinham quaisquer direitos; e satisfaz unicamente porque de fato se verificou que algumas dessas pessoas realmente haviam sofrido. (págs. 215-216)

PROF. MONIR: Então, todo o mundo que apareceu lá dizendo que tinha dinheiro a ver com a herança, ele pagou dizendo que fazia isso porque afinal a pessoa que estava pedindo havia sofrido também. Ele achava que tinha que dar o dinheiro. Então, isso aumenta ou diminui, melhora ou piora a imagem do Príncipe Míchkin para vocês? Aquelas que queriam casar com ele, continuam querendo casar? [risos] Muito bem, continuamos:

Correm rumores, no entanto, de que Nastácia e Rogójin também estão em Moscou e pretendem se casar, apesar de várias crises de separação. Míchkin finalmente volta para São Petersburgo e, assim que chega na estação, percebe-se espreitado na multidão por um par de olhos conhecidos, embora não saiba de quem são exatamente. Visita Liébediev e Rogójin a quem, soube-se, também visitava quando ambos estavam em Moscou.

PROF. MONIR: O Liébdiev era aquele que estava no trem, no início, aquele de 40 anos, conhecido do Rogójin.

Na casa de Rogójin, conversam sobre Nastácia. Míchkin declara que somente a quisera por compaixão e que achava difícil distinguir o amor dele (Rogójin) do ódio. Rogójin retruca dizendo que Nastácia ama realmente Míchkin mas não quer corrompê-lo com a ligação com ela e é por isso que ela voltou-se para ele (Rogójin). Confessa que uma vez, por causa de suas provocações, ele a havia espancado para valer. A atenção dos dois é atraída para uma aterrorizante pintura¹⁹ do Cristo morto.

PROF. MONIR: É um quadro famosíssimo. Tem Jesus deitado de costas, desenhado na lateral, com a aparência mais terrivelmente mutilada que alguém possa ter. É um quadro horrível, medonho. Há lá na parede uma cópia desse quadro, e eles conversam sobre aquilo.

19 Nota do resumidor – Trata-se de cópia do “Corpo de Jesus morto no túmulo” de Hans Holbein, o Jovem, pintado originalmente em 1521. A obra está em Basileia, onde Dostoiévski a viu.



Míchkin comenta: “É possível perder a fé olhando para este quadro” e conta quatro encontros que teve com a fé. O primeiro estava associado a um ateu e o segundo envolvia um homem religioso que matou seu amigo por um relógio depois de dizer “Senhor, perdoa por Cristo”²⁰.

PROF. MONIR: Dostoiévski pegou o nome do distrito de Míchkin, onde ocorreu o crime do relógio, para batizar a personagem.

Depois de ouvir estas duas histórias, Rogójin comenta: “Um não acredita em Deus de modo nenhum, enquanto o outro é tão devoto ao ponto de cortar a garganta alheia com uma oração”.

Míchkin continua suas histórias e fala de um crucifixo de ferro que comprou de um soldado bêbado, que pensava que o enganava dizendo que era de prata, e de uma mãe feliz cuidando de uma criança que disse: “Deus sente esta mesma alegria sempre que vê do céu um pecador se posicionando de todo coração para orar diante Dele”. Como Parfen Rogójin queria saber se Míchkin acredita ou não em Deus, o príncipe esclarece:

20 Nota do resumidor – Este fato aconteceu num distrito chamado Míchkin. Dostoiévski leu a notícia num jornal.

Escuta, Parfen, há pouco me fizeste uma pergunta e eis a minha resposta: a essência do sentimento religioso não se enquadra em nenhum juízo, em nenhum ato ou crime ou nenhum ateísmo; aí há qualquer coisa diferente e que vai ser sempre diferente. Aí há qualquer coisa sobre a qual irão escorregar eternamente os ateísmos e da qual irão dizer eternamente coisas diferentes. No entanto, o principal é que a gente percebe isso com mais clareza e antes de tudo no coração russo, eis a minha conclusão. (pág. 256)

Rogójin e Míchkin trocam crucifixos, tornando-se “irmãos espirituais”. Rogójin leva o príncipe para conhecer sua mãe, entrevada desde a morte do marido, que o abençoa com três dedos.

PROF. MONIR: Essa história aí vocês não sabem que é importante, mas na igreja ortodoxa, que é o cristianismo da Rússia, há uma polêmica enorme se você deve abençoar com três dedos ou com dois. Houve na verdade uma dissensão entre aquelas igrejas lá – porque tem uma igreja ortodoxa da Grécia, outra na Rússia, e essa dissensão é por causa dessa polêmica, de saber com quantos dedos você abençoa. Por isso é que está escrito isso aí; para nós aparentemente não tem muita importância, mas tem importância lá no contexto russo da história.

Míchkin vê sobre a mesa de trabalho de Rogójin uma tesoura nova e comenta. Rogójin fica embaraçado. O príncipe, desconfiado do rapaz, sai e anda a esmo até chegar à casa de Nastácia Filippovna. Ela não está, mas o príncipe percebe que tem sido seguido por Rogójin o tempo todo. Míchkin volta para seu hotel, onde no alto de uma escadaria escura Rogójin tenta esfaqueá-lo. Neste momento, Míchkin sofre um ataque epilético que “desarma” Rogójin, faz com que o príncipe caia escada abaixo e paradoxalmente salva sua vida.

PROF. MONIR: Esse ataque epilético tem muito sentido simbólico aqui na história, e agora haverá a descrição, que é muito boa. Vamos ver:

Os olhos de Rogójin brilharam e um riso furioso lhe deformou o rosto. Sua mão direita ergueu-se e alguma coisa brilhou dentro dela; o príncipe não pensou em detê-la. Lembrava-se apenas de que parecia haver gritado:

– Parfen, não acredito!...

Depois foi como se alguma coisa se escancarasse subitamente diante dele: uma luz interior inusitada lhe iluminou a alma. Esse instante durou talvez meio segundo; mas ele, não obstante, lembrava-se com clareza inconsciente do início, do primeiríssimo som do seu terrível grito, que irrompeu de seu peito por si mesmo e por força nenhuma ele seria capaz de deter. Depois sua consciência se apagou por um instante e veio a plena escuridão.

Teve um ataque de epilepsia ²¹, que há muito tempo o havia abandonado. Sabe-se que os ataques de epilepsia, a própria epilepsia, passam num instante. (págs. 269-270)

PROF. MONIR: Eu queria chamar a atenção de vocês para esse pedacinho aqui que acabou de ser lido: *“Depois foi como se alguma coisa se escancarasse subitamente diante dele: uma luz interior inusitada lhe iluminou a alma”.* **“Uma luz interior inusitada lhe iluminou a alma”.** Não esqueçam esse pedacinho, depois a gente volta nele.

Recuperando-se numa residência que sublocou na dacha de Liébediev em Pávlovsk, Míchkin é visitado pelos Iepántchins (que têm sua própria dacha a trezentos metros da de Míchkin).

21 Nota do resumidor – Dostoiévski era epilético, desde os sete anos

PROF. MONIR: Dacha é uma fazenda, um sítio. É uma propriedade agrícola.

Com a família estão levguiêni Pávlovitch Radomski e o Príncipe Sch.,

PROF. MONIR: Deve ser Schneider, mas ele está escondendo por alguma razão.

pretendentes a Aglaia e a Adelaida respectivamente.

PROF. MONIR: Esses dois são personagens novas, são dois jovens que estão cortejando as duas moças. É verão, porque ninguém na Rússia vai à dacha no inverno, é impossível. Logo estamos aqui no verão, e o príncipe está descansando num quarto que ele alugou. A família do General Iepátchin – o general casado com a prima – mora ali pertinho, e aí aparece todo mundo lá na casa dele.

Durante a visita, Aglaia recita o poema “cavaleiro pobre” de Puchkin. É sugerido ao leitor que Aglaia está apaixonada pelo príncipe, mas ela garante que não, e explica o poema: “Naqueles versos está diretamente representado um homem capaz de ter um ideal, e em segundo lugar, uma vez que se propôs o ideal, foi capaz de acreditar nele e, tendo acreditado, de lhe dedicar cegamente toda a vida”, sem que se saiba se ela fala sério ou ironiza, como é quase sempre o caso. Aglaia completa: “O ‘cavaleiro pobre’ é o mesmo Dom Quixote, só que sério e não cômico. A princípio eu não compreendia e ria, mas agora amo o ‘cavaleiro pobre’ e, principalmente, respeito as suas façanhas”. Note-se também que Aglaia

muda as iniciais presentes no poema pelas de Nastácia (NFB) ²², uma mudança que todos notam:

Houve um pobre cavaleiro

Natural e taciturno,

De alma audaz e verdadeiro,

De ar pálido e soturno

(...)

De alma em chamas, entrementes,

Não olhou para as mulheres,

Foi à morte renitente

Sem falar com nenhuma delas.

(...)

Cheio de um puro amor,

A um sonho doce e fiel,

N.F.B. ele gravou

Com seu sangue em seu broquel.

(...)

Longe ao castelo tornando,

Dura reclusão viveu,

Sempre mudo, e tristonho

Como louco ele morreu. (págs. 288-289)

PROF. MONIR: Não é um poema cruel, esse? Aglaia é a filha do general, aquela que é pedida em casamento pelo Gânia, a quem não aceita. E aqui nesse

22 Nota do resumidor – No poema original de Puchkin, estariam marcadas as iniciais AMD.

NFB são as iniciais de Nastácia Fillípovna Barachkova.

momento Aglaia faz uma insinuação sobre o príncipe ser esse cavaleiro pobre. Vocês que conhecem as mulheres, vocês acham que ela tem interesse no príncipe? Ou ela está querendo apenas ser cruel com alguém?

Dá pra imaginar que ela tenha algum interesse no príncipe, que seja uma poesia motivada por ciúme, pelo fato de que o príncipe está apaixonado pela Nastácia?

Olhem só como isso é irônico: *[repete o poema escrito por Míchkin]*. O poema descreve o príncipe, não é? Ou se trata de uma pessoa muito cruel, fazendo uma piada com alguém por mera crueldade, ou é uma mulher indignada de ciúmes. Sabemos aí que há chance de termos também Aglaia envolvida nesse romance.

Neste mesmo dia, mais tarde, aparecem quatro rapazes que exigem ver Míchkin, entre eles Hippolit, o amigo tuberculoso de Kólia e filho da amante do General Ívolguin. Os outros três são Antip Burdovski, Vladimir Doktorenko, sobrinho de Liébediev, e Keller, um ex-oficial e pugilista. Na presença dos lepántchins, os jovens exigem agressivamente metade da herança²³ de Míchkin, alegando que ele não é o verdadeiro filho de Pavilischov, mas Antip Burdovski, fruto de uma ligação ilegítima. Alegam razões morais, chantageando o príncipe com a divulgação de um panfleto calunioso canhestramente escrito por Keller (e revisado por Liébediev):

23 Nota do resumidor – A herança que Míchkin recebeu era de uma tia e não de Pavilischov, protetor de Míchkin, fato que ressalta a absurdidade da pretensão.

Príncipe, será que o senhor está nos considerando tão imbecis a ponto de nós mesmos não compreendermos o quanto o nosso caso não é jurídico e que se ele for analisado juridicamente nós não teremos o direito de exigir um único rublo do senhor? (pág. 306)

PROF. MONIR: Então vejamos a situação. Aparecem esses quatro lá dizendo:

– Ah, o senhor acabou de receber uma herança. Pois esse nosso companheiro aqui tem direito à metade da sua herança.

– Mas por quê?

– Aquele homem que foi seu protetor [Pavlishov], que o mandou para a Suíça, teve um filho ilegítimo, que é esse aqui.

Mas a herança não vinha daquele homem. A herança vinha de uma tia do príncipe Míchkin. Portanto a pretensão é de uma ilegitimidade tamanha, e eles admitem que não têm capacidade jurídica de cobrar aquilo. Mas eles vêm cobrar porque acham que o Príncipe Míchkin vai pagá-los. Que vai dar a eles dinheiro, como deu a todos os pretendentes à herança lá em Moscou. Vamos ver o que acontece:

Míchkin já havia sabido da pretensão de Burdovski, tinha pedido a Gânia para verificar o caso e já descobrira que se tratava de fraude pura e simples urdida por um advogado desonesto chamado Tchebarov. No entanto, para a surpresa de todos, o príncipe concorda com uma indenização, dizendo que não daria àqueles homens dinheiro para aliviar a consciência, mas porque Pavlishov tinha interesse em Burdovski (este era sobrinho de uma mulher por quem Pavlishov

esteve enamorado) e que ofereceria dez mil rublos, o mesmo que Pavlishov havia gasto com sua (do príncipe) educação e saúde, supondo que Burdovski havia sido enganado por Tchebarov, mas não sem lamentar a desfaçatez com que Burdovski havia exposto a própria mãe.

PROF. MONIR: É, porque Burdovski falou que a mãe dele teve um caso com o advogado. Vocês entenderam o que aconteceu? A lógica do Príncipe Míchkin é assim:

“Olha, você está me pedindo cinquenta mil reais, e eu sei que não lhe devo cinquenta mil reais. Mas como acho que você está me pedindo isso porque foi enganado pelo seu advogado, para você não ficar mal vou lhe dar os cinquenta mil reais”.

ALUNA: *[Pergunta se o reivindicante era ou não o filho do protetor.]*

PROF. MONIR: Mesmo que fosse, Míchkin não tinha a obrigação de pagar aquilo, porque afinal de contas o dinheiro que ele recebeu não era do protetor. Um pretenso filho do protetor chega lá e diz: “Olha, sou filho do fulano, porque a minha mãe teve um caso com ele” (o que era uma maneira chata de você expor sua mãe, naquela época pelo menos – hoje eu não sei se não seria considerado bacana...). E continua: “Veja, estou querendo metade dessa herança, porque eu sou filho.” Daí Míchkin diz: “A herança não é dessa fonte, é de outra, mas mesmo assim vou te pagar. Porque afinal de contas você veio aqui falar comigo, e tenho certeza de que você está sendo induzido. Se eu não pagar, você vai ficar muito mal perante os seus amigos. Por isso vou pagar você”. Vocês acham normal uma atitude dessas?

[Alunos conversando...]

ALUNA: *[Comenta que o Michkin é uma pessoa consciente, que quer retribuir o bem que o protetor lhe fez.]*

PROF. MONIR: É isso que Míchkin está alegando. Ele diz assim: “Do mesmo modo que o seu pai gastou dez mil rublos comigo, para me manter em tratamento na Suíça, vou dar dez mil rublos para você, vou lhe dar isso de presente, já que você diz que é filho dele mesmo”.

Uma pessoa normal nessa situação faria o quê? Pegaria uma espingarda e expulsaria aqueles vigaristas de casa, porque eles queriam metade da herança com aquela alegação. No entanto ele não fará nada disso; ele faz o quê? De certa maneira ele concede a reivindicação, que parece exorbitante.

ALUNO: *[Faz uma pergunta sobre o título de príncipe.]*

PROF. MONIR: Príncipe é um título real de nobreza. Míchkin é um sujeito órfão, que é príncipe de fato (príncipe é um título normal na Rússia daquela época). Ele era ligado à família real, apesar de ser um pobretão sem dinheiro algum. Passou a ter dinheiro porque recebeu a herança, mas antes não tinha nada. Chegou à casa do Iepántchins, naquele primeiro dia, carregando o que ele tinha dentro de um saco nas costas. Ficou internado na Suíça, primeiro às custas desse amigo do pai dele que morreu, cujo pretense filho está lá pedindo metade da herança, e depois por generosidade do médico Schneider. Ele é príncipe, mas não daqueles que você possa estar imaginando, de ser um herdeiro do trono da Rússia. Não, não é nesse sentido.

ALUNO: *[Faz um comentário, ainda em dúvida se se trata de um príncipe para valer.]*

PROF. MONIR: Não, ele é príncipe mesmo, ele tem esse título. Não é porque ele é altruísta, mesmo porque os príncipes não devem ser muito altruístas, de modo geral.

ALUNA: Míchkin é bondoso, generoso.

PROF. MONIR: Ele é bondoso. Na verdade, quando Míchkin mandou investigar, descobriu que Burdovski não era filho de Pavlishov. Ele sabia disso desde o início. Ele está explicando agora porque isso não tem importância.

Explica o príncipe:

– Sim, é claro que é uma vigarice! Porque se agora se verifica que o senhor Burdovski não é ‘filho de Pavlishov’, então nesse caso a reivindicação do senhor Burdovski vem a ser uma franca vigarice (isto é, naturalmente se ele sabia a verdade!). Mas o problema está exatamente em que ele foi enganado, por isso eu insisto em absolvê-lo; é por isso que eu digo que ele é digno de pena, por sua ingenuidade, e não pode ficar sem apoio; porque senão ele também aparecerá como um vigarista nesse caso.

PROF. MONIR: O que Burdovski de fato é, né? Mas Míchkin está absolvendo o homem!

Aliás eu mesmo estou convencido de que ele não compreende nada! Eu mesmo estive em situação semelhante antes de viajar para a Suíça, também

balbuciava palavras desconexas – a gente quer exprimir se e não consegue...

(pág. 314)

PROF. MONIR: E aí, o que vocês acharam da atitude do príncipe? Foi correta?

ALUNA: Míchkin acredita em Burdovski?

PROF. MONIR: Ele não acredita, ele sabe que é mentira, mas está querendo fazer parecer que Burdovski não é vigarista. E como é que Míchkin faz para dar a aparência de que ele não é um vigarista? Concordando com a reivindicação que o príncipe sabe que é falsa. Ele sabe que o Burdovski não tem direito a nada, mas não quer que o outro fique com fama de vigarista, e para não deixá-lo passar por essa vergonha, ele finge que Burdovski foi enganado pelo advogado, e que portanto deve receber uma compensação financeira de dez mil rublos.

Parece uma coisa normal, vocês fariam a mesma coisa?

ALUNA: Eu não faria isso não.

A senhora Lisavieta Prokófievna, agastada com aquela extravagância do príncipe, faz um longo discurso chamando os chantagistas às falas e sai indignada, seguida de sua comitiva. O príncipe, por sua vez, ao ver o grupo de rapazes sair ofendido, recusando o dinheiro que insiste em dar, acha-se culpado de ter sido grosseiro e insensível.

PROF. MONIR: Os quatro dizem assim: “O quê, dez mil rublos? De jeito nenhum, metade ou nada!” E vão embora chateados, recusam os dez mil ru-

blos. E o príncipe então fica triste porque acha que os ofendeu. Que tal, parece uma atitude normal, essa? Não, muito bem.

Os chantagistas acabam ficando por ali, convidados pelo príncipe e pelo menos um, Keller, seguirá na cena até o fim da história, tomando logo de cara a iniciativa de pedir ao príncipe dinheiro emprestado, o que Míchkin concede. Mais tarde, Hippolit, doente terminal, seria convidado a morar na casa do príncipe.

Quando o grupo lepáitchin começa a percorrer a pé a distância de trezentos metros até a sua dacha, aproxima-se uma carruagem de onde uma voz feminina grita a Radomski, que cortejava Aglaia, que não precisava temer certa promissória, porque Rogójin a havia resgatado. Radomski, atônito, diz não saber de nada. (Mais tarde, Míchkin concluiria que aquela voz era de Nastácia.)

PROF. MONIR: Aglaia é uma das filhas daquele general, não é? Quando Aglaia está andando com seu pretendente, Radomski, de uma carruagem vem uma voz de mulher – que parece ser a voz de Nastácia – gritando alto, para que todos ouçam, que Radomski não tem que se preocupar com aquela promissória, porque Rogójin já pagou. E Radomski fica atônito. Bom, imaginem que isso seja mentira, que não tenha promissória nenhuma. Por que será que a Nastácia teria feito uma coisa dessas?

ALUNA: Para denegrir o Radomski.

PROF. MONIR: Mas por que ela quer denegrir o Radomski? Para ele perder as chances de casar com Aglaia. E porque ela quer que ele perca a chance de casar com Aglaia?

ALUNA: Porque ela tem uma rivalidade com a Aglaia.

PROF. MONIR: Mas qual seria a consequência natural de Radomski sair da competição pela Aglaia?

ALUNO: Aglaia casar com Míchkin.

PROF. MONIR: É, haveria a chance de Aglaia se casar com Míchkin. Mas porque a Nastácia iria eventualmente desejar que a Aglaia casasse com o Míchkin?

Nastácia está com Rogójin, não é? O Príncipe Míchkin está sem mulher nenhuma, se recuperando da facada que recebeu do Rogójin, e o que a Nastácia quer fazer? Ela quer criar condições para que o Príncipe Míchkin case com a Aglaia.

ALUNA: Como Nastácia gosta do príncipe...

PROF. MONIR: Mas o normal não seria que ela quisesse o príncipe pra ela?

[Alunos conversando]

ALUNA: *[Comenta que como ela gosta do príncipe ela está tentando salvá-lo.]*

PROF. MONIR: Pode ser, esta é uma possibilidade. Agora, vem cá. Vocês que são mulheres, me contem: é normal que uma mulher, quando gosta de um homem, arrume um jeito de ele casar com outra?

ALUNA: Muito normal.

Alunos: [*Risos*]

PROF. MONIR: Ah, é mesmo? Que faça um esforço desse tamanho? Bom, vamos deixar essa dúvida. Eu falei para vocês que essa é a história mais bacana do Dostoiévski, essa história é maravilhosa.

Depois de certo tempo, a senhora Ívolguin vem visitar Míchkin, preocupada com uma carta que o príncipe havia escrito para a filha dela. Ele alega que havia escrito como irmão, não como amante. Ela revela que Vária havia aproximado Nastácia e Aglaia.

PROF. MONIR: Vária é a irmã de Gánia.

INTERVALO

Vocês estão entendendo a história do Príncipe Míchkin? O Príncipe Míchkin veio da Suíça para São Petersburgo para visitar a última parente que ele tem, que é uma generala, tendo ficado na Suíça cinco anos sob tratamento psiquiátrico. E no trem para São Petersburgo encontra um desconhecido chamado Rogójin que também está voltando para a cidade, por razões diferentes. Rogójin, por medo do pai, havia se escondido na casa de uma parente e como o pai havia morrido ele estava voltando para tomar posse de uma herança. Conta no trem que estava apaixonado por uma tal de Nastácia Filíppovna. A razão de ele ter brigado com o pai é que roubou um

dinheiro dele para comprar uns brincos para essa moça. O Príncipe Míchkin é recebido pelos seus parentes com muita estranheza porque, embora seja um nobre, ele é muito mal vestido, está muito depauperado, até porque nos últimos anos ele perdeu o seu protetor e foi sustentado pela generosidade do médico na Suíça. Ele impressiona muito mal porque tem uma espontaneidade fora de propósito, uma espontaneidade desconcertante. Com isso ele acaba gerando uma série de deflagrações de situações sem que tenha desejado. Então quando ele menciona que já havia ouvido falar de Nastácia, ficam o Gânia e o general sabendo que o Rogójin havia voltado. Esse Gânia pretensamente iria pedir a moça em casamento naquela noite, na festa de aniversário dela, contra um dote de setenta e cinco mil rublos (um bom dinheiro, para aquela época), e isso aí era um plano montado entre o general, o amante da moça e Gânia. No entanto, como se cria um escândalo naquele momento, ele tenta convencer a filha do general, Aglaia, a ficar com ele. Ela não aceita. O general dá um dinheirinho para o príncipe, que não tinha dinheiro nenhum, embora fosse receber uma herança, e o príncipe vai ficar hospedado na casa do Gânia, que tem uma família empobrecida, que precisava alugar cômodos.

Naquela mesma noite eles vão para a festa na casa da Nastácia Filíppovna. O Rogójin também aparece e ela vai embora com o Rogójin, demonstrando preferência por ele e estragando o próprio noivado. A noite, que começou com uma brincadeira de cada um contar uma vergonha, acabou com a Aglaia fazendo uma provocação, entregando todo o esquema que havia lá. O Príncipe Míchkin vai embora, para cuidar da sua herança em Moscou, herança que já veio diminuída, porque ele aceitou todas as alegações de credores, por mais absurdas que fossem. De volta a São Petersburgo reencontra o Rogójin, que também havia estado em Moscou nesse meio tempo,

e o Rogójin tenta matá-lo. Mítchin só não morre porque tem um ataque epilético que salva a sua vida. Durante o ataque há o fato importantíssimo de que o Míchkin viu uma luz - como o Dostoiévski era epilético, a descrição que ele faz do ataque epilético deve ser muito realista. O Míchkin então aluga uma habitação numa dacha e se encontra com os vizinhos - o General Iépántchin, a mulher e as três filhas. Aglaia faz uma gozação, declamando a poesia do Puchkin tendo mudado umas iniciais, para sugerir que o sujeito descrito na poesia, que tem uma vida miserável, era o próprio Míchkin. Não sabemos se ela fez isso por despeito pelo fato de que o Míchkin havia tentado casar com Nastácia, ou se ela faz isso simplesmente porque é cruel e quer se divertir.

Aparecem lá uns vigaristas que tentam exigir do príncipe metade da herança a título de que um deles é filho do seu protetor. Contra a opinião de todo o mundo, ele cede em parte às reivindicações apenas para não deixar mal o reivindicante, o que parece uma coisa muito inadequada. Os primos ficam horrorizados e saem bravos de lá. Na hora que saem aparece uma carruagem, e anonimamente alguém grita sugerindo que o pretendente da Aglaia era um sujeito quebrado, com dificuldades econômicas. Supõe-se que tenha sido a Nastácia que fez isso, com um objetivo misterioso até agora, mas que aparentemente era abrir a possibilidade de um casamento entre o Míchkin e a Aglaia. Embora a Nastácia gostasse do Príncipe Míchkin. Então vamos continuar.

Esta parte começa com o aniversário do Príncipe Míchkin, na dacha dos Iepántchins em Pávlovsk. Míchkin, a senhora Iepántchin e suas três filhas, o Príncipe Sch. e Radomski discutem o liberalismo ²⁴.

Radomski insiste em que o liberalismo é contrário à Rússia e que qualquer um que se declare liberal não é russo. Para ele, liberalismo seria alguma coisa importada da Europa e seus adeptos na Rússia não visariam a melhoria do país, mas estariam solapando cada fundação sobre a qual a Rússia estava assentada. Estes liberais não seriam russos verdadeiros.

PROF. MONIR: No momento em que se escreve esse livro, há essa grande polêmica sobre o regime político. Isto aqui é um reflexo das polêmicas políticas da Rússia.

O Príncipe Míchkin, que não está se sentindo bem, pede que se desculpe seu comportamento estranho. De fato, às vezes, sente se alheado deste mundo:

PROF. MONIR: Este momento é muito importante. Prestem atenção no que ele vai dizer agora.

Às vezes lhe dava vontade de ir para algum lugar, sumir inteiramente dali, e gostaria até de um lugar sombrio, deserto, contanto que ficasse só com os seus pensamentos e que ninguém soubesse onde ele se encontrava. Ou queria ao menos estar em sua casa, no terraço, mas de tal forma que não houvesse ninguém, nem Liébediev, nem as crianças; queria deixar se cair no seu sofá,

24 Nota do resumidor – “Liberalismo” aqui é mais no sentido político que econômico.

mergulhar o rosto no travesseiro e assim ficar deitado um dia, uma noite, mais um dia. Por instantes sonhava também com montanhas, e justamente com um ponto conhecido nas montanhas, do qual sempre gostava de lembrar se e aonde gostava de ir quando ainda morava lá, e olhar de lá para a aldeia lá embaixo, para a linha branca da cachoeira que se lobrigava lá embaixo, para as nuvens brancas, para o velho castelo abandonado. Oh, como ele gostaria de ir parar lá agora e ficar pensando em uma coisa – oh! Só nisso a vida inteira – e isso bastaria para mil anos! (pág. 387)

Míchkin confessa que está cansado e dá longa explicação sobre suas limitações: “... depois de vinte anos de doença, alguma coisa deveria restar, de maneira que é impossível que não riam de mim... às vezes... não é assim?” Todos riem. Sua cândida confissão é vista pelo grupo como nova demonstração de idiotia. Aglaia, em particular, está aborrecida com o comportamento do príncipe. Ela o ama por seu bom e generoso caráter, mas o despreza por confissões como aquela. Quando alguém faz pouco do príncipe, ela o odeia, sobretudo porque Míchkin recebe os insultos como uma criança submissa. Ela grita com ele: “Por que você se rebaixa a nível mais baixo que eles? Por que está tudo virado dentro de você, não há orgulho em você?” Ela é orgulhosa e, apesar de amar o príncipe, não quer ser vista seguindo um “idiota”. (O que ela não vê é a sutil dignidade do príncipe, que aparenta submissão.)

PROF. MONIR: Este é um comentário que eu fiz que não deveria estar aí. É um comentário despropositado porque não está no livro. Sou eu que estou dizendo isso.

Neste encontro, Aglaia, sempre muito agressiva, acusa sua mãe e irmãos de estarem conspirando para casá-la com Míchkin, apesar de tal esquema não existir.

Voltando se para o príncipe, ela lhe diz que não vai casar com ele por nada, não importa quanto ela for provocada. Ele responde: *“Eu não te pedi em casamento, Aglaia Ivanovna”*. Depois desta resposta ela se acalma e até mesmo começa a rir. O grupo decide passear no parque. Na partida, Aglaia diz ironicamente ao príncipe: *“Você me acompanha? Ele pode, mamãe? Um pretendente que me recusou? Você me rejeitou para sempre agora, não é, Príncipe?”*

Vão ouvir as bandas no parque. Aglaia, caminhando de mãos dadas com Míchkin, aponta um banco verde e confia que ela senta ali todas as manhãs antes de os outros acordarem. Ele reage com indiferença. Mais tarde, o príncipe receberia um bilhete dela pedindo que ele a encontre naquele banco na manhã seguinte às sete horas. (Aglaia está desgostosa com o fato de ter de lhe dizer tudo, sem que o príncipe perceba nada sozinho.)

PROF. MONIR: É, ela fala assim: *“Todo o dia de manhã eu estou aqui, não tem ninguém comigo, eu fico aqui sozinha...”*

ALUNOS: *[Risos]*

PROF. MONIR: E o príncipe: *“Ah, é? Tá bom.”*

Então ela manda o bilhete, porque ele não reage. Ele não tem sutileza, malícia. Ele não tem a percepção.

Em seguida, um incidente: aparece Nastácia Filíppovna para aquele grupo, pela primeira vez, desde a festa de aniversário dela. O grupo lepántchin fica chocado em vê-la. Ela é cada vez mais vista como uma desgraça para a sociedade de bem e uma mulher caída. Nastácia aproxima-se de Radomski e debocha dele

a respeito do suicídio do tio que havia acontecido naquela manhã (*"Ele ainda não sabe, imaginem!"*), com o objetivo de diminuir o prestígio do rapaz junto aos lepántchins.

PROF. MONIR: Alguma dúvida de que Nastácia está tentando minar a posição política de Radomski frente à família? Ela sem dúvida quer que Radomski saia da jogada para que o príncipe possa casar com Aglaia.

(Com isso, ela espera retirar o rapaz da disputa por Aglaia, deixando apenas o príncipe Míchkin no páreo. Ela confessaria depois que amava o príncipe; mas quer que ele seja feliz, coisa que só Aglaia poderia fazer.) O príncipe está incomodado em ver Aglaia e Nastácia juntas.

Por causa das provocações da moça, um oficial amigo de Radomski insulta Nastácia: *"Esse é um simples caso para chibata"* e ela lhe dá uma bengalada no rosto. Quando o oficial vai revidar, o príncipe o intercepta. O oficial o empurra e Keller vem salvá-lo, mas Míchkin agora corre o risco de ter de enfrentar um duelo. Aglaia chega mesmo a lhe dar instruções sobre como agir num duelo e ele admite estar com medo. Como ela quer saber se ele é covarde, Míchkin esclarece que *"covarde é aquele que tem medo e foge; mas quem tem medo e não foge ainda não é um covarde"*.

PROF. MONIR: Por que Aglaia está interessada até na possibilidade de um duelo? Porque de certo modo ele precisa mostrar para ela que é um homem capaz de uma ação viril.

Naquela mesma noite, o príncipe vagueia na direção do banco verde, onde se encontraria com Aglaia no dia seguinte. Misteriosamente aparece Rogójin que

ele não via desde a noite no corredor do hotel. Desde então, o príncipe o havia perdoado. O príncipe declara: *“Guardo na lembrança um Parfen Rogójin com quem me confraternizei naquele dia trocando as cruzes...”* Míchkin confessa-se um pecador também, porque quando suspeitou de Rogójin, no dia do atentado, havia suspeitado de um irmão. Rogójin diz que Nastácia quer vê-lo imediatamente. O príncipe promete ir no dia seguinte. Rogójin revela que Nastácia e Aglaia têm se correspondido.

O príncipe e Rogójin voltam à dacha de Liébediev onde acontece uma reunião em que os pontos altos são a interpretação de Liébediev do Apocalipse de São João e a decisão de Hippolit pelo suicídio.

PROF. MONIR: Hippolit é tuberculoso terminal. Então haveria naquela noite dois acontecimentos: um, a interpretação do Apocalipse que Liébediev faria e, outro, o espetáculo público do suicídio de Hippolit.

A tese de Liébediev é que o crescimento da ciência e a disseminação do egoísmo são sinais de que o fim está próximo. O aumento do interesse econômico, a prevalência do interesse próprio são sinais que simbolizam, de acordo com ele, que a era do último cavaleiro²⁵ chegou e com ela a própria falência da humanidade.

O tuberculoso Hippolit lê um artigo (tipo “carta aberta”) aos seus amigos. O documento chama-se “Minha Explicação Necessária” e tem como subtítulo *“Après moi le déluge”*²⁶.

25 Nota do resumidor – Liébediev refere-se ao quarto cavaleiro do Apocalipse.

26 Nota do resumidor – “Depois de mim, o dilúvio”, expressão atribuída a Luís XV, mas de

PROF. MONIR: Alguém que diz “*Après moi le déluge*” é alguém que se põe em uma posição muito importante, porque a expressão significa que depois que a pessoa morre, o mundo acaba.

O conteúdo está associado à sua morte próxima. O documento está cheio de desesperança de um homem moribundo. Descreve pesadelos horríveis e visões, mas também traz ideias interessantes. Hippolit, que vai morrer em poucos meses, vê em torno de si pessoas saudáveis e se pergunta por que elas não vivem o máximo que podem.

Hippolit também comenta a pintura de Holbein²⁷ e acha se como Míchkin perturbado por ela, achando também que ela tem o poder de diminuir a fé em Deus.

Todavia, coisa estranha; quando se olha para esse cadáver de homem supliciado, surge uma pergunta especial e curiosa: se este cadáver fosse visto exatamente assim (e sem falta ele devia ser exatamente assim) por todos os seus discípulos, por seus principais e futuros apóstolos, pelas mulheres que o seguiam e estavam ao pé da cruz, por todos os que nele acreditavam e o adoravam, estas, ao olharem para esse cadáver, como poderiam acreditar que esse mártir iria ressuscitar? (pág. 457)

A carta também se refere a uma boa ação de Hippolit, devolvendo a carteira perdida a um homem pobre e ajudando o a conseguir um emprego. O rapaz também acusa Rogójin de tê-lo aterrorizado rindo duas horas na cabeceira de sua cama (fato que se deve certamente a uma alucinação).

autenticidade duvidosa.

27 do resumidor - Trata-se da pintura impressionante de Cristo morto vista na casa de Rogójin

Hippolit sensibiliza o príncipe, que já havia experimentado a mesma solidão. Na Suíça, e algumas vezes agora, ele se sentia e sente como um deslocado, um pária, separado da humanidade e do mundo. Sob este ponto de vista, Hippolit e Míchkin são iguais, a carta acabava indicando a intenção do rapaz de matar-se ao nascer do sol, que não tardava duas horas ²⁸.

O grupo reunido pede a Hippolit que não cometa suicídio. Ele parece concordar, mas quando o sol se levanta, ele sai da casa, puxa uma pistola, encosta o cano na cabeça e puxa o gatilho. A arma não dispara, porque não havia bala no cano. As opiniões sobre este incidente variam, ficando a maioria com a tese de que se tratava apenas de uma exibição, não tendo Hippolit realmente intenção de matar-se.

O príncipe vai ver Aglaia na manhã seguinte no banco verde, conforme combinado. O bizarro triângulo entre Nastácia, Aglaia e Míchkin revela-se neste encontro. Aglaia vagamente confessa seu amor ao príncipe, propondo fugir com ele. Ele recusa. Aglaia lhe entrega as cartas que Nastácia lhe havia escrito. Aglaia sabe que Nastácia ama o príncipe, mas quer que ele case com ela. Aglaia ama Míchkin, mas quer que ele se case com ela de vontade própria e não porque outros querem. O príncipe, vamos lembrar, tende para salvador de Nastácia.

PROF. MONIR: O príncipe está sempre querendo tirar Nastácia do Rogójin porque sabe que nas mãos de Rogójin ela irá mal. Portanto ele gostaria de casar com Nastácia, mas a Nastácia quer que ele case com Aglaia. Aglaia quer que ele case com ela, mas quer que ele queira isso de verdade. Ele, por outro lado, está sempre na dúvida se casa com Aglaia ou se continua tentando tirar a Nastácia do Rogójin.

28 Nota do resumidor – Na latitude de São Petersburgo, no verão o dia é longuíssimo.

Míchkin lê as cartas de Nastácia que elogia Aglaia e diz que o príncipe a ama (Aglaia), insistindo no fato de que ela só quer fazer o príncipe feliz, porque ele sabe quão infeliz ela (Nastácia) é e tem simpatia por ela. A Nastácia destas cartas, suplicante e humilde, não é a mesma Nastácia do resto do livro.

O problema é claro, não pode ser resolvido com facilidade, porque o príncipe insiste em salvar Nastácia, que só ama Míchkin, que é vago e ingênuo nas coisas do amor. Aglaia está apaixonada por Míchkin, mas não pode suportar a presença de Nastácia, a mulher que o príncipe quer salvar.

Livro IV

Passa-se uma semana desde o encontro do príncipe e Aglaia no banco verde. O narrador volta a atenção para Vária, irmã de Gânia, que decide bancar a casamenteira e unir seu irmão a Aglaia. Voltando da casa dos lepántchins, contudo, traz no rosto o desapontamento e revela que Míchkin parece ser o pretendente oficial. Gânia cogita de ele não ser um pretendente aceitável por causa de seu pai, mas ainda há esperança, porque Vária lhe entrega um bilhete em que Aglaia diz querer vê-lo.

(Enquanto isso, é encerrado um incidente ocorrido no final da reunião em que Hippolit tentara o suicídio. A carteira de Liébediev, com quatrocentos rublos, havia sumido e havia apenas três suspeitos, o General Ívolguin, Keller e Fierdischenko.

De fato, o General Ívolguin a havia roubado, fato que Míchkin e Liébediev já haviam concluído, mas o general, arrependido, havia secretamente devolvido a carteira. Liébediev, para punir o velho e deixá-lo ansioso, fez de conta que

não recuperou a carteira. Quando o príncipe fica sabendo da situação, solicita a Liébediev que perdoe o general: *“Perdão, mas com o simples fato de que ele pôs o perdido tão à vista do senhor, debaixo da mesa e na sobrecasaca, com isso ele já está lhe mostrando francamente que não quer artimanha com o senhor e lhe pede desculpa de forma simplória. Escute: está pedindo desculpa!”*

Mais tarde, Míchkin encontra-se com o indignado general que lhe revela estar se mudando da casa de Liébediev, onde estava morando. (O resto da família havia se mudado para a casa de Vária, que havia casado com Ivan Ptitzin.) Segundo seu hábito de inventar histórias, o general conta a Míchkin que, quando era pequeno, havia encontrado Napoleão e que o imperador francês havia gostado dele, o menino russo, de suas opiniões e lhe havia pedido conselhos militares. Após o encontro com o príncipe, o velho Ívolguin teve um ataque.

Na casa dos Iepántchins, Míchkin pede a mão de Aglaia que brinca com ele e distorce suas palavras. Desta vez, a família está certa de que ela ama o príncipe e decide aceitá-lo como noivo da filha mais nova. Para legitimar o compromisso, um grupo da sociedade é convidado para o anúncio formal do noivado. Entre eles, está a princesa anciã Bielokónskaia, madrinha de Aglaia, cuja aprovação julgava-se especialmente importante.

PROF. MONIR: Então Míchkin afinal de contas resolveu pedir Aglaia em casamento. Agora eles vão fazer uma recepção de noivado (acho que vocês mais ou menos imaginam o que vai acontecer nessa festa) em que finalmente haverá a comunicação do casamento dos dois.

Acontece enfim a recepção na casa dos lepántchins. O príncipe chega apreensivo porque Aglaia o havia pressionado para não agir como um idiota e nem mesmo falar muito.

PROF. MONIR: Ela já começou a reprimir o coitado antes do casamento. Imaginem depois, como é que vai ser.

– Ouça de uma vez por todas – finalmente não se conteve Aglaia -, se você começar a falar de alguma coisa como pena de morte ou da situação econômica da Rússia, ou de que ‘a beleza salvará o mundo’, eu... é claro, vou ficar contente e vou rir muito, mas eu o previno de antemão: não me apareça depois diante dos meus olhos! Está ouvindo: eu estou falando sério! Desta vez eu estou falando sério mesmo! (pág. 586)

Para seu alívio, o príncipe acha a companhia dos aristocratas muito agradável, sem se dar conta de que se trata apenas de uma máscara social. “...Todas elas (as pessoas convidadas), sem exceção, sabiam que estavam fazendo uma grande honra aos lepántchins com sua visita. Mas, infelizmente, o príncipe não desconfiou dessas sutilezas.” Míchkin entra numa discussão sobre religião com alguns dos presentes motivado pela declaração por um deles, de que o seu velho protetor Pavlishov havia aderido ao catolicismo:

PROF. MONIR: Aderir ao catolicismo é o seguinte: largar a Igreja Ortodoxa para ser católico. Para Dostoiévski isso é uma coisa muito grave, porque na visão de Dostoiévski o catolicismo é decadente, enquanto a ortodoxia oriental é que é o verdadeiro cristianismo.

– Pavlishov era uma mente iluminada e um cristão, um cristão de verdade
– pronunciou de repente o príncipe –, de que jeito ele poderia sujeitar se a uma fé... não cristã?... O Catolicismo é o mesmo que uma fé não cristã! – acrescentou de repente com os olhos brilhando, olhando à sua frente e ao mesmo tempo correndo de certo modo a vista por todos.

– Ora, isso é demais – proferiu o velhote e olhou surpreso para Ivan Fiódorovitch.

PROF. MONIR: Que é o futuro sogro do Míchkin.

– Então, como é que o Catolicismo é uma fé não cristã? – virou se na cadeira Ivan Pietróvitch. – Então, que fé é?

– Uma fé não cristã, em primeiro lugar! – tornou a falar o príncipe com uma inquietação extraordinária e com uma nitidez fora da medida. – Isso em primeiro lugar; em segundo, o Catolicismo romano é até pior do que o próprio ateísmo, é essa a minha opinião! Sim! É essa a minha opinião! O ateísmo também prega o nada, mas o Catolicismo vai além: prega um Cristo deformado, que ele mesmo denegriu e profanou, um Cristo oposto! Ele prega o anticristo, eu lhe juro, lhe asseguro! Esta é uma convicção minha e antiga, e ela mesma me atormentou... O Catolicismo romano acredita que sem um poder estatal mundial a Igreja não se sustenta na Terra e grita: 'Non possumus!'

PROF. MONIR: Significa “não podemos”.

A meu ver, o Catolicismo romano não é nem uma fé mas, terminantemente, uma continuação do Império Romano do Ocidente, e nele tudo está subordinado a esse pensamento, a começar pela fé. O papa apoderou-se da Terra, do trono terrestre e pegou a espada; desde então não tem feito outra coisa, só que à espada acrescentou a mentira, a esperteza, o embuste, o fanatismo, a superstição, o crime, brincou com os próprios santos, com os sentimentos verdadeiros, simples e fervorosos do povo, trocou tudo, tudo por dinheiro, pelo vil poder terrestre. Isso não é uma doutrina anticristã?! Como o ateísmo não iria descender deles? O ateísmo derivou deles, do próprio Catolicismo romano! (págs. 605-606)

PROF. MONIR: Dostoiévski tinha uma incrível incapacidade de entender o catolicismo ocidental. Então ele tinha essa opinião mesmo, ele achava que quem ia salvar o mundo era a Igreja Ortodoxa russa. Cristã, mas ortodoxa, não católica.

O príncipe discursa ingenuamente sobre como é nobre e boa a alta sociedade e como as pessoas são boas. Excitado por esta conversa, Míchkin esbarra num grande e precioso vaso chinês que se espatifa. O príncipe cai num ataque epilético e, do ponto de vista dos lepántchins, os desgraçou. Na saída, Bielokónskaia comenta com Lisavieta Prokófieva: *"Bem, é bom e parvo; e se queres saber a minha opinião, é mais parvo. Tu mesma estás vendo que homem ele é, um homem doente!"*

PROF. MONIR: Então? Ele impressionou bem os convidados? Teve um ataque epilético no meio da festa de noivado... Não impressionou muito bem, não é?

No dia seguinte, o General Ívolguin morre.

PROF. MONIR: Esse é o pai do Gânia, que havia roubado a carteira e depois devolvido.

Míchkin dá se parcialmente conta do que fizera no dia anterior, mas coisas piores estavam por vir. Aglaia o leva para se encontrar com Nastácia. O encontro, no lugar de ser agradável como esperado (considerando o tom das cartas de Nastácia para Aglaia), transforma se numa briga. O príncipe é obrigado a decidir, naquele momento, quem ele ama, Nastácia ou Aglaia, e ele reluta. Aquela demora é demais para Aglaia que só o quer de todo o coração. Ela vai embora e Nastácia desmaia. O príncipe, preocupado com Nastácia, no lugar de ir atrás da noiva, fica com ela. Aglaia desiste de Míchkin. Nastácia desiste de Rogójin. O príncipe e Nastácia estão de novo juntos, embora o prestígio social de Míchkin houvesse diminuído significativamente. Corria a seguinte versão sobre os acontecimentos da noite do noivado:

Contavam que ele teria aguardado deliberadamente uma reunião solene para convidados na casa dos pais da noiva, na qual ele foi apresentado a muitas pessoas importantes, para, em voz alta e na presença de todas elas, expor seu modo de pensar, destratar honrados dignitários, renunciar à sua noiva, em público e de modo ultrajante e, resistindo aos criados que o punham para fora, quebrar um belo vaso chinês. (pág. 637)

Duas semanas depois, Nastácia propõe casamento ao príncipe. Perguntado se está feliz com o casamento, Míchkin responde: “Feliz? Ah não! Só estou me casando.” Com isso, fica claro que o príncipe só quer salvar Nastácia de Rogójin. No dia do casamento, Nastácia, no caminho da igreja, vê Rogójin no meio da multidão. Ela grita para ser salva e os dois, Nastácia e Rogójin, fogem por entre a turba.

Nastácia Filíppovna pareceu realmente pálida como um lenço; mas os olhos graúdos e negros brilharam sobre a multidão como brasas; foi esse olhar que a multidão não agüentou; a indignação se transformou em gritos de êxtase. Já se haviam aberto as portinholas da carruagem, Keller já dera a mão à noiva, quando de repente ela gritou e precipitou-se do alpendre contra o povo. Todos os que a acompanhavam ficaram petrificados de surpresa, a multidão se afastou diante dela e a cinco ou seis passos do alpendre apareceu subitamente Rogójin. Foi o olhar dele na multidão que Nastácia Filíppovna captou. Ela correu até ele feito louca e lhe segurou as duas mãos:

– Salva-me! Leva-me daqui! Para onde quiseres, neste instante! (pág. 657)

Míchkin vai imediatamente a São Petersburgo à casa de Rogójin. A empregada diz que ele não está, mas o príncipe pensa o haver entrevisto na janela. Bate na porta dos vizinhos e pergunta por Rogójin de modo alterado. Procura Nastácia em lugares possíveis, mas ninguém a havia visto. Finalmente Rogójin o encontra no hotel e o convida para irem a sua casa.

Num aposento escuro, o príncipe descobre que Rogójin a havia matado:

O príncipe chegou-se ainda mais perto, um passo, outro, e parou. Estava em pé e escrutou com o olhar um ou dois minutos; durante todo o tempo, ao pé da cama, os dois não disseram uma palavra; o coração do príncipe batia tanto que parecia que o ouviam no quarto, no silêncio mortal do quarto. Mas ele já se acostumara, de modo que podia distinguir toda a cama. Nela alguém dormia um sono absolutamente imóvel; não se ouvia nem o mínimo farfalhar, nem o mínimo respiro. O adormecido estava coberto desde a cabeça por um lençol branco, mas os seus membros era como se estivessem

dispostos de maneira estranha; pela altura só se via que havia uma pessoa estendida. Ao redor reinava a desordem, na cama, nos pés, nas poltronas ao pé da cama, até no chão estava espalhada a roupa tirada, um rico vestido de seda branco, flores, fitas. Na mesinha, à cabeceira, reluziam os brilhantes tirados e espalhados. Nos pés estavam amassadas em um bolo umas rendas e sobre as rendas brancas a ponta de um pé nu apontava por baixo do lençol; ele parecia como que esculpido de mármore e estava terrivelmente imóvel. O príncipe olhava e sentia que quanto mais olhava mais morto e silencioso ficava o quarto. Súbito zuniu uma mosca que acordava, passou voando sobre a cama e calou-se à cabeceira. O príncipe estremeceu. (págs. 671-672)

Rogójin descreve friamente o assassinato dizendo que a faca só havia penetrado três ou quatro polegadas sob o seio esquerdo e que apenas uma colher de sangue havia vertido. Ele atingira diretamente no coração. Rogójin então afasta-se da cama onde estava o corpo e cai numa febre delirante. A cada uivo dele, Míchkin enxuga-lhe a testa. Quando a polícia finalmente chega, atraída pelos vizinhos que Míchkin havia alvoroçado, encontra o príncipe completamente idiotizado sentado ao lado de Rogójin.

De raro em raro e vez por outra, Rogójin começava de repente a balbuciar, alto, em tom ríspido e desconexo; punha-se a gritar e a rir; então o príncipe lhe estendia a mão trêmula e lhe tocava suavemente a cabeça, o cabelo, afagava-o e afagava-lhe as faces... nada mais conseguia fazer! Ele mesmo começava a tremer outra vez, e outra vez era como se as pernas voltassem subitamente a fraquejar. Uma sensação qualquer e inteiramente nova lhe afligia o coração com uma melodia infinda. Enquanto isso, havia clareado por completo; por fim ele se deitou no almofadão, como que já totalmente sem forças e em

desespero, encostou seu rosto ao rosto pálido e imóvel de Rogójin, todavia a essa altura talvez não sentisse mais as suas próprias lágrimas e já nada soubesse a respeito delas...

Ao menos quando, já depois de muitas horas, abriu-se a porta e pessoas entraram, estas encontraram o assassino completamente sem sentidos e febril. O príncipe estava sentado ao lado dele na esteira imóvel e calado, e sempre que o doente gritava ou delirava, ele se apressava em lhe passar a mão trêmula pelos cabelos e faces, como se o afagasse e acalmasse. No entanto já não compreendia nada do que lhe perguntavam e não reconhecia as pessoas que entravam e o rodeavam. Se o próprio Schneider chegasse agora da Suíça e olhasse para o seu ex discípulo e paciente, ele, lembrando o estado que o príncipe às vezes ficava no primeiro ano de tratamento na Suíça, agora desistiria e diria como naqueles tempos: 'Idiota!' (pág. 677)

No final, o príncipe volta para a Suíça. Os Iepántichins (menos Aglaia), Radomski e o Príncipe Sch. o visitam. Eles o perdoam. Rogójin é sentenciado a quinze anos na Sibéria. Aglaia casa-se com um polonês cujos títulos e fortuna provariam mais tarde serem fantasiosos. O Príncipe Míchkin é apenas um idiota novamente.

[Aplausos]

PROF. MONIR: Gostaram da história? Não é uma história comovente? Tenho uma enorme simpatia emocional por esta história, ela merece uma interpretação muito boa. Não é nosso método usar a biografia como instrumento interpretativo nesse curso. O que nós fizemos foi contar a história para vocês de um modo precário, porque o livro é muito melhor do que esse resumo.

Afinal de contas, o que significa essa história? Em que medida nós saímos daqui hoje mais ricos culturalmente do que quando entramos?

Para começar a entender, gostaria de perguntar para vocês: Como é que vocês descreveriam o Príncipe Míchkin? Primeiro só as características positivas.

[Os alunos fazem comentários.]

PROF. MONIR: *[Listando os comentários dos alunos e adicionando alguns seus]*
Ele é honesto, generoso, tem capacidade de entender, de sintonizar com as pessoas. Ele é bom, puro, tem uma noção de justiça levada a um extremo quase desumano e é humilde, com toda a certeza. Ele tem de sobra a sabedoria do coração, que é a maior de todas as sabedorias. Então ele tem uma porção de coisas positivas, características boas. E as negativas, quais são elas?

[Repete-se o processo de listar características.]

PROF. MONIR: Ele é ingênuo, um pouco indeciso. Uma espécie de vítima de si mesmo. Tem uma desvinculação da sua própria vida. É um pouco submisso ao destino, embora de vez em quando se rebele. É descuidadamente sincero, de uma sinceridade um pouco infantil, como se tivesse uma desproporção entre o seu comportamento e a sua idade – o médico dizia que ele era uma criança. Tem certa idade em que você tem que ter um pouco de malícia na vida; ele se comporta como alguém que tem menos idade do que tem. Ele é quixotesco.

Dom Quixote é o sujeito que inventa uma fantasia sobre o mundo, que recria o ambiente das histórias de cavalaria e elege uma moça qualquer como sua dama, a Dulcineia del Toboso. Arruma Sancho Pança, a quem promete uma ilha de presente para segui-lo e faz excursões completamente enlouquecidas para cumprir uma missão cavaleiresca, seguindo o modelo literário de Amadis de Gaula. Vai fazendo uma porção de coisas que vão dando errado, vai arrumando uma briga atrás da outra, apanha o livro inteiro. No final ele é vencido por um universitário, Aramis, que o engana. Aramis o vence num duelo, fingindo que também era um cavaleiro, e o obriga a abdicar daquela vida como condição para a sua não-morte. Tendo sido vencido, ele abandona aquela vida dizendo que não é mais o Dom Quixote, que continua a ser Quijana, que é o seu verdadeiro nome. E no final há o crepúsculo de Dom Quixote, que se sob o ponto de vista dos homens estava completamente errado – porque o homem era um perigo ambulante – estava de alguma maneira certo sob o ponto de vista de Deus.

O Príncipe Míchkin, se vocês repararem bem, também tem esta característica. Ele não parece quixotesco? Um sujeito querendo resolver coisas que estão acima da possibilidade de resolver, achando que é possível modificar determinadas coisas no mundo que são ruins, na visão dele?

Ele também tem um problema tão óbvio que vocês não lembraram – tem um problema de saúde, ele é fisicamente fraco. Tem crises de epilepsia, portanto tem uma redução da capacidade física.

Então temos a nossa personagem central descrita como uma mistura de qualidades muito boas: humildade, honestidade e generosidade e sobretudo a sabedoria de coração, e por outro lado ele tem uma espécie de ina-

dequação ao mundo – a sua ingenuidade é inadequada para esse o mundo, o que o transforma em uma figura quixotesca, associada a uma condição física desfavorável.

Já que temos um consenso sobre essas características, o que mais sabemos sobre o Príncipe Míchkin? Por que é que Dostoiévski o chama de idiota? “Idiota” em russo é *“idiot”*, uma palavra de origem grega que foi adotada por todas as línguas, com essa mesma estrutura. “Idiota” não é positivo em língua nenhuma. A idiotia, em princípio, é um estado patológico de retardo, é um termo técnico. Não é um xingamento. Tem o mesmo valor moral de dizer que alguém é doente renal. A idiotia que Dostoiévski percebe na personagem tem também uma conotação mais técnica do que uma conotação de xingamento. No entanto, por que será que Dostoiévski compromete tanto assim a personagem, já dando esta rubrica de idiota logo de cara, no título do livro?

ALUNO: *[Comenta que Dostoiévski devia ter uma personalidade muito parecida com a personagem.]*

PROF. MONIR: Cuidado com essas conclusões, porque os escritores passam a perna em vocês. Vocês nunca devem supor que os livros são completamente autobiográficos.

Foi Saint-Beuve, um crítico literário francês do século XIX, que inventou a ideia de que você entende a obra pela biografia do autor. Isso é em parte verdade porque ninguém consegue inventar uma obra do vácuo, sempre tem a sua vida ali. Mas, por outro lado, os autores não têm obrigação de

manter isso. Logo há elementos dostoiévskianos na personagem do Príncipe Míchkin? Há. Podemos garantir que eles são dominantes? Não podemos garantir. Embora nesse caso há elementos, sobretudo a epilepsia. Mas deve haver outra razão mais prática do que isso.

ALUNO: *[Sugere que para o Dostoiévski o sentido da palavra “idiota” é a patologia, não o xingamento.]*

PROF. MONIR: No entanto não é uma coisa muito irônica que você batize uma personagem literária de idiota? Ele não está escrevendo um livro de saúde mental, está escrevendo um romance, com uma personagem deste tamanho, tão grande como essa. Eu tenho uma desconfiança muito trivial, mas vamos ouvir vocês.

ALUNA: Ele sai fora do padrão.

ALUNA: Ele tinha tudo na mão para dar certo e estraga tudo.

PROF. MONIR: Muito bem. Então você está me dizendo que essa é a razão pela qual ser chamado de idiota possa ser justificado?

ALUNA: Isso.

PROF. MONIR: Eu estou desconfiado de que Dostoiévski possa ter dado esse nome para o título do livro tentando obter uma outra coisa qualquer, que eu ainda não sei bem o que é. Mas acho que a gente vai descobrir isso.

A impressão predominante que vocês têm sobre essa personagem é positiva ou negativa?

ALUNOS: Positiva.

PROF. MONIR: Se ele é um idiota, é um idiota benigno, porque o saldo parece ser bom. Então, porque a personagem é chamada de idiota pelo autor mesmo tendo um saldo aparentemente bom?

ALUNA: Não seria pelo fato de que sendo uma alma nobre, com esse senso de justiça apurado, ele destoava da realidade da época, era visto como um alienado, bobo?

PROF. MONIR: É a tese da colega, apresentada de outro modo, de que de fato um sujeito ganha essa loteria toda, joga tudo isso fora e volta para o hospício... Não se trata de uma solução boa.

ALUNO: Razões financeiras.

PROF. MONIR: Financeiras? Ah, sim. Por que o editor achou que ia vender mais livros com esse título? Às vezes é essa a razão pela qual um sujeito põe um título num livro.

O que nós sabemos é que ele não age de uma maneira convencional, de uma maneira que qualquer pessoa aqui reputaria de bom senso. Mas isto também não acontece com o Dom Quixote, que do ponto de vista de seu comportamento também é inadequado. Dom Quixote está certo com relação ao céu, mas com relação à terra está errado, porque ele agride as pessoas.

ALUNO: Talvez por todas as suas qualidades a sociedade o trate como idiota, mas ele é uma pessoa boa.

PROF. MONIR: Logo seria um título irônico?

ALUNO: Exatamente.

ALUNA: A mim parece que ele era o único ali que não era um idiota. Tudo aquilo que ele fez, ele fez com o coração, sem maldade.

PROF. MONIR: Me parece que esse é um bom caminho. Ele tinha consciência da sua situação. Ele não era um sujeito inconsciente, como seria um idiota tecnicamente falando. Portanto nesse caso o título teria uma conotação irônica. Ele queria dizer: “Está vendo, esse sujeito bom parece ao mundo um idiota”.

ALUNO: Ele é um idiota porque ser uma pessoa boa nesse mundo cruel não é um modelo sustentável.

PROF. MONIR: Mas vocês acham que o Dostoiévski tem essa personagem em boa ou má conta?

ALUNOS: Boa.

PROF. MONIR: Ele vê com simpatia o Príncipe Míchkin, não vê? E no entanto o chama de idiota.

ALUNO:[*Faz um comentário sobre Míchkin não saber lidar com dinheiro.*]

PROF. MONIR: Não só dinheiro. Ele também não lida bem com amor, com coisas práticas...

ALUNO: Nesse mundo o que importa é dinheiro e as outras coisas. Como ele não valoriza nada disso, então ele é um idiota.

PROF. MONIR: Aí nesse caso haveria uma conotação de crítica, mesmo, no nome.

ALUNA: Não seria uma visão de compaixão para com Míchkin?

PROF. MONIR: A impressão que eu tenho sobre esse assunto, para darmos um passo à frente, é que o que caracteriza esse título é o seguinte: como Dostoiévski quer nos apresentar uma personagem que é extremamente boa, ele precisa fazer alguma coisa para “desangelizar” a narrativa. Ele não pode angelizar a narrativa, porque daí ele cria um livro muito óbvio, muito fechado, muito claro. Ele precisa botar na cabeça da gente a dúvida sobre se essa pessoa tem ou não tem cabimento. Por isso é que no título ele precisa criar um contraste muito grande com a personagem. É preciso que a personagem seja tipificada de um jeito e xingada do outro para que se possa ficar nessa dúvida em que nós estamos aqui agora, senão seria como se essa personagem não fosse humana, mas uma personagem de natureza angélica.

ALUNA: Mas tem alguns pontos em que ele coloca mesmo o príncipe como se fosse um Cristo: alguém que não reage, e ele é comparado a um cordeiro...

PROF. MONIR: Mas esse é o ponto. Se Dostoiévski continua a narrativa sem denegrir a própria personagem, ele cria um texto muito angélico, um texto bobinho. Ele destrói a complexidade do texto, porque você tem que ter alguma tensão. A grande literatura é sempre literatura tensional. A literatura que é óbvia é panfletária, tem por objeto fazer campanha de alguma coisa.

Há claros momentos em que ele parece com Jesus Cristo ou com uma criatura angélica. Ele tem uma associação com a divindade. De onde vem o Príncipe Míchkin? Do alto da montanha. Ele vem do céu! Como ele está vindo do céu, ele não pode ser angelizado, porque aí o livro perde completamente a força dramática.

O fato de que ele vem do céu de certo modo explica a razão pela qual ele é doente. Lembram que quando ele tem o ataque epilético ele diz que vê uma luz? Tem um fenômeno ligado à epilepsia – é como se a epilepsia fosse uma espécie de contato mal feito com o céu. Dá um curto-circuito. O que Dostoiévski está dizendo para nós é o seguinte: que não dá para você ficar com o céu e não perder alguma coisa da terra.

ALUNA: A força espiritual se contrapõe à fraqueza física.

PROF. MONIR: É, porque você tem que compensar uma coisa com a outra. Quem vê Deus? Os mártires da Igreja, todos os santos... São as pessoas que mortificam o corpo. Uma pessoa religiosa é uma pessoa que tem uma espécie de modéstia corporal, que faz voto de castidade, voto de pobreza; portanto faz uma troca. Você tem que compensar – você não consegue ficar com o céu e a terra ao mesmo tempo. Se você pretende estar no céu, alguma coisa você tem que perder na terra.

ALUNO: Se ele não fosse idiota, ele não seria humano.

PROF. MONIR: Se ele não fosse idiota ele não seria humano, porque Dostoiévski na verdade quer nos dizer que há certo grau de incompatibilidade entre essas duas coisas – há uma tensão enorme entre o céu e a terra, o tempo todo. Vejam, a obra *O Idiota* é o *Dom Quixote* de Dostoiévski, pessoal. É a mesma obra, é a mesma história, exatamente a mesma estrutura, só que uma escrita por um russo, no século XIX e a outra escrita por um espanhol, no século XVI. O sujeito que está excessivamente associado ao céu é um sujeito desbalanceado, torto, porque não consegue ser as duas coisas ao mesmo tempo. É como se ele fosse um anjo que desceu. Esse anjo traz coisas que são angélicas, e que parecem aos olhos dos terrestres, dos habitantes da planície, como coisas absolutamente cretinas e idiotas. A infantilidade que a personagem tem é uma infantilidade de pureza de espírito. Quando diz na Bíblia assim: “*Deixai vir a mim as criancinhas*”, Deus não está falando de quem tem até seis anos de idade. Não é um problema de idade cronológica. Ele está falando de uma certa pureza de coração, que é o que esse príncipe tem.

ALUNA: Mas aquele trecho em que eles estão analisando o quadro e que eles dizem que o quadro é para a pessoa perder a fé...

PROF. MONIR: Que é **possível** perder a fé.

ALUNA: Ninguém quer ser como o príncipe, porque não percebem nada.

PROF. MONIR: Na verdade é o seguinte: entre as coisas que nos seguram mais para embaixo (por que mais pessoas não sobem a montanha?), entre

os desestímulos para subir a montanha, está a desesperança que representa a imagem de Cristo morto – se nem Cristo foi capaz de fazer isso, porque deveríamos ter esperança? Isso é o que representa aquela meditação em cima do quadro.

Por isso é que só vamos conseguir entender de fato este livro quando vocês conseguirem me responder qual é a ligação que há entre o Príncipe Míchkin e o Rogójin.

ALUNOS: *[Comentários.]*

ALUNA: É o outro lado.

PROF. MONIR: É o duplo! Rogójin é o duplo do Príncipe Míchkin. Eles têm uma porção de semelhanças. Eles têm a mesma idade, ambos são órfãos, ambos herdaram um dinheirão. Embora Rogójin não seja epilético, ele tem patologias tão graves quanto, porque é dado a rompantes de ódio; ambos têm desequilíbrios psíquicos.

ALUNA: *[Comentário sobre a atração mútua.]*

PROF. MONIR: A atração mútua que há é a atração que faz o duplo. O duplo que há dentro de você e se reflete na outra pessoa como sendo uma alternativa a você próprio.

ALUNA: *[Comenta que quando sentimos estar indo para o lado do mal a gente se reprime.]*

PROF. MONIR: Mas na verdade a vida é toda cheia dessas encruzilhadas, a vida moral é feita de alternativas. Afinal de contas, nós estamos falando do quê? Da natureza da alternativa moral, que representa em si própria duas opções (*alter*: ou este, ou aquele, você tem que escolher). É isso que representa essa duplicidade entre as duas personagens. Enquanto um escolhe a luz, o outro escolhe a treva, a sombra. Eles são muito parecidos, mas muito diferentes na prática. Esta é a descrição da própria estrutura da decisão moral. Isso que nós chamamos de decisão moral, de elemento moral da vida, é uma bifurcação da vontade. O animal que tenta Adão e Eva é a serpente, porque a serpente tem a língua bifurcada. A tentação da serpente é uma tentação moral – você sempre tem a opção de não fazer o que ela pede. Essa duplicidade existencial que o Príncipe Míchkin tem (se incorporado como um duplo a outro) é o conceito-chave do livro. Porque a diferença essencial entre os dois é que um optou pela luz e o outro optou pela sombra.

Todas as pessoas estão nessa dualidade, porque essa é a natureza humana. Se vocês quiserem uma definição sobre o que é a natureza humana, vocês têm que saber o seguinte: **o ser humano é o ser que não sabe o que fazer.** Não tem nenhuma outra explicação melhor. Porque dizer que o ser humano é racional... Olha, tem uns cachorros que fazem cada coisa, que eu fico impressionado. Tem cachorro que tapeia, que tem estratégia... Mas cachorro não tem consciência moral, porque nenhum animal tem isso. A consciência moral é uma qualidade, um estado existencial único do homem. Isto significa que passamos a vida toda tendo dificuldade de tomar decisões, a nossa vontade passa a vida bifurcada: faço ou não faço. O próprio pecado original é configurado desse jeito, porque a serpente com a sua língua bifurcada diz assim: “Olha, se vocês comerem o fruto dessa árvore, vocês vão saber tudo

o que Deus sabe". O ser humano sabe que aquela é a única proibição que existe ali, no entanto há por outro lado o desejo de romper a proibição pela ambição que a serpente instigou no aspecto Eva (de desejo exacerbado) do ser humano.

O Príncipe Míchkin representa um desses dois lados e Rogójin representa o outro. No fundo, todo o problema está em saber qual decisão tomar.

Qual seria então o papel do Príncipe Míchkin nessa história? Qual é o papel do anjo que vem do céu e que vem dar o exemplo da decisão pela luz?

Ele vem despertar a consciência moral, mas não consegue sucesso completo, porque no final das contas o que predomina é o lado negro da bifurcação.

ALUNA: Aqui também dá para fazer uma analogia com *Dom Quixote*, porque o príncipe "é apenas um idiota novamente", assim como Dom Quixote, que não aceitou esse mundo, e então morreu.

PROF. MONIR: Pois eu estou dizendo para vocês que esta é a história de Dom Quixote de Dostoiévski, porque como no caso de Dom Quixote, ele também desiste. Mas por que desiste? Desiste porque de alguma maneira já cumpriu a sua tarefa avatárica. É como se fosse um avatar que viesse para fazer um processo de conscientização e que depois desaparecesse. A sua volta para o céu é como a de um anjo que cumpre a sua função e não precisa mais estar aqui, porque de fato é inviável aqui. Ele não pode continuar vivendo aqui, porque teria de deixar de ser anjo. Logo ele só é viável na montanha. Ele

volta para a montanha e passa a existir, mas aqui ele não pode mais estar. Ele volta a ser criança onde é possível ser criança – no céu.

ALUNA: *[Comenta que é uma visão pessimista.]*

PROF. MONIR: O sentido geral da obra de Dostoiévski é o seguinte: ele acha que o homem peca quando não resiste contra a sua natureza. É quando você se submete à sua natureza espontânea, aos seus impulsos naturais. Isso é pecado. E só é possível resolver isso pela via do sofrimento. Porque para o ser humano não há saída possível fora do sofrimento. Por isso é que o Rogójin vai para a Sibéria passar quinze anos. Todas as personagens dostoiévskianas vão para a Sibéria no final da história: o Dimítri, em *Os Irmãos Karamázov*, o Raskolnikov, em *Crime e Castigo*...

ALUNO: *[Comenta que o Dostoiévski também foi para a Sibéria.]*

PROF. MONIR: Você pode fazer esta analogia, é verdadeira. Ele voltou dez anos depois, completamente modificado. Só que ele conseguiu fazer uma obra maior do que um episódio autobiográfico. Ele não escreveu a obra para contar a vida dele, ele escreveu a obra para contar isso para o mundo inteiro.

Vocês têm alguma ideia de por que Rogójin mata Nastácia?

ALUNA: Porque ela é a fonte do pecado?

PROF. MONIR: Não! O que tem na moça que é terrivelmente horripilante, e que para Rogójin é insuportável?

ALUNA: O amor dela pelo príncipe.

PROF. MONIR: Então, ele não suporta que a generosidade supere o desejo.

ALUNA: *[Comenta que é uma luta entre o bem e o mal, na qual a Nastácia é um objeto, e que o Rogójin não suportou que ela amasse mais o príncipe do que a ele.]*

PROF. MONIR: Não é que ele tenha ciúmes, porque ele não tem ciúmes nenhum... Ele tenta matar o príncipe, depois vai lá conversar com ele. Ele não tem ciúmes do príncipe. É que Rogójin representa desejo puro – ele representa a carnalidade, a materialidade do duplo – mas **Nastácia** não representa o desejo puro. Embora ela goste do príncipe, ela é capaz de ficar com Rogójin. É um tremendo desaforo para Rogójin que ela demonstre, pelo fato de ficar com ele, que ela é capaz de colocar a generosidade acima do desejo. Ele não suporta a possibilidade de alguém fazer isso porque ele é o lado sombrio do duplo, subordinado à vida carnal, material, aos desejos imediatos.

ALUNA: Seria muito mais pessimista se Nastácia tivesse ficado com Rogójin.

PROF. MONIR: Seria muito mais pessimista, mas é que não dá para falar de pessimismo, porque no fundo o Dostoiévski está descrevendo a condição humana. A condição humana é essa: você está sempre subordinado ao céu e à terra. Você tem que escolher entre os seus desejos, que vêm da terra, e as suas obrigações, que vêm do céu. O papel do Míchkin era ajudar a entender qual era a escolha que tinha que ser feita. Nastácia, apesar de ser em princípio uma moça voltada para a carnalidade, consegue com aquele compor-

tamento feminino muito estranho (embora pareça verossímil) subordinar o desejo à generosidade. E ao fazer isso ela destrói a possibilidade de vitória do Rogójin. E Rogójin só consegue conviver com essa derrota pela destruição do exemplo, que é a morte da Nastácia.

No entanto, o príncipe tem uma profunda compaixão por Rogójin, porque é preciso ter compaixão por quem está assim. O que é mais cristão do que qualquer outra coisa? Compaixão. Não é compaixão o que Cristo tem em relação a nós? Fizemos um monte de desaforos para Ele, O enchemos de porrada, nós O crucificamos, e mesmo assim Ele gosta de nós. Aquela cena final do príncipe segurando Rogójin, que está enlouquecendo, é um ato da mais profunda caridade cristã.

ALUNA: *[Comenta que Nastácia era uma figura amarga, pelos fatos que tinham acontecido na vida dela.]*

PROF. MONIR: Ela era sedutora.

ALUNA: Também. Mas ela tinha uma amargura pela sua história de vida. Na verdade o que desperta o lado bom, o sentimento bom nela é o amor que ele tem, o respeito que ele tem naquele primeiro ato em que ele vai lá e intervém em favor dela.

PROF. MONIR: Então. Pode haver alguma coisa mais ofensiva para alguém que está olhando para o desejo como princípio da vida – que é o caso de Rogójin (porque o Rogójin só tem desejos, é um material, sensorial puro) – do que a mulher estar com ele para fazer um sacrifício, como generosidade

- porque no fundo ela ama outro, a quem cedeu por amor? Para ele isso é insuportável, por isso é que ele a mata.

ALUNO: *[Faz comentário sobre catolicismo x ortodoxia.]*

PROF. MONIR: Dostoiévski não conhece o catolicismo romano. Ele tem uma visão teórica da diferença. Vou explicar isso: o catolicismo romano é mais velho do que o catolicismo ortodoxo. É uma religião que tem uma coisa extraordinária – não há nenhum assunto do corpo doutrinal do cristianismo que não tenha de alguma maneira sido explicado ou debatido (pela escolástica, por exemplo). Então, todos os assuntos que vocês possam imaginar – o mistério da Trindade, a virgindade de Nossa Senhora... tudo que em princípio parece inexplicável e deveria ser aceito por fé, de alguma maneira andou sendo debatido por São Tomás de Aquino, por São Boaventura, Santo Anselmo... Gente de uma inteligência, de um brilhantismo incrível entrou no mérito de todos os dogmas. Portanto o nosso catolicismo ocidental é um catolicismo profundamente sistematizado. Na Igreja Ortodoxa eles não têm a menor intenção de analisar isso filosoficamente. Portanto é um cristianismo místico, que nós não temos aqui. Nós temos misticismo dentro dos aspectos monásticos, mas aquele pessoal do cristianismo ortodoxo vê todo o dia Nossa Senhora no ponto de ônibus. É por isso que lá não tem dissidência, porque não tem pontos doutrinários para ter dissidência. Quando Lutero começou o protestantismo, a primeira coisa que ele fez foi pregar na parede uma lista de coisas que ele queria discutir. Na Igreja ortodoxa não tem dissidência porque não há em torno do que você dissentir. Você tem apenas uma sensação mística de comunhão com Deus. Dostoiévski olha para o catolicismo e acha que é um negócio burocrático, dominado por Roma... Mas é completamente injusto. Dostoiévski nunca, nunca entendeu o catoli-

cismo. Tanto é que em *Os Irmãos Karamázov* ele faz o discurso do Santo Inquisidor – que é injusto, de alguma maneira. Ele é exageradamente rigoroso para com o catolicismo. Mas nesta história, a questão do catolicismo x Igreja Ortodoxa é completamente secundária. Ele só colocou isso porque queria arrumar um assunto que pudesse horrorizar os parentes da Aglaia naquela festa, porque ele precisava de um pouco de escândalo.

ALUNA: *[Faz pergunta sobre a epilepsia, que as crises de epilepsias parecem providenciais, na trama.]*

PROF. MONIR: É normal que essas crises aconteçam nos momentos de grandes emoções. No entanto durante muito tempo se achava que a epilepsia era um estado de comunicação com o mundo superior, o mundo espiritual. Essa doença sempre teve uma conotação meio sagrada. É uma doença que tem interpretações simbólicas muito grandes. Houve uma tendência de ela ser interpretada como um momento de comunicação com o outro mundo. É muito clara essa característica da existência de Míchkin como um ser que está vindo de cima para baixo. Ele vem para desenvolver a consciência moral do mundo, e não é capaz de vencer isso, porque o mundo continuará tendo essa ambiguidade, representada pelo duplo Míchkin-Rogójin. Essa ambiguidade não pode ser resolvida, ela pode ser apenas inspirada – é o conceito de avatar do hinduísmo. No hinduísmo há a ideia de que de vez em quando aparece alguém aqui, como Krishna, para dizer que nós estamos exagerando. De acordo com a teoria budista tem nove avatares, só falta um para vir ainda.

ALUNO: *[Faz comentário sobre os personagens que reclamaram a herança.]*

PROF. MONIR: Eram verdadeiros vigaristas. Mas ele faz um ato de compaixão para com aqueles sujeitos, sabendo que são vigaristas. É mais ou menos como Jesus Cristo nos trata, pessoal. Vocês não perceberam isso até hoje? Somos todos uns vigaristas e uns farsantes. E mesmo assim ele gosta da gente! A essência do cristianismo é isso. Considerando a Trindade, é o cristianismo a religião associada ao Filho. O Filho é compaixão pura. O Filho é o sujeito que, apesar de todo o desaforo que você faz para ele, continua gostando de você. O Príncipe Míchkin é assim, ele é um sujeito que tem compaixão pelos picaretas, mesmo sabendo que eles são picaretas. Portanto ele está em um grau de espiritualidade muito acima, ele veio do céu.

(Resumo feito por José Monir Nasser. Os trechos transcritos são da 1ª. edição de O Idiota da editora 34, 2002, São Paulo, tradução de Paulo Bezerra).

Federação das Indústrias do Estado do Paraná - FIEP | Presidente

Edson Campagnolo

Serviço Nacional da Indústria Paraná - SENAI | Diretor Regional Senai - PR**Serviço Social da Indústria Paraná - SESI | Superintendente do SESI/IEL - PR**

José Antonio Fares

Assessora Executiva de Assuntos Estratégicos - Sistema FIEP

Maria Cristhina de Souza Rocha

Gerente de Cultura - Sistema FIEP

Anna Paula Zétola

Analista Técnico – Cultura - Sistema FIEP

Thaísa Bonato Lourenço

Analista Técnico – Cultura - Sistema FIEP

Kleberr Wlader

Normalização – Cultura - Sistema FIEP

Pandita Marchioro

Conteudista

José Monir Nasser (in memorian)

Revisão de transcrição

Patrícia Nasser

Revisão Literária e Palestras

Paulo Briguet

Capa e Diagramação

Maria Cristina Pacheco dos Santos Lima

Ilustração Capa

José Monir Nasser

Coordenação Geral

Anna Paula Zétola

Produção Executiva e Prestação de Contas

Luiz Roberto Meira

Assistente de Produção

Gilmar Lima

Assessoria de Imprensa

Rafaela Tasca

Programa Nacional de Apoio à Cultura PRONAC

Ministério da Cultura

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as pessoas, alunos e amigos, cujos estímulos e esforços contribuíram direta ou indiretamente para o sucesso do programa Expedições pelo Mundo da Cultura e cuja presença indelével está nas entrelinhas de cada parágrafo deste livro.

Agradecemos ao Sesi, à ABRH, à Klabin, à Volvo e aos seus colaboradores não apenas pelo apoio material, mas pelo entusiasmo, envolvimento e dedicação com que nos acompanharam durante todo este processo.

Agradecemos a todos os que cederam materiais, se mobilizaram e trabalharam pelas transcrições, das mais variadas maneiras. Agradecemos a Bruno Floriani e a Pâmella Stadler pelo seu envolvimento direto com as transcrições. Registramos em especial nossa gratidão para com Andréa de Oliveira Jaques e para com Carlos Nadalin, sem os quais este esforço não teria sequer começado.

Agradecemos ainda aos amigos Carlos Jaime Loch e Paulo Briguet pelo tempo e talento a nós devotado.

Família Nasser

OS FILHOS DE MONIR

José Monir Nasser foi o pai intelectual de muita gente. Todos se tornavam alunos diante dele. Era um educador no sentido verdadeiro da palavra: ex ducare, conduzir para fora. Suas aulas sobre os grandes clássicos literalmente conduziam os ouvintes para fora da caverna da ignorância, mostrando-lhes a luz pura e espiritual do conhecimento. Virgílio de tantos pequenos Dantes, que antes de conhecê-lo não conheciam a comédia de erros das próprias vidas, ele comprovou que o mundo da criação literária e o mundo da criação de riquezas não estão separados, mas fazem parte de um mesmo princípio, essencialmente espiritual.

PAULO BRIGUET

EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA VOLUME 8

Memórias Póstumas
de Brás Cubas
Os Noivos

ENCONTROS COM O PROFº JOSÉ MONIR NASSER

EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA VOLUME 8



JOSÉ MONIR NASSER
(1957-2013)

Economista, escritor, editor e pintor, fundou a empresa de consultoria AVIA Internacional e a Tríade Editora. Foi consultor de estratégia em inúmeras organizações de porte nacional e consultor de desenvolvimento regional. Escreveu "A Economia do Mais" e "O Brasil que Deu Certo", ambos pela Tríade Editora.

FIEP-Federação das Indústrias do Estado do Paraná

Edson Luiz Campagnolo
Presidente

Superintendente do Sesi e IEL no Paraná e Diretor Regional do Senai no Paraná

José Antonio Fares

Assessora de Projetos Estratégicos

Maria Christina S. Rocha

Gerência de Cultura

Anna Paula Zétola

Conteudista

José Monir Nasser

SESI. Departamento Regional do Paraná.

Expedições pelo mundo da cultura: Memórias Póstumas de Brás Cubas /
Os Noivos / SESI. Departamento Regional do Paraná. - Curitiba: SESI, 2017.
224 p.: 21 cm. (Expedições pelo mundo da cultura, v. 8)

ISBN: 978-85-5583-033-4

1. Literatura – História e crítica. 2. Serviço Social da Indústria. I. José
Monir Nasser.

CDU 82

A reprodução total ou parcial desta publicação por quaisquer meios seja eletrônico, mecânico, fotocópia, de gravação ou outros, somente será permitida com prévia autorização, por escrito, do SESI.

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Os Noivos

Escrever o Prefácio de Expedições pelo Mundo da Cultura não é somente escrever uma página para iniciar o livro e instigar sua leitura. É escrever sobre uma viagem por mundos a serem descobertos a cada volume, em cada história que se apresenta página após página, personagem a personagem, cenário após cenário. É escrever sobre uma viagem que permite nos transportarmos de espaços inusitados para o racional e o imaginário; que nos dá oportunidade de sair do lugar comum para lugares consagrados da literatura clássica.

Quando se busca o significado da palavra expedição, encontra-se como uma de suas definições: conjunto de pessoas que viajam para um determinado território, com o objetivo de analisá-lo. Foi isso que Monir Nasser nos proporcionou durante quatro anos de parceria entre ele, ilustre intelectual, e o Sesi Paraná. Momentos únicos nos quais conhecimentos foram compartilhados e viagens por destinos diversos foram realizadas, modificando o olhar que temos de nossa realidade, dando-nos condições de ampliar nossa visão de mundo.

Ao todo se somaram 92 possibilidades de expedições, mediadas por ele, que levaram os participantes dos encontros por um mundo indesejável, por um universo cultural a ser desmistificado e descortinado aos poucos. Encontros nos quais já existia a expectativa para o próximo e que, por isso mesmo, não se conseguia parar. Os encontros possibilitaram atravessar a Ponte Rialto, em Veneza, por nosso imaginário e participar da negociação entre Antonio e Shylock. Encontrar Dom Quixote de La Mancha, cavaleiro medieval, em busca da sua amada Dulcinéia, sempre em companhia de seu cavalo Rocinante e seu fiel escudeiro Sancho Pança, pelos caminhos espanhóis. Navegar para a Índia, pela obra poética de Os Lusíadas, de Camões, compreendendo a história de Portugal. Entender a complexidade do Livro de Jó, com seus discursos e respostas para perguntas existenciais. Navegar em busca de Moby Dick, refletindo sobre os sentimentos humanos e tantas outras compreensões. Enfim, Monir nos traduziu obras de William Shakespeare, Tolstói, Miguel de Cervantes, Herman Melville, Camões, Aldous Huxley, Tolkien, Nicolai Gogol e livros bíblicos, aproximando-nos dos autores e de suas obras.

Certa vez, meu amigo Monir Nasser disse, durante o encontro que discutia a novela A Morte de Ivan Ilitch, que não adianta olhar para a morte a partir da vida, mas a única solução é olhar para a vida a partir da morte; não há outro jeito de orientarmos a vida.

Assim, devemos olhar para a vida com a possibilidade de continuarmos o legado de Monir, contribuindo com a sociedade e futuras gerações para a descoberta de novas possibilidades que se abrem quando se descortinam as histórias da humanidade. Esta coletânea representa a existência que transcende a morte e permanece presente em nossos corações e mentes.

José Antonio Fares,

Superintendente Sesi Paraná.

Ele continua fazendo a diferença

Perdi a companhia do José Monir em 16 de março de 2013, depois de trinta anos de convivência. Para todos que o conheceram ou privaram de sua frondosa companhia foi uma perda irreparável. Foi um cometa que passou rápido, embora tenha brilhado intensamente.

Como professor conheci o José Monir em 1981 na turma de ‘trainees’ da Fininvest, um grupo de jovens que estava sendo preparado para implementar nos anos seguintes o Mercado Comunitário de Ações em Joinville (SC), onde moramos juntos uns três anos. Depois deste período seguimos caminhos diferentes, mas ficando sempre em contato; sua busca profissional levou-o a várias experiências. A partir dos anos 90 nós dois passamos a residir de novo em Curitiba; ele já atuava como consultor empresarial, caminho que também adotei, inclusive por influência dele.

Ao longo dessa caminhada pude conhecê-lo cada vez mais, tanto suas origens como sua obra. Seu brilhantismo era lastreado por uma formação clássica herdada. O pai, médico, cursara especialização em Paris como bolsista da Aliança Francesa, dirigida em Curitiba pelo casal Garfunkel; a mãe, secretária da Aliança Francesa até casar-se. O berço familiar transpirava atmosfera cultural. Quando o pai ia para o consultório à tarde, levava junto o filho adolescente para ficar na Biblioteca Pública do Paraná, na quadra vizinha, até o final de sua jornada. ‘Lia de tudo’, dizia; Roberto Campos o influenciaria com seu estilo polêmico e afiado. Frequentou também a Escolinha de Arte, da própria Biblioteca Pública. O José Monir falava e escrevia fluentemente francês, inglês e alemão; na juventude participou de programas de intercâmbio escolar nesses três países; ainda jovem chegou a morar por mais de um ano na Alemanha, vindo a trabalhar como operário numa fábrica, experiência marcante à qual se referia com frequência. Até o final do 2º Grau teve apenas formação clássica, isto é, de humanidades, sem direcionamento profissional, voltada apenas para o desenvolvimento da capacidade de expressão do espírito humano. Sua primeira faculdade foi em Letras, mas já no final desta resolveu cursar Economia, provavelmente em decorrência do clima político do país no final dos anos setenta. Discorria com domínio sobre os mais variados assuntos, indo de arte a filosofia, religião, ciência, literatura, economia e outros tantos. Teve forte influência de Virgílio Balestro, hoje com mais de 80 anos, Irmão Marista professor do colégio em que estudou; com ele tinha aulas particulares de latim e grego. Amadureceu profissionalmente entre seus vinte e cinco e trinta anos, sob a influência marcante de Rubens Portugal, nosso diretor e grande mentor. Mesmo tendo contato com gestão empresarial só nesta idade, o José Monir superou pelo caminho muitos que tinham se iniciado mais cedo.

Nesse tempo destacava-se por sua vivacidade intelectual e arguta capacidade de abordar as situações mais complexas no campo gerencial e econômico, de maneira inovadora. Recendia qualidade em tudo que fazia, desde clareza de raciocínio até redação densa, leve e comunicativa, recheada de vocabulário erudito sem ser pedante. Demonstrava prodigiosa versatilidade; ia direto ao ponto central dos assuntos; conseguia revelar relações incomuns entre fatos e situações aparentemente desco-

nexas. Sabia localizar o ouro. Ele fazia a diferença! Detestava autoridade imposta; pugnava pela autoridade interna da abordagem orgânica dos fatos e análises sobre a situação enfrentada. Irritava-se com mediocridade, e com burocracia em geral. Era hábil em desmascarar espertezas travestidas e agendas ocultas.

Interagia com todos os segmentos sociais, frequentando as mais diversas 'tribos' civilizadas. Gostava de merecer o prêmio e a vantagem, em vez de dar-se bem às custas alheias. Sua nobreza de caráter dispensava as competições predatórias; perder para ele era reconhecido como ganho até pelos adversários; nunca o vi tripudiar sobre alguém. Era dono de uma verve humorística ímpar: à sua volta sempre predominavam as satíricas risadas de um 'fair play'. Sabia portar-se com franqueza lhana; para ele a verdade podia ser dita sem precisar ferir. Era um 'curitibano da gema'; ainda não consegui encontrar alguém que superasse sua capacidade de entender a 'alma curitibana'. Dizia que em Curitiba não é bem assim para namorar uma moça de família: 'antes de pegar na mão, você tem que se apresentar, dar provas, frequentar e ... esperar ser convidado; ser 'entrão' pega mal; somos uma sociedade da serra, não da praia'. Sempre aproveitava as oportunidades de aprender quando reconhecia nas pessoas capacidades e experiências extraordinárias; hauriu muito da convivência com Rubens Portugal, com Professor Tsukamoto (de São Paulo) e Arthur Pereira e Oliveira Filho (do Rio).

Sua trajetória profissional foi intensa, árdua e cheia de iniciativas inovadoras, sempre trabalhando por conta própria. Nos anos noventa tornou-se um famoso consultor empresarial junto a grandes clientes do circuito São Paulo-Rio-Brasília. Teve um escritório de consultoria em Curitiba, AVIA Internacional, que editava uma 'letter', lidava um Programa de Análise Setorial (Papel/Celulose, Seguros, Bancos), desenvolvia projetos sobre as experiências internacionais de Jacksonville e Mondragon, dentre outros projetos. Nesse período dedicou-se à pintura com atelier próprio; frequentava aulas particulares e convivia no meio artístico local.

Desencantado com a inércia brasileira por ideias inovadoras, no início do novo milênio passou a dedicar-se ao projeto do Instituto Paraná Desenvolvimento (IPD), um centro de pensamento sob a liderança de Karlos Rischbieter. Nesse período participou com Olavo de Carvalho do Programa de Educação (Filosofia), patrocinado pelo IPD. Em 2002 fundou a Triade Editora e escreveu os livros 'A Economia do Mais' sobre 'clusters', e o 'O Brasil Que Deu Certo', com o empresário Gilberto J. Zancopé, sobre a história da soja brasileira. Chegou a ter um programa de televisão em que corajosamente discutia temas quentes de forma crítica.

No final da primeira década dos anos 2000 imprimiu novo rumo a seu projeto profissional, lançando 'Expedições ao Mundo da Cultura'. Consistia numa engenhosa adaptação ao Brasil do trabalho do norte-americano Mortimer Adler, a leitura de cem obras clássicas básicas como programa de formação de um cidadão culto. 'Nada do que eu fiz na vida me deu tanto prazer quanto este trabalho', dizia. Em menos de um ano tinha grupos em Curitiba, São Paulo e algumas cidades do Paraná. Sua grande inovação foi fazer um resumo de cada obra, com vinte páginas em média, para contornar a dificuldade dos brasileiros em ler um livro a cada quinze dias. Os encon-

tros eram concorridos, animados e muito proveitosos no despertar os participantes para a dimensão cultural. Até que um AVC o abateu.

A semente da herança cultural cresceu, floresceu e frutificou. Seu grande legado é o exemplo de como a Cultura é próspera e construtiva, ao contrário do que se pensa neste país como apenas entretenimento. É exemplo de projeto educacional humanista clássico, ao contrário do que se faz hoje em se privilegiar precocemente a orientação profissional em detrimento da formação humana. É exemplo profissional de trabalhar por conta própria correndo riscos e dedicando-se de corpo e alma ao projeto em que acredita. É exemplo de modernidade inteligente, tanto na sua herança como na sua obra e no seu legado, fundados sobre a matriz cultural clássica no âmbito da família. O que a família não fizer dificilmente será recuperado pela escola e pela empresa. A volta desse cometa acontecerá sempre que se replicar essa proposta de formação.

A trajetória de vida corajosa e realizadora de José Monir (1957-2013) é orgulho para sua família e referência para os amigos e os que o conheceram. Ele continua vivendo em nós; ele continua fazendo a diferença!

Carlos Jaime Loch, Consultor de Gestão Empresarial.

Ao mestre, com carinho

José Monir Nasser costumava dizer que nós não explicamos os clássicos; eles é que nos explicam. Da mesma forma, podemos afirmar que qualquer tentativa de explicar o trabalho do professor Monir resultará em fracasso, pois toda explicação possível advém do próprio trabalho. É preciso dizer de uma vez por todas: ele é o professor e nós somos os alunos.

Aristóteles discordou de seu mestre Platão em muitas coisas, mas certa vez declarou: “Platão é tão grande que o homem mau não tem sequer o direito de elogiá-lo”. Quem somos nós para elogiar ou explicar o mestre Monir? Ninguém. No entanto, tentaremos fazê-lo, do modo mais sucinto possível, para não tomar o tempo precioso do leitor.

Os textos reunidos nesta série são transcrições de aulas de José Monir Nasser sobre clássicos da literatura universal, dentro do programa Expedições pelo Mundo da Cultura, que funcionou entre 2006 e 2010. O objetivo era trazer para o conhecimento do público os temas que ocupavam o espírito dos grandes autores. São nomes e histórias que muitas vezes estão presentes na vida e na linguagem cotidiana – vide os adjetivos homérico, dantesco, quixotesco, kafkiano –, mas que em geral ficam adormecidos na poeira das estantes. A missão de Monir era trazer esses enredos e personagens clássicos para a luz do dia.

O foco das palestras de Monir não era a crítica literária ou a análise estilística, mas sim a discussão do conteúdo. Ele possuía uma verdadeira e sagrada obsessão por esclarecer mesmo as passagens mais difíceis das obras discutidas. Seu lema, repetido diversas vezes, era: “É proibido não entender!” Todos ficavam à vontade para interromper sua fala com perguntas, reflexões, ponderações, comentários. O objetivo não era transformar os alunos em eruditos, mas dar acesso a um conhecimento valioso, universal e atemporal, que pode fazer toda diferença na vida das pessoas. E fez. Monir pretendia fazer a leitura de 100 livros clássicos da literatura universal. Não foi possível: ele discutiu “apenas” 92. A lista inicial dos clássicos partiu da obra Como ler um livro, de Mortimer Adler e Charles Van Doren, sendo aperfeiçoada ao longo do tempo. Na presente seleção há dez obras: Gênesis e Jó (textos bíblicos), Fédon (de Platão), Os Lusíadas (de Camões), O Mercador de Veneza (de Shakespeare), O Inspetor Geral (de Gógol), A Morte de Ivan Ilitch (de Tolstói), Moby Dick (de Melville), O Senhor dos Anéis (de Tolkien) e Admirável Mundo Novo (de A. Huxley).

A ideia de trabalhar com os clássicos já havia sido colocada em prática por Monir e o filósofo Olavo de Carvalho, em um curso que ambos ministraram na Associação Comercial de Curitiba, patrocinado pelo IPD (Instituto Paraná de Desenvolvimento). O programa Expedições pelo Mundo da Cultura nasceu em 2006 e já no primeiro ano passou a contar com a parceria do SESI. De Curitiba, onde foram realizadas as primeiras aulas, o programa foi estendido a outras cidades paranaenses: Paranavai, Londrina, Maringá, Toledo e Ponta Grossa. O programa também foi realizado em São Paulo a partir de 2007, desvinculado do SESI.

Em todas essas cidades, Monir fez alunos e amigos. Porque era quase impossível ouvi-lo sem considerar a sua maestria e o seu amor ao próximo. Os encontros duravam cerca de quatro horas, com um intervalo para café. Monir começava as palestras com uma apresentação genérica sobre o autor e a obra. Em seguida, havia a leitura de um resumo do livro, entremeado por observações de Monir. Esses comentários formavam um rio de ouro que conduzia o aluno pelas maravilhas da literatura universal. As quatro horas passavam com uma rapidez quase milagrosa – e você tem em mãos a oportunidade de comprovar essa afirmação.

Não bastassem a fluidez e a sutileza de suas observações, José Monir Nasser tinha a capacidade de enriquecê-las com um fino senso de humor, livre de qualquer pedantismo ou arrogância. Ao final das aulas, nota-se um inusitado clima de emoção entre os presentes. Algumas vezes, ao concluir seus pensamentos sobre a mensagem dos clássicos, Monir chegava às lágrimas, como testemunharam alguns de seus alunos e amigos.

Em cada cidade por onde Monir levou os clássicos, espalhou também as sementes do conhecimento, da cultura e dos valores eternos. Ele era um autêntico líder de primeira casta, um homem cujo sentido da vida era fazer o bem e elevar o espírito de seus semelhantes. Muito mais do que explicá-lo, cumpre agora ouvir a sua voz – nas páginas que se seguem. Jamais encontrei o professor Monir pessoalmente; mas, após ouvir as gravações e ler as transcrições de suas aulas, posso considerar-me, talvez, um aluno, um amigo, um leitor. Conheça você também o mestre Monir.

Paulo Briguet, jornalista e escritor.

Prefácio à segunda Edição

Reencontro com José Monir Nasser

Todo paranaense — todo brasileiro — interessado em alta cultura deveria agradecer a Deus pela vida e obra de José Monir Nasser. Durante uma trajetória de vida relativamente curta — apenas 56 anos — ele realizou trabalhos fundamentais nos campos da economia, do empreendedorismo, da editoração e da literatura. Mas, se precisássemos resumir numa palavra o perfil desse homem multifacetário, poderíamos dizer simplesmente: — Professor.

A biografia intelectual do professor Monir foi a realização integral de uma de suas mais famosas frases: “Uma sociedade não pode ser rica antes de ser inteligente”. Grande divulgador do empreendedorismo cívico — tema de seu excepcional livro *A Economia do Mais* —, Monir dedicou grande parte dos seus últimos anos de vida ao projeto *Expedições pelo Mundo da Cultura*, com palestras luminares sobre obras literárias clássicas. Ele próprio tinha perfeita consciência do que esse trabalho representava: “O *Expedições pelo Mundo da Cultura* é um programa que tem por objetivo restaurar a verdadeira cultura brasileira, que nós de alguma maneira perdemos e que precisamos buscar a todo custo, porque é a única maneira pela qual nós conseguiremos sair da terrível e profunda crise civilizatória em que nós nos metemos”. (Curitiba, 22/05/2010)

Este segundo box com palestras do professor Monir é apenas mais uma parte do imenso legado que ele deixou ao Brasil: uma enciclopédia educacional em que os clássicos da literatura são as bússolas que nos orientam no mar tenebroso da vida contemporânea. Nas palestras de Monir, a cultura não é sinônimo de belles-lettres ou pedantismo literário, mas uma força viva que nos orienta como indivíduos e permite a cada um ordenar a sua própria alma. Os dez livros aqui comentados não são vistos como meros registros históricos ou modelos estilísticos; constituem, muito mais do que isso, um “conjunto de intuições, formas e símbolos portadores de verdade e valores universais”, para usar as palavras de um grande amigo e incentivador de Monir, o filósofo Olavo de Carvalho.

Os cinco volumes que você tem em mãos, caro leitor, são portais de sabedoria capazes de ampliar o horizonte intelectual de qualquer pessoa sinceramente interessada em fazê-lo. Ao promover um diálogo supratemporal com os gigantes da literatura, José Monir Nasser estende as possibilidades do futuro e enche os nossos corações de esperança pela felicidade definida por Aristóteles: a contemplação da verdade. Que este novo volume de sua admirável obra seja mais um passo rumo à consolação última imaginada por Boécio na prisão: a eternidade — “posse inteira e perfeita de uma vida ilimitada, tal como podemos concebê-la conforme ao que é temporal”. Reencontrar Monir é reencontrar a nós mesmos.

Paulo Briguet é escritor em Londrina.

Memórias Póstumas de Brás Cubas

de Machado de Assis (1839 - 1908)

Transcrição da palestra do professor José Monir Nasser em Curitiba, em 21/11/2009¹

¹ Transcrição de Leticia Scheifer. Revisão da transcrição: Patrícia Nasser.

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Hoje é um dia importante porque vamos ver o primeiro e único romancista brasileiro colocado no grupo das cem obras que foram escolhidas, que é Machado de Assis, o nosso maior escritor. Isso sem sombra de dúvida. É muito difícil conseguir tirar Machado de Assis do alto do pedestal da literatura brasileira. De fato, o homem é assombrosamente competente. Machado de Assis é um artista, um escritor, que teria tido sucesso em qualquer língua. Se tivesse escrito em línguas mais prestigiadas, estaria no panteão dos heróis. Harold Bloom, de quem não gosto muito (é um sujeito difícil de se lidar, que tem pretensões a ser indicador de literatura), escreveu um livro chamado *Cânone Ocidental* em que põe o Machado de Assis entre os cem maiores escritores do Ocidente. É o único analista internacional que o reconhece com essa clareza. Harold Bloom tem um temperamento niilista, portanto é difícil obter grande conteúdo das coisas que ele diz. Não me parece que seja lá um grande auxiliador, um grande aconselhador para assuntos literários. Mas pelo menos tem esse mérito muito grande de colocar o Machado entre os maiores. De fato, Machado está entre os maiores.

Machado de Assis é um brasileiro típico, nascido no século XIX, e morto no século XX. Como é a primeira vez que falamos dele aqui, vamos dar uma olhadinha na cronologia.

CRONOLOGIA DE VIDA E DOS ROMANCES

PROF. MONIR: Machado de Assis nasce em 1839. O Brasil já estava sob o Império, já era um país independente.

1839 Joaquim Maria Machado de Assis nasce no dia 21 de junho, no Morro do Livramento no Rio de Janeiro, de pai mulato (Francisco José de Assis) e de mãe portuguesa do Açores (Maria Leopoldina Machado de Assis).

PROF. MONIR: A mãe branca, portuguesa dos Açores.

O pai é pintor de paredes e a mãe, lavadeira.

PROF. MONIR: O pai de Machado de Assis era filho ou neto de escravos alforriados, portanto estava muito próximo da escravidão. Machado nasce numa situação não muito ruim, porque a família é agregada a uma casa rica que tinha também propriedades em Itaguaí. Aquela situação toda daquele famoso conto chamado *O Alienista*, de Machado de Assis – que é uma obra maravilhosa – ocorre em Itaguaí, uma praia no Rio de Janeiro. Quando você vai do Rio para Paraty, a primeira cidade marítima que você encontra é Itaguaí. E Machado de Assis viveu com essa família de posses. A dona da casa, viúva de um senador, era madrinha do menino, e o menino teve algum auxílio desde cedo na vida. Não era um favelado, portanto, o Machado de

Assis, embora fosse uma pessoa de origem muito humilde, muito simples, com baixíssima chance de sucesso.

Sua família é agregada à propriedade de Maria José Barroso Pereira, viúva de um senador e madrinha do menino. Perde a mãe muito cedo e é criado pela madrasta. É frágil, epilético e gago. Teve apenas uma irmã, que morreria cedo.

PROF. MONIR: É um sujeito com um ego meio escangalhado, não é? Esses dias eu estava revendo aquela escritora americana que eu acho divertidíssima, a Camille Paglia. Ela é feminista e lésbica, mas diz que só transa com homem, porque acha que os homens são mais divertidos do que as mulheres. Uma mulher capaz de fazer uma coisa dessas é digna de muita consideração! Mas Camille Paglia estava dizendo o seguinte: que Gloria Steinem (uma feminista famosa na década de 60) costumava dizer que as mulheres não tinham uma importância tão grande no mundo das artes e da literatura, quanto os homens porque como é que se podia esperar de pessoas com o ego dilacerado produzissem boa arte? Daí diz a Camille Paglia assim: “Só as pessoas com ego dilacerado é que produzem boa arte, é exatamente o contrário”. Se as mulheres não produzem boa arte, é porque elas não têm o ego suficientemente dilacerado, quer dizer, elas estão saudáveis demais e essa deve ser a razão. É isso que estou querendo mostrar para vocês, que é muito comum, no mundo da criação artística, ter pessoas meio difíceis, pessoas com situações meio patológicas. É o caso do Machado de Assis. Ele era gago e epilético, além de ser mulato, e proveniente de um meio social muito desfavorável. Afinal, vivíamos a escravidão nesse momento, não é? Portanto o Machado de Assis tem um mérito extraordinário, muito maior do que a gente consegue imaginar.

1851 Morre Francisco José de Assis. O menino vai ser vendedor de doces. É conhecido como “Machadinho” e também teria ajudado à missa na Igreja da Lampadusa, no Rio de Janeiro.

PROF. MONIR: Ele era muito pequeno. Quando você for ao Rio de Janeiro, não deixe de ir à igreja da Lampadusa rezar uma Ave Maria pelo velho Machado.

1855 Inicia a carreira literária, publicando em 12 de janeiro o poema *Ela* na revista *Marmota Fluminense*, de Francisco de Paula Brito, incentivador de novos talentos.

PROF. MONIR: Esse é outro homem que o ajudou muitíssimo, que deu a ele espaço na revista e depois o contratou para trabalhar na revista. Ele foi ajudado por pessoas muito significativas no início da sua vida.

1856 Consegue emprego como aprendiz de tipógrafo na *Imprensa Nacional* e é protegido pelo diretor do órgão, Manuel Antônio de Almeida, autor de *Memórias de um Sargento de Milícias*.

PROF. MONIR :Esse livro é um livro monumental, extraordinário, e é um daqueles famosos casos de autor de um livro só. Aquele sujeito que escreve um livro, um grande livro apenas. Ele escreveu outros, mas não são importantes. É o caso de Choderlos de Laclos, que escreveu *Ligações Perigosas* – escreveu só esse livro na vida. É o caso de Euclides da Cunha, que escreveu o grande livro *Os Sertões*, e é o caso aí do Manuel, que escreveu um único grande livro na vida, que é *Memórias de Um Sargento de Milícias*.

1858 Passa a ser revisor e colaborador da *Marmota Fluminense*, integrando a *Sociedade Littero-Humorística Petalógica*, fundada por Paula Brito. Conhece e frequenta Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar e Gonçalves Dias.

1859 É revisor e colaborador do *Correio Mercantil*.

1860 A convite de Quintino Bocaiúva (**um político republicano da época, fundador do jornal O Globo, que depois os Marinheiros assumiram**), entra na redação do jornal *Diário do Rio de Janeiro*. Escreve para as revistas *O Espelho* e *A Semana Ilustrada*.

1862 Torna-se censor teatral, o que lhe dá acesso gratuito a todos os espetáculos.

PROF. MONIR: Não que ele fosse ser censor na prática, nunca censurou nada. Ele só queria a carteirinha pra ir assistir às peças de graça, então não foi censor de verdade. Era um cargo, aliás, que não tinha remuneração, que se dava pra quem quisesse, e tinha como compensação a entrada livre.

1864 Publica seu primeiro livro de poesias, *Crisálidas*.

1867 É nomeado ajudante do diretor de publicações do Diário Oficial.

1869 Casa-se com a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novaes, quatro anos mais velha que ele, mulher culta que o apresenta aos clássicos portugueses e a vários autores da língua inglesa. Apesar de o casamento ter sido feito contra a vontade da família de Carolina, viveriam juntos trinta e cinco anos, mas não teriam filhos.

1872 Publica o romance *Ressurreição*.

1873 Ingressa no *Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas*, como primeiro oficial.

PROF. MONIR: Entra no serviço público para ter de onde tirar o dinheiro, não é? Não dava para viver de literatura.

1874 Publica, em capítulos, o romance *A Mão e a Luva* no jornal *O Globo* de Quintino Bocaiúva.

1876 Publica o romance *Helena*.

PROF. MONIR: Até aqui nós temos mais ou menos uma primeira fase da vida de Machado de Assis.

1878 Publica o romance *Iaiá Garcia*.

PROF. MONIR: O seu último romance romântico, me perdoem a expressão. Em 1880 começa o Machado de Assis maduro. Há uma espécie de divisão de águas aqui, em que Machado de Assis amadurece e começa a escrever livros muito mais profundos, com teor filosófico muito grande, embora isso não queira dizer que os livros anteriores não tenham muitos méritos; têm. *A Mão e a Luva*, por exemplo, é um delicioso pequeno romance, quase uma novela, um conto de fadas lindo, maravilhoso.

1880 Começa a publicação em capítulos, na *Revista Brasileira*, do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

PROF. MONIR: Naquela época era muito comum, aqui e na França – na França há muito mais tempo – os romancistas publicarem os romances em capítulos nos jornais, uma vez por semana. Isso garantia a vendagem do jornal e criava um mercado, para que quando saísse o livro todo o mundo comprasse. Há inúmeros e inúmeros livros que foram publicados assim. Dostoiévski

fez isso. Victor Hugo, Balzac... todo o mundo fazia isso. Era uma prática comum, publicar o livro em capítulos.

O romance teria sido ditado a Carolina Augusta, devido às dificuldades visuais de Machado de Assis. Começa a fase madura de Machado.

Sua primeira peça *Tu, só tu, puro amor* foi encenada por ocasião das comemorações do tricentenário de Camões.

1881 O *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é impresso em livro.

1882 Começa a escrever crônicas na *Gazeta de Notícias*.

Publica *Papéis Avulsos*, sua primeira coletânea de contos.

PROF. MONIR: Essa obra *Papéis Avulsos* é de importância enorme, é a primeira coletânea de contos. Se você fosse escolher o gênero literário em que Machado de Assis se excedeu, acho que eram os contos. Ele é mais contista do que qualquer outra coisa, é um extraordinário contista. Um excelente romancista, um bom cronista literário, um razoável poeta e um razoável dramaturgo. Não tem a mesma qualidade em todos os gêneros. Em romance e contos, ele é absolutamente estupendo. E os romances, por favor, basicamente os que vêm a seguir. Quem quer ler só os fundamentais, leia *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Quincas Borba* e *O Memorial de Aires*. Estas são as quatro obras da maturidade de Machado de Assis.

ALUNO: *[Faz pergunta sobre quais contos ler.]*

PROF. MONIR: Os contos são maravilhosos, tem *A Missa do Galo*, por exemplo, um conto que ficou famoso, quase a maior obra de Machado de Assis. É

um conto eletrizante. Ele é melhor contista do que romancista. Quando digo isso, não subestimem, por favor, o Machado de Assis romancista, porque ele é um gênio como romancista. Mas é que ele fazia contos tão incríveis que é o maior contista da história do Brasil. Não há ninguém que se compare a Machado de Assis, não há ninguém que chegue perto. Esse homem é o maior literato que o Brasil já teve. Tem concorrentes fortes como Lima Barreto e Gonçalves Dias, na poesia, mas dentro do gênero do romance, ele é de longe o maior.

1891 Publica o romance *Quincas Borba*.

1892 Torna-se diretor do comércio no *Ministério da Viação*.

PROF. MONIR: É um cargo público que ele ocupava... Ele até tinha talento, competência para isso, mas era escritor.

1896 Concebe com José Veríssimo e Lúcio de Mendonça a *Academia Brasileira de Letras*, da qual seria o primeiro presidente e fundador da cadeira no 23.

PROF. MONIR: Eles inventam a Academia Brasileira de Letras. Ele seria um dos fundadores, o primeiro presidente e criador da cadeira número no 23, dedicada a José de Alencar. Cada fundador deu um nome a uma cadeira. A cadeira no 23, que é a José de Alencar, foi ocupada pela primeira vez por Machado de Assis. Quando isso aconteceu, José de Alencar já havia morrido. Então Machado de Assis fez uma homenagem ao seu amigo; ele era conhecido de José de Alencar.

1899 Publica o romance *Dom Casmurro*.

PROF. MONIR: O seu romance mais conhecido, porém não o mais importante.

1904 Morre Carolina Augusta. Machado sente o golpe e definha rapidamente.

Publica o romance *Esau e Jacó*.

PROF. MONIR: Passa muito mal depois da morte da Carolina, e publica o romance *Esau e Jacó*, que é o seu romance mais complexo, mais sofisticado de todos.

1908 Publica o maravilhoso e delicioso romance *Memorial de Aires*.

Morre em 29 de setembro, na sua casa no Cosme Velho. Segundo o atestado de óbito, de arteriosclerose; de câncer na língua, segundo as “más línguas”. Rui Barbosa profere a oração fúnebre.

PROF. MONIR: Então temos aí o maior escritor da história da literatura brasileira, um sujeito monstruosamente grande, e que só não tem mais importância porque escreveu numa língua considerada como língua secundária, uma língua que não tem a mesma penetração que o espanhol, por exemplo... Existem muitos e muitos livros sobre o Machado de Assis. Há uma biografia muito recente, escrita pelo crítico literário Daniel Piza². É uma biografia muito bem feita. Machado de Assis é muito estudado, é um sujeito muito mapeado, tem a vida muito conhecida.

2 Nota da revisora de transcrição: Trata-se do livro *Machado de Assis, um Gênio Brasileiro*, de 2005.

ALUNO: *Dom Casmurro* não é a obra melhor, mas a mais conhecida. O que caracteriza *Dom Casmurro* para ela se tornar a obra mais popular?

PROF. MONIR: *Dom Casmurro* tem aquela conotação erótica: se a Capitolina andou ou não traindo o Bentinho com o Escobar, personagem curitibana que tem um caso não muito explícito com a Capitolina (o nome verdadeiro da Capitu). Obviamente teve o caso, não tenho a menor dúvida. Chega uma hora lá no final do livro em que o Bentinho olha para a cara do filho e vê a cara do Escobar, que já tinha morrido afogado na praia em Botafogo, no Rio de Janeiro. Ele vê o Escobar. Os defensores da outra hipótese dirão que ele imaginou que viu, mas acho que não há nenhuma dúvida.

É muito importante vocês entenderem que Machado de Assis é um sujeito que teve uma trajetória extremamente culta. Ele leu tudo. Tenho um livro chamado *A Biblioteca de Machado de Assis*; é um livro que traz a listagem e as anotações dos livros que estavam na biblioteca de Machado de Assis, que foi preservada para a posterioridade, porque ele morreu famoso. É claro que numa época em que um literato não ganhava muito dinheiro mesmo sendo famoso, não é? No futebol também era assim. Em 1970, quando o Brasil ganhou a Copa do Mundo, o Paulo Maluf deu para cada jogador, um fuque³, e eles ficaram loucos de contentes. Imagine se você dá um fuque ou um Fiat Uno para o Romário!

ALUNOS: [risos]

3 Nota da revisora de transcrição: Fuque ou fusca era o apelido pelo qual era conhecido o carro Volkswagen Sedan, um carro popular e provavelmente o modelo mais barato de carro que existia na época.

PROF. MONIR: Ele não vai nem buscar, ele vai dizer que estão querendo se promover às custas dele.

No Brasil não dava para viver de literatura. Machado de Assis não viveu de literatura, viveu de ser funcionário público, e graduado. Mas foi um sujeito cultíssimo, nunca o subestimem: é um autodidata que leu todas as fontes certas. Tinha uma dona de uma padaria francesa que lhe ensinou francês. Então essa que é a regra mais importante da vida, não é? Quem quer aprender, aprende. Nada mais capaz de ensinar alguém do que a vontade de aprender. Por isso que eu digo sempre que não há nenhuma atividade humana de resultados mais incertos do que a de professor. Um médico cancelologista tem mais probabilidade de sucesso do que um professor, porque nem todos os casos são desesperadores, tem uns casos muito precoces que dá para resolver. A atividade humana de maior incerteza de resultados chama-se educação. A atividade de um consertador de máquina de lavar roupa é tremendamente mais eficaz do que a atividade de um professor, porque para que funcione o processo de educação é necessário que a pessoa do outro lado esteja interessada em aprender. É por isso que o padre Ivan Illich dizia que a primeira condição para haver aprendizado é que o sujeito vá aprender só se quiser, porque qualquer hipótese de obrigação escolar só gera essa farsa coletiva chamada educação brasileira.

Machado de Assis teve todas as referências certas. Ele pegou todos os grandes modelos românticos do século XIX – que é o século em que ele viveu, mais do que em qualquer outra época (ele morre em 1908, mal vê o século XX) – e os utilizou muito bem. Então todas essas obras do Machado de Assis têm várias influências que você vai perceber na medida em que conhece os originais. *Dom Casmurro* era um tema muito importante, muito candente

na época, mas não é a melhor obra, não; eu diria pra vocês que de todos os romances do Machado de Assis, a melhor obra é esta aqui.

ALUNA: Quem orientou a leitura do Machado, já que ele não teve uma instrução formal?

PROF. MONIR: Ele teve a mulher dele, a Carolina, que era cultíssima e o ajudou a ler – ela era mais velha do que ele. O Paula Brito o orientou. Ele conviveu com todos aqueles grandes escritores... O século XIX foi o século do romance em todos os países do mundo. No Rio de Janeiro, que era a capital do Brasil, o que havia de melhor ficava em torno daquelas livrarias no centro e o Machado de Assis, que era um menino muito inteligente, muito interessado, convivia com aquilo – e soube ir para as fontes certas. Não julguem que ele seja um favelado, porque não é isso. Ele era um menino pobre, mas não um menino que vivia à margem social, não era um sujeito largado na vida. Cuidado com isso. Ele teve uma grande ajuda das pessoas que pressentiram que ali havia um talento monumental.

ALUNO: Da madrinha, né?

PROF. MONIR: É, na casa de quem eles moravam, na periferia do Rio, no Morro do Livramento. Ela também tinha livros em casa; ele cresceu em um ambiente intelectual.

ALUNO: Ele passou a vida no Rio de Janeiro?

PROF. MONIR: Passou a vida todinha lá, exceto num pedaço da juventude em que ele andou, por razões ligadas a essa família, morando lá nesse sítio

em Itaguaí. Exceto por esse episódio, ele passou o resto da sua vida no Rio de Janeiro. Eu acho que o Machado de Assis nunca botou os pés fora da capital. Nunca, mesmo. Como Goethe, que nunca esteve em Paris, nunca esteve em Londres. Às vezes acontece isso. Kant é outro sujeito que passou a vida toda em casa. René Guénon nunca foi à América.

Memórias Póstumas de Brás Cubas é o nosso livro de hoje, um livro maravilhoso. Prestem atenção na beleza poética da obra, é absolutamente magnífico.

Resumo da Narrativa

Segundo a maioria dos estudiosos, José Maria Machado de Assis começa a existir como escritor respeitável a partir das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, primeira obra da fase “realista” de sua carreira, sucedendo naturalmente às obras “românticas” da mocidade.

PROF. MONIR: Eu não botei juventude porque se tem um sujeito que não teve juventude, esse é o caso. Algumas pessoas jamais foram jovens. Machado de Assis não é exatamente um realista, no mesmo sentido que os outros realistas eram realistas – como o Emile Zola, por exemplo. Por isso é que está entre aspas aí. Não é bem um realista, ele é um sujeito que tem uma visão de concretude, mas não tem os traços peculiares da escola chamada Realismo.

Apesar das naturais dificuldades na vida de um homem de origens desfavoráveis, Machado de Assis teve desde cedo inúmeros auxílios: de sua madrinha,

Maria José Barroso Pereira, do escritor Manuel Antônio de Almeida (*Memórias de um Sargento de Milícias*) e do editor Francisco de Paula Brito. Sua mulher, Carolina Augusta Xavier de Novaes, quatro anos mais velha do que ele, era a culta irmã de Faustino Xavier de Novaes, editor do *Futuro*.

PROF. MONIR: Um intelectual importante na época, era português. Passou a vida cercado de gente que lia, que estudava.

Fazendo uma formação clássica muito cedo e convivendo com uma intelectualidade de alto nível, Machado tornou-se homem muito culto, dono de finíssima ironia “britânica” que, conjugada com sua escolha de temáticas universais, produziu o melhor da literatura brasileira e uma das melhores obras do mundo.

PROF. MONIR: Machado de Assis tem uma ironia no padrão de Jonathan Swift, por exemplo. O traço mais importante no escrito de Machado de Assis é a ironia profunda, o sarcasmo, que corta como uma faca, como uma folha de papel que corta a pele. Há uma razão para ser assim, depois a gente vai ver isso no final. Mas Machado teve um grande mérito na vida. Ele fez uma coisa genial, assim como Lima Barreto, que é não ter prestado atenção à sua origem humilde. Porque se Machado de Assis tivesse escrito livros para reclamar da sua condição social, de que ele era negro, mulato, neto de escravos, de que ele era sem posses – se ele tivesse feito isso, nós não teríamos o menor interesse em Machado de Assis hoje em dia. Lima Barreto também evitou isso. Lima Barreto tinha todos os problemas que o Machado tinha, ainda com o adicional de que era alcoólatra. A grandeza do Lima Barreto e do Machado de Assis é que eles não ficaram se lamentando e trataram de lidar com temas da literatura universal que pudessem interessar a todos os homens, não apenas aos homens de seu grupo social, na sua época. Isso

tornou Machado um escritor universal. Quando você apõe o senso de ironia de Machado e a sua temática universal, você tem como resultado uma obra gigantesca. Se você ficar falando dos seus queixumes, dos seus pequenos problemas, do fato de que você perdeu o ônibus hoje de manhã... de que jeito que você vai construir uma obra universal? Você tem que deixar de ser protagonista da própria obra para que a obra tenha sentido. Senão você não faz nada.

Do livro de *Brás Cubas*, Otto Maria Carpeaux diz tratar se de “obra prima”.

Publicado em capítulos em 1880, a obra é um romance de memórias, escrita com surpreendente liberdade artística, a partir da “forma livre” de Laurence Sterne (*A Vida e as Opiniões do Cavalheiro Tristram Shandy*) e de Xavier de Maistre (*Voyage autour de ma chambre*) e inspirada filosoficamente por Arthur Schopenhauer (1788-1860).

PROF. MONIR: O próprio Machado diz isso no livro, que usou esses dois livros como inspiração.

Contribuindo para a originalidade estilística de *Brás Cubas* está o fato de a personagem central contar sua história depois de morto, temperada com a finíssima ironia do Bruxo do Cosme Velho.

PROF. MONIR: O Bruxo do Cosme Velho era o apelido de Machado. Cosme Velho é o bairro onde ele morava no Rio de Janeiro.

Segundo José Guilherme Merquior, *"A natureza inquietadora do humor machadiano deriva justamente de sua propensão inquisitiva e filosófica, de sua qualidade de visão problematizadora"*.

Brás Cubas, o herói da história, nasce em 1805, no Rio de Janeiro, de família rica. **Nasceu antes, portanto, da vinda da família imperial para o Brasil, que só ocorrerá em 1808.** O Brasil em 1822 deixaria de ser colônia e constituiria um império. (A cidade do Rio de Janeiro, desde 1763, já era a sede da colônia, já não era mais Salvador.) Criança mimada, Brás Cubas vive juventude transviada. Depois de várias peripécias na vida adulta, falece em 1869 com sessenta e quatro anos. Uma vez morto, decide contar sua história, cuja dedicatória segue no frontispício:

*Ao verme que primeiro roeu as frias
carnes do meu cadáver dedico
com saudosa lembrança estas
MEMÓRIAS PÓSTUMAS.*

Vocês não sabem o quanto esse homem escreve bem, viu? Eu queria muito sugerir que vocês fizessem esse investimento de ler esses romances, todos os romances. Ele escreve maravilhosamente, como um gênio. O problema é que é um português do final do século XIX, início do século XX; algumas expressões caíram da moda. Mas não confiem nas edições que andaram modernizando a linguagem, porque isso não se faz, não é? Peguem os livros com a linguagem original. Aos pouquinhos você aprende a ler o Machado, e vai se deliciando com a ironia, com o sarcasmo, com a finíssima inteligência com que ele analisa as situações com que lida.

Levem em consideração que se trata de um defunto que escreve. Há pouquíssimos casos assim na literatura. Esse livro do Maistre também é assim, é um defunto que escreve. Há também o famoso filme chamado *Sunset Boulevard* (em português, *O Crepúsculo dos Deuses*), de 1950, em que um morto conta como acabou afogado na piscina. É um filme que lida com o caso do pessoal do cinema mudo que não conseguiu engrenar no cinema falado porque era um outro tipo de ator. Por isso que é *Crepúsculo dos Deuses*. Mas o nome em inglês é genial: *Sunset Boulevard (A Avenida do Sol Poente)*. Não é? Genial.

O defunto Brás Cubas começa a narrativa com uma advertência ao leitor:

Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, cousa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte, e quando muito, dez. Dez? Talvez cinco.

PROF. MONIR: Estão vendo a ironia? Ele está fazendo ironia com ele mesmo, não é?: “Stendhal achou que era para cem. Eu acho este aqui nem por cinco será lido”.

Trata se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia,

PROF. MONIR: Olha que maravilha, pessoal, este homem é um gênio! *“Escrevi essa obra com a pena da galhofa e a tinta da melancolia.”* Um pouco de ironia e um pouco de tristeza. Agridoce, uma coisa meio agridoce.

e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio.

PROF. MONIR: O conúbio é o casamento entre a galhofa e a tristeza.

Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião.

PROF. MONIR: Não vai agradar a esses dois tipos de leitor, que são os dois leitores mais comuns. Os frívolos e os graves, esses dois não gostarão do livro. Isso é uma advertência do autor antes de começar a história.

Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos cousas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado. Consequentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas Memórias, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nimiamente extenso,

PROF. MONIR: *“Nimiamente extenso”* é excessivamente extenso.

e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago me da tarefa; se te não agradar, pago te com um piparote, e adeus. (págs. 29-30)

PROF. MONIR: Ele já começa com uma ironia finíssima, maravilhosa, dizendo que escreveu esse livro no além e que se baseou tanto no Sterne quanto no Maistre. Ele mesmo está dizendo onde ele buscou as fontes.

O narrador explica que havia decidido começar a história pelo fim, porque não é um autor-defunto, mas um defunto-autor:

PROF. MONIR: Há uma diferença nessas duas coisas. Se ele fosse um autor defunto ele podia começar pelo início, porque o defunto viria no final, mas como ele é um defunto autor, tem de começar pela morte. Para ficar coerente, não é?

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço;

PROF. MONIR: A campa é o túmulo.

a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

PROF. MONIR: “No cabo” quer dizer “no fim”.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos

PROF. MONIR: Que era um dinheirão.

e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! (pág. 31)

A causa “aparente” de sua morte teria sido uma pneumonia mal tratada:

No outro dia estava pior; tratei me enfim, mas incompletamente, sem método, nem cuidado, nem persistência; tal foi a origem do mal que me trouxe à eternidade. Sabem já que morri numa sexta feira, dia aziago,

PROF. MONIR: Dia de má sorte.

e creio haver provado que foi a minha invenção que me matou. Há demonstrações menos lúcidas e não menos triunfantes. (pág. 39)

Segundo o narrador, sua morte de fato deve-se a uma invenção “grandiosa e útil”, uma ideia que se transformou em obsessão.

Um dia de manhã, caminhando pela chácara do Catumbi, pensou em inventar “um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a melancólica humanidade”.

PROF. MONIR: Sabem o que é isso, um emplasto anti-hipocondríaco? Emplasto é um tipo de remédio – para acabar com a hipocondria, que é a mania de doença. Há pessoas que acham o tempo todo que estão doentes. O pessoal que tem três planos de saúde para poder usar as vinte consultas-limite de cada plano por mês, para ir todo o dia no médico, tem uns tipos assim.

ALUNO: Que passam na farmácia para perguntar se tem novidade.

ALUNOS: *[risos]*

PROF. MONIR: Ele não fez esse negócio, mas pensou em fazer, e essa ideia obsessiva de fazer o tal do emplasto foi o que o acabou matando, acha ele.

Brás chamou a atenção das autoridades de que a cura que o emplasto traria seria algo verdadeiramente cristão, além de não negar as vantagens financeiras de tal produto. Já, do outro lado da vida, confessa que o real motivo era ver seu nome escrito nas caixinhas do medicamento:

Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influenciou principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Emplasto Brás Cubas. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas.

PROF. MONIR: “Arruído” é movimentação, confusão, propaganda, publicidade...

Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis. Assim a minha ideia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: – amor da glória. (pág. 34)

E aí vocês perceberam uma coisa importantíssima no livro (espero que tenham feito isso), que é o fato de que a personagem está disposta a ser totalmente sincera. Ele está admitindo aqui claramente que a única coisa que ele queria de verdade com o tal emplasto Brás Cubas era aparecer nas caixinhas do remédio, porque ficaria conhecido com notoriedade. O que ele deseja de verdade na vida é a exposição pública, ser apresentado ao mundo – essa é a ideia central do emplasto do Brás Cubas. E ele só é capaz de admitir isso porque está morto, então não tem mais constrangimentos de contar a verdade, que é o que ele está fazendo agora.

Brás Cubas nasceu no dia 20 de outubro de 1805, na família de um tanoeiro, que havia adotado o nome Brás por “causa de uns fumos de pacholice”.

PROF. MONIR: “Pacholice” é pretensão, gabolice, exibicionismo.

Descreve seu pai:

Era um bom caráter, meu pai, varão digno e leal como poucos. Tinha, é verdade, uns fumos de pacholice; mas quem não é um pouco pachola nesse mundo? Releva notar que ele não recorreu à inventiva senão depois de experimentar a falsificação; primeiramente, entroncou se na família daquele

meu famoso homônimo, o capitão mor, Brás Cubas, que fundou a vila de São Vicente, onde morreu em 1592, e por esse motivo é que me deu o nome de Brás. (págs. 35-36)

PROF. MONIR: Primeiro ele arrumou uma maneira de fazer de conta que pertencia à família deste outro Brás Cubas, para depois passar o nome para os filhos.

Quando Brás Cubas nasceu, houve grande festa. O pai estava orgulhoso de seu filho homem. Atração da casa, o menino era tratado com mimos e foi crescendo brejeiro:

– Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho.

– Meu padrinho? é o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo César de Andrade e Souza Rodrigues de Matos; minha madrinha é a Excelentíssima Senhora Dona Maria Luísa de Macedo Resende e Sousa Rodrigues de Matos.

– É muito esperto o seu menino, exclamavam os ouvintes.

– Muito esperto, concordava meu pai; e os olhos babavam se lhe de orgulho, e ele espalmava a mão sobre a minha cabeça, fitava me longo tempo, namorado, cheio de si. (pág. 53)

A brejeirice logo transformou-se em travessura e, aos cinco anos, Brás Cubas recebeu o apelido de “*menino diabo*”, alcunha cujo mérito é reconhecido por ele próprio.

PROF. MONIR: E ele reconhece que de fato merecia ser chamado de Menino Diabo.

Uma de suas diabruras foi ter quebrado, aos seis anos, a cabeça de uma escrava, porque ela lhe negara uma colher de doce de côco. Sadicamente, fazia de Prudêncio, moleque escravo da família, sua montaria.

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, – algumas vezes gemendo, – mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um – ‘ai, nhonhô!’ – ao que eu retorquia: ‘Cala a boca, besta!’ (pág. 54)

PROF. MONIR: Reparem que o menino não era um exemplo de comportamento. Vocês tão levando em consideração que todas as confissões que a personagem faz só podem ser feitas porque ela está morta? Tudo isso que aconteceu em vida, Brás Cubas está contando depois de morto.

Apesar das diabruras que fazia, seu pai, que o repreendia na presença dos outros, em particular lhe dava beijos e elogios. Desse modo, as traquinagens continuavam. Com nove anos, durante um jantar organizado pelo pai em comemoração à derrota de Napoleão em 1814, porque não lhe davam a exigida atenção, o menino fez um escândalo e foi retirado da sala.

Na escola, o menino Brás Cubas fez amizade com Quincas Borba, que ele só reveria na vida adulta. Ele e Quincas aterrorizavam especialmente o professor Ludgero Barata, que os chamava de “*sevandijas, capadócios, malcriados e moleques*”:

PROF. MONIR: “Sevandijas” é “parasita”; “capadocio” é “vigarista”.

Um de nós, o Quincas Borba, este então era cruel com o pobre homem. Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças-, umas largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta. (pág. 64)

Como Brás Cubas, Quincas Borba era mimado e travesso: filho único, adorado pela mãe, era acompanhado por um “pajem indulgente”. Apesar de tudo, Brás Cubas cresceu e tornou-se um “bom partido”.

Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado;

PROF. MONIR: “Garção” é um modo antigo de falar, mas significa “moço”.

e facilmente se imagina que mais de uma dama inclinou diante de mim a fronte pensativa, ou levantou para mim olhos cobiçosos. De todas porém a que me cativou logo foi uma.. uma... não sei se diga; este livro é casto, ao menos na intenção; na intenção é castíssimo. Mas vá lá; ou se há de dizer tudo ou nada. A que me cativou foi uma dama espanhola, Marcela, a ‘linda Marcela,’ como lhe chamavam os rapazes do tempo. E tinham razão os rapazes. (pág. 65)

PROF. MONIR: Era uma prostituta, não é? É isso que ele quer dizer e está com pruridos de contar.

A escolha amorosa de Brás Cubas, portanto, foi heterodoxa. Totalmente fascinado pelos encantos da bela prostituta Marcela, cobria-a de caros presentes, que financiava com o dinheiro pedido à mãe, depois sacando, por conta própria, letras no comércio.

PROF. MONIR: Ele chegava nas joalherias e comprava a crédito mostrando uma letra de câmbio. Como o pai dele era conhecido – imaginem o que era o Rio de Janeiro nessa época, uma cidadezinha em que todo o mundo conhecia todo o mundo – todos davam crédito para o filho do Seu Cubas. Então começou a detonar milhões no comércio comprando joias pra Marcela, por quem estava apaixonado, que era uma prostituta espanhola.

Gastei trinta dias para ir do Rossio Grande ao coração de Marcela, não já cavalcando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência, a um tempo manhoso e teimoso. (pág. 67)

PROF. MONIR: Tá vendo? Olhem que beleza.

Que, em verdade, há dous meios de granjear a vontade das mulheres: o violento, como o touro de Europa, e o insinuativo, como o cisne de Leda e a chuva de ouro de Dânae, três inventos do padre Zeus, que, por estarem fora de moda, aí ficam trocados no cavalo e no asno. (pág. 67)

PROF. MONIR: Zeus transformou-se em touro para conquistar Europa, que era uma moça. Ele se fez de manso, ela chegou perto dele e subiu em cima do touro, que então saiu correndo em desabalada carreira, raptando a moça e a levando para uma ilha, onde então consumou o romance. O segundo caso foi com Leda, a mãe de Helena de Troia, de Clitemnestra e dos Dióscuros (Pólux e Cástor). Dois desses filhos (um menino e uma menina) – Helena e Pólux – são filhos de Zeus, embora sejam gêmeos dos outros dois que não o são. Para conquistar Leda, Zeus se transformou num cisne. Na hora em que ela se aproximou daquele cisne maravilhoso, Zeus a possuiu. E finalmente tem o caso de Dânae. Tinha uma profecia que dizia que ela ia casar e teria

um filho que mataria o avô, o pai da Dânae. O velho, para garantir que ela não casasse, prendeu-a numa espécie de bunker subterrâneo, numa espécie de porão lacrado, para que ela ficasse lá e não casasse com ninguém. Zeus descobriu isso e se transformou numa chuva de ouro. Aquela chuva caiu e infiltrou-se pela terra e então, como conta a mitologia, ela se depositou lentamente sobre o corpo de Dânae. Foi esse o método de sedução que Zeus utilizou. Machado de Assis está fazendo ironia, não é? Há dois métodos, sendo um o violento e o outro, o insinuativo.

Não direi as traças que urdi, nem as peitas, nem as alternativas de confiança e temor, nem as esperas baldadas, nem nenhuma outra dessas cousas preliminares. (pág. 67)

PROF. MONIR: “*As traças que urdi*” são os estratagemas que eu bolei; as “*peitas*”, são os subornos que eu fiz. Tudo para tentar conquistar Marcela.

Afirmo lhes que o asno foi digno do corcel,

PROF. MONIR: “*O asno foi digno do corcel*”: o jumento pareceu com um cavalo.

um asno de Sancho, deveras filósofo, que me levou à casa dela, no fim do citado período; apeei-me, bati-lhe na anca e mandei-o pastar. (pág. 67)

Quando a aventura foi finalmente descoberta pela família, o pai resolveu enviá-lo para estudar na Europa, receoso do escândalo. Era o fim do caso com a bela Marcela:

Marcela amou me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.

PROF. MONIR: Foi o quanto ele gastou, onze contos de réis. Era um dinheirão para um menino de dezesseis, dezessete anos gastar com uma prostituta.

Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou se deveras; achou que o caso excedia as raías de um capricho juvenil.

PROF. MONIR: O pai dele descobriu porque alguém foi cobrar dele uma letra de câmbio emitida pelo filho: “Ah, o seu filho passou na joalheria e comprou um anel de brilhantes”.

– Desta vez, disse ele, vais para a Europa; vais cursar uma Universidade, provavelmente Coimbra; quero te para homem sério e não para arruador e gatuno. E como eu fizesse um gesto de espanto: – Gatuno, sim, senhor; não é outra cousa um filho que me faz isto...

Sacou da algibeira os meus títulos de dívida, já resgatados por ele, e sacudiu mos na cara. – Vês, peralta? é assim que um moço deve zelar o nome dos seus? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogo ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! Desta vez ou tomas juízo, ou ficas sem cousa nenhuma. (pág. 71)

PROF. MONIR: “*Pelintra*” é uma maneira antiga de chamar alguém de pilantra.

Antes de partir para Portugal, Brás Cubas deu um último presente a Marcela: três diamantes grandes encastoados num pente de marfim. Embora tenha combi-

nado com a cortesã de ela partir com ele, seu pai, que andava tocaiando o filho, acabou com aqueles planos dourados. Quando o rapaz deixava a casa da amante, foi surpreendido:

Com efeito, olhando para a porta, vi na calçada, três dos correios, um de batina, outro de libré, outro à paisana, os quais todos três entraram no corredor, tomaram me pelos braços, meteram me numa sege, meu pai à direita, meu tio cônego à esquerda, o da libré na boléia, e lá me levaram à casa do intendente de polícia, donde fui transportado a uma galera que devia seguir para Lisboa. Imaginem se resisti; mas toda a resistência era inútil.
(págs. 75-76)

PROF. MONIR: O pai resolveu sequestrar o guri antes que ele fizesse mais alguma antes de ir embora. O pai, o tio e mais um outro agarraram-no na saída da casa da amante, o levaram e o puseram num navio, à força, para que ele fosse fazer misérias em Portugal, porque fica parecendo que é menos miséria.

O defunto-narrador confessa ter sido estudante medíocre em Coimbra, mas nem por isso teria deixado de conseguir o diploma. Brás Cubas descreve a verdadeira vida que levava na Europa:

E assim foi que desembarquei em Lisboa e segui para Coimbra. A Universidade esperava me com as suas matérias árduas; estudei as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel;

PROF. MONIR: Embora não esteja escrito no livro, aqui está implícito que é Direito que ele estudou.

deram no com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades, – principalmente de saudades. Tinha eu conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estróina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. (pág. 81)

PROF. MONIR: “Estroina” é gastador; “tumultuário” é rebelde. Ou seja, era um estudante inviável.

O diploma recebido atestou “uma ciência que estava longe de trazer arraigada no cérebro”.

PROF. MONIR: Vocês estão sentindo sinceridade por parte da personagem? Tudo o que aconteceu com o Brás Cubas, ele está contando sem nenhuma espécie de rodeio, com toda a sinceridade.

De volta ao Rio, Brás chegou a tempo de rever sua mãe, à beira da morte, acamada por um câncer de estômago.

– Meu filho!

A dor suspendeu por um pouco as tenazes; um sorriso alumiu o rosto da enferma, sobre o qual a morte batia a asa eterna. Era menos um rosto do que uma caveira: a beleza passara, como um dia brilhante; restavam os ossos, que não emagrecem nunca. Mal poderia conhecê-la; havia oito ou nove anos que nos não víamos. Ajoelhado, ao pé da cama, com as mãos dela entre as minhas, fiquei mudo e quieto, sem

ousar falar, porque cada palavra seria um soluço, e nós tínhamos avisado lá do fim. Não temer! Ela sabia que estava prestes a acabar, disse mo; verificamos isso na seguinte manhã. (págs. 85-86)

PROF. MONIR: Na manhã seguinte a mãe morreu.

Pela primeira vez, Brás Cubas deparava-se com uma perda real e reconhece que, até então, havia sido um medíocre preocupado com futilidades.

Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade;

PROF. MONIR: Estão vendo? Ele está sendo completamente sincero.

adverta que a fraqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo. Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! (págs. 87-88)

PROF. MONIR: “Na morte que diferença, que desabafo, que liberdade!” Ele está completamente livre para ser sincero porque morreu. Ele não tem preocupação nenhuma em “embaçar” os outros, quer dizer, em constranger os outros. Tem agora apenas a preocupação de contar as coisas tais como se passaram, sem nenhum rodeio.

O rapaz, inconformado com a morte da mãe, que lhe parecia enorme injustiça, após a missa de sétimo dia retirou-se para a velha propriedade da família na Tijuca.

PROF. MONIR: A Tijuca, bairro da Zona Norte que hoje é próximo do centro do Rio, naquela época era um lugar ermo. Nós estamos falando aqui de 1800 e pouco. Havia então uma realidade urbana muito diferente no Rio de Janeiro. Havia praias bravias como Flamengo, Botafogo. O pessoal tinha casa de praia em Botafogo. O bairro da Tijuca devia ser um lugar longínquo, quase inacessível, um lugar onde tinha chácaras.

Levou consigo alguns livros, uma espingarda, roupas, charutos e o escravo Prudêncio.

Renunciei tudo; tinha o espírito atônito. Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, essa flor amarela, solitária e mórbida, de um cheiro inebriante e subtil.

PROF. MONIR: A hipocondria é aquilo que depois ele quer consertar com o emplasto.

‘Que bom que é estar triste e não dizer coisa nenhuma!’⁴ – Quando esta palavra de Shakespeare me chamou a atenção, confesso que senti em mim um eco, um eco delicioso. (pág. 89)

4 Nota da revisora de transcrição: “’tis good to be sad and say nothing”. Fala retirada da comédia de Shakespeare *As you like it* (Como lhe Aprouver)

Brás Cubas ali ficou durante uma semana. Cansado da solidão, havia decidido voltar à cidade, quando Prudêncio lhe contou que na noite anterior havia se mudado para a propriedade ao lado uma antiga amiga da família, dona Eusébia, com sua filha Eugênia. Brás relutava em visitá-las, por causa de uma travessura de infância, quando havia denunciado dona Eusébia e o doutor Vilaça que se beijavam às escondidas atrás de uma moita.

Prudêncio, entretanto, recordou-lhe que fora dona Eusébia quem vestira sua mãe morta. Brás decidiu, assim, visitá-la, antes de retornar para a cidade. Nesse mesmo dia, o pai de Brás subiu à chácara, pois o queria de volta à vida social. Trouxe consigo dois projetos para o filho: uma candidatura a deputado e um excelente casamento com Virgília, filha do conselheiro Dutra, importante político. Brás relutava, mas o pai não se deixava vencer. Aconselhou o filho, dizendo-lhe que era preciso temer a “*obscuridade*” e “*fugir do que é ínfimo*”. Concluiu afirmando que o fundamental era o que a sociedade pensava. Brás, finalmente, concordou com os projetos do pai e prometeu descer no dia seguinte, depois de visitar dona Eusébia.

A visita à velha amiga da família retardou mais ainda a descida de Brás; por causa de Eugênia, menina de dezesseis anos, a quem ele mentalmente chamava de “a flor da moita”, pois a jovem era fruto das relações ilícitas entre dona Eusébia e doutor Vilaça.

Brás Cubas a lisonjeou, dizendo que ela já era uma “moça”:

Não pôde Eugênia encobrir a satisfação que sentia com esta minha palavra, mas emendou se logo, e ficou como dantes, erecta, fria e muda. Em verdade, parecia ainda mais mulher do que era; seria criança nos seus folgares de

moça; mas assim quieta, impassível, tinha a compostura da mulher casada. Talvez essa circunstância lhe diminuía um pouco da graça virginal. Depressa nos familiarizamos; a mãe fazia lhe grandes elogios, eu escutava os de boa sombra, e ela sorria, com os olhos fúlgidos, como se lá dentro do cérebro lhe estivesse a voar uma borboletinha de asas de ouro e olhos de diamante...
(págs. 97-98)

Brás Cubas conseguiu, é verdade, beijá-la, mas Eugênia revelou tal dignidade, que confundiu o rapaz. Eugênia tinha um defeito de nascença: era coxa (manca).

Amanheceu chovendo, transferi a descida; mas no outro dia, a manhã era límpida e azul, e apesar disso deixei me ficar, não menos que no terceiro dia, e no quarto, até o fim da semana. Manhã bonitas, frescas, convidativas; lá em baixo a família a chamar me, e a noiva, e o parlamento, e eu sem acudir a coisa nenhuma, enlevado ao pé da minha Vênus Manca. (pág. 102)

PROF. MONIR: Não vão pensar que quando ele fala em descer e subir trata-se de uma altura como a de Petrópolis; a Tijuca é um bairro do Rio de Janeiro. Mas deve ter uma certa diferença de altitude em relação ao nível do mar. Como naquela época não havia prédios, apenas o campo, a sensação de subida era muito mais nítida.

O rapaz resolveu não se envolver seriamente com Eugênia, sobretudo porque ela tinha condição social inferior à dele. Brás voltou à cidade, disposto a levar em frente os projetos do pai.

– Adeus, suspirou ela estendendo me a mão com simplicidade; faz bem. – E como eu nada dissesse, continuou: – Faz bem em fugir ao ridículo de casar comigo. Ia dizer lhe que não; ela retirou se lentamente, engolindo as lágrimas. Alcancei a a poucos passos, e jurei lhe por todos os santos do céu que eu era obrigado a descer, mas que não deixava de lhe querer e muito; tudo hipérboles frias, que ela escutou sem dizer nada. (pág. 105)

PROF. MONIR: E ele mesmo diz que são hipérboles frias. Ele agora admite, com toda a sinceridade, que ele falou isso para ela apenas por falar.

O narrador finalmente conheceu Virgília e o casal começou a namorar. Descreve sua futura noiva:

Naquele tempo contava apenas uns quinze anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos as sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, – devoção ou talvez medo; creio que medo. (págs. 93-94)

Enquanto preparava sua candidatura, foi a um ourives consertar o vidro do relógio e deparou-se com nada menos do que Marcela, proprietária do local. A moça, completamente envelhecida, tinha o rosto marcado por bexigas.

PROF. MONIR: Derivadas de varíola.

Ao fundo, por trás do balcão, estava sentada uma mulher, cujo rosto amarelo e bexiguento não se destacava logo, à primeira vista; mas logo que se destacava era um espetáculo curioso. Não podia ter sido feia; ao contrário, via-se que fora bonita, e não pouco bonita; mas a doença e uma velhice precoce destruíram-lhe a flor das graças. As bexigas tinham sido terríveis; os sinais, grandes e muitos, faziam saliências e escarnas, declives e aclives, e davam uma sensação de lixa grossa. Eram os olhos a melhor parte do vulto, e aliás tinham uma expressão peculiar e repugnante, que mudou, entretanto, logo que eu comecei a falar. Quanto ao cabelo, estava ruço e quase tão poento como os portais da loja. Num dos dedos da mão esquerda fulgia-lhe um diamante. Crê-lo eis, pósteros? essa mulher era Marcela. (pág. 108)

A beleza de sua juventude desaparecera. Embora aquela visão incomodasse Brás Cubas, ele facilmente fantasiou compensação para a situação dela:

Entrei a desconfiar que não padecera nenhum desastre (salvo a moléstia), que tinha o dinheiro a bom recado, e que negociava com o único fim de acudir à paixão do lucro, que era o verme roedor daquela existência; foi isso mesmo que me disseram depois. (pág. 110)

PROF. MONIR: Então ele reencontra a Marcela, agora transformada em uma mulher desinteressante. E acha que ela teria feito uma carreira bem-sucedida como prostituta, tanto é que acabou herdando a joalheria de um sujeito que meio que casou com ela.

Surpreendentemente, algum tempo depois do início da relação com Virgília, surgiu, de repente, Lobo Neves, homem inteligente e astuto, que lhe arrebatou Virgília e a candidatura. O pai não resistiu ao fracasso do filho e morreu em quatro meses, período durante o qual o velho repetia decepcionado: “*um Cubas, um Cubas, um Cubas...*”

Morreu daí a quatro meses, – acabrunhado, triste, com uma preocupação intensa e contínua, à semelhança de remorso, um desencanto mortal, que lhe substituiu os reumatismos e tosses. (pág. 116)

Os irmãos Brás e Sabina (e seu marido Cotrim) fizeram a partilha dos bens, durante a qual armou-se grande e mesquinha discussão em torno de itens da herança, sobretudo da prataria da casa, usada em ocasiões importantes como o jantar em comemoração à derrota de Napoleão.

Estava tão agastado, e eu não menos, que entendi oferecer um meio de conciliação; dividir a prata. Riu se e perguntou me a quem caberia o bule e a quem o açucareiro; e depois desta pergunta, declarou que teríamos tempo de liquidar a pretensão, quando menos em juízo. Entretanto, Sabina fora até à janela que dava para a chácara, – e depois de um instante, voltou, e propôs ceder o Paulo e o outro preto, com a condição de ficar com a prata; eu ia dizer que não me convinha, mas Cotrim adiantou se e disse a mesma cousa. (pág. 119)

No fim da discussão, os dois irmãos saíram brigados. Por esta mesma época, Brás recebeu de Luís Dutra, um primo de Virgília, a notícia de que ela estava voltando de São Paulo com o marido, então deputado. Reencontraram-se e ele a achou

lindíssima. Por questões políticas, o marido de Virgília convidou Brás para uma reunião íntima em sua casa. Brás, por essa época, escrevia textos literários e políticos num jornal. Naquela noite, os antigos namorados reaproximaram-se:

Cerca de três semanas depois recebi um convite dele para uma reunião íntima. Fui; Virgília recebeu-me com esta graciosa palavra: – O senhor hoje há de valsar comigo. – Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito; não admira que ela me preferisse. Valsamos uma vez, e mais outra vez. Um livro perdeu Francesca; cá foi a valsa que nos perdeu. (págs. 124-125)

PROF. MONIR: Essa é Francesca de Rimini, cuja história é contada em *A Divina Comédia*. Francesca era casada e tinha um caso com o cunhado. Foram pegos lendo um livro erótico, e o marido matou os dois. Eles vão parar no inferno, na região dos adúlteros, onde Dante os encontra.

Creio que nessa noite apertei-lhe a mão com muita força, e ela deixou-a ficar, como esquecida, e eu a abraçei-la, e todos com os olhos em nós, e nos outros que também se abraçavam e giravam... Um delírio. (págs. 124-125)

PROF. MONIR: Do mesmo modo que Francesca se perdeu com um cunhado por causa de um livro erótico, ele e a Virgília se perderam também nessa noite por causa de uma valsa. Essa é a comparação que ele faz. O Machado de Assis é um sujeito muito, muito culto, viu? Nunca subestimem o Machado de Assis, ele sabe tudo. Ele tem todas as referências mitológicas, leu tudo de importante que se publicou no século XIX, lia em francês, alemão, inglês... Era um sujeito de primeiro padrão. Nunca subestimem o velho Machado.

Brás Cubas, ao sair da festa, encontrou uma moeda de ouro no chão e viu no acontecimento uma lei cósmica:

Assim, eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra, a fim de que a moral possa arejar continuamente a consciência. Talvez não entendas o que aí fica; talvez queiras uma coisa mais concreta, um embrulho, por exemplo, um embrulho misterioso. Pois toma lá o embrulho misterioso. (págs. 126-127)

Alguns dias depois, nova surpresa: Brás Cubas achou na rua um “embrulho misterioso”, contendo cinco contos de réis.

PROF. MONIR: Que é um dinheirão! É quase metade do que ele tinha gastado lá no joalheiro com a Marcela.

Coincidentemente, a partir daí, Brás e Virgília começaram a viver um romance adúltero:

PROF. MONIR: Agora Virgília, que é casada com Lobo Neves, tem com ele um romance escondido do marido, obviamente... Se ele tivesse casado com Virgília, não seria o caso, não é? Mas ele continuou solteiro e agora tem um romance com a moça com quem pretendia ter se casado.

Há umas plantas que nascem e crescem depressa; outras são tardias e pecas. O nosso amor era daquelas; brotou com tal ímpeto e tanta seiva, que, dentro em pouco, era a mais vasta, folhuda e exuberante criatura dos bosques. Não lhes poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse crescimento. Lembra-me,

sim, que, em certa noite, abotoou se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo que ela me deu, trêmula, – coitadinha, – trêmula de medo, porque era ao portão da chácara. (pág. 129)

Nesta época, também reapareceu Quincas Borba,

PROF. MONIR: Lembram-se do Quincas Borba? Aquele que aterrorizava o professor italiano? Que era amigo dele e que também era um monstrinho?

o antigo colega de escola de Brás Cubas. Para sua surpresa, Quincas Borba parecia um mendigo.

Imaginem um homem de trinta e oito a quarenta anos, alto, magro e pálido. As roupas, salvo o feitio, pareciam ter escapado ao cativeiro de Babilônia; o chapéu era contemporâneo do de Gessler

PROF. MONIR: Gessler é aquele governador malvado da história do Guilherme Tell. O governador acha que não o estão respeitando, então coloca o seu chapéu no alto, em uma estaca no meio da praça, e todo o mundo que passa pelo chapéu tem que fazer uma referência ao chapéu como se fosse a ele, o governador. Todo o mundo faz, exceto Guilherme Tell, que diz que não fará uma coisa dessas, e aí começa então a ser perseguido. É o chapéu de Gessler que ele está comparando com o chapéu que Quincas Borba usava. Quer dizer, esse Quincas Borba tem pelo menos uma aparência ridícula, para dizer o mínimo. Mais tarde Machado irá escrever um livro só pra ele. É o romance que vem depois desse, chama-se *Quincas Borba*.

Imaginem agora uma sobrecasaca, mais larga do que pediam as carnes, – ou, literalmente, os ossos da pessoa; a cor preta ia cedendo o passo a um amarelo sem brilho; o pelo desaparecia aos poucos; dos oito primitivos botões restavam três. As calças, de brim pardo, tinham duas fortes joelheiras, enquanto as bainhas eram roídas pelo tacão de um botim sem misericórdia nem graxa. Ao pescoço flutuavam as pontas de uma gravata de duas cores, ambas desmaiadas, apertando um colarinho de oito dias. Creio que trazia também colete, um colete de seda escura, roto a espaços, e desabotoado.

PROF. MONIR: O que ele está descrevendo aqui é um mendigo, um pedinte.

– Aposto que não me conhece, Senhor Doutor Cubas? disse ele.

– Não me lembra...

– Sou o Borba, o Quincas Borba.

Recuei espantado... Quem me dera agora o verbo solene de um Bossuet ou de Vieira, para contar tamanha desolação!

PROF. MONIR: Bossuet é o maior orador francês da história, e Vieira é o maior orador da história, francês ou não. Vieira era português e morou no Brasil muitos anos, quando a capital era em Salvador. Escreveu seus famosos sermões, hoje todos preservados, que são a maior fonte de competência virgulativa da história da língua portuguesa. Ninguém escreve como o Padre Vieira. Você quer aprender a virgular, leia o Padre Vieira, que tem virgulações perfeitas. É claro que o estilo do Padre Vieira é inadequado para o mundo moderno, um estilo excessivamente rococó, muito barroco, excessivamente minucioso. Não tem mais viabilidade, não dá pra escrever daquele jeito. Mas são sermões com uma competência de argumentação absolutamente

ímpar. Bossuet, perto dele, fica muito pequeno. Bossuet escrevia em francês e o Vieira escrevia em português, essa é a razão pela qual você não tem o mesmo prestígio no Vieira, mas ele é muito maior. É um dos pouquíssimos artistas em língua portuguesa que tem verdadeira inserção universal. Camões, Fernando Pessoa, Padre Vieira, Machado de Assis – a quadra que você pode seguramente garantir... Acho que Eça de Queirós também pode ser colocado nesse grupo. Você tem aí a quina dos escritores de língua portuguesa que têm presença internacional garantida, que estariam entre os maiores escritores do mundo – quatro portugueses e um brasileiro. É o melhor que a língua portuguesa já produziu até hoje em literatura.

Era o Quincas Borba, o gracioso menino de outro tempo, o meu companheiro de colégio, tão inteligente e tão abastado. Quincas Borba! Não; impossível; não pode ser. Não podia acabar de crer que essa figura esquelética, essa barba pintada de branco, esse maltrapilho avelhentado, que toda essa ruína fosse o Quincas Borba. (pág. 136)

Distanciando-se do antigo colega, na rua, após ele haver dado algum dinheiro, Brás Cubas percebeu que Quincas Borba lhe havia furtado o relógio.

Por sua vez, Virgília andava triste, receosa de que seu marido desconfiasse de alguma coisa.

– Creio que Damião desconfia alguma coisa. Noto agora umas esquisitices nele... Não sei. Trata me bem, não há dúvida; mas o olhar parece que não é o mesmo. Durmo mal; ainda esta noite acordei, aterrada; estava sonhando que ele me ia matar. Talvez seja ilusão, mas eu penso que ele desconfia... (pág. 141)

Para Brás, o jeito era fugirem juntos, mas Virgília não concordou. No dia seguinte, ela o procurou com a ideia de eles arrumarem um lugar secreto, um cantinho só deles. Uma casinha na Gamboa foi, de fato, a saída encontrada pelos amantes para continuar seu romance, que já era alvo de “*suspeita pública*”. Como fachada, foi instalada na residência dona Plácida, velha amiga da família de Virgília. O plano deu certo: “*Ao cabo de seis meses quem nos visse a todos três juntos diria que Dona Plácida era minha sogra*”. Brás Cubas filosofa sobre o destino de dona Plácida naquele romance.

Se não fossem os meus amores, provavelmente Dona Plácida acabaria como tantas outras criaturas humanas; donde se poderia deduzir que o vício é muitas vezes o estrume da virtude. O que não impede que a virtude seja uma flor cheirosa e sã. (pág. 165)

PROF. MONIR: A flor bem cheirosa nasce do estrume malcheiroso. Machado de Assis está fazendo aqui um jogo com relativismo moral... Isso é o Machado de Assis. Ele está o tempo todo fazendo sarcasmos, cinismos, pequenas ironias, é o modo como ele escreve. Ninguém faz isso tão bem quanto ele. Ele faz melhor do que Jonathan Swift. Ele é melhor do que Chesterton, sob certos aspectos, porque Chesterton tem a vantagem de lidar com os paradoxos. Ele não lida com os paradoxos, mas é um escritor de uma competência, de uma habilidade linguística extraordinária. Uma das razões pelas quais ele não tem esse prestígio todo é porque existe essa tortura que se faz com o estudante de obrigar o sujeito a ler esse livros todos para o vestibular. E aí o pessoal lê obrigado, só porque tem que saber, e fica com raiva do escritos pelo resto da vida. Esse é um dos males derivados de você transformar a educação num processo obrigatório. Assim você destrói a possibilidade de aprendizado. É preciso que os alunos desejem voluntariamente aprender.

Algum tempo depois, entretanto, Lobo Neves foi convidado a ocupar uma presidência da província no norte do Brasil.

PROF. MONIR: Nessa época da história do Brasil, o imperador indicava pessoas da corte para serem presidentes de província, e isso tudo acabou em 1889, com a Proclamação da República. O Paraná, que virou província em 1853, foi uma província do Império durante trinta e seis anos. O presidente de província não era eleito, era indicado pelo imperador, e vinha de outras partes. Tanto é que Zacarias de Góes Vasconcelos, nosso primeiro presidente, era baiano. Em trinta e seis anos de vida provincial imperial, tivemos quarenta e poucos presidentes de província. Alguns fizeram um trabalho magnífico. Esse cinturão de colônias ao redor de Curitiba – polonesas, ucranianas, alemãs – tudo isso foi invenção do Lamenha Lins. Teve o Visconde de Taunay, o Henrique de Beaurepaire Rohan; tivemos mais presidentes do que anos de presidência. O imperador usava as províncias para treinar determinados políticos. Eles estão todos aí nos nomes das ruas, hoje em dia, mas eram pessoas que se mudavam para cá com a mulher e os filhos, ocupavam o palácio e ficavam seis, sete, oito meses e iam embora porque o imperador tinha mudado de indicação. Havia uma rotatividade enorme de presidente de província. Com a Proclamação da República, em 1889, muda-se o nome de “província” para “estado”, mas o estado continua tendo presidente, o nome do sujeito que governava o estado continuou sendo “presidente”. Até que em 1930, quando há a revolução getulista, os estados passam a ter governadores. Primeiro interventores, depois é que se passa a ter governadores. Mas isso era muito comum no Brasil todo, e o fato de que o Lobo Neves está sendo indicado aqui para ocupar uma presidência de província do Norte do Brasil era a coisa mais comum do mundo. Esses presidentes passavam por três, quatro, cinco províncias na sua vida.

Os amantes ficaram desesperados, mas a saída foi dada pelo próprio marido, que convidou Brás para acompanhá-lo como seu secretário.

PROF. MONIR: Brás é um sujeito desocupado, não precisava de dinheiro, não precisava do salariozinho magro do governo. Então o outro ingenuamente convida o Brás para ser seu secretário e viajar com o casal. Poderia ter solução melhor para um casal que tem uma relação adúltera escondida?

Brás Cubas medita: *“Na verdade, um presidente, uma presidenta, um secretário, era resolver as coisas de um modo administrativo”.*

PROF. MONIR: Pronto. Olha a ironia machadiana finíssima: “apareceu uma solução administrativa para os problemas”. “Presidenta” é uma maneira errada de falar. A palavra é comum de dois, tanto faz se é para homem ou mulher. Aqui se trata da mulher do presidente (não é para distinguir uma mulher que fosse presidente de fato), então se chamava de presidenta. Mas é apenas uma maneira adaptada de falar, porque presidenta, de fato, não existe.

O rapaz estava ainda relutante, pois toda gente comentava seus amores com Virgília. Surpreendentemente, Lobo Neves recusou a nomeação, porque o decreto trazia o número 13, que ele considerava ligado a acontecimentos tristes de sua vida. Dessa forma, o casal continuou se encontrando na casinha da Gamboa. Ainda nesse período, ocorreu a reconciliação de Brás Cubas com a família.

PROF. MONIR: Lembra que tinham brigado por causa da herança?

O narrador voltou a visitar regularmente Sabina e Cotrim. Sua irmã, como sempre, insistia na tese de que Brás precisava se casar, já que alguém precisava herdar o nome da família. Ironicamente, o romance de Brás e Virgília, neste momento, atingia seu ponto máximo. Para complicar, Virgília comunicou ao amante que estava grávida. Brás veria naquele embrião, de *"obscura paternidade"*,

PROF. MONIR: Não se sabia quem era o pai. Como ela tinha dois "maridos", ninguém sabia verdadeiramente quem era o pai daquela criança. Portanto ele só podia fantasiar ser o pai. É a mesma situação do Dom Casmurro. Dom Casmurro vai pra São Paulo, e quando volta não sabe se quem engravidou a mulher foi ele ou o Escobar. Este é um romance anterior a Dom Casmurro.

seu próprio filho, dono de um belo futuro, imaginando-o indo à escola, tornando-se bacharel e discursando na Câmara dos Deputados.

PROF. MONIR: Viu como são os brasileiros? Logo começa a imaginar o seu filho em um cargo público, usufruindo de uma mordomia qualquer. O desastre da incivilidade brasileira, a derrocada do Rio de Janeiro, que era uma das cidades mais bonitas que se podia imaginar, é fruto deste conjunto de mentalidades que já está no embrião dessa obra de Machado de Assis. Havia um político comunista, na década de 1950 ou 1960⁵, que dizia que Machado de Assis era uma porcaria porque ninguém trabalha nas suas obras, o que é rigorosamente verdade, aliás. Dizia então que era uma obra da burguesia, que só tinha personagens de natureza indolente. É claro que não dá pra culpar o Machado por isso, mas é preciso compreender o que isso significa.

5 Nota da revisora de transcrição: Provavelmente Astrojildo Pereira (1890-1965)

Significa que no Rio de Janeiro havia uma cultura da sinecura. Meira Penna, que escreveu um belo livro sobre isso, explica o seguinte: quando a família real veio para o Brasil, em 1808, vieram com eles dez mil nobres – quem é que ia ficar lá esperando Napoleão aparecer? Então tinha que alimentar, vestir e dar casa para dez mil nobres, que não eram pessoas quaisquer. Foi aí que se inventou no Brasil o costume de se contratar um sujeito para carimbar um lado da folha e outro para carimbar o verso, porque com isso você fazia de conta que essa gente trabalhava. E criou-se então uma burocracia. Essa tese muito interessante está no livro do Meira Penna intitulado *Em Berço Esplêndido*⁶, esse é o livro que conta que se estabeleceu aqui uma prática de remunerar as pessoas para não fazerem nada. É esta gente que produziu a elite carioca que o Machado de Assis descreve. É a elite que levanta o ódio desses comentaristas como Astrojildo Pereira. Essa gente que não trabalha não é a burguesia, que trabalha feito louca. A burguesia quer ficar rica, então o burguês é o sujeito que fica até as dez da noite no trabalho. Quem não trabalha é o aristocrata, o sujeito que acha que já que é marquês, que é conde etc., tem direito a uma sinecura pública. E é o aristocrata que vive disso. Até hoje em Curitiba tem alguns bairros que pagam laudêmio, uma remuneração que há na transação de uma propriedade (imposto sobre a venda/compra de um imóvel) que vai para a família real brasileira. O município de Petrópolis, por exemplo, todo ele paga laudêmio. É como se ele pertencesse à família real. Portanto são críticas injustas a Machado de Assis – ele não é da alta burguesia; pode ser arauto da aristocracia, mas da burguesia ele não é. E mesmo assim não dá para compará-lo desse jeito, com esta precariedade, ele é muito mais sofisticado do que isso.

6 Nota da revisora de transcrição: *Em Berço Esplêndido* - Ensaios de psicologia coletiva brasileira, 1999

Lá me escapou a decifração do mistério, esse doce mistério de algumas semanas antes, quando Virgília me pareceu um pouco diferente do que era. Um filho! Um ser tirado do meu ser! Esta era a minha preocupação exclusiva daquele tempo. Olhos do mundo, zelos do marido, ..., nada me interessava por então, nem conflitos políticos, nem revoluções, nem terremotos, nem nada. Eu só pensava naquele embrião anônimo, de obscura paternidade, e uma voz secreta me dizia: é teu filho. Meu filho! E repetia estas duas palavras, com certa voluptuosidade indefinível, e não sei que assomos de orgulho. Sentia me homem. (pág. 187)

INTERVALO

PROF. MONIR: A melhor definição para Brás Cubas é francesa: *fait nien* - aquele sujeito que não faz nada. É a palavra em francês para personalidades como a de Brás Cubas, muito comum em Machado de Assis – a daquele sujeito que tem a vida mais ou menos garantida, que pertence à aristocracia carioca. Machado de Assis só sabe lidar com personagens cariocas – acho que nunca saiu do estado do Rio de Janeiro na sua vida. Talvez tenha ido pra São Paulo uma vez ou outra, mas ele não é um ser do mundo, nunca viajou para o exterior. Sabia línguas e coisas do estrangeiro pelos livros. Esse Brás Cubas é um *fait nien*, um sujeito por quem temos muita simpatia. Agora que o sujeito está morto, é de uma sinceridade acachapante, conta tudo sobre a sua própria vida sem nenhum constrangimento, não joga mais para

a torcida, não usa nenhuma máscara social. Está nos contando uma série de acontecimentos que foram decorrendo ao longo da sua pequena vida, que afinal não durou muito. Sabemos que ele é um adolescente problema; o pai o exporta para Portugal por uns tempos. Em Portugal ele faz um curso universitário igual a esses que nós fazemos aqui.

ALUNOS: *[Risos]*

Prof Monir: Exatamente igual, portanto não tem muita novidade nisso, não é? Quer dizer, ele não aprendeu absolutamente nada, passou todo o curso universitário tomando cerveja. Voltou aqui, encontrou a mãe moribunda, sofreu a perda da mãe, foi se refugiar em um sítio da família na Tijuca (num tempo em que a Tijuca era um lugar ermo), e então conhece uma moça, filha de uma vizinha, chamada Eugênia. Entre os dois nasce uma simpatia mútua, o início de um romance. O romance não se desdobra porque a moça estava em condição social muito diferente da dele. Ele resolve então aceitar um plano do pai de casar com uma moça que ele nunca tinha visto na vida, chamada Virgília. O pai dela, sendo um político importante, iria então lhe conseguir uma vaga de deputado. Tipicamente um projeto da aristocracia carioca do século XIX. O sujeito nasce de uma família de bem, nunca trabalha na vida, faz um curso universitário apenas para ter um diploma, e irá viver de alguma sinecura pública – ou como deputado, ou como ministro ou como um associado qualquer em instituição do governo imperial, que se caracteriza pela proteção da nobreza.

(Quando você começa a ler o Machado de Assis, você começa a se interar desse mundo e vai achando tudo normal. Você vai se sentindo como viven-

te da época. Com Lima Barreto é a mesma coisa. Você acaba entendendo como funcionava a mentalidade dessa época e não estranha mais que as personagens machadianas não trabalhem. De fato, a maioria não trabalha mesmo.)

E o nosso candidato a deputado fracassa porque aparece Lobo Neves, que lhe rouba a noiva e a candidatura. E ele volta à sua vida sem grandes emoções. No entanto, se transforma mais tarde em amante da antiga noiva, um amante até muito audacioso para uma cidade pequena como devia ser o Rio de Janeiro daquela época, tendo um caso mais ou menos público. Eles tinham um “ninho de amor”, para usar uma expressão de antigamente. Aparece também na vida de Brás Cubas o seu velho amigo Quincas Borba, completamente diferente do que era quando criança – empobrecido, molambento, escangalhado, completamente roto e que ainda por cima lhe rouba o relógio.

E a família... ele só tem uma irmã, a Sabina, que faz de tudo para arrumar uma mulher para o irmão. A Sabina não sabe que aquele romance adúltero e secreto que há entre a Virgília e o Brás Cubas está no seu ponto máximo, tendo a Virgília até mesmo engravidado, levando Brás Cubas a fantasiar que esse seria seu filho, que ele teria então finalmente conseguido alguma coisa na vida. Quando fomos tomar café, tínhamos deixado o Brás Cubas radiante com a perspectiva da paternidade, não foi? Continuamos.

Com maior surpresa ainda, Brás Cubas recebeu carta de Quincas Borba, devolvendo um relógio igual ao roubado e propondo lhe encontro para apresentar lhe seu sistema filosófico *Humanitismo ou Humanitas*. Quincas Borba havia recebido herança de Minas e estava novamente bem de vida.

PROF. MONIR: Outra coisa importante nessa época são as ligações enormes que havia entre Rio de Janeiro e Minas Gerais. Minas é um estado sem mar, um estado velho. O ciclo de ouro mineiro começou com garimpeiros curitibanos. Quando aqui se esgotou o ciclo do ouro, que era de aluvião, os garimpeiros foram daqui para Minas e lá fizeram o ciclo de ouro de Minas, que começa em 1793. Minas ficou muito rica, muito cedo, e o Paraná não. Quando o Paraná se transformou em província, em 1853, existia meia dúzia de cidades, o resto era floresta. Tinha os campos de Guarapuava e os campos de Curitiba, lugares onde não havia floresta, e o resto era uma floresta só, o Oeste e o Norte. Nessa época aqui, portanto, o Paraná era um estado insignificante. Tirando Curitiba, Paranaguá e a Lapa, não tinha nada no Paraná. Nada que interessasse, além de Castro – uma cidadezinha, e Guarapuava, que ficava no caminho das tropas e tinha alguma povoação. O resto não existia. Em 1853 Minas já era um estado muito poderoso por causa do ciclo da mineração. Havia muita ligação entre a aristocracia mineira e a aristocracia carioca. A aristocracia mineira era mais ou menos parasitária da corte. Os mineiros são incrivelmente habilidosos em se tornar usufruidores do Estado. Em São Paulo havia muita pouca coisa, porque São Paulo crescerá muito mais tarde. As famílias quatrocentonas já existiam, mas São Paulo não tinha burguesia porque os imigrantes italianos ainda não tinham vindo. São Paulo transforma-se num colosso com os imigrantes italianos – é preciso que se diga isso com toda a verdade. Foi o estado que mais recebeu imigrantes. Mais do que o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, que é só o quarto da lista. A imigração só começou em meados do século XIX, mais ou menos na época que essa história está acontecendo. A primeira imigração ainda foi no tempo do Império, com a fundação de Nova Friburgo, composta por suíços católicos, infelizes com o protestantismo, que haviam sido destinados para vir morar em Curitiba. Chegaram no Rio de Janeiro, subiram a ser-

ra porque não aguentavam o calor e acabaram ficando em Friburgo, onde moram até hoje. Mas era para terem vindo para cá, esse era o plano de Dom João VI – a fundação de Friburgo é anterior à Independência. Depois da Independência, as primeiras colonizações foram em Rio Negro, com alemães bucovinos, e em São Leopoldo e Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, foram feitas as primeiras colonizações pós-guerra, por alemães.

Virgília perdeu o filho que estava esperando. Lobo Neves recebeu carta anônima delatando os amantes. Virgília negou veementemente a traição, mas como Lobo Neves ficara desconfiado, Brás afastou-se da residência do casal, mesmo porque o espaço da Gamboa continuava resguardado.

Bastava nos a Gamboa. A frequência da outra casa aguçaria as invejas. Rigorosamente podíamos dispensar nos de falar todos os dias; era até melhor, metia a saudade de permeio nos amores.

PROF. MONIR: Olhem que maravilha de português: “*Metia saudade em per-meio aos amores*”, olhem que beleza.

Ao demais, eu galgara os quarenta anos, e não era nada, nem simples eleitor de paróquia. (pág. 190)

PROF. MONIR: Com quarenta anos, ele descobre que não é nada. Fez um curso em que não aprendeu nada, é apenas bacharel de carteirinha... Ele é rico – a única coisa que salva a sua vida é que ele não precisa lutar pela sua sobrevivência, tem tudo garantido. Ele não tem mulher, não tem família. O filho que ele sonhou e fantasiou ser seu, morreu. Nem a fantasia sobreviveu. Ele não é nada. Não conseguiu casar de verdade com a Virgília, não foi depu-

tado, não teve nenhuma espécie de sucesso na vida até agora, com quarenta anos. Parece que quarenta anos é, para um homem daquela época, uma idade maior do que é hoje. Todas as idades foram postergadas. A mulher de trinta anos do Balzac, a balzaquiana, equivale modernamente à mulher de cinquenta. Há mais ou menos vinte anos de diferença entre a situação daquela época e a situação de hoje. É como se alguém estivesse na mesma situação de insucesso com sessenta anos hoje. Ele é, na verdade, um *fait nien*, um *farniente* em italiano, apenas um sujeito que passa pela vida como um observador desinteressado.

Algun tempo depois, Lobo Neves reatou suas relações com o Ministério, desgastadas pela recusa em aceitar o cargo anterior, e conseguiu posição de presidente de província. O narrador brinca com o número do novo decreto, 31, ressaltando que a simples inversão dos algarismos bastou para que a vida tomasse novo rumo.

PROF. MONIR: Isso é o Machado de Assis. Há um conto do Machado de Assis⁷ em que ele conta a história de um sujeito que comprou um sapato novo e no final da história ele chega à seguinte conclusão: a felicidade é um sapato novo. Todo o mundo que fica triste e vai ao *shopping* faz a mesma coisa. Portanto, não fiquem achando que era só nessa época, porque é assim que todo o mundo faz para resolver um problema de infelicidade: compra um sapato novo, compra sei lá o quê. Toma uma banana split daquelas, enorme.

7 Nota da revisora da transcrição: trata-se do último capítulo do livro *Histórias sem Data*.

Uma semana depois, Lobo Neves foi nomeado presidente de província. Agarrei-me à esperança da recusa, se o decreto viesse outra vez datado de 13; trouxe, porém, a data de 31, e esta simples transposição de algarismos eliminou deles a substância diabólica. Que profundas são as molas da vida!
(pág. 202)

PROF. MONIR: Vejam que ironia maravilhosa, que maravilhoso o texto desse homem.

Brás e Virgília conversaram brevemente antes da partida: não houve desespero, nem mesmo dor, o fato trouxe-lhe apenas alguns poucos dias de reclusão em sua casa e uma amostra do que era a viuvez.

Não a vi partir; mas à hora marcada senti alguma coisa que não era dor nem prazer, uma coisa mista, alívio e saudade, tudo misturado, em iguais doses. Não se irrite o leitor com esta confissão. Eu bem sei que, para titilar-lhe os nervos da fantasia, devia padecer um grande desespero, derramar algumas lágrimas, e não almoçar. Seria romanesco; mas não seria biográfico.

PROF. MONIR: Olhem que maravilha! Se ele contasse para o leitor que chorou noites atrás de noites, que ficou três dias sem comer, que tentou suicídio, isso tudo seria romanesco, mas não seria biográfico. Porque no fundo ele não sentiu lá grandes problemas em ter perdido a Virgília. Ele simplesmente sentiu uma espécie de perda, mas nada que fosse muito desesperador.

A realidade pura é que eu almocei, como nos demais dias, acudindo ao coração com as lembranças da minha aventura, e ao estômago com os acepipes de M. Prudhon⁸ ... (pág. 206)

PROF. MONIR: Que era um restaurante que os ricos frequentavam no Rio de Janeiro, o melhor restaurante daquela época. Então ele resolveu o problema com os acepipes, com os quitutes do senhor Prudhon.

Morreram seu tio cônego, Ildefonso, e dois primos, pelos quais ele não sofreu: *“Levei-os ao cemitério, como quem leva dinheiro ao banco”.*

Também nasceu sua segunda sobrinha, Venância. Brás Cubas se recolheu. Tal reclusão, entretanto, assim como seus pensamentos mais profundos, passou rapidamente, graças ao reaparecimento de Quincas Borba e seu envolvimento com dona Eulália⁹, chamada familiarmente de Nhã Loló, com dezenove anos e filha de Damasceno, um amigo da família. Faltava à moça certa elegância, segundo Brás, mas tinha belos olhos e uma expressão angelical. O narrador a havia conhecido ainda quando Virgília estava no Rio de Janeiro e grávida. Sabina insistia em que Nhã-Loló seria uma excelente esposa para o irmão, que se esquivara na época. Neste momento, tendo baixado a guarda, quando se deu conta, estava praticamente nos braços da jovem e acabaram noivos três meses após a partida de Virgília, mas Eulália, desgraçadamente, morreu repentinamente.

8 Nota do resumidor – Monsieur Prudhon era o dono do famoso restaurante *Pharoux*.

9 Nota do resumidor – Eulália Damascena de Brito, um partido que a irmã de Brás Cubas se esforçara por aproximar do irmão.

PROF. MONIR: Pronto. E agora? Também não deu certo com a Eulália. Que pé frio, né? O Brás Cubas continua sem nada, com um enredo de vida muito pobre.

Restou a Brás Cubas conhecer a filosofia de Quincas Borba, o Humanitismo.

PROF. MONIR: Há quem veja nessa história de humanitismo uma espécie de coração do positivismo, mas essa é uma hipótese muito polêmica. Não há unanimidade sobre isso. O Humanitismo é uma filosofia que o mendigo filósofo chamado Quincas Borba havia inventado. Agora Quincas Borba não é mais mendigo. Ele ganhou uma herança de Minas e está novamente bem, tanto é que devolveu o relógio que ele havia batido para o outro. Vamos ver então o que é Humanitismo.

– Humanitas, dizia ele, o princípio das coisas, não é outro senão o mesmo homem repartido por todos os homens. Conta três fases Humanitas: a estática, anterior a toda criação; a expansiva, começo das coisas; a dispersiva, aparecimento do homem; e contará mais uma, a contrativa, absorção do homem e das coisas. A expansão, iniciando o universo, sugeriu a Humanitas o desejo de o gozar, e daí a dispersão, que não é mais do que a multiplicação personificada da substância original ¹⁰.

PROF. MONIR: Teilhard de Chardin (criador do evolucionismo, teoria da vida real semelhante ao humanitismo) é muito posterior ao livro – o livro foi editado em 1880, no ano seguinte nasce Teilhard de Chardin – mas quando

10 Nota do resumidor – O humanitismo é uma filosofia materialista, panteísta, de sabor oriental, que se parece espantosamente com o evolucionismo do padre Teilhard de Chardin (1881-1955).

você pega a filosofia do Chardin, você fica impressionado com as semelhanças. É incrivelmente parecido. Não é que o Teilhard de Chardin tenha copiado Quincas Borba, porque na verdade Machado de Assis colocou essa filosofia aí mais a título de gozação e deboche (para dizer o mínimo, Quincas Borba é uma figura folclórica), mas o que é parecido com o Chardin é o seguinte: Chardin está querendo fazer a conciliação da cosmovisão cristã com o evolucionismo. Ele quer ficar com os dois ao mesmo tempo. Ele imagina que no começo havia coisas sem vida, e em um dado momento há o início da vida. E essa vida então irá evoluir, do jeito que Darwin diz que aconteceu, até que em dado momento aparece o homem. Quando aparece o homem, abre-se o terceiro estágio da evolução. Primeiro eram as coisas mortas, depois vieram as coisas vivas e depois, entre as coisas vivas, o homem, que é o início do terceiro estágio. E esse homem agora assume o papel de evolução, levando a realidade, o mundo e o cosmos para o ômega, que é a última letra do alfabeto grego. Então, para o ponto final, onde haverá uma espécie de cristianização de toda a esfera da realidade. Isso é o Teilhard de Chardin. Acho que nem preciso dizer para vocês o quanto esta ideia é estúpida, e o quanto isso é sem cabimento nenhum, e o quanto isso na verdade não tem nenhum sentido, tanto é que a Igreja até proibiu o homem de ficar falando isso em nome da Igreja. No fundo, no fundo, é uma filosofia panteísta, como é a filosofia de Espinoza – a ideia de que tudo será cristianizado, do copo que está aqui em cima da mesa, passando pelos Pokémons, indo na direção do Bob Esponja, cristianizando também o Topo Gigio... Entendeu? Passando pelos Irmãos Marx. A ideia de que tudo será cristianizado é uma bobagem extraordinária, não tem cabimento nenhum. Deus não faz parte do mundo. Mas é isso que é esse Humanitismo aí, tem essa característica panteísta, tudo mais ou menos misturado, porque Deus seria isso tudo. É uma filosofia ateísta o que está na cabeça deste sujeito.

Agora por que é que Machado de Assis inventa essa personagem com essa filosofia? Bom, mais tarde a gente vai ficar sabendo.

Queres uma prova da superioridade do meu sistema? Contempla a inveja. Não há moralista grego ou turco, cristão ou muçulmano, que não troveje contra o sentimento da inveja. O acordo é universal, desde os campos da Idumeia até o alto da Tijuca. Ora bem; abre mão dos velhos preconceitos, esquece as retóricas rafadas, e estuda a inveja, esse sentimento tão sutil e tão nobre. Sendo cada homem uma redução de Humanitas, é claro que nenhum homem é fundamentalmente oposto a outro homem, quaisquer que sejam as aparências contrárias. Assim, por exemplo, o algoz que executa o condenado pode excitar o vão clamor dos poetas; mas substancialmente é Humanitas que corrige em Humanitas uma infração da lei de Humanitas. O mesmo direi do indivíduo que estripa o outro; é a manifestação da força de Humanitas. Nada obsta (e há exemplos) que ele seja igualmente estripado. Se entendeste bem, facilmente compreenderás que a inveja não é senão uma admiração que luta, e sendo a luta a grande função do gênero humano, todos os sentimentos belicosos são os mais adequados à sua felicidade. Daí vem que a inveja é uma virtude. (págs. 208-209)

PROF. MONIR: *[Risos]* Vocês já sabem analisar isso a essa altura. A gente está a tanto tempo conversando aqui... Quando você cria uma tese panteísta sobre o mundo, que tudo nesse mundo é Deus, a decorrência é de que tudo que tem nesse mundo é bom. Deus não pode ser ruim, então todas as coisas teriam que ser boas necessariamente. Mas como as coisas não são boas, e sabe-se bem disso, é preciso então arrumar os remendos nessa teoria para provar que o mal é bom, que o péssimo é ótimo, que o escuro é luminoso, que o errado é certo, e assim por diante. É preciso destruir a possibilidade de

contraste; é nesse beco sem saída que você cai quando vira panteísta. Quincas Borba é isso, a teoria Humanitas é panteísta e por isso completamente inviável, porque é obrigada a dar o mesmo status essencial para todas as coisas. Não funciona. Não funciona com o Espinoza, vai funcionar com o Quincas Borba?

Depois de algum tempo, Brás tornou-se deputado e Lobo Neves voltou ao Rio.

PROF. MONIR: Vindo daquela presidência de província, porque esses cargos eram ocupados por seis meses, sete meses...

Na Câmara de Deputados, Brás ouviu discurso proferido pelo marido de Virgília e não sentiu nenhum remorso. Reencontrou a antiga amante num baile, em 1855.

PROF. MONIR: Fazia dois anos que o Paraná tinha se desvinculado de São Paulo e se tornado a província do Paraná.

A primeira vez que pude falar a Virgília, depois da presidência, foi num baile em 1855. Trazia um soberbo vestido de gorgorão azul, e ostentava às luzes o mesmo par de ombros de outro tempo. Não era a frescura da primeira idade; ao contrário; mas ainda estava formosa, de uma formosura outoniça, realçada pela noite.

PROF. MONIR: Olha que maravilha. Formosura outoniça, a formosura de alguém que começou a envelhecer. Já está vivendo o outono.

Lembra me que falamos muito, sem aludir a coisa nenhuma do passado. Subentendia se tudo. Um dito remoto, vago, ou então um olhar, e mais

nada. Pouco depois retirou-se; eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômeno de ventriloquismo cerebral (perdoem-me os filólogos essa frase bárbara) murmurei comigo esta palavra profundamente retrospectiva: 'Magnífica!' (pág. 223)

Brás Cubas observou que Virgília continuava muito bonita, ainda que fosse, é claro, de uma beleza diferente. Os dois conversaram muito, mas sem falar do passado. O narrador já tinha cinquenta anos, mas Quincas Borba garantiu-lhe que aquela era a idade da ciência e do amadurecimento.

PROF. MONIR: Cinquenta anos. Nessa época estava todo mundo aposentado. Esse então que era um *fait nien*, aposentou-se de não fazer nada. O sujeito que se aposenta de não fazer nada, finalmente começa a fazer alguma coisa. É o Gianni Agnelli, que passou a dirigir a Fiat com quarenta anos de idade.

Os meus cinquenta anos. Lá estavam eles, os teimosos, não tolhidos de frio, nem reumáticos – mas cochilando a sua fadiga, um pouco cobiçosos de cama e de repouso.

PROF. MONIR: Olhem que maravilha! Os cinquenta anos dele, “*não tolhidos de frio, nem reumáticos, – mas cochilando a sua fadiga, um pouco cobiçosos de cama e de repouso*”.

Então – e vejam até que ponto pode ir a imaginação de um homem, com sono –, então pareceu-me ouvir de um morcego encarapitado no tejadilho: Sr. Brás Cubas, a rejuvenescência estava na sala, nos cristais, nas luzes, nas sedas – enfim, nos outros. (pág. 227)

PROF. MONIR: Então Brás Cubas agora descobre que tem cinquenta anos, que ele é um fait nien, que não fez nada da sua vida inteira, que ele é um nada, e irá buscar rejuvenescimento aonde? Nos outros. Ele finalmente resolve fazer alguma coisa para se voltar para os outros.

Preocupado com o vazio em sua vida, Brás decidiu participar de maneira mais ativa nas discussões, já que tinha sido sempre um político indiferente aos problemas do País, como na vida pessoal. Um dos assuntos com que se envolveu especialmente foi a política do uso da barretina pela guarda nacional.

Acrescia que a barretina, por seu peso, abatia a cabeça dos cidadãos, e a pátria precisava de cidadãos cuja fronte pudesse levantar se altiva e serena diante do poder; e concluí com esta ideia: o chorão, que inclina os seus galhos para a terra, é árvore de cemitério; a palmeira, ereta e firme, é árvore do deserto, das praças e dos jardins. (pág. 230)

PROF. MONIR: Então, me contem, é muito relevante essa questão da barretina com a qual ele se envolveu fortemente?

ALUNOS: *[Risos]*

PROF. MONIR: A questão se a guarda nacional usará ou não usará a barretina, esse é o assunto que ele achou que convinha a uma pessoa realmente interessada nos outros discutir. Parece um assunto com potência boa?

ALUNA: *[Comentário]*

PROF. MONIR: Parece os assuntos lá de *As Viagens de Gulliver*. A briga entre os liliputianos e aquele povo da ilha ao lado era porque havia uma dúvida sobre se você quebra o ovo pelo lado rombudo ou pelo lado pontudo. Essa era a briga que motivou a guerra entre aqueles dois povos, de Lilliput e de Blefuscu.

Brás Cubas almejava o cargo de ministro, que também não conseguiu. Nem mesmo Quincas foi capaz de animá-lo desta feita:

– Vai para o diabo com o teu Humanitismo – interrompi o –; estou farto de filosofias que me não levam a coisa nenhuma. A dureza da interrupção, tratando-se de tamanho filósofo, equivalia a um desacato; mas ele próprio desculpou a irritação com que lhe falei.

(...)

– Mas, enfim, que pretendes fazer agora? – perguntou-me Quincas Borba, indo por a xícara vazia no parapeito de uma das janelas.

– Não sei; vou meter-me na Tijuca; fugir aos homens. Estou envergonhado, aborrecido. Tantos sonhos, meu caro Borba, tantos sonhos, e não sou nada.
(págs. 232-233)

PROF. MONIR: É uma conclusão de um homem de cinquenta anos que acha que não fez nada. Viveu confortavelmente, por causa da sua situação social, mas não casou, não teve filhos, não escreveu nenhum livro, não fez nada relevante, não plantou árvore, não foi deputado... Deputado ele foi, conseguiu ser.

Brás recebeu carta de Virgília, pedindo-lhe que fosse ver dona Plácida, que estaria morrendo na miséria. Ele considerou recusar, porque havia dado à velha os

cinco contos de réis que havia achado na rua, mas acabou convencido a ajudar a mulher que lhe havia servido de alcoviteira durante tanto tempo.

Mas adverti logo que, se não fosse Dona Plácida, talvez os meus amores com Virgília tivessem sido interrompidos, ou imediatamente quebrados, em plena efervescência; tal foi, portanto, a utilidade da vida de Dona Plácida. Utilidade relativa, convenho; mas que diacho há absoluto nesse mundo? (pág. 237)

Morreu dona Plácida. Brás decidiu fundar um jornal com base na filosofia do Humanitismo.

Urgia fundar o jornal. Redigi o programa, que era uma aplicação política do Humanitismo; somente, como o Quincas Borba não houvesse ainda publicado o livro (que aperfeiçoava de ano em ano), assentamos de não lhe fazer nenhuma referência. Quincas Borba exigiu apenas uma declaração, autógrafa e reservada, de que alguns princípios novos aplicados à política eram tirados do livro dele, ainda inédito. (pág. 238)

Como o jornal tinha índole oposicionista, Cotrim rompeu relações com o cunhado. Algum tempo depois, morreu Lobo Neves.

Fui ao enterro. Na sala mortuária achei Virgília, ao pé do féretro, a soluçar. Quando levantou a cabeça, vi que chorava deveras. Ao sair o enterro, abraçou-se ao caixão, aflita; vieram tirá-la e levá-la para dentro. Digo vos que as lágrimas eram verdadeiras. Eu fui ao cemitério; e, para dizer tudo, não tinha muita vontade de falar, levava uma pedra na garganta ou na consciência. No cemitério, principalmente quando deixei cair a pá de cal sobre o caixão, no

fundo da cova, o baque surdo da cal deu me um estremecimento passageiro, é certo, mas desagradável; e depois a tarde tinha o peso e a cor do chumbo; o cemitério, as roupas pretas...

(...)

Sai, afastando me dos grupos, e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos. (págs. 243-244)

Brás Cubas reconciliou-se com o cunhado e filiou-se a uma Ordem Terceira, voltada para pessoas carentes.

PROF. MONIR: Ordem terceira era o nome que se dava para ordens religiosas que incluíam leigos e que cuidavam de questões de caridade. As ordens terceiras cuidavam das Santas Casas de Misericórdia, por exemplo. Têm conotação religiosa, mas não são enclausurantes; há pessoas leigas que frequentam aquilo.

Nela, foi novamente surpreendido pelo destino:

Não acabarei, porém, o capítulo sem dizer que vi morrer, no hospital da Ordem, adivinhem quem?... a linda Marcela; e vi a morrer no mesmo dia em que, visitando um cortiço, para distribuir esmolas, achei... Agora é que não são capazes de adivinhar... achei a flor da moita, Eugênia, a filha de Dona Eusébia, a filha de Dona Eusébia e do Vilaça, tão coxa como a deixara, e ainda mais triste. (pág. 249)

Quincas Borba havia partido para Minas Gerais e, ao voltar, estava louco e morreria em seguida.

A voz mal podia sair me do peito; e aliás não tinha descoberto toda a cruel verdade. Quincas Borba não só estava louco, mas sabia que estava louco, e esse resto de consciência, como uma frouxa lamparina no meio das trevas, complicava muito o horror da situação. Sabia o, e não se irritava contra o mal; ao contrário, dizia me que era ainda uma prova de Humanitas, que assim brincava consigo mesmo. Recitava me longos capítulos do livro, e antífonas, e litânias espirituais; chegou até a reproduzir uma dança sacra que inventara para as cerimônias do Humanitismo. A graça lúgubre com que ele levantava e sacudia as pernas era singularmente fantástica. Outras vezes amuava se a um canto, com os olhos fitos no ar, uns olhos em que, de longe em longe, fulgurava um raio persistente da razão, triste como uma lágrima...

Morreu pouco tempo depois, em minha casa, jurando e repetindo sempre que a dor era uma ilusão, e que Pangloss, o caluniado Pangloss, não era tolo como o supôs Voltaire. (págs. 250-251)

O narrador explica que entre a morte do Quincas Borba e a sua aconteceram os episódios narrados no começo do livro, em especial a ideia nunca executada da criação do emplasto Brás Cubas. Conclui a narrativa, resumindo sua vida pela contabilidade das perdas: não alcançou a celebridade, não foi califa, não se casou, não foi ministro.

*E vede agora a minha modéstia; filiei me na Ordem Terceira de ***, exerci ali alguns cargos, foi essa a fase mais brilhante da minha vida. Não obstante, calo me, não digo nada, não conto os meus serviços, o que fiz aos pobres e aos*

enfermos, nem as recompensas que recebi, nada, não digo absolutamente nada. (pág. 249)

(...)

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de Dona Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve minguagem nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque, ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. (pág. 251)

PROF. MONIR: E com isso acaba o livro. Temos mais uma parte pela frente, mas o livro acaba aí. Antes de continuar, vale a pena a gente tentar levantar aqui alguns pontos. Qual é a sensação que vocês ficaram da vida de Brás Cubas? Uma vida bem-sucedida, ou uma vida sem sucesso?

ALUNOS: Uma vida vazia.

PROF. MONIR: Quais são as características da vida de Brás Cubas?

[O professor e os alunos fazem um levantamento:] Vazia. Sem rumo. Sem sentido. Sem objetivo. Sem sentimentos verdadeiros.

PROF. MONIR: Quem é a personagem literária que nós já vimos aqui que se parece mais com ele?

[O professor e os alunos fazem um levantamento:] O Fabrício é um pouco assim, o Charles Bovary...

PROF. MONIR: Vocês não acham a Moll Flanders parecida com isso? – uma pessoa que tem um horizonte de consciência muito baixo. Mas vejam, uma pessoa que é capaz de escrever todos esses comentários sobre si mesma, de fazer uma análise muito boa de si própria, não pode ser uma pessoa com um horizonte de consciência muito baixo. Na verdade, ele é as duas coisas. Qual é a condição para que ele tenha obtido o horizonte de consciência que tem enquanto narrador da história? A morte. Foi só com a morte que ele passou a ter consciência disso tudo, porque a vida que ele viveu era de uma inconsciência muito grande, uma vida de um horizonte de consciência baixíssimo. Uma vida de baixíssimo interesse pelas coisas.

Vocês sentem um ar lamentativo nesse final de existência? Qual é a sensação que vocês têm sobre o Brás Cubas?

ALUNA: Um sujeito frustrado.

PROF. MONIR: Que agora, morto, lida com essa frustração ironicamente. Ele faz piadas com isso, faz ironias com isso, sarcasmos, autogozoções, não é isso que ele faz?

ALUNO: Ele não é arrependido, não é?

PROF. MONIR: Não, acho que arrependido ele não é em nenhuma hipótese... e esse é um bom comentário, justamente a questão é saber o que Machado

pensa de tudo isso, em última análise. Por que é que ele nos disse tudo isso? Por que é que nos apresentou a vida de Brás Cubas?

Há dois pontos essenciais nessa história, que nós temos que entender agora. O primeiro é o ponto associado à própria estrutura da história: o que é que toda essa história quer nos contar? E o segundo ponto é um aspecto importantíssimo desse romance, cuja natureza vamos investigar. Mas vamos ao primeiro ponto antes.

Para entender o que o Machado pensa dessa história toda, eu transcrevi aqui o maior capítulo do livro, que é o capítulo VII, chamado O Delírio. Brás Cubas sofre um último delírio antes de morrer que está escrito aqui, no último parágrafo de uma parte do livro.

Antes de morrer, durante o seu delírio final, Brás Cubas resume a essência da sua crise existencial:

Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faça o eu, a ciência mo agradecerá. Se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais, pode saltar o capítulo; vá direto à narração.

PROF. MONIR: Isso acontece lá no início do livro; foi deslocado aqui para trás por razões didáticas.

Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos.

Primeiramente, tomei a figura de um barbeiro chinês, bojudo, destro, escanhoando um mandarim, que me pagava o trabalho com beliscões e confeitos: caprichos de mandarim.

PROF. MONIR: Destro aqui é no sentido de hábil, não no sentido de não ser canhoto.

Logo depois, senti me transformado na Suma Teológica de Santo Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; idéia esta que me deu ao corpo a mais completa imobilidade; e ainda agora me lembra que, sendo as minhas mãos os fechos do livro, e cruzando as eu sobre o ventre, alguém as descruzava (Virgília decerto), porque a atitude lhe dava a imagem de um defunto.

Ultimamente, restituído à forma humana, vi chegar um hipopótamo, que me arrebatou. Deixei me ir, calado, não sei se por medo ou confiança; mas, dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertiginosa, que me atrevi a interrogá-lo, e com alguma arte lhe disse que a viagem me parecia sem destino.

– Engana se – replicou o animal – nós vamos à origem dos séculos.

Insinuei que deveria ser muitíssimo longe; mas o hipopótamo não me entendeu ou não me ouviu, se é que não fingiu uma dessas coisas; e, perguntando lhe, visto que ele falava, se era descendente do cavalo de Aquiles ou da asna de Balaão, retorquiu me com um gesto peculiar a estes dois quadrúpedes: abanou as orelhas. Pela minha parte fechei os olhos e deixei me ir à ventura. Já agora não se me dá de confessar que sentia umas tais ou

quais cócegas de curiosidade, por saber onde ficava a margem dos séculos, se era tão misteriosa como a origem do Nilo, e sobretudo se valia alguma coisa mais ou menos do que a consumação dos mesmos séculos: reflexões de cérebro enfermo. Como ia de olhos fechados, não via o caminho; lembra-me só que a sensação de frio aumentava com a jornada, e que chegou uma ocasião em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos. Com efeito, abri os olhos e vi que o meu animal galopava numa planície branca de neve, com uma ou outra montanha de neve, vegetação de neve, e vários animais grandes e de neve. Tudo neve; chegava a gelar nos um sol de neve. Tentei falar, mas apenas pude grunhir esta pergunta ansiosa:

PROF. MONIR: Pensem numa coisa interessantíssima: como é que um carioca, em 1880, tinha a ideia do que era neve? Ele provavelmente não viu nem uma fotografia, embora já existisse fotografia – mas eram raras e difíceis. Ele teria dificuldades grandes de ver neve, a não ser na Europa. Não havia viagem para os Estados Unidos, só para a Europa, e pouquíssimas pessoas iam. Para um carioca popular, no Rio de Janeiro em 1880, a ideia de neve parecia uma abstração completa e total, não é?

ALUNA: Eu pensei no Lobo Neves. Faz parte desta paisagem.

– Onde estamos?

– Já passamos o Éden.

– Bem; paremos na tenda de Abraão.

– Mas se nós caminhamos para trás! – redarguiu motejando a minha cavalgada.

Fiquei vexado e aturdido. A jornada entrou a parecer me enfadonha e extravagante, o frio incômodo, a condução violenta, e o resultado impalpável. E depois – cogitações de enfermo –, dado que chegássemos ao fim indicado, não era impossível que os séculos, irritados com lhes devassarem a origem, me esmagassem entre as unhas, que deviam ser tão seculares como eles. Enquanto assim pensava, íamos devorando caminho, e a planície voava debaixo dos nossos pés, até que o animal estacou, e pude olhar mais tranquilamente em torno de mim. Olhar somente; nada vi, além da imensa brancura da neve, que desta vez invadira o próprio céu, até ali azul. Talvez, a espaços, me aparecia uma ou outra planta, enorme, brutesca, meneando ao vento as suas largas folhas. O silêncio daquela região era igual ao do sepulcro: dissera se que a vida das coisas ficara estúpida diante do homem.

Caiu do ar? destacou se da terra? Não sei; sei que um vulto imenso, uma figura de mulher me apareceu então, fitando me uns olhos rutilantes como o sol. Tudo nessa figura tinha a vastidão das formas selváticas, e tudo escapava à compreensão do olhar humano, porque os contornos perdiam se no ambiente, e o que parecia espesso era muita vez diáfano. Estupefato, não disse nada, não cheguei sequer a soltar um grito; mas, ao cabo de algum tempo, que foi breve, perguntei quem era e como se chamava: curiosidade de delírio.

– Chama me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga.

PROF. MONIR: “*Sou tua mãe e tua inimiga*”. Aqui há algo importantíssimo, que é a mesma noção que há no *Livro de Jó*, entre o Leviatã e o Behemoth: a natureza é ao mesmo tempo a nossa salvação e a nossa perdição. Portanto, a primeira coisa a fazer é parar de endeusar a natureza como fazem os am-

bientalistas porque se a natureza tem aspectos obviamente importantíssimos e que devem ser preservados, por outro a natureza tem toda a potência da morte... ela está na natureza, assim como a potência da vida. Machado já sabia isso nessa época. Nós desde então nos encarregamos de desaprender isso completamente. A natureza tem essas duas coisas, tem essa ambiguidade.

ALUNO: Esse hipopótamo não é o Behemoth?

PROF. MONIR: Pode ser que seja. O Machado de Assis tem ligações enormes com o *Livro de Jó*. Na Bíblia não está dito que o Behemoth é um hipopótamo, mas essa é a representação tradicional que se faz do Behemoth, como sendo um hipopótamo.

Ao ouvir esta última palavra recuei um pouco, tomado de susto. A figura soltou uma gargalhada, que produziu em torno de nós o efeito de um tufão; as plantas torceram-se e um longo gemido quebrou a mudez das coisas externas.

– Não te assustes – disse ela –, minha inimizade não mata; é sobretudo pela vida que se afirma. Vives: não quero outro flagelo.

– Vivo? Perguntei eu, enterrando as unhas nas mãos, como para certificar-me da existência.

– Sim, verme, tu vives. Não receies perder esse andrajo que é teu orgulho; provarás ainda, por algumas horas, o pão da dor e o vinho da miséria. Vives:

agora mesmo que ensandeceste, vives; e se a tua consciência reouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver.

Dizendo isso, a visão estendeu o braço, segurou me pelos cabelos e levantou me ao ar, como se fora uma pluma. Só então pude ver lhe de perto o rosto, que era enorme. Nada mais quieto; nenhuma contorção violenta, nenhuma expressão de ódio ou ferocidade; a feição única, geral, completa, era a da impassibilidade egoísta, a da eterna surdez, a da vontade imóvel. Raivas, se as tinha, ficavam encerradas no coração. Ao mesmo tempo, nesse rosto de expressão glacial, havia um ar de juventude, mescla de força e viço, diante do qual me sentia eu o mais débil e decrépito dos seres.

– Entendeste me? – disse ela, no fim de algum tempo de mútua contemplação.

– Não – respondi –; nem quero entender te; tu és absurda, tu és uma fábula. Estou sonhando, decerto, ou, se é verdade que enlouqueci, tu não passas de uma concepção de alienado, isto é, uma coisa vã, que a razão ausente não pode reger nem palpar. Natureza, tu? a Natureza que eu conheço é só mãe e não inimiga; não faz da vida um flagelo, nem, como tu, traz esse rosto indiferente, como o sepulcro. E por que Pandora?

– Porque levo na minha bolsa os bens e os males, e o maior de todos, a esperança, consolação dos homens. Tremes?

PROF. MONIR: Pandora é a Eva grega, uma criatura mitológica inventada pelos deuses numa espécie de trabalho em equipe. Cada deus sugeriu um pedaço da moça, e assim os deuses inventaram a mulher. Mandaram Pandora como presente para Epimeteu, irmão de Prometeu. O problema do Epi-

meteu é que, diferentemente do Prometeu – o sujeito que pensa antes de fazer (isso é o que a palavra “Prometeu” quer dizer) –, o Epimeteu é aquele sujeito que pensa depois que fez. E o Epimeteu, que não era nenhum grande planejador, não atendeu ao conselho sábio do seu próprio irmão, que lhe disse que não aceitasse nenhum presente dos deuses. Pandora então desce do Olimpo, magnificamente produzida, uma criatura perfeita como as mulheres soem ser. Vem com um jarro (“caixa de pandora” é uma má tradução. Na verdade não é caixa, a verdadeira expressão é “jarro de pandora”) que é entregue de presente para o Epimeteu. Epimeteu a aceita porque a acha muito bonita e porque não atentou para o conselho de seu irmão Prometeu. Quando recebe Pandora, aquele jarro é quebrado e todos os problemas humanos escapam daquele jarro, todas as angústias e dores humanas, exceto uma única coisa, que não escapa: a esperança. A esperança continua presa. E é assim que o ser humano se transformou numa criatura angustiada e pressionada pelos problemas da vida.

– Sim, o teu olhar fascina-me.

– Creio; eu não sou somente a vida; sou também a morte, e tu estás prestes a devolver-me o que te emprestei. Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada.

Quando esta palavra ecoou, como um trovão, naquele imenso vale, afigurou-se-me que era o último som que chegava a meus ouvidos; pareceu-me sentir a decomposição súbita de mim mesmo. Então encarei-a com olhos súplices, e pedi mais alguns anos.

– Pobre minuto! – exclamou. – Para que queres tu mais alguns instantes de

vida? Para devorar e seres devorado depois? Não estás farto do espetáculo e da luta? Conheces de sobejo tudo o que eu te deparei menos torpe ou menos aflitivo: o alvor do dia, a melancolia da tarde, a quietação da noite, os aspectos da terra, o sono, enfim, o maior benefício das minhas mãos. Que mais queres tu, sublime idiota?

– Viver somente, não te peço mais nada. Quem me pôs no coração este amor da vida, senão tu? e, se eu amo a vida, por que te hás de golpear a ti mesma, matando-me?

– Porque já não preciso de ti. Não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem é forte, jucundo, supõe trazer em si a eternidade, e traz a morte, e perece como o outro, mas o tempo subsiste. Egoísmo, dizes tu? Sim, egoísmo, não tenho outra lei. Egoísmo, conservação. A onça mata o novilho porque o raciocínio da onça é que ela deve viver, e se o novilho é tenro tanto melhor: eis o estatuto universal. Sobe e olha.

Isto dizendo, arrebatou me ao alto de uma montanha. Inclinei os olhos a uma das vertentes, e contemplei, durante um tempo largo, ao longe, através de um nevoeiro, uma coisa única. Imagina tu, leitor, uma redução dos séculos, e um desfilar de todos eles, as raças todas, todas as paixões, o tumulto dos impérios, a guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e das coisas. Tal era o espetáculo, acerbo e curioso espetáculo. A história do homem e da terra tinha assim uma imensidade que lhe não podiam dar a imaginação nem a ciência, porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, enquanto o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos. Para descrevê-la seria preciso fixar o relâmpago. Os séculos desfilavam num turbilhão, e, não obstante, porque os olhos do delírio são outros, eu via tudo o que passava

diante de mim – flagelos e delícias –, desde essa coisa que se chama glória até essa outra que se chama miséria, e via o amor multiplicando a miséria, e via a miséria agravando a debilidade. Aí vinham a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba, e a enxada e a pena, úmidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo, como um farrapo. Eram as formas várias de um mal que ora mordida a víscera, ora mordida o pensamento, e passeava eternamente as suas vestes de arlequim, em derredor da espécie humana. A dor cedia alguma vez, mas cedia à indiferença, que era um sono sem sonhos, ou ao prazer, que era uma dor bastarda. Então o homem, flagelado e rebelde, corria diante da fatalidade das coisas, atrás de uma figura nebulosa e esquivada, feita de retalhos, um retalho de impalpável, outro de improvável, outro de invisível, cosidos todos a ponto precário, com a agulha da imaginação; e essa figura – nada menos que a quimera da felicidade – ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava se apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao peito, e então ela ria, como um escárnio, e sumia-se, como uma ilusão.

Ao contemplar tanta calamidade não pude reter um grito de angústia, que Natureza ou Pandora escutou sem protestar nem rir; e não sei por que lei de transtorno cerebral, fui eu que me pus a rir – de um riso descompassado e idiota.

– Tens razão – disse eu – a coisa é divertida e vale a pena – talvez monótona, mas vale a pena. Quando Jó amaldiçoava o dia em que fora concebido, é porque lhe davam ganas de ver cá de cima o espetáculo. Vamos lá, Pandora, abre o ventre, e digere-me; a coisa é divertida, mas digere-me.

A resposta foi compelir me fortemente a olhar para baixo, e a ver os séculos que continuavam a passar, velozes e turbulentos, as gerações que se superpunham às gerações, umas tristes, como os Hebreus do cativo, outras alegres, como os devassos de Cômodo, e todas elas pontuais na sepultura. Quis fugir, mas uma força misteriosa me retinha os pés; então disse comigo: 'Bem, os séculos vão passando, chegará o meu, e passará também, até o último, que me dará a decifração da eternidade'. E fixei os olhos, e continuei a ver as idades, que vinham chegando e passando, já então tranquilo e resoluto, não sei até se alegre. Talvez alegre. Cada século trazia a sua porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas, de ideias novas, de novas ilusões; em cada um deles rebentavam as verduras de uma primavera, e amareleciam depois, para remoçar mais tarde. Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendário, fazia-se a história e a civilização, e o homem, nu e desarmado, armava-se e vestia-se, construía o tugúrio e o palácio, a rude aldeia e Tebas de cem portas, criava a ciência, que perscruta, e a arte que enleva, fazia-se orador, mecânico, filósofo, corria a face do globo, descia ao ventre da terra, subia à esfera das nuvens, colaborando assim na obra misteriosa, com que entretinha a necessidade da vida e a melancolia do desamparo. Meu olhar, enfiado e distraído, viu enfim chegar o século presente, e atrás dele os futuros. Aquele vinha ágil, destro, vibrante, cheio de si, um pouco difuso, audaz, sabedor, mas ao cabo tão miserável como os primeiros, e assim passou e assim passaram os outros, com a mesma rapidez e igual monotonia. Redobrei de atenção; fitei a vista; ia enfim ver o último – o último! mas então já a rapidez era tal, que escapava a toda a compreensão; ao pé dela o relâmpago seria um século. Talvez por isso entraram os objetos a trocarem-se; uns cresceram, outros minguaram, outros perderam-se no ambiente; um nevoeiro cobriu tudo – menos o hipopótamo

que ali me trouxera, e que aliás começou a diminuir, a diminuir, até ficar do tamanho de um gato. Encarei o bem; era o meu gato Sultão, que brincava à porta da alcova, com uma bola de papel... (pág. 48-49)

PROF. MONIR: Que maravilha, né? Que beleza. Qual é a característica predominante nesse delírio que vocês acabaram de ouvir? Qual é a conclusão, qual é o clima que parece decorrer dessa descrição que ele faz?

ALUNA: *[Faz comentário.]*

PROF. MONIR: Ele é levado para o encontro com a natureza e a natureza diz assim para ele: olha, você pensa que eu te dou a vida, mas eu te dou a morte. E aí então ele vai com ela para um lugar bem alto, e passam todos os séculos em revista, e ele só vê ilusões, ilusões e ilusões, acabando então na maior ilusão de todas, que é você ter percebido que aquele hipopótamo nada mais era do que o seu o pequeno gato, que você estava apenas sonhando, delirando que era aquilo tudo. Não parece a vocês uma postura absolutamente pessimista com relação à existência humana? Mas isso é o Machado de Assis, pessoal. Machado de Assis é totalmente compreendido por esse pequeno trecho. Esse capítulo sete das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, chamado O Delírio, é aquele que melhor faz a definição da psicologia, do modo de pensar o mundo do Machado de Assis. Machado de Assis é um adepto de Schopenhauer – um filósofo alemão que no século XVIII ou XIX escreveu um livro chamado *O Mundo como Vontade e Representação*, com a seguinte tese: o homem deseja. Porque o homem deseja, o homem sofre. Portanto, a existência humana é uma existência de sofrimento absoluto, completamente sem saída. É como se a existência humana fosse uma

existência que mistura apenas desejo e dor, não há nenhuma possibilidade de sair disso. Schopenhauer não é o melhor filósofo pra você começar a estudar filosofia, porque ele é um pouco desanimado com a vida humana. É um filósofo que você deve ler só depois de um certo tempo, porque ele é muito para baixo. E ele dizia então que a única maneira do ser humano se livrar da dor, do sofrimento, é não desejar mais. E foi buscar essas teorias no orientalismo, no budismo. Teve um momento em que ele se impressionou muito com o budismo, com aquela ideia da não-mente, do não-desejo, com a anulação do próprio eu, porque ele achava que ali é que havia alguma esperança para o ser humano. Ora, o que Pandora representa no sentido simbólico? Nós vimos quando estudamos a *Teogonia*. Pandora, assim como Eva, representa simbolicamente os desejos humanos. Eva e Pandora não representam o advento da mulher, elas não são a mulher no sentido genital da feminilidade. Elas representam um componente que todo o ser humano tem, o componente do desejo, que pode ter em si próprio uma dimensão ilegítima, embora tenha uma dimensão legítima. A dimensão ilegítima do desejo é que produz a contestação ontológica do ser humano, ou seja, a recusa em aceitar a existência do espírito acima da matéria. É essa rebelião metafísica que verdadeiramente produz o sofrimento humano, que é simbolicamente representada pela expulsão do paraíso. Quem quiser entender isso com toda a profundidade leia um escritor chamado Paul Diel, um psicanalista austríaco que acabou indo morar na França, circunstancialmente, e fez estudos maravilhosos sobre simbologia bíblica e grega. Ele tem essa tese do desejo ilegítimo. É um psicanalista dissidente da linha freudiana.

ALUNA: Como chama o livro?

PROF. MONIR: Têm vários. Os símbolos na bíblia, a simbologia na mitologia grega. Acho que em português tem *O Simbolismo na Mitologia Grega*. Agora, você encontra facilmente toda a obra em francês.

Voltando para o assunto, Schopenhauer é o sujeito que achava que a existência humana estava absolutamente condenada ao fracasso – o ser humano, não podendo deixar de desejar, passará a vida infeliz porque nunca terá as coisas que não tem. Portanto o estado humano é um estado de infelicidade sistemática, seja qual for – mesmo que os seus desejos não sejam muito grandes, mesmo que você tenha expectativas pequenas da vida, mesmo assim. Até pegar o ônibus, que está parando no ponto, às vezes você não consegue, o que é o cúmulo da frustração. Ou seja, a frustração é uma espécie de regra geral da vida. E se você não tem frustrações grandes, você automaticamente transforma as pequenas em grandes, porque começa a achar que ter perdido o sinal verde é uma tragédia incrível na sua vida. Já é caso para você se rebelar contra o mundo durante três dias. Você começa a achar que não ter a marca de cerveja que você queria no boteco é uma ofensa metafísica que fazem contra você. Você começa a achar que pequenas bobagens como essa têm algum valor, e você estará sempre infeliz porque essa é uma espécie de condição existencial humana que só poderia ser consertada se o homem deixasse de existir. Logo a vida humana é uma vida sem saída. É como se o tempo representasse um vórtice na direção da morte. É como se a vida fosse apenas um processo de apodrecimento sistemático. Essa é a visão schopenhauriana da vida; essa é a visão que Machado de Assis tem da vida.

Essa personagem chamada Brás Cubas é uma personagem schopenhauresca, se é que eu posso falar desse jeito, não é? Portanto é uma personagem mais do que machadiana. É uma personagem que revela toda a falta de es-

perança. No mito de Pandora ela é a única coisa que não foi liberada – a esperança não está livre, não está agindo – portanto se revela toda a falta de esperança e crença no destino da própria humanidade. Machado de Assis é isso, tem essa visão de mundo. Daí você entende facilmente porque ele é um sujeito irônico e cínico. Só as pessoas que são muito desesperançadas de alguma coisa têm a capacidade da ironia e do cinismo. Se você é um sujeito esperançado sobre algo, você nunca é cínico quanto a isso. É a desesperança que gera o cinismo, porque já que você não tem mesmo nada a perder, o que é que você faz? Você faz piadas, faz pouco da situação. Para um sujeito schopenhauriano como o Machado de Assis, a vida é um caso perdido. A vida é uma luta inviável, e a única coisa que você tem para fazer é rir dela. Como é que ele ri dela? Com ironias extraordinárias, fazendo piadinhas fantásticas, fazendo essas ironias que perpassam a obra toda a partir das *Memórias Póstumas*. A obra anterior é uma obra que beira a uma certa ingenuidade; ele ainda era muito jovem e talvez não tivesse tomado os baques da vida que o podem ter convencido da sua desesperança e inviabilidade existencial.

Mas, a partir desse livro, Machado de Assis passa a ser um sujeito de um pessimismo muito charmoso, *à la* Schopenhauer, que era uma influência importante na filosofia, na vida intelectual do tempo em que Machado de Assis existiu. Entre os livros da biblioteca do Machado de Assis, está lá a obra de Schopenhauer inteira. Ele leu tudo isso, Schopenhauer é uma das referências claríssimas de Machado de Assis. O que ele copiou do Laurence Stern e do Xavier de Maistre é muito mais a forma livre do conto, mas não há nesses dois autores o mesmo pessimismo existencial profundo de Machado de Assis. Muito bem, precisamos ter compreendido isso pra que eu possa ir

pra frente agora. Parece claro para vocês isso? Todos estão entendendo que há um profundo pessimismo em torno da personagem? Agora basta vocês relerem esse último trecho do delírio para compreender isso facilmente. Vocês verão que o que acontece ali é um sujeito que está percebendo, no final da vida, que nada pode ser salvo. Que não há redenção nenhuma. A vida humana, uma somatória de ilusões que acabam se concretizando na ilusão final, a própria ilusão do delírio – na verdade você não viu hipopótamo nenhum, você viu o seu próprio gato Sultão, que sempre esteve ali e não é nenhum hipopótamo, embora possa estar acima do peso. Não é isso? Vocês percebem na personagem de Brás Cubas esse sentimento de pessimismo profundo, terrível?

ALUNA: [*Faz comentário.*]

PROF. MONIR: É, ele é uma pessoa autodesvalorizada, descrente de qualquer coisa, de qualquer possibilidade. Chega ao final da história e dá graças a Deus por não ter tido filhos, porque assim não teve a incumbência de negar esse nada que é a vida para qualquer outra pessoa. Não fez nada, mas também nada importa; não teve que trabalhar, portanto sua vida foi muito boa. E ele então cínica e ironicamente conta isso para a gente depois de morto, já que não tem mais os constrangimentos naturais de alguém na sua posição social. Quem é que diz para você: “Olha, sou engenheiro, mas não sei nem projetar um galinheiro. Colei a faculdade inteira, não tenho a menor ideia desse negócio. Por favor, não me contrate de jeito nenhum”?

ALUNOS: [*Risos*]

PROF. MONIR: Ninguém fala isso para você em vida. Agora, depois que você tiver garantido o seu salário de aposentadoria, você pode muito bem falar isso para os seus amigos: “Olha, você não imagina quanto eu enganei todo o mundo, passei quarenta anos fingindo que era engenheiro. Todo o mundo acreditou! Ganhei prêmios, e tal”. Então aí você pode fazer uma coisa dessas.

Que o Machado de Assis é um pessimista, isso vocês poderiam ter imaginado e descoberto sozinhos; a personagem não deixa nenhuma margem para dúvida. Mas o que interessa é o que a gente vai descobrir daqui para frente, portanto é importante que vocês estejam felizes até agora com esse nosso raciocínio. Alguém vê na obra alguma contestação possível a essa interpretação do espírito geral da obra como sendo pessimista e schopenhauriana?

ALUNOS: [Comentários]

PROF. MONIR: Então é isso, descrença absoluta e total. A ideia do Schopenhauer é que a vida humana é essa luta impossível em direção a uma coisa que não pode ser realizada, que é a felicidade humana. Porque o homem sempre desejará, e por mais que ele deseje coisas minúsculas, como colocar duas cartas em pé de modo que elas não caiam, até mesmo um pequeno sopro de vento pode destruir essa minúscula felicidade de ter visto o seu pequeníssimo e minúsculo castelo de cartas ficar em pé. É por isso que ele diz aqui, cinicamente, que a felicidade é quando o número 13 vira 31, ou então, como naquele conto que eu contei para vocês, quando se compra um sapato novo. São todas maneiras ínfimas de se obter felicidade; o ser humano é esse pequeno pobre diabo que não é capaz da verdadeira felicidade, porque isso é impossível na medida em que o ser humano deseja alguma coisa. Esta é a filosofia de Schopenhauer e essa é a literatura de Machado de

Assis. Na sua maturidade, ele transforma a sua literatura nisso. É claro que ele nunca será isso exclusivamente, porque ele não escreveu uma obra para ilustrar a teoria do Schopenhauer. Mas ele não deixa de ser profundamente influenciado por isso e irá, junto com outras fontes, produzir uma mistura, uma espécie de síntese, na qual predomina esse pessimismo do Schopenhauer.

ALUNO: A Marcela tem um aspecto de morte, também.

PROF. MONIR: Todo o mundo morre, porque todos os projetos são infelizes. Morre a Marcela, a prostituta, que era bonita e ficou feia. Ela destruiu a sua existência, não é? Morre o Lobo Neves, morre o filho, o Quincas Borba, que era o filósofo. O que é o Quincas Borba? Apenas um palhaço. Primeiro um mendigo palhaço, depois um rico palhaço. Nada daquilo valia alguma coisa. Pior do que isso, Quincas Borba enlouquece completamente. A noiva, Eulália, morre antes do casamento.

ALUNA: *[Faz comentário sobre a alegria dele com a possibilidade de ter um filho.]*

PROF. MONIR: Brás Cubas estava se sentindo um homem com a possibilidade de ter um filho porque naquele momento ele ainda tinha a ilusão de que fazer outra pessoa era alguma coisa que valia a pena. No entanto, se por acaso o filho da Virgília tivesse nascido, ele o perderia de alguma outra maneira – na verdade, toda a proposição da obra é a perda. O sujeito está fazendo a contabilidade das perdas de uma vida inútil, que não teve nenhuma possibilidade de sucesso, que não tinha a potência do sucesso – não por ser a vida de Brás Cubas, mas por que essa é a vida humana típica, concreta, na

cosmovisão de alguém como Schopenhauer, e de alguém como Machado de Assis. Mas, na verdade, o sentido de estarmos aqui não é para explicar isso, porque essa não é uma aula sobre Machado de Assis – embora isso seja importante para entender o que vem daqui pra frente.

Quem é a personagem literária que faria um contraste magnífico com essa?

ALUNO: Dom Quixote.

PROF. MONIR: Na primeira parte do livro, não na segunda. Mas há uma outra, que me parece mais clara, que faz esse contraste no segundo livro, e não no primeiro.

ALUNO: Fausto.

PROF. MONIR: Fausto! Fausto é essa personagem. Fausto, no primeiro livro, é um sujeito velho que não encontra na ciência, nos estudos exotéricos/esotéricos, nenhuma solução pra vida. Aí resolve curtir a vida por sugestão do diabo, o Mefistófeles, que o convida para viver a vida intensamente. Ele se transforma em um menino, é remoçado, e aquele velho num corpo remoçado faz tanta bobagem que acaba gerando uma tragédia, matando uma família inteira. Mata a Gretchen, a sua namorada/amante, mata a mãe dela, com uma poção mal administrada, mata Valentin, o irmão dela, em um duelo ilegítimo, desonesto. E mata o filho que Gretchen teve e que causou a morte da Gretchen por execução judiciária. É assim que acaba o primeiro livro, tendo Fausto feito uma quantidade de bobagens extraordinárias.

No segundo livro, a personagem é completamente diferente. Começa logo de cara morando em outro lugar, sempre com Mefistófeles ao seu lado, tentando inventar um método para resolver o problema da economia de um certo país – claro que ele gera uma tremenda de uma inflação com aquilo.

Depois, não conseguindo fazer isso, ele tenta recuperar a antiguidade greco-romana pela recuperação da Helena de Troia. Também não consegue, mas traz para o mundo moderno alguns elementos antigos – quando a Helena de Troia vai embora, ela abandona simbolicamente alguns objetos. Aí ele se mete num empreendimento enorme de sanear o mar, de aterrar um pântano marítimo para fazer um loteamento de casas para todas as pessoas e vai indo assim, um projeto atrás do outro. A cada coisa dessas que ele inventa, ele dá uma errada também. Em cada um desses projetos tem um grande erro. Por exemplo, quando ele faz o grande projeto de controle das águas do mar e instala uma enorme quantidade de pessoas que não tinham casa, ele vai lá e, arbitrariamente, sem nenhum pudor, retira um casal de velhinhos da casa cuja localização ele queria pra si e os mata de susto. Não teve nenhum empreendimento que Fausto tenha feito no segundo livro que tenha sido isento de erro, de engano, de culpa. No final das contas, quando Fausto está à beira da morte, já com noventa anos, finalmente pronuncia as palavras que, de acordo com o diabo, lhe garantiriam a alma de Fausto: “Ora, para, sois tão bela!”. Essas são as palavras que Fausto não poderia pronunciar, pois ao pronunciá-las entregaria a sua alma ao diabo.

No final das coisas, quando todo o mundo espera que o diabo leve Fausto para o inferno, aparecem os anjos do céu e o carregam em glória para o céu. Fausto foi perdoado. Muito embora tenha vendido a alma para o diabo, o diabo não foi capaz de extorqui-la de fato. E por quê? Porque na visão de

Goethe, que é do mesmo século do Machado de Assis – Goethe é um pouco mais velho, eles têm uns sessenta, setenta anos de diferença concreta e real – a humanidade é composta de pessoas que erram o tempo todo e, portanto, a única possibilidade da existência humana é você fazer, mesmo errando. Para Goethe, o princípio da vida humana é você fazer, fazer e fazer, porque é fazendo que você se regenera, que se arrepende dos erros. Portanto, não há nenhuma saída a não ser fazer, fazer e fazer, mesmo sabendo que você irá errar. Esta ideia sobre a vida é o contraponto perfeito contra a filosofia do Schopenhauer. Schopenhauer nasceu em 1788. Goethe é um pouquinho anterior, mas eles são meio contemporâneos. Não o Machado de Assis, que é mais novo...

ALUNO: Trinta e nove anos, entre Goethe e Schopenhauer.

PROF. MONIR: As obras são muito próximas, não é? Goethe está na verdade querendo ser um anti-Schopenhauer, porque no fundo, no fundo, o que estava em questão ali é a questão da ação humana e da não-ação humana. É o pessimismo de Schopenhauer, que acha que nada pode ser feito, porque no fundo tudo é inútil, e o otimismo goethiano que acha que você vai pro céu, mesmo que você tenha feito pacto com o diabo. Mesmo que você seja um sujeito muito mal, ainda você vai pro céu, apesar disso. Ou seja, você tem capacidade de salvação mesmo sendo um crápula, basta que você tenha feito mais do que não feito. Ou seja, o que gera a perdição humana é a inação. É a brás cubice. É a omissão perante a vida, é a falta de ação humana, de que o Brás Cubas é um exemplo maravilhosamente claro, não é? É o cúmulo da falta de ação humana.

Não é que ele seja preguiçoso, ele é filosoficamente convicto de que nada é possível ser feito, de que tudo é inútil. Já o Doutor Fausto de Goethe, no último minuto da sua vida, acha que as criaturas espectrais cavando a sua sepultura são operários do projeto imobiliário que ele está fazendo. Até o último momento de vida Doutor Fausto está fazendo alguma coisa, porque para Goethe fazer alguma coisa é a única expectativa e possibilidade do ser humano. Ora, se você considera esse contraponto entre a atitude do Fausto e a atitude do Brás Cubas, um representando o Goethe e o outro, Schopenhauer, e considerando que há uma luta entre esses dois extremos, aí você entende um pouco melhor o problema da existência humana, que fica entre essas duas possibilidades.

O que você faz? Se omite, julgando prematuramente que nada vai dar certo, que tudo é impossível? Então jogamos a vida fora, que é a sensação que se tem do que aconteceu com Brás Cubas. Não parece que ele jogou a vida fora? Nem o emplasto ele conseguiu fazer! Ele não tinha problema de dinheiro, tinha trezentos contos. Não podia ter feito o emplasto? E fez? Não fez. Ou seja, era alguém que não conseguiu fazer absolutamente nada, porque era profundamente convicto da inviabilidade geral de todas as coisas.

Por outro lado, tem o sujeito que faz tudo o que pode, achando que é possível fazer alguma coisa, mesmo que seja pouco, e produzir algum efeito sobre essa vida. Pois é preciso que cada um escolha a vida que quiser. Estas são as duas possibilidades aparentes a partir dessa visão de Brás Cubas.

Mas o que é mais importante nessa história ainda não apareceu. O primeiro passo é compreender o pessimismo machadiano, o segundo é compreender que o pessimismo machadiano é schopenauriano e está em contrapo-

sição direta com a perspectiva de Goethe, explicada no *Fausto II*. Mas talvez o maior sentido dessa obra é que o Brás Cubas, e de certa forma também o Conselheiro Aires, são as duas personagens literárias brasileiras mais autênticas de todas. Talvez desse para colocar também o Paulo Honório, do *São Bernardo*, talvez. Há pouquíssimas personalidades literárias autênticas no Brasil. Porque a personagem literária brasileira é sempre um tipo de farsante, são todos, todos farsantes. Exceto meia dúzia, entre os quais esses três que mencionei aí. O que é interessantíssimo no Brás Cubas? É que o Brás Cubas está falando a verdade. Está sendo sincero com a sua própria vida. Não é assim? Ora, porque é que ele é capaz disso? Porque já morreu.

Porque é que o Conselheiro Aires é capaz de sinceridade? Porque é um aposentado, que não tem filhos, não tem parentes, não tem nada. É um sujeito sozinho no mundo, como alguém que está no meio do oceano sem ver nada além do horizonte em todas as direções, e que não tem nada mais a perder na vida. Conselheiro Aires é alguém que volta do serviço diplomático e fica na varanda da sua casa em Botafogo – numa casa de praia – e fica lá observando o mundo e fazendo uma autorreflexão sobre a sua própria vida. O Conselheiro Aires pode ser então sincero porque não tem mais nada a perder, ele não está mais envolvido na existência humana concreta, do dia a dia. E o Paulo Honório é sincero também, no *São Bernardo*, porque é o sujeito que deu tão errado na vida... Perdeu a mulher, que morreu, perdeu o sítio, que foi confiscado pelos credores, perdeu o respeito, perdeu todos os elementos que lhe dariam alguma sustentação existencial. Como ele não tem mais nada a perder, o Paulo Honório pode começar *São Bernardo* contando a verdadeira história do que aconteceu ali, sem ter medo de nenhuma repercussão, nenhuma opinião, nenhuma consequência.

As personagens literárias brasileiras são farsantes porque os brasileiros, de modo geral, são pessoas farsantes. Não estou aqui fazendo uma crítica, não é essa a ideia. Há, no Brasil, uma espécie de comportamento sociológico coletivo, que não dá para explicar com facilidade – nem sei bem porque é assim – mas que gera um clima predominante de aparências nas coisas, de conveniências. A ojeriza que o brasileiro tem a receber crítica de qualquer espécie que seja, levando todas as críticas para o âmbito pessoal, é prova disso. O sistema funciona assim: todo o mundo finge que não sabe que o outro é farsante. Veremos uma peça do Ionesco, chamada *O Rinoceronte*, em que vamos retornar a esse tema, mas o que interessa dizer aqui é que seria uma coisa assombrosa que na literatura brasileira tivesse tanta gente farsante sem que isso revelasse uma expressão da alma brasileira. Tem que ter uma ligação. Hugo von Hofmannsthal dizia que não há nada na política de um país que antes não tenha estado na sua literatura. Ou seja, se a literatura revela alguma coisa, é alguma coisa sobre a alma de determinada sociedade. E aí você tem aqui, na eloquência da exceção chamada *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a prova de que é muito difícil, aqui no Brasil, haver uma conversa sincera sobre as coisas e sobre a vida. Aliás, acho que uma das primeiras condições pra se ter pensamento filosófico é que você capacidade de ter sinceridade com você mesmo. Um dos exercícios filosóficos mais interessantes é contar para si mesmo a própria vida, com toda a sinceridade. Fazer aquilo que é conhecido por anamnese – uma entrevista que o médico faz com o paciente sobre a sua vida. Mas a anamnese é mais do que isso. Não é só uma técnica médica, mas também um processo de revisão da memória, que se faz em qualquer circunstância da vida.

O que há de notável nesse livro é o fato de que ele é uma confissão sincera de uma vida que foi jogada fora. Muito embora o próprio autor talvez

não tenha cem por cento da percepção de que a jogou fora. Ou seja, não podemos saber se Machado de Assis lamenta a vida de Brás Cubas profundamente, ou se lamenta o fato de ele ser muito schopenhauriano. Nunca saberemos de fato qual é exatamente a posição que o artista tem em relação à sua personagem na história. Você nunca pode saber isso de verdade, a não ser que o artista conte. Por exemplo, o Meursault, de *O Estrangeiro*, é alguém cujo comportamento Camus aprova ou desaprova? Às vezes é muito óbvio, mas de vez em quando a gente não sabe. O Brás Cubas é uma vida que vale a pena?

ALUNOS: É uma vida possível.

PROF. MONIR: Mas é uma vida desejável?

ALUNOS: Não.

PROF. MONIR: Isso também não parece que seja. Agora, se não é desejável, pode ser evitável? E aí não dá para saber mais, porque você não sabe o que o autor pensa sobre isso de fato. É muito provável que o Machado de Assis, pelo fato de que a visão pessimista é recorrente na sua obra, veja o mundo dentro dessa perspectiva de pessimismo, de incapacidade. Como se o Machado de Assis tivesse vivido naquele casamento com a Carolina a única coisa que fez sentido na sua existência. E o casamento o define, isso é fato biográfico. A morte de Carolina é a morte de Machado também. De alguma maneira, é como se ele não tivesse grandes perspectivas de vida. Para um pessimista como Schopenhauer, a vida é uma transição para a morte, a vida é composta só de duas coisas: de morte e de dor. Não tem mais nada que faça parte da vida, nada pode ser feito além disso. Um homem como esse

não tem muito para onde correr. A sua vida está prisioneira da sua inviabilidade existencial. É isso que o Brás Cubas tenta nos dizer em *O Delírio*, que é a chave do enigma para entender o livro. Tem que reler *O Delírio* para compreender esse aspecto de pessimismo. No entanto, o fato de que um brasileiro foi capaz de ser sincero, verdadeiramente sincero, já é um fato de uma notabilidade incrível, já tem muito mérito por si só. E isso me parece ser a maior de todas as contribuições dessa obra, ajudar a estranharmos a nós mesmos.

Ou seja, nos ajudar a ver nessa personagem aquilo que nós deveríamos ser sob o ponto de vista de atitude perante as coisas – não como concepção de mundo, mas atitude perante as coisas – e que de modo geral nós não somos. Este é um livro antibrasileiro, sob certo ponto de vista. Ele entra em contraste e em conflito com a nossa maneira de nos correspondermos com o mundo, mesmo que a nossa filosofia de vida seja mais associada à de Quincas Borba, que de alguma maneira é contrária ao Schopenhauer. Na verdade Quincas Borba tem no humanitismo a ideia de que todas as coisas vão dar triunfalmente certo no final, que no fundo é a concepção que Teilhard de Chardin fará com o seu evolucionismo. O evolucionismo que sai da pedra, que sai da bactéria, e acaba em Cristo. Esta ideia evolucionista do Chardin, que é uma ingenuidade, é exatamente o contrário da perspectiva do Schopenhauer. Compreendem que ele só botou o Quincas Borba para fazer esse contraste, para que nós percebêssemos que aí há um confronto e que desse confronto ele tem total consciência? O Brás Cubas tem total consciência do que estava acontecendo com ele no final de sua vida. E então depois que ele morre, ele tem total consciência da sua vida, ou seja, o horizonte de consciência do Brás Cubas aumenta dramaticamente e incrivelmente depois da sua morte. E se transforma em plenitude.

Por isso, talvez, o que esteja aí sendo dito pra nós, como última observação que me parece ser importante fazer, é que nós só temos horizonte de consciência sobre as coisas quando somos capazes de olhar a nossa vida sob a perspectiva da inexistência da nossa vida. Vou repetir: a nossa capacidade de ver a nossa vida tal qual como ela é só é possível a partir da perspectiva da morte (retórica, é claro - não é pra vocês se matarem, por favor).

Então, o que eu queria dizer é isso. A única possibilidade de aumentar o conhecimento da sua própria vida é olhar para ela de uma perspectiva de fora da sua própria vida. Ou seja, quando você puder olhar para você como o Brás Cubas olha, como alguém que está fazendo anamnese da sua existência. É o único jeito que tem de conseguir fazer isso. Logo, o que parece ser imprescindível para que possamos ser pessoas com maior grau de sinceridade com relação ao mundo é podermos lidar com o mundo como se não fizessemos parte dele. Como se a nossa existência estivesse pautada por uma dimensão cronológica que fosse muito maior do que a nossa vidinha material e concreta. Enquanto você olhar para a sua vida como uma junção de quarenta, cinquenta, sessenta, setenta anos, você não entende a sua própria vida. Ela só pode ser compreendida numa esfera supertemporal. É preciso olhar para a história como se você tivesse saído dela. E é essa incapacidade de olhar supertemporalmente para as coisas que nos transformou, nós brasileiros, em farsantes.

A farsa que nós vivemos aqui, esse clima de farsa, é um efeito colateral da nossa incapacidade de olharmos o mundo, a nossa vida, numa perspectiva que transcende o tamanho da nossa vida biológica. Toda a vez que você olhar para a sua própria vida de uma perspectiva menor ou igual ao tamanho da sua vida biológica, você terá uma incapacidade de entender de fato

o que está acontecendo e, portanto, a sua tendência para a farsa será muito maior. O que faz com que o horizonte de consciência aumente muito é você sair da perspectiva cronológica da sua existência. É, portanto, deixar de ser uma pessoa do seu tempo. Essa conversa de ser uma pessoa do seu tempo nada mais é do que uma espécie de provincianismo cronológico. Há um provincianismo geográfico, que é por exemplo achar que Ribeirão do Pinhal é o lugar mais incrível do planeta. O morador de Uberaba que acha que lá tem os prédios mais altos do Brasil nunca foi nem até Belo Horizonte, quanto mais a São Paulo. Há uma espécie de provincianismo topológico, que é geográfico, como se faz com Itu...¹¹, é você colocar um adesivo no carro “Eu amo Ribeirão do Pinhal”... Tudo bem, sem problema. Esse é um provincianismo engraçado, até. Mas tem um, muito pior do que todos, que é você achar que o seu momento é o momento mais importante da vida, que a sua existência é o clímax, o ápice da existência humana. É preciso você sair da linha do tempo para poder entender o tempo. É preciso você abandonar a sua perspectiva existencial, de setenta, oitenta, noventa, cem anos para entender a sua vida e, de fato, como você é. Portanto, só a partir de uma espécie de morte simbólica – vamos ver se vocês compreendem isso – só a partir de uma espécie de morte simbólica é que você é capaz de entender a sua vida real. Esse me parece ser o sentido principal que deveríamos levar para casa de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, não esquecendo a recomendação de lição de casa para vocês lerem todos os romances, pelo menos os romances e os contos. A obra inteira é grande, mas romances são sete ou oito só. Podem ler todos, inclusive aqueles da juventude.

11 Nota da revisora de transcrição: Itu é uma cidade do estado de São Paulo, conhecida como a cidade do exagero: as coisas de Itu teriam proporções maiores do que as dos outros lugares. Itu já foi a cidade mais rica do estado, tendo nela residido muitos barões do café e autoridades importantes do país. Fonte: Wikipédia.

ALUNO: *[Faz comentário sobre visão do brasileiro de Eduardo Gianotti da Fonseca.]*

PROF. MONIR: [...] quando o Sérgio Buarque de Holanda diz que o brasileiro é cordial, ele não está explicando o brasileiro, ele está apenas revelando uma característica do Brasil. Ele não está definindo o Brasil. É preciso que a gente consiga compreender o brasileiro ontologicamente, e este estudo ainda está por fazer. Mas por meio da grande literatura de Machado de Assis você consegue pegar pistas.

ALUNO: *[Continua o comentário sobre o Gianotti.]*

PROF. MONIR: Todos os ensaístas sobre o Brasil acabam caindo nos sintomas, porque ninguém é capaz de dar uma explicação espiritual. Como todo o mundo é materialista, o sujeito sempre irá procurar em algum materialismo a explicação para a alma brasileira. Quando você conseguir sair do mundo mental e ir para o mundo espiritual, você será capaz de descobrir então alguma coisa verdadeiramente.

(Resumo feito por José Monir Nasser. Os trechos citados são da edição *Memórias Póstumas de Brás Cubas* da Editora Autêntica, 1999, Belo Horizonte).

Os Noivos

de Alessandro Manzoni (1785 - 1873)

Transcrição da palestra do professor José Monir Nasser em Paranavaí, em 11/06/2010¹²

¹² Transcrição de Letícia Scheifer. Revisão da transcrição: Patrícia Nasser.

Os Noivos

Os Noivos é uma obra importantíssima, é o maior romance italiano já escrito até hoje, a maior obra italiana do gênero romance, não é? A maior obra italiana, de qualquer gênero literário que seja, é *A Divina Comédia*.

Há uma porção de comentários importantes a fazer sobre o autor e a sua época, que ajudam a explicar um pouquinho *Os Noivos* (*I Promessi Sposi*, em italiano). É uma obra associada às perturbações do século XIX. A Itália, em 1820, é dividida em oito reinados. A Itália, tal como a gente a conhece hoje em dia, é uma entidade do final do século XIX. Durante quase todo o século XIX a Itália foi uma reunião de pequenos reinos, ducados, principados... os reinos de cima todos submetidos ao Império Austro-Húngaro, sob influência austríaca. E o nosso autor, Alessandro Manzoni, é uma pessoa desse século. Ele viveu todas essas perturbações associadas com a unificação da Itália, da qual participou o famoso Garibaldi, que foi esse Garibaldi que andou por aqui no Brasil e se casou com uma brasileira chamada Anita. Ele não é brasileiro, não é nascido aqui. Veio pra cá fazer um ensaio da bagunça que iria promover na Itália, mais ou menos como um mercenário, queren-

do fazer uma experiência por aqui. E aí se envolveu em revoluções, na tal Revolução Farroupilha que houve no Sul do Brasil e depois voltou pra Itália, onde acabou sendo um dos artífices da unificação italiana, um assunto extremamente complexo que contou com inúmeros protagonistas, sendo que o mais importante de todos foi o Rei Vittorio Emanuele, o sujeito que acabou unificando a Itália e dando à Itália a forma que ela tem hoje. Isso só foi conseguido no final do século XIX.

A Itália e a Alemanha, mais ou menos na mesma época, foram os dois últimos países centrais da Europa a tomarem a forma nacional moderna. E Alessandro Manzoni esteve envolvido toda a sua vida nessa polêmica, foi um homem que andou tendo uma porção de atividades políticas. No final da vida, quase foi visto como um símbolo dessa Itália unificada porque era um sujeito extraordinário, interessantíssimo.

CRONOLOGIA

1395 Fundado por Gian Galeazzo Visconti o Ducado de Milão, que existiria até 1797 e seria governado por várias dinastias estrangeiras.

1554 No Ducado de Milão, começa domínio espanhol que iria até 1706.

1628 Começam os distúrbios da sucessão mantuana, episódio associado à guerra dos Trinta Anos (1608–1648). No dia 11 de novembro, sob o governo do espanhol Gonzalo Fernandez de Córdoba, acontecem, em Milão, graves distúrbios populares por falta de pão (carestia).

1630 O Norte da Itália é assolado por uma epidemia de peste que teria matado 280 mil pessoas.

1631 Com a vitória das pretensões francesas e derrota do Sacro Império Romano, acaba a guerra de sucessão mantuana.

1785 **Em 7 de março nasce em Milão Alessandro Francesco Tommaso Antonio Manzoni, filho do velho Pietro Manzoni, descendente de uma antiga família de Lecco, e de Giulia Beccaria, filha do famoso jurista Cesare Beccaria, um dos iluministas lombardos.** O verdadeiro pai de Alessandro teria sido Giovanni Verri, de uma família de notáveis, com quem Giulia teria tido uma aventura extraconjugal.

1792 Os pais de Alessandro se separam. A mãe se muda para Auteil, subúrbio aristocrático de Paris. Conforme as leis da época, Alessandro fica sob a guarda do pai e vai para colégios internos.

1801 Apesar de não aparentar grandes dotes intelectuais, escreve o surpreendente poema *Il Trionfo della Libertà*.

1805 Morre Pietro Manzoni. Alessandro muda-se para a casa de sua mãe na place Vendôme, onde frequenta os voltairianos salões parisienses. Giulia tem apenas quarenta e três anos e brilha na sociedade. Estabelece amizade com a viúva Sophie Condorcet e seu companheiro Claude Fauriel, secretário de Fouché.

1808 Casa-se pelo rito calvinista com Henriette Louise Blondel, filha de um banqueiro calvinista de Genebra.

- 1809 Compõe seu poema mitológico *Urania*.
- 1810 Sob a influência de padres jansenistas, retorna à igreja católica, quando sua mulher se converte por causa de acontecimento que julgou miraculoso. Dedicase a compor doze *Inni Sacri*, poemas religiosos, e um tratado sobre moral cristã (*Osservazioni sulla morale cattolica*), publicado em 1819.
- 1814 Sir Walter Scott (1771–1832), na Inglaterra, publica o primeiro romance histórico, *Waverley*. Manzoni lê Walter Scott com muito interesse.
- 1815 Pelo Congresso de Viena, a Itália é dividida em oito reinos, alguns deles controlados pela Áustria. Começa o *Risorgimento*, movimento difuso de unificação da Itália composto de facções divergentes e beligerantes (monarquistas, republicanos e carbonários).
- 1818 Vítima de um desfalque, Manzoni tem de vender a herança paterna. Trata seus camponeses com generosidade, perdendo dívidas e presenteando os com a safra prestes a ser colhida.
- 1820 Manzoni publica a tragédia em verso *Il Conti di Carmagnola* que violou as regras clássicas e sofreu ataques da crítica. Goethe gostou e a defendeu, chamando a de “genial”.
- 1821 Morre Napoleão em Santa Helena. Manzoni escreve, em sua homenagem, *Il cinque maggio*. Começa a escrever *Fermo e Lucia*, versão inicial de *Os Noivos*, que não publicaria em vida.

- 1822 Manzoni publica *Adelchi*, sua segunda tragédia.
- 1823 Escreve *Sul Romanticismo*, um ensaio em que defende a incompatibilidade do gênero ficcional com o gênero histórico.
- 1827 Publicada com forte influência lombarda a obra *Os Noivos (I Promessi Sposi: Storia Milanese del Secolo XVII)*. Esta edição é conhecida como *Ventisettana*. Manzoni envia cópia a Goethe com dedicatória.
- 1833 Morre Henriette no Natal. Manzoni escreveria o poema *Il Natale de 1833*. Em seguida morrerão alguns de seus filhos e Giulia.
- 1837 Alessandro Manzoni casa-se de novo com Teresa Born, viúva do Conde Stampa-Borri.
- 1840 Manzoni republica, durante dois anos, em capítulos, *Os Noivos* no estilo linguístico toscano e cria o que é geralmente aceito como o modelo estilístico do italiano moderno. Esta edição é conhecida como *La Quarantana*. Manzoni não mais escreveria literatura ficcional.
- 1859 Uma coalizão de reinos italianos liderados pela Sardenha, auxiliados pela França, derrotam a Áustria e preparam a unificação da Itália.
- 1860 Estabelecida por Vittorio Emanuele II, da casa de Sabóia, e pelo Conde Cavour o modelo de unificação da Itália, às expensas das pretensões dos grupos de Mazzini e de Garibaldi. A Itália toma aproximadamente a forma atual.

1861 Morre Teresa Born. Alessandro é nomeado senador, cargo que nunca conseguiu assumir.

1862 Manzoni é nomeado presidente da comissão para unificação da língua italiana.

1866 Veneza é incorporada à Itália.

1870 Com a incorporação de Roma, que se transformou em capital do país unificado, Manzoni recebe o título de cidadão romano.

1873 Morre seu filho mais velho, Pier Luigi, no dia 28 de abril. Profundamente abalado, **Alessandro Manzoni morre em Milão no dia 22 de maio, com 88 anos, vítima de uma queda na saída da igreja. Apenas dois dos nove filhos de dois casamentos sobreviveriam ao pai.**

1874 O compositor Giuseppe Verdi compõe seu Réquiem para Manzoni, cujas primeiras audições foram dirigidas pelo compositor – pela manhã na igreja de São Marcos e à noite no teatro Scala – no dia do primeiro aniversário de morte de Manzoni. A peça é, às vezes, chamada *Réquiem “Manzoni”*.

1929 Pelo tratado de Latrão (Mussolini e o Papa Pio XI), consolida-se o estado italiano moderno, com a transformação dos estados pontifícios no moderno Vaticano.

1952 Benedetto Croce, no *Spettatore Italiano* chama o livro de “obra-prima da humanidade”.

Manzoni tem uma biografia muito estranha. Ele teria sido filho de um outro homem que não o pai oficial que ele tem. A mãe dele era uma pessoa muito conhecida, filha do famoso jurista Cesare Beccaria, que escreveu uma obra que até hoje os estudantes de Direito estudam, chamada *Dos Delitos e das Penas*. Manzoni seria filho ilegítimo de um nobre italiano, enfim, isso também não tem grande importância... a verdade é que ele passou a vida dividido entre política e literatura.

Ele não escreveu muito e, do que escreveu, seguramente *Os Noivos* é a maior obra. Fez um pouquinho de teatro, sem grande qualidade, fez um pouquinho de poesia, sem grande qualidade. No entanto, de excepcional qualidade é o romance *Os Noivos*, o único romance que ele escreveu em vida.

Imaginem um país que estava ainda dividido em regiões. Até hoje isso é assim... Eu tenho um amigo que é italiano, e para todo o mundo que pergunta pra ele se ele é italiano, ele fala: "*No, io sono romano*"... Quer dizer, eles não aceitam a generalização, na Itália ainda se resiste ao termo genérico "italiano" até hoje. A gente não percebe isso, tanto é que temos uma imagem da Itália unificada, mas na Itália eles falam dialetos, uma língua que difere de região em região.

Alessandro Manzoni, ao fazer esse romance, fez duas versões. Aqui no Brasil tem as duas pra vender, e são ligeiramente diferentes. Ele fez a primeira versão num dialeto e em seguida, na segunda versão, alguns anos depois – alguma coisa como doze, catorze anos depois – introduz algumas variações de modo de falar, que acabaram constituindo o italiano moderno. Isso que nós chamamos de italiano moderno foi mais ou menos estabelecido no corpo da obra *Os Noivos*, por isso essa obra tem uma importância gigantesca

na Itália. Todo o estudante secundarista na Itália tem que ler *Os Noivos*, por isso é que há certa implicância com a obra lá. Acontece a mesma coisa que acontece aqui – botar crianças pra ler *Os Sertões*, por exemplo, que é um livro ilegível na sua primeira parte, e que não é pra ler mesmo de verdade... Você tem que pular toda aquela parte de descrição fisiogeológica, porque aquilo lá não dá pra ler mesmo, é muito chato mesmo. A não ser que você seja uma pessoa técnica, você não tem a menor condição de entender o que ele de fato ele está dizendo. Afinal aquelas referências todas de natureza, de geologia, de agricultura, são todas referências ilegíveis e não fazem nenhum sentido para um leigo. A primeira parte de *Os Sertões*, portanto, é um livro que não vale a pena ler. Em vez de pular logo essa parte, obrigam a ler tudo e aí se cria um horror pela obra. Na sua parte ficcional, ou melhor, na sua parte dramática, em que relata os acontecimentos ligados ao Antônio Conselheiro, é um livro muito bom, extraordinário, vale a pena ler. Mas a primeira parte de fato é muito chata. E no caso de *Os Noivos*, não há nenhuma comparação... é um livro agradabilíssimo, perto de *Os Sertões*. No entanto, pelo fato de ser leitura obrigatória... como tudo que é obrigado, é sempre um problema. A melhor atitude que há com relação à leitura é você gostar, é você querer ler o livro que você está lendo. Então o fato de obrigarem o livro na Itália criou também em torno de *Os Noivos* uma certa má vontade por parte da juventude... aquele livro que todo o mundo é obrigado a ler, e não tem vontade de ler. E é por isso que muita gente não aproveita totalmente o valor do livro, o conteúdo do livro, que é magnífico, maravilhoso.

Manzoni tornou-se uma pessoa tão importante na história da Itália que quando ele morreu, logo em seguida o Giuseppe Verdi, compositor italiano erudito, escreveu um réquiem (um dos mais bonitos que existem, na minha opinião) e teria dito que o escreveu especialmente para o Alessandro Man-

zoni. O Réquiem de Verdi é chamado frequentemente de Réquiem Manzoni, tanta é a importância que Manzoni teve no século XIX. Ele é um indivíduo do século XIX numa Itália em formação, numa Itália em organização, depois de muitos e muitos anos de fragmentação. Essa é a história, digamos, o mundo em que Manzoni viveu. E Manzoni esteve, obviamente, envolvido o tempo todo com o problema da unificação italiana. E como é que o Manzoni lidou com isso? Bom, ele não foi um carbonário. Os carbonários são um grupo de ativistas de estilo maçônico que lutavam a favor da unificação, às vezes com violência. Ele não foi um propagador da luta armada, enfim, ele foi um desses sujeitos que achavam que a unificação viria naturalmente, normalmente, se eles fossem inteligentes ao ponto de fazer ligações, associações, como foi feito na Alemanha, que resolveu isso muito bem. A Alemanha tinha a mesma situação e criou um negócio chamado *Zollverein*, que é a unificação alfandegária. Aí todos os produtos e serviços daqueles paísecos alemães que havia ali (assim como na Itália), aqueles pequenos reinados, passaram a ter uma isenção tarifária, passaram a estarem subordinados ao mesmo regime tarifário e, a partir da unificação econômica, unificaram politicamente a Alemanha.

Manzoni queria alguma coisa deste tipo também para a Itália, era um homem muito sofisticado. A mãe dele era uma dessas mulheres deslumbrantes da sociedade, aquela mulher que num dado momento da sua vida é considerada a mais desejável, a mais cobiçada da sociedade. E ela se separou do pai do Manzoni, mesmo porque havia provavelmente ali uma certa prática de infidelidade, ao que tudo indica, e foi morar em Paris. Ele ficou com o pai porque pela lei italiana o pai tinha o direito de mantê-lo e, quando o pai morre, ele vai então para Paris, onde sua mãe dava umas festas maravilhosas. Ela tinha um apartamento na *Place Vendôme*. É uma praça maravilhosa,

no centro de Paris, cercada das joalherias mais caras do mundo. Já naquela época era um lugar riquíssimo...

Manzoni, ao contrário do que podia parecer, não desenvolveu os traços de personalidade da sua mãe. Tornou-se um sujeito absolutamente generoso. Teve um dado momento da vida em que uma pessoa que cuidava dos negócios da sua herança deu um golpe nele e ele ficou sem nada, teve que vender as propriedades e entregou a safra para os camponeses. Todos os atos de grandeza pessoal que você puder imaginar, o Alessandro Manzoni fez. Tratava-se de uma pessoa especialíssima. E escreveu um livro que é um monumento de grandeza humana chamado *Os Noivos*, que é esse livro que eu tenho muito prazer de ler com vocês hoje aqui. Voltando ao que estava falando, *Os Noivos* representa uma contribuição de Alessandro Manzoni para o problema da unificação da Itália.

A história que é contada em *Os Noivos* é a história de um casal, de dois jovens, um rapaz chamado Renzo, e de uma menina chamada Lúcia, dois jovens que só querem uma única coisa na vida: eles querem casar um com o outro. Eles não querem muito, né, porque afinal o objetivo de casar... parece a vocês uma pretensão muito grande, muito exigente na vida? Parece que não, né? Não é de todos os objetivos humanos o mais difícil... tanto é assim que a maioria das pessoas são casadas, incluindo nessa maioria os pobres. Os pobres casam também, não parece ser algo fora do alcance humano, parece? Eles não querem ser presidentes da ONU, ninguém quer ser dono do *Empire State*, ela não quer casar com o Tom Cruise e ele com a Angelina Jolie. Eles querem casar um com o outro.

São dois jovens que moram lá numa vilazinha, numa região da Itália, e trabalham com seda. A localização dessa história é a região de Milão, que é a região responsável pela produção de seda na Itália – como Lyon está para a França, Milão está para a Itália. É onde estão as grandes tecelagens, e onde estão as duas grandes indústrias de moda do mundo. As referências de moda no mundo são em Milão e Paris justamente por causa da proximidade com a produção das matérias-primas.

E esses dois aí são dois funcionários de uma tecelagem, portanto são dois operários, e estão querendo casar um com o outro. É por aí que a história toda começa. No entanto, essa região onde eles moram, esse pedacinho da Itália, não é independente. Por força daquela situação que eu contei a vocês, a Itália tendo sido dividida em oito reinos, cada um desses reinos era dirigido por um aristocrata, por um nobre. Mas as pessoas das famílias nobres se casam com outros nobres, até para a preservação da nobilidade. E como eles casam com outros nobres, às vezes esses casamentos são feitos com nobres de outros países. E as famílias começam a se associar internacionalmente. Está cheio de exemplos assim: a Maria Antonieta, mulher de Luís XVI, era austríaca, não era francesa. E aqui a família real brasileira, a família Bragança, está associada à família Bourbon, que é francesa. A cidade de Joinville, por exemplo, se chama Joinville porque uma das irmãs do Dom Pedro II, chamada Dona Francisca, casou com o Príncipe de Joinville, que é um príncipe da família Bourbon francesa. E o Príncipe de Joinville recebeu como dote aquela região lá onde é Joinville, em Santa Catarina. Na época desses acontecimentos ocorrem aqueles distúrbios europeus de 1848... Joinville foi fundada no dia 9 de março de 1851 e em 1848 houve aqueles distúrbios enormes que acabaram com o que havia de nobreza na França. O Príncipe de Joinville teve que sair correndo, fugido – já era casado com a

Dona Francisca. Teve que vender aquela gleba que tinha aqui no Brasil para um sujeito chamado Schroeder, que loteou aquilo e vendeu para alemães que foram povoar Joinville. O Príncipe de Joinville nunca esteve em Joinville, mas a origem da cidade está ligada a essa associação entre a família real brasileira e a família real francesa.

Por força de um casamento desses, o reino onde acontece a história na Itália era governado pelos espanhóis da família dos Filipes. Filipe II tinha sido o maior de todos os governantes espanhóis no tempo em que a Espanha teve o seu maior poder relativo, em que dominou todo o Mediterrâneo, no século XVI. Depois disso a Espanha teve Filipe III, Filipe IV, etc., todos eles abaixo do valor e da importância de Filipe II.

E isso tudo é absolutamente histórico. Aliás, é preciso que eu não me esqueça de contar a vocês que o subgênero do romance *Os Noivos* é romance histórico. O que é um romance histórico? É o tipo de romance que foi inventado por um inglês chamado Walter Scott, todo o mundo o conhece? Ele escreveu aquele famoso romance que aqui no Brasil a gente chama de *Ivanhoé*, mas que na verdade é *Ivanhoe*... quem tem uma certa idade já, lembra que tinha o seriado do Ivanhoé na televisão, não tinha quem perdesse... em preto e branco, ainda. Pois o Ivanhoé é uma personagem de Walter Scott. Foi ele quem inventou essa ideia de pegar situações históricas reais e criar um enredo fictício. O Ivanhoe existiu, as circunstâncias políticas que ele viveu existiram, agora é claro que o romance que ele tem lá com a fulana, que é atrapalhado pelo beltrano, isso tudo é invenção do artista. Compreenderam? Portanto, os romances históricos são um pouco perigosos, porque é preciso você aprender a distinguir o que ali é relato verdadeiro do que é apenas uma romantização.

E o romance *Os Noivos* é um romance histórico na medida em que ele relata fatos reais, que de fato aconteceram na história da Itália. E nesse momento aqui, no reino em que a história se passa, o governante é um espanhol. O rei não mora lá, porque fica em Madri (o governante é Filipe IV) e tem um preposto que mora lá. Só que junto com esse preposto vieram uma porção de nobres espanhóis, e alguns são muito maus. E entre esses nobres maus, está um fulano chamado Rodrigo, que está pessoalmente interessado em evitar o casamento de Renzo e Lúcia. Mas por que ele está querendo evitar o casamento de Renzo e Lúcia? Por uma absoluta e total futilidade: ele fez uma aposta com outro nobre de que ele iria conquistar a moça até tal dia. Não porque ele tivesse interesse especial na moça, mas porque ele queria apenas ganhar a aposta. Ou seja, não poderia haver nada mais fútil, porque se ao menos ele amasse a moça, tivesse verdadeiro desejo pela moça, teria ainda alguma, digamos, legitimidade o que ele fará para atrapalhar o casamento. Mas não, ele é apenas um sujeito fútil querendo atrapalhar o casamento dos dois.

Então o quadro é muito simples: trata-se da Itália, e a história se passa muito antes da época de Manzoni. Ele vai lá pra trás, no século XVII, e sua motivação é, digamos, nacionalista no sentido manzoniano da palavra – ou seja, ele não está propondo nenhuma espécie de rebelião, ele está propondo apenas que haja uma unificação dos interesses italianos pra que haja um país chamado Itália, coisa que não existe nem no tempo da história de Renzo e Lúcia e nem no tempo em que Manzoni está vivo, duzentos anos depois. E ele usa os acontecimentos verdadeiros e reais daquela época pra contar uma história fascinante, uma história que influenciou centenas de outros escritores e toda uma geração, ou duas, ou três, de italianos. Há ainda hoje

um eco enorme dessa história na cultura moderna italiana. Portanto é uma obra de grande impacto social e intelectual e cultural, sobretudo.

As duas personagens centrais são duas pessoas simples. Os dois trabalham numa tecelagem de seda, portanto são operários. Eles não têm nada na vida a não ser o desejo de casar um com outro. São pessoas jovens. E nós vamos então entender então o que vai acontecer na história, se vocês estiverem satisfeitos por enquanto com a nossa apresentação. Que tal, podemos ir em frente?

RESUMO DA NARRATIVA

Publicado definitivamente, em capítulos, entre 1840 e 1842,

PROF. MONIR: Na época em que o Manzoni escreveu esse livro era muito comum a publicação do livro no jornal. Não tinha novela na televisão, então tinha novela no jornal. Um livro era publicado uma vez por semana, em capítulos, e as pessoas compravam o jornal rigorosamente, para poder ter a continuação da história. Aqui no Brasil também era assim: houve livros do Machado de Assis que foram publicados desse jeito. Depois que acabava de publicar a história inteira, saía em livro. Isso era comum. Na França era comuníssimo fazer isso, publicar o livro em capítulos nos jornais antes de ir para as livrarias. A segunda versão é a que foi usada para fazer este resumo.

único romance e a obra maior de Alessandro Manzoni, o livro *Os Noivos* (*I Promessi Sposi*) representa a vanguarda literária de sua época, seguindo a trilha então recém-aberta pelo britânico Sir Walter Scott que havia criado o subgênero “romance histórico” com seu *Waverley*.

PROF. MONIR: O primeiro livro importante do Scott é esse, *Waverley*. Ele depois escreverá a sua maior obra – uma obra enorme, gigantesca, com sete ou oito volumes, contando a biografia de Napoleão, com alguns problemas de verossimilhança. É o problema do romance histórico: nem sempre consegue ser completamente fiel.

A trama retrocede duzentos anos, quando o Ducado de Milão, então sob domínio espanhol, envolve-se na guerra de sucessão mantuana, reino contíguo.

PROF. MONIR: Compreenda-se domínio espanhol não porque a Espanha tenha conquistado o Ducado de Milão, mas porque o rei da Espanha era herdeiro do Ducado de Milão. Por razões familiares, por tramas familiares, ele era o herdeiro. A palavra “mantuana” é relativa à região da Itália cuja capital é *Mantova* – aqui nós chamamos de Mântua.

Os fatos históricos são reais e precisos, incluída a peste cuja impressionante descrição eternizou a obra que alia ao clima trágico inigualável humor cervantino que deságua na mais pura “comédia” no sentido dantesco.

PROF. MONIR: Às vezes, né? Nem sempre. A obra, portanto, é de grande dimensão literária, independentemente de qualquer coisa, é uma obra literariamente muito importante.

Na história, as personagens principais, Lorenzo (Renzo) Tramaglino e Lúcia Mondella, fiandeiros de seda, pretendem se casar, mas são impedidos por um sem número de obstáculos e atos do destino. O cenário geográfico é a região setentrional do Ducado de Milão, que incluía o burgo Lecco, de onde a família do pai civil de Manzoni era originário.

PROF. MONIR: Aquele pai que está na certidão de nascimento de Manzoni, porque ele teria na verdade um pai biológico diferente daquele oficial.

A forma da obra é o modelo de beleza e estilo da língua italiana. Segundo muitos, *Os Noivos* é o único grande romance italiano do século XIX e incentivou a resistência contra o domínio austríaco que impedia a unificação italiana, feito que Manzoni viu com vida.

PROF. MONIR: O maior de todos os empecilhos da unificação italiana era o fato de que toda aquela região norte da Itália era dominada pelo Império Austro-Húngaro, tanto é que as cidades do Norte da Itália todas têm nomes alemães também. Por exemplo, Veneza é *Venedig*, Milão é *Miland*. Então você tem nomes alemães que são usados até hoje no mundo para as cidades do Norte da Itália. Eram todas cidades que estiveram sob o domínio austro-húngaro, portanto austríaco. Não foi preciso esperar a queda desse império (o que aconteceu na I Guerra Mundial, em 1917) para que isso pudesse se resolver. Já no final do século XIX, depois de muita encrenca, houve finalmente a reintegração do território italiano. Manzoni viu isso e morreu em seguida, em 1873. E a unificação da Itália é mais ou menos em 1870, por aí.

A trama de *Os Noivos* teria sido inspirada num manuscrito anônimo do século XVII. Benedetto Croce dele disse ser “uma obra-prima de toda a humanidade” e Otto Maria Carpeaux disse que se trata do “*maior romance histórico que já se escreveu*”.

PROF. MONIR: Tendo em vista a concorrência de Walter Scott, por exemplo, e vindo de quem vem esse elogio, eu acho que é um elogio que merece muita consideração.

Os Noivos então é essa a história, dos esposos prometidos. O conceito de noivo é esse, prometer o casamento ao outro. A nossa história passa-se em 1600 e alguma coisa, no Ducado de Milão, que era dirigido por um espanhol, em uma cidade muito pequena.

O narrador começa a situar o leitor na geografia das povoações do Ducado de Milão¹³

PROF. MONIR: Olhem como durou isso, pessoal, quatrocentos anos. Durante quatrocentos anos a região de Milão foi um país autônomo da Itália. É uma enormidade de tempo, né? Aí em 1797 passou para o domínio do Império Austro-Húngaro. Quer dizer, já era Itália muito antes da unificação. O verdadeiro dirigente do Ducado de Milão é Filipe IV da Espanha, da linhagem dos Filipes.

que acompanham as margens do lago de Como, de que Lecco é *"o burgo mais populoso, prestes a se tornar cidade"*.

Quando ocorreram os fatos que nos dispomos a narrar, essa povoação era também um castelo e agraciada, portanto, com a honra de hospedar um

13 Nota do resumidor – O Ducado de Milão, que existiu de 1395 a 1797 passou por diversos domínios estrangeiros, entre eles o dos Filipes de Espanha, entre 1554 e 1706. No momento da trama, reina na Espanha Filipe IV (1605-1665), representado em Milão pelo governador Gonzalo Fernandez de Córdoba.

comandante, e a vantagem de possuir uma guarnição fixa de soldados espanhóis dados a cortejar as mulheres e as moças, a espancar os pais e os maridos, a depredar os vinhedos, aliviando assim aos campônios as fadigas da vindima. (pág. 15)

PROF. MONIR: Essa é ironia de Mazoni. Estragar os vinhedos de modo que não é preciso fazer a colheita, não é? Porque não tem o que colher.

Por uma das estradas da região vinha, na tarde de 7 de novembro de 1628, o cura local, Padre Abbondio¹⁴,

PROF. MONIR: Em português só quem tem o direito de chamar “dom” é quem tem uma dessas quatro condições: o bispo, o arcebispo, os descendentes das casas reais portuguesa e brasileira, os monges beneditinos e personagens consagrados como Don Juan –, só. “Dom”, portanto, não é como na Itália. Então quando você diz “Dom Bosco”, por exemplo, em português não faz nenhum sentido – é em italiano que se chama os padres de “dom”. Aqui “Dom Bosco”, traduzido corretamente, seria “Padre Bosco”. Quando a gente traz da Itália “Dom Bosco” e continua com “Dom Bosco”, nós estamos promovendo o Padre Bosco a bispo sem que ele tenha sido informado dis-

14 Nota do resumidor – Como é comum no Brasil, a tradução confunde os diversos critérios nacionais para o uso do título honorífico “dom” (do latim “dominum”). Segundo Napoleão Mendes de Almeida, em português só se chamam “dom” o bispo, o arcebispo, os descendentes das casas reais portuguesa e brasileira, os monges beneditinos e personagens consagrados como “Don Juan”. Em italiano “Don” é atributo de padres em geral e em espanhol equivale ao nosso “senhor”. No texto resumido foram portanto corrigidos os enganos, o que gera discrepância com os extratos em itálico que foram mantidos no original.

so, vocês compreendem que nós estamos promovendo o homem a bispo? Porque em português o bispo é “dom”, mas o padre não é. Já na Itália todo padre se chama “dom”.

(...) Padre Abbondio, dirigindo-se à casa paroquial com um olho na paisagem, outro no breviário. Em um cruzamento, é abordado por dois sicários, malfeitores a serviço do fidalgo Rodrigo, um tiranete local. Apesar de proscrito formalmente, o uso de capangas era comum naqueles tempos. Sem poder se desviar da dupla, o cura é confrontado com as seguintes ordens:

– Senhor cura – disse um deles, encarando-o com jeito decidido.

– Que manda? – redargüiu Dom Abbondio, tirando os olhos do livro que lhe ficou aberto nas mãos, como numa estante.

PROF. MONIR: O Dom Abbondio aí então é Padre Abbondio, só que o tradutor não sabe, então manteve a forma errada do italiano. Não traduziu “dom” para “padre”. Compreenderam, né? Por isso que tem sempre essa diferença.

– O senhor tenciona – prosseguiu o outro, com o ar ameaçador e colérico de quem surpreende um subalterno prestes a cometer uma indignidade – o senhor tenciona casar, amanhã, Renzo Tramaglino e Lúcia Mondella...

– Isto é... – protestou o cura, com voz trêmula – isto é... Os senhores são homens de sociedade; sabem como ocorrem essas coisas. O cura nada tem com isso... Os namorados fazem as suas mixórdias e depois procuram o padre, como quem vai receber dinheiro ao banco. E nós... nós somos servidores da comuna.

– Pois bem – cochichou-lhe o capanga ao ouvido, em tom grave e autoritário.

– Esse casamento não se realizará; nem amanhã nem nunca. (pág. 17)

PROF. MONIR: Pronto. Taí o impasse. O padre combinou de casar o Renzo e a Lúcia no dia seguinte, mas apareceu agora esse malfeitor lá, um capanga, um gângster, proibindo o padre de casar os dois. Qual é a obrigação do padre?

ALUNOS: Casá-los.

PROF. MONIR: Dizer assim: “Olha meu amigo, eu sinto muito, mas quem manda aqui é a Igreja, eu sou o representante, portanto se eles querem casar, eu caso”. Mas o Dom Abbondio, o Padre Abbondio, infelizmente não tem essa atitude. Vocês verão que se trata de uma personagem de excepcional e extraordinária covardia. Uma das personagens mais covardes da literatura de todos os tempos. Esse Padre Abbondio, que tem a vantagem de ser engraçado, é o covarde engraçado (pelo menos tem isso, né), agora vai ficar na dúvida se casa ou não casa o casal. Então esse negócio começa muito mal.

Ameaçado de morte e sem saber o que fazer, Padre Abbondio *“enveredou pelo atalho que levava à casa paroquial, movendo a custo as pernas quase tolhidas”*. O narrador nota que o cura não havia nascido *“com fígados de leão”*,

PROF. MONIR: Ou seja, com coragem.

sobretudo naquela sociedade em que *“quem usasse a libré de uma família soberba e poderosa gozava de plena liberdade de ação e podia zombar-se de todas as leis”*.

Na casa paroquial, com o semblante transtornado, o padre pede uma taça de vinho à criada Perpétua. Engole o conteúdo todo num trago, e com dificuldades,

conta o ocorrido à aia que recomenda que ele procure o arcebispo, *“um santo homem, e um homem de pulso que não tem medo de ninguém”*.

PROF. MONIR: Só pra entender como funciona a Igreja Católica: já nessa época funcionava na base de regiões administrativas, chamadas dioceses. Cada diocese é dirigida por um bispo. Quando a diocese ultrapassa certa quantidade de habitantes, ela passa a se chamar arquidiocese, o que não implica em nenhum aumento de importância, apenas em aumento de responsabilidade. Dentro dessa arquidiocese existem padres em paróquias. As arquidioceses são divididas em paróquias, em cada paróquia tem um ou mais padres, ou pode não ter nenhum também. Pode ter uma paróquia atendida pelo padre vizinho, e assim por diante. Aí esses bispos e arcebispos, quando são muitos e muitos – no Brasil por exemplo, acho que já são mais de quatrocentos ou quinhentos, são muitos... aqui no Paraná quantos têm, uns dez ou doze? Alguma coisa assim. Tem um bispo aqui em Paranaíba, por exemplo. Esses bispos fazem um colegiado que dirige a Igreja. Eles são todos subordinados diretamente ao Papa, o Papa é quem manda neles. Não há intermediação. Não há instâncias intermediárias entre os bispados ou arcebispados e o Papado em Roma.

A Igreja Católica é uma das instituições mais descentralizadas e de mais baixa hierarquização que existem. Ela é de uma pequeníssima hierarquia. Portanto, o padre diocesano obedece ao bispo da sua diocese. Os religiosos associados a conventos, ou seja, a ordens religiosas que não são seculares, a ordens monásticas, não estão subordinadas ao arcebispo. Podem estar, mas de modo geral não estão. Então os monges de um convento trapista falam direto com o seu superior em Roma, ou em Paris, ou em Milão, onde for.

As ordens monásticas não são ordens subordinadas administrativamente à diocese. Compreendem isso, né? Então uma freira que está num monastério, uma freira descalça, ela fala direto lá com a sua superiora e não fala com o padre. É claro que o bispo terá alguma autoridade moral sobre ela. Mas ela não tem subordinação direta com o bispo, não necessariamente. Pode ser que uma ordem ou outra estabeleça uma subordinação local, aí eles têm que obedecer. Mas em princípio a Igreja Católica é de uma simplicidade organizacional enorme. É uma coisa espantosa que eles consigam ter uma Igreja planetária com esse baixo processo de controle. No fundo, um bispo tem muito poder. Um bispo na sua diocese tem muito poder relativo. Bom, continuamos.

Capítulo II

O padre perde a noite pensando no casamento no dia seguinte: “– *Veremos – disse consigo o cura. – Ele pensa na namorada; eu tenho de zelar a minha pele. Sou o maior interessado, além de ser o mais esperto. Meu filho, é natural que estejas impaciente; eu porém, é que não hei de pagar o pato!*”

PROF. MONIR: Olhem que covardão, né? Esse padre é o covarde típico.

Uma vez tomada a decisão de acovardar-se, é assombrado o resto da noite com horríveis pesadelos.

Renzo Tramaglino procura o Padre Abbondio na manhã de seu casamento. O rapaz, com vinte anos, era fiandeiro de seda e possuía uma chacinha que recebera de herança e onde morava. Dá-se o seguinte diálogo:

- Venho, senhor cura, saber a que horas lhe convém que estejamos na igreja.

- Em que dia?

- Como, em que dia? Não se lembra de que marcamos para hoje?

- Hoje? Redargüiu Dom Abbondio, com fingida estranheza. - Hoje, hoje...

Tenha paciência, mas hoje não posso.

- Não pode? Que aconteceu?

- Antes de tudo, não estou bom, como vê...

- Lamento-o; mas o que tem a fazer é tão rápido e tão simples...

- Depois... depois... depois...

- Depois, o quê?

- Depois há umas trapalhadas...

- Umas trapalhadas? Que trapalhadas?

- Se você estivesse no meu lugar, saberia os enredos que nascem desses assuntos, as contas que somos obrigados a prestar. Eu sou muito condescendente; trato logo de remover os obstáculos, de facilitar tudo, de satisfazer os desejos alheios; e descuro a minha obrigação. Depois aturo repreensões ou coisa pior.

- Mas, em nome do céu, não me deixe assim aflito! Diga duma vez o que há.

- Sabe você quantas e quantas formalidades são necessárias para celebrar direito um casamento? (pág. 23)

Alegando precisar examinar todos os possíveis impedimentos, "error, conditio, votum, cognatio, crimen, cultus, disparitis, vis, ordo, ligamen, honestas, si sis afinis...," pede ao noivo que tenha paciência: "*alguns dias, meu filho, não são a eternidade*."

PROF. MONIR: Então, de fato, o padre não vai casar os dois no dia seguinte. E dá como desculpa a burocracia do direito canônico, que estabelece

uma porção de regras. Na prática, obviamente ninguém faz toda essa investigação, embora existam condições pelas quais um casamento pode ser desmanchado... religiosamente falando, não civilmente falando. Civilmente é outro conjunto de condições, mas religiosamente também há condições pelas quais um casamento pode ser desmanchado. Então o padre na verdade só está querendo fazer um pouco de onda pra fingir... tá querendo apenas ganhar tempo pra ver se consegue salvar a pele, porque ele não quer confrontar o desejo do Dom Rodrigo, que é aquele tirano que está querendo impedir o casamento dos dois. Tá claro isso, né? Então continuamos.

O rapaz, entre aborrecido e indignado, vai à casa da noiva comunicar-lhe que não mais se casariam naquele dia. No caminho, encontra a aia Perpétua que lhe insinua a verdadeira razão do adiamento. Renzo volta à casa paroquial, entra, tira a chave da porta e obriga o padre a lhe contar quem estava impedindo o casamento. O padre acaba contando a verdade, enquanto *“Renzo ouvia, entre o furioso e desorientado, imóvel e cabisbaixo”*.

PROF. MONIR: Com muita razão, porque afinal de contas, o que foi que ele fez lá pro outro? O que é que poderia haver nesse casamento de tão incômodo para que o outro tentasse impedir? São duas pessoas pobres, dois jovens pobres querendo casar. É pedir muito? É por acaso uma meta muito audaciosa na vida? Não é nada muito audacioso. É uma coisa meio natural... que todo o mundo acaba fazendo, a maioria das pessoas casam. Não parece ser muito excepcional. E, no entanto, está aí esse impasse, essa dificuldade de fazer porque o padre não quer casá-los, tendo sido ameaçado por um sujeito poderoso que morava ali.

Renzo sai imaginando vinganças, *“voar à casa do fidalgo arrogante, sacudi-lo, sem dó...”* Chega à casa da noiva onde já se reuniam as amigas para *“formarem cortejo à moça”*.

PROF. MONIR: Olhem que maravilha. Se ele está incomodado com isso, quanto não deve estar incomodada a noiva? Imaginem. Porque o casamento, afinal de contas, é uma festa muito mais da noiva do que do noivo. Da perspectiva da noiva, uma coisa como essa é muito pior do que da perspectiva do noivo. Naturalmente é assim.

Lúcia, *“uma bela moça de tez clara e cabelos negros”*, vê Renzo com o rosto desfigurado de raiva e ouve as notícias. Ela reage como se aquele fato não fosse o primeiro (*“Ah!... Até a esse ponto!”*) e dispensa as amigas alegando que o cura estava doente.

PROF. MONIR: Sorte que é gente pobre, né? É uma festa de casamento muito improvisada, não é um negócio complicado de desmanchar. É chato, mas afinal, é contornável. Vamos ver se eles vão conseguir casar. O esforço de casar continua, vamos ver pra onde vai.

Capítulo III

Lúcia, em prantos, confessa a Renzo e à sua mãe, Dona Inês, que dias antes, voltando da fiação, havia encontrado na estrada o Senhor Rodrigo e outro fidalgo (que viria a ser o Conde Atílio, primo daquele). Os dois teriam falado *baixo entre si* e dito: *“Apostemos”*. Lúcia havia relatado o encontro a Frei Cristovão, frade capuchinho, que a havia aconselhado a apressar o casamento e não sair de casa.

PROF. MONIR: Entram então nessa história duas personagens novas: primeiro a Inês, que é a mãe da Lúcia, que nós não conhecíamos ainda (ela é órfã de pai) e depois o Frei Cristóvão, que não é padre, é um frade – portanto ligado a um monastério. Frei Cristóvão passa a ser amigo do casal, ou seja, ele representará, comparativamente ao Padre Abbondio (que representa a covardia e a falta total de capacidade de cumprir a sua missão), exatamente o contrário. Frei Cristóvão será uma compensação, uma contraposição polarizada à covardia do primeiro. Então essas duas personagens aí são muito importantes.

Renzo, indignado, quer fugir com ela imediatamente, mas ela o lembra de que eles ainda não são marido e mulher. Dona Inês sugere que Renzo procure um advogado em Lecco, conhecido popular e debochadamente por “rábula”, pagando-o com os quatro galos sacrificados para o casamento, já que *“não convém procurar esses senhores com as mãos vazias”* e o casamento seria adiado.

PROF. MONIR: Vejam que coisa. A festa de casamento é composta de quatro galos. Modesto, né? “Rábula” é o nome que se dava antigamente para o advogado sem curso superior. Antigamente existiam advogados não formados, como também dentistas não formados, situações que eram toleradas... Hoje em dia não pode mais, né? Mas houve tempo em que isso existiu. Então eles vão lá falar com o advogado pra ver se ele ajudaria judicialmente a enfrentar esse impasse que estão vivendo aí. E vão dar para o advogado os quatro galos de presente, como pagamento dos honorários do profissional.

Em Lecco, Renzo conta a história ao tal “rábula”, mas ouve dele desaforos e desatatos: *“Conte isso aos seus iguais, e não a um homem de bem que sabe avaliar*

suas histórias. Retire-se, ande. Nem sabe o que diz! Não me meto com moleques. Não quero saber de intrigas, de lérias tolas.

PROF. MONIR: “Lérias” é “lero-lero”. Portanto esse advogado aí parece que é da turma lá do Rodrigo. Por isso é que se comportou assim.

As mulheres são informadas do resultado da consulta ao advogado. Lúcia diz: *“Algum santo há de valer-nos.”* Renzo sai, atormentado, repetindo *“sempre há Justiça, no mundo.”* Sobre esta atitude o narrador diz: *“Prova evidente de que o homem desvairado pela dor não sabe de veras o que diz.”*

PROF. MONIR: Porque, de acordo com o narrador, nem sempre há justiça no mundo.

Capítulo IV

Chamado, Frei Cristóvão, quase sexagenário, vai à casa de Lúcia imaginando alguma desgraça, conforme o hábito daqueles tempos. O religioso, batizado Luiz, aos trinta anos havia abandonado rica herança e uma vida atribulada, depois de uma altercação de rua em que matara, em legítima defesa, um fidalgo *“emperdigado e desdenhoso”*. No entrevero, para salvá-lo, morrera seu fiel criado Cristóvão. Abalado pelo episódio, Luís se havia decidido pela vida religiosa, doando seu patrimônio para a viúva e oito filhos do empregado e tomando para si o nome religioso de Cristóvão. Morava desde então no convento de Pescarenico, na região.

PROF. MONIR: Aí vocês têm a história do Frei Cristovão. Um nobre que matou outra pessoa e foi salvo pelo seu empregado, que morreu na briga. Ele dá tudo que tem pra viúva do empregado e vai ser monge. E dá a si mesmo

o nome de Cristovão. Quando você entra na vida monástica ou religiosa, você troca o nome por razões simbólicas: você está mudando de vida, não é mais a mesma pessoa. É o mesmo efeito que tem a roupa branca para o candidato e para noiva... o branco do vestido de noiva não significa virgindade, significa apenas que ela muda do estado de solteira para o estado de casada, o que é uma mudança extraordinariamente grande na vida de uma mulher, porque ela muda de família. O branco aí tem o significado de transição. Não tenham, portanto, o menor constrangimento. Se ficarem viúvas, podem casar uma segunda vez de branco também. Não tem problema, apesar do preconceito besta que inventaram com essa história de virgindade, que não tem cabimento nenhum.

Capítulo V

O capuchinho, lembrando o episódio do encontro de Lúcia com o fidalgo, percebe imediatamente a origem e gravidade daquela angústia. Enquanto ouve as mulheres, Renzo chega e Cristóvão lhe diz que confie em Deus e pede-lhe que prometa seguir seus conselhos. O religioso propõe ir falar com o Senhor Rodrigo: *“Se Deus lhe comover o coração e der força às minhas palavras, tudo irá bem, do contrário, o Senhor nos apontará outro remédio”*.

Cumprindo este plano, o religioso encontra o fidalgo almoçando cercado de amigos e do senhor corregedor, *“o magistrado a quem competiria fazer justiça”*. Entre os comensais, estava o “rábula” que Renzo havia “consultado”.

PROF. MONIR: Viu só, não falei? Essa eu adivinhei, ein? [risos] O rábula era da turma do Rodrigo.

Os convivas discutem questiúnculas de direito, política e elogiam o soberbo banquete regado por vinho “*sem par*”, atribuindo a carestia do lado de fora¹⁵ à cobiça dos padeiros,

PROF. MONIR: A carestia é absolutamente histórica. Todos os dados que estão aí ligados a acontecimentos sociais, são todos históricos. Essa é a ideia do romance histórico. Você pega uma situação verídica do passado e inventa uma história no meio. Pode até ser que possam ter existido modelos para as personagens de Renzo e Lúcia, mas é claro que a trama é totalmente inventada pelo autor. Agora, os acontecimentos externos são todos verídicos, porque o romance é histórico.

propondo como remédio que se “*apanhem e enforcem-se uns cinco ou seis (padeiros) dos que o povo aponta como piores e mais endinheirados!*”

A vozeria era ensurdecadora e dissonante. Os lacaiois enchiam os copos; os louvores ao vinho confundiam-se com sentenças de jurisprudência econômica, e os vocábulos mais freqüentes e mais sonoros eram: ‘ambrosia’ e ‘força.’ (pág. 49)

PROF. MONIR: Essa palavra “ambrosia” está aí mal escrita porque no Brasil inventou-se escrever “ambrosia”, quando na verdade o nome desse negócio é “ambrósia”, tanto é que antigamente havia pessoas com esse nome. Vocês nunca ouviram falar de alguém chamado Ambrósio? Então, é a mesma palavra. Ambrósia é uma comida que os deuses comiam. Modernamente, é o nome de certo doce. Hoje em dia ninguém põe em um bebê o nome de

15 Nota do resumidor – O Ducado de Milão, pela coincidência de duas más safras e do esforço de guerra na questão da sucessão mantuana, sofria grande carestia de trigo.

Ambrósia. Acha estranho, e tal. Mas tinha muita gente chamada Ambrósia. Era um nome comum. É só você ir ao cemitério e pegar os túmulos mais velhos – o que, aliás, é um extraordinário passeio, hein? Queria que vocês não deixassem de fazer isso uma vez na vida. Olhar os túmulos mais velhos e ver os nomes das pessoas que nasceram há cem, cento e cinquenta, cento e vinte anos. Pra vocês verem que interessantes eram os nomes, todos diferentes dos de hoje. É muito interessante fazer isso. Em Curitiba tem um cemitério maravilhoso, chamado Cemitério Municipal, onde vale a pena fazer essa experiência. Mas qualquer cemitério, em princípio, vale a pena. Tem que ser um cemitério com uns defuntos antigos, né? Não tem graça com defunto muito novo, não dá certo.

Capítulo VI

A sós com o fidalgo, Frei Cristóvão pede-lhe um ato de justiça, dizendo que *“alguns malvados”*, usando o nome dele, andavam a assustar um pobre cura.

PROF. MONIR: Político, né? Estratégico: “Olha, vim falar com o senhor aqui, por que parece que tem aí uns marginais que estão perseguindo padres... vim aqui lhe contar isso”. É claro que o outro sabe, porque é ele que está perseguindo. Mas, em todo caso, começa bem a conversa.

Como o castelão resiste, o frade o lembra de que *“os gemidos, as queixas do pobre chegam ao céu. A inocência é poderosa...”* Rodrigo contrapõe que se quisesse ouvir sermões iria à igreja e que, já que o padre se preocupa tanto com Lúcia, que a mandasse buscar *“a sua proteção”*. O padre fica furioso com o cinismo do fidalgo e lhe diz, com o dedo em riste, que fala a alguém *“a quem Deus desamparou, e já não mete medo”*. Rodrigo, irritadíssimo com aquele gesto de enfrentamento,

expulsa o religioso, que já havia recuperado a serenidade. Na saída, um criado de Rodrigo, dizendo querer salvar a alma, discretamente propõe ajudar o franciscano.

Enquanto isso, os noivos e Dona Inês pensam em maneiras de consumir o casamento para o casal poder fugir *“legalmente”*. Dona Inês diz que se os nubentes se apresentarem ao padre, de supetão, com duas testemunhas e declararem-se marido e mulher, o cura teria de aceitar o fato consumado e confirmar. Renzo gosta da ideia, sai e vai procurar as testemunhas, que acabariam sendo Tônio, a quem Renzo dá dinheiro para pagar uma dívida com o padre, e Gervásio, primo daquele.

PROF. MONIR: Quer dizer, deu certo a solução de falar com o Rodrigo? Não deu. Então aí a Inês diz que uma solução boa é a seguinte: “Vocês chegam lá com duas testemunhas e declaram que já dormiram juntos”. Por que o que é ser marido e mulher? É já ter dormido junto. Da perspectiva moral daquela época, o casamento é automático pela relação sexual. Ou seja: dormiu junto, casou. Acabou a história. Isso era assim até bem pouco tempo, não é? Não é algo muito distante. Até bem pouco tempo tinha-se o hábito de se casar na delegacia. Casar na delegacia caiu da moda, mas fundamentalmente era isso: o casal dormiu junto, tem que casar porque é como se já tivesse casado na prática. O que a Inês propõe é que os dois cheguem lá e se declarem marido e mulher, e isso equivaleria a admitir para o padre que eles já têm uma vida marital, ou seja, já têm uma relação carnal. E como tal, então, o padre fica obrigado a casá-los. Seria uma estratégia para tentar obrigar o padre a casar o casal.

Vejam, um assunto tão pequeno, tão humilde, tão simples... não está se tornando um acontecimento de implicações terríveis? De complexidades enormes? Não há aqui uma espécie de desproporção entre o que eles querem e a confusão que está sendo gerada em torno disso? Muito bem. Continuamos, vamos lá.

Capítulo VII

Chega Frei Cristóvão com as más notícias de sua embaixada, mas reanima os noivos, dizendo ter *“na mão um fio para lhes valer”* e volta para o convento. Renzo, que já havia negociado com as duas testemunhas, não confia naquele plano misterioso e quer levar em frente a ideia anterior de *“casar à força”*, mas Lúcia está temerosa de começar a vida de casada usando *“subterfúgios, mentiras, fingimentos”*.

PROF. MONIR: Ela não quer começar a sua vida de casada usando um estratagemma como esse.

Renzo, inconformado, quer fazer justiça, matando logo o fidalgo. Lúcia se desespera, porque *“contra os pobres sempre há justiça...”* Fora de si, Renzo ameaça matá-la: *“Você não será minha mulher; mas também não será dele.”* Trazido à serenidade pelas mulheres, que acabam concordando com a ideia do casamento forçado, Renzo combina com elas que estejam prontas ao toque do *Angelus*.

PROF. MONIR: Até muito pouco tempo a vida de uma cidade era dirigida pelos diversos momentos em que o sino da igreja toca durante o dia – cada momento desses tem um nome. Essa orquestração da vida humana pelo

sino da igreja era o ritmo pelo qual a vida medieval funcionava. Hoje a gente não tem mais isso. As igrejas não têm mais toques simbólicos, e tocam de hora em hora...

Aluna: Não, aqui toca às seis da manhã e da tarde.

PROF. MONIR: Bom, toca aqui? Mas isso numa cidade grande já não tem mais. Toca-se de hora em hora para o pessoal acertar o relógio. Por que tem o sino da igreja? É pra acertar o relógio, saber se são quatro da tarde, ou cinco, ou seis, ou sete, ou oito, ou nove. Mas antigamente era assim, embora essa história não seja medieval. Durante muito tempo era assim que funcionava o ritmo da vida humana na cidade, ela era mais ou menos orquestrada pelos diversos passos religiosos, que iam estabelecendo o passo da vida das pessoas. Vamos lá então.

Enquanto isso, no castelo, o Senhor Rodrigo e seu primo, o Conde Atílio, conversam sobre a aposta¹⁶. O conde debocha de Rodrigo, insinuando que o padre o havia convertido... Preocupado, no outro dia, Rodrigo chama seu sicário mais fiel, Griso, e lhe diz que Lúcia teria de estar no seu palácio antes do dia seguinte.

PROF. MONIR: “Sicário” é capanga.

A ideia era raptar Lúcia, naquela noite mesmo, assustar Dona Inês e dar em Renzo tremenda surra para desestimulá-lo de ir à justiça “*proclamar suas razões*”. E que não a maltratassem. Estes preparativos chegam ao ouvido do criado aliado,

16 Nota do resumidor: A aposta consistia em que Lúcia, até o dia de São Martinho (11 de novembro), deveria estar no palácio de Rodrigo. Se ela não viesse, seria vencedor o Conde Atílio.

que vai alertar Frei Cristóvão. Enquanto isso, cumprindo o plano, os sicários do fidalgo escondem-se numa casa tida por mal-assombrada e, cuidadosamente, vão se infiltrando na vila. De fato, Renzo, num restaurante jantando almôndegas com as “testemunhas” Tônio e Gervásio, repara na presença de sujeitos estranhos que indagam ao taberneiro sobre ele.

PROF. MONIR: Bom, então aí o Rodrigo, querendo não perder a aposta, combina esse rapto da garota. Só que ele não sabe que foi ouvido e aquele criado que é amigo do Frei Cristóvão, que quer salvar a sua alma, avisa o frei que vai haver aquele golpe, aquele rapto. E agora então vai acontecer uma ação muito importante na história. Vamos ver se dá certo a tentativa de rapto da Lúcia.

Quando entardece, depois do *Angelus*, Renzo e companheiros dirigem-se para a casa de Dona Inês de onde, todos juntos, vão à casa paroquial. Tônio, usando a desculpa de pagar a dívida ao padre, convence Perpétua a chamar o cura em tão inusitada hora.

Capítulo VIII

Enquanto o padre passa, com satisfação, o recibo do pagamento da dívida de Tônio, o fiandeiro toma o braço de uma Lúcia toda trêmula e irrompe na sala.

PROF. MONIR: O Tônio é uma das testemunhas, que só topou ser testemunha porque o Renzo deu o dinheiro pra ele pagar a dívida com o padre. E com isso o Padre Abbondio ia recebê-lo.

Diz: “Senhor cura, declaro em presença destas testemunhas que esta é minha mulher”. Quando Lúcia vai dizer o mesmo, o padre tapa-lhe a boca, deixa cair o candeeiro e grita “Perpétua! Perpétua! Socorro! Traição!”

PROF. MONIR: Dá pra imaginar a cena? Ela querendo dizer assim: “Eu também sou...” [o professor tapa a boca] <risos> Ela não podia falar de jeito nenhum, porque se acontecesse isso o padre ficaria obrigado a casar os dois. E o padre tem que impedi-la, então, de dizer que ela é mulher do Renzo. Uma cena absolutamente cervantina, uma cena de pastelão, como só Cervantes foi capaz de fazer na literatura.

Apagada a luz, estabeleceu-se na sala uma confusão indizível. O cura já encontrara às apalpadelas a porta doutra peça e trancara-se do outro lado, continuando a clamar por socorro, mas Renzo ainda o procurava, Tateando no escuro, como se brincasse de cabra-cega, recomendando-lhe:

– Quietos, quietos senhor cura! Não faça algazarra.

Lúcia gemia, implorando:

– Vamos, vamos, pelo amor de Deus!

E, ao passo que Tônio rastejava de gatinhas, buscando no chão o recibo, Gervásio, excitado e assustado, procurava a saída. (pág. 67)

O sacristão Ambrósio, assustado, agarra-se ao sino de alarme e toda a cidade fica de pé.

PROF. MONIR: Há uma cena do *Dom Quixote* muito parecida com essa, uma cena numa taberna, em que o Dom Quixote supõe que a Maritornes estava indo lá namorá-lo e aí começa uma briga, exatamente como essa... Eu ima-

gino que o Manzoni tenha se inspirado no Cervantes pra fazer essa cena, é muito improvável que não tenha se inspirado.

Enquanto isso, os sicários de Dom Rodrigo tomavam de assalto a casa de Dona Inês, onde não encontram ninguém e, pressentindo algo errado, retiram-se rapidamente, quase *“em fuga”*.

Deixando a paróquia, *“ansiosos por se porem a salvo”*, os noivos são interceptados por Domingos, um menino que trazia mensagem de Frei Cristóvão para que se refugassem no mosteiro com urgência. Enquanto o casal, Dona Inês Mondella e Domingos tomam um atalho para o mosteiro, populares chegam ao presbitério. O cura os pacifica, interessado em esvaziar o assunto, mas um vizinho de Dona Inês diz à turba que gente armada iria matar um “peregrino” e a celeuma recomeça: *“Acudam, camaradas: ladrões ou bandidos!... Fogem com um romeiro. Já saíram da vila. Peguem os marotos”*. Chegando à casa de Dona Inês, a multidão vê marcas de arrombamento e julgam que as mulheres teriam sido raptadas, *“como o milhafre arrebatou os pintos”*. Chega a notícia, igualmente falsa, de que as mulheres tinham se refugiado alhures e a multidão se dispersa.

PROF. MONIR: Vocês veem a confusão que o duplo acontecimento que gerou na cidade, né? A tentativa de casar à força e a investida fracassada dos capangas do Rodrigo na casa de Dona Inês – eles não conseguem achar a moça lá.

Os fugitivos dispensam Domingos e chegam ao convento de Pescarenico onde Frei Cristóvão os coloca imediatamente num transporte para fora da aldeia. Renzo iria para o mosteiro da Porta Oriental em Milão e as mulheres para um convento em Monza. No barco:

Os passageiros iam calados, de quando em quando, voltavam a cabeça, num derradeiro olhar à paisagem riscada de zonas luminosas e de vastas sombras, donde sobressaíam os povoados, as casas, as choupanas. O castelo de Dom Rodrigo, flanqueado do torreão, sobrelevava as choças amontoadas ao sopé do promontório, com a catadura feroz dum malvado, desperto entre criaturas adormecidas, a meditar crimes. Lúcia viu-o e estremeceu. Baixou os olhos à aldeia; reconhecendo a sua vivenda humilde, pousou a testa no braço e chorou silenciosamente. (pág. 73)

PROF. MONIR: É uma cena muito triste... imaginem, né? Vejam, tudo isso começou por quê? Porque esses dois queriam se casar. Dois pobrezinhos, funcionários de uma tecelagem, duas pessoas humildes que querem se casar e no entanto, já a essa altura, a confusão chegou a tal grau que são obrigados a largar sua casa, sua família, e irem embora pra um destino desconhecido porque queriam fazer uma coisa tão simples e tão natural quanto se casar.

Capítulo IX

“O embate do escaler contra a ribanceira despertou Lúcia do seu doloroso torpor. Saltando primeiro, Renzo ajudou as duas mulheres a desembarcarem, e os três agradeceram melancolicamente o barqueiro.” Dali dirigiram-se por terra, ao que parece, segundo o narrador, à cidade de Monza, onde se hospedaram numa *“peça abrigada e quente”*. Munidos de carta de Frei Cristóvão, procuram o convento indicado onde um religioso, ao ler a missiva, diz que tudo dependia de *“a senhora”* querer *“tomar este compromisso”*... A *“senhora”* era uma freira que vinha de poderosa estirpe milanese e dominava a casa, mesmo não tendo títulos.

PROF. MONIR: Essa história aí, pessoal, gerou depois no imaginário literário italiano uma linha de erotismo que é a da monja pervertida, a “Monja de Monza” (*“La Monaca di Monza”*). Há na cultura italiana, refletida em gibis, uma linhagem erótica de monjas que dirigem conventos e promovem orgias lésbicas, fazem umas perversões, sessões de sadomasoquismo... E essa história toda nasceu aqui nesse livro do Manzoni, com essa monja nas mãos de quem a Lúcia vai cair daqui a alguns segundos. Entenderam como esse negócio está dando errado? Agora a Lúcia, pra poder fugir do Rodrigo, cairá nas mãos dessa monja que depois... é tão forte e impactante essa história contada aqui, que isso brotou e se desenvolveu num imaginário erótico que existe até hoje, baseado nessas cenas que são contadas aqui. Não são cenas obscenas, mas são insinuantes, muito fortes. Daí nasceu uma cultura de certo erotismo que só tem na Itália, que é tipicamente italiano. Vocês veem a importância que esse livro tem, né? Em cento e cinquenta anos, vejam o que ele fez.

Lúcia e Inês chegam ao claustro onde encontram a “senhora”, uma freira de vinte e cinco anos, dando a impressão duma extraordinária formosura, mas de uma beleza *“triste e sem viço”*, que daria a um observador, segundo o narrador, a impressão simultânea de ternura e ódio. As fugitivas contam-lhe sua saga, que a “senhora” ouve com curiosidade maliciosa.

PROF. MONIR: Imaginem a cena: “Não, minha filha, você veio pro lugar certo... ainda bem que você veio pra cá!” É a cena da raposa elogiando a escolha que a galinha fez de entrar na sua toca.

Batizada Gertrudes, a “senhora” era a filha mais nova de um grão-senhor milanês que a havia destinado (junto com o irmão mais novo) ao convento, a fim de não dispersar seu patrimônio.

PROF. MONIR: É só um a herdar, né? Um só herda.

Estava ali desde os seis anos e, por causa da posição do pai, tinha grande influência. No entanto, no íntimo, anelava subtrair-se ao claustro, participando do *“fausto secular”*.

PROF. MONIR: Ela não tem vocação religiosa. Embora esteja lá num convento.

Sua religião, *“despida assim de sua essência, já não era religião, mas uma sombra como as demais”*¹⁷.

Capítulo X

Conforme a praxe, Gertrudes havia passado um mês em casa antes dos votos, para ter sua vocação avaliada por um padre examinador, o vigário das freiras. A contragosto, para agradar o pai, Gertrudes havia mentido ao vigário sobre sua vocação, apesar de *“uma saudade incessante da liberdade, o tédio de sua situação, o travo dos desejos que jamais lhe seria dado realizar. Exaltava-a e lhe doía a sua formosura inútil; torturava-a a pensar em que a sua mocidade definharia num lento martírio”*. Gertrudes fora, logo após os votos, nomeada mestra de educandas

17 Nota do resumidor – Segundo comentaristas, esta monja (Monaca) de Monza teria de fato existido e inspirado um gênero de licenciosidade na literatura italiana, o das religiosas pervertidas.

onde pôde *"dar largas ao seu gênio despótico, aos seus caprichos malévolos, ora punindo as discípulas pelo mínimo deslize, ora excitando-lhes, com artes diabólicas, as turbulências"*.

PROF. MONIR: Vejam, não era um bom lugar pra Lúcia ir parar, né? Vejam que desgraça. Ela só queria casar com o Renzo. Tudo que a menina queria era casar com o Renzo, e agora os dois são fugitivos do Rodrigo e a Lúcia não vai pro lugar, digamos, mais apropriado.

Na medida em que Gertrudes percebia o poder que tinha, passou a agir cada vez mais escandalosamente, incluindo fazer desaparecer uma freira que a ameaçara e envolver-se carnalmente com Egídio, um celerado libertino prisioneiro de certas dependências do mosteiro.

Aprovadas pela "senhora", as fugitivas foram finalmente alojadas na moradia recém-desocupada pela filha da zeladora e *"passaram a fazer parte do pessoal leigo do convento"*.

Capítulo XI

Enquanto isso, os sicários voltam, cabisbaixos e vexados, ao palácio do Senhor Rodrigo que não esperava outro resultado que o sucesso do rapto. O fidalgo conclui que há entre eles um espião e dá ordens para vigiar a casa de Dona Inês a partir do dia seguinte.

PROF. MONIR: Ele só não sabe que a Dona Inês sumiu junto com a filha e com o Renzo, que foram embora.

O Conde Atílio, ao saber da história, responsabiliza Frei Cristóvão e promete buscar em Milão, junto a seu tio, um político importante, ajuda para perseguir o monge.

No dia seguinte, Rodrigo dá-se conta de que Renzo, Lúcia e Inês haviam fugido. Com pouco esforço de pesquisa descobre que as mulheres estavam num convento em Monza e que Renzo estaria em Milão. Manda Griso em nova missão para estudar as condições para o rapto de Lúcia em Monza.

Voltando um pouco na trama, Renzo havia chegado a Milão no dia 11 de novembro com uma carta de Frei Cristóvão para Padre Boaventura, do convento da Porta Oriental.

PROF. MONIR: Onze de novembro não é o dia em que a moça tinha que estar lá com o Rodrigo, na pior das hipóteses?

No caminho do mosteiro, encontra vários sinais de fartura, como farinha deitada ao chão, pãezinhos de trigo jogados sobre arbustos e camponeses carregando sacos de trigo nas costas. Julga que há muita fartura em Milão e que inventam que há carestia em toda a parte. Quando reflete melhor, conclui que se trata, na verdade, de um saque. Enquanto espera ser atendido pelo padre no convento, percebe tumulto na praça e vai verificar.

Capítulo XII

Estava-se no segundo ano de colheita escassa. No ano anterior, as reservas acumuladas mal supriam as deficiências; a população chegara, senão

esfomeada, pelo menos desprovida de tudo à colheita de 1628, ano em que se passa a nossa história. (pág. 92)

Frente à escassez generalizada, agravada pela guerra de sucessão mantuana, o grão-chanceler Antonio Ferrer, na ausência do governador Gonzalo Fernandez de Córdoba, havia fixado por decreto o preço do pão muito abaixo do custo do trigo. O povo rejubilou-se, mas os padeiros haviam pressionado as autoridades para a reparação da injustiça. Naquele dia em que Renzo chegara a Milão¹⁸,

PROF. MONIR: O grande motim de Milão de fato aconteceu. Todos os fatos externos são reais, porque o romance é histórico. Nesse dia então, ficcionalmente, depois de ter deixado a noiva (e a futura sogra) com a Monja de Monza, ele vai para Milão. Separam-se os dois e ele vai tentar ir ao mosteiro que lhe daria guarida, a pedido do Frei Cristovão. O frei por sua vez começará a ser perseguido direto de Milão, porque afinal é tido pelo Rodrigo como sendo o autor intelectual da fuga das mulheres, o que de fato foi. Não é? Vejam toda a complicação, só pra poder casar.

o povo revoltado havia saqueado as padarias, apesar da intervenção da polícia. Aos poucos, a revolta se voltava para o vigário do abastecimento¹⁹.

18 Nota do resumidor – Onze de novembro, dia de São Martinho, dia do grande motim da carestia do trigo e do limite para Lúcia estar no castelo de Rodrigo. O Conde Atílio ganha a aposta.

19 Nota do resumidor – Vigário do abastecimento era um nobre escolhido todos os anos pelo governador, entre seis fidalgos propostos pelos Conselhos dos Decuriões, para garantir a oferta de alimentos.

PROF. MONIR: Tudo isso é histórico. A palavra vigário não deve nos assustar, a gente fala de vigário de um modo geral para o padre que é titular da paróquia, mas vigário (*vicarius*) significa “aquele que está no lugar de”, aquele que é o representante. Portanto qualquer pessoa pode ser vigário no sentido amplo da palavra, mas na prática a gente só usa pra fins religiosos, então parece estranho falar em vigário... a gente pensa em padre, mas aqui não é padre não.

Aluno: [*Pergunta de onde viria a palavra “vigarista”, com conotação negativa.*]

PROF. MONIR: Pois é, boa pergunta ein? Vigário/vigarista... Porque é que o vigarista ficou negativo, né? Não sei. Boa pergunta. A primeira coisa que eu vou fazer quando eu chegar em casa é procurar²⁰.

Capítulo XIII

Na frente da casa do vigário do abastecimento o motim crescia e a turba bradava por linchamento. Renzo *“mal poderia dizer se observava ou condenava a pilhagem. Mas a idéia de homicídio causara-lhe um horror inconfundível e imediato”*. Chega a polícia em contingente inferior ao necessário.

20 Nota da revisora de transcrição – “Vigarista” vem da expressão “conto do vigário”, usada em Portugal e no Brasil, e que se refere a uma história elaborada com o objetivo de burlar alguém. São várias as versões da origem do termo, mas em todas o tema principal é um golpe de esperteza e um vigário (um padre). Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Conto_do_vig%C3%A1rio Acesso em 12.out.2017.

PROF. MONIR: Tá todo mundo querendo matar o tal do vigário do abastecimento, dizendo que é ele o responsável pela falta de trigo.

“Um velho de aspecto diabólico ... pretendia pendurar o vigário morto aos batentes do portão.” Renzo intervém e é imediatamente acusado de ser espião do fidalgo. Cresce a hostilidade contra o fiandeiro, mas a turba se distrai pela chegada de uma escada com a qual se pretendia escalar o muro da casa.

PROF. MONIR: Invadi-la pra linchar o homem, né?

Quando tudo parecia perdido, chega Antônio Ferrer, o dignitário espanhol que havia reduzido o preço do pão. Passa pela multidão que o apulpa, entra na casa e resgata o vigário, *“lívido e mole como um trapo”*, dando ao povo a desculpa de que o estava levando preso. Na carruagem, o homem, lívido, diz a Ferrer que iria viver *“numa gruta, no cimo de um monte, como um eremita, longe desta gente bestial”*.

PROF. MONIR: “Bestial” é uma expressão dúbia porque em Portugal significa o contrário do que significa aqui. Em Portugal, quando alguém é meio polêmico, eles dizem assim: “Não se sabe se é uma besta, ou bestial”. “Uma besta” é um sujeito errado, e “bestial” é um sujeito genial. “Bestial” também tem um sentido positivo quando você lê da perspectiva lusitana. Aqui é bestial no sentido de “selvagem”. Está lá o sujeito saindo trêmulo – quase foi linchado –, com aquela gente selvagem cercando a casa dele. Tudo isso o Renzo está vendo na hora em que chega em Milão, no dia daquele grande motim que houve por causa do preço do pão. Não tinha pão, aí o preço subiu. Aí, como subiu, o governo baixou um decreto dizendo que tinha que vender

pão barato, tipo Plano Cruzado, pra quem se lembra desse negócio ainda... aí foram lá os padeiros reclamar, porque compravam caro e tinham que vender barato. Daí mandou subir o preço, e está a confusão montada, motivada pelo governo estar interferindo no assunto, né? Se não tem pão, o que é que vai fazer? Não adianta manipular o preço.

Aluna: E Renzo entrou nessa confusão de curioso?

PROF. MONIR: Ele deixou a noiva com a Monja e agora está lá em Milão olhando aquela bagunça toda, muito assustado com aquilo tudo. Tentando entender o que fazer com aquela situação.

Aluna: Ele estava com o bilhete pra entregar.

PROF. MONIR: É, ele foi para Milão pra poder se hospedar lá no convento, mas chega lá e encontra aquela confusão. Os planos todos mudam.

Capítulo XIV

Dispersada a multidão e controlado o tumulto, Renzo retoma o caminho do mosteiro, mas ao encontrar na estrada um pequeno grupo que comentava os acontecimentos, discursa dramaticamente denunciando conluio entre governantes e fidalgos. Propõe irem todos no dia seguinte procurar Ferrer, que lhe havia causado boa impressão, e mostrar àquele homem *"como correm as coisas"*. Os presentes de modo geral concordam, apesar das poucas vozes discordantes: *"Sim, agora qualquer maltrapilho mete-se a orador"*.

PROF. MONIR: É, acho que não foi uma boa ideia ele se meter politicamente naquilo. Resolve fazer um discurso na praça pública, tomar providências etc. Aqui as coisas parecem que vão ficar ruins para o nosso amigo Renzo. Reparem como tudo vai ficar complicado.

Um dos circunstantes, um espadeiro, acompanha Renzo até uma estalagem, onde o vendeiro quer por força que ele preencha uma ficha de hóspede, obedecendo edito recente.

PROF. MONIR: Uma ordem da polícia, uma orientação.

Renzo nega-se com argumentos de alta oratória. Os presentes o apoiam com estardalhaço. O fiandeiro come, bebe e discursa sobre medidas ideais para nunca deixar de faltar o pão *"necessário para todos os de casa"*. Renzo continua bebendo e aprofundando os acessos de loquacidade, concentrando a atenção dos hóspedes.

PROF. MONIR: Então, numa bagunça daquelas, tem um sujeito desconhecido (que já tinha bebido todas) fazendo uns discursos políticos numa estalagem... será que isso vai acabar bem?

ALUNOS: Não...

Capítulo XV

Embragado, Renzo é posto na cama pelo hospedeiro que, logo em seguida, vai ao palácio da Justiça denunciar o hóspede. Para a sua surpresa, lá já se tinha

conhecimento do tal arruaceiro que andava a prometer motins “*para o dia seguinte*”.

PROF. MONIR: O que era mentira, porque ele não ia fazer motim nenhum. Ele queria ir lá falar com o Ferrer. Mas o povo já tinha trocado tudo, tinha distorcido e o Renzo estava passando por agitador político.

Na manhã do dia seguinte, bem cedo, a polícia aparece na hospedaria para prender Renzo, que entre a ressaca, a sonolência e o espanto considerava “*o que acontecera nessa noite, para que a polícia se atrevesse a deitar mão em quem, horas antes, se tornara tão popular?*”

PROF. MONIR: Ele pensa, né? Que ele ficou popular. Ele pensa que fez sucesso.

Lorenzo é levado preso por um notário²¹ com doces palavras venenosas e por dois esbirros.

PROF. MONIR: “*Esbirros*” são policiais.

O fiandeiro, pressentindo o pior, na saída da hospedaria açula os populares contra a escolta dizendo: “*Prenderam-me porque ontem gritei ‘Pão e Justiça’... Não me abandonem, amigos!*” Crescentemente pressionados pelo povo que os cerca, os policiais deixam Renzo fugir e desaparecem por entre a aglomeração.

21 Nota do resumidor – Notário é uma espécie de oficial de justiça.

Renzo planeja fugir para Bérghamo, onde morava seu primo Bartolo Castagneri que já o havia convidado muitas vezes a trabalhar numa fiação com ele, porque em Milão já estaria “marcado”, tendo feito a imprudência de dizer o seu nome a Ambrósio, o espadeiro que o havia conduzido à hospedaria. Renzo, desavisado, sai de Milão na direção oposta à de Bérghamo e vai parar no povoado de Gorgonzola.

PROF. MONIR: Que ficou famosíssimo porque nesse lugar tem um queijo chamado gorgonzola. Todo o mundo conhece aqui, é um queijo comum na cozinha brasileira.

Numa hospedaria local, Renzo descansa e busca informações para seguir viagem. Enquanto come, ouve, à pequena distância, um comerciante recém-chegado de Milão relatando os horrores da sedição e como as coisas lá haviam piorado muito, com “marotos” gritando e atraindo gente para saquear a casa do vigário do aprovisionamento, mas haviam encontrado forte barricada com “*espanhóis de espingardas apontadas*”. Batendo em retirada, a turba havia saqueado outra padaria. O distúrbio só diminuía com a notícia de que o preço do pão havia baixado. Renzo fica sabendo também que à noite muitas prisões haviam sido feitas e que os “cabeças” da rebelião, uns forasteiros, iriam ser enforcados.

PROF. MONIR: Que é o caso dele, né? Parece ser uma boa notícia essa?

O relatório continua com a notícia de que um “tipo” fora preso numa hospedaria:

PROF. MONIR: Quem será que é o tipo que fora preso? Ele mesmo. Tá ali ouvindo, petrificado, aquela conversa em que agora ele, de discursador de rua, passou a ser um perigosíssimo agente político que estava sendo perseguido e com promessas de ser morto assim que fosse encontrado. Tudo isso por quê? Porque ele queria casar com a Lúcia. As coisas não tão dando certo... Vamos lá.

– Esse viera não se sabe donde nem a mandado de quem. Mas era, sem dúvida, um dos chefes. Já ontem, na arruaça, fez o diabo; não se contentando com isso, pôs-se a pregar que se exterminassem os fidalgos. Velhaco! De que viveriam os pobres, se não houvesse gente rica? A polícia deitou-lhe as garras, para o engaiolar. Achou-lhe no bolso um maço de cartas. Mas qual! Os da súcia rondavam por lá e livraram o bandido. (pág. 125)

O “tipo” havia fugido ou se escondido em Milão e as cartas que haviam sido achadas com ele haviam, segundo aquele relato, desvendado “toda a cabala”.

PROF. MONIR: Pronto! Era um conspirador perigosíssimo, as cartas mostravam sua ligação com entidades estrangeiras, o que fosse, e agora ele está ouvindo falarem isso dele. Está ouvindo a poucos metros, ali naquele restaurante, no caminho para Bérgamo, pra onde ele foge desesperadamente, em carreira desabalada.

Renzo ouve tudo isso chumbado à cadeira, com medo de que concluíssem que o tal “tipo” era ele. Quando o assunto mudou, pagou discretamente a conta e “enveredou pela estrada oposta à que o trouxera até ali”, na direção do rio Adda, que separava o Ducado de Milão da República de Veneza, território onde ficava Bérgamo.

PROF. MONIR: E então, as coisas estão dando certo pro Renzo e Lúcia? O que é que vocês acham?

Aluna: Tá ruim.

PROF. MONIR: Mas será que tudo isso está desse jeito porque eles queriam alguma coisa muito audaciosa, a sua ambição era muito desmedida? Não. Dá pra imaginar ambição menor que essa? Não dá. É uma ambição absolutamente natural, modesta e humilde que pessoas comuns têm. Queriam casar um com o outro. Nem tinham fortuna pra herdar um do outro... Esses dois aí primeiro arrumam essa encrenca com o tal do Rodrigo. Depois são quase sequestrados, depois a moça acaba lá nas garras da Monja de Monza, e agora o Renzo sai corrido lá de Milão... Na verdade sabem o nome dele porque ele disse: "Eu sou o Lorenzo!" Quer dizer, fez todas as bravatas possíveis para se comprometer o resto da vida com aquilo. De modo que agora ele é um proscrito, é alguém que provavelmente vai ser perseguido pela justiça. A noiva, coitada, está lá nas garras da Monja de Monza e o Rodrigo ainda continua com vontade de se vingar deles. Embora tenha perdido a aposta, continua com vontade de se vingar. Será possível que possa acontecer alguma coisa pior do que isso pra esse pobre casal? Certamente pode. E vamos saber só depois do nosso intervalo.

INTERVALO

PROF. MONIR: Nós estamos aqui fazendo a leitura do resumo de *Os Noivos*. O resumo apresentado aqui de modo nenhum tenta substituir o livro original. Portanto, é necessário que vocês leiam o livro. Cuidado só porque aqui há duas versões (como eu contei pra vocês). A primeira tem o final um pouco diferente da segunda. E a segunda é essa, que é de 1842. Essa é a versão, digamos, oficial da obra. Foi a última que o Manzoni autorizou.

O livro tem uma acessibilidade mediana, eu diria. Não é um livro fácil de comprar, mas é um livro muito interessante, muito bem escrito. E a tradução dessa Marina Guaspari é primorosa, muito boa, de primeira qualidade, e é a tradução que é usada aqui no nosso encontro.

Então o que nós temos aí é uma história muito simples, trata-se de dois jovens no Ducado de Milão que têm uma meta na vida muito simples, muito despretenhosa, que é casar um com o outro. Eles já descobriram que amam um ao outro, estão certos da sua escolha. Não têm impedimentos familiares, no entanto, esse desejo de se casar está transformando a vida dos dois num inferno. Quando nós paramos aqui pra tomar café, o Renzo estava fugindo da polícia e a Lúcia estava num convento suspeitíssimo. Os três saíram da sua terra (Inês, a mãe de Lúcia, também não está mais lá), de modo que a vida dessas três pessoas foi completamente desmontada por causa de restrições e obstáculos que estão aparecendo a esse plano de se casar, que parece muito simples. E aí nós continuamos a leitura, se é que vocês não têm nenhuma dúvida até agora. Vamos lá.

Noite escura, Renzo vai pela estrada real resmungando indignado por ser tão caluniado: *“Eu preguei que matassem os ricos? Um maço de cartas, eu?”* Teme ser pego, confundido com um ladrão: *“Ninguém se lembra de que um homem de bem pode ser obrigado a andar na estrada a estas horas”*.

Chega às margens do rio e vê do outro lado uma nódoa esbranquiçada que julga ser Bérgamo. Para esperar a alvorada, Renzo refugia-se numa casinhola abandonada numa cama *“que a Providência lhe preparara”*.

PROF. MONIR: E aqui eu só queria lembrá-los de que este é um momento muito importante no conteúdo da obra: a ideia da Providência – uma ideia central, um elemento estruturante no texto – apareceu aqui pela primeira vez.

e medita:

Mal fechou os olhos, uma verdadeira multidão de imagens aflui-lhe à mente, afugentando o sono. O negociante, o notário, os beaguins, o espadeiro, o taberneiro, Ferrer, o vigário, os vadios da estalagem, os viajantes da estrada, Dom Abbondio e Dom Rodrigo dançavam-lhe no cérebro, exasperando-lhe a amargura. (pág. 129)

(...)

– Que noite, pobre Renzo! E que leito nupcial!

– Seja o que Deus quiser – disse ele, como resposta aos pensamentos que mais o torturavam. – À vontade de Deus! Ele sabe o que faz, e existe para

nós também. Seja tudo em desconto dos meus pecados. Lúcia é tão boa! O Senhor não permitirá que ela padeça muito tempo. (pág. 130)

Com a ajuda de um barqueiro, Renzo atravessa o rio na manhã seguinte e chega em território bergamasco. Contempla a margem oposta, amaldiçoa aquela terra e dá adeus à pátria. Arrepende-se automaticamente ao lembrar-se do que lá deixara. Caminhando na direção da cidade, a cada momento *"cruzava com indigentes que mostravam a miséria mais no rosto do que no vestuário. Não eram os mendigos habituais e sim camponeses, montanheses, artesãos, famílias inteiras a esmolar"*. Renzo sonha em trabalhar como fiandeiro com o primo Bartolo e mandar vir as mulheres.

PROF. MONIR: A noiva e a sogra.

O primo, contramestre de uma fiação, recebe-o com surpresa. Explica-lhe como as coisas andam difíceis, mas acolhe-o e o encaminha para conhecer o patrão que *"preza os operários, porque a crise passa e o negócio fica"*. Renzo consegue um emprego. (Havia grande interesse da República de Veneza por fiandeiros de Milão.)

PROF. MONIR: Reparem que quando o Renzo atravessa o rio ele muda de pátria, porque a República de Veneza é outro país, diferente do Ducado de Milão. Entenderam o que era a Itália antes da unificação? Não é a mesma nação, são países diferentes. A República de Veneza tem outro governo, outro sistema jurídico etc. Renzo então sonha em poder chamar a mulher e a sogra pra começar a vida assim que puder. Como os fiandeiros de Milão são os melhores da Itália, porque a indústria da seda na Itália fica em Milão, Renzo se colocou facilmente.

Aqui em Nova Esperança, entre Paranavaí e Maringá, você tem a maior produção brasileira de casulos de bicho-da-seda. Mais ou menos oitenta e cinco por cento da produção de casulo do bicho-da-seda no Brasil é produzido aqui, um fio de altíssima qualidade... Dez safras por ano, mais ou menos. E esse fio que é produzido aqui em Nova Esperança é fiado na Itália, no Japão, e será possivelmente transformado lá na frente em um lenço de seda Hermès pelo qual você paga três mil dólares em Paris. Mas a indústria de tecelagem de seda italiana sempre foi em Milão.

E aí então temos uma situação em que o Renzo parece que vai conseguir consertar um pouquinho a vida, está trabalhando. E agora o problema parece ser só o de chamar as mulheres. Esperar que ele ganhe algum dinheiro pra chamar as mulheres e começar a vida fora da pátria, já que por causa da perseguição àquele casamento, Renzo e Lúcia tiveram que se expatriar. O que parece uma coisa absurda, porque afinal de contas, eles só queriam fazer o quê? Casar.

Capítulo XVIII

No dia 13 de novembro, o senhor corregedor de Lecco recebe despacho da polícia milanesa indagando se Lorenzo Tramaglino, "rebelde à autoridade policial", havia voltado "*ao seu primitivo domicílio*". A casa de Renzo é arrombada. O nome Tramaglino progressivamente "*convertia-se em desgraça, em opróbrio, em crime*". Na aldeia, no entanto, a maioria persuadiu-se de que se tratava de outro ardil do Senhor Rodrigo.

PROF. MONIR: Na própria cidade ninguém levou aquilo muito a sério, porque conheciam a figura do Rodrigo. No entanto a situação civil do Lorenzo

Tramaglino é muito ruim, porque agora ele é réu. Está sendo perseguido como malfeitor. Saiu caro essa história toda do casamento.

O fidalgo, por sua vez, alegrou-se em saber ser o seu rival perseguido, apesar de o capanga Griso ter trazido notícias pessimistas de Monza: Lúcia vivia asilada no mosteiro, sob a proteção da tal “senhora”. Além disso, o Conde Atílio maquinava em Milão a perseguição do único aliado das fugitivas, o Frei Cristóvão. Rodrigo julgava-se mais do que nunca no direito de reaver a moça, que agora era, afinal de contas, *“um bem de rebelde”*.

PROF. MONIR: Que não tem direito a ter nada, muito menos a moça. Nesse momento ele já perdeu a aposta, ele quer apenas desferrar-se do Renzo.

Circula finalmente pelo povoado a notícia de que Frei Cristóvão, por ordem do padre provincial, deixaria o convento de Pescarenico e iria transferido para Rimini. Com esta notícia, vem a do regresso inesperado de Dona Inês que, com Lúcia, recebera no convento, pelo capuchinho, as notícias das desventuras de Renzo em Milão e da fuga para a segurança de Bérgamo.

PROF. MONIR: A Dona Inês, sozinha, sai do convento e volta pra Lecco.

Chegando em Lecco, Dona Inês se desespera ao saber da transferência do frade.

PROF. MONIR: Não têm mais amigos agora.

Neste capítulo, o narrador nos conta como o tio do Conde Atílio, “envenenado” pelo sobrinho, havia convencido o padre provincial dos capuchinhos a remover o Frei Cristóvão de Lecco, acusando-o sutilmente de proteger o “*organizador das arruaças de Milão*”.

PROF. MONIR: Como eu contei pra vocês, né? O capuchinho não está submetido ao bispo, está submetido ao provincial. Há uma espécie de autoridade intraordem. O bispo não tem ação política sobre ele, porque as ordens são autônomas dentro do contexto católico.

Como o superior resistia em punir o religioso, sem provas, o fidalgo expôs a conveniência de uma transferência discreta ante uma guerra aberta entre os capuchinhos e sua família (“*somos uma família numerosa... que tem sangue nas veias*”). E foi assim que o bom frade acabara exilado em Rimini.

Enquanto isso, o Senhor Rodrigo, “*decidido a levar a termo sua empresa execrável*”, e impossibilitado de vencer sozinho os muros de Monza, decidira solicitar o concurso de uma personagem poderosa, denominado pelo narrador apenas como o “Inominado”²².

PROF. MONIR: Pois é. Esse *l'Innominato* (O Inominado), “aquele que não é nominado”, teria sido também uma personagem histórica. Tratava-se de uma espécie de Marquês de Sade italiano, um sujeito que tinha um castelo e grande poder político, um malfeitor que tinha uma vida sexual absoluta-

²² Nota do resumidor - Comentaristas posteriores relacionam o Inominado com uma personagem histórica, Bernardino Visconti, libertino que se converteu.

mente libertina, nos padrões do Marquês de Sade. Vivia de orgias e de bacanaís, etc. E é a esse sujeito a quem o Rodrigo vai pedir ajuda para sequestrar, ou melhor, raptar, Lúcia. Vai pedir ajuda a esse homem, que teria de fato existido. Vamos ver o que acontece então.

Segundo relatos, tratava-se de um libertino, grande senhor da cidade, que se exilara na fronteira, numa propriedade rural, *"impondo-se à força de crimes"*, desdenhando *"juizes, magistrados e soberanos... Todos os tiranetes do vizindário se tinham visto forçados a optar pela amizade ou pela inimizade deste tirano invulgar"*.

Rodrigo, que julgava perigoso ter inimizade com aquele homem, cobre a cavalo as sete milhas que medeavam entre seus castelos e vai pedir-lhe ajuda.

PROF. MONIR: Dá uns doze quilômetros, mais ou menos.

Capítulo XX

Rodrigo chega ao castelo do Inominado, isolado na fronteira e tão protegido que ali nunca se havia visto esbirro nenhum, nem vivo nem morto.

PROF. MONIR: A polícia nunca havia entrado lá, pra vocês terem uma ideia.

O castelão, *"alto e moreno"*, com sessenta anos, ouve o fidalgo que *"vinha pedir conselho e auxílio. Encontrava-se numa situação difícil que lhe afetava a honra. Lembrara-se então de que soara talvez o momento azado para a retribuição prometida"*. O Inominado, que desgostava especialmente de Frei Cristóvão, consente no pedido e despede o fidalgo dizendo: *"Em breve sereis avisado do que tendes a fazer"*.

PROF. MONIR: Ou seja, esse Inominado, como um chefe mafioso (não é uma coisa de máfia isso de você pedir lá pro chefão uma proteção?) promete ao Rodrigo que irá raptar para ele a moça contra favores, não é? Ou seja, uma atitude tipicamente de máfia.

Depois que o fidalgo sai, o Inominado que tinha, às vezes, *“a sensação de uma solidão aterradora”*, reflete na sua vida de crimes e na morte:

A morte, que o apavorava, aparecia sozinha, nascia no íntimo. Talvez ainda estivesse longe; mas de minuto a minuto avançava um passo. Enquanto o espírito lutava com afã, para banir o espectro, este aproximava-se inexoravelmente. (pág. 147)

(...)

Logo, porém, que o amigo se retirou, o ‘Inominado’ sentiu desvanecer-se a firmeza que o sustentava; crescia nele a tentação a faltar à palavra.

PROF. MONIR: A tentação e faltar à palavra ao Rodrigo. O que o autor está nos dizendo é que o Inominado começa a ter dúvidas sobre se está certa a sua carreira de malfeitorias. Se isso está certo ou não. Começa o Inominado, portanto, a duvidar um pouquinho da sua própria vida.

Cumpria por termo a essa luta penosa. O castelão chamou o “Milhafre”, um dos ministros mais destros e audazes das suas iniquidades, o mensageiro que ele empregava para se comunicar com Egídio, e enviou-o a Monza, a fim de requisitar do seu perverso parceiro o auxílio preciso. (pág. 148)

PROF. MONIR: Lembra do Egídio, que era um sujeito libertino que tava preso num convento? E que era amigo da Monja? Esse Inominado tem lá

um contato dentro do convento que é o Egídio, um outro libertino, outro pervertido.

Desta vez o rapto, com a ajuda da atormentada Gertrudes, chantageada pelo celerado Egídio, funcionaria. Mandada pela “senhora” de Monza ao convento dos capuchos, sozinha, convocar certo monge, Lúcia (que nunca mais pusera os pés na rua) foi agarrada no caminho pelo sicário “Milhafre” que a amordaçou e a levou numa carruagem para o Inominado, embrenhando-se no bosque a galope. A moça desmaia no caminho.

PROF. MONIR: Então. A situação da Lúcia não podia ficar pior, porque agora ela não tem mais a Monja de Monza, mas ela tem o Inominado, que é o Marquês de Sade em pessoa. Não parece que tá piorando a situação da Lúcia? Viu como dá pra piorar a vida da moça? Muito bem, vamos lá.

Capítulo XXI

Os sicários do Inominado estão compadecidos de Lúcia. O libertino, atormentado por culpas, resolve que não a quer em casa e a entrega aos cuidados de uma velha criada. Ameaça mandar chamar Rodrigo imediatamente, mas recua: *“Algum demônio a protege... Um demônio ou um anjo”*. Mais tarde, o Inominado encontra Lúcia encolhida num canto no quarto da velha criada. Ele quer saber se ela estava sendo bem tratada. A moça implora misericórdia e pede, pelo amor de Deus, para ser libertada.

Deixada a sós com a criada, Lúcia tenta, mas não obtém dela informações sobre aquele senhor. Enquanto sua carcereira dorme, Lúcia pede ajuda a Nossa Senhora, prometendo-lhe renunciar a seu Renzo e dedicar a ela sua virgindade.

PROF. MONIR: Quer dizer, ela não sabe quem é aquela pessoa que a raptou, mas faz um negócio com Nossa Senhora dizendo o seguinte: “Se eu sair dessa, não me caso com ninguém mais, vou ficar virgem e dedicarei a minha virgindade a Jesus, portanto renunciarei ao casamento”.

O Inominado, por sua vez, atormentado e sem poder dormir, decide libertar a prisioneira. Afinal de contas, só tinha concordado com o plano porque “obedecera a sentimentos antigos, usuais; mas não vacilara em praticar mais uma de suas inúmeras ações celeradas que ora lhe acudiam à lembrança, como outras tantas monstruosidades”. Pensa em matar-se, mas se lembra do júbilo de seus inimigos e abaixa a pistola. Além disso, medita:

– Se essa outra vida, de que me falavam em pequeno, de que ainda me falam como de coisa certa, fosse pura invenção dos padres, porque haveria eu de morrer? Que importa o que fiz? Que loucura a minha!!! E, se essa vida existir!... (pág. 157)

Pela manhã, o libertino arrependido é acordado por repique dos sinos e por uma procissão que cruzava as suas terras.

PROF. MONIR: Portanto esse libertino aí, esse Inominado, está no momento prévio da sua própria conversão. Ele de alguma maneira é influenciado pela presença da moça, porque ela, de certo modo, representa o oposto dele. Enquanto ele representa, digamos assim, um arquétipo de perversidade, ela representa um arquétipo de inocência. E ele então, ao se defrontar com isso, acontece como está lá na Odisseia – eu tenho dito pra vocês sempre que todos os esquemas literários ocidentais estão na Ilíada e na Odisseia.

Nós já lemos a Odisseia aqui no nosso grupo – vocês lembrarão que o Ulisses faz finalmente a sua redenção quando, naufragado, chega nu (chegar nu, é de certo modo, uma situação simbolicamente necessária) na praia e se defronta com a Nausícaa... O Ulisses é um homem de quarenta e cinco anos, e encontra uma mocinha de quinze, chamada Nausícaa, que é filha do rei dos Feácios, e que é, digamos, o modelo de virgindade e pureza humana. A hora em que Ulisses se dá conta da diferença que há entre ele e aquela menina, então ele finalmente compreende a sua vida, e por aquela compreensão pelo contraste, ele consegue então tornar-se um sujeito humilde. Ela o ajuda a se vestir, depois o leva para o palácio do seu pai e ao chegar ao palácio, o grande, vaidoso, soberbo Ulisses deita em cima das cinzas do lado da lareira, humilha-se perante aquele povo que o recebeu e finalmente compreende seu verdadeiro papel no cosmos. Ou seja, foi preciso passar por aquela experiência de contraste com a Nausícaa para que o velho pervertido Ulisses, o velho vigarista, trapaceiro, espertalhão, pudesse ter redescoberto a pureza humana.

E aqui, de certa maneira, acontece a mesma coisa. A Lúcia representa o modelo humano de pureza, com o qual fica contrastado então o modelo humano de perversidade do Inominado. Alguma coisa tem que acontecer aí: ou um choque destrutivo de um dos dois, ou um choque construtivo de alguma coisa. O que está acontecendo é que o Inominado está querendo deixar de ser libertino.

Capítulo XXII

A procissão era em homenagem a Dom Frederico Borromeo ²³,

PROF. MONIR: Em frente à Biblioteca Ambrosiana em Milão tem uma estátua do Frederico Borromeo e no pedestal da estátua está gravada uma porção de extratos do livro *Os Noivos* que nós estamos lendo aqui: quando o Borromeo é comentado no livro, as suas qualificações. E está lá pra quem quiser ver, em frente à Biblioteca Ambrosiana.

arcebispo de Milão, que estava numa aldeia próxima, para onde a procissão se dirigia. No quarto da criada, Lúcia continuava enrodilhada, imóvel, aterrorizada no mesmo canto.

PROF. MONIR: Coitada da menina, né? Já imaginou, num canto da sala... você sabe aquele cachorrinho que está com medo dos donos, do vizinho? É a coitada da Lúcia, não sabendo o que vai acontecer com ela... tudo isso só porque ela queria casar. Não é uma quantidade incrível de desgraça? Ela não tem mais a mãe dela, está sozinha na casa de um sujeito que é um perverso, lá no canto, tentando se salvar com Nossa Senhora, não é? Muito bem, vamos lá.

23 Nota do resumidor – Frederico (Fedrico) Borromeo (1564-1631), Cardeal e Arcebispo de Milão, filho da aristocracia milanese, foi uma personagem de extraordinária importância. O prelado fundou a Biblioteca Ambrosiana, a qual anexou um colégio de doutores para o estudo de teologia, de história, das letras, das antiguidades eclesiásticas e das línguas orientais.

O Inominado sai a pé para procurar o Cardeal que, conforme o narrador nos informa, *“foi um dos raros homens de seu tempo que dedicaram um talento notável, todos os recursos da opulência e as vantagens de uma posição privilegiada à contínua prática do bem”*²⁴.

Capítulo XXIII

Apesar da resistência dos padres que não querem deixar o Inominado aproximar-se do cardeal (*“o homem é um empreiteiro de crimes, um desesperado sempre em contato com os desesperados mais furiosos...”*), Borromeo insiste em recebê-lo e manda-o entrar imediatamente (*“E não é felicidade, para um bispo, que semelhante homem se lembre de o visitar?”*).

PROF. MONIR: Olha só que beleza, né? Não querem deixar que o pervertido fale com o cardeal, mas ele diz: “Mas é justamente com esse sujeito que eu tenho que falar”. Lembrando sempre vocês que a essência do cristianismo é que é uma religião feita para pecadores, não é uma religião feita para santos. Porque se fosse o caso, se fosse pra santos, o Borromeo só falaria com São Francisco de Assis. Mas o problema do cristianismo é que ele é feito justamente para as pessoas que não são santas, logo não teria nada mais interessante, mais oportuno para o Cardeal Borromeo do que conversar com o pior de todos, o mais pervertido de todos os habitantes daquela cidadezinha.

As indicações são de que isso tudo foi assim mesmo. Essa é pelo menos a versão que corre como tendo verdade histórica, ou seja, o Cardeal Borromeo de fato teria sido o conversor do Inominado, que de fato existiu.

24 Nota do resumidor – Estas palavras de Manzoni estão gravadas no pedestal da estátua do cardeal em frente à Biblioteca Ambrosiana.

Ao defrontar-se com o libertino, o Cardeal humildemente se desculpa de não ter ainda ido visitar “*um dos (seus) filhos amados que mais desejava abraçar*” e estende a mão para o libertino que recua com vergonha, mas acaba aceitando o gesto de reconciliação com a cristandade.

De súbito, o ‘inominado’ desvencilhou-se; cobriu os olhos com a mão e, erguendo o rosto para o alto, exclamou:

– Deus grande, Deus bom, percebo enfim quem sou! Vejo as minhas iniquidades. Tenho horror de mim mesmo. Contudo... sinto um refrigério, uma alegria! Sim; uma alegria que nunca experimentei, na minha existência horrível. (pág. 164)

O Cardeal manda chamar o cura da aldeia de Lúcia e o Padre Abbondio aparece, “*com evidente má vontade e um ar de surpresa e desagrado*”.

PROF. MONIR: Tava desaparecido até então, né? Achando que tinha se salvo. Agora imagina que foi colocado de novo na encrenca.

Recebe a notícia de que Lúcia Mondella havia sido reencontrada e que ele deveria seguir com o castelão para buscá-la, acompanhados da mulher do alfaiate. Quando alguém propõe ir chamar Dona Inês, Abbondio espertamente se candidata (para evitar a excursão com aquele homem), mas o cardeal não concorda.

PROF. MONIR: Então agora o Padre Abbondio tem que ir até o castelo do Inominado, andando com ele assim pela rua. É a última coisa que ele queria na vida.

Na praça já se espalhara a notícia da conversão prodigiosa. Ao ver o Inominado, centenas de vozes murmuraram: *"Deus o abençoe"*. No caminho para o castelo do libertino, o Padre Abbondio pensa no Senhor Rodrigo: *"Poderia subir ao paraíso de carro, e prefere descer ao inferno, coxeando!"* Em seus pensamentos, está informado com aquela tarefa: *"Se este virou santarrão, porque não a trouxe de uma vez?"... "Sinto muito, mas essa menina veio ao mundo para meu mal"*.

A insólita comitiva composta por libertino, padre e mulher do alfaiate chega ao infame castelo.

PROF. MONIR: Imaginem como deve ser sido a cena. Os três andando a pé, indo na direção do castelo de terrores, ao castelo do Marquês de Sade.

Capítulo XXIV

Lúcia assusta-se ao ver o Padre Abbondio e a boa aldeã que o acompanhava. A comitiva, agora aumentada por Lúcia, volta para a aldeia, sob os olhares atônitos dos sicários, já que a notícia da conversão ainda não chegara ao castelo. No caminho, Lúcia descobre, arrepiada, pela mulher do alfaiate quem era aquele "senhor" que a escoltava.

PROF. MONIR: Ainda bem que ela descobriu depois da conversão e não antes, né? Levou uma sorte danada.

Passam pela mente do cura as reflexões mais sombrias e, uma vez tendo deixado Lúcia na casa da aldeã, apanha seu bordão e *"encaminha(a)-se, a passos largos, para sua aldeia."* Lúcia, após tomar um caldo, relembra aquela noite de angústias e dá-se conta do voto que a condenaria a uma vida de renúncias: *"Ah!, pobre de*

mim! Que fiz eu?" Mãe e filha se reencontram. A mãe confirma que Renzo estaria a salvo em território bergamasco. O cardeal procura Lúcia na casa dos aldeões e Inês aproveita para lhe contar que o cura não havia cumprido suas obrigações eclesásticas.

PROF. MONIR: Pronto, agora deram para o Cardeal Borromeo a ficha do Dom Abbondio. E agora vocês vão ver só o que vai acontecer.

De volta a seu castelo, o Inominado reúne seus fâmulos e sicários e declara que o Senhor o havia intimado a mudar de vida e que estavam todos livres para escolher entre ficar para praticar o bem ou partir indenizados.

PROF. MONIR: Pronto, já aconteceu um milagre, né? O Inominado não é mais o Marquês de Sade. E isso foi uma obra do conjunto de acontecimentos que nós vamos compreender depois, na análise, que trouxeram a história para um patamar melhor... Agora começou a melhorar um pouquinho a vida de Lúcia. Mas o problema todo é que agora ela não pode mais casar com o Renzo, porque ela já prometeu a sua virgindade. Agora o problema é que ela está impossibilitada de casar de vez.

Capítulo XXV

O Senhor Rodrigo, *"aniquilado por notícia tão extraordinária e tão diferente da que esperava"*, trancou-se dois dias no castelo e, com medo do cardeal, no terceiro partiu para Milão, esgueirando-se como fugitivo, bufando e jurando voltar *"para uma desforra memorável"*.

O Cardeal, de fato, passaria pela região em seguida, onde os testemunhos que ouviria sobre Renzo não combinariam com os relatos de suas “diabruras” que corriam em Milão.

Na aldeia anterior, onde as mulheres haviam ficado sob a proteção da família do alfaiate, um casal de fidalgos, Dona Praxedes e o Senhor Ferrante, propõe aceitar Lúcia para trabalhos domésticos, a fim de protegê-la. O cardeal concorda com aquela solução, mesmo implicando em nova separação de mãe e filha.

O Arcebispo de Milão cobra de Abbondio a não realização do casamento dos noivos no dia aprazado. Após ouvir as lamentações do cura, o cardeal fuzila:

PROF. MONIR: E agora vocês vão ver uma bronca que o cardeal vai dar no Dom Abbondio. Eu, se recebesse dez por cento dessa bronca, me enfiava embaixo da mesa e não saía nunca mais. Reparem que interessantíssimo:

– Quando o senhor se apresentou à Igreja, para assumir este ministério, ela garantiu-lhe porventura a vida? Que seria da Igreja, se a sua linguagem, senhor cura, fosse a de todos os seus confrades? Onde estaria ela, se surgisse no mundo com tais doutrinas?

Cabisbaixo, transido de medo como um pinto nas garras do falcão, Dom Abbondio sentia-se transportado para uma região desconhecida, para uma atmosfera que nunca respirara. Admitiu, pois, com submissão afetada:

– É possível que eu não tenha razão, monsenhor ilustríssimo. Desde que não se deve prezar a vida, nada me resta dizer. Mas a quem lida com o que tem a força e desconhece a razão, não adianta a intrepidez...

– Ignora, acaso, que sofrer esta Justiça é a nossa vitória? Quem exige que o senhor vença a força pela força? Ninguém lhe perguntará, um dia, se soube

fazer-se respeitar pelos poderosos. Mas terá decerto de responder se empregou os meios ao seu alcance, para agir como foi prescrito, embora tivessem os homens a temeridade de proibi-lo. (págs. 176–177)

Capítulo XXVI

A reprimenda continua, o cardeal acusando o cura de ter preferido obedecer à iniquidade. Abbondio tenta defender-se, mas não encontra argumentos. Sua mente está ocupada com o fato de que “Dom Rodrigo, são e vivo, havia de voltar, furioso, triunfante e inflexível, para a prometida represália, ao passo que o Cardeal não usava espada ou bacamarte nem tinha às suas ordens um bando de sicários”.

PROF. MONIR: Mas é covarde esse padre, né? Não é possível. Tá ouvindo uma bronca dessas e tá só pensando assim: “Eta, esse cara aí. Depois que ele for embora é que eu vou ter um problema aqui, quando voltar o Dom Rodrigo com o bacamarte pra me matar”. Ele não tem a menor capacidade de compreender o que o Borromeo está dizendo pra ele.

Com base naquele temor, o cura resiste, fazendo-se antecipadamente de vítima. O cardeal não lhe dá folga e o responsabiliza diretamente pela situação:

– Agora – prosseguiu Frederico – aí estão eles: um, foragido; a outra, obrigada a viver fora do lar. Agora, infelizmente, já não precisam do senhor e não lhe darão o ensejo de praticar um ato de bondade. Mas quem sabe se Deus misericordioso não lhe oferecerá ocasião para isso? Ah! Não a deixe escapar! Trate de aproveitá-la; rogue ao Senhor para que a faça aparecer. (pág. 180)

O Inominado manda entregar a Dona Inês cem escudos de ouro, uma fortuna. Como a mulher faz planos de buscar Renzo com o dinheiro, Lúcia, desfeita em lágrimas, conta finalmente à mãe seu voto de celibato. Inês ouve estupefata, consternada. Lúcia pede a mãe que conte o fato a Renzo e lhe mande metade do dinheiro. Sobre o rapaz corriam todo o tipo de boatos, entre eles o de que o Senhor Gonzalo Fernandez de Córdoba havia se queixado ao representante de Veneza em Milão de o governo vizinho abrigar em Bérgamo tamanho vilão. *“Não se creia, porém, que o senhor Gonzalo se empenhasse deveras em vingar no pobre fiandeiro montanhês a afronta ao seu rei mouro agrilhado. O nobre senhor tinha mais em que pensar. Só fortuitamente o fio do destino do nosso humilde campônio se entretece na trama de acontecimentos grandiosos”.*

PROF. MONIR: A situação agora tem o seguinte impasse: o Renzo não pode voltar porque será preso. O seu esconderijo na República de Veneza está a perigo porque o Ducado de Milão está fazendo gestões diplomáticas para persegui-lo lá. A moça não pode casar porque fez voto de castidade. Logo, o que tem de bom é que eles têm cem moedas muito valiosas, mas eles não conseguiram ainda que o Rodrigo parasse de persegui-los. Mas será que vai melhorar?

Capítulo XXVII

O narrador, nesta altura, esclarece a razão dos conflitos que abalavam a região. Estavam ligados à sucessão do duque Vicente Gonzaga em Mântua. Sem herdeiros, o Ducado era disputado por várias partes²⁵ e, no *imbroglio* estava o governo

25 Nota do resumidor – Os pretendentes ao Ducado de Mântua eram basicamente os franceses (Charles de Nevers) e o duque de Savoia, Carlos Emanuel, apoiado pelos Habsburgos do Sacro Império e pelo Ducado de Milão, a quem estava aliado.

de Milão. O Senhor Gonzalo Fernandez de Córdova, evidentemente, *"não tardou a esquecer o ínfimo rebelde"*.

PROF. MONIR: Esse Gonzalo é o governador do Ducado de Milão, lembram? Ele é o representante de Filipe IV lá em Milão.

Em todo caso, Renzo, agora com o nome falso de Antônio Rivolta e morando *"quinze milhas mais longe"*, apesar de ser analfabeto e escrevendo por meio de secretário, fez chegar uma carta ao convento de Pescarenico. Como resposta, Inês enviou-lhe por mensageiro de confiança as cinquenta moedas de ouro do Inominado e as razões pelas quais ele deveria resignar-se a renunciar ao casamento projetado. Estupefato e furioso, manda dizer que nunca *"desistiria do que era todo o seu bem"* e que não tocaria o dinheiro.

Lúcia, por sua vez, rezava para que Renzo a esquecesse, mas toda vez que Dona Praxedes, envenenada pelos boatos, o injuriava, ela o defendia. O Senhor Ferrante, que tinha respeitável biblioteca de trezentos volumes, estudava astrologia, lia Aristóteles e havia se embrenhado *"nos domínios da magia, do ocultismo, e consagrara especial atenção à história"*. Também gostava de estudar a vida dos homens de estado.

PROF. MONIR: Trezentos volumes numa biblioteca nessa época era muito bom, porque os livros eram muito caros, muito mais caros do que hoje, muito mais difíceis de obter. Logo trezentos volumes não parece muito para uma biblioteca moderna, mas era muito para uma biblioteca da época. Esse Ferrante, na casa de quem então a Lúcia está hospedada, é um homem culto pra época, é mais ou menos isso que nós estamos ouvindo aqui do autor.

Depois da sedição do dia de São Martinho, o pão voltara a Milão, farto e barato. Mas, com as facilidades, o povo começou a estocar trigo com tal sofreguidão que um edito do grão-chanceler proibiu com rigor aquisições superiores ao consumo de dois dias: *"a multidão quisera provocar a abundância, com a pilhagem e o incêndio; o governo pretendia mantê-la, com as galés e a força"*. Quando os estoques realmente baixaram, vitimados pela tarifa forçada e irreal, reapareceu a carestia agravada pelas medidas que haviam pretendido atenuá-la. A miséria se generalizara e com ela a disseminação de doenças: doentes foram amontoados no lazareto, sofrendo até mesmo da falta de água pura. À estiagem e forte calor extemporâneo, acrescentava-se a *"depressão moral que roía esse desgraçados"*. O número diário de mortos excedia uma centena. Fatos a que *"se dá o título de história"* intervieram: entre as tropas alemãs do exército imperial que passariam pela região para assediar o Monferrato²⁶ lavrava a peste. O governador Gonzalo Fernandez de Córdova desprezou os avisos e cedeu direito de passagem às tropas imperiais. Vinte e oito mil infantes e sete mil cavaleiros cruzaram durante oito dias o Ducado de Milão saqueando tudo e violentando todos:

PROF. MONIR: E são os amigos, hein? São os aliados!

"desenterravam-se os objetos preciosos, roubava-se o gado, até nas montanhas, e não se poupavam pancadas aos nativos abastados, enquanto estes não apontassem o esconderijo dos seus tesouros."

26 Monferrato – Região dominada por Mântua que as forças imperiais do Sacro Império e dos "condottiere" aliados resolvem ocupar.

A “turba diabólica” chega à região de Lecco. O narrador nos conta que “quem não viu Dom Abbondio no dia em que se divulgou a notícia da chegada iminente dos imperiais, nunca saberá o que é perplexidade e terror”.

ALUNOS: *[risos]*

PROF. MONIR: Ou seja, o Dom Abbondio... se ele já era covarde antes, imaginem o comportamento deste homem frente ao advento de um exército selvagem como esse. Que está só passando pelo país pra atacar o vizinho. Para que vocês tenham o registro disso, o Sacro Império Romano Germânico – que é o império que, depois de Carlos Magno, tenta substituir o Império Romano – persistirá até a gestão de Napoleão como imperador. Será Napoleão Bonaparte, em 1806 (portanto duzentos anos na frente ainda), quem finalmente extinguirá o Sacro Império Romano Germânico, que é esse aqui que faz essa incursão desastrosa pelas terras de Lecco. Sobretudo pelas terras de Dom Abbondio.

O padre implora inutilmente ajuda à gente em fuga. Perpétua, mais realista, enterra o dinheiro e os talheres sob a figueira, prepara um cesto cheio de comestíveis, apanha o breviário e propõe seguir com os retirantes, mas chega Dona Inês que prefere pedir abrigo ao Inominado. De fato, o convertido *“inspecionava pessoalmente os preparativos, dentro e fora do castelo, acolhendo os que chegavam, dando ordens, confortando a todos com sua presença”.*

Os fugitivos passaram quase um mês no castelo do Inominado *"num movimento constante e companhia numerosa"*. *"Dom Abbondio, por sua vez, vivia em contínuo sobressalto, pronto a acolher os boatos mais apavorantes..."*. Quando acabou o trânsito das forças imperiais, os refugiados do castelo regressaram a seus lares para encontrarem a própria calamidade da destruição e do saque. Vários objetos da casa paroquial, segundo Perpétua, teriam sido vistos espalhados por outras casas da aldeia.

PROF. MONIR: Então, o saque não é só por parte das tropas, mas dos vizinhos aos vizinhos. Nesse momento há algo extraordinariamente importante na história... Nós compreendemos o que aconteceu, né? A Lúcia está morando com aquele casal, fazendo os serviços domésticos, e mais ou menos esperando que o Renzo possa voltar, embora ela já tenha mandado dizer pra ele que não tem mais casamento. O Renzo está escondido com nome falso lá em Bérgamo porque está sendo assediado pela justiça já que o governo de Milão está pedindo sua extradição para Milão.

Enquanto isso há esses acontecimentos militares que fazem com que se desmonte todo aquele esquema, e agora acontecerá uma coisa extraordinária que basicamente notabilizou esse livro para sempre, que é o advento da peste. Historicamente houve uma peste trazida pelas tropas que passaram por ali pelo Ducado de Milão, e a descrição dessa peste é uma das coisas mais impressionantes que vocês possam ler, porque é uma descrição minuciosa, foi feita uma pesquisa histórica muito boa, os elementos que foram aí transpostos têm muita legitimação por documentos e, entre os relatos da peste, há um determinado relato que é de uma tristeza sem par... uma das

coisas mais tristes que eu já vi na minha vida, comovente, horrível. Esse relato aqui é melhor do que o do livro *A Peste* de Albert Camus, esse aqui é superior. O mais realista relato dos efeitos de uma peste que alguém já escreveu. E esse novo acontecimento mudará completamente o destino das coisas.

Capítulo XXXI

Na esteira da passagem do exército imperial, começaram a aparecer cadáveres, sem que o tribunal sanitário de Milão tenha tomado providências. No dia 14 de novembro, médicos encarregados da saúde pública expõem ao governador Ambrósio Spinola, sucessor do Senhor Gonzalo, que havia deixado o cargo sob insultos e pedradas, suas preocupações com os cadáveres pela região.

PROF. MONIR: O Gonzalo caiu por causa daquela crise do trigo.

O novo governador, no entanto, apenas lamenta o quadro e, dias depois, em 18 de novembro, apesar do risco das aglomerações, promulga edito ordenando festejos públicos pelo nascimento do infante Carlos, filho del-rei Filipe IV. Em fins de novembro, um soldado italiano a serviço da Espanha traz a peste a Milão. Aos poucos a enfermidade se espalha.

“A peste, que o tribunal sanitário se empenhara em manter à distância, entrara com as hordas imperiais, para invadir e despovoar não só o território milanês, como boa parte da Itália.”

O Cardeal Frederico Borromeo, apesar de temer o contágio coletivo, pressionado pelos fiéis, permite que as relíquias de São Carlos permaneçam expostas durante oito dias no altar-mor do Duomo²⁷,

PROF. MONIR: Ela não estava completa. Uma das igrejas mais bonitas que se possa conceber na vida. Tem pouca coisa tão bonita quanto aquilo.

trazidas por procissão que partiria ao alvorecer do dia 11 de junho. O ritual acabou não sendo de grande valia:

No dia seguinte, porém, quando ainda reinava a confiança – ou melhor uma fé exaltada – na eficácia dessa piedosa romaria, as mortes recrudesceram em tal proporção, que só era possível atribuir esse acréscimo imprevisto à procissão da véspera. A partir desse dia, a fúria do contágio exacerbou-se; dentro em pouco, não havia lar que não fosse atingido e a população do lazareto aumentou de dois mil para doze mil doentes. Em 4 de julho, o número de mortos elevou-se diariamente a mais de quinhentos, subindo mais tarde a mil e duzentos, mil e quinhentos e três mil e quinhentos, se quisermos dar crédito a Alexandre Tadino²⁸. (pág. 204)

Com o recrudescimento da epidemia era preciso “manter, substituir, aumentar todos os dias o pessoal”: os “monatti”²⁹,

27 Nota do resumidor – Belíssima catedral milanese que, na época, ainda não tinha a aparência moderna.

28 Nota do resumidor - Alexandre Tadino é um historiador da peste de Milão.

29 Nota do resumidor – Pessoal pago por “mês”, do alemão “Monat” (mês).

PROF. MONIR: “*Monat*” é mês em alemão, “*monatti*” é quem recebe por mês.

recrutados no estrangeiro, para as tarefas mais repelentes, os “batedores” para preceder as carroças carregadas de cadáveres e “comissários” para fiscalizar os dois primeiros; além disso era necessário fornecer ao lazareto médicos, medicamentos, cirurgias, instrumentos e víveres.

PROF. MONIR: A gente não tem ideia do que possa ser uma coisa dessas, porque nunca mais vivemos isso. Mas no Brasil, quando houve a gripe espanhola, os acontecimentos foram muito parecidos com isso. Entre outras coisas, os moribundos eram colocados na calçada e eram mortos a pauladas pelos carregadores de cadáveres. Isso no Brasil, no século XX. Tivemos um presidente da república, Rodrigues Alves, que morreu de gripe espanhola nessa ocasião. A gripe espanhola, uma variante da gripe aviária (não da gripe suína), é uma coisa de uma letalidade extraordinária. Nós não sabemos o que é isso. As pessoas todas contaminadas, morrendo como moscas. Todas as mínimas delicadezas humanas desaparecerem. Todos os respeitos, todas as considerações, tudo desaparece da noite para o dia. Há uma coisificação das pessoas. Esse é o quadro que se viveu lá e o Alexandre Manzoni descreve com uma portentosa habilidade literária. Muito bonito no sentido literário da palavra, não no sentido da coisa em si.

Os corpos permaneciam insepultos. Malfeitores aproveitavam-se da confusão geral para praticar extorsões e rapinas. Corria o boato de que a peste estivesse sendo espalhada de propósito por delinquentes sádicos chamados “untadores”. *“O terror dissolvia os laços mais íntimos, elevava sombria desconfiança entre esposos e irmãos”*. Dom Borromeo distribui comida para milhares de pessoas e sacrifica a vida de dezenas de religiosos na luta contra a epidemia.

PROF. MONIR: O Dom Abbondio, né? Nem teria sido capaz de pensar numa coisa dessas.

Capítulo XXXIII

Certa noite, em fins de agosto, quando o contágio chega ao auge, Dom Rodrigo regressava ao seu domicílio, em Milão, escoltado pelo Griso, um dos poucos servidores que a epidemia lhe poupara. Acabava de deixar um grupo de amigos, companheiros de orgias; fora nessa noite, o conviva mais alegre, e divertira o auditório com uma espécie de elogio fúnebre do Conde Atílio, arrebatado na antevéspera pela peste.

PROF. MONIR: O Atílio era o primo dele que tinha feito a aposta, né? Morreu.

Na rua acometera-o, no entanto, um insólito mal-estar, uma ardência interna, uma opressão, uma moleza que ele bem quisera atribuir só ao vinho, à vigília e ao calor. (pág. 206)

O Senhor Rodrigo não consegue dormir: os lençóis lhe pesam como chumbo. Mal fecha os olhos, acorda em sobressalto, com o corpo em fogo. Quando consegue adormecer, sonha estar numa igreja repleta de gente com “rostos amarelados e decompostos, olhos vidrados, lábios pendentes”. No sonho, todos os circunstantes olhavam para Frei Cristóvão, “de mão erguida, na atitude que tomara na sala térrea do castelo”. O fidalgo tenta agarrar a mão do religioso e acorda, “soltando um grito estridente”. Examina o seu corpo e dá com uma intumescência arroxeada, um bubão repulsivo.

PROF. MONIR: Por isso que a peste se chama peste bubônica. Porque ela gera bubões, que são como se fossem feridas intradérmicas, de aspecto repulsivo e de cheiro insuportável. Daí o nome.

Manda Griso buscar o cirurgião Prego, mas Griso busca, na verdade, dois “*monatti*” que o imobilizam enquanto o sicário arromba o cofre. Exausto com a luta, o Senhor Rodrigo desmaia e é levado embora numa padiola. Griso, no dia seguinte, durante uma orgia numa taberna com o dinheiro roubado do patrão, sente um súbito mal-estar e prosta-se sem forças. *“Despojado de tudo quanto trazia no corpo, arremessado a um carro de transporte, expirou antes de chegar ao lazareto onde, na véspera, fora internado o seu senhor.”*

PROF. MONIR: Portanto sabemos agora que o Rodrigo está com a peste e está internado no lazareto, como os milhares de outros doentes. Não aconteceu uma porção de reviravoltas do destino? Ainda não resolvemos o problema do casamento, no entanto.

Na zona fronteira entre o Ducado de Milão e a República de Veneza, onde estava Bérgamo, a doença também grassava. *“Renzo contraiu a moléstia e curou-se por si, isto é, nada fez”*. O fiandeiro decide voltar ao Ducado, *“fosse como fosse”*. Sob o nome falso de Antônio Rivolta, Renzo toma o caminho de Lecco, onde chega incógnito. Encontra, quase irreconhecíveis, Tônio e o Padre Abbondio, com o rosto pálido e enegrecido, sinais de serem sobreviventes da tragédia. Tônio, enlouquecido (*dizia o tempo todo “A chi la tocca, la tocca”*), havia acabado sozinho sem sua numerosa família. O padre conta a Renzo que Lúcia estaria em Milão na casa do Senhor Ferrante e que Inês havia se mudado para a casa de uns parentes em Pasturo. Isso se as mulheres ainda estivessem vivas. Levantando os braços

esqueléticos, como que invocando a clemência divina, queixa-se: *"Quando me ia sentindo melhor... Em nome do céu, que vem fazer aqui? Volta..."*

PROF. MONIR: "Agora que eu tava melhorando já, aparece você aqui, não é possível que eu tenha um azar desse", isso é o Abbondio dizendo.

O cura desfila o rosário dos nomes dos mortos; famílias inteiras e também Perpétua.

Renzo acha seu sítio reduzido a um matagal, *"inextricavelmente enredado de urtigas, de fetos, de joio, de azedas"*. O interior da casa arrombada está habitado por ratos e aranhas.

No dia seguinte, partiu sem se apressar e *"chegou à tarde nos arredores de Milão; ao amanhecer entraria na cidade, e contava iniciar logo as pesquisas"* para descobrir o paradeiro de Lúcia.

Capítulo XXXIV

Renzo encontra Milão devastada. *"Em certo ponto do terraplano, elevava-se densa nuvem negra de fumaça que se perdia na atmosfera pardacenta e parada"*, produto da fogueira que queimava roupas e móveis dos infectados. Os poucos passantes estão arredios e agressivos. O fiandeiro procura pela residência do Senhor Ferante, cuja indicação obteve de um padre. Seguindo as instruções...

Viu-se, de fato, num quarteirão que lembrava uma cidade de criaturas vivas. Mas em que estado! Fechadas, pregadas ou assinaladas com cruzeiros as portas de todas as casas, exceto as dos prédios desabitados! Por toda parte, trapos

repelentes, manchados de pus, excrementos mal cheirosos, roupa de cama arremessada pelas janelas, cadáveres de pessoas ceifadas de improviso pela peste, corpos depositados na rua à espera da passagem dos carros de transporte, caídos dos próprios carros, ou atirados simplesmente pela janela, que a calamidade embrutecera as almas, obliterando todo sentimento piedoso, toda consideração social. Um silêncio de morte estabelecera-se na cidade, quebrado apenas pelo rumor dos carros fúnebres, pelos berros dos “monatti”, por gritos frenéticos ou gemidos de enfermos. Ao alvorecer, ao meio-dia e ao crepúsculo, o som plangente dum sino do ‘Duomo’, a que se uniam logo as das outras igrejas, dava o sinal das preces prescritas pelo arcebispo. (pág. 217)

PROF. MONIR: O próximo trecho é de uma tristeza profunda, é a descrição de uma cena sobre a desgraça da peste. É muito triste, de verdade.

(...)

Descia a soleira duma casa e adiantava-se para o comboio, com passos fatigados mas firmes, uma mulher cuja aparência denotava uma mocidade se bem que madura, não ultrapassada, uma beleza ofuscada, encoberta, mas intata, não obstante uma dor profunda e um langor mortal: a beleza ao mesmo tempo delicada e majestosa que fulge no sangue lombardo. Os olhos da jovem mulher não vertiam lágrimas; mostravam, porém, vestígios de um pranto prolongado e, no seu pesar, havia um quê de sereno e profundo que revelava uma alma consciente e pronta a senti-lo. Nem só o seu aspecto lhe valera, entre tantas misérias, essa atenção compassiva, nem só ele reavivava a piedade embotada, amortecida nas almas. É que ela trazia, sentada nos braços, uma menina duns nove anos, morta, mas bem penteada, e envolta

num vestidinho imaculado, como se as mãos maternas a tivessem preparado para uma festa, prometida havia muito como um prêmio. A mãozinha, alva como cera, pendia, inerte; a cabecinha pousara-se, em atitude que não era a do sono tranqüilo, no ombro da mãe – que era a mãe bem o indicavam não só a semelhança das duas fisionomias, como o que se podia ler na que ainda exprimia um sentimento.

Um sórdido ‘monatto’ aproximou-se, para pegar a pequena, com insólito respeito e uma hesitação involuntária.

– Não! – disse a moça, recuando, sem mostrar irritação nem desprezo. – Não a toque agora. Eu mesma a deitarei no carro. Tome – acrescentou, entregando ao ‘monatto’ uma bolsa. – Prometa que não lhe tirará nem deixará que lhe tirem um fio sequer, e que a sepultará assim.

(...)

A mãe beijou-a na testa, ajeitou-a como se a deitasse na cama, cobriu-a com um lençol e disse:

– Adeus, Cecília; descansa em paz. Logo à noite, estaremos contigo. Entretanto, reza por nós. (pág. 218)

Atingindo o endereço, Renzo recebe a notícia de que Lúcia estava no lazareto. Batem-lhe a porta e ele desesperado tenta obter informações com as circunstâncias que, sem o conhecer e perturbados pela situação, tomam-no por um “untador”: “O untador! Peguem o untador!” Renzo foge com a ajuda dos monatti que carregavam seu cortejo de cadáveres, bebendo vinho e fazendo uma algazarra sinistra. Uma tempestade se avizinha nos céus e no ar.

Renzo abandona o tétrico comboio quando ele passa na frente do lazareto: “Assomando à porta, entrou e permaneceu um instante, imóvel, no centro do pórtico”.

Capítulo XXXV

Imagine o leitor o interior do lazareto, povoado por dezesseis mil pestosos, atravancado de tendas, de barracas e de veículos, repleto de gente – duas filas intermináveis de pórticos, à direita e à esquerda onde se aglomeravam enfermos e cadáveres atirados confusamente a esteiras e enxergas; e em todo o vasto covil, um zumbido, um movimento incessante de convalescentes, de frenéticos, de enfermeiros. Tal era o quadro que se deparou de improviso a Renzo e que o fez estacar a princípio, tolhido de assombro.

(...)

A atmosfera pesada agravava os padecimentos; o homem, já abalado pela moléstia, sucumbia à nova opressão. Centenas de enfermos pioravam subitamente. As agonias tornavam-se mais penosas; os gemidos, mais fracos. Talvez ainda não houvesse pairado sobre aquele vale de dores hora pior que essa. (pág. 223)

Renzo encontra, fraco e desfigurado pela doença, Frei Cristóvão, que ali servia havia três meses. O capuchinho, que não sabe de Lúcia, instrui o fiandeiro sobre como procurá-la no meio de tanta gente. Adverte-o, no entanto, a esperar pelo pior, porque pouquíssima gente escapava. Renzo, vingativo, ameaça ir atrás de Rodrigo, se ainda estivesse vivo, caso encontrasse Lúcia morta. O religioso se descontrola:

– Infeliz! – bradou Frei Cristóvão, recobrando a antiga voz cheia e sonora – Infeliz! Olha, infeliz! Vê quem é que o pune, o que julga sem ser julgado, o que

flagela e perdoa! Mas tu, verme da terra, queres fazer justiça! Sabes lá o que é justiça? Vai, infeliz, vai-te! Eu esperava... Sim; esperava que, antes da minha morte, Deus me desse o consolo de ver a minha pobre Lúcia viva, de receber a promessa de que ela rezará, pensando na cova em que eu descansarei. Vai! Tu me tiraste a esperança. Deus não pode ter deixado Lúcia na terra, para ti. E não terás a ousadia de te julgares digno de seres consolado pelo Senhor. Ela, sim; porque era uma das almas a que estão reservadas as consolações eternas. Vai! Não tenho tempo para te ouvir! (pág. 226)

PROF. MONIR: Ele está pedindo vingança, né? O Renzo, quando ele é alertado da possibilidade muito concreta de Lúcia ter morrido. E o Frei Cristóvão diz pra ele: “Não faça isso, quem é você pra pedir justiça? Olhe o que tá acontecendo, não tenho tempo pra isso, pra ficar ouvindo você com as suas arengas de justiça. De pequenas vinganças”. É isso que ele diz aqui. É um dos momentos mais interessantes da obra. Logo em seguida aparecerá a ideia do perdão como sendo uma das mais importantes lições que essa obra traz, do ponto de vista do seu conjunto de considerações. Reparem.

Renzo, caindo em si, diz que perdoa Rodrigo, que perdoa sinceramente. Como Renzo parece realmente arrependido, o frade o leva à enfermaria onde jazia o fidalgo, imóvel com os olhos arregalados que não viam, “*dir-se-ia... um cadáver, se um espasmo violento não denunciase uma vitalidade obstinada*”.

Capítulo XXXVI

Como todos os dias na capela octogonal, o Padre Félix discursava na presença dos pouquíssimos convalescentes. Renzo assiste a cerimônia, mas não reconhece ninguém. Vai ao pé da capela, ajoelha-se e ora fervorosamente. Entra

na enfermaria das mulheres disfarçado de monatto, colocando campainhas nos tornozelos. Procurando a noiva entre as doentes, ouve uma voz conhecida confortando uma velha comerciante, deixada viúva pela peste. Era Lúcia que havia se recuperado como ele e agora cuidava das doentes. Ela quer saber se Dona Inês lhe havia escrito e, ao saber que sim, indaga porque havia vindo mesmo assim. Renzo propõe trocar o voto de virgindade pela promessa de chamar a primeira filha de Maria e ela lhe diz que vá embora pelo amor de Deus.

PROF. MONIR: Foi uma tentativa razoável, convenhamos.

Renzo conta a Lúcia que Frei Cristóvão estava no lazareto e que havia pedido para o casal rezar junto pelo Senhor Rodrigo. Como Lúcia resiste, Renzo procura o frade na enfermaria masculina e lhe conta a história do voto de Lúcia. Reunidos os três, o sacerdote diz a Lúcia que quando do voto a Nossa Senhora, ela já estava comprometida com Lorenzo e o *"Senhor aceita os sacrifícios e ofertas, quando são só nossos, quando partem do nosso coração, de nossa vontade"*. Em outras palavras, sendo o voto amoroso dos dois e não tendo Lorenzo desistido, tinha precedência sobre o posterior e a igreja tinha autoridade de conservar ou rescindir as obrigações que os homens contraem com Deus: *"Se me pedir que eu declare desligada do seu voto, eu não hesitarei; desejo até que me faça este pedido"*. Ela pede. O frei a alivia e lhes aconselha: *"Ensinem aos seus filhos a perdoarem sempre, a perdoarem tudo"*.³⁰

PROF. MONIR: Essa é a citação mais célebre da obra. Ela ganhou status de citação eterna, é muito bonita em italiano, bonita também em português: *"Digam aos seus filhos que perdoem sempre tudo, tudo, tudo."*, que é uma regra

30 Nota do resumidor – No original, *"Dite loro che perdonino sempre, sempre! Tutto, tutto!"*, citação mais célebre da obra.

de uma profunda cristianidade, se você for pensar bem. Mas porque ela está aí exatamente nós vamos entender daqui a pouco. Desse modo, o Frei Cristóvão liberou a moça do voto de virgindade e agora é possível finalmente que eles possam casar.

Renzo parte para dar notícias a Dona Inês. Lúcia fica tomando conta da viúva, agora sua nova protetora. O fiandeiro despede-se de Frei Cristóvão.

– *Oh! Meu caro padre, não nos tornaremos a ver?*

– *Lá em cima, espero.*

PROF. MONIR: O padre também está doente, e está prevendo sua própria morte.

E o religioso afastou-se. Renzo seguiu-o com o olhar, até perdê-lo de vista.

Depois encaminhou-se, a passos largos, para a saída, deitando à direita e à esquerda um derradeiro olhar àquele asilo de sofrimentos. Via por toda parte grande azáfama, para prevenir o assalto da tormenta iminente. (pág. 236)

PROF. MONIR: Está para cair uma grande chuva... a água, dentro da simbologia da literatura, é um dos elementos mais poderosos, porque a água tem um conjunto de significados simultâneos muito grande. Então reparem que no *Rei Lear*, quando ele é expulso de casa pelas suas filhas, ele cai numa tempestade. A tempestade é uma desorganização de certa ordem para substituí-la por outra ordem que não está ainda presente. O que acontece aqui é que essa tempestade marca de alguma maneira essa modificação profunda do estado das coisas. Essa tempestade separa dois mundos, um do outro, e a coisa assume uma conotação completamente diferente, reparem.

Aluno: [Diz que também há o dilúvio.]

PROF. MONIR: O dilúvio também, o dilúvio é um modo de você destruir a ordem velha e colocar uma ordem nova. Portanto a água tem esse poder transformador da ordem. Porque a água é plástica, ela não tem forma. Então a coisa precisa se dissolver em água pra se retransformar numa outra coisa. Perde a forma que tem para adquirir uma forma nova que não existe ainda.

Capítulo XXXVII

Cai a tempestade. Renzo caminha expondo-se *"gostosamente à fúria do aguaceiro. Em meio dessa revolução da natureza, sentia mais livremente, com mais intensidade, a mudança que se operara no seu destino"*. Alguns dias depois, constatou-se que a tormenta havia reduzido o contágio e as portas das residências e dos negócios haviam se reaberto e *"não se tornou a falar de peste, senão para aludir à quarentena e a algum caso esporádico observado aqui e acolá..."*

Em Pasturo, Renzo informa à futura sogra da boa saúde de Lúcia e combina de estabelecerem-se os três em Bérgamo, *"onde (ele) já se colocara em condições favoráveis"*.

De volta à sua terra natal, enquanto espera acabar a quarentena de Lúcia, Renzo evita a todo custo falar com o Padre Abbondio.

Gertrudes, que havia sido removida para um mosteiro de Milão, penitenciara-se *"e fizera de sua existência um suplício tal que, exceto a morte, não seria possível conceber outro mais severo"*.

PROF. MONIR: Também a Monja de Monza se regenera e fica bacana. Depende do ponto de vista, obviamente.

ALUNOS: [risos]

Frei Cristóvão havia morrido, conforme previsto por ele mesmo.

O casal Praxedes e Ferrante também morreria, sendo que Ferrante o fizera negando até o último momento a existência da peste, supostamente por meio de argumentos aristotélicos e astrológicos. [risos] Morreria como um herói de tragédias, *"apostrofando os astros"*.

O rábula também morreria.

Capítulo XXXVIII

Chega à aldeia enfim Lúcia trazendo consigo sua protetora-viúva. Renzo procura Abbondio para combinar o casamento: *"Senhor cura, passou-lhe enfim a dor de cabeça? [risos] Já pode casar-nos. Vim para lhe pedir isto; mas desta vez, estimaria que não houvesse delongas"*.

O cura não discorda, mas à sua maneira põe-se a opor argumentos e insinuar precauções, *"dando a entender que os noivos bem poderiam casar-se noutra parte"*. Renzo conta-lhe sobre o estado terminal do Senhor Rodrigo, mas o padre, desconfiado, resiste.

Naquela tarde, as três mulheres vão à casa paroquial, mas o padre continua a criar dificuldades, citando a existência de um mandado de prisão contra Ren-

zo. Chega o fiandeiro com a notícia de que o castelo de Rodrigo havia sido ocupado por um marquês, o que indicava a morte do antigo proprietário, fato confirmado pelo sacristão Ambrósio. Então, o Padre Abbondio concorda imediatamente em casá-los, sem mais, dispensando os proclamas: *“A peste cancelou muitas coisas, meus filhos!”*

PROF. MONIR: Proclamas é a divulgação que se faz do casamento antes da sua realização para que alguém que esteja em desacordo, por exemplo o marido ou a mulher de um dos dois candidatos ao casamento, possa reclamar dizendo que já são casados. Porque não há bigamia religiosa, só há bigamia civil, e o padre não tem como saber se a pessoa já era casada ou não.

O Marquês, herdeiro de Rodrigo, para compensar os desmandos de seu parente, quer ajudar os noivos e o cura o incentiva a comprar por valor exorbitante as propriedades do casal de partida para Bérgamo e que tratasse de anular os mandados de prisão contra Lorenzo. Ele concorda.

Finalmente desponta o dia “tão suspirado”. Os noivos entram triunfalmente na igreja e recebem do Padre Abbondio a bênção nupcial, jantando depois na casa do Marquês que ceou separado com o cura, porque tinha humildade suficiente *“para descer abaixo dos aldeões, mas não a ponto de se pôr com eles no mesmo nível”*.

PROF. MONIR: Uma ironiazinha do Manzoni, né? Ele é humilde pra descer, mas não para ficar junto.

Em Bérgamo, apesar de Lúcia ter sido esperada com grande expectativa e não se revelasse bela à altura das fantasias dos locais, Renzo compra uma fiação em sociedade com seu primo Bartolo.

PROF. MONIR: Depois de Renzo ter contado todas essas peripécias para o pessoal lá, eles ficaram imaginando que viria uma mulher incrível, e tal. E a Lúcia é apenas uma mulher normal.

A primeira filha do casal foi batizada Maria.

Renzo comprazia-se em narrar as suas aventuras; dava gosto ouvi-lo enumerar as grandes coisas que aprendera naqueles dias de provação:

– Aprendi a não me envolver em arruaças; aprendi a não discursar na rua; aprendi a não beber demais; aprendi a não puxar aldrabas, quando anda à roda gente desconfiada; aprendi a não afivelar uma campainha ao tornozelo, sem medir bem as conseqüências...

E assim por diante.

Lúcia não discordava dessa doutrina; achava-a, porém, um tanto falha. À força de ouvir os mesmos argumentos e de meditá-los a fundo, disse um dia ao seu moralista:

– E eu? Que quer você que eu tenha aprendido? Não fui buscar os contratempos; foram eles que me procuraram. A não ser – acrescentou, sorrindo – que o meu disparate seja querer-lhe bem e ser sua mulher.

A princípio, Renzo ficou entalado; depois dum longo debate, convieram os dois em que os dissabores não raro nos vêm da irreflexão, mas que o procedimento mais inocente e cauteloso não basta para conjurá-los; e, quando nos afligem, por falta nossa ou alheia, a confiança em Deus os atenua e torna proveitosos, para uma vida melhor.

Embora resulte dum raciocínio de criaturas humildes, esta conclusão parece-nos tão justa e acertada, que aqui a transcrevemos, como suma de toda a nossa narrativa. (pág. 247)

PROF. MONIR: Então eu queria reler agora esse pedacinho aí no finalzinho:

os dissabores não raro nos vêm da irreflexão, mas que o procedimento mais inocente e cauteloso não basta para conjurá-los;

PROF. MONIR: Ou seja, os dissabores não podem ser resolvidos apenas com os nossos procedimentos.

e, quando nos afligem, por falta nossa ou alheia, a confiança em Deus os atenua e torna proveitosos, para uma vida melhor.

PROF. MONIR: E então? Gostaram da história?

ALUNOS: Muito bom! [*aplausos*]

PROF. MONIR: Essa é uma história maravilhosa, e seria melhor que vocês lessem o livro, porque o livro está muito acima de qualquer possibilidade de um resumo representá-lo. Não é isso? O livro é muito melhor, é muito bom. Sobretudo naquele momento da descrição da peste, esse livro então é soberbo, no sentido positivo da palavra. Eu queria antes de mais nada agradecer muito à Inês. Muito obrigado, você é um anjo. A Inês sempre faz uma leitura magnífica aqui, melhora muito a compreensão do resumo.

Então eu queria dizer que esse livro é uma coisa extraordinária, e há aí uma porção de reflexões importantíssimas sobre ele que nos cabe fazer agora até o final do nosso tempo aqui. Essa história... vocês sabem que o método de interpretação que a gente usa aqui é de interpretar a história em si. Nós não estamos muito preocupados em saber quais são as implicações sociais,

econômicas, que a história tem... esse ponto de vista não nos interessa. A pressuposição aqui é que há uma história com determinado conjunto de acontecimentos e que esse conjunto de acontecimentos tem um significado. Pode ser que esse significado não seja único, pode ser que tenha mais de um. De fato, é muito provável que tenha mais de um. Mas isso não tem muita importância, porque se nós acharmos um, já teremos feito uma grande coisa. Não é? A verdade é que o significado da obra precisa estar associado à narrativa, porque senão a gente fica pressupondo coisas. Nós não temos o direito de fazer pressuposições, estabelecer hipóteses não presentes na obra, hipóteses fantasistas para tentar provar determinadas teses.

Então essa é uma limitação que esse tipo de interpretação nos impõe. Ou seja, a história é muito simples, temos um casal de jovens pobres que querem casar, Lorenzo e Lúcia, e que, por uma série de obstáculos, não conseguem. Eles acham que estão prontos pra casar num certo dia, até arrumaram quatro galos como refeição para a festa do casamento... Mas um determinado sujeito mau caráter, chamado Dom Rodrigo, e o seu primo Atílio, fazem uma aposta em que Rodrigo garante que vai conseguir a mulher até tal dia. E então esse Rodrigo começa a ameaçar um padre muito fraco, que é o Padre Abbondio (uma espécie de modelo de fraqueza humana, de falta de coragem, de falta de decisão...), um modelo humano negativo. E esse Padre Abbondio fica então com medo de casá-los.

Eles tentam todos os métodos, pedem ajuda ao Frei Cristóvão, que é o contrário do Padre Abbondio – ou seja, é um sujeito corajoso, nobre, que havia decidido ser frei de verdade depois de passar por uma série de dissabores pessoais. Esse homem inventa um plano de fuga para que eles possam sair do controle do Rodrigo.

Nesse plano de fuga as coisas dão muito mal, porque não só Lúcia acaba caindo nas mãos de uma libertina, que é a Monja de Monza, como Renzo acaba caindo em Milão onde se envolve numa encrenca enorme por causa das manifestações contra a carestia de pão que aconteceram justamente ali, por coincidência, na sua chegada. O resultado dessa situação é que aquele desejo de casar, aquela intenção muito modesta e humilde havia desgraçado a vida dos três, porque a mãe agora havia sido expulsa de casa, tinha que ficar com a filha. A moça estava nas mãos de uma pessoa má e o Renzo estava fugindo da polícia como sendo um agitador, responsável pelos motins, ou seja, correndo o risco concreto de até receber uma condenação à morte.

E a situação parece estar num impasse, não há muito o que fazer. A coisa começa a mudar quando o Rodrigo resolve raptar a moça das mãos da Monja de Monza. Ele tem um contato dentro do convento, o Egídio, uma espécie de companheiro de libertinagem, e eles de fato conseguem raptá-la por meio do Inominado, que é uma personagem muito interessante, muito intrigante nessa história toda. O Inominado então faz o rapto da moça, a pedido do Rodrigo. Mas quando o Inominado se depara com a moça, e acontece aquele fenômeno que eu expliquei, que é o contraste entre a perversidade humana e a nobreza humana – a nobreza sendo representada pela Lúcia e a perversidade por ele –, ele finalmente se dá conta de quem ele é. Ou seja, ele toma consciência da sua própria vida. A tomada de consciência implica que ele resolva mudar essa vida. E essa mudança de consciência que faz o nosso Inominado é que começa a mudar o destino da história inteira. Porque tendo ele feito isso, e tendo sido convertido pelo Cardeal Borromeo, que é uma figura essencial, não há mais uma perseguição sistemática contra os dois.

Agora eles têm amigos novos, o Cardeal Borromeo e o Inominado. Conseguem então produzir uma proteção pra moça, embora o rapaz esteja lá em Bérgamo, ainda sujeito à perseguição. No entanto, acontece aí nesse meio tempo mais um problema que é o fato de que ela, no desespero, não sabendo o que ia ser da sua vida, faz um voto de castidade. E tendo feito isso, ela fica impossibilitada de se casar com o Renzo, que era tudo que ela queria, em última análise. Que era o que havia gerado toda a história desde o início.

Essa situação parece gerar um impasse impossível, tanto é que ela manda uma carta para o Renzo em Bérgamo dizendo que não tem mais casamento. Renzo fica muito aborrecido com isso e resolve vir atrás dela, e nesse meio tempo acontece o advento de um fenômeno, um acontecimento sanitário, que é a Peste de Milão. Na Grande Peste de Milão há uma espécie de equalização geral de todas as coisas, porque o Rodrigo, que tinha todos os poderes do mundo agora não tem mais, porque se encontra à morte num lazareto, ou seja, num lugar onde você coloca os leprosos. Vem de “Lázaro”. É um eufemismo para dizer “leprosário”. E o Renzo acaba encontrando a Lúcia salva, ele mesmo fica com a peste, mas se salva – o seu corpo reage sozinho, não havia remédio. Portanto dependia simplesmente da habilidade individual de cada um, ou seja, da capacidade de cada corpo resistir àquela agressão. E ele encontra a Lúcia também lá no lazareto, encontram-se os dois, e encontram o Rodrigo.

A primeira atitude de Renzo com relação ao Rodrigo é uma atitude de rebelião, e ele faz menção de vingar-se do Rodrigo, vingança essa que é desautorizada pelo Frei Cristóvão, que também está no lazareto. E ele acaba perdendo, não só isso, ele reza ao lado da cama... do leito onde está Rodrigo. A Lúcia precisa ficar lá mais um tempo. O Renzo vai para sua terra e,

no entanto, quando ele está saindo, começa então um temporal que muda definitivamente o destino das coisas. O temporal como que interrompe e reverte a tendência da peste, que melhora daí pra frente, em vez de piorar. Esse temporal então acaba produzindo uma modificação enorme em todas as coisas, modificação essa em que consta, entre outras coisas, a morte do Rodrigo (ou seja, a destruição do mando do Rodrigo) e a morte de uma enorme quantidade de pessoas em Lecco, onde eles moravam (mas eles não pretendem mais ficar em Lecco, irão morar em Bérgamo, na República de Veneza).

Então se conta que apesar de tudo, tudo deu certo. Recebem no final das contas uma bela compensação financeira pelo desastre todo, que foi o sucessor do Rodrigo ter comprado as terras de ambos em Lecco por um valor exorbitantemente maior do que o que valia. Eles então vão pra Bérgamo onde se transformam em capitalistas, empresários da seda. E daí supõe-se que eles tenham tido uma vida feliz, talvez até melhor do que se eles tivessem ficado em Lecco, e tivessem continuado apenas como dois funcionários de tecelagem. Pode-se, portanto, imaginar que o resultado final desse imbróglio todo é uma solução melhor do ponto de vista de conforto existencial do que teria sido obtida simplesmente por um casamento puro e simples, sem restrição.

E aí, o que pensar de uma coisa dessas? O que vocês acham? O que será que isso tudo significa? Essa é que é a questão agora, né?

Vamos começar a conversar sobre isso? Qual é o primeiro ponto que interessa entender aqui, diante desse resumo que eu fiz pra vocês? O primeiro ponto é que a vida humana tem uma característica que se chama livre-arbítrio. E

não adianta a gente negar o livre-arbítrio, porque não há existência humana sem ele. Há uma velha polêmica estabelecida, no início do cristianismo, de haver uma pretensa incompatibilidade entre o livre-arbítrio e a onisciência divina. Essa polêmica é mais ou menos assim: ora, se Deus é onisciente, quer dizer, se Deus sabe tudo, então Ele sabe tudo que eu farei na minha vida. Além de você e de mim, Deus sabe tudo que eu vou fazer.

Então se ao cruzar uma esquina eu for decidir se passo ou não um sinal vermelho, essa decisão Deus tem que obrigatoriamente saber qual é, porque se Ele tem onisciência, Ele tem que saber se eu vou ou não passar o sinal vermelho. Mas se Ele sabe se eu vou ou não, ultrapassar o sinal vermelho, que livre-arbítrio é esse que eu tenho? Porque se Ele sabe o que eu vou fazer, é porque isso está de alguma forma programado, pré-determinado. Logo há quem ache – isso é uma discussão filosófica na doutrina da Igreja – que o livre-arbítrio exclui a onisciência divina e vice-versa. Ou seja, se Deus tudo sabe, então não há livre-arbítrio. E se há livre-arbítrio, então Deus não sabe alguma coisa, alguma parte Deus não sabe. O que seria, nos dois casos, uma solução ruim.

Santo Agostinho, no livro *Confissões* – que nós, aliás, já estudamos aqui – fez uma interpretação desse assunto que resolve completamente esse problema. Diz assim, Santo Agostinho: “Olha, o livre-arbítrio e a onisciência divina são completamente compatíveis, porque a decisão que eu tomo sobre se eu passo ou não o sinal vermelho é uma decisão que ocorrerá dentro do tempo”. Não é assim? Lá na minha frente, daqui a cinquenta metros, tem lá o sinal vermelho. Eu estou indo na direção do sinal vermelho. Eu só vou tomar a decisão (posso tomar antes), mas eu só irei passar ou não o sinal vermelho, daqui a cinquenta metros, ou seja, daqui a quinze ou vinte segundos. O fato

de eu tomar uma decisão de furar o sinal vermelho ou de parar o carro é uma decisão temporal, porque ela acontece dentro daquele conjunto de circunstâncias da realidade em que nós vivemos. Nós vivemos subordinados às distâncias, às medidas, ao espaço e ao tempo. Mas, diz Santo Agostinho, para Deus não funciona do mesmo jeito. Porque Deus não vive dentro do tempo. O mundo em que Deus vive não tem tempo, porque Deus não tem matéria. E o tempo só existe quando tem matéria. Tanto é que eu só consigo calcular o tempo pela existência da matéria.

Por exemplo: o que é um ano? Um ano é o tempo que demora para que a terra dê uma volta inteira em torno do Sol. O que é um mês? É o tempo que demora para que a Lua dê uma volta inteira em torno da Terra. O que é o dia? O dia é o tempo que demora para que a Terra dê uma volta inteira em torno de si própria. Se não houver essas referências espaciais, eu não tenho tempo. Por exemplo, imaginem vocês que nesse transcurso da terra em torno do sol de repente a terra parasse. O que aconteceria, obrigatoriamente? O tempo também pararia. O tempo só existe porque existe espaço. Tanto é que eu não consigo calcular o tempo a não ser como referência ao espaço. O tempo não tem possibilidade de contagem autônoma; na verdade, rigorosamente falando, o tempo não existe. Em última análise é isso. Nós achamos que tem um negócio chamado tempo porque a nossa mente constrói uma espécie de artificialidade: ela gera um passado presente e um futuro presente e junta no presente presente. Mas o tempo, na verdade, é só o instante. Só existe o instante, porque o tempo que já passou não existe e o tempo futuro não veio ainda. Esse negócio do tempo é um pouco complicado, já era um assunto que Aristóteles tratou na *Física*. É um assunto importantíssimo. Quem resolveu os enigmas do tempo foi Aristóteles no livro *Física* e depois Santo Agostinho, que para resolver esse assunto específico, ajuda a

entender no *Confissões* que a diferença entre nós e Deus é que nós vivemos no tempo, porque somos seres materiais e concretos. Mas Deus não vive no tempo. O mundo em que Deus vive é um mundo sem tempo nenhum. Portanto para Deus – reparem no que eu vou dizer agora – todas as coisas acontecem simultaneamente.

O que um físico moderno iria dizer pra você é o seguinte: que Deus viaja a velocidade infinita. Uma entidade que viajasse a velocidade infinita estaria em todos os lugares ao mesmo tempo. É mais ou menos o que acontece com Deus. Para Deus não há tempo porque todas as coisas acontecem ao mesmo tempo.

O homem vive subordinado à ditadura da matéria, portanto tem tempo. Portanto quando nós vamos tomar a decisão de furar ou não o sinal, a gente toma essa decisão ao longo de um tempo, mas pra Deus não tem isso. Perguntaram para o Santo Agostinho: “O que é que Deus fazia antes de criar o mundo?” Santo Agostinho dizia assim: “Deus estava construindo o inferno pra botar quem faz pergunta cretina”.

ALUNOS: [risos]

PROF. MONIR: Perguntavam para *Meister Eckhart* quando foi que Deus fez o mundo, aí dizia ele: “Deus está fazendo o mundo agora”. Porque sob o ponto de vista divino, o mundo está sendo feito agora. Veja... a vida eterna que é prometida pra você no cristianismo não é um dia que não acaba nunca. Não é uma vida em que os anos passam e você não morre nunca. É uma vida em que não há tempo nenhum – é eterna no sentido de que não está sujeita à passagem do tempo físico. Compreenderam isso?

Portanto é óbvio que nós temos livre-arbítrio, porque seria uma coisa de uma absurdidade imensa, dentro do próprio conceito cristão, de nós termos sido feitos à imagem de Deus e não podermos tomar uma decisão. Não dá pra compreender o ser humano fora de um contexto de livre-arbítrio. De fato nós o temos. E é só sobre esse livre-arbítrio que nós temos responsabilidade moral.

Porque no final das contas, em última análise, o que é a nossa vida? Hoje à tarde nós discutimos com o grupo da *Ortodoxia* a ideia muito comum hoje em dia de que o homem é fruto do meio. Pois essa é uma ideia completamente sem sentido e sem cabimento. De fato, quando você nasce você recebe uma porção de coisas que você não escolhe: você recebe uma família que você não escolheu, você recebe um país que você não escolheu, uma época em que você vai viver, que você não escolheu, você recebe um corpo que você não escolheu, você recebe uma psicologia que você não escolheu, porque você herda dos seus antepassados características psicológicas que eles tinham e que você terá também. Do mesmo modo que você herda os olhos azuis dos seus antepassados, você também herda as tendências comportamentais dos seus antepassados.

Você pode dar a isso o nome de karma, mas cuidado – quando estou falando em karma, não estou imaginando nem de longe qualquer coisa como vidas passadas, como essas esquisitices. Eu estou dizendo que pelo simples fato de os seus antepassados terem um modo de agir, você tende a herdar esse modo de agir dos seus antepassados, pela mesma razão óbvia de que você herdou as características físicas das pessoas que vieram antes de você. Tudo isso você herdou, nada disso você escolhe. Você recebe como uma espécie de herança do destino. No entanto, a sua vida real não é isso que

you herdou. Não é isso que você tem. A sua vida real é o que você faz com tudo isso que você recebe. Portanto, você tem responsabilidade moral, em última análise, sobre as decisões concretas que você toma e, portanto, sobre as escolhas livres que você faz tendo em vista o conjunto de circunstâncias que você recebeu e que você não controla. Tá certo, pessoal?

Não dá pra entender a vida humana, a não ser assim. O que faz a vida humana ser a vida humana, portanto, é o conjunto de coisas que você recebeu sem ter escolhido, o conjunto das coisas que você escolheu – e aí, sim, sua vida começa a ter significado moral – antes disso, não. E também há um terceiro conjunto de influências, que são as influências espirituais, sejam positivas ou negativas, porque você não pode nunca afirmar que você não foi conduzido na sua vida por influências que não são humanas, tanto boas quanto ruins. Quem é que pode garantir que aquela intuição que você teve de que não era pra ir num certo lugar, num certo dia, não salvou a sua vida? Não é? O problema é muito complexo... Quem é que garante pra você que aquele engarrafamento por causa do qual você perdeu o avião não possa ter sido de alguma maneira fundamental pra você encontrar o seu marido ou a sua mulher? Como você pode saber se não houve uma mão invisível sobre a sua vida, tanto boa quanto má, e que isso possa ter modificado a sua existência? Esse é o problema que nós estamos discutindo aqui em *Os Noivos*.

Os Noivos apresenta a história de um casal de pessoas muito modestas que têm, por consequência, pouquíssimos meios de ação sobre o mundo. Quais são os meios de ação que esses dois têm sobre o mundo? Eles conseguem comprar quatro galos para celebrar a festa de casamento, só. Ele tem vinte, a menina deve ter uns dezesseis ou dezessete anos. Qual é o poder de ação

que você tem sobre o mundo com essa idade? Nenhum. Eles são ricos? Não são. Eles são bem relacionados? Não. Não conseguem nem que o padre os case. Não têm nem autoridade pra exigir que o padre local os case. Portanto, eles não têm nenhum meio de ação sobre o mundo e estão aí precisando casar, tomar essa decisão. Se a nossa vida fosse apenas o resultado das nossas ações sobre o mundo... Vamos recuperar aquele modelo que eu estabeleci aqui. A sua vida depende de três grandes dimensões: daquilo que você faz pelo seu livre-arbítrio, daquilo que você recebeu sem ter pedido – e aí quando eu digo pra vocês que eles são dois pobrezinhos, eu estou dizendo que é essa a situação que eles receberam da vida –, e das interferências espirituais na sua vida que você não pode jurar que você não sofreu.

Se a vida humana fosse apenas o resultado daquilo que você recebeu da vida, a vida humana seria parecida com a vida de um bichinho. Como é que é a vida de um preá? Ele nasce lá num campo, aí se sobreviver aos predadores maiores ele vai ficar gordinho, vai aprender a se alimentar, um dia vai arrumar uma namorada, vai ter uns preazinhos com ela, até que um dia passa um carro por cima dele, um carro que estava indo pra Nova Londrina – era de noite, não foi de propósito. A vida de um preá é o quê? Um conjunto de acontecimentos que foram produzidos pela simples existência que você recebeu. A vida humana pode ser imaginada desse jeito? Sinceramente? Não pode. No entanto tá cheio de gente que acha isso. Por exemplo, todo o mundo que acha que o sujeito que nasceu na favela vai ser ladrão, acha isso. Todo o mundo que tem a ideia de que a violência e a criminalidade têm origem na falta de dinheiro, acha isso.

Quer dizer, a pessoa que declara que o pobre é criminoso é uma pessoa que tem essa perspectiva da vida. No fundo, essa perspectiva da vida, de achar

que o homem é fruto das circunstâncias, fruto do meio, é uma perspectiva darwinista. Pensando bem, não é? Nada mais darwinista do que isso. É a ideia de que os seres vivos estão adaptados a um certo meio ambiente, e na medida em que esse ambiente se modifica, alguns sobrevivem e outros não. Um argumento darwinista básico... Há mariposas de todos os tons de cinza. Quando começa a haver poluição, as mariposas brancas começam a ficar mais claras, a aparecer mais quando ficam nas árvores. Até os pássaros comem as mariposas brancas porque as veem, e não comem as cinzentas porque essas ficam escondidas na poluição. Portanto um darwinista interpreta como sendo essa a vida da mariposa. Ela será vítima das circunstâncias. Compreenderam que isso é darwinismo puro?

A ideia de que nós somos vítimas das nossas circunstâncias é puro darwinismo. E é uma coisa terrível, porque nos transformou em seres sem nenhum mérito moral. Como é que você vai fazer o julgamento moral das pessoas se você não pode fazer nada, se você está desde o início carimbado para o sucesso ou para o fracasso? Portanto, a primeira ideia de que apenas aquilo que nós recebemos (a nossa herança, aquilo sobre o qual nós não temos influência) é que irá estabelecer a nossa vida é uma ideia muito precária.

Mas, por outro lado, também se você for afirmar que a vida humana é o resultado apenas das nossas ações concretas, daquilo que deriva do livre-arbítrio... é também muito difícil de defender isso, porque na prática você sabe que não é assim. Você sabe que na prática existem coisas que, apesar da sua ação e das suas decisões tomadas numa certa direção, acontecem diferente daquilo que você havia planejado. Como dizia o John Lennon: "A vida é aquilo que acontece enquanto você faz planos". Então no meio dos seus planos tem a vida real, que é o que acontece verdadeiramente. O John

Lennon é um sujeito capaz de frases belíssimas e também das maiores imbecilidades, como aquela musiquinha *Imagine*, por exemplo, que é talvez a música mais imbecil que já se compôs na história da humanidade. [risos] Não tem nenhuma pior que aquela, acho que é impossível achar uma música mais equivocada. Apesar de ser bonitinha, né? Não tô discutindo o mérito musical. É bonita. Mas pra você compor uma coisa dessas...

Aluno: [Faz comentário.]

PROF. MONIR: O negócio do preá, eu tava só dando como exemplo, não fiquei impressionados.

ALUNOS: [risos]

Aluno: [Faz comentário sobre a existência de “dois eus”.]

PROF. MONIR: Pessoal, é preciso não perder aqui o raciocínio, depois a gente volta a esse ponto. Deixa eu explicar aqui uma coisa importante que é o seguinte: eu estou dizendo pra vocês que há três dimensões que influenciam a vida humana. A primeira é aquilo que nós recebemos sem poder decidir, um conjunto de circunstâncias dentro das quais nós nascemos. Ortega y Gasset, um grande filósofo espanhol, diz: “Eu sou eu e as minhas circunstâncias”. Essas circunstâncias influenciam a minha vida? É claro que influenciam. Mas elas não influenciam ao ponto de definir a minha vida, porque só seria assim se eu fosse um bichinho, um preazinho. Como eu não sou um animal, eu sou um ser humano, então eu tenho uma coisa chamada livre-arbítrio, que eu espero ter conseguido provar a vocês que existe. É ele que estabelece que eu posso de fato tomar decisões concretas sobre a minha vida, sim.

Mas o problema é que eu também não posso supor que as decisões que eu tomar sob o ponto de vista do meu livre-arbítrio serão decisivas na minha existência, porque eu já sei que existe um outro conjunto de circunstâncias, de forças, que são as que contingenciam a minha vida, que também estão ativas.

Portanto, o que é há no livre-arbítrio que o torna tão importante? É que no fundo, por mais que as circunstâncias sejam ruins e tenham impedido você de conseguir o que você queria, por mais que seja assim – pense numa pessoa que trabalhou a vida inteira com aquele sonho de melhorar de vida, toda a pessoa não é assim? Pega uma pessoa pobre, que começou com dezoito anos... Eu sei que a gente só fica conhecendo os casos das que dão certo apesar de tudo, mas a maioria das pessoas que são pobrezinhas, essas vão ser pobrezinhas o resto da vida! Um sujeito trabalha cinquenta anos, quando você vai ver a mudança que o sujeito vai fazer aos cinquenta anos, essa mudança cabe numa carrocinha. Tudo que ele tem na vida cabe numa carrocinha, ele leva daqui pra lá. Mesmo uma pessoa com grande capacidade de tomar decisões para si própria, ela pode não conseguir o sucesso que ela imagina, porque seu livre-arbítrio não foi capaz de produzir os meios que ela não tinha no início para mudar aquela situação que ela queria mudar desde o início.

No entanto, se o livre-arbítrio não garante a sua vida, pelo menos ele estabelece um parâmetro pelo qual você vai ser julgado moralmente. Porque o seu livre-arbítrio é, no fundo, a única coisa que podem cobrar de você. O que é que vão te cobrar no juízo final? As suas decisões, as ações concretas que você realizou de maneira livre. Aí vão dizer pra você: você fez isso e isso. As coisas que você fez é que vão ser julgadas, não o que você obteve.

Não é o resultado das suas ações no sentido automático e mecânico, mas a intenção com que você fez as coisas que você fez. Às vezes os seus atos não foram capazes de produzir os efeitos que você gostaria que produzissem. No entanto, existe um terceiro conjunto de circunstâncias que deve ser levado em conta.

Porque além daquilo que você é como herança, além do seu livre-arbítrio, também existe uma coisa extraordinária aqui, que se chama o mistério da Vontade Divina. Há um terceiro conjunto de coisas que são estabelecidas por alguma coisa que você não é capaz de entender, porque há limites da inteligência humana. A inteligência humana não é capaz de ter acesso a todo o conjunto da compreensão do mundo.

O que aconteceu com Renzo e Lúcia? Com relação aos seus meios de ação, aquilo que eles receberam do Destino, isso era forte em Renzo e Lúcia? Não. Ao contrário, eles não têm nada, eles não são nada, eles não mandam nada. Eles não têm meios de ação sobre o mundo. No entanto eles têm uma capacidade de decidir o que eles querem? Eles foram capazes de ter livre-arbítrio sobre as situações que eles viviam? Foram. Tomaram as decisões certas? Tomaram, corajosamente. No entanto, o poder que Renzo e a Lúcia têm sobre a situação que eles vivem é muito pequeno. E é por isso que eles não conseguem reverter a situação de empecilho do casamento. Porque o Dom Rodrigo tem muito mais poder do que eles. E é por isso que eles vão sendo impedidos.

No entanto, há uma coisa chamada Vontade Divina, que acontece aí... por que meios? Por um conjunto de circunstâncias que você pode chamar de Destino ou de Providência. Esse conjunto de circunstâncias, que são situ-

ações que vão aparecendo e se manifestando e se estabelecendo não depende da sua vontade, não depende do seu livre-arbítrio, portanto, e nem dos seus meios. Eles são simplesmente impostos por forças superiores às suas e eles se chamam então, sob o ponto de vista cristão, de Providência. Ora, o que é a Providência? É um conjunto de coisas que de alguma maneira irão produzir a ação final que você desejava, mas pelas maneiras mais tortas que você possa imaginar. Porque a Providência é exatamente aquele velho problema da má caligrafia de Deus. Eu, quando era mais jovem, dizia: “Deus é ótimo, pena que tem uma caligrafia desgraçada”. O Destino não acabou resolvendo o problema de Renzo e Lúcia? Não foi o Destino que transformou tudo para que o casamento acabasse acontecendo?

Ora, quando você olha pra história dos dois, você descobre que a chave do enigma, fundamentalmente, é ter uma coisa chamada fé naquilo que o Destino está produzindo pra você. Na medida em que eles têm capacidade de compreender que há um Destino, uma Providência, uma espécie de mão invisível agindo o tempo todo sobre as coisas, e que essa mão invisível acabará por prover a solução (“providência” vem de “prover”, não é?), então é possível que eles consigam o que eles querem. Mas não conseguirão isso pelas outras duas medidas, porque elas são insuficientes para obter mesmo uma coisa tão relativamente insignificante quanto o casamento.

Eu digo insignificante apenas no sentido de que não é nenhuma coisa extraordinária. É um desejo muito comum, muito simples, muito pequeno.

Aluno: [Faz um comentário dizendo que Renzo buscava a ação, enquanto Lúcia se caracterizou pela busca da Providência Divina.]

PROF. MONIR: Você tem razão. A verdade é o seguinte: você tem um princípio masculino ativo, e um princípio feminino passivo. Então é natural que a Lúcia tenha uma atitude passiva perante o problema, e o Renzo uma atitude ativa. Na verdade, a existência humana é composta dessa dualidade. O ser humano do gênero masculino é ativo por ser solar, e o ser humano feminino é passivo porque a mulher é lunar. A mulher sendo lunar ela reflete, ou seja, sofre a reflexão, ela é refletida. A Lua é que recebe a luz do Sol, e não o contrário, a Lua não tem luz própria. Isso significa na prática que a existência feminina, a natureza feminina, é uma condição essencial para a realização humana, porque só o rosto humilde da mulher é capaz de enxergar Deus. Porque a ação da Providência é invisível pra quem é solar. Por isso é que o Renzo se comporta de uma maneira mais ativa o tempo todo, querendo sempre tomar medidas de natureza drástica.

Ele quis matar o Rodrigo várias vezes, ele quer quebrar tudo a pau, quer fazer uma porção de coisas. Tem todo o tempo uma atitude masculina no sentido de tentar fazer uma ação sobre o mundo, pra que ele possa mostrar que está dando certo. Mas o problema da vida humana é que ela não é somente ação sobre o mundo. Simbolicamente, se você quiser olhar pra esse problema da dualidade de homem e mulher, aí você pode perceber o quanto é absolutamente essencial a complementaridade. Só tem uma possibilidade pra vida humana, é assim: dado o conjunto de circunstâncias que você recebe e que você não é capaz de mudar, porque você continuará sendo mais ou menos quem você é, até certo ponto – tem coisas que você não muda nunca: o seu corpo pode mudar um pouquinho, pode fazer uma cirurgia plástica aqui ou ali, mas você terá sempre uma porção de coisas que estão fixas e que não poderão mudar. Ora, essa existência humana que você recebe, ela precisa ser tratada com essa ambiguidade, com essa dualidade de ação.

Você tem que tomar as medidas ativas, porque é nisso que a sua vida moral será julgada, mas ao mesmo tempo você tem que confiar que Deus está olhando por você. Na simbologia dos sexos, é o homem quem tem a atitude de tentar resolver os problemas do mundo pela ação ativa, e a mulher é a quem tem a ação passiva. Nada mais é do que a dualidade de Maria e Marta – aquelas duas irmãs de Lázaro que representam a contemplação (Maria) e a ação (Marta). Essa alternativa entre contemplação e ação está presente em toda a literatura. Contudo, ela não é uma alternativa de verdade; na verdade a existência humana é a operação dessas duas coisas ao mesmo tempo. Portanto é preciso você ter ao mesmo tempo e simultaneamente a capacidade de ação sobre o mundo e também a capacidade de deixar que a Providência aja por você. Pra você deixar que a Providência aja sobre você, é preciso que você deixe que a luz da Providência o ilumine. Mas pra que isso aconteça e você possa ver essa luz, é necessário que você perca todo o orgulho, a soberba, a pretensão humana. Portanto, um mundo feito só de homens seria insuportável, porque seria um mundo de uma pretensão gnóstica de um tamanho inacreditável. Se fosse só de mulheres, seria um mundo insuportável também.

É por isso que você tem de ter necessariamente as duas perspectivas, a de ação e a de paixão. A ação, representada pelo princípio ativo solar e a paixão, pelo princípio passivo lunar.

Aluno: *[Faz um comentário sobre o Salmo 91.]*

PROF. MONIR: É, mais você não pode ficar sem ação. Sem ação não dá, porque a sua responsabilidade moral não é igual à passividade. Por isso é que Jesus Cristo, quando fala com Maria e Marta, você lembra o que Ele diz? Ele

conversa com as duas dando a entender que as duas têm razão de um certo modo. Nenhuma das duas está completamente certa. Nessa nossa existência nós temos que ter a capacidade de ação ativa e a capacidade de reflexão. As duas coisas têm de estar presentes. A ação pura e simples não é capaz de vencer os obstáculos estabelecidos pela condição, ou seja, os obstáculos estabelecidos pelos meios de ação que você realizou. Não tendo possibilidade de produzir uma ação capaz de fazer só isso, você tem que contar e confiar com a Providência Divina, porque ela deve estar fazendo alguma coisa por você.

Essa perspectiva de fé nas coisas é aquilo que o Manzoni gostaria que nós tivéssemos entendido aqui.

Aluna: [Comenta que as coisas começam a dar certo quando Renzo perdoa.]

PROF. MONIR: Exato, o que é perdoar? É perder o orgulho. O perdão que Renzo dá ao Rodrigo, que afinal de contas o tratou muito mal, é justamente ser capaz de compreender o que a Lúcia representa. É uma espécie de feminização do Renzo. Não feminização no sentido vulgar, mas uma feminização espiritual. É quando ele se transforma num ser humilde como a Lúcia é humilde. Essa modificação em Renzo é o reconhecimento de que não será possível vencer aquela batalha por uma coisa simplíssima como um casamento, e é só um casamento, nada mais que um casamento, e está impossível de fazer... quer dizer, eles não têm meios nem pra conseguir se casar! Dois pobrezinhos, que não brigaram com ninguém, que não fizeram nenhum mal, que não cometeram nenhum crime. Nem isso eles conseguem fazer. Eles não têm meios pra nada, e precisam contar com a Providência Divina pra poder fazer com que isso aconteça, afinal.

Aluna: *[Faz uma pergunta sobre calvinismo e livre-arbítrio.]*

PROF. MONIR: O calvinismo eu não conheço muito bem, mas o luteranismo... Lutero era um padre agostiniano. Para o luteranismo a situação é a seguinte: você está predestinado, porque depois do pecado original, o ser humano não tem mais os meios ou forças e energias para reverter sua sorte sozinho. O ser humano não tem condições de sozinho interferir na sua sorte e salvar a sua alma. Portanto, se ele não tem condições de fazer isso, ele precisa de uma espécie de ajuda. Só que essa ajuda que virá de Deus é uma espécie de concessão que Deus faz a você e não faz a mim. Porque ele gosta mais de você e gosta menos de mim. Essa ideia é profundamente judaica, se você for pensar bem. Porque os judeus é que acham isso, eles veem Deus como uma espécie de pai bravo, uma espécie de criatura vingativa. E o que os judeus fazem? Usam a técnica de ficarem amigos de Deus. Não é isso? Toda a técnica religiosa judaica é de que eles são amigos de Deus, o povo escolhido. De modo que eles daí ficam dizendo assim: "Bom, na hora de escolher quem vai sobrar, provavelmente eu vou entrar no grupo". O judaísmo é um processo de relações públicas com Deus. Entendeu?

A diferença é que para um predestinador, para alguém que aceita a predestinação como sendo verdadeira, a decisão que Deus tomará de salvar alguém depende de critérios exclusivamente de Deus. Mas você pode fazer algumas coisas pra ficar simpático aos olhos dele, como por exemplo ser bem comportado, ter uma vida humilde e austera. Você não sabe se Deus vai salvar você, mas você aumenta as suas chances de salvação porque afinal o seu comportamento está de acordo com uma humildade, com valores aparentemente desejáveis por Deus.

Aluna: [Faz um comentário.]

PROF. MONIR: Não, porque você pode ser completamente salvo mesmo com uma absoluta e total e completa passividade. Dentro do contexto luterano, agostiniano, você não precisa fazer nada para ser salvo, basta você não fazer nada errado. Quer dizer, você tem a possibilidade de salvação porque caiu nos olhos de Deus. Por isso é que um cristão tem que ter uma atitude de se tornar simpático aos olhos de Deus.

Agora, o que está aí em *Os Noivos* é outra coisa. Você não está isento de tomar as medidas para a sua própria vida. Veja como esse livro ficaria completamente estúpido se fosse um livro em que chegasse o padre e dissesse assim: “Eu não posso casar vocês”. E eles respondessem: “Ah, tá bom. Não, certamente alguma ação da Providência vai gerar isso, alguém vai produzir isso pra mim”. Se fosse esse o caminho que autor tivesse tomado, que sentido teria essa história? Nenhum.

A essência dessa história, eu vou resumir agora pra vocês: é a perspectiva que o Goethe tem da vida, no *Fausto I* e no *Fausto II*. Ali vocês têm a melhor demonstração disso que tá aqui. O que é a vida humana? A vida humana é pecado, é imperfeição, mas como é que você resolve o pecado? Você diz: “Então eu pequei, tá bom, mas agora eu vou fazer um monte de coisas pra compensar isso”. A sua ação é absolutamente imprescindível para que você possa ter a realização humana. Mas a sua ação não pode ser soberba e não pode ser desvinculada do respeito pela Vontade Divina. Logo, a submissão à Providência e a tradução da Providência não apenas como destino cego e randômico, mas como sendo um conjunto de ações organizadas para produzir o melhor efeito sobre a sua vida, é o que torna a vida viável. Portanto,

o segredo de tudo está em ver no destino atos da Providência que são organizados com algum objetivo final que fará o seu bem, como aconteceu com Renzo e Lúcia.

Essas duas coisas tem que ser consideradas sempre. Tá certo?

Aluno: *[Faz pergunta sobre verbalizar palavras e as coisas acontecerem.]*

PROF. MONIR: Tem uma coisa muito importante que você disse, que é o seguinte: perdoar é “perder o ar”, mas em que sentido? Perder o ar é exatamente o que está lá no *Sermão da Montanha*, é dizer que os pobres de espírito é que reinarão, que eles serão salvos.

O que é um pobre de espírito? É aquela pessoa que está desinflada, que não se leva muito a sério, que não se tem em alta conta. Deus imagina que temos uma certa humildade perante ele, porque existem mistérios que não somos capazes de entender. O sujeito que está inflado é o sujeito que tem ar. Perdoar é aquilo que faz o Renzo quando ele percebe finalmente que ele não tem aquele poder todo. O Frei Cristóvão dá aquela bronca nele pra ele se colocar no seu verdadeiro lugar. O Renzo é apenas um ser humano, tão pecador quanto os outros, e agora está aí com esses ares de vingador divino, de justiceiro do cosmos. O homem, pra entender o que está acontecendo com ele, precisa perder o ar, perdoar, indo no seu caminho. Perder o ar, a empáfia, a vaidade, perder o conteúdo inflado, perder o ar quente dentro do balão, pra que ele possa perceber finalmente que há uma mão mais forte acima de todas as coisas.

Não é que a história seja sobre o perdão, essa história não é sobre isso. Mas o perdão é fundamental e imprescindível para que a personagem possa dar-se conta do que havia finalmente acontecido. O fato de que a Providência Divina agia com a mesma intensidade e que ela era capaz de resolver o problema, quando na verdade a ação concreta de que Renzo e Lúcia eram capazes era muito pequena porque as circunstâncias, ou seja, aquele conjunto de poderes que eles tinham sobre o mundo, era muito baixo.

Esse é o sentido da história. E o perdão ocorre justamente o momento em que a história se reverte, você tem toda razão em perceber isso como essencial. E então, pessoal? A minha dificuldade está bem grande aqui com essa gripe que eu tenho, eu estou bem cansado... Eu queria agradecer vocês.

(Resumo feito por José Monir Nasser, com excertos traduzidos por Marina Guaspari, retirados de *Os Noivos*, Ediouro, s/d, Rio de Janeiro.)

Federação das Indústrias do Estado do Paraná - FIEP | Presidente

Edson Campagnolo

Serviço Nacional da Indústria Paraná - SENAI | Diretor Regional Senai - PR

Serviço Social da Indústria Paraná - SESI | Superintendente do SESI/IEL - PR

José Antonio Fares

Assessora Executiva de Assuntos Estratégicos - Sistema FIEP

Maria Cristhina de Souza Rocha

Gerente de Cultura - Sistema FIEP

Anna Paula Zétola

Analista Técnico – Cultura - Sistema FIEP

Thaís Bonato Lourenço

Analista Técnico – Cultura - Sistema FIEP

Kleberr Wlader

Normalização – Cultura - Sistema FIEP

Pandita Marchioro

Conteudista

José Monir Nasser (in memoriam)

Revisão de transcrição

Patrícia Nasser

Revisão Literária e Palestras

Paulo Briguet

Capa e Diagramação

Maria Cristina Pacheco dos Santos Lima

Ilustração Capa

José Monir Nasser

Coordenação Geral

Anna Paula Zétola

Produção Executiva e Prestação de Contas

Luiz Roberto Meira

Assistente de Produção

Gilmar Lima

Assessoria de Imprensa

Rafaela Tasca

Programa Nacional de Apoio à Cultura PRONAC

Ministério da Cultura

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as pessoas, alunos e amigos, cujos estímulos e esforços contribuíram direta ou indiretamente para o sucesso do programa Expedições pelo Mundo da Cultura e cuja presença indelével está nas entrelinhas de cada parágrafo deste livro.

Agradecemos ao SESI, à ABRH, à Klabin, à Volvo e aos seus colaboradores não apenas pelo apoio material, mas pelo entusiasmo, envolvimento e dedicação com que nos acompanharam durante todo este processo.

Agradecemos a todos os que cederam materiais, se mobilizaram e trabalharam pelas transcrições, das mais variadas maneiras. Agradecemos a Bruno Floriani e a Pâmella Stadler pelo seu envolvimento direto com as transcrições. Registramos em especial nossa gratidão para com Andréa de Oliveira Jaques e para com Carlos Nadalin, sem os quais este esforço não teria sequer começado.

Agradecemos ainda aos amigos Carlos Jaime Loch e Paulo Briguet pelo tempo e talento a nós devotado.

Família Nasser

OS FILHOS DE MONIR

José Monir Nasser foi o pai intelectual de muita gente. Todos se tornavam alunos diante dele. Era um educador no sentido verdadeiro da palavra: ex ducare, conduzir para fora. Suas aulas sobre os grandes clássicos literalmente conduziam os ouvintes para fora da caverna da ignorância, mostrando-lhes a luz pura e espiritual do conhecimento. Virgílio de tantos pequenos Dantes, que antes de conhecê-lo não conheciam a comédia de erros das próprias vidas, ele comprovou que o mundo da criação literária e o mundo da criação de riquezas não estão separados, mas fazem parte de um mesmo princípio, essencialmente espiritual.

PAULO BRIGUET

EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA VOLUME 9

Tartufo O Pato Selvagem

ENCONTROS COM O PROF. JOSÉ MONIR NASSER

EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA **VOLUME 9**



JOSÉ MONIR NASSER

(1957-2013)

Economista, escritor, editor e pintor, fundou a empresa de consultoria AVIA Internacional e a Triade Editora. Foi consultor de estratégia em inúmeras organizações de porte nacional e consultor de desenvolvimento regional. Escreveu "A Economia do Mais" e "O Brasil que Deu Certo", ambos pela Triade Editora.

PATROCÍNIO



VOLVO



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA
CULTURA



FIEP-Federação das Indústrias do Estado do Paraná

Edson Luiz Campagnolo
Presidente

Superintendente do Sesi e IEL no Paraná e Diretor Regional do Senai no Paraná

José Antonio Fares

Assessora de Projetos Estratégicos

Maria Christina S. Rocha

Gerência de Cultura

Anna Paula Zétola

Conteudista

José Monir Nasser

SESI. Departamento Regional do Paraná.

Expedições pelo mundo da cultura: Tartufo / O Pato Selvagem / SESI.
Departamento Regional do Paraná. - Curitiba: SESI, 2017.
245 p.: 21 cm. (Expedições pelo mundo da cultura, v. 9)

ISBN: 978-85-5583-034-1

1. Literatura – História e crítica. 2. Serviço Social da Indústria. I. José
Monir Nasser.

CDU 82

A reprodução total ou parcial desta publicação por quaisquer meios seja eletrônico, mecânico, fotocópia, de gravação ou outros, somente será permitida com prévia autorização, por escrito, do SESI.

Tartufo

O Pato Selvagem

Escrever o Prefácio de Expedições pelo Mundo da Cultura não é somente escrever uma página para iniciar o livro e instigar sua leitura. É escrever sobre uma viagem por mundos a serem descobertos a cada volume, em cada história que se apresenta página após página, personagem a personagem, cenário após cenário. É escrever sobre uma viagem que permite nos transportarmos de espaços inusitados para o racional e o imaginário; que nos dá oportunidade de sair do lugar comum para lugares consagrados da literatura clássica.

Quando se busca o significado da palavra expedição, encontra-se como uma de suas definições: conjunto de pessoas que viajam para um determinado território, com o objetivo de analisá-lo. Foi isso que Monir Nasser nos proporcionou durante quatro anos de parceria entre ele, ilustre intelectual, e o Sesi Paraná. Momentos únicos nos quais conhecimentos foram compartilhados e viagens por destinos diversos foram realizadas, modificando o olhar que temos de nossa realidade, dando-nos condições de ampliar nossa visão de mundo.

Ao todo se somaram 92 possibilidades de expedições, mediadas por ele, que levaram os participantes dos encontros por um mundo indesejável, por um universo cultural a ser desmistificado e descortinado aos poucos. Encontros nos quais já existia a expectativa para o próximo e que, por isso mesmo, não se conseguia parar. Os encontros possibilitaram atravessar a Ponte Rialto, em Veneza, por nosso imaginário e participar da negociação entre Antonio e Shylock. Encontrar Dom Quixote de La Mancha, cavaleiro medieval, em busca da sua amada Dulcinéia, sempre em companhia de seu cavalo Rocinante e seu fiel escudeiro Sancho Pança, pelos caminhos espanhóis. Navegar para a Índia, pela obra poética de Os Lusíadas, de Camões, compreendendo a história de Portugal. Entender a complexidade do Livro de Jó, com seus discursos e respostas para perguntas existenciais. Navegar em busca de Moby Dick, refletindo sobre os sentimentos humanos e tantas outras compreensões. Enfim, Monir nos traduziu obras de William Shakespeare, Tolstói, Miguel de Cervantes, Herman Melville, Camões, Aldous Huxley, Tolkien, Nicolai Gogol e livros bíblicos, aproximando-nos dos autores e de suas obras.

Certa vez, meu amigo Monir Nasser disse, durante o encontro que discutia a novela A Morte de Ivan Ilitch, que não adianta olhar para a morte a partir da vida, mas a única solução é olhar para a vida a partir da morte; não há outro jeito de orientarmos a vida.

Assim, devemos olhar para a vida com a possibilidade de continuarmos o legado de Monir, contribuindo com a sociedade e futuras gerações para a descoberta de novas possibilidades que se abrem quando se descortinam as histórias da humanidade. Esta coletânea representa a existência que transcende a morte e permanece presente em nossos corações e mentes.

José Antonio Fares,

Superintendente Sesi Paraná.

Ele continua fazendo a diferença

Perdi a companhia do José Monir em 16 de março de 2013, depois de trinta anos de convivência. Para todos que o conheceram ou privaram de sua frondosa companhia foi uma perda irreparável. Foi um cometa que passou rápido, embora tenha brilhado intensamente.

Como professor conheci o José Monir em 1981 na turma de ‘trainees’ da Fininvest, um grupo de jovens que estava sendo preparado para implementar nos anos seguintes o Mercado Comunitário de Ações em Joinville (SC), onde moramos juntos uns três anos. Depois deste período seguimos caminhos diferentes, mas ficando sempre em contato; sua busca profissional levou-o a várias experiências. A partir dos anos 90 nós dois passamos a residir de novo em Curitiba; ele já atuava como consultor empresarial, caminho que também adotei, inclusive por influência dele.

Ao longo dessa caminhada pude conhecê-lo cada vez mais, tanto suas origens como sua obra. Seu brilhantismo era lastreado por uma formação clássica herdada. O pai, médico, cursara especialização em Paris como bolsista da Aliança Francesa, dirigida em Curitiba pelo casal Garfunkel; a mãe, secretária da Aliança Francesa até casar-se. O berço familiar transpirava atmosfera cultural. Quando o pai ia para o consultório à tarde, levava junto o filho adolescente para ficar na Biblioteca Pública do Paraná, na quadra vizinha, até o final de sua jornada. ‘Lia de tudo’, dizia; Roberto Campos o influenciaria com seu estilo polêmico e afiado. Frequentou também a Escolinha de Arte, da própria Biblioteca Pública. O José Monir falava e escrevia fluentemente francês, inglês e alemão; na juventude participou de programas de intercâmbio escolar nesses três países; ainda jovem chegou a morar por mais de um ano na Alemanha, vindo a trabalhar como operário numa fábrica, experiência marcante à qual se referia com frequência. Até o final do 2º Grau teve apenas formação clássica, isto é, de humanidades, sem direcionamento profissional, voltada apenas para o desenvolvimento da capacidade de expressão do espírito humano. Sua primeira faculdade foi em Letras, mas já no final desta resolveu cursar Economia, provavelmente em decorrência do clima político do país no final dos anos setenta. Discorria com domínio sobre os mais variados assuntos, indo de arte a filosofia, religião, ciência, literatura, economia e outros tantos. Teve forte influência de Virgílio Balestro, hoje com mais de 80 anos, Irmão Marista professor do colégio em que estudou; com ele tinha aulas particulares de latim e grego. Amadureceu profissionalmente entre seus vinte e cinco e trinta anos, sob a influência marcante de Rubens Portugal, nosso diretor e grande mentor. Mesmo tendo contato com gestão empresarial só nesta idade, o José Monir superou pelo caminho muitos que tinham se iniciado mais cedo.

Nesse tempo destacava-se por sua vivacidade intelectual e arguta capacidade de abordar as situações mais complexas no campo gerencial e econômico, de maneira inovadora. Recendia qualidade em tudo que fazia, desde clareza de raciocínio até redação densa, leve e comunicativa, recheada de vocabulário erudito sem ser pedante. Demonstrava prodigiosa versatilidade; ia direto ao ponto central dos assuntos; conseguia revelar relações incomuns entre fatos e situações aparentemente desco-

nexas. Sabia localizar o ouro. Ele fazia a diferença! Detestava autoridade imposta; pugnava pela autoridade interna da abordagem orgânica dos fatos e análises sobre a situação enfrentada. Irritava-se com mediocridade, e com burocracia em geral. Era hábil em desmascarar espertezas travestidas e agendas ocultas.

Interagia com todos os segmentos sociais, frequentando as mais diversas 'tribos' civilizadas. Gostava de merecer o prêmio e a vantagem, em vez de dar-se bem às custas alheias. Sua nobreza de caráter dispensava as competições predatórias; perder para ele era reconhecido como ganho até pelos adversários; nunca o vi tripudiar sobre alguém. Era dono de uma verve humorística ímpar: à sua volta sempre predominavam as satíricas risadas de um 'fair play'. Sabia portar-se com franqueza lhana; para ele a verdade podia ser dita sem precisar ferir. Era um 'curitibano da gema'; ainda não consegui encontrar alguém que superasse sua capacidade de entender a 'alma curitibana'. Dizia que em Curitiba não é bem assim para namorar uma moça de família: 'antes de pegar na mão, você tem que se apresentar, dar provas, frequentar e ... esperar ser convidado; ser 'entrão' pega mal; somos uma sociedade da serra, não da praia'. Sempre aproveitava as oportunidades de aprender quando reconhecia nas pessoas capacidades e experiências extraordinárias; hauriu muito da convivência com Rubens Portugal, com Professor Tsukamoto (de São Paulo) e Arthur Pereira e Oliveira Filho (do Rio).

Sua trajetória profissional foi intensa, árdua e cheia de iniciativas inovadoras, sempre trabalhando por conta própria. Nos anos noventa tornou-se um famoso consultor empresarial junto a grandes clientes do circuito São Paulo-Rio-Brasília. Teve um escritório de consultoria em Curitiba, AVIA Internacional, que editava uma 'letter', lidava um Programa de Análise Setorial (Papel/Celulose, Seguros, Bancos), desenvolvia projetos sobre as experiências internacionais de Jacksonville e Mondragon, dentre outros projetos. Nesse período dedicou-se à pintura com atelier próprio; frequentava aulas particulares e convivia no meio artístico local.

Desencantado com a inércia brasileira por ideias inovadoras, no início do novo milênio passou a dedicar-se ao projeto do Instituto Paraná Desenvolvimento (IPD), um centro de pensamento sob a liderança de Karlos Rischbieter. Nesse período participou com Olavo de Carvalho do Programa de Educação (Filosofia), patrocinado pelo IPD. Em 2002 fundou a Triade Editora e escreveu os livros 'A Economia do Mais' sobre 'clusters', e o 'O Brasil Que Deu Certo', com o empresário Gilberto J. Zancopé, sobre a história da soja brasileira. Chegou a ter um programa de televisão em que corajosamente discutia temas quentes de forma crítica.

No final da primeira década dos anos 2000 imprimiu novo rumo a seu projeto profissional, lançando 'Expedições ao Mundo da Cultura'. Consistia numa engenhosa adaptação ao Brasil do trabalho do norte-americano Mortimer Adler, a leitura de cem obras clássicas básicas como programa de formação de um cidadão culto. 'Nada do que eu fiz na vida me deu tanto prazer quanto este trabalho', dizia. Em menos de um ano tinha grupos em Curitiba, São Paulo e algumas cidades do Paraná. Sua grande inovação foi fazer um resumo de cada obra, com vinte páginas em média, para contornar a dificuldade dos brasileiros em ler um livro a cada quinze dias. Os encon-

tros eram concorridos, animados e muito proveitosos no despertar os participantes para a dimensão cultural. Até que um AVC o abateu.

A semente da herança cultural cresceu, floresceu e frutificou. Seu grande legado é o exemplo de como a Cultura é próspera e construtiva, ao contrário do que se pensa neste país como apenas entretenimento. É exemplo de projeto educacional humanista clássico, ao contrário do que se faz hoje em se privilegiar precocemente a orientação profissional em detrimento da formação humana. É exemplo profissional de trabalhar por conta própria correndo riscos e dedicando-se de corpo e alma ao projeto em que acredita. É exemplo de modernidade inteligente, tanto na sua herança como na sua obra e no seu legado, fundados sobre a matriz cultural clássica no âmbito da família. O que a família não fizer dificilmente será recuperado pela escola e pela empresa. A volta desse cometa acontecerá sempre que se replicar essa proposta de formação.

A trajetória de vida corajosa e realizadora de José Monir (1957-2013) é orgulho para sua família e referência para os amigos e os que o conheceram. Ele continua vivendo em nós; ele continua fazendo a diferença!

Carlos Jaime Loch, Consultor de Gestão Empresarial.

Ao mestre, com carinho

José Monir Nasser costumava dizer que nós não explicamos os clássicos; eles é que nos explicam. Da mesma forma, podemos afirmar que qualquer tentativa de explicar o trabalho do professor Monir resultará em fracasso, pois toda explicação possível advém do próprio trabalho. É preciso dizer de uma vez por todas: ele é o professor e nós somos os alunos.

Aristóteles discordou de seu mestre Platão em muitas coisas, mas certa vez declarou: “Platão é tão grande que o homem mau não tem sequer o direito de elogiá-lo”. Quem somos nós para elogiar ou explicar o mestre Monir? Ninguém. No entanto, tentaremos fazê-lo, do modo mais sucinto possível, para não tomar o tempo precioso do leitor.

Os textos reunidos nesta série são transcrições de aulas de José Monir Nasser sobre clássicos da literatura universal, dentro do programa Expedições pelo Mundo da Cultura, que funcionou entre 2006 e 2010. O objetivo era trazer para o conhecimento do público os temas que ocupavam o espírito dos grandes autores. São nomes e histórias que muitas vezes estão presentes na vida e na linguagem cotidiana – vide os adjetivos homérico, dantesco, quixotesco, kafkiano –, mas que em geral ficam adormecidos na poeira das estantes. A missão de Monir era trazer esses enredos e personagens clássicos para a luz do dia.

O foco das palestras de Monir não era a crítica literária ou a análise estilística, mas sim a discussão do conteúdo. Ele possuía uma verdadeira e sagrada obsessão por esclarecer mesmo as passagens mais difíceis das obras discutidas. Seu lema, repetido diversas vezes, era: “É proibido não entender!” Todos ficavam à vontade para interromper sua fala com perguntas, reflexões, ponderações, comentários. O objetivo não era transformar os alunos em eruditos, mas dar acesso a um conhecimento valioso, universal e atemporal, que pode fazer toda diferença na vida das pessoas. E fez. Monir pretendia fazer a leitura de 100 livros clássicos da literatura universal. Não foi possível: ele discutiu “apenas” 92. A lista inicial dos clássicos partiu da obra Como ler um livro, de Mortimer Adler e Charles Van Doren, sendo aperfeiçoada ao longo do tempo. Na presente seleção há dez obras: Gênesis e Jó (textos bíblicos), Fédon (de Platão), Os Lusíadas (de Camões), O Mercador de Veneza (de Shakespeare), O Inspetor Geral (de Gógol), A Morte de Ivan Ilitch (de Tolstói), Moby Dick (de Melville), O Senhor dos Anéis (de Tolkien) e Admirável Mundo Novo (de A. Huxley).

A ideia de trabalhar com os clássicos já havia sido colocada em prática por Monir e o filósofo Olavo de Carvalho, em um curso que ambos ministraram na Associação Comercial de Curitiba, patrocinado pelo IPD (Instituto Paraná de Desenvolvimento). O programa Expedições pelo Mundo da Cultura nasceu em 2006 e já no primeiro ano passou a contar com a parceria do SESI. De Curitiba, onde foram realizadas as primeiras aulas, o programa foi estendido a outras cidades paranaenses: Paranavai, Londrina, Maringá, Toledo e Ponta Grossa. O programa também foi realizado em São Paulo a partir de 2007, desvinculado do SESI.

Em todas essas cidades, Monir fez alunos e amigos. Porque era quase impossível ouvi-lo sem considerar a sua maestria e o seu amor ao próximo. Os encontros duravam cerca de quatro horas, com um intervalo para café. Monir começava as palestras com uma apresentação genérica sobre o autor e a obra. Em seguida, havia a leitura de um resumo do livro, entremeado por observações de Monir. Esses comentários formavam um rio de ouro que conduzia o aluno pelas maravilhas da literatura universal. As quatro horas passavam com uma rapidez quase milagrosa – e você tem em mãos a oportunidade de comprovar essa afirmação.

Não bastassem a fluidez e a sutileza de suas observações, José Monir Nasser tinha a capacidade de enriquecê-las com um fino senso de humor, livre de qualquer pedantismo ou arrogância. Ao final das aulas, nota-se um inusitado clima de emoção entre os presentes. Algumas vezes, ao concluir seus pensamentos sobre a mensagem dos clássicos, Monir chegava às lágrimas, como testemunharam alguns de seus alunos e amigos.

Em cada cidade por onde Monir levou os clássicos, espalhou também as sementes do conhecimento, da cultura e dos valores eternos. Ele era um autêntico líder de primeira casta, um homem cujo sentido da vida era fazer o bem e elevar o espírito de seus semelhantes. Muito mais do que explicá-lo, cumpre agora ouvir a sua voz – nas páginas que se seguem. Jamais encontrei o professor Monir pessoalmente; mas, após ouvir as gravações e ler as transcrições de suas aulas, posso considerar-me, talvez, um aluno, um amigo, um leitor. Conheça você também o mestre Monir.

Paulo Briguet, jornalista e escritor.

Prefácio à segunda Edição

Reencontro com José Monir Nasser

Todo paranaense — todo brasileiro — interessado em alta cultura deveria agradecer a Deus pela vida e obra de José Monir Nasser. Durante uma trajetória de vida relativamente curta — apenas 56 anos — ele realizou trabalhos fundamentais nos campos da economia, do empreendedorismo, da editoração e da literatura. Mas, se precisássemos resumir numa palavra o perfil desse homem multifacetário, poderíamos dizer simplesmente: — Professor.

A biografia intelectual do professor Monir foi a realização integral de uma de suas mais famosas frases: “Uma sociedade não pode ser rica antes de ser inteligente”. Grande divulgador do empreendedorismo cívico — tema de seu excepcional livro *A Economia do Mais* —, Monir dedicou grande parte dos seus últimos anos de vida ao projeto *Expedições pelo Mundo da Cultura*, com palestras luminares sobre obras literárias clássicas. Ele próprio tinha perfeita consciência do que esse trabalho representava: “O *Expedições pelo Mundo da Cultura* é um programa que tem por objetivo restaurar a verdadeira cultura brasileira, que nós de alguma maneira perdemos e que precisamos buscar a todo custo, porque é a única maneira pela qual nós conseguiremos sair da terrível e profunda crise civilizatória em que nós nos metemos”. (Curitiba, 22/05/2010)

Este segundo box com palestras do professor Monir é apenas mais uma parte do imenso legado que ele deixou ao Brasil: uma enciclopédia educacional em que os clássicos da literatura são as bússolas que nos orientam no mar tenebroso da vida contemporânea. Nas palestras de Monir, a cultura não é sinônimo de belles-lettres ou pedantismo literário, mas uma força viva que nos orienta como indivíduos e permite a cada um ordenar a sua própria alma. Os dez livros aqui comentados não são vistos como meros registros históricos ou modelos estilísticos; constituem, muito mais do que isso, um “conjunto de intuições, formas e símbolos portadores de verdade e valores universais”, para usar as palavras de um grande amigo e incentivador de Monir, o filósofo Olavo de Carvalho.

Os cinco volumes que você tem em mãos, caro leitor, são portais de sabedoria capazes de ampliar o horizonte intelectual de qualquer pessoa sinceramente interessada em fazê-lo. Ao promover um diálogo supratemporal com os gigantes da literatura, José Monir Nasser estende as possibilidades do futuro e enche os nossos corações de esperança pela felicidade definida por Aristóteles: a contemplação da verdade. Que este novo volume de sua admirável obra seja mais um passo rumo à consolação última imaginada por Boécio na prisão: a eternidade — “posse inteira e perfeita de uma vida ilimitada, tal como podemos concebê-la conforme ao que é temporal”. Reencontrar Monir é reencontrar a nós mesmos.

Paulo Briguet é escritor em Londrina.

Tartufo

de Molière (1622 - 1673)

Transcrição da palestra do professor José Monir Nasser em Curitiba, em 10/04/2010¹

¹ Transcrição de Maria Cecília Noronha. Revisão da transcrição: Patrícia Nasser.

Tartufo

Um livro como Tartufo é fácil de ler porque é pequeno. As peças de teatro de modo geral são muito acessíveis, porque são curtas. O teatro de Molière é agradabilíssimo, delicioso. Ele é um dos maiores dramaturgos comediantes da história da humanidade – quase o maior de todos. Acho que é o maior de todos – muito melhor do que Aristófanes, por exemplo, que é o maior dramaturgo satírico grego. Molière é muito mais talentoso e divertido.

Este programa é voltado para pessoas que querem obter mais cultura, no sentido usado por Cícero. Cícero queria que, além de se cultivar o campo, cultivássemos também o espírito. Nós não estamos usando “cultura” no sentido antropológico da palavra. A palavra cultura é cheia de significados. Em princípio, tudo aquilo que não está aí de modo natural é “cultura”. Vai desde o modo de como se engraxa o sapato, até o modo como se operam as coronárias. Tudo isso é cultura. Esse sentido amplo não nos interessa. Também não usamos a palavra no sentido antropológico: cultura europeia, cultura mineira, cultura hip-hop, etc. Não usamos nesse sentido idiossincrático, cultura como sendo a representação de um modo de ser de um tipo de po-

pulação específica. O conceito de cultura que se usa aqui é o conceito que Cícero desenvolveu - por analogia ao cultivar da terra, cultura é o cultivar do espírito. Esse é o sentido da palavra cultura na denominação do programa *Expedições pelo Mundo da Cultura*.

A peça é tão importante que a expressão “tartufo” está na maioria dos dicionários do mundo, quase toda a língua moderna incorporou a palavra ao seu vocabulário. Quando alguém chamar você de tartufo, não se sinta muito lisonjeado, porque não é uma atribuição meritória. Um tartufo é um sujeito hipócrita, santarrão, fingido. Se você procurar no *Aurélio*, está lá “tartufo”, significando hipócrita. É esse o sentido que se dá em português; a palavra se incorporou ao nosso vocabulário. Há algumas palavras que são assim, como no caso da palavra “ritz” que, sendo originalmente o nome de um hoteleiro, passou a ser sinônimo de hotel no mundo inteiro.

Molière inventou uma expressão chamada “tartufo” que é a denominação de um tipo humano. Aliás, todo o teatro de Molière é assim. Ele é o maior criador de tipos humanos específicos. Ele inventou o hipocondríaco, que é personagem de *O Doente Imaginário*, inventou o avaro típico, o misantropo – enfim, tipos humanos que marcam determinados comportamentos e passaram a ser entidades imortais, tendo se tornado sinônimo para aquele tipo de pessoa. Nem sempre o nome da personagem é o sinônimo, mas quando se pensa num avaro, sempre se pensa no avaro do Molière, quando se pensa num hipocondríaco, todo o mundo pensa no Argan. Aliás, curiosamente, Molière morreu fazendo o papel de Argan na peça *O Doente Imaginário*. Ele sofria de uma tuberculose gravíssima e teve uma crise no palco, de onde saiu carregado para morrer em casa logo em seguida.

Portanto Molière morreu fazendo papel de doente em uma peça que ele mesmo havia escrito, usando uma roupa amarela. Desde então na França nenhum ator ou atriz que se preza veste roupa amarela no palco, de jeito nenhum, com medo de um destino semelhante.

CRONOLOGIA

1606 – Nasce Pierre Corneille (1606-1684).

1616 – Morre William Shakespeare (1564-1616) em Stratford-upon-Avon.

1622 – Molière nasce em Paris no dia 15 de janeiro, numa família de comerciantes ricos, e é batizado na Igreja de Santo Eustáquio com o nome de Jean-Baptiste Poquelin, sendo seu pai, Jean Poquelin (1596 -1669), "*tapissier ordinaire du roi*", ou fornecedor oficial de tapetes para a corte. Neste ano, Richelieu (1585-1642) torna-se cardeal.

1624 – Richelieu entra para o gabinete de Luís XIII (1610-1643) como chefe do Conselho Real e, na prática, governa a França, dedicando se, entre outras coisas, a destruir o protestantismo (partido huguenote) na França.

1627 – Fundada a *Compagnie du Saint Sacrement*, o partido dos devotos, sociedade conservadora e secreta destinada a "*construir Jerusalém na Babilônia*", segundo Bossuet (1627–1704).

1631 – Jean Poquelin confirma para Jean-Baptiste a transmissão do cargo de fornecedor oficial de tapetes (*tapissier ordinaire du roi*).

1632 – Em maio, morte de Marie Cresse (1600-1632), mãe de Molière.

1633 – Jean Poquelin casa-se de novo e interna o filho no Collège de Clermont (hoje liceu Louis-le-Grand), importante escola jesuíta em Paris, de onde Jean-Baptiste sairá formado em 1639.

1638 – Instalado na França por Antoine Arnauld o movimento jansenista (convento de Port-Royal) de inspiração agostiniana para combater o excesso de otimismo humanista.

1639 – Nasce Jean Racine (1639–1699).

1642 – Morre o cardeal Richelieu. Jean-Baptiste teria se formado em direito em Orleans, questão polêmica até hoje. Nesta época, teria sido influenciado pelo filósofo epicurista Gassendi. Início da relação amorosa de Jean-Baptiste com Madeleine Béjart (1618-1672), filha de Joseph Béjart, cabeça de uma família de gente do teatro.

1643 – Morre Luís XIII e começa a regência de Ana da Áustria (1601–1666), mãe de Luís XIV (1638-1715), e do ministério do cardeal Jules Mazarin (1602–1661), que na prática governa a França. Jean-Baptiste forma, no dia 30 de junho, com a família Béjart, a companhia de teatro *L'Illustre-Théâtre*.

1644 – Primeira apresentação da companhia em Paris.

1645 – A companhia vai à bancarrota em maio e Jean-Baptiste Poquelin duas vezes vai à prisão por dívidas, de onde seu pai o resgata. Jean-Baptiste adota o

sobrenome Molière inspirado numa pequena aldeia do sul da França, para não comprometer socialmente o pai.

1646 - Molière começa período de treze anos como ator itinerante pelo interior, encenando peças italianas, sob o patrocínio de diversas autoridades regionais, como o duque d'Épernon e o príncipe de Conti.

1648 – Começam os distúrbios da Fronda, uma rebelião da aristocracia com o objetivo de recuperar direitos usurpados por Richelieu. Os distúrbios iriam até 1653. A aristocracia é derrotada e perde mais poder. A monarquia francesa agora é absoluta, mas compensa os nobres com fausto nunca visto.

1653 – Molière forma nova companhia sob a proteção do príncipe de Conti até 1657, quando este torna-se devoto.

1654 – Cede a seu irmão a prerrogativa de fornecedor oficial de tapetes.

1655 – Estreia em Lyon *L'Étourdi (O Estouvado)*, a primeira comédia de Molière.

1656 – Estreia em Béziers *Le Dépit amoureux (O despeito amoroso)*.

1657 – A companhia, agora sob a proteção de Monsieur, irmão do Rei, passa a chamar-se *Troupe de Monsieur*.

1658 - Molière volta a Paris, apresentando no Louvre, no dia 24 de outubro, na presença do Rei, a tragédia *Nicomède* de Corneille e possivelmente a comédia *Le Dépit amoureux*. Luís XIV, impressionado, instala a companhia na sala do palácio

Petit Bourbon, ao lado do Louvre, onde divide o espaço com os comediantes “italianos”.

1659 – Estreia com sucesso a peça *Les Précieuses ridicules* (*As Preciosas ridículas*).

1660 – Estreia *Sgaranelle ou le cocu imaginaire* (*O Corno imaginário*). Com a morte de seu irmão, retoma a prerrogativa de fornecedor oficial de tapetes. Cresce a importância política do partido dos devotos. Mazarin tenta, sem sucesso, dissolvê-lo.

1661 – Morre o Cardeal Mazarin. Assume Luís XIV, o “rei-sol”, com poderes absolutos, graças à obra centralizadora dos cardeais Richelieu e Mazarin. Seu principal ministro seria Jean-Baptiste Colbert (1619-1683), que havia sido secretário particular de Mazarin desde 1651. Molière encena com fracasso a comédia heroica *Dom Garcie de Navarre* e com sucesso *L'École de maris* (*Escola de Maridos*). O grupo teatral de Molière começa a se apresentar no *Palais-Royal*, enquanto duram as reformas do *Louvre*, que exigiram a demolição do *Petit-Bourbon*. Em novembro, Molière apresenta ao Rei, em Vaux-le-Viscomte, sua primeira comédia balé *Les Fâcheux* (*Os Importunos*), durante as festas em homenagem ao novo Rei. Molière torna-se comediógrafo oficial da corte.

1662 – Molière casa-se com Armande Béjart (1642-1700), vinte anos mais jovem, acreditando ser irmã de sua amante Madeleine, mas que era, na verdade, filha dela com o duque de Modena. Sucesso espetacular da *École des femmes* (*Escola de Mulheres*), que estreia no dia 26 de dezembro. O Rei concede-lhe uma pensão.

1663 – Ataques do partido dos devotos, que acusa Molière de imoralidade e de ter casado com a própria filha. O Rei, no entanto, toma o partido de Molière e aceita ser padrinho de seu filho primogênito, que nasce no ano seguinte e morre bebê.

1664 – Molière anima a grande festa *Os Prazeres da Ilha Encantada* de Versalhes, com a peça *A Princesa de Élis* (*ad hoc*) e o *Tartuffe* que é, em seguida, censurada, porque a rainha mãe, devota, vê em *O Tartufo* ataque direto aos devotos. É o maior escândalo da carreira de Molière. Molière dirige a primeira tragédia de Racine, *La Thebaïde*. Início da cooperação com o compositor Jean-Baptiste Lully (1632-1687).

1665 – Molière encena *Dom Juan* ou *O Festim de Pedra*, baseado na obra de Tarso de Molina em torno da vida de Dom João Tenório. Após algumas sessões, a peça é censurada e só voltaria a ser apresentada 174 anos após a morte de Molière. Sucesso de público com a peça *L'Amour médecin*. Molière e Racine rompem relações após este último ter tirado de Molière a peça *Alexandre le Grand* e tê-la entregue à companhia rival do Hotel de Bourgogne.

1666 – Encenação de *Le Misanthrope*, com fracasso de público. Sucesso de público com a peça *Le Médecin malgré lui*. Luís XIV dissolve a Companhia do Sagrado Sacramento.

1667 – Nova proibição do *Tartuffe*, mesmo usando o título *L'Imposteur*.

1668 – Encenado *L'Avare* (O Avarento).

1669 – Com a morte da Rainha-mãe, Luís XIV libera o *Tartuffe*.

1670 – Molière produz duas comédias balés para a nobreza: *Les Amants magnifiques* e *Le Bourgeois gentilhomme*, considerado por alguns um ataque pessoal a Colbert.

1671 – Encenada *Les Fourberies de Scarpin* (*As Artimanhas de Scarpino*).

1672 – Morre Madeleine Béjart. Estreia *Les Femmes Savantes* (*As Sabichonas*). Rompimento como o compositor Jean Baptiste Lully, após oito anos de trabalho conjunto. O Rei e os ministros instalam-se em Versalhes.

1673 – O segundo filho do casal Molière morre com menos de um mês. Durante a quarta encenação da peça *Le Malade imaginaire*, na noite de 17 de fevereiro, na qual faz o papel principal, Molière sofre grave hemorragia bucal associada à tuberculose. Morre em casa por volta das dez da noite. O fato de estar vestido de amarelo no palco expulsou esta cor para sempre dos figurinos teatrais na França. Molière é enterrado na seção de não batizados, à noite, mesmo com a intervenção de Luís XIV, porque atores não podiam ser enterrados em solo sagrado.

1680 - Luís XIV manda fundir a companhia de Molière com a do Hotel de Bourgogne, sua antiga rival, criando a *Comédie Française ou La Maison de Molière*.

1710 – Destruído por Luís XIV o convento de Port-Royal e com ele o coração político do movimento jansenista na França.

1817 – Os restos de Molière são transferidos para o cemitério *Père-Lachaise* e enterrados ao lado dos despojos de La Fontaine.

Molière teve uma vida interessantíssima. Ele fazia parte deste movimento chamado teatro clássico francês. O teatro clássico francês foi a última tentativa de se fazer tragédia no mundo. Depois do teatro clássico teve também o *Regeldrama* alemão, teve alguma coisa de tragédia. Mas a tragédia no sentido grego da palavra é um gênero que ficou restrito à tragédia grega e morreu – são trinta e três as tragédias gregas que sobraram praticamente inteiras, e que perfazem tudo o que sabemos sobre o assunto. O mundo moderno não conseguiu mais fazer tragédia daquele jeito.

Shakespeare não escreveu tragédias, rigorosamente falando. Ele é muito próximo de Molière, porque morre em 1616 e Molière nasce em 1622. Embora a diferença cronológica seja pequena, a diferença em termos de estilo e abordagem teatral é enorme, imensa. Em primeiro lugar porque Shakespeare é um dramaturgo muitas vezes mais importante do que Molière. Shakespeare é um autor metafísico, enquanto Molière é um autor satírico. Do mesmo modo que no tempo de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes havia Aristófanes, um autor leve que fazia sátiras, também muito próximo de Shakespeare há um autor leve chamado Molière, que faz sátiras. Molière não tem nem sombra da profundidade de Shakespeare.

Também há de se considerar o fato de que há uma diferença enorme entre a França e a Inglaterra: a Inglaterra sempre teve uma nobreza pobre, essa é a razão pela qual os ingleses são bons comerciantes, para não dizer muitas vezes até mesmo bons piratas - para poderem viver, os reis da Inglaterra tinham que assaltar os outros. Já os reis da França sempre foram riquíssimos. Quatro ou cinco anos depois da morte de Shakespeare, que morava numa Inglaterra em que quase não havia ruas calçadas e em que tudo era muito precário, você já tinha Luís XIV, ainda criança, numa França em que havia

uma pompa, uma grandeza e uma suntuosidade que na Inglaterra não tinha de modo nenhum. A França sempre foi muito mais rica, por isso tinha uma nobreza muito mais exuberante do que a da Inglaterra (de natureza muito mais franciscana).

Molière era um ser da corte e pertence cronologicamente ao teatro clássico francês, que é composto por Racine, Corneille e Molière. Racine e Corneille são dois trágicos.

ALUNA: *[Faz pergunta sobre Pascal.]*

PROF. MONIR: Pascal é um filósofo agostiniano. É o que parece mais com Santo Agostinho de todos os escritores. Não escreveu teatro.

Se não me engano temos primeiro Corneille, o mais velho dos três, depois Racine e por fim Molière. Racine e Corneille são dois autores clássicos no sentido de que foram capazes de fazer peças suntuosas imitando os clássicos gregos – é um teatro muito mais suntuoso do que o próprio clássico grego. Quando você lê o teatro grego, você vai se acostumando aos poucos e vai achando que aquilo é linguagem comum. Com Racine e Corneille não é assim. Há sempre um pouco de pastiche, mesmo quando o pastiche é genial – porque se está tentando recuperar alguma coisa muito velha – o sujeito quer fazer teatro do mesmo modo como era feito dois mil anos antes.

Vejam a arquitetura. O sujeito que inventou aquelas colunas que existem na frente da Universidade do Paraná estava querendo recuperar uma antiguidade clássica da qual ele não tinha a menor ideia. É o caso da *Madeleine* de Paris, também. O sujeito que depois do mundo grego tenta fazer

colunas gregas sempre o faz meio “pastichado”, porque no fundo, no fundo, ninguém sabe muito bem como era aquilo, que vem de outra época... Quando é uma construção antiga, como no caso da Universidade do Paraná, as pessoas se impressionam muito - mas já era um pastiche horrendo na época em que foi feito. Eu me lembro de que quando morei em Joinville, baixaram lá uma regra dizendo que quem fizesse construção enxaimel ia ganhar um desconto no IPTU. Aí derrubaram tudo o que tinha de arquitetura legítima e maravilhosa que havia lá – tinha um mercado municipal magnífico em arquitetura colonial portuguesa – derrubaram tudo para fazer o enxaimel, que é assim: você faz um prédio comum e daí você cola na parede um *contact* que parece o enxaimel. A coisa mais medonha do mundo! Mas o turismo vive de brequices e pastiches.

O teatro francês clássico – o Corneille e o Racine – é genial, Racine é maravilhoso, mas é uma coisa que ficou meio fora de época. Como esse teatro tem quatrocentos anos de idade, para nós parece que era a linguagem da época, porque temos a tendência de considerar tudo o que tem trinta anos mais do que nós como igualmente velho. É uma tendência da nossa mente tentar resumir o passado numa categoria única, como se não houvesse diferenças intermediárias. Há certa dificuldade da nossa mente em compreender que o passado é algo complexo, com muita periodização interna. Um bom exercício para entender isso é começar a gravar algumas datas básicas - ter em mente duzentas datas (é o que dá para guardar) e com essas datas periodizar todo o passado. Se você não fizer isso, vai achar que São Tomás e Santo Agostinho ficavam discutindo filosofia juntos, quando eles têm oitocentos anos de diferença.

Embora Racine, Corneille e Molière pertençam teoricamente à mesma época – os três possivelmente se conheceram, Racine e Molière escreveram peças juntos – é muito difícil enquadrá-los numa mesma categoria com relação à natureza das obras. Racine e Corneille são recuperadores do passado clássico. Por passado clássico compreenda-se o teatro clássico grego - que mesmo os romanos já não souberam reproduzir direito (o teatro romano é incomparavelmente menor do que o grego). Molière era diferente desses dois, porque era um satírico que aplicava na prática o velho adágio “*Castigat ridendo mores*” - usava o humor e a sátira para fazer crítica social. Molière é um moralista, por mais que não pareça.

Algumas pessoas parecem o contrário do que são. Nelson Rodrigues parece um sátiro, uma espécie de libertino, um velho pervertido, quando na verdade era um sujeito absolutamente careta, implicante ao extremo, difícilíssimo – comenta-se que o cachorro dele teria se suicidado. [risos] Não tinha nada de libertino. Todas aquelas personagens rodrigueanas são personagens que ele abomina. Não bebia uma gota de álcool, só fumava desbragadamente. Mas era um sujeito chatérrimo que tinha uma visão extremamente moralista do mundo, embora o vulgo, a pessoa que não presta muita atenção, possa imaginar que ele fosse um adepto de *Os Sete Gatinhos*, de *O Beijo no Asfalto*, das coisas que ele apresentava apenas a título de crítica social.

Molière era mais ou menos assim, embora tenha tido uma vida de escândalos. Casou-se com a filha da atriz Madeleine Béjart, com quem tinha parceria – e sua mulher era tida e havida como filha dele. Foi um escândalo muito grande. Embora não se tenha nunca provado que isso tivesse sido assim, ele passou por ter tido um casamento incestuoso com a própria filha. O que não era pouca coisa.

Por causa de seu gênio expansivo e linguagem crua – Corneille e Racine jamais pensariam em escrever duas linhas como Molière; os dois escolhiam o francês castíssimo e Molière usava o francês do dia a dia –, foi acusado de ter todas as perversões que indicava nas suas próprias personagens. Foi uma vida de dificuldades políticas muito grandes. A sorte dele é que Luís XIV gostava dele e o protegia de alguma maneira.

Havia um fator importantíssimo na época de Luís XIV, que era a disputa entre jansenistas e jesuítas. Sobre isso é preciso falar alguma coisa, porque vai nos ajudar a entender *O Tartufo*. O catolicismo é uma religião muito antiga e, como toda instituição velha, tem hábitos e vícios arraigados. O catolicismo de matriz, romano, o catolicismo dos grandes arcebispados, do poder real, sempre esteve associado a conspirações, problemas políticos, etc. Em reação a isso foi que Lutero fundou o luteranismo. Sempre houve dentro do catolicismo reações contrárias ao catolicismo. Sempre houve um padre que se rebelava contra o baixo catolicismo do próprio catolicismo. A Igreja Católica resolvia isso com muita habilidade dando ao religioso revoltado a possibilidade de fundar uma ordem. O religioso montava a sua visão em uma ordem, que era abençoada pelo Papa.

Aqui também é assim. O arcebispo de Curitiba manda nos padres diocesanos, os padres que estão nas igrejas de Curitiba. Mas a ordem monástica x, y ou z responde direto ao seu superior em Paris, ou em Madri, ou em Roma. É claro que há relações muito amistosas por razões óbvias, mas o arcebispo não manda nas ordens monásticas. Sempre foi assim, pois era desta forma que Roma resolvia os problemas de resistência. Isso não aconteceu com Lutero porque havia interesse político dos príncipes alemães em romper com Roma. Então a dissidência doutrinária de Lutero se transformou em uma

dissidência política. Essa é a razão pela qual os protestantismos puderam se implantar – saíram da esfera religiosa e passaram para a esfera geopolítica.

No tempo de Molière, havia dentro do catolicismo um movimento chamado jansenismo, fundado pelo holandês Cornelius Jansen. O jansenismo nunca deixou de ser católico. Era um movimento de austeridade católica, na mesma base do protestantismo. Racine foi criado pelos jansenistas. Quando ficou órfão, foi colocado num convento jansenista por uma tia que tomava conta dele.

Tanto Jansen como Lutero eram monges agostinianos, e Santo Agostinho é o fundador de uma doutrina chamada predestinação – a ideia de que só nos salvaremos por um ato de bondade e deferência de Deus, porque desde a queda não somos mais capazes de buscar a salvação por mérito próprio. Santo Agostinho explicava a predestinação dizendo da cena de Jesus Cristo com os dois ladrões na cruz: *"Alegrai-vos porque o primeiro ladrão foi salvo, mas não vos entusiasmeis, porque o segundo, não"*. Queria dizer com isso que a salvação é um ato arbitrário de Deus, que da nossa parte é necessário parecer meritório do ato. Você não consegue a sua própria salvação, mas você consegue parecer "salvável". Essa é a essência da predestinação.

Os jansenistas estavam tentando se infiltrar na Igreja Católica para reduzir os excessos, que no caso da França eram enormes. A França havia criado um sistema em que o clero tinha autoridade política muito forte. Qualquer romance do século XVIII ou XIX mostra o poder político dos governantes religiosos. O próprio Julien Sorel, de *O Vermelho e o Negro*, não sabia se ia ser padre ou general. Há uma famosa cena em que Julien encontra o bispo que vem visitar Verrières, a cidade onde ele mora. O bispo devia ter por vol-

ta de vinte e cinco anos e já era poderosíssimo. Na França era muito forte a ligação política do clero com a realza, e os jansenistas imaginavam poder consertar um pouco isso.

O centro do jansenismo na França é o famoso Convento de Port-Royal, que ficava perto de Paris, e que acabou sendo completamente destruído. Ali havia formação de padres de crença jansenista e isso incomodava muito a ordem jesuíta, a ordem mais envolvida com política. Os jesuítas foram fundados por Santo Inácio de Loyola, um militar que saiu para a vida monástica para fazer justamente isso: ele queria recuperar o espaço perdido para o protestantismo. Os jesuítas, em princípio, são contra os reformistas da Igreja – é um braço de ação política e religiosa da Igreja Católica para tentar recuperar o espaço perdido para as Reformas que haviam tomado uma parte grande da Europa, sobretudo o Norte. Não tomaram tudo. A Áustria nunca foi protestante, é um país completamente católico. Na Bavária pega mal ser protestante. A França nunca foi protestante. Os poucos que havia lá, eles atiraram pela janela na Noite de São Bartolomeu e acabaram com o problema. Na Itália não há protestantismo relevante. Na Espanha, menos ainda; em Portugal, nem se pensar. Na Europa do Sul o protestantismo não entrou, e foi essa a área em que os jesuítas ficaram mais fortes. Tanto é que a história do Brasil é profundamente influenciada por essas encrencas com os jesuítas, entre elas a famosa briga com o Marquês de Pombal, responsável pela interrupção aqui no Brasil do processo de educação religiosa – que, bem ou mal, estava acontecendo. Teria sido melhor ter continuado com a educação religiosa dos jesuítas do que ficar sem educação nenhuma, como ocorreu na prática.

Os jesuítas eram acusados pelos jansenistas de serem manipuladores. Há todo o tipo de ideia de conspiração jesuítica no mundo. Uma das conspirações que se atribuem aos jesuítas é a de que foram eles que afundaram o *Titanic*. [risos] Outra é de que haveria um Papa Negro – não o papa oficial, mas o verdadeiro papa, que mandaria de fato. Chama-se assim porque não está visível, está no escuro – e este seria o dirigente dos jesuítas.

Na época de Molière há na França uma briga entre jesuítas e jansenistas - os jansenistas querendo retomar um catolicismo mais puro, que tivesse menor envolvimento com as coisas do século, e os jesuítas sentindo-se ameaçados, porque tinham feito grandes avanços políticos dentro da França que não queriam perder. Os jesuítas fizeram ataques contra os jansenistas, levando Luís XIV a destruir o jansenismo na França com a demolição do Convento de Port-Royal.

Essa briga está profundamente associada à obra *O Tartufo*. Tartufo é um sujeito hipócrita, é a hipocrisia em pessoa. Alguns intérpretes da obra de Molière acham que ele criou uma personagem que representaria simbolicamente toda a religião, sem exceção. Outros julgam que ele só estaria criticando o catolicismo. Outro grupo, que parece que tem razão, acha que o verdadeiro alvo de *O Tartufo* seriam os devotos. Os devotos eram um grupo de católicos muito influentes protegidos pela rainha Ana, a mãe de Luís XIV.

Luís XIV demorou a assumir o trono, era muito jovem quando o pai morreu. Antes de Luís XIV assumir, mandava na França o cardeal Mazarin, substituto do cardeal Richelieu (que mandava no tempo de Luís XIII). No final da vida, depois da morte de Molière, Luís XIV acabou destruindo o que havia de jansenismo na França – o que foi uma pena – a título de que o jansenismo se

parecia demais com o protestantismo. Um jansenista parecia um luterano no seu comportamento, no seu modo de ser.

Molière era sistematicamente perseguido por esses grupos religiosos. Os devotos formavam um grupo secreto – o mal dos devotos era o fato de trabalharem secretamente. É o problema do pessoal do Opus Dei, por exemplo, que tem dificuldade de se assumir com toda a clareza. Fazem um jogo de esconde-esconde.

Os devotos apresentavam ramificações em todos os lugares, querendo estabelecer uma proteção ao verdadeiro cristianismo. Parecia aos devotos que Molière não era muito católico, para dizer o mínimo. Não que ele não fosse. Embora não saibamos nada sobre aspectos religiosos de Molière, não é lendo suas peças que descobriremos qual é a religião dele, porque Molière é um moralista no sentido iluminista da palavra. Ainda não havia o iluminismo, mas ele era aquele intelectual que acha que se pode ser bom sem que haja uma vinculação religiosa. É a mentalidade do intelectual moderno que quer fazer o catolicismo sem católicos, o cristianismo sem Cristo, a divindade sem Deus. É uma espécie de rebelião metafísica. Tolstoi fez isso, ele achava que havia inventado um cristianismo sem Cristo. Foi contar isso para um padre velhinho que indignado pegou um cacete e saiu correndo atrás de Tolstoi pela igreja.

Molière é um precursor do iluminismo no sentido positivo da palavra, pois não tem uma única tendência a totalitarismo, não é um endeusador do ser humano – é apenas uma espécie de indignado genial. E era genial mesmo. É um poeta de marca maior. Suas peças são todas rimadas. A poesia em francês é magnífica. A tradutora do livro de hoje, a Jenny Klabin Segall, que

foi mulher de Lasar Segall, fez uma tentativa muito bem-sucedida de dar ao texto a mesma musicalidade do original. É claro que em francês soa melhor.

Molière transforma tipos humanos em personagens estereotipadas - mas genialmente estereotipadas -, criando então tipos inesquecíveis. O nosso tipo de hoje é o hipócrita.

RESUMO DA NARRATIVA

Jean Baptiste Poquellin, aliás Molière, é o maior dramaturgo da comédia francesa, tendo a *Comédie Française*, em Paris, sido batizada assim para homenageá-lo.

PROF. MONIR: Paris tem um prédio chamado *La Comédie Française*, em homenagem a Molière. Foi feito com a fusão de vários teatros, como aqui houve a fusão de vários museus para se fazer o Museu Oscar Niemeyer. Molière tem uma unanimidade maior do que Corneille ou Racine.

Apresentado pela primeira vez (apenas os três primeiros atos) em 1664, *O Tartufo* foi proibido na sequência. Em 1667, Molière voltou à carga com uma nova versão da peça, com o título de *Panulfo* ou *O Impostor*. Esta versão também foi proibida no dia seguinte. Em 1669, a peça foi proposta pela terceira vez e finalmente conseguiu passar pela censura. O sucesso foi enorme.

PROF. MONIR: *O Tartufo* é a peça mais encenada de Molière. Até 1970 já havia tido na França mais de três mil encenações. Algumas peças são encenadas o tempo todo. Até hoje, por exemplo, passa-se todos os dias em Paris

(exceto nos dias em que o teatro não abre normalmente) a peça *A Cantora Careca* (*La cantatrice chauve*) do Ionesco. Desde que foi lançada, na década de 1940, até hoje não saiu de cartaz.

Esta terceira versão do texto é a que passou para a modernidade. *O Tartufo* é tipicamente o modelo dramático de Molière, um dramaturgo polêmico e escandaloso, características que não compartilham com ele seus dois colegas de teatro clássico, Racine e Corneille.

PROF. MONIR: É como se fossem escritores de uma outra época. O nome “teatro francês clássico” não representa bem, não dá unidade para o conjunto. Molière só escreveu sátiras. No sentido moderno, peças cômicas. Racine e Corneille só escreveram teatro trágico. Há uma grande diferença entre eles.

Aliás, comparado com estes, a linguagem de Molière é, de modo geral, prosaica, parecendo fazer parte de outra época. Otto Maria Carpeaux concorda:

*Molière é o clássico cartesiano da comédia; mas não por isso, e sim além disso, é ele o maior dos comediógrafos. Não convém aproximá-lo demais dos seus amigos literários; o classicismo francês é conformista em todos os sentidos; e Molière não é conformista – é até irreverente.*²

PROF. MONIR: Diria que é sobretudo irreverente.

Para o grande crítico, “*franceses reconhecem em Molière o gênio nacional... Molière é, quase como Homero, objeto de admiração unânime*”. Embora haja opiniões qua-

2 Carpeaux, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1980, p. 768.

lificando *O Tartufo* como um ataque contra toda a religião ou contra o catolicismo em geral, o alvo satírico de Molière parece ser mais os “devotos”, membros da Companhia do Santo Sacramento (A Cabala dos Devotos), que o haviam perseguido por ocasião da peça *École des Femmes*.

PROF. MONIR: Uma entidade secreta que reunia católicos, que faziam masonicamente (no sentido de não serem conhecidos) perseguições ao que julgassem como atos anticristãos. Essa Cabala dos Devotos implicou imensamente com uma peça anterior de Molière chamada *Escola de Mulheres*, perseguida até o limite. Eles boicotavam as peças de todos os modos possíveis: impediam que o teatro aceitasse a peça, depois impediam que o ator fosse representar, depois impediam que o rei subvencionasse a peça... As peças de Molière na verdade não são anticristãs, mas vocês repararão ao longo dessa história como elas podem ser interpretadas assim.

No entanto, se Molière estava mirando alguém em especial, a Igreja Católica não viu bem assim e, em 1667, depois da segunda estreia, o arcebispo de Paris teria assim se manifestado sobre a peça:

*Uma comédia muito perigosa que é muito capaz de prejudicar a religião, pois sob o pretexto de condenar a hipocrisia ou a falsa devoção, permite acusar indiferentemente todos os que fazem profissão da mais sólida fé e os expõe deste modo ao deboche e às calúnias dos libertinos.*³

A mais representada das peças de Molière, *O Tartufo* passa-se em Paris, na casa do Senhor Orgon (não confundir com Argan, o doente imaginário), um burguês completamente dominado por um tipo “untuoso” (segundo Paulo Ronái) que,

3 In *Le Tartuffe*. Tradução de José Monir Nasser.

na casa, só tem apoio da Senhora Pernelle, mãe do Senhor Orgon, que havia salvado Tartufo da penúria e o instalado na casa do filho, que o tratava com regalias extravagantes.

Sobre a peça assim se expressa Paulo Ronái:

*Pela estrutura magistral, pela ironia mordaz, pelo choque de caracteres diversos, pela pintura de determinado ambiente, pela tendência moral expressa de modo artístico, é essa, sem dúvida, uma das maiores comédias de todos os tempos. Além de gênio, era preciso ter boa dose de coragem para escrevê-la; como veremos, nem sequer a proteção do rei mais poderoso do mundo foi suficiente para proteger o autor das investidas dos que se julgavam visados pelo seu sarcasmo.*⁴

Em muitas línguas do mundo, incluindo o português, tartufo passou a significar impostor e hipócrita.

PROF. MONIR: Os nomes que Molière usa nas suas peças são nomes absolutamente fora de moda. Não tem nenhum francês moderno chamado Orgon. Os nomes que estão em Molière não são nomes estranhos de propósito, são nomes que as pessoas tinham naquela época. Tem a mesma coisa aqui - quem é que se chama Epaminondas ou Ambrosina, hoje em dia?

Orgon é casado em segundas núpcias, sendo viúvo do primeiro casamento. Com a primeira mulher ele teve dois filhos, uma moça e um rapaz. Na casa do Sr. Orgon mora o irmão da segunda mulher. Há também uma empregada doméstica muito linguaruda, um tipo tipicamente molieriano – malcriada e

4 Ronái, Paulo. O Teatro de Molière. Brasília: Editora UNB, 1981, p. 25.

respondona – que é quase a personagem mais interessante da peça. O problema que essa família vive é que a mãe de Orgon, a Sra. Pernelle, salvou da penúria um sujeito que se autodeclarava de família nobre em estado de desgraça financeira. Ela praticamente o retirou da rua e o pôs para morar na casa do Sr. Orgon onde ele é muito malvisto, porque é tipicamente o sujeito que se comporta hipocritamente. É santarrão, cheio de bons conselhos, de lições de moral. No entanto não parece que esteja sendo sincero. Há portanto um conflito na casa. A única pessoa que gosta do Tartufo é a Sra. Pernelle, que o recolheu. Os outros têm grande antipatia por ele. E é então em torno deste conflito que se estabelece a trama. Há pouquíssimas personagens, vocês já vão entender todas e não as esquecerão jamais.

Primeiro Ato

Cena I

A Senhora Pernelle acha que ninguém na casa de seu filho Orgon leva sua opinião em consideração. Ela oferece seus conselhos a todos e acha que todos os desprezam. A cada um dos presentes, seus netos Damis e Mariana; sua nora Elmira; o irmão desta, Cleanto e a empregada Dorina, ela faz reparos:

DORINA

Se...

DAMIS

*Sois, minha peralta, uma reles servente,
Dada a falar demais e muito impertinente,
E em tudo o que se dá meteis língua e nariz.*

DAMIS

Mas...

SENHORA PERNELLE

Sois, meu neto, um néscio, e quem aqui o diz

Sou eu, a vossa avó; mais uma vez endosso

O que sempre predisse a meu filho, pai vosso,

Que estáveis por virar um maroto e um vadio,

Que só lhe iria dar amolações a fio.

PROF. MONIR: Viram que bacana? Os teatrólogos brasileiros mais velhos, como Ariano Suassuna e João Cabral de Melo Neto ainda escreviam assim, rimado. No contexto do teatro moderno você usa o diálogo natural, mas antigamente todo o teatro era assim. Por isso que se costuma chamar o dramaturgo de poeta – você chama Sófocles, Eurípedes e Ésquilo, e você chama Shakespeare de poeta (embora tenha poesia propriamente dita também em Shakespeare) - porque a linguagem é poética.

MARIANA

Creio...

SENHORA PERNELLE

Vós, sua irmã, de sonsa tendes linha,

Cordeiro sois, de tão açucaradazinha;

Mas não há água pior, diz se, que água que dorme,

E, como andais de manso, é o que não é conforme.

ELMIRA

Minha mãe...

SENHORA PERNELLE

Minha nora, aqui não vos iludo,

O vosso proceder de todo é ruim e em tudo:

Devíeis vós lhes dar bons exemplos de vida,

Mas era bem melhor sua mãe falecida.

Sois perdulária, e me ira, o digo com franqueza,

O ver que andais vestida assim que nem princesa.

Quem tão só agradar a seu marido visa

De tanta arrumação e enfeite não precisa.

PROF. MONIR: A Sra. Pernelle está infeliz com todo o mundo da casa. O neto é um néscio, a neta é uma mosca morta, a nora é uma espécie de exibida e saliente – todo o mundo tem algum problema.

CLEANTO

Mas, senhora, afinal ...

SENHORA PERNELLE

Meu senhor, seu irmão,

Amo-vos e por vós tenho veneração;

Mas, se eu fosse meu filho, ainda que vos despreza,

Não vos deixava pôr os pés em minha casa.

Pregais da vida amiúde ímpios e maus conceitos

*Que por gente de bem não podem ser aceitos.
Falo-vos bruto, mas, em tal meu gênio sigo,
E o que no coração me pesa, não mastigo. (págs. 4-5)*

A única pessoa que ela elogia é Tartufo, um pobretão devoto recolhido pela família: “É um santo e homem de bem, forçoso é ouvir-lhe as falas”. Damis e a criada Dorina não gostam de Tartufo, como aliás ninguém mais na casa.

DAMIS

*Como! Ei de tolerar que um beato provinciano
Venha fazer papel aqui de amo e tirano,
Sem que possamos algo ainda nos divertir,
Se aquele bel senhor em tal não consentir?*

DORINA

*Se o formos escutar e adotar lhe o regime,
Tudo o que se fizer, será tido por crime;
Anda a controlar tudo o raio do carola.*

PROF. MONIR: A Dorina é a empregada doméstica, que é muito malcriada para ser empregada doméstica. Ela fará o que bem entende o tempo todo. A Dorina é um tipo realmente molieriano. Molière tem uns tipos assim, sem papas na língua.

(...)

DORINA

*É escândalo, decerto, ao fato não se fuja,
Ver se que um socarrão⁵ daqueles cá se intruja;
Que um biltre que aqui veio sem sapatos, nem bens,
E de quem não valia o traje uns dez vinténs,
Desconheça em tal grau o que ele é como gente,
E qual patrão da casa os pés aqui assente.*

(...)

*O homem passa por santo em vossa fantasia:
Mas todo o seu farol é só hipocrisia. (págs. 6-7)*

PROF. MONIR: Não é boa a tradução da Jenny Klabin Segall? Todo o mundo acha que Tartufo é um hipócrita e um sujeito sem vergonha, exceto a Sra. Pernelle e o Orgon.

A Senhora Pernelle acusa os que não gostam de Tartufo: “*Quereis lhe mal e dele as lições repelis, só porque a todos vós verdades meras diz*”. Cleanto, irmão de Elmira, a contesta: “*Contra a maledicência é que não é baluarte: forçoso é pois deixar cochichos tais de parte, viver honradamente da melhor maneira. E deixar que ande o mundo a falar como queira*”.

5 Nota do resumidor: Socarrão é um velhaco.

PROF. MONIR: Cleanto funciona como uma espécie de contraponto ao Tartufo e sempre terá uma opinião de bom senso, de critério, de onde vem o bom entendimento das coisas.

Dorina acusa a Senhora Pernelle de ter ciúmes da nora e de estar amargurada com a velhice: *“Enquanto dos galãs auferia homenagens, desfrutava a valer todas suas vantagens”*.

PROF. MONIR: Vocês não acham um pouco de má criação demais uma empregada falar assim com a mãe do patrão? É um pouco fora de propósito, convenhamos. Mas essa Dorina é mesmo linguaruda.

A Senhora Pernelle, ofendida com as palavras da criada, sai discursando para Elmira, sua nora:

SENHORA PERNELLE (*à Elmira*)

Deve vos agradar tanta bobagem oca,

Minha nora; é mister, aí, calar a boca,

Já que essa dama solta a fio o seu palreado;

Mas pretendo afinal discorrer por meu lado:

Meu filho provas deu de alta sabedoria,

Quando ele recolheu aqui essa alma pia,

E em boa hora vos foi pelo céu ele enviado,

Pra vos endireitar o espírito transviado.

Por vossa salvação, ao que diz, se subscreva:

Nada está a repreender que repreender não deva.

Danças, festas, reuniões, tudo isso sob o signo

Está das invenções do Espírito Maligno.

*Nunca se podem lá ouvir palavras pias,
Canções são, boatos vão, frívolas ninharias,
Ao próximo é que ali cabe o quinhão mais farto,
E é um rir se e um maldizer do terceiro e do quarto.
Gente sensata até sai com a cabeça tonta
Da confusão que em tais tropelias se aponta:
Lá surge a cada instante uma outra invencionice,
E, como ainda outro dia um doutor mui bem disse,
Aquilo é como a torre, a tal de Babilônia.
Babel de perdição da pior que se suponha,
E a se contar a história a que o levou o ponto...*

(mostrando Cleanto)

*Veja se este senhor, a chacotear já pronto!
Pois riam se os bocós, mestres da palhaçada,
Sem... Adeus, minha nora, eu não digo mais nada.
E aqui não me verão repor tão cedo os pés*

(dando uma bofetada em Flipota⁶)

*Eh! No mundo da lua a vista torta esguelhas?
Com a breca! arreda! vai! ou te esfrego as orelhas.
Anda, sua lerda, vai. (págs. 10-11)*

PROF. MONIR: Vocês têm uma impressão boa da Sra. Pernelle? Primeiro ela fala mal de todo o mundo da casa, depois ela defende o Tartufo, dizendo que é ele que está com a razão, porque está sendo perseguido por dizer a verdade, e para terminar vai embora dando um safanão, um sopapo na coitada da criada, que não tinha nada a ver com isso.

6 Nota do resumidor – Flipota é a criada da senhora Pernelle.

ALUNA: *Compara a sra. Pernelle às bruxas das histórias infantis de antigamente.*

PROF. MONIR: Temos que tomar um pouco de cuidado com Molière porque ele faz algo muito perigoso, que é simplificar as pessoas. As pessoas reais são muito complexas e quase sempre você vai encontrar algo de bom numa pessoa má. Em Shakespeare existem pouquíssimas personagens que são completamente más. Iago, por exemplo, é completamente mau. Aarão, o namorado da rainha Tamora, em *Titus Andronicus*, é a pior de todas as personagens shakespearianas, o mal encarnado. Mas de modo geral em Shakespeare você encontrará personagens complexas, com pontos positivos e negativos. Porém alguns autores tendem a tornar as personagens muito estereotipadas. Simplificam tanto a personagem que ela se transforma numa coisa meio unilateral. Quando você lê um livro com muitas personagens assim você tem que tomar um pouco de cuidado porque, se não for uma sátira, trata-se na verdade de literatura panfletária. E aí você desconsidera.

Eu fui ver uma vez uma adaptação de Nelson Rodrigues para o teatro. Tinha um cenário em que de um lado moravam os ricos e do outro moravam os pobres. Os ricos eram calhordas, ladrões, delinquentes absolutos. Do outro lado os pobres eram maravilhosos, bons e lindíssimos. Isso não é literatura de gente adulta, isso é literatura panfletária.

Brecht é assim, mas ele não é um escritor de verdade, e sim um militante revolucionário. Ele criava tipos encapsulados para representar determinados aspectos. Não criava personagens verdadeiras, mas sim teorias políticas e econômicas que viravam personagens. Isso é má literatura, é mau sinal. Personagens muito estereotipadas sinalizam falta de talento literário, a não

ser que venham de um gênio habilidoso como Aldous Huxley. E quando se trata de uma sátira. Para explicar Aldous Huxley, deve-se dizer que ele é um pouco satírico. A sua literatura é marcada pela sátira, por isso suas personagens às vezes são simplificadas demais.

O grande escritor é aquele que faz a personagem ter muitos matizes – cada vez que você olha para a personagem, você percebe coisas diferentes. Como são as pessoas na vida real. Aqui estamos falando de um autor satírico, e sempre há uma simplificação para dar graça à sátira, que vive de estereótipos. As personagens da *commedia dell'arte*, como o palhaço, o mordomo safado, o conquistador, são todos estereótipos. São criaturas que têm até um modo de vestir próprio. Essas personagens da *commedia dell'arte*, como o arlequim e o polichinelo, caberão em qualquer época porque foram transformadas em modelos de comportamento humano. Isso é coisa da sátira. A obra de Molière é uma obra satírica, é preciso sempre levar isso em consideração para não ficar com raiva das personagens de alta resolução de Molière – porque quando o sujeito é burro, é burro demais, como esse Orgon.

Cena II

Cleanto não quer levar a senhora Pernelle até a porta, para não ter de ouvir mais sermões. Ele não entende como a velha mãe de Orgon é capaz de se deixar enganar àquele ponto. Dorina, contudo, acha o caso de Orgon, seu patrão e filho da Senhora Pernelle, muito mais grave:

DORINA

Oh, nada isso ainda é; é ver se o filho nisto!

Aí diríeis, sim, que é bem pior, pelo visto.

Nas questões do país teve atuação sagaz,

E, em bem servir o rei, mostrou bravura assaz.

PROF. MONIR: Dorina, a empregada, está dizendo que o patrão, o Orgon, é um sujeito de importância social, que serviu bem o rei (Luís XIV).

DORINA

Mas agora ele está como que embaçbacado,

Após se ter com o tal Tartufo encasquetado.

Chama o de seu irmão, e cem vezes lhe quer

Mais do que à própria mãe, aos filhos e à mulher.

PROF. MONIR: A crítica literária moderna de “*cultural studies*” acha que entre o Orgon e o Tartufo há um caso homossexual. Não se assustem se lerem isso por aí, porque hoje em dia acha-se que essa é a agenda secreta que está por trás de tudo. Mas isto está absolutamente fora da cabeça de Molière, que não pensou nem um minuto numa coisa dessas. É apenas uma pressuposição moderninha, não é uma boa maneira de interpretar a obra. Achando isso não vamos a lugar nenhum.

DORINA

De seus segredos fá-lo o único confidente,

E de suas ações o diretor prudente.

Abraça-o, mima-o: amante, até, pra com o benzinho,

Não pode demonstrar mais ternura e carinho.

No lugar de honra, à mesa o assenta, e com afinco

O serve e o vê comer com gosto que nem cinco.

*Tudo o que há de melhor no prato do homem bota,
E diz: Deus vos ajude! a cada vez que arrota.
Tem-lhe loucura, enfim: seu todo é sua mira;
Tudo o que diz ecoa, e a todo instante o admira;
Quer que em tudo o que faz se veja algum milagre,
E de tudo o que diz, o oráculo se sagra.
Disso o homem se aproveita, e a par do que é o trouxa,
Tapeia o com a bioquice⁷ e a hipocrisia chocha;
Dinheiro anda a extorquir lhe, aliás, que não é droga,
E glosar todos nós é prazer que se arroga.
O paspalhão, até, que de criado lhe serve,
Vem nos pregar lições com língua e olhar que ferve,
E pouco se lhe dá em que a valer se intruje,
A nos jogar no lixo as pintas, pó e o rouge.
Há dias nos rasgou com as mãos o sacripanta
Um lenço que encontrou na História de uma Santa,
Por misturarmos, disse, o que é crime medonho,
Com odor de santidade alfaias do demônio. (págs. 12-13)*

PROF. MONIR: Tartufo encontrou um lenço marcando uma página da Bíblia e disse que era um crime medonho misturar o “*odor de santidade*” do livro com “*alfaias (enfeites) do demônio*”, que é o lencinho bordado. Esse Tartufo é um tipo ridículo, insuportável, que o Orgon meio que diviniza. Diz a Dorina que o Orgon prefere o Tartufo à família; vocês verão que isso não está muito longe da verdade. Há uma outra tradução muito boa do Guilherme de Figueiredo, feita em 1959, mas a linguagem poética desta tradução da Jenny Klabin Segall é uma delícia.

7 Nota do resumidor: Bioquice é falsidade.

Cena III

Elmira e Cleanto preparam-se para cumprimentar Orgon, que já havia chegado do campo.

Cena IV

Damis pede a Elmira e Cleanto que intercedam em favor do casamento de sua irmã Mariana com Valério, a que Tartufo parece opor-se. Damis deseja casar-se com a irmã de Valério e depende da realização do casamento de Marina para obter o seu.

PROF. MONIR: Chegam a mulher e o cunhado do Orgon. Damis e Mariana são filhos do primeiro casamento de Orgon, portanto são enteados da Elmira. Mariana está meio que prometida para um rapaz de boa índole, o Valério, e o irmão dela quer se casar com a irmã do Valério. Mas para sair o casamento dele tem que sair primeiro o casamento da irmã, que é a ordem como coisas funcionavam. No entanto parece que Tartufo está fazendo a cabeça do Orgon para não cumprir esse plano que já estava combinado há tempos.

Cena V

Orgon quer saber de Dorina se as coisas haviam andado bem na sua ausência. Dorina inventa doenças para *madame* Elmira ("*Madame ardeu em febre anteontem à tarde*"), mas Orgon só quer saber da saúde de Tartufo, apesar de ele ter passado muito bem durante o período, comendo como um glutão. Dorina tranquiliza o patrão: "*Tartufo! É da saúde espelho, nutrido e gordo, tez em flor, beijo vermelho.*" No entanto, toda a vez que Dorina relata os "graves problemas" de saú-

de da patroa e as extravagâncias culinárias do devoto, Orgon comenta: “Coitado do homem”.

Cena VI

Quando Dorina sai, Cleanto tenta abrir os olhos do cunhado: “Pode hoje um homem ter encanto tão funesto, que estejais a esquecer, por ele, todo o resto?” Mas Orgon não admite reparos a Tartufo: “Alto lá, meu cunhado, estais falando aqui de quem não conheceis”. Orgon defende o devoto:

PROF. MONIR: A palavra “devoto” aparece o tempo todo porque Molière está se referindo àquele grupo de católicos radicais que o perseguem. É claro que é contra os devotos e não contra o catolicismo a história aqui. Com toda a certeza.

ORGON

Ah, ser vos á encanto conhecê lo, até,

Meu mano, e não terá vosso deleite fim.

É um homem... que homem, ah!... é homem que... homem, sim.

PROF. MONIR: É por causa desse tipo de comentário que os críticos modernos ficam achando que eles têm um caso, que essa peça é uma peça *gay*. Tem que ter uma paciência gigantesca para aturar crítico moderno de arte.

ORGON

Quem lhe segue as lições, da paz respira o cume;

Do mundo o resto fica a olhar que nem estrume;

Torno me outro a lhe ouvir a eloquência abençoada,

*Que me ensina a não ter afeto por mais nada;
Em amizade alguma a alma já se me pousa,
E veria morrer mãe, filho, irmão e esposa,
Sem mais ligar a tal que à unha de uma mão. (pág. 18)*

PROF. MONIR: Está aí o Orgon dizendo que considerando as coisas que ele ouve do Tartufo, o resto todo vale menos do que uma unha. Que podia morrer todo o mundo, que eles não valiam nada comparados aos tão grandes ensinamentos do Tartufo. O Orgon é tão burro que dá raiva dele ao longo da peça. Mas isso é o que Molière quer; ele quer estereotipar as personagens para que lidemos com elas da maneira mais emocional possível. É a regra da sátira. É a simplificação que o cinema aprendeu a fazer. Quando você tem no cinema uma personagem complexa? Nunca. Um ou outro filme de algum gênio, como Kubrick. De modo geral, o cinema de *Hollywood* faz o quê? O mocinho é sempre bacana, um sujeito simpático, de boa aparência, enquanto o bandido é sempre um sujeito horroroso, que palita os dentes no restaurante, faz umas coisas mal educadas... Não é assim? Essa fórmula da sátira é a fórmula que passou depois para o cinema, que tem que contar a história com pressa, em duas horas, e para isso faz uma simplificação tremenda das personagens. Na tragédia, as personagens são complexíssimas. Por exemplo, eu tenho que chegar à conclusão de que Creonte, que é o tio da Antígona, apesar de condená-la à morte tinha alguma razão, como diz Albert Camus.

A personagem do teatro trágico é por natureza complexa, tanto que ninguém ali, por mais que tenha feito uma coisa errada e ruim, é visto como sendo uma pessoa monstruosa. No teatro grego dificilmente há personagens monstruosas, porque mesmo alguém que faz uma coisa muito grave,

mata outro, por exemplo, o faz de uma maneira parcialmente defensável. Porque há uma complexidade na situação que está sempre presente. Na sátira não. A sátira é uma caricatura. O pintor Luiz Carlos de Andrade Lima costumava dizer que, para um retrato dar certo, é preciso esboçá-lo como uma caricatura. Essa tentativa de caricatura é suficiente para caracterizar a pessoa que vai ser retratada. A sátira é uma caricatura em que você pega um sujeito com nariz maior do que a média e transforma a cabeça daquela personagem em um nariz. Na sátira literária, assim como na caricatura, há um exagero. As personagens parecem muito mais simples do que de fato são.

Orgon começa a listar os vários atos pios que Tartufo havia feito, como recusar-se a receber dinheiro de Orgon. Cleanto mostra-lhe tratar-se tudo de *"bobagem"*, Orgon o acusa de *"libertino"*, *"livre pensador"* e de estar associado aos *"inimigos da piedade"*.

PROF. MONIR: A expressão *"livre pensador"* é muito negativa nessa época. Significa ser ateu.

Cleanto se defende dizendo que, para Orgon, *"quem adoração nega a vãs palhaçadas não é crente e profana instituições sagradas."* Orgon ironiza o cunhado: *"Sois um grande doutor, ao qual rendo homenagem."* Cleanto insiste em que os verdadeiros devotos *"não tomam a si o arrogante mister de defender o céu mais que ele mesmo quer"*.

PROF. MONIR: Olhem que maravilha de frase: *"Os verdadeiros devotos são aqueles que não trazem para si a missão de defender o céu mais do que o próprio céu quer."* Os verdadeiros devotos são pessoas que não querem impor sua vontade aos outros.

Depois de descrever o verdadeiro devoto, o cunhado conclui:

CLEANTO

Para mim o que vale é gente dessa sorte,

Esse é o modelo ao qual se deve dar suporte,

Mas vosso homem não veio usando exemplos tais.

Sei que é de boa fé que o zelo lhe gabais.

Mas é um falso fulgor que vos deslumbra assim. (pág. 23)

Antes de sair, Cleanto relembra Orgon de sua promessa de entregar a mão de Mariana a Valério. Orgon, no entanto, responde com evasivas, dizendo que iria fazer “o que quiser o céu”. Cleanto sai para avisar Valério de que seu casamento corre perigo.

PROF. MONIR: Parece que o casamento não vai sair. Parece que Orgon, influenciado por Tartufo, decidiu outro destino para a sua filha Mariana, embora Valério não tenha feito nada para desmerecer o acordo.

O Tartufo é considerada a melhor peça de Molière sob o ponto de vista estrutural. *O Doente Imaginário*, por exemplo, é uma peça com defeitos. Nota-se a perda de densidade dramática vez ou outra. Já esta aqui funciona como um *thriller*, mantém um grau alto de emoção.

Segundo Ato

Cena I

Orgon acha sua filha sozinha e pergunta lhe se ela o obedeceria em todas as circunstâncias. Ela diz que sim, com ênfase: *"É no que vejo, aliás, minha glória mas viva."*

PROF. MONIR: Mas que coisa mais perigosa, concordar com uma coisa dessas.

Cena II

Orgon então manda a filha dizer que acha Tartufo um homem de grande mérito e que gostaria de casar com ele.

PROF. MONIR: E agora? Orgon agora resolveu casar a filha com o monstro do Tartufo. Há também uma diferença enorme de idade entre os dois; tudo indica que Tartufo tem trinta anos a mais do que Mariana.

Mariana responde que se fizesse isto estaria dizendo *"uma impostura"*, mas Orgon quer que, por meio daquela união, Tartufo entre para a família. Dorina interrompe a conversa, dizendo ter ouvido uma piada. Diz a Mariana: *"Chi! Não acrediteis no senhor vosso pai; está brincando."* Como Orgon insiste na tese, Dorina lembra o patrão de que Tartufo não tem fazenda, tampouco *"alianças sociais"*.

PROF. MONIR: Entendam "fazenda" aqui por patrimônio.

A criada repara que Tartufo gaba-se de sua pobreza mas, ao mesmo tempo, vive declarando sua origem⁸, o que lhe parece contraditório. Termina sua argumentação sugerindo que uma mulher obrigada a casar naquelas circunstâncias seria infiel ao marido:

DORINA

*É raro uma mulher ter da virtude o zelo,
Se o esposo que lhe impõem for de um certo modelo,
E quem à sua filha homem que odeia traz,
É quem responde ao céu por erros que ela faz.
Pensai a que perigo a arrasta vosso intuito. (pág. 34)*

Orgon tudo faz para não prestar atenção em Dorina, mas acaba mandando a calar e continua a conversa com sua filha, mas Dorina não desiste. Orgon, furioso, faz menção de esbofetear a criada. Dorina foge desviando do golpe. Orgon, enfurecido, sai para dar uma volta e acalmar-se.

PROF. MONIR: A Dorina não dá uma folga para o Orgon. Ela tem razão, mas é meio malcriada, convenhamos.

Cena III

Sozinhas, Dorina insiste em que Mariana não aceite casar com Tartufo. A moça, no entanto, não quer afrontar o pai. Mariana ralha com ela: *"Propõem-vos em união de causar arrepio, e, para a repelir, não soltais nem um pio?"* Mariana argumenta: *"Contra um pai absoluto, o que queres que eu faça?"* Dorina pressiona Mariana para revelar se gosta mesmo de Valério. Ela confirma (*"É extrema a minha*

8 Tartufo declara-se descendente de uma família nobre arruinada.

chama") e diz que recorrerá ao suicídio, se for forçada a casar com Tartufo. Dorina ironiza a solução de Mariana:

DORINA

Mui bem: não me ocorreu recorrer se a tal passo.

Tendes só que morrer pra sair do embaraço.

Sem dúvida o remédio é de arromba. Arre, estrilo

Quando me dão a ouvir sandices desse estilo. (pág. 42)

PROF. MONIR: Cá entre nós, não é divertida, esta Dorina? É ótima, uma personagem divertidíssima. E é engraçado, ela não tem o prestígio que tem o Tartufo. Devia ser quase a personagem principal da obra. Deveria ser levada em consideração pela crítica literária com o mérito que ela tem.

Mariana declara que era Valério quem deveria impedir o casamento, mas Dorina não a deixa transferir a culpa para o namorado e lembra Mariana que Orgon é um "raio de carrasco que tem o seu Tartufo e nada mais no casco..." Como Mariana insiste em que não pode desobedecer o pai, Dorina ridiculariza o casamento com Tartufo: "Hás de viver demais feliz com tal marido..." "E como haveis de sentir na alma o gozo de serdes mulher de tão distinto esposo." HorrORIZADA com a perspectiva, Mariana declara se rendida e pede ajuda para evitar o casamento. Neste momento, chega Valério.

PROF. MONIR: Dorina armará um truque para ver se consegue fazer o Orgon desistir da ideia de casar sua filha com o tal do Tartufo. No entanto nesta altura já correu a notícia de que Mariana vai casar com o Tartufo, e chegou agora o namorado, que acabou de ouvir a notícia por aí. Não chega muito feliz, como vocês podem imaginar.

Cena IV

Valério diz se surpreso com a notícia do casamento de Mariana com Tartufo. A moça explica que “*não sabia*” o que fazer. Valério, com ironia, a aconselha a a “*acolher o esposo*”.

PROF. MONIR: Dizendo algo do tipo: “Ah, é? Então case! Não sabe o que fazer? Então case com ele!”

O casal faz jogo de braço, ele fingindo que quer que ela aceite, ela fingindo que pensa que ele quer que ela aceite. Dorina comenta: “*Vamos ver até onde os leva essa disputa*”. Valério, despeitado, faz menção de sair, mas de fato não quer partir.

PROF. MONIR: É uma briga de mentira, só para fingir que estão brigando.

O teatro continua. Dorina interfere: “*Quero vos pôr de bem e vos tirar do embrulho*”. Os namorados se reconciliam. Dorina propõe um plano.

DORINA

Usaremos de tudo em múltiplas feições.

Vosso pai anda tonto, e aquilo são canções.

Mas é melhor opor-lhe à loucura a aparência

Da submissão filial e de doce aquiescência,

Já que em caso de alarma, aqui far-se-á mister

Protelar-se o himeneu⁹ o mais que se puder.

Quando se ganha tempo, há remédio pra tudo.

Acometer vos á, um dia, um mal agudo,

9 Nota do resumidor: O himeneu é o casamento.

*A exigir longo trato: outra vez, num degrau
Tropeçareis; tereis tido um presságio mau:
Talvez feito de um morto o encontro numa curva,
Derramado algum sal, sonhado com água turva.
O bom de tudo aí é que a outros que ele enfim
Não vos possam ligar sem que digais o sim.
Mas, para um bom final, é imperativo nisto
Que a conversar convosco ele não seja visto.*

(a Valério)

*Vossos amigos vede e os ponde a agir à pressa
Pra que venham cobrar de seu pai a promessa.
Vamos também instar esforços de seu mano,
E pedir que a madrasta apóie o nosso plano.
Adeus. (págs. 58-59)*

PROF. MONIR: O projeto é assim: vai ter um plano, mas enquanto isso se adia o casamento com desculpas. Então ela diz que sonhou que derrubou sal no pé. Poucas coisas são tão graves quanto derrubar sal no pé, sinal de que o casamento vai dar errado. E com isso ela vai adiando o casamento, e cansando o Tartufo e o pai.

Terceiro Ato

Cena I

Damis, irmão de Mariana, está furioso com a presença de Tartufo na casa: “Não, tenho de impedir desse infame as conjuras, e lhe dizer na cara umas verdades duras.” Dorina aconselha o a deixar “nesta questão agir vossa madrasta”, com quem Tartu-

fo iria ter em seguida uma conversa, parte de um plano que Damis não conhece. Dorina acha que o santarrão estaria apaixonado por Elmira e montou uma armadilha. Para ouvir a conversa, Damis se esconde num gabinete no fundo da sala.

PROF. MONIR: Pela primeira vez, vocês vão ouvir agora o Tartufo. O Tartufo ainda não tinha aparecido em cena.

Cena II

Assim que avista Dorina, Tartufo, para parecer beato, diz em voz alta ao seu criado Aurélio:

TARTUFO

Recolhe me o cilício, Aurélio, e as disciplinas,

E invoca a luz do céu, com que tua alma ilumina.

Se vier alguém, é a hora em que vou entre os pobres

De um óbolo espalhar os meus escassos cobres. (pág. 63)

PROF. MONIR: Ele só diz isso porque a empregada está ouvindo. Então ele está se fazendo aqui de santarrão.

ALUNA: [*Pergunta o que é cilício.*]

PROF. MONIR: É uma espécie de cinto cheio de pregos que as pessoas antigamente amarravam na cintura para passarem o dia inteiro sofrendo, para purgar os seus pecados. Os padres, as freiras, quando sentem tentações de todos os tipos correm lá e põem o cilício para que a dor provocada seja

maior do que a perspectiva da tentação. A ideia é usar na hora que a tentação aparece, como uma maneira de mortificar o corpo. É uma coisa muito fora de moda, me parece.

Dorina comenta à parte: *"Que afetação? é ver se esta fanfarronada"*. Ao se aproximar da criada, Tartufo pede lhe que cubra o colo: *"Causam prejuízo à mente objetos tais, e em nós influem noções culpadas e fatais"*.

PROF. MONIR: Colo é a parte superior do peito, cuja visão, através do decote, é completamente insuportável como tentação, diz Tartufo, o sem-vergonha. Alguém aqui tem simpatia por este canalha?

ALUNOS: *[Dizem que não, entre risos.]*

Cena III

Chega Elmira. Tartufo a recebe com cumprimentos exagerados.

TARTUFO

Do céu a benquerença e a imensa mansuetude

Para sempre vos dê ao corpo e à alma saúde

E o dia vos resguarde: é a bênção a que aspira

O humilde servidor que em seu amor se inspira. (pág. 65)

PROF. MONIR: Isso dito do jeito certo é capaz de conquistar qualquer mulher! Às vezes a gente lê teatro, não vai ao teatro. O Eugène Ionesco nunca ia ao teatro, achava chato. Preferia ler a peça do que ir ao teatro. Diz Mortimer Adler que o jeito para ler teatro é sempre ficar imaginando como você orien-

taria um ator para ler aquele trecho que você está lendo. É você ler teatro colocando-se na posição do diretor da peça e fazendo a orientação da entonação certa. Então este trecho o diretor mandaria o ator ler com exagerada ênfase, beirando o ridículo. A palavra certa é afetação.

Elmira diz tê-lo chamado para tratar de um assunto em que a alma “*se exprima*”. Tartufo pega a mão de Elmira e a aperta. Ela reage: “*Aí é apertar demais*”. Tartufo põe a mão sobre os joelhos de Elmira. Ela recua na poltrona, mas ele se aproxima dela e acaricia o seu xale. Começa uma conversa altamente comprometedora.

ELMIRA

É fato. Mas convém, ora, irmos ao assunto.

Desfaz, pois, meu marido o antigo compromisso

E vos dá sua filha. É verdadeiro isso?

TARTUFO

Ele mo mencionou, mas devo, neste ensejo

Vos confessar ser outro o alvo feliz que almejo,

E alhures vejo, raptado, o encantador engodo

Da ventura a que aspira o meu ardor de todo.

(...)

Brilham seus lindos dons em vossas semelhantes,

Mas em vós derramou sedução mais possantes.

Gravou vos no semblante uma atração sem par

Que o coração transporta e que surpreende o olhar.

E não vos pude ver, astro, anjo de beleza,

Sem admirar em vós o autor da natureza,

E sem que de um fervente amor me ardesse o peito,

*Vendo estampado em vós seu quadro mais perfeito.
De início apreendi que o ardor de que era a presa,
Do Espírito do Mal fosse uma hábil surpresa,
E até vos quis fugir meu pobre coração,
Vendo em vós um entrave à minha salvação.
Mas compreendi enfim, ó celeste beldade,
Não ter que ser rebelde ao fogo que me invade,
Que é fácil ajustá-lo à pureza e ao pudor,
E assim me entrego inteiro e grato ao seu fervor.
Sem dúvida, confesso, é audácia tremenda,
Ousar eu vos fazer de meu voto a oferenda;
Mas tudo espero em tal de vossa caridade,
Nada do esforço vão de minha enfermidade.
Vejo em vós minha luz, meu bem, minha quietude,
De vós fluem meu penar e minha beatitude;
E enfim será conforme a vossa diretriz,
Feliz, se vos prouver, se vos praz, infeliz. (págs. 68-70)*

PROF. MONIR: Vejam que coisa. Ele fez uma declaração de amor à Elmira.

ALUNA: [*Pergunta sobre a situação social do Tartufo.*]

PROF. MONIR: Ele não era mendigo, era um sujeito quebrado. Um sujeito que tem cultura religiosa. Não é uma pessoa analfabeta, ignorante. É um pobretão, alguém sem eira nem beira.

Ela ameaça relatar aquela confissão ao marido, mas ele pede que ela trate com "benignidade" sua "temeridade".

TARTUFO

Ah! por ser um devoto, ainda assim, homem sou:

E em quem tem, de vos ver, a venturosa sina,

O coração se enleia e já não raciocina.

Sei que tal fala, em mim, parece aberração:

Mas, senhora, eu não sou anjo na terra, não;

Se me exprobrais o ardor que já não se suprime,

PROF. MONIR: Se me acusais do ardor.

Deve culpar em vós a sedução sublime;

Assim que lhe avistei a graça que lhe emana,

Ficastes de meu fado única soberana;

De vosso olhar formoso o brilho airoso e suave

Da devoção venceu me na alma o férreo entrave;

Tudo sobrepujou: preces, jejum e pranto,

E me lançou inteiro aos pés de vosso encanto. (págs. 70-71)

PROF. MONIR: Muito bem respondido. O Tartufo aqui agora deu a primeira de Garrincha, depois de várias de Cafuringa. Ele está dizendo que se aconteceu alguma coisa de inconveniente entre eles, Elmira é que é culpada, por ser tão bonita assim. Está bem argumentado.

Elmira propõe nada dizer se, em retribuição, Tartufo influenciar Orgon para consentir a união de Valério e Mariana.

PROF. MONIR: Esse é o plano da Dorina. Criar uma situação de sedução para o Tartufo, que cairia na armadilha. Fazendo-se de indignada, Elmira ameaçaria contar para o marido e negociaria não contar se o Tartufo convencesse o Orgon a casar a Mariana com o Valério.

INTERVALO

PROF. MONIR: Deixamos Tartufo na cena em que se declara apaixonado pela dona da casa, a Elmira, muito embora tenha recebido a promessa da mão de Mariana, a filha do dono da casa. Tartufo aparentemente cai no golpe que lhe é pregado pela empregada Dorina. Se Cleanto representa o polo de bom senso da história, Dorina representa o polo de sagacidade, ela é esperta. Dorina montou este plano para obrigar o Tartufo a lutar pelo casamento do Valério com a Mariana em troca de não sofrer a denúncia que a Elmira faria contra ele, por tê-la cortejado.

Cena IV

Furioso, Damis sai do esconderijo e interrompe a negociação:

DAMIS

Não, senhora, não; nisto eu não fico mudo.

Num canto estive, ali, de onde pude ouvir tudo;

E para lá levou me a proteção celeste,

*Para abater de vez a infâmia dessa peste,
E da vingança justa enfim abrindo a via,
Destruir de sua perfídia e infâmia a ação bravia
Desenganar meu pai, e à luz do dia expor
O celerado audaz que vos propõe amor. (pág. 73)*

Elmira pede ao enteado para evitar o escândalo, mas Damis diz que outras razões lhe convêm: *"Faltava que o traidor seu perdão extorquisse"*. O rapaz, voluntarioso, decide *"desenganar (seu) pai do infame em cheio"*.

Cena V

Damis repassa o relatório que faria a seu pai, enquanto Elmira adverte em que é *"sempre pernicioso turbar com falas vãs a calma de um esposo"*.

PROF. MONIR: A solução de haver um escândalo também não é má porque isso iria resolver o problema do casamento da moça. Mas por alguma razão ela intuitivamente acha que isso não vai dar certo. Vamos ver se o Damis terá sucesso na sua denúncia.

Cena VI

Na frente de Orgon, já informado por seu filho dos acontecimentos com Elmira, Tartufo exagera grandemente as acusações contra si e faz se de pecador condenável: *"Como um meliante, um cão, tratai de me enxotar. Sim, por cruel que seja o opróbrio a que me exponha, eu sei que mereci ainda maior vergonha"*. O estratagemma funciona e Orgon, no lugar de expulsar o devoto, fica indignado com o

próprio filho: “Como! ousas tu, traidor, com bárbara impostura, tentar de tal virtude enxovalhar a alvura?” Tartufo manipula Orgon, fingindo compaixão por Damis:

PROF. MONIR: O plano não deu certo porque Tartufo se diz o pior dos monstros, exagera nas autoacusações, aumenta as acusações que lhe foram feitas, inventa outras, e aí o sr. Orgon vai achando aquilo irreal e rebela-se contra o Damis, como se o filho estivesse tentando caluniar o Tartufo. Deu completamente errado, Orgon é inacreditavelmente burro.

TARTUFO

Ah, fale! Não deveis culpar esse infeliz!

Seria um bem pra vós dardes crença ao que diz.

Secundar me em tal transe um bem qualquer vos traz?

Sabeis vós, afinal, do que eu seja capaz?

Ah, meu irmão, fiaí-vos na aparência, e credes

Que eu sou melhor, tão só pelo que de mim vedes?

Não, não: é o exterior que vos engana assim.

Meu Deus, o que se pensa, eu não sou, aí de mim!

De homem honrado e bom deu me o mundo a nomeada,

Mas a verdade pura é que não valho nada.

(dirigindo-se a Damis)

Meu caro filho, sim, tratai-me de perdido,

De biltre, de ladrão. Facínora, bandido,

Marcai-me de algo pior, de um nome mais funesto.

Tudo isso mereci, e nada vos contesto;

De joelhos sofro a infâmia, e é punição devida

A todo o mal que fiz durante a minha vida. (págs. 76-77)

Orgon continua a enxovalhar Damis (*"Cala te, infame... ingrato"*), põe-se de joelhos e abraça Tartufo, queixa-se de estar sendo vítima de uma conspiração para enxotar dali aquela *"santa alma"* e insiste em casar Mariana com Tartufo. Ameaça, logo mais naquela noite, *"dar a saber quem manda na casa"*. Como Damis não se rende, Orgon ameaça bater nele com um pedaço de pau, depois o expulsa e o deserda.

PROF. MONIR: Pronto! Expulsou e deserdou o filho em favor deste Tartufo.

Cena VII

Tartufo encena uma afetadíssima cena de misericórdia para com Damis: *"Perdoai-o, ó Pai do céu! Como eu o estou perdando."* Continuando o teatro, Tartufo ameaça abandonar a casa, *"se for para o bem da família"*:

TARTUFO

Ah, meu irmão, rompei debates tão cruéis.

Vejo que trago aqui a discórdia e a desgraça,

E sinto que é mister abandonar a praça.

(...)

Deixai que eu parta, e como um fugitivo,

A tirar lhes tão já de outro ataque o motivo. (págs. 81-82)

Orgon, perturbado com a possibilidade da partida do devoto, insiste em que ele seja visto próximo de sua mulher e decide doar todos os seus bens a Tartufo.

PROF. MONIR: E também decide pedir a Tartufo que seja visto a maior parte do tempo com sua mulher, para deixar claro que não teme a denúncia de

que ele possa estar querendo Elmira. Ninguém é tão burro como o Orgon. O autor satírico fará sempre uma caricatura da personagem. As personagens reais nunca são assim tão simplificadas.

ORGON

*Não, quero que ao nariz do mundo a frequenteis.
Dar-lhe ódio é meu prazer, e convosco é que insisto
Pra serdes a toda hora, ao lado dela visto.
E não é tudo: para enchê-los de furor,
Sereis vós meu herdeiro e único sucessor;
E, neste instante, vou, da melhor forma em tal,
Fazer vos de meus bens a doação integral.
É-me um tão bom amigo, e genro, brevemente,
Mais caro que mulher, filho e qualquer parente.
Não hei de ver por vós minha proposta aceita?*

TARTUFO

Do céu seja a vontade em tudo e sempre feita!

ORGON

*Coitado! Vinde, apresso a escritura a respeito;
E possa perecer a inveja de despeito. (págs. 82-83)*

Quarto Ato

Cena I

Cleanto conversa com Tartufo e pede-lhe que interceda junto a seu cunhado pelo deserdado Damis, mas Tartufo não cede:

TARTUFO

*Quisera-o, quanto a mim, ali, crede-o, com fervor,
E não lhe conservei nem sombra de rancor.
Não o acuso, e em perdoar lhe em tudo não vacilo,
De fundo coração é meu afã servi-lo:
Mas do céu o interesse a tal não pode anuir;
E, se tornasse aqui, teria eu que sair.
Após a ação sem par que vimos neste dia,
O comércio entre nós escândalo seria:*

PROF. MONIR: Ou seja, não é mais possível haver o convívio de Tartufo com Damis, por causa daquele escândalo. Ele não quer interceder para que o pai chame o filho de volta.

TARTUFO

*Sabe Deus como o mundo o julgaria, e a crítica
Imputar me ia em tal mero ato de política.
Diriam eu fingir, por me sentir culposos,
Por quem me acusa, dó, e zelo, caridoso,
Por mais que as leis, assim, da verdade infringisse,
A fim de que destarte ao silêncio o adstringisse. (pág. 86)*

Quando Cleanto o acusa de *“tolerar posse de bens, nos quais manda a equidade e o jus que não vos imiscuais”*,

PROF. MONIR: *“E o jus”* – o direito. Tartufo tem a posse de bens – o patrimônio do Orgon – que tanto a justiça quando o direito dizem que ele não devia ter, que isso não é legítimo.

Tartufo diz que *“sabem que (ele é), e assim não haverá quem queira ver naquilo a ambição de uma alma interesseira”*. Cleanto insiste em chamá-lo à responsabilidade moral:

CLEANTO

*Em muita sutileza o escrúpulo se enfeixa,
Mas poderá causar de um justo herdeiro a queixa;
Deixai, sem vos cansar com interferência vossa,
Que a seu perigo e risco auferir seus bens possa.
Será melhor, por mais que desses bens abuse,
Que, de estar a espoliá-lo, o mundo vos acuse.
E o que me admira mais é que sem confusão
Pudeste admitir, vós, tal proposição.
A máxima, onde está, do zelo verdadeiro,
Que autorize o esbulhar se um legítimo herdeiro?*

PROF. MONIR: Diz o Cleanto: *“Como é que você pode ter feito isso, sendo um devoto como você é?”*

CLEANTO

E se em vossa alma o céu na conjuntura quis

*Influir tal repugnância a viver com Damis,
Não conviria, então, daqui vos retirardes
Como um homem de bem, discreto, e sem alardes?
Sem deixar, numa ação que o jus e a praxe arrasa,
Que se enxote por vós quem o filho é da casa?
É levar demais longe o zelo, e a bom ouvinte
Digo senhor.... (págs. 87-88)*

Tartufo desconversa.

PROF. MONIR: “*Numa ação que o jus e a praxe arrasa*”: tanto o direito quanto os costumes estão contrários a essa ação. O Cleanto é sempre o oráculo do bom senso. A Dorina é parecida com o Tartufo porque ela também é esper-ta. Só que a Dorina não é má como o Tartufo. Mas o Cleanto faz justamente o contrário do Tartufo. É o sujeito que não joga, que quer levar as coisas de uma maneira correta.

Cena II

Elmira, Mariana, Cleanto e Dorina esperam a chegada de Orgon para mais uma vez insistir junto ao chefe da família.

Cena III

Chega Orgon portando um contrato de casamento entre Tartufo e Mariana, que lhe suplica só por um instante desistir “*dos direitos de pai*” e a liberar daquele compromisso. A moça implora a Orgon:

MARIANA

O amor que lhe outorgais em nada há de afligir-me,

Mostrai o ao mundo, doai lhe todo o vosso bem:

E, se isso não bastar, juntai lhe o meu também.

Tudo vos abandono, e como coisa à toa:

Mas, pelo amor de Deus, excluí minha pessoa.

Num convento deixai que sob austero véu

Use a vida infeliz que me outorgou o céu. (pág. 90)

Orgon está irredutível: *"Quanto mais nojo esse himeneu te traz, tanto mais ocasião de mérito terás".*

PROF. MONIR: Olhem que bacana essa, hein? [*Risos*] Esse casamento como o Tartufo passou a ser uma coisa maravilhosa, sob o ponto de vista do Orgon, porque como ela tem nojo do marido, conviver como o marido será uma espécie de purgação, de esforço cristão de melhoramento...

Cleanto e Elmira tentam intervir, mas Orgon os rejeita. Elmira propõe ao marido testar Tartufo: *"E se a vosso olhar em cheio eu o expusesse à luz?"* Meio a contragosto, Orgon aceita o desafio.

Cena IV

Elmira pede ao marido que fique debaixo da mesa e escute a conversa que ela teria com Tartufo. Orgon concorda de má vontade: *"Confesso que é mostrar complacência incomum. Mas devo ver como é que saireis da empresa"* e se esconde.

Chega Tartufo, convocado por Elmira, que se justifica ao santarrão, dizendo que não havia tido tempo de impedir a denúncia de Damis. Recomeça a conversa entre os dois:

PROF. MONIR: Aquela conversa romântica que havia sido enterrada quando o Damis interrompeu, dizendo que ia denunciar tudo ao pai.

ELMIRA

Há que vos revelar segredos favoráveis.

Mas, para calma mais, cerre-se a porta antes,

E vinde após me ouvir assuntos importantes.

(Tartufo vai fechar a porta e volta)

Escândalo do teor daquele que antes houve,

Não nos convém, e não será o que se louve.

Disfarcei da surpresa o choque a muito custo.

Damis me influiu por vós na hora um tremendo susto,

E vistes a que ponto eu me esforcei, na mira

De lhe romper o intuito e de acalmar-lhe a ira.

Tão perturbada vi-me, isso sim, com aquilo,

Que a ideia não me veio de em tempo desmenti-lo.

Mas por tal é que deu mais certo ainda o ocorrido,

E as coisas melhor ainda estão com meu marido.

A estima em que vos tem dissipou a tormenta,

E contra vós suspeita alguma já fomenta.

Por melhor desafiar um juízo discordante,

Nos quer ver, a ambos nós, juntos a todo instante.

*E eis por que, sem temer do mundo a adversa voz,
Posso ver me encerrada aqui convosco a sós,
E vos abrir uma alma assim, de ponta a ponta,
A acatar vosso ardor talvez por demais pronta.*

PROF. MONIR: Ela está dizendo para ele que reconsiderou os sentimentos que ela tinha por ele.

TARTUFO

*É de estranhar o que ouço, e custa algo admiti-lo;
Quando antes vos ouvi, era outro vosso estilo. (págs. 96-97)*

PROF. MONIR: Tartufo está dizendo agora que ela mudou, que está agora mais simpática com relação a ele.

Elmira continua sua argumentação, atribuindo sua reação anterior à natureza feminina.

ELMIRA

*Sempre o nosso pudor combate em tais momentos,
O que já nos influem mais ternos sentimentos.*

PROF. MONIR: Ela está dizendo que todas as vezes que as mulheres se apaixonam, ficam com pudor, e por isso ela teve aquela reação inicial contrária.

ELMIRA

*Por mais que impere o ardor que o coração nos doma,
Ao confessá-lo, em nós, sempre algum pejo assoma.*

PROF. MONIR: “Pejo” significa vergonha.

*Resiste-se antes, mas pelo jeito se entende
Que se quer demonstrar que o coração se rende.
Que é nossa honra que opõe à nossa boca escudo,
E que recusas tais, enfim, prometem tudo.
Dessa admissão será assaz livre o teor,
E não estou poupando em tal o meu pudor.
Mas já que a vós se expôs tudo o que agora ouvis,
Esforçar-me-ia tanto em silenciar Damis?
Teria eu tanto tempo, e com tanta doçura,
De vosso coração escutado a abertura?
E a oferta encararia, então, sob essa face,
Se a voz, já, da virtude, em mim não abafasse?*

PROF. MONIR: Ou seja, a voz da virtude nela já está se abafando, ela já não está tão certa de poder conter os seus sentimentos.

ELMIRA

*E, quando lá empenhei tão grande esforço meu
Para vos dissuadir daquele outro himeneu,
Que vos podia dar tal instância a entender,
A não ser que algum preito estão a vos render,
E o temor que talvez a projetada boda
Cindisse uma afeição que a gente almeja toda? (págs. 96-97)*

PROF. MONIR: Ela está aqui sugerindo que está interessada nele.

Esperatamente, Tartufo exige uma demonstração real daquela “afeição”:

PROF. MONIR: A conversa é bem erótica para a época. Esta peça aqui era encenada no gabinete do rei... Racine e Corneille fariam coisas muito mais sutis. Aqui há sempre um certo deboche.

TARTUFO

*Doçura extrema em nós, senhora, se derrama,
A ouvirmos ditos tais de uma boca que se ama.
Em meus sentidos põe seu mel, em sorvo fundo,
A fluir suavidade inédita no mundo.
É meu supremo afã eu ser o que vos praz,
E beatitude infinda esse auspício me traz.
Meu coração, porém, vos roga a liberdade
De algo ainda duvidar de sua felicidade.
Poderá aí pensar que um ardil me confronta
Que me leve a romper o himeneu que se apronta;
E, para falar franco, esse meu coração
Não poderá se fiar em tão suave oração,
Se algo dessa bondade a que meu ser aspira,
Do que me expõe, penhor cabal não me confira,*

PROF. MONIR: Ele está pedindo que ela lhe ofereça um penhor cabal, isto é, um compromisso sem nenhuma dúvida, uma garantia real de que ela está interessada nele. Acho que podemos imaginar o que ele quer que ela dê para ele, para que ele possa acreditar na conversa dela.

*E não me implante na alma a fé constante, assim,
Do encantador favor que demonstraís por mim.*

ELMIRA (*depois de tossir para advertir seu marido*)
*Céus! com tal rapidez quereis abrir caminho,
E de um peito esgotar de vez todo o carinho?
Só a custo é que se faz uma admissão tão doce,
Mas como se o bastante essa admissão não fosse,
Por mais que se disser, não vos satisfaremos
Se o ardor não for levado aos favores extremos? (pág. 98)*

Tartufo insiste em que “*nada (há) de dar crença, encantadora dama, sem que uma prova real persuada a (sua) flama*”. Ela reage: “*Céus! esse vosso amor, senhor, como é tirânico!*” e completa: “*Mas como consentir àquilo que almejais, sem ofender o céu do qual sempre falais?*”

PROF. MONIR: O último recurso que ela tem é dizer: “*Como é que eu posso dar essa prova sem ofender o céu? Afinal você fala do céu o tempo todo...*” E aqui Tartufo, numa genial passagem literária, diz de fato quem ele é.

Tartufo dá então uma aula de cinismo:

TARTUFO
*Se a tal se opõe tão só da ofensa ao céu o susto,
Garanto vos livrar do obstáculo sem custo.
Cedei ao gozo, sem que o temor vos moleste.*

ELMIRA

Mas põem-nos medo tal da punição celeste!

TARTUFO

Senhora, esse receio absurdo se descarte:

De vos livrar de vãos escrúpulos, tem-se a arte.

Veda de fato o céu certos contentamentos,

Mas com ele haverá sempre acomodamentos.

Conforme for preciso, existe uma ciência

Que espicha sem embargo os laços da consciência,

E retifica o mal que haja nalguma ação,

Julgando lhe a pureza, apenas, da intenção.

PROF. MONIR: Então como é que faz? Precisa lembrar apenas da intenção. O ato em si não precisa. Se for uma intenção amorosa, verdadeira, daí então não tem problema.

TARTUFO

São segredos que, na alma, eu vos farei luzir;

Basta que vos deixeis, senhora, conduzir.

Meus votos contentai, vossa alma em nada expondo;

Tomo o mal sobre mim, e por tudo respondo.

(Elmira tosse com mais força)

Tossis muito. (págs. 99-100)

Tartufo continua a destilar hipocrisias:

TARTUFO

Não custa, enfim, destruir-se essa inquietação vossa.

De um segredo integral comigo estais segura;

Só no rumor da coisa, o mal se configura.

O escândalo do mundo é o que a ofensa produz,

E pecado não é o que não vem à luz. (pág. 101)

PROF. MONIR: Então, que tal essa?: “*Eu não conto para ninguém, fica só entre nós dois. Aquilo que não vem à luz, não é pecado. Então não se preocupe*”. Ele acabou de arrumar uma argumentação obviamente falaciosa para que ela não tivesse mais o argumento de dizer que a tal da prova cabal não era possível porque ela ofenderia o céu.

Como Elmira concorda aparentemente, Tartufo, confiante, expressa sua opinião sobre Orgon:

ELMIRA (*após ter novamente tossido e batido sobre a mesa*)

Bem, forçoso é ceder, vejo-o, inda que o ressinta,

E a submeter me a tudo é mister que eu consinta.

PROF. MONIR: Pronto, ela concordou com a prova cabal.

Por menos, já se vê, não devo eu pretender

Que haja quem se contente e queira se render.

Sem dúvida, o chegar-se a esse ponto é enfadonho,

E a contragosto a tal o assentimento aponho.

Mas já que a reduzir-me a isso há quem me acossa,

Teimando em nada crer do que dizer se possa.

Se estão a me exigir que eu vá pela tangente,

Forçoso é resolver me e contentar a gente.

Se nesse assentimento alguma ofensa se orça,

Por conta ficará de quem a tal me força,

E não me há de caber em tal a culpa a mim.

PROF. MONIR: *Elmira diz assim: “Eu concordo, mas se estiver errado, a culpa é sua, não é minha. O senhor é moralmente responsável por isso”.*

TARTUFO

Sim, vai por minha conta, e a coisa em si, assim...

ELMIRA

É obséquio, por favor, irdes espiar sem ruído,

Se não está talvez lá fora o meu marido.

TARTUFO

Por que é que em seu favor cuidado ainda nutris?

É homem de se levar sem mais pelo nariz.

De todo encontro nosso há de fazer farol,

E a ponto o pus de até negar a luz do sol.

PROF. MONIR: Essa é a opinião que Tartufo tem sobre o outro que está ouvindo debaixo da mesa: [risos] *“É um homem de se levar pelo nariz”*; *“Eu até faço com que ele negue a luz do sol”* (ou seja, o Orgon é um sujeito totalmente controlado por mim). Será que o Orgon ainda tem alguma dúvida sobre quem é o Tartufo?

ELMIRA

Não faz mal; por favor saí por um momento;

E observa! tudo ali com olho e ouvido atento. (págs. 101-102)

Cena VI

Quando Tartufo vai verificar se o marido estava perto, Orgon sai debaixo da mesa e confessa à mulher: *"Não me refaço, está a arrasar-me o que ouvi! Confesso -o, homem mais nefando nunca vi!"* Na volta de Tartufo, Orgon esconde-se atrás de Elmira.

Cena VII

Tartufo anuncia não ter encontrado pista do marido: *"Ninguém se encontra ali, e minha alma encantada..."* Quando o trapaceiro aproxima-se de Elmira para abraçá-la, percebe Orgon, que rapidamente detém o santarrão e tenta expulsá-lo.

ORGON

Calma! É acatar demais essa ânsia apaixonada.

Pudera! não deves entusiasmar vos tanto.

Quereis algo impingir-me, ai, ai, meu homem santo?

No rol das tentações vossa alma apenas ousa

Desposar minha filha e subornar-me a esposa?

De início eu não quis crer em tal patifaria,

E pensei que ainda o tom se modificaria.

Mas por demais já é levar a prova avante:

Para ver onde estou é mais do que bastante.

(...)

Rua, sus! Arre! é não ter vergonha!
Vamos, pra fora, e já! sem qualquer cerimônia!

TARTUFO

Quis...

ORGON

Chega de discurso; é levantar a asa
E dar sem mais demora o fora cá de casa.

PROF. MONIR: Opa! Finalmente, né?

Mas Tartufo não está de acordo:

TARTUFO

O fora dareis vós, que vos fazeis de dono:
A casa é minha, e dá-lo a conhecer tenciono.
Vereis se pode aí da intriga e inveja o alarde
Fazer com que do céu a causa se abastarde;
Não está onde o crê quem quer causar-me injúrias;
Contra a fé sei punir maquinações espúrias,
Vingá-la, e ocasionar que do alto tom decaia
Quem ousa aqui falar de fazer com que eu saia. (págs. 103-104)

PROF. MONIR: Tartufo é o dono de tudo, não é? Ele recebeu em doação. Portanto ele é o dono da casa. Quem tem que sair é o Orgon e a família, ele não.

Sozinho com Elmira, Orgon confessa estar mais preocupado em saber se certo cofrinho “*ainda está lá em cima*”, do que com a doação dos bens da família que havia feito.

PROF. MONIR: Aí tem uma história que vocês não conhecem. Um amigo de Orgon, chamado Argaz, havia fugido da França e deixado aos cuidados dele um cofre com documentos que o comprometiam.

O fato histórico, que não está escrito na peça, se relaciona com o governo de Luís XIII. Existiram vários Luíses que governaram a França. Entre eles, São Luís – o Luís IX – foi um santo que fez a *Sainte-Chapelle* em Paris, e que conduziu cruzadas. Esses Luíses todos são da casa de Bourbon. Os últimos são Luís XVI, que foi guilhotinado, e Luís XVIII, que ainda fez o pequeno governo da Restauração, depois de Napoleão Bonaparte. Mas a casa Bourbon, a última casa real francesa, teve seu auge com Luís XIV e Luís XV – porque o Luís XVI, embora fosse um rei muito bom, acabou pagando o preço da Revolução Francesa.

Luís XIII era um homem fraco dirigido pelo Cardeal Richelieu. O cardeal lidava com uma nobreza muito agressiva, muito exigente e havia feito uma porção de restrições de poder à nobreza quando mandava na França. Com a morte de Luís XIII começou o reinado de Luís XIV, que por ser muito jovem ficou sob a regência da mãe. A mãe por sua vez também não mandava nada; ela não era uma governante. Quem mandava era o Cardeal Mazarin, que se defrontou com uma rebelião da nobreza chamada *La Fronde*. Esta rebelião durou muitos anos, e teve várias consequências graves. Muita gente mor-

reu. Era a nobreza rebelada contra a tentativa que o rei fazia, obviamente influenciado por Mazarin, de continuar as limitações que Richelieu havia estabelecido à nobreza.

É dessa revolta aristocrática que Argaz havia participado, e os documentos sob a guarda de Orgon comprometiam o amigo. Como Tartufo havia se tornado o gestor espiritual do sr. Orgon, este havia entregue a caixa com os documentos de Argaz para ele. Quando vê que Tartufo está indo embora, Orgon fica com medo de que ele tenha levado os documentos que podiam não só ser comprometedores para Argaz como também para o próprio Orgon, que havia escondido as provas. Assim como Argaz, Orgon podia ser visto como traidor. E é óbvio que o cofre foi levado embora pelo Tartufo.

Quinto Ato

Cena I

Orgon lamenta-se com o seu cunhado de ter entregue em confiança a Tartufo o cofre onde haveria documentos secretos de seu amigo Argaz: *"E aquilo são papéis, ao que pôde dizer-me, que além dos bens também envolvem sua vida."*¹⁰ Cleanto acusa seu cunhado de imprudência. Orgon, revoltado, promete mudar sua atitude para com devotos: *"Ter-lhes-ei doravante horror e ódio medonho, e contra eles me vou tornar pior que um demônio"*. Cleanto diz que ele está sempre a se *"lançar dum noutro excesso"*.

10 Nota do resumidor – Os documentos incriminariam Argaz na conspiração La Fronde, entre 1648 e 1653, e poderiam mandá-lo para o cadafalso.

PROF. MONIR: A Igreja Católica não entendeu que nessa frase vinda da boca do Cleanto está a inocentação do Molière. No fundo, ele não está falando da Igreja Católica; está falando contra os devotos. Ele põe na boca do Cleanto, que é quem tem bom senso nessa história, uma condenação ao fato de que agora Orgon quer acabar com todos religiosos, inclusive os verdadeiros.

CLEANTO

Vedes que a um erro mor vos havíeis cingido,

E que vos ludibriou do céu zelo fingido.

Mas onde anda a razão, para estar vosso emperro

A afundar doravante ainda em maior erro,

E, por vos ludibriar um mísero velhaco,

Com gente boa e honesta irdes dar o cavaco? (pág. 109)

PROF. MONIR: “Dar o cavaco” significa “mostrar zanga”, uma expressão antiga, dessas que não se usam mais, como “macacos me mordam”. Já não se usava mais mesmo em 1968, quando foi feita a tradução. Mas como é uma tradução em verso, às vezes a tradutora precisa buscar palavras antigas para poder fazer as rimas.

Cena II

Damis, sabendo da ameaça que pesa sobre seu pai, quer agredir Tartufo.

DAMIS

Deixai-me, vou cortar-lhe orelhas e nariz.

A punir-lhe a insolência enfim não mais se fuja:

Devo vos libertar daquela cara suja;

E faz se jus que a pau o embusteiro amarrote. (pág. 110)

Cleanto diz que ele fala como “*mero rapazote*” e que aquele mal “*pela violência não se emenda*”.

Cena III

A senhora Pernelle, mãe de Orgon, chega e pede explicações, pois ouvira dizer que ali havia acontecido “*trapalhada tremenda*”. Seu filho explica:

ORGON

Sim, novidades há de que fui testemunha.

De benefícios meus veio-me pago à cunha.

PROF. MONIR: Ser “*pago à cunha*” significa ser pago com abundância. Ele está falando ironicamente que recebeu pagamento farto pela generosidade dele. Outra expressão antiga.

Em sua pior miséria um homem cá recolho;

Como meu próprio irmão alojo-o e por ele olho;

De favores e dons cumulo-o diariamente,

Dou-lhe a filha e o total de meus bens de presente:

E o salafrário aí, sem hesitar sequer,

Tem a desfaçatez de assediar-me a mulher,

E, para mais suprir seus cínicos ofícios,

Em sua ameaça inclui meus próprios benefícios;

Usa, a fim de que a fundo a minha ruína urda,

*Vantagens com que o armou minha bondade absurda,
E escorçar-me enfim de meus bens tem por alvo
E reduzir-me ao ponto em que por mim foi salvo. (pág. 111)*

Prof, Monir: Orgon está explicando para a mãe que o objetivo de Tartufo é deixar Orgon tão pobre, tão pobre quanto Tartufo estava quando foi salvo pelo Orgon.

A Senhora Pernelle não acredita e insiste em que *"sempre o povo inveja os que devotos são"*. A matriarca faz defesa de Tartufo, apesar de seu filho afirmar: *"Mas eu vos disse já que eu mesmo tudo vi".... "com os próprios olhos vi lhe o temerário crime."* A Senhora Pernelle insiste na inocência de Tartufo: *"Meu Deus, é a aparência o que mais leva a engano, e, pelo que se vê, julgar algo é leviano."* Os presentes a contradizem e se lamentam estarem nas mãos de Tartufo. Confessa Elmira: *"Soubesse eu que ele tinha em mãos aquelas armas, não teria levado o caso a mais alarmes e..."*

Chega o Senhor Leal, um sargento de polícia.

Cena IV

O sargento vem da parte do Senhor Tartufo. Apresenta-se e diz já ter sido servidor do pai de Orgon.

SENHOR LEAL

*Às vossas ordens: Leal, da Normandia oriundo;
Sou alcaide de vara, e ainda que o inveje o mundo,
A dita hei, louvo o céu, de exercer sem embargo,
Há quarenta anos já, com toda a honra o meu cargo.*

*E trago aqui, senhor, a orar que não discordem,
A citação legal decorrente de uma ordem...*

ORGON

Como! vindes...

SENHOR LEAL

*Senhor, sem barulho e paixão,
Está a se tratar de mera intimidação.
A ordem de todo o mundo aqui evacuar a casa,
E dos móveis e o mais deixá-la livre e rasa,
Cedendo a outro o lugar sem demora ou fragor. (pág. 118)*

PROF. MONIR: Que tal? Agora chegou o oficial de justiça com uma ordem de despejo para tirar tudo da casa, os móveis incluídos, para que o Tartufo vá morar lá na casa do Orgon.

O senhor Leal confirma que a casa agora pertence a Tartufo. Damis reage agressivamente e o sargento o ameaça com um “*processo verbal*”. Dorina, à parte, comenta que aquele “*senhor Leal tem carranca bem desleal*”. Leal, com hipocrisia, diz que havia trazido para si o caso para evitar outro oficial, “*cujo proceder talvez vos agravasse*” e, para demonstrar tal “*consideração*”, dá à família um dia de prazo para desocupar a casa, contanto que possa passar a noite lá com “*uns dez homens*” para colocarem para fora, logo na manhã seguinte, “*até o último utensílio e objeto*”. Os moradores reagem com insultos, mas Cleanto intervém: “*Ponha-se a isto fim: já basta! Daí-me aí o vosso papelucho, e por favor, sai*”.

Cena V

A Senhora Pernelle está estupefata com a cena e “*despenca das nuvens*”. Começa um conselho de família.

PROF. MONIR: Esta agora convenceu-se de que o Tartufo não era o que ela achava que era.

Cena VI

Valério pede desculpas por trazer mais más notícias:

VALÉRIO

Senhor, ter que afligir vos ainda mais, eu sinto;

Mas o perigo o impõe do modo mais distinto.

Amigo meu, ao qual me prendem velhos nós,

E que inteirado está do que me liga a vós,

Infringiu para mim, por um passo arriscado,

O segredo devido aos negócios de Estado;

E o aviso que me veio por seu cuidado à luz,

A uma fuga imediata os passos vos reduz.

PROF. MONIR: Um amigo de Valério, ligado ao governo, disse a ele que Orgon seria preso a qualquer momento. O Tartufo havia levado a caixinha para o rei e o rei mandou prendê-lo como cúmplice de conspiração. Orgon devia fugir o mais rápido possível para não ser preso, porque iam piorar muito as coisas.

VALÉRIO

*O cínico impostor que a fé vos ludibriava
Fez, há uma hora, ao monarca uma acusação brava,
E lhe entregou, a armar ainda essa infâmia nova,
Num cofre de papéis, de um réu de Estado a prova.
Do qual, disse, o dever de um súdito ignorando,
Quisestes ocultar o segredo nefando.
Ignoro o pormenor do que ele vos imputa,
Mas sei que de um mandato a ordem já se executa;
E, para a fim levá-lo, ainda é ele quem se atreve
A acompanhar quem vem por vós prender em breve. (págs. 123-124)*

Valério prepara Orgon para fugir: “Golpe tão fulminante só se apara a fugir sem perda de um instante”. Orgon dirige-se apressadamente para a saída.

Cena VII

Na saída, Orgon é interceptado por Tartufo, que chega acompanhado de um oficial de justiça.

TARTUFO (*detendo Orgon*)

*Eh, nada aqui, senhor, de escapatória ousada;
Longe não tendes que ir para encontrar pousada;
Pois, da parte do rei, vos fazem prisioneiro. (pág. 125)*

Quando lhe pedem que mostre gratidão à ajuda da Senhora Pernelle, Tartufo devolve:

TARTUFO

Sei que socorros dela eu pude receber;

Mas só do príncipe, hoje, ainda zelo o dever.

Não temo em tal dever sagrado a pior estafa;

A gratidão e o mais no coração me abafa.

Pois sacrificaria a laços tão potentes

Comigo próprio, esposa, amigos e parentes.

ELMIRA

Que impostor! (pág. 126)

Tartufo, indiferente às súplicas de todos, manda o oficial de justiça cumprir sua missão:

PROF. MONIR: Este momento é o clímax da peça, em que o oficial de justiça vai prender o Orgon. Tudo deu errado. Orgon será preso como traidor, possivelmente sendo condenado à morte. Ele teve a sua casa tirada e sua família toda está na rua. Nesse momento, toda a vida da família do Orgon desaparece da história. A plateia fica com o coração na mão imaginando a desgraça, que transformaria a história em uma tragédia. Mas a história não é uma tragédia, e vamos ver o que acontece.

TARTUFO *(ao oficial de justiça)*

Livrai-me, por favor, da gritaria aqui,

E sem tardardes mais vosso dever cumpri.

O OFICIAL DE JUSTIÇA

Sim, de fato demais já demorei naquilo;

E a propósito estais me incitando a cumpri-lo:

Segui-me, pois, por tal, à luz ainda do dia,

À prisão que há de ser a vossa moradia.

TARTUFO

Quem, senhor? Eu?

O OFICIAL DE JUSTIÇA

Sim, vós.

TARTUFO

Mas eu? como? a prisão?

O OFICIAL DE JUSTIÇA

Contas não vos darei, a vós, da decisão.

PROF. MONIR: O oficial de justiça, em vez de prender Orgon, acaba prendendo o Tartufo. O pedaço a seguir foi posto aí por Molière para conseguir libertar a peça, que já havia sido proibida duas vezes. Agora Molière vai elogiar o rei. “*Vivemos sob um rei honesto e justo*” é referência ao Luís XIV. Os próximos dez versos são uma demonstração de apreço ao rei com as quais o autor garante a aprovação da obra. É o oficial de justiça discursando sobre o que aconteceu, falando bem do rei.

O OFICIAL DE JUSTIÇA

a Orgon)

Remeteci-vos, senhor, daquele alerta e susto.

Vivemos sob a lei do príncipe mais justo.

*À fraude adverso, lê nas almas: não o ilude
Toda a arte da impostura e da falsa virtude.
No critério sem par que sua alma registra,
Sobre os objetos lança em linha reta a vista;
Nenhuma hipocrisia encontra nele acesso,
E a luz de sua razão jamais permite o excesso.
Dá à gente devota uma glória imortal,
Mas sem cegueira faz refulgir zelo tal.
E o amor ao que é genuíno, a visão não lhe cerra
A todo o horror que o beato espúrio em si encerra.
Nem vingariam desse as tramas atiladas;
Sabe se subtrair as mais sutis ciladas.
De início penetrou com viva claridade
De coração tão negro o grau de iniquidade.
Da própria infâmia, aliás, traiu o homem o esquema,
E por lance feliz da equidade suprema,
Soube se ser falsário e notório embusteiro
Já procurado sob o nome verdadeiro,
É um longo pormenor de torpezas e escórias
Que volumes, até, preencheriam de histórias.*

PROF. MONIR: Então vejam. O rei, esperto como é, de acordo com a descrição do oficial de justiça, desconfiou que aquele homem era uma espécie de delinquente, já o conhecia de outras circunstâncias, e foi investigar a situação. Molière está dizendo aqui que o rei é um gênio. Tendo descoberto que Tartufo usava um nome falso, que tinha dado outros golpes, manda então prender Tartufo no lugar de Orgon, que será perdoado pelo fato de ter retido a caixa consigo.

Molière queria a liberação da peça porque ele queria chutar a canela dos devotos, que são os tartufos. E ele precisava continuar fazendo isso. E fez, até 1970, duas mil e quinhentas vezes isso. Ele fez esse final absolutamente estratégico para que o rei liberasse a peça.

O OFICIAL DE JUSTIÇA

*De início detestara aquele grão monarca
Nele da ingratidão e deslealdade a marca;
Seu novo crime à lista antiga acrescentou,
É a conduzi-lo aqui tão só me encarregou
Para ver se a impudência até o fim levaria
E para expor lhe aqui toda a patifaria.
Sim, de vossos papéis, de que ele se diz dono,
Quer que entre as vossas mãos faça o biltre o abandono.
Rompe todos os nós, com soberano tom,
Da escrita que lhe faz de vossos bens o dom.
E sobre a oculta ofensa enfim a esponja passa
Em que vos fez tombar de um amigo a desgraça:*

PROF. MONIR: O rei desconsiderou o fato de que o Orgon andou guardando os documentos daquela conspiração e o papel da doação também foi destruído. Voltou tudo à estaca zero. Orgon está livre e de posse de seu patrimônio.

O OFICIAL DE JUSTIÇA

*Tal prêmio à devoção de outrora outorga, quando
Dela destes penhor, seu direito apoiando.*

*Sabe assim sua fé, quando em tal nem se pensa.
Conferir à lealdade a justa recompensa.
E, sem que à punição do malfeitor se esquive,
O bem, mais do que o mal, em sua memória vive.*

DORINA

Louvado seja o céu!

SENHORA PERNELLE

Ah, respiro afinal.

ELMIRA

Que favorável fim!

MARIANA

Quem pensaria tal?

ORGON (*a Tartufo que o oficial está levando embora*)

Pois sim, traidor!...

Cena VII

CLEANTO

Parai, ah! meu irmão: não se há de

Vossa ira rebaixar a alguma iniquidade.

A seu fado infeliz deixai o miserando

E ao remorso e amargor que agora o está prostrando.

Sim, votos formulai nesta hora, por que o ajude

O espírito a que torne ao seio da virtude;

A que, criando ódio ao vício, a sua vida corrija

E impetre ao grande rei justiça menos rija;

Enquanto aos pés lhe ireis render, vós, preito grato,

E exaltar-lhe a mercê de tão bondoso trato.

PROF. MONIR: Mais um pouco de bajulação do rei: Cleanto manda Orgon ir prostrar-se aos pés do rei para agradecer.

ORGON

Sim, a seus pés eu vou, de joelhos, com alegria,

Louvar me da mercê que seu favor me envia

PROF. MONIR: Não achem por causa disso que Orgon é o Molière, porque não é. Cuidado.

E algo já quite, assim, com tão grato dever,

À justiça de um outro havemos de prover

E em Valério coroar, no himeneu com quem ama,

De um generoso amante a fiel e pura chama. (págs. 127-130)

(Resumo feito por José Monir Nasser, com excertos traduzidos por Jenny Klabin Segall, retirados de "O Tartufo", Editora Martins Fontes, São Paulo, 2005)

PROF. MONIR: E acabou a história. Gostaram do Molière?

ALUNA: *[Faz comentário.]*

PROF. MONIR: Tartufo tem um som italiano porque as personagens de Molière eram muitas vezes baseadas na *commedia dell'arte*, que é uma modalidade teatral extremamente caótica. Nós tínhamos aqui um ator genial que morreu há pouco tempo, o Mário Schoemberger, que fazia uma série de comédias sobre Curitiba com base no modelo da *commedia dell'arte*, a *Trecentina* (na época em que Curitiba fez 300 anos).

A *commedia dell'arte* é uma modalidade de teatro italiana, feita nas praças, o que chamamos hoje em dia de pastelão. Tenho um amigo que escreveu uma tese sobre isso, dizendo que os herdeiros desta modalidade são o Chacrinha, o Ratinho, esses apresentadores caóticos. Na Idade Média era muito popular. Consiste num conjunto de personagens que são sempre as mesmas – o Arlequim, a Colombina... São personagens fixas que todas as trupes têm, que apresentam sempre o mesmo comportamento: há o Polichinelo, que é o sujeito que não guarda segredos (o segredo de polichinelo todo o mundo sabe); há o marido traído, etc. Os atores se reúnem na praça e fazem qualquer coisa. É improvisado, não tem texto, não tem ensaio.

Molière tem muitas personagens assim. Por exemplo, Sgaranelle de Don Juan é uma personagem da *commedia dell'arte*. Tartufo também é uma personagem que lembra a *commedia dell'arte*. Tartufo era apenas uma personagem, mas passou para o mundo da cultura como sendo sinônimo do hipócrita, do santarrão. Santarrão é alguém que prega o contrário do que

faz, que tem comportamento contraditório com a sua vida. Tartufo no dicionário é um substantivo comum que significa sujeito mau caráter, e isso é resultante da peça do Molière.

Molière criou várias personagens assim. Há o hipocondríaco típico, o Argan; há o Avarento, que é o avarento por excelência; o Misanthropo, que não sabe lidar com as circunstâncias menos sinceras do mundo. Como Molière exagera nas tintas, criando personagens caricatas, as suas personagens se transformam em modelos da literatura. Quando você pensa num avarento, você pensa no Avarento de Molière, embora tenha outro muito famoso no Dickens, o *Old Scrooge*, um sujeito horroroso. Mas é o avarento de Molière que nos vem à cabeça mais rápido, porque o Molière fez daquele sujeito um indivíduo central na história.

Shakespeare também fez isso. Quando se pensa num judeu literário, pensa-se em Shylock. Nenhum judeu literário é mais forte do que esse. O que Molière faz é nos ajudar a entender esses tipos. Comparado com Shakespeare, Molière está na epiderme da história. Não é possível interpretar uma peça de Molière com a profundidade com que se pode interpretar uma peça de Shakespeare.

ALUNA: Não existe um oposto de misantropo?

PROF. MONIR: Filantropo, o sujeito que gosta tanto da humanidade que dá todos os seus bens... Mas cuidado, porque o misantropo é sobretudo alguém que tem dificuldade de adaptação à humanidade. Não é um exato contrário. O nome do misantropo do Molière é Celeste – é o sujeito que

acha inadmissível falar qualquer coisa que ele não sinta de verdade, não seja verdade. Por exemplo, um poeta lhe mostra seu soneto e ele diz que é uma porcaria, um lixo total e que ele devia fazer qualquer outra coisa para viver. Celeste ofende o poeta, que estava esperando uma palavra de apoio. O misantropo do Molière é o sujeito que é incapaz de pregar uma mentira social.

Há vários tipos de mentira. Há um primeiro tipo de mentira, a mentira aceitável, que é a mentira social. É a que você usa com o operador de telemarketing para ele parar de amolar: “Não, já comprei um canguru esta semana, não quero comprar um canguru novo”. Essa mentira permite que a vida continue e não há nada de errado com ela. É completamente branca. Há pessoas que não conseguem aceitar isso e transformam suas vidas num verdadeiro inferno, porque na ênfase de ser completamente sincero, o sujeito se torna insuportável. Há um grau de mentira social que é aceitável, e não é patológico. A mentira piedosa é uma variante.

Um segundo tipo de mentira é a mentira com objetivo concreto. Essa já é perigosa porque pode ser legítima ou ilegítima. Você mente não para se livrar de um chato, mas para obter um resultado concreto – como mentir para enganar alguém. Às vezes essa mentira pode ser moralmente aceitável, quando, por exemplo, você mente para o bandido sobre o lugar onde você escondeu o dinheiro, ou mentir para o inimigo numa situação de guerra. Mas a maior parte das mentiras ruins está nesta categoria.

Há um terceiro tipo de mentira que é a mentira patológica, que se chama de mitomania. É o sujeito que mente sistematicamente, porque é incapaz de não mentir. Vai assistir *Ben-Hur* e diz que viu *Os Dez Mandamentos*. Ele não tem nenhum ganho em mentir desse jeito, mas não consegue dizer a

verdade. Mentir é uma compulsão. É um sujeito doente. A parte boa é que essas pessoas são tão folclóricas que não são acreditadas – rapidamente são percebidas pelos outros como sendo doentes e se transformam em pessoas engraçadas. Quase todas elas são adeptas do esporte da pescaria [risos]. A figura literária que simboliza o mentiroso mitômano é o Pinóquio.

E o quarto tipo de mentira, o de todos o pior, é a mentira existencial. É a mentira do Dr. Jekyll, quando não quer admitir que também é o Mr. Hyde. À noite, o doutor sai de casa, mas não consegue admitir que é ele quem está fazendo isso. Ele mente para a sua própria identidade, não a admite. É o tipo mais interessante sob o aspecto psicanalítico. O literato que melhor trabalha esse foco chama-se Luigi Pirandello, ele escreveu toda a sua obra em torno desse problema da mentira existencial.

No Tartufo Molière nos apresenta um farsante, que é um tipo de mentiroso. Ele é um mentiroso de qual dos tipos?

ALUNOS: [Conversam entre si.]

PROF. MONIR: A mentira é uma coisa que acompanha a vida humana. Vocês vão ver isso em *O Pato Selvagem* do Ibsen, que é o maior estudo que alguém fez sobre uma mentira. É a história de uma mentira e de suas consequências.

A questão fundamental do livro é saber por que o Tartufo é um farsante, um mentiroso. Sabemos que Tartufo não é um mentiroso social. Sabemos que não é um mitômano. Então só restam essas duas possibilidades: ou ele é um mentiroso existencial ou um mentiroso por conveniência, com o objetivo concreto de ser mentiroso. Como saber qual dos tipos é Tartufo?

ALUNA: Ele mente em causa própria.

PROF. MONIR: Como é que nós tiramos esta dúvida entre o mentiroso que quer alguma coisa e o mentiroso existencial?

ALUNO: Sabendo se ele mente para si mesmo ou não.

PROF. MONIR: É, muito bem. Ele mente para si mesmo?

ALUNOS: Não.

PROF. MONIR: Se ele não mente para si mesmo, ele é um mentiroso estratégico. Para obter o que deseja, usa a mentira como instrumento.

O Dr. Jekyll no fundo tem uma espécie de desejo. O que se imagina que ele faz de madrugada? Que caia na gandaia. É claro que irá produzir assassinatos. O Mr. Hyde é um monstro, na verdade. Mas não devemos interpretar a obra pelo valor de face, pois estamos falando da Inglaterra puritana. Se fosse o Oscar Wilde, e não o Stevenson, talvez fosse um outro jeito de contar a história. Mas a simbologia do Dr. Jekyll é de uma pessoa que tem vida dupla. Ele mente para si mesmo muito mais do que para o outro, pois ele passa a ter uma espécie de duplicidade existencial e não sabe mais qual dos dois ele é. Essa é a angústia do processo, ele tem uma existência quebrada em dois pedaços. *O Pato Selvagem* não lida com este assunto, lida com o primeiro tipo de mentira. O Mr. Hyde e o Dr. Jekyll são uma mesma pessoas com uma fratura de personalidade. No caso do Dr. Jekyll, trata-se de uma psicopatologia grave. O Pirandello lida sobretudo com este problema.

Entre os livros do Pirandello tem o *Henrique IV*, um livro magnífico, uma peça de teatro que não tem tradução em português, infelizmente. Você acha com facilidade nas outras línguas. É a história de um homem comum que num belo dia acha que é o próprio imperador da Alemanha, Henrique IV. A princípio, os empregados acham que ele é meio maluco e concordam com o patrão para não perderem o emprego. Na medida em que vai passando o tempo, todas as pessoas da casa começam a achar que o sujeito é mesmo Henrique IV. Quando chega a esse ponto, ninguém tem mais ideia de quem a pessoa é de fato. Houve uma fratura da personalidade tão forte, que a pessoa perdeu a capacidade de distinguir quem é. Esse é o desastre que acontece com Dr. Jekyll/Mr. Hyde; a pessoa passa a não ter mais controle sobre a própria existência.

Mas o Tartufo não parece ser isso de modo nenhum. Ele sabe muito bem que está mentindo, que está fazendo uma coisa errada, porque no fundo é apenas um vigarista.

Mas o mais notável nessa história – é isso o que devia nos chamar mais atenção na análise deste livro – é saber por que, afinal de contas, um vigarista como este consegue tanto sucesso?

ALUNA: Os nossos políticos conseguem também.

PROF. MONIR: Esse expediente tem capacidade de funcionar até certo ponto? Tem. É claro que todos imaginam que essas pessoas serão desmascaradas num dia, como foi o Tartufo. Mas vocês devem ter percebido que seu desmascaramento na história foi quase como um *deus ex-machina*. Tinha uma figura no teatro grego que se chamava *deus ex-machina*. Chamava-se

assim porque na peça de teatro havia uma espécie de grua que na hora H, quando estava tudo num impasse e não tinha solução para nada, era usada para levantar e trazer um deus qualquer para o palco, para resolver a questão.

ALUNO: Talvez, se não fosse a censura, esse final fosse outro.

PROF. MONIR: Talvez. O *deus ex-machina* que há nessa peça é motivado pelo fato de que era preciso que o rei com sua clarividência, competência, inteligência e iluminação entrasse nessa história para colocar ordem na casa, então soa um pouco falso.

Molière queria dizer que existe um tipo humano chamado Tartufo que é o hipócrita profissional. Esse tipo humano é um problema. O hipócrita profissional que ele via como alvo de sua crítica era o devoto – um pessoal que vivia de maneira licenciosa e libertina, fazendo o que queria, mas que ficava perseguindo e patrulhando a vida alheia como exercícios de pequena moral.

Aqui vemos a diferença entre Shakespeare e Molière. Shakespeare é um autor metafísico – então pede para você pular num abismo profundíssimo de sentido e, se você tiver coragem de fazer isso, você vai descobrir coisas incríveis nas peças de Shakespeare. O Molière é um lagunho de baixa profundidade. A interpretação possível de um livro de Molière é diferente de um de Shakespeare. Porque num livro de Shakespeare nós vamos interpretar a simbologia da história.

Aqui não há simbologia – há uma espécie de crônica, uma espécie de sistematização de um determinado tipo humano existente – o Tartufo. É mais ou menos o modelo do político moderno, do militante intelectual moderno – você só tem tartufos. É o Chico Buarque que faz discursos contra o capitalismo, mas que ganha milhões vendendo discos pelo sistema capitalista.

Um adolescente normal entra em uma crise existencial porque acha que as crenças que ele tem foram implantadas pelos pais, pela escola, pelos outros. E aí ele fica com dúvidas sobre em que acreditar, porque joga fora tudo em que acreditava antes, mas não tem coisas novas para botar no lugar. Fica numa espécie de limbo de crenças e acha que os *Rolling Stones* vão resolver o problema, até que percebe que eles ganham milhões para contestar a sociedade de consumo – essa que ele acha que deveria largar. Como é que pode os contestadores cobrarem 500 reais por um ingresso? Ele começa a fazer perguntas, porque as soluções adolescentes que ele tinha para a vida passam a ser inconsistentes – e aí precisa procurar crenças novas. O passo seguinte é virar adulto, ou seja, reincorporar crenças mais maduras sobre a vida.

No entanto, no meio tempo, é possível que a pessoa seja alvo e vítima de uma grande quantidade de vigarice intelectual. Por exemplo, temos uma comunidade intelectual que vive falando mal do capitalismo, da economia de mercado, mas é paga pelos impostos recolhidos na economia de mercado sem que tenha necessariamente que retribuir por eles com a necessária competência, podendo facilmente fazer-se uma carreira universitária com base numa absoluta e total enganação e tapeação dos outros.

Aquele sujeito que está sentado numa cátedra pública fazendo discursos contra os outros, transformando-se numa espécie de regulador moral da sociedade, – por alguma razão estranhíssima, quando a imprensa quer saber a opinião de alguém que está acima do bem e do mal pergunta para um professor universitário – essa gente que está pendurada neste status de estar acima do bem e do mal são *tartufos*.

Criou-se, como decorrência natural dessa percepção, a ideia errônea de que a opinião de um funcionário público é mais valiosa moralmente falando do que a de um funcionário privado – como se o funcionário público tivesse mais palavra e fosse mais honesto necessariamente do que alguém que trabalha nas Lojas Americanas.

ALUNO: Isso é da natureza do argumento de autoridade. O argumento de autoridade não provém dos menos abastados intelectualmente, mas sim daqueles mais privilegiados.

PROF. MONIR: Por isso que o Tartufo é o Tartufo. Ele não consegue sê-lo se não tiver alguma espécie de autoridade. Que autoridade ele se arroga e lhe dá legitimidade para que ganhe o sr. Orgon? A autoridade religiosa, espiritual. O Tartufo não é o Tartufo por si só, mas porque representa um conjunto de valores que não são ele – os valores religiosos –, ele é uma espécie de modelo de cristão. Tanto é que a Sra. Pernelle, quando o elogia, diz que ele está fazendo a divulgação do verdadeiro cristianismo.

ALUNO: [*Diz que Tartufo descarta o dilema do remorso.*]

PROF. MONIR: Isso é na hora em que ele convence a Elmira a lhe dar prova cabal de afeição. Ele precisa retirar a culpa. E como é que ele lida com a culpa?

A culpa é o resultado de um conflito moral. Todo o ser humano normal tem necessariamente conflitos morais, não é possível imaginar uma existência humana que não tenha culpa. O maior de todos os sonhos brasileiros é uma vida sem culpa – nós criamos o adágio de que não existe pecado do lado de baixo do Equador. Mas o problema é que não dá para propor a Deus não ter mais culpa, porque Ele acaba transformando você numa samambaia. Se você não tem culpa, você não é mais ser humano. Ontologicamente falando, a culpa é obrigatória e verdadeira. Ela é um sofrimento moral que advém do fato de que você não sabe o que fazer.

O Dr. Jekyll vive um problema de culpa moral. Tanto é que ele sofre terrivelmente porque está dividido. Mas Tartufo não sente culpa porque é um vigarista intelectual.

Quais são os instrumentos que ele usa para ser Tartufo? Como se “tartufeia” os outros?

1. Ele tem que estar munido de valores que não são dele – valores maiores, e que os outros aceitem como tal. Se ele aparecesse como líder de uma seita satânica, não seria recebido na casa do Orgon. Ele só é recebido porque representa os valores cristãos predominantes da época.

2. Ele tem que parecer não ter vantagens em defender isso. Por isso ele se faz de pobretão, perseguido, que dedica sua vida àquela causa.

3. Ele tem que contar a história certa, tem que ter alguma retórica. Ele deve ter a capacidade da linguagem certa. Ele não pode ser prepotente, deve parecer humilde. Tem que parecer devoto.

Se vocês quiserem aprender como manipular o mundo, basta aplicar esses três truques. Quando se faz isso bem feito, você consegue que as pessoas concordem com o contrário do que você está aparentemente propondo.

O governo federal no início do ano propôs um *Plano Nacional de Direitos Humanos*. De todas as barbaridades que se fez no Brasil até hoje essa é a maior, porque é uma peça de totalitarismo absoluto e completo. Tem uma regra que diz que os órgãos de comunicação serão ranqueados por um critério de envolvimento social. Ou seja, nasce a censura, sem que a gente saiba que é censura. Quando alguém invadir uma terra não é mais possível ir à Justiça pedir reintegração. Você terá que negociar com uma comissão composta justamente pelos “primos” dos sujeitos que invadiram a terra. O *Plano Nacional* é uma somatória de barbaridades indescritíveis. Quando foi lançado, todo o mundo ficou brabo. Mas como é que o pessoal fica brabo? A Igreja não gostou da proibição de crucifixos nas salas de aula. Ela não aceita este item, mas quanto ao resto, não está em desacordo. O ruralista reclama que não quer o item que diz que o ruralista não tem mais acesso à Justiça, mas o resto, tudo bem.

Na medida em que há apenas uma reação pontual de contrapor-se a pequenos itens, quem propôs as regras atenua um pouquinho cada um dos itens e faz passar o grosso. O que faz com que haja uma boa chance de o plano passar.

O que eu estou querendo mostrar a vocês é como esse plano é inspirado na técnica do Tartufo:

1. Primeiro você não pode propor o plano sem que ele pareça que é bom. Porque a primeira regra é: o plano tem que ter valores coletivos, ele não pode ser feito fora do contexto de valores coletivos. Haverá alguém neste mundo contra os direitos humanos? Portanto se você chamar o plano de *Plano Nacional dos Direitos Humanos* todo o mundo fica achando que é bom, liminarmente. Isso é uma abordagem tartúfica – no nosso mundo irreligioso, em que a maioria das pessoas não tem mais valores religiosos, os direitos humanos viraram a religião, substituíram os valores religiosos anteriores. Então você diz que é direitos humanos, e todo o mundo já olha para você com bons olhos.

2. Mas aqueles que estão propondo o plano dizem que não é para eles não, que é para os outros. Ou seja, eles não serão beneficiados com isso porque não são sem-terra, porque eles não são jornalistas, não são do meio de comunicação, portanto você também está garantindo a segunda condição, de que você não é beneficiário daquilo. Você está inocente, necessariamente, porque afinal das contas não ganha nada com isso.

3. O terceiro golpe é fazer a redação disso de uma maneira extremamente benevolente, usando expressões do tipo: “para o avanço da relação social”, “para que haja a inclusão social”, “para que haja a sustentabilidade da sociedade”.

Se você fizer isso bem feito, todo o mundo concorda. Ficam todos anestesiados pelo método do Tartufo. Na verdade, quem fez o plano queria uma

única coisa: assumir um poder extraordinário como nunca antes alguém teve. Aí você transforma o Estado em mediador universal de todas as questões individuais. O Tartufo, aquele sujeito que era bonzinho e que parecia inocente, queria ficar com a casa, a filha e a mulher de Orgon. Ele queria ficar com as três coisas. E é isso com que eles ficarão se vocês não tiverem a capacidade de prestar atenção em quão tartúfica é essa estratégia que se faz politicamente nos dias de hoje.

ALUNA: Como é que nós vamos acabar?

PROF. MONIR: Eu não tenho a menor ideia. Só sei que há pouquíssima reação. Quem reclamou? O Estado de São Paulo fez editoriais contra, Denis Rosenfield escreveu artigos maravilhosos contra o plano...

ALUNA: A OAB, também.

PROF. MONIR: Mas a OAB é sempre aquela entidade meio sem-vergonha – é da sua natureza –, sempre meio governista, tentando contemporizar. Não vi nenhuma demonstração de repúdio verdadeiro, com a ênfase que devia ter dado. Até ouvi coisas muito ambíguas, para ser bem sincero.

Você tem uma quantidade tão pequena de anticorpos, que um Tartufo bem instrumentado é capaz de fazer o que bem entender. Portanto, não achemos que Orgon, cuja cretinice fiquei o tempo todo enfatizando, seja muito diferente do quadro do brasileiro médio moderno. Todos nós somos mais ou menos uns Orgons. O orgonismo é uma espécie de doença nacional que abateu o Brasil.

ALUNO: Uma doença internacional.

PROF. MONIR: É também internacional, eu concordo. Mas aqui é com uma gravidade, uma agudeza extraordinária. A quantidade de anticorpos aqui é muito menor. Se a gente acha que esse Orgon é um sujeito estúpido, acho que deveríamos considerar que é mais ou menos isso que é a sociedade brasileira de hoje, porque nós estamos nos comportando igualzinho.

ALUNA: *[Faz comentário sobre a Dorina e a máquina governamental.]*

PROF. MONIR: As nossas Dorinas deviam ser os nossos jornalistas, os nossos intelectuais.

ALUNA: *[Comenta sobre a censura.]*

PROF. MONIR: Não são nem um pouco censurados. O maior problema da censura não é o quanto censuram os jornais, mas o quanto os jornais censuram a realidade. É o contrário. Depois que você estabeleceu vinte, trinta anos de formação ideológica de esquerda nos jornais e na publicidade, não há mais Dorinas capazes de dizer que isto é uma palhaçada, que isso está errado. E é por essa razão que nós seremos cada vez mais cronicamente orgânicos, e é isso que nós devíamos aprender com o Molière a não fazer igual. Mas parece sem muita possibilidade nesse momento.

Para terminar, gostaria de dizer que a grande literatura existe para ensinar as pessoas a serem normais. Somente para isto é que serve a grande literatura. O que acontece quando Tartufo é desmascarado? Volta-se à normalidade. É isso que nós precisamos fazer aqui.

O Pato Selvagem

de Henrique Ibsen (1828 - 1906)

Transcrição da palestra do professor José Monir Nasser em Curitiba, em 24/04/2010¹¹

¹¹ Transcrição de Maria Cecília Noronha. Revisão da transcrição: Patrícia Nasser.

O Pato Selvagem

O livro de hoje é praticamente desconhecido, não pelo fato de ser ruim, mas porque com Ibsen aconteceu um fenômeno interessantíssimo. Ele sempre esteve muito na moda. Ibsen é um teatrólogo do século XIX que teve muito sucesso em vida. Morou praticamente vinte e sete anos fora da Noruega, onde nasceu – na época um país muito complicado, porque havia passado centenas de anos sob o domínio da Dinamarca.

A Dinamarca, a Noruega, a Finlândia e a Suécia formam aquilo que se chama de Escandinávia. A Dinamarca não fica na península escandinava, mas ela está tão ligada culturalmente à península que também é chamada de Escandinávia. Os três países da península (Noruega, Finlândia e Suécia) sempre tiveram ligações muito grandes entre si. Mas sobretudo entre a Noruega e a Dinamarca houve muita ligação, tanto que as línguas se parecem, por causa do domínio dinamarquês. A Dinamarca é a terra dos vikings; sempre foi a mais imperialista – tanto que a Inglaterra teve colonização dinamarquesa. Os celtas ingleses foram empurrados para fora pelos dinamarqueses. Quando a Noruega finalmente se livrou da Dinamarca, caiu sob o domínio

sueco. E a Noruega do nascimento de Ibsen era um país de personalidade muito difusa – um lugar dominado por tantos estrangeiros vai perdendo um pouco de sua personalidade.

Foi o que aconteceu com a Polônia, para dar um exemplo mais próximo de nós. A Polônia uma hora era russa, outra hora era Polônia mesmo, depois outra hora era russa de novo... Passou a vida inteira transformada em massa de controle dos seus vizinhos. Fica difícil saber de quem você é. Como alguém que nasce na Alsácia. Lá você não sabe se é alemão ou se é francês – a cada 50 anos pertence a um dos dois países (embora nos últimos tempos a região esteja aparentemente consolidada como território francês).

CRONOLOGIA

1814 – A Noruega liberta-se do jugo da Dinamarca, que começara em 1387, mas cai quase imediatamente sob o domínio da Suécia (sob a dinastia Bernadotte).

1828 – Henrik Ibsen nasce no dia 20 de março em Skien, Noruega. Filho de Knud Ibsen, um comerciante próspero, e de Marichen Altenburg, mulher culta que incentivou no filho o interesse pelas artes. Ibsen teria mais quatro irmãos mais novos. A família Ibsen vivia do comércio e de uma destilaria.

1834 – A destilaria é fechada pelo governo, trazendo a ruína financeira à família Ibsen.

1843 – Sem poder mais estudar, parte para Grimstad, para trabalhar como assistente de farmacêutico do Sr. Reimann. Com quinze anos, Ibsen inicia vida econômica autônoma.

1846 - Tem um filho com Else Jensdatter, a empregada doméstica do seu pai. Ibsen sustenta a criança, batizada como Hans Jacob Henriksen, sem ter contato com ela. Ibsen pinta, sobretudo paisagens. Cogita de se tornar pintor profissional.

1848 – Onda revolucionária sacode a Europa e impressiona Ibsen.

1849 – Ibsen escreve sua primeira peça, *Catilina*, em que apresenta o célebre Catilina não como conspirador, mas como herói revolucionário.

1850 – Ibsen muda-se para Oslo (então chamada Cristiânia). Um amigo, Ole Schulerud, publica com recursos próprios *Catilina*. A obra vende muito pouco e os volumes remanescentes são vendidos como sucata. Tenta, sem êxito, entrar na universidade. Escreve panfletos para um jornalzinho socialista e corre o risco de ser preso.

1851 – Começa a trabalhar, como diretor artístico, com o violinista clássico e diretor de teatro Ole Bull que queria montar em Bergen, onde havia mais riqueza, um teatro realmente norueguês e não dinamarquês. Começa o período de seis anos entre Copenhague (Dinamarca) e Bergen (Noruega), envolvido com todo o tipo de atividade teatral. Em princípio, teria de escrever uma peça por ano.

1852 – Visita grandes teatros em Hamburgo, Copenhague e Dresden e é influenciado por Shakespeare. Esta viagem eleva dramaticamente o nível de referência teatral de Ibsen.

1857 – Aceita convite para dirigir, em Cristiânia, o Teatro Norueguês.

1858 – Casa-se em 18 de junho com Suzannah Daae Thoresen, com quem terá o filho Sigurd (nascido em 1859). Suzannah era filha da famosa escritora Magdalena Thoresen.

1860 – Ibsen não consegue produzir peças “leves” e é pressionado pelo conselho diretor do teatro.

1862 – O Teatro Norueguês vai à falência. Ibsen fica sem trabalho.

1864 - Na guerra dos Ducados, a Prússia toma metade de seu território da Dinamarca. Ibsen muda-se para Roma, com o auxílio de uma bolsa de viagem do governo. A não ser por pequenas visitas, não voltaria à Noruega por vinte e sete anos.

Encenada *Os Pretendentes à Coroa (Kongsemnerne)*, a mais shakespeariana das peças de Ibsen.

1865 - O editor Gyldendal publica na Dinamarca *Brand*, tratando de um pastor luterano fanático. A peça é a mais kirkgaardiana das escritas por Ibsen. O sucesso de *Brand* garante-lhe pensão do governo norueguês.

1867 - Escreve *Peer Gynt*, uma personagem de certo modo oposta a *Brand*.

1868 - Muda-se para Munique, onde ficaria até 1878. Já famoso, sua presença diária no café Maximilian viraria atração turística. Após sua partida, o dono do café contratou ator para fazer-se passar por Ibsen.

1869 - Escreve a sátira *A Aliança da Mocidade (Der Unges Forbund)*. O dramaturgo

norueguês Bjoernstjerne Bjoernson, achando-se caricaturado, ficou indignado. Bjoernson e Ibsen passaram a vida se desentendendo.

1877 - Escreve *Os Pilares da Sociedade (Samfundets Stoetter)*, primeiro dos oito dramas realistas que revolucionaria o teatro europeu.

1878 – Volta para Roma.

1879 – Escreve *Casa de Bonecas (Et Dukkehjem)*, que eternizou a personagem Nora como símbolo feminista.

1881 - Escreve *Espectros (Gengangere)*, tratando de temas polêmicos como doenças venéreas, caricaturando a igreja e minando a autoridade paterna no lar.

1882 - Escreve *Um Inimigo do Povo (En Folkefiende)*.

1884 - Escreve *O Pato Selvagem (Vildanden)*.

1886 - Escreve *Romersholt*.

1888 - Escreve *A Dama do Mar (Fruen fra Havet)*.

1890 - Escreve *Hedda Gabler*.

1891 – Volta à Noruega.

1892 - Escreve *Solness, o Construtor (Bygmester Solness)*.

1898 - Recebe grande homenagem quando do seu aniversário de setenta anos, incluindo inauguração de estátua.

1899 - Escreve *Quando Despertamos dos Mortos* (*Naar vi Doede Vaagner. En Dramatisk Epilog*), peça autobiográfica e última de Ibsen. Seu estilo minimalista antecipa Samuel Beckett.

1900 - Sofre o primeiro AVC.

1902 - Sofre segundo e mais grave AVC.

1906 - **Morre no dia 23 de maio.**

Ibsen nasceu numa família de classe média alta, uma família burguesa bem situada; o pai tinha uma destilaria e também trabalhava com comércio. Em seguida a família vai à falência. Uma das versões é que o governo proibiu a destilaria. Ibsen então teve que trabalhar muito cedo. Muda-se para outra cidade da Noruega, onde começa a se interessar por teatro. Lá escreve a sua primeira peça, *Catilina*. De modo geral uma peça de juventude, a não ser quando o jovem é genial, não tem grande valor artístico. A literatura exige certa maturidade.

Quando um artista – até para confirmar a arte da Noruega – resolve fundar um teatro norueguês em Cristiânia (atual Oslo) ¹², chama Ibsen para dirigi-lo.

12 Nota da revisora de transcrição: O Teatro Norueguês Cristiânia foi uma iniciativa de Johannes Bendictus Klingenberg. Surgiu como escola dramática em 1852, e passou a funcionar como teatro em 1854. Ibsen trabalhou no teatro como diretor de 1857 até sua falência em

O teatro vai à falência, não por culpa de Ibsen, mas porque o dinheiro estava em Bergen, e não em Cristiânia.

Bergen é o lugar onde há mais demanda de turismo para passear pelos fiordes. Um dos maiores artistas da Noruega é Edvard Grieg, compositor erudito, que também musicou a peça *Peer Gynt*, escrita por Ibsen baseada no folclore norueguês. A peça é poderosíssima, e a música é extraordinária, notabilizou *Peer Gynt* para sempre. Aos poucos Ibsen vai vivendo só de teatro. Ele tinha um grande concorrente na época, o Björnson – mais velho que Ibsen, que fazia grande sucesso. Ibsen vai se notabilizando como um autor capaz de competir com Björnson. Não tem muito apoio no início, não consegue apoio governamental, nem que o ajudem com as peças. Mas ele vai mais ou menos superando até que um dia vai embora, em decorrência de uma guerra.

Houve uma guerra entre a Dinamarca e a Prússia – a Guerra dos Ducados¹³, envolvendo os ducados de Schleswig-Holstein –, guerra terrível que fez com que a Dinamarca perdesse metade do território para a Prússia de então – que hoje é o Norte da Alemanha, tecnicamente falando, com capital em Berlim.

Henrik Ibsen vai embora para a Itália, para Roma, fica lá muitos anos e de-

1862. Em 1863 o teatro foi incorporado ao Teatro Cristiânia. Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Christiania_Norwegian_Theatre. Acesso em 21/07/2015.

13 Nota da revisora de transcrição: A Guerra dos Ducados do Elba começou em 1864. A Dinamarca, de um lado, e a Liga Alemã (Prússia e o império austríaco), de outro, queriam o controle dos ducados de Schleswig-Holstein. Schleswig Setentrional voltou à Dinamarca após a I Guerra Mundial.

pois vai para Munique, onde se torna uma celebridade. Durante essa fase de exílio autoimposto ele produz as obras que ficaram famosas. Já havia feito um teatro de grande qualidade antes, um teatro que se tende a chamar de teatro romântico porque tinha temas tipicamente do século XIX, como o nacionalismo.

Vejam, todos os nacionalismos nascem no século XIX. Wagner é um compositor do século XIX. Então se tem alguém que vai fazer a recuperação da mitologia nórdica, vai ressuscitar as lendas dos Nibelungos, todo aquele folclore germânico que daria origem a uma base de referência para que a Alemanha passasse a existir como estado moderno no final do século XIX, este é o Wagner. É nesse espírito que Ibsen escreve *Peer Gynt* antes de ir para a Itália.

Fora da Noruega, Ibsen se torna uma celebridade. Ele mora em Munique durante dez anos e vai todos os dias ao Café Maximilian, onde fica sentado no mesmo lugar, lendo todos os jornais disponíveis. Ibsen não lia livros – sua biblioteca era ridiculamente pequena –, mas lia todos os jornais que conseguia. Passava o dia inteiro lendo jornal e todo o mundo ia até o Café Maximilian para vê-lo, porque Ibsen tinha escrito oito dramas moderníssimos que aparentemente lidavam com os assuntos mais candentes do século XX, como a libertação das mulheres, o feminismo, o problema da ecologia. Então no século XX Ibsen fez um sucesso medonho no mundo inteiro; parecia aos olhos de todos que ele era um precursor dessas coisas todas. Dá-se a ele o título de *Pai do Teatro Moderno* por causa disso. Mas há que se tomar um cuidado imenso com o autor, porque ele engana. Na verdade, ele está querendo enganar você, não se deve comprá-lo pelo seu valor de face.

Ibsen era aquele sujeito revolucionário que fazia as peças que a modernidade queria ver – abordavam os assuntos da mulher, das doenças venéreas (como em *Espectros*, por exemplo) e etc, e etc, o que dava a Ibsen uma conotação modernista. Quando alguns anos antes de morrer ele foi embora de Munique e voltou para a Noruega, o dono do Café Maximilian contratou um sósia que ficou lá mais cinco anos fingindo ser o Ibsen – tal era a demanda de admiradores. Era o jeito de o pessoal aparecer lá no café. Ficava lá um sujeito num canto, como se fosse um deus, lendo *A Gazeta do Povo*¹⁴. Como ninguém ia falar com ele, porque não se podia atrapalhar o grande dramaturgo, bastava ter lá um sósia, uma pessoa que fosse parecida com Ibsen.

Ele escreveu uma quantidade tão extraordinária de peças que é possível que seja o maior dramaturgo moderno, considerando a Revolução Francesa para cá – vejam que aí a concorrência é séria. Mas ele é muito melhor que George Bernard Shaw, ele é maior do que August Strindberg, que é o melhor de todos os dramaturgos suecos, ele é maior do que Pirandello – embora Pirandello seja um gênio.

Ibsen morre sob o signo do espanto. É um homem que morre em 1906 cuja obra, ainda do século XIX, havia lidado com todos os temas que fariam parte da agenda do debate social do século XX. Por isso que quando se lê Ibsen com pouca atenção e profundidade (o que acontece frequentemente com o livro *A Casa das Bonecas*), acredita-se à primeira vista que se trata de uma espécie de escritor social, que está estabelecendo uma agenda de reivindicações sociais, entre elas a da libertação das mulheres (como no caso do episódio da vida de Nora, a principal personagem da história). Mas quando

14 Nota da revisora de transcrição: A Gazeta do Povo é o jornal mais tradicional de Curitiba e o mais antigo em circulação no Paraná (desde 1919).

você olha para Ibsen com um pouco mais de profundidade, você percebe que há muito mais coisas sob essa aparência que se possa imaginar.

A peça escolhida para ser lida aqui, de acordo com Otto Maria Carpeaux, é a mais profunda de Ibsen. É uma peça terrível, muito dura de se lidar. Terrível em termos emocionais. É muito cruel, muito dolorosa e tem um grau de competência teatral como poucas vezes você terá visto na vida. É absolutamente emocionante. Faz parte daquelas peças de conotação social.

Dizem, de modo geral, que Ibsen tem duas fases. A fase romântica ainda na Noruega, antes de ele viajar, que acaba mais ou menos com *Peer Gynt*, e a fase realista. Obviamente é uma questão que se atribui a Ibsen, porque ele mesmo não disse isso. Aliás, ele manda ler a obra na sequência rigorosa, da primeira à última. Ele acha que a obra só pode ser compreendida do começo ao fim. Para os brasileiros isso é difícil, porque tirando *A Casa de Bonecas*, só temos seis traduções, que são um terço, ou um quarto da obra. Então é difícil ler Ibsen, a não ser que você tenha alguma capacidade de ler língua estrangeira - em espanhol já tem a obra completa.

É um absurdo, sobretudo porque é um autor que estava em voga há trinta anos. Todo o mundo era entendido em Ibsen, todo o mundo ia assistir *A Casa de Bonecas*. A Tônia Carrero fez o papel de Nora durante anos. Era um autor muito vistoso publicamente, apesar de não ser mais contemporâneo.

Otto Maria Carpeaux diz que *O Pato Selvagem* (*Vildanen*), que estreou em 11 de novembro de 1884, é a peça mais profunda do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen e que a caracterização das personagens “atinge alturas shakespearianas”.

PROF. MONIR: Vai aí enorme exagero, porque não se pode comparar Shakespeare com Ibsen. Shakespeare é de um tempo em que a linguagem simbólica era muito mais forte – é um autor metafísico. Mas não é o caso de Pirandello, não é o caso de Ibsen, não é o caso de Strindberg, de nenhum desses grandes dramaturgos modernos. Portanto Ibsen não tem comparabilidade com Shakespeare – o grau de profundidade é muito diferente.

Pode parecer exagerado, mas este elogio, vindo de quem vem, não é de se desprezar; de fato, *O Pato Selvagem* é uma peça extraordinária e perturbadora como poucas. O drama pertence à série “realista”, que começa com *Os Pilares da Sociedade* (*Samfundet Stotter*), em 1877. Uma das oito peças que notabilizariam Ibsen por seu “modernismo”, *O Pato Selvagem* é na verdade, obra de profunda autocrítica, como aliás todas as outras em que o autor parece estar exigindo moralidade.

PROF. MONIR: Toda vez que você vê o Ibsen remetendo a alguma causa social, a primeira pergunta a se fazer é a seguinte: “De que aspecto da própria vida Ibsen está falando?” Embora pareça ser um autor pedagógico que tem por objetivo ensinar a sociedade sobre coisas ligadas à moral, Ibsen está sempre tendo uma atitude pessoal. Vocês se lembram do Dr. Stockmann, de *O Inimigo do Povo*? Nós aqui acabamos concluindo que o Dr. Stockmann tinha problemas muito graves que advinham daquela atitude moralista que

tinha na defesa da limpeza das águas da estância onde ele morava. A chave do enigma é esta: nunca julgar que Ibsen possa estar fazendo campanhas sociais como faria um autor propagandista moderno, como Brecht, por exemplo. Brecht é um panfletário; Ibsen não é de modo nenhum panfletário – embora muitas vezes pareça que ele está fazendo isso. Ele faz isso para tapar você, porque é um dramaturgo de primeira e sabe conduzir a situação para onde bem entende. Mas há uma prova de que ele não é assim. Aí está escrita a confissão de Ibsen:

Num dos seus poemas, Ibsen teria entregado a chave do enigma:

AT LEVE ER KRIG MED TROLTE

I HJERTETS OG HJERNENS HVÄLV;

AT DIGTE – DET ER AT HOLDE

*DOMMEDAG OVER SIG SELV*¹⁵

PROF. MONIR: Ibsen fez um pouquinho de poesia; a poesia não é grande coisa. Esses dois versinhos de Ibsen nos dão mais ou menos a ideia do que ele pensa sobre sua própria arte. Antes de ser panfletário, é alguém que está falando de alguma coisa mais profunda do que uma denúncia social. A *Casa de Bonecas* não é para denunciar a condição da mulher, de modo nenhum. Você tem sempre muito mais sob as aparências das coisas que Ibsen escreve – pelo menos nessas oito peças ditas realistas. As peças anteriores são peças históricas, o tipo de teatro com base folclórica que se escrevia no século XIX. A partir de *Os Pilares da Sociedade até Solness*, o Construtor tudo tem a aparência de denúncia social. Cuidem porque Ibsen não é isso de modo ne-

15 Nota do resumidor – Tradução de Otto Maria Carpeaux: “*Vida significa luta com os fantasmas no próprio cérebro e coração; poesia significa julgar-se a si mesmo.*”

nhum, apesar de que noventa e nove por cento de seus comentaristas irão achar que é isso porque não se deram o trabalho de ler direito o livro. Mas isso é comum, e esse problema não vamos resolver aqui.

O teatro de Ibsen é poderosíssimo. Carpeaux diz dele: *"Ibsen é um grande poeta"*.

PROF. MONIR: Poeta no sentido de que o teatro e a poesia sempre estiveram interligados durante a história da literatura; é só modernamente que se faz teatro em linguagem coloquial. Durante toda a história do teatro, até meados do século XX, o teatro era rimado como se fosse poesia. Shakespeare é rimado na maior parte do tempo. O teatro de Molière é completamente rimado. Quanto ao teatro moderno brasileiro, metade é rimado e metade não é. João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna são rimados. Nelson Rodrigues não, já fala coloquialmente. É claro que todo o teatro moderno muito recente, depois da II Guerra Mundial, usa linguagem coloquial, mas não era incomum naquela época chamar-se um dramaturgo de poeta. Fazia parte da fórmula.

"Além disso, é de uma habilidade teatral quase diabólica. Nem em Sófocles nem em Shakespeare há nada que se possa comparar à infalibilidade da composição dramática de Kongsemnerme (Os Pretendentes à Coroa) e Espectros".

PROF. MONIR: *Os Pretendentes à Coroa* é um livro anterior à fase realista.

O Pato Selvagem é, na verdade, uma tragédia, quase no sentido grego da palavra, construída a partir de elementos retirados da banalidade da existência. George Bernard Shaw considerou a peça *"uma tragédia profunda"* que, no entanto, pro-

duziu gargalhadas "*como se fosse uma comédia*". Rainer Maria Rilke disse da peça: "Alguma coisa grande, profunda, essencial".

A ação passa se possivelmente em Oslo,

PROF. MONIR: Embora seja uma suposição, não há indicação disso.

na casa de um burguês endinheirado, que dá uma festa em homenagem a seu filho Gregers, que voltava das usinas da família em Heydal.

PROF. MONIR: As personagens principais desta história são Gregers e seu amigo Hjalmar, além do pato. A história é assim: João Werle é um capitalista industrial que tem aparentemente um único filho chamado Gregers que está exilado, não no sentido negativo da palavra, mas cuidando de umas usinas em Heidel, uma cidade ao norte de Oslo, naquela época Cristiânia. Gregers volta para casa, tendo passado dezessete anos sem aparecer, cuidando dos negócios da família. Ele tem um amigo de infância chamado Hjalmar, a quem aconteceu uma desventura muito grande ligada ao pai, que havia sido sócio do velho Werle. Hjalmar, que está numa condição social inferior, é convidado para a festa de recepção de Gregers.

Primeiro Ato

Estamos possivelmente em Cristiânia¹⁶, na residência abastada do industrial João Werle. Da sala de jantar ouvem se conversas e risos. No gabinete de trabalho do senhor Werle, dois criados, Petersen e Jensen, comentam a movimentação

16 Nota do resumidor – Cristiânia é o nome antigo de Oslo.

ção na casa: “Ouviste, Jensen? Não é que o velho fez um discurso em honra à senhora Soerby?”¹⁷

O jantar era em homenagem a Gregers Werle, filho do industrial, que havia chegado no dia anterior das usinas de Heydal. Outro criado entra na sala anunciando a chegada de um visitante. Era o senhor Ekdal, trajando uma “*sobrecasaca surrada, de gola alta*” e trazendo sob o braço um pacote de papel cinzento.

PROF. MONIR: O velho Ekdal é pai de Hjalmar, que estava na festa. Esse velhinho havia sido sócio do Sr. Werle há uns dezesseis anos. Agora ele humildemente presta serviços ao antigo sócio e entrou na casa pela porta dos fundos para apanhar um material que copiava. Na época só havia a cópia manual.

O velho pede a Petersen para ir aos escritórios conversar com o tesoureiro Graberg, apesar de o expediente do escritório já ter sido encerrado havia mais de uma hora. O criado concede, mas adverte o a sair pela outra porta, “*porque temos visitas*”.

PROF. MONIR: Ele é tratado como uma pessoa subalterna.

Depois que o velho passa, os mordomos comentam:

JENSEN

É um empregado dos escritórios?

17 Nota do resumidor – Em norueguês Sörby.

PETERSEN

Não. Dão-lhe coisas para copiar quando há pressa. Mas no seu tempo, podes crer, era um notável tipo, o velho Ekdal.

JENSEN

De fato parece ter sido alguém.

PETERSEN

Se não era! Era tenente!

JENSEN

Ora essa! Ele foi tenente?

PETERSEN

Foi. Mas, depois disso, quis negociar em madeiras ou coisa que o valha. Foi então que, segundo dizem, ele pregou uma formidável peça no patrão. Compreendes, não? Eles foram sócios na exploração de Heydal. Ah! Conheço bem o velho Ekdal. Temos tomado mais de um bitter e mais de um chope, juntos, em casa da Senhora Eriksen¹⁸.

PROF. MONIR: Pelo que tudo indica, essa exploração em Heydal é de madeira. Esses países nórdicos têm uma quantidade tão estúpida de madeira, que apesar de que a árvore lá demora trinta anos para crescer contra sete anos aqui – aqui o pinus, o eucalipto crescem a ponto de corte em sete anos – apesar dessa diferença incrível de tempo de maturação, com as técnicas de manejo, tirando as árvores que já estão plantadas com cuidados, eles conseguem produzir papel mais barato do que o Brasil. Esses países são uma floresta, tirando a Finlândia,

18 Nota do resumidor – Trata-se de uma casa noturna local.

que tem muitos lagos. A Suécia é mais importante do que o Brasil na produção de papel e celulose. Antes de nossas duas maiores empresas, a Kablin e a Suzano, há vinte empresas maiores no mundo e a maioria está no Canadá, Estados Unidos e nos países nórdicos - a Stora, por exemplo. São florestas incrivelmente ricas, essas dos países nórdicos.

JENSEN

O pobre não deve ter muitas vezes com que convidar...

PETERSEN

Bem... Está claro, Jensen, que sou eu quem paga. Acho que a gente deve ser gentil com um homem de qualidade que teve as suas desgraças.

JENSEN

Abriu falência, não é?

PETERSEN

Pior do que isso: estive na cadeia.

JENSEN

Na cadeia?

PETERSEN

Em resumo: estive preso. (Aguçando o ouvido.) Estão se levantando. (págs. 167-168)

PROF. MONIR: Aí vocês já têm uma grande informação sobre a história. O velho Ekdal, pai de Hjalmar, havia sido sócio do velho Werle, pai de Gregers, num empreendimento que por alguma razão foi considerado ilegal e aí quem acabou indo preso foi o Ekdal, e não o Werle. Esse velhinho teve a sua vida destruída com isso e agora presta serviços para seu antigo sócio, fazendo cópias de documentos (provavelmente contábeis) quando é preciso aumentar a capacidade de trabalho no escritório.

Entra no escritório a senhora Berta Soerby com dois senhores. Aos poucos aparecem os convidados. Por último entram os Werles e o fotógrafo Hjalmar Ekdal. O café seria servido na sala da música. O velho Werle comenta com o filho, Gregers, que eles haviam sido treze na mesa, quando normalmente o grupo era de doze pessoas.

HJALMAR (que ouviu as últimas palavras de Werle)

Não me devias ter mandado esse convite, Gregers.

GREGERS

Como? Então dizem que a festa é em minha honra e eu não teria o direito de convidar o meu velho amigo?

HJALMAR

Não creio ter causado grande prazer ao teu pai: nunca venho por aqui.

GREGERS

Sei disso. Mas fiz questão de te ver e de te falar porque, com certeza, em breve me irei e voltarei para lá. Pois é! Hjalmar, nós nos perdemos de vista desde a escola. Já lá vão dezesseis ou dezessete anos que não te vejo. (pág. 169)

Pondo o amigo em dia, Hjalmar diz que *"tudo se esboroou para (ele) e para os (seus) desde que deixaram de (se) ver"*. Dá como exemplo o caso do pai dele que mora em sua casa: *"Só tem a mim no mundo"*. Hjalmar lamenta se das *"ruínas acumuladas pelo desastre do pai. A vergonha e o opróbrio"*.

PROF. MONIR: Depois que o velho Ekdal sofre aquela condenação judicial, sai da prisão e vai morar com o filho, Hjalmar, que é fotógrafo.

Como não pôde continuar a estudar, Hjalmar havia se estabelecido como fotógrafo com ajuda do velho Werle, pai de Gregers, que lhe havia emprestado dinheiro. Gregers fica sabendo que Hjalmar havia casado com Gina Hansen. Como o velho Werle não havia comunicado o casamento de Hjalmar ao filho, Gregers estranha, porque Gina havia trabalhado na residência Werle. Curioso, Gregers quer saber como o amigo havia conhecido a moça:

PROF. MONIR: Gregers descobre que seu amigo de infância tinha virado fotógrafo ajudado com o dinheiro de seu pai. Descobre também que Gina, empregada da casa de seu pai, casou-se com o Hjalmar. Achou estranho que o pai nunca tivesse comunicado isso, já que a moça era da casa.

HJALMAR

De um modo muito simples: Gina tinha deixado a casa onde tudo estava em reviravolta... desde a doença de tua mãe, compreendes? Ela não podia mais aguentar. Despediu-se e retirou-se. Foi no ano que precedeu a morte de tua mãe... ou talvez, no mesmo ano.

PROF. MONIR: Portanto a morte da mãe de Hjalmar havia acontecido há uns quinze, dezesseis anos. Na verdade, Gregers não assistiu a muita coisa, porque já estava lá na usina.

GREGERS

Sim, foi no mesmo ano da morte de mamãe. Nessa época eu já estava na usina. Mas vamos, continua.

HJALMAR

Pois bem, Gina foi para a casa da mãe dela, uma mulher ativa e empreendedora, que tinha um pequeno restaurante. Ao lado, ela tinha um quarto para alugar, um lindo quarto, elegante e bem mobilado.

GREGERS

E, naturalmente, tiveste a sorte de ir morar nele.

HJALMAR

Sim. Um rapaz, uma rapariga... o amor vem depressa.

GREGERS *(Levantando-se e recomeçando a caminhar)*

Escuta: foi depois disso – depois do teu noivado – que me pai te aconselhou... enfim: foi então que resolveste ser fotógrafo?

HJALMAR

Justamente. Eu me quis criar uma situação e estabelecer-me o mais depressa possível. Eu e teu pai concordamos em que a fotografia era o que havia de mais fácil. Gina era da mesma opinião. Ah! é verdade! Havia ainda outro motivo; Gina tinha feito alguns estudos de retoque.

GREGERS

Era sopa no mel.

HJALMAR (*levantando-se, com ar satisfeito*)

Não é? Não achas, meu caro, que era uma linda combinação?

GREGERS

E é forçoso convir em que meu pai foi uma espécie de providência para ti.

HJALMAR (*comovido*)

Ele não abandonou o filho do velho amigo em apuros. É um nobre coração, podes crer.

PROF. MONIR: Gina e Hjalmar se casaram e o pai do Gregers emprestou dinheiro para eles montarem um atelier de fotografia – que naquela época era algo muito mais sofisticado. Hoje é um negócio meio em destruição, por causa da fotografia digital, que banalizou a fotografia. Até pouco tempo não era assim; era preciso contratar um fotógrafo para se tirar uma fotografia. Ninguém se metia a lidar com todos aqueles ajustes da máquina, era complicado – até inventarem a *Kodak Instamatic*. Daí melhorou muito, mas isto também não foi grande progresso em termos tecnológicos. Mas na época da história fotografia era um negócio *high-tech*, sofisticado. Pouca gente entendia disso.

Os convidados conversam sobre amenidades. Do escritório saem o tesoureiro Graberg e o velho Ekdal. "*Os risos e pilhérias cessam entre os convidados. Hjalmar estremece à vista do pai, descansa o copo, e vira se para a lareira*".

PROF. MONIR: Fez de conta que não viu o pai. Não é uma coisa feia? Quando entra o velho Ekdal com o tesoureiro há um constrangimento geral, porque afinal o velho Ekdal ficou marcado pelo episódio da condenação. E o próprio filho dele presente ali não se sente bem com a presença do pai.

O velho Ekdal e Graberg saem pela porta dos fundos. Hjalmar faz de conta que não havia visto o pai. Gregers se escandaliza.

GREGERS *(com emoção, com voz contida, a Hjalmar)*

Então era ele?

HJALMAR

Sim.

GREGERS

E, não obstante, tu o renegaste.

HJALMAR *(agitado, em voz baixa)*

Como poderia eu?...

GREGERS

Não renegar teu pai?

HJALMAR *(dolorosamente)*

Oh! se tu estivesses no meu lugar, tu...(pág. 174)

Gregers quer encontrar-se com Hjalmar mais tarde na casa dele, mas ele recusa: *“Não, não venha à minha casa. Minha casa é triste, Gregers, sobretudo depois de uma festa brilhante como esta”*. O jovem Ekdal parte sozinho.

Depois que Hjalmar sai, Gregers tem dura conversa com o pai.

GREGERS

Um momento, meu pai.

WERLE *(detendo se)*

Que há?

GREGERS

Eu queria falar-te.

WERLE

Não podes esperar que estejamos a sós?

GREGERS

Não, não posso. É possível que nunca mais estejamos a sós.

PROF. MONIR: Opa! Está aí o filho fazendo uma espécie de advertência ao pai, dizendo que alguma coisa de grave aconteceu com esta conversa entre Gregers e Hjalmar.

WERLE *(aproximando-se)*

Que queres dizer com isso?

(Durante a cena seguinte, ouve se ao longe o som de um piano).

GREGERS

Como puderam deixar essa família decair tão miseravelmente?

WERLE

É dos Ekdal de quem falas?

GREGERS

Sim, falo dos Ekdal. Houve, entretanto, uma época em que o tenente Ekdal esteve bem ligado a ti.

WERLE

Sim, infelizmente estava ligado a mim... estreitamente ligado. Com isso sofri bastante durante anos. Graças a ele, uma espécie de lama salpicou o meu nome.

GREGERS

Era realmente ele o único culpado?

WERLE

Que queres dizer?

GREGERS

Aquela grande operação, aquela compra de florestas, vocês afinal tinham feito juntos.

WERLE

Mas foi Ekdal quem desenhou o mapa do terreno... aquele mapa errado. Foi ele quem fez o corte ilegal nos terrenos do Estado. Sabes perfeitamente que era ele quem dirigia toda a exploração em cima. Quanto a mim, ignorava os empreendimentos do tenente Ekdal.

GREGERS

O tenente Ekdal provavelmente ignorava o alcance de seus empreendimentos.

WERLE

É bem possível. Mas um argumento sem réplica é que foi condenado e eu fui absolvido.

GREGERS

Sim. Eu sei perfeitamente que não havia provas.

WERLE

Uma absolvição é uma absolvição. Para que mexer nessas histórias que me embranqueceram os cabelos antes do tempo? (pág. 175)

PROF. MONIR: É uma conversa cheia de enigmas. Aparentemente houve uma polarização da culpa. O velho Ekdal e o Sr. Werle eram sócios, mas um só levou a culpa de tudo. Saímos deste trecho com a sensação de que o tenente Ekdal foi usado como bode expiatório, levando a culpa toda de algo que poderia ter responsabilidade mútua.

ALUNA: Parece que Ibsen já estava anunciando a tragédia quando ele coloca treze pessoas à mesa, como uma referência à Santa Ceia.

PROF. MONIR: É, o 13 não é um número que tenha uma simbologia profunda, mas ele frequentemente implica a ideia de azar na superstição popular. A simbologia do número 13 é muito pequena em relação aos outros números. Mas aqui há seguramente uma indicação de que alguma coisa está errada, a senhora tem razão.

O velho Werle insiste em que nada mais pode fazer e que, quando Ekdal havia saído da prisão, *“era um homem liquidado”*. Completa como para justificar-se: *“Arranjei para Ekdal trabalho de cópia no escritório e pago lhe muito mais do que o serviço vale”*.

PROF. MONIR: Como se ele tivesse querendo redimir alguma espécie de culpa por ter saído ileso enquanto o seu sócio acabou indo preso.

A cobrança do filho continua e progride para o casamento de Hjalmar com Gina Hansen.

WERLE (*com um sorriso irônico, porém frio*)

Eu não julgava que tu te interessavas particularmente pela nossa antiga criada.

GREGERS

E tinhas razão. Mas... (Baixa a voz.)... mas havia em casa alguém que se interessava muito especialmente por ela.

WERLE

Que queres dizer? Não é a mim a quem aludes?

GREGERS *(em voz baixa, mas com firmeza)*

Sim, é a ti.

PROF. MONIR: Pronto. Gregers primeiro acusa o pai de ter deixado o sócio se dar mal e agora o acusa de ter tido um caso com Gina, a mulher atual de Hjalmar.

WERLE

Tu ousas! Tu te permites! Esse ingrato, esse fotógrafo, como pode ele... como ousa ele, fazer semelhantes insinuações!

GREGERS

Hjalmar não me disse uma única palavra a respeito. Não creio que ele suspeite de alguma coisa.

WERLE

Mas então de onde te vem essa ideia? Quem te pode dizer semelhante loucura?

GREGERS

Foi a minha pobre, a minha infeliz mãe, na última vez que a vi. (págs. 176-177)

PROF. MONIR: Essa é uma das linhas-chaves da obra. Gregers faz uma insinuação muito clara de que a morte da mãe dele teria sido de alguma maneira causada pelo marido. Aqui há uma acusação de adultério. Gregers insinua que seu pai havia tido um caso com Gina, que na época deveria ser muito jovem, e de depois, para se livrar da moça, ter-lhe arrumado um casamento conveniente com Hjalmar, o filho de seu antigo sócio. Além disso, para

compensar o que havia feito, ele estava dando uma quantia de dinheiro excessivamente alta para o velho Ekdal por meio de um pretensioso serviço de cópia. Então Gregers, no mesmo dia da recepção em sua homenagem, está fazendo uma enorme denúncia contra o pai, que nasceu da interpretação do que estava acontecendo com a família de Hjalmar.

O velho acusa o filho de ter se entrincheirado lá em cima¹⁹, de se *"esfaltar como um simples empregado sem querer ganhar nem um vintém a mais que os ordenados comuns"* e propõe ao filho sociedade e uma troca de lugares: *"Tu poderias dirigir a casa de comércio, e eu iria estabelecer-me nas usinas"*. Gregers retruca que *"deve haver aí qualquer coisa escondida"*. O velho responde que estava só e precisava de mais companhia do filho. Gregers diz ao pai que não se oporia ao casamento dele com a Senhora Soerby. O pai agradece: *"É para mim um grande conforto saber que posso contar contigo nesse assunto"*. Gregers ironiza: *"Como seria lindo se pudessem dizer que, arrastado pela piedade filial, o filho voltara a casa para assistir às bodas do velho pai"*.

PROF. MONIR: Qual o principal sentimento que está organizando a vida emocional de Gregers com relação ao pai dele?

ALUNA: Mágoa.

PROF. MONIR: Tem uma mágoa aqui, que está associada a uma coisa muito antiga. Essa coisa muito antiga parece ser a morte da mãe.

¹⁹ Nota do resumidor – Nas usinas de Heydal.

WERLE

Gregers!... Ah! Vejo-o bem: não há ninguém no mundo a quem respeites menos do que a mim.

GREGERS (*baixinho*)

É que eu te vi de muito perto.

WERLE

*Tu me viste através dos olhos da tua mãe. (Abaixando um pouco a voz.)
Deverias lembrar-te que esses olhos viam às vezes um pouco turvo.*

PROF. MONIR: Durante toda a história existem metáforas com os olhos. Os olhos são a metáfora central da obra – mais importante que a metáfora do pato, é a metáfora dos olhos que reaparece o tempo todo.

GREGERS (*com voz trêmula*)

Compreendo a tua alusão. Mas sobre quem recai a responsabilidade dessa desgraçada fraqueza de minha mãe? Sobre ti e sobre todas essas... A última, era essa criatura com quem fizeste Hjalmar Ekdal casar se quando não quiseste mais saber dela... Oh!

PROF. MONIR: Aqui está o filho acusando o pai de ter tido vários casos com diversas moças e de que Gina foi apenas a última. E acusa claramente o pai de ter arrumado um casamento de conveniência para que Gina desaparecesse. Essa é a acusação que o filho faz ao pai.

WERLE (*dando de ombros*)

Parece-me estar ouvindo tua mãe.

GREGERS (*sem prestar lhe atenção às palavras*)

E eis essa natureza confiante, essa criança grande, emaranhada numa rede de perfídias, morando sob o mesmo teto que uma mulher dessa espécie, sem suspeitar que o seu lar, como ele o denomina, repousa numa mentira.

PROF. MONIR: Quem é esse? O Hjalmar.

GREGERS (*Dando um passo para o pai.*)

Tua existência, quando a considero, aparece me como um campo de carnificina, atravancado de cadáveres, a perder de vista.

PROF. MONIR: Vocês não acham que Gregers parece levar essas coisas um pouco a sério demais? Não sabemos ainda. Parece. É um começo muito doloroso. Na festa de homenagem à sua vinda, o filho faz estas acusações todas ao pai.

ALUNA: [*Pergunta se ele não estava agindo de acordo com a moral rígida da época.*]

PROF. MONIR: Certamente eram mais rígidos do que hoje, mas mesmo assim aqui há alguma hipérbole, uma espécie de exagero. Há um tipo humano que não admite nada que não seja certo, que tem uma exigência moral muito grande. Vocês verão que esse Gregers é mais ou menos assim, um tipo de militante moral.

WERLE

Vejo que há entre nós uma barreira intransponível.

GREGERS (*inclinando se com sangue frio*)

É também a minha opinião. Por isso pego o meu chapéu e vou me embora.

WERLE

Tu vais? Deixas a casa?

GREGERS

Sim. Por fim achei uma finalidade para a minha vida. (pág. 179)

PROF. MONIR: Essa é uma das frases-chaves da história: “*Achei uma finalidade para a minha vida*”. Qual é a finalidade da vida de um sujeito que é um militante moral? É tentar trazer a verdade à tona. Essa expressão “trazer a verdade à tona” é absolutamente adequada para essa história por causa da história do pato, que vocês verão em seguida.

Segundo Ato

A cena muda para o ateliê de fotografia de Hjalmar Ekdal. Gina Ekdal e a filha do casal, Hedvig, uma menina de treze anos, estão sentadas. A mãe costurando e a filha lendo.

Gina censura a filha por estar lendo à noite.

PROF. MONIR: Porque a menina tem um problema de vista. Aí a fraqueza da vista é a metáfora central da obra. A menina tem uma doença, enxerga mal,

e não devia estar forçando a vista. Imaginem que a leitura noturna era muito mais difícil do que hoje em dia, provavelmente nem havia luz elétrica.

Conversam sobre as despesas da casa. Hedvig aguarda ansiosamente o pai que havia prometido pedir à Senhora Berta Soerby “*alguma coisa boa*” para ela. Chega o velho Ekdal trazendo os novos documentos para copiar. Abre a porta do sótão e “*constata que estavam dormindo todos juntos*”.

PROF. MONIR: Quem? Não sabemos ainda. Daqui a pouco vocês descobrem.

O velho Ekdal, sem cear, vai para seu quarto e pede para não ser interrompido. Gina, desconfiada de que ele iria beber, pergunta a Hedvig: “*Explica me, se pudes, onde ele arranhou dinheiro.*”²⁰ Chega Hjalmar e quer falar com seu pai. Gina tenta impedi-lo, dizendo que aquela noite ele não queria ver ninguém, mas o velho tenente, vestido com o *robe de chambre*, sai do quarto fumando cachimbo e pedindo informações sobre a festa. Quando Hjalmar descreve os presentes, o velho ouve e depois, meneando a cabeça, comenta: “*Está ouvindo, Gina! Ele esteve numa reunião onde só havia camaristas, ninguém mais, a não ser camaristas*”.

PROF. MONIR: Camaristas são vereadores, *stricto sensu*. *Lato sensu*, são políticos em geral (pessoas da Câmara). Não confundir (ou confundir) com camarilha.

20 Nota do resumidor – Na verdade, a Senhora Soerby, na saída, havia dado ao velho uma garrafa de conhaque. Todo o dinheiro que o velho ganhava era entregue diretamente para Gina.

Hjalmar tira o fraque. Hedvig cobra “as coisas boas” que o pai havia prometido trazer, mas ele havia esquecido e tenta consertar:

PROF. MONIR: Puxa vida, a menina estava esperando que o pai trouxesse da festa uma comida gostosa para ela. Olha só como ele vai consertar isso:

HJALMAR

Palavra! Esqueci me! Mas espera um pouco. Tenho aqui outra coisa para te dar, Hedvig. (Ele pega a casaca e procura nos bolsos.)

HEDVIG *(soltando e batendo com as mãos)*

Oh! Mamãe, mamãe!

HJALMAR *(puxando uma folha de papel)*

Toma, aqui está.

HEDVIG

Isso? É só uma folha de papel...

HJALMAR

É um cardápio, pequena. O cardápio do jantar. Olha: está escrito.

PROF. MONIR: É boa a solução? *[Risos.]*

HEDVIG

Só tens isto?

HJALMAR

Pois eu não te disse que me esqueci! Todas essas gulodices são um divertimento tolo. Senta te aí e lê o cardápio. Dir-te-ei depois o gosto dos pratos. Então, Hedvig!

HEDVIG *(engolindo as lágrimas)*

Obrigada. (pág. 185)

PROF. MONIR: Coitada da menina, né?

O velho Ekdal volta para o seu quarto. Seu filho comenta: “*Pobre velho náufrago!*” O casal lamenta os poucos negócios de fotografia e a dificuldade de alugar um quarto na sua residência.

PROF. MONIR: Na verdade já alugavam dois quartos em baixo para dois inquilinos. Tinham uma casa grande, mas precisavam alugar os quartos para levantar o dinheiro do mês.

A menina já está conformada em só ver o cardápio.

HEDVIG

Papai, não queres que eu te traga uma garrafa de cerveja?

HJALMAR

Não. Eu não preciso de nada (detendo-se). Cerveja? Cerveja, disseste?

HEDVIG *(solícita)*

Sim, papai, cerveja da boa, bem fresca.

HJALMAR

Já que fazes tanta questão, podes trazer uma garrafa de cerveja.

GINA

Sim, é isso. Vai buscar uma: vamos gozar um pouco a vida.

(Hedvig precipita-se para a porta da cozinha.)

HJALMAR *(junto à estufa, detém-na, olha-a, pega-lhe a cabeça, e apóia contra o peito.)*

Hedvig, Hedvig!

HEDVIG *(chorando de alegria)*

Papai querido!

HJALMAR

Não, não me chames assim. Eu me sentei à mesa desse rico, carregada de pratos deliciosos... e me deleitei com eles! Poderia pelo menos...

GINA *(sentada perto da mesa)*

Tolices, Ekdal, tolices.

HJALMAR

Oh! Não! Mas não me queiram mal por isso. Vocês bem sabem quanto as quero.

HEDVIG (*pondo-lhe as mãos à roda do pescoço*)

E nós, papai, nós te adoramos! (pág. 186)

Hjalmar toca flauta para a mulher e a filha. A família parece feliz, apesar das dificuldades.

PROF. MONIR: Não parece uma situação feliz, apesar das dificuldades? Os dois têm uma profissão moderna, trabalham bem, tem uma menina de treze anos, tem o velhinho que mora com eles, e eles vivem mais ou menos bem. Há uma certa felicidade nesta situação familiar, não parece uma situação ruim.

Soa a campainha. É Gregers Werle. Gina o reconhece imediatamente. (*"O Senhor Werle filho não é difícil de ser reconhecido."*) O rapaz comunica que havia deixado a casa de seu pai e havia ido para um hotel. O jovem Werle observa Hedvig, que vai buscar uma cerveja na cozinha. Os pais explicam ao visitante: Hedvig é *"nossa maior alegria neste mundo"* e também a *"fonte da maior preocupação"*.

GREGERS

Preocupação? Por quê?

HJALMAR

Ela corre perigo de perder a vista.

GREGERS

Ameaçada de ficar cega?

HJALMAR

Sim. Até agora só aparecem os primeiros sintomas. Isso pode durar algum tempo ainda. Mas fomos avisados pelo médico que é irremediável.

GREGERS

Que desgraça horrível! De onde lhe vem isso?

HJALMAR *(com um suspiro)*

Provavelmente é hereditário.

GREGERS *(impressionado)*

Hereditário?

GINA

A mãe de Ekdal tinha a vista fraca.

HJALMAR

É o que meu pai afirma. Quanto a mim, não me lembro nada dela.

GREGERS

Pobre criança! E como suporta ela isso?

HJALMAR

Como deves compreender, não temos coragem de lhe dizer tal coisa. Ela não suspeita o perigo. Entrará na noite eterna alegre e despreocupada, gorjeando, esvoaçando como um passarinho. (Em tom acabrunhado). Oh! Meu amigo, que tortura para mim! (págs. 187-188)

PROF. MONIR: Hedvig tem essa perspectiva triste de ficar cega através de uma doença degenerativa para a qual não há remédio. Ela não sabe disso.

Hedvig iria fazer catorze anos em dois dias.

GREGERS

Ela é bastante alta para a idade que tem.

GINA

Sim, ela cresceu muito o ano passado.

GREGERS

É ao ver as crianças crescerem assim que a gente percebe que envelhece. Há quanto tempo estão casados?

GINA

Estamos casados há... sim, há quase quinze anos.

GREGERS

Realmente, faz tanto tempo assim?

GINA (olhando o com mais atenção)

Certamente que sim.

HJALMAR

Com certeza, quinze anos, mês mais, mês menos. (pág. 188)

PROF. MONIR: Se a menina ia fazer quatorze anos em dois dias, ela teria nascido um pouco depois do casamento do Hjalmar e da Gina.

O velho Ekdal entra com o velho quepe de militar e encontra o filho do velho Werle, seu ex-sócio. Começam a trocar reminiscências sobre as caçadas de antanho. O velho tenente declara ter matado nove ursos. Continuam as lembranças e Gregers quer saber como o velho suporta a vida fora da floresta. O velho Ekdal quer lhe mostrar alguma coisa:

GREGERS

Mas... E todas as condições a que o senhor estava acostumado lá em cima? O ar fresco e vivificante, a vida livre das florestas e dos grandes planaltos, a caça de pena e de pelo?

EKDAL (*sorrindo*)

Que dizes, Hjalmar, queres que lhe mostremos?...

HJALMAR (*com vivacidade e um pouco embaraçado*)

Não, não, pai. Hoje não.

GREGERS

Que é que ele quer me mostrar?

HJALMAR

Ora, nada. Verás isso outra vez. (págs. 189-190)

Hjalmar convida Ekdal para voltar com ele à usina. O velho insiste com o filho: "Hjalmar, temos que lhe mostrar".

PROF. MONIR: Há um mistério nesta história, que está prestes a ser desvendado, relacionado àquela história de estarem todos dormindo juntos e agora a insistência do velho Ekdal em mostrar à visita alguma coisa na casa.

Finalmente decidido, o grupo, menos Gina, desloca-se para o sótão, onde o luar atravessa as claraboias. No sótão há galinhas, pombos e coelhos. Num canto, um *“cesto cheio de pasto”*, dentro do qual Gregers pensa ter reconhecido um *“pássaro”*.

EKDAL

Hum!... “Um pássaro!”

GREGERS

É um pato, não é?

EKDAL *(um tanto ofendido)*

Evidentemente, é um pato.

HJALMAR

Mas que qualidade de pato pensas tu que é?

HEDVIG

Não é um pato comum.

EKDAL

Cala a boca!

GREGERS

Não é um pato turco.

EKDAL

Não senhor Werle, não é um pato turco: é um pato selvagem, aí está.

GREGERS

Realmente? Um pato selvagem?

EKDAL

Sim, um pato selvagem. Esse “pássaro” como o senhor o chamou é um pato selvagem, ouviu? Nosso pato selvagem.

HEDVIG

Meu pato. Porque ele é meu.

GREGERS

E ele pode viver nessa mansarda? Ele se sente à vontade?

EKDAL

Claro! Tem uma tina cheia de água para se chafurdar nela!...

HJALMAR

E água fresca de dois em dois dias.

GINA (*dirigindo-se a Hjalmar*)

Ekdal, está começando a fazer um frio de rachar. (pág. 191)

PROF. MONIR: A Gina ficou lá embaixo, mas deixaram a porta aberta e passa o frio da mansarda; supõe-se que esta história se passe no outono, porque não há menção a neve. Acabam mostrando para Gregers um pato selvagem, que é uma coisa importante, por razões que vocês ainda irão entender. O pato mora no sótão juntamente com galinhas e coelhos. O velho caça no sótão para manter em dia suas habilidades de caça. Não deve ser um sótão muito grande, portanto deve ser fácil de acertar os bichinhos. No máximo eles podem se esconder atrás de um pilar daqueles.

O pato selvagem havia sido ferido numa asa por João Werle, durante uma caçada:

EKDAL

Seja como for, é a João Werle que nós devemos, Gina. (À Gregers.) Ele estava caçando num barco, compreende? Atirou nele... Mas o seu pai enxerga tão mal... Só pôde estropiá-lo.

PROF. MONIR: Mais uma metáfora de visão: o Sr. Werle enxerga mal.

GREGERS

Alguns chumbos no corpo.

HEDVIG

Ele ficou ferido embaixo da asa, de modo que não podia mais voar.

GREGERS

Foi ao fundo, naturalmente.

EKDAL *(meio adormecido, com a boca pastosa)*

Naturalmente. Os patos selvagens sempre fazem assim. Vão ao fundo tanto quanto podem, seguram-se com o bico nas ervas marinhas e nos juncos e em todas as sujeiras que acham lá embaixo... e nunca mais sobem.

PROF. MONIR: Entenderam isso? O pato, quando está se sentindo em perigo, mergulha, vai até o fundo da água, agarra-se com o bico num mato qualquer e fica lá embaixo segurando a respiração, esperando que aquela ameaça na superfície suma. É uma técnica característica dos patos selvagens. O pato selvagem tomou esta atitude defensiva quando foi atingido pelo velho Werle.

GREGERS

Mas, tenente, o seu pato selvagem, esse subiu.

EKDAL

Foi porque o seu pai tinha um bom cão. Ele mergulhou e trouxe o pato.

GREGERS *(a Hjalmar)*

Foi depois disso que o conseguiu?

HJALMAR

Não imediatamente: a princípio ele ficou em casa de teu pai. Mas não se dava bem lá. Então Petersen recebeu ordem de matá-lo...

EKDAL *(quase dormindo)*

Sim, sim... Petersen – aquele estrepe.

PROF. MONIR: Um estrepe é um traste, um importuno. Esta história do pato selvagem é a maior de todas as metáforas individuais da história. Nós vamos entender mais tarde.

HJALMAR (*baixando a voz*)

Como vês foi assim que ele veio ter aqui. Meu pai que conhece um pouco Petersen soube da coisa e arranjou-se de modo que ele nos cedesse o pato.

GREGERS

E agora ei-lo completamente feliz nesse sótão.

HJALMAR

Sim, meu caro, perfeitamente feliz. Engordou. É verdade de que está aí há tanto tempo que já esqueceu a vida selvagem. Isso é tudo o que se quer. (págs. 191-192)

Gregers prontifica-se a alugar o quarto vago na casa dos Ekdals. Hjalmar aceita “com prazer”, embora Gina o advirta de que o quarto é muito pequeno e inadequado. Além disso, lembra o rapaz de que embaixo moravam outros dois inquilinos, o candidato Molvik e o médico Relling. Este último Gregers diz conhecer: “Relling? Mas eu o conheço: foi, durante algum tempo, médico em Heydal”.

Gina diz tratar-se de um “par de farristas da pior espécie. Passam a vida na pân-dega, voltam muito tarde da noite, e, então, algumas vezes...” Gregers diz que não liga, fala mal de sua origem e diz que queria ser como o cão que busca o pato selvagem quando eles “mergulham até o fundo e enterram o bico na lama, agarrando-se aos sargaços”.

PROF. MONIR: Gregers, que tinha achado um objetivo para a vida dele, agora diz que quer ser o cão que vai buscar o pato lá escondido no fundo da água, nas profundezas onde o pato se sente seguro, e o puxa para a superfície. É esse o projeto do Gregers, ele acabou de se autodefinir.

Gregers parte para voltar de mudança no dia seguinte e a família cogita qual seria a reação do velho João Werle à hospedagem do filho ali e se o emprego do velho Ekdal poderia correr perigo. Levam o tenente para a cama com precaução.

Terceiro Ato

Hjalmar Ekdal trabalha no seu ateliê, retocando uma prova de fotografia. Gregers já havia chegado e, tentando aquecer o seu quarto, o havia enchido de fumaça. Tentando apagar o incêndio, tinha molhado o chão ao ponto de não poder usar o quarto antes da noite. O rapaz tinha ido dar um passeio. Era esperado para o almoço, juntamente com Relling e Molvik, os vizinhos “pândegos” de baixo. Hjalmar e seu pai vão cuidar de reparos no sótão. Hedvig retoca fotos no ateliê.

PROF. MONIR: Imaginem como eram as fotos naquela época. Eram todas retocadas, as fotos eram pintadas, os rostos ficavam rosados. Essa maneira de fotografar sumiu do mundo, não existe mais.

Chega Gregers e conversa com a menina. Ela conta não poder ir à escola por causa de seus olhos. Conta também que adora ler os livros deixados ali por um velho capitão (“o holandês voador”) que havia morado na casa.

PROF. MONIR: Hedvig gosta de ler, mas não tem olhos para ler. Ela não pode ler de noite, por exemplo.

Hedvig diz que o pato selvagem é seu, mas que deixa seu pai e avô pedirem emprestado *"todas as vezes que eles quiserem"*. A menina diz a Gregers que com o pato dá-se uma coisa extraordinária: *"ninguém conhece ele e ninguém sabe de onde ele veio"*.

PROF. MONIR: Essa linguagem popular está na própria tradução. Vejam que importante é essa frase. A menina diz que ninguém conhece o pato, que ninguém sabe de onde ele veio. No entanto ele é um pato amado – por ela, pelo menos. O pato era cuidado, porque não estava no rol de caça. Era uma espécie de hóspede ilustre na casa. E isso pareceu notável à menina.

Chega Gina e conversam sobre o ofício de fotógrafo. Ouvem-se tiros no sótão. Gregers aproxima-se da porta do sótão, Hjalmar aparece e explica que ele e seu pai estavam caçando os coelhos com uma pistola de cavalaria que mostra ao amigo, agora inquilino, e depois vai guardar com uma recomendação: *"Não mexas na pistola, Hedvig: não te esqueças de que um dos canos está carregado."* Gregers, da porta do sótão, observa o pato:

HEDVIG (*que se aproximou de Gregers*)

Agora, o senhor já pode ver o pato selvagem.

GREGERS

Já o estou vendo. Parece-me que ele arrasta a asa.

HJALMAR

Não é de admirar, porque ele foi ferido.

GREGERS

E, se não me engano, também a pata.

HJALMAR

É possível que ele arraste a pata um pouquinho.

HEDVIG

Foi nesta pata que o cão mordeu.

HJALMAR

A não ser isso, ele não tem nada. Na verdade é extraordinário, quando se pensa que ele recebeu uma carga de chumbo no corpo e que o cão o teve seguro nos dentes.

GREGERS (com um olhar para Hedvig)

E que ele esteve tanto tempo no fundo dos mares...

PROF. MONIR: É interessante que todas as indicações são de mar, e não de rio. Reparem que é o Gregers quem faz esse comentário muito sutil, dizendo que o pato esteve muito tempo escondido – o pato que Gregers caçou e está louco para tirar do fundo dos mares. Qual é o pato que Gregers quer trazer à luz, à superfície? A verdadeira história de como Gina se tornou mulher do Hjalmar.

A gente lendo assim é muito mais fácil de entender, não é? Mas numa peça de verdade, em que as coisas vão no tempo real, fica mais difícil. Ler teatro é muito mais fácil do que assistir teatro. Ionesco dizia que nunca ia ao teatro, apesar de ser um dos maiores teatrólogos do século XX.

HEDVIG (*sorrindo*)

Pois é.

GINA (*junto à mesa*)

Esse maldito pato! Não é por falar, mas ele nos traz atrapalhões. É um verdadeiro calvário. (págs. 201-202)

PROF. MONIR: E essa frase agora! Qual é a diferença entre a Gina e o Hjalmar com relação à situação verdadeira daquele matrimônio?

ALUNA: Ela sabe, ele não.

PROF. MONIR: Porque ela teria sido amante do patrão, ela teria entendido que aquele casamento era para resolver a situação dela. Por isto o que está escondido a incomoda de alguma maneira, mas incomoda por quê? Porque ela sente alguma culpa por isso.

Hjalmar conta a Gregers seus planos, por meio de uma invenção ligada à fotografia, para salvar a reputação do velho, "*coabrindo o nome do velho de glória e de honrarias*". Os amigos conversam.

GREGERS

É então esta a finalidade de tua existência?

HJALMAR

Quero salvar o naufrago! Sim, ele naufragou, apenas a tempestade se desencadeou sobre a sua cabeça. Desde que começaram aqueles terríveis inquéritos, ele se tornou outro homem. Vês aquela pistola que está ali, a

mesma com que matamos coelhos? Ela desempenhou um papel na tragédia da família Ekdal.

GREGERS

A pistola? Realmente?

HJALMAR

Quando a sentença foi proferida, quando ele ia ser levado para a prisão, pegou da pistola...

GREGERS

Queria?...

HJALMAR

Sim, mas não teve coragem. Foi covarde. A sua alma já estava enfraquecida, desvairada. Compreendes isso, não? Ele, um militar, um homem que matara nove ursos, descendente de dois tenentes coronéis... sim... um depois do outro, naturalmente... compreendes isso, Gregers?

GREGERS

Compreendo perfeitamente.

HJALMAR

Pois, eu não. E aí intervém a pistola outra vez na história da nossa família. Quando lhe vestiram a roupa parda, e o encarceraram... oh! que época pavorosa para mim!... Os estores das minhas duas janelas estavam abaixados.

PROF. MONIR: “Estores” são cortinas que levantam e abaixam.

Ao olhar para fora eu via o sol brilhar como de costume. Não compreendia mais nada. Via as pessoas na rua rirem e conversarem de coisas indiferentes. Não compreendia mais nada. Parecia-me que tudo o que existe deveria parar como durante um eclipse. (pág. 203)

Hjalmar confessa que havia pensado em suicídio quando da condenação do pai, mas havia desistido: “No momento decisivo, triunfei sobre mim mesmo. Continuei a viver. Mas, acredite me: é preciso ter coragem para escolher a vida nessas circunstâncias”. Gregers analisa o amigo:

GREGERS

Sabes, meu caro Hjalmar, que, a meu ver, há em ti qualquer coisa do pato selvagem?

PROF. MONIR: Está aí o Gregers fazendo uma análise psicológica do seu amigo Hjalmar, dizendo que ele tem alguma coisa do pato selvagem. Neste sentido, o pato selvagem está relacionado ao ato de esconder alguém, à ideia de criar um segredo.

HJALMAR

Do pato selvagem? Que queres dizer com isso?

GREGERS

Tu mergulhaste até o fundo e te seguras nos sargaços.

PROF. MONIR: Qual é o sentido desta frase aqui?: “Tu vives na mentira”. Do mesmo modo que o pato vive aquela situação artificial de se esconder na profundidade do mar para esperar que seus inimigos desapareçam, Hjalmar também viveria escondido da verdade que Gregers decidiu botar a limpo. Hjalmar é o pato escondido, agarrado no mato para ver se consegue sobreviver e Gregers é o cachorro que vai arrancá-lo do esconderijo à força.

ALUNO: Esse mar aqui não tem a ver com caos, não?

PROF. MONIR: É muito difícil, porque a simbologia dessas peças modernas é muito rasa. As peças de Shakespeare nos levam a alturas irrespiráveis. Aqui você não tem essa mesma possibilidade. Embora Ibsen seja um dos dramaturgos modernos que chegou mais próximo da tragédia no sentido antigo da palavra, não me parece que exista aqui com clareza esta simbologia. Até cogitei, mas não encontrei muita força nisso não.

HJALMAR

Estás pensando talvez, nesse golpe quase mortal que nos feriu na asa, a meu pai e a mim?

GREGERS

Não é exatamente isso. Não quero dizer que tivesses ficado estropiado. Mas caíste num charco envenenado, Hjalmar; contraíste uma doença latente e mergulhaste para morrer na obscuridade.

PROF. MONIR: Olha que coisa terrível para se dizer para o outro. A conversa do Gregers é uma conversa de militante moral, aqueles sujeitos que fazem

discurso nas praças contra a imoralidade do mundo, pastores protestantes gritando contra os pecadores... é um discurso dessa natureza.

HJALMAR

Morrer na obscuridade! Eu? Ora, Gregers, não me digas um absurdo desse!

GREGERS

Acalma-te. Eu saberei te pescar de novo, porque, desde ontem, tenho, eu também, uma finalidade na existência.

PROF. MONIR: Está aqui confirmado que o Gregers resolveu salvar a existência do Hjalmar. Ele decidiu que pela ação restauradora da verdade ele iria salvar o amigo, prisioneiro numa espécie de mar de mentiras. Gregers, como bom cão caçador de patos, vai arrancar o sujeito lá de baixo. Esta é a visão do Gregers. Todo o mundo que lê Ibsen vê o Ibsen como se fosse o Gregers, porque as pessoas não prestam atenção no que leem e não entendem, tomando a obra pelo valor de face. No teatro, você não tem tempo para prestar atenção, pois a peça vai andando e você não pode mandar o ator voltar um pouco porque não entendeu um trecho. Você se contenta com o que tem. Quando você sai do teatro, você pensa: “Olha, se houvessem mais Gregers nesse mundo, ele seria melhor, porque ninguém é tão importante quanto um sujeito como esse, cuja vida é voltada para caçar a mentira”. Ele tem um potencial de convencimento enorme. Um leitor ou ouvinte comum fica altamente convencido pelo Gregers. Reparem como ele vai melhorar o seu desempenho mais ainda.

HJALMAR

É bem possível. Mas eu te peço que me deixes fora de tudo isso. Posso assegurar-te que, à parte uma melancolia muito natural, eu me sinto tão bem quanto se possa desejar.

PROF. MONIR: O Hjalmar está dizendo que está bem assim.

GREGERS

É ainda um efeito do veneno. (pág. 204)

PROF. MONIR: Estão vendo? Gregers diz ao amigo que sentir-se bem é um problema da própria doença, que é um defeito. Que ali é que está o problema.

Servido o almoço, chegam Relling e Molvik, que veste preto. Relling reconhece Gregers Werle e comenta: *“Ora essa, é o senhor Werle filho! Sim, nós nos engalfinhamos lá em cima em Heydal. E o senhor veio instalar-se aqui?”*

PROF. MONIR: Ficamos sabendo agora que entre Relling e Gregers já havia uma bronca antiga e por coincidência se encontraram novamente.

Relling conta que Molvik havia bebido de novo. À mesa, Relling faz provocações a Gregers. Chega o velho Ekdal trazendo a pele de um coelho que havia matado no sótão. *“Bom dia, senhores. Boa caça hoje. Matei um grande.”*

PROF. MONIR: O velho Ekdal veio do sótão e fala com os presentes como se tivesse vindo de uma caçada no campo. Ele matara um coelho no sótão.

Passa pelo grupo e vai para seu quarto. Hjalmar diz estar feliz com aquele momento à mesa, mas Gregers Werle não está nada feliz.

GREGERS

Quanto a mim, não gosto de respirar o ar dos pântanos.

RELLING

Dos pântanos?

HJALMAR

Já vais recomençar!

PROF. MONIR: Vejam que coisa mais indelicada. Dizer na frente da dona da casa: “Eu estou com horror deste cheiro de pântano que tem aqui”. Não é coisa que se diga, mas militantes moralistas não têm constrangimentos dessa espécie, porque para eles a educação é apenas um verniz social.

ALUNO: *[Comenta que o velho Ekdal está sempre passando por algum lugar, chegando de algum lugar, como um estrangeiro.]*

PROF. MONIR: É. Ele mora com o filho, fica no seu quarto a maior parte do tempo, quando não está indo para o sótão caçar coelhos, ou vai até a casa do velho Werle apanhar material para cópia... Ele é um pouco móvel, é verdade. Mas não sei se há algum significado.

GINA

Eu lhe juro, senhor Werle, que aqui em casa não há maus ares, porque arejo o apartamento todos os dias que Deus dá.

PROF. MONIR: É, dona da casa ofendida, não é?

GREGERS (*levantando se da mesa*)

O mau cheiro a que eu me refiro vocês nunca o conseguirão expulsar.

HJALMAR

O mau cheiro!

GINA

Sim? O que dizes a isto, Ekdal?

RELLING

Desculpe, mas não será por acaso você quem traz esse mau cheiro, lá de cima das usinas?

PROF. MONIR: Relling já bota Gregers no seu lugar.

GREGERS

É bem coisa sua, isso de chamar mau cheiro ao que eu trago para esta casa.
(*pág. 207*)

PROF. MONIR: Novamente Gregers está incomodadíssimo com a situação que está vivendo. Porque ele está vendo aquele almoço feliz, e achando que aquela felicidade é baseada numa trama da qual aquela gente não faz a menor ideia.

As ironias de Relling e Gregers recomeçam e uma discussão se inicia envolvendo todos, menos Hedvig. Batem à porta da entrada. “O senhor Werle entra e dá um

passo no quarto. Está com um casaco de peles." Comunica ter vindo falar com o filho. Pai e filho são deixados sozinhos e começam a conversar:

WERLE

Ontem à noite deixaste escapar algumas insinuações. E, como vieste instalar se em casa dos Ekdal, sou tentado a crer que tens algum mau desígnio a meu respeito.

GREGERS

O desígnio que tenho é o de abrir os olhos de Hjalmar Ekdal! É preciso que ele veja a sua situação tal qual ela é!... Eis tudo.

PROF. MONIR: Estão vendo o militante moral? Ele só tem esse objetivo na vida. Fazer com que o outro saiba da verdade, de toda a verdade em torno da qual a vida do outro está baseada. Ou seja, contra a qual, sem a qual a vida do outro não está baseada. Vocês têm simpatia pelo Gregers? Ele é uma pessoa positiva?

ALUNO: Um importuno.

PROF. MONIR: Vamos ver o que acontece.

WERLE

É essa a finalidade de existência da qual falavas ontem?

GREGERS

Sim. É a única que me deixaste. (pág. 208)

PROF. MONIR: Olhem aí. É a única que VOCÊ me deixou. Esta frasezinha é a frase central da obra.

Gregers começa a acusar o pai, dizendo que deveria ter agido contra ele, *"quando armaram aquela armadilha contra o tenente Ekdal"*, mas que não havia feito por medo.

PROF. MONIR: Temos certeza de que foi uma armadilha? Não sabemos exatamente, porque o autor nos deixa na dúvida sobre o fato que gerou a prisão do velho Ekdal, mas o jovem transformou isso num fato indiscutível. Ele acha que o pai prejudicou Ekdal de propósito.

O jovem lamenta: *"O mal que eu e outros fizemos ao velho Ekdal é irreparável. No que diz respeito a Hjalmar porém eu o posso salvar da mentira e da dissimulação em que ele está envolvido"*. O pai o desafia:

WERLE

Acreditas que isso seja uma boa ação?

GREGERS

É a minha firme convicção.

PROF. MONIR: Esta é a pergunta que eu farei para vocês um minuto depois de terminada a leitura, se vocês acham que o que o Gregers está fazendo é uma boa ação. Porque essa é a questão central desta história, que é uma história sobre consciência moral, que debate o problema da decisão moral. Todos que estão aqui já passaram por essa decisão em sua existência, muitas

vezes. Será que Gregers deveria ou não contar a Hjalmar qual a verdadeira história sobre seu status?

WERLE

Julgas, talvez, que o fotógrafo Ekdal é homem para te agradecer essa prova de amizade?

GREGERS

Sim, creio.

WERLE

É o que veremos.

GREGERS

E além disso... se devo suportar a vida, é preciso que eu encontre um remédio para a minha consciência doente.

PROF. MONIR: Opa, mais uma frase-chave. Gregers está dizendo que para poder continuar vivo precisa encontrar uma solução **para a sua própria consciência doente.**

ALUNO: Ele sabe de coisas; ele não está supondo, ele está sabendo.

PROF. MONIR: Ele supõe que sabe. Agora exatamente quanto ele sabe, nós não sabemos.

WERLE

Ela jamais se curará. Tens a consciência doente desde a infância. Herdaste isto de tua mãe, Gregers: aliás, é a única herança que ela te deixou.

PROF. MONIR: Werle está dizendo que Gregers herdou da mãe uma espécie de consciência doente, para sempre. O que justificaria o fato de Gregers ter a vida voltada para moralizar o mundo. Pessoas assim têm problemas.

GREGERS (*esboçando um sorriso de ironia*)

Até agora não pudeste digerir o teu logro em relação à fortuna com qual contavas casar.

PROF. MONIR: Mais uma informação aqui: Gregers acusa o pai de ter se casado com sua mãe por interesse econômico. Que o pai estava interessado no dinheiro da mãe.

WERLE

Não desviemos o assunto. Então estás inteiramente decidido a pôr Hjalmar Ekdal numa pista que crês ser boa e verdadeira?

GREGERS

Sim, estou decidido.

WERLE

Está bem. Nesse caso eu me poderia ter poupado o trabalho de vir te falar. É portanto inútil perguntar-te se queres voltar para minha casa.

GREGERS

É!

WERLE

E também não queres a sociedade?

GREGERS

Não.

WERLE

Está bem. Mas como eu desejo casar-me, quero também dar-te o que te toca.

GREGERS *(com vivacidade)*

Não. Nada quero.

WERLE

Não queres nada?

GREGERS

Minha consciência me proíbe aceitar seja o que for.

WERLE *(depois de um momento)*

Voltas para a usina?

GREGERS

Não. Considero-me como tendo deixado o teu serviço.

WERLE

Mas nesse caso que pretendes fazer?

GREGERS

Quero alcançar o alvo da minha existência. Nada mais. (págs. 208-209)

PROF. MONIR: Quem irá se comportar de forma parecida é Etzel Andergast, a personagem da terceira obra de uma espécie de trilogia inventada por mim. Uma é *O Tartufo*, de Molière, do século XVII, a outra é *O Pato Selvagem*, de Ibsen, do século XVIII e a terceira é *O Processo Maurizius*, de Jacob Wassermann, do início do século XX. Elas não têm nenhum parentesco entre si, mas lidam com um assunto como se fossem três movimentos de uma sinfonia. Vocês verão que Etzel Andergast de *O Processo Maurizius* traz interessantes semelhanças e diferenças com Gregers.

O velho Werle parte. Os demais comensais se reagrupam. Gregers diz a Hjalmar que eles precisavam conversar. Gina e Relling tentam impedir, mas o fotógrafo alega que precisa atender, *“quando um amigo de infância sente necessidade de confiar nele.”*

PROF. MONIR: O que será que foram fazer esses dois? Não parece uma boa ideia que esses dois tenham saído depois da conversa entre Gregers e o pai dele.

Depois que Gregers e Hjalmar saem, os remanescentes comentam:

GINA

Você acredita que o senhor Werle filho esteja completamente louco?

RELLING

Infelizmente não. Não está mais louco do que a maioria dos mortais. Mas o que é certo, é que ele tem uma doença no corpo.

GINA

Mas afinal, que é que lhe falta?

RELLING

Eu lhe digo, Sra. Ekdal: ele está atacado de febre de justiça aguda.

PROF. MONIR: Taí a doença de Gregers. Ele tem febre de justiça aguda, tem que fazer justiça a qualquer custo. Largou toda a história de sua vida, emprego, sociedade com o pai, a própria herança, com o objetivo de fazer justiça naquela situação. Há alguma coisa boa sobre Gregers? É um sujeito corajoso.

GINA

Uma febre de justiça aguda?

HEDVIG

Isso é doença?

RELLING

Sim, uma doença nacional, mas que só aparece em estado esporádico. (Com um gesto de cabeça para Gina.) Até a vista. (Sai pela porta do saguão.)

GINA *(inquieta, a rogar pelo quarto)*

Ah! Esse Gregers Werle!... Foi sempre uma ave agourenta...

HEDVIG (olhando a atentamente, de pé, junto à mesa)

E tudo isso me parece tão estranho... (pág. 210)

PROF. MONIR: Essa é a opinião da Hedvig, que acha aquela conversa estranhíssima... O que será que está acontecendo que ela de fato não entende?

ALUNO: *[Faz pergunta sobre a “doença nacional”]*

PROF. MONIR: É uma crítica que Ibsen faz à Noruega do seu tempo. Isso pode não ter significado maior. Os curitibanos, por exemplo, são muito cruéis uns com os outros, mas toda a vez que alguém fala mal de Curitiba, ficamos ofendidos e furiosos e a defendemos. Os nacionais entre si têm o direito de se criticarem, às vezes de modo excessivo; mas com os estrangeiros, você se comporta de outro modo. Aqui há uma crítica à Noruega do tempo dele, porque Ibsen passou a vida meio que brigado com Noruega. Ela era um lugar difícil de se amar, porque era um país que não era um país; primeiro era Dinamarca, e depois Suécia. Por isso Ibsen no início da carreira usa temas folclóricos para ajudar a construir a nacionalidade, como com *Peer Gynt*. Ibsen tem uma mágoa do seu próprio país, mas esta mágoa passa muito longe do conteúdo do livro - esse livro não é para falar mal da Noruega - mas de vez em quando ele aproveita para dar uma cotovelada no fígado de algum inimigo, solta umas pérolas pintadas aqui e ali de ironia.

INTERVALO

PROF. MONIR: Um resumo: Gregers resolveu contar a seu amigo de infância Hjalmar aquilo que supõe ser verdade sobre a situação em que Hjalmar está – que sua esposa Gina havia sido amante do pai de Gregers, Werle, e que ela não teria sido o único caso de Werle. Ao se cansar dela, Werle resolveu arranjar-lhe um casamento com Hjalmar; por isso teria financiado a instalação do atelier de fotografia. Além disso, Werle teria deixado seu sócio, pai de Hjalmar, levar toda a culpa no episódio que o levou à prisão. Para compensar essa culpa, Werle estaria pagando todo o mês uma quantia a título de remunerar seu trabalho como copista, embora estivesse pagando mais do que devia. Gregers sai com Hjalmar para ter com ele essa conversa.

Quarto Ato

A ação se passa, ao início da noite, no ateliê de fotografia dos Ekdals. Gina despede-se de uma cliente que desce as escadas para ganhar a rua. Hjalmar Ekdal ainda não havia voltado do passeio com Gregers. O jantar do fotógrafo estava esfriando. Hedvig se impacienta: *"Oh! Se ele pudesse vir de uma vez! Estou achando tudo tão esquisito..."* Hjalmar finalmente chega.

GINA *(com um grito)*

Aqui está ele.

(Hjalmar entra pela porta do saguão)

HEDVIG *(correndo para ele)*

Papai! Como nós te esperamos. Se tu soubesses!

GINA (*olhando o*)

Demoraste tanto tempo fora, Ekdal...

HJALMAR (*sem olhá-la*)

Demorei um pouco, sim.

(Tira o casaco, Gina e Hedvig querem ajudá-lo. Ele as afasta.)

GINA

Jantaste com Werle?

HJALMAR (*pendurando o casaco.*)

Não.

GINA (*dirigindo-se para a cozinha*)

Neste caso, vou te servir o jantar.

HJALMAR

Não, deixe disso. Não comerei agora.

HEDVIG (*aproximando-se*)

Não estás te sentindo bem, papai?

HJALMAR

Bem? Não, não estou muito mal. Demos um passeio cansador, Gregers e eu.

(pág. 211)

PROF. MONIR: Ele voltou esquisitíssimo. Em todos os países frios, com exceção da França, todo o mundo janta cedo.

Hjalmar está agressivo. Diz que não porá mais os pés no sótão. Quando Hedvig cobra lhe sua festa de aniversário no dia seguinte, ele desconversa:

HEDVIG

Mas, papai, tu me prometeste que amanhã ia haver festa.

HJALMAR

É verdade. Pois bem! Será a partir de depois de amanhã. Esse maldito pato!...

Tenho vontade de lhe torcer o pescoço.

PROF. MONIR: Agora Hjalmar diz à menina que quer matar seu pato. Ele está com raiva do pato por quê? Porque o pato veio do Werle, que caçava o pato. Lendo simbolicamente este trecho, ele tem raiva do pato porque o pato é o segredo.

HEDVIG *(dando um grito)*

Do pato selvagem!

GINA

Já se viu semelhante coisa!

HEDVIG *(sacudindo o)*

Ora essa, papai. É o meu pato.

HJALMAR

É exatamente por isso que me abstenho. Não me animo a estrangulá-lo. Não me animo, por tua causa, Hedvig. Mas sinto, perfeitamente, que eu devia proceder de outra forma. Eu não deveria tolerar sob o meu teto um ser qualquer vindo daquelas mãos.

PROF. MONIR: Olha que coisa horrível, isso: *“Um ser qualquer vindo daquelas mãos”*. Então vocês já devem ter desconfiado de que tem mais coisa aqui do que aparenta, não é?

GINA

Mas tu sabes bem que foi aquele idiota do Petersen que deu o pato ao avô.

HJALMAR *(medindo a sala a passos)*

Há certos direitos... Como os chamarei? Certos direitos que chamarei os direitos do ideal... Há certas obrigações às quais um homem não pode fugir sem diminuir a própria alma.

PROF. MONIR: E aqui agora tem uma maravilhosa conversinha kantiana, que estava faltando para descobrirmos quem estava por trás deste Gregers. Kant achava que os problemas morais não podem ser resolvidos pela experiência humana, por ela ser muito enganadora. Por exemplo, você não pode achar que o agradável/prazeroso contra o desagradável/desprazeroso possa resolver os problemas de ética humana. Algumas sensações agradáveis são imorais, e algumas sensações desagradáveis são morais. Logo, Kant achava que deveria haver uma mediação externa para o problema moral, que é uma mediação *a priori* – em termos kantianos. Essa mediação externa *a priori* é o foco central de sua própria filosofia. Kant cria a ideia de que assuntos

morais, por terem que ser mediados externamente, são assuntos imperativos. Kant cria então a ideia do *imperativo categórico* e do *imperativo hipotético*. O *imperativo hipotético* é uma ordem que você tem que atender, mas condicionada a outra coisa. Exemplo: “Se você quer emagrecer, não coma mais massa todo o dia”. *Se você quer* não é uma ordem no sentido absoluto da palavra, porque só vale para quem quer emagrecer. No entanto, há outras ordens que são absolutas, como por exemplo, “Seja honesto” ou “Não diga mentiras” – essas não podem ser condicionadas de modo nenhum. Por esse critério kantiano de que há ordens que não são condicionais, que são os tais *imperativos categóricos* (que se opõem aos *imperativos hipotéticos*), que não podem ser desrespeitados. Por essa regra, você não pode mentir nem mesmo para o ladrão que quer saber onde você guardou o dinheiro. Para Kant, os dez mandamentos são *imperativos categóricos*. Gregers é kantiano, sabemos pelas referências que utiliza na sua maneira de argumentar. Ele que botou na cabeça do Hjalmar esta ideia de direitos do ideal, que é o *imperativo categórico* de Kant. É assim: “Não matarás”. Então você se recusa a ir para a guerra, porque não matar é absoluto. Portanto se vierem matar sua família, você não fará nada. Obedecer a uma regra dessas, nesse grau de subserviência, é uma monstruosidade de um tamanho indescritível, mas é mais ou menos isso o que gera a filosofia de Kant, como consequência dela própria. Toda a filosofia por trás de Gregers é uma filosofia kantiana – a ideia de que tem que revelar as coisas independentemente de suas consequências é uma aplicação do imperativo categórico de Kant. Eu acho que Kant não foi tão longe assim, porque ele reservou os imperativos categóricos para determinados pontos. Agora “Não mentirás” seguramente estava entre os imperativos categóricos de Kant.

HEDVIG (caminhando atrás dele)

Mas pensa, papai, o pato, o pobre pato selvagem... (págs. 211-212)

Hjalmar pede para a filha ir dar seu passeio diário. Ela concorda com a condição de seu pai não fazer mal ao pato na sua ausência. Depois que a menina sai, Hjalmar diz à mulher que a partir do dia seguinte iria conferir as entradas de dinheiro da casa ²¹: *“Parece me que o dinheiro dura mais tempo nas tuas mãos”*.

PROF. MONIR: Por que é que ele está falando isso? Porque está desconfiado de que o velho Werle esteja financiando a família dele sem que ele saiba. Enquanto ele cuida da fotografia, sua mulher faz a gestão econômica da casa. Agora ele quer saber se é o Werle que está pagando mesmo – ele está com o seu orgulho ferido, pois Gregers foi dizer que toda a sua vida era uma farsa, uma invenção do velho Werle para produzir uma compensação pelos acontecimentos anteriores.

Em seguida faz insinuações sobre a remuneração do pai dele copiando para Werle. Hjalmar quer saber quanto seu pai realmente ganha:

GINA

Varia tanto... Ele recebe mais ou menos o que nós gastamos com ele, e além disso um pouco de dinheiro que ele guarda.

PROF. MONIR: Quem guarda é ela, uma espécie de economia que ela faz para o velho.

21 Nota do resumidor – Era Gina que administrava a casa, enquanto Hjalmar trabalhava como fotógrafo e se dedicava à “invenção”.

HJALMAR

O que gastamos com ele! E tu não me disseste nada antes!

GINA

Eu não podia te dizer isso. Tu tinhas um prazer tão grande em acreditar que eras tu que sustentavas ele.

HJALMAR

E quem o sustenta é o senhor Werle.

GINA

Oh! O senhor Werle tem bastante com quê. (pág. 213)

PROF. MONIR: Pronto. Começou a ruir o castelo da família Ekdal.

O tom de acusação cresce e Hjalmar pergunta diretamente: “*É verdade, é possível, que tivesse havido alguma coisa entre ti e Werle na época em que servias na casa?*”

Ela reage:

GINA

Não é verdade. Não foi dessa vez. Que o Sr. Werle me procurava, isso é verdade. E Mme. acreditou numa porção de coisas. Ela então fez uma barafunda tremenda, uma algazarra dos demônios. Me puxou os cabelos, me deu pancada, e aí está. Depois disso tive de sair.

PROF. MONIR: Quer dizer que a mãe do Gregers havia descoberto o caso da empregada com o marido e foi lá bater na empregada.

HJALMAR

Foi então depois?

GINA

Sim. Eu então voltei lá para casa, como tu sabes. A mãe não estava tão bem como tu pensavas, Ekdal: ela me contou isto e mais aquilo... Nessa época o Sr. Werle já estava viúvo, compreendes?

HJALMAR

E então? Vejamos...

GINA

Enfim, é melhor que tu saibas, ele não sossegou enquanto não conseguiu tudo o que queria.

PROF. MONIR: Ela só admite ter tido um caso com Werle depois da morte da dona da casa, por razões de necessidade.

HJALMAR (*juntando as mãos*)

E é essa a mãe da minha filha! Como me pudeste esconder uma coisa dessas?

GINA

Sim, não foi direito da minha parte. Eu devia ter te contado isso faz muito tempo.

HJALMAR

Deverias me ter dito logo. Pelo menos eu ficava sabendo quem eras.

GINA

Tu te terias casado comigo assim mesmo?

HJALMAR

Como podes supor isso!?

GINA

Aí está por que não me animei a dizer nada. Eu tinha tanto amor por ti, tu bem sabes. E além disso eu não podia fazer a minha própria desgraça.

HJALMAR (*caminhando pelo quarto*)

*E é essa a mãe da minha pequena Hedvig! E saber que tudo o que me cerca...
(Dá um pontapé numa cadeira.) Todo o meu lar, eu o devo a esse homem!...
Oh! que belo sedutor esse Sr. Werle!*

GINA

Estás arrependido dos quatorze ou quinze anos que vivemos juntos?

HJALMAR (*pondo se em frente a ela*)

*Dize-me, não gemeste todos os dias, todos os minutos, sobre essa trama de mentiras que teceste em torno de mim, como uma aranha? Responde-me!
Não viveste sempre torturada de remorsos e de angústias?*

GINA

Ah! meu querido Ekdal... Francamente: eu tive bastante que fazer só de pensar na casa e na vida de todos os dias. (págs. 213-214)

Gina pede a ele que reflita no que teria sido a vida dele sem “uma mulher como ela” e o desafia: “É que te metias por quanto mau caminho havia no tempo em que me encontraste. Não podes negar isso”.

PROF. MONIR: A esta altura é possível ter uma impressão sobre Hjalmar. Ele é um sujeito meio perdido, e esse casamento, seja lá feito com que grau de conveniência para outros, foi uma maneira de lhe dar uma existência estável – é isso que Gina disse para ele.

GINA

Está direito, está bem, não digo que não. Não vou remexer nisso tudo agora. Tu te tornaste um homem tão bom assim que tiveste uma casa e família. Era tão agradável e tão sossegado em casa agora. E, além disso, eu e Hedvig íamos poder dentro de pouco tempo nos comprar uns vestidos e umas coisas boas...

HJALMAR

Chafurdadas na mentira, sim!

GINA

Oh! e logo agora havia esse horrível sujeito de meter nariz aqui!

HJALMAR

Eu também me sentia bem no meu lar... E não era mais do que uma ilusão... De onde me virá agora a força de que preciso para trazer a minha descoberta para o terreno das realidades? Ela morrerá talvez comigo, e nesse caso, Gina, será o teu passado quem a terá matado.

GINA (*prestes a chorar*)

Como podes falar assim, Ekdal... Eu que toda a minha vida só quis o teu bem!

HJALMAR

Sim, eu pergunto: que será feito agora dos sonhos concebidos pelo pai de família? Quando eu estava ali, deitado no sofá, pensando na descoberta, eu bem que tinha o pressentimento de que ela absorveria as minhas últimas forças. Eu sentia que o dia em que a patente de invenção me fosse entregue, esse dia seria também o da despedida. E o meu sonho era que tu vivesses depois de mim, na abundância, que se honrasse em ti a viúva do inventor falecido. (pág. 214)

Chega Gregers e pergunta ao amigo de infância se “*ainda não está feito?*” Hjalmar diz que está feito e que havia vivido “*a hora mais amarga da (sua) vida.*”

PROF. MONIR: Agora vem o Gregers saber se Hjalmar já havia aberto o jogo, se já havia cobrado uma explicação da Gina. Vocês não acham que tem alguma coisa errada com esse Gregers?

GREGERS

Mas também a mais pura, não é?

HJALMAR

Enfim por agora está acabado.

GINA

Que Deus lhe perdoe, Sr. Werle.

GREGERS (*com um profundo assombro.*)

Não compreendo isso.

HJALMAR

O que é que não compreendes?

GREGERS

Essa grande liquidação devia servir de ponto de partida para uma nova existência, para uma vida. Para uma comunhão baseada na verdade, libertada totalmente da mentira.

PROF. MONIR: Então é isso que o Gregers achou que ia acontecer? Ele está dizendo que falou aquilo tudo, que puxou o pato debaixo da água justamente para eles recomeçarem certo agora.

HJALMAR

Eu sei, eu sei perfeitamente.

GREGERS

Eu estava tão intimamente persuadido de que à minha entrada uma luz de transfiguração iluminando o esposo e a esposa me deslumbraria! E eis que, diante de mim tudo está taciturno, sombrio, triste.

PROF. MONIR: Deu tudo errado, não é? E pode ficar pior ainda.

GINA

Bem, bem. (Tira a pantalha da lâmpada.)

PROF. MONIR: A pantalha é a parte do abajur que abate a luz, a parte que você remove. A Gina tira a pantalha da lâmpada – aumentou a quantidade de luz.

GREGERS

A senhora não me quer compreender, Sra. Ekdal. Mas tu, Hjalmar? Esta grande liquidação deveria ter te iniciado em pontos de vista mais elevados.

HJALMAR

Sim, naturalmente... Isto é, até certo ponto.

PROF. MONIR: O Hjalmar não está muito elevado não, ao que parece.

GREGERS

Porque nada no mundo pode ser comparado à alegria de perdoar à pecadora e de a elevar até a si próprio pelo amor.

PROF. MONIR: Não parece o diabo imitando um santo? Não parece um sujeito hipócrita, não parece o Tartufo falando?

HJALMAR

Crês que um homem possa digerir tão facilmente o cálice amargo que acabo de engolir?

GREGERS

Um homem comum, não. Mas um homem como tu!

HJALMAR

Meu Deus! Sim, eu sei. Mas tu me deves estimular, Gregers. É preciso tempo, não vês?

GREGERS

Há em ti, Hjalmar, muito do pato selvagem. (pág. 215)

Chega Relling e, referindo-se a Gregers, diz que o “charlatão devia voltar para a casa dele”: “se ficar aqui, é capaz de os destruir aos dois”. O jovem Werle contrapõe que ele (Relling) está vendo “na sua frente pessoas que não temem a destruição”. Relling está inconformado:

RELLING

Seria indiscrição perguntar-lhe, com franqueza, o que veio fazer aqui?

GREGERS

Quero fundar uma verdadeira união conjugal.

PROF. MONIR: O Gregers quer fundar uma verdadeira união conjugal! Ele fez o que fez porque queria fundar uma verdadeira união conjugal?

RELLING

Acha então que a união de Ekdal não é como deve ser?

GREGERS

Ela vale tanto quanto muitas outras, infelizmente. Mas quanto a ser uma verdadeira união conjugal, não, ela não o é ainda.

HJALMAR

Tu nunca pensaste nos direitos do ideal, Relling?

PROF. MONIR: Olhem o Kant de novo. O direito do ideal é *“recht ist recht”*, como se diz em alemão – o certo é o certo, e o errado está errado. Não tem meio termo. Isso é o imperativo categórico em filosofia.

RELLING

Idiotices, meu rapaz! Mas desculpe me, senhor, se lhe pergunto: quantas verdadeiras uniões conjugais viu na sua vida? Vejamos, diga em números redondos.

GREGERS

Na verdade não creio ter visto uma única.

PROF. MONIR: É o Gregers dizendo isso, que nunca viu na vida dele um casal que funcionasse do jeito que ele quer que os outros dois funcionem.

RELLING

Nem eu tampouco.

GREGERS

Vi, porém, uma infinidade do gênero oposto. E tive ocasião de ver de perto os estragos que uma tal união pode fazer num casal humano.

PROF. MONIR: Qual foi o casal humano que ele viu na prática? Os pais dele.

HJALMAR

Todo alicerce moral de um homem pode esboroar se sob os seus pés... Eis o que é horrível!

RELLING

Com franqueza, como, propriamente falando, eu nunca fui casado, me é impossível dar opinião a respeito. Mas o que eu sei é que a união conjugal compreende também a criança. E, quanto à criança, vocês a devem deixar em paz.

HJALMAR

Hedvig, minha pobre Hedvig!

RELLING

Sim, vocês terão a bondade de não meter Hedvig nessa mixórdia. Vocês dois estão maduros: vocês podem esquadrinhar e chafurdar nos negócios de vocês, se é que isso lhes agrada. Quanto à Hedvig, porém, é preciso tomar cuidado. Do contrário, vocês podem atrair uma desgraça sobre a cabeça dela. (pág. 216)

PROF. MONIR: Palavras proféticas. Vocês acham sinceramente que Ibsen ia se dar ao trabalho de escrever esse livro para apoiar a descoberta da verdade, fazendo um libelo contra a hipocrisia do mundo? Vocês imaginam que Ibsen fosse primário a esse ponto? Essa é uma interpretação panfletária de Ibsen, de que ele estaria chicoteando os defeitos do mundo com um teatro pedagógico, um teatro para colocar as coisas em seus devidos lugares. Acho que aqui tem mais do que conseguimos imaginar à primeira vista.

A conversa desloca-se para Hedvig. Hjalmar quer saber se os olhos dela estavam em perigo. O médico esclarece: *"Não se trata dos olhos dela. Mas Hedvig atingiu uma idade crítica. Ela é suscetível de todas as más inspirações"*. Chega a senhora Berta Soerby para se despedir de Gina. Ela seguiria no dia seguinte para Heydal. O senhor Werle já havia partido. Na prática, ela anuncia o casamento dos dois, deixando claro que não era por amor (*"Aliás eu sempre tomei cuidado de não obedecer a meus impulsos. Porque, afinal, uma mulher não deve sacrificar inteiramente."*)

PROF. MONIR: Está aí o exemplo contrário do que Gregers acha que é um casamento feliz. É uma mulher e um homem, ambos viúvos, que se casam por conveniência social. Os dois fazem companhia um para o outro, vão casar e morar em Heydal, nas usinas. Ela vem para anunciar isso e dizer que ela não o faz por grande amor, não. Que é preciso ser prático na vida.

Quando Gregers comenta a franqueza dela, ela devolve: *"Sempre fui franca. Ainda é isso o que nos dá melhores resultados, a nós mulheres"*.

SENHORA SOERBY

Quanto a isso, Gina, o que há de mais seguro é fazer como eu fiz. Hoje tenho certeza disso. Werle também nada me escondeu do que lhe diz respeito. Foi mesmo isso o que nos ligou mais solidamente um ao outro. Agora, ele pode passar o tempo sentado junto de mim, conversando sobre tudo, com uma franqueza de criança. Isso foi uma coisa que sempre lhe faltou. Um homem cheio de força e saúde como ele, condenado a passar a mocidade e os melhores anos da vida a ouvir recriminações e, muitas vezes, pelo que estive sabendo, recriminações que se referiam a faltas imaginárias.

PROF. MONIR: Que é talvez o exagero que Gregers está pondo nas suas reclamações contra o pai.

GINA

É bem verdade o que ela está dizendo.

GREGERS

Se essas senhoras querem abordar esse assunto, é melhor que eu me vá.

SENHORA SOERBY

Oh! não! Pode ficar. Nada mais direi. Mas fiz questão que soubesse que nunca fiz uso de mentiras, nem de subterfúgios. Julgam, talvez, que estou tendo uma sorte grande... e até certo ponto é verdade. Entretanto, parece-me que não recebo mais do que dou. Nunca o abandonarei, é certo. E lhe posso ser mais útil, mais necessária, do que quem quer que seja, quando ele não puder mais agir por si, o que acontecerá breve.

HJALMAR

Não poderá mais agir por si?

GREGERS (à Sra. Soerby)

Está bem, está bem. Não fale nisso, Senhora Soerby. – Não é possível esconder por mais tempo, embora ele o deseje: Werle está em vésperas de perder a vista.

HJALMAR (estremecendo)

Em vésperas de perder a vista? É singular... Cego, ele também? (págs. 218-219)

PROF. MONIR: Agora descobrimos que o Werle está em vésperas de perder a vista e a menina tem um problema de visão hereditário. Isso não ficou muito pior? Este Ibsen é diabólico.

Antes de sair, a Senhora Soerby põe o senhor Graberg à disposição dos Ekdals. Hjalmar diz que vai procurar o tesoureiro sim, mas para saber o quanto estava devendo. *“Em resumo: quero pagar tudo, com cinco por cento de juros.”* Quando a mulher sai, Hjalmar orgulha-se de si mesmo e é apoiado por Gregers: *“É o homem que eu sempre julguei.”*

PROF. MONIR: “Meu garoooooto!”

ALUNOS: *[risos]*

PROF. MONIR: Não sei se vocês estão percebendo isso, mas a relação que se estabeleceu agora entre Gregers e Hjalmar é tipicamente diabólica. Gregers faz-se de conselheiro diabólico, ou seja, produz conselhos disfarçados de conselhos bons, sob uma casca moral boa, enquanto Hjalmar vai destruindo totalmente a sua vida por trás disto. É como se o diabo estivesse dando conselhos e o outro estivesse atendendo, porque os conselhos são bem embalados, nas embalagens certas.

HJALMAR

Existem casos em que a gente não pode fugir às exigências do ideal.

PROF. MONIR: Olhem aí a versão kantiana de novo.

HJALMAR

Pai de família, terei de gemer e de labutar nesta tarefa. Não é uma brincadeira, como deves compreender, para um homem sem fortuna, se desembaraçar de uma dívida enterrada, por assim dizer, sob a poeira do olvido. Não importa! Em mim, o homem reclama também os seus direitos.

GREGERS (*pondo-lhe a mão no ombro.*)

Não foi uma sorte, meu caro Hjalmar, eu ter vindo?

HJALMAR

Sim.

GREGERS

Não é uma felicidade... que se tivesse feito luz sobre todas essas relações?

PROF. MONIR: Luz contrária à cegueira, contrária à escuridão do seu oposto.

HJALMAR (*com um pouco de impaciência*)

Não digo que não. Mas há uma coisa que revolta o meu sentimento de equidade.

GREGERS

O que é?

HJALMAR

É que... oh! meu Deus! Não sei se me posso referir tão livremente a respeito do teu pai.

GREGERS

Não te preocupes comigo.

HJALMAR

Está bem. É que... eu te direi: há qualquer coisa de revoltante, a meu ver, em que seja ele e não eu que contraia, neste momento, uma verdadeira união conjugal.

GREGERS

Ora, meu caro, como podes dizer uma coisa dessas.

PROF. MONIR: Nesse momento caiu a argumentação central do Gregers, porque Hjalmar, que agora seria bom, está prestes a perder a sua união conjugal, enquanto os outros dois, os maus, estão se casando. Hjalmar está inconformado de ter fracassado enquanto Werle obtém sucesso, e não ao contrário.

HJALMAR

Mas é assim. Teu pai e a Senhora Soerby vão fazer um pacto conjugal baseado numa completa franqueza de parte a parte. Não há coisas escondidas entre eles, nenhuma mentira por trás de suas relações: eles se concederam, reciprocamente, indulgências plenárias, para todos os seus pecados.

GREGERS

Pois sim, e depois?

HJALMAR

Como essas coisas se encadeiam! Sobre a reunião e todas as misérias que testemunhaste aqui, foi fundada essa verdadeira união conjugal.

GREGERS

Mas a situação é completamente diferente. Tu não vais querer estabelecer comparação entre ela e tu e aqueles dois...? Vamos, tu me entendes, não?

HJALMAR

Não posso impedir que haja aí uma coisa que fere os meus sentimentos de equidade. É como se não houvesse justiça alguma governando o mundo.
(págs. 219-220)

Em seguida, Hjalmar percebe a “mão justiceira” na cegueira do velho Werle.

PROF. MONIR: Depois ele lembra que o Werle vai ficar cego, vê aí um castigo e fica feliz.

Hedvig volta do seu passeio, dizendo que havia encontrado a Senhora Soerby e que ela havia dado “uma coisa” para o seu aniversário do dia seguinte. A “coisa” era uma carta e era a primeira vez que a menina recebia uma. Hedvig está muito feliz: “E além disso tem ‘senhorita’ em cima... ‘Senhorita Hedvig Ekdal’. Imagine só... Sou eu!”

A letra no envelope era do senhor Werle. Hjalmar pede para abrir a carta. Gina quer deixar para o dia do aniversário. Hjalmar está impaciente. Hedvig deixa o pai abrir. Depois de lê-la, o fotógrafo fica perturbado. A carta continha docu-

mento com doação vitalícia de cem coroas²² por mês para o velho Ekdal. Hjalmar diz para si mesmo, com os punhos fechados: *"Esses olhos, esses olhos! E além disso esta carta!"* Na carta estava também estabelecido que, após a morte do velho, a doação passaria para a menina. Hedvig, entusiasmada, pergunta ao pai se ele estava contente.

PROF. MONIR: Ela está muito feliz, porque resolveu o problema de dinheiro da família. E agora vem um diálogo muito triste.

HJALMAR *(evitando lhe o contato)*

Contente? Oh! que visão, que perspectiva se desenrola ante os meus olhos! É a Hedvig, sim, é bem a ela a quem ele dota tão ricamente.

PROF. MONIR: Hjalmar desconfia que a garota seja filha do Werle, embora disso não se tenha nenhuma prova.

GINA

É o dia dos anos dela...

HEDVIG

Mas tu terás tudo isso, papai. Tu compreendes, perfeitamente, que eu te darei todo esse dinheiro... e à mamãe. Será para todos nós.

HJALMAR

Para mamãe, sim! Aí está a questão!

22 Nota do resumidor – Trata-se de quantia significativa.

GREGERS

Hjalmar, isso é uma armadilha que te prepararam.

PROF. MONIR: Aí é realmente o demônio falando. O velho Werle pode ter feito coisas erradas, mas de alguma maneira ele está produzindo alguma espécie de conserto. Ele vai trocar o mundo glamuroso em que vive na capital pelo interior, vai casar com a sra. Soerby. Ele resolveu, agora sim, deixar um dinheiro grande para o sócio, para compensá-lo pelo que houve. Ele vai ficar cego, portanto tem uma perspectiva de vida ruim pela frente; ele vai atender a menina. Ora, um ato bom feito por um homem mau continua sendo um ato bom. Essa é uma regra de que temos sempre que lembrar na vida: um ato bom é bom em si próprio, independente de quem o tenha feito. Se o Fernando Beira-Mar²³ fizer um presente para umas crianças com sinceridade será um ato bom, mesmo que tenha sido feito pelo Fernando Beira-Mar. No entanto o diabo está dizendo assim: “Cuidado, tem uma armadilha”. Neste momento Gregers é o diabo em pessoa.

HJALMAR

Achas que é uma nova armadilha?

GREGERS

Quando ele veio hoje de manhã ele me disse: Hjalmar Ekdal não é o homem que julgas.

23 Nota da revisora de transcrição - Luiz Fernando da Costa, mais conhecido como Fernando Beira-Mar (Duque de Caxias, 4 de julho de 1967), é um criminoso brasileiro, líder da organização criminosa Comando Vermelho. É considerado um dos maiores traficantes de armas e drogas da América Latina. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Beira-Mar. Acesso em 27 jul 2015.

HJALMAR

Não é o homem que...

GREGERS

Tu o verás bem, acrescentou ele.

HJALMAR

Queria dizer que ides ver que me desarmariam com dinheiro, não é?

HEDVIG

Mas mamãe, o que é que há? (pág. 222)

Hedvig, a ponto de chorar, sai pela porta da cozinha. Hjalmar rasga o termo de doação: *"Eis a minha resposta"*, ao que Gregers acrescenta: *"Era o que eu esperava."*

PROF. MONIR: Meu garoooooto!

Em seguida, Hjalmar pergunta a Gina: *"Hedvig é minha filha, ou...? Vamos!"*

GINA *(desafiando o friamente com o olhar)*

Não sei.

PROF. MONIR: É claro que ela sabe. Provavelmente é filha dele mesmo, nós não sabemos. Mas neste momento ela está tão horrorizada que resolve fazer o jogo. Já que é considerada um monstro, então Gina agora faz o jogo do monstro.

HJALMAR (*estremecendo*)

Não sabes!

GINA

Como queres que eu saiba? Uma mulher como eu...

PROF. MONIR: É uma ironia, não é?

HJALMAR (*vestindo o casaco*)

Para um homem como eu não há por que refletir.

GREGERS

Pelo contrário, há aí um abismo de reflexões. Para começar, é preciso que vocês três fiquem juntos se queres alcançar a esse espírito de sacrifício que conduz às dedicações sublimes.

PROF. MONIR: É o Tartufo falando. O Tartufo em pessoa.

HJALMAR

Não quero nada disso! Jamais, jamais! Meu chapéu! (Pega o chapéu.) Meu lar está em ruínas. (Explode em soluços.) Gregers, não tenho mais filha!

PROF. MONIR: Pronto. Acabou de renegar a menina. O Gregers achou que isso tudo fosse acontecer? Não. De acordo com o discurso que ele tem, tudo isso era para construir uma verdadeira união conjugal baseada na verdade.

HEDVIG (*que abriu a porta da cozinha*)

Que é que estás dizendo. (Corre para ele.) Papai, papai!

GINA

Bom.

HJALMAR

Não te aproximes de mim, Hedvig! Vai te! Não te posso ver. Oh! Esses olhos!

Adeus! (Quer dirigir se para a porta.)

HEDVIG *(agarra se a ele gritando)*

Não, não, não! Não te afastes de mim.

HJALMAR

Não posso! Não quero! Preciso ir para longe de tudo isso!

(Desprende se das mãos de Hedvig e sai pela porta do saguão.)

HEDVIG *(olha o, desesperada)*

Ele nos deixou, mamãe! Ele não vai voltar nunca mais!

GINA

Não chores, Hedvig. Papai voltará com certeza.

HEDVIG *(atira se no sofá, soluçando)*

Não, não, ele não voltará nunca mais.

GREGERS

A senhora pode crer, Sra. Ekdal, que eu quis arranjar tudo do melhor modo possível.

ALUNOS: [risos].

PROF. MONIR: Conversinha de diabo, não?

GINA

Pode ser que sim. Mas em todo o caso que Deus lhe perdoe. (pág, 223)

Gina põe o manto e o chapéu e sai atrás do marido. Hedvig, sentando e enxugando as lágrimas, pergunta: “Agora é preciso me dizer o que é que há. Por que é que papai não me quer mais?”

GREGERS

Não deve perguntar isso enquanto você não for grande e razoável.

HEDVIG (soluçando)

Mas é que eu não posso ficar assim com esse desespero no coração até que eu fique grande e razoável. Eu já estou vendo o que é. É capaz que eu não seja filha do papai.

GREGERS (inquieta)

Mas como seria possível isso?

HEDVIG

Pode ser que mamãe me tenha achado e que papai tivesse sabido ainda há pouco. Eu li essas coisas nos livros.

GREGERS

Pois bem. E se fosse esse o caso?

HEDVIG

Parece me que assim mesmo ele podia me querer do mesmo modo e até mesmo mais. O pato selvagem também nós recebemos ele de presente e apesar disso eu gosto tanto dele.

PROF. MONIR: Coitadinha, ela não consegue entender bem o que é um adultério, mas está se colocando na posição do pato selvagem — se o pato foi achado e mesmo assim pode ser amado, por que ela não pode ser amada também?

GREGERS (*aproveitando o elo*)

É isso, Hedvig, o pato, falemos dele.

HEDVIG

Pobre pato! Papai também não quer ver mais ele. Imagine só; ele falou em torcer o pescoço dele.

GREGERS

Qual o quê! Ele não fará tal coisa.

HEDVIG

Não, mas ele falou nisso. Que coisa feia papai ter dito aquilo. O senhor não sabe? Eu rezo todas as noites pelo pato, que ele não morra, nem lhe aconteça nada de ruim.

GREGERS (*olhando a*)

Você costuma rezar à noite?

HEDVIG

Costumo, sim.

GREGERS

Quem lhe ensinou isso?

HEDVIG

Ninguém. Papai esteve tão doente uma vez... Puseram sanguessugas no pescoço dele. Ele então disse que a morte estava na porta.

GREGERS

E então?

HEDVIG

Então, eu rezei para ele quando fui me deitar, e desde aí eu continuei a rezar.

GREGERS

E agora, você também reza pelo pato selvagem?

HEDVIG

Eu pensei que ele também precisava: estava tão doente quando chegou...

GREGERS

E de manhã você também reza?

HEDVIG

Não, de manhã não.

GREGERS

Por quê?

HEDVIG

De manhã está claro, não tem por que a gente ter medo.

GREGERS

E esse pato de quem você gosta tanto, seu pai quer torcer lhe o pescoço?

HEDVIG

Não. Ele disse que devia fazer. Mas ele não faz por minha causa. Isso sim, que é uma coisa bonita do papai.

GREGERS *(aproximando se de Hedvig)*

E se você lhe sacrificasse o pato selvagem por sua livre vontade?

PROF. MONIR: Olhem que proposição mais demoníaca.

HEDVIG *(erguendo se)*

O pato selvagem?

GREGERS

Se, por sua livre e espontânea vontade, você lhe sacrificasse o que tem de mais precioso no mundo?

HEDVIG

E o senhor acha que isso serviria para alguma coisa?

GREGERS

Experimente, Hedvig.

HEDVIG *(em voz baixa e com os olhos brilhantes)*

Sim, vou experimentar.

GREGERS

Você acha que terá coragem para isso?

HEDVIG

Eu vou pedir a vovô que o mate.

GREGERS

É isso. Mas não diga nenhuma palavra à sua mãe.

HEDVIG

Por quê?

GREGERS

Ela não nos compreende.

HEDVIG

O pato selvagem?... Vou experimentar amanhã de manhã. (págs. 224-225)

PROF. MONIR: Não é o diabo fazendo uma combinação matreira?

Gina volta com a notícia de que Hjalmar, Relling e Molvik haviam saído juntos.

PROF. MONIR: Que desgraça, hein, porque Relling e Molvik são uns pândegos, uns farristas.

Abraçando a filha, Gina medita: *"Meu Deus! Meu Deus! Bem razão tinha Relling. Aí está o que acontece quando há loucos que vêm apresentar essas malditas cobranças."*

Quinto Ato

Num dia pardacento e frio, Hedvig diz à mãe que acha que seu pai está embaixo, no quarto de Relling. O velho Ekdal sai do quarto vestido com o *robe de chambre* e fumando um cachimbo. Pergunta pelo filho e depois sobe ao sótão. À saída do velho, Hedvig comenta: *"Mamãe, que achas, quando o pobre vovô souber que papai quer nos deixar?..."* Chega Gregers e pergunta: *"Estão na pista dele?"* Entra Relling e confirma que Hjalmar estava nos seus aposentos. Gina quer saber como o marido está.

GINA

Que disse Ekdal agora de manhã?

RELLING

Não disse nada.

HEDVIG

Ele não fala?

RELLING

Nem uma palavra.

GREGERS

Não? Não compreendo isso.

GINA

Mas então o que é que ele faz?

RELLING

Ronca deitado no sofá.

GINA

Deveras? É verdade, Ekdal ronca forte.

HEDVIG

Ele dorme? Ele pode dormir!

RELLING

Pelo menos parece...

GREGERS

Isso se compreende. Depois da luta que teve de sustentar a alma dele... (págs. 226-227)

PROF. MONIR: Está aí o Gregers fazendo mais uma interpretação imbecil.

Quando a mãe e a filha saem para arrumar a sala, começa reveladora conversa entre Gregers e Relling.

GREGERS (*virando para Relling*)

Pode explicar-me o trabalho que se está realizando neste momento na alma de Ekdal?

RELLING

Palavra que não notei que a alma dele estivesse trabalhando.

GREGERS

Como? Num momento de crise em que toda a vida dele se reconstrói sobre novas bases?... Como pode crer que um caráter como Hjalmar?...

RELLING

Ele, um caráter?... Se jamais ele teve em germe uma dessas deformações a que vocês chamam um caráter, ficou radicalmente curado dela desde a infância.

GREGERS

Seria de admirar... Educado como ele foi, cercado de tanta afeição...

RELLING

Está se referindo às duas tias dele, aquelas solteironas amalucadas histéricas?

GREGERS

Essas duas mulheres, posso declarar lhe, nunca deixaram murchar os direitos do ideal. Vamos, já vejo que quer continuar a pilheriar.

PROF. MONIR: Os direitos do ideal é uma ideia kantiana que o Gregers está colocando na cabeça do Hjalmar. É o Gregers que domina esta ideia.

RELLING

Não, não estou com disposição para isso. De resto estou bem informado: ele disse bastante sobre esses dois "assassinos de sua alma".

PROF. MONIR: Que são as tias.

RELLING

Aliás, não creio que ele lhes deva grandes obrigações.

A desgraça de Ekdal foi ter passado sempre por um fênix aos olhos dos que o cercam.

GREGERS

E ele não o é? Refiro-me ao que ele guarda no fundo da alma.

RELLING

Eu nunca o notei. Que o pai dele tivesse acreditado nisso, não me admira. O velho tenente foi sempre um idiota durante toda a vida.

GREGERS

Teve uma alma de criança durante toda a vida, é o que você não percebe.

RELLING

Está bem, está bem! Mas depois disso, quando o pequeno Hjalmar se tornou estudante, os colegas dele, também, apressavam-se a ver nele uma das luzes do futuro. Ele era bonito... a coisa ia... branco e rosa... tal como as jovens senhoritas gostam de ver os rapazinhos. E como ele tinha o gênio sensível,

sedução na voz, como ele sabia declamar agradavelmente os versos dos outros, e os pensamentos dos outros...

PROF. MONIR: Dos outros, não?

GREGERS (*exaltando se*)

É de Hjalmar Ekdal que está falando assim?

RELLING

Com sua licença, sim. É só para lhe mostrar o íntimo desse ídolo, ante o qual você se prosterna com a cara no pó.

GREGERS

Entretanto, eu não me julgava completamente cego.

RELLING

Pois não está longe disso. Vou dizer lhe: você é um doente, você também.

GREGERS

Quanto a isso, tem razão.

RELLING

Oh! Se tenho. Seu caso é muito complicado. Para começar, essa febre maligna da equidade. E depois, o que ainda é pior, esse delírio de adoração que o faz vagar continuamente, com uma necessidade insatisfeita de admirar sempre algum objeto fora de você mesmo.

GREGERS

Pois claro, porque não é em mim que eu o acharei.

RELLING

Sim, mas você tem enganos lamentáveis, graças a essas moscas maravilhosas que lhe passam diante dos olhos e lhe zumbem aos ouvidos!... Aqui está você outra vez em casa desta gente a quem você reclama os direitos do ideal. Pois fique sabendo que, nesta casa, não existe ninguém em condições de pagá-los.

PROF. MONIR: Relling está dizendo que o Gregers exige uma humanidade que não existe – propor a verdade total e completa para pessoas como Hjalmar, que é um sujeito muito frágil, que passou a vida se autoenganando, é o mesmo que dar a ele uma sentença de morte. Ele não é capaz de lidar com isso.

GREGERS

Mas se você não forma melhor conceito de Hjalmar Ekdal, por que motivo acha prazer em frequentar-lhe a casa de manhã à noite?

RELLING

Ora, meu Deus! Tenho vergonha de dizê-lo, mas, segundo parece, sou médico. Tenho pois a obrigação de me ocupar dos pobres doentes que moram sob o mesmo teto que eu.

GREGERS

Como? Como? Então Hjalmar Ekdal é também um doente?

RELLING

Ai de nós! Todo homem é um doente.

GREGERS

E qual é o tratamento que aplica em Hjalmar?

RELLING

O meu tratamento habitual: procuro manter nele a mentira vital.

GREGERS

A mentira vital? Com certeza não ouvi bem.

RELLING

Ouviu. Eu disse: a mentira vital. Essa mentira, fique sabendo, é o princípio estimulante.

GREGERS

Poderei perguntar lhe qual é, particularmente, a mentira tal de que Hjalmar está possuído?

RELLING

Ah! não! Não revelo esses segredos aos charlatães, você seria capaz de estragar o meu paciente mais do que ele já está. Mas o método já está comprovado. Olhe, eu o apliquei em Molvik. Graças a mim ele hoje é "demoníaco". Foi um sedenho que tive de atravessar no pescoço do coitado.

PROF. MONIR: Sedenho é uma tira de corda.

GREGERS

Então ele não é demoníaco?

RELLING

Que diabo quer você que signifique isso: “um demoníaco”? É uma pilhéria que eu inventei para manter lhe a vida. Do contrário, há muitos anos que o meu infeliz amigo estaria entregue ao desespero e se desprezaria a si mesmo. E o velho tenente, então? Ah! esse achou o tratamento, por si mesmo.

GREGERS

O tenente Ekdal? Como assim?

RELLING

Sim. Que me diz você desse matador de ursos que vai caçar coelhos num sótão? Não há caçador mais feliz do que esse pobre diabo, quando tropeça na mixórdia que há aqui. Árvores de natal secas, que ele guarda cuidadosamente, representando, exatamente, para ele, a grande floresta de Heydal em todo o seu fresco esplendor! Os galos e as galinhas são as grandes aves pousadas no cimo dos pinheiros. Os coelhos que atravessam o salão saltando, são os ursos contra os quais ele se atira, ele, o ancião desempenado, o homem do ar livre...

GREGERS

Pobre velho! Teve de desbastar o que servia de ideal para a sua mocidade.

RELLING

Ouça, senhor Werle filho, por favor não empregue esse termo elevado de ideal, quando para isso temos na linguagem usual excelente expressão: mentira.

GREGERS

Acredita então que haja algum parentesco entre esses dois termos?

RELLING

Pouco mais ou menos o mesmo que há entre os de tifo e febre pútrida.

PROF. MONIR: Febre pútrida era o nome popular para tifo.

GREGERS

Doutor Relling! Não descansarei enquanto não arrancar Hjalmar das suas garras.

RELLING

Nesse caso, será tanto pior para ele. Se você tirar a mentira vital de um homem comum, tira-lhe ao mesmo tempo a felicidade. (A Hedvig que volta do salão.) Vamos! Mãezinha do pato, vou ver se o seu papai ainda está deitado no sofá refletindo na sua famosa invenção. (Sai pela porta do saguão.) (págs. 227-229)

PROF. MONIR: Está aqui o Dr. Relling dizendo que é um médico que ajuda esses pobres coitados que não têm elementos pessoais para entenderem o que acontece com a verdade a viverem suas mentiras existenciais. É exatamente isso que Gregers está tentando não fazer, destruir. Portanto, se há aqui duas personagens que estão em contraste são o Gregers e o Dr. Relling. E está dizendo o Dr. Relling que o caminho dessa situação é a destruição e não a melhoria, talvez porque Gregers exija uma humanidade que não existe de fato.

Relling desce para vigiar Hjalmar. Gregers diz a Hedvig que, pela cara dela, *“ainda não há nada feito”*. Ela justifica:

HEDVIG

O senhor está falando do pato selvagem? Não.

GREGERS

Você perdeu a coragem, estou vendo, no momento de executar o ato.

PROF. MONIR: Olhem que comentário diabólico, dizer isso para uma criança de treze anos: **“Você é covarde, você não matou o pato ainda”**.

HEDVIG

Não, não foi isso. Mas quando eu me acordei hoje de manhã e pensei em tudo o que nós dissemos, eu achei que era tudo tão extraordinário!

GREGERS

Extraordinário, acha?

HEDVIG

Sim... Não sei... Ontem de tarde, naquela hora, eu achava que ia ser delicioso. Mas depois que dormi e que me lembrei, já não era a mesma coisa.

GREGERS

Ah! não é impunemente que você foi educada sob este teto.

HEDVIG

Pouco se me dá. Tudo o que eu queria era que papai voltasse.

GREGERS

Oh! Se você tivesse olhos para ver o que dá valor à vida, se você tivesse uma coragem firme e alegre, o verdadeiro espírito de sacrifício, você haveria de ver como ele voltaria para junto de você! Mas eu creio em você, Hedvig, ainda creio. (Sai pela porta do saguão.) (pág. 229)

Chega o avô, que havia ido dar seu passeio sozinho, dizendo que o dia estava ruim para caçadas: *"Está muito escuro. Não se enxerga a dois passos."* A menina pede instruções ao avô de como se mata um pato selvagem. (*"Como é que tu farias, vovô? Não se trata do meu pato, mas de um outro qualquer."*) O velho entra no seu quarto e Hedvig aproxima-se do aparador, estica-se na ponta dos pés, pega a pistola e examina-a. Quando a mãe volta, a menina repõe rapidamente a pistola no lugar.

Hjalmar Ekdal entra na sala. *"Está de sobretudo, sem chapéu, nem lavado, nem penteado, com os cabelos revoltos, os olhos cansados e abatidos"*. Declara que havia voltado para desaparecer imediatamente. Hedvig vê o pai e corre para ele, mas ele a repudia:

HJALMAR (*esquivando-se e fazendo um gesto de defesa*)

Vai te, vai te! (A Gina) Faze o favor de afastá-la.

GINA (*a meia voz*)

Vai para o salão, Hedvig.

(Hedvig afasta-se em silêncio.)

HJALMAR (*abrindo precipitadamente a gaveta da mesa*)

Quero levar os meus livros. Onde estão eles?

GINA

Que livros?

HJALMAR

Meus livros de ciência, naturalmente, minhas publicações tecnológicas, as de que me sirvo para a descoberta. (pág. 230)

Enquanto Hjalmar recolhe suas coisas, Gina comenta: “*Que Deus te perdoe o mal que pensas de mim*”. O fotógrafo diz que seu pai irá deixar a casa com ele. Procura o seu chapéu. Gina quer saber onde ele havia estado com “*aqueles dois libertinos*”. A mulher traz um café com uma torrada e arenque defumado. Ele recusa.

HJALMAR *(olhando furtivamente para a bandeja)*

Um pouco de arenque defumado? Sob este teto? Nunca mais! Há quase vinte e quatro horas não ponho nada de sólido na boca. Não importa! – Minhas notas! As memórias da minha vida que eu tinha começado! Vejamos! Onde botei o meu diário e o que há de mais importante nos meus papéis? (Abre a porta do salão e recua.) Ah! Ainda está ali!

GINA

Meu Deus! A coitada da criança tem de estar em algum lugar.

HJALMAR

Vamos, sai!

(Afasta-se para deixá-la passar. Hedvig, assustada, entra no atelier.)

HJALMAR *(com a mão na maçaneta da porta)*

(A Gina.) Durante os últimos momentos que vou passar no meu antigo lar,

desejo que me poupem a presença de intrusos.

(Passa para o salão.)

HEDVIG *(correndo para a mãe, baixo, com voz trêmula)*

É de mim que ele está falando?

GINA

Fique na cozinha, Hedvig. Ou antes: vai para o teu quarto, na saleta. (A Hjalmar, para quem se encaminha.) Espere um pouco, Ekdal. Não desarruma tudo na cômoda. Eu conheço o lugar de cada coisa.

(Hedvig, um momento imóvel, ansiosa, espantada, morde os lábios para não chorar.)

HEDVIG *(em voz baixa, com os punhos cerrados)*

O pato selvagem!

(Aproxima-se furtivamente do aparador, pega a pistola, desliza para o sótão pela porta que entreabre, e fecha depois de entrar.) (págs. 231-323)

Hjalmar e Gina discutem. A mulher acha que o velho vai sentir falta dos coelhos. Hjalmar não quer a flauta, mas vai levar a pistola. Procuram na. Como não está na prateleira, supõem que o velho a teria levado. O fotógrafo come mecanicamente. Gina tenta convencê-lo a ficar no salão, na casa de Relling ou de Molvik. Ele reage: "Não pronuncies o nome desses tipos. Só de pensar nisso, sou capaz de perder o apetite. Não! Terei de ir no meio da neve e da tormenta, de casa em casa, para procurar um abrigo para o meu velho pai e para mim."

PROF. MONIR: Pouca coisa soa mais falsa do que isso. Essa última soou falsa. Ele não quer ir embora, mas está fazendo uma cena, uma espécie de teatro.

Hjalmar aceita ficar no salão por um dia ou dois, porque não vê como poderia “fazer a mudança de seu pai em tão pouco tempo”. Continuam a separar as coisas de Hjalmar. Encontram os pedaços do termo de doação. Hjalmar cola as partes e entrega o documento remendado a Gina. Chega Gregers. Gina pergunta ao marido se quer que ela prepare o quarto ou lhe arrume as malas. Ele escolhe os dois: “Arruma a mala e prepara o quarto”. A mulher sai para tomar as providências. Gregers e Hjalmar ficam sozinhos. O fotógrafo amaldiçoa Relling por tê-lo feito crer que ele poderia fazer grande descoberta no terreno da fotografia e, mais grave ainda, conclui que Hedvig é o maior problema de sua vida.

HJALMAR

Que importa o que eu creia agora! É Hedvig quem se atravessa no meu caminho. É ela quem obscurecerá toda a minha existência.

GREGERS

Hedvig! Tu referes a Hedvig? Como poderia ela obscurecer a tua existência?

HJALMAR (sem responder)

Quanto amor eu senti por essa criança! Quanta alegria, cada vez que ao entrar na minha pobre casa, ela vinha correndo para mim com o piscar dos seus lindos olhos! Ah! Louco confiante que eu era! Amei a tanto!... E, para mim, era um sonho poético a ideia do amor que ela tinha por mim... Seu amor, como eu o imaginava.

GREGERS

Chama isso de imaginação?

HJALMAR

Como o poderei saber? Nada posso arrancar de Gina. E, além disso, ela não compreende o lado ideal do que se está passando. Mas, diante de ti, Gregers, sinto a necessidade de abrir meu coração. É esta dúvida atroz, estás vendo? Talvez que Hedvig nunca tenha tido por mim uma afeição verdadeira.

GREGERS

Ela talvez te possa provar essa afeição. (Escuta:) Que há? Parece me ouvir o pato selvagem gritar.

HJALMAR

Sim, ele está grasnando. O pai deve estar no sótão.

GREGERS

Ah! ele está no sótão? (O seu rosto exprime alegria) Eu te digo que é bem possível que venhas a ter a prova do amor de Hedvig, dessa pobre Hedvig de quem suspeitas.

HJALMAR

Oh! E que prova poderia ela me dar? Não posso crer em protestos de amor que me venham desse lado.

GREGERS

Seguramente Hedvig não conhece a fraude.

HJALMAR

Ah! Gregers! É justamente disso que não tenho certeza. Quem sabe o que Gina e essa Sra. Soerby puderam tramocar aqui, tantas vezes? E Hedvig não tem por hábito tapar os ouvidos. É capaz que essa doação, afinal de contas, não tenha sido uma surpresa total.

PROF. MONIR: Agora Hjalmar coloca a filha de treze anos como conspiradora contra ele.

GREGERS

Que mau espírito te domina hoje, Hjalmar!

HJALMAR

Meus olhos se abriram. Presta atenção: verás que essa doação não é mais do que um primeiro passo. A Senhora Soerby sempre teve um fraco por Hedvig. Ela agora tem o poder de fazer tudo o que lhe agrade pela criança. Podem tirar ma, desde que o queiram.

GREGERS

Hedvig nunca te deixará.

HJALMAR

Não te fies muito nisso. Se eles lhe fizerem um sinal, com as mãos cheias?... E eu que tanto a quis!... Eu, cuja felicidade toda teria sido de pegá-la suavemente pela mão e de a conduzir como se conduz, num grande quarto vazio, uma criança que tem medo das trevas! Tenho agora a dolorosa certeza de que o

pobre fotógrafo alojado nas águas furtadas nunca foi nada para ela. Não houve aí nada mais que um ardil para viver em boas condições com ele até um momento dado.

GREGERS

Tu mesmo, Hjalmar, não crês no que está dizendo.

HJALMAR

O horrível é justamente isso: eu não sei o que devo pensar, jamais o saberei. Mas tu crês que é impossível que assim seja? Meu bom Gregers, tu te fias demasiado, parece-me, na força do ideal. Que os outros venham, que cheguem com as mãos cheias, que lhe gritem: “Vem conosco, a vida aqui está à tua espera!...” e verás!

GREGERS *(com vivacidade)*

Vamos! Então tu crês?

HJALMAR

Se eu lhe pedisse: “Hedvig, queres dar a tua vida por mim?” (Ri sarcasticamente.) Ah! Pois sim! Verias o que ela me responderia.

(Ouve-se um tiro no sótão.)

PROF. MONIR: Ouve-se um tiro no sótão no momento em que Hjalmar faz sarcasmo consigo mesmo: “Se eu pedisse para Hedvig dar a vida por mim, ela diria que claro que não”. Nesse momento ouve-se um tiro no sótão.

GREGERS (*com uma explosão de alegria*)

Hjalmar!

HJALMAR

Bom! aí está o outro caçando agora.

GINA (*entrando*)

Ekdal, creio que o velho está outra vez sozinho no sótão a dar tiros de espingarda.

HJALMAR

Vou ver.

GREGERS (*impressionado, alegre*)

Espera um pouco. Sabes o que é?

HJALMAR

Naturalmente que sei.

GREGERS

Não, tu não sabes. Eu, porém, sei! É a prova!

HJALMAR

Que prova?

GREGERS

Um sacrifício de criança: ela convenceu a teu pai que matasse o pato selvagem.

HJALMAR

Que matasse o pato selvagem?

GREGERS

Imagina só.

HJALMAR

Para quê?

GREGERS

*Ela quis sacrificar-te o que tinha de mais precioso. Pensa por esse modo
obrigar-te a que lhe restituas o teu amor.*

HJALMAR *(molemente, com a voz comovida)*

Oh! Esta pequena!

GINA

O que ela foi imaginar!

GREGERS

*Ela quis reconquistar o teu amor, Hjalmar. Aí está. Ela achava que não podia
viver sem ele.*

GINA *(contendo as lágrimas)*

Estás vendo, Ekdal?

HJALMAR

Gina, onde está ela?

GINA (*chorando*)

Coitadinha, com certeza está na cozinha.

HJALMAR (*vai até a porta da cozinha, abre a e chama*)

Hedvig, vem cá! Vem para perto de mim! (Olha.) Não, ela não está aí.

GINA

Então está na saleta.

HJALMAR (*da cozinha*)

Não, também não está ali. (Entra.) Terá saído?

GINA

Meu Deus! pode ser, tu não querias que ela ficasse em casa.

HJALMAR

Oh! se ela pudesse voltar o quanto antes, para eu lhe dizer... Agora, tudo irá bem, Gregers, agora sinto que uma vida nova poderá começar para nós.

GREGERS (*com calma*)

Eu sabia – Era pela criança que devia vir a redenção.

(O velho Ekdal aparece na porta do quarto dele. Está em grande uniforme e tem dificuldade em prender o sabre.)

HJALMAR (*estupefato*)

Pai, tu estavas aí?

GINA

Foi no seu quarto que o senhor deu o tiro, avô?

EKDAL (*colérico, aproximando se de Hjalmar*)

Como! Tu vais caçar sozinho, Hjalmar?

HJALMAR (*comovido, transtornado*)

Não foste tu então que atiraste no sótão?

EKDAL

Eu? Eu não!

GREGERS (*a Hjalmar, soltando uma exclamação*)

Hjalmar! Ela mesma matou o pato selvagem!

HJALMAR

Que significa isso? (Corre à porta do sótão, afasta violentamente os batentes, olha e chama bem alto) Hedvig!

GINA (*correndo para a porta*)

Meu Deus, que terá acontecido!

HJALMAR (*entrando*)

Ela está estendida no chão!

GREGERS

Estendida no chão!

(Reúne se a Hjalmar.)

GINA (ao mesmo tempo que ele)

Hedvig! (Precipita-se no sótão.) Ah! Meu Deus! Ekdal! – Há! Há! Ela se mete a atirar, ela também? (Hjalmar, Gina e Gregers, entram carregando Hedvig. O braço direito dela pende. Segura a pistola na mão contraída.)

HJALMAR (transtornado)

A arma detonou. Ela se feriu a si mesma. Peçam socorro! Socorro!

GINA (precipitando se no patamar e chamando)

Relling, Relling, Doutor Relling! Corra depressa, bem depressa!

(Hjalmar e Gregers colocam Hedvig no sofá.)

EKDAL (em voz baixa)

A floresta se vinga.

HJALMAR (de joelhos diante dela)

Ela vai voltar a si daqui a pouco. Está voltando a si. Sim, sim, sim.

GINA (que voltou)

Onde é que ela está ferida? Não vejo nada.

(Relling entra precipitadamente. Um momento depois chega Molvik, sem colete, nem gravata, de casaco desabotoado.)

RELLING

O que foi que houve?

GINA

Eles estão dizendo que Hedvig se matou.

HJALMAR

Socorro!

RELLING

Ela se matou? (Afasta a mesa e examina o corpo.)

HJALMAR

(Deitado no chão, olha ansiosamente para Relling) Não é perigoso, não é Relling? Quase que não há sangue. Isso não pode ser perigoso!

RELLING

Como foi que aconteceu?

HJALMAR

Ah! não sei nada.

GINA

Ela quis matar o pato selvagem.

HJALMAR

A arma terá disparado.

RELLING

Sim, sim, deve ter sido isso.

EKDAL

A floresta se vinga. Mas mesmo assim não tenho medo. (Entra no sótão e fecha a porta atrás de si.)

HJALMAR

Vejamos, Relling. Tu não dizes nada?

RELLING

A bala penetrou no peito.

HJALMAR

Sim, mas ela voltará a si!

RELLING

Não estás vendo que Hedvig deixou de existir?

GINA (*explodindo em pranto*)

Minha filha, minha filha!

GREGERS (*em tom engasgado*)

No fundo dos mares...

HJALMAR (*saltando*)

Mas é preciso que ela viva! Em nome de Deus. Relling, só um instante, – o tempo de lhe dizer que eu nunca deixei de adorá-la.

RELLING

O coração foi atingido. Hemorragia interna. Morte instantânea.

HJALMAR

E eu que a expulsei como a um animal! Amedrontada, ela se refugiou ali no sótão, e se matou por amor de mim. (Soluçando) Não poder nunca reparar isso! Não poder nunca dizer lhe...! (Estorce as mãos e grita erguendo a cabeça) Ó tu que estás lá em cima! Se realmente existes! Como pudeste fazer isso?

GINA

Não diz esses horrores. Parece que nós não tínhamos o direito de ficar com ela.

MOLVIK

A criança não está morta. Ela está só adormecida.

RELLING

Imbecil!

HJALMAR *(mais calmo e cruzando os braços, olha para Hedvig)*

Aí está ela, rígida e calma.

RELLING *(procurando desprender a pistola)*

Ela a segura com tanta força, tanta força!

GINA

Não, Relling, não quebre os dedos dela. Deixe a pistola sossegada.

HJALMAR

Que ela a leve consigo.

GINA

Sim, deixe a pistola com ela. Mas a criança não pode ficar aí, em exposição. É preciso que ela vá para o quarto dela, na saleta. Vem, Ekdal, vamos levá-la.
(Hjalmar e Gina carregam o corpo de Hedvig.)

HJALMAR *(ao levá-la)*

Oh! Gina, Gina! Poderás suportar isso?

GINA

Nós nos ajudaremos um ao outro. Agora, creio que ela é dos dois.

MOLVIK *(murmura estendendo as mãos)*

Glória ao Senhor... Reverterás em pó... reverterás em pó...

RELLING *(baixo)*

Cala-te de uma vez, animal. Estás bêbedo.

(Hjalmar e Gina levam o corpo pela porta da cozinha. Molvik eclipsa-se pela porta do saguão.)

RELLING *(aproximando-se de Gregers)*

Eu não acredito no tal acidente.

GREGERS *(que permanece consternado, com os ombros convulsivamente sacudidos)*

Ninguém pode saber como aconteceu essa coisa horrível.

RELLING

O tiro queimou a blusa. Ela, com certeza, atirou, apoiando o cano contra o peito.

GREGERS

Hedvig não morreu em vão. Viu como a dor libertou o que há de sublime nele?

RELLING

Quase toda a gente se mostra sublime a o chorar diante de um morto. Mas quanto tempo julga você que durará esse esplendor?

GREGERS

Como? Ele não o conservará toda a vida? Não o aumentará dia a dia?

RELLING

Dentro de alguns meses a pequena Hedvig não será para ele mais do que um belo motivo para declamação.

GREGERS

Como pode dizer isso de Hjalmar Ekdal?

RELLING

Tornaremos a tocar neste assunto quando tiver secado a primeira relva sobre o túmulo da menina. Aí então você o ouvirá lamentar se sobre “a criança roubada prematuramente ao seu coração de pai”, você o verá mergulhado no enternecimento, na admiração e na piedade por ele mesmo. Preste bem atenção.

GREGERS

Se você tem razão e se estou errado, a vida então não vale a pena ser vivida.

RELLING

Vale sim! A vida teria muita coisa boa, apesar de tudo, se não fossem esses credores que vêm bater à porta de pobres gentes como nós, para lhes apresentarem as suas reclamações de ideal.

GREGERS (com olhar fixo)

Nesse caso estou satisfeito com a resolução que tomei.

RELLING

Não há indiscrição em perguntar lhe o que é que resolveu?

GREGERS (prestes a partir)

Resolvi ser o décimo terceiro à mesa.

RELLING

Ora! Vá cantar noutra freguesia!

(Resumo feito por José Monir Nasser, com excertos traduzidos por Vidal de Oliveira, retirados de "Seis Dramas", Editora Escala, São Paulo, s.d.)

PROF. MONIR: Não é a história mais alegre que a gente pudesse ter lido juntos. Que coisa terrível, não é? Fundamentalmente esta é uma história que gira em torno da decisão de Gregers de contar o que ele contou. Tendo contado para o amigo Hjalmar os fatos que ele julgava verdadeiros, ele gerou uma situação que foi se encadeando, com um final muito negativo. Sobrou alguma coisa boa disso? Não houve a união feliz. Segundo Relling, Hjalmar pretende continuar se enganando, fingindo tudo como sempre fez e não sofrerá muito. E o Gregers, que tinha como objetivo de vida consertar aquela situação, acabou transformando o que havia em algo muito pior. Afinal o que acontecia antes tinha alguma viabilidade, algum sucesso – mesmo que fosse estabelecida sobre condições falsas, era uma vida. E agora a situação do final da história é medonha, horrorosa. Vocês acham que Ibsen escreveu essa peça para apoiar um sujeito como Gregers? Para defender que alguém tire as ilusões vitais de uma pessoa? Ibsen genialmente contrapõe o tempo todo as duas personagens – há momentos em que você tende a concordar com Gregers, e há momentos em que você tende a concordar com Relling.

Alguém aqui acha que o Gregers estava certo?

ALUNOS: [*Silêncio.*]

PROF. MONIR: É uma questão séria, complicada. Todo o mundo na vida já deve ter passado por situações como essa. Imagine que você saiba alguma coisa sobre a vida de alguém – você deve contar ou não? O que você faz pode surtir um efeito positivo como pode surtir um efeito negativo. O problema essencial de todas as situações morais como essa é que você nunca tem verdadeiramente o domínio de todos os fatos envolvidos. Por mais que você tenha algumas informações sobre a situação, você não tem o domínio

sobre todos os dados. A nossa certeza sobre a vida é sempre probabilística. Nós não temos condição de ter certeza absoluta a não ser sobre conclusões metafísicas. A única coisa de que podemos ter certeza na vida são aquelas coisas que dependem de autopercepção. Eu tenho certeza de que eu existo e de que estou falando aqui com vocês. Também tenho certeza de coisas de natureza metafísica como, por exemplo, $2 + 2 = 4$. Não poderia ser 5 nem mesmo para Deus. O primeiro problema é que você não detém todos os elementos envolvidos. Há elementos fora de seu alcance que podem mudar a situação.

Conheço um sujeito que foi contar para o sobrinho que havia se separado da mulher. O sobrinho demonstrou alívio, dizendo que tinha pena do tio quando o via com aquela mulher. Uma semana depois o tio diz que voltou com a mulher. Desde então ele cumprimenta a mulher do tio só com um aceno de cabeça [*risos*]. São situações complicadas. Falando em termos práticos, não se deve entrar no mérito de brigas entre marido e mulher, de questões emocionais, pois sempre há muito mais problemas do que você pensa que tem. Mas nós temos que lidar com esse assunto mais filosoficamente, que é o nosso tom aqui.

ALUNA: [*Diz que acha que envolve mais uma questão psicológica.*]

.

PROF. MONIR: Seguramente também tem aspectos psicopatológicos nisso. Mas aqui há uma questão de natureza conceitual anterior a essas questões emocionais. O que se está debatendo aqui nessa peça é o problema da verdade – se ela deve ser dita ou não. O primeiro problema grave de Gregers é que ele não tem dúvida se deve dizer ou não a verdade para Hjalmar. Em nenhum momento da história ele pensou assim: “Será que eu deveria con-

tar?” Ele não tem essa dúvida porque ele é o militante da verdade. Ele não está pensando nas consequências do que vai fazer, não tem capacidade de medir as consequências de seu ato. E essa humildade ele deveria ter tido desde o início.

Se você tem dúvidas sobre as consequências dos seus atos e se o conhecimento de toda a situação é improvável, onde fica o bom senso? É muito melhor viver com uma dúvida do que com uma pseudoverdade, porque a pseudoverdade pode ser mais destrutiva do que uma dúvida. E esta me parece ser uma regra básica, fundamental. É preciso que você tenha essa prudência existencial. Gregers não tem isso porque é um tipo radical da verdade; ele tem uma igreja chamada verdade que quer defender. Mas se você pensar com um pouco mais de profundidade, você descobre que o problema de Gregers é outro. Ele impressiona os leitores da peça porque é militante da verdade. As pessoas pensam que Ibsen é um sujeito que faz a crítica dos costumes e de todos os hipócritas, e os que vivem mentiras estão sendo atacados e colocados no seu devido lugar.

Mas, para entender o problema do Gregers, temos que fazer uma comparação com *O Tartufo*. No caso do Tartufo, também havia quem o denunciasse. Orgon era o sujeito manipulado por Tartufo, que era um santarrão. A família inteira de Orgon, com exceção de sua mãe, o avisava que aquilo não estava certo, que ele estava sendo vítima de uma conspiração. No final das contas, Tartufo é desmascarado por uma série de circunstâncias e a família acaba vencendo, destruindo Tartufo. A situação familiar volta à normalidade.

Por que a denúncia é diferente no caso de *O Tartufo*? O que está sendo denunciado no caso de *O Tartufo*? O Tartufo, que é uma pessoa. E aqui? A situa-

ção vivida é que está sendo denunciada. Além desta diferença, no que mais diferem as situações da denúncia contra o Tartufo e da denúncia contra a situação vivida em *O Pato Selvagem*?

ALUNO: O Tartufo está fazendo uma brincadeira, não tem muita fé. É só um interesseiro, meio oportunista. Gregers não é vigarista, ele acredita mesmo naquilo.

PROF. MONIR: Cuidado, porque Gregers não está no papel do Tartufo – ele é o denunciante, equivale à família de Orgon. A família de Orgon denuncia o Tartufo, que é um vigarista, puro e simples, e aqui você tem o Gregers denunciando uma situação. Qual é a diferença entre essas duas denúncias? Tem uma diferença enorme entre essas duas denúncias. A família de Orgon denuncia o Tartufo porque está querendo se **defender** de uma possível perda patrimonial, porque o Tartufo ia levar tudo embora. E aqui? O que Gregers quer? À primeira vista, a justificativa é a de querer restituir o império da verdade, tirando o pato debaixo da água, que ele irá buscar como o cachorro. A mobilização da família do Orgon é defensiva apenas. Já a mobilização de Gregers é do tipo kantiano. O certo é o certo e o errado é errado, não havendo meio termo. Ele tem que restituir a verdade porque é sua obrigação, ou seja, há o imperativo categórico de se fazer isso. Não é uma motivação muito diferente?

Mas vocês não desconfiam de uma segunda motivação, bem concreta? Gregers quer se vingar do pai para vingar a mãe. Ele quer destruir o plano que o pai dele fez. O Sr. Werle montou um plano, que embora tenha sido feito para resolver um ato errado, não deixava de ter algum valor. É que usamos sempre o raciocínio errado de acharmos que os atos de uma pessoa má têm que

ser obrigatoriamente maus. Às vezes, quando uma pessoa má faz um ato bom, o ato continua sendo bom. O Sr. Werle arranhou um jeito de conseguir conviver com aquela situação. No final da vida, ele parece estar tentando consertar a situação mais ainda. Há uma espécie de arrependimento, de atitude geral de resolver o problema.

ALUNO: O Werle é o Tartufo que deu certo. Ele roubou o dinheiro da mãe, prejudicou o sócio, a mulher...

PROF. MONIR: Ele certamente é uma pessoa má. Fez coisas erradas, no entanto tentou consertar as coisas no final. Mas o problema do Gregers é que ele não está querendo na verdade defender a justiça, ele está querendo apenas vingar a mãe, cuja morte ele atribui à ação do pai.

Todo o problema de consciência moral é um problema de saber e de não saber alguma coisa. O que caracteriza o problema moral é a falta de saber o que fazer, porque o resto você resolve fácil: Você prefere tomar whisky ou levar uma martelada no dedo? Todas as questões que envolvem aspectos estéticos e aspectos de natureza física são fáceis de serem resolvidas. Quem é mais bonita: a Gisele Bündchen ou a Maria da Conceição Tavares? O Costinha ou o Wanderley Cardoso? Essas coisas não são problemas morais porque mesmo que o seu gosto o incline a escolher o Costinha, não é algo de que você duvide muito; são decisões instantâneas.

O que caracteriza a decisão moral é o fato de que os efeitos da decisão que você toma, seja qual for ela, ocorrem ao longo do tempo – portanto você não tem à primeira vista uma perspectiva precisa das consequências. Quando você se defronta com qualquer situação moral, a primeira consideração

é esta: quais serão as consequências da minha decisão? E é o fato de que você percebe pelo menos em parte as consequências da sua decisão é que faz com que você tenha dificuldade de tomá-la. Porque dessa decisão podem advir consequências muito graves. Nosso Gregers não tem consciência moral nenhuma, ele faz da moral uma bandeira, uma plataforma pessoal. Ele é a moral em pessoa andando por aí. Ele é muito parecido com o Dr. Stockmann de *O Inimigo do Povo*, que é a origem da mente revolucionária. O dr. Stockmann não admite ser contrariado, porque ele é a decisão certa em pessoa, ele é a personalização da moralidade.

Esses tipos justiceiros de Ibsen são todos para nos passar a perna, nos enganar – porque não é possível que Ibsen esteja apoiando essa gente – esse Gregers é um monstro. Justamente porque é um sujeito que tem uma visão de moral absoluta é que se ele se transforma num Torquemada²⁴, num executor de uma política de destruição de todo o mundo que não está dentro dos seus conceitos morais. É esse sujeito que irá produzir todas as tiranias revolucionárias na vida, porque ele acha que aquela verdade tem de ser revelada a todo o custo, seja qual for o preço. Mas na realidade ele não tem toda a verdade. Nesse caso aqui, vamos conceder que haja veracidade no quadro que Gregers está traçando – que, de fato, aquela situação familiar seja artificial, que estivesse sendo construída em torno de falsidades há dezesseis anos. Vamos aceitar isso. Mesmo assim, é preciso pensar se você

24 Nota da revisora da transcrição: Tomás de Torquemada (1420-1498), “O Grande Inquisidor”, foi o inquisidor-geral dos reinos de Castela e Aragão no século XV e confessor da rainha Isabel a Católica. Torquemada é conhecido por sua campanha contra os judeus e muçulmanos convertidos da Espanha. A quantidade de autos-de-fé no mandato de Torquemada como inquisidor é controversa, mas o número mais aceito é 2.200. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A1s_de_Torquemada. Acesso em 28 jul 2015.

deve ou não fazer o que ele fez. Porque a sua obrigação moral não é fiscalizar a verdade dos outros, mas é viver a **sua** vida com verdade. É a única coisa que sobra desta história.

ALUNO: Aquela frase “A verdade vos libertará” é uma coisa pessoal.

PROF. MONIR: É, unicamente. Você não encontrará na Bíblia nenhum momento em que Jesus Cristo se comporta assim como esse Gregers. Há uma coisa chamada caridade que está envolvida nisso, que não pode ser desrespeitada. Jesus Cristo diz para você viver a verdade – mas para você.

O sujeito que está aí para dismantelar as mentiras alheias e produzir a verdade nos outros é um tipo extraordinariamente narcisista, de um narcisismo tão profundo e tão sofisticado, que é capaz de fazer do proselitismo a sua atividade existencial – alguém como o Gregers, que não tem mais nenhum plano na vida além de desvelar a mentira. Toda a vez que você tiver que se decidir entre contar e não contar, você precisa entender que o que vai estabelecer a legitimidade do seu ato não é ter contado ou não contado, mas é saber **por que** você contou ou não contou. O que torna Gregers ilegítimo é o fato de que ele só queria destruir o próprio pai. Talvez se ele soubesse de uma situação como essa que não tivesse sido causada pelo seu pai, ele tivesse deixado para lá, porque ninguém consegue passar a vida inteira solucionando todos os problemas morais do mundo.

Aliás, como regra básica do cristianismo, você não tem obrigação nenhuma de resolver as injustiças do mundo. Só tem obrigação de não fazer nenhuma. Prestem atenção nisso, senão a vida fica impossível.

Se no Tartufo nós nos defrontamos com um tipo revolucionário que é o tipo mentiroso e sem vergonha, que usa de um estratagema discursivo para fazer os outros entregarem a ele o poder, vocês estão vendo aqui um outro tipo da mesma pessoa. No fundo eles têm uma ligação: um tipo humano que, indignadíssimo com os males do mundo, faz uma cruzada em favor da verdade na vida dos outros. É esse sujeito que irá produzir um desastre gigantesco em seguida, e ocupará o espaço com alguma espécie de intervenção – intervenção que compete a ele que está munido de boas intenções, munido dos melhores pensamentos a respeito, dos maiores conceitos.

Gregers faz uma militância em torno da verdade que, no fundo, é uma militância em favor de suas pequenas doenças emocionais. Qual foi a vantagem de produzir toda essa confusão? Desestabilizar o que está estável.

ALUNO: A maldade do Gregers foi muito mais maléfica do que os erros do pai?

PROF. MONIR: Sim, porque o pai estava tentando consertar as coisas erradas que havia feito, e Gregers tem aquela atitude do moralista extremado, do militante da verdade, motivado por razões escusas e profundamente implícitas que ele não tem coragem de admitir para si mesmo. Ele não se dá conta das verdadeiras intenções que tem. As suas motivações são para ele completamente invisíveis. É um sujeito que está mais doente do que o Hjalmar; **ele é que é o pato selvagem** – mas acaba produzindo o efeito contrário. Ele não se dá conta do que é de verdade, porque não tem capacidade de refletir sobre o que faz. Em nenhum momento desta história ele pergunta assim: “Meu Deus, mas será que eu deveria fazer isso?”

ALUNA: *Aluno pergunta sobre o sentido da cegueira.*

PROF. MONIR: Ele é um grande escritor, esse Ibsen. Ele faz conosco uma espécie de jogo. Fica brincando com a cegueira contra a luz e está nos induzindo o tempo todo a cair na armadilha – porque, na aparência da história, Gregers é um crítico da sociedade da época que está produzindo, com a sua atuação corajosa e destemida, uma recuperação da verdade, está destruindo a mentira existencial das pessoas. É isso que o leitor desavisado vai achar que era para entender dessa história.

Ibsen tem essa cara de ser um escritor que faz a crítica social, como no caso de Nora, a personagem de *A Casa de Bonecas*, uma mulher tratada como criança pelo marido. É isso que aparentemente é. Aqui no Brasil fizeram dezenas de encenações na década de 1970. Qualquer resenhador iria dizer que se tratava de uma peça feminista – quando na verdade, a Nora, no final da peça, abandona os filhos e vai embora de casa. Não sei se Ibsen queria torcer pelo feminismo. Parece que não. Nas outras peças da mesma leva não há nenhuma simpatia pelo feminismo, de modo nenhum. Foi o mundo moderno, com seus vieses e com suas idiossincrasias, que inventou que a genialidade de Ibsen está em ser apoiador das teses politicamente corretas do mundo moderno. Pois a genialidade de Ibsen está justamente no fato de que ele se pergunta se tem o direito de interferir na mentira existencial dos outros. Esse é o problema central aqui. Quando você tem consciência moral, você se faz esta pergunta. Mas o sujeito que está justamente fazendo o proselitismo da moralidade, da verdade indiscutível, esse sujeito é o primeiro que não tem consciência moral ele mesmo? Gregers podia imaginar que aquilo não daria certo. Se ele não se perguntou isso, é porque estava altamente autoiludido.

ALUNA: *[Acha que tudo foi premeditado, que Gregers voltou para dar um fim naquilo que o incomodava. Acha que as coisas não aconteceram de uma forma natural, que Gregers conduziu os acontecimentos.]*

PROF. MONIR: Isto a gente não sabe, é uma suposição que não está no texto. Ele só fica sabendo que a Gina era mulher do Hjalmar na noite em que eles se reencontraram. Ele estava há dezesseis anos curtindo uma grande raiva porque o pai teria se casado com a mãe por interesse, que teria tido amantes, e que por causa disso tudo a mãe teria morrido. Então ele atribui ao pai as causas indiretas da morte da mãe. Depois houve o episódio do velho Ekdal, mas ele não tinha ideia de que o velho tinha estado tão mal. Quando ele volta, a quantidade de informações que ele tem sobre a situação é muito pequena ainda. Ele vai obter todas as informações na noite em que a peça começa. No entanto, a legitimidade de suas intenções é o problema aqui.

Tudo que a gente tem na vida está sempre coberto por uma certa quantidade de ignorância. Por mais que tenhamos acesso à realidade, sempre teremos acesso limitado. Por exemplo, vocês não podem dizer que horas são neste relógio porque estou escondendo o visor. A natureza do relógio é impedir que vocês possam ver ao mesmo tempo o fundo e a frente. Uma coisa exclui a outra. Tudo que há na estrutura da realidade tem, portanto, visibilidade desigual. É preciso ter sempre essa percepção para não fazer como esse sujeito que depois teve que engolir o fato de que o casal voltou. Você deve tomar um enorme cuidado com essas coisas e a sua própria consciência moral deve lhe perguntar: “Será que faço ou não?”

Gregers em nenhum momento duvida do seu plano, ao contrário, ele lida com a situação de uma maneira absolutamente peremptória. Ele decide

que é assim e pronto, como se fosse o maior paladino da justiça do mundo. Esses sujeitos são os mais perigosos. O Tartufo é só um picareta e mentiroso. Se você colocá-lo no conselho da Petrobrás ganhando 80 mil por mês, ele deixará de ser revolucionário automaticamente, porque só queria o dinheiro. Essa gente, não. Essa gente quer uma coisa chamada “mundo perfeito”, que é impossível. Toda vez que você quer fazer um mundo perfeito, você precisa reengenheirar os indivíduos que estão nele. E isso é impossível, portanto você só produzirá isso com a ruptura da própria possibilidade de vida. Por isso o dr. Relling disse ao Gregers que somos todos doentes.

A natureza humana é de uma precariedade e imperfeição absolutas. Vivemos uma existência imperfeita. Todo o indivíduo que quer produzir uma realidade perfeita transforma-se num Gregers. Se vocês achavam que Ibsen tinha alguma simpatia por isso, percam as esperanças. Embora esteja aí nas crônicas teatrais – ninguém vai entender o livro, pois as pessoas comprarão a história pelo valor de face, Gregers sendo visto como o sujeito que quer instituir a verdade, a moralidade. No entanto, são os tipos mais perigosos de todos, os que farão os grandes morticínios. Essa é a ideia que está dentro desta história maravilhosa. É tristíssima, mas escrita com grande competência.

Federação das Indústrias do Estado do Paraná - FIEP | Presidente

Edson Campagnolo

Serviço Nacional da Indústria Paraná - SENAI | Diretor Regional Senai - PR

Serviço Social da Indústria Paraná - SESI | Superintendente do SESI/IEL - PR

José Antonio Fares

Assessora Executiva de Assuntos Estratégicos - Sistema FIEP

Maria Crsthina de Souza Rocha

Gerente de Cultura - Sistema FIEP

Anna Paula Zétola

Analista Técnico – Cultura - Sistema FIEP

Thaís Bonato Lourenço

Analista Técnico – Cultura - Sistema FIEP

Kleberr Wlader

Normalização – Cultura - Sistema FIEP

Pandita Marchioro

Conteudista

José Monir Nasser (in memoriam)

Revisão de transcrição

Patrícia Nasser

Revisão Literária e Palestras

Paulo Brigueu

Capa e Diagramação

Maria Cristina Pacheco dos Santos Lima

Ilustração Capa

José Monir Nasser

Coordenação Geral

Anna Paula Zétola

Produção Executiva e Prestação de Contas

Luiz Roberto Meira

Assistente de Produção

Gilmar Lima

Assessoria de Imprensa

Rafaela Tasca

Programa Nacional de Apoio à Cultura PRONAC

Ministério da Cultura

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as pessoas, alunos e amigos, cujos estímulos e esforços contribuíram direta ou indiretamente para o sucesso do programa Expedições pelo Mundo da Cultura e cuja presença indelével está nas entrelinhas de cada parágrafo deste livro.

Agradecemos ao Sesi, à ABRH, à Klabin, à Volvo e aos seus colaboradores não apenas pelo apoio material, mas pelo entusiasmo, envolvimento e dedicação com que nos acompanharam durante todo este processo.

Agradecemos a todos os que cederam materiais, se mobilizaram e trabalharam pelas transcrições, das mais variadas maneiras. Agradecemos a Bruno Floriani e a Pâmella Stadler pelo seu envolvimento direto com as transcrições. Registramos em especial nossa gratidão para com Andréa de Oliveira Jaques e para com Carlos Nadalin, sem os quais este esforço não teria sequer começado.

Agradecemos ainda aos amigos Carlos Jaime Loch e Paulo Brigueet pelo tempo e talento a nós devotado.

Família Nasser

OS FILHOS DE MONIR

José Monir Nasser foi o pai intelectual de muita gente. Todos se tornavam alunos diante dele. Era um educador no sentido verdadeiro da palavra: ex ducare, conduzir para fora. Suas aulas sobre os grandes clássicos literalmente conduziam os ouvintes para fora da caverna da ignorância, mostrando-lhes a luz pura e espiritual do conhecimento. Virgílio de tantos pequenos Dantes, que antes de conhecê-lo não conheciam a comédia de erros das próprias vidas, ele comprovou que o mundo da criação literária e o mundo da criação de riquezas não estão separados, mas fazem parte de um mesmo princípio, essencialmente espiritual.

PAULO BRIGUET

EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA VOLUME 10

O Processo Maurizius
Comentários sobre o
Sermão da Montanha

ENCONTROS COM O PROFº JOSÉ MONIR NASSER

EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA VOLUME 10



JOSÉ MONIR NASSER
(1957-2013)

Economista, escritor, editor e pintor, fundou a empresa de consultoria AVIA Internacional e a Tríade Editora. Foi consultor de estratégia em inúmeras organizações de porte nacional e consultor de desenvolvimento regional. Escreveu "A Economia do Mais" e "O Brasil que Deu Certo", ambos pela Tríade Editora.

FIEP-Federação das Indústrias do Estado do Paraná

Edson Luiz Campagnolo
Presidente

Superintendente do Sesi e IEL no Paraná e Diretor Regional do Senai no Paraná

José Antonio Fares

Assessora de Projetos Estratégicos

Maria Christina S. Rocha

Gerência de Cultura

Anna Paula Zétola

Conteudista

José Monir Nasser

SESI. Departamento Regional do Paraná.

Expedições pelo mundo da cultura: O Processo Maurizius / Comentários sobre o Sermão da Montanha / SESI. Departamento Regional do Paraná. - Curitiba: SESI, 2017.

268 p.: 21 cm. (Expedições pelo mundo da cultura, v. 10)

ISBN: 978-85-5583-035-8

1. Literatura – História e crítica. 2. Serviço Social da Indústria. I. José Monir Nasser.

CDU 82

A reprodução total ou parcial desta publicação por quaisquer meios seja eletrônico, mecânico, fotocópia, de gravação ou outros, somente será permitida com prévia autorização, por escrito, do SESI.

O Processo Maurizius

Comentários sobre
o Sermão da Montanha

Escrever o Prefácio de Expedições pelo Mundo da Cultura não é somente escrever uma página para iniciar o livro e instigar sua leitura. É escrever sobre uma viagem por mundos a serem descobertos a cada volume, em cada história que se apresenta página após página, personagem a personagem, cenário após cenário. É escrever sobre uma viagem que permite nos transportarmos de espaços inusitados para o racional e o imaginário; que nos dá oportunidade de sair do lugar comum para lugares consagrados da literatura clássica.

Quando se busca o significado da palavra expedição, encontra-se como uma de suas definições: conjunto de pessoas que viajam para um determinado território, com o objetivo de analisá-lo. Foi isso que Monir Nasser nos proporcionou durante quatro anos de parceria entre ele, ilustre intelectual, e o Sesi Paraná. Momentos únicos nos quais conhecimentos foram compartilhados e viagens por destinos diversos foram realizadas, modificando o olhar que temos de nossa realidade, dando-nos condições de ampliar nossa visão de mundo.

Ao todo se somaram 92 possibilidades de expedições, mediadas por ele, que levaram os participantes dos encontros por um mundo indesejável, por um universo cultural a ser desmistificado e descortinado aos poucos. Encontros nos quais já existia a expectativa para o próximo e que, por isso mesmo, não se conseguia parar. Os encontros possibilitaram atravessar a Ponte Rialto, em Veneza, por nosso imaginário e participar da negociação entre Antonio e Shylock. Encontrar Dom Quixote de La Mancha, cavaleiro medieval, em busca da sua amada Dulcinéia, sempre em companhia de seu cavalo Rocinante e seu fiel escudeiro Sancho Pança, pelos caminhos espanhóis. Navegar para a Índia, pela obra poética de Os Lusíadas, de Camões, compreendendo a história de Portugal. Entender a complexidade do Livro de Jó, com seus discursos e respostas para perguntas existenciais. Navegar em busca de Moby Dick, refletindo sobre os sentimentos humanos e tantas outras compreensões. Enfim, Monir nos traduziu obras de William Shakespeare, Tolstói, Miguel de Cervantes, Herman Melville, Camões, Aldous Huxley, Tolkien, Nicolai Gogol e livros bíblicos, aproximando-nos dos autores e de suas obras.

Certa vez, meu amigo Monir Nasser disse, durante o encontro que discutia a novela A Morte de Ivan Ilitch, que não adianta olhar para a morte a partir da vida, mas a única solução é olhar para a vida a partir da morte; não há outro jeito de orientarmos a vida.

Assim, devemos olhar para a vida com a possibilidade de continuarmos o legado de Monir, contribuindo com a sociedade e futuras gerações para a descoberta de novas possibilidades que se abrem quando se descortinam as histórias da humanidade. Esta coletânea representa a existência que transcende a morte e permanece presente em nossos corações e mentes.

José Antonio Fares,

Superintendente Sesi Paraná.

Ele continua fazendo a diferença

Perdi a companhia do José Monir em 16 de março de 2013, depois de trinta anos de convivência. Para todos que o conheceram ou privaram de sua frondosa companhia foi uma perda irreparável. Foi um cometa que passou rápido, embora tenha brilhado intensamente.

Como professor conheci o José Monir em 1981 na turma de ‘trainees’ da Fininvest, um grupo de jovens que estava sendo preparado para implementar nos anos seguintes o Mercado Comunitário de Ações em Joinville (SC), onde moramos juntos uns três anos. Depois deste período seguimos caminhos diferentes, mas ficando sempre em contato; sua busca profissional levou-o a várias experiências. A partir dos anos 90 nós dois passamos a residir de novo em Curitiba; ele já atuava como consultor empresarial, caminho que também adotei, inclusive por influência dele.

Ao longo dessa caminhada pude conhecê-lo cada vez mais, tanto suas origens como sua obra. Seu brilhantismo era lastreado por uma formação clássica herdada. O pai, médico, cursara especialização em Paris como bolsista da Aliança Francesa, dirigida em Curitiba pelo casal Garfunkel; a mãe, secretária da Aliança Francesa até casar-se. O berço familiar transpirava atmosfera cultural. Quando o pai ia para o consultório à tarde, levava junto o filho adolescente para ficar na Biblioteca Pública do Paraná, na quadra vizinha, até o final de sua jornada. ‘Lia de tudo’, dizia; Roberto Campos o influenciaria com seu estilo polêmico e afiado. Frequentou também a Escolinha de Arte, da própria Biblioteca Pública. O José Monir falava e escrevia fluentemente francês, inglês e alemão; na juventude participou de programas de intercâmbio escolar nesses três países; ainda jovem chegou a morar por mais de um ano na Alemanha, vindo a trabalhar como operário numa fábrica, experiência marcante à qual se referia com frequência. Até o final do 2º Grau teve apenas formação clássica, isto é, de humanidades, sem direcionamento profissional, voltada apenas para o desenvolvimento da capacidade de expressão do espírito humano. Sua primeira faculdade foi em Letras, mas já no final desta resolveu cursar Economia, provavelmente em decorrência do clima político do país no final dos anos setenta. Discorria com domínio sobre os mais variados assuntos, indo de arte a filosofia, religião, ciência, literatura, economia e outros tantos. Teve forte influência de Virgílio Balestro, hoje com mais de 80 anos, Irmão Marista professor do colégio em que estudou; com ele tinha aulas particulares de latim e grego. Amadureceu profissionalmente entre seus vinte e cinco e trinta anos, sob a influência marcante de Rubens Portugal, nosso diretor e grande mentor. Mesmo tendo contato com gestão empresarial só nesta idade, o José Monir superou pelo caminho muitos que tinham se iniciado mais cedo.

Nesse tempo destacava-se por sua vivacidade intelectual e arguta capacidade de abordar as situações mais complexas no campo gerencial e econômico, de maneira inovadora. Recendia qualidade em tudo que fazia, desde clareza de raciocínio até redação densa, leve e comunicativa, recheada de vocabulário erudito sem ser pedante. Demonstrava prodigiosa versatilidade; ia direto ao ponto central dos assuntos; conseguia revelar relações incomuns entre fatos e situações aparentemente desco-

nexas. Sabia localizar o ouro. Ele fazia a diferença! Detestava autoridade imposta; pugnava pela autoridade interna da abordagem orgânica dos fatos e análises sobre a situação enfrentada. Irritava-se com mediocridade, e com burocracia em geral. Era hábil em desmascarar espertezas travestidas e agendas ocultas.

Interagia com todos os segmentos sociais, frequentando as mais diversas 'tribos' civilizadas. Gostava de merecer o prêmio e a vantagem, em vez de dar-se bem às custas alheias. Sua nobreza de caráter dispensava as competições predatórias; perder para ele era reconhecido como ganho até pelos adversários; nunca o vi tripudiar sobre alguém. Era dono de uma verve humorística ímpar: à sua volta sempre predominavam as satíricas risadas de um 'fair play'. Sabia portar-se com franqueza lhana; para ele a verdade podia ser dita sem precisar ferir. Era um 'curitibano da gema'; ainda não consegui encontrar alguém que superasse sua capacidade de entender a 'alma curitibana'. Dizia que em Curitiba não é bem assim para namorar uma moça de família: 'antes de pegar na mão, você tem que se apresentar, dar provas, frequentar e ... esperar ser convidado; ser 'entrão' pega mal; somos uma sociedade da serra, não da praia'. Sempre aproveitava as oportunidades de aprender quando reconhecia nas pessoas capacidades e experiências extraordinárias; hauriu muito da convivência com Rubens Portugal, com Professor Tsukamoto (de São Paulo) e Arthur Pereira e Oliveira Filho (do Rio).

Sua trajetória profissional foi intensa, árdua e cheia de iniciativas inovadoras, sempre trabalhando por conta própria. Nos anos noventa tornou-se um famoso consultor empresarial junto a grandes clientes do circuito São Paulo-Rio-Brasília. Teve um escritório de consultoria em Curitiba, AVIA Internacional, que editava uma 'letter', lidava um Programa de Análise Setorial (Papel/Celulose, Seguros, Bancos), desenvolvia projetos sobre as experiências internacionais de Jacksonville e Mondragon, dentre outros projetos. Nesse período dedicou-se à pintura com atelier próprio; frequentava aulas particulares e convivia no meio artístico local.

Desencantado com a inércia brasileira por ideias inovadoras, no início do novo milênio passou a dedicar-se ao projeto do Instituto Paraná Desenvolvimento (IPD), um centro de pensamento sob a liderança de Karlos Rischbieter. Nesse período participou com Olavo de Carvalho do Programa de Educação (Filosofia), patrocinado pelo IPD. Em 2002 fundou a Triade Editora e escreveu os livros 'A Economia do Mais' sobre 'clusters', e o 'O Brasil Que Deu Certo', com o empresário Gilberto J. Zancopé, sobre a história da soja brasileira. Chegou a ter um programa de televisão em que corajosamente discutia temas quentes de forma crítica.

No final da primeira década dos anos 2000 imprimiu novo rumo a seu projeto profissional, lançando 'Expedições ao Mundo da Cultura'. Consistia numa engenhosa adaptação ao Brasil do trabalho do norte-americano Mortimer Adler, a leitura de cem obras clássicas básicas como programa de formação de um cidadão culto. 'Nada do que eu fiz na vida me deu tanto prazer quanto este trabalho', dizia. Em menos de um ano tinha grupos em Curitiba, São Paulo e algumas cidades do Paraná. Sua grande inovação foi fazer um resumo de cada obra, com vinte páginas em média, para contornar a dificuldade dos brasileiros em ler um livro a cada quinze dias. Os encon-

tros eram concorridos, animados e muito proveitosos no despertar os participantes para a dimensão cultural. Até que um AVC o abateu.

A semente da herança cultural cresceu, floresceu e frutificou. Seu grande legado é o exemplo de como a Cultura é próspera e construtiva, ao contrário do que se pensa neste país como apenas entretenimento. É exemplo de projeto educacional humanista clássico, ao contrário do que se faz hoje em se privilegiar precocemente a orientação profissional em detrimento da formação humana. É exemplo profissional de trabalhar por conta própria correndo riscos e dedicando-se de corpo e alma ao projeto em que acredita. É exemplo de modernidade inteligente, tanto na sua herança como na sua obra e no seu legado, fundados sobre a matriz cultural clássica no âmbito da família. O que a família não fizer dificilmente será recuperado pela escola e pela empresa. A volta desse cometa acontecerá sempre que se replicar essa proposta de formação.

A trajetória de vida corajosa e realizadora de José Monir (1957-2013) é orgulho para sua família e referência para os amigos e os que o conheceram. Ele continua vivendo em nós; ele continua fazendo a diferença!

Carlos Jaime Loch, Consultor de Gestão Empresarial.

Ao mestre, com carinho

José Monir Nasser costumava dizer que nós não explicamos os clássicos; eles é que nos explicam. Da mesma forma, podemos afirmar que qualquer tentativa de explicar o trabalho do professor Monir resultará em fracasso, pois toda explicação possível advém do próprio trabalho. É preciso dizer de uma vez por todas: ele é o professor e nós somos os alunos.

Aristóteles discordou de seu mestre Platão em muitas coisas, mas certa vez declarou: "Platão é tão grande que o homem mau não tem sequer o direito de elogiá-lo". Quem somos nós para elogiar ou explicar o mestre Monir? Ninguém. No entanto, tentaremos fazê-lo, do modo mais sucinto possível, para não tomar o tempo precioso do leitor.

Os textos reunidos nesta série são transcrições de aulas de José Monir Nasser sobre clássicos da literatura universal, dentro do programa Expedições pelo Mundo da Cultura, que funcionou entre 2006 e 2010. O objetivo era trazer para o conhecimento do público os temas que ocupavam o espírito dos grandes autores. São nomes e histórias que muitas vezes estão presentes na vida e na linguagem cotidiana – vide os adjetivos homérico, dantesco, quixotesco, kafkiano –, mas que em geral ficam adormecidos na poeira das estantes. A missão de Monir era trazer esses enredos e personagens clássicos para a luz do dia.

O foco das palestras de Monir não era a crítica literária ou a análise estilística, mas sim a discussão do conteúdo. Ele possuía uma verdadeira e sagrada obsessão por esclarecer mesmo as passagens mais difíceis das obras discutidas. Seu lema, repetido diversas vezes, era: "É proibido não entender!" Todos ficavam à vontade para interromper sua fala com perguntas, reflexões, ponderações, comentários. O objetivo não era transformar os alunos em eruditos, mas dar acesso a um conhecimento valioso, universal e atemporal, que pode fazer toda diferença na vida das pessoas. E fez. Monir pretendia fazer a leitura de 100 livros clássicos da literatura universal. Não foi possível: ele discutiu "apenas" 92. A lista inicial dos clássicos partiu da obra Como ler um livro, de Mortimer Adler e Charles Van Doren, sendo aperfeiçoada ao longo do tempo. Na presente seleção há dez obras: Gênesis e Jó (textos bíblicos), Fédon (de Platão), Os Lusíadas (de Camões), O Mercador de Veneza (de Shakespeare), O Inspetor Geral (de Gógol), A Morte de Ivan Ilitch (de Tolstói), Moby Dick (de Melville), O Senhor dos Anéis (de Tolkien) e Admirável Mundo Novo (de A. Huxley).

A ideia de trabalhar com os clássicos já havia sido colocada em prática por Monir e o filósofo Olavo de Carvalho, em um curso que ambos ministraram na Associação Comercial de Curitiba, patrocinado pelo IPD (Instituto Paraná de Desenvolvimento). O programa Expedições pelo Mundo da Cultura nasceu em 2006 e já no primeiro ano passou a contar com a parceria do Sesi. De Curitiba, onde foram realizadas as primeiras aulas, o programa foi estendido a outras cidades paranaenses: Paranavai, Londrina, Maringá, Toledo e Ponta Grossa. O programa também foi realizado em São Paulo a partir de 2007, desvinculado do Sesi.

Em todas essas cidades, Monir fez alunos e amigos. Porque era quase impossível ouvi-lo sem considerar a sua maestria e o seu amor ao próximo. Os encontros duravam cerca de quatro horas, com um intervalo para café. Monir começava as palestras com uma apresentação genérica sobre o autor e a obra. Em seguida, havia a leitura de um resumo do livro, entremeado por observações de Monir. Esses comentários formavam um rio de ouro que conduzia o aluno pelas maravilhas da literatura universal. As quatro horas passavam com uma rapidez quase milagrosa – e você tem em mãos a oportunidade de comprovar essa afirmação.

Não bastassem a fluidez e a sutileza de suas observações, José Monir Nasser tinha a capacidade de enriquecê-las com um fino senso de humor, livre de qualquer pedantismo ou arrogância. Ao final das aulas, nota-se um inusitado clima de emoção entre os presentes. Algumas vezes, ao concluir seus pensamentos sobre a mensagem dos clássicos, Monir chegava às lágrimas, como testemunharam alguns de seus alunos e amigos.

Em cada cidade por onde Monir levou os clássicos, espalhou também as sementes do conhecimento, da cultura e dos valores eternos. Ele era um autêntico líder de primeira casta, um homem cujo sentido da vida era fazer o bem e elevar o espírito de seus semelhantes. Muito mais do que explicá-lo, cumpre agora ouvir a sua voz – nas páginas que se seguem. Jamais encontrei o professor Monir pessoalmente; mas, após ouvir as gravações e ler as transcrições de suas aulas, posso considerar-me, talvez, um aluno, um amigo, um leitor. Conheça você também o mestre Monir.

Paulo Briguet, jornalista e escritor.

Prefácio à segunda Edição

Reencontro com José Monir Nasser

Todo paranaense — todo brasileiro — interessado em alta cultura deveria agradecer a Deus pela vida e obra de José Monir Nasser. Durante uma trajetória de vida relativamente curta — apenas 56 anos — ele realizou trabalhos fundamentais nos campos da economia, do empreendedorismo, da editoração e da literatura. Mas, se precisássemos resumir numa palavra o perfil desse homem multifacetário, poderíamos dizer simplesmente: — Professor.

A biografia intelectual do professor Monir foi a realização integral de uma de suas mais famosas frases: “Uma sociedade não pode ser rica antes de ser inteligente”. Grande divulgador do empreendedorismo cívico — tema de seu excepcional livro *A Economia do Mais* —, Monir dedicou grande parte dos seus últimos anos de vida ao projeto *Expedições pelo Mundo da Cultura*, com palestras luminares sobre obras literárias clássicas. Ele próprio tinha perfeita consciência do que esse trabalho representava: “O *Expedições pelo Mundo da Cultura* é um programa que tem por objetivo restaurar a verdadeira cultura brasileira, que nós de alguma maneira perdemos e que precisamos buscar a todo custo, porque é a única maneira pela qual nós conseguiremos sair da terrível e profunda crise civilizatória em que nós nos metemos”. (Curitiba, 22/05/2010)

Este segundo box com palestras do professor Monir é apenas mais uma parte do imenso legado que ele deixou ao Brasil: uma enciclopédia educacional em que os clássicos da literatura são as bússolas que nos orientam no mar tenebroso da vida contemporânea. Nas palestras de Monir, a cultura não é sinônimo de belles-lettres ou pedantismo literário, mas uma força viva que nos orienta como indivíduos e permite a cada um ordenar a sua própria alma. Os dez livros aqui comentados não são vistos como meros registros históricos ou modelos estilísticos; constituem, muito mais do que isso, um “conjunto de intuições, formas e símbolos portadores de verdade e valores universais”, para usar as palavras de um grande amigo e incentivador de Monir, o filósofo Olavo de Carvalho.

Os cinco volumes que você tem em mãos, caro leitor, são portais de sabedoria capazes de ampliar o horizonte intelectual de qualquer pessoa sinceramente interessada em fazê-lo. Ao promover um diálogo supratemporal com os gigantes da literatura, José Monir Nasser estende as possibilidades do futuro e enche os nossos corações de esperança pela felicidade definida por Aristóteles: a contemplação da verdade. Que este novo volume de sua admirável obra seja mais um passo rumo à consolação última imaginada por Boécio na prisão: a eternidade — “posse inteira e perfeita de uma vida ilimitada, tal como podemos concebê-la conforme ao que é temporal”. Reencontrar Monir é reencontrar a nós mesmos.

Paulo Briguet é escritor em Londrina.

O Processo Maurizius

de Jakob Wasserman (1873 - 1934)

Transcrição da palestra do professor José Monir Nasser em Curitiba, em 08/05/2010¹

¹ Transcrição de Maria Cecília Noronha. Revisão da transcrição: Patrícia Nasser.

O Processo Maurizius

Nosso autor de hoje é um dos grandes escritores da história da humanidade. Há quem ache que Jakob Wassermann é o maior romancista em língua alemã de todos os tempos. É claro que há competidores muito fortes como Hermann Hesse, Thomas Mann ou até mesmo Goethe, que escreveu um grande romance, *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*. É difícil saber quem é o maior escritor de todos os tempos, mas Jakob Wassermann estará entre os dez maiores.

Ele é judeu, desses que têm no judaísmo um problema. Há judeus para quem o judaísmo não é tão complicado, mas para este era. Não viveu muito – viveu antes do início da II Guerra Mundial, antes do afloramento total do nazismo – embora tenha já sofrido consequências, muito pequenas ainda, porque ele afinal morre em 1934. Hitler sobe ao poder em 1933, quando começa o nazismo tecnicamente falando. Ele já havia feito antes uma tentativa de golpe numa cervejaria em Munique. Não deu certo porque foi numa cervejaria; ninguém o levou muito a sério. Quando Hitler torna-se *Kanzler*

(chanceler)², na Alemanha havia a República de Weimar, a fórmula política inventada para tornar a Alemanha novamente um país após a derrota na I Guerra Mundial. É o interregno entre a I Guerra Mundial e a ascensão de Hitler. Com a ascensão de Hitler começa o III *Reich* (o Terceiro Reino), que vai de 1933 a 1944, quando há a derrota. Durou muito pouco, para um reino que pretendia durar mil anos.

Até a ascensão de Hitler, a Alemanha estava sob a República de Weimar, uma fórmula artificial imposta depois da I Guerra pelos aliados que venceram o país. Uma solução péssima, medonha, portadora do ovo da serpente que iria produzir Hitler e as suas barbaridades. Impôs-se à Alemanha um conjunto de exigências e compensações tão estupidamente fora de propósito que produziram uma adesão da população alemã a qualquer um que aparecesse com uma abordagem de recuperação da possibilidade de vida.

Lord Keynes, que não era um sujeito muito inteligente, mas tinha lá seus bons momentos, escreveu um livro após o final da I Guerra dizendo que dentro do Tratado de Versalhes, que estabeleceu as condições de rendição da Alemanha, estava a garantia da próxima guerra. No que ele tinha total e completa razão. Fizeram um conjunto de ações tão draconianas que a Alemanha tornou-se uma economia inflacionadíssima, como aqui não se viu. Nós tivemos uma inflação muito alta, mas como aqui havia a correção monetária, havia instrumentos de convívio com ela; então nós não sentimos nem de longe o que era a situação alemã, em que um sujeito vendia um piano de manhã pra comprar um pão à noite com o dinheiro que tinha

2 Nota do Professor Monir: Chanceler é o nome que damos no Brasil para o Ministro das Relações Exteriores, mas na Alemanha tem outro sentido.

obtido com a venda do piano. Era essa mais ou menos a situação que havia lá. Diziam que o Brecht, que era uma espécie de espertalhão, comia de graça porque entrava nos restaurantes com notas tão grandes, tão grandes que era impossível fisicamente dar troco para aquelas notas; então não tinham como cobrá-lo na prática. Esse clima extraordinário que deu origem à II Guerra Mundial é uma situação que não sabemos muito bem como foi; só é capaz de entender quem participou disso.

Eric Voegelin, um dos maiores cientistas políticos do século XX, diz que se você quiser entender o que aconteceu na Europa na preparação da II Guerra Mundial, não é para ler os historiadores. Leia esses grandes romancistas de língua alemã – alemães ou austríacos, basicamente (e Kafka, embora este seja tcheco e muito particular) – como Thomas Mann, Hermann Broch, Heimito von Doderer, Alfred Döblin; nomes que não estamos acostumados a ouvir por causa da nossa falta de cultura. Todo o mundo conhece Alfred Döblin por causa do livro e depois filme *Berlin Alexanderplatz*, que é uma prévia do *Ulisses* do James Joyce, embora Döblin não tenha ficado tão famoso quanto foi o Joyce. É um sujeito genial, escritor de primeiríssima qualidade. Aí vocês têm também Heimito von Doderer, austríaco, que escreveu um livro famosíssimo chamado *Os Demônios*. E Robert Musil, austríaco também, escreveu *O Homem sem Qualidades*, outro livro maravilhoso. A somatória desses livros é que explica de fato o que aconteceu no mundo no início do século XX, na Europa. É muito difícil entender o que aconteceu lá sem essa referência literária. Por mais que pareça estranho dizer isso a vocês, não houve ainda competência de historiografia à altura do que esses livros representam.

Entre esses grandes escritores está Jakob Wassermann, alemão que mais tarde irá se mudar para a Áustria, ficando entre os dois países. É preciso que vocês compreendam que a Alemanha e a Áustria não têm muita diferença, no fundo é a mesma sociedade, tanto que quando Hitler faz o *Anschluss*, a unificação da Alemanha e Áustria, não há muita resistência, porque de certa maneira os austríacos e os alemães são o mesmo povo. A diferença fundamental é que a Áustria é católica, como também é a Bavária, enquanto os prussianos, os alemães do Norte, são majoritariamente protestantes. Tirando essa conotação religiosa, o resto é muito parecido. Vamos falar claramente: a Áustria é como se fosse um país artificial; tem todas as características de um país que não teria sentido ser um país. Deveria ser um pedaço da Alemanha.

Nessa primavera literária que acontece no início do século XX, temos escritores austríacos e alemães, alguns judeus entre eles, que fazem em conjunto uma obra de uma significação tão extraordinária que ela é a única pista verdadeira para entender as coisas que aconteceram ali.

CRONOLOGIA DE JACOB WASSERMANN

1873 – **Nasce no dia 10 de março, em Fürth (perto de Nuremberg), na Alemanha, numa família judia. Seu pai era um pequeno comerciante que iria à falência. Ficaria órfão de mãe aos nove anos.**

1894 – Muda-se para Munique. Trabalha na redação da revista satírica *Simplicissimus*.

1896 – Publica seu primeiro romance, *Melusine*.

- 1897 – Publica *Die Juden von Zirndorf*, tratando da história de um falso messias aparecido, no século XVII, numa colônia judia da Francônia.
- 1898 – Muda-se para a Áustria e torna-se crítico de teatro em Viena.
- 1900 - Publica *Geschichte der Jungen Renate Fuchs*.
- 1901 – Casa-se com Julie Speyer, uma judia excêntrica nascida numa rica família vienense.
- 1908 – Publica *Caspar Hauser oder Drei Trägheit des Herzens*, base de um filme célebre de Werner Herzog.
- 1915 – Divorcia-se de Julie Speyer.
Publica *Das Gänsenmännchen*.
- 1919 – Publica *Christian Wahnschaffe*, história de um jovem rico que abandona tudo e vai viver com os pobres.
- 1921 – Publica *Mein Weg als Deutscher und Jude (Minha Vida como Alemão e Judeu)*, uma autobiografia.
- 1923 - Publica *Ulrike Woytich*.
- 1924 – Publica *Faber oder die Verlorene Jahre*.
- 1925 – Casa-se com Marta Karlweis.
- 1926 – Eleito para a Academia Prussiana de Artes.
- 1928 - Publica *Der Fall Maurizius (O Processo Maurizius)*, primeiro livro da trilogia que é seu maior feito literário.
- 1931 - Publica *Etzel Andergast*, continuação de *O Processo Maurizius*. A obra investiga a mentalidade da juventude alemã no pós-guerra.
- 1933 - Com a subida de Hitler à chancelaria, começa o *III Reich*, que duraria até 1945. Antes de ser destituído, Jakob Wassermann sai da Academia Prussiana de Artes. Os livros de Wassermann são proibidos na Alemanha.

1934 - **Morre em Alt-Aussee, na Áustria, no dia 1º. de janeiro.**

É publicado postumamente o romance *Joseph Kerkhovens dritte Existenz*, que encerra a trilogia.

Um dos maiores coadjuvantes nesse processo chama-se Jakob Wassermann, filho de um judeu de classe média baixa, um pequeno comerciante que acaba indo à falência. Não tinha vocação para nada a não ser para a literatura, embora tenha tentado fazer um curso de comércio, meio pressionado por seus pais, numa perspectiva de herança dos negócios da família. Mas acaba caindo no mundo intelectual, vai escrevendo livros aqui e acolá e escreve no final da vida três livros extraordinários, que fazem uma trilogia. O primeiro deles é o objeto da nossa análise, chamado *O Processo Maurizius* (*Der Fall Maurizius* em alemão, que deveria ter sido traduzido por *O Caso Maurizius*). O segundo chama-se *Etzel Andergast*, que é o nome da personagem principal de *O Processo Maurizius*. O terceiro livro chama-se *Joseph Kerkhovens dritte Existenz*, ou seja, *A Terceira Existência de José Kerkhoven*, que é também uma personagem do segundo livro. Vocês o conhecerão apenas por mim, porque não é citado no primeiro livro, *O Processo Maurizius*.

O conjunto desses três livros dá uma ideia de como foi que o povo mais educado do mundo, o povo mais extraordinariamente sofisticado do mundo, que é o povo alemão, foi capaz de fazer aquela barbaridade chamada nazismo. É uma coisa tão extraordinária que isso tenha acontecido na Alemanha... Como foi que o povo que fez metade da filosofia, que escreveu 95% da música erudita, que fez contribuições civilizatórias tão grandes pôde cair numa coisa dessas? Agora – há pouquíssimo tempo, porque tudo isso aconteceu ontem, de uma perspectiva cronológica mais ampla – só se compreende isso através de enormes contribuições não especulativas, não

científicas, mas se tentando entender o conjunto de coisas que aconteceu – e ninguém explica melhor isso do que o Jakob Wassermann. Só que é preciso ler os três livros, ou pelo menos os dois primeiros. O terceiro é muito difícil, porque não há uma tradução em português. O primeiro livro tem uma tradução fácil de achar, vocês encontram aos borbotões nas livrarias – a editora Abril andou lançando isso muito barato. O segundo livro é difícilíssimo de achar. Há uma edição muito antiga, do jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, que imagino seja de 1950, embora não esteja datada. Embora tenha edição portuguesa, é inencontrável. Vocês verão ao longo da análise o quanto faz falta nós podermos ler os três livros na sequência certa.

Vamos ler o resumo da narrativa.

Resumo da Narrativa

Jakob Wassermann pertence ao notável grupo de escritores de língua alemã que transformaram o romance europeu do início do século XX. Entre eles contam-se Franz Kafka (que era tcheco, mas só escreveu em alemão), Robert Musil, Heimito Von Doderer, Alfred Döblin e Hermann Broch. Com inovações estilísticas e um olhar agudo sobre a crise europeia do entreguerras, estes autores estabeleceram as bases do romance contemporâneo. Eric Voegelin dizia que quem quisesse entender a Europa entre as duas guerras não deveria procurar analistas políticos e historiadores, mas a obra desses escritores.

Jakob Wassermann é um grande escritor. Olavo de Carvalho diz dele tratar-se de um Dostoiévski do século XX. No entanto, por razões obscuras, Wassermann não tem a notoriedade a que faz jus.

O ponto máximo da obra de Wassermann é a trilogia O Processo Maurizius / Etzel Andergast / A Terceira Existência de José Kerkhoven. Deste último não há nem mesmo tradução no Brasil.

A trilogia é a mais aguda análise literária da Alemanha entre as duas guerras e a melhor interpretação do pensamento que produziria o engajamento da juventude alemã no hitlerismo. As três obras são densas, complexas e estilisticamente impecáveis. Seu excesso de veemência talvez seja a causa do seu baixo trânsito junto ao homem moderno.

A história passa-se sobretudo em Frankfurt e em Berlim e estamos por volta do ano de 1924.

PROF. MONIR: A Alemanha perde a guerra em 1917 e instala-se a República de Weimar. Dentro desta, por razões econômicas, sociais, políticas etc. vai havendo uma espécie de gestação do ovo da serpente – que aflorará em 1933 com a tomada do poder por Hitler; este em seis anos conduzirá a Alemanha para o abismo.

ALUNA: *[Pergunta sobre a República de Weimar.]*

PROF. MONIR: A República de Weimar é o nome que se dá ao sistema político alemão imposto pelos vencedores da I Guerra Mundial. A Alemanha teve a capital em Weimar, que é uma cidade histórica, muito importante por causa do Goethe. Foi a capital da Alemanha entre as duas grandes guerras, ou até antes (foi o Hitler quem devolveu a capital para Berlim).

ALUNA: [Comenta sobre a relação entre Schiller e Goethe.]

PROF. MONIR: O assunto é grande, mas foi Schiller que disse a Goethe para deixar de frescura e lançar *Fausto* de uma vez. Ele demorou setenta anos para fazer os dois Faustos. Como artista, diz Otto Maria Carpeaux que o maior dramaturgo alemão de todos os tempos chama-se Heinrich von Kleist, que escreveu *A Marquesa D'O* e *Michael Kolhaas*, a sua grande obra.

Goethe só escreveu duas grandes peças de teatro (as outras são medianas), que é *Fausto*. *Fausto* é tão grande, tão grande, tão grande que obscurece todas as outras obras. A grande obra de Schiller é *Guilherme Tell* – que antigamente se lia o tempo todo, e hoje ninguém mais dá atenção – e *Maria Stuart*. Eu diria que o peso específico maior é o de Goethe, por causa do *Fausto*. Aí você tem obviamente gênios, e gênios, e gênios. Há gente maravilhosa.

Enfim, nossa história começa e termina em Frankfurt; tem um pedaço em que nosso herói Etzel Andergast vai para Berlin. A história se passa em torno de um rapazinho de dezesseis anos, chamado Etzel Andergast. Ele é filho de um juiz, Wolf Andergast, um procurador geral do Estado – quase o maior de todos os funcionários do setor judiciário – que tem uma vida austera. É um homem completamente frio, com aparência de um funcionário público de grande integridade – e de fato é de grande integridade, honestíssimo. Quando começou sua carreira e ainda era juiz substituto, dezoito anos antes da história, ele cuidou de um caso rumorosíssimo em que um determinado Leonardo Maurizius acabou sendo condenado à morte e em seguida teve sua pena comutada para prisão perpétua. Leonardo Maurizius havia matado sua mulher, que era mais velha do que ele e que tinha alguma

riqueza, enquanto ele não tinha nada. Ele foi julgado culpado e encarcerado. Etzel ainda não existia. O juiz substituto fica notório com esse julgamento importantíssimo. Mais ou menos nessa época do julgamento ele conhece uma mulher chamada Sofia, que passará depois a ser sua mulher, e terá com ela um único filho, Etzel Andergast. O juiz vai crescendo na carreira judiciária até que descobre, aos quatro ou cinco anos de Etzel, que sua mulher Sofia tinha um amante constante.

Para evitar um escândalo, usa seus poderes de jurista para fazer um acordo com a mulher que desaparece, vai morar na Suíça, some de vista, e abdica de qualquer espécie de poder maternal sobre o menino. Faz o amante assinar um documento que na verdade era um falso testemunho, e por causa disso o sujeito queima tudo e se suicida. E aí quando a gente passa a conhecer esta história o juiz Andergast, que agora é procurador geral – está no momento mais alto da sua carreira – vive numa casa com seu filho Etzel de dezesseis anos, que nasceu dois anos depois dos acontecimentos ligados ao Caso Maurizius. E tem lá a governanta Rie, que cuida do menino e de Wolf Andergast. O juiz leva uma vida completamente metódica, cheia de regramentos: sai de manhã, vai para o tribunal, trabalha o dia inteiro, volta para casa à noite. Todos os dias à noite ele conversa duas horas com o filho. O filho vai para a escola. Essa conversa à noite não é amistosa, é uma conversa do tipo:

- O que você fez hoje, meu filho?
- Ah, eu estudei história.
- O que é que você estudou, lá?

É uma conversa mais ou menos formal, entre pai e filho, porque o barão Andergast tem uma atitude muito cuidadosa, com muita distância – o que não é incomum na Alemanha. O pessoal de fora que vem para Curitiba e acha os curitibanos frios não sabe o que é morar na Alemanha, morar nos países realmente frios, onde as pessoas não têm absolutamente nenhuma relação pessoal. Nenhuma, nenhuma. Ninguém quer saber da sua vida.

Quando Rie, a empregada, começou a trabalhar na casa, Sofia já tinha ido embora, mas de vez em quando vinha uma carta da ex-mulher para o barão. A empregada de alguma maneira assume o Etzel como filho – ele é um moleque, ela é uma senhora sem filhos que fica com o moleque em casa. E aí a história começa com a empregada dizendo para o Etzel que havia chegado uma carta da mãe dele da Suíça. Não há endereço nos envelopes, de modo que Etzel não tem nenhum contato com a mãe; ele não sabe como a mãe é, porque ele era muito pequeno quando a mãe foi embora, e ele não sabe onde ela mora, nem nunca escreveu para ela. E é essa a situação que nós vamos encontrar no início da história.

Primeira Parte – O Valor da Vida

Capítulo I

I

Antes mesmo do aparecimento do homem de gorro de marítimo, era visível que o jovem Etzel se agitava com vagos pressentimentos, oriundos talvez daquela carta selada da Suíça que, voltando do colégio,

vira sobre o aparador do vestibulo. Apanhara-a e fixara-a atentamente com seus olhos míopes.

PROF. MONIR: Etzel tem notado frequentemente um homem, um senhor de idade que usa um gorro de marítimo, que o persegue na rua.

A letra o impressionara como uma coisa esquecida que não se consegue mais situar. Quanto mistério em uma carta fechada! Aquela trazia, em letra redonda e rápida, que parecia correr maravilhosamente, o endereço do barão Wolf de Andergast. "Rie, que poderá conter esta carta?" indagou, dirigindo-se à governanta que saía da cozinha. Chamava-a, desde os primeiros anos, de Madame Rie ou Rie, simplesmente. (pág. 7)

Havia nove anos e meio que o barão de Andergast, pai de Etzel Andergast, se divorciara da mulher que, desde então, mudara-se para a Suíça, sem direito de ver ou escrever ao filho: "Desse modo, aos dezesseis anos, o rapaz nada sabia da mãe".

O espírito reinante na casa sufocara nele qualquer curiosidade a respeito. A única coisa que lhe haviam dito, incidentemente, e fazia já há muito tempo, como se se tratasse de pessoa estranha e indiferente, era que ela vivia em Genebra e que, por razões que saberia quando fosse homem, não podia vir visitá-lo. (pág. 7)

Etzel interroga a empregada sobre a frequência das cartas de sua mãe, Sofia Andergast. Ela dá informações vagas. Com a mudança da mãe para a Suíça, Rie havia assumido o rapaz como seu próprio filho: "Este erro constituía a sua felicidade".

PROF. MONIR: Este escritor aí é de primeiríssima qualidade. O escritor é extraordinário, um dos melhores escritores que eu já conheci.

II

A residência Andergast era austera e funcionava sob a “coação moral” que o barão Andergast, um importante procurador, exercia sobre todos. As relações pessoais na casa de Andergast eram estritamente formais, logo distantes: *“Cedo, Etzel familiarizara com esta noção de distância, embora sua natureza, inversa à do pai, o levasse a se aproximar dos outros, tendência aliás que a sua miopia parecia acentuar exteriormente”*.

PROF. MONIR: Esse é um dado importante da história: Etzel Andergast é míope grave. É uma coisa importante, depois vocês saberão por quê. É importante que esse dado não seja desconsiderado por vocês na hora da análise.

III

Etzel Andergast tinha um melhor amigo, Roberto Thielemann, *“um espírito agitado, de opiniões radicais”*. Entre eles havia relações fundadas *“sobre o princípio das compensações, em que o grande e o pequeno, a lentidão de um e a vivacidade do outro, a rudeza de uma parte, a delicadeza de outra parte, completavam-se pelo próprio contraste”*. Etzel desejava muito falar a Roberto sobre as aparições do homem de gorro de marítimo que *“ocupava e obscurecia, sem descanso, seus pensamentos”*. Segundo Etzel, esta estranha personagem também seguia seu pai, gerando nele (Etzel) um estado de *“desconfiança nervosa”*:

Com períodos de descanso mais ou menos longos, esse estado de expectativa durou até o dia em que, entre os autos do pai, Etzel pôs a mão no documento que teve sobre seu destino influência decisiva. (pág. 13)

IV

No que diz respeito ao homem de gorro de marítimo, tratava-se de um “*velhinho seco*”, com alguma coisa como setenta anos, de “*aspecto vigoroso*”. Etzel o vira pela primeira vez na ponte inferior do Meno³, logo após o rapaz, distraído, quase ter sido atropelado por um caminhão.

V

Na segunda vez em que Etzel encontrara o homem com gorro de marítimo, “*aquela repetição tinha, em si, alguma coisa de ameaçadora e de inevitável*”. Etzel, desta vez, foi capaz de distinguir “*o pardo amarelado dos olhos e mesmo os botões de pano, já gastos, de seu jaquetão*”. O homem desconhecido seguiu Etzel, que caminhava com seu amigo Henrique Ellners na direção do gabinete do barão na Procuradoria. No alto da escada, encontram-se todos juntos – o barão, Etzel, Ellners e o desconhecido que se apresenta: “*Eu me chamo Maurizius*”.

PROF. MONIR: Etzel não tem a menor ideia de quem seja Maurizius, embora o pai dele saiba quem é. Esse Maurizius aí está associado ao tal do processo em torno do qual foi feita a carreira de Wolf Andergast.

3 Nota do resumidor – Rio que banha, entre outras cidades, Francoforte-sobre-o-Meno (Frankfurt-am-Main), palco inicial da história.

O barão apressa o passo e segue o seu caminho:

Os modos e o traje do homem de gorro de marítimo, embora à primeira vista fossem comuns, tinham, no entanto, alguma coisa de fantasmal, quando mais não fosse pelo olhar inquiridor com que examinou o rapaz desde o primeiro encontro, pela obstinação com que o seguiu passo a passo, tentando deixá-lo atrás e fixando-o à passagem, depois pela rapidez da sua desapareição, tão súbita quanto seu aparecimento. (pág. 13)

(...)

Tudo isso não durou mais de um minuto e meio, mas Etzel tem agora a certeza de que seu pai, também ele, conhece o homem de gorro de marítimo e não foi naquela escada que o viu pela primeira vez. Adivinha tudo pela expressão do pai, pelo sinal de mau humor, pelo movimento das costas e pela maneira como desce agora a escada, degrau por degrau, enquanto Maurizius, ainda de pé, contra a parede, tem os olhos fixos na penumbra da escada. (págs. 16-17)

VI

"Etzel acertara. O barão Andergast vira muitas vezes o velho surgir em sua frente com a calma plácida e persistência de um homem à espreita." Em todas as outras vezes, o Barão Andergast havia evitado o contato. Como o procurador ia todos os dias para casa a pé, vários encontros nas ruas haviam ocorrido.

PROF. MONIR: A cidade tem uns 200 mil habitantes, segundo informações do próprio livro. Dá para imaginar que Frankfurt, em 1924, tivesse 200 mil habitantes; parece razoável.

“Talvez fosse um louco, um desses numerosos demandistas, muito conhecidos da justiça e da polícia, que trazem sempre consigo um requerimento não deferido, tentando com isso impressionar as autoridades”. No entanto, daquela vez, no alto das escadarias, o encontro havia tido uma natureza acintosa.

No dia seguinte, um requerimento apresentado à procuradoria explicaria ao magistrado a atitude audaciosa do desconhecido.

Capítulo II

I

“No espírito de Etzel, a aparição do homem de gorro de marítimo – em particular, seu encontro imprevisto com o pai, na escada – permanecia indissolavelmente ligada à imagem da carta selada da Suíça, cuja letra lhe falava uma linguagem familiar.”

PROF. MONIR: Na verdade não há nenhuma ligação entre essas duas coisas, mas o menino que não sabe onde anda a mãe, que tem com relação à mãe os maiores mistérios, acha que esses dois mistérios estão associados.

No dia seguinte, Edzel Andergast, no lugar de ir ao liceu, pega um trem para os subúrbios. Desce em Oberursel e toma o caminho das ruínas de Saalburg. *“Caminhava, tendo, aparentemente, ar sonhador”.*

Aparentemente, sim, porque nada temos a ver com um sonhador – e este é um fato que precisamos estabelecer antes de mais nada. Etzel sabia o que fazia, discernia as coisas perfeitamente, não se deixava enganar e sabia exatamente onde tinha o nariz: a prova disso é que, à uma hora e quinze,

apresentou-se para o almoço, pontual como sempre e tendo antes mudado de roupa. Deslindar um problema (e isso com o auxílio exclusivo de sua inteligência), não se enganar sobre si mesmo, perceber de relance a causa e as consequências, poder concluir, tal era sua ambição e nisso se exercitava a cada oportunidade. (pág. 19)

PROF. MONIR: O que o autor está nos contando é que Etzel Andergast não é um menino romântico, com uma atitude emocional pura e simples; não é um menino movimentado apenas pelas suas emoções. Etzel tinha uma atitude racional permanente com relação às coisas. Olhem, pessoal, como isso é interessante: não é possível explicar a juventude hitlerista apenas pelos critérios emocionais. Não estou dizendo que Etzel fundou a juventude hitlerista. Mas o autor aqui faz questão de nos dizer que em Etzel Andergast há alguma racionalidade, uma ligação com o raciocínio. Não é apenas de um jovem romântico que nós estamos falando aqui.

II

O Barão Andergast, *"excessivamente absorvido pelo trabalho da sua profissão"*, não tinha vida social e não gostava de aparecer em público. *"Não tinha a menor necessidade de estar com os outros"*. Uma vez por mês ia ver sua mãe, a generala⁴, na sua casa de campo em Eschersheim.

PROF. MONIR: Tanto na Alemanha quanto na Rússia a mulher do militar também é chamada pela patente do militar: generala, coronela.... Sabemos portanto que o pai do Wolf Andergast era general: um general que dá origem a um funcionário público de alto calibre.

4 Nota do resumidor – Generala porque havia sido casada com um general.

Mas o barão passava duas horas por dia, à noite, com Etzel, compromisso que *“entrava no plano de sua vida do mesmo modo como o estudo dos autos”*.

PROF. MONIR: Eu não sei se isso não é um pouco de ironia do autor, o autor querendo deixar ambíguo se o barão achava que isso era importante para a educação do menino, ou se era uma obrigação que ele cumpria mecanicamente como todas as outras, como homem absolutamente disciplinado que era.

A conversa começava sempre com *“perguntas inofensivas”* e acabava com altos debates. Para Etzel, aquilo parecia sempre um jogo.

No seu ardor juvenil e ingênuo, chegava sempre às opiniões extremas que só se pode sustentar com paradoxos, e lançava-se nelas com uma louca temeridade, enquanto seu adversário, conhecedor de mil golpes, abundava em lamentações jesuíticas. (pág. 22)

PROF. MONIR: O *“conhecedor de mil golpes”* é o Wolf Andergast. Há uma conotação negativa ligada à palavra *“jesuíta”*. Os jesuítas sempre foram muito malvistas pela comunidade internacional; há uma tese de que são eles que dirigem a Igreja. Existiria um papa, chamado Papa Negro, que seria o papa verdadeiro e o superior dos jesuítas. Entre as suspeitas sobre os jesuítas, está a de que teriam sido eles que afundaram o *Titanic*.

ALUNOS: *[risos]*

‘Você não é apenas batalhador’, dizia o barão Andergast olhando o seu relógio de ouro, ‘mas abusa de fintas e rodeios com os quais é preciso tomar cuidado’. Então Etzel o olhava boquiaberto, o ar surpreso e desconfiado, porque seguramente não era aquele elogio que julgava haver merecido. (pág. 22)

Todas as noites, às nove e meia, quando Etzel deixava o escritório do seu pai, *“sentia-se despedido como depois de uma repreensão do diretor do liceu”.*

PROF. MONIR: Aquela conversa gerava no menino a sensação de que acabara de levar uma bronca. Todos os dias tomava uma bronca do pai, quando na verdade era para ser uma conversa. Ele saía de lá sempre meio desmoralizado, achando que a conversa tinha sido só para implicar com ele.

Etzel e o barão mantinham controlada distância um do outro, alimentada pelo fato de o rapaz o ver *“como uma torre inacessível, sem portas nem janelas, que se ergue bem alto, poderosa, e que, da base ao topo, guarda inúmeros segredos”.*

PROF. MONIR: Uma coisa dessas devia ser comum entre pais e filhos, mesmo aqui.

Havia muito tempo que Etzel conhecia a sua fama de severidade, de implacabilidade, de inflexibilidade de princípios. Não chamavam seu pai de Andergast o sanguinário? Injustamente, por certo, porque se deixara penetrar até o âmago pela consciência da nobreza superior do seu dever e do seu ministério. (pág. 23)

PROF. MONIR: Temos aí um mistério: Quem é Maurizius? Temos uma mãe desaparecida. Temos um homem muito duro, implacável, que tem a rigidez de convocar o filho para reuniões diárias de duas horas. O que não é pouco. Das 7:30 às 9:30 todos os dias os dois conversam, porém mantendo uma certa distância promovida pela natureza do pai, uma natureza inacessível.

III

Um advogado amigo do barão vira Etzel na véspera na estação de Oberursel e havia comentado com o procurador o fato inusitado de o rapaz andar por ali sozinho na hora da escola. O barão Andergast sabia, portanto, das aventuras do filho, mas a conversa daquela noite versava sobre o assunto da noite anterior, quando Etzel *“ousara por em dúvida a legitimidade de um julgamento em um processo político, audácia espantosa, verdadeira ruptura do cerimonial consagrado.”*

PROF. MONIR: Vocês não acham que um menino de dezesseis anos, entrar no mérito de um julgamento político... O barão ficou meio escandalizado com a audácia do menino. Com dezesseis anos você não sabe quase nada da vida. É muito difícil achar alguém maduro com essa idade. Um menino de dezesseis anos que tem opiniões muito fortes sobre assuntos que estão muito, muito além da sua compreensão... parece um pouco fora de propósito. Os meninos de hoje têm opiniões aos dezesseis anos porque foram ensinados pela “Escolinha Walita”⁵ que ser um bom aluno é ter pensamento crítico.

5 Nota da revisora de transcrição – Nos anos de 1960 a Walita, empresa de eletrodomésticos, com o objetivo de se introduzir no mercado consumidor brasileiro – que até então desconhecia a utilidade dos eletrodomésticos – bolou uma estratégia para difundir os benefícios e ensinar o funcionamento de seus eletrodomésticos (no início batedeiras e liquidificadores) para quem os comprava – em geral as donas de casa. Desta forma, a Escolinha Walita era utilizada para

Então o sujeito acha que vale pela quantidade de perguntas e contestações cretinas que faz ao professor, mesmo que não tenha a menor ideia do que está falando. Basta contestar por contestar. Isso é um dos defeitos do ensino contemporâneo, que criou esses monstros.

Como o caso havia ganhado as ruas, o barão lamentou-se:

‘Coisa deplorável’, dizia ele, ‘que um caso de justiça se transformasse em palestra leviana de rua; jogo perigoso, aquela contaminação da justiça pelo sentimento, que redundava em subordinar o absoluto ao relativo. O direito’, continuava, ‘é uma ideia, não uma questão de coração. O direito não é um compromisso arbitrariamente estabelecido entre as partes, mas uma instituição sagrada e eterna, verdadeira e de valor intangível desde que existem juízes que condenam os culpados e códigos que classificam os delitos por artigos.’ (pág. 26)

PROF. MONIR: Isso em alemão chama-se *“recht ist recht”* (“o certo é certo”). O barão, que tem uma visão absolutista do direito – de que o direito é absoluto e não relativo, acha que não é para contaminá-lo com questões de natureza sentimental. De certo modo ele tem razão; basta você colocar sentimentalismo na história que já não tem mais direito nenhum. Quando acontece um assassinato muito chocante, no dia seguinte todos os apresentadores de televisão ficam perguntando como um advogado tem coragem de defender tal monstro. Ora, se não houver a defesa do maior monstro que seja, acabou o Direito. Alguém tem que ir lá defender, mesmo que o sujeito não esteja muito feliz em fazer isso. A existência da justiça criar novos hábitos de consumo. (Fonte: <http://www.anosdourados.blog.br/2010/06/imagens-velharia-escolinha-walita.htm>)

pressupõe o contraditório, portanto não se pode sair linchando as pessoas a partir da opinião dos apresentadores de televisão. Por isso é que a justiça tem obrigação de ser cuidadosa, ponderada, deixar as coisas esfriarem. Em muitos lugares do mundo, quando há um crime muito chocante, o julgamento nunca é feito na comarca onde houve o crime, para que não se contamine o julgamento com os ódios envolvidos.

Aqui nasce uma contradição. O menino tem um discurso de um sujeito racional que está olhando para as coisas sob o ponto de vista objetivo. No entanto, critica-se nele todas as vezes um demasiado envolvimento emocional com o problema. O fato de haver essa contradição – não é uma contradição da história em si - pode representar que o menino no fundo não percebe que se envolve emocionalmente com o problema.

IV

Naquela noite, deixando o gabinete, como sempre, às nove e meia, Etzel vira-se e pergunta: “*Quem é esse Maurizius, meu pai?*” Antes disso, interrogara Rie sem sucesso. O barão diz não se tratar de assunto de que podem falar um com o outro. Etzel resolve escrever uma carta para sua mãe em que se queixa de, naquela idade, “*ter os pés e os punhos atados*”. Lamenta-se na carta:

Talvez que, uma vez desfeitos os laços, se esteja para sempre subjugado e paralisado. É isso, sem dúvida, o que eles querem. É indispensável que se seja dominado. A você, também dominaram? Não quererá dizer-me o que devo fazer para que nos possamos encontrar? Farei o que quiser, mas é preciso guardar segredo. Você deve compreender por quê. Ele sempre sabe de tudo. É imprescindível que esta carta permaneça secreta. Ficarei adulto com o tempo,

mas isso vem vindo com uma lentidão desesperadora! Não conseguirão subjugar-me. Você pode acreditar: quando vi a carta no vestibulo, foi como se um raio caísse no meu cérebro. Gostaria de saber o que aconteceu. Você me compreende, não? Sinto que foram injustos para com você. É verdade? Há ainda alguma coisa de que preciso falar – é da abominável quantidade de injustiças que chegam todos os dias aos nossos ouvidos. É necessário que você saiba que, de todas as coisas do mundo, a injustiça é a que me causa mais horror. (pág. 28)

PROF. MONIR: Vocês entenderam quem é Etzel Andergast? Etzel Andergast é um menino de dezesseis anos revoltado com as injustiças do mundo.

O rapaz dá-se conta de que não tem nem mesmo o endereço para enviar a carta à Suíça e, além disso, teme o pai: *"Criança, imaginava o pai residindo no centro do universo, inscrevendo as faltas e os crimes de todas as pessoas da cidade em uma mesa de mármore, com um estilete também de mármore"*. Acabou fechando a carta sobrescreitando o envelope: *"À minha mãe, não sei onde"*.

Etzel Andergast era admirador do escritor Melchior Ghisels, de quem havia recebido duas cartas: *"Melchior Ghisels era um deus para Etzel. Cada frase dos seus livros constituía uma revelação. Somente os jovens de dezesseis anos podem ressentir uma tal veneração por um autor. E unicamente um espírito cujo ardor ainda está inteiramente concentrado é capaz de guardar um fogo tão puro"*. Naquela noite, antes de dormir, Etzel pegou um dos livros dos Ghisels para ler.

PROF. MONIR: O menino aos pouquinhos está entrando no conhecimento de que houve uma injustiça nesse assunto Maurizius. Sendo o menino como

é, vocês devem imaginar aonde isso vai nos levar – a uma rebelião absoluta que ele fará contra o próprio pai.

V

“A generala Andergast pertencia a um desses tipos de mulher que está a caminho de desaparecer.” Tinha a voz “clara e fresca” como a de uma moça. Depois da morte do marido, que fora “mau, tirânico e hipocondríaco”, começara a viver e fizera grandes viagens. Ocupava-se com a pintura. “Não se entendia com o filho, procurador geral. A seu ver, ele era muito autoritário e a fazia lembrar-se do marido morto...” “A mãe não lhe perdoava a dureza com que condenara a mulher ao exílio”.

“Etzel achava a vó encantadora. Sozinha, continha mais mistérios que a maior parte das pessoas com as quais tinha contato”.

PROF. MONIR: A avó Cecília passava o dia inteiro pintando na sua propriedade numa cidadezinha ao lado de Frankfurt, e era o contrário de seu filho – o que o filho tinha de rígido, ela tinha de complacente, flexível.

VI

Etzel almoça com a avó. Pergunta-lhe sobre o nome Maurizius. A avó fica paralisada com a pergunta.

Era um nome do qual se exalavam trevas. Pronunciando-o, ou ouvindo-o, vinha à face um sopro gelado e um odor de mofo, como se se abrisse a porta de um porão. Recordações de catástrofes surgiam na memória, visões

desaparecidas retomavam forma e automaticamente suscitavam o horror que antigamente traziam à cidade, à região e mesmo ao país inteiro. (pág. 33)

A velha senhora não quer retomar uma história que, segundo ela, havia acontecido dezoito anos antes, dois anos antes do nascimento do neto. O processo havia posto o Barão Andergast, na época apenas juiz substituto, em evidência. Sem a atuação do barão, *"Maurizius teria sido finalmente absolvido"*. A avó começa a recuperar a memória do crime, enfatizando que havia sido *"um caso terrível"*, que havia mobilizado a opinião pública: *"Durante semanas só de falou nisso."* Embora condenado, Maurizius havia afirmado sua inocência até o fim. Embora jovem, então com vinte e seis anos, Maurizius *"possuía posição social e autoridade como historiador de arte"*, tendo escrito um ensaio importante – *"Da influência da religião sobre as artes plásticas do século dezenove"*. A avó continua:

Na época, tudo isso me interessou muito: a arte, a religião, eram assuntos apreciados em salões. Quem tomaria semelhante homem por um assassino? Em verdade, nunca pude acreditar que tivesse assassinado. Matar a própria mulher, e de surpresa! E em que circunstâncias! É uma história muito atrapalhada. Uma história diabólica, uma história lamentável, de que naturalmente não retive um só fato. Sei apenas que ele teve tudo contra si, homens e coisas, espaço e tempo. Todos testemunhavam contra ele. Era um encadeamento impecável de presunções, como dizem os juristas. E o mérito do seu pai foi, ainda me lembro, estabelecer e fazer sobressair esse encadeamento. (págs. 34-35)

Etzel está agora mais perplexo com a aparição do homem de gorro de marinheiro. Quem seria ele? Que desejava?

Antes de sair, Etzel pergunta pela mãe dele. A generala desconversa.

Capítulo 3

I

O doutor Camilo Raff, professor de Etzel, queixa-se a Roberto Thielemann: “*Que tem ele? Você sabe?*” Raff pede a Thielemann que investigue Etzel Andergast.

PROF. MONIR: Alguma coisa está acontecendo com este menino, porque o professor também notou que ele está mudando o seu comportamento. O professor pediu que um colega de Etzel fizesse uma investigação.

II

Etzel descobriu no gabinete de seu pai um requerimento de indulto constituído por Pedro Paulo Maurizius em favor de seu filho Oto Leonardo Maurizius, há dezoito anos e cinco meses detido na prisão de Kressa.

PROF. MONIR: Pedro Paulo Maurizius é o velho com gorro de marinheiro. Depois daquele encontro na escada, o velho entregou ao juiz um pedido de indulto para seu filho, Leonardo Maurizius, cujas razões estão arroladas nesse requerimento.

Etzel, reconhecendo que utilizou meios condenáveis para obter a informação, “*justifica-se invocando as circunstâncias que não lhe permitiram escolha*”.

PROF. MONIR: “*Meios condenáveis*” é ficar lá mexendo na gaveta do pai.

Pensa em fazer o mesmo com a carta de sua mãe, que supõe estar trancada em uma das gavetas. Etzel distrai Rie pedindo-lhe que lhe faça sonhos recheados e mergulha na leitura do pedido de indulto.

PROF. MONIR: A Rie ficou lá três horas fazendo os sonhos, enquanto isso ele ficou três horas bisbilhotando os documentos do pai.

Em dois lugares consta o nome de Gregório Waremme, que parecia ter sido uma das principais testemunhas. O autor do requerimento parece acusá-lo de falso testemunho. O paradeiro de Waremme era dado por desconhecido.

III

Nos feriados de Páscoa que se seguem, Etzel disfarça seu verdadeiro estado de espírito, dando a impressão que estava de bom humor e alegre: *“Como supor que escondesse intenções tão opostas às do rapaz gentil, do filho modelo que hipocritamente representava?”*

Por enquanto, porém, tudo ainda estava em germe. Talvez mesmo o rapaz não soubesse muita coisa do que com ele se passava. É isso que eu acabo de chamar hipocrisia, fosse simplesmente o fruto da resolução tomada de resolver tudo por si mesmo, de esclarecer unicamente com a própria inteligência o que permanecia obscuro e não se deixar levar por nenhuma divagação sentimental, por nenhum inútil devaneio. (pág. 42)

(...)

Calcula que dezoito anos e cinco meses são duzentos e vinte e um meses ou, aproximadamente, seis mil seiscentos e trinta dias. Atenção: seis mil seiscentos e trinta dias e seis mil seiscentas e trinta noites porque, é preciso distinguir, os dias e as noites são coisas diferentes. (pág. 43)

PROF. MONIR: Que tempo é esse? O tempo em que Leonardo Maurizius está preso.

E veio-lhe o sentimento do que devia ter-se passado com o outro, durante aquele tempo: enquanto dormia e lia, ia à escola e brincava, conversava e fazia projetos, enquanto vinha o inverno e depois a primavera, e o sol brilhava e a chuva caía, nascendo a manhã e caindo depois a noite, enquanto tudo isso acontecia, o outro estava na prisão, exatamente durante o mesmo número de horas e durante as mesmas horas, e sempre, e sempre, na prisão! (págs. 43-44)

PROF. MONIR: Quem de vocês nunca se sentiu assim? Não se lembram de terem ficado indignados com a injustiça do mundo? Nunca se depararam com uma situação em que claramente havia uma injustiça que os encheram de mágoas e angústias, por estar produzindo um malefício tão grave para alguém, a ponto de permitir que vocês se revoltassem? É a coisa mais normal do mundo sentir-se assim. Todos nós sentimos, quando temos dezesseis anos.

No dia seguinte, às quatro horas da tarde, Etzel visita de imprevisto seu amigo Robert Thielemann, cujos pais, como sempre, estavam brigados e ele, conseqüentemente, constrangido: *"Que fatalidade fizera com que Andergast viesse precisamente naquele dia!"* Etzel diz ao amigo que não gostava de falar

de assuntos de família (*"assunto próprio de moças"*), mas não tinha outro amigo. Expõe a Roberto a situação de sua mãe, dizendo não poder obter nada de Rie, de sua avó ou de seu pai: *"... meu pai deve estar envolvido nisso"*. Etzel diz estar diante de uma verdadeira conspiração, de um verdadeiro complô: *"No coração desta conspiração ou no centro desta aliança, pouco importa, está meu pai"*.

PROF. MONIR: Não há muita possibilidade de leitura simbólica numa obra assim tão contemporânea, mas aí dá para desconfiar de que quando Etzel atribui ao pai o coração de todas as conspirações do mundo, há uma certa revolta contra o espírito. É como aquele sujeito que diz: *"Como Deus é mau, como fez tudo errado, como Deus está equivocado, como é incompetente"*. É Ivan Karamazov dizendo que não tem nada contra Deus, mas contra a obra Dele.

ALUNA: *[Faz pergunta sobre René Descartes.]*

PROF. MONIR: Descartes era uma espécie de santarrão, era coroinha. Era um sujeito absolutamente crente, no sentido católico da palavra, temente a Deus. Só que ele produz uma filosofia que logo de início destrói a existência do espírito como mediador da realidade. Portanto ele faz uma coisa incrível: apesar de ser um sujeito de confissão católica, muito rigoroso, ele faz uma filosofia tão absolutamente laica, tão materialista, que é um dos pináculos de sustentação da filosofia contemporânea, completamente material. É uma das contradições mais interessantes que há – assunto para psicanalista tentar descobrir: como se produz uma contradição desse tamanho entre a carolice verdadeira e sua absoluta materialidade filosófica.

Foi ele quem tomou as medidas, é ele quem tem todos os fios nas mãos. Tudo o que o embaraça, ele o exclui: qualquer curiosidade ou reclamação, qualquer espírito de pesquisa. As coisas sucedem assim e ele quer que sucedam assim. E, como é todo poderoso, as coisas realmente sucedem assim... (pág. 47)

PROF. MONIR: Tá vendo? É a descrição de Deus propriamente dita. Estão reparando que isso aqui é uma arenga contra Deus, um discurso anti-Deus?

Etzel sente tudo isso como uma injustiça. Pergunta a si mesmo se deve continuar a se submeter. (pág. 47)

Etzel pergunta a Thielemann o que deve fazer. Se deve deixar o seu pai conduzir a sua vida ou firmar-se “sobre os seus dois pés e fazer... o que é preciso fazer”.

PROF. MONIR: Pronto. Essa é a pergunta existencialista, de todos os existencialismos que virão depois no século XX. É a ideia de que eu sou mais eu, que a vida é minha – então faço o que eu quiser, independentemente do que Deus queira que eu faça.

Essa exposição luminosa, medida e eloquente, refletia toda a limpidez de espírito, toda a audácia, toda a sinceridade de um rapaz que não admitia vacilações quando se tratava das suas convicções morais. (pág. 48)

Thielemann começa a ponderar, mas Etzel pensa consigo mesmo: “Desde que alguém me diz ‘mas’, não me serve mais” e distrai-se desenhando um cavalo com chifres de veado.

PROF. MONIR: Vejam que interessante. O sujeito começa a dizer assim: “*Tem isso aqui, **no entanto...***” – então já não dá mais. Tinha um presidente americano, acho que era o Truman, que dizia que queria um economista maneta, porque os economistas que questionava diziam assim: “*On one hand..., on the other hand...*”⁶. [risos] Algumas personagens não conseguem lidar com a dúvida, com o contraditório. O amigo de Etzel, quando começava a ponderar, a estabelecer situações do tipo “*contudo*” e “*no entanto*” – assim como qualquer outra pessoa que lhe falasse assim – já não interessava mais. Porque a Etzel esta parecia uma pessoa fraca, indecisa, com pequenas convicções. Etzel está numa época de vida em que tem de ter grandes convicções e não quer os indecisos ao lado dele, por isso despreza o que lhe diz Thielemann.

Thielemann insiste em que o “*sistema é fétido*” porque os pais controlam os filhos ao dar-lhes de comer.

PROF. MONIR: Não é o cúmulo da argumentação infanto-juvenil?

Neste momento da conversa, começa na casa uma briga do casal Thielemann. Deixando a casa do amigo humilhado, Etzel decide: “*Tudo isso não serve de nada, não conseguirei paz enquanto não for encontrar aquele velho lá, em Hanau*”.

6 Nota da revisora de transcrição - Truman fez um trocadilho com esta expressão idiomática, cuja tradução é “Por um lado..., por outro lado...”. No entanto, a palavra “hand” também pode ser traduzida literalmente por “mão”, e neste caso a tradução fica assim: “Em uma mão..., na outra mão...” Nas palavras do Professor José Monir: “Nesse episódio do Truman, a expressão idiomática inglesa quer dizer que não há nenhuma solução fácil para a economia. Se eu subir a taxa de juros, por um lado vou reduzir o consumo e a inflação, mas em compensação, por outro lado eu vou quebrar milhares de pequenas empresas. É um raciocínio típico de economista.”

Na sexta-feira arrumou uma desculpa e foi procurar o velho Maurizius em Hanau. Na casa do homem do gorro marítimo, jornais da época dos acontecimentos⁷ e documentos jurídicos,

PROF. MONIR: É quando você soma os dezoito anos e meio que se haviam passado. Daí temos a data da história – 1924.

“...uma coleção de impressos que diziam respeito ao crime e ao processo de seu filho.”

Pedro Paulo Maurizius vê com desconfiança a presença ali do rapaz, enfatizando que ele era muito jovem. *“Etzel concordou ser realmente moço, disse sua idade e acrescentou uma observação um pouco audaciosa: não pudera convencer-se, até então, de que o número de anos bastasse para preservar o mundo da tolice e da vulgaridade.”*

PROF. MONIR: É, a observação não é audaciosa, é malcriada. Ele quis dizer: “Eu sou jovem, mas não vulgar e tolo como o senhor”. Nada diferente dos adolescentes modernos.

O velho Maurizius havia ganhado a vida cultivando vinhedos perto de Gelnhausen. Em 1904 uma epidemia de tifo lhe havia levado a mulher, a menina e dois de seus filhos homens. Sobrara-lhe Leonardo, com vinte anos, que estudava em Bonn. Leonardo já era o filho predileto do pai e, com a morte dos

7 Nota do resumidor – São jornais de 1905-1906-1907, indicando que a história aconteceu então por volta de 1924.

outros, transformou-se em ídolo. O pai tudo fazia por ele, mesmo coisas acima de sua capacidade econômica.

Leonardo, com vinte e dois anos, havia se casado com Eli Hensolt (Eli Jahn quando solteira), viúva de um rico fabricante de papel, sem avisar o pai que o soube a posteriori *“por intermédio de umas poucas linhas lacônicas”*. O velho ficou magoado e na despedida do casal não cumprimentou o filho, que também se ofendeu.

PROF. MONIR: Reparem. O pai fez tudo para que o filho desse certo. De todos os filhos que ele tinha só sobrou esse filho, o Leonardo. Daí o filho casa sem avisá-lo, sem falar com ele antes... E ele depois só comunica ao pai que tinha casado com essa Eli. Acho que o incômodo do velho é justificado, há um pouco de desconsideração.

Aproveitando a ocasião para se proclamar ofendido, Leonardo se afastou, fingindo não observar a decepção e a mágoa do pai. Na realidade, aquela afetuosa tirania há muito tempo lhe pesava. Depois, sentia vergonha do pai, das suas maneiras, da sua rudeza, da sua falta de educação. Por esnobismo burguês, e de boa vontade, lançava discreto véu sobre sua origem. É que não necessitava mais do velho: sua mulher trouxera um dote de oitenta mil marcos – fortuna que herdara do marido, não lhe tendo dado nenhum filho.
(pág. 53)

PROF. MONIR: Não é muito dinheiro, não. No entanto, na hora que Leonardo viu que tinha casado com uma mulher que tinha algum dote, ele deixou o pai de lado, o que indica que ele via o pai como uma fonte provedora, apenas. Não tinha pelo pai grandes sentimentos.

O velho não gostava da nora por ela ser de família católica e não ter atributos físicos à altura de seu filho, segundo seu modo de ver. Mesmo o dote de oitenta mil marcos lhe parecia pequeno: *“Uma miséria, comparado com o valor de Leonardo, dado seu futuro e o que ele prometia!”* Além disso, ela era quinze anos mais velha.

PROF. MONIR: Não há nesse casamento uma conotação muito clara de um casamento por interesse? Ela tem quinze anos a mais do que ele e oitenta mil marcos. Ele está no auge da sua carreira universitária. Ele casa sem falar com o pai – que é também para não ouvir do pai restrições contra o plano. Parece casamento por interesse. E isso não legitima uma possível acusação de homicídio por interesse econômico? Começa então toda a desgraça de Leonardo Maurizius, no momento em que ele casa com Eli.

VII

Os dois primeiros anos de casados de Eli e Leonardo correram muito bem. O controle que Eli exercia sobre um marido muito mais jovem, segundo amigos, parecia fazer bem ao rapaz, um *“eterno indeciso, tão fácil de extraviar...”* No entanto, a relação se modificou quando Eli ficou sabendo de antiga ligação de Leonardo com uma dançarina, com que ele tivera um caso e uma menina, um ano antes do casamento.

PROF. MONIR: Ele não teve esse caso durante o casamento. *Antes* do casamento ele havia tido um caso com uma bailarina e deste caso nasceu uma menina. E esses fatos só vieram ao conhecimento da Eli depois de eles casarem.

A mãe da criança, doente, reaparecera para cobrar do rapaz suas obrigações paternas.

No primeiro momento, Leonardo não contou nada à mulher, mas apenas para a cunhada, Ana Jahn, que levou a menina de dois anos, Hildegarda Koerner, para a Inglaterra, onde a deixou aos cuidados de uma parente afastada. (Gertrude Koerner morreria de tuberculose algum tempo depois.) Eli ficou sabendo do caso por carta anônima e pela confissão tardia do marido.

Diferentemente de Eli, Ana Jahn era de *"extraordinária beleza"*. Leonardo achou-a antipática no início porque ela ironizava o controle que sua irmã exercia sobre ele, como se Leonardo fosse um colegial *"sob a vigilância de uma aia severa"*. De fato, por causa deste excessivo controle, *"cedo o abismo entre os dois esposos se tornou visível. Fora a natureza que o criara e o ampliava"*.

PROF. MONIR: *"Fora a natureza que o criara"*. Isso significa: *"Fora a diferença de idade entre os dois"*.

Eli controlava todos os passos do marido, vigiava tudo: encontros, horas de trabalho, leituras, correspondência, conversas, despesas. Não era avarenta, dava-lhe mesmo presentes caros, mas nunca o deixava dispor de somas importantes; era muito inteligente para não ver o erro que cometia agindo assim, mas um instinto mais forte que tudo a forçava a mantê-lo subjugado durante o máximo de tempo possível. (pág. 56)

PROF. MONIR: Tem cara de que vai dar certo este casamento? Ela é mais velha do que ele, não é bonita. Ela usa a diferença de idade e o fato de que é a dona do dinheiro para controlar o marido. E o marido submete-se e é

controlado. Aí aparece Ana Jahn, que é irmã dela e muito bonita. Não parece que esse negócio não vai dar certo? Continuamos.

VIII

O velho Maurizius, quando soube da existência de Hildegarda, lutou sem sucesso para apoderar-se da menina. Certo dia, três anos e meio depois da visita pós-núpcias, Leonardo foi despedir-se do pai *"antes de partir para longa viagem"*. Pede-lhe dinheiro. Com a frieza do pai, ainda magoado, Leonardo parte de mãos vazias. (O velho, após vender as propriedades, tinha trinta e cinco mil marcos, mais que suficientes para sua vida frugal.)

PROF. MONIR: Aí vocês veem que oitenta mil marcos não é muito dinheiro. O velho tinha quase metade do que tinha a mulher do filho.

IX

Aos poucos, com o convívio, o velho Maurizius passou a ver em Etzel *"uma espécie de mensageiro divino"* e ia mostrando ao rapaz, aos poucos, a extensa documentação que reunira sobre o caso do filho. O velho contesta as testemunhas, apontando suas contradições, sobretudo no depoimento de Waremmme. Depois de sua longa exposição em defesa do filho, o velho Maurizius, perguntado por Etzel, declara que Leonardo nunca havia denunciado o verdadeiro assassino.

Após os acontecimentos, Ana Jahn havia adoecido gravemente e estivera à morte durante seis semanas. Quando pôde enfim depor, havia sido tratada com condescendência, como *"uma vítima daquele monstro, a virgem pura, imolada por*

aquele infame sedutor". O depoimento crucial contra Leonardo tinha sido o de Waremmé.

PROF. MONIR: Sabemos uma porção de coisas agora. Sabemos que a Ana Jahn ficou doente, que o Leonardo Maurizius, embora negasse a autoria, nunca disse quem tinha sido o autor do crime e sabemos que a pessoa-chave, cujo depoimento produziu a sua condenação, é Gregório Waremmé.

Capítulo 4

I

Etzel passa uma tarde e duas noites estudando os documentos do velho Maurizius. Consegue também especular sobre o destino de Ana Jahn com Distelmayer, um conselheiro aposentado amigo de Rie. Descobre que Ana havia casado em 1913 com o diretor de uma grande fábrica de tijolos *"que estava em ótima situação"*, havia morado no estrangeiro e desaparecido. Com a morte de Eli, a fortuna de Eli havia passado para ela, mas quando a herdeira havia voltado do estrangeiro *"não possuía mais nada"*, segundo o depoimento de uma amiga.

Ana Jahn, havia mais de doze anos, chegara em casa dessa mulher numa noite de inverno, o corpo e a alma despedaçados, num estado de indizível lassidão, com uma pequena valise, tal como uma criada desempregada, solitária, muda, pobre. Não disse de onde vinha, nada contou de sua vida anterior. Sentia um terror louco à simples ideia de encontrar os conhecidos de antigamente. Logo se verificou que estava seriamente atingida; um dia, como uma convidada de sua amiga falasse, sem refletir, em Leonardo Maurizius e no seu caso – em sua opinião, ainda não esclarecido – tornou-se

lívida, pôs-se a tremer e caiu no chão com convulsões que duraram horas.

Depois, mergulhou num estado de depressão doentia. (págs. 66-67)

PROF. MONIR: Depois que acontece o crime, Ana Jahn some. Quando volta tenta evitar todas as pessoas que havia conhecido antes e, nesse episódio contado aqui, ela tem um ataque epilético quando alguém menciona Leonardo Maurizius e a possibilidade de o crime não estar esclarecido. O que vocês acham disso? Podemos concluir que Ana Jahn tem algum envolvimento nesse mistério do crime? É possível.

Mais tarde, já refeita, teria se casado com um alsaciano, com quem viveria nos arredores de Treves⁸, cuidando de dois filhos, como se tivesse *“totalmente esquecido o passado tão sinistro e tão tragicamente movimentado”*.

II

O prosseguimento da investigação de Etzel traz à superfície os mais diversos aspectos do caso, delimitando melhor a participação do Barão Andergast no episódio e estabelecendo cada vez mais sua importância.

III

Etzel decide investigar junto ao velho Maurizius o paradeiro de Waremmé, mas sem achar meio de fazer a pergunta, acaba conversando sobre os últimos momentos vividos pelo velho antes de receber a notícia da sentença de morte para o filho.

8 Nota do resumidor – Treves é o nome português para *Trier*, na Alemanha.

Waremmé havia sido visto com Ana Jahn em Deauville, em 1908. Dele, o velho diz que “só o diabo sabe o que é preciso fazer para poder retratá-lo”, mas dá um quadro aproximado.

Waremmé apareceu na cidade dois anos antes da desgraça (a ‘desgraça’ era o eixo, o ponto central dos acontecimentos) e, imediatamente, pôs toda a Universidade no bolso. Quem era ele? Pouco importa fosse ele um filósofo ou alguma coisa semelhante, um escritor, um erudito... Não aceitou nenhum posto; talvez não tivessem oferecido, mas, em todo caso, prevaleceu-se da sua independência. Frequentemente pronunciava conferências. Vinham pessoas de muito longe para ouvi-lo. Os professores estavam entusiasmados, referindo-se a ele como a um fenômeno. Homens e mulheres o cercavam quando aparecia em uma reunião, completamente enfeitiçados pelas suas opiniões. (pág. 73)

Apesar disso, muitas dúvidas pairavam sobre a real identidade de Waremmé: “Nunca se soube ao certo de onde ele veio”⁹.

PROF. MONIR: Os ocultistas que serviram de inspiração para a personagem Waremmé – Saint-Germain, Cagliostro, Helena Blavatski e Gurdieff – eram vigaristas. No entanto, justamente porque eram picaretas muito competentes, foram a origem de movimentos esotéricos. O Conde Saint-

9 Nota do resumidor – Há vários ocultistas com este mesmo quadro de mistério, como o conde de Saint-Germain (1707-1784) e seu seguidor Cagliostro (1743-1795). Mais recentemente, há também o caso de Helena Blavatski (1831-1891) e de Gurdieff (1872-1949), cuja origem é até hoje duvidosa.

Germain era o picareta dos picaretas, conviveu com todas as cortes da Europa dizendo que era imortal; Cagliostro ficou famosíssimo por causa do episódio – que aparentemente ele mesmo organizou – do colar de diamantes da rainha Maria Antonieta, que acabou deflagrando o desprestígio da casa real francesa e permitiu que houvesse a deposição de Luís XVI. Essa gente não diz de onde vem, você nunca sabe onde é que eles nasceram. Há várias teorias sobre qual é a origem deles. São de origem desconhecida e passado inabarcável. Ninguém nunca sabe o que eles fizeram antes. Têm dotes e competências artísticas extremas, tocam instrumentos muito bem, cantam muito bem, são bons discursadores, trazem a ideia de que são portadores de segredos que ninguém mais conhece – é a fórmula do grande picareta esotérico. No século XX temos a Madame Blavatski, que fundou a teosofia, e o Gurdjieff, talvez o maior picareta de todos.

ALUNO: E Rasputin?

PROF. MONIR: Rasputin não era dessa turma, era somente um curandeiro. Ele não tinha adeptos; era um monge que tinha poderes de cura com as mãos e cuidava do filho hemofílico dos Romanov. Não fazia proselitismo. Esses quatro fundaram organizações – até hoje há adeptos do Conde de Saint-Germain, de Cagliostro e da Blavatski. O que é esse Instituto Nova Acrópole, que tem no mundo inteiro? É uma instituição teosófica fantasiada de escola de filosofia, para vocês verem como isso é forte e poderoso.

ALUNA: *[Pergunta sobre o colar da Rainha.]*

PROF. MONIR: A ideia é de que houve uma conspiração maçônica para derrubar a monarquia francesa, e para isso precisavam desmoralizar a família

real. Havia determinado prelado que, como os prelados da época, levava uma vida muito mundana. Convenceram o prelado de que a rainha sentiria muita gratidão por quem conseguisse dar a ela um colar de diamantes que ela queria muito comprar, mas que era caríssimo, pelo qual Luis XVI havia dito que não pagaria. Interessado nela, o prelado resolveu comprar o colar com dinheiro emprestado de outros. Mas como entregar o colar para a rainha? Ela não poderia receber o presente em público. Arrumaram então uma sósia para substituir Maria Antonieta. Disseram para o prelado que a rainha iria se encontrar com ele no *Bois de Boulogne*, à noite, com véu, para não ser reconhecida. O prelado vai lá e entrega o colar para a pretensa rainha. A sósia e o marido fogem para a Inglaterra com o colar, que valia uma fortuna – era a melhor peça de ourivesaria da Europa. O colar deveria ser pago em prestações para o joalheiro, que um belo dia não é pago e vai falar com a rainha, que não sabia nada da transação do colar. Resultado: pegaram os picaretas, inclusive a sósia, que tomou uma surra de chicote numa praça de Paris, sem roupa. Foi marcada com ferro como ladra (com um “v” de “voleuse”). Seu marido conseguiu escapar e foi para a Inglaterra. Quase mandaram matar o padre. Depois foi colocado para ser cura no fim do fim do mundo. O resultado disso é que pareceu aos olhos da população que a Maria Antonieta havia gastado dinheiro para comprar joias. A sua imagem pública, que até então era boa, foi destruída. E esse Cagliostro era a personalidade que estava por trás dessa história. Que era um picareta que tinha boas ligações.

Vejam o Conde de Saint-Germain. Quem ele usa para se introduzir na corte de Luís XIV? Madame de Pompadour, a predileta do rei, a amante nº 1 – que não era escondida, mas completamente pública. Ele faz com que ela se apaixone por ele e recebe um cargo de diplomata na Inglaterra. Tenta fazer

uma negociata em proveito próprio, cria um incidente diplomático terrível, foge para a Holanda e lá muda de nome. Usando desses estratagemas, esses picaretas vão se mantendo. São sempre misteriosos. É uma fórmula, isso. Ninguém sabe de onde vieram, qual é o seu verdadeiro nome, que idade têm. E criam-se factoides a respeito deles – por exemplo, alguém ligado à Madame Blavatski disse ter encontrado o Conde de Saint-Germain em Paris em 1925, e que ele estava ainda com 42 anos. Basta espalhar essa mentira que sempre haverá um grupo de crédulos achando que esse homem é excepcional.

O episódio do colar de Maria Antonieta foi muito bem urdido e é central no processo da Revolução Francesa. E Cagliostro estava envolvido até o pescoço nisso. Ela passou para a história como sendo uma mulher fútil, má, que teria dito: “Quem não tiver pão, que coma brioche.” Coisa, aliás, que ela nunca teria dito.

Esse Waremme se parece com esses trapaceiros históricos de conotação esotérica, como os quatro explicados aqui.

ALUNA: *[Pergunta sobre os reis franceses.]*

PROF. MONIR: Os Luíses fizeram o momento mais imperial da história da França. São todos Bourbons e entre eles há Luís IX, que é santo. São Luís é medieval, construiu a Sainte-Chapelle, em Paris. Dos reinados deste trio de reis modernos nasceu uma França imperialíssima, que se constituiu em torno do Palácio de Versalhes.

Durante o reinado de Luís XIV houve um grande distúrbio chamado a Fronda, uma rebelião de nobres contra o governo. O governo na prática era de Richelieu, porque Luís XIV ainda não tinha idade para governar. Quando Richelieu morre, quem assume o governo é o Cardeal Mazarin, que domina a França por muito tempo. Ele faz uma tentativa de conter os nobres, que se rebelam, e armam a confusão chamada *La Fronde*. Quando Luís XIV finalmente assume o poder, ele coloca todos os nobres para morar no palácio. Esse é o conceito do Palácio de Versalhes. Era o modo que o rei tinha para aprisionar os nobres todos no campo, de modo que não ficassem conspirando em Paris. Todo o mundo morava lá naquele palácio gigantesco e esplendoroso. Daí todo o dia tinha uma peça de teatro, um concerto... É nesse tempo que a casa real francesa foi patrocinadora de todas as artes: Molière, Corneille, Racine, Lully...

Luís XV usufruiu desse ambiente criado pelo seu antecessor. Luís XVI é quem pagará todo o preço do fausto e da riqueza dos governos anteriores. Luís XVI tem um filho – Luís XVII, o Delfim, que desaparece na Revolução Francesa; tiram-no da mãe. A versão mais leve conta que o menino foi posto numa sala escura e deixado lá meses, e meses, e meses. Depois foi levado para o sol e cegado pela agressividade da luz. Luís XVII desapareceu. Mais tarde apareceram inúmeros candidatos a Luís XVII, como no caso de Anastásia, a filha perdida dos Romanov. Quando há a Restauração na França, sobe ao poder Luís XVIII, o irmão mais novo de Luís XVI, que reinará por uns quinze anos e será substituído por Carlos X, que também era irmão, porém não tinha o nome da sequência. Com a destituição de Carlos X, em 1830, a dinastia Bourbon chega ao final. Continuamos?

Todas as pesquisas do velho sobre a identidade do forasteiro haviam acabado em becos sem saída.

Em torno da personagem perduravam mistérios financeiros e havia nebuloso caso de suicídio de sua noiva, Lili Quaestor: *"Um belo dia a moça se matou sem que ninguém soubesse por quê"*. Pressionado, o velho Maurizius acaba contando a Etzel, sob promessa de sigilo, que Waremme estava em Berlim, vivendo sob nome falso de George Warschauer, coisa que descobrira por meio de um detetive astuto. Waremme havia também morado em Chicago entre 1910 e 1921 e fora daí que a pista havia sido seguida. Em Berlim, Waremme (ou Warschauer) vivia de dar aulas de inglês, morando na esquina da rua Usedom com a Jasmund, num terceiro andar na casa de cômodos de Madame Bobike, cujas filhas ele ensinava pelo valor do aluguel. O velho Maurizius havia ido vê-lo, mas desistiu de lhe falar na última hora: *"Como entrar no assunto? Por onde começar? E se ele me atirasse pela escada?"*

Naquele momento, Etzel Andergast tomou a decisão de ir a Berlim. Mesmo o fato de Rie lhe contar que sua mãe estava agora morando em Paris não o retirou daquele transe.

PROF. MONIR: Nesse momento em que ele descobre o endereço em Berlim do Waremme, que agora se chama Warschauer, esse menino resolve largar tudo e ir atrás da testemunha-chave na incriminação do Maurizius. Não se importa de saber que a mãe estava morando em Paris, onde ficaria mais fácil de ir, porque ele agora tem uma ideia única na mente, que é perseguir a justiça no caso do Maurizius.

Etzel vai se aconselhar com o doutor Camilo Raff, professor carismático que mantinha um pequeno grupo de estudantes sob sua orientação. Certa vez Etzel se surpreendera ao ouvir de Raff, com relação a certo incidente que acabara na expulsão de um aluno, que *“o sentimento é um rolo compressor, alarga e amolece tudo”*. Ficou muito surpreso, porque lhe pareceu estar ouvindo seu pai.

PROF. MONIR: O seu pai, que está o tempo todo discursando contra os sentimentos. E Etzel está horrorizado por achar que o professor Camilo Raff pensa que isso é o que pensa Etzel. O professor acha que ele é um menino sentimental, mas Etzel se tem em conta de um sujeito racional e objetivo, e não é nada disso.

Etzel sentiu que *“o desconheciam por completo”*.

Camilo Raff explora as opiniões do rapaz, preocupado que estava com a mudança de comportamento que Etzel vinha demonstrando claramente.

Mas, que se passara com ele? Não era coisa cômoda sondá-lo. Era astucioso e reservado. Camilo Raff não o quer assustar e avança tateando como sobre uma superfície escorregadia. Quando, afinal, graças às afirmações socráticas do mestre, o rapaz se decide a fazer algumas afirmações, evita desaprová-lo ou refreá-lo, por exemplo: ‘É indispensável que o espírito esclareça as coisas,’ diz Etzel, ‘é preciso tomar posição, deliberar, pesar. Ao agir, é pela inteligência que devemos compreender as coisas. (pág. 79)

PROF. MONIR: O discurso que Etzel tem é o discurso da racionalidade, do esclarecimento...

‘É indispensável que o espírito proceda lenta e metodicamente’. ‘Sim, sem dúvida’, diz Camilo Raff escondendo um movimento de ironia, ‘certamente.’
(pág. 79)

PROF. MONIR: O professor ouve ele falar assim e diz que está entendendo, achando que o menino obviamente está dizendo tudo ao contrário do que ele é. O menino tem um discurso de racionalidade, de objetividade, mas no fundo é apenas um sentimental. É isso que o professor está querendo dizer.

Nesse momento, tergiversa, ainda quase sem esperança. ‘Impossível atingir-se um fim determinado, se não se é capaz de excluir a paixão’, diz Etzel com a expressão de um analista fortalecido pelos tormentos do pensamento. (pág. 79)

O professor, que vê o discurso de Andergast com ironia, conclui que questões de consciência moral são “insondáveis poços de minas”. Raff dá-se conta de que a geração de Etzel ostenta a bandeira de viver pelo cérebro:

PROF. MONIR: “Ostenta a bandeira”, quer dizer, **aparenta** viver pelo cérebro.

“E, sem dúvida, foi por isso que Etzel ultimamente se melindrou tanto comigo ao ver que eu censurava nele um excesso de sentimento”.

PROF. MONIR: Ele acha que entendeu agora porque é que Etzel está mudado.

Eis a chave do enigma. Bem! Bem! Bem! Em todo caso, isso ainda é melhor do que viver sem contar com o cérebro, esbanjando sentimentos, pura atitude literária com a qual os da minha geração pensavam concorrer para o avanço do mundo. (pág. 80)

PROF. MONIR: A geração romântica, do final do século XIX. O espírito de Werther que invade a segunda metade do século XIX, mesmo que Goethe tenha morrido na primeira. O romantismo *Sturm und Drang* alemão. Toda a música erudita romântica é da segunda metade do século XIX. Wagner.

É verdade: não fomos muito longe com essa política do coração. Isso a que se chama coração tornou-se o eterno devedor. Essa mocidade com o seu método, suas análises intelectuais, seu hábito de tomar posição – termo abominável! – superou-nos, como eles dizem, e devemos considerar-nos felizes com o ato de aceitarem ainda de nós um pedaço de pão. E não sei se nos ficam agradecidos... (pág. 80)

Etzel entra no assunto: “*Há conflito de deveres ou existe um só e único dever?*”

PROF. MONIR: Olhem a pergunta que ele faz para o professor dele: “*Há conflito de deveres ou há apenas um só dever?*” Etzel não aceita nenhuma espécie de conjunção adversativa: mas, no entanto, contudo. Ele no fundo quer que digam para ele: “Só tem uma coisa para você fazer na sua vida, que é isso”. Ele não admite o contraditório, de modo nenhum.

O rapaz explica melhor:

'Responda à seguinte pergunta,' prosseguiu Etzel e, no seu ardor, agarrou, como recentemente fizera com o velho Maurizius, Camilo Raff pela manga do paletó. 'Só me responda a isso: um homem está preso há muitos anos, é possível que seja um inocente, é possível mesmo que se possa provar sua inocência. Temos o direito de nos deixar desviar desse fim por um motivo qualquer? Temos o direito de tardar ou de refletir? Existirá um outro dever a ser levado em consideração? Diga-me, sim ou não?' (pág. 81)

O professor, meio constrangido, diz que ele tem o direito, ou talvez o dever. Depois que se separam, Raff cogita se deveria ou não informar o pai sobre a crise de Etzel.

VI

Etzel pede a avó trezentos marcos emprestados. Apesar do choque inicial e o desconhecimento dos motivos do pedido, Cecília Andergast acaba dando ao neto o dinheiro, mais da metade de *"todo o dinheiro do mês"*.

PROF. MONIR: Este menino agora já está financiado em trezentos marcos. Ele vai dar um jeito de ir para Berlim procurar o Waremmme e ir investigar afinal de contas quem matou Eli Maurizius para poder com isso tirar o pobre Leonardo da cadeia.

INTERVALO

PROF. MONIR: Quando deixamos Etzel Andergast, ele estava se preparando para fazer um ato de heroísmo adolescente. Ele resolveu ir para Berlim procurar Georg Waremme, a principal testemunha incriminadora de Leonardo Maurizius. Agora começa a verdadeira trama.

Capítulo 5

I

Três dias depois da visita à avó, Etzel deixou a casa paterna e a cidade, pretextando uma excursão a Hohen Kanzel com uns amigos. Rie estranha quando o rapaz parte carregando um fardo com dificuldade. Etzel atribui o peso a livros que iria devolver: *“Rie sabia que ele mentia, mas não supôs nada de mais e ficou mesmo comovida quando o viu censurar-lhe por haver se levantado tão cedo”*. O rapaz parte. O barão viajando, Rie se inquieta com a demora da volta de Etzel, que não aparece no dia seguinte. Após pesquisa, a história da excursão é imediatamente desmentida pelos supostos companheiros de excursão. Quando o barão chega, não encontra o filho, mas uma carta esperando por ele.

II

O Barão de Andergast lê a carta e sua fisionomia não muda. Rie não consegue obter dele nenhuma informação: *“O barão parecia insensível, exatamente como os outros dias, absorvido unicamente pelos seus pensamentos”*. Finalmente Wolf Andergast, agastado com a falta de atenção de Rie, pede-lhe uma lista de tudo que ele havia levado e vai procurar o delegado de Atschul, a quem pede discrição, sobretudo *“no que se referir aos comunicados à imprensa”*. Perguntado das razões da fuga, o barão Andergast atribui o fato a *“uma travessura do menino”*.

Embora fossem tomadas as medidas policiais de praxe, *"dir-se-ia que o rapaz desaparecera da superfície da terra"*.

III

Como o barão iludira-se ao ponto de considerar-se *"amigo do filho"*, estava profundamente ferido pessoalmente e em sua autoridade. Repassa sobretudo trechos da carta: *"não posso dizer o que nos separa, porque tudo nos separa"* e *"não tenho mais repouso desde que conheci o destino e o processo de Leonardo Maurizius e o papel que você desempenhou na sua condenação. É preciso que a verdade apareça, quero descobrir a verdade"*. O Barão Wolf Andergast concluiu que é preciso que ele se habitue *"com a ideia de ter sido enganado por um fedelho"*.

IV

Wolf Andergast logo desconfia da origem do financiamento da aventura de Etzel. Sua mãe confirma que havia dado dinheiro ao neto. Enquanto ouvia Cecília Andergast, o barão exprimia pelo silêncio *"tudo o que desdenhava dizer em palavras"*. Pressionada pela frieza do filho, a generala explode e o acusa de ser o culpado de tudo, ele e o *"seu sistema de caserna"* e que o menino deve ter fugido para procurar a mãe. Acusa Wolf de ter *"caçado"* implacavelmente a ex-mulher e, forçando o amante dela a jurar falso, em consequência, o teria induzido a meter uma bala na cabeça. O barão a ouve lívido e despede-se dizendo: *"Está certo, mamãe, não tenciono ajustar as suas visões romanescas. No futuro, se você quiser manter as nossas relações, espero que tenha a bondade de evitar qualquer alusão à minha pessoa e a meu passado"*.

De volta a casa, o barão pressiona Rie e fica sabendo que ela havia informado Etzel sobre a mudança da mãe para a França, *“ainda que sem má intenção”*.

PROF. MONIR: O barão sabe que seu filho não foi atrás da mãe, mas sim atrás do caso Maurizius.

V

O barão vai visitar o professor Camilo Raff. Wolf Andergast não tinha estima por educadores em geral. Aparentando grande cordialidade, o barão investiga, na verdade, a possível participação de Raff naquela fuga. O professor traça um perfil de Etzel como “justiceiro”, provando com o relato de um caso quando uma injustiça havia sido praticada:

‘Tive dificuldade em impedir que ele saltasse sobre mim com a sua cômica indignação, com a sua fria audácia, exigindo das pessoas o que deveriam fazer por si mesmas em bem da justiça e da razão e para que a desordem e a miséria não irrompam incessantemente no mundo.’ Disse Camilo Raff: ‘Era mais ou menos esse o sentido; reproduzo-o talvez de um modo um pouco menos complicado, mas era esse mesmo; as pessoas devem ser consequentes nos seus atos, quem tem um negócio deve conhecer o seu negócio, um juiz só deve julgar quando não existe mais sombra de dúvida sobre um crime... Eu me senti na obrigação de replicar: ‘Meu caro, todas estas coisas são muito naturais, mas foi para assegurá-las que os heróis e os santos derramaram frequentemente seu sangue.’ (pág. 96)

Como o professor Raff não compreendia *“absolutamente a verdadeira natureza daquele homem, sua soberbia glacial – a rigidez de seu espírito”*, continuou ingenuamente a explicar-lhe o caráter do menino, contando o caso do judeu Rosenau, que fora incriminado por Eric Fenchel, um antisemita, e salvo pela diligente investigação que Etzel fez, desmascarando o caluniador. O barão, impassível ao relato, acusa Camilo Raff de saber da fuga e de não avisá-lo. O professor responde que não sabia exatamente o que ele pretendia, mas que havia reconhecido o direito do rapaz de *“seguir sua inspiração”*. *“Eu não o nego – e falo sempre daquele momento – nunca o desviei da resolução que a ele se impunha naquela trágica luta interior”, por não querer “derrubar água naquele vinho”*. Quando o barão fala em questões de direito, o professor argumenta: *“Este não basta, barão. Existe um mais alto”*.

PROF. MONIR: O barão diz: *“Você tem consciência de que você incentivou um menor de idade a fugir de casa?”*, coisas deste gênero. Daí diz o Camilo Raff: *“Olha, existem leis mais altas do que essa que senhor está mencionando, que impedem que alguém incentive um menor a fugir de casa”*.

No dia seguinte, o barão envia à administração do liceu um pedido de instauração de inquérito disciplinar contra o professor Camilo Raff, que acabou suspenso durante dois meses e foi depois enviado para *“um buraco na província de Hesse”*, o que constituiu para ele, que já se sentia asfxiado, uma catástrofe física e moral.

PROF. MONIR: Há mais ou menos a destruição de Camilo Raff com essa medida do barão.

O barão Andergast convida o presidente Sydow, seu único amigo, para jantar. Sydow era considerado um “bom juiz” e pensava muito diferentemente do barão sobre justiça. Engraçado e alegre, lamentava a *“lentidão da máquina jurídica”* e *“considerava o veredicto dos júris como ridículas farsas”*. Depois que Sydow parte, o barão começa a folhear processos e, sem querer, anota o nome Maurizius. *“Amarfanhou a folha de papel, atirou-a na cesta, jogou o lápis sobre a mesa e levantou-se, descontente”*. O barão vai visitar o quarto de seu filho. No dia seguinte, sem se interessar por nenhum outro assunto do expediente, pede que enviem o calhamaço de duas mil e setecentas páginas do processo Maurizius para a sua casa.

PROF. MONIR: A primeira reação do barão é revoltar-se contra a situação e perseguir o professor como sendo incentivador daquela fuga. Briga com a mãe, porque ela deu dinheiro para a fuga. Mas, nesse momento da história, ele começa a pensar assim: “Acho que devia dar uma olhadinha naquele processo de novo”. Começa a haver agora alguma coisa que transforma também o Barão Andergast. Ele está deixando de ter aquela rigidez toda, aquela peremptoriedade toda para tentar lidar com o assunto. Há um início de transformação positiva no barão.

Começa a ler o processo na mesma noite: *“Sabia de antemão que penetrar naquelas catacumbas não seria coisa divertida e iria submeter sua paciência a dura prova”*. Depois que fecha o dossiê, volta a pensar em Etzel e no que havia dado errado. Está cheio de dúvidas:

‘Sempre lhe concedi a liberdade necessária. De que podia queixar-se? Em qualquer dificuldade séria, podia tranquilamente dirigir-se a mim. Devia tê-lo feito, por decoro. E eu, eu censuraria sua falta de maturidade? Oprimiria sua mocidade? Eu? O que seria verdade, muito antes do que isso, é que desperdicei demasiada solicitude, demasiada consciência, em benefício de um mau elemento. Ele tem uma tara moral no caráter, herdada de sua mãe. Era de temer. Não consegui destruir o veneno, apesar de toda a minha vigilância. A natureza foi mais forte.’ (pág. 107)

PROF. MONIR: No entanto, ele ainda não admite que tenha feito algo errado e atribui o “mau caráter” do menino à mãe. Já havia brigado com ela, então acha que é da mãe que o menino herdou esse comportamento selvagem, arredoio.

Capítulo 6

I

Todas as noites, (o barão) fica ali até tarde, sentado em face dos autos empoeirados. Examina, anota, compara, resume. É um verdadeiro trabalho de escavações e aterros. Ainda que se defendendo com uma insuperável repugnância, vê-se cada vez mais preso a ele.

II

“Um fato, apesar de tudo, era inegável: faltava uma coisa para a absoluta perfeição do processo: a confissão”. O incompetente advogado Volland, morto há tempo, não havia conseguido quebrar um elo da cadeia das provas. Volland, medita Andergast, não acreditava “absolutamente na inocência do seu cliente”. Segundo

o procurador, *"o acusado não poderia ter tido pior assistente"*. Aos poucos o barão vai chegando à conclusão de que *"alguma coisa existe neste processo que não está certo, mas o que será?"*

PROF. MONIR: Pronto. O barão começa a ter dúvidas sobre o processo.

III

O juiz conclui: Eli Hunsolt casara com Leonardo Maurizius relutantemente, por causa da diferença de idade. Teria ele se decepcionado com o tamanho da fortuna da mulher, que não tinha mais que oitenta mil marcos?

IV

Quando, um ano e meio depois de casada, Eli recebera carta anônima denunciando as ligações de Leonardo com a dançarina Gertrudes Koerner e a existência da pequena Hildegarda, atribuiu tudo à calúnia. Mais tarde, o marido confessaria os antigos amores. Eli estranhou o fato de a irmã saber dos acontecimentos, mas não desconfiou de nada. Nos primeiros dezoito meses de casados, Leonardo havia passado todas as noites em casa: *"Para a grande surpresa de seus antigos amigos, não era visto nem no café nem nas reuniões habituais"*.

V

"Os documentos provam abundantemente que a desgraça começara pouco depois da explicação relativa à pequena Hildegarda". Ana Jahn morava, na época dos acontecimentos, numa pensão de que tinha muitas reclamações, vivendo às custas do pequeno capital que havia herdado.

PROF. MONIR: As duas irmãs haviam herdado um pequeno capital, só que Eli ficou rica porque se casou com um industrial, que depois morreu, e ela herdou então a fortuna do marido. Por essa razão é que Ana Jahn morava numa pensãozinha barata enquanto Eli vivia com seus oitenta mil marcos. Ana tem pouco dinheiro porque ambas as irmãs herdaram pouco dos pais.

“Não gosta de fazer nada, sente não ter sido feita para ganhar a própria subsistência; não é capaz de se subordinar a ninguém, de servir, de renunciar ao que antigamente se chamava ‘a vida’, quando não se fazia mais do que passear em torno da existência.”
Por sua vez, Eli reprovava a irresponsabilidade de sua irmã, que esperava um casamento redentor.

PROF. MONIR: Vocês conhecem pessoas como a Ana, tal como descrita aqui pelo narrador? Pessoas que não têm vontade de fazer nada, que não querem se subordinar a nada, que não aceitam nenhuma espécie de trabalho porque tudo lhes parece muito complicado, muito chato, e que têm uma solidariedade com a vida? Gostam de ficar por aí, curtindo a vida. Ana Jahn aparentemente era uma dessas pessoas.

ALUNOS: Nossos políticos.

PROF. MONIR: Nossos políticos são muito piores, são todos uns picaretas, vigaristas, 171, safados e delinquentes, tirando uma meia dúzia de exceções. Esses aqui não são como os nossos políticos. Esse pessoal aqui é um tipo muito comum hoje em dia. Uma pessoa que não tem referência nenhuma da vida e que fica por aí, em uma existência flutuante. Fica imaginando que as relações que tem com a vida irão resolvendo as coisas. Não tem nenhuma responsabilidade. Em última análise, é uma espécie de incapacidade de

ser adulto, que é um dos problemas do mundo moderno. Antigamente, há sessenta, setenta anos, um menino de quinze anos queria parecer adulto e andava de terno, como o pai. Quando aparecia o buço ele ficava feliz da vida, aumentava a intensidade com carvão para parecer mais velho. Passado esse tempo todo, um sujeito com sessenta e cinco anos quer ser criança. Fica aquele bobalhão de boné, andando na rua com aquela bermuda, incapaz de aceitar a sua idade. Houve uma mudança de perspectiva humana em que ninguém mais quer ser adulto. Todo o mundo quer ser criança o resto da vida. Essa é a perspectiva da vida que têm essas pessoas que são como a Ana Jahn.

Entre Ana e o cunhado estabeleceu-se uma relação de provocação mútua: Leonardo a via como uma aventureira e ela o via como um golpista “do baú”. O tom da relação era de desconfiança, mas aos poucos eles se aproximaram e é assim que Ana ficou encarregada de buscar Hildegarda na Suíça e levá-la para a casa de sua parente Paulina Caspot, na Inglaterra. Leonardo ajudava a manter a criança e instalou Ana como “*a verdadeira mãe de Hildegarda*”. Leonardo e Ana se aproximaram por causa da menina.

PROF. MONIR: Começou a dar tudo errado. Eli é uma mulher mais velha que controla o marido, que tem uma cunhada muito jovem e bonita. Nesse episódio da Hildegarda, Eli não tem nenhuma participação. Leonardo Maurizius combina com a cunhada Ana que ela é que iria cuidar da menina para ele. Não parece que há um problema nos bastidores?

Sua amabilidade é extraordinariamente envolvente; assim, eles se aproximam, e, coisa muito natural, suas relações se tornam mais fáceis. Eli se comporta como alguém que, tendo a corda no pescoço, se esforça por fazer

boa cara. 'Onde vocês vão?', pergunta. 'De onde vêm vocês?' e sorria. Ana se sente vigiada. Nasce nela o desejo de fazer bravatas. Uma observação irônica, uma fisionomia contrariada bastam para que Leonardo replique à mulher, irritado: 'Estamos em um jardim de infância? Estamos proibidos de conversar um com o outro?' Eli sorri, pede desculpas, não encontrando mais as palavras necessárias. (pág. 119)

A relação de Leonardo e Eli vai perdendo a espontaneidade, com Eli crescentemente tutelando um marido pobre e impetuoso. Quando ele reclama, ela responde: *"Foi você mesmo quem quis essa tutela, como proteção contra você próprio. Sendo preciso, e mesmo contra a sua vontade, defenderei você contra você mesmo"*. Nunca Eli havia falado com ele daquela maneira. Leonardo começa a passar as noites na rua. *"Sua preocupação é evitar que a desinteligência se declare abertamente; compreende, a cada passo, estar avançando num terreno minado."* Ele vai ao cassino e joga pôquer. Volta a fumar e beber desmedidamente e passa horas em companhia de Waremmé.

VI

No diário de Eli, anexado ao processo, havia vários comentários sobre Waremmé. *"Ninguém o conhecia, e uma coisa dita a seu respeito poderia ser tão verdade quanto o contrário. Todos se enganavam."*

Durante certo tempo, principalmente no começo, no inverno de 1904 a 1905, a cidade inteira só falou em Waremmé – dir-se-ia que um lobo, entrando, pusera a malhada em polvorosa. Jogador, valentão, Don Juan, sim, tipos assim são conhecidos e nada têm de impressionante; mas Waremmé, ao mesmo tempo, é filólogo, filósofo, poeta, político – e que político! Não é

um dileitante qualquer, mas um espírito produtivo, alguma coisa como um aliado do diabo, um gênio universal. (pág. 120)

(...)

Com toda a paixão de que é capaz, proclama a missão mundial da Alemanha e declara que o país fatalmente morrerá asfixiado entre seus estreitos limites e perecerá sob a ação dos elementos destruidores que nutre, a não ser que se liberte por uma guerra. (pág, 121)

PROF. MONIR: Pronto. Já está aqui a II Guerra Mundial em potência. Jakob Wassermann não viu a II Guerra Mundial, ele morreu antes.

Waremme já era amigo de Ana, que o havia conhecido no ano precedente, no carnaval de Colônia¹⁰. Eli tinha pelo misterioso forasteiro verdadeira repugnância. Aos olhos dela, na presença de Waremme, Leonardo *“parecia um laçao na ante-sala de um príncipe”*. Eli queria a ruptura daquela amizade, mas Leonardo retrucava: *“Você parece não ter a menor idéia de quem é Gregório Waremme”*.

PROF. MONIR: Significa que Leonardo Maurizius também estava seduzido pela fantasia Waremme, como qualquer outra vítima desses grandes picaretas.

Certa noite, Leonardo mentiu à mulher e foi a uma festa com Ana. Ela ficou sabendo por uma amiga e sentiu *“o coração encher-se de fel”*. Preparou-se para uma guerra:

Não tem vontade de pedir explicações, pois as coisas já estão muito avançadas. É como um incêndio que zomba do jato da bomba. Amarrada,

10 Nota do resumidor – Mais importante comemoração de carnaval na Alemanha.

vê Leonardo submergir sob os seus olhos dilatados pelo horror. Não pode acreditar que tudo esteja acabado. Ainda espera; espera e pensa que tudo é apenas uma nuvem passageira. Leonardo não podia ter esquecido a promessa que lhe fez e sobre a qual edificou sua vida. Mas, enquanto se entrega a semelhantes ilusões, já as forças demoníacas se acumulam para sustentá-la nessa luta que travará para conservar Leonardo a todo custo e que os destruirá a ambos. (págs. 122-123)

VII

Segundo o autor, Eli flagra o marido e a irmã em situação comprometedora. Ana conserta os cabelos que estavam em desordem. Leonardo olha a mulher com olhos de súplica. Ana recobra a calma, apanha suas coisas e dirige-se “*como um furacão*” para a porta, olhando Leonardo com tal gesto de desprezo que ele lança à cunhada o mesmo olhar de súplica que fizera para sua mulher. Depois que Ana sai, Leonardo diz à mulher: “*Por Deus, Eli, ela não é culpada*”... “*Ela é tão pura como o dia*”. Como Eli vê nisso alguma sinceridade, conclui que nada teria podido perturbá-la mais profundamente. O registro desta passagem, também ouvido pela empregada atrás da porta, foi o necessário para caracterizar Ana, uma moça de “*dezenove anos apenas, sem experiência*”, como vítima de assédio, tentando, por todos os meios, trazer Leonardo de volta à razão. Leonardo, por sua vez, visto como aproveitador da situação conjugal para seduzir a cunhada, é pintado com “*traços quase repugnantes*”.

PROF. MONIR: Vai dando errado a vida do Leonardo. Depois, no tribunal, tudo isso será usado contra ele.

Continuam os encontros de Leonardo e Ana. Eli vai se conformando com a situação, levando as coisas de qualquer modo: desleixada com sua aparência e omissa com os afazeres de casa.

Quando Leonardo não regressa à hora da refeição, vai ao telefone, chama conhecidos e amigos para saber se está em casa deles, ou se podem informar onde está; manda Frieda à casa dos que não têm telefone, em diversos restaurantes, ao cassino. Leonardo, naturalmente, vem a saber disso; todos riem à sua custa. Waremme tem uma frase de espírito: 'Leonardo é o audacioso desertor que uma fita de mulher faz tropeçar.' Furioso, pede explicações à mulher, que se desculpa dizendo ter ficado inquieta, imaginando que estivesse doente. À noite, com frequência, não podendo mais suportar a solidão, sai de casa precipitadamente, envolta num simples capote. Corre à cidade, erra como uma louca pelas ruas, fita insolitamente pessoas que não conhece, segue um casal de jovens, no qual julga reconhecer Leonardo e Ana, e isso de tal modo que os transeuntes meneiam a cabeça com ar inquieto.
(pág. 126)

Com o resto de suas energias, Eli cobra do marido suas atitudes e amaldiçoa a irmã. Leonardo é incapaz de romper. Eli suplica: "Mate-me, terei paz, pelo menos". Todas as noites as mesmas cenas, cada vez mais inúteis, mais ásperas, mais infernais. O casal dorme em quartos separados. "Uma noite, Eli soltou um grito tão forte que o guarda-noturno tocou a campainha para saber se havia acontecido alguma coisa".

PROF. MONIR: O casamento de Leonardo e Eli vai mal.

Uma tarde, Eli sai de casa, passa em casa da costureira, toma chá em uma confeitaria, bebe dois copos de conhaque e dirige-se para casa de Ana, que havia deixado a pensão e alugara um pequeno apartamento elegante. Ela cogita: *"Onde arranjou dinheiro para isso?"* Na verdade, Gregório Waremmé a havia empregado como secretária *"part time"*. Enquanto espera, Eli remexe as coisas da irmã. Numa gaveta, uma foto de Leonardo com o sobrescrito: *"18 de maio de 1905, sete horas da noite; desde essa hora sei que possuo uma alma eterna"*.

PROF. MONIR: O que equivale a uma declaração de amor do Leonardo pela Ana.

Eli olha fixamente o retrato e cai na gargalhada. Chega Ana e Eli, na cara dela, rasga o retrato, atirando os pedaços aos pés da irmã: *"Até quando você pensa representar essa ignóbil comédia?"* Ana cai num ataque epilético.

PROF. MONIR: Já é a segunda vez que Ana cai num ataque epilético.

Neste momento, chegam Leonardo e Waremmé, ambos de smoking. Waremmé leva Eli para casa. Ela dorme treze horas seguidas. Leonardo passa uma semana na casa de Waremmé. Manda flores para a mulher que fica *"transtornada de alegria"*. Ana está morando com Eli. Leonardo obedece Waremmé que não quer que ele veja Ana. O rapaz deve ao misterioso estrangeiro dois mil e oitocentos marcos (que foram pagos dois dias antes do assassinato de Eli, ninguém sabe por quem). Leonardo, aliás, andava altamente endividado. Resolve ir pedir

dinheiro a seu pai¹¹. *“Fecham-se os caminhos, uns depois dos outros, diante dele”*. Resolve ir disfarçado até sua casa e propor a Ana fugirem juntos naquela mesma noite, a noite fatídica.

IX

Na medida em que a história se reconstrói assim na mente do Barão Andergast, apresenta *“fendas e falhas por toda a parte”*. O juiz alterna reflexões sobre o caso e sobre Etzel. Lembra-se de que um pastor lhe havia dito certa ocasião: *“Na verdade esse menino tem um espírito difícil; só acredita no que pode ser demonstrado com a clareza da luz do dia. E a única coisa que o diverte é procurar uma agulha num monte de feno. Deus mesmo terá suas dificuldades com ele”*.

Capítulo 7

I

A generala e Rie procuram pistas do paradeiro do menino revirando papéis no seu quarto. Wolf Andergast as vê e, sem que elas percebam, sai de casa sob uma tempestade.

Sob a chuva, o barão medita sobre os “pontos fracos” do processo Maurizius, cada vez mais convencido de que alguma coisa tinha andado mal. Entre eles, *“não*

11Nota do resumidor – Coisa que já sabíamos quando Leonardo foi despedir-se do pai para uma “longa viagem”. A tentativa não teve sucesso.

há explicação satisfatória para as relações entre Waremme e Ana”, tampouco para explicar a vida financeira de Ana. Andergast estabelece hipóteses impensáveis antes:

Mas, o que estipulava o testamento? O barão Andergast se promete indagar sobre as cláusulas do testamento, se existir. De fato, se não houvesse testamento, e se o marido, como assassino da testamenteira, era, por motivo de indignidade, excluído da herança, a irmã se tornava – não havendo filhos do casal – a herdeira legal. Mas, não podemos nos aventurar tão longe, descer tão fundo no abismo. (pág. 140)

Especulações são levantadas. A posição de Waremme parece enigmática. O barão cogita de perguntar ao velho Maurizius onde ele poderia estar. Por que Waremme fazia insinuações a respeito de Ana? Onde estava a browning¹² do crime? Contradições e inconsistências avolumam-se na mesa do procurador-geral. Crescem as dúvidas de Wolf Andergast sobre a sentença.

O barão tomou posição para proteger-se contra um golpe, como se fosse o último assalto de suas dúvidas, e disse, parando: ‘Eis porque a sentença é inatacável em todos os seus pontos.’ E, alguns passos mais longe, parando novamente: ‘Assumo toda a responsabilidade.’ E alguns passos mais longe anda: ‘Não, a sentença é inatacável.’

Mas esse édito, por mais definitivo que fosse seu tom, não conseguiu abafar nem mesmo a mais tímida de suas dúvidas. (págs. 144-145)

12 Nota do resumidor – Browning é um tipo de arma.

PROF. MONIR: O barão agora não consegue mais suportar a ideia de que se enganou. E de que havia inconsistências tremendas nessa história, indicando que quem possivelmente matou Eli tenha sido a irmã em conluio com Waremme, para que ambos ficassem com o dinheiro – o dinheiro de Eli passaria para Ana e os dois, Waremme e Ana, usufruiriam então daqueles oitenta mil marcos, já que aparentemente nenhum dos dois tinha nada.

III

Havia três anos o barão mantinha um caso discretíssimo com Violeta Winston, uma californiana que havia vindo fazer seus estudos no conservatório Stern: *‘Suas relações viviam envoltas no mais profundo mistério; graças à enérgica prudência do barão, toda indiscrição tinha sido evitada até então’*. Depois do desastre de seu casamento, o barão havia desistido da vida amorosa até encontrar Violeta, que era mais uma distração leve e agradável, do que uma possibilidade conjugal séria.

IV

Naquela noite de chuva, o barão vai visitar Violeta. Depois que ela adormece, Wolf Andergast parte, deixando-lhe o seguinte bilhete:

‘Cara Violeta, esta noite era infelizmente a última que podia passar com você. As contas em débito serão reguladas. A pensão mensal de cento e cinquenta marcos será paga até 1º. de julho. Desejo a você felicidade na vida. W. A.’ (pág. 151)

Quando o barão sai à rua, percebe que *“cessara de chover e que um céu cintilante se estendia por cima da cidade”*.

PROF. MONIR: Não é interessante essa imagem aí? O barão está sendo modificado pelos acontecimentos. Essa Violeta era uma mulher que ele “mantinha”, tinha com ela um caso – isso sempre foi muito comum, sobretudo com atrizes de teatro. E ele a dispensa, como se alguma coisa estivesse acontecendo com o barão que o estivesse fazendo mudar de ideia sobre a sua própria vida. Quando sai da casa de Violeta, não está mais chovendo e o céu tem estrelas cintilantes, como se houvesse acontecido algum fenômeno em sua existência – na medida em que ele vai entendendo que pode ter cometido um erro no Processo Maurizius.

V

Pedro Paulo Maurizius é convocado pelo barão. O procurador-geral queria esclarecimentos sobre o processo e pistas sobre o destino de Etzel. Conversam sobre o julgamento e sobre a incompetência do advogado Volland. O velho confessa ao barão que poderia ter salvo o filho, se tivesse lhe dado o dinheiro que ele pedira e ele então não teria voltado *“para sua maldita casa com o desespero no coração, e não teria precipitado no laço como um pássaro desarvorado. Então teria visto o que se passava a seu redor e se teria precavido”*. Lamenta-se o velho:

‘Era sua vida que estava em jogo, naquela noite, e essa sua vida não me pareceu valer três mil marcos. Reflita, senhor procurador, sobre o preço de uma existência. Reflita, senhor procurador, sobre o valor de uma vida. Pode avaliá-la em números? Não tem preço, como o céu, e achei-a muito cara por três mil marcos.’ (pág. 156)

PROF. MONIR: Vocês se lembram desse episódio aqui? Maurizius se casa com Eli sem comunicar ao pai e depois vai visitá-lo e a relação estremece. Nos primeiros anos do casamento dá tudo certo, depois começa a dar errado. Maurizius resolve fugir com Ana e para isso precisa de dinheiro – vai pedir ao pai, que lhe nega o empréstimo por estarem estremecidos. Na volta desse pedido é que acontecerá o crime que matará Eli e desgraçará a vida do Maurizius. Por isso o pai diz que se tivesse dado dinheiro naquela noite, nada disso teria acontecido.

Lágrimas correm sobre a face devastada do velho. Ele explica que o menino havia sido para ele como uma aparição, que ele havia contado o que sabia e que Etzel havia ido falar com Gregório Waremmme, mas recusa-se a dizer onde Waremmme está. O Barão Andergast acena ao velho com a possibilidade de fazer prosseguir o pedido de indulto.

Segunda Parte – Entre Dois Mundos

(Por razões de economia, o resumo desta parte, diferentemente do que está no livro, separa os acontecimentos ligados a Etzel Andergast e ao barão Wolf Andergast em dois blocos estanques.)

PROF. MONIR: Para ser possível completar a leitura no nosso horário, fiz um resumo de um jeito diferente para tornar nossa leitura mais econômica.

Etzel Andergast

Em fuga, Etzel conhece no trem para Berlim uma senhora, de sobrenome Schneevogt, mulher de um caixa comercial e mãe de Melita, moça de dezenove

anos. A mulher, o marido e a filha moram na região norte de Berlim, na rua Anklam. A família aluga quartos para inquilinos. Etzel Andergast está com sorte. Poderá se hospedar lá incógnito. (Hotéis têm de avisar a polícia sobre seus hóspedes. Mesmo sob nome falso ele correria perigo de ser descoberto.)

PROF. MONIR: A essa altura já correu uma espécie de aviso geral para todas as cidades alertando a polícia de que um menino de dezesseis anos estava viajando sozinho, e que poderia estar usando um nome falso. Então ele seria pego na hora.

O quarto é feio e cheio de percevejos. Segundo as orientações do velho Maurizius, Etzel procura o endereço de Waremme na pensão da senhora Bobike. No andar térreo a dona mantém um restaurante popular. Etzel inscreve-se como mensalista apenas do restaurante, pagando quatro marcos por semana. Dá o nome falso de Edgard Mohl na casa Schneevogt e na pensão. Começa a almoçar na senhora Bobike todos os dias e acaba localizando Waremme, que de fato usava o nome de George Warschauer.

PROF. MONIR: Daí vocês veem que esse menino é espertinho para dezesseis anos, não é? Ele está montando um plano bem urdido.

Warrenne/Warschauer vive de dar aulas de inglês. Tem a aparência envelhecida e pobre. É solitário e almoça sempre sozinho.

PROF. MONIR: Ele sabe inglês porque passou um tempo nos Estados Unidos antes de voltar para a Alemanha, lembram?

Etzel Andergast/Edgar Mohl torna-se popular na pensão da senhora Bobike. Quando conquista a confiança do grupo, Etzel apresenta-se ao professor e candidata-se a aulas de inglês, a um marco por hora. Conforme Etzel já sabia, Waremmé morava no terceiro andar. Nos seus aposentos, sujos e empoeirados, há duas a três centenas de livros, principalmente de literatura bíblica e judaica. A aparência do professor, no entanto, é asseada. Waremmé conta ao rapaz que ele auxiliava o curador de um museu a montar uma bibliografia sobre a escultura árabe. Etzel, às vezes, tem a impressão de que o professor encena ser pobre. Aos poucos, Etzel propõe-se a fazer pequenas tarefas, como organizar os livros, desdobrando-se em gentilezas. Waremmé começa a desconfiar dele ao mesmo tempo que vai se impressionando com o seu charme. Certo dia, Waremmé põe dúvida sobre a legitimidade do nome Mohl e Etzel responde:

Num salto, Etzel desceu da pilha de livros: 'Talvez eu me chame tão pouco Mohl quanto você Warschauer', respondeu com insolência. 'Talvez, quem sabe?...'

Warschauer se levantou lentamente. Muito lentamente caminhou para o rapaz: 'Olá garoto!' E sua voz saía do peito, diferente, nova, uma voz de além-túmulo: 'Olá garoto!' 'Eu disse somente talvez', insistiu Etzel, num tom mais brando e sustentou a cintilação negra dos óculos com a persistência que exigia a sua miopia, 'talvez eu me chame, como poderei eu me chamar? Pode ser que eu me chame Maurizius. Há outros que se chamam assim. Por que não poderia eu me chamar Maurizius?' (págs. 182-183)

PROF. MONIR: Acabou o disfarce. Claro que Waremmé não sabe quem é Etzel, mas sabe que Etzel sabe que ele é Waremmé. Agora não há mais possibilidade de confusão. Nesse momento, Etzel abriu o jogo. Tornou-se

muito amigo do professor, que tem uma tendência homossexual. Etzel faz todo um processo de sedução com o professor de quarenta e poucos anos, e agora deixa claro que sabe quem ele é, porque o menino quer saber quem matou Eli Maurizius, para poder voltar e defender o Leonardo. Então ele precisa da cooperação desse Waremme.

Waremme admite sua identidade e confessa que o velho Maurizius havia vindo vê-lo em Berlim. Etzel pergunta-lhe se ele achava que Maurizius havia disparado o revólver.

Como única resposta, Warschauer dirigiu sobre ele um olhar frio, vazio de qualquer expressão. Parecia que não havia ouvido a pergunta ou que a tinha imediatamente esquecido. Etzel não pôde evitar ligeiro tremor. (pág. 224)

Waremme começa a desconfiar mais ainda de Etzel, mas graças às atenções do rapaz a esta altura está como que apaixonado por ele: *“Gosto muito de você, Mohl, gosto de você loucamente”*. As conversas entre os dois estão cada vez mais reveladoras. Etzel descobre que o nome Warschauer era o nome verdadeiro de Waremme, que ele era judeu e havia forjado uma identidade-fantasia para deixar de ser o que era e fingiu ser uma pessoa ideal: alemão, católico, inteligente, rico e influente.

PROF. MONIR: Que era como ele se apresentou em Frankfurt, e seduziu todo mundo. Na verdade o nome dele era Georg Warschauer, e ele inventou a personagem Gregório Waremme.

Conversam sobre o problema do judeu na Alemanha que embora recusado, tudo faz para ser aceito:

É a característica do judeu: faz consistir sua terra prometida naquilo que lhe recusam; seu bem mais precioso, naquilo que não possui. É sempre a história do Paraíso perdido. Isso também é muito judaico: é a história do pecado original. Eu odiava de um lado e amava do outro. Amava a língua deles... a língua! (pág. 235)

PROF. MONIR: A língua dos alemães.

A língua que era tão minha como meus olhos; amava a história deles, seus heróis, seus cantos, suas províncias, suas cidades. Amava-os com um amor mais profundo que o deles e compreendia-os melhor que eles próprios. (pág. 235)

PROF. MONIR: Isso é o Jakob Wassermann falando sobre o seu problema com o judaísmo. Depois ele escreveu um livro chamado *Mein Weg als Deutscher und Jude (Meu Caminho como Judeu e Alemão)*. Este era um de seus maiores problemas: ele está em uma sociedade que o repele, que não o aceita como igual, embora seja apaixonado por aquela sociedade, pela sua cultura, e passa a vida inteira numa espécie de tensão entre a sua existência judaica e a sua existência alemã. Não consegue ser uma coisa nem outra. E é por isso que quando Waremme resolve deixar de ser judeu, fantasia-se de alemão e tenta criar uma existência alemã completamente falsa. Depois percebe nos Estados Unidos que isso é besteira, e volta para a sua personalidade judaica, que é a que ele tem agora, nesse momento.

ALUNO: *[Faz comparação com a personagem Nafta de A Montanha Mágica.]*

PROF. MONIR: Nafta era um daqueles dois intelectuais que tentam roubar a alma de Hans Castorp no livro *A Montanha Mágica* de Thomas Mann. É o mesmo problema. No Brasil não temos esse problema porque somos todos estrangeiros e não temos autoridade moral para dizer quem é brasileiro de verdade. Então nós nos aceitamos completamente. Agora vejam uma sociedade com características físicas, históricas, genéticas fortíssimas... É neste mundo excludente que o judeu está incluído. Ele quer participar da grande civilização judaica, mas também não pode, porque é sempre visto como o sujeito que quer ser o que ele não é. Esse parágrafo é o resumo do problema existencial do próprio Wassermann.

Na medida em que as conversas prosseguem, Etzel sugere a culpa de Ana Jahn, mas Waremme desconversa. Conta ao rapaz as circunstâncias em que havia conhecido a moça, então com dezessete anos. Deixa claro o romance entre eles. Relata também que depois do assassinato ele e Ana ficaram juntos e gastaram toda a herança de Eli. No fim do dinheiro, ele teria ido aos Estados Unidos e ela a Paris. Nos dez anos que havia passado na América, Waremme havia aprendido o suficiente para querer voltar e assumir sua verdadeira identidade, tendo conhecido Hamilton la Due, um defensor de judeus, e um negro chamado Joshua Cooper, em duas situações em que viu o racismo a todo o pano.

PROF. MONIR: Faz umas acusações de racismo terríveis contra os Estados Unidos.

Havia seis semanas que Etzel estava em Berlim, dinheiro no fim, e nada arrancara de concreto de Waremme.

PROF. MONIR: Ele tem trezentos marcos. Já gastou quase tudo, porque paga quarenta marcos por semana de hospedagem, gasta cinco marcos para almoçar na casa da dona Bobike, tem que se movimentar etc. Está ficando sem dinheiro. E ainda não sabe quem matou Eli Maurizius.

Estão em junho. Etzel resolve visitar seu ídolo Melchior Ghisels para buscar conselhos e apoio moral. O escritor ouve o rapaz e comenta: *"Você me dá a impressão de estar sendo impulsionado por um acontecimento de importância capital"*.

PROF. MONIR: O sujeito obsessivo é assim. Dá a impressão de que aquilo que o está movimentando é a coisa mais importante do sistema solar.

Diz a ele que o compreende: *"Conservou-se esse hábito como se o mérito supremo consistisse em se ter vinte anos"* e conversa com o rapaz:

PROF. MONIR: Há um hábito de se achar que as coisas de quem tem vinte anos são muito importantes. Mas na verdade são coisas de quem tem só vinte anos. Aristóteles dizia que a juventude é uma espécie de doença porque o ser humano é feito para ser adulto. O sentido existencial essencial do ser humano é a vida adulta. Portanto um jovem é alguém que ainda não conseguiu chegar lá. Há alguma coisa de incompleto e imperfeito em todo o jovem. No entanto nós, no mundo moderno, fazemos uma espécie de divinização da juventude. Por isso é que todo o mundo gosta de ser jovem, apesar de não ser mais. Então você vai ao SESC da Terceira Idade, está lá um casal de velhinhos de oitenta e cinco anos que diz à repórter que ainda transa. Francamente, cá entre nós, é o fim. É um teatrinho de horrores.

'O que quero dizer, é que o bem e o mal não se originam das relações entre os homens, mas unicamente das relações do homem consigo mesmo.' (pág. 277)

PROF. MONIR: Olhem só que coisa importante. Ghisels está dizendo para ele: que essa coisa de bem e mal não está na relação entre os homens, mas está nas relações do homem com ele mesmo, porque se trata essencialmente da consciência moral, e a consciência moral é individual.

'Você compreende?' 'Sim, compreendo', disse Etzel baixando os olhos, 'mas... não me vá tomar por tolo... sou obrigado a lhe dizer... é um simples exemplo... Se o meu amigo ou o pai do meu amigo... ou alguém que me interesse profundamente ou, se o senhor quiser, que não me interesse, se esse alguém se encontra injustamente na prisão e... o que é que eu devo fazer?... De que utilidade me serão, nesse caso, as minhas relações comigo mesmo? Não posso então exigir senão uma coisa: o direito, a justiça. Devo deixá-lo apodrecer na prisão? Devo esquecê-lo? Devo dizer: o que tenho a ver com isso? Que fazer? O que é a justiça, se não conseguir fazê-la triunfar, eu, eu, Etzel Andergast.' (pág. 277)

Como Etzel insiste na sua arenga justiceira, o escritor encerra a conversa: *"Não tenho nada mais a responder senão o seguinte: perdoe-me, sou apenas um homem, um frágil caniço."*

PROF. MONIR: Olhem que sabedoria. O menino quer recuperar a justiça no sentido absoluto da palavra. O outro diz que não tem competência para fazer isso porque é apenas um pobre coitado. No entanto, no lugar de ajudar Etzel, isso só piora as coisas, porque agora o seu grande herói, o seu

grande modelo intelectual desce do pedestal e ao invés de ver isso com humildade, corre para se colocar no pedestal ele mesmo. Vamos ver agora o que aconteceu com o pai de Etzel, durante esse mesmo tempo.

Wolf Andergast

Sofia Andergast, avisada pelo advogado, decide vir de Paris tratar do sumiço do filho. O barão, sem ver a ex-mulher, procura Leonardo Maurizius na prisão de Kressa. Durante as conversas iniciais, Wolf Andergast, mesmo dizendo que sua visita não era oficial, sugere a possibilidade de uma “reabilitação”. O procurador pergunta quem havia atirado, mas Maurizius não responde. Os dois conversam longamente sobre justiça. Maurizius repete de memória longos trechos da sentença do então juiz substituto Andergast, coisa que muito incomoda o procurador:

PROF. MONIR: O procurador vai ouvir agora da boca do acusado e condenado as coisas que ele disse no tribunal.

Enquanto olhava o presidiário curvado sobre si mesmo, a aversão que sentiu contra a sua própria eloquência, que acabava de ouvir saindo de uma outra boca, aumentou a ponto de ter de reprimir uma náusea e contrair os dentes convulsivamente. Parecia que as palavras subiam ao longo dos muros, semelhantes a larvas viscosas, incolores, horrendas como fantasmas. (pág. 207)

O barão sugere que Maurizius tinha, na verdade, poupado Ana Jahn. Combinam de continuar a conversa no dia seguinte. O barão vai para um hotel.

Na manhã seguinte, Maurizius relata ao magistrado os principais pontos do caso: de como havia, em princípio, detestado Ana e depois simpatizado; de como recorrera a ela para tratar da remoção de Hildegarda; de como Waremmme havia vindo atrás de Ana Jahn, com quem ele parecia ter tido alguma coisa de *"horriavelmente decisivo"*; de como ele concluía que Waremmme a havia violado aos dezessete anos; de como ele tentara vingar a honra de Ana, mas fora controlado e manipulado por Waremmme; de como a noiva de Waremmme, Lili Quaestor, havia se suicidado; de como as irmãs haviam iniciado uma disputa entre elas; de como Eli havia se transformado numa *"loba feroz"*. Leonardo Maurizius confessa ao juiz que havia cogitado de matar a mulher, tamanha era a tirania que ela exercia sobre ele.

'Afirmo-lhe, senhor procurador, que, riscá-la do número dos mortais me pareceu então uma boa ação, porque tal existência é um suplício para quem a vive, pensei, e um fardo, um suplício para aqueles que têm de viver em sua companhia. Então, não haverá saída possível, não se terá o direito de reconquistar a paz? É evidente que, tendo tido esse desejo criminoso, não estou isento de culpa e, muito menos, inocente, o que não é absolutamente a mesma coisa. Chega um momento em que o assassinio já está consumado em espírito.' (pág. 308)

De volta a Frankfurt, Wolf Andergast recebe a visita de Sofia que o acusa pelo desaparecimento de Etzel. Os dois haviam se conhecido durante o julgamento de Leonardo Maurizius, quando ela ficara desconfiada da justiça feita.

'Sonhei uma noite que imensa multidão se jogava a seus pés, suplicando para você voltar atrás em um julgamento; e você permanecia imóvel, como uma pirâmide de pedra. Imaginar-se infalível, um juiz infalível, que terrível

aberração! Não ter o direito de se ter enganado, que maldição! Você me tomou meu filho, sim, meu filho; não há nada sobre a terra como uma mãe para possuir verdadeiramente uma coisa.’ (pág. 324)

De volta à prisão, o juiz Andergast encontra Leonardo Maurizius doente. Pergunta-lhe: *“O senhor concordaria em ser perdoado e em renunciar a qualquer novo recurso? Sua palavra me bastaria”*. Sem responder, Leonardo repassa os dezoito anos de sua vida na prisão. Fala de como foram os primeiros dias na prisão; de como era visto como diferente por ser professor; de como havia sido transferido para uma cela individual, depois de um assédio homossexual; de como havia sofrido com a abstinência sexual; de como havia tentado estudar, para depois descobrir que era apenas *“Maurizius fazendo o papel de Maurizius”*; de como havia estabelecido uma parceria intelectual com o guarda Klakusch, que depois se suicidaria.

Wolf Andergast sai dali e encaminha o pedido de indulto.

Terceira Parte – A Morte Irrevogável

O rapaz volta da casa de Ghisels adoentado. Melita Schneevogt pede a Etzel quarenta marcos para auxiliar um colega de trabalho injustiçado. Apesar de ele só ter oitenta e seis dos trezentos emprestados pela avó, concede. É cuidado pela moça. Waremme vai visitá-lo. Começam a discutir o conceito de justiça. Waremme tem opiniões claras sobre o assunto.

‘Todos os que procuram a justiça erram de caminho; qualquer um que tomem, não serve. Desconfio que todos os que embarcam nessa canoa são

levados por motivos pessoais. Miguel Kohlhaas é o personagem mais odioso do mundo.’ (pág. 366)

PROF. MONIR: Michael Kohlhaas é uma personagem de uma novela de Heinrich von Kleist. É um sujeito pobre que é injustiçado, vai buscar justiça e não consegue. Aí organiza uma rebelião anárquica, geradora de uma série de consequências que o colocam no patíbulo. Acaba sendo morto pela justiça que não havia encontrado antes.

‘Ninguém, com exceção dos alemães, pode compreender sua lógica muito prussiana. A mulher que reclamava diante de Salomão que a criança em litígio fosse cortada ao meio representa a obstinação de tirar da idéia de justiça suas últimas consequências. Sob o ponto de vista da justiça pura, a criança deve ser cortada ao meio. Não fique indignado com o que lhe estou dizendo, Mohl, é a verdade. Suas idéias humanitárias não são nem mesmo um frasquinho de óleo derramado sobre a catarata do Niágara. Salomão era um sábio. Convenceu de absurdo todos os apóstolos da justiça e cobriu de ridículo todos os pacifistas. Já se viu, desde que o mundo é mundo, uma guerra ter uma causa justa? Já se viu um general travar suas batalhas pela justiça? Ou algum desses célebres ladrões de territórios ou exterminadores de homens ser obrigado a prestar contas, a não ser quando sua empresa fracassava? Convido-o a refletir um instante nas relações, ia dizer no parentesco, que existe entre a idéia de direito e a idéia de vingança. Quando e onde, na história, você se viu fundarem impérios ou religiões, ou se edificarem cidades, ou a civilização se espalhar com o auxílio da justiça? Você conhece algum exemplo? Eu, por mim, não conheço. Onde está o pelourinho em que será expiado o massacre de dez milhões de índios, o envenenamento pelo ópio de cem milhões de chineses, ou a escravidão a que foram reduzidos trezentos

milhões de hindus? Quem fez parar os navios pejados de escravos negros que, do século dezesseis ao dezenove, atravessaram o oceano da África para a América? Quem ousará levantar o dedo em prol das centenas de milhares de homens utilizados nas minas do Brasil? Onde está o juiz que tentará punir os massacres de judeus na Ucrânia? Quer outros exemplos ainda? Tenho-os à sua disposição. Você vai-me responder que seu ideal moral mais caro e mais secreto é justamente acreditar que é preciso remediar isso, que é necessário reformar o mundo!' (págs. 366-367)

PROF. MONIR: Não é um discurso de um extraordinário cinismo? Para Waremmé não há justiça nenhuma, o que há apenas são ações de poderosos contra menos poderosos. Portanto Waremmé faz uma declaração de enorme cinismo contra a possibilidade mesmo de a justiça existir. Sob esse ponto de vista, ele se contrapõe a Etzel Andergast, que luta pela justiça apenas pela justiça verdadeiramente, enquanto Waremmé, um homem vivido, com trinta anos a mais que Etzel, diz que, ao contrário, nenhuma justiça pode existir. Diz que Andergast persegue uma quimera. A partir da própria definição que ele tem de justiça, para Waremmé não há necessidade nenhuma de se fazer justiça – há apenas a necessidade de se fazer as coisas bem-feitas para não ser pego. Waremmé colocou a arma na mão da Ana em princípio para proteger Ana contra a irmã. Mas depois, quando Ana mata a irmã, ele manipula as circunstâncias do crime para parecer que o Maurizius tinha feito isso. Depois, no depoimento no tribunal, ele compromete Maurizius e por isso foi o causador da sua condenação. Mas ele na verdade fez isso tudo apenas porque percebeu que, com a morte da irmã, ele e Ana – que tinham um caso – ficariam com um patrimônio de oitenta mil marcos. Waremmé é uma espécie de cínico, aquele de que você não desgosta porque parece ser sincero, mas é um cínico total e completo.

Finalmente, Waremme admite que havia armado Ana Jahn (com medo de uma agressão de Eli), que Ana Jahn havia matado a irmã e que ele havia dado um jeito de fazer Maurizius parecer culpado e também prestado falso testemunho no julgamento. Etzel não entende como Ana pôde deixar Maurizius levar a culpa, mas o velho professor explica o caráter da moça:

'De um paganismo e de uma beatice estúpida, petrificada de orgulho e consumida pela raiva de se prejudicar a si própria, casta como uma madona e abrasada de sensualidade mística, primitiva e obscura, austera e ávida de ternura, com a alma encadeada e odiando as cadeias, detestando quem ousa tocar nelas e quem as respeita, e, sobretudo, vivendo sob o signo de um astro tenebroso. Há muitos que vivem sob o signo de um astro tenebroso. Nenhuma luz brilha neles. Seu sombrio destino, eles o desejam; chamam-no, provocam-no até que os esmague. Querem ser esmagados. Não se querem dobrar, render-se: querem ser esmagados. Era o caso de Ana.' (pág. 372)

Waremme explica ao rapaz sua própria posição.

'Não tive escrúpulos em falar sem subterfúgios, já que você tinha tanto interesse em saber. Por que lhe recusar essa satisfação? Isso não tem para você nenhum valor prático. Há muito tempo que meu falso testemunho caiu em prescrição. Meu Deus, sim... afinal, isso não teria nenhuma importância para mim; tudo neste mundo se tornou indiferente aos meus olhos. Mas, gostaria de conservar o leme nas mãos ainda por um momento. Não vá você conceber esperanças exageradas. Minha confissão de nada lhe adiantaria. (Estalou os lábios com alegria maliciosa.) As engrenagens dos nossos tribunais estão de tal modo enferrujadas que saberão evitar exumar o sacrossanto cadáver da

justiça, simplesmente porque um jovem exaltado de dezessete anos lançou um brado de alarma.’ (págs. 373-374)

Declara-se apaixonado pelo rapaz e diz que partiria para procurar sua filha na Alta Silésia polonesa. (Toda a conversa foi ouvida por Melita através do tabique.) Etzel Andergast está satisfeito:

Ao despertar na manhã seguinte, mandou longe, com um piparote, um repugnante percevejo que passeava pela sua manga, respirou longamente e disse: ‘Bom-dia, Etzel Andergast.’ Eram sete horas. Saltou da cama e começou a arrumar suas coisas. Três horas mais tarde, encontrava-se na estação da estrada de ferro. (pág. 375)

PROF. MONIR: Missão cumprida. *“Bom dia, Etzel Andergast”*: Edgard Mohl, nunca mais. Agora ele era Etzel Andergast e iria ter com o pai para dizer-lhe que descobriu enfim quem matou Eli Maurizius e recuperaria a justiça.

Leonardo Maurizius é libertado, mas está completamente ausente. Anseia encontrar Hildegarda, que quase não ouviu falar do pai. Imagina como seria o reencontro. Sai meio tonto da prisão e aprecia as mulheres na rua. Vai à casa de seu pai.

Aperta o botão da campainha; longo minuto se escoia. No pátio, um gato mia queixosamente. Ouve passos atrás da porta e uma pergunta ríspida. A porta se abre: pai e filho se encontram face a face. O velho arregala os olhos, fica petrificado. Seu rosto se torna purpúreo, o corpo verga para a frente, os braços se apóiam na ombreira da porta. ‘Eu sabia’, disse com voz

embargada... 'li no jornal... mas não calculava que já hoje...' O resto é abafado por um soluço. Dir-se-ia uma tosse rouca, dolorosa; não oculta o rosto e as lágrimas rolam dos olhos astigmáticos. Leonardo Maurizius permanece incompreensivelmente frio. Seus traços conservam uma expressão severa, quase sinistra.

'Por que não estou comovido?' se pergunta, enquanto acompanha o velho ao quarto, segurando-o pelo braço. Olha em torno de si. A tristeza, a pobreza do local, despertam nele vago temor. Ainda não havia pensado no futuro.
(pág. 382)

O pai lhe mostra um testamento com a doação de todos os seus bens, mostra saldos bancários e documentos de suas propriedades. Apresenta ao rapaz o guarda-roupa que havia comprado para ele. Leonardo Maurizius, indiferente a tudo, só pensa em Hildegarda. O velho lhe dá as últimas notícias da filha. Ela estaria em Colônia. Leonardo sobe a seu antigo quarto e vê suas roupas: *"Parecia uma casa em que se conservavam relíquias de um morto"*. Quando desce, descobre que seu pai havia morrido.

PROF. MONIR: O velhinho esperou rever o filho, e morreu.

Leonardo Maurizius procura a filha em Colônia, na casa da família Kruse. Tenta vê-la por meio de um truque que não funciona. É-lhe negado acesso à moça. Decide procurar Ana Jahn, agora Ana Duvernion e pedir-lhe auxílio. Vai a Treves e escreve-lhe um bilhete com o nome falso de Markmann. Ana aparece no local combinado, mas não tem mais a beleza e o fascínio de outrora. A moça responde com evasivas e se apressa para ir embora. Leonardo pede sua ajuda, mas ela se exime:

‘É sobre Hildegarda,’ recomeçou Maurizius, ‘que queria pedir sua opinião e seu auxílio... Estive em Kaiserwerth... nem sequer fui recebido... Mandaram a menina para fora...’ Ana Duvernon levanta os ombros, num gesto idêntico ao que teria se lhe tivesse pedido cem mil marcos. ‘Nada tenho a ver com isso,’ interrompeu rispidamente. ‘Eu poderia renunciar a tudo mais; nesta questão, porém, não estou disposto a ceder,’ observou ele com aspecto sombrio. ‘Apenas, você errou a porta. É ao tutor que compete decidir. Há muitos anos que me afastei. A responsabilidade era por demais pesada.’ (pág. 389)

Depois que ela sai, ele considera:

A seguinte idéia lhe atravessa a cabeça: ‘Santo Deus! Mas como ela é estúpida, simplesmente estúpida, de estupidez inconcebível! Sua beleza, sua alma (ou aquilo que se tomava por sua alma), sua graça, seu encanto, aquele misterioso demonismo, aquele temperamento apaixonado, aquela propensão para o sofrimento, tudo aquilo nada mais era do que uma leve camada de verniz que os anos apagaram, pondo a nu o árido fundo primitivo. A natureza revelou seu próprio embuste. Ana não tinha coração, nenhuma compreensão do destino, nenhuma inspiração superior, nada, senão engano e artifícios... estúpida, eis o que ela é, estúpida como todos aqueles que pararam no meio do caminho, como todos aqueles que são animados por uma vida fictícia e que estão mortos, estúpida como todos aqueles que não percebem que seu espírito e seu coração já morreram, estúpida como um fantasma... E foi por aquilo, por aquilo, oh! Deus misericordioso! por aquilo, o seu sacrifício e o seu martírio, o suplício que o arruinou e aqueles dezenove anos vividos num túmulo... Deita-se de bruços sobre o assoalho, apoiando nele sua face. Sobre

o supercílio esquerdo, sente o frio de uma cabeça de prego. Sente bem-estar, gostaria que o prego se voltasse na madeira e enfiasse a ponta no seu cérebro.
(págs. 390-391)

Leonardo Maurizius começa a viajar a esmo. Vai para a Mogúncia, para Basileia, passeia o dia inteiro, fala com as pessoas e sobretudo com as crianças, acha os leitos de hotel confortáveis demais, vai para Berlim e conhece no trem uma moça que o convida para o amor. Depois de fracassar, conclui que o seu “sexo está morto”. Vai para Leipzig e de lá para o sul. Nesta viagem:

Com estridor o trem passa pela beira de um viaduto, muito alto, sem parapeito. Um precipício se abre sob seus pés. Agarra-se à grade coberta de fuligem, desce o degrau, lança um olhar perscrutante, curioso, sobre o abismo. Tem a impressão de que o mundo está subitamente de pernas para o ar, com o céu estrelado lá embaixo. É desagradável pensar que a grade coberta de fuligem está sujando as mãos. Por um instante, tem a tentação ridícula de voltar para lavá-las. Da janela vizinha do vagão seguinte, o chefe do trem o avista. Está desorientado de raiva e de pavor: agita o punho, puxa violentamente a correia da janela e grita com a boca completamente aberta. Maurizius não o ouve. Vê, apenas, a boca escancarada e duas fileiras de dentes de animal feroz. Com a cabeça, faz um gesto de indiferença. E dá um passo no vazio. Já era tempo; alguns metros mais e a composição teria atravessado o viaduto. Deu aquele passo como se passa de uma sala para outra. Foi um passo no mundo do irrevogável, do irrevogável, sem regresso possível. (pág. 396)

PROF. MONIR: Maurizius não conseguiu continuar vivo porque não tinha a filha, não tinha pai; porque Ana se revelou um sacrifício completamente estúpido no qual ele não via mais sentido nenhum, não tinha mais capacidade para enfrentar aquilo. Assim é que Leonardo Maurizius acaba sua participação na história. Mas a história não acaba aí.

Etzel Andergast volta para casa no trem da quarta classe, após vinte e quatro horas de viagem. Fica sabendo que sua mãe está na casa da avó, mas não se apressa em fazer contato com ela. Encontra o pai transformado: certo dia ficara três dias sem se barbear. Quando se encontram, o procurador tenta manter a frieza, mas se descontrola emocionalmente. Etzel, com ar triunfal rejubila-se: *"Maurizius é inocente. Absolutamente inocente. Foi condenado injustamente. É um assassinio judiciário"*. O barão comunica friamente ao filho que Maurizius havia sido indultado e não havia mais nada a fazer.

'Que é preciso fazer depois disso?' Ele responde, glacial, imperturbável. 'Nada.'
Etzel salta: 'Como... nada?' *'Não é preciso fazer nada. Nada resta a fazer.'* Etzel não pode deixar de abrir a boca como um idiota. *Gagueja qualquer coisa. Seu pai teria enlouquecido? 'Qualquer providência é supérflua. O condenado Maurizius foi perdoado.'* Etzel arregala os olhos desmesuradamente. *'Perdoado? Per-do-a-do!'* responde-lhe um leve movimento de cabeça: *'Perdoaram-lhe o restante da pena.'* Etzel não pode impedir de estourar na gargalhada. *Sabe que é uma falta de respeito, mas não pode evitá-la. 'Perdoado! Mas eu estou dizendo que ele é inocente!'* Um suspiro de exaspero foi a resposta. *'O decreto de indulto prevê essa probabilidade ou possibilidade.'* Frase oca. Etzel esquece o respeito que lhe inculcaram. Grita: *'Mas se ele é*

inocente, não tem necessidade de indulto. 'Não se trata mais de saber se ele é inocente', responde o barão Andergast em tom decisivo, 'e, além disso, procure ter modos, ouviu?' (págs. 403-404)

PROF. MONIR: Etzel Andergast está furioso porque o indulto pressupõe que se perdoou a culpa. A culpa portanto continua implícita na situação do Maurizius. Ele não quer que o Maurizius seja indultado. Ele quer que ele seja inocentado, que é outra coisa muito diferente. É claro que nem o barão nem Etzel sabem que Maurizius já morreu.

Etzel está inconformado: *"Trata-se de justiça"*. O barão desestimula qualquer ação revisional e pede que o filho se contente com o indulto. O menino não aceita: *"Não, repete, isso não pode me satisfazer e com isso não me quero contentar"*.

A revolta do rapaz aumenta e começa uma discussão com o pai:

'Aliás, nossa conversa é inútil, porque Maurizius aceitou seu indulto. E aceitou-o sem reservas.' Etzel dá dois pulos para a frente. Junta as mãos à altura dos olhos, depois coloca-as sobre a boca. 'Ele aceitou... aceitou o indulto?' murmura timidamente. 'Sem reservas, como lhe disse.' 'E continua a viver? Tem coragem de pesar sobre si essa injustiça? Fica calado? E continua a viver?' O barão levanta os ombros. 'Você vê? Tudo é possível ao homem.' Um sorriso feroz contrai os lábios de Etzel. 'Efetivamente, vejo que tudo é possível ao homem', replica em tom ambíguo e insolente, 'Um pode abafar a verdade, um outro morrer dela!' 'Etzel!' berrou o barão Andergast. 'Então você conseguiu levá-lo até esse ponto', prosseguiu Etzel no paroxismo do desespero (tudo quanto fez foi em vão; tudo em que se apoiava como sobre um rochedo desmorona lamentavelmente.) 'Eis ao que você chegou com seus artigos,

suas cláusulas, sua prudência e seus cuidados... E ainda por cima é preciso ficar calado... se ele continua a viver, não recebeu senão o que merecia... talvez Maurizius ainda tenha-se esbanjado em agradecimentos pelo pontapé com que você o enxotou da prisão. Muito obrigado, senhores, pelos dezenove anos de cadeia, hein!... Então, você não sabe quem foi que atirou? Certamente que sabe. Foi isso, sem dúvida, o que provocou seu indulto... onde está o juiz, para que lhe cusпам o seu indulto no rosto... como poderei agora apresentar-me diante dos homens... É o filho do Andergast, dirão. O pai conseguiu o indulto de Maurizius, o filho calou, estão de conveniência... É lindo! muito lindo! Belo mundo, palavra de honra. Se pelo menos pudesse se vaiar imediatamente.' (pág.406)

A contra-argumentação do pai só o torna mais agressivo.

Não é mais o menino Etzel, amável, moderado, grave, sensato. É um demônio. 'Espere', vocifera com a boca espumante, 'você não sairá disso ileso. Terá de pagar, sua vez chegará!' O barão Andergast fica um instante petrificado. Parece uma estátua de bronze. De súbito, faz um gesto para segurar o rapaz. Prende-o pelo ombro, Etzel se livra dele. Tem o rosto convulsionado de horror, cólera e náusea. 'Eu não quero mais ser seu filho!' grita com incrível violência. 'Canalha!' estertora o barão Andergast, e, no entanto, todo ele tem ar de súplica. Etzel correu para a sala de jantar. Rápido, o barão o segue. Da sala de jantar, Etzel se precipita para o vestibulo. Rápido, o barão o segue. Atrás deles, as portas vão ficando abertas. Etzel derruba as cadeiras que encontra pelo caminho. Rie surge em sua frente. Afasta-a brutalmente e corre para seu quarto, Rápido, o barão o segue. Aquele corpo enorme e poderoso que corre com as mãos estendidas para a frente tem verdadeiramente algo de espantoso. Toda essa corrida se assemelha a uma

perseguição horrível, alucinante, infernal. Rie, espavorida, abre a boca. Não sai nenhum som. Chegando ao quarto, Etzel bate a porta com fúria, dá uma volta na chave. O barão Andergast esmurra a porta. A cozinheira e a criada saem precipitadamente da cozinha. Ouve-se, no quarto trancado, um ruído prolongado de vidros quebrados. Rie solta um grito que faz acorrer todos os locatários. O barão exerce toda a sua força hercúlea contra a porta e consegue arrombá-la. Num pulo, está dentro do quarto. Rie vem atrás dele, torcendo as mãos. Na soleira da porta, comprimem-se os criados dos Andergast e dos Malapert, o porteiro, sua mulher e um estafeta que acaba de chegar com o correio. Etzel jaz próximo da mesa, inundado de sangue. O barão Andergast se aproxima, cambaleando, e segura sua cabeça entre as mãos. 'Água, água,' balbucia. Alguém corre para buscá-la. Rie junta as mãos para rezar.

Que aconteceu? Etzel quebrou a vidraça das duas janelas e também o espelho do guarda-roupa, os frascos de cima do lavatório e os vasos de porcelana da cômoda, numa fúria de destruição e com a alma tomada de loucura. O sangue corre pelas suas têmporas, pelas faces e pelo nariz. Atirou-se de cabeça sobre as vidraças, arrebentou o espelho com os punhos e tem as mãos retalhadas de ferimentos até os pulsos. Suas vestes estão encharcadas de sangue. Depois, seu furor se acalmou repentinamente. Está sereno, agora. De pé, próximo à mesa, contempla seus ferimentos com um sorriso de satisfação bravia e move as pálpebras porque o sangue corre sobre os olhos. Súbito, seu espírito fica extraordinariamente tranquilo, como se, com o sangue, uma parte da amarga decepção que lhe envenenava o coração fluíra de suas veias. Apresenta o aspecto de um desgraçado que, após uma queda, se levanta lentamente, olha perplexo ao redor e indaga o caminho que perdeu e do qual se desviou, não encontra nenhuma direção para sair do lugar em que se encontra, passa o olhar pelas proximidades e informa-se do

rumo a seguir. Em dado momento, os olhos de Etzel caíram sobre seu pai. Um espanto hesitante se desenhava em suas feições, como se a imagem habitual que sempre o dominara se tivesse transformado em uma outra, colocada de certo modo um pouco mais baixo e sobre a qual era obrigado mesmo a se inclinar para reconhecê-la. Não era mais o ser enigmático, detentor e guardião de segredos, não era mais o regente de misteriosos destinos, não era mais Trismegisto¹³, mas um pobre homem culpado, quebrado.

PROF. MONIR: Trimegisto é o nome que se dá para Hermes: “três vezes mestre”, porque segundo a doutrina das castas você tem três tipos de pessoas: as que rezam, as que vão à guerra e as que trabalham. Daí a ideia de Hermes Trimegisto ser o líder dessas três castas.

O barão Andergast tinha entreaberto a boca. Avistaram-se seus dentes enormes. E foi assim, com a boca entreaberta, que se deixou cair numa cadeira. Seus olhos violeta, vazios de qualquer expressão, pularam das órbitas como duas bolas. (Quando, pela tarde, partiu, acompanhado por um médico, para a casa de saúde, ainda se encontrava no mesmo estado, a boca semi-aberta, os olhos saltados, sem expressão no olhar). Etzel observava com ar pensativo aquela fisionomia que se corrompia literalmente diante dos seus olhos e, enquanto Rie se dispunha a lavar o sangue que corria em suas faces, sua fronte e suas mãos, disse, com voz infantil, seca e clara: ‘Mandem chamar minha mãe.’

Aqui termina a história do processo Maurizius, mas não a de Etzel Andergast. (págs. 407-408)

13 Nota do resumidor – Trimegisto, nome que se dá a Hermes na versão egípcia, é o apelido que Etzel Andergast atribuiu a seu pai, a quem ele via como o todo-poderoso.

(Resumo feito por José Monir Nasser, com excertos traduzidos por Octavio de Faria e Adonias Filho, retirados de "O Processo Maurizius", Editora Abril, São Paulo, 1982)

PROF. MONIR: Aqui acabou a história do procurador Wolf Andergast, mas não a história de Etzel.

O segundo livro se chama *Etzel Andergast*, um livro de seiscentas páginas em que Etzel só aparece lá pela página duzentos. Até ali só conhecemos a personagem mais importante do livro que, apesar de se chamar *Etzel Andergast*, tem como principal personagem Joseph Kerkhoven, um médico carismático, absolutamente devotado à sua profissão e que irá se encontrar lá pela página duzentos com Etzel Andergast. Etzel então faz parte de um grupo de jovens radicais que, liderado por uma americana, montou uma comunidade ideal, onde vivem todos numa espécie de regime socialista, de vida ideal, trabalhando no campo, lavando a louça, participando da vida material. Etzel arruma uma briga, é agredido, vai procurar um médico e acaba nesse Joseph Kerkhoven.

O médico se interessa pelo rapaz, que é muito inteligente. Recebe uma carta da mãe dele, a Sofia Andergast, explicando o que havia acontecido com Etzel. Ela conta tudo isso que vimos aqui, resumido em trezentas linhas. Ela pede ao médico que cuide de seu filho, agora com uns vinte anos. Etzel é muito bem recebido pelo médico carismático, com abnegação absoluta, que começa a cuidar do menino. Vão se conhecendo, vão trocando ideias sobre esses

mesmos temas. A atitude do Etzel, refletida naquela comunidade da qual ele participa, já é a atitude típica de uma juventude que está se organizando para assumir uma missão política. Já é embrionariamente o início da juventude hitlerista, embora ali não existam apenas nazistas – há também jovens de todos os tipos. No entanto, são todos jovens, obrigatoriamente. Todos, todos. E financiados por uma americana rica que acha bacanérismo financiar a juventude.

Etzel Andergast aos pouquinhos passa a conviver com o médico com muita proximidade, e aproveitando que o médico só pensava em seus pacientes e trabalhava 18 horas por dia, aproxima-se de Maria Kerkhoven, a mulher do médico, e tem um caso com ela, com a mulher do seu “mestre” – Andergast chamava Kerkhoven de mestre, tamanho o respeito que ele tinha pelo médico. Quando no final das contas o médico descobre o caso, há uma ruptura com ele.

Etzel então, totalmente destruído – emocionalmente, pessoalmente –, tendo feito durante dois livros de mil páginas o proselitismo da justiça – porque é isso que Etzel Andergast faz de fato – acaba na casa em que Sofia, sua mãe, morava. Uma casa muito humilde, nas montanhas, nos Alpes alemães. Lá encontra sua mãe e finalmente acaba a segunda história de modo muito bonito e poético, dizendo que Etzel chegou na casa da sua mãe e morreu. Não no sentido físico.

O primeiro livro termina com Etzel dizendo: “Eu quero minha mãe”. No segundo livro, quando ele finalmente encontra a mãe, depois de toda a

desgraça, ele chega e morre. Mas não é uma morte comum, é uma morte iniciática, que produz uma vida subsequente a essa morte: morreu o Etzel Andergast, aquele justiceiro que queria produzir a justiça a qualquer preço.

Vocês gostaram da história? Vocês simpatizam com o Etzel Andergast de alguma maneira?

ALUNOS: *[Fazem comentários.]*

PROF. MONIR: Essa teoria eu já ouvi, de que o Etzel Andergast foi produzido pelo seu pai, Wolf Andergast. Pode ser um pouco assim, porque nosso autor faz todo o possível para pintar o Barão Andergast com cores muito rígidas. Também não contei o que acontece com o barão, que a gente só fica sabendo no segundo livro. O barão, após ser levado para uma clínica, nunca mais volta para casa. Ele sofre um abalo nervoso tão grande que irá passar alguns anos num sanatório e depois é completamente inviabilizado como procurador, perde o cargo, e morrerá quatro ou cinco anos depois. Não morre louco, mas absolutamente deprimido e desesperançado com a vida.

Mas a questão central aqui é saber se vocês acham que o Etzel está ou não com a razão. Quem acha que ele está, levante a mão. *[Pausa]* Há uma maioria de pessoas que acha que ele não está com a razão. Mas vamos entender melhor a personagem; afinal de contas, o que ele está querendo?

ALUNO: É uma briga de autoridade [...].

PROF. MONIR: Essa história é tão extraordinária, que se vocês estudarem o livro com a devida profundidade, entenderão todo o processo que

aconteceu na Alemanha entre as duas Guerras. Mas acho que temos que descaracterizar esse livro como uma crônica histórica para poder entender de fato o que ele quer dizer. Porque o que aconteceu na Alemanha não é um fenômeno alemão, em última análise, mas um fenômeno humano. Qualquer povo poderia ter passado pela mesma coisa, se submetido a condições equivalentes àquelas pelas quais os alemães passaram. Vamos ser justos com isso. É como eu digo a vocês, uma das coisas mais intrigantes da história é que justamente esse povo tenha feito isso. É uma coisa inacreditável que o povo mais culto da história tenha se dado ao trabalho de fazer uma barbaridade desse tamanho. É muito original e intrigante o fato de ter sido a Alemanha. Então vamos esquecer a Alemanha um pouquinho.

Ontem dei uma palestra sobre Viktor Frankl. Eu explicava que Viktor Frankl escreveu sobre sua estada no campo de concentração e que em nenhum momento do texto há qualquer espécie de acusação direta aos alemães. Os judeus engajados em explorar o holocausto por meios políticos ficaram muito revoltados com Viktor Frankl. Queriam que ele tivesse aproveitado para denunciar o nazismo. Frankl disse que isso de denunciar um conjunto de pessoas, denunciar coletivamente, é coisa de nazista: "Já que não aceito que digam 'Os judeus fizeram isso', também não sou eu que vou dizer 'Os alemães fizeram isso' ". É completamente nazista partir dessa criminalização coletiva, que é uma das bases da própria perseguição contra os judeus. Bastava ser judeu para ser culpado. Viktor Frankl diz que não cabia a ele como vítima criminalizar coletivamente os alemães. Não há nenhuma palavra contra os alemães no livro. Zero. Obviamente ele menciona os fatos e lugares alemães, mas não faz nenhum proselitismo antigermânico por causa do sofrimento que passou.

Portanto, é o caso de cuidarmos para não entendermos esse livro como sendo uma experiência da Alemanha entre as duas Guerras, da sociedade e cultura alemãs, mas como sendo alguma coisa que pode ser extrapolada para qualquer pessoa, até nós mesmos. Poderíamos estar no lugar de Etzel Andergast. Por isso é que eu perguntei a vocês se já haviam tido a experiência de sentir a revolta contra a injustiça.

ALUNA: *[A aluna diz que ora sente-se a favor da pena de morte, ora pensa o contrário.]*

PROF. MONIR: Temos uma atitude oscilante com relação às noções de justiça, pois é um assunto que envolve não só um elemento racional, mas também um elemento emocional muito forte. Toda a vez que você está próximo de um crime, ou que aquele crime tem características próximas de alguma coisa que você abomina – por exemplo, alguém que matou uma criança pequena, como aquele casal em São Paulo¹⁴ – a tentativa que você faz é de vingar-se deles. É isso que o Waremme diz para Etzel, quando faz aquela peroração sobre justiça – que não dá para separar muito justiça de vingança. Tanto é que há na história do pensamento humano essa separação na peça grega *Eumênides*, em que aparece claramente a divisão entre o conceito de justiça como retribuição brutal – portanto como vingança – do conceito de justiça como reparação, como atribuição precisa de uma punição. Na cultura grega existem dois nomes para a palavra justiça: *Dike*, que é a justiça moderna, como conhecemos, e *Têmis*, a justiça como retribuição brutal.

14 Nota da revisora de transcrição: Referência ao caso de Isabella Nardoni, menina brasileira de cinco anos de idade, que aparentemente foi arremessada por uma janela do sexto andar de um edifício pelo pai e pela madrasta em São Paulo, na noite do dia 29 de março de 2008.

Fonte: Wikipédia

Dike é filha de Têmis. Dike é a justiça circunstancial, ponderada, que não vai pelo entusiasmo das emoções, que analisa as provas e os elementos, a que deve ser feita. A justiça de “Olha o tarado, vamos lá matar” é Têmis. Têmis é substituída por Dike na genial interpretação dramatúrgica da trilogia chamada *Oréstia*, que todo o mundo deveria ler. Portanto este assunto de justiça é muito complicado.

Mas o que Etzel Andergast quer no fundo?

ALUNA: Matar o pai.

PROF. MONIR: Quer se vingar do pai, que matou simbolicamente sua mãe. O pai lhe tirou a mãe. Ele precisa criar alguma espécie de sistema de retaliação contra o pai. Mas o pai é o espírito. Sempre que usamos a expressão “pai” e “mãe” sob o ponto de vista simbólico, o pai é sempre o espírito e a mãe, nessa comparação possível, é o amor. Essa é uma conclusão muito importante que é preciso que vocês compreendam – é a razão pela qual os filhos devem ser criados pelas mães. O pai não precisa estar presente como a mãe precisa. Porque do pai é preciso que se tenha até mesmo certa dúvida sobre o paradeiro. O pai precisa ter uma certa distância da criança, enquanto a mãe precisa do convívio amoroso, permanente, cotidiano.

A razão pela qual Héracles (ou Hércules) não deu certo é porque ele é filho de Zeus, que é o espírito, mas não é filho de Hera, o amor. Hércules é filho de Alcmena, uma humana. Por isso ele tem uma capacidade espiritual extraordinária, mas é um fracasso amoroso total. Ele tem uma incapacidade de controlar seus impulsos – quaisquer que sejam: sexuais, de ódio... Todos os sentimentos em Hércules são absolutamente descontrolados. Os doze

trabalhos são doze ações iniciáticas para que ele possa controlar seus sentimentos em descontrole. Hércules tem que recuperar aquilo que não tem por natureza, porque não é filho de Hera – ele não tem a dimensão amorosa definida; é amorosamente um tumulto. Ele é dado a matar os outros, é bissexual, é completamente impulsivo: não há nenhum prazer que ele recuse, nenhum desejo que não queira cumprir. Não há nada que o refreie. Ele precisa fazer doze exercícios para controlar suas emoções. Esses são os doze trabalhos de Hércules. É absolutamente óbvio quando você começa a interpretar um por um, com calma. É maravilhosamente iluminadora, essa perspectiva da vida de Hércules.

O problema de Etzel Andergast é que ele está revoltado com o espírito, porque o espírito lhe tirou a possibilidade do amor. Ora, como o pai dele representa a justiça – porque foi Wolf Andergast quem concretamente condenou Maurizius – ele quer, pela derrota, pela superação do pai, colocar-se no lugar do próprio pai. Mas qual é o lugar do pai? Freudianamente falando, não é que ele queira ir com a mãe ao Baile do Pato¹⁵. Não sejamos primários. O que ele quer é substituir a função do espírito. Se alguém entende de justiça nesse mundo, não é o pai dele, mas é ele mesmo. **Ele** é que sabe o que é justiça, tanto é que ele vai tirar a limpo essa história e não deixará nenhuma dúvida sobre a autoria verdadeira daquele crime.

Vocês compreendem que o que está motivando Etzel Andergast é muito mais do que a busca da justiça pura e simples, do ponto de vista de idealismo pessoal? No fundo, na verdade, ele quer resolver outro problema que não aquele. Ele procura uma justiça perfeita porque a justiça que ele vê no pai

15 Nota da revisora de transcrição: Bailão tradicional de Curitiba (ocorre desde a década de 1950), de estilo alemão, que em sua origem era animado por um sanfoneiro.

dele é imperfeita – tanto é que ele deixou passar essa, condenou a uma vida inteira de prisão um sujeito completamente inocente.

Etzel Andergast quer uma coisa que não existe, chamada justiça perfeita. Ele quer uma justiça perfeita porque julga que este mundo pode ser perfeito. Mas esse mundo não é perfeito, de modo nenhum. Todo o revoltado metafísico diz que Deus é uma porcaria, senão teria feito um mundo perfeito – que o mundo deveria ser perfeito, já que é feito por alguém perfeito. Essa é uma argumentação um tanto infante-juvenil para explicar a imperfeição do mundo – é a ideia de que Deus não é perfeito, ou simplesmente de que não há Deus nenhum e por isso o mundo é assim desse jeito.

ALUNA: *[Diz que o garoto teve que se tornar homem sozinho.]*

PROF. MONIR: Vamos olhar para além da aparência, para o esquema simbólico da obra. É claro que a criatura se acha sempre perseguida por Deus. No filme *Blade Runner* tem uma cena memorável no final, em que um dos andróides finalmente diz que *“só queria poder continuar vivendo e queria saber por que é que eu sou assim”*. Aquele andróide é simbolicamente o ser humano perante Deus. Ele não entende por que tem que morrer depois de setenta, oitenta ou noventa anos. Não entende por que as coisas dão certo e depois passam a dar errado, ele não entende por que acontecem coisas erradas. O ser humano é profundamente infeliz na sua condição de criatura. E aí então ele reclama com Deus que Ele fez muitos erros, que ele faria melhor. Rebelião metafísica. É essa rebelião metafísica que cria todos os totalitarismos do mundo, porque o sujeito acha que ele + o INSS + o ministro da saúde vão consertar o problema da saúde humana. Ele acha que o IBAMA + o Simon e o Garfunkel no Central Park vão impedir que

a onça coma gatinhos. O sujeito acha que chamando o Estado, o Estado finalmente produzirá uma espécie de organização sobre a terra – quando na verdade o problema é que a vida não pode ser perfeita de modo nenhum, porque Deus não tem a autoridade e possibilidade lógica de criar o mundo perfeito, porque se o mundo fosse perfeito, seria igual a Deus – portanto, não existiria. A condição para que o mundo possa existir é ter um grau de perfeição menor do que o que Deus tem. Porque Deus não está autorizado por lógica – não é uma questão de poder. A imperfeição do mundo é uma espécie de preço que pagamos para podermos existir dentro dele. Se não podemos ser Deus, temos que aceitar que vivemos num mundinho mais ou menos – não dá para não ter dor de dente nesse esquema. Todo o mundo tem dor de dente – os problemas variam conforme o lugar.

Etzel Andergast é um rebelado metafísico. No fundo, no fundo, esse menino não passa de um tremendo narcisista. É um menino que acha que tem o controle de todo o conhecimento do mundo, de toda a sabedoria do planeta e que acha, onipotentemente – o nome disso em psicologia é delírio de onipotência – que ele pode, por seus próprios meios, com os dezesseis anos, com os trezentos marcos da avó, consertar o sistema judiciário alemão. É mais ou menos o que pensa poder fazer. Ele é rebelado contra o pai porque é rebelado metafisicamente – no fundo é rebelado contra Deus. Deus e o pai representam simbolicamente na nossa mente a mesma coisa. Quando nossa mente lida com símbolos, ela equaliza pai com espírito. Falamos “Deus Pai”, “Deus Filho” e “Deus Espírito Santo”. O pai representa simbolicamente Deus. Essa simbologia passa para o âmbito humano, muito deflacionada, é claro. Esse menino, motivado por um absoluto narcisismo, decide consertar o mundo e fazer a justiça perfeita. O que ele conseguiu fazer? Apenas destruir o pai, nenhuma outra coisa. Até mesmo o Maurizius – que em vez

de ser inocentado, foi indultado – morreu, porque a vida dele tinha um vazio absoluto, como já tinha na prisão.

Há um pequeno resumo agora que eu queria muito que vocês lessem comigo. É um esquema comparando nossos três últimos livros, para fecharmos nosso raciocínio. Reparem no esquema que vocês receberam. Nós lemos três livros muito diferentes, mas dos quais podemos ter uma abordagem equivalente: *Tartufo*, *O Pato Selvagem* e *O Processo Maurizius*.

	TARTUFO	PATO SELVAGEM	O PROCESSO MAURIZIUS
Quem denuncia?	A fraude é denunciada pelas vítimas.	Gregers Werle, filho do causador da crise.	Etzel Andergast, o filho do juiz.
Quem é denunciado?	O Tartufo.	A situação da família Ekdal, embora, no fundo, Gregers Werle esteja querendo denunciar seu pai.	O erro judiciário contra Leonardo Maurizius.
Por quê?	Os Orgon querem defender seus próprios ativos, seus haveres.	Está querendo se vingar do pai pela morte da mãe.	Para recuperar a justiça, quando na verdade Etzel denuncia a imperfeição do mundo.
O denunciante conhece a verdade?	Parte da verdade.	Parte da verdade.	Parte da verdade.
O denunciante conhece as consequências de seu ato?	Em parte conhece.	Não tem a menor ideia do que irá acontecer.	Não tem a menor ideia do que irá acontecer.
A denúncia é legítima?	É legítima.	É ilegítima.	É aparentemente legítima.
Qual o resultado?	A recuperação da ordem. Com a expulsão de Tartufo tudo volta ao normal.	A morte de Hedvig causa a destruição daquela família.	É a destruição da carreira de Wolf Andergast e, de certa maneira, a sua morte.
Qual a motivação real e, portanto legítima de quem faz a acusação?	A defesa própria.	Aparentemente a defesa da justiça, mas no fundo, não passa de narcisismo do mais alto calibre.	Também é puro narcisismo e exibicionismo. Gregers Werle e Etzel Andergast são dois sujeitos narcisistas com interesses ocultos em sua ação denunciadora.

PROF. MONIR: Eu lhes disse que *O Tartufo* é o *modus operandi* do revolucionário moderno, esse revolucionário pós-muro-de-Berlim que acha que pegar em armas é de mau gosto. Tartufo é aquele sujeito que usando teses aceitas por todo o mundo, como por exemplo o Programa Nacional de Direitos Humanos, na prática fará exatamente o contrário: vai propor o maior totalitarismo atrás dessa aparência de liberdade e de direitos.

Pois esses outros dois (Gregers Werle e Etzel Andergast) são os advogados da revolução pura e simples. Porque eles são os sujeitos que aparecem e dizem que os outros vivem na mentira total e completa, e que por esta razão temos de ser despertados dela. E são eles que se incumbem de fazer isso. Mas depois de construir em sua cabeça a ideia de que é ele que limpa o mundo de suas mentiras, esse tipo irá em seguida aumentar a carga tributária – pois vai precisar criar uma Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, dos Direitos do Anão, dos Direitos dos Sem-Não-Sei-o-Quê para ações positivas de todos os tipos e assuntos...

O sujeito que está atuando politicamente no mundo tem como base existencial, tem como origem psicológica esta atitude de rebelião metafísica. Aparentemente é um sujeito bem-intencionado que quer de fato melhorar o mundo – mas ele fará isso apenas para tentar convencer os outros de que ele, narcisisticamente, é quem tem a solução do problema. Portanto, eles são essencialmente ilegítimos. É essa gente que produzirá o desastre chamado nazismo.

No segundo livro, a atitude de Etzel vai se transformando no ovo da serpente que será incubado até explodir no desastre que explodiu. Etzel Andergast será desmascarado no segundo livro. Não sabemos o que acontece com

ele, porque o terceiro livro não trata mais dele, mas da terceira vida do médico Joseph Kerkhoven. Ele teve duas vidas no segundo livro, e o terceiro livro trata só do Joseph Kerkhoven. Imagina-se que Etzel Andergast tenha acordado de seu delírio de onipotência, que é típico de gente jovem. Gente jovem é assim.

Aristóteles explicava isso dizendo que o pedaço da alma chamada *sensitiva*, que é o pedaço que lida com as emoções e com as relações com o mundo exterior, é muito preponderante no caso do jovem. Para Aristóteles, a alma tem três pedaços:

1. A *alma biológica*, de natureza mecânica, que é o que torna a pessoa viva. As plantas e os animais também têm essa alma.
2. A *alma sensitiva*, que se relaciona com os sentidos, portanto com o mundo externo e que produz as reações que nós temos para com o mundo externo. Quando um homem vê uma moça bonita passando, fica interessado. Quando é um urso que vem em sua direção, fica com medo. Esses assuntos são da alma sensitiva. Os animais também têm essa alma, embora as plantas não a tenham.
3. A *alma racional*, que é a que em princípio deveria comandar a alma sensitiva.

Adolescentes são caracterizados pelo baixo comando da alma racional à alma sensitiva. Portanto são onipotentes por natureza. Disto nasce

a característica da autoidolatria – os adolescentes acham que sabem exatamente como o mundo é. Fica muito difícil lidar com eles porque eles acham que podem substituir o espírito. Eles têm uma visão primária de certo e errado – é o que Waremme contou para Etzel, mas Waremme é um safado de um cínico, portanto exagera. Mas o professor Ghiesels também explicou, perguntando a Etzel quanto ele conseguia fazer na vida. Se a gente não consegue nem parar de fumar, como é que vai ter capacidade de mudar o mundo? De construir um homem novo? Sejamos um pouco humildes, mais modestos. As pessoas que não conseguem mudar um hábito como parar de coçar o nariz se acham capazes de mudar o mundo, de mudar a estrutura da realidade. Vocês não acham que isso é uma pretensão terrível?

ALUNO: *[Menciona os movimentos contracultura, como Woodstock.]*

PROF. MONIR: Isso é muito diferente, porque isso é criança sendo criança: “Não querem que eu seja como sou, então serei como sou”. O que há aqui é algo muito mais grave, que não é apenas emoção. Por isso o autor nos diz todo o tempo que Etzel Andergast não deve ser tomado apenas como um jovem impulsivo – ele é o sujeito que racionalmente chegou a alguma conclusão que diz a ele que ele pode fazer um trabalho melhor que o de Deus sobre a terra. Dá para imaginar prepotência maior do que essa? É o Ivan Karamazov dizendo que não tem nada contra Deus; só acha uma porcaria o Seu trabalho, que quer consertar. É o tipo que se propõe a organizar a sociedade civil como governo e através de um complexo de ONGs fazer um trabalho melhor do que o de Deus. Esse é o pensamento que gerou o nazismo e todos os movimentos que empestearam o século XX de matanças e que agora empesteiaram o século XXI com a maior onda de totalitarismo jurídico que você pode imaginar. Vejam só o que é esse

programa de direitos humanos – é o rascunho da próxima constituição brasileira, que será uma constituição completamente totalitária, em que não restará nenhuma liberdade, a não ser fazer o que o governo quer que você faça. Vitória do Etzel Andergast.

ALUNA: *[Pergunta sobre o imperialismo americano.]*

PROF. MONIR: O imperialismo norte-americano é um fenômeno muito diferente, não tem nada a ver com isso. Os americanos não estão querendo que a gente pense como eles. Eles querem que nós tenhamos modelos sociais parecidos. Querem que nós tenhamos uma integração econômica com eles. Isso aqui é muito mais grave do que isso. É o sujeito na ONU dizendo que não vai deixar ninguém mais no Brasil dizer “programa de índio”, e que tem que arrumar um jeito de impedir que os brasileiros se refiram aos índios dessa maneira, porque isso é ofensivo. Esse imperialismo da ONU faz também dos Estados Unidos sua vítima. É dois milhões de vezes melhor estar sob o imperialismo americano do que estar sob o imperialismo da ONU – em que cada palavra que você diz é medida e analisada, em que você pode ser perseguido por aquilo que você pensa. Posso lhe garantir.

ALUNO: Waremme voltou dos Estados Unidos para dar aulas com o nome verdadeiro. Disse para Etzel que o que ele estava fazendo era motivação pessoal. Então ele não quis mexer no passado, mas de certa forma deixou de ser um cafajeste.

PROF. MONIR: Não, de certa maneira ele continua sendo. Ele é um cínico, mas mesmo um relógio quebrado está certo duas vezes por dia. Waremme

tem um discurso cínico do tipo: “Deixa de ser bobo rapaz, pensa que não sei que é tudo pessoal?” No fundo, Waremme sabe que Etzel Andergast é uma criança rebelada contra o pai, querendo assumir o papel do pai. Mas o que o Waremme percebe é que o que mobiliza Etzel é algo pessoal e não uma noção madura, realmente verdadeira de justiça. No entanto o Waremme vai para outro extremo, dizendo que a justiça não existe. Mas a justiça tem que existir! O que não podemos imaginar é a justiça perfeita, que é mesmo impossível. Quantos pênaltis bem marcados um juiz consegue arbitrar, mesmo com experiência, sabendo fazer e com boa intenção? Não é que de vez em quando o sujeito erra a marcação do pênalti? E não dá para consertar uma coisa dessas.

Wolf Andergast disse para o filho que não adiantava reclamar com o juiz, pois ele não tinha como voltar atrás no tempo. A liberdade não volta – alguém já viu algum juiz desmarcar um pênalti? Ele disse para o filho deixar o pênalti para lá, porque isso é assim mesmo; nem todos os pênaltis são bem marcados e ele já havia dado um jeito, indultando o Maurizius. Mas Etzel acha a solução inaceitável, pois ele queria ou a justiça total, ou nada. E o que ele consegue com isso? Apenas destruir o pai. É apenas essa histeria moderna, no fundo aquilo que Albert Camus chama de revolta metafísica.

ALUNA: *[Comenta que os nomes são traduzíveis, que têm sentido: “Wolf” é “lobo” e “Andergast” é o “convidado da parte de baixo”]*

PROF. MONIR: Nem sempre a gente consegue fazer essas interpretações simbólicas, porque os autores modernos já são menos simbólicos do que os antigos. Mas é possível que esses nomes estejam associados à narrativa.

Esta cópia é pessoal e pertence ao participante do Programa “Expedições pelo Mundo da Cultura”, não podendo ser divulgada por nenhum meio, sem autorização.

Comentários sobre o Sermão da Montanha

de Santo Agostinho (354 - 430)

Transcrição da palestra do professor José Monir Nasser em Curitiba, em 22/05/2010¹⁶

16 Transcrição de Maria Cecília Noronha e de Andréa de Oliveira Jaques. Revisão de transcrição de Patrícia Nasser.

Comentários sobre o Sermão da Montanha

Como se trata de um livro doutrinal e não de ficção, não faremos resumo nenhum, porque vamos ler diretamente trechos da obra - que é o modo como fazemos quando não é um livro de ficção, imaginativo, ou seja, quando não conta uma história. Este é um livro de doutrina. É, portanto, como diz o Mortimer Adler, de natureza expositiva. E é um dos livros mais interessantes que nós temos no nosso programa¹ – apesar de que são todos muito interessantes.

Queria começar o nosso trabalho, como sempre, fazendo alguma introdução de natureza bibliográfica e biográfica. Vocês têm aí um resumo biográfico de Santo Agostinho:

1 Comentário do prof. Monir, sobre o programa: “O Expedições pelo Mundo da Cultura é um programa que tem por objetivo restaurar a verdadeira cultura brasileira, que nós de alguma maneira perdemos e que precisamos buscar a todo custo porque é a única maneira pela qual nós conseguimos sair da terrível e profunda crise civilizatória em que nós nos metemos.”

CRONOLOGIA

- 44 aC Júlio César reconstrói, em local diferente, a cidade de Cartago, destruída em 146 a.C., criando uma província romana da África, a Numídia.
- 253 Plotino (204-270) começa a escrever as *Enéadas*, obra central do neoplatonismo, continuado por Porfírio (c.233-309).
- 312 Os bispos da Numídia recusam-se a aceitar a consagração de Ceciliano como bispo de Cartago e impõem o bispo Donato, iniciando o cisma donatista que girava em torno da seguinte questão: “*A Igreja é compatível com a torpeza de seus membros?*”, dúvida gerada pela existência, no seio da Igreja, de traidores, aqueles que haviam abandonado o cristianismo durante as perseguições de Diocleciano entre 303 e 305.
- 323 Introduzida na África a doutrina maniqueísta, de autoria do persa Mani (215-276), também conhecido como Maniqueu ou Manés.
- 325 O concílio de Niceia condena a doutrina ariana (do presbítero Arius, morto em 336) que nega a consubstancialidade de Jesus Cristo. O principal opositor à heresia é Santo Atanásio de Alexandria, doutor da Igreja. Neste concílio também é estabelecido o texto do Credo que se recita na missa.
- 354 **Aurelius Augustinus nasce no dia 13 de novembro em Tagaste (hoje**

SoukAhrás na Argélia) na então província próconsular do antigo reino da Numídia. Seu pai, cidadão romano de nome Patricius e de temperamento violento, tem doze hectares de terra e é pagão. Sua mãe, Mônica (mais tarde, Santa Mônica), é cristã e berbere. No final da vida, Patricius seria convertido pela mulher. Agostinho teve um irmão, Navigius, e uma irmã, Perpétua, futura superiora do monastério de Hipona. A família fala o cartaginês e tem cultura latina. Agostinho não aprecia a escola e os estudos, embora o seu pai sonhe com torná-lo doutor em leis. Mônica garante-lhe uma educação cristã, mas o menino não é batizado, conforme costume da época de adiar o sacramento.

370 Agostinho estuda, a contragosto, em Madaura, onde aparentemente lhe ensinam o *trivium*. No final deste ano, Agostinho vai a Cartago para estudar às expensas da família, mas antes disso vive um ano mundana e desregradamente.

371 Morre o seu pai e Agostinho torna-se protegido de Romanianus, amigo de seu pai. O rapaz, que vai estudar retórica, é conquistado pela atmosfera sensual de Cartago. Juntase a uma mulher, nunca indicada pelo nome, com quem manteria relação de quinze anos e da qual nasceria seu único filho, Adeodato.

372 Nasce seu filho natural, Adeodato.

373 Lê o elogio à filosofia *Hortensius* de Cícero, obra hoje perdida, e converte-se à filosofia. Lê más versões da Bíblia, despreza as Escrituras, e aproxima-se dos maniqueístas, para desespero de sua mãe. Agostinho,

que defende o maniqueísmo ardentemente, atrai para a seita seu amigo Alípio e seu benfeitor, Romanianus.

- 375 Formado, retorna a Tagaste para ensinar gramática. Sua mãe negalhe acesso à casa.
- 376 De volta a Cartago, ganha um prêmio literário (*corona agonistica*) que recebe das mãos de Vindicianus, próconsul romano na cidade, que o adverte contra a astrologia, ciência pela qual Agostinho andava obcecado.
- 380 Agostinho escreve sua primeira obra, *De Pulchro et Apto* (Belo e Conveniente), um tratado de estética, hoje perdido. Antes de partir para Roma, conhece Faustus de Mileve, o bispo maniqueísta que havia vindo visitar Cartago e convence-se de que aquela doutrina é pura retórica. O próprio Faustus admite não poder explicar os pontos levantados por Agostinho. Na capital do império, frequenta líderes maniqueístas, mas começa a se distanciar da seita, que abandonaria completamente em dois anos. Fica muito doente ao ponto de quase morrer. Restabelecido, abre escola de retórica.
- 383 O padre Jerônimo (c.342-420), mais tarde São Jerônimo, recebe encomenda do papa Dâmaso (depois São Dâmaso) para rever o *Novo Testamento*, estabelecendo o texto da Vulgata por volta do ano 400.
- 384 Desgostoso com a desonestidade intelectual e financeira dos alunos (*"os alunos conspiram e passam em grande número de um professor*

para outro, a fim de não pagarem os mestres, faltando deste modo os compromissos e menosprezando a justiça por amor ao dinheiro”), muda-se para Milão para ocupar vaga de professor de retórica, onde frequenta poetas e filósofos platônicos. (O neoplatonismo faria ponte entre o maniqueísmo e o cristianismo.) Mônica mudase para Milão também. Agostinho começa a frequentar o bispo de Milão, Ambrósio (mais tarde Santo Ambrósio e doutor da Igreja). Rompe com sua concubina que se retira para um convento, mas arranja outra, enquanto espera um casamento combinado por Mônica com uma família da sociedade.

386 Converte-se ao cristianismo em agosto quando, aos trinta e um anos, angustiado sob uma figueira, ouve uma voz infantil que lhe diz: “*Tolle, lege, tolle, lege*”, o que o faz ler a Epístola de São Paulo aos Romanos, primeira passagem que encontra. Com ele, converte-se também seu amigo Alípio. A linha que Agostinho segue é a de Paulo de Tarso (paulinismo). Agostinho retira-se, em 23 de agosto, com Mônica, Adeodato, Navigius, Alípio e alguns amigos para uma propriedade emprestada pelo amigo Verecundo, em Cassiciaco, perto de Milão. Nesta estadia foram escritos *Contra os Acadêmicos*, *Da Ordem*, *O Tratado da Bem-Aventura* e *os Solilóquios*, baseados nas discussões com seus discípulos. Estes escritos têm certo “sabor platônico”.

387 No dia 23 de maio, Agostinho, já em Milão, escreve o *Tratado da Imortalidade da Alma*. Na noite do dia 24 de abril, Agostinho, Alípio e Adeodato são batizados por Ambrósio (340-397). Em agosto decide voltar a Tagaste com sua mãe, Adeodato e seus amigos. Mônica, com cinquenta e seis anos, adoece e morre no porto de Óstia, antes de embarcar. Agostinho volta a Roma.

- 388 Volta à África no verão, após cinco anos de ausência, liquida os bens da herança, dá o dinheiro aos pobres, e cria uma comunidade perto de Tagaste, onde vive com amigos e discípulos. Neste período, redige *Costumes da Igreja Católica*, *Costumes dos Maniqueístas* e *De Vera Religione* e conclui *Da Grandeza de Alma*, que havia começado a escrever em Roma. Morre aos dezessete anos seu filho Adeodato.
- 389 Termina *De Magistro*, em que o interlocutor de Agostinho teria sido seu filho Adeodato, revelando excepcional maturidade para sua idade.
- 391 Transforma sua casa em mosteiro, chamando-o “jardim” à moda de Epicuro. Apesar de preferir viver recluso, numa estada em Hipona (Hippo Regius ou Bona) é aclamado pelo povo e Valério, bispo de Hipona, o ordena. Muda-se para Hipona.
- 392 Polemiza com o maniqueísta Fortunato.
- 395 Agostinho polemiza com Jerônimo (mais tarde São Jerônimo), autor da Vulgata, sobre controvérsias teológicas da tradução *Septuaginta* (tradução do Velho Testamento para o grego, realizada por setenta e dois rabinos durante setenta e dois dias). Termina a obra *Do Livre Arbítrio*.
- 396 Torna-se bispo de Hipona, sucedendo Valério. Ocuparia este cargo por trinta e cinco anos, até quase a morte.
- 399 São fechados os templos pagãos. Agostinho escreve *A Catequese dos Principiantes* e *De Trinitate*.

- 400 Termina *As Confissões* (*Confessionum libri tredecim*). Treze livros das *Confissões*.
- 404 Debate com Félix, um dos doutores maniqueístas, que se declara derrotado e abraça o cristianismo.
- 409 *Pelágio* (360-420) visita Cartago. Agostinho polemiza com ele.
- 410 O visigodo Alarico saqueia Roma.
- 413 Começa a escrever *A Cidade de Deus*, a primeira obra de filosofia da história, descrevendo-a como o resultado da luta constante entre *civita Dei* e a *civita terrena*, e *As Retratações*, que terminará em 426.
- 422 Faz campanha pública contra o cisma donatista, debatendo em público com o bispo Antonino.
- 426 Obtém permissão para estudar cinco dias por semana e nomeia Heráclio seu auxiliar e sucessor.
- 428 Defende a divindade de Jesus contra os arianos, em conferência pública.
- 430 **Adoentado, Agostinho morre com setenta e cinco anos no dia 28 de agosto, quando do cerco das tropas de vândalos à cidade de Hipona. Seu corpo, mais tarde, seria transferido para a catedral San Pietro de Cielo d'Oro em Pavia, perto de Milão.**

- 476 Com a deposição do Rômulo Augusto por Odoacro, acaba o Império Romano do Ocidente.
- 524 Boécio (c.480-524) escreve a *A Consolação da Filosofia*.
- 1054 Com a excomunhão de Michel Keroularios, acontece o cisma definitivo entre Roma e Constantinopla.
- 1298 Santo Agostinho é proclamado doutor da Igreja.

Santo Agostinho é o primeiro dos grandes pensadores da Igreja Católica. É preciso compreender que o catolicismo vai se instalando aos poucos. Uma coisa muito interessante sobre o catolicismo: ele não é como o islamismo, que tem só uma versão do Corão, versão esta gravada em omoplatas de camelos. Portanto, não existem por aí versões do Corão que estejam em disputa. O islamismo é, sob este ponto de vista, uma religião muito simples.

No tempo de Santo Agostinho não existia diferença entre cristianismo e catolicismo, porque só havia uma única religião. Mas o catolicismo é muito diferente porque ele tem uma complexidade extraordinária – tanto é que foi preciso esperar até Santo Afonso de Ligório, personagem do século XVIII, para que se conseguisse ter uma teologia moral cristã. A teologia moral cristã sistematizada em si própria demorou, portanto, dezessete séculos para aparecer desde o momento em que nasce Jesus Cristo – para vocês terem uma ideia da complexidade que ela representa. Há problemas em todas as áreas. Há quarenta e quatro evangelhos, dos quais apenas quatro são aceitos como tal. Foi preciso que essa grande quantidade de pessoas

notabilíssimas e inteligentíssimas fossem trabalhando para aos poucos irem constituindo a doutrina central do cristianismo (nesta época também catolicismo).

Santo Agostinho foi o primeiro grande pensador. Contemporâneo de São Jerônimo, que estabeleceu o texto da Bíblia chamada *Vulgata*, o único válido até as reformas – até as reformas, então, havia apenas um texto da Bíblia, que era de São Jerônimo. É natural que nesta época em que Santo Agostinho vivia existisse toda esta preocupação em se estabelecer, afinal de contas, o que é ser cristão. Santo Agostinho, na vida e na obra, brigou com todas as grandes heresias e cismas de sua época.

Seu maior objeto de luta foi o maniqueísmo, que não é uma heresia cristã. O maniqueísmo não é cristão de modo nenhum, pois para poder ser heresia precisaria ter necessariamente uma base cristã. Não é este o caso do maniqueísmo, que foi a maior de todas as lutas de Santo Agostinho. Santo Agostinho foi maniqueísta. Maniqueísta é aquele que acha que o mundo se divide em duas forças antagônicas: o bem contra o mal, e que a vida dos seres humanos devia ser a favor do bem. Mas esta ideia de que possa haver um mal do tamanho do bem é uma ideia profundamente anticristã. Isso não é cristianismo de modo nenhum. Se você achar isso, você já não é mais cristão. Mário Ferreira dos Santos dizia que ninguém em sã consciência, nenhum filósofo do mundo foi capaz de defender um dualismo desse tamanho. É muito difícil, porque essa ideia é profundamente autocontraditória. Mesmo o maniqueísmo não sendo uma doutrina cristã, portanto nem mesmo uma heresia, foi de todos os assuntos aquele com o qual Santo Agostinho mais trabalhou.

Agostinho foi maniqueísta durante um bom tempo da sua vida, embora fosse filho de mãe cristã. A mãe de Santo Agostinho, que é Santa Mônica (depois santificada) deu-lhe uma educação cristã à qual ele, no primeiro momento, não aderiu. O pai dele era romano, a mãe era berbere. O pai romano tinha essencialmente a religião romana, não cristã. Ele não aderiu ao cristianismo, apesar de tê-lo em casa pela sua mãe, desde cedo, e tornou-se um sujeito assim com envolvimento espetaculares em outras coisas: ele foi maniqueísta, depois andou frequentando todas as tendências, digamos, intelectuais da época. Até que finalmente ele se converte ao cristianismo. Conta a lenda que uma criança lhe trouxe a Bíblia, e falou assim para ele: *"Tolle, lege!"* ("Tome, leia"). E foi aí, então, que ele finalmente se cristianizou. Ele se converteu na Itália e foi batizado por Santo Ambrósio, bispo de Milão, que é uma grande personagem do cristianismo de sua época. E assim que Agostinho se cristianiza, a mãe dele morre. Quando resolve voltar para a África – ele é natural daquela região que foi conquistada pelos romanos e transformada na província africana – a mãe dele morre no porto de Óstia, aos cinquenta e seis anos, muito jovem. Santo Agostinho teve um filho chamado Adeodato, de um casamento não oficial, que morreria logo depois da avó, com apenas dezessete anos.

Quando Santo Agostinho volta para a África, ele se defronta com o donatismo, um dos grandes problemas da época. O donatismo era uma espécie de cisma, não era uma heresia. Era a ideia de que a Igreja não deve ser complacente com, digamos, os defeitos dos seus membros. Quando houve as perseguições contra os cristãos, uma série de bispos que havia na África andou repudiando o cristianismo por razões de conveniência, para salvar a vida. Como isso não parecia ser uma atitude cristã, quando finalmente as perseguições acabaram não se aceitou que estes líderes

da Igreja envolvidos com esta covardia fossem reempossados nos seus verdadeiros cargos. Todos queriam o Donato, porque ele teria sido um bispo fiel à Igreja. Esta questão do donatismo é muito importante, porque é talvez a mais atual das questões religiosas do cristianismo.

Santa Catarina de Siena conta nas suas memórias que lá na cidade onde ela morava havia um padre muito mau. Ela, que via imagens de demônios, via coisas medonhas e horripilantes, conta que o padre mau vivia cercado de demônios, ou seja, andavam os demônios como em comitiva junto com o padre. Mas quando este padre fazia a consagração da hóstia, aparecia Jesus Cristo em pessoa e assumia o ato da consagração. Ou seja, no ato da consagração quem estava ali não era o padre mau, era Jesus Cristo. Apenas para mostrar uma coisa importantíssima: os rituais religiosos sempre funcionam.

E isso é uma coisa tão importante! Essa é a razão pela qual na praia, quando falta luz, você não deve ficar brincando de invocar espíritos com copos, porque mesmo que você ache que isto é brincadeira, mesmo que você não leve isso muito a sério, estas coisas todas funcionam e não é uma boa ideia fazer isso. Sabe estes adolescentes que ficam na praia, fingindo que estão invocando espíritos? Isso tudo é muito perigoso. Este é um debate muito antigo dentro da própria teologia. Por exemplo, quando alguém é batizado com três dias de vida, este batismo funciona, mesmo que aquela pessoa não tenha a menor ideia do que está acontecendo? Resposta: – Sim, funciona. O ritual funciona sozinho, mesmo que as circunstâncias não sejam as ideais. Essa é a razão pela qual a consagração da hóstia, dentro do espírito do cristianismo, é sempre válida. Mesmo que o padre que a faça seja um padre mau. Porque é possível que os padres sejam maus eventualmente.

Pois essa era a resposta que Santo Agostinho deu para este problema. Que não é, portanto, para ficar escolhendo padre. Pois quem é que vai sobrar depois do processo de seleção? Uma das injustiças que se faz ao catolicismo é esta ideia de achar que é uma religião para santos, quando na verdade, é exatamente o contrário. O catolicismo é uma religião para pecadores. Porque os santos não precisam de catolicismo nenhum, porque já são santos desde o início. Qual é o sentido de você ter uma religião para santos? É uma coisa apenas de paisagem, não tem nenhuma verdadeira função. Vocês compreendem isso, não é?

Então, Santo Agostinho andou se envolvendo com todo o mundo. Havia lá os grandes cismas, as grandes heresias da sua época. Havia o pelagianismo, outra das grandes encrencas com que ele se meteu. O pelagianismo é uma ideia que vem de um religioso inglês, chamado Pelagius, que achava que não existia o pecado original. Segundo ele, o pecado de Adão era um pecado pessoal e que portanto ninguém está, em princípio, manchado por ele. Ora, se não há pecado original, não há necessidade de batismo. E a vida da gente é uma vida aberta desde o início para qualquer espécie de desfecho, porque nós não nascemos marcados por nada. Olha, essa ideia me parece assim de um despropósito tão grande, tão grande... Como diz Chesterton: de todos os preceitos religiosos da Igreja, o mais óbvio é a existência do pecado. O pecado está aí na nossa frente. É só você investigar os últimos trinta minutos da sua vida que você descobre que você tem pecado original, sim. Não é preciso nem fazer grandes pesquisas para descobrir isso.

Agora, por que havia no tempo de Santo Agostinho esta quantidade enorme de heresias e cismas? Havia o arianismo, que tinha sido mais ou

menos resolvido – a ideia completamente descabida de que Jesus Cristo não é Deus, é apenas um sujeito muito bacana. A ideia de que Jesus Cristo não é Deus é uma ideia fatal para o próprio conceito de cristianismo. Não há cristianismo, se você não supuser que Jesus Cristo é Deus. Não há cristianismo de modo nenhum, nenhum, nenhum... Portanto estas religiões que há por aí hoje em dia, que advogam esta ideia (como os mórmons), não são cristãs. Pressupor que Jesus Cristo é apenas uma espécie de sujeito bacana que apareceu aqui porque Deus mandou é pseudocristianismo. Não há cristianismo em nada disso.

Mas hoje em dia isso já é uma coisa meio pacífica, ninguém mais briga por causa disso. No tempo de Santo Agostinho essas divergências eram enormes, porque afinal de contas o cristianismo como doutrina, ou seja, o corpo doutrinal do que nós chamamos de cristianismo, estava sendo formatado ainda. É preciso sempre lembrar que o cristianismo em si não é uma doutrina. Porque o que temos na base do cristianismo é apenas um relato jornalístico de três testemunhas oculares e um relato não direto de uma quarta que escreveram fatos sobre a existência e a vinda de Jesus Cristo aqui. O cristianismo, portanto, na sua origem é uma espécie de relato biográfico. Vocês compreendem isso? São testemunhas oculares que viram uma série de acontecimentos e os relataram. Para que isso se transformasse numa doutrina religiosa, foi preciso que fosse muito trabalhado e muito aumentado por um conjunto de pessoas muito mais espertas do que nós todos juntos aqui, que passaram dois mil anos fazendo isso. O que nós temos aí então é uma enorme história de gente extraordinária que aos poucos foi construindo uma doutrina cristã. De todos esses, é preciso que se diga que o primeiro realmente importante foi Santo Agostinho.

Santo Agostinho voltou para a África. Lá foi consagrado como líder religioso e transformou-se num bispo importante. Irá morrer quando a cidade de Tagaste é invadida pelos bárbaros, mais ou menos o final do Império Romano. Para lembrar uma data de Santo Agostinho, é só lembrar que o livro *Confissões* (que nós já estudamos aqui) foi escrito no ano 400 d.C. Guardando apenas este número, você tem uma ideia da época de Santo Agostinho. Coisa que muita gente não faz, porque nossa mente tende a resumir todas as datas passadas como se fossem uma coisa só. De vez em quando eu vejo alguém imaginando que Santo Agostinho e São Tomás tenham tomado café juntos e conversado sobre assuntos teológicos um com o outro, quando na verdade eles têm oitocentos anos de diferença.

Santo Agostinho é o que chamaríamos de um gênio. E tem uma coisa extraordinária em Santo Agostinho: a sua filosofia parece absolutamente contemporânea. Platão, por exemplo, é maior filósofo do que Santo Agostinho – é preciso que se diga com clareza isso –, mas, quando você lê Platão, tem a sensação de que aquilo ficou um pouquinho fora de época. Quem hoje em dia se reuniria para conversar sobre o que é a virtude? O que é a fidelidade? Esse jeito platônico de falar ficou um pouco envelhecido. Mas, quando você pega Santo Agostinho, parece um filósofo existencialista francês do século XX. Porque ele é o primeiro filósofo que usa uma perspectiva pessoal para analisar a realidade. Ele olha para o mundo a partir da pessoa dele mesmo, o que é a regra moderna. Os filósofos hoje são muito personalistas, não têm mais aquela característica, digamos assim, de neutralidade e abstração que se imaginava que tivesse um filósofo – como têm, por exemplo, Platão e Aristóteles. Eu não sei nada de um nem do outro. O que eu sei de Aristóteles é o que ele deixou num testamento de vinte linhas. E o que eu sei de Platão eu sei pela *Carta Sete*, que foi a sua única

carta autobiográfica importante, em que ele fala um pouco dele mesmo. E eu sei as fofocas do Diógenes Laércio, um sujeito muito posterior, que conta casos da vida dos dois. Mas não há elementos pessoais na própria obra de Platão ou de Aristóteles, assim como: “Eu fiz isso, eu fiz aquilo” – isso não existe. O sujeito que faz isso pela primeira vez é Santo Agostinho, sobretudo no livro *Confissões* – que não é o livro mais importante, mas é onde ele conta sua história até o momento em que volta para a África. Não vai muito além disso, mas conta todo o seu processo de conversão, e como foi que ele foi saindo daquele mundo, digamos, maniqueu. Ele era, afinal de contas, um bom maniqueísta. Mas passou a ser um cristão devoto.

Essa é, me parece, a introdução necessária para a obra que nós vamos ler hoje, que se chama *Comentários sobre o Sermão da Montanha* – talvez o pedaço central de todas as declarações que Jesus Cristo fez na sua estada sobre a terra. É muito comum que se acuse o cristianismo e o catolicismo de inviáveis justamente por causa de *O Sermão da Montanha*. Entre os acusadores está este indiano chamado Gandhi, que teria declarado que se encontrasse um cristão que levasse ao pé da letra o que está em *O Sermão da Montanha*, ele se converteria imediatamente ao cristianismo. O que, me perdoem a sinceridade, em primeiro lugar é um desaforo muito grande, vamos ser sinceros. Em segundo lugar, vindo de quem vem, sobretudo, porque ele é o primeiro que não cumpre as leis de Manu. Do mesmo modo que temos *O Sermão da Montanha*, também os indianos têm as Leis de Manu. Você as consegue na internet. A vida de um hindu (nem todo indiano é hindu, embora todo hindu seja um indiano) está regulamentada ao ponto de ter lá até mesmo o modo de como andar na rua. O primeiro

que não obedecia as leis de Manu é ele, pois sendo da casta dos vaixás², ele se mete em assuntos religiosos. Ele está fora da casta, começando por aí. A primeira coisa que está errada é o fato de que ele não respeita nem mesmo a sua natureza de casta. Portanto vamos deixar o Gandhi pra lá. Mas vocês verão que há uma grande injustiça nessa excessiva crítica que se faz ao fato de que o cristianismo estaria instituído em torno de um inviável conjunto de normas que adviriam do Sermão da Montanha.

ALUNA: *[Pergunta se Santo Agostinho é considerado o maior teólogo da Igreja Católica].*

PROF. MONIR: *[Dirigindo-se ao irmão marista que foi seu mestre no colégio religioso]*

Irmão Balestro, o que o senhor acha?

IRMÃO BALESTRO: Ele é considerado o maior no sentido de criatividade dos dogmas, não no sentido de criar o dogma, mas de explicá-lo melhor. Os outros são como que os divulgadores, os amplificadores. É nesse sentido que ele pode ser chamado até maior do que São Tomás de Aquino. No Tomás de Aquino o cristianismo é maduro, quase toda a sociedade está respirando cristianismo. Os conventos são muito mais numerosos do que hoje, por exemplo. Então é uma Igreja que serve até de Estado porque havia a ausência de um verdadeiro César para a Europa. Isso foi muito prejudicial politicamente para a própria Europa. O mouro naqueles tempos estava dominador. Então, neste sentido, sim. Mas no sentido de tamanho, a obra

2 Nota da revisora de transcrição – Gandhi (1869-1948), tendo nascido na casta dos vaixás (de comerciantes, camponeses e artesãos) não poderia exercer atividades reservadas à casta dos brâmanes (sacerdotes e letrados).

de Tomás de Aquino é enorme. Eu me dei à pena de ler uma parte, até no tempo que eu dava aula para este rapaz aqui. Antigamente.

PROF. MONIR: Foi no ano passado, no ano passado...

ALUNOS: *[risos]*

IRMÃO BALESTRO: Mas acontece que Agostinho tirou quase do nada a teologia. Como foi explicado aqui, ainda não havia a organização da mensagem. Havia a Bíblia, o fervor e naturalmente a vida bastante exemplar de muitos cristãos ou da maioria – e isso fazia a verdadeira conversão.

Agora, sobre o Gandhi, temos que cuidar. Tenho lido e meditado a biografia do Gandhi. Então nós temos dois Gandhis: o Gandhi do palanque eleitoral, que vê que a cruz é a bandeira do inimigo do qual tem que se libertar – aí, ele, naturalmente, está no *Bhagavad Gita* e não tanto na Bíblia. Depois ele vai para a vida pessoal de jejuador bravio e ali está com o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, porque aqui é a vida eterna. Ali eu sou um político, eu sou César. Aqui sou de Jesus. E ele até dizia: “Jesus, se tiver a vontade de se reencarnar, venha para a Índia, não vai se arrepender”.

TODOS: *[risos]*

IRMÃO BALESTRO: Naqueles tempos, pela segurança do império colonial, havia somente uma Índia: Bangladesh, o Paquistão e a Índia eram uma massa só. Então, Gandhi foi um tremendo político. Quando ele morreu em 1948, havia teólogos em Paris dizendo que este homem não estava matriculado em nossa religião, senão deveria ser proclamado santo. Quer

dizer, era um homem de virtude. Agora, eu posso estar mal informado... Mas há dois homens: um é político, e outro não. Na própria política ele dizia que se a minoria maometana tomasse o poder, que ficassem unidos assim mesmo e que eles os governassem dentro da lei. Ou seja, ele queria evitar Bangladesh e Paquistão – que naquele tempo, aliás, estavam unidos, mas distanciados de 2.600 km, e a única coisa que eles tinham em comum era a religião. Então se separaram. Mas, perdoem-me esta interrupção.

PROF. MONIR: Então, pessoal, a gente pode começar.

O Sermão da Montanha

Comentários de Santo Agostinho sobre o Evangelho de São Mateus, capítulos 5, 6 e 7

(Tradução da Bíblia do padre Antônio Pereira de Figueiredo)

PROF. MONIR: O Sermão da Montanha é composto por três capítulos do Evangelho de São Mateus e tem setenta ou oitenta versículos. Todo ele foi transcrito no documento que vocês receberam. O que fizemos foi inserir alguns comentários de Santo Agostinho sobre cada um deles.

A tradução da Bíblia é do padre português Antônio Pereira de Figueiredo. Esta é a tradução mais interessante de todas. É uma tradução muito antiga. É preciso tomar cuidado com as traduções, porque com o protestantismo nasceram várias versões da Bíblia. Ultimamente encontra-se essa praga das traduções politicamente corretas, que são traduções que procuram evitar determinados modos de falar – o que me parece ser absolutamente

fútil e desnecessário. Logo, se você quer uma boa sugestão de tradutor de primeiríssima ordem, o Padre Antônio Pereira de Figueiredo é sempre a melhor sugestão. É o tradutor da Bíblia da Barsa.

O Sermão da Montanha (*De sermone Domini in monte*), segundo os comentaristas, deve ter sido pronunciado em 30 A.D. Segundo Santo Agostinho, nele se encontra “no tocante à retidão moral, a regra perfeita da vida cristã”. De fato, nenhum outro episódio dos Evangelhos reúne tantas considerações de ordem moral como o Sermão da Montanha. Embora vários trechos tenham sido transformados em aforismos, a passagem, no entanto, não corresponde a um sistema moral cristão pronto.

De fato, foi necessário esperar até o século XVIII, já na idade moderna, para Santo Afonso de Ligório (1696-1787), o doutor zelantíssimo, compilar, em 1753, na *Teologia Moral* (*Theologia Moralis*), o que se poderia chamar de compêndio da doutrina moral cristã, baseada nas Escrituras e dispersa pelos inúmeros concílios e bulas papais.

A dificuldade de transposição do Sermão na Montanha para um código moral prático é, pois, prova da complexidade da moral cristã, que precisa ser esclarecida pelos doutores da Igreja, como Santo Agostinho.

PROF. MONIR: A Igreja tem trinta e três doutores e não terá mais, seguramente, porque chegou ao número que corresponde aos anos de vida de Jesus Cristo e me parece que já é alguma providência escatológica manter assim. Uns quatro ou cinco foram incluídos muito recentemente. Há, no entanto, quatro doutores antigos: Santo Atanásio, Santo Ambrósio, Santo Agostinho e São Jerônimo. Estes são os quatro originais que, digamos,

estabeleceram os primeiros princípios da Igreja Católica. Doutor da Igreja é aquela pessoa cuja opinião não precisa de aprovação eclesiástica, ou seja, que tem a sua opinião automaticamente reconhecida como sendo legítima – isso é um doutor da Igreja.

No Sermão da Montanha, Jesus confirma e aperfeiçoa a lei antiga, fazendo desta passagem a sua mais importante declaração.

Neste resumo, utilizamos a tradução do texto bíblico do padre Antônio Pereira de Figueiredo, enquanto o tradutor da obra optou pela do padre Matos Soares. Apesar de haver ocasionalmente alguma divergência entre elas, não há contradição nenhuma e ganha-se com a comparação.

PROF. MONIR: Na coluna da esquerda está o texto bíblico traduzido pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo. Na coluna da direita os comentários de Santo Agostinho, alguns comentários selecionados obviamente. Tudo que está do lado direito é de Santo Agostinho; quando não for, quando for de outra origem eu aviso vocês. Não está escrito, eu irei contar a vocês³.

3 Nota da transcritora – Na coluna da esquerda está o texto bíblico traduzido pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo. Na coluna da direita está o texto de Sobre o Sermão do Senhor na Montanha, de Santo Agostinho, (Edições Santo Tomás, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, 2003) sendo que os trechos bíblicos são da tradução do padre Matos Soares (Bíblia Sagrada, São Paulo, Pia Sociedade de São Paulo para o Apostolado da Imprensa, 1949).

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<i>1. E vendo Jesus a grande multidão do povo, subiu a um monte, e depois de se ter sentado, se chegaram para o pé dele os seus discípulos.</i>	Se se pergunta o que significa monte, compreende-se muito bem que significa os preceitos maiores da justiça, dado que os menores eram os que tinham sido dados aos Judeus.
<i>2.E ele abrindo a sua boca os ensinava dizendo:</i>	E ensina sentado, o que é próprio da dignidade do magistério.

PROF. MONIR: Aqui no primeiro comentário de Santo Agostinho fica claro que há duas leis, e não uma só. Do mesmo modo que há duas alianças, a Aliança da Arca e a Aliança de Jesus Cristo, também há dois conjuntos de preceitos: os preceitos anteriores, velhos, e os preceitos posteriores, novos.

É absolutamente imprescindível lembrar que de modo nenhum se deve entender que Jesus Cristo tenha revogado os preceitos da lei antiga. É por isso que no cristianismo há a consideração de todo o Velho Testamento. Mais do que isso: a Bíblia católica inclui livros que não são aceitos pelos judeus. Portanto a Bíblia judaica é menor do que a católica, e a protestante também. Os protestantes excluíram alguns livros da sua Bíblia que não são, digamos assim, pacificamente legítimos. Os ortodoxos têm a mesma Bíblia que os católicos. Então de um lado ficam os católicos e ortodoxos, e de outro os judeus e protestantes. Logo, Jesus Cristo não revogou nenhum dos procedimentos anteriores, ele simplesmente criou um patamar mais alto do qual parte o cristianismo.

ALUNA: [Comenta a presença de trechos na Bíblia luterana que não estão na Bíblia católica.]

PROF. MONIR: Ah, é? A gente tem que tomar muito cuidado com as referências bíblicas, porque a primeira coisa que Lutero fez foi escrever a sua tradução da Bíblia para o alemão. E ele fez a tradução que bem entendeu. Portanto, é preciso tomar um enorme cuidado quando a gente lê a Bíblia, que é saber que bíblia a gente está lendo. Não sei até que ponto devemos aceitar pacificamente toda e qualquer modificação. Todas as correntes luteranas fizeram as modificações que acharam por bem. Vamos nos lembrar de que aqui é a Bíblia católica que está em questão.

A primeira coisa que interessa aqui é que Jesus Cristo estabeleceu dois patamares diferentes de leis: a Lei antiga e a Lei moderna. Outro ponto a notar é que Jesus ensina sentado, o que é próprio da dignidade do magistério. Eu sempre disse que a gente deve dar aula sentado. Eu nunca, na minha vida, gostei de dar aula de pé. E aqui está explicado, obviamente numa esfera muito maior do que aquela que me toca, o quanto é importante dar aula sentado e não ficar fazendo discurso em pé como político, transformando toda a aula numa espécie de comício.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
3.Bem-aventurados os pobres de espírito; porque deles é o reino dos céus.	Com razão se entendem aqui por pobres em espírito os humildes e tementes a Deus, ou seja, os que não têm espírito inchado.

PROF. MONIR: Olhem, quando eu era estudante no Colégio Marista Paranaense, quando era aluno do irmão Balestro, tinha o padre Alfeu, que era o capelão do colégio. Eu nunca me esqueci de uma aula de religião em que um menino perguntou assim: “Mas eu nunca entendi esse negócio de pobre de espírito, eu sempre achei que pobre de espírito era uma coisa ruim. Tanto é que todo mundo vive falando por aí ‘fulano é pobre de espírito’”. Então há, de fato, uma espécie de confusão nesse assunto, porque pobre de espírito é usado popularmente como uma espécie de xingamento. Quando na verdade ser pobre de espírito é um elogio, diz aqui o texto da Bíblia. É difícil achar quem compreenda bem isso, apesar de não ser nada complicado. O pobre de espírito é a pessoa que tem baixo apreço pelas suas próprias opiniões. É, como está escrito aqui, alguém que não é inchado.

No contexto da cultura grega, aquilo que representa a vaidade humana é o pé inchado. Tanto que a palavra Édipo, de *Édipo Rei*, significa “pé inchado”. O problema de Édipo é que ele é um sujeito que mata o pai (chamado Laio) em um acidente de trânsito da época, embora não soubesse que era seu pai. E ele mata seis pessoas. Vocês acham que é legítimo alguém se irritar com o mundo ao ponto de matar seis pessoas por um problema de trânsito? Não é, né? Édipo, o “Pé Inchado”, foi condenado à morte pelos seus pais quando era pequeno. Eles ouviram um oráculo que prometeu que aquele menino mataria seu pai e se casaria com sua mãe. Com medo de matar a criança, eles amarram seus pés com uma corda e o entregam a um sujeito que tinha a missão de expô-lo. “Expor”, no conceito grego, é deixar morrer sob a força dos elementos. Porque ele sofreu quando criança aquela amarração, ele ficou com o seu pé inchado. O problema de Édipo é ter o pé inchado. Pois o pé inchado cristão é o espírito inchado.

Portanto, ser pobre de espírito é dar pouca credibilidade para sua própria independência, porque no fundo, no fundo nós somos muito pequeninhos e não sabemos nada. Ou seja, quem é que tem o pé inchado e não é pobre de espírito? Aquele que é muito orgulhoso e muito vaidoso. Os que não são assim é que entrarão no reino dos céus.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
4. Bem-aventurados os mansos: porque eles possuirão a terra.	Quer pois dar Ele a entender que se trata da solidez e estabilidade da herança perpétua, onde a alma descansa como no seu lugar próprio em virtude do bom afeto, como o corpo na terra, e de onde se alimenta, como o corpo da terra: ela é o descanso e vida dos santos. São mansos os que cedem diante da maldade e não resistem ao malvado, senão que vencem o mal com o bem [Rom., XII, 21]. Lutem portanto entre si, pelejem os faltos de mansidão; mas sejam bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra, da qual não poderão ser expulsos.

PROF. MONIR: No texto de Santo Agostinho há sempre uma menção a alguma outra passagem do Velho ou Novo Testamento.

Qual o sentido de ser manso? Manso é aquele que não resiste ao que lhe pede a Lei maior. Ser manso é não resistir às coisas que Deus ensina. A mansidão aqui não está associada à covardia, mas é uma humildade respeitosa, uma espécie de atitude de respeito e consideração. O que está sendo descrito

são as bem-aventuranças. Já que você não tem mais o pé inchado, como é dito na primeira bem-aventurança, então agora você pode ser pouco resistente àquilo que vem. É isso que significa mansidão, no sentido que Santo Agostinho está interpretando aqui.

O que significa *“eles possuirão a terra”*? Ora, só as pessoas assim é que conseguem encontrar sentido na vida sobre o mundo material. Possuir a terra significa encontrar sentido nessa vida material que nós temos. Porque as pessoas que não são capazes disso, aquelas que resistem, passarão a vida quebrando a cabeça. Mas quando você já sabe qual é o sentido porque deixou que aquela mensagem tomasse conta de você... Diz Santo Agostinho que é preciso ler a Bíblia sempre, o tempo todo, o tempo todo, o tempo todo... Se você se deixa contaminar por aquilo, mesmo quando você não compreende bem, mesmo quando parece bobo e sem sentido, mesmo quando é assim, então, a sua existência fará sentido sobre a terra. Por isso é que você herdará a terra – é neste sentido. Não quer dizer que nós vamos ficar aqui até a eternidade, porque a nossa existência não é deste mundo.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>5. Bem-aventurados os que choram: <i>porque eles serão consolados.</i></p>	<p>Pranto é tristeza pela perda de coisas queridas. Os que porém se convertem a Deus perdem essas coisas queridas que os prendiam a este mundo, pois que já não se deleitam com o que antes se deleitavam; e, enquanto não se produza neles o amor das coisas eternas, são trabalhados por alguma tristeza. Por isso são consolados pelo Espírito Santo – a que por esta razão se chama Paráclito, ou seja, Consolador – a fim de que os que perdem a alegria temporal gozem a eterna.</p>

PROF. MONIR: Se vocês olharem para este outro documento, verão as relações que existem entre as sete bem-aventuranças e os sete pedidos do Pai Nosso. Logo, Santo Agostinho percebeu que há uma sintonia entre essas duas coisas. É isso que ele conta em seus comentários ao Sermão da Montanha.

BEM-AVENTURANÇA	SENTIDO	DOM	PAI NOSSO	SIGNIFICADO
1. Os pobres de espírito	Humildes	Temor a Deus	Pai Nosso que estais nos céus: santificado seja o vosso nome.	O filho reconhece a autoridade do Pai.

PROF. MONIR: Na bem-aventurança número um, qual é o sentido de ser *pobre de espírito*? O sentido é ser *humilde*. Qual é o dom ou a virtude que nasce disso? É o *temor a Deus*. O pedaço do Pai-Nosso que corresponde a isso é “*Pai Nosso que estais nos céus: santificado seja o vosso nome*”. E o significado desta linha do Pai Nosso é que “*o filho reconhece a autoridade do pai*”.

É muito importante saber que Jesus Cristo não disse Pai Meu, e sim Pai Nosso. O que é uma coisa de uma importância extraordinária! E aí é importante que vocês estendam bem o seguinte: Jesus Cristo é absolutamente, cem por cento, humano. E Ele é absolutamente, cem por cento, Deus. Ele tem as duas naturezas simultaneamente. Qualquer possibilidade de que não seja isso, tenha certeza de que você está enganado. Não tem jeito de ser de outro modo.

Vejamos uma coisa interessantíssima sobre o cristianismo que não tem em outra religião, como por exemplo o hinduísmo e o budismo. O hinduísmo acha que tudo que existe neste mundo aqui é uma espécie de ilusão: chama-se *maia*. Para o budismo, a ilusão é de outra natureza: chama-se *samsara*. Mas para o cristianismo este mundo que temos aqui é real, verdadeiro e existente de fato. Ele não é um mundo de ficção, de mentira. Portanto, a coisa interessantíssima sobre a natureza do cristianismo é que ele é a religião

que opera o tempo todo por meio de paradoxos. Paradoxos são aparentes contradições. Não é à toa que o cristianismo é assim, porque a realidade humana é paradoxal.

Haverá coisa mais paradoxal do que a condição humana? No *Gênesis* temos a declaração que Deus faz de que somos feitos à imagem e semelhança de Deus. E ao mesmo tempo, no meio do *Gênesis* há o decreto de expulsão do Paraíso em que Deus diz assim: “*Sois pó e ao pó voltareis*”. Deus diz, na mesma obra, no mesmo *Gênesis*, que somos Sua imagem e semelhança e, ao mesmo tempo, que não somos nada, somos pó. Haveria situação mais paradoxal do que esta?

Logo, o que caracteriza a vida humana real e concreta é a natureza tensio-nal da nossa vida. Ela é feita por tensões insolúveis. Não sabemos de onde viemos, nem para onde vamos. Não sabemos quanto temos de mérito em nossas vidas e quanto mérito em nossas vidas é de atribuição alheia. Nós vivemos sob tensões insolúveis, é essa a natureza da condição humana. Ora, haveria situação mais equivalente a essa do que a que o cristianismo propõe? Se o cristianismo é paradoxal, é porque a situação humana é paradoxal. Ele simplesmente atende às questões essenciais da vida humana.

Se você tem interesse em entender isso, há um livro magnífico chamado *Ortodoxia*, de G. K. Chesterton. De todos os livros escritos sobre o cristianismo de natureza não doutrinal (Chesterton era um jornalista inglês mundano), este é o melhor – dentre os mais conhecidos, obviamente. Este livro foi relançado há dois, três anos, quando completou cem anos. Faz cento e três anos que este livro foi editado pela primeira vez. É uma verdadeira maravilha! Ele explicará então que não há nada mais estranho que o cristianismo e, no entanto, que não há nada mais extraordinariamente capaz de auxiliar

o ser humano. No nosso programa esse ano, nós temos um livro do Mário Ferreira dos Santos, chamado *Cristianismo, a Religião do Homem*, que é uma contribuição magnífica do maior filósofo brasileiro de todos os tempos, em que ele demonstra também a adequação extraordinária do cristianismo, digamos, ao ser humano médio, à pessoa comum – não há nada melhor do que o cristianismo.

Eu queria que vocês compreendessem que Jesus Cristo é cem por cento homem e cem por cento Deus – por mais que pareça incompreensível. Porque é isso mesmo, há duas naturezas em uma só. Quando digo que as duas naturezas estão numa pessoa só, estou querendo dizer que Jesus Cristo é homem e é Deus ao mesmo tempo. Mas a natureza divina é obviamente superior à natureza humana, por definição. Portanto, se tivermos que achar que alguma coisa veio antes, temos que achar que Jesus Cristo, antes de ser homem, era Deus. E nunca o contrário, o que seria completamente absurdo. Se Jesus Cristo antes de ser homem era Deus, então Ele é o ser humano por excelência. É a própria natureza humana encarnada. Quando Ele diz “*Pai nosso que estais no céu*”, está falando em nome de toda a humanidade. Não é que Ele queria dizer que somos todos irmãos. Não é nesse sentido. É porque Ele está falando do ponto de vista humano real e concreto, que é o ponto de vista coletivo toda a humanidade. É muito importante entender isso para você não achar é apenas um pedido pessoal. Não é um pedido pessoal. Jesus é a própria natureza humana.

Por que Ele diz “*santificado seja o Vosso nome*”? Essa é outra coisa interessante de explicar. Jesus Cristo está nos dizendo que quem tem que ser santificado somos nós, seres humanos. Porque Deus já é santo sozinho, não é preciso que nós peçamos que Ele seja santificado. Quem tem que ser san-

tificado somos nós, seres humanos. Porque nós somos o nome de Deus na terra. Deus nos colocou aqui para gerenciarmos a terra em nome dele. No *Gênesis*, Deus nos deu de presente a terra, nos instituiu como gerentes, para cuidarmos dela em Seu nome. Nós representamos aqui, como se fôssemos prepostos, a presença de Deus na terra. O nome que tem que ser santificado é o nosso nome. Nós, seres humanos, é que temos que arrumar um jeito de perdermos as características que não são santas e adquirirmos características que nos santifiquem. O que significa santificar-se? Significa parecer mais com Deus, chegarmos mais próximo do modelo que Deus imaginou para nós. Esse é o sentido de “*santificado seja o Vosso nome*”. Isso não está aí no Santo Agostinho, mas é preciso compreender este pedacinho também para aceitar o que está aí.

BEM-AVENTURANÇA	SENTIDO	DOM	PAI NOSSO	SIGNIFICADO
2.Os mansos	Não resistentes	Piedade	<i>Venha a nós o vosso Reino.</i>	Aceitamos a ordem do céu.

PROF. MONIR: O número dois, a segunda bem-aventurança, refere-se aos mansos, àqueles que são não-resistentes. Vocês já sabem que os pobres de espírito são desapegados da própria opinião, exatamente o contrário de um intelectual moderno.

Tivemos há pouco tempo a visita do Luc Ferry, ministro da educação da França que arrumou uma encrenca internacional com a abolição das burcas. Eu jantei com ele enquanto presidente da Aliança Francesa – nós oferecemos um jantar para ele. Conversei um pouco com ele e vi que ele não está contra a burca. Não é um sujeito querendo salvar o cristianismo na França, e que por isso cria uma restrição ao islamismo. Ele tem ódio a todas as religiões, sejam quais forem elas. Ele tem um problema geral com o assunto religião. Ele não é um cristão lutando, digamos, sem muito jeito, lutando um pouco canhestramente contra o islamismo. Ele é uma pessoa que acha que o mal do mundo é a religião, e que portanto nós seremos muito mais espertos quando nos desvincularmos dela. Vocês compreendem que isso é exatamente o contrário do que está escrito aqui para ser? É simplesmente mais um intelectual moderno, um sujeito comum – porque todo o mundo que tem prestígio universitário pensa exatamente isso. Porque é uma coisa meio *démodé* você ser professor de filosofia e dizer que você é cristão. Duvido que vocês achem alguém. Nem com uma enorme de uma lanterna. Nem com um daqueles refletores que se usam na guerra para identificar os aviões você vai achar um professor universitário que diga assim: “Eu sou filósofo e eu sou cristão”. Por que, já pensou que desgraça? Você não vai mais ser convidado para tomar café com os outros, ninguém vai achar que você é uma pessoa ma-ra-vi-lho-sa. No departamento de filosofia de determinada universidade, uma vez eles foram fazer um simpósio sobre saúde mental, a filosofia como fonte de saúde mental, e os três assuntos eram: Foucault, Nietzsche e Sade.

ALUNOS: [risos]

PROF. MONIR: Foucault era um sujeito frequentador de clube de sadomasoquismo em Paris. O Nietzsche passou vinte anos no hospício. E quanto ao marquês de Sade, acho que não seja exatamente um modelo de saúde mental. Vocês compreenderam o problema sério que está por trás disso? Eu comento com vocês porque este assunto ficará entre nós. Mas vocês imaginem o problema que é lidar com este assunto aí fora no mundo.

O que é o manso? O manso é aquele que não resiste. O que não resiste tem um dom chamado piedade. Sabem qual é a definição de piedade? É uma inclinação natural à imitação. Quando você tem piedade, você quer imitar Deus. Você imita aquele Deus que lhe inspirou a piedade. No Pai Nosso a correspondência disso é “*Venha a nós o Vosso reino*”. Ou seja, significa que nós aceitamos a ordem do céu.

BEM-AVENTURANÇA	SENTIDO	DOM	PAI NOSSO	SIGNIFICADO
3.Os que choram	Saudosos dos bens terrestres	Ciência (consciência)	<i>Seja feita a vossa vontade, assim na terra, como no céu.</i>	A terra submetese ao céu.

PROF. MONIR: Os lamentadores, da terceira bem-aventurança, são os saudosos dos bens terrestres. A virtude equivalente a isso se chama ciência. Por ciência, compreenda-se consciência. E no Pai Nosso esta bem-aventurança

está representada pelo “*Seja feita a Vossa vontade assim na terra como no Céu*”. A terra submete-se aos céus, mesmo que nós tenhamos que perder alguma coisa com isso. É essa a ideia.

BEM-AVENTURANÇA	SENTIDO	DOM	PAI NOSSO	SIGNIFICADO
4.Os que têm fome e sede de justiça	Rejeitam os bens falsos e desejam os verdadeiros	Fortaleza	<i>O pão nosso, necessário à nossa subsistência, nos dai hoje.</i>	Precisamos do pão espiritual da verdade contra a ilusão.

PROF. MONIR: Depois vêm os famintos e sedentos, que também são bem-aventurados. A interpretação que faz a Pastoral da Terra e o MST é que são famintos e sedentos do terreno da Araupel⁴, mas esta é apenas uma interpretação infantil, para não dizer coisa pior. O que os famintos e sedentos fazem na verdade é rejeitar os bens falsos e desejar os bens verdadeiros. Deixam de desejar certas coisas e passam a querer outras. Ora, para que você possa vencer os desejos ilegítimos, é preciso ter o dom da fortaleza. O correspondente no Pai Nosso é “*O pão nosso, necessário à nossa subsistência, nos dai hoje*”. Precisamos do pão espiritual da verdade contra a ilusão.

4 Nota da revisora de transcrição – A Araupel é uma madeireira do sul do Brasil em constante conflito com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que promove assentamentos em suas reservas.

BEM-AVENTURANÇA	SENTIDO	DOM	PAI NOSSO	SIGNIFICADO
5. Os misericordiosos	Compadecem da dor alheia	Conselho (saber o que fazer)	<i>E perdoai as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores.</i>	Devemos ser prudentes.

PROF. MONIR: No item cinco, os misericordiosos. Quem são eles? São aqueles que perdoam, mas que perdoam por uma razão mais importante do que perdoar simplesmente. Perdoam porque se compadecem da dor alheia. Esse é na verdade o sentido de ser misericordioso: compadecer-se da dor alheia. E a virtude que advém daí é o conselho. Conselho é uma palavra difícil de explicar. Eu tentei explicar com “prudência” e estou arrependido neste momento. Acho que conselho não é bem prudência. “Conselho” é a origem da palavra conselheiro, que é aquele que diz para você o que você deve fazer. Portanto, conselho na sua origem significa aquilo que é o certo a ser feito. Quando você se compadece dos outros e coloca-se no lugar daquele que sofre, então você tem uma medida de como é que você deve lidar com ele. Este é o sentido da palavra conselho aqui.

ALUNA: É compaixão?

PROF. MONIR: Compaixão soa um pouco oriental, mas é esta ideia, sim. A compaixão é uma espécie de compreensão da dor do outro.

A frase do Pai Nosso equivalente a isso é *“E perdoai as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores”*.

ALUNA: Por que a Igreja transformou este texto aqui em “perdoai nossas ofensas”?

PROF. MONIR: Porque depende da tradução, as traduções variam. Nunca esquecer que o Novo Testamento foi escrito diretamente em grego – logo, tem baixa polêmica. Já o Velho Testamento foi escrito em hebraico e traduzido para o grego, na famosa tradução Septuaginta, em que, segundo o folclore, setenta rabinos traduziram uma bíblia em setenta dias do hebraico para o grego, para uso dos judeus que sabiam somente grego, e não hebraico. Porque não sei se vocês sabiam – o cativo da Babilônia foi um acontecimento tão sério e tão grave na história do judaísmo, que ele fez com que o judeu comum desaprendesse hebraico. O hebraico passou a ser falado apenas no âmbito do rabinato. Então, um judeu popular só foi aprender hebraico agora no mundo moderno, com a fundação de Israel. Um judeu do século XIX falava iídiche em território alemão. Cada lugar tinha uma variante...

IRMÃO BALESTRO: A Espanha também...

PROF. MONIR: A Espanha tem uma variante: o ladino. Ladino é a língua judaica falada na Espanha e em Portugal. Portanto, o judeu só reaprendeu a falar hebraico muito recentemente. O cativo da Babilônia foi tão grave,

tão grave que para poder reconstituir a língua tiveram que usar elementos estruturais da língua árabe, que foram transpostos para a língua hebraica. São línguas parecidas. Essa é a razão pela qual o Velho Testamento sofreu essa tradução intermediária. É claro que modernamente há muitos padres eruditos que sabe falar hebraico. Mesmo assim, há dificuldades muito grandes de tradução porque o contexto de algumas palavras se perdeu. O fato de que isso é assim é muito perigoso, porque todo o mundo quer fazer uma interpretação moderna. Sabe aquele problema do sujeito que quer reescrever a Bíblia para ela ficar moderninha? E começa a instituir soluções politicamente corretas, digamos assim, porque acha que elas são mais adequadas – e aí quase sempre elas são falsas. É por isso que eu digo, pegue uma tradução da bíblia mais antiga. Quanto mais eu vivo, mais eu gosto de livro antigo. Que coisa impressionante! Devia ser o contrário, mas cada vez eu gosto mais dos livros velhos do que dos livros novos.

ALUNO: Antes de ir para o próximo... Só para ajudar a esclarecer aqui, pelo menos a mim. Parece que quer causar uma inversão. Na primeira frase do Pai Nosso, nós temos lá: *“Pai Nosso que estais nos céus: santificado seja o vosso nome”* Então nós interpretamos, com a sua ajuda, que nós é que temos que nos santificar, quer dizer, parecer um pouco com o Céu...

PROF. MONIR: É que nós estamos pedindo a Deus que nos ajude a nos tornar santos.

ALUNO: Exato. E aí, esta parte que estamos concluindo agora do item cinco, parece que está invertendo: *“Perdoai as nossas ofensas assim como nós também perdoamos”*, parece que nós estamos pedindo para Deus lá no Céu imitar a gente. Não parece isso?

PROF. MONIR: Não pareceu para mim. Eu sugeriria a gente aguardar Santo Agostinho chegar neste ponto. Porque na verdade eu é que estou antecipando tudo olhando para este quadro aqui antes da hora. Já chegamos lá, ok? Só para dar uma certa ideia geral das coisas.

BEM-AVENTURANÇA	SENTIDO	DOM	PAI NOSSO	SIGNIFICADO
6. Os limpos de coração	São simples	Inteligência	<i>E não nos deixeis cair em tentação.</i>	Precisamos ser tentados para mostrar valor.

PROF. MONIR: Limpos de Coração, a sexta bem-aventurança – o sentido disso é ser simples. O que é ser simples? É ter inteligência. É mais do que entendimento. Inteligência no sentido da palavra grega *nous*. Inteligência é a capacidade que o ser humano tem de olhar e ver o que é. Ponto. Sem que seja preciso fazer um raciocínio medonho, sem que você precise ser físico nuclear, sem que você tenha estudado lógica aristotélica, não precisa. Nós temos uma espécie de intuição intelectual que nos permite ver, contanto que sejamos simples. Mas se você tem o pé inchado e muita consideração para com suas próprias opiniões, então você acha que aquela besteira que você pensou, e que gerará muito mais problemas do que soluções, é alguma coisa que vale a pena ficar estudando quarenta ou cinquenta anos. Quer dizer, você não enxerga nada agora porque ficou prisioneiro do labirinto de autoenganos que você gerou. Se você for um grande filósofo, você vira o Kant. O que é o estudo de Kant na universidade? É o estudo de problemas kantianos. E o que são problemas kantianos? Ora, o Kant quer

explicar a realidade e não consegue e, porque não consegue, ele gera uma infinidade de problemas insolúveis. Em filosofia chamam-se *aporias*. A partir disso, então, todo o mundo filosófico passará a vida estudando as aporias kantianas. Ou seja, em vez de estudar filosofia, que é saber o que é, você passa a vida estudando problemas de filosofia ruim. Qual é o sentido que tem uma coisa dessas? Vocês compreendem que isso é completamente inútil? Portanto, só é limpo de coração quem é humilde. Tem que ser pobre de espírito para poder ter esta limpeza de coração. Isso gera o quê? Inteligência.

“E não nos deixeis cair em tentação” Pessoal, olhem só: Deus não está preocupado se você come três ou quatro quindins. O que me aborrece nessa história é que o sujeito fica achando que isso aqui quer dizer que ele não pode comer uma caixa de Bis. Será que Deus fica preocupado se você comeu mais ou menos Bis?

ALUNOS: *[risos]*

PROF. MONIR: Será que alguém é capaz de manter esta ideia? A tentação que você tem que evitar – a única tentação que interessa (é essa tentação que está aqui): **é a tentação de achar que você pode fazer um mundo melhor do que Deus.** Porque este é o problema da tentação do sujeito de pé inchado. Ele fala assim, como o Ivan Karamazov: “Não é que eu seja contra Deus; o que eu acho chato em Deus é como Ele é incompetente. Que desgraça, que porcaria de mundo que Ele fez!” Essa é a posição do Ivan Karamazov, que acha que ele, mais o SUS, mais o INSS, mais o Aeroclube de Balsa Nova farão o mundo perfeito que Deus não foi capaz de fazer.

ALUNOS: *[risos]*

PROF. MONIR: Eles argumentam que já que as pessoas são doentes e têm problemas de saúde, é só darmos todo o dinheiro que temos no bolso para o SUS. É assim que eles fazem. No fundo dizem isso porque querem tirar todo o dinheiro do seu bolso. Vocês compreendem que tudo isso se chama vaidade, soberba, *übris* em grego? É essa a desgraça número um da condição humana, que você rezando o Pai Nosso deveria tentar neutralizar em sua própria vida. Qual a tentação que não podemos ter? A de querer virar Deus, querer virar criador e esquecer que somos criaturas. Deus não está preocupado com quantos quindins você come.

ALUNA: *[Faz comentário sobre o livre arbítrio.]*

PROF. MONIR: Na verdade, o que o Pai Nosso estabelece são as condições para que a condição humana se realize na totalidade. Eu queria muito que vocês entendessem isso agora! Embora isso possa ser um código moral (em si, também é), ele é muito mais do que isso. O conjunto das condições que estão aí – e também as dos Dez Mandamentos – não são apenas orientações que você dá para o seu filho, tais como “*Não deixe de tomar o seu lanche*”. Compreenderam? Não são orientações de natureza prática. São, sobretudo, a expressão simbólica de determinadas condições sem as quais a natureza humana não se realiza, ou seja, ela nunca sai da potência e vai para o ato. Ela permanecerá na potência a sua história toda, como diz Aristóteles.

E, para que a natureza humana se realize, é preciso que jamais imaginemos e nem pensemos que somos deuses. Deus nunca nos disse isso para nós. Jesus Cristo diz que nós seríamos **como** deuses, mas deuses não. Portanto, a

pretensão humana de ser isso tudo é a grande desgraça que nós queremos que Deus nos impeça de sofrer. Este é o sentido que parece estar implícito nisto aqui.

Também não é um pedido, segundo Santo Agostinho, para que nós não tenhamos tentações, mas é um pedido para **não cair** nas tentações. Porque ter tentação é fundamental! Se você não tem tentação, como você mostra o mérito de não ter caído nela? Compreendem? Senão nossa vida seria equivalente a de um poodle. Sem tentação nenhuma, a nossa vida seria equivalente a de um poodle.

ALUNOS: [risos]

PROF. MONIR: Portanto, a existência da tentação é fundamental para que a nossa vida se realize. A tentação em si é importante, o que não pode acontecer é ter uma vida em que você fica caindo nelas. Por isso, sob o ponto de vista metafísico, no âmbito em que Deus está o demônio não é, de modo nenhum, negativo. O demônio é uma espécie de *personal trainer*.

ALUNOS: [risos]

PROF. MONIR: No âmbito metafísico! Tanto é que no *Livro de Jó* está claro que Deus permite que o diabo tente Jó – porque é essa, mais ou menos, a ideia. É claro que no nível físico e material o demônio é mau, é negativo, é ruim. Vejam bem: o diabo não pode ser inimigo de Deus, porque Deus não tem inimigos. O diabo só pode ser inimigo do homem, mas de Deus não. Estou fazendo aqui uma análise lógica do assunto, com argumentação filosófica. Não estou dando aula de religião para vocês, até porque não

tenho nenhuma competência para isso. Estou apenas mostrando como estas ideias todas fazem sentido quando você as olha de certo ponto de vista.

BEM-AVENTURANÇA	SENTIDO	DOM	PAI NOSSO	SIGNIFICADO
7. Os pacíficos	Reordenados	Sabedoria	<i>Mas livraínos do mal, amém.</i>	Tiraios da confusão em que já estamos.

PROF. MONIR: E finalmente, ser pacífico é ser reordenado. O dom é a sabedoria. “*Mas livraínos do mal, amém*”. Ao pedir que sejamos livrados do mal, nós já temos que tê-la, não é? É pedir para que nós deixemos de ser confusos, que percamos a confusão. Que tenhamos clareza para entender as coisas.

Portanto, se você olhar para os Dez Mandamentos e para as bem-aventuranças com olhos um pouco mais profundos, você irá invalidar todas estas traduções politicamente corretas, estas traduções desta heresia cristã chamada Teologia da Libertação (que é uma facção herética do cristianismo).

Nelson Rodrigues dizia que Dom Hélder Câmara⁵ só olhava para o céu para

5 Nota da revisora de transcrição – “Dom Hélder Pessoa Câmara OFS (Fortaleza, 7 de fevereiro de 1909 — Recife, 27 de agosto de 1999) foi um bispo católico, arcebispo emérito de Olinda e Recife. Foi um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e grande defensor dos direitos humanos durante a ditadura militar no Brasil. Pregava uma Igreja simples,

saber se tinha que sair de guarda-chuva de casa, que não olhava pro céu por nenhuma outra razão. Todas estas interpretações sociológicas, politigueiras, não parecem realmente ser capazes de aproveitar todo o potencial que há numa coisa como essa.

Se vocês, no entanto, chegaram até aqui, nós precisamos dar um passo a frente agora. Tendo feito este pequeno reparo, vamos continuar lendo.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<i>6 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça: porque eles serão fartos.</i>	Cristo se refere aos amantes do bem imutável e verdadeiro. Estes serão saciados com a comida que é fazer a vontade de quem O enviou, que é a justiça, e com a água que virá a ser uma fonte de água em que salte para a vida eterna.

PROF. MONIR: E não aos amantes da propriedade da Araupel. Não é dos amantes da propriedade alheia que se está falando aqui, mas dos amantes da justiça e da verdade fundamental. Serão bem-aventurados aqueles que desejam saber.

voltada para os pobres, e a não-violência. Por sua atuação, recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais. Foi o brasileiro por mais vezes indicado ao Prêmio Nobel da Paz, com quatro indicações.” Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/H%C3%A9lder_C%C3%A2mara. Acesso em 05/10/2017.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
7 Bem-aventurados os misericordiosos: <i>porque eles alcançarão misericórdia.</i>	São bem-aventurados os que socorrem os miseráveis, porque têm por recompensa o serem libertados da miséria.

PROF. MONIR: Nós já fizemos um pouquinho de interpretação sobre isso. A gente deve ter capacidade de compaixão. O misericordioso é aquele que se coloca no lugar do outro. É fundamentalmente essa a ideia aqui.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
8 Bem-aventurados os limpos de coração: <i>porque eles verão a Deus.</i>	Quão néscios são os que buscam a Deus com estes olhos exteriores, uma vez que a Ele se vê com o coração. Coração limpo é o mesmo que coração simples; e, assim como esta luz não se pode ver senão por olhos limpos, tampouco podemos ver a Deus se não está limpo aquilo com que O podemos ver.

PROF. MONIR: Onde está a sujeira? No pé inchado. Nada impede tanto de ver as coisas como são do que levar nossas próprias ideias demasiadamente a sério. Veja que toda a fórmula da bem-aventurança é a fórmula da humildade. O que é que significa que você topa que o céu venha para a terra? Significa que mesmo que você não entenda bem porque é assim, mesmo que você ache que este mundo tem alguma imperfeição, é preciso ter alguma

admiração por isso. É preciso ter uma espécie de respeito cerimonioso por isso. É preciso ter humildade e dizer assim: “Não sei muito bem porque é assim, mas deve ser por uma boa razão”.

Havia um filme circulando por aí, que agora saiu de moda, chamado *Quem Somos Nós* e este é um filme absolutamente equivocados. Quando o filme estava no auge eu fazia uma palestra, fiz em vários lugares, com função de saúde pública mesmo, com a minha função social de consertar a cabeça dos outros. Porque este é um filme que diz que o mundo é do jeito que você quer que ele seja. Porque você afinal de contas é uma espécie de Deus, e você então pode arbitrar sobre a realidade, se você quiser. É uma ideia tão infantil! As crianças têm essa ideia até os quatro ou cinco anos, depois elas desistem disso. No entanto, o mundo moderno completamente infantilizado continua acreditando numa coisa dessas.

Mas para os casos mais graves em que as pessoas ficavam muito impactadas pelo filme e se encontravam em grave estado de contaminação, eu recomendava que alugassem na locadora, na sessão infantil, um filme chamado *O Pequeno Milagre*. É a história de uma criança, de um menino chamado Simon Birch, que tinha uma vida tão ruim – nasceu surdo, torto, era quase cego... Olhem, a criança era tão horrorosa que tiveram que botar insulfilme no berçário! Os pais esqueceram a criança na maternidade. Mas este menino, apesar de ter todas as piores situações que alguém possa ter, achava que era daquele jeito por alguma razão. Ele não sabia qual era, mas sabia que aquilo tinha algum sentido. Pois achar que algo tem sentido, mesmo quando você não sabe, é o que significa, aqui na Bíblia, *ser pacífico*. É aceitar o que está à sua volta com uma confiança cega de que Deus fez

aquilo por alguma razão, que você não conhece, e que você eventualmente vai ter que esperar o tempo certo para que a razão seja revelada.

ALUNA: Outro filme bem infantil é *O Segredo*, não é?

PROF. MONIR: Pois é da mesma turma. Tomem cuidado com este negócio. Continuamos!

ALUNA: [*Lendo o Evangelho*]. *Bem-aventurados os pacíficos: porque eles serão chamados filhos de Deus.*

PROF. MONIR: São esses que são capazes de aceitar alguma coisa pacificamente, ou seja, têm a capacidade de submeter-se àquilo.

ALUNA: Antigamente se achava que se a criança nasceu com defeito ou algo assim, a culpa era dos pais, que tinham pecado. Era uma maldição.

PROF. MONIR: Não, não, mas isso já é outra coisa. Isso é uma espécie de espiritismo. Toda a tentativa de achar que o sujeito nasceu torto porque na outra encarnação passou com o automóvel por cima de alguém, isso tudo é gnosticismo. Não tem absolutamente nada com o que a gente está falando aqui.

ALUNA: Mas eu escutei isso no Colégio Divina Providência.

PROF. MONIR: Mas no Brasil é assim. Quando o René Guénon descobriu que aqui no Brasil tinha padre maçom, ele ficou três dias de boca aberta sem conseguir fechar a boca.

ALUNOS: [risos]

PROF. MONIR: Há uma bula papal que diz se você é maçom, você está excomungado automaticamente, mesmo que ninguém saiba que você é maçom. Pois aqui no Brasil não tem padre maçom? Pois é, o Brasil não é critério para coisa nenhuma.

ALUNOS: [risos]

PROF. MONIR: O Brasil é realmente um país *sui generis*. Continuamos.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p><i>9 Bem-aventurados os pacíficos: porque eles serão chamados filhos de Deus.</i></p>	<p>A perfeição reside na paz, em que não há resistência nenhuma. São pacíficos consigo mesmos os que, ordenando todos os movimentos da alma e submetendo-os à razão, isto é, à mente e ao espírito, e tendo domadas as concupiscências da carne, se transformam em reino de Deus, onde tudo está ordenado de modo que o que é principal e excelente no homem seja o que domine, sem oposição de tudo quanto temos em comum com os animais, e onde isto mesmo que prevalece no homem, a saber, a mente e a razão, está por seu turno submetido ao que lhe é superior, que é a própria verdade, o Filho unigênito de Deus. Pois não pode mandar nos inferiores aquele que não se submete ao superior. E é esta a paz que se dá na terra aos homens de boa vontade; esta, a vida do sábio perfeito e consumado.</p>

PROF. MONIR: Que maravilha, não é? Vamos explicar aqui um ponto que talvez vocês não compreendam... Santo Agostinho separa a mente em espírito e razão. Essa é uma noção aristotélica. Aristóteles dizia que temos três funções da alma:

A Função Vegetativa que preside a vida, esta função também têm os animais e as plantas.

A *Função Sensitiva* que são nossos sentidos que captam o mundo externo e reagem a ele com desejo ou repugnância. Ao ver um copo de chope, por exemplo, você sente desejo. Ao ver um urso correndo em sua direção, você tem uma natural repugnância àquela aproximação. A alma sensitiva reage assim. Todas as nossas emoções pertencem à alma sensitiva. Os animais também a possuem. Seu cachorro também fica feliz quando você volta para casa, ou não fica. Mas uma das duas coisas acontecerá com ele.

E a terceira função da alma, segundo Aristóteles, é a *Função Racional*, que tem em si própria cinco funções. A Função Racional preside:

- a. *Fronesis*, o saber viver. Portanto, quando você está se deparando com algum excesso emocional, por exemplo, você quer matar alguém que te deu uma fechada, quem diz para você não fazer isso é esta função, da sua alma racional, a *Fronesis* – que o impede.
- b. *Techné*, a capacidade de produzir coisas. De onde vem a palavra técnica.
- c. *Nous*, o espírito. De onde vem a palavra noológico. *Nous* é uma coisa que não é humana, segundo Aristóteles. Eu sempre explico *nous* dizendo que ele é como se fosse uma espécie de bisturi que o médico esqueceu dentro do corpo do paciente. Quer dizer, Deus quando nos fez esqueceu alguma coisa dentro de nós, algo que não é humano, que se chama intelecto ou *nous*. Antigamente, intelectual era um advérbio associado a essa ideia de espírito, mas hoje não é mais. Hoje é somente o sujeito que lida com ideias. Mas a palavra intelecto durante

quase todo o tempo era sinônimo de *nous*. *Nous* em grego, intelecto em latim, essas duas palavras significavam esta coisa transcendente que o ser humano tem, como se fosse um pedaço de Deus que foi esquecido dentro de nós.

- d. *Episteme* é a arte da demonstração, a capacidade da mente de deduzir.

Segundo Aristóteles, todo o processo de raciocínio humano é dedutível. A indução não é um processo de raciocínio. A indução é um processo de coleta de dados. O próprio raciocínio é dedutível, de que o maior exemplo é o silogismo, um mecanismo de dedução.

- e. A quinta e última função da mente racional é a *sophia*, a sabedoria. Para Aristóteles, *sophia* é a mistura da *episteme* com o *nous*, o espírito. Quando se junta matematicamente a capacidade de deduzir com a luz da verdade, você tem *sophia*. Quando você só tem a capacidade de dedução, você corre o risco enorme de raciocinar certo sobre ideias erradas.

A palavra mentira, não por menos, vem da palavra mente. O que é uma mentira? Mentira é uma história que não tem contradições internas, e que portanto parece verdadeira, mas que é falsa em si porque ela não passa no teste da verdade. Intuitivamente você sabe que aquilo é errado. No entanto sob o ponto de vista formal da apresentação das relações da ideia, a palavra mentira não tem contradições. Por isso o mentiroso é o sujeito que constrói histórias sem contradições. No entan-

to, aquilo que ele está dizendo é mentira, porque ele não tem *nous*, só tem *episteme*. As premissas são falsas, compreenderam? Por isso é que está errado. Portanto, quando Santo Agostinho diz para colocar na mente humana, está falando tanto de *nous*, o espírito, quanto da *episteme*, a razão.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
10 Bem-aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça: porque deles é o reino dos céus.	De tão ordenado e pacífico reino foi lançado fora o príncipe deste século, que domina os perversos e desordenados. Composta interiormente e afirmada aquela paz, por mais perseguições que trame de fora o que fora foi lançado, não fará senão aumentar a glória que é conforme a Deus, sem derrubar nada daquele edifício nem conseguir, ao malograr nas suas maquinações, nada mais que patentear a grandíssima firmeza que há lá dentro.

PROF. MONIR: É para você não ficar reclamando por aí que você é perseguido. Ora, haverá coisa mais normal do que ser perseguido? Se Jesus Cristo foi perseguido, porque cargas d'água nós não seríamos? Nós que somos um nada! Não adianta ficar reclamando que não gostam de você, que o perseguem, que você é discriminado... Pois se Jesus Cristo, que é Deus, foi discriminado e foi perseguido – por que nós, com nossa porca vidinha, não

seríamos? Portanto, pare de ser bobo e de reclamar. É isso que está dizendo aqui. Os que sabem disso são bem-aventurados.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
11 Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem, e vos perseguirem, e disserem todo o mal contra vós, mentindo, por meu respeito.	A partir daqui começa a dirigir-se aos presentes, conquanto o dito anteriormente também se aplicasse aos que O escutavam, e conquanto o que agora dizia aos circunstantes também se dirigisse aos ausentes e aos que ainda estavam por existir. Não basta suportar tais coisas para receber o prêmio; há que tolerá-las em nome de Cristo, e não só com paciência, mas também com alegria. Muitos hereges, que em nome de Cristo seduzem as almas, padecem tais coisas, mas são excluídos desta recompensa; porque não se disse simplesmente: <i>Bem-aventurados os que sofrem perseguição</i> ; mas se acrescentou: <i>por amor da justiça</i> ; e onde não há fé integral não pode haver justiça, porque o <i>justo viverá na sua fé</i> .

PROF. MONIR: Portanto, até então Ele não falou com quem está ouvindo, Ele falou genericamente. É só a partir deste momento que Jesus fala diretamente a quem está ouvindo seu sermão ao pé daquele monte.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>12 <i>Folgai e exultai, porque o vosso galardão é copioso nos céus: pois assim também perseguiram os profetas que foram antes de vós.</i></p>	<p>Não basta suportar tais coisas para receber o prêmio; há que tolerá-las em nome de Cristo, e não só com paciência, mas também com alegria. Muitos hereges, que em nome de Cristo seduzem as almas, padecem tais coisas, mas são excluídos desta recompensa; porque não se disse simplesmente: Bemaventurados os que sofrem perseguição, mas se acrescentou: por amor da justiça.</p>

PROF. MONIR: Galardão é recompensa, glória...

Se você for um maniqueísta ou um ariano (que achava que Jesus Cristo não é Deus) e por este motivo for perseguido e morto, isso não quer dizer que você irá para o céu. Justamente porque você foi perseguido pela causa errada. A justeza da causa é fundamental para que aquela perseguição o transforme em bem-aventurado. É isto que ele está dizendo. Não é qualquer perseguido que vale. Então o coitado do Trotski, que recebeu do Mercader uma machadada na cabeça lá no México, por causa disso vai para o céu? Não, o Trotski não vai para o céu, porque embora tenha sido perseguido pelo Stalin, não o foi pela razão certa – ele teria feito a mesma coisa com Stalin, se fosse o contrário. O Trotski não tem nenhum mérito humano de nenhuma espécie, embora tenha sido morto de modo violento. Mas isso não o transforma num bem-aventurado.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>13 <i>Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua força, com que outra coisa se há de salgar? Para nenhuma coisa mais fica servindo, senão para se lançar fora e ser pisado dos homens.</i></p>	<p>Se vós, que de certo modo deveis condimentar os povos, deixais perder o reino dos céus por medo de perseguição, quem serão os que vos hão de tirar a vós do erro, tendo-vos Deus escolhido para libertar dos seus erros aos demais? Não é pisoteado pelos homens aquele que padece perseguição, mas sim aquele que, temendo a perseguição, fraqueja e perde a força. Ninguém pisoteia senão àquele que lhe está debaixo; e aquele que tem o coração voltado para o céu, por mais que sofra corporalmente na terra, não está debaixo de ninguém.</p>

PROF. MONIR: É o que diz Frei Borromeu para o Dom Abbondio em *Os Noivos*, de Manzoni. O Padre Abbondio é um covarde e, para se resguardar da perseguição do Rodrigo (uma espécie de tirano), não quer casar dois jovens, o Renzo e a Lúcia. Chega uma hora em que o Frei Borromeu – que de fato existiu, é uma personagem histórica – diz assim para o Padre Abbondio: “Quem falou para você que em se tornando padre sua vida estaria preservada? Quem falou para você que ser padre significa não correr mais risco? Pois é justamente o contrário! Você está aqui justamente para isso. Para você morrer, se tiver que morrer. Portanto, deixe de frescura!”

O Gandhi pode achar que isso é difícil de cumprir, mas, se você pensar bem, quando você coloca essas coisas nos seus devidos lugares, elas não parecem tão impossíveis assim. São muito difíceis, mas não são inimagináveis.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
14 <i>Vós sois a luz do mundo. Não pode esconder-se uma cidade que está situada sobre um monte.</i>	Uma cidade edificada sobre uma justiça eminente, perfeita, figurada aqui pelo monte de sobre o qual está falando o Senhor.

PROF. MONIR: O monte no topo do qual está a sabedoria, portanto essa sabedoria divina não pode ser escondida de modo nenhum.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>15 <i>Nem os que acendem uma luzerna a metem debaixo do alqueire, mas põe-na sobre o candeeiro, a fim de que ela dê luz a todos os que estão na casa.</i></p>	<p>Ninguém acende uma luz e a oculta?</p> <p>Ou encerra também o alqueire algum significado especial, de modo que pôr a tocha debaixo do alqueire seja o mesmo que pôr acima da pregação da verdade as comodidades do corpo, a ponto de deixar a um canto a pregação da verdade por temor de experimentar alguma perda nos bens corpóreos e temporais? É com propriedade que se diz <i>alqueire</i>.</p> <p>Assim, põe a luz sob o alqueire todo aquele que obscurece e cobre a luz da boa doutrina com vantagens de ordem temporal.</p>

PROF. MONIR: Um alqueire, no sentido em que está aqui, é uma espécie de abajur com que você cobre a chama e diminui a intensidade com que a chama aparece. Aqueles que têm luz não devem escondê-la debaixo do abajur, mas deve colocá-la em cima do candeeiro para que seja vista por todas as pessoas.

Aqui, pessoal, uma coisa fundamental, pra nunca esquecer: Quando digo pra vocês que a natureza humana é tensional, eu estou na verdade dizendo que a tensão ocorre porque estamos sempre oscilando entre dois polos que são em si opostos. Temos a materialidade da nossa existência física e temos

uma espiritualidade, ou seja, uma imaterialidade ligada à nossa existência espiritual. Não adianta você querer ficar com só um dos dois lados, porque não pode ser. Os dois lados existem com a mesma importância. Portanto a vida humana é o que acontece enquanto você oscila entre esses dois polos. Esse é o sentido disso.

Toda a vez que alguém deseja aumentar a importância do polo material às custas do polo espiritual, ele está colocando a luz debaixo do alqueire, ou seja, debaixo do abajur. O contrário nunca acontece, porque embora esses dois polos sejam igualmente existentes, eles não têm a mesma importância. O polo imaterial, justamente por ser imaterial e não estar sujeito ao devir, à mudança, é necessariamente maior. O que são setenta anos de vida perto da eternidade? Logo, o polo imaterial necessariamente tem que subordinar-se ao polo material.

Essa é toda a história da mitologia grega. Quando vimos a *Teogonia*, vocês perceberam que Urano é o polo espiritual, o céu. A terra, Geia, neutraliza (não mata) Urano com a ajuda de seu filho Cronos, o tempo – o tempo só existe onde há matéria, porque onde não há matéria não há tempo. É por isso que é possível – já explicou Santo Agostinho em outro episódio – você ter o livre arbítrio e ao mesmo tempo Deus ter ciência de tudo.

A onisciência divina parece estar em contradição com o livre arbítrio, porque se você tem livre arbítrio, como é que Deus sabe o que você faz? Ora, se Deus sabe o que você faz, como é possível ter livre arbítrio? Essa contradição é meramente aparente, porque quem a faz está confundindo duas ordens de realidade: a ordem humana – que é uma ordem material, portanto, é uma ordem física, onde há tempo – e a ordem espiritual, onde Deus vive,

onde não há tempo nenhum, porque Deus não vive no tempo – logo para Deus, todas as coisas acontecem ao mesmo tempo.

O conhecimento que Deus tem é simultâneo. Mestre Eckhart dizia que Deus está fazendo o mundo neste momento. Para Deus não há a noção de tempo, por isso Ele permite que você escolha e não abre mão da Sua onisciência. Essas duas coisas existem em graus de realidade muito diferentes um do outro. A explicação para isso é a de Santo Agostinho, nas *Confissões*. A referência para isso está lá.

A nossa existência é uma existência contraditória e em oposição. Contava da *Teogonia*: quando Geia e Cronos castram Urano, é a matéria castrando o céu. Depois Zeus nasce e recupera a ordem. A vitória dos Olímpicos sobre os Titãs é a devolução da ordem que foi quebrada pela castração de Urano, o céu, pela terra. Portanto o governo que se estabelece após a vitória dos olímpicos – Zeus e seus cinco irmãos – contra os Titãs, que são seus pais e tios, é a vitória do espírito sobre a matéria. Vitória esta que está sendo novamente desafiada nos tempos modernos.

No fundo, você só entende a mitologia grega se você partir da ideia de que ela está explicitando essa polaridade entre o céu e a terra. É uma polaridade com a qual o cristianismo lida como nenhuma outra situação, porque para o cristianismo essas duas naturezas são legítimas. Como o cristianismo faz isso? Pela obra direta de Deus, pela genialidade com que se estabelece. Por isso é que ele é a religião do homem, segundo Mário Ferreira dos Santos.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
16 <i>Assim luza a vossa luz diante dos homens. Que eles vejam as vossas obras e glorifiquem a vosso pai, que está nos céus.</i>	O louvor deve existir para honrar não o homem, mas a Deus, como mostrou o Senhor quando Lhe levaram aquele paralítico, e quando as turbas, ao vê-lo curado, Lhe admiraram o poder, qual se escreve no Evangelho: <i>Temeram, e glorificaram a Deus, que deu tal poder aos homens.</i> [Mat., IX, 8].

PROF. MONIR: É preciso mostrar amor a Deus e não ficar usando essas coisas como vaidade, para você não sair das bem-aventuranças.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
17 <i>Não julgueis que vim destruir a lei, ou os profetas. Não vim a destruí-los, mas sim a dar-lhes cumprimento.</i>	Pois, se se realiza o que se acrescentou para maior perfeição, com mais razão se realizará o que havia já no começo.

PROF. MONIR: Isso é muito importante! O que Jesus está dizendo aqui é que está autorizado o Velho Testamento dentro do cristianismo, portanto o cristianismo incorporou o Velho Testamento no seu corpo doutrinal.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>18 <i>Porque em verdade vos afirmo, que enquanto não passar o céu e a terra, não passará da lei um só i, ou um til, sem que tudo seja cumprido.</i></p>	<p>E, quando Cristo diz: <i>Não desaparecerá da lei um só iota</i>, não pode isto constituir mais que uma expressão enfática da perfeição, uma vez que se cumprirá perfeitamente a Lei em cada uma das suas letras. E por ser o iota a menor dentre todas as letras, escrevendo-se com um só traço, e por ser o ápice uma pequeníssima partícula que se lhe põe por cima, com aquelas palavras nos dá a entender o Senhor que na Lei até as coisas mais insignificantes têm de ser cumpridas.</p>

PROF. MONIR: Esse “i” é o iota grego. O “ápice” que está em cima do iota é um sinal gráfico que indica o alongamento do som do i – pode ser um tracinho ou pode ser uma virgulazinha; há diversas notações em grego para essa mesma coisa. É isso que se chama de ápice. É um sinal gráfico para indicar um valor fonético diferente.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>19 <i>Aquele, pois que quebrar um destes mínimos mandamentos, e que ensinar assim aos homens, será chamado mui pequeno no reino dos céus; mas o que os guardar, e ensinar a guardá-los, esse será reputado grande no reino dos céus.</i></p>	<p>Os mandamentos muito pequenos que são, por conseguinte, significados pelo iota e pelo ápice, e <i>aquele que violar um destes mínimos mandamentos, e assim os ensinar, ou seja, enquanto os viola, não enquanto os encontra e os lê, será considerado o mínimo no reino dos céus</i>, e por isso mesmo não estará <u>talvez</u> no reino dos céus, onde não podem estar senão os grandes; mas <i>o que os guardar e ensinar, ou seja, aquele que não os violar e que ensinar precisamente a não violá-los, esse será considerado grande no reino dos céus.</i> [Mat., V, 19]</p>

PROF. MONIR: O que parece que está escrito aqui, sem olhar para os comentários de Santo Agostinho, é que aquele que desrespeitar as coisas minúsculas, não é que vai perder o reino dos céus, mas vai entrar por último na fila. Por isso é que não está aqui estabelecida a condenação daquele que for pequeno, mas este que é pequeno vai para o fim da fila. Santo Agostinho não entende assim. Santo Agostinho tem dúvidas, tanto é que ele escreveu **talvez**. Ele não tem coragem de dizer assim: “Estes que desprezaram o iota, estão fora”. Ele diz talvez, porque ele mesmo tem dúvida.

ALUNA: [Dá uma outra interpretação para a frase.]

PROF. MONIR: Não, aqui não é neste sentido. Jesus está dizendo que não veio para revogar nada, mas para fazer um patamar superior da Lei. Há uma lei dos judeus e uma lei dos cristãos: há uma primeira aliança e há uma segunda aliança. A segunda aliança é diferente da primeira – nós veremos daqui a pouquinho porque é diferente. Mas ele está dizendo que não é para jogar o que veio antes fora. Nem mesmo um pequeno iota com seu ápice, porque aqueles que fizerem isso, talvez não vão para o reino dos céus. Ele não está dizendo que estão fora, está dizendo que **talvez** não vão, porque ele também tem dúvida se isto não está implícito aqui dentro do texto bíblico.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p><i>20 Porque eu vos digo, que se a vossa justiça não for maior e mais perfeita do que a dos escribas, e a dos fariseus, não entrareis no reino dos céus.</i></p>	<p>Se, além daqueles preceitos da Lei que iniciam o homem, não cumprirdes os que acrescentei eu, que não vim destruir a Lei mas cumpri-la, não entrareis no reino dos céus. A justiça dos fariseus limita-se ao não matar; a daqueles que hão de entrar no reino de Deus chega ao não irar-se sem motivo.</p>

PROF. MONIR: Porque a justiça nova, essa que Jesus Cristo produz, é a que tem que ser atendida. Mas ela não exclui a anterior, apenas a aperfeiçoa e a modifica de alguma maneira, sem excluir nenhum pedacinho, nem o iota com seu ápice.

Muito bem! E aqui tem uma coisa de uma importância que eu não sei se consigo explicar pra vocês! Há três religiões abraâmicas. Só três e não haverá mais que três, nunca, jamais. Eu digo nunca, jamais, não porque eu conheço o futuro, mas porque a essência do assunto é a Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Se você olhar um pouquinho, você verá que cada uma destas três religiões abraâmicas – na ordem, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo – correspondem a esses três aspectos.

O judaísmo é uma religião em que se vê Deus como uma autoridade paternal de um autoritarismo extraordinário. É o Pai na medida em que Ele é símbolo de autoridade. O cristianismo é uma religião do amor do Filho. O sujeito que veio aqui e deixou-se matar – trucidar, não é? – para que nós não tivéssemos mais o peso dos pecados. O sentido da morte de Jesus Cristo é que ele já pagou os pecados por nós e não cobrou nada por isso. Nossa principal função é aceitar isso. A coisa mais difícil que existe é que apareça um cristão que não ache estar devendo um trilhão na Caixa Econômica do Céu por causa disso. Jesus Cristo nos salvou sem pedir nada em troca. A terceira religião, o islamismo, a mais recente das três, é uma religião muito associada à ideia do Espírito Santo, por razões que não vamos debater por falta de tempo.

Portanto a religião nova que Jesus cria é uma religião de natureza misericordiosa. A pessoa de Jesus Cristo representa uma misericórdia que não existe na pessoa do Deus judaico pura e simplesmente. São pessoas muito diferentes. O que está escrito aqui neste pedacinho, que nos explica Santo Agostinho, é que no cristianismo, muito mais importante do que qualquer outra coisa, é aquilo que se chama de **intenção**. Isso é uma coisa tão extraordinária! Em seguida farei um paralelo com a cultura

grega. A intenção é de todas as coisas, a mais importante. Não há nada tão característico dos nossos atos do que a intenção com que eles são feitos.

Ao desviar o eixo da moral cristã – de um eixo de cumprimento de regras rígidas para o eixo da intenção, você descobre que esse cristianismo é muito mais humano do que a fórmula anterior. Mas a fórmula anterior tem que existir porque você precisa do contraste com a anterior para produzir a misericórdia. Eu não tenho a possibilidade de ter o colorido se eu não tiver o incolor. Eu não tenho a possibilidade de ter o novo se não tiver o velho. Eu tenho que ter a religião anterior porque preciso fazer esse processo de melhoramento por contraste com ela. Eu não posso simplesmente extinguir o que veio antes. É por isso que está tudo mantido –mantido e, de alguma maneira, aperfeiçoado. Por isso que é uma segunda aliança. Reparem como isso vai ficando claro agora.

ALUNA: *[Faz comentário de que na religião judaica Jesus Cristo é visto como um grande rabino.]*

PROF. MONIR: Também pensam assim os islâmicos. Há mais menções a Nossa Senhora no Corão do que no Novo Testamento, por mais incrível que pareça. Jesus Cristo é uma personagem importante no islamismo também, só que Ele não tem a dimensão ontológica que Jesus Cristo tem para o cristianismo, onde Ele é Deus em pessoa. Há uma diferença de dimensões. Mas não um desprezo, não uma desconsideração.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
21 <i>Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás: e quem matar será réu no juízo.</i>	Com efeito, é muito mais grave este último, o que mostra que há vários graus de condenação, do mais leve ao mais grave, ou seja, do juízo à geena do fogo.

PROF. MONIR: “Geena” é inferno em hebraico. Ele está dizendo que os pecados são progressivamente mais graves, portanto as condenações também são progressivas. Não há uma condenação única para todos os pecados. Ficará claro no próximo pedacinho.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
22 <i>Pois eu digo-vos: que todo o que se ira contra seu irmão, será réu no juízo. E o que disser a seu irmão: Raca, será réu no conselho: e o que lhe disser: És um tolo, será réu do fogo do inferno.</i>	Há graus, portanto, nestes pecados. No primeiro caso há, por conseguinte, um só elemento: a ira; no segundo há dois: a ira e a exclamação irada; no terceiro há três: a ira, a exclamação irada e, nesta, a expressão ofensiva. Eis pois os três estados do réu: o do juízo, o do conselho e o da geena.

PROF. MONIR: A palavra “raca” é um xingamento que significa vazio, imprestável.

São três graus de condenação diferentes. No conceito da Lei anterior é olho por olho, dente por dente. Ou seja, fez está errado. Não fez, está certo. Na nova Lei de Jesus Cristo, você desejou o mal, já está errado, mesmo que não o tenha feito. Você desejou o bem e fez errado, esse malfeito merece misericórdia.

Entenderam a diferença entre as duas Leis? A Lei antiga vai pela aparência, por isso é possível ser muito hipócrita pela Lei antiga, pois consigo ser um fariseu, no sentido negativo de hipocrisia. Eu finjo bem e me safo. Pela Lei nova, não. Se estiver fingindo, estou muito mal desde o início. Pode ser que eu tenha feito uma coisa errada, mesmo que eu tenha feito com bom coração. Pois esse engano que cometi pode ser perdoado, porque a intenção era boa. Ele está mostrando aqui que a diferença da velha para a nova Lei está fundamentalmente na sua intenção.

INTERVALO

PROF. MONIR: Santo Agostinho está fazendo comentários sobre todos os versículos do Sermão da Montanha que está *no Evangelho de São Mateus* capítulos 5, 6 e 7 – são três capítulos inteiros que são chamados de *Sermão da Montanha*. O que é importante entender é que Santo Agostinho está dizendo que Jesus Cristo estabelece uma nova aliança. Esta nova aliança está estabelecida por um critério novo, o critério da intenção. A intencionalidade é tudo. Enquanto a aliança anterior era baseada na aparência, ou seja, no modo como as coisas parecem que são, Jesus Cristo está nos dizendo que o que interessa agora é como as coisas são no fundo. Isso faz com que aquele

que consegue esconder as suas verdadeiras intenções perca quando as intenções são más e ganhe quando as intenções são boas.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>23 Portanto, se tu estás fazendo a tua oferta diante do altar, e te lembrar aí que teu irmão tem contra ti alguma coisa: 24 deixa ali a tua oferta diante do altar e vai-te reconciliar primeiro com teu irmão: e depois virás fazer a tua oferta.</p>	<p>A isso mesmo se refere o que se diz alhures: <i>Não se ponha o sol sobre a vossa ira.</i> (...) e devemos ir não precisamente com os pés do corpo, mas com movimento da alma, a prostrar-nos com humilde afeto diante do irmão, para o qual teremos voado nas asas de um terno pensamento, na presença d'Aquele a quem temos de fazer a oferta. Igualmente, se ele estiver presente, poderás sem nenhum fingimento apaziguá-lo, e atraí-lo novamente para a amizade, pedindo-lhe perdão, se antes tiveres feito isto na presença de Deus, dirigindo-te até ele não com o lento ir do corpo, mas com o velocíssimo afeto do amor. E ao voltares, ou seja, ao tornar-te a intenção ao que tinhas começado, farás a tua oferta.</p>

PROF. MONIR: Santo Agostinho diz que esse item é alvo de muita confusão, porque ele acha inconcebível que alguém ache certo largar tudo ali e viajar três mil quilômetros – porque seu inimigo está em Manaus – e voltar de

Manaus para continuar a fazer sua oferenda. Propõe então Santo Agostinho uma outra interpretação para isso. Prestem atenção.

A frase *“Não se ponha o sol sobre a vossa ira”* significa que você não pode dormir com ira sobre alguém. Você não deve guardar rancor de ninguém. Este é o ponto. A questão não é tanto você ir pedir desculpas, mas de não ter mais rancor no seu coração. Também vale você pedir desculpas pro seu irmão falando com Deus. Não precisa procurar a pessoa fisicamente para fazê-lo. Às vezes isso pode não ser possível.

EVANGELHO DE SAO MATEUS - CAP. 5	COMENTARIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>25 <i>Concerta-te sem demora com o teu adversário, enquanto estás posto a caminho com ele: para que não suceda que ele adversário te entregue ao juiz, e que o juiz não te entregue ao seu ministro: e sejas mandado para a cadeia. 26 Em verdade te digo, que não sairás de lá, até não pagares o último ceitil.</i></p>	<p>Quem é o inimigo de que nos exorta o Senhor a tornar-nos amigos, enquanto estamos com ele no caminho. Não pode ser senão o diabo, ou o homem, ou a carne, ou Deus, ou o preceito de Deus. Ao diabo não nos ordena a mostrar benevolência. Também não podemos concordar com quem já renunciamos e declaramos guerra, nem havemos de consentir aquele que, para não cairmos jamais neste abismo de misérias, nunca deveríamos ter consentido. Quanto aos homens, se alguém prejudica a outrem a ponto de causar-lhe a morte, já não poderá ficar bem com ele, pois não estão no mesmo caminho, nesta vida; nem por isso deixará de ficar em estado de graça se se arrepender e se refugiar, pelo sacrifício, na misericórdia de Deus. Como ser benévolo com a carne, quer concordando com ela, quer a consentindo; porque os pecadores são antes os que amam a sua carne, concordando com ela e consentindo-a, ao passo que os que a reduzem à servidão não só não a consentem como a obrigam a consenti-los. Assim, Quem quer que neste caminho, nesta vida, não se reconcilie com Deus pela morte de Seu Filho, por Deus será entregue ao Juiz, porque o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o poder de julgar. [Jo.. V. 22]</p>

PROF. MONIR: “Ceitil” é uma quantidade muito pequena de dinheiro. Uma ninharia. No tempo em que o padre traduziu isto, a moeda real, que era a moeda de Portugal, tinha na sua menor fração o ceitil. Esse padre Antonio Figueiredo é do tempo do Marques de Pombal. O ceitil aqui significa que você não sairá da prisão enquanto não tirar da sua alma o último vestígio de ódio e raiva. Porque é isso só que permite que você possa se liberar desta dívida para com o outro.

Reconciliar-se com Jesus é perder todo o ódio do coração. Toda a ira, todo o ódio, jogar fora.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<i>27 Ouvistes que foi dito aos antigos: Não adulterarás. 28 Eu porém digo-vos: que todo o que olhar para uma mulher cobiçando-a, já no seu coração adulterou com ela.</i>	A justiça menor proíbe que se cometa adultério pela união dos corpos; a justiça maior do reino dos céus, no entanto, proíbe se cometa adultério já no coração. E quem não comete adultério no coração, este muito mais facilmente consegue não cometê-lo com o corpo. Quem pois deu este preceito confirmou aquele, porque Ele não veio para destruir a Lei, mas para cumpri-la.

PROF. MONIR: O que foi escrito no Antigo Testamento ainda vale. No cristianismo, a Lei seguinte, vale a intenção, não a ação apenas. Uma lei que impeça a ação maligna já é uma boa lei, porque essa é a lei civil. Quando você é condenado por um assassinato? Quando você matou alguém.

Desejar matar alguém, o que é normal e faz parte da vida humana – se alguém que te fechou na rua, você pode ter esse pensamento – não leva você a ser perseguido criminalmente, mas para o cristianismo é ruim. Este ódio que você sentiu de alguém a ponto de querer matá-lo, você tem que tirar isso seu do coração. Compreenderam a diferença da velha e da nova Lei? A velha Lei é apenas formal, a nova não.

A justiça menor é a do Velho Testamento.

Além de não cometer adultério materialmente, não se deve ter nem a intenção de cometê-lo. Porque a intenção no Novo Testamento, na Lei nova, é tudo.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
29 <i>E se teu olho direito te serve de escândalo, arranca-o, e lança-o fora de ti: porque melhor te é que se perca um de teus membros, do que todo o teu corpo seja lançado no inferno.</i>	É este, portanto, o sentido: Qualquer coisa que ames a ponto de estimá-la como a teu olho direito, se te escandaliza, ou seja, se te impede de alcançar a verdadeira bem-aventurança, arranca-a e afasta de ti, porque te convém perder o que amas por te ser tão íntimo como um dos teus membros, para que não te vá o corpo inteiro para o inferno.

PROF. MONIR: Aí é que está o problema da interpretação da moral cristã, pois quem o faz ao pé da letra – o que é muito comum nessas seitas –

certamente acharia que seria um olho real e concreto e que deveria fazer um esforço de automutilação. Pois Santo Agostinho interpretará isso de modo mais simbólico. Se você é alcoólatra, tire o alcoolismo. Não quer dizer que você deve tirar a língua para não sentir mais o gosto da cerveja. Trata-se, portanto, de uma escolha entre duas coisas.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
30 <i>E se a mão direita te serve de escândalo, corta-a e lança-a fora de ti: porque melhor te é que se perca um de teus membros, do que todo o teu corpo vá para o inferno.</i>	Diz-se que o conselheiro nos escandaliza nas coisas divinas quando diligentemente nos tenta fazer cair nalguma perniciosa heresia sob pretexto de religião ou sabedoria. Paralelamente, por <i>mão direita</i> deve entender-se o coadjutor querido ou o ministro das obras espirituais; porque, assim como o olho representa a contemplação, assim a mão denota a ação, referindo-se a esquerda às obras necessárias para esta vida e para o corpo.

PROF. MONIR: Esse conselheiro a que ele se refere é conselheiro genericamente, mas é, sobretudo, o olho esquerdo. Porque aqui é preciso que vocês compreendam que há toda uma simbologia do direito e do esquerdo aqui. Lembram que temos de partir de uma ideia de polaridade? Senão a gente não entende o cristianismo. O cristianismo trata com seres que estão tensionados entre o céu e a terra. Isso são os seres humanos.

O lado direito trata do céu e o esquerdo trata da terra. Sempre é assim. A ideia de esquerdo e direito em muitas línguas tem esta conotação. Por exemplo, a esquerda em italiano chama-se *sinistra*. Há uma ideia de que na palavra “à esquerda” você tem uma ligação com a terra e em “à direita” uma ligação com o céu. O direito está sempre falando do céu e o esquerdo sempre está falando da terra, na simbologia bíblica. Logo, não são palavras escolhidas de modo inocente, mas elas têm um sentido em si próprias que tem que ser preservado.

O olho é contemplação, a mão é ação. O olho direito é o olho que vê as coisas do espírito e a mão direita é a que faz as coisas do espírito. O olho esquerdo e a mão esquerda estão associados às coisas da terra. Portanto na Bíblia sempre será esta a simbologia que você deve interpretar: o direito associado ao céu e esquerdo associado à terra.

Não há nenhuma diferença essencial entre a teologia grega e a teologia cristã – apenas uma diferença de formato porque, afinal de contas, são povos muito diferentes. Mas a essência das duas coisas é a bipartição que há, e que é completamente comum em toda a natureza. O pai representa o céu, a mãe representa a terra. Toda a existência humana é assim.

Ontem, na palestra do Luc Ferry, depois que ele propôs que não haja qualquer espécie de religiosidade presidindo a vida, ele disse assim: “No fundo, a instituição que interessa é a família”. Mas o que ele não tem a menor ideia – porque ele não conseguiu nem fazer este raciocínio –, ele não compreende que essa ideia de família (mesmo quando ela não tem filhos) é uma ideia essencialmente sagrada, porque a família é o casamento do céu com a terra.

A terra que a mulher representa concretamente, materialmente, que é a nossa existência no polo material e o espírito que o homem representa, que o pai representa. Ora, o que é o casamento? Nada mais é do que uma expressão humana do casamento do céu com a terra, que é como a condição humana se estabelece na sua plenitude. Logo não é possível entender o casamento apenas pelo aspecto reprodutivo, muito menos como apenas um acordo comercial, muito menos como uma espécie de circunstância erótica. A instituição casamento é uma instituição religiosa. Portanto, por mais que você tente fazer todos os contornos ao assunto, como faz Luc Ferry, qualquer lugar onde você se agarre, seja qual for a boia na qual você pule, você vai encontrar um fundo religioso. O que esse pessoal não entende é que a sociedade humana é produzida religiosamente.

Nós vamos ter aqui no nosso programa o livro de T. S. Elliot, *Notas para uma Definição de Cultura*, em que ele vai nos dizer assim: “A cultura, qualquer que seja ela, é uma invenção religiosa”. Chesterton nos conta como dois sujeitos param de brigar. Duas tribos não param de brigar porque fazem um acordo social, como diz Rousseau. Elas param de brigar porque dizem assim: “Este solo é sagrado e não convém que a gente brigue aqui em cima”. Ponto. Acabou a briga.

Não há possibilidade social sem o processo religioso e sagrado por trás. Não existe isso! Não há sociedade humana que não tenha uma mediação do sagrado. É impossível! É por isso que não adianta ficar dizendo que a família é a solução, porque a família nada mais é do que uma forma do sagrado. É uma forma social do sagrado, como outra qualquer. Não ter filhos é apenas

circunstancial. Na prática, na prática, tanto faz. Os filhos são um acidente. Dentro desta conotação da família, como tal, os filhos são acidente. A família em si própria permanece, mesmo sem filhos. Continua sendo uma família.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>31 <i>Também foi dito: Qualquer que se desquitar de sua mulher, dê-lhe carta de repúdio. 32 Mas eu vos digo: que todo o que repudiar a sua mulher, a não ser por causa da fornicação, a faz ser adúltera: e o que tomar a repudiada, comete adultério.</i></p>	<p>O senhor, assim, ao confirmar aquilo para que a esposa não seja facilmente repudiada, excetua tão-só o caso de fornicação; todos os demais defeitos, se os tiver, ordena lhe sejam valorosamente suportados, em atenção à fé conjugal e para a preservação da castidade; e também chama de adúltero o varão que toma a mulher repudiada por outro. Onde se segue que, seja ela a que abandona ou a que é abandonada, deverá permanecer sem marido, a não ser que se reconcilie com aquele de quem está separada. (...) <u>aos antigos</u> devemos tê-los em conta para distinguir as diversas etapas da dispensação da Divina Providência, que vem em ajuda do gênero humano com a sua ordem, e não para extrair deles normas de vida.</p>

PROF. MONIR: Está lá na Bíblia – pode mandar a mulher embora, contanto que você dê uma carta para ela, dispensando. Está lá escrito na Bíblia.

ALUNOS: [risos]

ALUNA: E para o homem?

PROF. MONIR: Para o homem não diz nada. Mas o Santo Agostinho acha que vale para os dois.

ALUNA: Oba!

PROF. MONIR: Aqui há que se fazer uma observação muito importante. A palavra “fornicação” em português é entendida como “adultério”, como uma relação sexual ilegítima. Isto não está em Santo Agostinho, mas o padre Pereira de Figueiredo diz que isso está errado, porque a palavra grega para fornicação – de onde veio a nossa tradução, que é do Novo Testamento - é “porneia”. “Porneia” é fornicação, adultério em grego. Mas a palavra “porneia” não é a mesma coisa que a palavra “azona”, que em hebraico significa “casamento ilegítimo”. Quer dizer que ao traduzir do grego o Novo Testamento, surgiu a tendência de se usar esta palavra como sendo adultério. Mas na prática, quando você vai para o original hebraico, onde o Velho Testamento está escrito, significa que a única forma pela qual o casamento poderia ser anulado é se ele tivesse, **antes** de ser feito, restrições que não foram levadas em conta. Ou seja, naquela que seria a melhor tradução disso aqui, considerando o original hebraico, o casamento seria indissolúvel até mesmo em caso de adultério. Santo Agostinho não percebe isso porque ele está usando a tradução da obra que estava em grego, usando a palavra “porneia”. Santo Agostinho não sabe hebraico. São Tomás de Aquino também não sabia grego e por isso o que ele sabia havia sido traduzido ou do árabe, ou do latim. Por não saber hebraico, Santo Agostinho

não consegue entender que o sentido de formicação não seja o sentido de adultério como está no grego (*porneia*), mas talvez um sentido muito mais simples ainda – por exemplo, que o casamento pode ser anulado se for provado, por exemplo, que os dois noivos são parentes de sangue, tendo portanto uma impossibilidade de natureza genética. Logo, esta regra aqui pode ir mais fundo e levar à conclusão de que o casamento é indissolúvel sob o ponto de vista da moral cristã.

As viúvas estão obviamente isentas da restrição de permanecer sem marido.

“*Os antigos*”, quem são? Os seguidores do Velho Testamento. No Velho Testamento está escrito que se não quiser a mulher, é só mandar embora. Ora, o que se está dizendo é que isso não é para seguir como se fosse uma regra de moral. Por isso que não se consegue, jamais, entender uma religião quando se fica pegando pedacinhos. Aí vem um idiota e diz assim: “Porque o islamismo é isso e aquilo, porque tem aqui uma frase que diz assim...”, e não leva em conta que tem mais trinta e duas outras frases que são contrárias àquela. O mesmo acontece com o fundamentalista cristão que vê lá no livro que está proibida a transfusão de sangue. Pronto! O filho está morrendo e o sujeito não autoriza a criança a receber uma transfusão. Por que ele acha isso? Porque ele está olhando para um pedaço da história, e as religiões não são compreensíveis por pedaços e segmentos isolados. As religiões são compreensíveis no conjunto da sua doutrina. Por esta razão, que é, digamos, perigoso você empreender um processo de ler a Bíblia sem professor – não estou dizendo para você fazer um curso de catecismo por aí. Estou dizendo para você pegar Santo Agostinho, São Tomás, Santo Anselmo, para você pegar os grandes comentaristas para ajudá-lo. Eles passaram a vida inteira tentando entender essas coisas e eles são mais espertos do que nós. É muito

importante na apreciação de uma religião como o cristianismo você não pressupor que o texto está automaticamente esclarecido, como fazem alguns desses crentes que acham que há uma luz interior no ser humano capaz de fazê-los compreender tudo automaticamente. Isso não é verdade. Reparem que há uma porção de coisas que tem que ser entendidas na sua verdadeira medida. E é por isso que uma religião como o cristianismo precisa dos comentaristas. É por isso que é preciso você prestar atenção no que dizem pessoas como Santo Agostinho.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
33 <i>Igualmente ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falso: mas cumprirás ao Senhor os teus juramentos.</i> 34 <i>Eu porém vos digo, que absolutamente não jureis, nem pelo céu, porque é o trono de Deus: 35 nem pela terra, porque é o assento de seus pés: nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande rei: 36 nem jurarás pela tua cabeça, pois não podes fazer que um cabelo teu seja branco ou negro.</i> 37 <i>Mas seja o vosso falar, sim, sim: não, não; porque tudo o que daqui passa, procede do mal.</i>	<p>A justiça dos fariseus consiste em não perjurar, e ela confirma-se por Aquele que proíbe jurar, o que pertence já à justiça do reino dos céus; porque, assim não pode mentir aquele que não fala, assim tampouco pode perjurar aquele que não jura.</p> <p>Assim ensina o Senhor que não há nada tão desprezível entre as criaturas de Deus por que se possa perjurar, uma vez que todas, desde a mais alta até a mais baixa, desde o trono de Deus até um cabelo branco ou preto, são regidas pela divina Providência. Por isso não disse o Senhor: Tudo que daqui passa “é mau” (pois que não procede o mal aquele que usa bem do juramento, o qual juramento, conquanto não seja bom, pode ser todavia necessário para persuadir a outrem do que lhe é útil a ele próprio), mas sim <u>procede do mal</u>, ou seja, daquele por cuja fraqueza te vês obrigado a jurar.</p>

PROF. MONIR: Olhem que interessante isso! Você não deve jurar, de modo nenhum. Os antigos diziam “não jureis em falso”. Mas não jure de jeito nenhum. Porque isso de jurar só existe por uma única razão, explica Santo Agostinho: porque o outro lado que está falando com você é inseguro e incapaz de aceitar a sua palavra. Já que o outro lado é que tem um problema, ou seja, o sujeito do lado de lá é que não tem segurança para acreditar no que você diz e ele obriga que você jure. E jurar é sempre ruim por causa disso. Não jure, apenas diga o que é: sim, sim ou não, não. Jurar é besteira. Quem é você para jurar isso ou aquilo? Você nem sabe de que cor ficará seu cabelo, não consegue nem controlar isso. É claro que no tempo de Santo Agostinho não existia essas pinturas de cabelo...

ALUNOS: [risos]

PROF. MONIR: Mas não é por isso que fica ilegítimo o que ele está dizendo.

Entenderam? Quando ele diz que *procede do mal*, ele não quer dizer que do mal em si, mas do fato de que determinadas pessoas são tão fracas que só conseguem acreditar se você jurar. Nesse sentido é que procede do mal, da insuficiência do outro, da fraqueza do seu interlocutor.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>38 <i>Vós tendes ouvido o que se disse: Olho por olho, e dente por dente.</i></p>	<p>A justiça menor dos fariseus consiste em não passar de determinado limite na vingança, para que não se devolva mais mal do que se recebeu, e este é já um excelente degrau. Sim, porque não se encontra facilmente quem se contente em dar uma só bofetada àquele de quem recebeu uma, nem quem se limite a proferir uma só palavra injuriosa, sem exceder-se, àquele que lhe dirigiu anteriormente uma, seja porque, perturbado pela ira, se comporta imoderadamente, seja porque julga que o que ofendeu primeiro deve receber pena maior do que a de que foi vítima ele próprio, que não fizeram mal a ninguém.</p> <p>(...)</p> <p>Esta atitude já foi coibida em grande parte pela lei, ao ditar: <i>Olho por olho, e dente por dente</i>, palavras que encerram moderação, e cujo fim era que a vingança não ultrapassasse a ofensa. É este o caminho da paz; a sua perfeição, todavia, está em rejeitar absolutamente toda a vingança.</p> <p>(...)</p> <p>Aquele que veio não para destruir a lei, mas para cumprila, levou à perfeição essa justiça inicial, fazendo-a não severa, mas misericordiosa.</p>

PROF. MONIR: Vocês entenderam que o “*olho por olho, e dente por dente*” é um limitador para que a resposta a uma injustiça não seja maior do que a própria injustiça? É um limitador em si.

Pessoal, aqui tem uma coisa importantíssima para explicar para vocês! A mesma modificação da velha lei do “olho por olho, dente por dente” para a ideia da misericórdia, que é a ideia de perdoar quem ofendeu você, é exatamente a mudança que há na cultura grega de Têmis para *Diké*. Nós já vimos isso aqui na trilogia *Oréstia* de Ésquilo. Nós lemos *Eumênides*, a terceira peça, em que acontece exatamente isto: as Erínias, que são as fúrias vingadoras dos pecados, são convencidas por Palas Atena a aceitar um julgamento humano que inocenta Orestes com o voto da Minerva (ou seja, da Palas Antena), quando então foi instituído o “voto de minerva”. Palas Atena, para resolver o empate de seis a seis, dá o seu voto a favor de Orestes, inocentando-o da morte da mãe, Clitemnestra. Pois esta história foi contada lá na cultura grega, na trilogia *Oréstia* – que é uma maravilha! Diz Aristóteles que sob o ponto de vista de forma é a peça mais bem escrita em todo o mundo grego. E Aristóteles conheceu não só as trinta e três que sobraram para nós lermos aqui, como conheceu as trezentas e poucas que estes três grandes trágicos escreveram. Portanto, é uma opinião muito importante. Lá na *Oréstia* acontece a mesma coisa que acontece aqui. É exatamente o mesmo processo. Quando finalmente as Fúrias submetem-se àquela misericórdia, que é o julgamento de Orestes no aerópago, nesse momento Têmis, que é a justiça do “olho por olho, dente por dente”, isto é, a justiça cruel no sentido de retribuição pura, tem que se submeter ao nascimento de uma outra justiça chamada *Diké*. Na mitologia grega, Têmis é mãe de *Diké*. A justiça humana e misericordiosa é filha da justiça cruel. Exatamente do mesmo modo que a justiça do Velho Testamento – “olho por olho, dente por dente” – é mãe, de alguma maneira, da justiça do Novo Testamento. Perceberam que paralelo extraordinário? É isso que Jesus está ensinando, ele está fundando a *Diké* sob o ponto de vista judaico-cristão, não sobre o ponto de vista grego. Será que eles conversaram? Combinaram?

Não, porque as coisas não são assim. No fundo, no fundo, há uma espécie de ordem cósmica que acaba se manifestando em todos os lugares. Ela vem de um jeito ou de outro.

Não se esqueçam nunca do que vou dizer agora: A cultura ocidental, tal como a conhecemos, é uma mistura de quase cem por cento de cristianismo e helenismo. Se você quiser entender o mundo ocidental, basta você compreender que ele é o resultado da mistura dessas duas coisas. Devemos nossa ancestralidade à cultura judaico-cristã e à cultura helênica. Somos basicamente isso. Talvez uns dez por cento que não estão nessa conta seja atribuível aos outros.

ALUNA: [*Faz pergunta.*]

PROF. MONIR: Têmis é a justiça velha, aquela que vinga. O sujeito matou a tia do outro, o outro pode matar a tia dele também. É mais ou menos isso, é essa a ideia. Essa justiça velha, do olho por olho e dente por dente, equivale no mundo grego à justiça da deusa Têmis, que na história *Oréstia* é representada pelas Fúrias ou Erínias. As Fúrias ou Erínias são três mulheres diabólicas – sendo a mais conhecida a Megera – que passam a vida inteira no fundo do inferno, no Tártaro, e ficam infernizando os pecadores, contando para eles tudo o que fizeram de ruim, não lhes dando um minuto de sossego – a não ser contar o tempo todo, o tempo todo, o tempo todo. É, portanto, completamente natural que estas personagens diabólicas sejam personificadas em mulheres, não é? Porque não poderia ser de modo nenhum um homem a fazer esta função, não é? Seria completamente inadequado...

ALUNOS: [risos]

PROF. MONIR: As mulheres ficam lá: “No dia 13 de maio de 1985 você olhou pra outra mulher no posto de gasolina; no dia 16 de outubro de 1948 você esqueceu o meu aniversário; no dia 15 de abril...” Quem quiser saber o que são as Erínias, é só se lembrar disso. As três Erínias são Alecto, Megera e Tisífone. Mas há algumas obras em que elas são muitas. Na *Oréstia* o coro da peça é feito de Fúrias.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<i>39 Eu porém digo-vos, que não resistais ao que vos fizer mal: mas se alguém te ferir na tua face direita, oferece-lhe também a outra. 40 E ao que quer demandar-te em juízo, e tirar-te a tua túnica, larga-lhe também a capa. 41 E se qualquer te obrigar a ir carregado mil passos, vai com ele ainda mais outros dois mil. 42 Dá a quem te pede, e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.</i>	Mas por acaso pensamos que disse: Vai com ele mais outros dois mil só por dizer? Ou será que quis completar o número três – número que denota perfeição – para que todo aquele que assim proceder se lembre de que pratica a justiça perfeita ao suportar misericordiosamente as fraquezas daqueles cuja salvação deseja? Além disso, pode-se observar que também por este motivo insinuou tais preceitos em três exemplos: primeiro, se alguém te ferir na face; segundo, se alguém te quiser tirar a túnica; terceiro, se alguém te obrigar a dar mil passos, tendo, neste terceiro exemplo, acrescido o dobro à unidade para completar o triplo.

	<p>Sim, porque qualquer que seja o significado da face direita, é patente que é algo mais apreciado que o significado da face esquerda; e que aquele que tolerou um agravo no que lhe é mais caro faz menos se o tolera em algo que não aprecia tanto. Depois nos diz que temos que dar a capa a quem nos queira tirar a túnica, o que ou equivale meramente a dar a capa, ou o supera um pouco, sem chegar, todavia, a ser-lhe o dobro. Quer isso dizer que, seja menor que a anterior a nova ofensa que nos fazem, seja igual a ela, seja, ainda, maior que ela, devemos sempre tolerá-la com espírito sereno.</p>
	<p>Diz: a todo aquele que te pedir, e não àquele que te pedir tudo, de modo que dê o que possas sem faltar à honestidade nem à justiça. E que dizer daquele que peça dinheiro emprestado para oprimir um inocente? E daquele que pretenda um ato de fornicção? Não prosseguirei, pois não terminaria nunca; basta-me dizer que deves dar de modo que não prejudiques a ti nem ao próximo, dentro do que o homem pode conhecer com probabilidade ou com certeza; e a quem negares algo justamente, fá-lo ver a justiça da tua negativa, para não o despedir deixando-o sem ciência. Assim darás sempre algo a todo aquele que te peça, ainda que nem sempre lhe dê o que te pedir, e alguma vez lhe darás algo melhor que o que se te peça, se conseguires corrigir coisas injustas a quem o pede.</p>

PROF. MONIR: Notem sempre que direito e esquerdo nunca é gratuito e que o direito é sempre mais importante que o esquerdo.

O número três é um número simbólico e aí vocês veem como Santo Agostinho é platônico e como Platão é pitagórico. Pensando nas origens desse discurso, quem na história do mundo das idéias defendia o valor simbólico dos números? Pitágoras. Ele não se parece com os outros pré-socráticos, de modo nenhum. Ele não representa o início de nada, representa na verdade o fim de uma tradição muito grande que veio se perdendo ao longo da história. E Pitágoras dizia que os números têm representação.

O que o número três representa? É o seguinte: as coisas existem por opostos. Existe o colorido e o descolorido, o frio e o quente. Eu não disse pra vocês aqui, várias vezes hoje, que a condição humana é representada por dois polos opostos? Há uma polaridade, uma dualidade entre o céu e a terra, representada pelo número dois. No entanto, esses polos não são completamente separados, mas se relacionam entre si. Ora, entre esses dois, céu e terra, há uma terceira natureza ou existência, que é a relação entre eles. Portanto, o dois só se materializa no três. O dois é par, o três é ímpar. O dois gera o três por necessidade lógica de haver uma relação entre eles. Portanto, se vivemos dessa maneira, nessa polaridade entre céu e terra, nossa vida é o trânsito entre esses dois polos. A vida humana é o que acontece na área que está entre o polo superior e o polo inferior. Por isso Santo Agostinho está dizendo aqui, platonicamente – logo, pitagoricamente –, que Jesus está usando simbolicamente o número três como meio de contar um pouco melhor isso que estou contando para vocês, com palavras diferentes de Santo Agostinho. Reparem como faz sentido agora!

ALUNO: *[Lendo] Além disso, pode-se observar que também por este motivo insinuou tais preceitos em três exemplos: primeiro, se alguém te ferir na face; segundo, se alguém te quiser tirar a túnica; terceiro, se alguém te obrigar a dar mil passos, tendo, neste terceiro exemplo, acrescido o dobro à unidade para completar o triplo.*

PROF. MONIR: Isso explica porque Ele fala assim: já que querem que você dê mil passos, dê ainda mais dois mil, porque dois mil mais um mil dá três mil – volta a simbologia do três. Portanto, o que Santo Agostinho está fazendo? Está interpretando a fala de Jesus Cristo sob o sentido simbólico. Essa simbologia, não a sabe Jesus Cristo porque estudou com os pitagóricos. Não é porque Ele foi para a Índia fazer um curso secreto, ou porque fez um curso técnico por correspondência, mas porque essas simbologias são naturais e implícitas à condição humana. Nós as percebemos por intuição, porque intuímos a simbologia, mas nem sempre nos damos conta conscientemente dela. Por isso aqui está Santo Agostinho dizendo que há aí uma simbologia pitagórica implícita. Não porque Jesus seja pitagórico! Por favor, não entendam isso! Mas porque a simbologia que os pitagóricos nos apresentam é a simbologia da estrutura da realidade. Ela não é pitagórica em si própria, mas é pitagórica na medida em que é enunciada pelos pitagóricos. Mas não porque seja em si pitagórica, porque não é.

ALUNO: *[Lendo] Sim, porque qualquer que seja o significado da face direita, é patente que é algo mais apreciado que o significado da face esquerda; e que aquele que tolerou um agravo no que lhe é mais caro faz menos se o tolera em algo que não aprecia tanto.*

PROF. MONIR: Levar um tapa na face esquerda é menos grave do que na face direita, porque a face direita simbolicamente representa as coisas do céu e a face esquerda simbolicamente as coisas da terra. É sempre assim, tem o tempo todo essa simbologia. Se você não entende isso, você não entende o Sermão da Montanha.

ALUNO: *[Lendo] Depois nos diz que temos que dar a capa a quem nos queira tirar a túnica, o que ou equivale meramente a dar a capa, ou o supera um pouco, sem chegar, todavia, a ser-lhe o dobro. Quer isso dizer que, seja menor que a anterior a nova ofensa que nos fazem, seja igual a ela, seja, ainda, maior que ela, devemos sempre tolerá-la com espírito sereno.*

PROF. MONIR: É isso que Jesus Cristo quer dizer: Seja maior a ofensa, grande ou pequena, tanto faz, você sempre deve tolerá-la com espírito sereno. Como diz isso? Simbolicamente por estes exemplos.

ALUNO: *[Lendo] Diz: a todo aquele que te pedir, e não àquele que te pedir tudo, de modo que dê o que possas sem faltar à honestidade nem à justiça. E que dizer daquele que peça dinheiro emprestado para oprimir um inocente? E daquele que pretenda um ato de fornicção?*

PROF. MONIR: Se alguém pedir dinheiro emprestado pra você para sair com a mulher do vizinho? Você deve dar o dinheiro ou não? É isso que se está perguntando aqui.

ALUNO: *[Lendo] Não prosseguirei, pois não terminaria nunca; basta-me dizer que deves dar de modo que não prejudiques a ti nem ao próximo, dentro do que o homem pode conhecer com probabilidade ou com certeza; e a quem negares*

algo justamente, fá-lo ver a justiça da tua negativa, para não o despedir deixando-o sem ciência.

PROF. MONIR: Sem ciência do que você quis dizer ao negar. Aqui está a razão pela qual não devemos imaginar ingenuamente, como se faz nos programas de televisão, que você consegue de Deus o que você quiser, bastando pedir para tanto. Porque essa não é a experiência real que todo o mundo tem da vida concreta. Mas toda a vez que você alega isso para você mesmo, vem a pergunta: será que eu não estou pedindo direito, por isso é que não estou recebendo?

Mas está aqui Jesus dizendo que quando pedem pra você, tem que ter juízo naquilo que você faz, porque a intenção tem que ser boa. Se há indícios contrários a uma boa intenção naquele pedido, então você não deve dar. Compreenderam? Não devemos ter esta visão infantil, ingênua... Porque as pessoas pedem as coisas mais absurdas! Há quem peça para não morrer nunca. Há na mitologia grega um sujeito assim. A deusa estava tão apaixonada por um mortal, que pediu a Zeus, que desse a imortalidade a este mortal. Zeus concedeu. Só que ela se esqueceu de pedir que desse pra ele a juventude eterna.

ALUNOS: *[risos]*

PROF. MONIR: E aí ele foi ficando cada vez mais velho e não morria nunca, jamais. Foi ficando uma porcaria, porque não tinha graça nenhuma! Você vai lá, e pede a Deus para não lhe dar sofrimento. Parece um pedido bacana... Deus vai te transformar numa samambaia!

ALUNOS: [risos]

PROF. MONIR: Você acha bom negócio, isso? Como Deus pode lhe dar alguma coisa que destrói e descaracteriza sua própria condição humana? Deus não pode fazer isso. Então, Ele não fará nada por você que seja contra você mesmo. Mesmo que ele seja generoso. Portanto vamos deixar de ser infantis e achar que é só bater na porta, porque não é assim. Quando você bate na porta (falta um pouquinho ainda para este pedaço), vocês verão que é outro sentido.

ALUNO: *[Lendo] Assim darás sempre algo a todo aquele que te peça, ainda que nem sempre lhe dê o que te pedir, e alguma vez lhe darás algo melhor que o que se te peça, se conseguires corrigir coisas injustas a quem o pede.*

PROF. MONIR: Porque você pode dar um conselho para quem quer um dinheiro para comprar um revólver para matar o vizinho: “Olha, não faça isso!”. Pronto. Você está dando alguma coisa. Não está dando o dinheiro para comprar o revólver, mas está dando algo muito melhor, que é o conselho de não matar o vizinho, por mais que o vizinho mereça. Em última análise, pessoal, vale a intenção, e é essa a regra central de toda a nova Lei.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p><i>43 Tendes ouvido que foi dito: Amarás ao teu próximo e aborrecerás a teu inimigo. 44 Mas eu vos digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm ódio: e orai pelos que vos perseguem e caluniam: 45 para serdes filhos de vosso Pai que está nos céus, o qual faz nascer o seu sol sobre bons e maus: e vir chuva sobre os justos e injustos. 46 Porque se vós não amais senão os que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não fazem os publicanos também o mesmo? 47 E se vós saudares semente aos vossos irmãos, que fazeis nisso de especial? Não fazem também assim os gentios? 48 Sede vós logo perfeitos, como também vosso Pai celestial é perfeito.</i></p>	<p>Sim, porque, sem este amor que nos leva a amar até os nossos inimigos e perseguidores, quem poderá cumprir o dito anteriormente? Deve-se compreender de tal modo que devemos amar os inimigos, fazer bem aos que nos odeiam e rezar pelos que nos perseguem, que compreendamos igualmente que por certos pecados dos irmãos não se nos manda orar, e desse modo evitemos que pela nossa ignorância pareça contradizer-se a divina Escritura, o que, afinal, é de todo impossível. Mas, assim como está claro que por alguns não devemos orar, o mesmo não sucede quanto a se devemos orar contra alguns. Disse-se e termos gerais: Abençoai-os, e não os amaldiçoeis. [Rom., XII, 14], e também isto: não retribuindo mal por mal. [I Pedr., III, 9] Não orar por alguém não é o mesmo que orar contra ele, uma vez que podemos acreditar-lhe certo o castigo, e desesperada a salvação, e portanto deixar de pedir por ele não por ódio, mas precisamente por constatar que não lhe alcançaremos nada, e para não correr o risco de ter nossa oração rejeitada pelo justíssimo Juiz. Ele pode propriamente dizer que são suas todas as coisas que criou do nada, razão por que aqui se nos patenteia com quanta liberalidade devemos, por preceito seu, proporcionar aos nossos inimigos as coisas que nós não criamos, mas recebemos, como a dons, da sua mão.</p>

PROF. MONIR: “*Aborrecerás*” é o modo como o padre falava lá no século XVIII. Aborrecer significa detestar. “*Publicanos*”, no sentido lato, são homens de negócios. Os “*gentios*” são aqueles que não são religiosos.

Está dizendo o seguinte: Se vocês não amarem os que não amam vocês, qual é o mérito que isso tem? Porque amar o outro que ama você, amar alguém que lhe deu de presente um carro em bom estado... não tem muito mistério numa coisa dessas. O problema está em que a gente pode facilmente ser induzido a acreditar que se tem que amar os outros de qualquer jeito, e não é bem assim. Santo Agostinho fará um reparo na interpretação deste trecho.

ALUNO: *[Lendo] Sim, porque, sem este amor que nos leva a amar até os nossos inimigos e perseguidores, quem poderá cumprir o dito anteriormente? Deve-se compreender de tal modo que devemos amar os inimigos, fazer bem aos que nos odeiam e rezar pelos que nos perseguem, que compreendamos igualmente que por certos pecados dos irmãos não se nos manda orar, e desse modo evitemos que pela nossa ignorância pareça contradizer-se a divina Escritura, o que, afinal, é de todo impossível.*

PROF. MONIR: Esses certos pecados pelos quais não se deve orar são os pecados contra o Espírito Santo. O sujeito que tem propostas demoníacas – você não deve ajudá-lo. É isso que ele está dizendo. Portanto, não se deve orar por todos. Agora o fato de que você não deve orar por todos não significa que você possa orar contra alguém. Orar contra alguém? Não, ninguém. Mas orar por todos também não, porque alguns pecados não podem receber oração.

ALUNO: *[Lendo] Mas, assim como está claro que por alguns não devemos*

orar, o mesmo não sucede quanto a se devemos orar contra alguns. Disse-se e termos gerais: Abençoaí-os, e não os amaldiçoeis. [Rom., XII, 14], e também isto: não retribuindo mal por mal. [I Pedr., III, 9] Não orar por alguém não é o mesmo que orar contra ele, uma vez que podemos acreditar-lhe certo o castigo, e desesperada a salvação, e portanto deixar de pedir por ele não por ódio, mas precisamente por constatar que não lhe alcançaremos nada, e para não correr o risco de ter nossa oração rejeitada pelo justíssimo Juiz. Ele pode propriamente dizer que são suas todas as coisas que criou do nada, razão por que aqui se nos patenteia com quanta liberalidade devemos, por preceito seu, proporcionar aos nossos inimigos as coisas que nós não criamos, mas recebemos, como a dons, da sua mão.

PROF. MONIR: É porque na verdade você não tem nada. Você só tem aquilo que Deus deu.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p><i>1 Guardai-vos não façais as vossas boas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles: doutra sorte não tereis a recompensa da mão de vosso Pai, que está nos céus.</i></p>	<p>A misericórdia, cujo tratado finalizou o livro primeiro, segue-se a limpeza do coração, que inicia este outro livro. A limpeza do coração é como a do olho, com que se vê a Deus, olho cuja simplicidade temos de buscar com tanta diligência quanta é a dignidade do objeto que com ele podemos contemplar.</p> <p>Não obstante, nesta passagem em que proíbe nos proponhamos tal fim, a saber, que ajamos retamente só para que nos vejam os homens, após ter dito: Guardai-vos de fazer as vossas boas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles, não acrescenta Cristo mais nada. Isso prova que não proibiu o agir retamente diante dos homens, e sim que nos proponhamos como fim das nossas boas ações sermos vistos por eles, ou seja, que ponhamos nisso a nossa intenção e propósito.</p>

PROF. MONIR: O resumo da ópera: não é para você se esconder, é para você não se exhibir. Entenderam a diferença? Isso vale até para o modo como você veste uma roupa, vale para o modo como você escreve um livro. Tudo aquilo que tem valor para o mundo, tem que ter primeiro valor para o mundo de dentro, porque o mundo do espírito, na nossa existência material, está dentro e o mundo da matéria está fora. Do mesmo modo que a terra está embaixo e o céu está em cima, quando você reduz essas coisas à natureza humana, o que é do céu está dentro e o que é da terra está fora. Portanto é necessário encontrar o termo certo para você não ser um sujeito que só faz as coisas para se exhibir. Esse negócio de responsabilidade social, empresa responsável, no fundo, no fundo, é tudo aquilo que no Sermão da Montanha é chamado de hipocrisia. Não estou botando defeito em ninguém, só estou dizendo que sob o ponto de vista moral puro e simples não tem grande valor. Agora, é um estratagema para se livrar do fascismo reinante? Então faça, mas seria bom que você não se levasse muito a sério, pois essa caridade não sobe aos céus.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<i>2 Quando pois dás a esmola, na faças tocar a trombeta diante de ti, como praticam os hipócritas nas sinagogas, e nas ruas, para serem honrados dos homens. Em verdade vos digo, que eles já receberam a sua recompensa.</i>	Assim, na Igreja, como em toda a vida humana, aquele que ser tido pelo que não é, é um hipócrita. Finge-se justo, mas não pratica a justiça; porque põe todo o seu prêmio no louvor humano, o qual louvor podem conseguir os fingidores enquanto enganam os que, tomando-os por bons, os louvam. Tais fingidores, porém, não recebem recompensa de Deus, mas castigo pela sua falsidade.

PROF. MONIR: Não sobe aos céus. A caridade feita para aparecer não vai aos céus.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
3 Mas quando dás a esmola, não saibas a tua esquerda o que faz a tua direita:	Não saibas a tua esquerda o que faz a tua direita quer dizer não se te imiscua na consciência o desejo de louvor humano, quando mediante a esmola pretenderes cumprir o preceito divino.

PROF. MONIR: E agora vocês são finalmente capazes de entender isso! Essa expressão só é compreensível se você acredita que o século, ou seja, o mundo material, o mundo terrestre, não tem que saber o que faz a sua direita – a sua direita é o seu mundo espiritual. Compreenderam o sentido da esquerda e da direita? Não é a sua mão em si própria, não está falando de você. Está falando o seguinte: que aquilo que você faz em prol do céu não é alguma coisa que interesse ao século. Século, entendam como a vida material, a vida terrestre. Só dá para entender isso quando você compreende o que é a direita e a esquerda sob o ponto de vista da simbologia bíblica.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>4 para que a tua esmola fique escondida, e teu Pai, que vê o que tu fazes em secreto, te pagará.</p>	<p>Que significa este <i>em segredo</i> senão a mesma boa consciência, que aos olhos humanos não pode manifestar-se nem declarar-se mediante palavras, uma vez serem muitos os que mentem em demasia? Se portanto a mão direita atua interiormente, <i>em segredo</i>, à esquerda pertence todo o exterior, ou seja, o visível e temporal. Esteja pois a tua esmola na tua própria consciência, donde muitos darem esmola de boa vontade ainda que não tenham dinheiro nem nada mais que dar ao necessitado. Muitos o fazem exteriormente – não no seu interior – já que por ambição ou qualquer outro motivo de ordem temporal querem parecer misericordiosos; nestes atua tão-somente a mão esquerda.</p>

PROF. MONIR: Às vezes é diferente, como “em secreto” e “segredo”, porque do lado esquerdo a tradução é do padre Antonio Ferreira Figueiredo e do lado direito é do padre Matos. São dois tradutores diferentes, por isso que nem sempre coincidem as traduções.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>5 <i>E quando orais, não haveis de ser como os hipócritas, que gostam de orar em pé nas sinagogas, e nos cantos das ruas, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo, que eles já receberam a sua recompensa.</i></p>	<p>É supérfluo repetir tantas vezes a mesma coisa, uma vez que a regra que se deve observar é uma só: reze e evitar não que os homens nos conheçam as boas obras, mas o fazê-las com a intenção de que a recompensa nos seja o aplauso humano.</p> <p>Mantém o Senhor a mesma forma de expressão, quando, como anteriormente, acrescenta: <i>Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa</i>, dando-nos a entender com isso que o que Ele proíbe é a busca daquele galardão que constitui o deleite dos néscios ao serem louvados pelos homens.</p>

PROF. MONIR: É o *sic transit gloria mundi*, diziam os antigos – é desse jeito que passam as glórias do mundo.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>6 Mas tu quando orares, entra no teu aposento, e, fechada a porta, ora a teu Pai em secreto. E teu Pai, que vê o que se passa em secreto, te dará a paga.</p>	<p>Que quarto será este senão o vosso coração, quarto a que também se referem as palavras do Salmo: <i>Do que pensais nos vossos corações, compungi-vos no retiro dos vossos aposentos?</i> [Sal. IV, 5] É preciso pois fechar a porta, ou, o que é o mesmo, resistir aos sentidos carnis, a fim de que a oração espiritual se dirija ao Pai, na intimidade do coração em que a Ele se reza em segredo.</p>

PROF. MONIR: Não é para você entrar na sua casa, mas você ora para dentro, você ora para a sua interioridade, e não para a exterioridade.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>7 E quando orais não faleis muito, como os gentios: pois cuidam que pelo seu muito falar serão ouvidos.</p>	<p>Assim como é próprio dos hipócritas fazer-se notar quando oram, não pretendendo senão agradar aos mesmos homens, assim é próprio dos pagãos pensar que serão ouvidos a poder de palavras. E em verdade todo o palavrorio vem dos pagãos, que se preocupam mais em soltar a língua do que em purificar o coração.</p>

PROF. MONIR: O discurso não funciona porque o discurso é para o mundo e não é para o mundo interno, pois este é silencioso.

Evangelho de São Mateus - cap. 6	Comentários de Santo Agostinho
<p>8 <i>Não queirais portanto parecer-vos com eles: porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, primeiro que vós lho peçais.</i></p>	<p>Sim, porque se precisamos valer-nos de muitas palavras ao tentar ensinar ou instruir um ignorante, que necessidade temos delas quando se trata d'Aquele que conhece todas as coisas, a Quem todas falam pelo seu mero existir, proclamando que foram feitas justamente por Ele, e de cuja arte e sabedoria não se escondem as coisas futuras, estando antes nelas presentes, e não de passagem, todas quantas passaram e todas quantas hão de passar?</p> <p>Por que temos de empregar até estas mesmas poucas palavras, se Ele conhece todas as coisas antes de elas serem feitas, e, como dissemos, conhece aquilo de que necessitamos antes que Lho peçamos? A primeira resposta é que não devemos precisar de palavras, quando nos encontramos diante de Deus, para conseguir o que queremos, mas sim, tão-somente, de quanto acalentamos no espírito, e das intenções que nos informam o pensamento, com amor puro e afeto simples.</p>

PROF. MONIR: Deus já sabe de tudo de que você precisa. Pode ser que **você** não saiba do que você precisa.

No *Crátilo*, um diálogo delicioso de Platão, ele faz esse debate em termos filosóficos. E debate o seguinte: Será que quando alguém diz uma palavra, essa palavra em si representa o que a coisa é? Tem lá um sujeito chamado

Hermógenes, nome que significa “descendente de Hermes”. E Hermógenes está justamente dizendo que não tem nada a ver com Hermes, porque Hermes não se parece com ele. Hermes é o deus que conduz os mortos para o Hades, é quem traz as mensagens de Zeus, é o padroeiro dos comerciantes e o padroeiro dos ladrões. Como diz Hermógenes que não é nada disso, então ele acha que o nome não tem nada a ver disso. Mas Crátilo diz que se Hermógenes não tem nada a ver com Hermes e se chama assim, é porque não foi batizado de verdade. Sócrates, muito espertamente, ora concorda com um, ora com outro. Crátilo defende a ideia de que os nomes de fato representam as coisas. No final, Sócrates conclui muito precariamente (porque este é um diálogo aporético, um diálogo que não tem uma saída perfeita) que o que as coisas são, a gente não percebe pelas palavras. As palavras podem ajudar, mas o que as coisas são, nós as percebemos por uma espécie de intuição intelectual. É como se você olhasse para a coisa e visse o que é.

Por isso que eu digo que a melhor definição de filosofia é que filosofia é a arte de olhar e ver o que é – como que por intuição. É isso que Santo Agostinho está dizendo aqui também. Nós percebemos a verdade pela intuição e não pelas palavras. Aqui mais um paralelo muito interessante entre o mundo grego e o mundo judaico-cristão.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>9 Assim pois é que vós haveis de orar: <i>Pai nosso que estais nos céus: santificado seja o vosso nome.</i></p>	<p>Disseram-se muitas coisas em louvor de Deus, as quais, profusamente e extensamente esparzidas por todas as Santas Escrituras, qualquer pessoa pode ler e meditar; mas nestas não se encontra um só lugar em que se ordene ao povo de Israel que diga <i>Pai nosso</i> ou ore a Deus <i>Pai</i>, e isso porque o Senhor se manifestou a ele como a servidores, ou seja, como a quem vivia ainda segundo a carne.</p> <p>Com efeito, que poderá Ele negar agora aos filhos que Lhe pedem, tendo-lhes outorgado antes que fossem filhos? Por fim, qual não será a solicitude daquele que diz <i>Pai nosso</i> para não ser indigno de tão grande Pai?</p>

PROF. MONIR: Viram que coisa extraordinária? O ponto de vista judaico é completamente diferente do ponto de vista cristão. Por que? Porque a velha aliança vai até certo ponto. A nova aliança, esta nossa, é que estabelece essa ideia da ação amorosa do Pai com relação ao Filho. No Velho Testamento, em nenhum momento Deus é chamado de Pai, embora Ele o seja. Ainda será simbolicamente. Mas há aqui alguma coisa diferente que está sendo inaugurada por Jesus Cristo.

Eu disse a vocês, que Jesus Cristo não é apenas um homem, ele é o modelo de ser humano. Jesus Cristo representa o ser humano na sua estruturação ideal. Ele é o modelo humano, falando platonicamente. O modelo, a ideia, a forma humana é Jesus Cristo. Ele é mais do que um ser real, Ele é a própria forma humana. E sendo assim, Ele aceita a condição de criatura na plenitude.

Agora, como nós somos filhos, temos direitos especiais: podemos explorar um pouco a paciência de nosso Pai.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>10 Venha a nós o vosso reino. Seja feita a vossa vontade, assim na terra, como no céu.</p>	<p>Venha, portanto, é o mesmo que dizer seja manifestado aos homens. Assim como a luz presente está ausente para os cegos e para os que fecham os olhos, assim o reino de Deus, embora nunca se ausente da terra, está porém ausente para os que o ignoram. Não obstante, ninguém ignorará o reino de Deus quando o seu Unigênito, não só de maneira inteligível mas também de maneira visível ao homem do Senhor, vier do céu a julgar os vivos e os mortos.</p>

	<p>Por isso, após pedir Venha a nós o vosso reino, pedimos: Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu, ou seja, assim como se cumpre a vossa vontade nos anjos que estão no céu, e que se unem totalmente a vós e desfrutam de vós, sem nenhum erro que lhes tolde a sabedoria, nem infelicidade nenhuma que lhes diminua a ventura, assim aconteça nos vossos santos que estão na terra, que foram feitos de terra quanto ao corpo e que hão de ser levados da terra, para entrar na vossa imutável e celeste morada.</p>
	<p>Tampouco se opõe à verdade compreender as palavras Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu deste modo: assim como no próprio Senhor nosso, assim também na Igreja; assim como no varão que cumpriu a vontade do Pai, assim também na mulher que casou com ele, uma vez que o céu e a terra podem perfeitamente conceber-se, respectivamente, como varão e mulher, porque a terra é frutuosa mediante a fecundação do céu.</p>

PROF. MONIR: Pronto! Aí vocês têm a explicação do que é família: é a fecundação da terra pelo céu. Isso é família, é por essa razão que o pai representa o espírito e a mãe representa a terra. Ambos são legítimos nas suas respectivas identidades, porque temos uma existência física e uma existência espiritual. É somente essa completude que permite que a vida humana aconteça. Não sei se vocês perceberam – há incríveis simbologias em toda a literatura. Toda a literatura lida com esse assunto assim, por mais que seja inconsciente. O autor não está escrevendo isso porque ele ouviu uma aula que eu dei, ou porque ele leu Santo Agostinho, mas porque é da natureza humana – está implícita na própria existência humana a percepção dessas coisas automaticamente. Essa junção do céu com a terra é a história da existência humana.

Quando o Sr. Luc Ferry reclama que não quer o cristianismo porque o acha bárbaro, acha que o cristianismo é mau, e quer colocar a família no lugar... Ora, Meu Deus, mas onde ele vai arrumar uma família que não tenha base religiosa? O conceito de família é absolutamente religioso. Não há como sair dele. O casamento do homem com a mulher é o casamento do céu com a terra. Por isso o casamento gay – viável ou não no civil – sob o ponto de vista ontológico é absolutamente frustrado.

O William Blake, um grande e extraordinário poeta inglês, tem uma poesia maravilhosa sobre isso chamada *O Casamento do Céu e da Terra*. Como resolvemos a polaridade? Ela só é solúvel se nós casarmos o céu com a terra. Por isso existe essa diferenciação de gêneros, de sexos, se preferirem chamar assim. No casamento se manifesta no pequeno âmbito essa capacidade

de síntese imprescindível para que a vida humana possa se realizar. O fato de que alguém não se casou implica em desmerecimento? Não, porque estamos falando de acidente e não da essência, portanto há uma porção de circunstâncias diferentes disso, mas a essência continua lá presente.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
11 <i>O pão nosso, necessário à nossa subsistência, nos dá hoje.</i>	Resta, portanto, que por <i>pão nosso de cada dia</i> entendamos o pão espiritual, ou seja, os mandamentos divinos que diariamente temos de meditar e cumprir. Chama-se <i>de cada dia</i> a este pão agora, enquanto perdura esta vida temporal ao longo de dias que se sucedem uns aos outros. E, em verdade, enquanto a alma se inclinar algumas vezes para as coisas do alto e outras vezes para as coisas de baixo, ou seja, agora para o espiritual e em seguida para o carnal, terá diariamente necessidade de nutrir-se deste pão, ora para saciar a sua fome, ora para fortalecer-se após as quedas, do mesmo modo que aquele que algumas vezes se alimenta padece outras vezes fome.

PROF. MONIR: Novamente a submissão da terra ao céu. Por isso que lá no Gênesis, quando Deus cria o ser humano, manda a mulher obedecer ao homem. Mandar a mulher obedecer ao homem não é um mandamento

concreto. Primeiro porque é impossível isso na prática. Deus devia saber disso! Na prática isso é apenas um delírio.

ALUNOS: *[risos]*

PROF. MONIR: Em segundo lugar, não é a mulher quem obedece ao homem, é a terra que tem que obedecer ao céu, senão não dá certo. Esse é o problema, é isso que está escrito lá. Mas as Bíblias modernas resolvem tirar isso do texto, o padre não fala mais isso na igreja porque vai ofender as mulheres... É tudo muito infantil. Quando a gente perde a capacidade de entender as coisas simbolicamente, nós nos transformamos numa personagens de piada. O que é personagem de piada? É aquele sujeito que não entende nada do sentido verdadeiro, está sempre iludido com as aparências das palavras. Pois é isto que nós fizemos! Esse é o desastre intelectual que fizemos quando paramos de aceitar a simbologia daquilo que é dito. Se há abundância de simbologia em Shakespeare, num livro religioso, então, só tem simbologia.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>12 <i>E perdoai as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores.</i></p>	<p>É patente que por dívidas se compreendem aqui os pecados, como deu a entender o próprio Senhor por estas palavras: <i>Não sairás de lá antes de ter pago o último quadrante.</i> [Mat., V, 26], e também por chamar devedores àqueles cuja morte, que Lhe fora anunciada, se dera ou pelo desabamento da torre, ou porque Herodes lhes misturara o sangue com o dos seus próprios sacrifícios.</p> <p>Não se ordena, nesta passagem, que cada um perdoe a dívida aos devedores, mas sim qualquer pecado que outrem tenha cometido contra ele; porque ao perdão das dívidas se refere outro preceito, que já tratamos: <i>Ao que quer chamar-te a juízo e tirar-te a tua túnica, cede-lhe também a capa.</i> [Mat., V, 40].</p> <p>Donde podermos depreender que, quando neste quinto pedido dizemos: <i>Perdoai as nossas dívidas</i>, não se trata de dinheiro, mas de qualquer ofensa que se possa cometer contra nós, e conseqüentemente também em assunto pecuniário, porque peca contra ti aquele que, tendo dinheiro, se recusa a pagar-te o que deve.</p>

PROF. MONIR: “Quadrante” é a tradução que fez o padre Matos para o ceitel que estava no texto do outro padre. Quer dizer o último pedacinho de dívida.

No trecho “*peca contra ti aquele que, tendo dinheiro, se recusa a pagar-te o que deve*”, a pessoa não peca por causa do dinheiro em si, mas pela ofensa em si.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>13 <i>E não nos deixeis cair em tentação. Mas livrai-nos do mal, amém.</i></p>	<p>Não pedimos aqui, por conseguinte, que não sejamos tentados, e sim que não caiamos em tentação, assim como alguém que tivesse que padecer a pena do fogo pedisse não que não o tocassem as chamas, mas que não o queimassem. Assim como o forno prova os vasos do oleiro, assim a tentação e a tribulação o fazem ao homem justo. [Ecco., VII,6].</p> <p>Assim, tenta Satanás os homens não por seu próprio poder, mas com a permissão de Deus, a qual é dada quer para que os homens sejam punidos pelos seus próprios pecados, quer para que sejam provados e experimentados de acordo com a misericórdia do Senhor.</p>

PROF. MONIR: Por isso que eu disse que o diabo, metafisicamente falando, é uma espécie de *personal trainer*. Ele não pode estar fora do esquema geral das coisas. Você não pode imaginar que o diabo seja uma entidade autônoma que saiu do cosmos – isso é completamente absurdo! Se o diabo existe, ele existe em função de algum aspecto. Anjos existem? Existem! E o que são anjos? Anjos são aspectos da mente de Deus.

Sob o ponto de vista cristão, quando a gente morre, a gente desaparece de todos os lugares, exceto de um. Nós deixamos aqui um corpo que se desfaz, deixamos uma psique que também se desfaz – esta psique é o que gera esses fenômenos chamados espiritistas – tudo isto se desfaz, nós sumimos de todos os lugares e ficamos somente na mente de Deus, na memória de Deus. No dia do Juízo Final, Deus nos ressuscita se quiser. Essa é a perspectiva cristã, que o padre deveria contar para você. Se não está contando, devia contar isso. Os cristãos acham que é assim.

O diabo tem de ser de alguma forma um anjo. De fato é, e é descrito como tal. O diabo é um aspecto da mente de Deus que de alguma maneira resiste ao ser humano. Não porque Deus não gosta de nós, mas resiste ao ser humano do mesmo modo que um milionário que, achando que vai morrer, não quer deixar trezentos milhões de dólares para o filho vagabundo que vai torrar todo o dinheiro cheirando cocaína. Então ele faz um testamento dizendo: “Deixo trezentos milhões de dólares para o meu gato Félix; deixo um dólar para o fulano. Mas se o fulano fizer isso e aquilo, ficar três dias sem beber, ficar uma semana sem tomar cocaína, parar de bater na namorada, aí eu dou dez dólares; se ficar seis dias....” e aí vai criando uma escala de méritos. E aí até deixa tudo para ele, se o fulano ficar bom. O diabo é equivalente a isso. É uma entidade metafísica que metafisicamente tem que estar

completamente ajustada aos planos divinos. Ele não pode ser uma entidade rebelde, em última análise, porque Deus não pode ter nenhuma rebeldia contra si. No mundo físico, concreto, o diabo é aquele negócio do filme *O Exorcista*. Mas no mundo metafísico não pode ser isso, de jeito nenhum. Quem está dizendo não sou eu, é Santo Agostinho.

ALUNO: *[Lendo] Assim, tenta Satanás os homens não por seu próprio poder, mas com a permissão de Deus,*

PROF. MONIR: **Com a permissão de Deus!** Deus tem que autorizar, de alguma maneira. Por isso no *Livro de Jó* toda aquela confusão começa quando Deus autoriza que o diabo persiga Jó. E também é assim no *Fausto* de Goethe. O livro começa com o prólogo no céu, onde o diabo entra num acordo com Deus para tentar Fausto.

ALUNO: *[Lendo] a qual é dada quer para que os homens sejam punidos pelos seus próprios pecados, quer para que sejam provados e experimentados de acordo com a misericórdia do Senhor.*

PROF. MONIR: Portanto, o diabo é uma espécie de *personal trainer* de desgraça.

ALUNA: Então o diabo é submisso a Deus, e uma força muito menor? Uma força do mal, bem mais fraca?

PROF. MONIR: Muito menor, porque no fundo ele é apenas um auxiliar. Deus mantém o controle do processo. No caso de Jó, Deus diz assim: “Eu estou querendo ver se o meu filho Jó gosta de mim mesmo. Então, diabo, vá lá e

faça o que você quiser com ele". Aí o diabo faz misérias com o pobre coitado. Mata todos os filhos, mata todos os rebanhos. Ele acaba pelado, cheio de chagas de uma doença contagiosa, raspando as chagas com caco de telha. Isso tudo foi autorizado por Deus. Depois quando Jó se rebela, Deus diz assim pra ele: "Quem é você para se rebelar? Você tem alguma ideia do que Eu estou pensando? Onde você estava quando Eu criei o céu e a terra? O que você sabe fazer? Está vendo aquela árvore? Faça uma árvore igual, quero ver!" Deus dá uma bronca nele. Como recua envergonhadíssimo, Jó recebe tudo de volta, incluindo filhos novos. É claro que os filhos novos não são como os velhos, mas sobre isso nós temos que aceitar o seguinte: se Deus sacrificará o próprio Filho mais tarde, porque Jó não pode sacrificar os dele? Enfim, no céu todos se reencontrarão.

Então o que acontece é que o diabo não pode ser visto como um ser maligno no âmbito metafísico. No âmbito físico, sim, mas no âmbito metafísico não pode, porque é ilógico. É preciso nunca esquecer que Santo Agostinho não é apenas um padre, um religioso. Ele é um filósofo.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
14 <i>Porque se vós perdoardes aos homens as ofensas que tendes deles: também vosso Pai celestial vos perdoará os vossos pecados.</i>	De fato, temos de orar não somente para ser preservados do mal que não padecemos, o que fazemos no sexto pedido, mas também para ser libertados do mal que já nos afeta.
15 <i>Mas se não perdoardes aos homens: tampouco vosso Pai vos perdoará os vossos pecados.</i>	Não nos deve passar despercebido que, de todas estas frases com que nos mandou rezar o Senhor, julgou Ele que a referente ao perdão dos pecados é a que mais nos havia de recomendar; nela nos exorta a que sejamos misericordiosos, o que é a única forma de nos livrarmos das nossas misérias. Não é senão nesta frase que rezamos fazendo um pacto com Deus, pois que aqui dizemos: <i>Perdoai-nos como nós perdoamos.</i>

PROF. MONIR: Neste ponto está a essência do cristianismo todo. O que está dito aí é uma coisa que eu vou tentar traduzir com palavras bem mais simples. Seja o que for que você faça na sua vida, seja qual for o tipo de vida que você tenha levado, seja qual for o sucesso que você tenha na sua vida, seja qual for o patrimônio que você gerou, as contribuições que você gerou à ciência, à filosofia, à arquitetura, às artes – no fundo, no fundo no Juízo Final só vai valer uma única coisa: o quanto você foi capaz de amar os outros. Ponto. **Acabou.** Não tem nenhuma outra coisa que possa ser maior do que esta. É a única coisa mensurável.

O resto são coisas circunstanciais. Se você recebeu um dom para tocar violino, ótimo. Você fez bem em aprender e ser um bom violinista. Você é um sujeito que joga bem futebol? Tá ótimo, você teve bom senso em escolher esta carreira. Você tinha capacidade de ser um bom poeta e foi ser garçom? Ah, que pena, mas também a sua vida não será pior ou melhor por causa disso. Tudo isso são circunstâncias da vida, completamente acessórias. No fundo, no fundo, o que vai valer é simplesmente esta regra: quanto é que você amou de fato! É por isso que ser misericordioso é de todos os conselhos o melhor. É isso que fará a diferença entre a vida eterna ou não de acordo com a ideia do cristianismo, segundo Santo Agostinho.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>16 <i>E quando jejuais, não vos ponhais tristes como os hipócritas: porque eles desfiguram os seus rostos, para ver aos homens, que jejuam. Na verdade vos digo, que já receberam a sua recompensa.</i></p> <p>17 <i>Mas tu, quando jejuas, unge a tua cabeça, e lava o teu rosto.</i></p> <p>18 <i>A fim de que não pareças aos homens que jejuas, mas somente a teu Pai está presente a tudo o que há de mais secreto; e teu Pai que vê o que se passa em secreto te dará a paga.</i></p>	<p>Depreende-se destas palavras que toda a nossa intenção há de voltar-se para o gozo interior, sem que, buscando um prêmio exterior, adiramos a este século e percamos a promessa da bem-aventurança, a qual será tão mais firme e sólida quão mais interna for, e em virtude da qual nos elegeru Deus para que nos tornássemos conformes à imagem de seu Filho. [Rom., VIII, 29]</p> <p>E nem pelo fato de os fingidores adotarem aparência humilde para seduzir os incautos deve o cristão buscar agradar com adorno supérfluo o olhar dos outros: os cordeiros não devem desprender-se da sua pele só porque uma que outra vez os lobos se cobrem com ela. Assim também lavará o rosto, ou seja, limpará o coração, aquele que há de ver a Deus sem nenhum véu da enfermidade contraída na imundície, mas com a firmeza e a estabilidade que a limpeza e a simplicidade conferem.</p>

PROF. MONIR: Aderir ao século não significa ser do século XX, ou do século VIII. Aderir ao século significa aderir à matéria, ao mundo material. “Século” significa mundo material. Lembram-se do *Réquiem* de Mozart? Tem a frase *solvat saeculum in favilla*, que quer dizer que Deus irá dissolver o mundo em cinzas no dia do Juízo Final – esse mundo material e concreto. Por isso que

o padre que não está no mosteiro se chama padre secular, porque ele vive dentro do mundo real, com as pessoas que têm vida real. Nesse sentido.

Entenderam? Não é porque se usa a religião para ser hipócrita que você não deve ter nenhuma religião. O cordeiro não deve perder a sua pele e jogá-la fora, só porque o lobo a usa.

Resumindo: é preciso ser autêntico.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
19 Não queirais entesourar para vós tesouros na terra: onde a ferrugem, e a traça os consome: e onde os ladrões desenterram, e roubam. 20 Mas entesourai para vós tesouros no céu: onde não os consome a ferrugem, nem a traça, e onde os ladrões não os desenterram, nem roubam. 21 Porque onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração.	Algo se suja quando se mistura com uma natureza inferior, ainda que esta não seja suja no seu gênero. Assim, o ouro se mancha se se mistura com a prata pura; assim também a nossa alma se mancha com os desejos terrenos, ainda que a mesma terra seja limpa no seu gênero e na sua ordem. Por céu não havemos de entender aqui nada temporal, pois que todo o corpóreo é terra. Aquele que entesoura para si no céu deve desprezar o mundo todo. E por isso devemos constituir e pôr o nosso tesouro naquele céu de que se disse: <i>O mais alto dos céus é para o Senhor.</i> [Sal., CXIII, 16], ou seja, no firmamento espiritual; não naquele que passará, mas naquele que permanecerá para sempre: <i>O céu e a terra passarão.</i> [Mat., XXIV, 35]

ALUNA: [*Lendo*] Onde está o teu tesouro, aí está o teu coração.

PROF. MONIR: E vice-versa: onde está teu coração, está o teu tesouro. Ou seja, quando você quer saber o que te interessa na vida mesmo, para saber onde está o teu coração, é perguntar: “Do que eu gosto, afinal de contas?” Quando você pergunta isso, você sabe como você é.

Cuidado, porque os desejos terrenos são legítimos em parte e ilegítimos em outra. Há dentro da ideia da terrenalidade uma legitimidade de desejo, e outra que não. Portanto quando digo para vocês que a vida humana é esse contraste conflituoso, esta tensão entre o céu e a terra, não estou dizendo que devemos abandonar a terra, porque isso não é possível sob o ponto de vista real e concreto. Nós continuamos sendo terrenos. O problema é saber se nossos desejos terrenos são legítimos ou não. Ou seja, qual é a legitimidade dos nossos desejos? Essa é a questão. Você não pode manchar o céu com os desejos ilegítimos da terra, porque aí você inverte as duas coisas e gera o problema que você não quer ter.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p><i>22 O teu olho é a luz do teu corpo. Se o teu olho for simples: todo o teu corpo será luminoso. 23 Mas se o teu olho for mau: todo o teu corpo estará em trevas. Se pois a luz, que em ti há, são trevas: quão grandes não serão essas mesmas trevas?</i></p>	<p>O sentido deste passo é que nos temos de persuadir de que todas as nossas obras serão limpas e agradáveis aos olhos de Deus se forem feitas com coração simples, o seja, com intenção sobrenatural e com o fim da caridade, uma vez que o amor é o cumprimento da lei. [Rom., XIII, 10]. Assim, não se deve levar em conta o que fazemos, mas sim com que intenção o fazemos. Para nós a intenção é como uma luz, pois nos manifesta que fazemos com boa intenção o que fazemos; porque tudo quanto se manifesta é luz. [Ef., V, 13] As ações, porém, que procedem de nós para os nossos semelhantes têm fim incerto, e por isso chamou-lhes Cristo trevas. Com efeito, não sei, quando dou uma esmola ao necessitado ou ao que pede, o que haverá de fazer ou sofrer por ela.</p>
	<p>Pode acontecer ou que com ela faça algo mau, ou que por causa dela sofra algum mal, o que ao dar-lhe eu não desejava, dando-lha, pois, não com tal intenção. E, assim, se agi com boa intenção, ela me era conhecida enquanto eu agia, e por isso é chamada luz; e também me fica iluminada a obra, seja qual for o seu resultado; mas este resultado, por incerto e desconhecido, é chamado trevas.</p>

	<p>Ou seja, se a própria intenção do coração, a intenção com que fazes o que fazes, e que te é conhecida, for maculada e eneguecida pelo apetite das coisas terrenas e temporais, quão mais sórdido e tenebroso não será o resultado, que desconheces? Sim, porque, ainda que resulte algum bem da obra que não praticas com intenção limpa e reta, a ti te será tal obra imputada não pelo seu resultado, mas pela intenção que nela puseste.</p>
--	--

PROF. MONIR: Santo Agostinho está dizendo que, no fundo, é a intenção que estabelece tudo. Todo o mérito de tudo é a sua intenção.

Você fez por amor de verdade? Então tá bom, não tem problema, é aceitável. Mas você fez porque queria ser mau? Mesmo que tenha dado certo no final, você não agiu bem. Por este hábito você é condenado.

Por isso eu lhes disse que a verdadeira intenção do Gregers, personagem de *O Pato Selvagem*, não era na verdade esclarecer a vida do outro, mas vingar-se do seu pai. E que a intenção do Etzel Andergast, no livro *O Processo Maurizius*, não era produzir a justiça, mas era vingar-se também do pai que havia mandado a mãe embora de casa, quando a pegou em adultério. Logo quando eu disse para vocês que havia uma ilegitimidade naquelas duas defesas da verdade, eu estava só esperando que Santo Agostinho aparecesse aqui agora para confirmar isso com sua chancela de santo, que

eu não tenho – aliás, estou muitíssimo longe, [rindo-se] mesmo da proposta... Compreenderam como a gente entende agora tanto *O Pato Selvagem* como *O Processo Maurizius*? – os nossos dois livros anteriores, que agora ficam plenamente esclarecidos a partir da interpretação de Santo Agostinho.

ALUNO: [Lendo] *E, assim, se agi com boa intenção, ela me era conhecida enquanto eu agia, e por isso é chamada luz; e também me fica iluminada a obra, seja qual for o seu resultado; mas este resultado, por incerto e desconhecido, é chamado trevas. Ou seja, se a própria intenção do coração, a intenção com que fazes o que fazes, e que te é conhecida, for maculada e eneguecida pelo apetite das coisas terrenas e temporais, quão mais sórdido e tenebroso não será o resultado, que desconheces?*

PROF. MONIR: É, no caso de *O Pato Selvagem* acabou com a família, matou a menina – uma das coisas mais tristes que eu já li na minha vida. No caso de *O Processo Maurizius* destruiu a carreira do pai. Porque a intenção estava maculada desde o início por algum processo ilegítimo.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
24 Ninguém pode servir a dois senhores: porque ou há de aborrecer um, e amar outro: ou há de acomodar-se a este, e desprezar aquele. Não podeis servir a Deus, e às riquezas. _	Os Hebreus chamam a <i>mammona</i> à riqueza, enquanto no idioma púnico é <i>Mammon</i> o nome para lucro ou ganho; e quem serve ao <i>mammonae</i> serve em verdade àquele que, posto à frente dos negócios temporais, é em razão da sua perversidade chamado pelo Senhor <i>príncipe deste mundo</i> . [Jo., XII, 31; XIV, 30].

PROF. MONIR: A CNBB acha que isto significa o seguinte: “Abaixo o capitalismo!”

ALUNOS: *[risos]*

PROF. MONIR: A interpretação da CNBB do versículo 24 é “abaixo o capitalismo”. E aí faz todo o mundo de palhaço com essa conversinha fiada. Eu não sei como vocês aguentam um negócio desse. É um negócio assim tão depreciativo do próprio cristianismo! O que esta CNBB inventa são coisas tão infantiloides, é tão ridículo, que chega a ser diabólico. Não é possível que tenha gente tão infantil e tão trouxa assim, a ponto de acreditar na CNBB... Não é isso que Ele está dizendo aqui. O sentido disso é muito mais profundo e muito mais sério do que o sentido que a CNBB quer dar.

ALUNO: *[Lendo] Os Hebreus chamam a mammona à riqueza, enquanto no idioma púnico é Mammon o nome para lucro ou ganho;*

PROF. MONIR: A CNBB poderia ter dito: não se pode servir a Deus e as *mammonas*⁶, *teria* ficado muito mais adequado sob o ponto de vista do espírito da Campanha da Fraternidade.⁷

6 Nota da revisora da transcrição – O professor faz referência ao Mamonas Assassinas, uma banda nacional de rock cômico formada em 1990, que alcançou grande sucesso em 1995 a partir da gravação de um álbum com músicas irreverentes, de gênero popular. A banda acabou em 1996, quando o grupo sofreu um acidente aéreo que ocasionou a morte de todos os seus integrantes. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mamonas_Assassinas. Acesso em 09.nov.2017.

7 Nota da revisora da transcrição – O professor se refere à Campanha da Fraternidade de 2010, lançada pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que se chamava “Economia

ALUNO: [Lendo] *e quem serve ao mammonae serve em verdade àquele que, posto à frente dos negócios temporais, é em razão da sua perversidade chamado pelo Senhor príncipe deste mundo. [Jo., XII, 31; XIV, 30].*

PROF. MONIR: Ou seja, aquele que está servindo o processo temporal é filho do diabo. O príncipe deste mundo é o diabo. Mas quando você está preocupado em dizer que só interessa mesmo o dinheiro do Olavo Setúbal, você está fazendo exatamente o jogo do príncipe deste mundo! Ou seja, interpretar este versículo da Bíblia como sendo um repúdio ao capitalismo é dar demasiada importância ao capitalismo. Dar importância demasiada ao capitalismo é justamente fazer o jogo do demônio, que é aquele que não quer que se veja que a matéria está abaixo do espírito, e não o contrário. Portanto não há nada mais naturalmente demoníaco do que isso que se fez aí agora, nesse negócio das “*mamomas assassinas*” da CNBB.

Vocês estão entendendo como se consegue emburrecer? O problema da vida é o seguinte: para ser inteligente é uma dificuldade tremenda. É como se a inteligência sofresse assim, como dizem os economistas, do problema dos ganhos decrescentes por escala. Agora burrice não tem ponto de inflexão. A gente sempre consegue ser mais burro do que ontem com a maior facilidade do mundo. Então a burrice é liberada. A inteligência não.

ALUNA: [Sugere que a burrice é intencional.]

e Vida” e tinha o lema “Vós não podeis servir a Deus e ao dinheiro” – capítulo 6, versículo 24 do Evangelho de São Mateus.

PROF. MONIR: Acho que a maioria dos padres é ingênua. É gente que não estudou o que deveria ter estudado, não leram Santo Agostinho, e então eles não sabem o que dizem. E aí são mais ou menos cooptados pelos ideólogos.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<i>25 Portanto vos digo, não andeis cuidadosos da vossa vida, que comereis, nem para o vosso corpo, que vestíreis. Não é mais a alma que a comida? E o corpo mais que o vestido?</i>	O Senhor, no entanto, nos exorta a lembrar que o que Deus nos dá ao criar-nos e ao nos unir a alma ao corpo é muito mais que o alimento e o vestido, por cujo cuidado não quer que se nos divida o coração. <i>Porventura – diz-nos Nosso Senhor – não vale mais a vida que o alimento?</i> [Mat., VI, 25], querendo fazer-nos compreender que quem nos deu a alma nos dará muito mais facilmente o alimento. <i>E o corpo – prossegue – não é mais que o vestido?</i> [Mat., VI, 25], querendo fazer-nos compreender que Aquele que nos deu o corpo nos dará com muito maior facilidade o vestido.

PROF. MONIR: Santo Agostinho está dizendo que esse versículo implica no estabelecimento de uma hierarquia de valores, que começa com as coisas de cima para as coisas de baixo – nunca ao contrário.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>26 <i>Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem fazem provimentos nos celeiros: e contudo vosso Pai celestial as sustenta. Porventura não sois vós muito mais do que elas?</i></p>	<p>Ou seja: Não valeis mais vós? O animal racional, com efeito, ocupa na ordem da natureza lugar mais elevado que o dos irracionais, como são as aves.</p>
<p>27 <i>E qual de vós percorrendo pode acrescentar um côvado à sua estatura?</i></p>	<p>Ou seja: Aquele a cujo poder e domínio se deve que o vosso corpo tenha tal estatura pode, igualmente, com a sua providência, vesti-lo; e um sinal de que não se deve a vós que o vosso corpo tenha tal estatura é que não podeis acrescentar um côvado a ela, por mais que queirais e vos esforceis. Deixai, portanto, o cuidado de vos cobrir o corpo a Aquele a cujo poder se deve ter o vosso corpo a estatura que tem.</p>

PROF. MONIR: “*Segam*” é colhem. Um côvado são 45 cm. Você não consegue aumentar a sua estatura, então você deve deixar isso para quem pode. (Deus fala a mesma coisa para Jó.)

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>28 <i>E por que andais vós solícitos pelo vestido? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham, nem fiam. 29 Digo-vos mais, que nem Salomão em toda a sua glória se cobriu jamais como um destes. 30 Pois se ao feno do campo, que hoje é, e amanhã é lançado no forno, Deus veste assim: quanto mais a vós, homens de pouca fé?</i></p>	<p>(...) mas quis aqui o Senhor <i>deduzíssemos</i> quanto se preocupa Ele, que é bom e justo, com os que a Ele recorrem suplicantes, uma vez eu até um homem tão injusto, ainda que tão-somente para livrar-se do incômodo, não pôde afinal repelir quem instantemente lhe dirigia as suas súplicas.</p>
<p>31 <i>Não vos aflijais pois, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos cobriremos? 32 Porque os gentios é que se cansam por estas coisas. Porquanto vosso Pai sabe que tendes necessidade de todas elas. 33 Buscai pois primeiramente o reino de Deus, e a sua justiça: e todas estas coisas se vos acrescentarão.</i></p>	<p>O reino de Deus e a sua justiça são, por conseguinte, bens nossos que devemos buscar e considerar como o fim por que temos de fazer quanto pudermos. Como porém nesta vida militamos para poder chegar àquele reino, e nela necessitamos de algumas coisas para subsistir, diz-nos Nosso Senhor: <i>estas coisas vos serão dadas por acréscimo; mas buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça.</i></p>
<p>34 <i>E assim não andeis inquietos pelo dia de amanhã. Porque o dia de amanhã a si mesmo trará seu cuidado. Ao dia basta a sua própria aflição.</i></p>	<p>Logo, quando fizermos algum bem, pensemos não nas coisas temporais, mas nas eternas, e assim nos será boa, nos será perfeita a obra.</p>

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 7	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>1 Não queirais julgar, para que não sejais julgados.</p>	<p>E, dado que não se sabe com que intenção procedem os homens ao buscar as coisas necessárias para o futuro, ou ao reservá-las quando não há necessidade de as consumir imediatamente, uma vez que as podem buscar ou reservar com coração simples ou com coração dúplice, disse muito bem o Senhor em continuação: <i>Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, segundo o juízo com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também a vós.</i> [Mat., VII, 1-2]</p> <p>Em suma, julguemos dos atos manifestos, e deixemos para Deus o juízo dos ocultos: estes, sejam bons ou sejam maus, poderão permanecer ignorados até chegar o tempo de se manifestarem.</p> <p>Há duas ocasiões em que devemos evitar o juízo temerário: quando não se sabe com certeza com que intenção se fez uma coisa, e quando se ignora como será futuramente o que agora aparece como bom ou mau. Assim, por exemplo, se alguém, queixando-se do estômago, deixou de jejuar, e tu, não acreditando nele, o atribuíste à glotonaria, terás julgado temerariamente. Da mesma forma, se percebes em alguém se manifesta glotonaria ou vício de bebida, e o repreendes como se nunca pudesse corrigir-se ou mudar, não menos terás julgado temerariamente.</p>

PROF. MONIR: O coração dúplice é aquele com segundas intenções. O coração simples é com aquela espontaneidade amorosa.

Para podermos entender o que está escrito aqui agora, temos que entender o seguinte:

Há dois tipos de mistérios: os grandes e os pequenos mistérios. Os pequenos mistérios são os cosmológicos, aqueles associados ao cosmos, à ordem geral das coisas materiais, às coisas que pesquisamos como cientistas, por exemplo. Mas existem os grandes mistérios, que são as coisas associadas a Deus. E esses grandes mistérios são impenetráveis.

O que ele está pedindo é para não fazer o seguinte: por exemplo, aparece um sujeito na cadeira de rodas, e vem alguém criar a teoria de que ele está daquele jeito porque em outra vida ele atropelou alguém, fugiu, não deu assistência à vítima e por isso nasceu paraplégico nessa. Se você é espiritista e acha isso, você não está sendo cristão, e então não tem o direito de me dizer que é cristão. Do ponto de vista cristão, isso é uma barbaridade gigantesca! Porque, afinal de contas, isso significa dizer que você lê a mente de Deus, sabe dos desígnios da divindade, que sabe tudo que irá acontecer e não está admitindo nenhum outro mundo a não ser este. Porque quando se fica por aí discursando que aqui se faz e aqui se paga, se está dizendo que há somente uma única referência existencial, que é este mundo. Ora, mas isso não é ser cristão. É justamente o contrário! Isso é ser materialista! Portanto não temos o direito de fazer tal declaração sendo cristãos. Porque existem coisas misteriosas que nunca se compreenderão, nem mesmo talvez no próprio Juízo Final. Há que se partir do pressuposto de que a realidade, tal

como ela é, na sua plenitude, nos é vedada. Não temos condições de saber como as coisas são nem no que elas se tornarão. Por isso é que não devemos julgar, para não sermos julgados.

ALUNO: [Lendo] Há duas ocasiões em que devemos evitar o juízo temerário: quando não se sabe com certeza com que intenção se fez uma coisa, e quando se ignora como será futuramente o que agora aparece como bom ou mau. Assim, por exemplo, se alguém, queixando-se do estômago, deixou de jejuar, e tu, não acreditando nele, o atribuíste à glotonaria, terás julgado temerariamente.

PROF. MONIR: Você cometeu uma injustiça porque julgou sem saber alguma coisa que estava oculta. Mas isso no caso de alguém que está com um problema físico é muito mais fácil de descobrir. Agora imagine uma criança que nasceu sem cérebro. A imprensa começou uma conversa de que seria um absurdo manter aquela criança viva. Se não tem cérebro, por que mantê-la viva? Qual o raciocínio que está por trás disso? Ela não vai poder ter conta no banco, não terá cartão de crédito, nem celular... então pra quê viver? Vocês percebem a barbaridade que é uma coisa dessas? Como você pode julgar se aquela criança deve viver ou não, se você não conhece o plano de Deus para aquela criança? Você não tem a menor ideia. Você não é Deus! Você não sabe o plano de Deus, portanto não se meta a julgar isso! E se há uma pessoa vivendo em coma, por aparelhos, você sabe se é para desligar o aparelho ou não? Como você sabe uma coisa dessas? Você não sabe o plano de Deus! Portanto, não se meta a julgar isso, só porque você acha, de acordo com a sua perspectiva humanitária, que determinada pessoa não deveria viver. No tempo de Santo Agostinho uma coisa dessas nem era cogitada. Hoje, se fizerem um plebiscito, é muito capaz de votarem que as pessoas estropiadas devem ser condenadas à morte. Só porque nós achamos que

essa gente não vai à academia, não compra automóvel... portanto, essas pessoas não merecem mais viver. Vocês percebem que isso é um equívoco de tamanho gigantesco? Santo Agostinho aqui está dizendo para não fazer isso.

ALUNO: [*Lendo*] *Da mesma forma, se percebes em alguém se manifesta glotonaria ou vício de bebida, e o repreendes como se nunca pudesse corrigir-se ou mudar, não menos terás julgado temerariamente.*

PROF. MONIR: Quer dizer, você está supondo que o sujeito não se emenda. Essa é outra suposição muito grave. Novamente você está julgando, a não ser que você o faça amorosamente. E como você faz amorosamente? Você faz irado, mas não odiando. E aí Santo Agostinho irá estabelecer em seguida a diferença entre a ira e o ódio. A ira pode ser positiva porque foi a reação de Jesus Cristo quando encontrou os vendilhões do templo. A ira pode ser boa, pois pode ser uma reação amorosa a um objeto que está indo mal. O ódio não! O ódio é mortífero e fatal. Temos que impedir o ódio, não a ira. A ira tem viabilidade. O próprio Hamlet diz assim: “é preciso às vezes *ser mau para ser bom*”. Está escrito em *Hamlet*, e ele tem toda a razão.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 7	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>2 Pois com o juízo com que julgardes, sereis julgados: e com a medida com que medirdes, vos medirão também a vós.</p>	<p>Se cometemos um juízo temerário, por acaso nos julgará temerariamente Deus a nós? Ou, se medimos com medida injusta, porventura terá Deus uma igual para medir-nos a nós? Digo isto porque compreendo por medida o próprio juízo. De modo algum são temerários os juízos de Deus, nem a ninguém aplica Ele nenhuma medida injusta. Inequivocamente, o sentido de tais palavras é que a mesma temeridade com que ofendes a outrem haverá de ser o teu próprio castigo; não penses jamais, portanto que a injustiça prejudica tão-só o que é vítima dela e não o que é o seu autor.</p>

PROF. MONIR: Quando a gente diz assim: que nós seremos julgados como nós julgarmos, isso não quer dizer que Deus também será temerário com relação a nós. Porque Deus não pode ser mau, nem errado.

ALUNO: [Lendo] *Digo isto porque compreendo por medida o próprio juízo. De modo algum são temerários os juízos de Deus, nem a ninguém aplica Ele nenhuma medida injusta. Inequivocamente, o sentido de tais palavras é que a mesma temeridade com que ofendes a outrem haverá de ser o teu próprio castigo; não penses jamais, portanto que a injustiça prejudica tão-só o que é vítima dela e não o que é o seu autor.*

PROF. MONIR: O que Santo Agostinho acabou de definir? Um negócio chamado **culpa**. Quando você comete uma grande injustiça contra os outros, esta grande injustiça não há de poupar você. Você receberá o mesmo efeito dessa grande injustiça.

É exatamente o que acontece com a caridade cristã. É impossível a ideia de altruísmo. Ela foi uma ideia inventada por Herbert Spencer, um sujeito da turma do Darwin. Uma interpretação possível do darwinismo é que tudo é feito por relações aleatórias, portanto não há Deus, e que a religião deve ser alguma coisa que nasceu como resultado de algum processo evolutivo. Então, já que é assim, há de haver alguma fórmula laica para substituir aquilo que era antes religioso – um derivado disso é o Luc Ferry.

Então Herbert Spencer decidiu criar um negócio chamado altruísmo. O altruísmo é algo para você colocar no lugar da caridade cristã – que não pode mais existir, já não há Deus. O altruísmo é a ideia de que alguém pode fazer um bem a outro fazendo um mal a si próprio. Ou seja, você tem dez reais no bolso; quando você os entrega para um pobre você empobrece em dez reais ao mesmo tempo que ele enriqueceu em dez reais. Esta é uma ideia perfeitamente idiota e completamente inviável, porque não é possível você produzir um mal para si próprio porque fez um bem ao outro. O que você recebeu foi um benefício equivalente a estes dez reais que não se manifesta monetariamente, não tem uma expressão monetária. A mesma coisa acontece quando você faz um mal para o outro. Todo o mal que você faz para o outro reflete no mal que você faz para si próprio. Mais do que isso – quando um ser humano faz uma coisa má, de certa maneira todos

os outros seres humanos sofrem com isso. Quando um ser humano faz uma coisa boa, todos os outros seres humanos ficam bem por causa disso. Portanto, é perfeitamente impossível haver uma coisa chamada altruísmo.

Por isso que para o velho cristianismo a caridade é um método de terapia espiritual. A caridade é feita para quem dá, não para quem recebe. O fato de que o pobre recebeu aquele dinheiro é apenas um efeito colateral do ato maior de todos, que é o de melhorar a sua própria vida. Isso é de fato assim. Toda a vez que você acha que sua vida está indo mal e perdeu um pouco o sentido, uma maneira boa de recuperar tudo é você dar, fazer caridade. Melhora automaticamente. Porque todo o bem gera um bem. Todo o mal gera um mal. Isso é assim logicamente. Não estou dando aula de religião, repito! A ideia de que possa existir uma perda em compensação de um ganho é uma ideia completamente sem sentido. É a ideia do altruísmo, mas é completamente absurda. Não faz nenhum sentido. É isto que está aqui dizendo Santo Agostinho: quando você julga o outro mal e comete uma injustiça, você sofre com isso por ter feito a injustiça, mas não porque Deus vai depois injustiçar você também, vai mandar você para uma parte do inferno que você não merece, por exemplo. Porque Deus não é injusto, de modo nenhum. Portanto, isso não é pantograficamente simétrico. Tem de haver aí uma diferença.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 7	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>3 <i>Por que vês tu pois a aresta no olho de teu irmão: e não vês a trave no teu olho?</i></p>	<p>Quanta distância entre a aresta e a trave, ou seja, entre a ira e o ódio! Com efeito, o ódio é ira inveterada, tão robustecida, por assim dizer, pela longa duração, que justíssimamente pode chamar-se viga. Aquele que se encoleriza contra outro pode concomitantemente desejar-lhe a emenda, mas aquele que odeia não lha pode querer.</p>

PROF. MONIR: Aresta, no tempo do tradutor, era uma coisa insignificante. Modernamente é traduzida por cisco.

ALUNO: [*Lendo*] *Quanta distância entre a aresta e a trave, entre a ira e o ódio.*

PROF. MONIR: Pronto! Está aqui ó! A aresta e a trave (ou viga) não são a aresta e a trave materiais. Uma coisa é a ira, que é a pequena, e outra coisa é o ódio. O que não pode ter é o ódio. Ira é bom ter. É até positivo ter. Mas o ódio não se pode ter. Quando você fica bravo com seu filho é porque você quer que ele melhore. Não há nada de errado em ficar bravo com um menino que fez uma besteira. Você quer o bem dele, não é?

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 7	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p><i>4 Ou como dizes a teu irmão: Deixa-me tirar-te do olho uma aresta.</i></p> <p><i>Quando tu tens no teu uma trave? 5 Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então verás como hás de tirar a aresta do olho de teu irmão.</i></p>	<p>Ou seja: primeiro livra-te do ódio, e já depois poderás corrigir a quem amas. E com toda a sua justiça diz o Senhor: Hipócrita.</p>
<p><i>6 Não deis aos cães o que é santo: nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, para que não suceda que eles lhes ponham os pés em cima, e tornando-se contra vós, vos despedacem.</i></p>	<p>Pode-se afirmar que o que é santo e as pérolas são uma só e mesma coisa: o que é santo, porque não se pode corromper; e a pérola, porque não se deve desprezar. Com razão, se pode, por conseguinte, entender por cães os que atacam a verdade, e por porcos os que as desprezam. Por conseguinte, evite-se revelar algo aos que não estejam em condições de compreendê-lo, porque preferirão o que permanece oculto, e odiarão e desprezarão o que se revelou.</p>

<p><i>7 Pedi e dar-se-vos-á: buscai, e achareis: batei, e abrir-se-vos-á. 8 Porque todo o que pede, recebe: e o que busca, acha: e a quem bate, abrir-se-á.</i></p>	<p>O pedir visa a obter a saúde e a firmeza da alma, para que possamos cumprir o que se nos manda; o buscar visa a encontrar a verdade; porque, como a vida bem-aventurada é constituída pela ação e pelo conhecimento, e como a ação requer o uso das próprias forças, e a contemplação requer a revelação das coisas, é preciso pedir a primeira, para obtê-la, e buscar a segunda, para encontrá-la. E, conquanto nesta vida o conhecimento do caminho anteceda ao conhecimento do bem que se há de possuir, no momento mesmo, porém, em que alguém encontre o caminho verdadeiro, alcançará a própria posse deste bem, posse que todavia só se abre àquele que bate.</p>
---	--

	<p>A fim de que se compreendam claramente estas três coisas, o pedir, o buscar e o bater, imaginemos alguém doente dos pés e impossibilitado de andar. Antes de mais nada o enfermo dever ser curado, para que possa caminhar; e isto se refere Ele ao dizer: Pedi. Mas que lhe vale poder andar, e até correr, se marcha errante por caminhos tortos? Segue-se, assim, que deve primeiro encontrar o caminho que o há de conduzir ao lugar aonde quer chegar. Após ter encontrado o caminho, e após ter chegado à casa onde deseja viver, se porém a encontra fechada, e se não a abrem, de nada lhe terá valido o ter podido andar nem o ter chegado ao objetivo. E a isto se refere Cristo ao dizer: <i>Batei</i>.</p>
--	---

PROF. MONIR: Por causa desse trecho aqui nasceu esta ideia de que se você quer um BMW novo, basta ir até a catedral e pedir muito, que Deus manda um para você. Pode até ser que mande. Não estou nem dizendo que não vai mandar. Só que essa é uma compreensão muito parecida com a compreensão que o Edir Macedo tem de religião. É muito primário! Analisar as coisas desse jeito é você perder totalmente a profundidade do próprio cristianismo.

Tenho uma lista de convertidos, que eu faço quando encontro um. Todos são convertidos para o catolicismo, nunca para o protestantismo. Aí eu pergunto assim para os convertidos: “Mas por que você escolheu o catolicismo e não

escolheu a igreja anglicana?” Daí eles dizem assim: “É que o catolicismo tem os mistérios”. Ou seja, há uma coisa no catolicismo (que manteve os mistérios) que é tão bonito e extraordinário, que é insubstituível. É isso, mais ou menos, que acontece aqui. Nós não podemos entender isso pelo valor de face, precisamos de um pouco mais de sofisticação. É o que Santo Agostinho vai nos ajudar a entender:

ALUNO: *[Lendo] O pedir visa a obter a saúde e a firmeza da alma, para que possamos cumprir o que se nos manda; o buscar visa a encontrar a verdade; porque, como a vida bem-aventurada é constituída pela ação e pelo conhecimento, e como a ação requer o uso das próprias forças, e a contemplação requer a revelação das coisas, é preciso pedir a primeira, para obtê-la, e buscar a segunda, para encontrá-la. E, conquanto nesta vida o conhecimento do caminho anteceda ao conhecimento do bem que se há de possuir, no momento mesmo, porém, em que alguém encontre o caminho verdadeiro, alcançará a própria posse deste bem, posse que todavia só se abre àquele que bate.*

PROF. MONIR: Portanto não adianta você pedir um BMW, uma casa na praia, uma caixa d'água azul bem bacana e um jeito de ir almoçar de táxi em Antonina todo o dia, porque isso é de uma futilidade tremenda. O que Deus quer fazer por você é ajudar você a melhorar a sua alma. É isso que Ele fornece, se você pedir. Essas outras coisas todas são ingenuidades. É claro que Deus pode atendê-las. Pode. Mas é uma coisa muito abaixo do que a gente deveria compreender por esta determinação.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 7	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>11 <i>Pois se vós outros sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos: quanto mais vosso pai, que está nos céus, dará bens aos que lhós pedirem?</i></p>	<p>Como é que os maus podem dar bens? Sucede que Ele chamou maus aos que ainda amam este século e aos pecadores, e os bens que eles dão devem, segundo o seu mesmo critério, ser chamados bens, porque de fato os têm por tais; e, naturalmente falando, trata-se de verdadeiros bens, mas bens temporais e próprios desta vida efêmera, e, ademais, nada de tudo quanto dá um homem mau é verdadeiramente seu, uma vez que <i>do Senhor é a terra, e tudo que ela encerra</i>. [Sal. XXIII, 1], o mesmo Senhor que <i>fez o céu e a terra, o mar e todas as coisas que neles há</i>. [Sal. CXLV, 6]. Com quanta confiança, portanto, podemos esperar que Deus nos dará os bens que Lhe pedimos, e quão certos devemos estar de que não seremos enganados, de que não nos dará uma coisa por outra quando Lhe pedimos, se até nós mesmos, que somos maus, sabemos dar o que nos é pedido? Com efeito, não enganamos os nossos filhos, mas quando damos bens, não damos nada de nosso, dado serem todos d'Ele.</p>

PROF. MONIR: Então Ele está dizendo que nós somos maus. Mas é preciso entender o que se quer dizer com “maus” aqui. Somos maus porque somos materiais e temporais – nesse sentido é que nós somos maus.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 7	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>12 <i>E assim tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o também vós a eles. Porque esta é a lei, e os profetas.</i></p>	<p>Parece, pois, que este preceito se refere ao amor ao próximo, e não concomitantemente ao amor de Deus, já que alhures afirma o Senhor que são dois os preceitos de que dependem toda a Lei e os Profetas. [Mat., XXII, 37-40]. Se tivesse dito: Tudo o que quereis que vos façam a vós, fazei-o também vós, ter-se-ia abarcado nesta única frase aqueles dois preceitos, uma vez que, então, poderíamos discorrer desta maneira: cada um quer ser amado tanto por Deus como pelos homens, e, assim, no próprio preceito de querer para os outros o que quieríamos para nós mesmos, estaria subentendido o de amar a Deus e aos homens. Como todavia o Senhor se refere expressamente aos homens: <i>Tudo o que quereis que os homens vos façam a vós, fazei-o também vós a eles</i>, parece que se refere unicamente ao mandamento: <i>Amarás o teu próximo como a ti mesmo</i>. [Mat., XXII, 39]. Mas note-se que no preceito que aqui nos ocupa Ele acrescentou: <i>porque esta é a Lei e os Profetas</i> [Mat., VII, 12]. Quanto àqueles dois preceitos, não disse tão somente que deles dependiam a Lei e os Profetas, mas <i>toda a Lei e os Profetas</i> [Mat. XXII, 40], ou seja: todas as profecias.</p>

PROF. MONIR: Reparem que não está no *Sermão da Montanha* o preceito de que devemos amar “*como Eu vos amei*”. Aqui ele confirma a ideia de que se deve amar “*como a vós mesmos*”. Ou seja, amar alguém como a você mesmo significa amar **exatamente como** – nem mais, nem menos. E este é um preceito absolutamente importante.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 7	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
13 <i>Entrai pela porta estreita: porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que guia para a perdição, e muitos são os que entram por ela. 14 Que estreita é a porta, e que apertado o caminho que guia para a vida! E que poucos são os que acertam com ele! 15 Guardai-vos os falsos profetas, que vêm a vós com vestidos de ovelhas, e dentro são lobos roubadores!</i>	A este respeito, devemos-nos precaver sobretudo daqueles que prometem a sabedoria e o conhecimento da verdade, sabedoria e conhecimento que eles próprios não têm, como é o caso dos hereges, os quais amiúde se recomendam a si mesmos por ser pequeno o seu número. Assim, tendo dito o Senhor que são poucos os que encontram a porta e o caminho estreitos, acrescenta, precisamente para que não se sintam aludidos tais hereges quando fala Ele em poucos: <i>Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós com vestidos de ovelhas, e por dentro são lobos rapazes.</i> [Mat., VII, 15] Mas estes não enganam o olhar simples, que sabe distinguir a árvore pelos seus frutos.

PROF. MONIR: Esses aí são o que se chama na vida de *anticristos* – que não é uma pessoa, uma personalidade, um indivíduo, mas o conjunto de doutrinas anticristãs. Elas sempre existiram? Sempre! Com a diferença de

que no tempo de Santo Agostinho você mandava internar o sujeito no hospício e hoje você o coloca como ministro da educação.

ALUNOS: *[risos]*

PROF. MONIR: O reino do anticristo não é o fato de que aumentou no mundo a quantidade de burrice e de perversidade intelectual, mas o fato de que agora nós os apoiamos, os transformamos em professores universitários, em autoridade, fazemos tudo que eles mandam e aí vocês têm o reino do anticristo – que está de fato presente. Podem acreditar em mim!

ALUNA: Ali não seria “lobos vorazes”?

PROF. MONIR: Não. A palavra “rapazes”, que ilustra os seres humanos jovens do sexo masculino vem daí porque não há gente tão destrutiva quanto esta turma! De onde você pensa que vem a palavra “rapaz”? Na sua origem vem de rapacidade, pois o que há ser mais destrutivo e perigoso do que um fulano de dezenove anos, com som atrás do carro, tocando *Leandro e Leonardo* bem alto na praça?

ALUNOS: *[risos]*

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 7	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p>16 <i>Pelos seus frutos os conhecereis. Porventura os homens colhem uvas dos espinhos, ou figos dos abrolhos?</i> 17 <i>Assim toda a árvore dá bons frutos: e a má árvore dá maus frutos.</i> 18 <i>Não pode a árvore boa dar maus frutos: nem a árvore má dar bons frutos.</i> 19 <i>Toda a árvore, que não dá bom fruto, será cortada e metida no fogo.</i> 20 <i>Assim pois pelos frutos deles os conhecereis.</i></p>	<p>A esta altura, é preciso ter particular cuidado com o erro daqueles que, fundados nestas duas árvores, deduzem que há duas naturezas: uma que é de Deus, e uma que não é de Deus nem procede de Deus. Deste erro já me ocupei longamente em outros livros, e me ocuparei sempre que necessário; agora, é preciso provar que essas duas árvores não lhes favorecem a teoria. Primeiramente, porque é tão claro que Cristo se refere aqui aos homens, que quem quer que analise o que antecede a estas suas palavras e o que se lhes segue ficará admirado da cegueira daqueles equivocados.</p> <p>Depois, fixam-se eles nestas palavras: <i>Não pode uma árvore boa dar maus frutos</i>, deduzindo delas que nem a alma boa pode fazer-se má, nem a má pode tornar-se boa, como se se tivesse dito: <i>Não pode uma árvore boa fazer-se má, nem uma árvore má tornar-se boa</i>. Mas as palavras do Senhor são exatamente estas: <i>Não pode uma árvore boa dar maus frutos, nem uma árvore má dar bons frutos</i>. Com efeito, a árvore é a alma, ou seja, o homem, e os frutos são as obras do homem; logo, não pode o homem mau obrar o bem, nem pode o homem bom obrar o mal. Se o mal quer fazer obras boas, deve primeiro tornar-se bom.</p>

ALUNO: *[Lendo] Há duas naturezas: uma que é de Deus e outra que não é de Deus e não procede de Deus.*

PROF. MONIR: Esta é justamente a tese dos maniqueístas, que Santo Agostinho passou a vida combatendo como sendo bobagem. Não é uma tese cristã, não é uma heresia. É uma abordagem, digamos assim, cosmológica diferente da cristã, mas que é insustentável. Não há filósofo sério no mundo que defenda isso. É tão absurdamente errado que não dá nem pro sujeito mais maluco de todos defender.

ALUNO: *[Lendo] Com efeito, a árvore é a alma, ou seja, o homem, e os frutos são as obras do homem; logo, não pode o homem mau obrar o bem, nem pode o homem bom obrar o mal. Se o mal quer fazer obras boas, deve primeiro tornarse bom.*

PROF. MONIR: Logo é possível mudar. É por isso que é possível que um homem mau faça uma ação boa. Se o Fernandinho Beira-Mar⁸ salvar uma criança lá que estava com câncer, se ele melhorar e salvá-la, então esta é uma ação boa, mesmo vinda do Fernandinho Beira-Mar. Porque na prática da vida humana, as pessoas não são totalmente más ou totalmente boas. É da natureza humana ser conflituoso. Nós estamos sempre naquela condição tensional entre o céu e a terra. Logo é natural que tenhamos uma vida

8 Nota da revisora de transcrição – “Luiz Fernando da Costa, mais conhecido como Fernandinho Beira-Mar (Duque de Caxias, 4 de julho de 1967), é um criminoso brasileiro, líder da organização criminosa Comando Vermelho. É considerado um dos maiores traficantes de armas e drogas da América Latina.” Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernandinho_Beira-Mar. Acesso em 08/10/2017.

oscilante. O que Santo Agostinho está criticando aqui é que os maniqueus veem estas duas coisas como separadas. Santo Agostinho diz que um homem mau pode se tornar um homem bom, sim. E ele tem toda a razão. É verdade!

ALUNO: O que seria *“Toda a árvore, que não dá bom fruto, será cortada e metida no fogo”*?

PROF. MONIR: Significa não salvará a alma. A simbologia que Santo Agostinho definiu é essa, a árvore é a alma. Portanto a alma que é má não irá para a eternidade. O que não significa “não ir para a eternidade?” É não ser lembrada na hora em que houver o Juízo Final. A morte depois do Juízo Final é quando Deus não lembra que você existe. Você não está mais na mente de Deus. Esta árvore será consumida nas cinzas em que se transformará este mundo material. O mundo material vai virar cinzas, e os que não forem lembrados para subir perecerão com este mundo. Deixarão de existir, pura e simplesmente.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 7	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
<p><i>21 Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus: mas sim o que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus, esse entrará no reino dos céus. 22 Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não é assim que profetizamos em teu nome, e em teu nome expelimos os demônios, e em teu nome obramos muitos prodígios? 23 E eu então lhes direi em voz bem inteligível: Pois eu nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que obraís a iniquidade. 24 Todo aquele pois que ouve estas minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sábio, que edificou a sua casa sobre rocha. 25 E veio a chuva, e transbordaram os rios, e assopraram os ventos, e combateram aquela casa, e ela não caiu: porque estava fundada sobre a rocha. 26 E todo o que ouve estas minhas palavras e as não observa, será comparado ao homem sem consideração, que edificou a sua casa sobre areia. 27 E veio a chuva, e transbordaram os rios, e assopraram os ventos, e combateram aquela casa e ela caiu, e foi grande a sua ruína.</i></p>	<p>Não pensemos, pois, que pelo mero dirigir-se a Nosso Senhor e dizer-Lhe: Senhor, Senhor, alguém produz já aqueles frutos que distinguem a árvore boa. Os únicos frutos bons consistem em fazer a vontade do Pai, que está nos céus, este mesmo fazer a vontade do Pai de que se dignou dar-se-nos Ele próprio como exemplo. Segue-se, então, que há dois modos de dizer: o dos que expressam aquilo que apreendem com o entendimento e querem com a vontade, e o daqueles que somente dizem com a voz. A este sentido é que se referia o Senhor ao afirmar: Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus. Mas dizem com verdade e propriedade aqueles cuja mente e cuja vontade não estejam em desacordo com a sua palavra, e neste sentido é que se expressou o Apóstolo ao afirmar: E ninguém pode dizer Senhor Jesus senão pelo Espírito Santo.</p> <p>Com efeito, não temeu este sábio nenhuma superstição tenebrosa (que outra coisa se pode entender aqui por chuva, usada como está para significar algum mal?); nem os rumores dos homens, que julgo estão aqui comparados aos ventos; nem o rio desta vida, figura das concupiscências carnis que correm, caudalosas e transbordantes, sobre a terra. Aquele que se deixa seduzir pela prosperidade é alquebrado por essas três adversidades, das quais nada tem que temer aquele que edificou a sua casa sobre rocha, ou seja, aquele não só ouve os mandamentos de Deus mas os cumpre.</p>

<p>28 E aconteceu que, tendo acabado Jesus este discurso, estava o povo admirado da sua doutrina. 29 Porque ele os ensinava como quem tinha autoridade, e não como os escribas deles, e os fariseus.</p>	<p>E é justamente isto o que está significado pelo Profeta num dos salmos: Nisto procederei confiadamente. As palavras do Senhor, palavras sinceras, são prata purificada no fogo, acendrada no crisol, refinada sete vezes. [Sal.XI,6-7]. É este número o que me levou a relacionar tais preceitos com aquelas sete sentenças proferidas pelo Senhor, no início do Sermão, ao falar dos bem-aventurados, e com aquelas sete operações do Espírito Santo que menciona o profeta Isaías. Seja porém esta a divisão que se adote, seja outra, temos de praticar o que ouvimos do Senhor, se de fato queremos edificar sobre rocha.</p>
--	--

PROF. MONIR: E acabou o *Sermão da Montanha*! Preciso dizer a vocês uma coisa importante sobre isso. Pareceu muito difícil o *Sermão da Montanha* como corpo doutrinal e moral cristão? Ele parece muito menos difícil agora que Santo Agostinho nos explicou, não é?

Eu acho que nesta história toda quem tem mesmo razão não é o Santo Agostinho, mas um monge agostiniano – que portanto de alguma maneira compartilha o que pensa Santo Agostinho. Esse monge agostiniano se chama Martinho Lutero. Ele está com a razão não porque tenha criado o luteranismo e um cisma dentro do cristianismo – acho que ele fez errado, que isso não devia ter acontecido, que não foi uma boa ideia (mas não vamos entrar no mérito desse assunto) – mas Martinho Lutero está certo porque ele resume toda essa história no seguinte:

A vida humana não é santidade.

A vida humana é busca da santidade.

Era muito importante que vocês meditassem um pouquinho sobre isso. Porque o grande gargalo, o grande entupimento de fluxo que se tem no Sermão da Montanha é quando os inimigos do cristianismo (como neste caso do Gandhi que eu relatei para vocês) alegam que os cristãos são um grupo de falsários, uma espécie de quadrilha, porque se dizem cristãos sem, no entanto, cumprirem nada do que está aqui. Esta maneira de ver, me parece, que é a pior possível. Porque afinal de contas, o cristianismo não foi feito para santos, mas para pecadores. E a condição do cristão normal é a condição de devedor. Ficar dizendo que os cristãos pecam é uma bobagem, é a mesma coisa que afirmar que a água é molhada, que os cachorros latem, e coisas do gênero... Pois é óbvio que os cristãos são pecadores! Por isso é que são cristãos, pois se fossem anjos não precisariam de religião nenhuma. A religião não é feita para os santos. A religião é feita para os pecadores.

Portanto ser cristão não é você ser igual ao que está aqui, porque isso não se consegue fazer exatamente – as exigências são tão amplas que é muito difícil que você as conquiste todas, digamos, no espaço de uma vida concreta, sempre muito curta. A vida humana é curtíssima! Mesmo se vivida longamente, ela ainda é muito curta – dentro de uma perspectiva comparativa. Mas se você encara a vida humana, a vida cristã, como sendo uma tentativa de santidade, aí você se encontra numa posição muito diferente, porque afinal de contas há toda a diferença entre a velha Lei e a nova Lei.

A melhor comparação possível é pensar em escultura. Há dois tipos de escultura. Há a escultura propriamente dita, que é o processo pelo qual você desbasta o material, seja pedra, seja madeira. E há um outro tipo de escultura que é mais uma modelagem, por exemplo, com argila – você não desbasta, mas junta. Enquanto no mármore você tira, na modelagem você adiciona. Há uma diferença muito grande nestas duas coisas. Uma vez, perguntaram a Michelangelo – que não era mau escultor – sobre seu trabalho. Um escultor normal diria que transforma um pedaço de pedra numa estátua, mas Michelangelo respondeu que ele tirava o excesso para descobrir a estátua que já estava pronta dentro da pedra. Ele apenas libertava a estátua daqueles pedaços que a encobriam e nos impediam de vê-la.

Pois o processo do Michelangelo é como o processo ao longo do qual você vai chegando lá naquela estátua que você finalmente descobrirá. A vida do ser humano, da perspectiva cristã, é exatamente um processo permanente de desbaste, ou seja, é a tentativa de descobrir a estátua da santidade divina. Às vezes é difícil, às vezes vai lentamente, às vezes você não consegue. Às vezes você quebra um pedaço fundamental e é preciso baixar o tamanho da peça interna senão você não consegue mais manter o projeto inicial. E a vida humana é esse conjunto de imperfeições que, no entanto, precisam ser bem-intencionadas em princípio.

Quando você junta, então, essas duas coisas: a ideia de que não é a santidade, mas é a busca da santidade com a permeação permanente da boa intenção – você descobre finalmente o que é o cristianismo. O cristianismo não exige de você nenhuma perfeição, exige de você a maior boa vontade do mundo para conseguir isso. Essa é a razão pela qual é perfeitamente possível não estar dentro do padrão, digamos, das normas sugeridas pelo Sermão da

Montanha e mesmo assim ser um sujeito aceitável e amável até aos olhos de Deus. Esse me parece o melhor jeito de entender o que está aí, dentro de uma perspectiva de quem esteja olhando para isso como um conjunto de regras nas quais pautar sua própria vida.

ALUNA: *[Comenta que o melhor exemplo disso tudo é a conversão de Santo Agostinho.]*

PROF. MONIR: Sim, tem toda a razão. Santo Agostinho dizia assim: “Ai, Senhor, dai-me a castidade, mas não agora!”

ALUNOS: *[risos]*

PROF. MONIR: Portanto, vamos fazer o seguinte? Vamos deixar de frescura, e apesar de que se tem toda esta expectativa, vamos nos ver de modo misericordioso, porque é o jeito pelo qual nós seremos também objeto de misericórdia. É isso que Jesus queria ter dito aí, obviamente dentro da perspectiva de Santo Agostinho.

[Aplausos]

(Resumo feito por José Monir Nasser, com excertos traduzidos por Carlos Ancê-de Nougúé, retirados de *Sobre o Sermão do Senhor na Montanha*, 2ª. Edição, Edições Santo Tomás, Campo Grande/Rio de Janeiro, 2003 e com transcrição da Bíblia Sagrada, tradução de Antônio Pereira de Figueiredo, Barsa, 1975.)

Federação das Indústrias do Estado do Paraná - FIEP | Presidente

Edson Campagnolo

Serviço Nacional da Indústria Paraná - SENAI | Diretor Regional Senai - PR

Serviço Social da Indústria Paraná - SESI | Superintendente do SESI/IEL - PR

José Antonio Fares

Assessora Executiva de Assuntos Estratégicos - Sistema FIEP

Maria Cristhina de Souza Rocha

Gerente de Cultura - Sistema FIEP

Anna Paula Zétola

Analista Técnico – Cultura - Sistema FIEP

Thaís Bonato Lourenço

Analista Técnico – Cultura - Sistema FIEP

Kleber Wlader

Normalização – Cultura - Sistema FIEP

Pandita Marchioro

Conteudista

José Monir Nasser (in memoriam)

Revisão de transcrição

Patrícia Nasser

Revisão Literária e Palestras

Paulo Briguet

Capa e Diagramação

Maria Cristina Pacheco dos Santos Lima

Ilustração Capa

José Monir Nasser

Coordenação Geral

Anna Paula Zétola

Produção Executiva e Prestação de Contas

Luiz Roberto Meira

Assistente de Produção

Gilmar Lima

Assessoria de Imprensa

Rafaela Tasca

Programa Nacional de Apoio à Cultura PRONAC

Ministério da Cultura

